
BOX
TRILOGIA NUNCA DESISTA
TOQUE-ME
LIBERTE-ME
SALVE-ME
LARA SMITHE
1
2
3

Trilogia Nunca Desista

TOQUE-ME
LIBERTE-ME
SALVE-ME

Um Romance da

AUTORA
LARA SMITHE

Primeira edição
Salvador/Ba
Brasil

NUNCA DESISTA




BOX
TRILOGIA NUNCA DESISTA
TOQUE-ME
LIBERTE-ME
SALVE-ME
LARA SMITHE
1
2
3

ATENÇÃO!

Trilogia em um volume único.

Livro 1

LIBERTE-ME

(a história de Lhaura)



Livro 2

SALVE-ME

(a história de Joshua e Victoria)



Livro 3

TOQUE-ME

(a história de Joshua e Lhaura)

Capas: Joice S Dias

Primeira Revisão: Luana Xavier

Segunda Revisão: Lucilene Vieira

Diagramação: Lara Smithe

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Título original: TRILOGIA NUNCA DESISTA

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2021 by Lara Smithe

Siga a autora em suas redes sociais

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

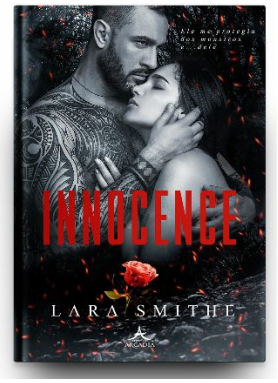
Instagram: @autora_lara_smithe

Livros físicos sites:

Custe o que Custar e INNOCENCE; www.editoraarcadia.com.br

A Luz do Seu Olhar; www.lojabezz.com.br/







Outros Romances da Autora

CEO DOMINADO
INNOCENCE
LUKE
LÓTUS
Apenas Amigos
Minha – Série os Lafaiete – Livro 4
Escolhas
Minha Insensatez
Sensibilidade
A Luz do Seu Olhar
Sr. Estranho
Tão Minha – Série Os Lafaiete – Livro 3
Hands that Heal
The Exchange
50 Tons de Mulher
O Contador
KAEL – nos braços do amor – livro 2
KAEL – renascendo para o amor – Livro 1
Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete
Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete
Nossa História
Depois de Tudo, Você
Recomeço
A Viúva
Emma
Cold Heart
Incontrolável
Pequenos contos:
Depois de Você, Tudo Mudou
A Despedida

Índice

Índice
Agradecimentos
Mensagem
LIVRO 1 – LIBERTE-ME
Lei Maria da Penha
Sinopse
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
LIVRO 2 – SALVE-ME
Sinopse
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
LIVRO 3 – TOQUE-ME
SINOPSE
1
2
3
4
5
6
7

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
Epílogo
Próximo Romance
OUTRA VEZ

SINOPSE



Agradecimentos

Agradeço a DEUS em primeiro lugar, pois minhas inspirações vêm dele. Às minhas leitoras amigas do grupo do WhatsApp, Instagram e do facebook: meninas vocês são maravilhosas.

Obrigada família, por sua paciência e compreensão.

Obrigada, minhas betas maravilhosas, por suas análises críticas, vocês me ajudaram muito com as opiniões e os conselhos.

Obrigada Cássia Canineo por sua delicadeza ao escrever a sinopse de Liberte-me, ficou linda e fiel a história da Lhaura.

Obrigada Patrícia Alessandra, por sua paciência, por seu tempo, por sacrificar algumas madrugadas em conversas sobre os capítulos desta história tão longa.



Mensagem

O mais é nada

Navegue, descubra tesouros, mas não os tire do fundo do mar, o lugar deles é lá.

Admire a lua, sonhe com ela, mas não queira trazê-la para a terra.

Curta o sol, se deixe acariciar por ele, mas lembre-se que o seu calor é para todos.

Sonhe com as estrelas, apenas sonhe, elas só podem brilhar no céu.

Não tente deter o vento, ele precisa correr por toda parte, ele tem pressa de chegar sabe-se lá onde.

Não apare a chuva, ela quer cair e molhar muitos rostos, não pode molhar só o seu.

As lágrimas? Não as seque, elas precisam correr na minha, na sua, em todas as faces.

O sorriso! Esse você deve segurar, não o deixe ir embora, agarre-o!

Quem você ama? Guarde dentro de um porta joias, tranque, perca a chave! Quem você ama é a maior joia que você possui, a mais valiosa.

Não importa se a estação do ano muda, se o século vira e se o milênio é outro, se a idade aumenta; conserve a vontade de viver, não se chega à parte alguma sem ela.

Abra todas as janelas que encontrar e as portas também.

Persiga um sonho, mas não o deixe viver sozinho.

Alimente sua alma com amor, cure suas feridas com carinho.

Descubra-se todos os dias, deixe-se levar pelas vontades, mas não enlouqueça por elas.

Procure, sempre procure o fim de uma história, seja ela qual for.

Dê um sorriso para quem esqueceu como se faz isso.

Acelere seus pensamentos, mas não permita que eles te consumam.

Olhe para o lado, alguém precisa de você.

Abasteça seu coração de fé, não a perca nunca.

Mergulhe de cabeça nos seus desejos e satisfaça-os.

Agonize de dor por um amigo, só saia dessa agonia se conseguir tirá-lo também.

Procure os seus caminhos, mas não magoe ninguém nessa procura.

Arrependa-se, volte atrás, peça perdão!

Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário.

Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.

Se achar que precisa voltar, volte!

Se perceber que precisa seguir, siga!

Se estiver tudo errado, comece novamente.

Se estiver tudo certo, continue.

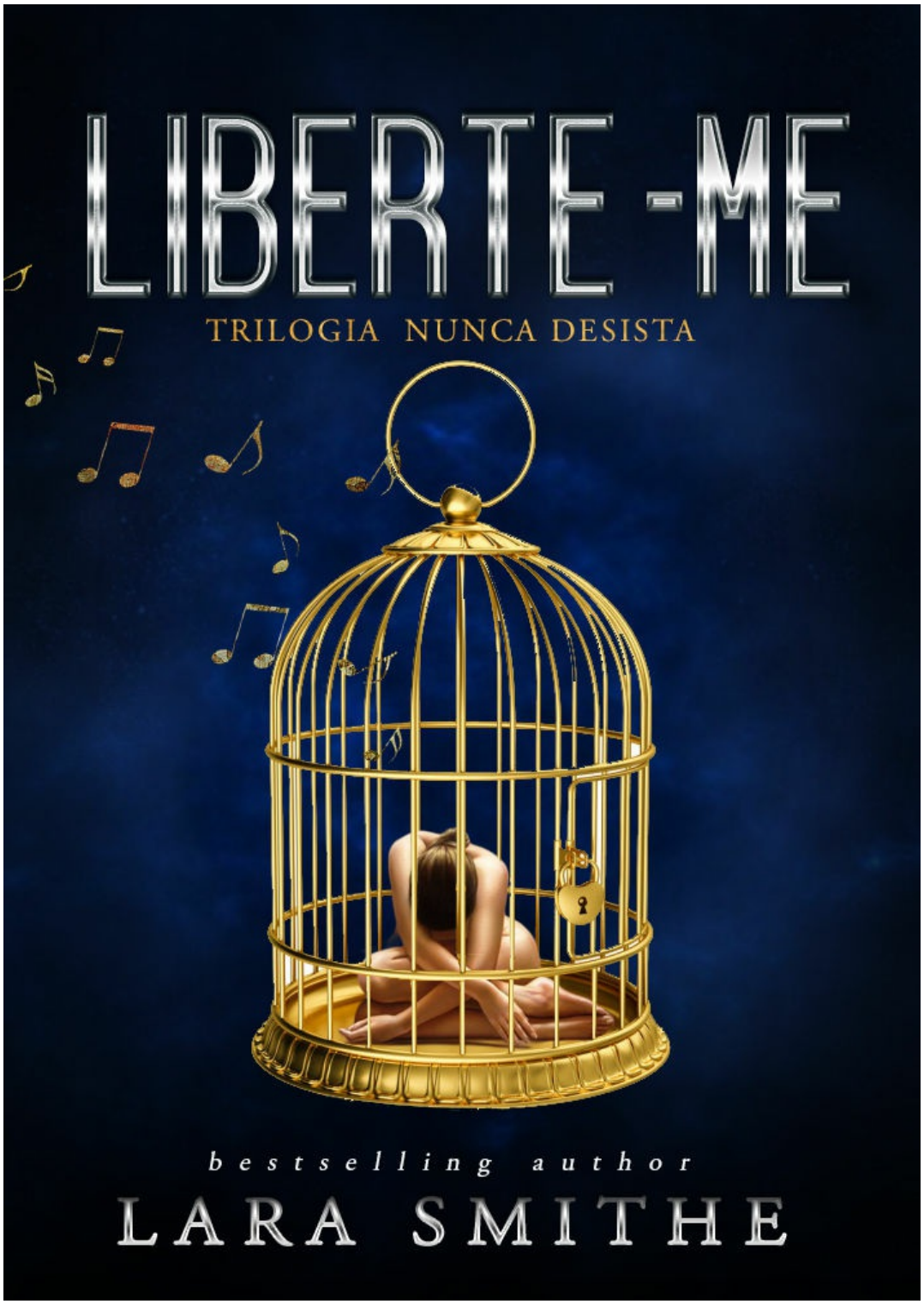
Se sentir saudades, mate-a.

Se perder um amor, não se perca!

Se achá-lo, segure-o!

Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala.

O mais é nada.
Fernando Pessoa


LIBERTE-ME
TRILOGIA NUNCA DESISTA
bestselling author
LARA SMITHE


LIGUE
180
Central de Atendimento à Mulher

Lei Maria da Penha

Você sabe por que a Lei Maria da Penha é necessária e como ela funciona?

De acordo com o Monitor da Violência, uma mulher é morta a cada duas horas vítima da violência doméstica no Brasil. Só na cidade de São Paulo em 2019 foram registrados 88 casos por dia de mulheres com lesões corporais causadas por maridos e ex-companheiros. Os números assustam e poderiam ser piores.

A **Lei 11.340** de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, determina que todo caso de violência doméstica ou intrafamiliar é crime e deve ser julgado pelos **Juizados Especializados de Violência Doméstica contra a Mulher**, que foram criados juntos com essa Lei.

Por que a Lei Maria da Penha tem esse nome?

A Lei 11.340/06 é conhecida popularmente como Lei Maria da Penha como homenagem a Maria da Penha Fernandes, uma mulher que sobreviveu a suas tentativas de homicídio realizadas por seu ex-marido, chegando a ficar paraplégica por conta das agressões, e lutou fortemente pelos direitos das mulheres e a punição de seus agressores.

No final, o marido de Maria da Penha foi punido depois 19 anos e 6 meses de luta e ela se tornou um símbolo de superação no Brasil, principalmente para as vítimas de violência doméstica.

A Lei maria da Penha protege apenas mulheres?

De acordo com o juiz Mário Roberto Kono de Oliveira, mesmo que a Lei tenha sido criada com foco na proteção da mulher, ela pode ser aplicada também para proteger o homem:

Embora em menor número, também há casos de homens que são vítimas da violência doméstica.

A Lei Maria da Penha protege mulheres, independentemente de sua orientação sexual.

A lei combate a violência doméstica contra a mulher, independentemente de sua orientação sexual, e pode punir companheiras violentas.

Quais tipos de violência a Lei Maria da Penha trata?

A Lei considera que existem muitos tipos de violência que são praticados contra as mulheres. Dentre as mais comuns, podemos destacar:

Violência Física

Violência Psicológica

Violência Sexual

Violência Patrimonial

Violência Moral

Apenas a Delegacia Especializada na Defesa da Mulher recebe denúncias de violência doméstica?

Não, qualquer delegacia está apta para registrar a ocorrência. Se houver necessidade, a autoridade policial deve tomar as medidas cabíveis imediatamente, para depois transferir o caso até a Delegacia da Mulher.

Além disso, qualquer pessoa pode denunciar casos de violência doméstica através do número 180 de maneira anônima.

A ONU a reconhece.

De acordo com a ONU, a Lei Maria da Penha é uma das mais avançadas no mundo para a proteção da mulher. No Brasil, essa Lei é a principal ferramenta legislativa na luta contra a violência doméstica.

Violências cometidas por ex-companheiros podem ser punidas por esta Lei

Se a vítima tem ou já teve vínculo afetivo com o agressor, seja ele um ex-namorado, marido ou até amigo, a situação está dentro da Lei Maria da Penha. Inclusive, casos de difamação e injúria na internet ou chantagens por mensagens de celular também estão contextualizados pela Lei.

A Lei Maria da Penha ajuda a reduzir os casos de violência doméstica, mas a luta contra essa forma de agressão está longe do fim. Em briga de marido e mulher se mete sim a colher!

Denuncie através dos números:

Disque 180 (Disque-Denúncia)

Disque 100

190 (Polícia Militar)

Site de origem: https://www.colab.re/conteudo/voce-precisa-saber-lei-maria-da-penha



Sinopse

Até onde uma mulher pode arrastar uma situação extrema como eu fiz, acreditando que tudo poderia mudar?

Deixei minha essência escapar por meus poros até que não restasse mais nada de mim.

Felix era a imagem do homem ideal e protagonista de uma linda história de amor que só existia na minha imaginação.

Eu quis acreditar, mesmo diante das evidências, mas cada vez que lhe dava o benefício da dúvida, ficava ainda pior. Cada vez que o perdoava depois de um sexo violento, depois da dor e das surras sem motivo, eu me condenava ainda mais ao meu cárcere.

Meu pai o amava por ter encontrado motivos para superar a dor da perda de minha mãe e o vício do alcoolismo com um emprego que o fez se sentir valorizado, e por acreditar que ele também era o melhor para mim...

Eu já havia desistido e aceitado meu destino, até que uma nova vida habitou meu corpo, me aquecendo a alma, me fazendo querer lutar para viver novamente…. mas foi inútil, *ele* não o queria, não admitia...

A vida de meu filho foi arrancada de dentro de mim e o ódio me fez parecer louca quando o acusei, quando disse que o deixaria..., mas havia o meu pai, o meu ponto fraco. Ele merecia meu sacrifício depois de tanto sofrimento e a sua felicidade dependia de mim. Nada mais importava, me vi cada vez mais solitária, todos haviam desaparecido de minha vida... As surras continuaram até que meu amado pai sofreu um inexplicável acidente que o separou definitivamente de mim. Foi *ele*, eu tive certeza, e a partir desse momento a fúria me transformou na mulher de hoje. A mulher que luta para vencer os seus medos.



Era segunda-feira, o pior dia do mundo para uma adolescente de dezessete anos. Atrás de mim, o instrutor da nossa orquestra de câmara estudava os meus movimentos com o arco nas cordas do violoncelo.

Odiava isso...

Mesmo estando de olhos fechados, eu sabia que ele estava lá... bem atrás de mim. O senhor Otaviano tinha essa mania de ficar com seus grandes ouvidos próximo a mim, escutando o som dos acordes que vinham a cada leve roçar dos meus dedos no instrumento, observando meus movimentos. Minha vontade era de gritar com ele, dizer-lhe que não precisava de uma sombra. Estávamos no quinto ensaio da manhã e tocávamos *Chopin, Nocturne op.9 No.2*. Sinceramente, adorava tocar Nocturne, era a música preferida da mamãe. Aprendi a tocá-la no piano e passava horas ensaiando com ela. Quando consegui tocá-la na íntegra pela primeira vez, mamãe chorou de alegria...

— *Filha, a música nasceu com você. Um dia você será uma grande musicista, e eu me realizarei em você.*

Ela disse isso me apertando entre os seus braços, beijando meu rosto, com lágrimas nos olhos. Sim, nasci com a música em mim, com o dom de transcender qualquer nota musical em qualquer instrumento. Mamãe era uma musicista de ouvido, ela aprendia rápido e tocava qualquer instrumento musical. Se não tivesse engravidado tão cedo, ela não teria abandonado seu sonho de se tornar uma grande pianista, e depois virar uma professora de música clássica. Mamãe escolheu ser mãe e esposa, e eu via em seus olhos risonhos que não havia se arrependido de sua escolha. Ela nos amava... eu e papai. E cuidar de nós era muito gratificante para ela.

Perdemos a mamãe para um câncer de ovário, ela faleceu quando completei treze anos. Até hoje ainda sofremos a sua ausência, principalmente o papai, que nunca mais foi o mesmo. Acho que sou a sua âncora, tenho certeza de que, se eu não existisse, ele já teria ido se encontrar com a mamãe.

Nessa tragédia toda, minha única felicidade foi poder lhe dar o prazer de me ver tocar na orquestra de câmara da escola como primeira violoncelista. Para ela, foi como se estivesse tocando na Orquestra Sinfônica de Londres. Sim, como disse antes, tenho a música correndo nas veias. O meu sonho é ser uma grande musicista, e eu serei.

— Perfeito, Lhaura, divino... — Senhor Otaviano tocou no meu ombro com as pontas dos dedos, fazendo pressão. Era o aviso para que parasse. — Tenho certeza de que você será convocada para a *Royal Academy of Music*[1].

— Não tenho tanta certeza disso, senhor Otaviano. — Descansei o violoncelo ao lado da cadeira e olhei para o rosto sorridente do meu professor.

Ele sorria com simpatia, agachou-se e segurou a minha mão.

— Menina, com seu talento, aquela escola não irá deixá-la escapar. Acredite em mim, eles a admitirão assim que verem sua audição.

— Com licença! — Fomos interrompidos por uma voz vibrante, grave, máscula e muito sedutora. — Desculpe a intromissão, é que... — A voz pausou por alguns segundos — não consegui

interromper meus passos, precisava saber quem estava tocando tão divinamente.

Senhor Otaviano desviou o corpo um pouco para o lado, saindo do meu campo de visão e dando-me a chance de poder ver o homem que falava com tanto entusiasmo.

Nossa!

Por um momento, pensei estar sonhando e até sacudi um pouco a cabeça para realmente ter a certeza de que estava acordada.

Eu estava...

E diante de mim havia um homem lindo!

Felix Santini, o filho do senhor Lourenço, um dos homens mais ricos e poderosos de Mato Grosso. Fazendeiro, empresário e investidor coorporativo, especulava-se que estava muito doente e que em breve passaria o comando do império Santini para o seu único filho, Felix. Atualmente, o herdeiro milionário se comportava como um playboy conquistador e colecionador de mulheres belíssimas, sempre na mídia, exibindo sua vida luxuosa e glamourosa. Ainda que ultimamente não tenhamos visto com frequência suas ostentações.

— Senhor... senhor Felix! — Otaviano se atrapalhou com as palavras, chegando a se engasgar. Quase sorri, mas engoli o riso. — Imagine, o senhor jamais nos atrapalharia, é um prazer recebê-lo na nossa escola. — Quase vomitei com tanta *rasgação* de seda. — Desculpe-me, sou o Otaviano, professor de música e maestro da nossa pequena orquestra. — Ele estendeu a mão.

Felix sequer moveu a mão, seus olhos claros e brilhantes estavam direcionados a mim. Ele sorria, e em vez de apertar a mão do meu professor, deu alguns passos à frente.

— Sem problemas, Otaviano — articulou sem olhá-lo. — Então você é a responsável por tanto fascínio? Juro que fiquei hipnotizado. — Ele esticou a mão que, antes que eu pudesse rejeitá-la, já estava sobre a minha. — Querida, você toca divinamente. — Seu polegar acariciava o dorso da minha mão com extrema delicadeza.

— Obrigada, senhor Felix, mas não sou tudo isso, não. Apenas toco com o coração e com a alma, amo a música.

— Linda, não me chame de "senhor", assim me sinto um velho de sessenta anos. Afinal, não sou tão mais velho do que você. Quantos anos você tem?

Ele era lindo! Alto, olhos verdes, cabelos castanhos escuros, sorriso cativante, ombros largos e porte atlético. O sonho de consumo das adolescentes e de todas as mulheres de Primavera do Leste.

— Dezessete. — Meu aniversário tinha sido há poucos meses.

— Viu, eu estava certo. — Seus olhos passeavam pelo meu rosto com admiração, e não queria acreditar que aquele homem tão cobiçado estava me avaliando daquele jeito tão desconcertante. — Não sou tão velho assim, graças a Deus. A nossa diferença de idade é de apenas oito anos, então pode dispensar a formalidade e me chamar de Felix, certo? — Ele continuava me olhando de um jeito profundo, como se quisesse avançar em mim.

Eu sabia das suas preferências. Ele gostava de mulheres altas, exuberantes e famosas, e nunca o vi desfilando com uma ninfeta, principalmente uma adolescente que ainda cursava o ensino médio.

Ele soltou a minha mão, e finalmente pude me levantar. Peguei o arco com uma mão e o violoncelo com a outra.

— Certo, Felix... — Consegui desviar os olhos do seu rosto e olhei para o senhor Otaviano. — Estou liberada, posso ir?

— Claro que sim, querida. E não esqueça de continuar treinando os solos, senti um pouco de insegurança.

Ergui o corpo. Já estava dando o primeiro passo, quando Felix segurou no meu braço.

— Quero que fique só um pouco, pode ser?

Parei e assenti com a cabeça. O que ele queria comigo? Fiquei curiosa.

— Algum problema, senhor Felix? — Otaviano interveio.

— Não, mas quero que a Lhaura seja a primeira a saber. — Como é que ele sabia o meu nome? Não me lembro de ter sido falado. — Ultimamente, tenho recebido inúmeros pedidos de patrocínio desta escola, então eu vim aqui hoje saber os motivos de tantos pedidos de socorro. Mas depois que escutei você tocar, nem quero saber mais dos motivos, assinarei o cheque hoje mesmo. — Ele sorria enquanto falava e me olhava admirado, como se eu fosse a pessoa mais fascinante do mundo, e me senti no céu.

— Nossa! Isso é maravilhoso, não é, Lhaura? — O senhor Otaviano se aproximou de mim, circulando um braço em volta dos meus ombros. Olhei em direção à sua mão espalmada no meu ombro esquerdo. Ele apertou os dedos em um sinal para que dissesse algo.

— Sim, é maravilhoso. A escola precisa mesmo de ajuda, obrigada, senhor... quero dizer, obrigada, Felix!

— Não estou fazendo isso pela escola, estou fazendo por causa do seu talento. Quero patrocinar a arte e você é a causadora disso tudo, portanto, não precisa me agradecer. Talento é uma dádiva.

— Já disse que não sou tudo isso. Eu me esforço, mas um dia serei uma grande musicista, este é meu sonho. Agora, se o senhor me der licença, preciso ir. Estou atrasada para a minha aula de matemática. — A bem da verdade, já havia perdido a aula, e agora só me restava pegar o assunto com uma das minhas amigas.

— Oh, claro. Pode ir, Lhaura. Espero vê-la mais vezes, principalmente em uma de suas apresentações. — Ele segurou a minha mão outra vez e a levou aos lábios, beijando-a delicadamente. Meu corpo respondeu ao seu toque com um arrepio.

Puxei a mão rapidamente. Aquilo era desconcertante, e mesmo o Felix sendo lindo, educado, atencioso, meus hormônios já estavam tendo um ensaio de intimidade... coisa de adolescente virgem, que nunca namorou. Isso é o que dá se dedicar tanto aos estudos e se esquecer de viver como uma pessoa normal.

— Com licença, então. Até a tarde, senhor Otaviano.

Hoje era quarta-feira, e tinha ensaio de violoncelo na sala do coro do teatro da cidade três vezes na semana.

Guardei meu violoncelo e saí em passos lentos. Sabia que estava sendo observada, sentia o olhar do Felix me seguindo. Talvez fosse só admiração mesmo, ele gostou da minha apresentação. Isso sempre acontecia quando me apresentava, as pessoas costumavam ficar deslumbradas e muitas vezes gritavam "bis".

Antes de desaparecer, escutei a voz do Felix.

— Ela é maravilhosa!

— Sim, ela é, e se Deus quiser será aceita na escola de música de Londres. Teremos uma grande violoncelista para nos representar no mundo, senhor Felix. Essa menina será reconhecida mundialmente, escreva o que eu digo — completou Otaviano, cheio de orgulho da sua pupila.

Sorri, abri a porta e fui em busca das minhas amigas. Elas precisavam saber da grande novidade.



Estávamos sentadas à mesa do fast-food mais cobiçado da cidade, eu e minhas duas amigas inseparáveis: Margot e Belle. Nos conhecemos desde a primeira série e sempre estudamos no mesmo colégio. Margot tinha a pele morena, com lindos e longos cabelos encaracolados vermelhos ou, como chamamos, "cachos de anjo". Ela era muito linda com seus olhos amendoados, lábios carnudos e corpo curvilíneo. Era por conta de seus atributos físicos que os garotos do colégio viviam correndo atrás dela, só que ela não se interessava por meninos da nossa idade, gostava de homens mais velhos... bem mais velhos. Como ela mesmo dizia, homens que podiam ensiná-la a ser feliz. O último cara com quem ela esteve envolvida, ou ainda está, não sei ao certo, era um caixa do banco onde o seu pai tinha conta. Ela adorava fazer as operações bancárias do pai só para ter motivos para vê-lo. Mas ela ultimamente anda quieta. Não sei se é porque estamos perto dos exames do semestre ou porque os dois terminaram, mas nos últimos tempos ela anda de olhos esticados por um garoto do colégio. Bem, ele é mais velho do que ela uns dois anos, então acho que qualquer diferença conta.

Belle é a mais velha, já é maior de idade e repetiu o segundo ano. Ela é loira de olhos acinzentados e muito alta. Vivemos dizendo para ela se inscrever em uma agência de modelos, pois altura, magreza e beleza eram o que não lhe faltavam. Porém, o que ela quer mesmo é ser médica, e eu acho que vai conseguir, porque é bastante esforçada.

Eu me acho bonita. Claro que sou, pois me pareço com minha mãe e a achava linda! Tenho cabelos loiros escuros, olhos azuis e altura média. Não sou tão alta quanto a Belle, mas não sou baixinha. Gosto do meu corpo, tenho curvas e carnes nos lugares certos. Gosto de fazer exercícios, afinal a minha vida é carregar um violoncelo para cima e para baixo. Sim, sou linda, e não sou apenas eu que acho, os rapazes da minha cidade também. Percebo seus olhares e seus sorrisos, mas, por enquanto, não tenho interesse em namoros nem em ficar por ficar. Estou focada na minha carreira de musicista e em passar nos testes de admissão da escola de música de Londres. Um namoro só iria me atrapalhar.

— Tem mesmo certeza de que o gostoso do Santini vai nos patrocinar? Pois acho que ele só tem olhos para você. — Uma mão suja de gordura tocou a minha, a mão da Belle. Não sei para onde ia tanto carboidrato e gordura, porque ela era louca por batata frita.

— Claro que tenho. Ele não mentiria, por que faria isso? E afinal, nos últimos dias ele tem nos mostrado o seu interesse. Ele comprou dois violoncelos e mandou restaurar a estrutura do teatro da escola — respondi, fitando-a com um olhar incerto. — Não creio que ele só tenha interesse por mim — completei.

— Felix Santini faria qualquer coisa para impressionar uma garota, vai por mim! Aquele lá é um conquistador. Você já viu com quem ele passou o final de semana?

— Eu vi... — respondeu Margot. — Com uma tal de Isabelle, uma apresentadora de TV. Viu os beijos e os amassos que o fotógrafo filmou? *Caralho*... eu queria estar no lugar dela, juro que queria.

Margot suspirou alto. Ela era a fã número um do Felix, vivia seguindo todas as suas redes sociais e tinha várias fotos dele em um caderno de recortes, coisa típica de adolescente.

— Eu também, amiga, nem que fosse só uma *arrochada* na parede. Ele nem precisaria me

comer, só uma roçada e um beijo de língua já me deixaria satisfeita... Oh, homem gostoso dos infernos!

Caímos na gargalhada.

— É, ele é lindo mesmo, e visto de perto dá uma vontade de se jogar nos braços dele. Aqueles olhos claros brilhantes são hipnóticos, minha nossa! Eu mal conseguia respirar quando olhei para eles.

Descrevi minha experiência *Felixiana*. E o via na minha frente, de pé, me olhando com admiração, como se quisesse me tocar.

— Olha, a nossa virgem mostrando as garrinhas! — brincou Margot. — Eu não acredito, a nossa santinha está começando a sentir desejos carnais! Cuidado, garota, logo, logo você começará a pensar em *rolas*...

Margot sussurrou a última palavra, olhando para os lados e se esticando um pouco sobre a mesa para se aproximar de mim.

— Parem com isso, eu... eu não penso nisso, foi só um comentário.

— Eita, ela ficou vermelha! Mas é uma santa mesmo. Para com isso, Lhaura, você precisa de um pouco de emoção, estudar não é tudo na vida. — Belle articulou enquanto comia suas batatas fritas.

— Sim, sei que preciso namorar, mas não estou com pressa. Primeiro meus estudos e a minha música, depois o sexo — respondi, fixando os olhos nas duas garotas sarcásticas que estavam na minha frente.

— Olha ela! Toda, toda... Tudo bem, se quiser morrer virgem é problema seu, mas eu é que não morrerei, perdi a minha virgindade quando tinha quatorze anos...

— Perdeu velha, Belinha... Eu perdi com doze e foi ruim *pra cacete*, o garoto nem sabia meter direito, por isso doeu e sangrou muito. E *caralho*, pensei que o pinto dele tinha me cortado, foi traumático — interrompeu Margot, se metendo nos devaneios da Belle.

Comecei a tossir e me engasguei com o refrigerante. Começamos a rir sem parar, as pessoas ao nosso redor não estavam entendendo nada, todas nos olhavam com cara de paisagem, certamente pensando que estávamos falando sacanagens, o que de certa forma era verdade.

— A minha primeira vez foi com o meu primo... — Belle limpou a mão no guardanapo, mas logo em seguida, voltou a comer as batatas fritas. — Ele era mais velho do que eu dois anos e já havia fodido outras garotas. E aqui *pra* nós, ele era muito gostoso, confesso que foi muito bom. Doeu nas duas primeiras vezes, mas depois, dava *pra* ele com a mão na cabeça pra não perder o juízo. O meu priminho era bom na foda.

— Me apresenta esse gostoso, amiga, também quero experimentar esse fodão... — Margot não perdia tempo e ela estava falando sério.

— Só se você for para o México, ele está morando lá agora. — Belle começou a rir e eu também.

— Com licença... — A garçonete jogou na nossa mesa uma bandeja com duas porções de

batatas fritas, três hamburgers gigantes, três milk shakes e três refrigerantes.

— Nós não pedimos isso — Margot articulou, olhando para a moça ruiva.

— Ele ali... pediu para vocês. Já está pago, aproveitem, meninas, não é todo dia que o homem mais lindo da cidade entra na nossa loja e... maneirem no vocabulário, acho que um homem daqueles não gosta de meninas desbocadas.

Nós três olhamos ao mesmo tempo para a direção apontada. Quase caí da cadeira quando vi o "homem" em questão: Felix Santini. Sorridente e acenando para nós.

— Viu o que eu disse!? Ele quer te comer — sussurrou Belle com sarcasmo, se esticando um pouco para a frente.

Ele estava sentado no balcão, e quando retribuímos o aceno, ele se levantou e veio caminhando até onde estávamos sentadas. Ficamos mudas.

— Olá, garotas! — Ele sorriu para Margot e Belle, depois olhou para mim. — Olá, Lhaura, espero que goste da minha escolha, costumava comer essas delícias quando estava na faculdade.

Aqueles olhos lindos fixaram-se no meu rosto e eu me senti acariciada. Subitamente, senti seu dedo indicador deslizar suavemente pelas minhas costas. Quase parei de respirar.

— Temos certeza de que vamos gostar, senhor Felix. Não é, meninas? — Margot nos chamou a atenção, mas eu mal piscava, e a Belle continuava boquiaberta. — Meninas!

— Hã... o quê! — Belle se atrapalhou toda. — Sim... sim, claro que vamos gostar, obrigada!

— Foi um prazer... — ele respondeu, mas não desviou os olhos de mim. — Coma, Lhaura, batata frita fria vira borracha. — Rindo ele era muito mais lindo. Suspirei.

— Vou comer, sim. Obrigada pela gentileza, mas não precisava. — Senti o deslizar do dedo dele nas minhas costas outra vez. Ele certamente sabia o que aquele carinho fazia comigo.

— Não precisa agradecer, só queria agradar a jovem mais talentosa de toda a cidade. Agora vou deixá-las saborear o lanche, tenham uma boa tarde, garotas.

Ele retirou a mão da cadeira e o seu dedo se afastou das minhas costas. Senti um vazio, uma sensação de abandono. Fechei os olhos por um momento, tentando de alguma forma manter comigo a lembrança daquele afago tão gostoso.

— Boa tarde, senhor Felix — Margot e Belle responderam ao mesmo tempo.

— Lhaura, até mais... — Ele tocou no meu ombro novamente e eu abri os olhos. Sua mão estava estendida na minha frente. Felix sorriu, então a minha mão tocou a sua e, em vez de ele apertá-la, ele a levou aos lábios, tocando-a levemente, unindo pele com pele.

Deus! Arrepiou tudo. Fiquei trêmula, tonta, quase desmaiei.

— A... até mais. — Engoli em seco e puxei a mão lentamente. Aquele toque estava começando a fazer coisas no meu corpo.

— Garotas, adeus! — Felix se virou e foi embora, não olhou para trás, apenas me deixou perplexa e molhada... lá embaixo.

— *Eita, porra*!!! — Margot gritou. — O gostoso está *afinzaço* de você mesmo. Garota sortuda

do *caralho*! Quando ia nos contar essa *porra*?

— Acorda! — Olhei para a Margot, contrariada. — Onde você viu isso? O Felix a fim de mim?! Olha *pra* mim! Sou uma ninfeta, uma adolescente, não faço o tipo de homens como o Felix...

— Felix! — Belle exclamou. — Ela já está íntima dele. *Caralho*, deixa de ser cega, garota, qualquer um vê o interesse dele. Ele sequer tirou os olhos de você, nem nos enxergava.

— Vocês estão loucas, o senhor Felix não perderia o tempo dele com uma adolescente, ele tem a mulher que ele quiser. E são mulheres lindas, mulheres de verdade, não uma ninfeta inexperiente. Acordem! — Quase gritei com elas, já estava ficando nervosa com aquela conversa.

— Então você não percebeu como ele olhava para você... — Margot articulou com ironia.

Claro que percebi, só não queria acreditar.

— Não, ele só me olhou como olhou para vocês — murmurei.

— Ah, *tá*! Ingênua ou burra, ou as duas coisas? *Tá* na cara que o gostoso do Santini quer algo com você, e vou te falar uma coisa, se aquele olhar fosse pra mim, a esta hora já estaria dando pra ele, sem pensar duas vezes.

— Ficou louca?! — Me levantei da cadeira. — Vocês só pensam em sexo! Um homem não pode sentir admiração por uma garota, não? — Olhei furiosa para Margot.

— Calma, Lhaura. A gente só está expondo a nossa opinião. — Belle pegou a minha mão, mas a puxei.

— Não, vocês estão fazendo insinuações maldosas, e para mim já chega, guardem essa malícia *pra* vocês. Passem bem, tchau!

— Lhaura... Lhaura, poxa! A gente só *tá* brincando, volta aqui...

Escutei a Margot me chamando, mas estava tão fula que nem olhei para trás. Saí apressada, só queria ir para casa, tive um dia longo e estava cansada. Andei apressada pelo calçadão em direção ao ponto de ônibus e me sentei no banquinho.

— Lhaura!

Estava com a cabeça recostada no vidro de proteção do abrigo, de olhos fechados, quando escutei uma voz me chamando. Não identifiquei seu dono de imediato, mas assim que abri os olhos e vi o carro imponente preto parado diante de mim, nem precisei escutá-la novamente.

Era o Felix.

— Lhaura! — Escutei a porta da picape bater e um homem alto e lindo abriu a porta do carona. — Entre, eu a levo para casa. É caminho, estou indo para uma reunião. Entre, Lhaura.

Ele parou o carro bem na frente do ponto de ônibus e, quando olhei ao longe, percebi que um ônibus se aproximava. Felix também percebeu.

— Só saio daqui quando você entrar no carro. E aí? — Ele sorriu. — Lhaura, sou um cavalheiro. Não farei nada que possa prejudicar você ou a mim, afinal sou um homem público. Vem, só quero cuidar bem da garota mais talentosa da minha cidade.

Ele sorriu confiante e levantou as sobrancelhas.

Sem chance de recusar, o que também não queria, levantei-me do banco e entrei no seu luxuoso carro.

— Diga em voz alta o seu endereço, o GPS irá localizá-lo. — Eu disse, e assim que a localização apareceu na tela, ele colocou o carro em movimento.

O silêncio, por alguns minutos, foi a nossa companhia. Felix prestava atenção na via reta e bem asfaltada. Ele parecia concentrado, sua mão apenas se movia ao volante. Mesmo de soslaio, podia observá-lo. Seus traços másculos, queixo quadrado... ainda com a barba por fazer, ele era lindo demais. Aliás, gostava dele assim, parecia mais viril. Prestei atenção nas suas mãos ao volante, elas seguravam com firmeza, deslizavam suavemente. Comecei a imaginá-las acariciando a minha pele, aqueles dedos longos e espessos me tocando lá embaixo...

Aí... aí...

— Lhaura... Lhaura, está sentindo alguma coisa?

Será que suspirei muito alto?

Olhei para o Felix, muito sem graça.

— Não... Estou bem, é que o silêncio me incomoda, só isso. — Virei o rosto rapidamente para o lado de fora da janela. Acho que ruborizei.

— Por um momento, pensei que estava passando mal. — Escutei a seta do carro. Ele encostou no acostamento. Ligou o rádio, mas o volume ficou baixinho. — Só quero alguns minutos com você antes de deixá-la em casa, pode ser?

Meu coração disparou. O que ele queria comigo? Será que realmente estava interessado em mim? Será que ele iria me beijar? E se fosse, o que faria? Eu não tinha noção do que fazer, já que nunca beijei ninguém. Parecia mentira, mas era a pura verdade. Nunca beijei um rapaz. Não que não tivesse surgido a oportunidade, até que eu me interessei por alguns garotos da escola, mas quando pensava que me envolver em um relacionamento atrapalharia os meus estudos, desistia e dizia para mim mesma que, quando já estivesse com os pés dentro da escola de música, somente então pensaria em me envolver com alguém.

— Sim — respondi, já me preparando para o que vinha.

Felix soltou o cinto de segurança, virando-se para mim.

— Lhaura, tenho observado a sua rotina e confesso que estou preocupado com a sua alimentação, por isso a partir de amanhã você almoçará comigo todos os dias.

— Mas... — tentei interrompê-lo.

— Quieta, Lhaura, acho que você já percebeu que o meu interesse é em você, e não na escola. Estou patrocinando o seu talento e não quero que se preocupe com nada. Eu sei o quanto é aplicada, não só nas atividades do colégio, como na música. Sei o quanto anda se dedicando aos ensaios para a processo seletivo da Universidade de Londres, por isso, também sei que você não tem tempo para quase nada, principalmente para se alimentar direito. E cá entre nós, comer hambúrgueres e batatas fritas todos os dias não faz bem a ninguém, portanto, a partir de amanhã você terá a minha total atenção no horário do almoço. Você será a minha prioridade neste horário e quando não puder buscá-

la na escola, meu motorista irá e a levará para o restaurante, estamos entendidos?

Ele terminou, mas continuei boquiaberta, olhando para aquele homem lindo, maravilhoso e todo preocupado. Não queria acreditar, mas Felix Santini estava preocupado com a minha alimentação, estava preocupado comigo! Quando iria imaginar uma coisa dessa? O homem mais cobiçado pelas mulheres da região estava sentado diante de mim, afirmando que me levaria para almoçar todos os dias. O que mais poderia querer na vida?

Casar-se com ele e ter uma porção de filhinhos.

Louca! Você acha mesmo que ele quer se casar? Ainda mais com você? Acorde! Ele só quer cuidar do que ele chama de patrocínio. Sou apenas uma moça talentosa que tem um futuro brilhante pela frente e ele só quer ter alguma participação nisso tudo de alguma forma.

— Felix, não precisa exagerar. Estou bem, dou conta dos meus horários, e acho que você tem mais o que fazer do que ficar cuidando de mim. Eu vou ficar...

— Lhaura — ele me interrompeu —, já está decidido! Você é um diamante raro que pertence à nossa cidade e precisa ser cuidado com muito carinho. — Ele pegou uma das minhas mãos e a levou aos lábios, beijando-a com cuidado. Seus olhos lindos encaravam o meu rosto, e fiquei sem fôlego e sem ação. — Agora vamos, preciso conversar com o seu pai.

— Meu pai! O que tem ele? — articulei alarmada. Afinal, o que o meu pai tinha com isso?

Felix soltou a minha mão, ligou a seta e saiu com o carro lentamente.

— Ele precisa saber que a filha dele está comigo, ele tem esse direito. Não quero que as más línguas da cidade comecem a fazer suposições erradas, e se fizerem isso, eu as processo. Você é importante demais para mim.

Felix virou o rosto na minha direção, piscando um olho e sorrindo levemente. Suspirei. Tinha a impressão de que o interesse dele por mim ia além do de apenas me patrocinar, por mais que tentasse colocar na cabeça que era jovem demais para um homem como Felix Santini.

O automóvel parou. Ele desceu, deu a volta e abriu a porta, estendendo a mão e me ajudando a descer da picape. Assim que passei na sua frente, ele tomou minha mochila, segurando-a no ombro.

Felix Santini, de terno e carro caros, todo lindo, com uma mochila rosa no ombro, guiando uma adolescente como se ela fosse a mulher mais importante do mundo.

Será que encontrei, meu príncipe encantado?



3

Minha casa não era luxuosa, mas era aconchegante. Papai nunca foi rico, mas nós tínhamos uma vida financeira equilibrada, já que ele trabalhava duro para manter a nossa família bem, sem que nos faltasse nada. Contudo, após a morte da mamãe, ele se perdeu na saudade, e a empresa de contabilidade não andava muito bem das pernas. Os clientes mais importantes foram cancelando contratos e os que restaram só nos proporcionavam o necessário para pagar as contas. Não passamos fome, mas vivemos no aperto. Eu sei disso porque sou eu quem cuida das contas da casa enquanto o papai tenta administrar a empresa. Às vezes, acho que há dias em que ele mal consegue se manter de pé, o vício da bebida é seu martírio.

— Entre.

Passei na frente dele e mostrei o caminho para a sala com um sorriso. O hall de entrada era um pequeno corredor com duas mesinhas, uma de cada lado, dois vasos de flores e vários quadros com fotos minhas e da mamãe espalhadas pela parede.

— É você?

Felix parou diante de um pequeno quadro com moldura de ferro. Nele estávamos eu e mamãe na praia. Eu era bem pequena e estava sentada na areia, de cabeça baixa, brincando com conchinhas, enquanto a mamãe me olhava sorrindo e cheia de orgulho. Não tenho nenhuma lembrança desse tempo, mas o papai me contou que foram as férias mais felizes da sua vida.

— Sim, eu e a mamãe. — Felix se esticou para olhar com mais atenção a foto. — Se parece comigo? — Me estiquei também para acompanhá-lo na sua inspeção visual.

— Você tinha os cabelos tão loirinhos e cacheados... — Seus dedos tocaram no vidro da moldura. — Mas hoje você se parece muito com a sua mãe. Os cabelos, o sorriso, os olhos... Nossa!

— É, o papai me diz que sou a cópia da mamãe, mas não concordo. Ela era muito mais bonita e muito mais talentosa, você deveria tê-la ouvido tocar, acho que os anjos do céu desciam todos para a terra quando ela tocava. Foi por causa dela que me apaixonei pela música.

— Eu sinto muito pela sua perda, Lhaura, nem imagino a sua dor.

Ele ficou de frente para mim, olhando-me com ternura, varrendo meu rosto com seus olhos lindos, como se estivesse me acariciando.

— Não há mais dor, só saudade, muita saudade. Ela estava sofrendo e foi melhor partir. Deus sabe o que faz...

— Deve saber... — Seus dedos tocaram a pele do meu rosto e os nossos olhares se fixaram. Eu me senti fora do chão, meu corpo estremeceu e o meu coração começou a bater rápido. — Então, onde está o seu pai?

Voltei ao planeta terra.

— Vou chamá-lo. — Seguimos pelo corredor até chegarmos na sala. — Sente-se, já volto.

A sala era espaçosa e elegante. Um grande estofado acolchoado bege com algumas almofadas vermelhas, amarelas e cinzas, ficava no centro da sala, logo em frente a uma TV de cinquenta e cinco polegadas que quase não era usada, pois tanto eu como o papai tínhamos TV's no quarto. Havia também uma grande mesa com oito cadeiras no lado direito da sala, um amparador, e do outro lado, três poltronas espalhadas harmoniosamente perto da imensa janela de vidro que dava para o jardim. O piso de cerâmica clara era coberto por vários tapetes felpudos, e o papai adorava andar descalço quando estava em casa, o que ocorria quase sempre, e uma vez ou outra eu o encontrava dormindo sobre eles. Às vezes, buscando se aquecer, outras vezes por estar bêbado demais para chegar ao andar de cima.

Deixei o Felix sentado no estofado e percebi seus olhos avaliando cada pedacinho da minha humilde sala. Com certeza era uma salinha se comparada à mansão onde ele morava, que era uma das casas mais lindas da região. Quer dizer, a família dele tinha várias mansões, mas essa em particular foi construída para o Felix. Era a sua mansão, ou ao menos foi o que eu fiquei sabendo.

— Papai, papai... — Abri a porta lentamente e pus a cabeça no interior do quarto, já que não sabia em que situação o papai estava; se sóbrio ou embriagado. — Papai, temos visita, acorde. — Ele estava deitado de bruços com o braço esticado por cima do travesseiro que era da mamãe, prendendo-o entre os dedos.

— Já é noite? — perguntou com voz sonolenta. Ainda bem que não estava bêbado.

— Não, papai, mas falta pouco para o final da tarde. — Entrei no quarto e caminhei com lentidão até a sua cama. Meu coração ficava em frangalhos quando o via assim. — Papai, temos uma visita importante na sala. Levante-se, lave o rosto e vista algo limpo.

— Quem é a celebridade? — Ele sentou-se e esfregou os cabelos grisalhos com os dedos enquanto me encarava com ironia.

— Felix Santini — respondi, já o puxando para fora da cama e o empurrando para o banheiro. — Anda, papai, o homem não tem todo o tempo do mundo.

— O que ele quer comigo? Era só o que me faltava! Ter um Santini na minha casa. — Ele bateu a porta do banheiro, e só escutei a água da torneira da pia jorrando. — Escolha uma camisa e uma calça para mim, querida.

Entreguei-lhe uma calça jeans escura e uma camisa polo vermelha. Papai saiu do banheiro com outro aspecto, muito embora sua barba por fazer e o ar de cansaço do seu rosto ainda estivessem presentes.

— Não me olhe assim, papai. — Ele estava me encarando com as sobrancelhas juntas. — Ele cismou que quer falar com o senhor, é só isso que sei.

— Esse rapaz, depois que começou a patrocinar o "colégio" — ele fez um sinal de entre aspas com os dedos —, anda muito interessado em você, e não sei se gosto disso.

— Papai, deixe de especulações, o Felix só está preocupado com o investimento dele, que no caso sou eu. É só isso.

— *Tá*, se você está dizendo. Mas saiba que estou com os meus olhos bem abertos com ele. Você é minha vida, sem você meu mundo acaba.

Eu sabia disso desde o dia em que a mamãe morreu. Ele se agarrou a mim como se eu fosse sua tábua de salvação.

Ao chegarmos na sala, Felix estava falando ao celular e, assim que nos viu, disse algo rapidamente e desligou.

— Boa tarde, senhor João! Desculpe a invasão. — Felix veio até nós e já foi esticando o braço, oferecendo a mão para o papai, que prontamente devolveu o aperto. Felix com um sorriso lindo nos lábios e o papai o encarando com desconfiança.

— A que devo a honra da sua visita? — Ele foi ríspido, e o belisquei no braço. — Isso doeu, Lhaura — disse sem desviar os olhos do Felix, e sorri sem graça. — O que quer, senhor Santini?

— Lhaura, você pode nos dar licença? Quero conversar com seu pai a sós. — Ele desviou os olhos do papai e me encarou. Estava sério.

— É sério isso? — Franzi a testa.

— É, quero conversar com o seu pai de homem para homem, portanto nos dê licença. — Ele sorriu de modo convincente.

Deixei os dois na sala e me escondi no vão entre as escadas e o corredor que levava à cozinha. De onde eu estava eu poderia escutar toda a conversa. Foi assim que eu soube sobre a doença da mamãe quando o papai estava conversando com o médico em uma das suas visitas.

Fiquei quieta, quase não respirei.

— Sente-se, senhor Santini, sou todo ouvidos. — Papai era insuportável quando queria. Felix limpou a garganta, não sei se estava de pé ou se havia sentado. — Quer beber algo? Café, água, cerveja? É o que eu tenho em casa.

Ele esqueceu de mencionar o uísque que ficava dentro de uma das mesinhas da sala.

— Não, obrigado. Serei rápido e direto, senhor João.

— João, pode me chamar pelo primeiro nome. — Papai estava impaciente. Ele queria acabar logo com aquela conversa. Fiquei com medo de que repentinamente ele se tornasse rude.

— Está certo. Bem, João, estou interessado na sua filha.

Como assim!? Interessado em mim? Eu escutei direito?

Quase saí do meu esconderijo e fui até a sala tirar satisfação. O silêncio se estendeu e isso me incomodou muito.

— O senhor quer dizer que está interessado no talento da minha filha? Quer patrocinar os estudos dela na escola de Londres, não é isso? — Agora fiquei com medo, papai estava calmo demais.

— Não, estou apaixonado pela sua filha e quero sua permissão para namorá-la.

Silêncio absoluto. Nem conseguia escutar a minha própria respiração, acho que parei de respirar por alguns segundos.

— Senhor Santini, o senhor sabe quantos anos a Lhaura tem? Ela pode ter uma aparência de mulher, mas ainda é uma criança, por Deus! Ela ainda nem completou o nível médio! Acho melhor o senhor ir embora e esquecer a minha filha. Faça isso que eu me esqueço do que acaba de me contar.

— Não sou um pedófilo, João. Sei a idade da Lhaura, ela tem dezessete anos e eu tenho vinte e cinco. Conheço vários rapazes da minha idade que namoram com garotas bem mais novas do que a Lhaura. A diferença entre mim e esses rapazes é que eu não quero só namorar a Lhaura, quero me casar com ela e estou aqui para declarar isso.

Caí de joelhos. Levei as mãos à boca para impedir que o meu gemido de surpresa escapasse por entre os meus lábios. Juro que sequer cogitei a ideia de que ele quisesse namorar comigo, quanto mais se casar. Só podia estar sonhando.

— Casar!? — papai exclamou em alto tom. — Acho que não estou conseguindo entendê-lo, senhor Santini. Como assim, casar? Não acha que está exagerando? Namorar talvez, mas casar com a minha filha é algo fora do comum. Ela é nova demais para se casar, nem sabe ainda o que quer da vida.

— João — Felix interrompeu —, eu me apaixonei pela sua filha assim que a vi. Apesar da minha pouca idade, tenho certa experiência. Os meus relacionamentos sempre foram voltados para o sexo, já perdi a conta de quantas mulheres passaram pela minha vida, mas posso garantir que nunca me apaixonei por nenhuma delas. Mas a Lhaura me tirou do chão. Sim, ela está saindo da adolescência e isso não me preocupa. Quero namorá-la, e assim que ela fizer dezoito anos, eu me caso com ela.

— A Lhaura sabe disso? — Papai nem o deixou terminar. — Conheço a minha filha e sei que se ela estivesse envolvida sentimentalmente com alguém ela já teria me contado.

— Não, ela não sabe da minha real intenção, mas saberá assim que estiver pronta. E, antes que me pergunte, sei que ela se apaixonará por mim.

Como ele tinha tanta certeza de que me apaixonaria por ele?

Ok, eu o acho lindo e muito sexy, mas daí a pensar em me casar com ele? Não sei bem se realmente quero isso... Sem contar que as mulheres da nossa cidade vivem suspirando por ele, e me casar com um homem tão lindo e disputado não estava nos meus planos. Queria mesmo era conhecer o mundo com a minha música e, talvez um dia, quem sabe, conhecer alguém especial, me apaixonar e me casar. Um grande talvez, do qual nem tinha certeza ainda.

— João — Felix continuou —, tenho certeza de que a Lhaura será admitida na universidade de música de Londres, e eu me conheço, mesmo que ela esteja com você durante esses quatro anos, não ficarei tranquilo longe dela e jamais iria com ela para Londres apenas como namorado. Por isso nos casaremos antes, assim poderemos ir juntos. Inclusive, já estou avaliando alguns imóveis próximos ao campus. Só não sei se compro ou se alugo, mas já estou providenciando a minha ida para Londres. De lá, posso perfeitamente administrar as minhas empresas aqui e, sempre que precisar, posso vir ao Brasil. Saiba que farei isso por ela porque a Lhaura tem a minha total atenção e o meu coração.

Estava sonhando, só podia estar. Não, não era possível que um homem como Felix Santini estivesse apaixonado por mim a ponto de largar tudo para que eu pudesse seguir o meu sonho. Esse homem não existe. Como uma pessoa pode se apaixonar por outra desta maneira em tão pouco

tempo? E logo por mim? O que tinha de tão especial? O que o fez se apaixonar por mim?

Não, não queria acreditar nisso.

— Senhor Santini, e se a Lhaura não se apaixonar pelo senhor? Se ela só for grata pela sua ajuda, o que fará? Ou melhoro ainda, o que fará quando o senhor conseguir o que quer, que é conquistá-la? Afinal, pelo que estou percebendo, o senhor só está ajudando a minha filha pelo simples fato de estar interessado nela. Então, o que fará depois de seduzi-la? Vai desistir de patrociná-la?

— Eu posso ser um conquistador, João, mas não sou um canalha e posso garantir que a sua filha vai se apaixonar por mim, tenho certeza. Por isso eu quero que o senhor saiba das minhas reais intenções. Não quero que dê atenção às fofocas, pois a partir de amanhã a Lhaura será vista com bastante frequência na minha companhia e não vou tolerar insinuações quanto ao nosso namoro. Dou-lhe a minha palavra que só a tocarei sexualmente depois do nosso casamento, ela será minha esposa e merece todo o meu respeito.

O quê!? Namoro sem sexo? Onde isso existe? Ele acha mesmo que o papai vai acreditar nessa conversa fiada? Agora, senhor Felix Santini, o senhor extrapolou o senso do absurdo. Quem ele pensava que era?

— Senhor Santini, não sou ingênuo, nem burro, pois nem no meu tempo havia um namoro tão inocente. O senhor quer mesmo que acredite nessa conversa? — Papai ironizou, mas sua voz começou a ficar rude. Ele começava a ficar impaciente e eu também.

— Estou dando a minha palavra. A Lhaura é importante demais para mim, eu a quero como nunca quis uma mulher na minha vida, e apesar de ela ser tão nova e de não saber exatamente o que quer, posso lhe garantir que ela vai me querer o tanto quanto eu a quero. Isso não vai demorar para acontecer, mas caso não aconteça, vou deixá-la em paz e só patrocinarei a sua ida a Londres, o senhor tem a minha palavra.

Silêncio.

Comecei a contar mentalmente.

E comecei a me preocupar com o papai. Ele não era um homem paciente e quando se tratava de mim, esquecia-se dos seus bons modos. A tensão cresceu dentro de mim, já estava a ponto de ir até lá e acabar de vez com aquela conversa absurda.

— Nossa! Nunca pensei em minha vida que passaria por uma situação como esta. Sinceramente, nem sei o que pensar ou o que dizer. A Lhaura é a minha razão para continuar vivo, se não fosse por ela já teria dado um fim à minha vida...

Oh, meu Deus! Eu já sabia disso, mas ouvi-lo falar com suas próprias palavras doía demais. O meu coração bateu tão rápido que eu quase corri para abraçá-lo.

— Mas não posso tomar decisões por ela, então, que seja. Ela fará suas próprias escolhas, e se ela o quiser, se ela se apaixonar e quiser se casar com o senhor, aceitarei a sua vontade. Mas quero deixar bem claro que se o senhor a fizer sofrer, nem que seja um pouquinho, eu o mato. Mesmo que eu passe o resto da minha vida na cadeia, eu o mato, senhor Santini! Sem pensar duas vezes.

Papai falava sério. Eu o conhecia, ele jamais deixaria alguém me magoar, tampouco me

machucar. Ele mataria o Felix sem nenhum arrependimento, e ouvir suas palavras me causou muito medo. Senti uma angústia dentro do peito, um sufocamento.

— Não se preocupe, João, a Lhaura será a mulher mais amada e bem cuidada do mundo. Serei tudo para ela. Agora eu preciso ir.

Como assim? Não vai se despedir de mim? Finalmente consegui me mover e já estava a caminho da sala quando escutei suas últimas palavras.

— Vou chamar a Lhaura — papai articulou.

— Não precisa, deixe-a descansar. Só avise que amanhã vou buscá-la na escola para almoçarmos juntos.

Escutei o ranger dos pés da poltrona ao arranhar o piso. O Felix tinha se levantado.

— Só espero que o senhor cumpra com a sua palavra. — Tenho certeza de que os dois estavam apertando as mãos, e que o papai estava olhando para o Felix desafiadoramente.

— Cumprirei, a Lhaura será a minha esposa, senhor João. Outra coisa, amanhã à tarde, às dezesseis horas, esteja na minha empresa. Eu tenho uma proposta para lhe fazer, afinal, o senhor já pode se considerar meu sogro a partir de hoje. Vou esperá-lo lá.

— Estarei lá, não se preocupe. — Escutei os passos dos dois em direção à porta, então corri e subi as escadas o mais depressa que pude, pois sabia que o papai viria até o meu quarto.

Entrei e fechei a porta, levei a mão à minha testa, enxugando uma leve camada de suor. Que diabos estava acontecendo? Que conversa foi aquela? Felix Santini disse que estava apaixonado por mim e, o pior, ele queria se casar comigo! Que coisa louca! Das duas uma: ou ele estava doido ou eu é quem estava. Como o papai foi concordar com algo assim? Por que ele não o colocou para correr? Eu não estava entendendo nada.

— Filha...

Papai bateu levemente na porta. Respirando fundo, fui até a porta e a abri.

— Papai, já estou descendo, só um minuto. — Fingi não saber de nada.

— O Felix já foi, meu anjo — articulou me encarando com aqueles olhos que eram capazes de desnudar a minha alma. Sei que ele queria saber se eu estava escondendo algo dele.

— Como assim, já foi? Não quis falar comigo? — Mas que dissimulada, como posso ser tão terrível assim?

— Não, ele só deixou um recado. Amanhã vai pegá-la na escola para o almoço. Acho que o senhor Santini está pensando que não a estou alimentando direito, justo a minha única filha! — ironizou com um olhar arqueado. Ficou em silêncio por alguns segundos, só me analisando com o seu olhar desconfiado. — Lhaura, posso fazer uma pergunta?

Eita! Acho que agora preciso me preparar, lá vinham um monte de perguntas constrangedoras.

— Papai, desde quando o senhor precisa de autorização para me interrogar? — Deixei um riso descontraído esticar os meus lábios, mas o papai seguia apenas avaliando o meu rosto, com um olhar demorado.

— Lhaura Toledo. — *Vixe*, ele me chamou pelo meu nome completo. — Gostaria de saber se a senhorita nutre algum sentimento pelo senhor Santini? Porque o homem está interessado em você. Foi isso que ele acabou de me confessar. Não venha me dizer que não tinha percebido, pois sei que as mulheres percebem quando um homem está interessado nelas.

Engoli. Pisquei e resolvi me sentar no colchão. Como poderia explicar ao papai que nunca passou pela minha cabeça que um dia Felix Santini estivesse interessado em mim? Talvez por uma das minhas amigas, pois elas sim eram atraentes, sensuais e extrovertidas, mas nunca pela sem graça aqui! Tudo bem que sou bonita, que tenho olhos expressivos e adoro conversar, mas não sei se homens como o Felix gostam de moças tão antiquadas como eu.

Limpei a garganta.

— Ele lhe disse que está interessado em mim?

— Disse, e quer namorar com você. Veio pedir a minha autorização. — Papai sorriu, não sei se por ser engraçado ou por ser ridículo. — E você, quer namorá-lo?

— Papai! — Fiquei sem jeito. Nunca tive uma conversa desse tipo com ele. — Eu não sei...

— Filha, sei que quem deveria estar tendo esta conversa com você era a sua mãe, mas... — Em segundos, os seus olhos se entristecem. — Ela não está mais aqui, então serei eu — ele fez uma pausa. — Sei que o senhor Santini tem estado com você frequentemente, estou certo?

Baixei a cabeça e molhei os lábios com a ponta da língua. Ele estava certo, desde o dia em que ele me viu tocando no colégio, tudo mudou. Até a minha vida mudou completamente. Se antes já tinha uma certa atenção da escola, a partir deste dia me tornei a aluna preferida, e todas as atenções eram voltadas para mim. Mesmo que ignorasse, sabia que todos os instrumentos novos que a nossa pequena orquestra agora possuía foram adquiridos por minha causa. Nosso colégio ganhou verba até para melhorar toda a estrutura interior, e especialmente para cuidar do nosso pequeno teatro. E o Felix sempre estava presente nos ensaios, tanto no colégio quanto na sala de coro do teatro da cidade. Inclusive, vez ou outra ele surgia na minha lanchonete preferida e as minhas amigas já faziam piadinhas, dizendo que ele queria me "comer", mas eu nunca acreditei que o Felix realmente tivesse algum interesse por mim.

— Lhaura? Então, me responda. — Senti as pontas dos seus dedos segurando o meu queixo e com carinho o papai levantou a minha cabeça para que pudesse encará-lo. — Você sente algo pelo senhor Santini? Porque se não sentir, acho melhor ser sincera com ele logo de cara, assim acaba-se de vez toda e qualquer esperança que ele possa nutrir em relação a você.

Inspirei. Avaliei o rosto preocupado do meu querido pai. Assim como eu, ele estava confuso com o interesse repentino de Felix Santini por mim. Mas não podia me esconder atrás do meu medo e insegurança, devia a verdade ao meu pai e a mim mesma.

— A bem da verdade, não sei o que sinto, papai. Ele é lindo, charmoso e sexy. É protetor e me trata com tanto carinho que às vezes acho que ele quer me colocar no colo. E tem o fato de que todas as mulheres da cidade vivem suspirando por ele, e ele vive atrás de mim, então eu me sinto o centro das atenções...

— Lhaura, não foi isso que perguntei. Perguntei se você sente algo por ele. — Seus dedos

deixaram o meu queixo e logo em seguida tocaram as minhas mãos.

Inspirei. Expirei.

— Eu gosto do jeito que ele me olha, o meu coração acelera quando ele está perto de mim e fico imaginando como seria se ele me beijasse. — Ruborizei, pois era estranho falar sobre essas coisas com o papai. — Sim, acho que gosto dele, mas tenho medo de não ser a mulher que ele imagina que eu seja, pois sou apenas uma adolescente e ele é tão experiente. Eu só beijei um garoto e foi uma única vez, mas foi tão rápido que nem deu para saber se era bom ou não. — Puxei o ar e o soltei rapidamente. — Estou com medo, o Felix me assusta e ao mesmo tempo me deixa eufórica, isso é normal?

Braços acolhedores me puxaram e cercaram o meu corpo. Seus lábios beijaram o alto da minha cabeça.

— Meu anjo, isso é muito normal. Acho que você está se apaixonando por ele, e se você quiser aceitar o pedido de namoro do senhor Santini, saiba que tem meu consentimento. Mas fique atenta, e caso perceba que ele não é o homem da sua vida, termine o mais rápido possível, ok? E se precisar que o coloque no lugar dele, é só me avisar.

Papai sorriu descontraído e beijou o centro da minha testa.

— Obrigada, papai. — Eu o abracei bem apertado.

— Outra coisa, deixe-o fazer o pedido, ele pensa que você não sabe sobre as intenções dele.

— Está bem.

Saímos do quarto e seguimos direto para a cozinha, para preparar o nosso jantar.



4

O sinal do último horário tocou. Peguei minha mochila e saí apressada em direção às escadas. Não sei se o Felix era pontual, ele disse que viria me buscar logo após a minha última aula, mas não perguntou em que horário ela acabava, portanto, acreditava que ele sabia, de alguma forma. O Felix sabia quase tudo a meu respeito, e às vezes, sentia que estava sendo observada o tempo todo, mas devia ser coisa da minha cabeça ou andava assistindo a filmes de suspense demais.

Cheguei no portão da frente, olhei para os lados e não vi a picape dele. Ele ainda não tinha chegado, por isso me encostei no muro para esperá-lo.

— Lhaura, vamos!

Olhei para o lado, eram a Margot e a Belle, as duas estavam a caminho do ponto de ônibus.

— Podem ir, hoje não vou com vocês — respondi apressadamente, rezando para que elas não me fizessem perguntas. O que não queria neste momento eram especulações maldosas sobre os motivos pelos quais o Felix estava vindo me buscar para almoçarmos juntos.

Mas as minhas duas amigas adoravam especular.

— Como assim, está doente? Quer que fiquemos com você? — Como fui tola, era claro que elas iriam querer saber os motivos para eu não ir à lanchonete. — Lhaura, caralho! Diz logo o que está sentindo, porra!

Ai, meu Deus! E agora?

— Não sinto nada, caramba! Só não vou almoçar com vocês, tenho outro compromisso, é só isso. — Tentei dissimular, olhando para um lado, para o outro e pedindo em pensamento que o Felix se atrasasse mais um pouquinho.

— Com quem, nós podemos saber? É o seu pai, não é? — Belle articulou com a voz condoída. — Ele está doente outra vez, não é? Oh, amiga, que chato — uma olhou para a outra.

— Nós vamos com você, pois amigas são para todo tipo de situação, não é, Belle? — Margot cruzou o braço com o meu e encostou a cabeça no meu ombro.

Agora estava encrencada.

— Não! Papai está bem, eu... eu...

— Lhaura. — Não precisei me virar para saber quem estava atrás de mim. Reconheci a voz, tremi, meu corpo inteiro ficou tenso e nem consegui olhar para trás. — Querida, desculpe o atraso, fiquei preso em uma reunião interminável.

Felix ficou à vista, seu olhar manso refletindo aquele brilho de admiração e encanto que eu já esperava.

— Senhor Felix! — Belle esticou os lábios de orelha a orelha, seus olhos brilhavam ao fitá-lo.

Contrariada comigo mesma por me deixar abalar só com a simples presença dele, precisei admitir que não estava gostando do jeito que as minhas amigas olhavam para ele. Qualquer outra mulher poderia desmaiar aos seus pés, mas minhas amigas, não. Isso era como uma traição.

Por que você está se sentindo assim, Lhaura? O Felix é só o seu patrocinador!

— Compromisso, hein? — Margot soltou o meu braço e me ofereceu um riso sarcástico. — Quando ia nos contar? — murmurou no meu ouvido.

— Não comece, agora não — respondi na defensiva, já me sentindo a pior das pessoas. Ela arqueou as sobrancelhas, mas dei de ombros, voltando a minha atenção para o Felix.

— Olá, meninas! — Senti a mão quente dele em meu ombro e a carícia dos seus dedos sobre o tecido da camisa do meu uniforme. — Desculpe-me, querida — ele beijou o alto da minha cabeça enquanto me puxava para perto do seu corpo. Quase dobrei os joelhos.

— Tudo bem, mas você poderia ter me ligado. Não haveria problema se não pudesse vir.

— Você vem em primeiro lugar. Acostume-se com isso, querida. — Ah, Deus! Ele estava segurando o meu queixo, olhando para o meu rosto com aquele sorriso lindo, e eu quase me joguei contra o seu peito para esconder a cara nele.

E o pior era que as minhas duas amigas estavam nos fitando com aquele ar de "não estou acreditando nisso!"

— Então... — Margot limpou a garganta e olhou para Belle sorrindo. — Aonde estão indo?

— Não...

— Almoçar. — Eu já estava respondendo quando o Felix me interrompeu. — A Lhaura me fará companhia todos os dias no horário do almoço. — Felix me olhava enquanto respondia.

Seus olhos claros e brilhantes varriam o meu rosto com carinho, e o meu corpo inteiro inflamou. Senti uma quentura bem no meio das pernas e logo uma umidade no fundo da minha calcinha. Eu o queria. Queria ser beijada e acariciada por ele, por inteiro.

— O Felix acha que estou me alimentando mal, é isso. E como tenho que estudar muito devido ao processo seletivo e aos exames finais da escola, ele quer garantir que pelo menos não fique debilitada.

Por que eu estava dando explicações? Por que estava me sentindo tão envergonhada?

O Felix é solteiro, lindo, charmoso e está interessado em mim, então, por que me sentir culpada?

— Vamos! — Ele apertou meu ombro com os dedos, puxando-me de encontro ao seu corpo e forçando minha cabeça a repousar sobre o seu ombro.

Aquele horário era muito louco. Vários carros ficavam parados na frente do colégio com os pais apressados para pegar seus filhos. Também havia adolescentes correndo para ir embora o mais rápido possível, enquanto outros esperavam impacientemente por motoristas ou conduções escolares, mas hoje ninguém parecia estar com pressa. Eles tinham o que olhar.

Felix e eu.

As garotas olhavam em nossa direção e sorriam, enquanto fofocavam algo sobre o que estavam vendo. Já os rapazes olhavam o Felix de cima a baixo e entortavam a boca. A partir de hoje seria o motivo de todas as fofocas do colégio. Já até imaginava o tema do dia seguinte:

Felix Santini está fodendo a santinha da escola, Lhaura Toledo.

Eu mereço.

— Sim, vamos, fiquei com muita fome de repente — menti. — Até mais, meninas. Nos vemos no ensaio.

Quatro vezes na semana eu tinha o ensaio da orquestra da escola e na sexta-feira ensaiava para o processo seletivo.

— Tchau, meninas. — Felix passou o braço ao redor do meu ombro e me guiou. Acho que fiquei ruborizada, pois minhas bochechas arderam. — Venha, meu carro está logo ali. — Apontou para o lado esquerdo do colégio.

— Tchau, senhor Felix — elas responderam, acenando e sorrindo descaradamente. — *Bye*, Lhaura.

Fui seguida por olhares curiosos, invejosos e raivosos. Eu podia sentir a maledicência dos seus pensamentos. Durante o percurso – que para mim foi longo demais –, tentei me esquecer que havia pessoas ao meu redor e me concentrei no inebriante cheiro do Felix.

Que cheiro bom!

— Entre. — Ele abriu a porta da picape, pegou minha mochila e me ajudou a subir. — Cinto de segurança, mocinha. — Adorava o riso dele, era algo que fazia meu corpo inteiro arrepiar. Ele travou o cinto e quando fez isso seu peito tocou as minhas coxas. Ficamos muito próximos.

Suspirei... alto... e ele percebeu.

— Está tudo bem? Machuquei você? — Felix Santini, por que você tem que ser tão lindo e tão comportado?

— Estou bem, é só fome. — Mentirosa, sou uma mentirosa.

Ele me estudou por um momento e em seguida estendeu a mão e tocou em uma mecha do meu cabelo, que se soltou do coque que estava preso no alto da minha cabeça.

— Desculpe-me, a culpa é minha. Prometo que isso não se repetirá, a partir de amanhã meus compromissos terminarão ao meio-dia. — Seus dedos tocaram a ponta do meu queixo e ele brincou, balançando-o. Depois, fechou a porta do carro, deu a volta e se sentou na frente do volante. — Em menos de quinze minutos estaremos no restaurante. — A picape lentamente saiu para a via.

Acho que Deus escutou as minhas preces. O trânsito estava tranquilo e em menos de quinze minutos chegamos. Até o momento, não tinha percebido o restaurante escolhido por ele, só quando coloquei meus pés fora do carro foi que tive a noção do impacto.

— Felix... — Dei um passo para trás, com os olhos fixos na entrada do estabelecimento.

— Algum problema? Você está bem? — Sua voz preocupada fez com que o fitasse.

— Eu... eu não posso entrar ali. — Apontei com o olhar para o restaurante.

— Por quê? Qual é o problema? — Ele não estava entendendo o motivo do meu desespero.

— Olhe para mim! Olhe como estou vestida, pareço... pareço...

— Uma linda moça, encantadora e especial — ele me interrompeu e quando percebi sua mão estava entrelaçada na minha. — Lhaura, entenda uma coisa, ao meu lado você não precisa se preocupar com nada. — Esse homem existe mesmo?

— Felix, olhe *pra* mim! Estou vestida com o uniforme do colégio e aí dentro só há pessoas muito ricas. Aposto que as mulheres que o frequentam são todas da alta sociedade, quando me virem...

— Morrerão de inveja de você. Não ligo se está vestida com uma roupa de grife ou com o uniforme do colégio, você é perfeita de todo jeito. Para mim, você é a garota mais linda do mundo. Agora vamos, sei que está com fome e eu também estou.

Felix ignorou o som impaciente que escapou da minha boca quando me puxou pela mão, e fui levada quase arrastada até a recepção. Paramos na entrada, e permaneci de cabeça baixa. Não queria ver os olhares dirigidos a mim, mas ainda podia senti-los. Felix parou para falar com alguém. O homem acenou com a cabeça e chamou uma moça muito bonita para nos guiar. Ela seguiu na frente até chegarmos à nossa mesa. Ele puxou a cadeira, segurou o meu braço e me ajudou a sentar. Felix caminhou até o outro assento e finalmente se sentou. Observei cada movimento.

Sua altura e estrutura atlética faziam minha boca secar. Deus, ele era lindo. Já o admirava, já tinha notado sua presença antes, mas agora, com ele tão perto, ao alcance da minha mão, era uma admiração completamente diferente de todos aqueles anos atrás. Passei a vida inteira seguindo-o com os meus olhos de adolescente. O meu corpo aquecia sempre que o via nas mídias sociais ou até mesmo quando, de alguma forma, eu o via pessoalmente em algum lugar da cidade. Respirei fundo, tentando aliviar a batida do meu coração emocionado. Será que este homem lindo está mesmo interessado em mim, ou ele só quer mesmo — como minha amiga Belle disse — me comer?

Trouxe a mão até acima do peito e distraidamente massageei o lugar. Estava ficando difícil ficar ao lado do Felix e não tentar tocá-lo, queria muito fazer isso. Queria colocar minha mão sobre a dele e acariciá-la, olhar para os seus olhos e fazer aquele gesto que as mulheres dos filmes faziam quando estavam almoçando na companhia dos seus homens. Mas o que mais queria era que ele confessasse logo o seu interesse por mim. Pensava em quanto tempo iria demorar para que os meus lábios fossem saboreados pelos seus. Não sei se vou conseguir me manter calada e fingir que não sei que ele quer ficar comigo.

— Senhor Felix, aqui está o cardápio. — A moça simpática olhava para ele com deslumbre, com um sorriso de orelha a orelha. Se a Belle ou a Margot estivessem aqui, diriam que ele a comeu. Será que já?

Finalmente o senti. Ele tocou a minha mão e a puxou, tocando levemente os lábios na minha pele. Antes de responder, sorriu lindamente para mim.

— Querida, o que você não gosta de comer? — Estava encantada, completamente fascinada. — Lhaura? — Senti outra vez o calor dos seus lábios e assim acordei.

— Eu... eu... — engoli a saliva e quase me engasgo. — Não gosto de cebola, pimentão e jiló. — Bem, naquela altura do campeonato nem me importava mais com essas coisas, comeria uma cebola inteira se ele continuasse beijando a minha mão.

— Só isso? Bem, então o Lupe não terá problemas. — Quase perco o ar quando ele beijou mais uma vez a minha mão e depois roçou os lábios demoradamente nela. Imediatamente senti minha umidade molhando o fundo da minha calcinha.

— Não sou muito exigente, gosto de tudo um pouco, mas confesso que esses três itens não descem — articulei, ainda tentando disfarçar a tremedeira que o seu toque estava me causando.

— Cíntia, avise ao Lupe para nos surpreender. A minha linda convidada precisa comer algo nutritivo e saboroso, mas que não tenha esses itens. — A tal Cíntia só sorria, e comecei a ficar insegura. — E antes que pergunte, para beber será um suco de frutas bem gelado para ela e água com gelo e duas rodelas de limão siciliano para mim.

— Está bem, já volto com as bebidas. — Ela sorria demais, será que era assim com todos os clientes?

Quando já ia abrir a boca para dizer algo sobre o restaurante, o celular dele tocou e ele atendeu com uma voz um pouco contrariada, embora seus olhos expressassem carinho quando olhou para mim. Ele tocou na minha mão pedindo licença, levantou-se e foi atender a ligação a certa distância da mesa.

Coloquei as mãos entre as pernas e as apertei. Olhava para ele, admirando cada um dos seus gestos... Como movia a mão sobre o cabelo, escovando os fios entre os dedos e como segurava o aparelho celular próximo à boca. Deus, queria que a minha boca fosse aquele celular... Puxei o ar com força e o soltei lentamente, esvaziando meus pulmões, quase ficando tonta. Ele olhou para mim e piscou um olho. Ele estava testando a minha sanidade, só podia. Já imaginava seus olhos fixos nos meus quando estivéssemos próximos, e só de pensar nisso senti que meus mamilos endureceram. Lambi os lábios, sentindo a força da sua presença. Meu peito subia e descia, o calor me aquecendo, arrepiando toda a minha pele, o fogo da excitação me consumindo, movendo-se dentro de mim e descendo até chegar entre as minhas coxas.

De repente minha calça jeans parecia muito molhada lá embaixo e o meu estômago apertou. Aquele calor estava me consumindo e parecia me comer viva.

Deus.

Eu me mexi na cadeira, movendo minha bunda de um lado para o outro. O sutiã começou a me incomodar, estava apertando meus mamilos e eles estavam ardendo. Inspirei, expirei, mas não adiantou, pois agora ele conversava olhando diretamente para mim e movia os lábios sem afastar os olhos do meu rosto.

Será que ele percebeu o quanto estava excitada?

Isso só pode ser coisa de adolescente, pois uma mulher de verdade não teria um princípio de orgasmo só com um olhar quente do homem que tanto desejava. Ou será que teria? Não, não, ela não teria.

Sem conseguir regular minha excitação peguei a carta de vinhos que ficou sobre a mesa e fingi

estar lendo. Não me atreveria a olhá-lo, não com aquele olhar sedutor e felino que ele me enviava, pois poderia não resistir e assim que ele se sentasse iria pedir para que ele parasse de bancar o cavalheiro e me beijasse logo.

Fui salva. Dois garçons trouxeram nossa comida e colocaram os pratos sobre a mesa, mas não retiraram as tampas que os cobriam.

Felix disse algo para a pessoa com quem conversava e desligou o celular, seguindo para a nossa mesa imediatamente.

— Desculpe-me, mas precisava atender essa ligação. — Antes de se sentar, ele beijou o alto da minha cabeça. Sim, ele queria me enlouquecer. — Vamos ver o que temos para o nosso almoço. — Os garçons levantaram as tampas. Subiu um aroma delicioso, e quase coloco o meu rosto na frente do prato, só para sentir o cheiro mais de perto. — Nossa! Espaguete com frutos do mar. Espero que não seja alérgica a camarão, é? — Fitou-me com um olhar arqueado.

— Não. Podemos comer, estou quase babando. — Olhava admirada o prato saboroso e foi o único momento que esqueci que havia um homem lindo, maravilhoso e que estava apaixonado por mim, bem na minha frente.

Eu comi em silêncio. Só então percebi que estava sendo observada. E por alguns segundos quase perdi a educação e deixei os talheres caírem no prato.

— Você degusta divinamente, sabia? Não que a comida não esteja gostosa, mas te ver comer é como o melhor manjar dos deuses.

Ele já havia terminado. Acho que quis comer lentamente para que aquela massa deliciosa não acabasse tão rápido. Faltava a última garfada e a levei até a boca. E inspirei profundamente quando os sabores se misturaram na minha língua.

— Deus! Isso é muito gostoso. — Finalmente consegui falar. — Eu comeria umas três porções dessas.

— Se quiser repetir, esteja à vontade. — Ah, Felix Santini, será que você existe mesmo? Ele estava me encarando com um olhar divertido e aquele sorriso lindo estampado nos lábios.

— Não! — exclamei em um tom um pouco acima do normal, percebi imediatamente e levei a mão aos lábios. — Desculpe-me. — Baixei meus olhos, envergonhada. Estava fazendo papel de boba. — Não, obrigada. Estou satisfeita, foi só maneira de falar, mas que estava muito saboroso, isso estava.

Empurrei o prato e limpei delicadamente os cantos da minha boca com o guardanapo. Felix tamborilava os dedos sobre a mesa enquanto me observava. Será que ele estava me testando? Sim, pode ser isso, certamente ele quer se certificar se sou ou não a garota certa para ele assumir um compromisso sério.

Delirou, Lhaura. Você está pensando igual a uma velha rabugenta.

— Lhaura, aqui quem manda é você, só obedeço. Se quiser repetir não há problema, quer?

— Não, e mesmo que quisesse, não teria tempo. Já está quase no horário do ensaio.

E estava mesmo, não daria tempo nem para um cafezinho. Felix olhou para o relógio dourado

no pulso.

— Nossa! Você está certa. — Ele se levantou e me ajudou a levantar puxando a cadeira. — Vamos, não quero ser o motivo do seu atraso.

— Não vai pagar a conta? — Já estávamos perto da saída quando me lembrei que ele não fechou a conta do restaurante.

— Não há necessidade, minha secretária cuidará disso. O restaurante mandará a conta para minha empresa.

Sou uma burra. Gente rica não paga conta, quem paga são os seus empregados. Entramos na picape, e ele fez o mesmo ritual, prendendo o cinto de segurança em mim. Depois seguiu para ocupar o seu lugar de motorista.

— Vou levá-la para o ensaio, e às dezesseis e trinta meu motorista esperará na frente do prédio para levá-la para casa, pois infelizmente não poderei ir buscá-la.

Como assim, senhor príncipe cavalheiro?

Pasmada, olhei para ele.

— Não precisa ir me buscar, volto para casa de ônibus. E no mais, quando o ensaio termina, eu e as meninas ficamos um pouco na lanchonete conversando.

— Lhaura, o motorista esperará por você para levá-la para casa. Não importa a hora, entendeu? Ele estará à sua disposição. Agora vamos.

Calei-me, pois percebi que não haveria argumentos, ele já tinha definido meu roteiro da tarde. Achei lindo os cuidados e preocupações comigo, e realmente comecei a me sentir uma verdadeira princesa.

A elegante picape preta parou bem em frente do prédio onde era o ensaio. Os alunos já estavam chegando, inclusive Belle e Margot, e assim que elas viram o Felix descer do carro, pararam e esticaram os lábios, sorrindo exageradamente. Felix abriu a porta do carona, estendeu a mão e me ajudou a descer. Vi todos me olharem, e piorou quando recebi um beijo no centro da testa. Minhas bochechas arderam, e envergonhada, fiquei sem saber o que falar e sem poder encarar a multidão que me observava.

— Vá lá e brilhe, você é a única estrela deste céu. Até amanhã. — Ele me encarava com um olhar tão apaixonado que quase me joguei nos braços dele. — Quero o número do seu celular. — Estava tão encantada que nem percebi que ele já estava com o celular na mão. Verbalizei o número, e imediatamente meu celular tocou. — Pronto, você já tem meu número particular, o que precisar é só me ligar.

— Obrigada pelo almoço. — Sou uma anta! Com tantas coisas para dizer só consegui dizer isso? Mas criei coragem e o abracei. Não foi um *abraço*, mas consegui sentir o cheiro dele mais de perto. — Até amanhã. — Praticamente corri e sequer olhei para trás.



5

O elevador parou e as portas se abriram. Margot saiu primeiro e logo atrás, eu e a Belle. Margot claramente estava com pressa, pois me puxou pela mão e praticamente saí tropeçando nos meus calcanhares para acompanhá-la. Ela caminhou diretamente para a lanchonete, e Belle nos seguiu falando com as minhas costas.

— Quando você ia nos contar sobre o todo gostoso? — Eu olhei atrás de mim e a fitei com um olhar de quem não está entendendo nada.

— Do que você está falando? Que gostoso?

Margot parou e se virou, olhando para mim. — Não se faça de desentendida, queremos saber todos os detalhes, até os mais sórdidos.

Paramos em frente a nossa mesa favorita, e eu fui praticamente empurrada para me sentar no canto, de onde não poderia sair caso quisesse me livrar do interrogatório. Dei de ombros, tomando a decisão de ser vaga.

— Não sei do que vocês estão falando.

Margot exalou um suspiro pelo nariz, parecendo irritada. Caminhando ao redor da mesa, ela se sentou ao meu lado. Belle sentou-se do outro lado e ficou me encarando, como se esperasse por uma grande revelação.

— E aí, como foi? Ele transa gostoso? Doeu? Sangrou muito? — Margot estava quase se debruçando sobre mim. — Como disse, a minha primeira vez foi um desastre... — Ela sorriu amarelo, meio sem jeito. — Anda, *caralho*, fala logo! Foi bom ou não?

— O pau dele é grande ou pequeno? — Belle se debruçou na mesa, chamando minha atenção, e fiquei perdida no meio de tantas perguntas. — Ele foi carinhoso?

— Parou! — Quase gritei... de nervoso. — Não transei com o Felix, mas que merda! Será que um homem não pode simplesmente ser só amigo de uma moça, sem ter outro tipo de interesse?

— Não!

A duas responderam ao mesmo tempo. Fiz cara de desânimo.

— Querida, um homem só quer ser amigo de uma mulher se ela for feia e pobre, pois se ele for um lascado e a feiosa for rica, ele a come com interesse na grana dela.

— Af! Quanta maldade, Margot! Há, sim, amizade entre um homem e uma mulher, nem sempre é interesse sexual — disse com impaciência, pois sabia que elas eram assim, que sempre achavam que fulano queria comer cicrana quando percebiam uma certa aproximação.

— Aff digo eu! Quanto inocência! — Belle ironizou. — A Margot tem razão, o Felix quer comer você, e se ainda não comeu, vá se preparando, pois logo, logo ele estará entre as suas pernas,

socando aquele pau dourado com força na sua xoxota virgem.

— Ele não é assim, ele é um cavalheiro...

Elas começaram a gargalhar e isso me irritou muito. Só não me levantei porque a Margot estava impedindo minha passagem.

— Oh, sua anta, ainda não percebeu o jogo dele? Ele está se fazendo de morto *pra* comer o coveiro, e esse negócio de cavalheiro não existe. Homens como o Felix, quando querem uma mulher, pegam e comem, simples assim. E você é a próxima da lista.

— Eita, onde você encontrou essa frase "Se fingir de morto pra comer o coveiro"? De onde veio isso? — Belle olhava para Margot com uma expressão divertida.

— Escutei meu pai falar e gostei. Resolvi copiar. — Olhou ligeiramente para Belle por pouco tempo, pois logo sua atenção retornou para mim. — Você deveria se sentir lisonjeada em ser a próxima do Felix. Sabia que ele não fica com uma garota daqui há muito tempo? A última foi quando ele tinha dezenove anos, ela era miss...

— Como sabe disso? — perguntei.

— É, também quero saber. Como a senhorita sabe disso, Margot?

— Duas antas... Eu pesquisei logo que eu vi o interesse dele na Lhaura. Fui à caça, e sei que em breve a Lhaura será uma celebridade e nós pegaremos carona no sucesso dela.

Louca!

Margot era uma sem noção. Nem que fosse verdade, não queria ser famosa só porque o Felix transou comigo.

— Enlouqueceu? Vocês duas estão completamente loucas, o Felix é meu patrocinador e da escola, e o único interesse dele é me ajudar com o meu ingresso na escola de música de Londres. Sou apenas um investimento, só isso. Tirem essa ideia da cabeça maldosa de vocês, ele não se interessaria por uma adolescente. Não com tantas mulheres lindas correndo atrás dele.

— Idiota! — Belle bateu na mesa, chamando minha atenção. — É aí que está o gostinho, pois você é novinha, cheirando a leite, virgem, recatada e boba. Homens como o Felix adoram esse padrão, acho que é por isso que ele ainda não te comeu.

— Também acho, ele quer amaciar a carne primeiro.

— Pare, Margot. — Olhei para ela e depois para Belle. Era muita maldade, e elas eram minhas amigas, por isso fiquei imaginando o que as outras pessoas estariam pensando. — O Felix não é assim, pelo menos não comigo. Ele é um cavalheiro, um príncipe. — Engoli a raiva e o choro, porque já estava a ponto de começar a chorar.

— Oh, Deus! Você está apaixonada! Não posso crer, minha amiga está apaixonada.

Margot me abraçou. Belle segurou minha mão e começou a acariciá-la.

— Juro que se esse Felix Santini magoar você faço a caveira dele em todas as redes sociais. Juro, amiga. — Senti a carícia das mãos da Margot nos meus cabelos. — Ele ao menos está demonstrando algum interesse em você? Digo, interesse não sexual ou comercial?

Agitei a cabeça em afirmação.

— Viva! — Belle ritmou batuques na mesa com as mãos. — Ele não é idiota, pois você é linda, talentosa, meiga e virgem. Não é sempre que se encontram tantos atributos em uma mulher. Ele é esperto! Oh, amiga, estamos tão felizes por você.

— Ei, se acalmem. O Felix não me disse nada, tampouco demonstrou algum interesse. Ele é bastante seguro, só escutei uma conversa dele com o papai...

— Que conversa? Ah, nos conte, juramos que não diremos nada para ninguém. — Margot ficou eufórica e logo suas mãos estavam cercando meus braços, me sacudindo.

Elas não guardariam segredo.

— Não. Foi uma conversa particular, que nem poderia ter escutando, portanto, não vou contar nada. — Olhei para a garçonete e a chamei. Ela veio e logo minhas amigas se calaram.

Fizemos nossos pedidos e, para minha salvação, três amigos se juntaram a nós, na nossa mesa, entre eles o Saulo. Ele era muito a fim de mim, e assim que a Margot se levantou para ir ao banheiro, ele aproveitou e assumiu o lugar dela ao meu lado.

Ele já estava se sentindo o rei do pedaço, pois passou o braço por trás de mim, recostando-o no encosto da cadeira, o que lhe deu uma certa intimidade. Aquilo me incomodou, mas permaneci no lugar e só me afastei um pouco.

Na segunda rodada de milkshake meu celular tocou.

— Alô!

— Lhaura, estou aqui fora da lanchonete. Assim que quiser ir embora, pode vir.

Fiquei surpresa. Era o Felix, e não esperava por ele, pois ele tinha dito que não viria me buscar. De onde estávamos dava para ver perfeitamente toda a rua, e quem estivesse lá fora nos via também. Então, olhei para o lado de fora e vi a pick-up do Felix estacionada do outro lado da rua. Acenei.

Felix estava olhando na nossa direção. Ele acenou de volta, desligou o celular e abriu a porta do carro, descendo do veículo.

Felix tinha trocado o terno. Estava vestido de preto, o que o deixou extremamente sexy e com um ar perigoso. Atravessou a rua e seguiu para a lanchonete.

Meu coração disparou. Assim que o viu, Belle gritou e recebi um chute na perna.

— Senhor Felix, que surpresa! — Todos pararam de conversar de repente e ficaram olhando embasbacados para ele. Em contrapartida, o Felix só olhava para o Saulo, seriamente.

— Como vai o seu pai, Saulo? Ele já voltou de Londrina? — Felix estava zangado. Foi seco com o Saulo, acho até que teria arrancado o rapaz do meu lado se pudesse.

— Olá, Felix. Sim, já voltou. — Saulo não percebeu a secura do Felix, ou se percebeu estava se divertindo com isso. Ele era cínico e metido a garanhão. O seu pai era um dos fazendeiros mais bem-sucedidos da região, só perdia para a família do Felix.

— Lhaura, você já acabou? Precisamos ir. — Felix esticou o braço e ofereceu a mão para que

a pegasse. Estranhei o modo como falou comigo. Ele estava ríspido, frio. — Vem, tenho um compromisso daqui a pouco.

— Não se preocupe, eu a levo. Estou de moto. — Saulo sorriu cinicamente e recebeu um olhar fulminante, e pensei até que o Felix o puxaria com violência e lhe daria uma surra ali mesmo.

— Obrigado, mas a responsabilidade de levá-la para casa é minha. — Senti uma mão forte segurar a minha. Felix segurou a minha mão com tanta força que meus dedos estalaram. Fui puxada e forçada a me levantar. — Jamais deixaria a Lhaura nas mãos de um moleque como você, Saulo. Passem bem.

— Felix... — Fui levada pelas mãos poderosas do Felix e nem pude me despedir dos meus amigos, só escutei a voz da Margot me chamando. — Felix, não paguei minha conta.

— Não se preocupe, eu pago — articulou com rispidez. Fomos até o caixa e ele abriu a carteira, puxando uma nota de cem reais. — Fique com o troco — falou para a moça do caixa.

Ele me abraçou, juntando nossos corpos, e atravessamos a rua. Abriu a porta do carro e me ajudou a entrar, colocou meu cinto de segurança e deu a volta, assumindo o seu lugar ao volante.

— Felix...

Ele não respondeu. Ligou o carro e seguiu em frente.

— Felix, o que aconteceu? Por que está me tratando assim?

Ele exalou um suspiro pelo nariz, parecendo irritado.

— Lhaura, fique quieta. Vou deixá-la em casa como prometi ao seu pai. Amanhã nós conversamos, hoje estou nervoso demais para conversar qualquer coisa com você! — Ele pôs uma música bem relaxante e seguimos em silêncio.

Chegamos em frente à minha casa. Ele desceu e me ajudou a descer, me levando até o portão. Pensei que ele fosse entrar, mas não entrou, apenas beijou a minha testa e me desejou boa noite. Foi embora sem ao menos olhar para trás.

A porta se abriu, e ampliei meus olhos de surpresa. Era o papai. Ele esticou o pescoço para ver quem estava comigo, mas só viu a traseira da picape do Felix indo embora.

— Por que o senhor Santini não quis entrar?

— Estava com pressa, tem um compromisso. — Foi o que ele me disse, mas depois de toda a sua frieza, eu começava a duvidar disso.

Por que será que ele ficou tão zangado?

Assisti o papai trancar a porta da frente e, em seguida, passar na minha frente e caminhar de volta para a sala, seus olhos castanhos parecendo felizes.

Ele se sentou na sua velha poltrona reclinável e me olhou com um olhar brilhante, de puro contentamento.

— É impressão minha ou o senhor está sorrindo? — Eu o segui, ficando de frente para ele e avaliando toda a sua expressão facial.

— Só porque estou velho não posso sorrir uma vez ou outra? — Papai me deu uma olhada

irônica. Ele geralmente nunca sorri, isso era muito raro. Ou passou a ser desde que a mamãe faleceu.
— Estou empregado, e que motivo maior para sorrir de orelha a orelha?

— Como assim? — Fiquei espantada, pois fazia anos que o papai não conseguia algo fixo. As poucas contas que sobraram eram de pequenas empresas da região, e o que ele recebia mal dava para pagar nossas despesas.

— Hoje à tarde fui conversar com o senhor Santini, e ele me ofereceu três contas novas. São algumas empresas que fazem parte do grupo Santini, mas o bom de tudo isso é que ganharei o triplo do que ganho hoje! Estou tão feliz, filha, você nem imagina o quanto.

E eu, preocupada.

Revirei os olhos, olhando para ele. Há alguns anos teria adorado esta notícia, mas hoje sinto medo e desespero. Será que o Felix não sabe sobre a condição do papai? Não é possível, todos sabem. Papai se entregou à bebida depois que a mamãe faleceu, perdeu a credibilidade no seu trabalho, e só os seus verdadeiros amigos ainda continuam com ele. Mesmo assim, muitos ainda pedem uma segunda opinião para outro contador. Eu só continuei na escola particular porque ganhei uma bolsa integral.

— Eu imagino, sim. — Sim, eu imaginava, ele sempre foi um excelente profissional, mas meu coração estava muito apertado, pois eu tinha medo de que ele fizesse alguma besteira e os Santini o demitissem. Ou pior, acabassem processando-o. — Papai, não acha melhor ir devagar? Converse com o Felix e diga que só pode cuidar de uma conta.

— Lhaura! — Fui interrompida bruscamente. Ele deslizou as palmas das mãos impacientemente sobre as coxas. — Não sou um irresponsável, tampouco o senhor Santini é um inconsequente. E saiba que ele me ofereceu as contas com uma condição.

Engoli a saliva, fitando o meu pai com um olhar curioso e pasmado. Mas que diabo de condição seria?

— Em troca, farei um tratamento em uma clínica especializada e terei que frequentar o A.A. Ainda tenho que aceitar ser observado por alguém da confiança dele. — Ele respirou fundo. Sei o quanto isso era deprimente para ele, como também sei que ele lutava todos os dias para não sucumbir à vontade de beber.

— O senhor aceitou, assim mesmo?

— Claro, tudo será pago por ele. Lhaura, ninguém me daria uma oportunidade e nem se preocuparia em me ajudar desse jeito. — Ele se levantou e veio até mim, abraçou-me, beijando com carinho o alto da minha cabeça. — Filha, logo, logo você será uma violoncelista mundialmente famosa e não quero que você sinta vergonha de mim. Quero estar ao seu lado de cabeça erguida e quero que sinta orgulho de mim.

— Oh, papai. — Abracei-o fortemente, mas tão apertado que senti sua respiração ofegar. — Nunca me envergonharia do senhor. O senhor é meu orgulho, e não precisa se humilhar para manter as aparências, eu o amo do jeito que é. Só quero que seja feliz, papai.

As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto e logo a camisa azul do papai ficou encharcada delas.

— Minha menina, não chore. Hoje é dia de alegria, e para comemorarmos, fiz a sua comida preferida para o jantar. — Eu o encarei, ele segurava meu rosto com as mãos e os seus olhos marejados me fitavam com total admiração e amor.

— Purê de batata doce com carne de sol desfiada? — Tinha várias comidas favoritas, mas dentre elas, esta era a que mais gostava. A mamãe sempre fazia quando ultrapassava os meus limites nas aulas de música.

— Sim. Pedi para a vizinha preparar a carne, mas fiz o restante, e pelo cheiro, sei que está uma delícia.

Felizes, fomos para a cozinha. Ajudei a montar a mesa. Usamos nossa porcelana holandesa e as taças de cristal. Estávamos comemorando um novo ciclo e talvez a nossa volta por cima, então por que não nos dar ao luxo de usarmos a nossa louça cara? Papai estava sorrindo, brincando, contando piadas, tagarelando... Estou feliz, há muito tempo que não o via assim, e devia isso ao Felix. Ele me proporcionou essa alegria.

Eu o amava... e queria ser dele.



6

Já fazia duas semanas que o Felix cumpria com a sua rotina de vir me buscar no colégio para almoçarmos juntos, de me levar para o ensaio e depois me levar de volta para casa. Depois do incidente com o Saulo na lanchonete, ele não permitiu mais que o motorista fosse me buscar. Até tentei descobrir os motivos pelos quais ele ficou tão zangado, no entanto, sua resposta era o silêncio e um sorriso carinhoso esticado nos lábios. Desconfiava que ele tenha ficado preocupado com os olhares do Saulo para mim, pois este tinha uma reputação ruim. Ele era encrenqueiro e andava com um grupo de rapazes arruaceiros. De qualquer forma, até gostei, pois assim o Felix passou a ficar mais tempo comigo.

— Lhaura! — Olhei para o lado. Estava em frente à saída principal do colégio, e meu amigo Luiz Alberto estava vindo na minha direção.

Estava esperando o Felix vir me pegar para irmos almoçar, e ele estava dez minutos atrasado. Acenei para o Luiz.

— Oi, não vai para o ensaio? — perguntei e antes que pudesse me prevenir, o vento soprou forte e os fios do meu rabo de cavalo voaram sobre meus olhos e boca. — Merda!

— Deixa que eu ajudo. — Ele sorriu, afastando os fios dos meus cabelos do meu rosto, pois minhas mãos estavam ocupadas segurando meu violoncelo e mais duas pastas. — Nossa! Você cheira gostoso. — Ele aproximou o nariz do meu pescoço e inspirou profundamente. — Cheiro de anjo. — Sorrindo, ele fixou os olhos nos meus, varrendo meu rosto longamente. — Você é linda, Lhaura. Sabe disso, não é?

— Luiz... — Limpei a garganta. Fiquei sem graça com o elogio e me afastei um pouco. — O que ia me perguntar mesmo? — disfarcei.

— Preciso de sua ajuda com os arranjos da nossa apresentação. Será que você poderia ir lá em casa no sábado à tarde? Você sabe que sou ruim *pra* cacete com essa merda de violino. A minha paixão é bateria, não sei por que o senhor Otaviano escolheu essa merda de instrumento *pra* mim.

Hoje era o dia dos encontrões. Um dos pirralhos do quinto ano passou correndo e tropeçou em mim, e eu fui jogada em cima do Luiz. Para que não caíssemos, ele me abraçou.

— Está segura. — Novamente fiquei sem graça, pois estávamos com os corpos tão juntinhos que nem o vento passaria entre nós.

— Obrigada.

Repentinamente fui puxada com força dos braços dele. Foi como ser atropelada por um trator, e em segundos já estava nos braços do Felix, com o rosto de encontro ao seu peito, sentindo o seu cheiro delicioso.

— O que pensa que está fazendo, seu moleque? Como ousa tocar nela? — Juro que tentei me

afastar e defender o Luiz, mas as mãos dele pressionavam o meu corpo contra o seu. — Tente fazer isso outra vez e se arrependerá.

— Senhor... Senhor Felix, eu só...

— Cale-se e guarde suas explicações para você! Toque nela outra vez e conhecerá a ira de um homem de verdade.

— Só quis ajudar.

— Está avisado.

A vergonha me tomou. Eu sabia que todos do colégio estavam nos olhando e sabia que no dia seguinte seria o assunto da vez. E o coitado do Luiz, ele só quis me ajudar.

— Vamos, Lhaura. — Felix tomou minha mão e me puxou em direção ao carro.

Olhei para o Luiz e movi os lábios, murmurando silenciosamente um "desculpe". Estava tão envergonhada que baixei a cabeça e segui o Felix feito um cachorrinho na coleira.

Entrei no carro. Ele verificou o cinto e assim que se certificou de que estava segura, fechou a porta do carona e deu a volta para o seu lugar.

— Felix, o que foi aquilo tudo? — indaguei, tentando manter a voz calma.

— Aquilo foi um homem protegendo uma mulher de um moleque aproveitador —ele explicou em um tom normal. — Já percebeu que isso está se tornando um hábito?

Balancei a cabeça negativamente, forçando um olhar desafiador.

— Isso foi uma indireta, Felix? — bradei — Pelo que estou entendendo, você está se referindo ao Saulo? Pois, que eu saiba, não pedi para que me protegesse, sei perfeitamente me defender sozinha. E tem mais, tanto o Saulo como o Luiz são meus amigos, eu os conheço desde que comecei a estudar no colégio.

Ouvi-o puxar uma respiração impaciente e olhei para ele irritada, vendo um sorriso indulgente nos seus olhos.

— Você não precisa, hein? — ele respondeu ironicamente. — Sabe o Saulo? Ele é um filho da puta viciado em cocaína, que adora pegar as garotas à força, e só não foi processado porque o pai dele tem dinheiro suficiente para comprar o silêncio de suas vítimas. E o santinho do Luiz está louco para te levar para a casa dele e fazer o que ele sempre faz com todas: seduzir, comer e dispensar. Quer pagar *pra* ver?

Levantei o queixo ligeiramente, mas não respondi. Desviei os olhos para o sentido contrário, tentando digerir toda a merda que ele tinha despejado na minha cara.

Será que estamos tendo a nossa primeira discussão? Sem ao menos sermos namorados?

Ele continuou guiando o carro calmamente até chegarmos no estacionamento do restaurante.

— Lhaura, me desculpe. Eu sei que exagerei, mas... — Respirou fundo, me olhando com certa diversão e arrogância. — Aqueles pirralhos me tiraram do sério. Não gostei nada de vê-los tocando em você, eles nem são dignos de olhar para você — comentou, olhando ao redor. — A verdade é que a minha vontade era de bater neles, coisa que os pais não fizeram. Não gosto de homens que não

sabem tratar bem uma mulher, tenha ela a idade que for.

Senti meu coração bater forte, em uma enxurrada de emoções. Bateu-me uma incerteza sobre o que fazer. Eu o amava e já não estava suportando esta situação. Por que ele não tomava a iniciativa? Que droga! Era tão simples, bastava dizer que estava apaixonado por mim.

E de repente, acho que Deus escutou a minha súplica, pois ele se aproximou de mim, estreitando seus olhos, me olhando fixamente.

— Por você, Lhaura, eu mataria! Não tenha qualquer dúvida sobre isso — ele ressaltou, mas senti temor. Não sei se gostei de escutar isso. Não quero ninguém matando por minha causa, embora tenha sido bom saber o quanto era importante para ele. — Ok, tudo certo? Então, vamos almoçar, a nossa tarde será curta.

Ele me fez esquecer todos os mal-entendidos, e em questão de minutos, já estava sorrindo, olhando para ele hipnoticamente, desejando-o arduamente. A cada sorriso dele suspirava. A cada gesto, toque, olhar, tinha a certeza de que estava completamente apaixonada por ele. Eu o queria tanto que já não estava suportando aquela distância.

Não entendia o porquê de ele não confessar que estava apaixonado por mim. Já sabia disso e não precisava que ele me provasse nada.

— Lhaura... Lhaura, querida. — Escutei sua voz chamando meu nome.

— Sim. — Olhei para ele, sorrindo, transbordando amor. Sabe aquele olhar suplicante? Era o meu, praticamente implorava por um beijo.

— Quer mais alguma coisa? — Ele olhou para o meu prato vazio e depois para mim. — Você está bem? — Acho que estava parecendo uma boba, olhando para ele daquele jeito, mas o que podia fazer? Meu coração não batia mais, ele gritava por ele.

Sim, claro. Gritos descompassados de desejo. Não queria ser apenas a mocinha talentosa que ele iria patrocinar, queria ser tudo para ele.

Será que não estava sendo clara? Será que não transmitia para ele o quanto o queria? Ou talvez ele tenha se dado conta de que não era o que ele pensava. Deus! E se for isso, o que faço com todo esse amor que sinto por ele?

— Lhaura! — Ele encostou o dorso da mão na minha testa. E quando percebi, uma lágrima escorregou dos meus olhos. — Lhaura, o que está sentindo? — Ele amparou a lágrima com o dedo e logo depois seus dedos estavam acariciando a minha pele. — Disse algo que te magoou? Perdoe-me, sou um monstro. Não mereço viver se fiz isso.

Oh, Felix! Por que você tem que ser tão doce?

— Não, estou bem —, disse com voz baixa, e ele pegou uma mecha da minha franja longa, moendo-a entre os dedos. — É bobagem, só lembrei da mamãe. — Por que disse isso? Não sei nem inventar uma desculpa. E agora, o que faço? — Não, não quero mais nada, estou satisfeita. Acho melhor irmos, pois hoje não posso me atrasar, é meu último ensaio para o processo seletivo para ingressar na escola de Londres.

Ele soltou meu cabelo, encostando-se na cadeira, e ficou me observando por alguns segundos.

Isso me deixou nervosa.

— Lhaura, hoje você vai jantar comigo, a pego às dezessete horas. — Fixei meus olhos nos dele. Ele estava sério, nem piscava. Como assim, jantar?

— É sério isso? — Ele balançou a cabeça, afirmando. — Aqui?

— Não, na capital, por isso sairemos cedo. Não se atrase. — Ele se levantou.

— Ei, espere só um minuto — inspirei. — Como assim, jantar na capital? — Ele voltou a se sentar. — Eu... eu não posso ir — inspirei outra vez. — Almoçar aqui com roupas de colegial até pode ser, mas sair daqui e ir para a capital e jantar em um restaurante fino com as roupas de adolescente que tenho, nem pensar! Sei que vai dizer que não se importa com o que estou vestindo, mas eu me importo. Sinto muito, se você quiser jantar por aqui mesmo, até posso aceitar, mas na capital, não.

Ele revirou os olhos, impaciente. Seus dedos tocaram os meus e as minhas mãos foram cobertas com delicadeza pelas suas mãos.

— Lhaura, eu a pego às dezessete horas. Esteja pronta, é só isso que tenho a dizer.

— Co-como assim!? — Ele se levantou e rapidamente me ajudou a sair da mesa. — Felix, espera...

— Vamos, não quero que se atrase. — Fui puxada pela mão e até tentei detê-lo, mas ele estava decidido a encerrar o assunto.

Entramos no carro, e depois de se certificar que estava segura, ele seguiu a caminho do local do meu ensaio.

Hoje seria apenas eu no ensaio. Era sexta-feira, e os ensaios eram direcionados à minha apresentação para os representantes da escola de música de Londres. Meu horário era das treze e trinta às quinze e trinta.

Já na entrada do prédio, Felix parou e me virou de frente para si.

— Às quinze e trinta meu motorista estará aqui te esperando. Por favor, não se atrase. Infelizmente não poderei vir buscá-la, mas estarei na porta da sua casa pontualmente, às dezessete horas. — Beijou minha testa. — Vá lá e brilhe. — Apontou para a porta de entrada do prédio.

E foi assim nossa despedida. Ele simplesmente se virou e foi embora, sem olhar para trás, deixando-me sem saber o que fazer.

Como iria a um jantar fino com as roupas que eu tinha? Ele era louco, sim, ele era louco, e eu mais ainda por aceitar tal absurdo sem ao menos protestar. Se pelo menos tivesse algum dinheiro, poderia ir em alguma boutique comprar algo apresentável, mas isso estava além dos poucos recursos que tinha. Talvez, quem sabe, uma das minhas amigas pudesse me emprestar algo que pudesse usar. Quando chegasse em casa ligaria para elas.

Horas depois, o motorista do Felix tinha acabado de me deixar na frente de casa. Abri a porta e deixei a chave na mesinha de canto, dentro de um cestinho.

— Papai! — Eu miro os olhos para cima, em direção ao andar superior. — Papai, cheguei. — Não ouve resposta, lá em cima não havia ninguém.

Joguei minha mochila no sofá e despi a blusa do meu uniforme, seguindo para a cozinha. Me servi de um copo com suco de maracujá e voltei para a sala.

Onde o papai estava? Ele não era de sair sem me avisar antes.

Meu celular tocou. Busquei ele na mochila, e era o papai.

— Pai, onde o senhor está?

— Oi, querida, estou trabalhando. Felix me ofereceu uma sala em um dos escritórios que fica na cidade. É a dez minutos de casa, por isso achei melhor vir trabalhar aqui, assim não preciso levar tanta tralha para casa. — Ele fez uma pausa. Escutei a voz de alguém o chamando. — Princesa, chegou uma encomenda para você, está no seu quarto...

— Papai — eu o interrompi. — Felix me convidou para jantar, e escuta essa, na capital. Ele só pode estar louco...

— Querida, eu sei, ele me ligou logo cedo pedindo permissão. Ei, vai dar tudo certo. Ele cuidará bem de você, confio nele. Divirta-se. Agora preciso desligar. Um beijo, meu amor.

Como assim, ele pediu permissão?

Para tudo! Que porra estava acontecendo com ele?

O Felix tinha premeditado tudo. Quando ele me pegou na escola já tinha tudo planejado, e o pior, o papai havia concordado. Só posso estar sonhando. E agora, o que eu faço?

Que roupa usaria?

Antes de ligar para as minhas amigas precipitadamente, era melhor verificar se no meu armário há algo que possa vestir. Conhecendo a Margot e a Belle como eu conheço, sabia que elas fariam um interrogatório com uma porção de perguntas cabeludas.

Abri a porta do meu quarto e antes mesmo de pôr os pés dentro dele, meus olhos miraram alguns embrulhos sobre a cama. Eram vários.

Mas o que é isso?

Aproximei-me, olhei para cada detalhe. Três cabides cobertos, três caixas que pareciam de sapatos, e mais alguns pequenos embrulhos embalados com papel de seda negro e fita de cetim vermelha.

Olhei para o lado, e havia um envelope com meu nome. Peguei-o, abri-o e retirei de dentro dele um papel com uma textura delicada. Logo acima eu vi o timbre com as iniciais FS, e o meu coração palpitou. Comecei a ler.

Lhaura,

Antes de qualquer pensamento, quero afirmar que não me importo se está vestida com roupas luxuosas ou simples. Não vejo suas roupas. Vejo você, só você, mas eu entendo sua vaidade e quero vê-la feliz, por isso tomei a liberdade de comprar esses três vestidos com todos os acessórios necessários. Sei que ficarão perfeitos, pois antes de comprá-los liguei para o seu pai e perguntei tudo que a vendedora da loja precisava saber para fazer as escolhas certas. Espero que goste, são seus. Esteja pronta no horário combinado.

Beijos,

Felix Santini.

Este homem é um sonho, um sonho lindo...

Abri o zíper da primeira capa e puxei o que estava no seu interior. Os meus olhos brilharam de alegria. Fiz o mesmo com o segundo e depois com o terceiro. Vendo-os sobre a cama, eu já sabia qual deles eu vestiria.

Passei para as caixas maiores, que com certeza eram os sapatos, e depois para os pequenos embrulhos.

Estava completamente encantada com a delicadeza de cada uma das peças. Como ele sabia dos meus gostos se nem o papai sabia?

No primeiro cabide havia um vestido midi preto e justo, que já veio com os colares e pulseiras douradas em ouro velho, combinando com uma pequena bolsa dourada em paetê transparente. Os sapatos... quase gritei quando os vi. Um par de botas coturno de couro, de salto alto... Não me restou dúvida de que usaria este look.

No segundo cabide havia um vestido floral longo e justo no corpo, transpassado até o meio das costas com tirinhas finas, e uma sandália Anabela vermelha, com acessórios lindos que combinavam perfeitamente. O terceiro cabide também me encantou, era uma saia de couro preta com abertura frontal, fechada de cima a baixo por um zíper metálico, uma blusa de alças finas de seda vermelha e uma bota de cano alto e saltos finos. O vestido preto foi o meu escolhido para esta noite e veio acompanhado por um cardigan quimono na cor pérola, com detalhes pretos na barra.

Olhei para o relógio. Eu tinha uma hora para tomar um banho e me arrumar.

Agora já estava completamente pronta, me olhando na frente do espelho. Maquiada de um modo não muito exagerado, apenas o suficiente para dar um ar de saúde à minha pele pálida, e para destacar os meus lábios cheios. Resolvi usar um batom vermelho e caprichei na sombra para dar um "up" nos meus olhos claros. Para finalizar, prendi o cabelo no alto da cabeça. Dei um giro em torno de mim mesma, pois queria realmente me certificar de que aquela que me olhava de volta no espelho era eu. Aquela Lhaura com carinha de menina tinha desaparecido, e diante de mim estava uma linda mulher que aparentava ter uns vinte e três anos. O resultado foi bastante satisfatório para mim.

Só esperava que o Felix também gostasse.

Meu celular tocou. Abri a pequena bolsa e atendi.

— Lhaura, já cheguei. Estou em frente à sua casa. — Olhei para o relógio, dezessete horas em ponto. Ele era pontual mesmo.

E o papai? Ele não viria me ver? Poxa!

Fiquei triste, mas me conformei e comecei a descer as escadas. Quando chegasse no carro ligaria para ele.

Abri a porta da frente e saí.

Por Deus! Lá estava ele, de pé ao lado da porta do carona. Lindo e vestido em um terno azul marinho, ajustado no corpo. Tão elegante, tão gostoso...

Seus olhos brilharam de satisfação quando me viram, e ele abriu um sorriso de orelha a orelha. Ele respirou profundamente, seus braços cruzados sobre o peito enquanto olhava diretamente para mim.

Lentamente, ele moveu os pés e caminhou até parar na minha frente. Seus olhos passearam por todo o meu corpo. Ele estendeu a mão, correndo a palma sobre a minha bochecha, e se inclinou, me olhando longamente. Sua mão tocou meus cabelos e ele puxou o elástico do meu rabo de cavalo. Meus cabelos longos desceram como cascatas, cobrindo meus ombros até chegarem aos meus seios.

O canto de sua boca se inclinou em um sorriso.

— Agora sim, está perfeito. — Suas mãos desceram sobre os meus ombros, acompanhando a sedosidade dos meus fios.

Fiquei olhando para ele, esperando para ver o que ele faria em seguida. Iria me abraçar? Beijar? Talvez um beijo simples na testa?

Mas ele não fez nada disso, apenas pegou a minha mão, virou-se e me guiou até o carro. Minutos depois nós estávamos a caminho da capital.

— Relaxe, Lhaura, a noite será linda, assim como você. Apenas feche os olhos e descanse, que prometo desviar de todos os buracos. Não pense em nada. Quer dizer, você pode pensar em mim. Aliás, deve pensar em mim, pois eu vivo pensando em você.

Ele sorriu divinamente. Depois pegou a minha mão e a levou para a coxa, segurando-a lá, acariciando-a, apertando-a. Isso foi tão relaxante que eu encostei a cabeça no descanso de couro do banco e fechei os olhos.



7

Acho que adormeci por um breve momento, pois o toque leve da mão do Felix sobre a minha me fez abrir os olhos, e vi luzes na minha frente. Inclinei meu corpo e tentei olhar ao redor. Estávamos diante de uma linda casa toda iluminada, e sinceramente, ela não se parecia em nada com um restaurante. Escutei o som da porta do carro bater, Felix tinha descido. Em seguida, minha porta também foi aberta, e ele me ofereceu, com um lindo sorriso nos lábios.

— Chegamos, minha princesa. — Aceitei a delicadeza e desci do carro, meus olhos varrendo toda a extensão do local.

Era uma linda casa de dois andares, ampla e alta, com um lindo jardim cercando-a por todos os lados. Bem em frente a ela havia um lindo chafariz iluminado, onde cores dançavam brincando em cascatas iluminadas. Três carros estavam estacionados ao lado do nosso.

Onde estávamos?

Olhei para ele com uma interrogação bem grande estampada na face, mas ele apenas me ofereceu um olhar caloroso, deixando a minha pergunta no ar.

— Sorria, linda princesa, pois hoje você conhecerá os seus súditos. — Ele estava falando através de metáforas, e eu não sabia se gostava disso ou não.

Ele pegou a minha mão e caminhamos em direção à casa. Subimos as escadas e ficamos em frente a uma enorme porta pesada de madeira, que ele abriu. Entramos, e imediatamente fiquei embasbacada, pois havia uma sala enorme e muito bem decorada diante dos meus olhos. Nunca tinha visto algo tão lindo, a não ser em fotos e filmes.

— Boa noite, senhor Felix. Seja bem-vindo. — Um senhor de cabelos grisalhos e vestindo um terno negro veio nos receber. — Senhorita Lhaura, posso? — Ele sabia o meu nome! Apontou para meu casaco, e o deixei retirá-lo dos meus ombros.

— Boa noite, Edgar. Onde estão todos? — Felix sorriu para o senhor, e eu fiquei ali, parada, sem entender uma vírgula.

— Na outra sala, senhor. Estão à sua espera — o senhor gesticulou e saiu em silêncio.

— Felix, você pode me explicar o que está acontecendo? Isso aqui não se parece em nada com um restaurante. — Eu queria muito descobrir o que era aquilo tudo. Olhava para o Felix esperando uma resposta.

— Minha querida, a convidei para um jantar, foi você que supôs que seria em um restaurante. — Ele entrelaçou meu braço no dele, acariciou o dorso da minha mão e sorriu. — Sorria, Lhaura.

Ele me guiou. Entramos em outra sala, onde havia várias pessoas conversando, bebendo e sorrindo. Quando nos viram entrar, nos deram total atenção.

— Felix, querido, estávamos preocupados com a sua demora. — Uma mulher que aparentava ter uns cinquenta anos, linda, esbelta e elegante, veio até nós de braços abertos e com um sorriso no rosto. Beijou o Felix e olhou encantada para mim. — Nossa! Ela é linda!

Eu a reconheci, vendo-a tão de perto, me lembrei dela. Era Sophia Santini, a mãe do Felix.

— Eu sei, mamãe. A minha princesa é linda e tímida, então parem de olhar para ela como se fosse um ser do outro mundo. — Ele pegou a minha mão e levou aos lábios, beijando-a enquanto seus olhos intensos me acalmavam.

— Desculpe-me, querida, mas é a primeira vez que Felix traz uma moça para nos apresentar e isso quer dizer que ela é muito especial. Venha, vou lhe apresentar a todos.

— Não, mamãe, isso é comigo — Felix interrompeu os passos da mãe e fui puxada outra vez para o seu lado. Percebi que a sua mãe ficou um pouco decepcionada, mas ela baixou os olhos e saiu. Felix olhou na direção para onde ela foi, e eu também, e logo meus olhos encaravam o senhor Lourenço Santini, pai do Felix. — Papai — Felix o cumprimentou. Lourenço gesticulou, sorrindo.

Olhei para o lado direito e vi o meu próprio pai, todo sorridente e orgulhoso. Ele sabia o tempo todo sobre os planos do Felix e não me contou nada. Nossos olhares se fixaram e ele abriu um sorriso meloso, movendo os lábios para dizer silenciosamente um "amo você", piscando um olho em seguida.

— Senhores, senhoras... — Felix apertou a minha mão e começou a falar. Fiquei estática, acho que prevendo os próximos acontecimentos. — Este jantar não foi uma surpresa só para vocês, mas também foi para a convidada principal. — Ele me fitou e piscou um olho. — Como não sou de muitas palavras, serei breve. — Soltou a minha mão, segurou nos meus ombros e ficamos frente a frente. — Esta é a Lhaura, a minha futura esposa, a mulher da minha vida — articulou as palavras sem desviar os olhos dos meus, e eu fiquei muda, trêmula. Mas ainda não tinha acabado, ele colocou a mão no bolso do paletó e de lá retirou uma caixinha de veludo negro. — Lhaura, você aceita se casar comigo em um futuro breve?

Claro, até amanhã se você quiser.

Meus pensamentos rodopiavam na minha cabeça. Eu o queria, e sim, queria ser sua mulher.

— Tá falando sério? — murmurei as palavras. Não conseguia nem me mexer.

— Nunca falei tão sério — respondeu sorrindo, e rapidamente retirou de dentro da pequena caixa um lindo anel, com uma pedra azul central cercada de pequenas pedrinhas transparentes e brilhantes. — Eu me apaixonei por você no primeiro momento em que te vi na sala de ensaios do colégio, e soube ali, naquele momento, que era você a mulher da minha vida. Eu sei que você só tem dezessete anos, mas não tenho pressa, vou esperar o momento certo para que possamos nos casar. Por enquanto, contento-me que seja minha noiva.

Ele colocou delicadamente o anel no meu dedo, e pela primeira vez senti o calor dos seus lábios sobre os meus e o meu corpo inteiro se arrepiou com aquele toque. Com os olhos marejados, o encarei, tentando sorrir sem tremer os lábios.

— Como sabia que iria aceitar seu pedido? — perguntei baixinho.

— Faz algumas semanas que já sei que me quer da mesma forma como a quero. Só precisava

ter a certeza de que aceitaria meu pedido de casamento, pois quero me casar com você antes que vá para Londres, entendeu?

— Mas você...

— Meu amor, depois conversamos sobre isso. Olhe à nossa volta... — Ele me interrompeu e mostrou a pequena multidão que estava louca para nos cumprimentar.

— Ok, mas depois você não me escapa. — Eu o beijei docemente nos lábios. Agora já podia fazer isso, afinal, ele já era meu noivo.

As pessoas se aproximaram. Nos abraçaram, me beijaram, pareciam felizes.

— Filha, me desculpe, mas tinha prometido ao senhor Santini não lhe falar nada.

Estava nos braços do papai, chorando de emoção, enquanto ele tentava se explicar, murmurando no meu ouvido.

— O senhor deveria ter me dado uma pista qualquer, assim não ficaria tão nervosa.

— A culpa foi minha, meu amor. Praticamente o obriguei a guardar segredo. — Felix separou o papai de mim e o abraçou. Depois, seu braço circulou a minha cintura, prendendo-me ao seu corpo.

— Isso não se faz, olha como eu estou! — Estendi o braço e mostrei minha mão trêmula.

— O mais difícil já passou, querida. Agora vocês dois precisam aproveitar. É oficial, vocês estão noivos e estou muito feliz que o primeiro amor da minha filha seja um homem decente, responsável, cuidadoso e muito apaixonado — disse o papai todo orgulhoso e extremamente feliz.

— O primeiro e o último, meu sogro. Esta mocinha aqui será minha para sempre. Está me ouvindo, minha linda noiva? — Ele me olhava fascinado, completamente devoto. Não sei, talvez tenha sido impressão minha, mas o olhar do Felix mudou após ter colocado o anel de compromisso no meu dedo. Ele ficou muito mais intenso, mais possessivo.

— Senhores, o jantar será servido. — O aviso veio do mesmo senhor que nos recebeu na entrada.

A sala de jantar era imensa, assim como a mesa. Eram vinte convidados no total. Estávamos entre casais e alguns poucos homens solteiros, quatro no total, e um deles foi posicionado na minha frente e começou a conversar diretamente comigo. O nome dele era Donovan, primo do Felix.

— Eu soube que você é violoncelista e bem talentosa, é verdade?

Donovan me encarava com uma das sobrancelhas erguida e um sorriso torto nos lábios. Eu o olhava um pouco confusa, quieta, talvez pelo nervosismo por estar entre os parentes do Felix, ou talvez por estar muito mais tímida do que já era.

Ele limpou a garganta, movendo as sobrancelhas para cima, e eu me mexi na cadeira, sorrindo levemente.

— Sou uma aluna aplicada.

— Ela é maravilhosa e será uma estrela — Felix me interrompeu, enquanto mantinha minha mão na sua, e logo senti o calor dos seus lábios sobre a minha pele. — Ela vai estudar em uma das melhores escolas de música do mundo. Logo, logo o seu nome ganhará fama e eu serei o marido mais

orgulhoso.

Ele beijou o dorso da minha mão outra vez, mordendo levemente a minha pele. Isso me deu um calor por dentro, e quase fechei os olhos e soltei um suspiro de excitação. Só não o fiz porque imediatamente percebi que não estava sozinha.

— Felix, não exagere. Sou aplicada e adoro o que faço. — Acho que corei, pois senti minhas bochechas arderem.

— Nossa! O menino prodígio só faltou babar. — Donovan usou de sarcasmo e vi o olhar do Felix mudar, de brilhante para algo obscuro. Senti um calafrio ao ser fitada tão friamente, mas sabia que aquele olhar não era direcionado a mim, pois logo Felix virou o rosto na direção do primo.

— Pois é, alguns homens nasceram para mandar e outros para obedecer. E no meu caso, além de mandar, tive a sorte de encontrar a mulher certa para amar.

Os dois se encaravam, a tensão entre eles era muito evidente, e logo percebi que os dois primos não se davam bem.

Donovan sorriu com deboche e os seus olhos se voltaram para a minha direção.

— Você só toca violoncelo? — ele desconversou. E senti que todos que estavam à mesa, exceto eu e o papai, quase soltaram um suspiro de alívio, dissipando grande parte da tensão.

Felix afrouxou a pressão nos meus dedos, alisando-os, enquanto voltava a comer a massa que foi servida. Todos fizeram o mesmo, menos eu e o Donovan.

— Não, toco outros instrumentos.

— Toca piano? — assenti com a cabeça e voltei a apreciar a deliciosa comida. — Então nos daria o prazer de ouvi-la tocar? Temos um piano na outra sala.

— É verdade, temos um — Sophia disse com um sorriso nos lábios e um olhar brilhante. — Ficaríamos honrados se nos alegrássemos com um pouco de música, minha querida.

— Mamãe, a Lhaura não veio fazer uma apresentação.

— Não — interrompi o Felix rapidamente. — Não se preocupe, amor, eu adoraria tocar um pouco.

Pelo olhar que o Felix me dirigiu, ele não gostou muito de que eu tenha ido contra o seu argumento. Soltou a minha mão rapidamente e voltou a dar atenção à comida. Até o próprio Donovan voltou a comer, e daí por diante o assunto passou a ser trivial. Papai conversava sobre a sua nova função na empresa com dois homens que estavam sentados ao seu lado. Minutos depois já estávamos na enorme sala de visitas que ficava ao lado de um grande jardim de rosas com cores variadas.

Fui apresentada ao piano de cauda. Naquele instante não fiquei nervosa, sequer pensei e tampouco senti a presença de outras pessoas que eu sabia estarem presentes e me observando. Só queria sentir a vibração das notas musicais nos meus ouvidos.

Sentei-me e fechei os olhos, alonguei o pescoço, estalei os dedos, ergui os ombros e... toquei nas teclas do piano. Daí por diante fui para outra dimensão, um lugar só meu.

Ao longe percebi as nuances dos aplausos. Eles eram como acordes suaves, espalhados ao

redor dos meus tímpanos. Somente quando abri os olhos foi que percebi que acabara de tocar as últimas notas de Clair De Lune.

— Bravo! Por Deus! Bravíssimo! — Escutei vozes acaloradas e uma delas era a do senhor Santini. — Lhaura, se o meu filho não tivesse a ótima ideia de patrociná-la, eu mesmo o faria. Que dom, que sensibilidade! A última vez que escutei alguém tocar assim tão perfeitamente foi em Paris.

— Você precisa vê-la com um violoncelo. Acho que até os anjos descem à terra apenas para escutá-la.

Felix argumentava enquanto vinha até mim, me ajudando a levantar. Assim que fiquei de pé, gesticulei agradecendo.

— Obrigada, mas quero ressaltar que ainda sou aluna.

— Meu amor — Felix me interrompeu —, se enquanto aluna é maravilhosa, já imagino quando se formar.

Ele se inclinou e uma das suas mãos segurou o meu queixo, inclinando-o até que conseguisse tocar os seus lábios nos meus. O beijo foi suave, lento e não demorado, como o primeiro que recebi, mesmo assim o meu corpo inteiro respondeu ao seu simples toque. Fiquei imaginando como seria lhe dar um beijo ardente... Corei.

— Não exagere, Felix. Assim você me deixa envergonhada — murmurei.

Ele beijou o alto da minha cabeça e depois passou o braço ao redor dos meus ombros, me guiando até um estofado confortável. Nós nos sentamos e os demais nos cercaram, alguns sentados, outros de pé, mas a conversa cresceu ao meu redor, todos querendo saber de onde veio a minha paixão pela música. É claro que papai fez questão de contar a nossa história e de deixar claro que eu herdei da mamãe esse dom tão especial. Conversamos, rimos. Foi uma noite agradável, me senti em casa e muito acolhida.

Sabia que já estava tarde e comecei a me preocupar com o horário, afinal, seriam horas de estrada e Felix havia bebido. A não ser que ele não tivesse intenção de voltar para Primavera, sendo assim, voltaria com o papai. O que me deixou triste, pois queria ficar a sós com ele, queria experimentar os seus lábios sobre os meus novamente.

Queria um beijo apaixonado, daqueles de molhar a calcinha.

Os convidados começaram a se despedir, e comecei a ficar aflita. Estava chegando a hora de ir embora e com isso se esgotava a minha oportunidade de fechar a noite com chave de ouro.

— Venha, Lhaura, vou te mostrar o seu quarto.

Quarto? Como assim!?

Sophia me estendeu a mão e ficou à espera da minha. Sem entender, pois o Felix não me disse que dormiríamos fora, o fitei, enquanto meus dedos eram envolvidos pela mão delicada e sedosa da minha futura sogra.

— Desculpe-me, querida, era uma surpresa — Felix disse com um riso nos lábios.

— Eu não trouxe roupas, Felix — retruquei num sussurro.

— Eu trouxe, meu anjo — papai respondeu, já se aproximando de nós. — O Senhor Felix me ligou e pediu para que separasse algumas roupas. Sinto muito, mas não podia estragar a surpresa.

Ele sorriu sem jeito, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Seu pai não teve culpa, querida. Eu pedi, não, praticamente o obriguei a não falar nada. — Felix sabia me tirar do chão, bastava apenas um olhar e eu já me esquecia de tudo. — Agora vá com a mamãe que vou levar o seu pai para o quarto dele. — Felix e papai nos deixaram, indo para o lado contrário.

Subimos as escadas e a minha sogra não soltou a minha mão. Seguimos por um corredor bem iluminado, com paredes decoradas com vários quadros, que certamente eram de pintores famosos. Entramos no quarto que seria o meu, um grande lugar com uma cama *king-sized* e muito espaço em volta. Paredes cinza e branco, persianas na cor bege, que certamente eram daquelas que funcionavam a controle remoto. A grande cama estava forrada com uma linda colcha acolchoada, tão branca que doía nos olhos.

— Espero que goste do quarto, ele será seu a partir de hoje. Se desejar fazer alguma mudança é só nos dizer — Sophia disse, se aproximando com um sorriso meigo nos lábios. — Estou muito feliz por saber que o Felix finalmente encontrou você. Ele sempre foi muito exigente, por isso nunca nos apresentou uma das suas namoradas, nós só as conhecíamos através da mídia.

Surpresa, fixei meus olhos no seu rosto. Felix estava me surpreendendo.

— Eu não sabia, sempre achei que o Felix apenas não queria se casar, afinal, ele é tão jovem — articulei.

— Não, ele sempre quis uma mulher para chamar de sua, só não tinha encontrado alguém. — Ela se aproximou e tocou o meu queixo com os dedos, seus olhos avaliando o meu rosto. — Felix a venera e se você o amar de todo o coração, terá um homem jogado aos seus pés. É só se entregar de corpo e alma.

Não sei se queria um capacho. Eu queria um homem que me amasse, mas que tivesse vontade própria.

— Bem, suas roupas estão no closet, vou deixá-la sozinha. Descanse, a noite foi atordoada e você ainda nem teve tempo de admirar o seu lindo anel de noivado. Boa noite, querida.

Sophia se inclinou e beijou o meu rosto.

— Boa noite! — respondi e a vi desaparecer através da porta. Respirei fundo e olhei para o meu dedo, admirando o lindo anel e contemplando o brilho das pedras. Quando Belle e Margot soubessem da novidade iam cair durinhas no chão.

A ficha ainda não tinha caído. Estava difícil de acreditar que o cobiçado Felix Santini tinha me escolhido para ser a sua esposa em meio a tantas mulheres lindas. Por que será que ele escolheu logo a mim, uma adolescente de dezessete anos? O que será que ele viu em mim?

Abri a porta do closet e procurei algo para vestir. Papai soube escolher, ele trouxe minha melhor camisola. Ela era um pouco acima dos meus joelhos, de seda rosa com rendas brancas por todo o decote da frente e das costas. Trouxe também a sacola de cetim com todas as minhas lingeries. Acho que ficou envergonhado de mexer em algo tão íntimo.

Despi minhas roupas e caminhei para o chuveiro localizado entre o quarto e a suíte, que era espaçosa e tinha uma enorme banheira. Fiquei tentada a experimentá-la, mas ainda estava muito eufórica com todos os acontecimentos e o meu corpo no momento pedia cama e uma boa noite de sono. Talvez em um outro dia pudesse experimentar o prazer de um banho com sais e especiarias.

Já estava desenrolando os lençóis, quando alguém bateu na porta. Devia ser minha sogra, na certa queria ter a certeza de que estava bem acomodada, por isso nem me dei ao trabalho de vestir o robe. Ao abrir a porta dei de cara com um lindo sorriso, que já conhecia, e pelo qual estava completamente rendida.

Meu lindo noivo, Felix.

— Vim ver se você está bem. — Ele estava parado na entrada do quarto, me olhando com uma expressão de admiração. Seus olhos não paravam de avaliar toda a extensão do meu corpo, e foi neste momento que me dei conta de que usava apenas uma camisola de seda, que desenhava todas as minhas curvas.

— Entre — disse, quase sussurrando. Afastei o corpo e lhe dei espaço para entrar. —O quarto é maravilhoso e muito aconchegante, estava indo experimentar a cama...

— Oh! Que imbecil eu sou! Você deve estar cansada. Desculpe-me, meu amor. — Ele sorriu torto, coçou a cabeça e se afastou.

Não sei por que o Felix ainda tentava manter distância. Estávamos noivos, ele me quer e eu o quero, por que ele não me pega de jeito e tasca logo um beijão apaixonado?

Dei um passo à frente para me aproximar mais. Ficamos bem próximos.

— Felix... — Minha respiração ficou ofegante. — Por quanto tempo nós vamos lutar contra o que estamos sentindo? Você tem medo de quê? É por causa da minha idade? — Minha voz era quase suplicante, e a expressão dele escureceu com o que poderia descrever como um desafio pecaminoso.

Engoli em seco, pois não dava mais para ignorar os flashes de calor sobre a minha pele.

— Não estou lutando, estou evitando. Eu quero que entre nós tudo aconteça como manda o protocolo. Primeiro o casamento e depois a nossa lua-de-mel. Você será minha esposa, minha princesa, e deve ser tratada com todo respeito — disse ele, me olhando daquele jeito, com veneração.

Suas palavras não eram as de um homem de vinte e cinco anos mais pareciam com as de um homem de setenta. De um tempo em que as moças namoravam na porta de casa, sendo observadas pelos pais e só se casavam virgens. Será que o Felix estava realmente pensando em só me tocar após o casamento?

— Felix, não estamos mais no século vinte, e estamos noivos.

— Ei. — Felix tocou uma mecha dos meus cabelos, me perturbando ainda mais com o movimento inocente, mas que ao mesmo tempo, me deixou com as pernas bambas. — Eu a desejo mais do que imagina, Lhaura. Meu corpo está em chamas, mas eu me conheço e sei que se tocar em você mais do que o necessário, ou a nossa lua-de-mel será adiantada, ou o nosso casamento.

— Então... eu quero que você saiba que está sendo difícil ficar longe de você — disse com a

voz entrecortada.

Ele riu, lento e profundo. — Eu sei que está, não tenha nenhuma dúvida quanto a isso.

Seus dedos desceram pela mecha do meu cabelo até o meu pescoço. Ele podia sentir a minha pulsação acelerada, e tenho certeza de que era capaz de ouvir a minha respiração arfante e rápida. Ficar assim tão perto dele me deixava tonta e trêmula. Seus olhos sedutores varriam o meu rosto, e a sua boca era como um imã. Posso dizer, pela sua linguagem corporal, que ele estava a ponto de perder todo o controle que mantinha às custas de muito esforço. Mesmo assim ele se aproximou mais um passo, fazendo com que os nossos corpos quase se tocassem. Suas mãos seguraram a minha nuca delicada, acariciando a pele sensível logo abaixo da raiz dos meus cabelos.

Fixei os olhos nos seus olhos verdes e profundos e senti que iria me perder neles. Com certeza nunca mais iria querer ser encontrada. A expressão em seu rosto era de puro desejo, um desejo desconhecido para mim, pois só conhecia a rebeldia avassaladora dos garotos da minha idade. Os olhares que eram quentes, mas igualmente inexperientes, típico dos adolescentes loucos para fazer sexo.

Sabia que o Felix era um homem muito experiente, que estava acostumado a dar tudo o que uma mulher precisava, e é por isso que uma dúvida sempre me afligia. E eu, será que lhe daria tudo o que ele precisava? Afinal, sou virgem e mal sei beijar.

— Oh, minha linda e inocente Lhaura — ele interrompeu os meus pensamentos enquanto seus dedos continuavam se movendo pela pele sensível da minha nuca. — Sou um homem muito paciente, apesar de ser bem difícil fingir que não vejo a forma como os seus mamilos ficam duros quando estou perto de você. — Seus olhos vacilaram para o decote da minha camisola. — Como a sua boquinha rosada fica entreaberta quando os seus olhos se fixam aos meus. — Sua voz ficou rouca e os seus olhos brilhavam de uma forma escura.

Estava prestes a abrir a boca para falar, quando senti seu dedo tocar os meus lábios.

— É difícil, meu amor, mas não é impossível, porque eu sou um homem muito controlado. — Estávamos tão próximos que podia sentir o seu hálito. — E agora que estamos aqui sozinhos, eu posso finalmente dizer que estou faminto pelos seus lábios.

Uma das suas mãos tocou a minha cintura e ele me puxou de encontro ao seu corpo musculoso, me pressionando contra a sua evidente ereção. Ele roçava a pélvis suavemente pelo meu corpo, enquanto erguia uma sobrancelha e sorria ao ver a minha expressão excitada.

Ele encostou sua testa na minha, fechando os olhos rapidamente, mas logo os abriu e os fixou aos meus.

— Acho que me esqueci do quanto você é inocente e ainda não conhece os arroubos de um homem completamente excitado e louco por você.

Senti-me uma idiota com o seu comentário. Ele me achava uma adolescente inexperiente. Quase me deixo ser envolvida por lágrimas que ameaçam cair. Resisti.

Sem desviar os olhos dos meus, ele moveu o corpo lentamente, quase como uma dança erótica, o que me permitiu sentir o seu membro duro e grande na altura da minha barriga. Fiquei estática, rígida e assustada, mas também fiquei excitada. Mal conseguindo controlar a minha respiração e as

minhas emoções, minhas mãos pousaram sobre o seu peito, tentando de alguma forma manter um pouco de controle.

— Oh... meu Deus! Felix! — gaguejei as palavras, ainda tomada por uma onda de prazer. Eu o queria tanto, e queria as suas mãos explorando todas as curvas do meu corpo. Queria experimentar de verdade todas aquelas coisas que lia nos livros de romances eróticos.

Enquanto pensava em maneiras de satisfazê-lo, de lhe mostrar que não era tão tapada assim, ele me apertou mais junto ao seu corpo, encaixando uma das suas pernas entre as minhas.

— Está sentindo o tamanho do meu desejo? Não vejo a hora de me casar com você, e de fazê-la minha mulher. De provar o seu sabor, Lhaura. Vou chupar a sua boceta apertada com tanta força que te farei gozar aos gritos — ele murmurou as palavras ousadas enquanto aproximava os lábios dos meus. — Eu a quero loucamente...

O beijo foi ousado e provocante. Felix devorou a minha boca, usando a língua para entreabrir os meus lábios e explorar o interior, sem nenhum constrangimento. Durante todo o tempo, fui dominada por sensações intensas. Um gemido rouco brotou da minha garganta.

— Ah, Lhaura, se pudesse fazer com você as coisas que estão se passando pela minha cabeça agora...

E por que não faz? Faça, eu quero.

Ele se afastou, mas vi no brilho dos seus olhos e no volume da sua calça o esforço que estava fazendo para se controlar. O fitei. Estava confusa, excitada e provavelmente corada, pois as minhas bochechas ardiam. Minhas pernas tremiam e mal conseguia respirar.

Ainda assim, tentei articular algumas palavras, mas conseguiu apenas emitir um gemido aflito. Meus joelhos cederam, e se não fosse o braço forte e musculoso do Felix me aparando, certamente cairia.

— Acho melhor eu ir, ou serei vencido pelo meu desejo. Não quero fazer amor com você antes do nosso casamento — ele disse com tom sufocado.

Faça, por favor. Faça, eu não ligo. Eu quero.

Felix se afastou e agarrou a minha mão, me guiando em direção à cama.

Ele escutou os meus pensamentos. Deus é maravilhoso.

— Meu quarto fica ao lado do seu, se precisar de algo é só me chamar — articulou enquanto me ajudava a deitar e a cobrir meu corpo com a colcha macia.

— Felix... — Ainda estava excitada. Eu o queria, meus mamilos doíam e minha vagina queimava de desejo.

— Eu sei, sei que me quer, mas agora não posso satisfazê-la. Se fizer isso, não vou conseguir me controlar, por isso preciso ir. Mas prometo que a farei gozar, e que vou ensiná-la o que é o prazer, minha linda Lhaura.

Meu coração batia tão rápido que mal podia ouvir a minha voz.

— Eu quero colocar as minhas mãos em você e quero as suas mãos em mim — ele sussurrou

no meu ouvido. Um arrepio percorreu todo o meu corpo.

Um choque de puro desejo cresceu duramente e rapidamente dentro de mim e antes que pudesse segurar e puxar Felix para mim, ele se afastou.

— Me chame se precisar — lembrou ele.

Com meu coração acelerado no meu peito, eu o observei sair do quarto a passos lentos.



8

Acordei com suaves batidas na porta do quarto. Me levantei rapidamente, procurando pelo meu robe, que estava dobrado no encosto da cadeira. Logo em seguida, amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo, lançando um rápido olhar para a porta.

— Está destrancada, pode entrar — articulei enquanto olhava meu reflexo no espelho.

— Bom dia, minha querida! — Sophia entrou sorrindo com uma bandeja nas mãos e a deixou sobre a mesa que ficava próxima à grande porta de correr. — Prefere comer aqui ou na varanda? — indagou, abrindo as cortinas manualmente, para logo depois correr as portas, me dando o prazer de enxergar a bela vista.

— Não precisava ter se incomodado, eu poderia ter descido para tomar o café da manhã com vocês. — Fiquei envergonhada por não saber se eles já tinham feito o desjejum. Afinal, era a minha primeira vez na casa dos pais do Felix e eu não queria dar uma impressão errada.

— Não se preocupe, são ordens do Felix. Ele não nos deixou acordá-la. — Então queria dizer que eles já tinham feito a primeira refeição do dia. Que vergonha, meu Deus! — Querida, não fique encabulada, você é jovem e os jovens dormem mais do que os mais velhos. Agora venha e sente-se aqui. Aprecie sua refeição, foi tudo selecionado pelo próprio Felix.

Olhei a bandeja e tive certeza de que foi realmente o Felix que a preparou. Tudo escolhido meticulosamente, da proteína aos sais minerais. Ele fazia o mesmo quando almoçávamos juntos.

— E o Felix, onde está? — Minha voz soou decepcionada, afinal ele poderia ter trazido o meu café, em vez de pedir *pra* a mãe.

— Não fique decepcionada, minha querida. O meu filho não achou conveniente vir vê-la ao acordar. O Felix é um cavalheiro, e eu acho que você já percebeu isso.

Eu me sentei e ela serviu o café na minha xícara. Ergui levemente a cabeça, fitando-a.

— A senhora poderia chamá-lo quando descer? — Não gostei da solidão. Ele pode até ser um cavalheiro, mas naquele momento eu o queria perto de mim, pois estava me sentindo um pouco perdida.

— Lhaura, fique à vontade. E não se envergonhe, agora nós somos uma família. Quando terminar o seu café, pode descer e conhecer a propriedade, e se quiser pode aproveitar a piscina também. O seu noivo deve demorar um pouco...

Como assim! Para onde ele foi?

Olhei para ela com uma expressão interrogativa, mas ela sorriu.

— Felix precisou sair logo cedo, surgiu uma emergência na empresa. O seu pai e o Lourenço o acompanharam. — Sua mão tocou a minha. — Por isso, alimente-se. Prometi ao Felix que cuidaria

de você.

Antes de comer, teria que me recuperar do susto, o que não seria fácil, porque naquele momento precisava da companhia do Felix, precisava do seu sorriso e do seu toque protetor. Respirei fundo, sorrindo sem jeito.

Vai amarelar, Lhaura? Não é o fim do mundo, as pessoas que estão aqui te querem bem, e tem mais, elas não seriam loucas de fazer algo para magoá-la, o Felix viraria uma fera caso isso acontecesse.

— A propósito, adorei a sua apresentação, você toca divinamente — ela comentou enquanto se dirigia à porta.

— Obrigada. Mas como disse, sou apenas uma aprendiz. Um dia, quem sabe, poderei tocar nos melhores lugares do mundo.

— Tipo o Metropolitan Opera House em Nova York?

— Sim, por que não?

Sim, e por que não mesmo? Eu já me imaginava tocando em um espaço tão elegante, acompanhada pelo meu lindo marido. Ele me observando na primeira fila, com um lindo arranjo de rosas, todo orgulhoso, só esperando o momento de se levantar e me aplaudir, gritando: *Bravo! Bravo!*

Eu sei, estou sonhando alto, mas a mamãe uma vez me disse que quando queremos muito alguma coisa, nós conseguimos. Porém, para falar a verdade, eu me contentaria em simplesmente fazer parte de uma grande orquestra, só isso. Engoli em seco e parei de pensar no assunto.

— Com o talento que você tem, não duvido que conseguirá. Bem, se precisar de mim os meus empregados sabem onde me encontrar, mas a aconselho a aproveitar o dia lindo de sol. Divirta-se, minha querida.

Sophia saiu, deixando-me sozinha.

Terminei meu café e resolvi aceitar sua sugestão. Antes precisava verificar a minha pequena bagagem, não sei se o papai colocou algum biquini ou maiô.

Não, ele não colocou, mas acabei encontrando um short jeans confortável e uma camiseta preta básica que eram apropriados para ficar sentada na espreguiçadeira, lendo um livro que certamente encontraria na sala de leitura.

Não quis entrar na grande sala de leitura, pois fiquei um pouco envergonhada. Por isso, resolvi pegar algumas revistas que encontrei na sala de estar, e logo depois segui para a parte externa da casa. A piscina era bem maior do que esperava, e a água brilhava com os raios do sol. Fiquei muito tentada a pular de roupa e tudo, mas rapidamente desisti da ideia. Isso pareceria infantil demais, e já imaginava a cara do Felix ao me ver dentro da piscina.

Escolhi uma espreguiçadeira onde o sol não batesse muito forte e a brisa soprasse por todos os lados, pois apesar de ser cedo, um pouco mais de nove horas da manhã, o calor já estava queimando minha pele. Me sentei e comecei a folhear uma das revistas. Era uma revista de moda, com uma modelo magrela estampada na capa.

— Acho que essas mulheres só comem alface. — Já sabia de quem era esta voz. Virei a cabeça

e o vi sorrindo.

— Bom dia, Donovan! — Sorri de volta. — Acho que não, elas devem acrescentar rúcula, espinafre e talvez umas rodelas de cenoura e chuchu.

— É, talvez você tenha razão. Ninguém sobreviveria só com alface. — Ele gargalhou e sentou-se ao meu lado, na outra espreguiçadeira.

Pegou uma outra revista e começou a folheá-la.

— Não sei o que o Felix viu nessa garota, ela é pele e osso, só tem o rosto bonito... — Donovan me mostrou a foto. Neste momento eu me lembrei da foto, de uma das moças com quem o Felix se envolveu no passado. Fiquei sem graça, e não sei se ele falou por maldade ou bondade. — Olha as pernas dela, parecem dois bambus. A barriga dá até para contar as costelas.

Apontou com o dedo. Ela era uma loira, alta e muito magra. Na minha opinião ela era muito bonita, apesar de bastante magra.

— Há gosto para tudo, Donovan. Existem homens que gostam de cabide. Vai me dizer que você gosta das mulheres cheinhas?

— Cheinhas de curvas e carnes, iguais a você.

Ele segurou a minha mão e antes mesmo que pudesse puxá-la, senti os seus lábios sobre a minha pele. Não gostei da atitude dele, foi estranho e completamente desnecessário.

— Com certeza existem outras moças iguais a mim e você encontrará a sua. — Nem consegui olhar para ele, só puxei a mão e voltei os olhos para a revista.

— Não, igual a você não existe, e estou torcendo para que você perceba que o Felix não é um príncipe. Ele é um idiota machista, igual ao meu tio...

— Pare, Donovan, não vou permitir que você fale mal do Felix! Ele é o meu noivo e o homem que eu amo.

— Ele é um... — Donovan engoliu as palavras e os seus olhos se fixaram nos meus. — Lhaura, você é linda e ingênua demais para se envolver com o Felix, tenha cuidado... — ele se calou e avaliou o meu rosto com atenção. — Deixa para lá. Mas saiba que se algum dia precisar de ajuda, é só me chamar.

Um vento forte soprou nos meus cabelos e eu me arrependi de tê-los soltado do rabo de cavalo. Donovan pegou uma mecha que cobria os meus olhos e a levou para trás da minha orelha.

— Mas o que é isso? Tire as mãos dela!

Felix surgiu do nada, e ele foi tão rápido que quando percebi, o Donovan já estava fora da cadeira, com as mãos do primo segurando firme a gola da sua camisa polo. Queria ficar zangada, mas não deu tempo, pois o Felix jogou o primo para longe, e antes mesmo que pudesse soltar um grito, ele segurou meu braço e me puxou com força, erguendo o meu corpo da espreguiçadeira em uma velocidade tamanha, que mal pude ver se o Donovan estava bem ou não.

— Você estava se divertindo com o meu primo, minha querida? Quer ficar com ele, é isso? — ele falava enquanto me arrastava, e eu tentava encontrar equilíbrio nas minhas pernas, sem conseguir entender o que estava acontecendo. — Ei, quer me trocar por ele, linda princesa?

Segundos depois ele estava na minha frente, me olhando com raiva e cuspindo palavras frias no meu rosto. Desde que conheci o Felix nunca o vi tão furioso. Sim, ele já tinha ficado com raiva algumas vezes, principalmente quando algum colega do colégio se aproximava ou me olhava mais do que o necessário, mas achava que ele só estava tentando me proteger. Mas agora não era proteção, era raiva! *Mas raiva de quê?*

— Responda a minha pergunta, Lhaura! — ele persistiu.

— Felix, não entendi a sua pergunta. O que foi que eu fiz? O que foi que o Donovan fez para deixá-lo tão violento?

— Oh, santa! Poupe-me, Lhaura! Você pode ser virgem, mas não é ingênua. Eu vi... eu vi o flerte dos dois. Eu vi como você sorria para ele e vi aquele cretino lhe fazendo carinho!

— Ficou louco!? — eu o interrompi, mas ele me segurou pelos dois braços, e eu senti a força dos seus dedos me apertando. Doeu. — Me solte, Felix! — exclamei com um gemido.

— Louco! Louco... — Ele soltou uma gargalhada. — Você ainda não me viu louco, Lhaura! Não seja fingida, eu vi que você e o Donovan estavam de flerte pelas minhas costas. Quer dar para ele, é isso?

— Não me ofenda, Felix! Não estava de flerte com o Donovan, tampouco ele estava comigo. Ele só foi gentil.

— Gentil o caralho! Ele quer te comer e você quer dar *pra* ele! — Eu era a imagem da surpresa inocente, e ele ainda me olhava furioso, enquanto apertava os meus braços. Os sentia arder e tentei me soltar, mas foi pior, ele me sacudiu violentamente. — Se você me trocar por ele, juro que mato os dois...

— Ficou maluco? Me solta, Felix!

— Solte-a, seu idiota! — Donovan o empurrou e Felix finalmente me soltou. — A Lhaura não fez nada, imbecil do caralho! — Ele foi para cima do Felix. — Você é um otário como o seu pai, cretino... — Donovan armou o punho e Felix fez o mesmo.

— Parem! — gritei com lágrimas já nublando os meus olhos. — Quer saber de uma coisa, acabou! — Tirei o anel do dedo e caminhei na direção do Felix. Ao ver o meu gesto, ele parou. — Eu posso ser jovem demais, mas sei que um relacionamento sem confiança não tem futuro — engoli. — Escute, Felix, jamais trairia você porque eu o amo. Amo com toda a força do meu coração, e se você não confia em mim, acabou! Acabou antes mesmo de começar, Felix! — Coloquei a mão dentro do bolso da sua camisa e joguei o anel lá.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Que gritaria é essa? — Sophia e dois funcionários chegaram e nos olhavam embasbacados.

— Nada. O que tinha para acontecer já aconteceu, agora quero ir embora. Eu só quero ir embora daqui...

Saí correndo, deixando Sophia ainda mais confusa.

Entrei no quarto escancarando a porta. Abri o closet, peguei a bolsa de viagem e fui colocando as minhas roupas dentro, de qualquer jeito.

— O que pensa que está fazendo? — Felix entrou no closet e tentou me impedir.

— O que acha, não está vendo? Eu vou embora!

— Não, você não vai. — Ele puxou a bolsa da minha mão. — Nós precisamos conversar.

— Não temos nada para conversar. Acho que você já tirou suas próprias conclusões, não foi? — Mostrei as marcas dos seus dedos nos meus braços. — Foi melhor assim, pois eu acho que não sou a mulher adequada para você.

— Não... você é... Eu é que não sou digno de você. Meu Deus! Como pude fazer isso com você? — Ele se aproximou e tocou meus braços com os dedos. Estava quase chorando. — Lhaura, precisamos ir a uma delegacia. Você precisa me denunciar, o que fiz foi errado, eu a agredi. Meu Deus, como pude fazer isso com a mulher que mais amo no mundo?

Ele se ajoelhou, abraçou os meus quadris e chorou como uma criança.

— Eu não te mereço. Você tem toda a razão, nós não podemos continuar, você merece um homem melhor e não um monstro como eu, mas antes nós precisamos ir a uma delegacia...

— Felix... Felix, pare. — Tentava afastá-lo de mim, mas seus braços me apertavam.

— Eu a amo tanto, tanto, Lhaura. Acho que tenho ciúmes até da minha sombra. Me perdoe, meu amor, me perdoe! Se você quiser terminar comigo, eu entendo, mas por favor, me perdoe.

Ele se jogou no chão e segurou os meus pés, beijando-os.

— Felix, não faça isso...

— Lhaura, eu a amo mais do que tudo nesta vida. Perdoe-me, meu amor, fiquei cego de raiva quando vi o Donovan a tocando. Juro que queria matá-lo.

— Felix, ninguém tomará o seu lugar no meu coração, ninguém. Mas você não pode agir desta maneira violenta comigo. Não sou sua propriedade, sou sua noiva. Será que toda vez que um homem olhar para mim você vai querer espancá-lo? Sabe, às vezes, você me assusta.

— Eu sei..., mas não sabia que era tão ciumento. Nunca senti isso, nunca me importei com ninguém assim. Perdoe-me, Lhaura, perdoe-me... Juro que não agirei assim nunca mais.

— Levanta-se, por favor. Levante-se, eu o perdoo.

Ele parou de chorar e de soluçar e se levantou. Segurou a minha mão e escorregou o anel no meu dedo. Estávamos nos olhando fixamente, seu rosto ainda banhado pelas lágrimas.

— Nunca mais retire esse anel do dedo, ele é seu, assim como eu sou. Eu a amo, amo muito.

Continuamos nos olhando fixamente e, como se estivéssemos em câmara lenta, nossas bocas se chocaram em um beijo violento. Um beijo possessivo, voraz e lúbrico. Quando percebi, Felix e eu já estávamos na cama. Ele despindo a minha blusa, para em seguida provar os bicos duros dos meus seios, enquanto a sua mão avançava para abrir o zíper do meu short.

— Lhaura... Sou louco por você... Seu cheiro... — Ele mordeu o meu pescoço, em seguida inspirou profundamente. — Sentir o seu gosto... — Chupou outra vez cada um dos mamilos. — Sentir sua pequena vagina. — Mergulhou a mão dentro da minha calcinha, apertando os dedos sobre o meu monte. — Oh, Lhaura, quero entrar em você lentamente, sentir a sua boceta apertando o meu pau!

Meus Deus, estou duro de tesão por você...

Seu dedo varreu entre as minhas dobras, e estava tão molhada, tão desejosa dele. Eu o queria dentro de mim, queria me entregar para ele.

— Fe... Felix, quero você. Quero agora... — arfei, me contorcendo por baixo do seu corpo musculoso e gostoso.

— Eu sei, e eu vou lhe dar o que você precisa.

Ele me penetrou com um dedo, e com movimentos leves, entrou e saiu, enquanto a sua boca saboreava os meus seios. Minha vagina se contraiu com os movimentos acertados do seu dedo. Era muito bom, me provocava, me excitava e me enlouquecia. Seu dedo me enchia e um fogo queimava dentro de mim. Uma sensação de euforia tamanha que eu quis gritar.

— Felix... mais depressa... — Apertei minhas pernas, prendendo a sua mão.

— Meu amor, relaxe. Afrouxe o aperto das suas pernas, eu quero fazê-la gozar. — Podia sentir o calor da sua respiração nos meus mamilos enquanto ele falava, e isso fez com que uma força contagiante explodisse pelo meu corpo.

Afrouxei as pernas.

— Deus! Isso é muito bom — murmurei as palavras.

— Goze, meu amor. Olhe para mim, eu quero apreciar o seu primeiro gozo...

Olhei e gozei.

Soltei um ofego, e em seguida soltei um gemido, contorcendo-me para logo depois arquear meus quadris, sentindo os movimentos do dedo do Felix dentro de mim.

— Deliciosamente linda e minha.

Ele me beijou, mas continuou movendo o dedo, extraindo meu último suspiro de prazer.

— Venha. — Ele se levantou, me puxando para os seus braços e me levando para o banheiro. — Quero vê-la nua e quero que me veja nu.

Felix me despiu, e eu não fiquei com vergonha, eu o queria e queria ser dele.

— Linda! — Tocou os meus seios, minha barriga, minha vulva, minha bunda. — Tudo isso é meu, sou um homem de muita sorte. — Ele me levantou nos braços e me sentou na bancada de mármore. — Você nunca viu um homem nu em sua frente, estou certo?

Claro que não! Já vi em filmes, revistas, mas ao vivo e em cores, nunca!

— Não. — Mal tinha fechado a boca e ele começou a se despir. Ele me provocava, retirando peça por peça, até que ficou nuzinho.

Abri a boca e os olhos quando vi o tamanho e a grossura da sua protuberância. Aquilo não caberia dentro de mim, iria me rasgar todinha.

— Viu como me deixa duro como uma barra de ferro? — Sua mão cobria seu eixo e seus dedos apertavam a cabeça vermelha, até que ela ficou arroxeada. — Lhaura, eu preciso gozar, ou ficarei dolorido.

Felix se aproximou, abriu minhas pernas e minha vagina ficou exposta, podia sentir minha umidade escorrendo.

— Tão delicada, para um homem tão grande. — Ele beijou os meus lábios enquanto os seus dedos se escondiam nas minhas dobras e brincavam com o meu clítoris. — Só vou colocar a cabecinha, sua virgindade será minha na nossa noite de núpcias, mas isso não nos impede de brincar de esconde-esconde.

Sua outra mão alcançou a minha bunda e me puxou para perto, meus seios encostaram no seu peito nu e ele roçou em mim. Com a mão, Felix mirou a ereção na entrada da minha vagina e foi lentamente empurrando. Senti um desconforto e ao mesmo tempo, medo.

— Shh. Relaxe, meu amor. Não vai doer, só incomodar um pouco, mas depois será muito gostoso.

Relaxei. E logo a glande estava encaixada na minha entrada e o Felix começou a entrar e sair, foi muito mais gostoso do que com o dedo, e quase gritei de desespero. Ele apalpava a minha bunda, e isso me deu mais fogo, pois logo comecei a me tocar e os bicos dos meus seios faziam uma fricção deliciosa no seu peito.

— Lhaura, você é minha perdição... — Ele retirou o pênis e gozou, escondendo o sexo entre os dedos. Só vi o líquido esbranquiçado escorrendo. — Amo você. Fui beijada com carinho. Foi a experiencia mais maravilhosa de toda a minha vida. Já estava imaginando como seria fazer amor com ele, e ainda bem que faltava pouco tempo para o nosso casamento, já que ele estava tão decidido a só fazermos amor quando nos casássemos.



9

— Eu quero aqueles moleques fora da minha casa, entendeu!?

— Como assim, Felix? O que eles fizeram? Você disse que eu poderia convidar os meus amigos para um banho de piscina.

— Faça-me um favor, Lhaura! Não sou burro, autorizei as suas amigas a virem, não esses moleques que só faltam babar em você. Você acha que não vi o jeito como aquele ruivo de merda olha para você? E o outro? Os olhos dele reviram quando olham para a sua bunda, mas acho que você já sabe disso, não é? Olha o tamanho do biquini que você está usando! Essa merda é menor do que a palma da minha mão.

De repente a parte de cima do meu biquini foi arrancada com violência e ficou entre os dedos do Felix. Cobri meus seios nus com as palmas das mãos, enquanto meus olhos olhavam aturdidos para o rosto furioso do Felix.

— Felix... — Entrei rapidamente para dentro da casa, antes que algum dos meus amigos percebesse.

Era uma manhã ensolarada de sábado, e na noite anterior, tive o melhor orgasmo da semana. Felix sabia usar a boca divinamente e desde que ficamos noivos, o nosso namoro é quente e excitante. Felix me ensinou quase tudo sobre sexo, só faltava ser fodida de verdade pelo seu imenso e grosso pênis.

Estávamos deitados abraçadinhos, quando ele me perguntou o que faria na manhã de sábado, já que ele ficaria preso em uma reunião boa parte da manhã. Já tinha combinado com a Margot de ir para a casa da Belle tomar um banho de piscina, seria uma reunião de amigos. Prontamente Felix ofereceu a sua casa, disse que ficaria mais tranquilo sabendo que estaria lá. Prontamente aceitei, mas agora o arrependimento batia.

— Lhaura, volte aqui, não fuja de mim...

— Quer mesmo que eu fique assim? — Afastei as mãos e expus meus seios nus. — Felix, o seu ciúme está acabando comigo.

Dei-lhe as costas e continuei andando. Precisava me cobrir, pois seria constrangedor se as minhas amigas me vissem assim.

— Ciúmes! — Ele me alcançou e segurou meu braço. — Você provoca aqueles idiotas com o seu corpo quase nu, traz esses moleques para a minha casa quando estou ausente, e quer que fique quieto? Tenha paciência, Lhaura! Você é muito dissimulada...

— E você é um doente, Felix! Aqueles rapazes são meus amigos, eu os conheço desde que era criança, e você sabe perfeitamente que eles são os namorados das minhas amigas. Sabe que eles nunca me olharam do jeito que você está dizendo...

— Quer mesmo me convencer disso? Suba e vista uma roupa decente e depois mande todos embora, ou eu mesmo farei isso! Você tem cinco minutos.

Ele apertava meu pulso com força.

— Farei melhor do que isso, vou com eles. *Pra* mim, chega! Não aguento mais os seus ciúmes. — Puxei meu braço e o empurrei com a outra mão, livrando-me do seu aperto.

— Lhaura, você não vai... — Já estava com os dois pés no segundo degrau da escada que dava para o primeiro andar da casa onde ele vivia sozinho, quando Felix puxou meu cabelo pelo meu rabo de cavalo com muita força.

— Felix... — Só não caí porque os braços dele me seguraram. — Me solte, desta vez você passou dos limites! —Ele tentou me abraçar. — ME SOLTE!! — gritei.

— Gente, o que está acontecendo? Lhaura! — Belle falou abismada ao me ver com os seios desnudos e tentando me livrar das mãos do Felix. — Solte-a, Felix, você está doido?

— Não se meta, Belle! Saia da minha casa, você e todos os seus amigos! Saia! — Felix gritou, enfurecido.

— Eu saio, mas vou levar a Lhaura comigo, seu maluco doente... — Belle empurrou o Felix, me soltando das mãos dele, despiu a blusa que usava – pois estava com um biquini por baixo – e me entregou.

— Lhaura, você fica. Precisamos conversar. — Estava descabelada, amedrontada e com um bolo preso na minha garganta. Eu só queria sair dali.

— Ela não tem mais nada para falar com você, não agora. — O braço da minha amiga me protegeu, cercando os meus ombros.

— Lhaura. — Ele tentou nos impedir.

— Nem tente ou eu grito, e serão quatro contra um. Por isso, é melhor que esta confusão fique apenas entre nós três, se a Margot souber, ela acaba com você — Belle o alertou.

— Não me ameace, sua idiota. Você não me conhece...

— Vamos parar! — ainda soluçando, eu o interrompi. — Felix, vou embora com ela. Espero que respeite a minha decisão e não piore as coisas.

— Lhaura, não quero que vá. Por favor, fique, precisamos conversar.

— Vamos, Belle, tire-me daqui.

Felix não disse mais nada, ficou parado nos vendo deixar a casa. Antes de irmos para a piscina, eu vesti a blusa da Belle, arrumei o cabelo e sequei as minhas lágrimas. Belle me emprestou seus óculos escuros.

Margot e os rapazes não fizeram perguntas, eles entenderam as minhas desculpas. Eu lhes disse que o Felix receberia alguns empresários na casa e que os funcionários precisavam arrumar tudo. Não quis ir para a casa da Margot, não tinha condições de conversar, tampouco de me divertir. Queria me esconder e chorar. Belle se ofereceu para me levar enquanto os outros iam direto para a casa da Margot. Estava sentada no banco do carona, olhando fixamente para o para-brisa. Não via

nem escutava nada, apenas meus próprios pensamentos conflitantes. Belle olhou para meu rosto sério com curiosidade.

— Que tipo de casamento acha que vai ter? Meu Deus, Felix é um louco ciumento obsessivo. Antes o achava um príncipe, cheguei até a sentir inveja de você, mas durante esse tempo que passou de amigo/empresário para noivo, ele se revelou um lunático.

— Também não é assim, Belle. Ele só é inseguro, acha que vou trocá-lo por um rapaz mais novo. — Respirei fundo e olhei ligeiramente para ela. Ela riu.

— Como é que é? — articulou abismada e com a voz alterada. — Ele não tem espelho em casa? Deixe de ingenuidade, Lhaura, o Felix é doente. E se ele já se comporta assim antes de se casar, imagine depois. Acho melhor você pensar bem, é a sua vida que correrá perigo.

Eu ainda estava tentando entender tudo o que ela me dizia.

— Lhaura, sei que você o ama, e talvez seja por isso que não consegue ver o bico de sinuca em que vai se meter, mas quem convive com vocês dois e assiste aos ataques de ciúmes dele, aos gritos e aos olhares chispantes para os seus amigos, percebe claramente que esse casamento não será uma boa para você. A não ser que você tenha aptidão para ser submissa.

Olhei para ela perplexa. De onde ela tirou essa ideia?

— O Felix não é tão horrível assim. Ele é ciumento e controlador, mas eu sei que ele me ama... — Virei o rosto para o lado oposto a ela, pois não queria que ela visse a minha tristeza. — Contudo, eu sei que você tem razão e que talvez seja melhor mesmo dar um basta nesse noivado. Acho que não sou mulher para o Felix.

— Ei, pode parar! — Ela parou no farol vermelho e se virou para me encarar. — O problema não é você, é ele! O Felix tem problemas e isso é fato. Você é jovem, linda, talentosa e logo vai encontrar um cara legal. Ele que fique com as suas periguetes socialites.

O farol abriu e Belle pisou no acelerador. Era fácil entender a insegurança do Felix. Ele provavelmente se sentia muito mais velho quando me via cercada por garotos de dezoitos anos, mas não tinha culpa, ainda estava no ensino médio, ainda tinha dezessete anos, e de todos da minha turma, era a única que ainda não tinha alcançado a maioridade.

Chegamos em frente à minha casa, e ela parou no acostamento, me encarando.

— Lhaura, não faça isso com você. Felix pode até sentir amor, mas esse amor é doido *pra* caralho. Sabe, às vezes eu sinto medo dele, principalmente quando ele a vê perto de algum rapaz. Pense bem, falta uma semana para a nossa formatura e três dias para o seu teste de admissão. É o seu futuro que está em jogo.

— Eu sei...

Ela tocou meus cabelos com carinho.

— Não fique assim, amiga. Quer que fique com você?

— Não, ficarei bem, vá se divertir.

Não tinha o direito de afastá-la do namorado, afinal, se meu noivo era um ciumento de merda, e fez uma cena de merda, quem deve ficar triste sou eu e não ela.

Ela destravou a porta do Honda preto, presente do seu pai. Belle era filha única e mimada. Empurrei a porta e antes de descer senti a mão da minha amiga se fechar no meu pulso.

— Certeza que não quer que eu fique? Podemos estourar uns milhos de pipoca e nos embriagar de Coca-Cola. O que acha?

— Prefiro um banho, um sanduíche e a minha cama. E você tem um namorado que está te esperando, se manda.

Belle respirou fundo e segurou o volante com as duas mãos.

— Ok, mas se precisar de companhia, é só me ligar e venho correndo.

— Sim, fique certa de que vou ligar se precisar. Agora vá — fechei a porta do carro.

Ela sorriu, pisou no acelerador e voltou à rua asfaltada. Sabia que a perturbara com a minha tristeza, principalmente por ter dito que terminaria com o Felix. Belle teria ficado ao meu lado se lhe pedisse, e Margot também, pois sempre fomos muito unidas. Mas percebi um pouco de desapontamento quando lhe disse que queria ficar sozinha, e essa certeza me despertou culpa, porque como amiga, ela queria poder ficar ao meu lado em um momento tão difícil.

Mas precisava passar por isso sozinha.

Desisti de comer, apenas tranquei a porta de casa e fui para a cama. Já passava do meio-dia, o sol estava escaldante, por isso escancarei as janelas e afastei as cortinas, deixando o ar fresco entrar. Talvez isso me fizesse dormir e só acordar à noite, ou quem sabe no dia seguinte. Assim não pensaria no Felix, pois com certeza ele viria me procurar na manhã do domingo. Orgulhoso como é, por enquanto me deixaria na solidão.

Acho que a minha tristeza fez com que cochilasse, pois acordei com batidas fortes na porta da frente. Papai não estava, ele tinha ido visitar alguns clientes novos na capital e só chegaria à noite, por volta das vinte horas.

Pisquei os olhos ainda sonolenta, me sentei na cama e esperei...

— Lhaura!

Era o Felix. Ele batia com força na porta, fazendo um eco que chegava até o meu quarto.

— Lhaura, abra a porta! Eu sei que você está aí.

Coloquei as pernas para fora do colchão e pisei descalça no chão, à procura dos meus chinelos. Sem pressa os calcei, passei as mãos pelos cabelos e vesti outra roupa, já que estava de pijama.

Decidida a terminar o meu noivado, desci as escadas. Já estava com o discurso pronto...

Felix, não quero mais me casar com você. Tome o seu anel, sou jovem demais para um compromisso tão sério.

Abri a porta.

A perplexidade deteve os meus passos e me fez calar. Felix estava parado diante de mim com três enormes buquês de rosas envoltos nos braços e com um embrulho na mão.

— Lhaura... — Ele se ajoelhou. — Me perdoe. Sou um idiota, sou um ciumento inseguro de

merda. — As lágrimas começaram a rolar pelos seus olhos. — Eu sei que não a mereço, sei que você precisa de um homem de verdade e não de um sujeito medíocre igual a mim... — ele engasgou e eu engoli o choro. — Mas a amo tanto, tanto, que fico cego. Ainda não consegui administrar este sentimento. — Ele jogou os buquês aos meus pés. — Tenho medo, medo que me troque por um homem mais jovem... Sim, eu sei, é insegurança, mas tenho certeza de que depois que a gente se casar tudo vai mudar. Prometo que vai.

Inclinou o corpo e beijou os meus pés.

— Felix... por favor, não faça isso. — Segurei na sua cabeça, tentando impedi-lo. Várias pessoas saíram das suas casas para olhar. Algumas suspiravam, outras aplaudiam. Morri de vergonha.

— Você me perdoa? Promete que não vai me deixar?

Seus olhos brilhavam com as lágrimas. Estavam medrosos, e ele tremia. Parecia um menino prestes a ser abandonado.

— Lhaura, eu a amo tanto. Não saberia viver sem você... por... por favor, não me deixe. — Ele voltou a soluçar e agarrou os meus quadris, prendendo-se a mim.

— Felix... não vou deixá-lo. Eu o amo, mas você precisa domar os seus ciúmes. Promete?

— Eu vou tentar, mas prometo que vou me policiar. Juro.

Sorri e estendi as mãos, que ele prontamente aceitou. Levantou-se e puxou o meu corpo de encontro ao seu, e recebi um beijo avassalador, salgado, sofrido, medroso e cheio de amor.

Escutamos aplausos, assobios e gritos. Ele se afastou e me olhou com amor.

— Abra, é seu. — Esticou a mão e me mostrou o pacote que tinha trazido junto com as flores.

Peguei o embrulho e resguei o papel de seda negro.

— Meu Deus! Felix, isso é um exagero. — Dentro da caixa havia um lindo colar de ouro branco com uma pedra em formato de lágrima, no mesmo formato do meu anel de compromisso. Era lindo demais.

— É para combinar com o seu anel de noivado. — Ele segurou a minha mão direita, olhando para o anel no meu dedo anelar. Depois seus olhos sorridentes encararam os meus e ele disse: — Eu a amo, e se depender de mim, vou cobri-la de diamantes.

— Felix, só preciso do seu amor. Isso é o suficiente...

— Meu Deus! Alguém vai abrir uma floricultura? — Desviei os olhos, inclinando a cabeça um pouco à esquerda do ombro de Felix, em direção à voz alarmada de papai. — Boa noite, meus filhos! — Ele parou e olhou para o céu. Já estava escurecendo.

— Boa noite, João! — Felix respondeu sem desviar os olhos do meu rosto. — As flores são para a minha princesa — completou com um sorriso entusiasmado.

— Nossa, isso é que é amor! Só não sei o que faremos com tantas rosas.

Papai se aproximou, ficando ao meu lado e beijando a minha face.

— Não se preocupe, papai, arrumo onde colocar... — Olhei para ele, soltando a mão do Felix.

— O senhor me disse que chegaria tarde, o que aconteceu?

— Terminei cedo. — Afastou-se, entrando em casa e segundos depois voltou dobrando as mangas da camisa. — Vamos, senhor Santini, me ajude a levar essas rosas para dentro. — Olhou divertido para o Felix.

Eu também ajudei. Papai subiu para o banho, enquanto Felix e eu arrumávamos as rosas nos vasos que consegui encontrar, deixando-os em vários cantos da casa. Dois dos vasos separei para levar para meu quarto.

— Você fica para o jantar? — perguntei quando cheguei no segundo degrau da escada.

— Hum! — Ele me puxou pela cintura, deixando os meus pés flutuarem. — Que convite tentador. Você quer que eu fique, ou é só questão de educação?

— Não seja tolo, Felix Santini. Quero que jante conosco.

— Sendo assim, aceito. E o que teremos para o jantar?

— Pizza.

Ele soltou uma gargalhada.

— Sério?

— Sim, não sou boa na cozinha e o papai está muito cansado para cozinhar. — Respondi enquanto ele tentava roubar a minha boca. — Não se importa em comer pizza?

— Claro que me importo. — Afastou o rosto e me olhou sério. — Por isso você e o seu pai são meus convidados para jantarem no melhor restaurante da cidade.

— Felix, não precisa. Se não...

— Ei, assunto encerrado. Suba e fique mais linda do já é. Enquanto isso, vou em casa mudar a roupa, e em vinte minutos estarei de volta.

Não tive tempo nem de contestá-lo, ele cobriu a minha boca com a sua e recebi um beijo avassalador. Enquanto me recuperava, Felix soltou o meu corpo e correu para a porta, mas antes de fechá-la, olhou para mim sorrindo.

— Vinte minutos. Já, já estarei aqui.

Era sábado à noite, e com toda certeza um dos melhores e mais requintados restaurante da cidade estaria lotado, e entrar sem ter uma reserva seria impossível, mas para Felix Santini nada era impossível. Bastou o maître vê-lo para vir na sua direção, lhe chamando pelo nome e com um sorriso de orelha a orelha. Fomos direcionados para a melhor mesa da casa, com uma vista belíssima para o jardim de palmeiras iluminadas. Tudo ia bem, até o Felix cismar com um homem que estava sentado à nossa frente, e por isso, ele apertou os meus dedos tão fortemente que quase gritei de dor.

Para o papai não perceber, ele pediu licença, com a desculpa de que iria me levar para dançar, pois havia um pianista tocando uma música romântica bem ao lado do bar.

— Descarte este vestido assim que chegar em casa. Nunca mais quero vê-la vestida nele.

Como assim!? Será que ele não lembra? Foi ele mesmo que comprou o vestido para mim. Respirei e tentei ficar tranquila. Balancei a cabeça.

— O que tem a minha roupa? Ela é comportada e foi você mesmo quem a escolheu.

Ele me olhou de um jeito questionador, e senti o aperto da sua mão nos meus dedos outra vez. — Felix, isso dói. O que há com você?

— Você acha que gosto que olhem para você como aquele sujeito olhou? — Apontou discretamente com a cabeça na direção da mesa onde estava um homem, que por sinal estava acompanhado. Só então eu percebi que se tratava de um dos meus professores.

— Não seja ridículo. — Paramos de dançar e eu o olhei, perplexa.

— O que você quer dizer? Está fazendo pouco caso de mim? — Sua voz tornou-se afiada.

— Não, mas aquele homem é o meu professor de história política — disse. — Por Deus! Pare com isso, não há motivos para ciúmes.

— Foda-se! — ele rosnou. — Você está chamando a atenção com esta roupa. Não gostei do olhar dele e pronto.

— Felix, se você quer mesmo que a nossa relação chegue até o altar, é melhor começar a mudar. Comece com a palavra confiança, porque eu o amo e não me importo com os olhares de mais ninguém, só com os seus. Se não for assim, acho melhor terminar o nosso noivado, e pode ser exatamente agora.

Ele respirou fundo, afrouxando o aperto nos meus dedos. Logo depois beijou a minha testa e ficou por longos minutos com os lábios colados na minha pele. Depois de dar um segundo suspiro, voltou a me encarar.

— Sou um babaca, não te mereço mesmo. Sou inseguro como um adolescente. Vê o que você faz comigo? Prometo que assim que nos casarmos toda a minha insegurança morrerá. Eu prometo, mas até lá, por favor, tenha um pouco de paciência, ok?

Eu não respondi. Confusa, me deixei ser conduzida de volta à mesa. Jantamos em paz, mas percebi a inquietação do Felix, pois ele não parava de olhar para os lados, e cada vez que algum homem passava perto da nossa mesa, ele se mexia na cadeira. E com isso, mais perguntas vinham na minha cabeça.

Será que o Felix mudaria após o nosso casamento? Ciúmes, insegurança, controle... Será que tudo isso passaria?

Começava a ficar apreensiva. Não queria viver prisioneira de um marido ciumento e possessivo. No pouco de convivência que tive com os meus pais juntos, eles eram um casal lindo e um confiava no outro. Eles eram cúmplices, amantes, tudo o que eu queria para mim.

Talvez a Belle tivesse razão. Sou jovem demais para pensar em casamento, seria melhor continuarmos só namorando e esperar a faculdade. Esse tempo seria propício para amadurecer a confiança do Felix.

Mas só de pensar em adiar os planos do nosso casamento, quem ficava insegura era eu. E se o Felix desistisse de mim?

— Vamos, meu amor. — Ele já estava de pé, e nem o vi pedir a conta. Procurei o papai e o notei próximo à porta de saída. Ele conversava com alguém no celular. Me levantei e Felix cercou a

minha cintura com o braço, me puxando de encontro ao seu corpo, e quase tropecei nos meus saltos. Quando passamos ao lado da mesa onde o meu professor estava, Felix endureceu o corpo quando ele me cumprimentou.

— Viu que eu tinha razão? — Felix começou soando rígido. — Observou o olhar dele? — completou assim que nos afastamos, e olha que eu respondi o cumprimento com simples “oi”.

— Felix, quer parar? Não estrague a nossa noite...

— Parar! Você ainda o defende? — retrucou. Olhei enfezada para ele. — Ok... Desculpe-me, ainda bem que as aulas acabaram e só faltam alguns dias para a sua formatura. Não vejo a hora de torná-la minha esposa.

Fiquei lá, com a boca ligeiramente aberta, sem entender qual era o problema dele. Ciúmes, posse, insegurança, controle ou excesso de amor? Decidi escolher a última opção, pois realmente não tinha dúvida, Felix me amava exageradamente. Só não sabia se realmente gostava disso. Felix nos deixou em casa, e antes da nossa despedida, ele nos convidou para passar o domingo na sua mansão.



10

Papai me acordou às nove. Eu mal consegui terminar o meu café e ele já estava me arrastando para o carro.

— Papai, o Felix não marcou horário, podemos ir a hora que quisermos. — Freei os meus passos.

— Você que se engana, ele já ligou três vezes perguntando por que não saímos de casa ainda. Por acaso você sabe que horas são?

— Não, meu celular está desligado, esqueci de carregá-lo e não tenho relógio de pulso — completei com malcriação, enquanto entrava no carro e batia a porta com força.

— Quase uma da tarde, mocinha. A senhorita dormiu mais do que deveria.

Se tinha uma coisa que eu gostava de fazer era dormir... Sorri.

— Nossa! O Felix deve estar uma fera, ele adora pontualidade. — Aquele lá era um relógio bem pontual.

Ao chegarmos na casa do Felix, percebemos que não erámos seus únicos convidados, pois os pais dele e mais alguns amigos estavam lá.

Felix não reclamou sobre o meu atraso, ao contrário, fui recebida com beijos, amassos, carinho e muita atenção. Foi uma tarde linda e divertida, mas só fui descobrir o verdadeiro motivo da tal reunião após o jantar.

— Senhoras e Senhores. — Felix se levantou e me ajudou a levantar, uma vez que estávamos sentados à mesa, terminando o jantar. — Peço a atenção de todos. — Sophia segurou a minha mão. Olhei para ela e recebi um lindo sorriso. Ela certamente sabia o que estava para acontecer.

— Coragem, filho, esse é o momento mais especial da sua vida.

Lourenço comentou, piscando um olho para mim. Comecei a ficar nervosa.

— Bem... — Ele limpou a garganta. — Lhaura, meu amor. — Felix ficou de frente para mim, segurando a minha mão e beijando-a com carinho. Depois voltou a fitar os demais convidados.

— Quero anunciar a todos a data do nosso casamento, que acontecerá daqui a três meses.

— Como assim!? — disse abismada, pois era muito pouco tempo para planejar um casamento. Olhei para o papai em busca de ajuda, mas tive certeza de que ele estava a par dos planos do Felix, e o pior, parecia concordar com eles. — Felix, é pouco tempo...

— Não, claro que não é. Queria em dois meses, mas não consegui uma data na catedral.

— Catedral! Meu Deus! — Sempre sonhei em me casar na catedral, mas sabia que seria um sonho impossível, pois além de ser muito caro, era muito concorrido.

— Sim, meu amor. Tudo tem que ser o melhor para a minha princesa. Não se preocupe com nada, tudo será por minha conta, a única coisa que tem a fazer é se preparar para a sua formatura e para o seu teste de admissão da escola de música. Certo?

Minha formatura do ensino médio seria no próximo sábado e o teste na segunda-feira à tarde, e o próprio Felix já tinha providenciado as passagens de avião, tanto a minha quanto a do papai e a dele, já que o teste seria em São Paulo.

Ainda zonza com a novidade sobre o meu casamento, olhei extasiada para todos e depois para o rosto feliz do Felix.

— Certo. — Sorri. — Você é maluco, sabia?

— Sim, eu sei, sou maluco por você. — Ele me beijou. — Futura senhora Santini — completou, e eu gostei de ser chamada assim.



Eu me mexi desconfortavelmente na cadeira, segurando o meu violoncelo e olhando para os mais de trinta candidatos que concorriam comigo às duas vagas para a escola de música de Londres. O teste acontecia na Sala do Conservatório do Teatro Municipal de São Paulo. Estava uma pilha de nervos, apesar de estar preparada para o teste. Sabia que havia me preparado para isso a minha vida inteira, e lá no fundo, também sabia que seria aprovada, mesmo assim estava nervosa, e o nervosismo dos outros candidatos não colaborava em nada com a minha concentração. Daqui consigo escutar até os batimentos cardíacos acelerados de alguns dos rapazes que estão na mesma fileira que eu.

Felix e papai ficaram me esperando do outro lado da porta, pois não era permitido audiência.

Eu sei que serão escolhidos três repertórios e em algum momento eles serão trocados um pelo outro, sem pausa de tempo. Treinei muito isso e acho que vou dar conta do recado.

Margot e Belle queriam vir também, mas preferi que não viessem. Achei melhor não juntar o meu nervosismo com o das minhas amigas, por isso resolvemos nos despedir no dia da festa da nossa formatura. Agora só as veria na terça-feira, na noite do jantar especial que o Felix daria para todos os meus amigos e professores do colégio.

Após dezoito candidatos, meu nome finalmente foi chamado e ecoou na grande sala.

Respirei profundamente. Respirei outra vez. *É tudo por você, mamãe*. Disse em pensamento com os olhos fechados.

Lhaura Toledo...

Meu nome foi chamado outra vez. Peguei o meu instrumento com carinho e caminhei tranquilamente.

Sentei-me e respirei. Escutei atentamente as instruções. Posicionei meu corpo, fechei meus olhos e viajei para outra dimensão. Escutei o sinal para finalizar, meus vinte minutos tinham terminado. Abri os olhos e olhei para as cinco pessoas que estavam na minha frente. Seus semblantes eram indecifráveis, frios e duros. Eles apenas agradeceram e disseram que entrariam em contato.

Será que eles não gostaram? Bateu uma insegurança.

Estava acostumada a aplausos acalorados e elogios, mas desta vez só vi rostos sem nenhuma emoção. Eles não gostaram.

Peguei o meu violoncelo e o guardei, saindo cabisbaixa, quase o arrastando. Perdi a vontade para tudo e só queria voltar para casa. Felix e papai até tentaram me animar, mas nada do que fizeram adiantou. A intenção era voltar para casa só no outro dia, mas por conta do meu estado de ânimo, voltamos no mesmo dia, e assim que chegamos pedi para ficar sozinha. Antes de subir para meu quarto, pedi ao Felix que cancelasse o jantar. Ele ainda tentou me persuadir, mas não queria ver ninguém. Estava me sentindo derrotada.



Há um mês tinha completado dezoito anos e o meu presente de aniversário foi a resposta dos juízes sobre o meu teste para a escola de música. Eu tinha passado.

Felix, cheio de alegria, fechou uma boate, convidou todos os meus amigos e viramos a noite. Foi o meu primeiro porre, e bebi tanto que até fiquei doente. Passei dois dias de cama e jurei que nunca mais na vida eu colocaria uma gota de álcool na boca.

Até estranhei a reação do Felix, pois pensei que ele brigaria feio comigo. No entanto, quando o papai abriu a boca para ralhar comigo, Felix me defendeu, dizendo que precisava experimentar um pouco de tudo, inclusive ficar bêbada, assim saberia se era ruim ou bom me embebedar.

Hoje estou diante do espelho, vestida de noiva. Um lindo vestido de princesa, com uma pequena coroa de diamantes na cabeça e um longo véu de quase três metros de comprimento. Ao meu lado, minhas amigas Margot e Belle, vestidas em seus lindos vestidos de gala azul-petróleo. Papai está do outro lado da porta, esperando o sinal para vir me buscar. Estou nervosa, pois hoje serei apresentada à alta sociedade dos ricos fazendeiros e empresários do Mato Grosso. Hoje todos serão testemunhas da minha união com Felix Santini.

— Lhaura...

— Lhaura...

— Oi! — Margot e Belle me chamavam. Virei o corpo na direção delas. O vestido pesava, eram muitas anáguas e uma armação para dar volume à saia. Ainda bem que não ficaria com o vestido por muito tempo, pois logo depois das fotos e do brinde trocaria de roupa.

— Está pronta para o maior passo da sua vida? — Belle me abraçou, encostando o rosto no meu ombro.

— Estou, não vejo a hora de ser a esposa do Felix — respondi suspirando.

— Tem certeza de que quer mesmo perder a sua liberdade, amiga? — Margot ironizou, pois ela tentou me convencer até o último instante a não me casar. Ela não confiava no Felix.

— Margot! — Belle a repreendeu. — Finja que não escutou isso, Lhaura. É inveja, no fundo a Margot sonha em se casar um dia.

Margot vive dizendo que nunca vai se casar.

— Deus me livre! Quero ser livre, quero poder foder com quantos homens eu quiser e quando eu quiser. — Ela segurou a minha mão. — Você sabe que é a minha princesinha, não sabe? Sabe que se precisar de mim, farei qualquer coisa por você? — Assenti, já emocionada. — Então, se algum dia aquele lá fizer qualquer coisa, é só me ligar que acabo com a raça dele.

— Aff! Credo, Margot! O Felix é um príncipe. Confesso que teve uma época que pensei que ele não valia nada, mas fui surpreendida, e o Felix passou de sapo a príncipe, por isso eu tenho certeza de que ele seria incapaz de magoar a Lhaura. Ele a venera, de onde você tirou essa ideia? — Belle empurrou a Margot, irritada, ela era tinha virado fã do Felix.

— Ô, iludida, príncipes não existem! Existem homens lindos e educados, com boas e más intenções. E algumas mulheres têm sorte, outras não, pois geralmente quando descobrem as verdadeiras intenções dos mal intencionados, já é tarde demais.

— Chega, meninas! Meu futuro marido é um príncipe e ele me fará muito feliz. Fique tranquila, Margot. — A puxei para um abraço. — Agora vá buscar o papai, ele deve estar uma pilha de nervos e o Felix deve estar achando que eu desisti.

A cerimônia foi linda. Durou cerca de uma hora, entre canções, promessas minhas e do Felix, sermões e mais músicas. A recepção foi em um grande cerimonial da capital e foi exatamente como sonhei e imaginei: deslumbrante, com cerca de oitocentos convidados e três bandas contratadas para animar quem ficou até o final. Eu e Felix ficamos na festa até a primeira dança, e sem que ninguém percebesse, saímos pelos fundos, onde o motorista já nos esperava. Nós passaríamos a nossa lua-de-mel em uma viagem por um mês na Itália, mas a viagem teve que ser adiada, pois Sophia estava adoentada, ela sofreu um acidente e os médicos suspeitam de um aneurisma no cérebro. Mesmo ela insistindo para que não mudássemos os nossos planos, achamos mais prudente cancelar por ora, então o Felix alugou um bangalô durante uma semana em um resort em Fortaleza.



11

Mal conseguia esconder o meu nervosismo, afinal hoje seria a nossa lua-de-mel, a minha primeira vez. Durante o nosso noivado até tentei seduzir o Felix, pois era um verdadeiro inferno ficar só no sexo oral, e ficava ainda mais difícil quando seus dedos espessos me penetravam, levando-me à loucura, mas Felix era irredutível e não se deixava ser seduzido. Ele levou a sério mesmo a ideia de só quebrar o meu selo na noite de núpcias.

Um motorista já nos esperava na saída do desembarque e fomos levados para o resort. De dois em dois minutos olhava para o Felix, mas ele parecia muito tranquilo. Eu, em contrapartida, estava uma pilha de nervos. Tentava me distrair olhando através do vidro da janela, mas era noite e o que via era só a iluminação dos postes e a vegetação. Felix segurou minha mão e a levou até os lábios, beijando-a lentamente. Ele certamente percebeu o meu nervosismo.

— Relaxe, meu amor, já estamos chegando — disse ele enquanto seu braço cercava os meus ombros e me puxava para perto. Deitei a cabeça no seu ombro.

— Como sabe que estamos chegando? Por acaso já veio aqui? — perguntei curiosa.

— Não, vi a sinalização lá atrás. Passamos por ela há alguns minutos. — Ele beijou o alto da minha cabeça. Respirei fundo e olhei para fora, foi então que vi o letreiro luminoso. — Viu? Chegamos.

O carro foi diminuindo a velocidade, até que parou completamente. Felix me ajudou a descer e seguimos para a recepção, enquanto o motorista cuidava da nossa bagagem. Assim que a recepcionista nos viu abriu um vasto sorriso, olhando para a minha mão esquerda. Só então me dei conta de que carregava uma grossa aliança de ouro branco cravejada de diamantes e adornada pelo meu anel de compromisso. Olhei para a mão esquerda do meu marido e lá estava ele, um largo anel de ouro branco, mostrando para todas as mulheres que ele pertencia a alguém e que este alguém era eu.

Felix cumprimentou a funcionária e disse o seu nome para que ela os verificasse no laptop e confirmasse a reserva.

— Senhor e senhora Santini, sejam bem-vindos ao nosso hotel resort. Espero que gostem da estadia e meus parabéns pelo casamento. Estamos muito felizes por terem escolhido nosso resort para passarem a lua-de-mel. — Ela chamou alguém e logo um rapaz veio até nós. — Acompanhem o Carlos, ele os levará até o seu bangalô.

Seguimos o rapaz, que nos guiou até um pequeno veículo. Parecia um daqueles carrinhos de golfe, só que maior. Pensei que o bangalô ficasse perto dos apartamentos principais, mas me enganei, pois levamos cerca de cinco minutos para chegarmos.

Nosso bangalô ficava próximo à praia, e podia escutar o barulho das ondas do mar e o cheiro de maresia. Pela linda iluminação eu pude ver a beleza da nossa acomodação, e que havia outros

bangalôs um pouco mais distantes, mas todos estavam com as luzes apagadas.

— Espere. — Já ia seguir o rapaz, mas o Felix me puxou, segurando firme a minha mão. — Deixe-o entrar. — Estava um vento forte e queria me proteger da ventania, então o abracei e fiquei protegida pelos seus braços.

— Senhor Santini, o senhor já deve ter recebido a senha do destravamento da porta no seu smartphone. Sejam bem-vindos e tenham uma boa noite. — O rapaz foi embora. Felix se virou para mim, me afastando do seu corpo.

— Senhora Santini, enfim sós... — Sorriu e piscou um olho. Ele me pegou nos braços tão de repente que até me assustei, soltando um grito. — É a tradição, o noivo deve entrar no quarto com a noiva nos braços, meu amor. Você nem imagina como esperei por este momento. — Não deu tempo de articular nenhuma resposta, pois minha boca foi devorada pela dele.

Senti um arrepio atravessar a minha espinha quando escutei o tom cru da sua voz, mas a sensação dos seus braços fortes sobre mim fez com que meu coração batesse forte contra o meu peito. Respirei fundo e deitei a cabeça no seu ombro. Felix era tudo o que eu queria em um homem, pois ele me amava mais do que tudo e tinha certeza de que nada no mundo iria destruir essa felicidade.

O conforto do seu corpo junto ao meu era perfeito, delirante. Felix não precisava fazer muita coisa para me deixar zonza de desejo. Todas as vezes em que ficamos juntos e nus, ele sabia como ninguém despertar o meu corpo e as minhas vontades. Quando o seu pênis duro encontrava o calor da minha vagina, ele pulsava feroz e só se acalmava quando encontrava o conforto da minha mão, ou quando o lambia.

Entramos no confortável bangalô de luxo, e enquanto ele empurrava a porta com o pé para fechá-la, dei uma olhada no lugar. A cama era enorme, havia até um ofurô com vista para uma ampla janela, uma TV enorme, e pude notar uma escada de madeira que seguia para o mezanino. Uma mesa decorada com frutas e petiscos e uma garrafa dentro de um balde de gelo esperava por nós. Felix inclinou a cabeça e me beijou, soltando as minhas pernas enquanto me deixava deslizar pelo seu corpo, até os meus pés alcançarem o chão. Ele me virou na sua direção e lentamente caminhamos para a cama. Durante o tempo todo a sua boca se movia sobre a minha.

— Você vai ter que me desculpar se parecer apressado, meu amor, mas esperei muito tempo por isso — murmurou contra minha boca.

— Felix... — Ele não largava a minha boca, devorava os meus lábios e língua. — Felix... — Empurrei seu peito com a mão, tentando me afastar um pouco. — Amor, preciso mudar a roupa, preciso me trocar para você — finalmente disse. Estava louca para vestir a linda camisola branca que tinha comprado para a nossa noite de núpcias. Ela era muito sexy e ele certamente iria adorá-la.

— Querida, você não precisará de camisolas, calcinhas ou qualquer coisa que cubra este corpo lindo e gostoso durante a nossa estadia nesse hotel. A única coisa que cobrirá você é o meu corpo — ele disse me olhando intensamente com um olhar quente e sedutor. Confesso, fiquei decepcionada. Queria muito impressioná-lo, sonhei com este momento, idealizei até a pose que faria quando saísse do banheiro. Contudo, não disse nada, apenas mantive os olhos fixos nos dele, enquanto sentia suas mãos abrindo o zíper do meu vestido.

— Dispa-me, Lhaura, me deixe nu. — O tom da sua voz não era mais o mesmo, agora soava com exigência. Minhas mãos foram para os botões da sua camisa, e me atrapalhei ao tentar abri-los.

— Bem, parece que preciso ajudá-la, não é mesmo?

— Não, dou conta. Já fiz isso muitas vezes, mas é que hoje será diferente. — Sorri contra a sua boca enquanto empurrava o paletó pelos seus ombros. Só neste momento percebi que tinha me esquecido da gravata. Ele se afastou um pouco e com uma das mãos afrouxou o nó, puxando-a para fora da cabeça e jogando-a de lado, e logo depois se livrou da camisa, empilhando as roupas no chão. Desafivelou o cinto da calça e enquanto o puxava, parou. Com um só movimento, meu vestido foi rasgado ao meio. Confesso que me assustei, pois foi brutal e repentino. Ele só precisava ter me pedido para retirá-lo.

— Felix, meu vestido... — Ele sorriu diabolicamente, aquele sorriso que dizia: não ligo para a porra do seu vestido. E mais uma vez fui surpreendida quando ele arrancou o meu sutiã e a minha calcinha, deixando uma linha vermelha na pele sensível dos meus quadris. Ardeu, e confesso que nesse momento eu tive medo. Aquele homem faminto eu não conhecia. Estava nua diante dele, só com os meus sapatos de saltos.

— De joelho, Lhaura — ele disse com voz rouca. Surpresa e chocada, fiquei com os olhos fixos nos dele. Eu não sabia o que fazer, pois Felix nunca falou assim comigo. O que ele queria que eu fizesse? — De joelhos! Não me escutou? — Com as mãos nos meus ombros, ele forçou o meu corpo para baixo. Meus joelhos dobraram e me ajoelhei. — Prepare-me para você. — Os seus dedos tocaram o meu queixo e nossos olhares se fixaram.

— Chupe-me, minha linda esposa. Me devore com a sua boquinha quente, quero sentir o calor do fundo da sua garganta.

Senti as minhas bochechas queimarem, não por vergonha, pois já tinha feito sexo oral nele muitas vezes. Na verdade, fiquei chocada pela maneira como ele falou comigo. Felix não me deixava chupá-lo até o fundo, ele era muito cuidadoso, tinha medo de que eu me engasgasse, por isso ele sempre preferia fazer oral em mim em vez de me ter fazendo nele. No entanto, ao mesmo tempo em que eu fiquei espantada, fiquei igualmente excitada, pois sempre quis retribuir o mesmo prazer que ele me proporcionava. Por isso, abri o zíper da sua calça e o despi. Ele me ajudou com os sapatos, e eu retirei as meias. Felix era um homem lindo, principalmente quando estava nu. Tinha um corpo escultural e musculoso. Só de olhar dava água na boca. E aqui estava, de joelhos, olhando para meu marido, admirada e boquiaberta com tanta beleza.

— Gosta do que está vendo, querida? — ele disse enquanto lentamente manobrava o seu longo e espesso membro entre os dedos. — Abra a boquinha e chupe o pau do seu marido, Lhaura.

Não foi preciso falar duas vezes. Entreabri os lábios, levando-o à minha boca, sentindo a maciez da glande molhada escorregar pela minha língua, saboreando a sensação máscula e gelatinosa dele.

— Sentia falta disso, Lhaura. Todas as vezes que fizemos oral eu queria muito o meu pau enfiado profundamente na sua linda boquinha, mas não podia exigir isso de você. Só que agora somos casados e isso muda tudo — ele disse suavemente, guiando a minha cabeça, empurrando-a para frente e para trás enquanto os meus olhos permaneciam nos seus.

Suas mãos emolduraram o meu rosto para que ele pudesse me olhar com mais atenção, mas seus quadris continuavam se movendo em um ritmo constante. Ele deu um sorriso fraco.

— Estou adorando ver a sua boquinha cheia com o meu pau, esposa. Você está tão linda agradando o seu marido, Lhaura. Agora posso lhe mostrar o que me agrada e o que não me agrada. — Ele segurou a minha cabeça e empurrou até que a sua pélvis encostasse no meu rosto. Foi uma sensação horrível, e de repente ficou difícil de respirar. Tentei me afastar, mas as suas mãos me prenderam. — Não tocaria em você de qualquer maneira, até agora.

Finalmente ele se afastou e eu... tossi.

Tossi muito, enquanto os meus olhos lacrimejavam. Estava me sentindo sufocada, zonza, contudo, só tive tempo de puxar o ar para os pulmões, e logo a minha boca estava novamente tomada pelo seu espesso membro. Felix entrava e saía da minha boca, e quando via que conseguia respirar, ele apertava o meu nariz com os dedos e voltava a empurrar a minha cabeça, prendendo-a na frente da sua pélvis.

— Isso, sinta-me. Você está sentindo o pulsar do meu pau no fundo da sua garganta? Ele está louco por você. — Queria chorar, gritar, pedir para que ele parasse, mas não conseguia, pois as suas mãos me prendiam tão firmemente que sequer conseguia me mexer. Tentava afrouxar a força que as mãos dele faziam no meu rosto.

— Quieta, meu amor. Sei que você está se sentindo desconfortável, mas logo se acostumará, acredite em mim.

E quando pensei que iria me engasgar, ele saiu da minha boca, se inclinando em direção ao meu rosto e me dando um beijo. Com as nossas bocas coladas, ele me ajudou a levantar. Meus braços circularam o seu pescoço enquanto me aproximava dele e ele me abraçava, me puxando com força contra o corpo. Esqueci de todo o mal-estar que senti há poucos segundos, o meu corpo respondia ao roçar frenético do corpo dele. Era como se alguém acendesse um fogo em mim cada vez que a sua ereção raspava e molhava a minha barriga. O meu coração disparava e a minha vagina pulsava.

— Felix, você está me deixando louca — gemi contra a sua boca.

— Eu sei. — Ele riu, me guiando em direção à cama. — Estou tão duro que dói. Veja como você me deixa. — Ele apertou o quadril contra o meu corpo. — Viu como ele pulsa?

— Oh, meu Deus, Felix! Você nunca esteve tão duro como agora! Você será gentil? — perguntei inocentemente. — Quero dizer, você vai devagar...?

— Oh, meu amor. Fique tranquila, não tenha medo. Tudo o que eu fizer será para o nosso prazer. — Ele me jogou na cama, caindo em cima de mim. — Lhaura, a sua vida sexual começa hoje. Esqueça tudo o que viveu enquanto namorávamos. — Felix me pareceu perigoso e o seu olhar brilhava lascivamente enquanto varria o meu rosto. Então, ele se afastou e deslocou o seu peso.

— O que foi?

— Lhaura, você não tem noção do quanto a quero. O meu desejo por você não chega nem perto do que sentia quando estávamos namorando. Por isso, meu amor, não teremos preliminares. Quero tudo de você, e hoje você me pertencerá em todos os sentidos. Grite, chore, me xingue, me bata... Faça o quiser, mas não tenha medo de expor o que está sentindo. Por isso aluguei este bangalô. Ele é

afastado e não temos vizinhos, ok?

Fiquei confusa e a minha mente tentava conciliar todo aquele repertório. Só não sabia se era para ficar assustada, ansiosa ou com medo. Ele sabia que eu era virgem, sabia da minha pouca experiência, por isso acho que ele sabe que tem que ser paciente e ir devagar. Ou será que ele seria um homem das cavernas e arrancaria a minha virgindade à força?

— Felix, o que você quer dizer com isso? — Estava quase entrando em pânico, não reconhecia mais Felix neste momento. Ele parecia faminto, e parecia achar que seria o seu prato principal.

— Minha esposa adorada. Não sofra, logo você saberá, e garanto que a dor que vai sentir será efêmera e incomparável ao prazer que darei a você — respondeu me olhando intensamente enquanto os seus dedos passavam lentamente entre as minhas pernas até chegarem na junção das minhas coxas, me fazendo erguer os quadris.

— Oh, meu Deus! — gemi, arqueando ainda mais o corpo quando os seus dedos se embrenharam nas minhas dobras molhadas e o seu dedo médio me penetrou lentamente, movendo-se dentro de mim.

— Imagine o meu pau fazendo isso, entrando e saindo com força, sacudindo o seu corpo. — Seu dedo escorregou para o meu buraco traseiro. — O meu pau invadirá esse buraquinho também. — Olhei para ele assustada quando a ponta do seu dedo pressionou a entrada. — Oh, sim, meu amor. Eu quero tudo... — Ele riu com aquele olhar escuro de arrepiar a espinha.

Não sei se ele falava sério, pois nunca tocamos no assunto sexo anal, ele sequer tocava na minha bunda. Sei que em uma relação tudo é possível, mas segundo relatos da Margot, sexo anal é dolorido demais. Ela já tinha tentado, mas na segunda tentativa desistiu, por isso, todas as vezes que iniciava um relacionamento logo dizia: “sem anal”. O resto estava liberado. Não sei se permitirei o sexo anal, já que não sei lidar muito bem com a dor.

Ele estendeu a mão e ela se moveu sobre o meu ventre até tocar os meus seios. Ele brincou com os dedos nos meus mamilos e logo em seguida se inclinou e senti o calor da sua boca e língua me sugando. Até que gemi enquanto retorcia os dedos pelos seus cabelos, quase dolorosamente. Tomada pela força do desejo incessante de ser totalmente possuída pelo homem que amo, ergui as pernas e as envolvi ao redor do seu quadril.

Vendo o meu desespero, Felix se apoiou nos antebraços e tomou a minha boca, mostrando o seu desejo possessivo e colocando a sua língua entre os meus lábios entreabertos. Uma de suas mãos se esticou para alcançar o seu pênis, e ele o guiou até estar entre as minhas coxas. Já sabia o que fazer, pois era assim que ele gozava quando estávamos namorando. Eu pressionava as coxas no seu pênis e o Felix movia os quadris para cima e para baixo até o nosso clímax explodir.

— Felix! — gemi enquanto pressionava as minhas coxas em torno do seu pênis. Aquela sensação e a maciez do músculo ereto era boa demais, era um fogo que queimava dentro de mim, um formigamento no meu clítoris, que me fazia sentir uma necessidade enorme de gritar de prazer.

— Oi, meu amor! Calma, sei o que está sentindo, pois a sua necessidade é a mesma que a minha.

Derreti com o tamanho da sua ternura. Seu olhar quente e as suas mãos possessivas adornaram

o meu rosto, e vi tanto amor através deste gesto que sequer consegui lembrar do meu próprio nome nesse momento.

— Querida, vou tentar ter o máximo de cuidado com você, mas temo que a minha necessidade por você me cegue. Então me avise se a machucar.

Assenti receosa. Tinha me preparado para este momento, pois segundo os relatos das minhas amigas, ele era doloroso demais, e o que menos quero é sentir dor. Mesmo assim, tentei sorrir, não queria deixá-lo nervoso. Ele ficou entre as minhas pernas, levantei um pouco os joelhos para deixá-lo mais confortável, e a mim também, e ele baixou o quadril e o moveu contra o meu, seu pênis duro sondando a minha entrada.

— Lhaura, serei rápido, assim evitarei o seu sofrimento — ele disse calmamente, inclinando a cabeça para me beijar.

Seu beijo quente e demorado fez com que os meus medos desaparecerem. Enquanto a sua boca fazia o trabalho hipnótico, suas mãos acariciavam os meus seios. O meu corpo todo respondeu ao seu toque e logo já estava gemendo e me contorcendo embaixo dele. Então o senti, seu quadril se moveu para baixo, e veio aquela sensação de ardor, como se estivesse sendo alargada forçadamente nas minhas partes íntimas. Gritei e me agarrei ao seu corpo, mordendo o seu ombro. Apertei os olhos e uma lágrima desceu. Engoli e pedi em pensamento para que ele não se movesse, pois a dor estava me matando. Ele parou de imediato, me sufocando de beijos.

— Já foi, Lhaura. Agora tenho que me mover, meu amor, não estou aguentando — ele murmurou enquanto tomava a minha boca novamente. Ele era tão grande e grosso. Jamais sonhei que seria assim tão dolorido ou que não suportaria, ou que o seu pênis pudesse me rasgar se continuasse se movendo. Podia sentir o pulsar dele dentro de mim. Não havia no inferno nenhuma maneira de que conseguisse aguentar isso por muito tempo.

Engoli. Preciso aguentar. Não posso decepcioná-lo, afinal ele esperou tanto tempo por esse dia. Assim como eu...

Seja, forte Lhaura.

Não o deixe perceber que está doendo tanto. A dor vai passar. Inspirei...

Vai passar.

Assenti com a cabeça. Ele se moveu para frente e senti uma pontada. Voltou o quadril para trás, depois para frente lentamente, mas desta vez senti apenas um desconforto, até que ele empurrou tudo de vez. Meus olhos se arregalaram e quase me engasguei.

— Sinto muito, querida, mas não dá mais. Preciso aliviar a pressão das minhas bolas, dói em mim também. — Apertei os olhos e ele suspirou, se movendo rapidamente. — Amo você, Lhaura Santini. Agora você é completamente minha. — Seu quadril bateu contra o meu e a dor voltou. Por Deus, queria empurrá-lo, gritar, pedir que parasse. Minhas mãos espalmaram as suas costas, e eu cravei as unhas na sua pele.

— Porra, você é muito apertada. Estou adorando isso. — Felix se equilibrou nos braços, erguendo o corpo, e esta posição fazia com que seu quadril batesse contra o meu corpo com mais força. — Está gostando, meu amor? Você nem imagina o quanto estou. Valeu a pena a espera, valeu a

pena o meu jejum. — Ele investiu com força. — Eu a amo, a desejo. Não quero outra mulher a não ser você. Você é o meu tudo, você é a minha vida. Como eu a quero... — Seu corpo veio de encontro ao meu, e desta vez ele bateu forte. Não pude segurar o grito.

— Desculpe, amor... doeu? — Assenti com a cabeça, apertando os olhos e externando a minha dor. — Me perdoe. — Ele me beijou e desta vez diminuiu o ritmo, então relaxei. E pouco a pouco, o meu prazer foi se construindo. Podia sentir uma força crescendo dentro de mim.

— Felix, isso é bom, muito bom – eu disse tirando a cabeça do colchão.

— Oh, inferno, sim! — ele grunhiu, começando a ditar um ritmo lento e torturante, até que não aguentei e pedi para que fosse mais rápido. Precisava senti-lo. Então, ele se apoiou sobre as mãos e começou a bater com mais força.

— Lhaura, abra os olhos! — ele falou com a voz rouca. — Quero ver você gozar. Desta vez quero vê-la gozar com o meu pau dentro da sua boceta apertada.

Fiz o que ele pediu, e embora já tivesse experimentado o orgasmo antes, este não foi nada parecido com os anteriores. Foi como se uma onda de calor constante tomasse todo o meu corpo e de repente se concentrasse no meu ventre, descendo em ondas elétricas para a minha vagina. Gritei o seu nome ferozmente, me agarrando a ele como se ele fosse a minha tábua de salvação. O Felix soltou um grunhido rouco e pude ver sua fisionomia tensa. Ele passou a se mover rápido, depois saiu de dentro de mim. Os seus joelhos ficaram dos dois lados do meu corpo. Olhei para ele assustada, e sua mão segurava seu pênis masturbando-o.

— Abra a boca, Lhaura, quero vê-la provar a minha semente... — Como assim!? Ele quer mesmo que eu faça isso? Nós nunca fizemos isso e não sei se quero engolir sêmen.

— Felix... — murmurei seu nome sem jeito.

— Abra a boca, Lhaura. Eu quero que engula a minha porra do mesmo jeito que provo seu gozo. Vamos, abra boca. Gosto de ver, isso me dá prazer... — Exigiu.

E agora? Será que preciso mesmo fazer isso? E se não fizer, será que ele entenderá? E se ele for procurar em outra o que não encontra em mim? Não, Lhaura, não é hora para pensar nisso. Não custa nada, abra a boca e satisfaça seu marido, depois você cospe. Abri a boca e o Felix se moveu um pouco mais para perto e encostou o pênis nos meus lábios. Jatos esbranquiçados e gelatinosos esguicharam na minha língua e não gostei do gosto.

— Porra! Que lindo! Isso, saboreie a porra do seu marido — Felix urrava enquanto sua mão fazia o trabalho de vai e vem no seu grosso pênis e os seus dedos apertavam a glande inchada, fazendo os jatos saírem fortes. — Gostoso? — Tentei colocar para fora da minha boca com a língua. — Não, não senhora, vai engolir tudinho... — Sua outra mão alcançou o meu queixo e fez com que a minha boca se fechasse. — Engula, Lhaura. — Ele espalmou a palma da mão em minha boca e nariz. — Engula tudo. — Sem escapatória, engoli. Foi a sensação mais horrível do mundo, fiquei com vontade de vomitar, mas me contive.

— Abra boca e me lamba, limpe ele e depois chupe-o com força. — Ele parecia um selvagem. Olhei para o seu pênis que ainda estava duro e todo o meu desejo desapareceu. Não queria fazer aquilo, mas fiz.

Assim que terminei, ele se inclinou sobre mim, me beijou com fúria e escorregou a boca por toda a extensão do meu corpo, não deixando um só lugar sem beijar e morder, acendendo novamente o meu desejo. Quando a sua boca ficou no meio das minhas pernas e a sua língua começou a varrer as minhas dobras, todo o meu corpo ganhou vida própria. Gritei, gritei de prazer. Felix me segurou pelos quadris e começou a me chupar com força. A minha vagina pulsava, e nem percebi que ele usava um dedo no meu ânus, o prazer foi tão intenso que pensei que estava flutuando. Passaram-se uns bons cinco minutos antes que ele finalmente levantasse a cabeça e olhasse para o meu rosto.

— Amo você, senhora Santini. Eu não via a hora de me casar com você.

— Também amo você, senhor meu marido — Isso fez com que ele desse um dos sorrisos mais sexys que eu já vi nele. Ele ficou de joelhos no colchão enquanto as suas mãos massageavam os meus tornozelos.

— Ok, meu amor. Agora banho e descanso — ele disse beijando suavemente os meus pés com ternura. — Vou preparar a banheira e pegar a garrafa de champanhe. Não saia daí. Já, já volto.

— Não pretendo ir a lugar algum — disse sorrindo. Felix pegou o balde de gelo, duas taças e os levou consigo. Quase doze minutos depois, ele me levou em direção ao banheiro.

— Oh, Deus! — Justamente quando pensei que ele não poderia mais me surpreender. — Você fez isso tudo em doze minutos? – perguntei sem acreditar.

Ele tinha acendido algumas velas ao redor da banheira, que estava cheia de espuma, e de lá vinha um delicioso perfume. Na borda de mármore havia um balde de gelo, a garrafa de champanhe e duas taças. Ele estava atrás de mim e me envolveu com os seus braços, beijando o meu pescoço.

— Eu sei que está dolorida, mas farei lentamente e a água ajudará. Quero muito você. Depois que comecei a namorá-la não fiquei com outra mulher e hoje estou saindo de um jejum de meses. Você foi e será a única para sempre. A mulher que realizará todos os meus desejos, assim como serei o homem que realizará os seus.

Essa confissão, vindo de um homem como o Felix, faria a terra tremer. Ele era um completo mulherengo, e ainda assim, ele entregava seu coração e corpo somente a mim. Sem dizer nada, pois não era necessário, apenas senti as batidas aceleradas do meu coração. Me virei ainda nos seus braços, ficando na ponta dos pés, e ele baixou a cabeça para que pudesse beijá-lo.

Felix me ajudou a entrar na banheira. A água estava deliciosamente morninha e assim que a minha pele sentiu o calor aconchegante, eu me senti nas nuvens.

— Um brinde, linda esposa — Felix disse estendendo a mão e me oferecendo uma taça. Estava sentada entre as suas pernas, com as costas contra o seu peito.

— Um brinde ao nosso amor e a uma vida cheia de emoções e muita felicidade. — Ele beijou o alto da minha cabeça.

— E muita safadeza com a minha esposa linda. — Engoli a bebida rápido demais quando escutei sua fala audaciosa e quase me engasguei. Felix percebeu e soltou uma gargalhada.

— Oh, Sr. Santini, você certamente está me surpreendendo hoje.

— Estou? — ele disse pegando a taça da minha mão e colocando-a de lado, antes de passar as

mãos pelos meus ombros até alcançar os meus seios. Suspirei e ele inclinou a cabeça no encaixe da curva do meu pescoço, me fazendo gemer. — Delícia, você já está pegando fogo com apenas um toque meu. — Pude sentir a saliência repentina da sua ereção contra as minhas costas.

— E você também — disse esticando o braço para trás e tocando a sua protuberância avantajada. Ele se levantou, me virando de frente para si, fazendo com que me sentasse no seu colo completamente arreganha, ao seu bel prazer, e me beijando com força.

— Quero você e quero agora.

— Eu também, meu amor. Eu também. — Tentei sorrir, mas fui surpreendida com a pressão forte da sua boca sobre a minha. Os nossos corpos se agitaram, fazendo com que a água transbordasse fora da banheira, seguida de risadas nossas. Montei nele e esqueci qualquer dor ou ardor. Felix tinha razão, a água amorteceu as suas investidas e eu só senti prazer.

— Junte os seios, meu amor. Vou gozar entre eles...

Fiz o que ele me pediu. Felix me afastou e mirou o pênis entre os meus seios. Só senti o jato quente na minha pele. Estava disposta a tentar qualquer coisa para satisfazê-lo, já que ele confessou que ficava excitado quando jorrava seu esperma em mim. Talvez não precise mais engolir seu sêmen, talvez ele fique satisfeito só em jorrá-lo no meu corpo, pois não sei se serei capaz de engolir sua semente novamente.



12

Na manhã seguinte acordei com o rosto do Felix entre as minhas pernas. Ele estava me chupando, me lambendo e me mordendo. Suas mãos por baixo de minha bunda, apertando-a.

— Felix... — Puxei o ar enquanto mordia o meu lábio inferior e o meu corpo se retorcia faminto por mais chupadas e mordidas.

Estava deitada na cama, nua e com as pernas completamente abertas. Felix sabia mesmo usar a boca e a língua divinamente, ele conseguia extrair de mim suspiros, gritos e gemidos, repetidamente. Ele pressionou a boca no meu núcleo e sugou, e quando eu pensei que não suportaria mais, a sua língua bateu no meu clítoris e deslizou até alcançar o meu ânus. Foi só então que percebi que o seu dedo estava lá dentro, golpeando duramente, e sequer tive tempo para me assustar, pois estava tão gostoso que nem me importei, apenas me entreguei ao orgasmo e me deixei ser arrastada para aquele prazer delicioso. Felix sugou meu prazer até a última gota, e antes mesmo que pudesse exclamar, algo foi introduzido no meu ânus. Não era o seu dedo, pois senti um incômodo duro e frio me alargando. Pensei que ele havia violado o meu buraco traseiro e tentei tocar com a mão.

— Calma, relaxe, meu amor. Isso aqui é só para prepará-la para me receber. Você gostou dos meus dedos dentro dele, não gostou? Então vai adorar quando o meu pau estiver fazendo o mesmo que os meus dedos fizeram — ele falava enquanto movia, não sei o quê, dentro do meu traseiro. Doía, me alargava, e posso jurar que não era a mesma coisa que ter os seus dedos ali.

— Fe-Felix, não... Não, tire isso de mim, está doendo... — Engoli quando senti que ele empurrou tudo e se moveu para cima do meu corpo, seu pênis alargando a minha vagina.

— Shh, meu amor. Relaxe e apenas sinta a sensação de ser preenchida nos dois buracos. É gostoso, não é? Um plug no seu lindo rabinho e meu pau na sua bocetinha. — Mal podia respirar, quanto mais falar. Meu ânus estava queimando e a minha vagina ardendo. Queria gritar, mas respirei fundo e tentei relaxar. Talvez ele tivesse razão e meu corpo se acostumaria com a invasão.

— Amo você, meu amor. Amo o seu corpo lindo... — Ele socou forte, e eu o senti no meu útero. A cada estocada, o plug no meu ânus entrava e saía, me incomodando demais.

— Caralho! Que gostoso, você é muito apertada, Lhaura! Isso me deixa louco. — Bateu forte seu corpo contra o meu e a dor cresceu. Gemi. — Isso, meu amor, quero os seus gemidos e os seus gritos. — Ele inclinou a cabeça em direção aos meus seios e começou a chupá-los enquanto a sua mão descia e os seus dedos encontravam o meu clítoris.

— Felix... — Ele sabia me tocar e me deixar em chamas. Não sei explicar, mas veio uma sensação tão prazerosa que o meu corpo todo respondeu. Um arrepio percorreu a minha espinha e logo estava gemendo alto.

— Isso, meu amor, sinta a sensação deliciosa da entrega total. — Meu prazer estava vindo em

ondas gigantes, então gritei e o meu útero se contraiu em uma sensação de puro êxtase.

— Felix!

Gritei alto o seu nome e o puxei para mim, beijando-o forte, trêmula de prazer.

— Agora é a minha vez, minha querida. — Ele saiu de dentro de mim, e logo senti o plug sair do meu ânus. — Lhaura, deixe seus tornozelos nos meus ombros, essa posição é melhor para iniciantes... — Eu o vi pegar um preservativo e cobrir o pênis duro, e em seguida lambuzá-lo com um gel. — Prometo que só doerá um pouco.

Quando suas mãos sustentaram a minha bunda, pude perceber a sua intenção. Ele iria me penetrar por trás. Não! Gritei silenciosamente.

— Felix, não estou pronta para o anal, vai doer...

— Calma, meu amor. É claro que você está pronta, você verá. Vai doer no início, mas depois gozaremos como nunca gozamos antes, e você me dará o seu buraquinho traseiro todos os dias... — Ele sorriu com malícia.

Eu ia protestar, mas a sua boca cobriu a minha e a sua mão começou a bolinar o meu clitóris. Senti a glande na entrada do meu buraco traseiro. Travei, fiquei tensa.

— Amor, relaxe, se tensionar os músculos será muito dolorido — ele disse e depois voltou a me beijar, forçando a entrada. — Porra, que delícia. Virgem aqui também e tudo isso é meu — articulou com orgulho e quase babando, enquanto quase chorava.

Queria pará-lo, mas algo dentro de mim dizia para deixá-lo. Precisava tentar, afinal Felix sempre fazia de tudo para me agradar, por isso não custava nada tentar dar esse prazer a ele.

Ele empurrou com mais força. Não, não, sem dúvida alguma, o pênis dele era completamente diferente do plug e aquilo tudo não caberia dentro do meu ânus, ele iria me rasgar. Quando o senti entrar, a dor sufocante veio com força. Respirei fundo e...

Empurrei seu corpo, já em prantos.

— Por favor, não! Não, Felix! Não aguento, dói muito. Seu pênis vai rasgar meu ânus... Eu não posso, hoje não...

Felix me olhava atordoado, de joelhos, com o pênis ereto e a respiração ofegante.

— Ei, meu amor, se acalme. É assim mesmo da primeira vez, será dolorido, mas depois será só prazer. Confie em mim, vamos tentar mais uma vez... — Ele me olhava com tanto amor e tanto tesão. — Olha como estou. — Apontou para o pênis ereto. — Prometo que se não aguentar faremos o convencional, ok? — Queria satisfazê-lo, por isso engoli o meu medo e assenti com os olhos. — Faremos diferente. Leve os joelhos ao peito, abraçando-os. — Fiz o que ele sugeriu. Felix pegou o tubo de lubrificante, apertou na entrada do meu ânus e senti o gel gelado. — Sente os meus dedos?

— Sinto. — Felix movia os dedos dentro de mim, entrando e saindo. Era gostoso, e não estava doendo.

— É gostoso, não é? — Balancei a cabeça afirmando. — Nossa! Quando estiver com meu pau aqui dentro não vou demorar. Esperei tanto tempo por isso, Lhaura! Se você soubesse como gosto de sexo anal, caralho! — Ele baixou a cabeça e começou a lamber as minhas dobras enquanto fodia o

meu ânus com os dedos. Gemia e me contorcia. — Agora está pronta para me receber.

Ele lambuzou o meu traseiro com mais lubrificante, e em seguida se moveu por cima do meu corpo, se equilibrando com os braços. Senti a cabeça do pênis entrar. Não foi prazeroso, foi dolorido.

— Felix... não...

— Shh... Feche os olhos, Lhaura, será rápido. Eu sinto muito..., mas... — Eu mal consegui respirar, só senti uma dor dilacerante me rasgar. Gritei e arqueei o corpo, soltando os meus joelhos e tentando afastá-lo de mim. Felix segurou os meus braços e os levou para cima da minha cabeça, prendendo-os e roubando a minha boca enquanto entrava e saía do meu corpo.

— Hum — ele grunhiu. Já não sentia mais nada, só fechei os olhos e rezei para que terminasse logo. Duas estocadas, mais duas... e ele saiu, puxou o preservativo, e de joelhos olhou para mim, cheio de tesão. — Abra a boca... — Só queria que aquilo acabasse logo. Abri a boca e o seu pênis escorregou entre os meus lábios. Felix segurou o meu maxilar e colocou todo o seu comprimento na minha boca. — Engula tudo, querida. Saboreie cada gota da semente do seu marido. — Ele segurava meu rosto enquanto sentia os jatos quentes do seu esperma na minha garganta. Tentei engolir, respirei fundo, apertei os meus olhos, mas... não deu. Empurrei o Felix e vomitei tudo. A ânsia de vômito veio com toda força e logo todo o lençol estava sujo.

— Lhaura, respire, calma. — Felix me colocou nos braços e me levou para o banheiro. — Oh, meu amor, me perdoe, me perdoe. Pensei que você estava gostando, perdoe-me... — Ele me abraçava e me beijava ao mesmo tempo. Suas mãos acariciavam as minhas costas, enquanto soluçava de tanto chorar.

Juro que fiquei com medo da reação dele, no entanto, ele só se desculpava e me beijava. Quando me acalmei, ele me deixou na banheira enquanto ligava para a recepção. Escutei quando ele pediu que mandassem alguém para limpar o quarto e para que trouxessem o nosso café da manhã. Depois ele se juntou a mim na banheira, mas não fizemos nada, ele apenas ficou abraçado ao meu corpo.

— Lhaura, precisamos conversar. — Estávamos tomando o nosso café da manhã na varando do lado de fora do bangalô. Eu já sabia qual seria o assunto. O nosso sexo desastrado.

— Você está decepcionado, não é? — De alguma forma eu me sentia culpada.

— Não, não estou, mas precisamos esclarecer algumas coisas. — Ele sorriu tentando aliviar as minhas preocupações. — Meu amor, não quero que se sinta obrigada a nada, entende? Mas preciso que saiba o quanto o sexo é importante para mim. — Ele se inclinou e segurou a minha mão. — Sei que tudo isso é novo para você, mas você precisa confiar em mim.

— Felix, não é questão de confiança...

— Shh, me escute — ele me interrompeu. — Sei que está com medo...

— Aterrorizada — foi minha vez de interromper, sorrindo de nervosa.

— Pois não deveria, sou seu marido e a amo mais do que tudo na vida. — Ele arrastou a cadeira e ficou bem perto de mim. — Lhaura, antes de você, tinha uma vida sexual intensa, e assim que começamos a namorar abandonei esta vida. Para mim é só você e será sempre você. Não quero

outra mulher, será com você que realizarei todos os meus desejos e espero realizar todos os seus, então, quero que você saiba que gosto de fazer tudo entre quatro paredes, e você precisa aprender. Eu serei paciente e deixarei que se acostume com a minha intensidade, mas preciso que tente. Não quero que aceite todos os meus desejos só para me agradar, eu preciso que você queira também, estamos entendidos?

— Sim, estamos, e sinto muito por hoje cedo... — murmurei, porque estava me sentindo uma péssima esposa.

— Venha cá, não fique assim. Teremos quatro dias para você experimentar coisas maravilhosas, e pode gritar à vontade, pois ninguém vai te escutar. Eu aluguei os três bangalôs que cercam o nosso.

— Felix, você não fez isso? — Ele era louco! Não podia acreditar que ele teve a coragem de fazer isso.

— Sim, fiz, porque queria privacidade total, e não queria vizinhos nos observando. Ou você acha que seria louco de deixá-la sentada aqui, nua, se houvesse a possibilidade de haver algum vizinho nas redondezas? — Sim, estava nua e ele também. — Isso tudo aqui é nosso por quatro dias.

— Seu doido — eu disse.

— Agora chega de conversa, vamos para a cama que já estou de pau duro. —Felix me colocou nos braços, roubou a minha boca e me levou para dentro do bangalô.

Por quatro dias ficamos trancados no quarto e só saímos uma noite para jantar no restaurante principal, porque eu implorei muito. Felix tentou algumas vezes o sexo anal novamente, mas a dor era insuportável, então ele desistiu, e ficamos no que ele chama de "convencional", pois até os plugs não deixei mais que usasse em mim. Quanto a ejacular na minha boca, ele tentou por duas vezes e nas duas tentativas quase vomitei, então ele não tentou mais, e daí por diante passou a usar preservativo. Fiquei feliz por ele entender e passei a amá-lo muito mais. Realmente ganhei na loteria, pois o Felix era o melhor homem do mundo.

A volta para casa foi uma grande surpresa. Pensei que iríamos morar na sua antiga casa, ela era grande e confortável, por isso quando ele vendou os meus olhos assim que nos aproximamos da nossa cidade, não pude me conter de curiosidade. Queria retirá-la, mas ele não deixou, e depois de longos minutos, ele descobriu meus olhos e quando vi a surpresa, gritei de felicidade.

— Gostou? — Ele me olhava com um brilho de felicidade e um sorriso maravilhoso esticando os seus lábios. — Um castelo para uma rainha, a minha rainha — completou cheio de felicidade.

— Felix! — exclamei seu nome ainda impactada com a surpresa. — Quando você fez isso?

— Comprei no dia seguinte em que a conheci e comecei a reforma imediatamente. Você pode até me chamar de presunçoso... — Ele sorriu, piscando um olho. — Eu já sabia que você seria minha.

— E sou mesmo — admiti. — Ela é linda. Não... não, esta casa é divina..., mas minha nossa, é enorme, não vou dar conta de cuidar dela. — Olhei para ele perplexa.

— Meu amor, haverá pessoas para cuidar dela, não se preocupe. A sua única atividade nesta casa é ser a dona, a dona de tudo o que estiver dentro dela, inclusive, a minha dona. — E sem que

esperasse, ele me colocou nos braços. — Este agora é o seu lar, senhora Santini.

Eu o beijei enquanto ele me carregava nos seus braços fortes. A mansão, pois posso falar de boca cheia que era uma mansão, era cercada por muros altos e um enorme portão de ferro talhado, com as iniciais dos nossos nomes. A arquitetura era um pouco parecida com a casa dos pais dele, no entanto, era muito mais bonita, muito mais florida e muito mais moderna. Na frente havia um imenso jardim de flores coloridas e um caminho largo de pedras negras até o batente de pedra-sabão. A imensa porta de madeira se abriu e uma senhora que aparentava ter mais de cinquenta anos, com seus cabelos brancos presos em um coque no alto da cabeça e vestida formalmente, nos recebeu.

— Sejam bem-vindos, senhor e senhora Santini! — nos cumprimentou a séria senhora.

— Lhaura, esta é a senhora Paulina, a nossa governanta. — Ele me colocou no chão e eu a cumprimentei, mas não lhe dei muita atenção. Queria mesmo era apreciar a minha casa.

— Meu Deus, Felix! Vou me perder aqui dentro, é tudo tão grande! — E era, só a sala era quase do tamanho da minha casa inteira, e era projetada em um conceito aberto, no estilo americano, onde quase não há paredes dividindo os ambientes.

Tudo era muito amplo, bem decorado, e a casa era muito... muito arejada. Havia portas e janelas cercando todo o andar de baixo, de onde podíamos ver todos os jardins que cercavam a propriedade. O único local da casa que não vi foi a cozinha, por isso saí à sua procura. Abri uma porta enorme – tudo era enorme nesta casa – e, quando os meus olhos percorreram o local, fiquei boquiaberta. Moraria tranquilamente naquela cozinha, tinha até uma TV e alguns estofados. Observei alguns eletrodomésticos, os quais nunca tinha visto na vida e sequer sabia para que serviam. Felix percebeu.

— Não se preocupe, não precisará usá-los. Essa parte da casa é de inteira responsabilidade da Paulina, aqui você só entrará para dar ordens. Agora venha cá, vamos conhecer o nosso quarto.

Ele me carregou nos braços novamente e me levou para a parte superior da nossa casa. Nem tive tempo de admirar o nosso enorme quarto, pois fui colocada sobre a cama, enquanto ele cobria a minha boca com a sua e suas mãos já despiam as minhas roupas enquanto as minhas despiam as dele. Nus e cheios de tesão, fomos consumidos pelo fogo da paixão e fizemos amor na nossa cama pela primeira vez.



13

Três meses já haviam se passado e a minha vida de casada era maravilhosa. Felix era o homem perfeito, o homem que todas as mulheres sonhavam chamar de seu, mas era meu. Todas as manhãs fazíamos amor e antes de ir trabalhar ele trazia o meu café da manhã na cama. Ele sempre chegava uma hora antes do almoço, e sempre o esperava nua no quarto. Este era o único cômodo da casa onde era proibido o uso de roupas. As noites eram ricas em surpresas, pois nunca sabia o que ele faria, ou traria para casa. Logo após o jantar, fazíamos amor novamente, e não importava onde começávamos, podia ser na sala, na biblioteca, no escritório, ou na piscina, mas sempre terminávamos no nosso quarto. O Felix era insaciável. Ele foi modesto quando disse que gostava de sexo, pois ele não gostava, ele respirava sexo.

Viver ao seu lado era uma caixinha de surpresas, ele sempre me roubava um sorriso, e quando estava ao meu lado, esquecia-me de tudo. No entanto, sentia-me sozinha quando ele estava na empresa, e mesmo que papai viesse almoçar e jantar conosco algumas vezes na semana, ainda sentia falta dos meus amigos, principalmente da Margot e da Belle. Logo que voltei da nossa lua-de-mel, nós nos víamos sempre. Elas e os namorados sempre estavam aqui no período da tarde, contudo, há mais de um mês que não as vejo, pois elas foram cursar faculdade em outro estado.

Já sabia disso, só fiquei surpresa por não poder me despedir das minhas queridas amigas, e as ingratas sequer ligavam para mim. Até tentei ligar para elas, deixei recado no WhatsApp, mas não obtive resposta, então desisti. Talvez as duas ingratas já tenham me esquecido. Talvez até já tenham feito novas amizades e deixado as velhas no passado.

A manhã estava esquisita, o céu cinzento tirou a alegria dos pássaros que cantavam sem parar nos jardins, por isso resolvi descer e ficar um pouco na sala, tocando piano. Felix comprou um para mim, ele adorava me ouvir tocar não só o piano, mas também o violoncelo e o violino. E foi só pensar no Felix que bateu a saudade. Procurei meu celular e não achei. Era sempre assim, vivia perdendo meu celular. Desde que o Felix me deu um novo, sempre o perco dentro de casa.

Desci as escadas e encontrei a Paulina, ela estava fazendo a averiguação da limpeza, como sempre. Ela foi até o hall de entrada e a segui. Lá ela pegou algo e depois seguiu a caminho da cozinha. Fui atrás dela novamente.

— Bom dia, Paulina! Você viu o meu celular? — Ela me olhou com o seu típico olhar indiferente.

— Não. Já procurou no quarto? — respondeu friamente. Às vezes tinha a impressão de que ela não gostava de mim. — A senhora vive perdendo o aparelho. As arrumadeiras sempre encontram o seu celular nos lugares mais inusitados da casa. A última vez que o encontraram estava embaixo do porta-toalhas, ao lado da banheira.

Ela tinha razão. Sempre o perdia, ele era fino e leve e sempre me esquecia dele. Felix já tinha

reclamado sobre isso, inclusive já me pediu um trilhão de vezes para não o deixar no modo silencioso, mas não sei como ele sempre acabava ficando no silencioso. Paulina estava com algo nas mãos. Inclinei-me para ver e parecia correspondência.

— O que tem nas mãos?

— As correspondências do senhor Santini — ela disse, desviando-se de mim.

— Entregue-as para mim, depois entrego ao Felix quando ele vier almoçar. — Estendi a mão esperando que ela me entregasse.

— Desculpe-me, senhora, mas tenho ordens de só entregar para ele. — Petulante, filha da mãe, quem ela pensava que era?

— Entregue-me isso, Paulina! Também sou a dona desta casa — disse impaciente, já tentando alcançar suas mãos enquanto ela se movia para se afastar do meu alcance.

— Sinto muito, senhora, mas ordens são ordens. Depois a senhora reclama com o senhor Santini. — Perdi a paciência e puxei os envelopes das mãos dela, sem dar chance de que pegasse de volta. — Por favor, senhora Santini, me dê isso. Não complique a minha vida...

Ela tentava tomar de mim enquanto me desviava dela e lia os envelopes.

— Isso aqui é meu, está endereçada a mim, portanto tem que ser entregue a mim. — Praticamente esfreguei o envelope branco no rosto dela. — Tome, fique com o resto. Que fique claro, senhora Paulina, quando o meu nome estiver escrito nas etiquetas dos envelopes, é para ser entregue diretamente a mim, entendeu?

Ela me olhou com fogo nos olhos e pegou o restante dos envelopes.

— Eu obedeço às ordens do Senhor Santini, portanto, reclame com ele! Com licença, senhora.

Ela saiu quase flutuando, só faltou a vassoura para poder voar, a bruxa velha. Sorri enquanto a observava atravessar as portas duplas que levavam para a cozinha. Abri o envelope e quase desmaiei de susto ao ver a logomarca do papel. Era da *Royal Academy of Music* de Londres e o que estava escrito me deixou ainda mais assustada. Só tinha um dia para fazer a matrícula.

Como assim!? Felix ficou de resolver tudo isso e até pensei que já estivesse tudo certo. Só podia ser um mal-entendido.

Peguei o telefone e liguei para o número que estava no papel timbrado. Alguém atendeu e em inglês pedi para que me transferissem para o setor responsável. Conversei com o coordenador do curso e ele me disse que aquela era a terceira e última carta que me enviavam. Ele explicou que já haviam enviado cinco e-mails e não obtiveram nenhuma resposta.

Fiquei perdida, pois não tinha recebido nenhum e-mail, nem sequer uma única correspondência, esta era a primeira. Pedi desculpas e lhe disse que hoje mesmo faria a matrícula.

Felix tinha que me dar alguma explicação. Não queria acreditar que ele escondeu as correspondências. Não, ele não faria isso. Ele me apoiou tanto. Precisava tirar isso a limpo. Subi as escadas às pressas, peguei a minha bolsa e fui atrás do motorista. Ele estava na cozinha tomando um café.

— Raul, preciso sair, vamos — disse sem esperar resposta, virei as costas e caminhei em

direção ao jardim.

— Para onde a senhora quer ir? — perguntou enquanto abria a porta do veículo. Entrei. — Empresa Santini, escritório central — disse.

O escritório central ficava um pouco distante da nossa casa, já que a propriedade ficava fora da cidade. Levamos cerca de trinta e cinco minutos para chegar. O prédio não era tão imponente quanto o que havia na capital, embora ele tenha uma arquitetura moderna, com cinco andares, e a presidência ocupe todo o último andar. A intenção era que o Felix estabelecesse residência na capital ou até mesmo migrasse a matriz para a capital de São Paulo, mas por enquanto ele resolveu ficar aqui mesmo, já que passaríamos quatro anos ou mais em Londres.

As portas do elevador se abriram, e logo de cara vi a linda ruiva, secretária do Felix, toda bela e poderosa com seus trezentos quilos de maquiagem no rosto. Assim que ela me viu, fingiu um sorriso e se levantou.

— Bom dia, senhora Santini. — Ela me olhou dos pés à cabeça. Sim, sei que não estava vestida apropriadamente para vir até a empresa do meu marido. Deveria estar vestida com alguma roupa de grife elegante, saltos altos, e muito bem maquiada. No entanto, estava com um vestido simples floral de algodão e nos pés, um simples par de tênis brancos. Que se dane, não precisava provar nada a ninguém, afinal todos sabem que sou a esposa do grande empresário Felix Santini.

— Bom dia, Lilian, meu marido está aí? — Apontei para sala dele, e sem esperar a resposta, passei por ela indo direto para a porta.

— Sim, mas... — Antes que ela abrisse a boca, escancarei a porta e já fui soltando o verbo.

— Felix, o que significa isso aqui? Será que o senhor pode me explicar que... — Parei subitamente quando vi três homens sentados à frente da mesa do Felix. Eles me olhavam espantados e o Felix de pé, com as mãos em punhos sobre a mesa, fitava-me com fogo no olhar.

— Senhor Santini, não tive culpa, não consegui detê-la — a secretária gaguejava, olhando para o Felix com um olhar receoso, talvez com medo de ser repreendida ou até mesmo demitida.

— Está tudo bem, Lilian, pode ir. Aliás, tire a manhã de folga. — Eu ouvi quando ela respirou aliviada e logo em seguida fechou a porta depois de sair.

— Felix, eu peço desculpas... — Tentei reparar o meu erro, mas o Felix desviou os olhos para os três homens que estavam na sua frente.

— Senhores, peço desculpas, mas terei que adiar a nossa conversa para o almoço. Eu os acompanho até o elevador. — Ele apontou com a mão em direção à porta. Estava bem na frente dela, por isso me afastei. Os homens se levantaram, olharam para mim, gesticularam com a cabeça e depois olharam para o Felix, que já tinha saído de trás da mesa, se posicionando ao lado deles.

— Felix, nós não temos todo o tempo do mundo, espero que compreenda isso, pois precisamos voltar o quanto antes para São Paulo, afinal foi você que nos chamou aqui. Se quiser resolver esse mal-entendido e não perder o contrato, acho bom resolvermos isso logo.

O homem que segurava a mão do Felix lhe disse.

— Aguiar, sou o mais interessado. Não se preocupe, resolveremos isso no almoço. Vamos, eu

os acompanho.

— Senhora! — O tal Aguiar me cumprimentou enquanto passava. Felix sequer olhou para mim, mas eu vi o seu olhar furioso. Tinha um bom tempo que não sentia aquele arrepio de medo quando Felix me olhava daquele jeito, ele estava se controlando.

Eu me virei para a porta e esperei. Escutei o barulho da porta do elevador se fechando. Os segundos se arrastaram até que Felix surgisse diante de mim, e só senti o peso da sua mão no meu rosto. A força do tapa foi tão grande que o meu corpo foi lançado no chão.

— O que você pensa que está fazendo, Lhaura?! — De repente Felix virou um gigante e eu uma minúscula formiga. Eu me vi sentada no chão, com a mão no rosto, tentando aliviar o ardor do tapa, os olhos marejados e tentando esconder meu medo, enquanto Felix estava de pé, com o corpo inclinado na minha direção e apontando o dedo para o meu rosto, me acusando.

— Fe-Felix, você me bateu! — murmurei entre lágrimas.

Ele respirou fundo, passou os dedos nervosamente entre os fios dos cabelos desalinhados e voltou a si, se jogando no chão ao meu lado.

— Viu o que você me fez fazer? Você está bem? Machucou?

Não, seu imbecil! Não foi no seu rosto o tapa. Claro que machucou, está doendo pra cacete!

Ele me levantou do chão e me guiou até o estofado.

— Porra, Lhaura! Às vezes você faz com que eu perca a cabeça! Viu o que fiz com você? Eu te bati, meu Deus! Como pode fazer isso comigo? Como pode me tirar do sério assim, caralho? E agora?

Como assim! Ele está me culpando? Eu apanho e ainda sou culpada?

— Felix, você está me culpando? Não acredito nisso! — Olhei para ele pasmada, massageando a minha bochecha, que ainda queimava e provavelmente estava bem vermelha.

— Claro que a culpa é sua, minha querida. Lhaura, não se deve mexer com um animal furioso, aprenda isso, pois, ou você é ferida, ou é morta. Você entrou no meu escritório gritando feito uma louca, me acusando de sei lá o quê, e eu estava no meio de uma reunião delicada, tentando recuperar um contrato importantíssimo. Estava nervoso, com raiva, e com uma vontade enorme de matar o funcionário que fez essa cagada. O que você queria? Queria que a tratasse com delicadeza?

— Com respeito, Felix. Queria que me tratasse com respeito. Sou sua esposa, não o seu saco de pancadas. — Empurrei as mãos dele do meu rosto. Ele tentou me deter.

— Solte-me! Tire as suas mãos de mim! — Empurrei suas mãos outra vez. — Posso ter errado ao entrar no seu escritório sem antes saber se estava ocupado ou não, mas isso não lhe dá o direito de me bater.

— Eu sei disso — ele me interrompeu. — Não justifica a minha violência. Mesmo que estivesse furioso com o mundo, não deveria ter batido em você. Sou um monstro cruel e não a mereço.

Mesmo tentando empurrá-lo, ele me puxou para o seu corpo, apertando-me entre os seus braços e me sufocando de beijos, principalmente no lado do meu rosto que foi atingido pela sua mão cruel.

— Me solta, Felix! Não quero beijos, quero ir embora...

— Lhaura, me perdoe. Eu te amo tanto, estou tão arrependido... Por favor, o que quer que eu faça para lhe mostrar que me arrependo?

— Não sei, porque acho que o que você fez não tem perdão — disse-lhe, olhando em seus olhos tristes.

— Já sei, vamos à delegacia. Você precisa me denunciar, o que fiz é crime! Mereço ser punido... vamos.

Ele se levantou, foi até a mesa e pegou as chaves do carro, depois o paletó e estendeu o braço, me chamando com a mão.

— Vamos, Lhaura, fui um babaca e mereço pagar por isso.

Fiquei olhando para ele abismada. Será que ele faria isso mesmo? Se entregaria para a polícia? Sim, ele faria. Sei que faria, ele faria qualquer coisa por mim, até ser preso.

— Felix, não precisa fazer isso. Você tem razão, a culpa foi minha, não tinha nada que invadir sua sala feito uma louca.

— Lhaura, meu amor. — Ele se ajoelhou, suas mãos se espalmaram nos dois lados do meu rosto. — Mesmo assim, não tinha o direito de te bater. Não a mereço, sou um monstro, meu amor, um monstro...

— Não, não é, você é o meu amor. Você errou, mas se arrependeu e não teria coragem de denunciá-lo. Desculpe-me por ter provocado você...

— Só se você me desculpar. — Ele beijou levemente os meus lábios sorrindo e vi uma lágrima descer lentamente pelo seu rosto.

— Desculpo — respondi e comecei a chorar. Ele se levantou.

—Não chore, querida. Vem cá, sou um idiota, um imbecil. Por Deus, como pude fazer isso? — Ele segurou meu queixo, erguendo minha cabeça para encará-lo. — Amo você. Amo mais do que tudo na vida, sabia?

— Eu sei.

— Venha, deite-se aqui no sofá. Deixe-me cuidar de você, é o mínimo que posso fazer depois do que eu fiz. — Ele pegou uma bolsa de gelo e colocou no lado machucado do meu rosto. Ele me olhava com carinho enquanto acariciava meus cabelos. — Sabe que não a mereço.

— Esqueça isso, já esqueci. — Fiquei deitada no imenso estofado da sala presidencial sentindo os carinhos dele. Talvez não devesse perdoá-lo, talvez devesse mesmo denunciá-lo, mas o amo tanto, e tenho certeza de que ele não fez por maldade.

Precisava acreditar que ele não faria mais isso.

— Melhorou? — Felix continuava acariciando meus cabelos, enquanto seus olhos me olhavam com carinho. — Se não melhorar, vou mandar um médico vê-la quando chegar em casa.

— Estou melhor. Acho até que passou a vermelhidão, veja. — Retirei a bolsa de gelo e lhe mostrei o lado do rosto. — Não precisa se preocupar. — Segurei o seu rosto e o fitei com carinho.

— Felix, esqueça isso.

— Não posso. Fui violento com você, isso é fato — disse ele. Não tinha dúvida da sua preocupação, era evidente em seus olhos. Meio que esperava que ele fosse reagir desta forma, ele obviamente estava muito decepcionado consigo mesmo.

Felix levou a mão até o meu rosto e começou a acariciá-lo. Em seguida seus lábios tocaram a pele machucada e escorregaram lentamente sobre ela. Foi uma carícia deliciosa, pois a sua língua molhada deixava um rastro de alívio e me inebriei naquele momento tão íntimo de nós dois.

— Felix — suspirei excitada. — Se continuar fazendo isso vai se atrasar para o almoço — disse sorrindo e o agarrando, puxando-o para o meu corpo.

— Eu sei, mas... — ele não conseguiu dizer mais, pois a sua boca cobriu a minha em um beijo cheio de ternura.

Felix espalmou a mão no meu queixo e os seus olhos se fixaram nos meus.

— Você me deixa louco, sabia?

Não pude deixar de sorrir.

— Você também me deixa louca.

— Pena que não tenho tanto tempo, mas quando chegar em casa vou deixar a sua bocetinha ardidinha. Portanto, se prepare — acrescentou me dando um olhar quente.

— Nasci pronta para você, meu amor. — Ele riu.

— Ok então, senhora Santini. — Ele me ajudou a sentar. — Bem, agora quero saber o que a fez vir até aqui e me acusar daquele jeito. Será que a senhora não podia esperar até a noite?

— Você pode pegar a minha bolsa? — Apontei para a mesa onde tinha deixado a bolsa. Felix foi até lá e a trouxe para mim. Abri a bolsa e retirei o envelope branco de dentro dela.

— Foi por isso que eu vim... — Entreguei o envelope. Felix o pegou e o abriu, mas não se demorou com ele nas mãos, dobrou-o e devolveu. — Você já sabia, não era? — perguntei enquanto ele guardava o envelope na bolsa. — Por que não me contou? — Felix virou-se de costas, foi até o aparador de vidro e serviu-se de um dedo de bebida. Virou o copo e engoliu o seu conteúdo em um só gole, fazendo um barulho com a garganta quando o líquido puro e sem gelo desceu.

Os próximos segundos, enquanto esperava por uma resposta, foram os mais longos da minha vida até agora. Finalmente ele se virou e me encarou.

— Pretendia conversar com você sobre isso esta noite. Já estava me preparando desde ontem. — Veio na minha direção e se sentou ao meu lado, segurando umas das minhas mãos e levando-a para a perna. — Recebi o e-mail há dois dias, mas estava criando coragem para esclarecer os porquês de não ter lhe contado a verdade.

Engoli em seco, tentando assimilar tanta informação e ao mesmo tempo não querendo acreditar que o Felix escondia coisas de mim, principalmente coisas tão importantes para o meu futuro.

— Como assim, Felix? Não recebi nenhum e-mail de Londres e sequer ligações ou correspondências de lá, esta foi a primeira em meses. — Eu o encarava com um olhar dúbio.

— Lhaura, não me olhe assim como se a estivesse enganando. Não fiz isso, apenas assumi a responsabilidade de cuidar de você, pois como sou eu quem vai cuidar da parte financeira, achei melhor mudar o endereço de e-mail e os telefones. Quanto às correspondências, as anteriores devem estar no meu endereço antigo, já que só atualizei o endereço há um mês.

— Então temos que fazer a matrícula o quanto antes, já que a data expira amanhã...

— Lhaura... — ele me interrompeu. — Não poderei ir com você para Londres.

Acho que parei da respirar por alguns segundos.

— Como assim!? Você disse que iria! Como agora me diz que não vai mais? O que aconteceu? — Fiz uma pausa, esperei a resposta, mas Felix só me olhava como se estivesse procurando as palavras certas. — Felix, me responda! Não entendo, você estava animado para ir morar em Londres.

Ele respirou fundo e sua mão largou a minha. Baixou os olhos como se estivesse com receio de me olhar, então me veio o medo do que estava por vir.

— Lhaura... — Ele se levantou e colocou as mãos nos bolsos, me encarando. — Há alguns meses não pensaria duas vezes em ir para Londres e passar cinco anos lá, mas agora... — Ele se sentou novamente e puxou o meu queixo para que pudesse olhá-lo nos olhos.

— E agora, o que mudou? Por que você não pode mais ir? — Estava decepcionada, sonhei com a nossa ida para Londres e com a nossa vida nova.

— Tudo. Mudou tudo, meu amor. As empresas cresceram, se expandiram. Você mesma sabe que acabamos de abrir uma filial em São Paulo e outra está prestes a ser inaugurada no Texas. E com a doença da mamãe, papai não poderá assumir meu lugar enquanto eu estiver fora...

Baixei a cabeça e uma lágrima desceu suavemente pela minha face.

— Lhaura, meu amor, não fique assim... — Sua mão segurou o meu queixo e o meu rosto voltou a encarar o dele. — Você sabe que faria qualquer coisa por você, não sabe? — Assenti. — Mas infelizmente não posso morar em Londres neste momento. Se fôssemos só eu e você, eu nem piscaria, no entanto existem outras pessoas que dependem de mim. Meus funcionários, as famílias dos meus funcionários, a minha família, o seu pai... — Ele puxou meus ombros e me abraçou.

— Eu sei..., mas... e agora? — Ele me afastou e os seus olhos lindos se fixaram no meu rosto por alguns segundos.

— Meu amor, não tenho direito de impedi-la de ir...

— Você me deixaria mesmo ir sozinha? — interrompi.

— Querida, não posso ir e não posso exigir que fique. — Ele não foi sincero, senti suas palavras vacilarem, ele queria que eu ficasse.

— Felix, você sabe que estudar em Londres é o meu sonho desde criança.

— É, mas pensei que o seu sonho agora fosse viver ao meu lado. — Ele me olha com cara de decepção. — Mas tudo bem, já que é isso que você quer, vou apoiar a sua decisão. — De repente o seu corpo se ergueu do estofado e ele vai em direção à mesa. Pega o celular e começa a procurar algo.

— Amor, não fique decepcionado porque disse que a escola de música é meu sonho. Não estou mentindo, sonhei com isso desde criança e bem antes de conhecê-lo, e você não é mais um sonho, você é a minha realidade. — Vou até ele e o abraço. — Eu o amo, Felix, você sabe disso.

— Eu sei, meu amor, e entendo a sua escolha. Não se preocupe... — Ele continuava a procurar algo no celular. — Achei o número do corretor de imóveis. Espero que goste do apartamento que escolhi, fica perto da faculdade, perto de tudo.

— Já? Felix, não precisa resolver isso agora, só precisa me matricular. Só vou para Londres daqui a dois meses, temos tempo para escolher tudo.

— Não, quero deixar tudo pronto. O apartamento será pago, como também farei o pagamento integral do seu curso, e da sua pensão com o nosso divórcio.

— Divórcio! — gritei e quase caí de joelhos. Precisei me segurar no braço dele. — Você está brincando, não é? — Eu o fitei assustada. Ele estava brincando, só podia.

— Não, Lhaura, não estou. Só existem duas soluções para essa situação: ou você desiste do curso, ou irá sozinha, e neste caso você precisa ir livre, não tem como continuarmos casados.

Não vi nenhuma emoção na sua voz. Ele foi frio, duro, e jogou as palavras na minha cara como se elas fossem tão simples de serem ditas.

— Felix, nós não precisamos nos divorciar. A não ser que você não me ame mais, é isso?

— Não seja tola, Lhaura! — exasperou-se. — Estou fazendo isso justamente porque a amo mais do que tudo. Quero vê-la feliz, realizada...

— Se divorciando de mim? — interrompi. — Ficou louco? Como serei feliz me divorciando de você? Pare, Felix! Vou para Londres e você pode perfeitamente ir me ver. Claro que não será igual como é agora, mas podemos, sim, sobreviver a estes cinco anos.

— Sim, podemos, é claro que podemos, minha querida, mas a que preço? Acha mesmo que nos veremos com tanta frequência? Lhaura, no máximo a verei duas vezes por mês. Você acha que isso é o suficiente? Oh, meu amor, não se iluda. — Ele segurou o meu rosto com as mãos. — Meu anjo, o que acha que vai acontecer quando a saudade bater? Quando o meu corpo sentir a falta do seu, acha que vou me contentar com punhetas e sexo virtual? Não, Lhaura, vou recorrer às putas e depois, com o tempo, as amantes surgirão e você fará o mesmo.

— Que horror, Felix! Nunca farei isso. — O empurrei, me afastando, olhando-o horrorizada.

— Claro que vai, Lhaura. Você já conhece o prazer do sexo. Estarei longe e você vai conhecer outros homens, e quando a vontade vir com força, vai dizer que é só sexo, que você me ama e não preciso saber. Você sucumbirá ao desejo, assim como eu. Isso é fato, meu amor. Fato, entendeu?

— Não! — gritei e as lágrimas vieram fortes. — Não... não... não, nunca farei isso e acredito que você também não fará. Nós nos amamos e quando existe amor...

— Pare, Lhaura! — Ele segurou o meu rosto outra vez, me forçando a encará-lo. — Não é uma questão de amor. Não estou pondo à prova o nosso amor, é uma questão de sexo, da necessidade que um homem e uma mulher saudáveis sentem, pois quando ela vem, não tem amor que a impeça. Portanto, acho melhor, para o nosso bem e o bem do nosso amor, nos divorciarmos e talvez quem

sabe um dia...

— Não, não diga isso. — Agora sou eu quem segura seu rosto. — Eu voltarei para você e nunca vou o trair. Eu juro!

— Lhaura... Lhaura... Minha linda Lhaura, talvez você nunca mais volte para o Brasil. Acorde, minha querida! Com o talento que você tem, assim que terminar o seu curso logo será contratada por alguma sinfônica e aí as turnês pelo mundo começarão. Não, meu amor, na sua vida não terá lugar para um casamento, não com um homem igual a mim. Por isso preciso deixá-la ir, entende agora?

— Eu não quero deixá-lo. Quero continuar casada com você e quero continuar sendo a sua mulher — articulei soluçando com tristeza.

— Até quando, hein? Acho melhor pularmos o sofrimento. Acredite, essa decisão está sendo mais difícil para mim do que para você. Eu preferiria morrer a perdê-la.

— Então não vou. Desisto da faculdade, pronto! Não quero perdê-lo, não quero. — Meus braços cercam o seu corpo e eu o aperto com força enquanto choro compulsivamente.

— Ei, shh... Lhaura, meu amor, acalme-se. Ei, meu anjo, não chore. Você não precisa tomar essa decisão agora. Não quero que desista por minha causa, mas porque você mesma deseja isso, ok? Por isso vá para casa, descanse e amanhã você resolve, certo?

— Não, já me decidi. Vou ficar com você e com o nosso amor, nada nesse mundo é mais importante do que o nosso amor.

— Mais tarde conversamos sobre isso. Não quero que tome uma decisão no calor da emoção, pois é a sua carreira que está em jogo. Portanto, meu amor, sem pressa. — Ele me beija com amor. — Querida, preciso ir, preciso mesmo. Vou levá-la até o carro e quando chegar em casa me ligue.

— Ligo sim, mas a decisão já está tomada, senhor Felix Santini. Não vou mudar de ideia. — O beijei com ousadia.

— Conversamos sobre isso depois, senhora Santini. Agora vamos ou vou jogá-la nesta mesa e farei amor com você, e será com toda a força do meu tesão.

— Ui, que *meda*! Deu até tremedeira. — Ele me puxou sorrindo enquanto tentava roubar um beijo.

— Não me tente, Lhaura Santini...



14

Deixei escapar um suspiro e passei os dedos na minha testa, enxugando uma leve camada de suor. O calor do final da manhã estava me matando e me deixando suada. Olhei para meu reflexo nas paredes de vidros do hall de entrada do prédio enquanto caminhava em direção ao automóvel. Estava corada e com uma aparência feliz, apesar da minha recente discussão com Felix, mas cheguei à conclusão de que ele tinha razão, pois se fosse morar em Londres, certamente a nossa relação iria enfraquecer. Afinal, estávamos casados há pouco tempo e o afastamento podia sim ter consequências doloridas e decepcionantes.

A caminhada até o veículo não foi cansativa apesar do calor, estava com energia de sobra. O Felix tinha esse dom, ele me deixava elétrica.

— Lhaura! — uma voz meiga chamou. Virei a cabeça e vi a Margot atravessar a rua correndo na minha direção. O que ela estava fazendo aqui? Enquanto ela se aproximava, avaliava sua radiante beleza. Ela vestia um short jeans rasgado, camiseta azul-marinho customizada e botas de cowboy, me lembrando que tudo que ela usava sempre acentuava suas pernas longas e torneadas. Seus cabelos soltos ao vento faziam seus cachos avermelhados dançarem enquanto ela andava apressadamente. Margot era de tirar o fôlego.

— Margot, o que faz aqui? — inquiri em tom de surpresa.

— Eu... Hã... — Ela ia abrir a boca quando fomos interrompidas.

— Conhece esta jovem, Sra. Santini? — perguntou meu motorista, afastando a Margot com a mão e impedindo-a de me abraçar.

Olhei para ele, totalmente insatisfeita com a sua postura.

— Sim, eu conheço. É minha melhor amiga, portanto quer por favor soltar o braço dela? — disse em tom descontente.

— Desculpe, senhora, eu não sabia. Pensei... — ele limpou a garganta. — Perdão, não quis assustá-la. — Raul se afastou, mas permaneceu atrás de mim. O canto da boca de Margot se curvou em um sorriso, e ela acenou para o motorista.

— Olá! — Ela estava flertando! Margot continuava a mesma.

— Raul, me espere no carro. — Ele não gostou, me olhou como se quisesse me dizer que suas ordens eram de não me deixar sozinha. — Vá, Raul, ficarei bem — concluí.

Assisti o Raul desaparecer enquanto caminhava em direção ao veículo que estava no estacionamento privativo, deixando-nos sozinhas no meio do calçadão, cercadas apenas de vozes distantes que vinham de vários ângulos à nossa volta. E uma das vozes foi a de Raul, entendi perfeitamente o que ele disse: "*Se o senhor Santini descobrir, estou fodido, merda!*".

— Gostosinho esse seu motorista. Puta merda, que bunda maravilhosa, já imagino esse gostoso

nu...

— Margot! — exclamei — É do meu motorista que você está falando, credo! — Segurei seus braços e a puxei para um abraço bem apertado.

— Ai, mulher, calma! — Eu a apertava tanto que sacudia seu corpo. — Também estava com saudade. Por que não respondeu as minhas mensagens? Cheguei a pensar que já estava em Londres.

— Não recebi nenhuma mensagem, sua mentirosa. Você me esqueceu, fez novos amigos e esqueceu dos velhos. E a Belle, onde anda aquela ingrata? — Olhei ao redor, procurando um lugar aonde pudéssemos ir nos sentar para conversar. — Vamos comer algo ali, assim você me conta essa história direitinho.

Atravessamos a rua e seguimos para um restaurante. Era um ambiente pequeno, mas muito aconchegante e tranquilo. Não havia muitas pessoas naquele horário, mesmo assim nos sentamos em um local bem reservado.

— Dois sucos de fruta e duas fatias de torta de nozes — fiz o pedido para a moça sorridente que veio nos atender.

— Deixe-me olhar para você. — Margot se inclinou sobre a mesa, espalmando as mãos nas maçãs do meu rosto. — Meu Deus, Lhaura! Você continua com a mesma carinha de menina tímida. — Seus dedos gentis alisaram a minha bochecha machucada e me esquivei rapidamente. — Lhaura, o que foi isso? — Sua mão segurou o meu queixo, virando meu rosto para observá-lo melhor. — Não, não, não, não quero acreditar. Aquele cretino bateu em você? Ele bateu em você, Lhaura? — ela se exasperou, mas ainda falava baixo. Seu olhar mudou, ela estava enfurecida.

— Não. — Eu me esquivei rapidamente do seu olhar inquisidor — Você enlouqueceu? O Felix jamais me machucaria. Bati o rosto na parede, você sabe como sou desastrada. — Sorri, tentando disfarçar meu embaraço.

— Ah, *tá*. Não sabia que as paredes tinham dedos, pois os vergalhões no seu rosto são marcas de dedos, e não são seus. Vamos agora mesmo até uma delegacia da mulher, denunciar aquele cretino. — Margot mudou de repente, segurou a minha mão e se levantou da cadeira. Ela estava fula da vida.

— Não... — Puxei minha mão com força, afastando-a, e continuei sentada. — Pare com isso, o Felix não me fez nada, juro. Isso aqui foi a parede, juro por Deus! Por favor, amiga, Felix é o melhor homem do mundo, ele nunca encostaria um dedo em mim.

Engoli em seco e olhei para ela com um olhar suplicante. Margot se sentou e suas mãos voltaram a segurar as minhas.

— Lhaura, nós duas sabemos do que ele é capaz. Eu mesma vi o que as cenas de ciúmes dele eram capazes de fazer. Lembra-se da última vez, na casa dele, quando ele te deixou nua e com os braços cheios de marcas de dedos? Se não lembra, eu me lembro perfeitamente, a Belle me contou, só não disse nada por que ela me fez prometer, então não tente me convencer que o Felix é um príncipe, porque príncipe aquele lá não é nem nas bostas que caga.

— Ele mudou, Margot. Naquela época ele era pura insegurança, agora ele não faz mais aquelas coisas. Ele me ama, ama muito.

Ela fez uma pausa, pois nosso lanche acabara de chegar, mas assim que a garçonete se retirou,

ela voltou a me encarar. — Lhaura... — Ela não estava convencida, mas soltou um suspiro e sorriu. — Ok, se você quer continuar se iludindo, problema seu. Agora caso ele venha a bater em você outra vez, não pense duas vezes e denuncie. Não se deixe ser escravizada, entendeu?

— Entendi, mas não se preocupe, isso nunca vai acontecer. Agora me conte, o que faz aqui? A senhorita não deveria estar em São Paulo?

— Nem te conto. Foi tudo uma merda, voltei há mais de um mês. Agora estou estudando na capital, e se você atendesse as minhas ligações, já estaria sabendo de tudo. Depois eu é que sou ingrata — disse parecendo divertida. Balancei a cabeça, confusa.

— Estou perdida. O que você quer dizer?

Ela soltou um suspiro, fixando os olhos amendoados no meu olhar pasmado.

— Lhaura, eu e a Belle tentamos falar com você antes de irmos para São Paulo. Nós ligamos, deixamos recado no WhatsApp e até no Instagram. Chegamos até mesmo a ir até a sua casa, e a sua governanta nos disse que você e o Felix estavam na casa dos pais dele, por isso deixamos o nosso número novo com ela. Só que você nunca nos ligou, pensamos que você não queria mais a nossa amizade, por isso quando voltei não te procurei — explicou.

Paulina nunca disse que as minhas amigas tinham me procurado. Isso não era estranho, pois sempre achei que ela não gostava de mim, só não entendia por que escondeu isso. Quando chegar em casa vou tirar essa história a limpo.

— Margot, você lembra do acidente que a Sophia sofreu antes do meu casamento? Aquele em que descobriram um aneurisma no cérebro?

— Sim, lembro. Ela ficou internada e precisou de interversão cirúrgica. Vocês até pensaram em adiar o casamento, mas ela não permitiu.

— Pois então, quando voltamos da nossa lua-de-mel, alguns dias depois, ela teve uma piora e corremos para ficar com ela. Deve ter sido nessa época que vocês me procuraram. Nós ficamos mais de duas semanas com a Sophia, e quanto às ligações, troquei o número do meu celular, pois perdi o antigo aparelho. Mas mandei mensagem com o meu novo número.

— Só que os nossos números também mudaram já que saímos do estado, por isso deixamos com a sua governanta. A vaca deve ter esquecido, mas tudo bem agora, voltei e sempre estarei aqui na cidade, e quando não estiver, podemos conversar pelo Whats. Me dê seu número novo.

— E a Belle? O que aconteceu para vocês voltarem? — perguntava enquanto ela armazenava meu número novo no celular.

— Ficou em São Paulo, ela não tinha motivos para voltar. — Margot pareceu decepcionada. Será que Belle fez algo com ela? Não queria acreditar nisso, afinal sempre fomos tão amigas e unidas. Ela só olhou para mim, entortando a boca, do mesmo jeito que fazia quando algo dava errado.

— Então... — Ela olhou em volta e, em seguida, de volta para mim. — O babaca do meu namorado me trocou por outra e o pior, o flagrei em nossa cama, aquele cretino ordinário.

— Nossa! — Arregalei os olhos.

— Se você conhecesse a mulher! Cheguei à conclusão de que não basta ser linda, gostosa,

inteligente e rica. Homem gosta é de cu.

— Margot, fale baixo. — Ela olhou para os lados e deu de ombros.

— Que se foda! Eu *tô* puta! Olhe para mim, sou gostosa pra caralho e ele me trocou por uma magrela sem graça. Ela *tava* dando o traseiro pra ele e eu não... Espero que ele se afogue na merda literalmente.

— Oh, amiga, sinto muito, mas você não precisava ter vindo embora. Era só mudar de apartamento, já que vocês estavam morando juntos.

— Lhaura, você me conhece. Não podia continuar lá vendo aquela linguiça desfilar com o meu macho, porque cedo ou tarde ia tascar a mão na cara dela. Por isso, achei por bem pegar meu resto de dignidade e vir embora.

Não ficaria admirada se ela fizesse isso mesmo, porque a Margot nunca foi uma mulher controlada, e quando ela tinha que comprar uma briga, só entrava para ganhar. Mas imaginei que, provavelmente, ela poderia apenas se mudar e continuar o curso por lá, afinal sempre foi o sonho dela morar em São Paulo.

— Mas você está bem, não está? Não vai ficar depressiva por causa daquela injúria?

— Claro que não! Já passou, já estou em outra. Você precisa conhecer o meu vizinho, o homem é gostoso e claro que não resistiu ao meu charme. Já me chamou *pra* sair hoje à noite, e como não sou boba, aceitei.

— Ah, *tá*. E eu aqui morrendo de dó de você. *Aff*, Margot. — Começamos a rir alto.

— Não se preocupe, ainda não nasceu homem capaz de me deixar *pra* baixo. Eles me colocam chifres e eu corto os chifres. Não preciso de homem para ser feliz, eles que precisam de mim.

— E você continua modesta como sempre... — Joguei o guardanapo nela. — E a Belle? Como ela está? Não esqueça de passar meu número para ela.

— Não se preocupe, passo sim. Só não garanto que ela ligue, nem *pra* mim e nem *pra* você. Ela foi passar uns meses em Portugal, está apaixonada e se mandou com o portuguesinho, que por sinal é muito lindo e gostoso.

— Nossa! Aconteceram muitas coisas com vocês, caramba! — Fiquei perplexa com tantas novidades. Sempre achei que a Belle era a mais romântica de nós três, mas nunca imaginei que ela largaria tudo para ir embora com um homem.

— Agora me conte, quando você vai para Londres? Está animada? — Fixei os olhos nos dela.

— Não vou mais, desisti...

— Como é? Ficou louca? Você não pode desistir do seu sonho.

— Sim, era o meu sonho, e ainda posso continuar estudando aqui...

— Pode parar — ela me interrompeu. Estava brava, me olhava irritada. — Estamos falando de uma das escolas de música mais importantes do mundo, e não de qualquer escola. Você enlouqueceu? Por que essa mudança repentina?

— O Felix não poderá ir comigo e não quero ir sozinha. Não quero ficar sem ele. — Respirei

fundo e fiz uma pausa. Não podia contar a história completa para ela. Margot não entenderia e certamente culparia o Felix. — O Felix quer que eu vá, mas decidi não ir e ninguém pode mudar a minha decisão.

— Ok, então. — Ela deu de ombros, mas notei o seu olhar contestador. — Só espero que não se arrependa, afinal é o sonho de uma vida que você está jogando fora. Mas se é isso que quer, vou apoiá-la.

Resolvemos almoçar juntas, e conversamos por mais algum tempo. Nós rimos, matamos a saudade e uma hora depois seguimos caminhos opostos. Ela foi visitar os pais e eu fui para casa.



15

Ao me ver, o Raul saiu do veículo e logo abriu a porta traseira, me ajudando a entrar no carro. Eu me sentei e me acomodei no banco, deixando o meu olhar vagar pelo meu reflexo no vidro da janela do carro, notando as pequenas manchas vermelhas no meu rosto. Margot tinha razão, as marcas eram de dedos e elas deviam ter surgido logo depois que o Felix me bateu. Só não pensei que ficariam tão evidentes a ponto de alguém notar, mas se a Margot notou, outras pessoas notariam também.

Abri a bolsa e pequei o meu kit de maquiagem, e em segundos encobri as marcas avermelhadas do meu rosto. Avaliei a minha face e analisei o momento da fúria do Felix. Concluí que qualquer homem na situação dele teria feito o mesmo, realmente fui muito imprudente ao invadir o seu escritório daquele jeito. Mesmo sendo a sua esposa, deveria ter esperado que ele chegasse em casa para que pudéssemos conversar. Balancei a cabeça, tentando desviar os pensamentos do incidente. Era melhor deixar passar, o Felix não me bateu por ser agressivo. Ele apenas estava nervoso, e não deveria acusá-lo daquele jeito. A culpa foi minha.

— Senhora — Raul me olhou através do espelho retrovisor. — Por que não atendeu a ligação do senhor Santini? Ele já me ligou umas dez vezes e está louco à sua procura. Eu até tentei encontrá-la, vasculhei todos os restaurantes da redondeza. — Não vasculhou todos, com toda certeza.

— Esqueci o meu celular em casa. Mas não se preocupe, Raul, você não vai perder o seu emprego.

— O senhor Santini estava furioso — ele disse quando entrou no veículo e fechou a porta. — Acho que só não fui demitido na hora porque precisava levá-la de volta para casa.

Ele ligou o veículo e o colocou em movimento. As portas travaram e assim que a velocidade aumentou um som de música clássica tomou o interior do carro. Era *Moonligth*, de Beethoven. Sorri, mordendo o lábio inferior. Fechei os olhos e descansei a cabeça no encosto do banco de couro bege. Comecei a acompanhar a melodia com os dedos, como se estivesse tocando com o meu violoncelo, procurando não pensar muito na escolha que acabara de fazer. Afinal, entre os meus dois amores, precisei escolher um. Escolhi o Felix, pois cheguei à conclusão de que apesar da Royal Academy of Music ser uma das maiores e melhores escolas de música do mundo, poderia sim abrir mão dela. Só não poderia abrir mão do amor da minha vida. E quanto à minha formação acadêmica, ainda posso sim dar continuidade em uma faculdade da região.

Entrei em casa e puxei o ar para dentro dos pulmões, respirando a tranquilidade de estar no meu lar. A porta do escritório do Felix se escancarou e ele saiu de lá com os olhos fixos em mim. Sem hesitar, corri na sua direção e deixei que o meu corpo se encontrasse com o seu, correndo as minhas mãos por trás do seu pescoço e alisando sua nuca.

— Amor, tão cedo em casa? — Ele me olhava friamente e com a mesma frieza me afastou do

seu corpo.

— Onde você estava? — Suas mãos duras apertavam os meus braços. — Responda-me, Lhaura! Onde você se enfiou este tempo todo? — Seu olhar tinha um brilho frio e enquanto me fuzilava com ele, Felix sacudia todo o meu corpo, exigindo uma resposta.

— Felix, você está me machucando! Você quer deixar a marca dos seus dedos nos meus braços também? Não foi o bastante deixar marcas no meu rosto? — Seus olhos desviaram-se para os meus braços e ele imediatamente me soltou.

— Merda! Viu o que você faz? Você adora me tirar do sério! Viu o que faz comigo? Porra, Lhaura, onde diabo se meteu?

Ele não me tocou, mas o seu olhar fuzilante fez com que meu corpo se contraísse, e até pensei que ele iria me bater outra vez, por isso me encolhi e fechei os olhos. Respirei lentamente, até que senti a sua mão espalmada, curvada sobre o meu queixo.

— Lhaura, olhe para mim. — Olhei — Você tem noção do quanto é importante para mim? Se acontecer algo com você, nem imagino como será a minha vida. Porra, Lhaura! Ele soltou o meu queixo e jogou os braços ao longo do corpo, mas seu olhar permaneceu fixado no meu rosto.

— Felix, eu...

— Eu o quê, hein? Quase enlouqueci quando liguei para o seu celular e você não atendeu. Liguei para cá e a senhora não estava, liguei para o Raul e ele não tinha ideia de onde estava. Quase largo a porra do que estava fazendo para ir atrás de você. — Ele voltou a segurar o meu queixo e desta vez doeu, pois a pressão que os seus dedos fizeram sobre o meu maxilar machucou. — Onde você estava?

— Quer saber? Quando o senhor meu marido estiver mais calmo nós conversamos. — Me livrei da sua mão e em seguida corri até as escadas, subindo dois degraus de cada vez.

— Lhaura! — A voz de Felix explodiu atrás de mim.

Mas não parei. Meu coração disparou e apertei os meus punhos, a adrenalina fazendo-os vibrar. Chegando ao último degrau, corri rapidamente, ouvindo os passos nas escadas logo atrás de mim. Olhei para trás, mas sabia que Felix estava quase me alcançando, então virei a maçaneta, abri a porta e entrei no nosso quarto, fechando-a rapidamente atrás de mim. Deixei escapar um suspiro, ainda que não soubesse o que Felix faria quando entrasse no quarto.

A porta se abriu e virei minha cabeça, vendo o Felix entrar com uma expressão indecifrável no rosto. Ele fechou a porta, endireitou os ombros, e juro que ele parecia uma fera pronta para dar o bote na sua presa. Ele me encarava friamente e com certeza estava tentando se controlar. Podia ver as veias pulsando em suas têmporas.

— Lhaura, não brinque com fogo! — disse enquanto se aproximava lentamente de mim.

Tentei fugir, mas sabia que agora precisava ficar quieta ou seria pior, porque às vezes o Felix parecia uma outra pessoa. De repente, sua mão me puxou de encontro ao seu corpo, e puxei uma respiração rápida quando senti o seu peitoral duro.

— Não tenho tempo para gracinhas, Lhaura! Me diga agora onde você estava — advertiu

encostando a boca no meu ouvido.

Ele me soltou e ergui a cabeça, olhando para ele. Seus olhos ainda soltavam faíscas.

— Estava com a Margot. A encontrei quando saí da empresa, satisfeito? — perguntei em voz baixa.

— Com a Margot? Jura? Quer mesmo que acredite nisso?

E por que não acreditaria? Mas o que ele pensava que fiquei fazendo esse tempo todo?

— Esta é a verdade, não tenho por que mentir — disse, mantendo a voz baixa. — Onde imaginou que estivesse?

— Eu não sei, me diga você. Mas seja convincente. — Ele baixou a cabeça e ainda estava muito perto de mim. — Então, Lhaura, onde você estava de verdade?

Olhei para ele e juntei as minhas sobrancelhas, tentando manter a minha dor atrás dos meus olhos, escondida. Ele estava desconfiando de mim, era isso mesmo? Isso doeu mais do que a bofetada que ele me deu mais cedo. Abri a boca, falando em voz baixa.

— Você não tem que... — eu parei, respirei e baixei os cílios, incapaz de olhar para ele.

— Não tenho que o quê?

Respirei fundo novamente, tentando me impedir de tremer, e só então olhei para ele outra vez.

— Desconfiar de mim. Você não tem esse direito. — Ele continuou a me encarar com o olhar duro. — Eu o amo — continuei suavizando a minha voz. — Jamais faria qualquer coisa para feri-lo, muito menos...

Parei ao ver seu rosto uma polegada mais perto do meu.

— Muito menos...? — ele disse lentamente.

— Trair você, se é isto que está pensando. Jamais faria isso. — Ele me olhou, mas ainda parecia não acreditar em mim.

— Você mente descaradamente e quer mesmo que acredite nisso? — ele perguntou de novo.

Cerrei meus dentes, respirando com dificuldade, tentando não chorar. Meus olhos marejaram e fiz uma força enorme para não desabar. Felix não tinha o direito de pensar isso de mim, nunca lhe dei motivos, pois desde que começamos a namorar não via outro homem na minha frente a não ser ele. Ele era o dono dos meus pensamentos.

— Não estou mentindo, pergunte ao Raul! — gritei.

— Perguntar ao Raul? Então é isso... — Sua mão pesada pairou sobre os meus ombros e fui sacudida com violência. — Vocês dois estão juntos, não é? Por isso ele inventou a história de que não sabia onde você estava. Vocês estavam me apunhalando pelas costas.

— Enlouqueceu, Felix? Pirou? — Lágrimas imediatamente encheram os meus olhos e meu queixo tremia. Engoli e senti um caroço enorme na garganta, depois senti o meu estômago doer. — De onde você tirou essa ideia? — perguntei enquanto era sacudida.

— Minha querida, eu mato o desgraçado e depois mato você, entendeu? Entendeu, querida

esposa?

— Me solte! — Criei coragem e o empurrei. — Você é maluco. Se não acredita em mim, pergunte para a gerente do restaurante, pois eu e a Margot passamos mais de duas horas lá.

Antes que ele pudesse pensar, me afastei do seu corpo e fiquei a uma distância segura. Engoli o choro, passando o dorso da mão no rosto para limpar as lágrimas. Tudo na minha visão estava turvo e pela primeira vez não me senti segura ao lado do Felix. E pelo seu olhar avaliativo ele percebeu isso. Sua expressão dura suavizou e ele estendeu a mão em minha direção. Tremi.

— Venha cá. — Olhei para a mão estendida, analisando-a por alguns segundos. — Lhaura, venha cá. — Seus olhos não eram mais frios, estavam envolvidos em um brilho suave.

— Felix —quase sussurrei. Não estava me sentindo segura, não com a reação dele. Fiquei confusa.

— Lhaura. — Felix balançou a cabeça e estendeu a outra mão, chamando-me. — Venha aqui.

Ele olhava para mim, e o avaliei de cima a baixo. Sua camisa branca e terno preto bem passado, faziam-no parecer tão confiante, tão protetor. Lentamente andei em sua direção e os seus braços envolveram o meu corpo, apertando-me suavemente.

— Lhaura, Lhaura... Você não tem mesmo noção do tamanho do meu amor por você, não é?

— Eu tenho sim. — Enfiei o rosto em seu peito musculoso e inspirei seu cheiro gostoso e único. — Eu o amo muito, mas não gosto quando desconfia de mim.

— Minha princesa, e não gosto quando mente. Não precisa mentir, só me diga a verdade. Se não estiver satisfeita com algo é só falar.

— Mas não menti, por que não acredita? — Ergui a cabeça e o encarei. Ele me olhou de volta e por alguns segundos seu olhar analisou o meu rosto.

— Porque nós dois sabemos que as suas amigas estão morando em outro estado. — Estreitou os olhos enquanto articulava.

— Estavam. Você não me deixou explicar e foi logo me acusando — Tentei me afastar, mas seu abraço forte não permitiu, então apenas ergui o rosto. — A Margot está morando na capital e a encontrei quando estava indo para o carro, Felix! Ela é minha melhor amiga e fazia tempo que não nos víamos.

— Então por que não a trouxe para cá? — ele me cortou.

— Porque na hora não pensei nisso. Estava tão feliz por rever a minha amiga que só enxerguei o restaurante do outro lado da rua. Não vi nada demais nisso, será que precisava pedir a sua permissão para passar algum tempo com uma amiga?

— Lhaura, não me teste. Você devia pelo menos ter me ligado e avisado, mas acontece que esqueceu o celular em casa. Será que isso foi de propósito?

— Acontece que não esqueci o celular, simplesmente não o encontrei e pedi para Paulina procurá-lo.

Já estava me aborrecendo com esse interrogatório. Por que a Paulina não disse ao Felix que

tinha perdido o celular em casa?

— Felix, quando você me ligou, a Paulina não te avisou que estava sem celular?

— Ela me disse que você tinha esquecido, por isso fiquei puto com você.

Acho que já estava na hora de pôr a Paulina no seu devido lugar.

— Acho que a Paulina não gosta de mim.

— Que história é essa? — Felix inclinou a cabeça para trás para me observar. — Mas que porra está acontecendo nessa casa?

— É a verdade, a Paulina não gosta de mim. Ela vive entortando a boca quando me vê, finge que não está me ouvindo, e hoje cedo quando perguntei se tinha visto o meu celular, ela foi grossa comigo, dizendo que não tenho cuidado com as minhas coisas. E não foi só isso, pois quando pedi para ver a correspondência, ela não quis me entregar e quase me bateu quando as tomei de sua mão.

— O quê!? — ele esbravejou, afastando-se de mim. — Por que não me contou isso? — Fitou-me expressivamente — A Paulina é sua governanta e lhe deve respeito.

— Eu sei, mas acho que ela não sabe disso — finalizei.

— Não se preocupe, vou colocá-la no seu devido lugar. — Era o que esperava. — Agora venha cá. — Ele me puxou pelo braço, me agarrando, e sem que esperasse, a sua boca já estava sobre a minha.

Foi um beijo duro, posso dizer até cruel, no entanto foi gostoso. Gostava da possessividade do Felix, ela me assustava, mas ao mesmo tempo me dava uma segurança enorme. O beijo arrebatador durou uma porção de segundos, até que senti a sua mão alisando os meus cabelos e os seus lábios se afastando dos meus.

— Perdoe seu marido bruto, ciumento e possessivo, mas é muito amor que tenho dentro de mim. Às vezes, acho que morrerei de tanto amor por você. — Ele me olhava com devoção. — Agora me conte o que levou a Margot a largar tudo e voltar para cá.

Ele me abraçou e me guiou para fora do quarto. Parecia que não havia acontecido nada entre nós dois há alguns instantes. Deixei para lá, pois não gostava quando o Felix ficava bravo comigo. Contei tudo. Felix soltava gargalhadas com todas as novidades que contei sobre as aventuras das minhas amigas, principalmente as de Margot.

— Sempre achei a Margot bem louquinha e a Belle sonhadora. Mas as duas são legais, só acho que a Margot não vai muito com a minha cara. — Chegamos à enorme sala de estar e ele parou. Já ia defender a minha amiga, mas dois dedos me calaram. — Está tudo bem, não me importo. — Ele sorriu e me beijou levemente. — Fique aqui, eu já volto. — Balancei a cabeça sorrindo e fiquei à sua espera. Felix entrou em seu gabinete, e fiquei ansiosa, pois sabia que vinha alguma surpresa, ele sempre fazia algo para me surpreender.

— Feche os olhos. — Ele pôs a cabeça para fora da porta ao exigir, e prontamente obedeci. — Agora abra os seus lindos olhos. — Abri. E na minha frente havia um lindo buquê de rosas vermelhas.

— Oh, amor, são lindas! — disse admirada.

— Olhe dentro delas, a surpresa está dentro do buquê. — Seus olhos brilhavam olhando para mim. Então, passei os dedos por dentro do arranjo, vasculhei, até que senti a suavidade do papel do embrulho e a solidez de uma caixinha. Eu a peguei e trouxe para fora. Ela estava embrulhada com papel de seda vermelho. Felix sinalizou para que a abrisse. Entreguei as rosas e logo rasguei a embalagem. Aos poucos a caixa de veludo azul surgiu e quando finalmente a abri meus olhos se iluminaram.

— Felix! Meu Deus, são lindos! São o que estou pensando? Esmeraldas?

— Sim, coloque-os — ele ordenou.

Tirei os brincos de ouro que estava usando e coloquei os brincos de esmeraldas, um em cada orelha. Olhei para o Felix emocionada.

— Quando o Maurício me mostrou esses brincos logo pensei que foram feitos para você. — Seu braço circulou o meu ombro. Girei sobre os calcanhares e fui guiada para o grande espelho que ficava próximo ao corredor que dava para o hall de entrada.

— São lindos, perfeitos. Mas devem ter custado uma fortuna... — Virei o rosto para ele. Felix me olhava com admiração, os olhos presos ao meu rosto.

— Eu lhe disse que te cobriria de ouro e de diamantes, não disse? Você é a minha princesa e sempre terá o que é de mais belo no mundo. Enquanto estivermos juntos, vou mimar você. — Sua voz soou triste. Não era justo deixá-lo triste, o Felix pensava que eu iria mesmo para Londres.

— Se depender de mim, ficaremos juntos para sempre, meu amor. — A palma da minha mão espalmou a sua face e falei essas palavras com todo o amor que havia em mim.

— Lhaura, tem certeza disso? — Ele apenas se afastou para me observar. — Não quero que se arrependa. — Seus olhos vagaram incertos pelo meu rosto. — É isso mesmo que você quer?

— É tudo o que mais quero, e posso perfeitamente estudar aqui na capital. Amanhã mesmo começarei a procurar uma boa faculdade de música. — Ele voltou a me abraçar. — Felix, eu o amo. A nossa família sempre ficará em primeiro lugar e logo teremos filhos...

— Calma aí, senhora Santini. — Beijou meus lábios sorrindo. Afastou-se e aqueles olhos lindos e brilhantes encararam os meus. — Filhos é para um futuro distante. Você é jovem demais e eu também, e quero minha esposa só para mim, nada de crianças. Poderemos pensar nisso daqui a uns dez anos...

— Felix! — o interrompi, soltando-me dos seus braços e o encarando enfezada. — Dez anos? É muito tempo, estaremos velhos demais para cuidar de crianças. Não quero ter filhos tão tarde.

— Não! — Assustei-me quando as suas duas mãos cercaram os meus braços e seu olhar frio me gelou a espinha. — Nada de filhos. Não vou dividir você com ninguém, entendeu? Por isso você precisa tomar os anticoncepcionais corretamente, não quero surpresas.

Engoli em seco. Não esperava por isso, pensei que o Felix queria uma família grande, no mínimo uns três filhos. Sempre quis isso, pois fui filha única e não foi muito legal ser a única criança em casa. Olhei para as mãos dele nos meus braços, seus dedos pressionavam a minha pele com força e já começava a doer. Felix seguiu os meus olhos e afrouxou o aperto.

— Meu amor, teremos todo o tempo do mundo para termos filhos. E quanto a cuidar deles, não se preocupe, teremos quantas babás você quiser. Agora vamos comemorar lá em cima, quero fazer amor com você até deixá-la com a boceta toda dormente. Não pense que me esqueci da promessa que fiz no escritório.

— Nossa! — Eu sorri alto quando ele me colocou nos braços. — Senhor Santini, não vai trabalhar mais? — Começamos a subir as escadas apressadamente, pois ele tinha pressa.

— Não, hoje sou todo seu. Quem mandou me deixar de pau duro o resto da manhã? Não parava de pensar em você. — Sua boca roubou a minha e ele mordeu minha língua. — Estou com fome de você, muita fome.

Entramos no quarto e rapidamente nossas roupas foram arrancadas. Quando me dei conta já estava de pernas abertas com o rosto do Felix entre elas, chupando a minha vagina, mordendo o meu clitóris enquanto fodia o meu ânus com o dedo.



16

O dia amanheceu lindo. Acordei com a cantoria dos pássaros na varanda e com o cheiro gostoso das rosas brancas que ficavam no jardim logo abaixo do meu quarto. Felix tinha me acordado cedo para fazermos amor, e como já havia virado hábito, tomamos banho juntos e o nosso café da manhã foi servido na cama. Voltei a dormir quando ele saiu e só agora resolvi me levantar.

Respirei fundo, alonguei o corpo e fui até a varanda admirar o dia lindo. Era um pouco mais de nove horas da manhã, então teria bastante tempo para curtir a natureza até que o Felix viesse para o almoço. Tomei um banho demorado e resolvi vestir um vestido bem fresco de linho branco. Olhei meu reflexo no espelho – estava com uma aparência feliz – e fui à procura do meu celular. Eu o encontrei na mesinha de cabeceira com um carinhoso recado preso nele.

"Linda esposa, tente não perder o celular outra vez ou serei obrigado a pendurá-lo em seu lindo pescoço. Beijos em todas as partes do seu corpo. Voltarei para almoçar você... Opa! Voltarei para almoçar com você. Te amo, senhora Santini."

Esse meu marido era muito engraçadinho.

Desci as escadas cantarolando, e assim que coloquei os pés na sala de estar, dei de cara com a Paulina. Meu estômago embrulhou.

— Bom dia, Paulina! — Estava fechando um dos brincos na minha orelha.

— Bom dia, senhora Santini! Deseja alguma coisa? Quer um lanche? — Parei imediatamente e olhei abismada para ela. Nossa, temos mudanças na casa! Ela até sorriu – não sei se o sorriso era de verdade ou era de deboche, mas ela sorriu –, acho que o Felix teve aquela conversa com ela.

— Obrigada, Paulina, vou caminhar um pouquinho.

A boca da governanta ficou aberta por um momento, parecendo querer articular alguma coisa, mas ela apenas olhou para mim e eventualmente recuou, seguindo para a cozinha. Abri a porta e puxei o ar com força, respirando o cheiro de flores da nossa linda e majestosa propriedade. E hoje ela estava incrivelmente florida e cheia de visitantes. Eram borboletas e pássaros de todos os tamanhos e cores.

— Bom dia, senhor Joaquim! — cumprimentei o jardineiro sorrindo. Ele apenas sorriu e acenou com a cabeça.

Dei alguns passos quando vi um lindo veículo preto estacionar em uma de nossas vagas para visitantes. Fiquei quieta, só observando. Se ele passou pelos seguranças, era porque tinha permissão para entrar. Quem seria? Não conseguia ver dentro do veículo pois os vidros eram escuros. A porta se abriu.

— Papai! — exclamei em surpresa e corri em sua direção. — De quem é essa SUV?

— Olá, minha princesa! — Ele me agarrou e me rodopiou nos braços. — Gostou? É minha —

articulou todo orgulhoso.

— Nossa, é linda! O senhor sempre quis um carro desses, via como olhava quando eles passavam na rua. Oh, papai, estou tão feliz pelo senhor. — Ele abriu a porta do veículo.

— Ele é todo automático, querida. Só falta andar sozinho, porque falar ele já fala. — Ele me mostrou todo o veículo importado, cheio de orgulho, e fingia que estava entendendo tudo, mas nem sabia dirigir.

— Filha, isso tudo devo ao Felix e a você. Se ele não tivesse se apaixonado pela minha única filha e decidido me ajudar confiando em mim e investindo na minha pessoa, não sei o que seria de mim. Confesso que só estava esperando você andar com as próprias pernas para entregar os pontos. Não queria viver, só vivia por causa de você...

— Não. Não, papai, não fala assim... — Eu o abracei e lágrimas, minhas e dele, vieram com força. — O senhor não deve nada a ninguém. Tudo bem que o Felix acreditou no seu profissionalismo, mas se o senhor não fosse um excelente profissional, nada do que ele fez teria dado certo.

Sabia do que estava falando. Papai sempre foi um excelente contador, o melhor da região, e até antes da mamãe morrer nós vivíamos muito bem, pois o que não faltavam eram clientes fixos e clientes potenciais. Mas, quando a mamãe se foi papai desabou. Entregou-se à bebida e aos poucos os clientes foram indo embora.

— Filha, não fique assim, agora estamos bem. Você está feliz, se casou com um homem maravilhoso e estou duplamente feliz, pois vejo o bem que ele faz a você, e porque não dizer, a mim também.

Rimos juntos. Eu o abracei e seguimos para o interior da casa. Entramos e enquanto caminhávamos para o jardim interno cruzei com a Paulina.

— Paulina, você pode nos levar um lanche no jardim?

— O que quer, senhora?

— Surpreenda-me. — Pisquei um olho para ela. Ela não sorriu, apenas gesticulou, dando-me as costas.

— E o apartamento novo? Está gostando?

Nossa antiga casa ficou grande demais para o papai e cheia de lembranças doloridas, então ele resolveu alugar um apartamento no centro da cidade.

— Estou amando morar em um lugar pequeno, que se resume a dois quartos, dois banheiros, sala, cozinha, varanda e lavanderia.

— Em comparação à nossa antiga casa, é uma caixa de fósforo. — Rimos outra vez.

Nos sentamos.

— É mesmo. — Ele fez uma pausa enquanto uma das ajudantes de cozinha nos servia o lanche. — Já autorizei a reforma e logo depois vou colocar a casa para alugar, ela ficará bonita como era antes.

Ele bebeu o café, mas notei o tom de tristeza na sua voz. A nossa antiga casa ainda lhe trazia algumas lembranças dolorosas. Foi lá que ele viu a mamãe morrer. Ela morreu nos braços dele.

— Então, me diga, o senhor não veio aqui só para me mostrar o seu carrão, não foi? — mudei de assunto rapidamente.

— Também, mas... — Ele colocou a mão no bolso do terno e retirou de lá um envelope, me entregando. — Estava abrindo umas caixas e encontrei isso. Era da sua mãe, ela deixou para você e me pediu para lhe entregar quando completasse dezoito anos.

— O que é? — perguntei quando segurei o envelope. Olhava para ele nervosa. Se aquilo era algo que a minha mãe havia deixado para mim, então tinha que ser muito importante.

— Abra. — Ele sorriu.

Abri. Dentro havia um cartão que parecia de banco e um papel dobrado em quatro partes. Abri para poder ler. Era o número de uma conta bancária em meu nome. Emocionada, dobrei o papel novamente, juntei ao cartão e o guardei dentro do bolso do meu vestido. Respirei fundo, controlando as minhas emoções.

— Filha, a sua mãe deixou uma quantia para você. Sei que você não precisa deste dinheiro, mas é seu. Quando me casei com sua mãe, ela tinha recebido uma herança da avó, e como me recusava a usá-la, ela deixou aplicado. Quando você nasceu sua mãe colocou você como beneficiária e ficou claro que você só poderia recebê-la quando atingisse a maioridade. Então, é sua, faça o que quiser com ela. Sabia que o valor não era nenhuma fortuna, mas pelo tempo ficaria bem substancial, então aceitei. Era importante, não precisava, mas era sua, então decidi não mexer em nada naquele momento. Deixei-a como estava, intocada.

— Obrigada, papai. — Ele esticou um pouco o corpo e me abraçou, beijando o meu rosto repetida vezes.

— É a sua herança e um dia pertencerá ao seu primeiro filho.

Eu ri. Meus filhos não precisariam da minha herança, mas fiquei feliz em saber que deixaria algo para eles.

— Até pensei que poderíamos usar esta pequena quantia para pagar as suas despesas em Londres, mas isso foi antes do Felix surgir em nossas vidas. E por falar nisso, já está tudo certo para sua viagem? — Como será que o papai reagirá quando souber que não irei mais?

— Papai, não vou mais viajar, desisti. Farei faculdade aqui mesmo. — Ele ficou me olhando por longos segundos.

— No fundo acho que já sabia disso. O que te fez mudar de ideia, filha?

— Não poderia ficar longe do Felix. Eu o amo muito, e quando ele me disse que não poderia morar em Londres neste momento e que teria que ir sozinha, cheguei à conclusão de que o meu amor por ele era muito maior do que a minha vontade de estudar em Londres. Posso sim estudar perto dele. Foi o amor que me fez mudar de ideia, papai, o amor.

Ele sorriu, acho que entendeu a minha escolha, pois foi a mesma que a mamãe fez ao escolher o amor que sentia por ele. Resolvi não contar tudo, mesmo porque esta era a grande verdade. Após o

lanche, levei o papai para uma outra sala. Era uma sala de leitura, onde havia vários estofados confortáveis, algumas estantes com diversos livros, um piano que o Felix comprou para mim, meu violoncelo e violino. Era o lugar que mais gostava de ficar na casa.

Sentei-me ao piano e comecei a tocar a música preferida do papai e a minha também: *Chopin, Nocturne op.9 No.2*. Já estava finalizando a música quando a porta foi aberta e um homem lindo, bem vestido e sorridente entrou. Saí correndo de onde estava e voei para os seus braços. O choque dos nossos corpos foi torrencial. Ele envolveu a mão na parte de trás do meu pescoço e pressionou nossos lábios um no outro. Eu choraminguei, sentindo calor do beijo enquanto seus dedos apertavam meu cabelo.

— Nossa, quanta saudade de você! — ele confessou, respirando com dificuldade e olhando para mim. — O que você faz comigo é tão fascinante, sabia?

Tremia, apenas olhando para os seus olhos.

E o que ele fazia comigo?

A resposta era tão fácil, nem sequer conseguia respirar, apenas pensar nele me deixava trêmula. Acho que era a mesma coisa que ele via em mim. Amor. A necessidade de um pelo outro, o desejo de se encontrar em uma única pessoa, de poder se realizar através dela, de ver a beleza em qualquer coisa, de se fazer necessário e adorado. De amar sem limites...

Eu me via através dos seus olhos, no fogo que o consumia quando ele me olhava e quando ele fazia amor comigo. Sentia o seu amor em tudo o que ele fazia, pois para ele eu era uma necessidade. Era como estar cercada por grades protetoras todo o tempo.

Balancei a cabeça, deixando meus olhos caírem em seus lábios molhados pelo nosso beijo.

Ele era lindo.

— João, me desculpe, só vi a Lhaura na minha frente. — Felix olhou para trás de mim e viu meu pai. Ele passou o braço pelos meus ombros e caminhamos em direção ao papai, que se mantinha perto do piano.

— Eu percebi, mas entendo. — Apertaram as mãos. — Como está, Felix? — Após nosso casamento, papai passou a chamar o Felix pelo primeiro nome por exigência dele mesmo.

— Como eu poderia estar? — Ele olhou para mim. — Feliz, no céu, amado... Nossa! Como eu amo sua filha! — Seus olhos brilhavam e eu me via através deles. Aconcheguei-me em seu peito, sentindo o descompassar das batidas do seu coração, sentindo-o lentamente liberar uma linda canção de amor. Só para mim.

— Vem cá, meu amor, quero que conheça uma pessoa. — Deslocando meus pés do chão, me deixei ser guiada por sua mão e seguimos na direção da sala principal. Papai nos acompanhou.

Havia um senhor de cabelos grisalhos e barba bem aparada. Ele estava bem vestido, sentado em um dos nossos confortáveis estofados, apreciando um café que lhe serviram. Assim que ele nos viu chegar, acomodou a xícara na mesinha de centro e se levantou, esticando os lábios em um simpático sorriso. Tinha a impressão de que já o conhecia, ele não me era estranho.

— Meu amor, este é o senhor Joseph Weber, o seu professor de música...

— Eu não acredito! — Quase gritei e sem pedir licença fui em direção ao senhor simpático. Segurei em suas mãos. — É o senhor mesmo? Não acredito... — Meus olhos marejaram emocionados. — Felix! — Virei o rosto na direção onde meu marido sorridente estava. — É brincadeira, não é?

— Não, não é brincadeira. Acho que posso responder a essa pergunta. — Joseph sorriu, olhando-me enquanto sua mão apertava a minha. — Quando seu marido me disse que se recusou a ir para a Royal Academy of Music e me convidou para ser seu professor, não pensei duas vezes em aceitar, afinal ser admitida em uma das melhores escolas de música do mundo não é para qualquer pessoa, tem que tem muito talento. E por fim, não costumo dispensar talentos, então aqui estou, ao seu dispor.

Senti-me uma estrela, pois ser elogiada por Joseph Weber – e ele nem havia me visto e ouvido tocar –, um dos melhores pianistas do mundo e um músico/professor consagrado, não era para qualquer pessoa. Contam nos bastidores que ele é muito difícil de lidar, que é exigente, arrogante, e de cada dez alunos de suas turmas, apenas um conseguia a sua aprovação. Joseph fundou uma escola de música no Brasil, mas atualmente só a administrava. Não se sabiam os motivos que o fizeram se afastar, mas nem por isso ser aprovado na sua escola se tornou mais fácil. Ele é quem fazia as provas finais.

— Meu amor, se eu posso trazer a escola até você, por que não fazer isso? Fiz uma boa proposta para o seu futuro professor e ele aceitou. Agora você terá aulas duas vezes na semana, por seis meses. Segundo o Joseph, elas serão o suficiente. Então, feliz? — Feliz? Engoli o bolo na minha garganta. Seria aluna do melhor musicista da atualidade, é claro que eu estava feliz.

— Felix Santini, o senhor é único, em todos os sentidos. — Deixei as mãos do meu professor e corri para os braços do meu amor. Toquei o seu rosto com as pontas dos dedos e suavemente o acariciei, olhando-o com expressiva admiração. — Acho que amá-lo nunca será o suficiente, sabia?

— Não quero menos do que isso, minha princesa. Só quero vê-la feliz. — Seus lábios tocaram a minha testa e se demoraram algum tempo ali.

Eu podia sentir sua respiração e toda a sua emoção. Deus! Este homem me amava tanto que às vezes me sentia culpada por esse sentimento. Era confuso e muitas vezes assustador. Ele me queria mais do que tudo na vida. Acho até que mais do que a sua própria vida. E eu, muitas vezes, não sabia como lidar com tanto amor. Era conflitante, desesperador, mas ao mesmo tempo acolhedor, como se estivesse a salvo de todas as maldades do mundo.

Papai só nos observava, mas vi a emoção e o orgulho estampados no seu rosto. Também vi aquele brilho no seu olhar, como se uma lágrima quisesse escapar.

— Bem — Felix limpou a garganta e se afastou, fitando-me com um lindo sorriso nos lábios. — Vamos comemorar? — Ele desviou o olhar para o Joseph. — O senhor é o nosso convidado para o almoço.

Durante o almoço fiquei sabendo dos meus horários de aula. Elas seriam às terças e quintas-feiras, no período da manhã, a partir das nove horas. Papai se ofereceu para levar o Joseph até o hotel onde ele estava hospedado até que o apartamento que o Felix providenciou para ele ficasse pronto.



17

— Eu quero você, quero a sobremesa — Felix disse no meu ouvido, agarrando os meus cabelos pela parte de trás enquanto abria a porta do quarto e me empurrava para dentro.

E então, fiz um esforço para virar a cabeça e olhar para ele.

— Seu desejo é uma ordem, meu senhor.

Ele empurrou a porta com o pé para fechá-la e minhas roupas imediatamente viraram trapos nas suas mãos. Ele tinha pressa, mas não para fazer amor, terminar logo e voltar para a empresa. Não era isso, ele tinha pressa para me ver nua e aberta, pronta para o seu prazer. Felix caiu sobre o colchão e eu sobre o seu corpo ainda vestido. Minha garganta se movia enquanto engolia.

— Estou cheio de tesão, linda esposa, e você é a culpada de tudo isso.

— É? Sou mesmo, querido marido? — Fixei o olhar no seu.

Antes que pudesse terminar, ele agarrou a minha mão e colocou-a diretamente sobre a protuberância na sua calça. Suspirei, minha boca estava entreaberta.

— O que você... Oh, meu Deus. Jesus, Felix!

E com um movimento intenso ele apertou os meus dedos sobre o seu pênis duro. Vi o pulsar nas suas têmporas enquanto nos encarávamos. O seu pênis ainda pulsava sob a palma da minha mão. Eu o acariciei, agarrando-o e friccionando os dedos nele. Sua magnífica ereção estava lutando contra a proteção da calça, louca para se libertar e tomar o que era dela.

— Sente o que faz comigo? — ele murmurou.

Meu olhar lentamente encontrou o dele, e quase hipnotizada, balancei a cabeça admitindo que sentia.

— É assim que fico, quase todo o tempo, desde o dia em que conheci você, querida esposa.

— Felix... — entorpecida, sussurrei. — Você sabe me deixar louca, louca de amor por você.

Em seguida, movi a palma da mão em um deslize torturante sobre o cume duro do seu pênis. Felix gemeu baixinho. Ele levou a mão à minha boca e varreu o polegar sobre meu lábio inferior. Puxei a respiração com o seu toque.

— Deliciosamente perfeita. Você é minha, Lhaura. — Ele acariciou meu lábio inferior novamente, em seguida soltou outro gemido quando a minha língua saiu para saborear a ponta do seu polegar.

Segurando meu queixo, ele baixou a cabeça e tomou posse da minha boca. O beijo verbalizou como uma poderosa tempestade que consome tudo o que encontra pelo caminho. Seus lábios eram duros e quentes, e eu podia senti-los tremer enquanto esfregava a boca sobre a minha, em uma carícia

potente. Soltei um gemido quando nossas línguas se encontraram. Felix engoliu o som do meu gemido e inclinou a cabeça, aprofundando o beijo, deixando que as nossas línguas se enrolassem e explorassem tudo. O beijo ficou mais e mais quente, nossas respirações se misturando. Coloquei as mãos espalmadas sobre o seu peito, firmando-as e sentindo a rápida batida do seu coração debaixo delas. A sua evidente excitação só aumentou a minha. Minhas pálpebras se abriram quando Felix abruptamente interrompeu o beijo.

— Vem cá, querida — ele falou.

Antes que pudesse piscar, ele me afastou do seu corpo e ficou de pé. Me apoiei sobre os cotovelos, observando meu marido se despir e uma faísca de excitação saltou do meu peito quando o vi segurar o seu sexo duro enquanto seus dedos manejavam a cabeça lambuzada com sua excitação.

— Vem cá, querida, prove-me. Deixe-me sentir o calor da sua boquinha em torno dele. — Seus olhos nesse momento direcionaram-se para o seu membro. — Venha...

Ele se aproximou um pouco mais da cama. Engatinhei e me sentei, deixando as pernas para fora do colchão. Rapidamente, antes mesmo de pensar em tocá-lo, o pênis do Felix já estava entre os meus lábios, invadindo duramente a minha boca.

— Engula-o, todinho. Encha esta boquinha de pau — disse entredentes.

Sexo oral com o Felix não tinha entremeio, ele gostava... Não, não, ele não gostava, ele adorava. No entanto, não era simplesmente chupar e lamber, era uma complexidade notória e tinha que ser puramente intenso, no limite da razão. Ele só não entendia que isso me assustava. Gostava de fazer oral, mas o extravasar da sua impulsividade me deixava completamente atordoada. Eu até tentava dar a ele o que ele queria, mas o simples fato de ser obrigada a fazer algo que me causava repulsa me deixava tensa. Por isso, geralmente me atrapalhava quando ele exigia que o levasse à boca. O oral que eu fazia nele nunca era algo que acontecia naturalmente, era algo obrigatório. Obediente, o levei à boca e automaticamente comecei a chupá-lo, como ele me ensinou.

— Lhaura, me chupe direito. Não foi assim que a ensinei, você sabe como eu gosto. — Empurrei seu pênis para dentro da minha boca e a ânsia veio forte. — Porra! Estamos casados há tanto tempo e você continua com nojo do meu pau... — Ele segurou o meu rosto e puxou a minha cabeça para frente da sua pélvis. — Chupe-o, quero que você o chupe — ele ordenou rudemente. Não conseguia, pois ou o chupava, ou tentava respirar. Engasguei-me. Felix se afastou um pouco e consegui tomar um pouco de ar, mas só um pouco, pois logo seu pênis estava todo dentro da minha boca, até a minha garganta. Ele entrava e saía, rapidamente, e só conseguia manter os dentes longe da pele sensível e deixá-lo saciar a sua vontade.

— Porra! isso é bom demais... — Eu sabia que ele não estava satisfeito. — Meu amor, você precisa assistir a uns filmes pornôs. Não estamos mais namorando, agora somos casados e eu quero sexo de verdade. — Ele nem percebeu que eu tremia, que os meus olhos estavam marejados. Não, Felix só via a própria luxúria. — Deite-se, eu quero comer a sua deliciosa boceta.

Deitei-me e abri as coxas, segurando os joelhos dobrados com as mãos, do jeito que ele gostava. As pernas bem espalhadas, deixando todo o meu sexo exposto. Com os dedos, ele afastou meus grandes lábios, deixando meu clitóris à mostra. Vi o grande corpo musculoso do meu marido se inclinando na direção da minha vagina aberta. Senti seu hálito quente no meu núcleo e logo a ponta

macia, molhada e quente da sua língua entre as minhas carnes. Sibilei, soltando um ofego. Ele sugou dentro, solvendo toda a minha excitação. Sentia o rosto dele se esfregando nas minhas dobras e a cada movimento, soltava um gemido. Era quase insuportável o prazer que sentia. Não contente com meu desespero, exasperado com os movimentos de arqueamento do meu corpo e o entorse dos meus dedos no lençol da cama, suas mãos espalmaram os lados da minha bunda e ele a levantou para que a sua boca apreciasse mais intensamente o meu sexo.

Não resisti.

— Felix! — gritei desesperada.

— Goze, querida. — Ele aliviou um pouco a pressão para expressar em palavras a sua libertinagem.

Meu corpo arqueou completamente quando senti a invasão no meu buraco traseiro. Não tive tempo de repudiá-lo, o prazer foi tão intenso que mal pude respirar. Felix empurrava dois dedos dentro do meu ânus enquanto sua língua se movia no meu núcleo.

— Ohhh! — Agarrei seus cabelos com ambas as mãos e empurrei a vagina no seu rosto, esfregando-me desesperadamente. Ele grunhiu na minha vagina, a boca se afastando dela.

— Agora fique de quatro e levante a bunda. Vou montá-la e fazer você gozar de novo — rosnou mais alto. Arqueei-me contra ele. Já me via colocada naquela posição e esta imagem, aliada à estimulação do meu clitóris, quase me fez gozar novamente. Meu clitóris latejava e eu mordi o lábio para não gemer.

— Faça — disse. — Agora, Lhaura. — Eu fiz.

Meu coração acelerou. Tinha uma ideia do que ele faria. Félix estava de joelhos e me colocou de costas para si, moveu-se e colocou o braço por baixo do meu corpo, me forçando a ficar com os quadris levantados e de bunda para cima. Sua mão deixou o meu quadril e deslizou para a frente do meu corpo. Fiquei tensa e com a respiração mais rápida quando seu peito pressionou as minhas costas. Ele baixou a cabeça, roçando a boca na minha nuca, e pude sentir sua respiração na minha orelha.

— Eu vou foder você, linda esposa — rosnou ao falar isso. — Vou tão fundo na sua boceta que foderei até a sua alma. — Minha respiração vacilou. Felix sabia me deixar louca e assustada ao mesmo tempo. — Quer o meu pau aqui, todo enfiado? — Senti a cabeça do pênis na entrada da minha vagina.

— Sim.

Ele fez um som animalesco quando a sua mão escorregou por baixo do meu corpo e segurou o meu seio, apertando-o. Ele esticou o meu mamilo, depois o outro, em seguida senti um tapa forte em um dos seios. Ardeu, mas foi mais excitante do que dolorido. Ultimamente o Felix misturava prazer e dor, e o nosso sexo tem sido mais rigoroso. No início fiquei assustada, e ele percebendo, me explicou que fazer amor é uma alquimia de sensações, e logo me acostumei aos seus anseios eróticos. Confesso que muitas vezes fico dolorida e com alguns hematomas no corpo, principalmente nas nádegas, seios e coxas. Minha cabeça também dói devido aos puxões de cabelo, pois no auge do êxtase, Felix fica indomável.

— Deixe o rosto no travesseiro e se equilibre com os antebraços. — Ele puxou minha cabeça, me ofereceu um travesseiro, e eu fiz o que ele mandou. — Estou tão duro que quando eu entrar na sua boceta apertada o meu pau vai sofrer.

Meu corpo gritava para que ele entrasse na minha vagina e me fizesse gozar como sempre fazia, desesperadamente. Ele me tocou firmemente entre as coxas, massageando primeiro o meu clitóris e espalhando a umidade. Gemi quando seus dedos exploraram do meu clitóris ao ânus. Ele colocou um dedo devagar em minha entrada, a sensação foi incrível quando seu dedo grosso empurrou fundo, e arqueei as costas quando o prazer me rasgou, me enlouquecendo.

— Tão entregue! Eu adoro quando você se entrega, Lhaura. Deixe-me fazer tudo o que quero, linda esposa — ele grunhiu baixo quando retirou o dedo e traçou o caminho até o meu ânus.

— Felix? — Temia que ele resolvesse violar o meu buraco traseiro, que tivesse mudado de ideia e quisesse tentar o anal. Já tinha algum tempo que ele não tentava, sequer tocava no assunto, e pensei que tinha deixado essa parte do sexo de lado. Algumas vezes até o deixava usar os dedos lá, mas quando começava ser intenso demais suplicava para que parasse.

— Só um pouco, prometo que serei lento. Vamos tentar mais uma vez, preciso entrar em você para lhe sentir mais do que com o dedo. — Ele estava suplicando e me senti culpada. Por que não deixar? Ele era meu marido e, certamente, não me machucaria.

— Promete ir devagar? E se pedir para parar você para?

— Eu juro, meu amor. — Sorri para ele, dando-lhe permissão. — Amor, você está me fazendo muito feliz, mas primeiro tenho que foder a sua boceta. — Felix esticou o braço e abriu a gaveta, pegou um pacote de preservativos, gel lubrificante e dois plugs anais.

— Primeiro vamos alargar esse cuzinho apertado. — Ele retirou a tampa do gel e despejou no plug de cone, e engoli em seco e apertei os olhos quando o senti entrando no meu buraco traseiro. Era fino na ponta, mas ia alargando no cumprimento. Eu temia isso. Ele sempre queria colocar coisas em mim, quando não eram plugs no formato de pênis, eram vibradores. Dos vibradores até que gostava quando eram pequenos, mas os grandes incomodavam demais. Depois de apreciar o meu ânus tomado pelo plug, ele aplicou palmadas nos dois lados da minha bunda.

Ardia como o fogo do inferno. Satisfeito, ele soltou um grunhindo animalesco e logo em seguida pressionou a coroa do pênis bem na abertura da minha vagina e segurou o meu quadril com uma das mãos.

— Quieta, querida. Fique bem quietinha. Vou pegar leve com você. Você é apertada demais aqui atrás. Quero fodê-la nos dois buracos e quero gritos. Você sabe o quanto gosto que grite.

Sabia, muitas vezes ele me batia forte só para escutar os meus gritos de dor. Por isso passei a gritar mais do que o necessário para não levar mais tapas, principalmente no rosto. Conversei com a minha ginecologista a respeito disso, e ela me disse que quando é consentido, tudo é válido no sexo. Cheguei à conclusão de que o Felix sempre fez sexo assim e que para ele era normal, então me adaptei e passei a gritar.

— Por Deus! — ofeguei quando senti a cabeça entrando na minha vagina. Era delicioso senti-lo dentro de mim.

O pênis dele entrou devagar, e logo ele deslizou mais alguns centímetros, entrando mais. O membro dele era largo e o meu corpo se estirou para acomodá-lo, e nesse momento, ao senti-lo me esticar, eu lembrei do plug no meu ânus. Mas logo me esqueci quando ele empurrou tudo e começou a se mover, entrando e saindo.

— Mais, mais... — implorei choramingando. Ele continuou as investidas até escutar os meus gritos de êxtase. Continuava me movendo, queria que ele sentisse o mesmo que eu.

— Fique quieta! — ordenou. A sua mão soltou o meu quadril e enfiou mais o plug dentro de mim. Meu corpo não estava preparado para isso, então retesei o quadril e a outra mão dele me puxou de volta, levantando a minha bunda. Com a mesma força que fodia minha vagina, ele me fodia com o plug. — Você está pronta para receber meu pau aqui — grunhiu e bateu forte em minha bunda.

Eu ia abrir a boca para lhe dizer que não estava, mas a sua mão que segurava o plug o tirou de dentro de mim, e isso me deu um alívio, mas por pouco tempo. Ele retirou o pênis e o vestiu com o preservativo, em seguida o meu ânus foi lubrificado. O colchão afundou com o peso dos seus joelhos e eu senti a invasão no meu buraco traseiro. Foi tudo tão rápido. Ardia e me rasgava. Gritei. A palma dele trepidou na minha bunda bem na hora que ele arremeteu com força.

Gritei novamente, mas o Felix continuou indo e vindo. O quadril dele bombeava rápido, com força e fundo. Ele entrava e saía da minha bunda, delirando, uivando, e o medo veio. Não estava suportando a dor, então desmoronei no colchão, deixando a mão aberta na altura do ânus.

— Não, não Felix! Não aguento, é dolorido demais.

— Lhaura, porra, você estava gostando...

Gostando? Como assim? Em que momento dei a entender que estava bom?

— Não, não, estava... — Me virei de costas para o colchão e fixei os olhos no seu rosto decepcionado e carregado de tesão. Abri as pernas e me ofereci para ele. — Venha, vamos continuar, eu quero que goze...

Vi os olhos dele indo em direção à minha vagina e percebi que não era ali que ele queria gozar, mas resignado e conformado, ele respirou fundo, se livrou do preservativo e cobriu o meu corpo. Seu pênis esticou a minha entrada e sua boca se uniu à minha, e antes do beijo latente, sorri para ele.

— Eu te amo, senhor Santini. — Ele não disse nada, apenas me beijou com força, do mesmo jeito que me fodia. — Mais forte, mais forte! — gritei.

Ele caprichou. O prazer ficou ainda mais forte, quase insuportável, e eu sabia que ele ia gozar. A mão dele em volta do meu pescoço, apertando-o, e o seu corpo afundando entre as minhas coxas. Seus dedos encontraram um caminho tentador, esfregando o meu clitóris furiosamente, enquanto ele investia na minha vagina com força. Gritei novamente, ofegando, e os meus músculos vaginais se apertaram em volta do membro grosso.

— Porra — grunhiu ele baixinho. — Bom demais, caralho.

E antes que eu pudesse pensar, ele retirou o membro e os meus ombros ficaram entre os seus joelhos. Seus dedos apertavam a glande inchada e vermelha, e seu membro pulsava em sua mão.

— Abra a boca Lhaura, engula minha porra — exigiu com um olhar feroz. — Abra a boca,

agora, porra!

Abri. Jatos de esperma inundaram minha boca, e não satisfeito, ele posicionou a glande entre meus lábios e empurrou na minha boca. Senti o gosto do seu sêmen, e aquele gosto agridoce e viscoso me deu ânsia de vômito. Assim que o Felix percebeu, afastou o membro da minha boca.

— Junte os seios. — Juntei e ele derramou seu prazer entre eles. Grunhiu quando a última gota esguichou na minha barriga. — Lamba-o — grunhiu com autoridade. Eu o levei a boca e o mamei, obediente, como ele gostava, chupando todo o eixo. — Isso, boa menina. Limpe todo o pau do seu homem.

Sua mão alcançou os meus cabelos, puxando-os, fazendo a minha cabeça ir para trás e os meus olhos se fixarem nos dele.

— Lhaura, eu a amo. E por amar tanto você, preciso aprender a respeitar os seus limites, e você precisará aprender a respeitar os meus, entendeu?

Não, eu não entendia.

— Entendi. — Mas, mesmo assim, assenti.

— Ok, veremos. Mas por agora, chega. Vamos para o banho, depois você vai descansar e voltarei ao trabalho.

Como assim? Ele disse que não voltaria para a empresa.

— Felix, precisa mesmo ir trabalhar? — perguntei enquanto ele me ensaboava.

— Preciso. E não me espere para o jantar, vou chegar tarde hoje.

Tentei argumentar, mas a sua boca cobriu a minha, e fizemos amor novamente. Quarenta minutos depois ele se foi, me deixando na cama, com saudades do seu corpo. Foram longas horas de espera, perdi a conta de quantas vezes olhei para o relógio. Em meses de casada, essa foi a primeira vez que jantei sozinha, e para piorar, tentava falar com ele no celular, mas a chamada ia direto para a caixa postal. A última vez que falei com ele foi um pouco depois do jantar, ele praticamente me obrigou a comer, isso às oito da noite. Olhei para o relógio outra vez, era quase meia-noite e nem sinal do carro do Felix.

Vencida pelo sono, adormeci. Acordei com o barulho de uma porta sendo fechada. Abri os olhos, mas não o vi, só senti o seu cheiro. Levantei-me apressadamente e corri para a porta da varanda. Saí, e mesmo com o vento gelado, quis me certificar de que ele havia chegado. A SUV preta estava estacionada ao lado do outro automóvel. Ele devia estar no banheiro, por isso senti o seu perfume. Corri para lá, mas estava vazio, nem sinal do Felix.

Aonde ele foi? Saí do quarto. O corredor acendeu as luzes automáticas e fui até as escadas, mas no andar de baixo estava tudo escuro, inclusive no seu gabinete. Voltei, então notei luzes saindo da fresta da porta do quarto de hóspedes ao lado do nosso. O que será que estava acontecendo? Caminhei até lá e abri a porta. Surpresa, eu o vi se preparando para se deitar.

— Felix. — Ele se virou, fixando os olhos no meu rosto. — O que está acontecendo? Por que vai dormir aqui? Está zangado comigo? — Aproximei-me e tentei tocá-lo.

— Não me toque, por favor. Afaste-se. — Ele pôs as mãos na frente do corpo, me impedindo

de chegar perto. — Volte para o nosso quarto, amanhã prometo que explicarei. Mas não se preocupe, está tudo bem, apenas preciso dormir neste quarto hoje. Amanhã dormiremos juntos. Agora vá, Lhaura, não torne as coisas mais difíceis do que já estão.

— Fe-Felix — murmurei com a voz embargada. Queria sumir, queria acordar desse pesadelo.

— Obedeça-me, Lhaura. Sem choro, apenas volte para o nosso quarto, caso contrário, juro que voltarei para o escritório. Vá.

Ele me guiou até a porta, apenas com a palma da mão encostada levemente nas minhas costas, e nem esperou que eu me virasse. Bateu a porta, trancando-a com a chave. Entre lágrimas, voltei para o quarto e vi o dia amanhecer.



18

Deus, o que ele estava fazendo comigo?

Será que ele realmente ficou chateado por não o deixar seguir em frente no sexo anal?

Ou foi pelo simples fato de sentir ânsia com seu esperma na minha boca?

Esses pensamentos rondaram minha cabeça por toda a madrugada. Vi a noite virar dia, e até tentei dormir, mas as nuvens negras e minhas lágrimas não permitiram que meus olhos se fechassem. Passei as últimas horas me sentando e me deitando na cama, e chorando enquanto me culpava por toda esta situação. Como fui burra e ainda estou sendo.

Será que ele vai deixar de me amar?

E se ele encontrar uma mulher que aceite fazer tudo o que ele quer na cama?

Deus, não permita que isso aconteça...

Respirava com dificuldade, puxando o ar com força para dentro dos pulmões, tentando afastar aqueles pensamentos nebulosos da minha cabeça. Inferno, eu mesma fico atraindo coisas ruins para a minha vida.

Mas o que pensar diante de tudo o que me aconteceu?

Felix nunca ficou até tão tarde no escritório, e o pior, nunca dormimos separados. Sim, tudo isso tem a ver com o que aconteceu ontem depois do almoço.

Felix ficou decepcionado e está me punindo, é isso.

Olhei para o relógio, eram mais de seis horas da manhã. A esta hora já estaríamos fazendo amor...

Jesus, o que aconteceu?

Levantei-me, tomei um banho e me vesti. Chorei uma vez ou outra enquanto penteava meus cabelos.

— Querida.

Larguei a escova de qualquer jeito sobre a bancada de mármore branca e corri em direção ao quarto. Lá estava ele, vestido no seu terno alinhado azul-marinho, ajustado ao corpo másculo. A barba estava aparada e o seu cheiro inconfundível. Nas mãos, ele carregava uma bandeja. Não sabia o que fazer, pela primeira vez fiquei reticente, na dúvida entre ir ao seu encontro e abraçá-lo, ou ficar quieta no meu lugar e esperar o seu próximo passo. Escolhi a segunda opção.

— Meu amor. — Ele pôs a bandeja na mesa e veio na minha direção, avaliando o meu rosto. — Lhaura, você não dormiu? — Ele puxou o meu corpo e me abraçou apertado, e desabei no choro. — Não, não, meu amor. Não chore, a culpa é minha, sou o culpado pelo seu sofrimento. Sou um

monstro, perdoe-me, perdoe-me.

Beijos foram espalhados por todo o meu rosto e seus lábios quentes e macios encontraram os meus, devorando-os em um beijo ardente, saudoso e exigente. Deus, precisava tanto desse beijo.

— Você me perdoa, meu amor? — Aqueles olhos lindos me encaravam com preocupação, com devoção.

Perdoar o quê?

Já nem lembrava de mais nada.

— Felix, nunca mais me deixe sozinha — foi o que consegui responder, estava com muito medo de que ele me deixasse.

— Não a deixei sozinha, querida. Estava do outro lado desta parede, lembra-se?

Ele apontou para a parede do nosso quarto. E eu olhava para ele com os olhos marejados, agarrando-me ao seu corpo. Queria apagar aquela noite dos meus pensamentos, queria que ele me fizesse esquecer, que me dissesse que estava tudo bem.

— Prometa que nunca mais fará isso novamente. Prometa-me — supliquei, segurando o peito na altura do coração, que sangrava de tanta emoção.

Ele não respondeu. Apenas me olhou com carinho, acariciando meu rosto, amparando as minhas lágrimas com seus dedos atenciosos.

Morri mil vezes.

— Venha cá, minha princesa. Lhaura, amo tanto você. — Deixei-me ser guiada até a mesa. Ele puxou a cadeira e me ajudou a sentar, e eu apenas esperei pelas suas palavras. — Lembra-se do que eu disse ontem à tarde?

— Dissemos tantas coisas, Felix — murmurei chorosa. Ele limpou minha lágrima outra vez, elas não paravam de cair.

— Eu disse que precisava aprender a respeitar os seus limites, e que você precisava aprender a respeitar os meus. Pois então, cheguei à conclusão de que não tenho o direito de forçá-la a fazer o que não quer e o que não gosta na cama. Tenho os meus gostos peculiares, mas você não precisa necessariamente ser obrigada a satisfazê-los só para me agradar.

— Felix — o interrompi. Sabia que tudo aquilo era a consequência da minha recusa, por não aceitar fazer sexo anal. Eu sabia. — Eu...

— Quieta, não me interrompa, querida, preciso explicar o que aconteceu. — Calei-me, imediatamente. — Promete não me interromper?

— Prometo. — Engoli e me preparei.

— Lhaura, você conheceu a minha vida amorosa, sabe a quantidade de mulheres que tive, e nunca forcei nenhuma a fazer o que não queria, tudo era feito por vontade, por querer. O sexo para mim tem que ser completo. Trepei muito, fiz muitas sacanagens, e sempre dizia que no dia que me apaixonasse, viveria intensamente tudo o que gostava de fazer entre quatro paredes com a minha esposa. Seria só ela, unicamente ela...

Ele se levantou. Ficou na minha frente, me encarando, com as mãos nos bolsos da calça. Eu o encarava do mesmo jeito, mas morrendo de medo do que estava por vir.

Ele ia me deixar.

— Querida — ele continuou, e a calmaria da sua voz me assustava. — Eu a amo, amo demais, e por amá-la tanto, tomei uma decisão drástica. — Engoliu a saliva. — Não posso mudar a minha natureza, gosto de sexo, tenho necessidade de saciar as minhas vontades, e para não a forçar a fazer o que não quer, resolvi contratar os serviços de uma profissional do sexo. — Fiquei de pé e já ia argumentar. — Quieta, deixe-me terminar. — Ele exigiu.

Como é!? Ele diz na minha cara que vai fazer sexo com outra mulher e quer que eu fique calada?

— Não vou ficar calada, Felix! Você afirma friamente que vai me trair e quer que eu aceite?

— Não vou a trair, Lhaura. Estou pagando uma prostituta para fazer algumas coisas que não posso fazer com você. Ela será a minha tábua de salvação, e a sua também. Uma vez por semana vou me encontrar com ela e nesta noite não dormirei com você, porque não seria justo tocá-la depois de outra mulher tocar em mim. — Tentei articular algo outra vez. — Quieta, ainda não terminei! — esbravejou nervoso. — Já está decidido, e ontem foi a primeira vez, por isso não dormi com você. Estou fazendo isso por você, quero poupá-la...

— Poupar-me — exasperei-me. — O caralho, Felix. Poupar-me o caralho! Você está é me traindo com uma puta! — Joguei a bandeja no chão com violência e todo o café se espalhou pelo tapete. — Uma puta, é isso? Então vá se foder...

E, plaft!

Recebi uma bofetada de punhos fechados no rosto. Meu rosto entortou para o lado, juntamente com meu corpo, que voou com a violência do tapa. Fiquei tonta e escutei um zumbido no ouvido. Tentei raciocinar, mas continuava atordoada. Tentei me erguer, mas meus sentidos estavam trôpegos.

— Viu o que você fez? — Escutei ao longe o exaspero na sua voz. — Viu como faz com que eu perca a cabeça, porra? Lhaura...

Ele ergueu o meu corpo do chão, e segurando-me nos braços, sentou-se comigo na cama. Continuei no seu colo, e sua mão acariciava o meu rosto. Ele chorava, me beijava e chorava, mais e mais.

— Oh, meu amor, por que você fez isso? Por que me fez perder a cabeça? E agora, o que faço? Eu a agredi, você vai me deixar... Poxa, tudo o que disse e fiz foi para poupá-la, foi para não a machucar como machuquei ontem à tarde. Vi como você ficou assustada. Não vou mudar Lhaura, não vou. Sempre tentarei realizar os meus desejos com você, pois eu a amo, eu a quero. Sou louco por você, então não vi outro jeito a não ser contratar uma puta para satisfazer os meus desejos mais sombrios. Perdoe-me por ter batido em você. — Ele olhava tristemente para mim. — Meu amor, o que farei com a prostituta não é amor, é sexo, puro sexo. Amor farei com você e só com você. Você precisa entender e aceitar.

Ele me abraçava apertado, beijava-me com desespero e chorava molhando o meu rosto com suas lágrimas, misturando o nosso sofrimento, pois eu também chorava e não sabia o que fazer. No

fundo sabia que ele estava certo. Ele fez tudo aquilo pensando em mim. Ele não queria me machucar e terminou me machucando. Por causa da minha estupidez, por causa do meu jeito estourado, perdi a compostura e o fiz perder também. Ele me bateu porque o enfrentei, porque fui orgulhosa.

— Querida, perdoe-me. Não queria bater em você, juro. Perdi a cabeça.

Nossas bocas se encontraram. Estávamos trêmulos, nervosos, medrosos. Corações batendo a mil, os batimentos acelerados. Não queria perdê-lo, ele era o meu tudo. Precisava concentrar meu cérebro em outra coisa. Ele baixou a cabeça, fechando os olhos, e leu os meus pensamentos. Acho que pensávamos da mesma forma, precisávamos nos acalmar. Não importava mais o que tinha acontecido, quando ele estava por perto, ele deixava tudo maravilhoso, e a única coisa que conseguia ver era ele.

Ele precisava de mim e eu precisava dele. Ele me amava mais que tudo e eu o amava na mesma proporção. Ele não queria me machucar, e nada mais importava. Só queria apagar a mágoa, a dor, e isso só aconteceria se sentisse o bálsamo do seu amor. Ele precisava que me tocar.

— Faça amor comigo, Felix. — Fitei seus olhos vermelhos. Ele sofria por ter me batido.

— Tem certeza de que quer que a toque depois do que fiz?

— Tenho. Preciso do seu amor, não ligo. Fui eu que provoquei a sua fúria e não entendi que queria apenas me proteger. Faça amor comigo como nunca fez antes. Tire esta dor do meu corpo, preciso sentir a imensidão do seu amor.

— Linda esposa, eu a amo muito mais hoje, sabia? — Ele pegou o celular e fez uma ligação. — Lilian, suspenda minha agenda para esta manhã. Só vou trabalhar após o almoço. — Enquanto falava, ele me beijava. Depois ligou para Paulina. — Paulina, mande alguém limpar meu quarto. — Ele desligou, guardou o celular no bolso do paletó e me segurou em seus braços.

— Para onde vamos, Felix?

— Para o outro quarto. Não quero ficar aqui com você, quero passar a manhã inteira fazendo amor.

Nós fomos e nos amamos durante toda a manhã. Ele foi incrivelmente carinhoso, atencioso. Meu corpo foi cuidado, venerado, e me senti a mulher mais amada do mundo. Nos amamos na cama, no tapete, na banheira, na bancada de mármore do banheiro, no sofá e depois na cama novamente, terminando no chuveiro. Ele cuidou do meu rosto. Estava inchado e com certeza ficaria um hematoma.

— Meu amor, perdoe-me, fui um animal — disse preocupado.

— Felix, sou estabanada e vivo me batendo nas coisas. Tropecei, caí e bati o rosto na mesinha do quarto, por isso a bandeja se espatifou no chão, foi isso. Essa será a nossa verdade.

Ele ficou pensativo e deixou os lábios no meu machucado, logo abaixo do meu olho esquerdo.

— Hoje à noite vamos a uma festa na casa do prefeito.

— Felix, não posso ir assim, concorda?

— Não se preocupe. Darei um jeito, confie em mim. Você confia?

— Amor, não quero ninguém o acusando de agressão...

— Ninguém é louco de pensar isso. — Beijou a minha testa. — Fique aqui, vou buscar o nosso almoço. Nós faremos amor de novo e somente depois voltarei para a empresa.

E foi tudo assim, nesse padrão. Às duas da tarde ele saiu de carro, abandonando-me.



19

— Senhora... — Estava tentando esconder o inchaço do meu rosto com um pouco da maquiagem, quando a Paulina entreabriu a porta do quarto.

Saí do banheiro e a fitei. Ela estava com algo nas mãos, uma caixa grande embrulhada com um papel vermelho.

— O Senhor Santini mandou para a senhora, quer que a coloque onde? — Ela me encarava, e vi exatamente para onde os seus olhos inquisidores foram, para meu olho esquerdo.

— Deixe na cama. Obrigada, Paulina. — Dei-lhe as costas e voltei para o banheiro. Escutei o bater da porta e só então fui matar minha curiosidade. Rasguei com euforia o embrulho da caixa. Ela era grande demais, então não seria uma joia.

— Jesus!

Ao puxar a tampa e afastar o papel de seda branca que havia dentro, meus olhos puderam ver o belíssimo vestido vermelho...

Eu o retirei e o suspendi para admirá-lo. Era lindo demais e muito, muito sexy. Seu tecido brilhante parecia feito de pequenas estrelas. Ele tinha alças finas e delicadas, era longo e justo, e com certeza deixaria as curvas do meu corpo bem acentuada. O virei para ver as costas e tinha um decote bem profundo.

— Meu Deus, não tem como usar uma calcinha com essa roupa. O que o Felix estava pensando quando comprou este vestido? — Peguei o celular e liguei para ele. Após o terceiro toque ele atendeu.

— O que quer, Lhaura? Aconteceu alguma coisa? — ele foi ríspido, sua voz era impessoal e fria.

— Des-desculpe, vou desligar. — Estava decepcionada, ele estava me tratando mal outra vez.

— O que eu lhe disse? — Fez uma pausa e o escutei puxar a respiração — Não ligue para mim, deixe que eu ligo para você. Estou em reunião, mas você já me atrapalhou, então diga o quer, deve ser importante.

Nunca ligava para ele. Felix não gostava, a não ser que fosse extremamente importante. A bem da verdade, nunca precisei ligar, pois ele ligava a cada duas horas, ou me enviava uma mensagem. Ele tinha razão de estar zangado, fiz merda.

— Desculpe, não quis atrapalhar, é que...

— Lhaura, o que foi? — disse impaciente.

— O vestido que você comprou chegou e...

— Qual o problema, não gostou? Quero que o vista, você ficará linda.

— Tem certeza? Quer mesmo que eu vá vestida com ele?

— Claro que tenho. O que há de errado com ele, Lhaura?

— É sexy demais e não poderei usar uma calcinha, sabia?

— Sim, eu sei, e quero que todos os homens que estiverem na festa morram de inveja de mim. Era só isso?

Gostei de escutar aquilo, mas algo me incomodava. Meu rosto.

— Felix, meu rosto... Tentei esconder o hematoma com maquiagem, mas não adiantou muito.

— Meu amor, já lhe disse para não se preocupar com isso. Já está tudo resolvido, só descanse e esteja pronta no horário combinado. Agora tenho que ir. Beijo, amo você.

— Também amo você. Beijo.

Desliguei e uma ruga de preocupação surgiu na minha testa. E se as pessoas percebessem o hematoma no meu olho? Com certeza começariam as especulações sobre o que havia provocado o meu machucado. Se o Felix está tão convencido de que nada acontecerá, de que ninguém vai prestar atenção, então por que me preocupar?

Estendi o vestido na cama e fui separar a maquiagem que usaria. Escolhi também os brincos e os sapatos.

Sentei-me em frente ao espelho, olhando-me com atenção. Encharquei o algodão com água micelar e comecei a limpar a pele, e ao tocar no machucado, senti dor. Por mais que o Felix me dissesse para não ficar preocupada, estava, pois não conseguiria de maneira nenhuma esconder perfeitamente o hematoma. Seria melhor inventar uma dor de cabeça e não ir a esta festa.

É isso, Lhaura, ligue para o Felix e diga que não está se sentindo bem.

Batidas na porta dispersaram meus pensamentos.

— Senhora, posso entrar? — Era a Paulina.

— Entre, Paulina. — Ela entrou, mas não estava sozinha. Ao seu lado havia uma moça bonita e sorridente, com uma maleta na não.

— Está é a Miranda, o senhor Santini a enviou para ajudá-la a se arrumar. — Paulina se afastou. — Se precisar da alguma coisa é só me chamar. Com licença. — Ela fechou a porta e me deixou a sós com a estranha, que me avaliava com um olhar curioso.

— Senhora Santini, estou aqui para maquiá-la e penteá-la, podemos começar?

Agora entendi o "não se preocupe com nada".

Felix já havia pensado em tudo. Levei a mão ao rosto, no local do hematoma, que certamente estava bem visível, já que acabara de tomar banho e a maquiagem que estava usando para disfarçar tinha sido removida com a água micelar.

— Não se preocupe com este machucado, a maquiagem faz milagres. — Ela se aproximou e examinou o meu rosto. — Minha especialidade é encobrir imperfeições, e esse hematoma vai

desaparecer facilmente, confie em mim.

Ela olhou para o meu vestido sobre a cama.

— É lindo, não é? — Vi o seu olhar brilhar.

— É, sim. Ele já chama muita atenção, então devemos suavizar na maquiagem. Daremos atenção à sua boca e colo, assim as pessoas irão se concentrar nessas partes.

— Ok, serei sua tela em branco, vou confiar nas suas habilidades. — Ela teria mesmo que fazer um milagre para esconder o meu olho roxo.

— Senhora, preciso que desça o roupão até os ombros. Preciso passar um pouco de brilho no seu colo. — Baixei as mangas do roupão. Assim que o fiz, ela tocou no meu braço, um pouco acima do cotovelo. Doeu, eu chiei e olhei na direção. Lá estavam as marcas dos dedos do Felix.

— Não se preocupe, cobrirei essas marcas também.

Uma hora depois estava completamente vestida, maquiada e penteada. Os meus cabelos estavam presos no alto da cabeça com um coque frouxo e algumas mechas soltas despretensiosamente, dando um ar jovial e sexy ao meu rosto. Olhava-me admirada no espelho, procurava o hematoma e as marcas dos dedos do Felix no meu braço, mas nem sinal deles.

— Nossa, você é boa nisso. Onde o Felix achou você?

— Trabalho para vários artistas amigos do senhor Santini. — Ela guardava o seu equipamento na mala. — Não se preocupe, a maquiagem é a prova d'água. Vou deixar o demaquilante e todos os produtos que usei, assim a senhora poderá se maquiar quando precisar. — Agora entendi por que ela tinha me explicado detalhadamente tudo o que estava fazendo.

— Não precisa, Miranda, é o seu material de trabalho...

— Não se preocupe com isso, fui muito bem paga para maquiá-la. O que ganhei vai dar para repor todo o meu estoque umas três vezes e ainda vai sobrar uma boa quantia.

Ela se agachou e puxou a alça da mala, caminhou até a porta, mas parou e voltou o corpo para me encarar.

— Senhora Santini, sei que não tenho nada com isso, mas preciso falar. — Ela largou a mala, veio até mim e segurou as minhas mãos. — Não permita que ele faça mais isso com a senhora. Denuncie, ou então deixe-o...

— Não — a interrompi. — Meu Deus! Você acha que foi o Felix quem fez isso? Não, ele seria incapaz de me machucar, caí e bati o rosto na...

— Senhora — agora foi ela quem me interrompeu. — Posso afirmar com toda a certeza de que esse hematoma no seu rosto foi resultado do encontro do osso do dedo indicador da mão do seu marido. Já vi essa mesma marca muitas vezes no rosto da minha mãe e no meu também, então não tente mentir para mim, conheço esta história de queda acidental. — Baixei a cabeça. Estava envergonhada.

— Ele... ele não fez por mal. Ele me ama, só ficou nervoso e perdeu a cabeça. Eu o provoquei, isso não vai mais acontecer.

— Não! — Suas mãos apertaram as minhas. — Não se culpe pela violência dele, pelo amor de Deus! Não permita que ele a culpe. O meu pai fazia isso sempre e depois chorava, pedia perdão, se humilhava, jurava que nos amava. Ele chegou até a dizer que se mataria se a minha mãe o deixasse. Senhora Santini, não se permita ser escravizada por esse amor. Quebre as algemas antes que ele jogue a chave delas fora, antes que ele a mate, porque foi isso o que aconteceu com a minha mãe. Meu pai a matou e eu fugi de casa para não ser morta também.

Olhei para ela quase chorando. Com o coração batendo forte, triste com a história que ela acabara de me contar, mas que tinha certeza de que não se repetiria comigo. Felix me amava e ele jamais me machucaria.

— Eu sinto muito. — Engoli o choro. — Nem imagino o que você passou, mas não é o meu caso, meu marido não é abusivo...

— Não se iluda — me interrompeu outra vez. — Quem bate uma vez, bate duas e assim por diante, e isso vira um círculo vicioso. Siga o conselho de quem já viveu essa mesma situação durante anos. Se houver uma próxima vez, peça o divórcio e deixe-o, será melhor para ambos. A senhora é muito jovem e linda, não tem filhos e poderá recomeçar. Acredite, caia fora enquanto é cedo. — Ela voltou para a porta, pegou a mala e saiu.

— Obrigada, Miranda! — disse.

— Por nada, senhora Santini. Boa sorte. Adeus!

A porta se fechou e só escutei as rodinhas da mala deslizarem pelo piso do corredor. Respirei fundo, peguei a minha pequena bolsa e fui para a minha primeira aventura ao lado do homem que amo e que me ama desesperadamente. Felix nunca me machucará. O que aconteceu hoje pela manhã foi só um desentendimento. Ele ficou nervoso porque o provoquei e isso nunca mais acontecerá.



Meu suspiro de alívio soou muito alto nos meus ouvidos, mas mesmo com esse pequeno alívio, percebi que não parava de tremer.

— Oh, senhora... Meu Deus, a senhora está tão sex... — Raul disse enquanto abria a porta do automóvel. — Quero dizer, diferente — após um momento, ele completou. — Desculpe a minha ousadia, é que estou acostumado a vê-la como uma mocinha frágil, vestida como se ainda fosse uma adolescente, e quando a vi assim, vestida como uma mulher, pensei ter visto outra pessoa. Perdoe-me, mas a senhora está de cair o queixo.

Balancei a cabeça achando engraçado o comentário ousado do meu motorista, que fez que a tensão sobre meus ombros desaparecesse. Saber que estava linda e não vulgar me deu confiança para encarar os amigos milionários do Felix. Logo em seguida, ele ligou o carro, colocou a minha música favorita e seguimos. Ao chegamos na garagem, Felix já nos esperava. O vi encostado no seu carro majestoso, vestido com o seu terno negro, feito sob medida, ajustado ao seu corpo, moldando os seus músculos e evidenciando a sua beleza máscula.

Ele era o senhor do meu mundo. Raul abriu a porta do carro e me ajudou a sair. Ele me encarava com um olhar brilhante, incrédulo. Meu motorista estava mesmo muito impressionado com a minha mudança, no entanto, não era o olhar de admiração do motorista que me interessava, queria o

olhar do meu marido.

Será que ele vai gostar de me ver vestida assim, tão sexy?

— Solte-a, Raul, deixe que eu mesmo vou buscá-la — ordenou com a voz rude e fria, e no mesmo instante Raul soltou a minha mão e deu dois passos para trás. Fiquei parada, fitando um Felix com um olhar perigoso, predador. — Confesso que a imaginei vestida com este vestido quando o vi na loja, mas ficou muito melhor do que na minha imaginação — ele cochichou no meu ouvido e logo depois beijou os meus lábios levemente. Tremia de emoção. — Você é a mulher mais linda do mundo e tudo isso é meu. — Ele levou os lábios à minha fronte. — Vamos? Não fique nervosa, estarei ao seu lado, sempre. — Ele me guiou até o seu carro e antes de fechar a porta, voltou-se para Raul.

— Não precisarei mais dos seus serviços por hoje, está liberado.

Raul gesticulou e voltou-se para o veículo, e o Felix ligou o automóvel e saiu sem pressa da garagem.

— Felix, a casa do prefeito fica no sentindo contrário — comentei quando percebi que estávamos indo em outra direção.

— A festa será em um clube privado. São muitos convidados, os meus e os do prefeito, portanto, mesmo a casa dele sendo uma mansão, não caberiam tantas pessoas.

— Estou admirada com a evolução do nosso prefeito, ele não é muito chegado a uma festa, nem me lembro quando foi a última vez que ele fez uma. Não que eu tenha sido convidada, apesar de conhecer uma das suas filhas. Nós estudamos juntas — comentei.

— Talvez ele tenha razões para abrir os cofres... — Felix virou o rosto rapidamente na minha direção e sorriu. Ele estava escondendo algo.

— O senhor meu marido está escondendo o que de mim? — Olhei para ele, lhe dirigindo um olhar divertido. Ele virou rapidamente a cabeça e piscou.

— Não queria estragar a surpresa, mas você merece saber antes de todos. — Ele diminuiu a velocidade, deu seta para a esquerda, manobrando habilmente o carro em uma curva sinuosa. — Seu marido será homenageado. Não queria isso, mas o prefeito e o governador fizeram questão.

— O quê? Como assim, Felix? O que você fez? Ou melhor, o que fez e não me contou? — Bati no seu ombro, estava eufórica. Sabia que o Felix ajudava muitas pessoas na cidade, mas isso não era motivo para receber uma homenagem pública.

— Acho que não fiz nada, só o que todo cidadão com mais recursos deveria fazer, que é ajudar a cidade onde vive.

— Deixe de ser modesto, senhor Felix Santini. Diga-me logo o que andou aprontando.

— Bem, comprei três ambulâncias novinhas para o hospital municipal, cinco viaturas novas, e estou financiando junto com o governo do estado a construção do novo hospital da cidade. Também estou bonificando com um salário-mínimo para cada policial da região, só isso. Mas acho que ainda posso fazer mais e já estamos trabalhando para começarmos a distribuir cestas básicas para famílias de baixa renda da região rural.

— *Só* isso? Meu Deus, você merecia uma medalha! — Nem me importei com o fato de ele

estar dirigindo, eu me inclinei e o beijei no rosto. — Felix, você está pensando em se candidatar para algum cargo na política?

— Claro que não. — Ele soltou uma gargalhada. — Não posso me dar a esse luxo. Tenho algumas empresas para carregar nas costas, linda esposa, e além do mais, preciso de tempo para cuidar de você, pois você estará sempre em primeiro lugar.

Fiquei tão orgulhosa dele e tão feliz por saber que o Felix se importava com a dor do outro. Ele não era o tipo de homem rico que só pensava em enriquecer às custas dos esforços dos outros, ele queria ajudar os menos afortunados e isso era maravilhoso.

Sou uma mulher de sorte, o homem que me ama também ama o próximo.

— Chegamos. E faça-me um favor, quando me chamarem para a homenagem, finja surpresa, não quero ser desmancha-prazeres.

Então vi as luzes, os carros. Eram muitos. Felix desceu do veículo e deu a volta para me ajudar a descer.

— Nossa! Tem muita gente. Você sabe quantas pessoas foram convidadas?

— Não faço ideia nem dos meus convidados, deixei a cargo da minha secretária. — Ele parou e ficamos frente a frente. Suas mãos seguravam meus braços, seus olhos lindos e brilhantes rodopiavam por todo o meu rosto. — Hoje será a nossa estreia na sociedade e eu quero que todos vejam a mulher que escolhi para viver ao meu lado. Eu a amo, Lhaura Santini, amo mais do que tudo. — Inclinou o corpo e os nossos lábios se encontraram. O beijo foi terno, brando, e pude sentir sua emoção. Quando suas mãos me puxaram para perto do seu corpo, ficamos colados um no outro, e pude sentir o descompassar do seu coração. Pude sentir o seu amor por mim.

— Também o amo, amo muito — disse, ainda com nossos lábios juntos.

— Pronta para brilhar, minha linda estrela? — Rindo, ele entrelaçou os nossos dedos e caminhamos em direção às escadas do imenso salão iluminado.

Enquanto caminhávamos, podia ver a elegância das pessoas. Mulheres com seus majestosos vestidos de noite, homens com seus ternos caros. A cada passo que dávamos, olhares curiosos nos rondavam. Subimos os degraus lentamente, e parecia que todos estavam só esperando este momento, então escutei os aplausos e quem estava sentado se levantou. Felix apenas gesticulava e apertava a minha mão. Ele estava nervoso e não era para menos, hoje ele estava no topo, hoje ele era a estrela maior. Um rapaz surgiu na nossa frente e nos guiou até a frente do salão. Uma grande mesa ricamente decorada nos foi apresentada. Nela já estavam sentados os pais do Felix; o meu pai, que piscou e me disse silenciosamente o quanto estava linda; a esposa do prefeito e uma jovem mulher que me olhou de cima a baixo, com certo ar de despeito. Não sei quem ela era, mas devia ser alguém importante para estar ali.

— Senhor Santini, me acompanhe. — Escutei o rapaz chamá-lo.

— Querida, já volto. Sente-se e divirta-se. — Antes de ir, ele me beijou levemente nos lábios. Eu me sentei ao lado de Sophia.

— Você está linda, querida, nem parece aquela menina tímida. Agora sim está parecendo uma mulher admirável. — Sophia tocou no meu rosto, bem ao lado do hematoma. Senti um pouco de

incômodo, por isso afastei o rosto rapidamente.

— Obrigada, você também está linda. — Também toquei no rosto dela com carinho. Sentia um amor pela Sophia que não conseguia explicar. Ela sempre me pareceu tão frágil, mesmo querendo transparecer ser forte. — Como você está, ainda sente dor na cabeça?

Sophia ainda se sentia mal vez ou outra, por isso o Lourenço se afastou de vez das empresas para poder cuidar dela. Admirava o amor que os dois nutriam um pelo outro, principalmente ele. O via no Felix, era a mesma dedicação e cuidados.

— Estou bem, minha querida. O Lourenço está cuidando muto bem de mim. Somos mulheres de sorte, temos homens especiais ao nosso lado. — Lourenço estava prestando atenção à nossa conversa e assim que Sophia se calou ele se inclinou e a beijou.

— Eu que sou um homem de sorte, meu amor. Sem você não seria ninguém. — As mãos dos dois se uniram e seus dedos se entrelaçaram. — Você está espetacular, Lhaura. Meu filho é um afortunado.

Felix discursou, falou sobre os seus planos e sobre o que já tinha realizado na cidade, dando crédito ao prefeito e ao governador, e dizendo que só estava fazendo sua parte. Disse que muitos empresários deveriam fazer o mesmo e que a sua intenção era fazer a cidade crescer e ganhar fama mundo afora. Quinze minutos depois, Felix voltou para a mesa, trazendo com ele o prefeito, o governador e um outro homem, que já tinha visto na TV, mas não recordava do nome.

— Lhaura, como está? Ainda vai nos representar em Londres? — O prefeito me cumprimentou e voltou-se para os outros. — Essa linda moça é uma musicista de grande talento e passou em um concurso disputadíssimo para estudar em uma escola muito famosa de Londres. Qual é mesmo nome? — Olhou para o Felix.

— *Royal Academy of Music* — respondeu orgulhoso. — A Lhaura toca maravilhosamente bem, principalmente o violoncelo, e foi por causa dele que me apaixonei por ela. — Ele segurou a minha mão e a levou até os lábios, beijando-a.

— Então estamos diante de uma grande estrela internacional — articulou o homem de terno cinza escuro, olhos castanhos claro e sorriso estonteante, olhando-me com admiração. Eu o fitei.

— Lhaura, este é o deputado federal Marinho. Marinho, esta é a minha esposa, Lhaura Santini.

Apertamos as mãos e senti uma pressão muito maior do que o normal. Seus olhos varriam todo o meu rosto e corpo. Eu me senti desconfortável e o Felix percebeu, imediatamente me puxando para dançar enquanto os outros se sentavam.

Dançamos umas três músicas, duas românticas e a terceira mais agitada, e saímos do salão cansados e com sede. Antes de chegarmos à mesa, Felix pegou duas taças de vinho e peguei uma de água. Papai estava conversando animadamente com o governador e o prefeito. Quem diria que há alguns meses ele era uma sombra de um homem? Não tinha iniciativa alguma, vivia de pequenos trabalhos e ganhava apenas o bastante para pagar as nossas contas. Hoje ele é um homem renovado, o mesmo homem que era antes da mamãe morrer.

Comemos, sorrimos. Até piadas o Felix contou. Estava feliz e realizada.

— Felix, você permitiria que a Lhaura dançasse comigo essa música já que a minha noiva está

dançando com o nosso ilustríssimo governador? — Então a moça que não parava de me olhar de soslaio era a noiva dele. Fiquei muda, acho até que mudei de cor. Felix só olhava para o deputado. Depois seu olhar indecifrável me fitou.

— Bem, não sou eu quem decide isso, é minha esposa.

— É só uma música e será com todo o respeito que a sua esposa merece. — Marinho se levantou, olhou para mim e estendeu a mão. — Por favor, Lhaura, você me dá o prazer desta dança?

E agora?

O que eu faço?

Aceito ou não aceito?

Olhei para o Felix, mas os seus olhos não me diziam nada, ele apenas sorria. Fiquei com medo de dizer não e chateá-lo, então...

— Será um prazer, senhor Marinho.



20

A música já estava tocando quando chegamos na pista de dança. Marinho circulou o braço ao redor da minha cintura e eu senti sua pele tocar a minha. Só então lembrei que não usava nada por baixo do vestido.

Gelei.

E se ele percebesse que estava sem calcinha?

Daí por diante não consegui prestar atenção em mais nada, a minha única preocupação era mantê-lo distante do meu corpo, o que estava ficando quase impossível, pois a todo instante ele me puxava para mais perto.

— Lhaura, estou ficando louco por você — ele sussurrou quando seus lábios se aproximaram da minha orelha. — Você nem imagina o tesão que estou sentindo...

Olhei em direção à mesa, morrendo de medo de que Felix percebesse o que estava acontecendo. Quando nossos olhares se encontraram, soube que ele já tinha percebido, e se não, percebeu no exato momento em que o meu olhar suplicante gritou por socorro.

— Lhaura, você escutou o que eu disse?

Marinho acariciou as minhas costas, descendo o dedo indicador até onde terminava o decote do meu vestido. Exalei o ar e me afastei dele. O olhei com um olhar marejado, pois nunca fui tão insultada como estava sendo naquele exato momento.

— Senhor Marinho, sou uma mulher casada e muito bem casada, me respeite. — Não esperei sua resposta e me virei, dando-lhe as costas. Segui em direção aos banheiros. Só queria ficar sozinha por alguns minutos.

Por medo de que ele viesse atrás de mim, apressei os passos e entrei em uma cabine de banheiro privativo, assim não correria o risco de alguém me ver no estado em que estava. Quase chorando. Mal tive tempo de fechar a porta, quando ela foi empurrada abruptamente.

— Felix! — exclamei, assustada.

— Surpresa, querida? Esperava outra pessoa? Marinho, é isso? — Sua voz saiu mais dura do que o normal.

Ele empurrou a porta com força e a travou. Em dois passos me empurrou contra a parede e suas mãos agarraram os meus ombros. Seus olhos se fixaram aos meus, faiscando labaredas de puro ódio.

— Ficou louco!? — gritei enfurecida, tentando afastar suas mãos dos meus ombros.

Como ele podia pensar isso de mim?

— Louco? Estou louco, sim, querida! — Encostou a testa na minha e cuspiu as palavras como se atestasse o óbvio. — Ninguém me contou, eu vi. Eu vi! — Esmurrou a parede, seu punho fechado

bem ao lado do meu rosto. — Ele roçou assim em você? — Seu corpo se juntou ao meu, e ele começou a se esfregar em mim. Pude sentir seu membro duro. — Responda-me, Lhaura. O pau dele estava duro igual ao meu?

Ele rosnou e a sua mão espalmou o meu queixo, segurando-o com força, forçando-me a encará-lo. Colocou a outra mão na parede para que não pudesse fugir. Ele queria me amedrontar e me intimidar, e estava conseguindo.

— Pare, Felix... Vamos sair daqui...

— Não, querida, não vamos a lugar nenhum. Não até você me dar o que ia dar a ele. — Olhei para os seus olhos e não o reconheci. Comecei a temer o que estava por vir. — Sim, querida. — Ele sorriu com escárnio. — Eu vi o Marinho olhando para a sua bunda e o vi acariciando bem aqui... — Ele tocou na altura onde o decote do meu vestido terminava. — E se não o tivesse impedido de vir atrás de você, a esta hora ele estaria comendo o seu rabinho, não é? Hein? Responda-me!

— Felix, como ousa pensar isso de mim? Jamais faria isso com você, eu o amo! — Felix soltou uma gargalhada.

— Ama tanto que ia dar o rabo que não dá nem para o marido para outro homem. Para outro você quer dar, não é, Lhaura?

— Felix, não me ofenda. — Tentei me livrar do seu aperto, mas sua mão apertou tanto o meu queixo que o senti estalar. — Felix, você está me machucando, me solte.

— Machucando? — Riu de um jeito monstruoso, — Não me faça rir, Lhaura. Você se oferece para outro homem e eu é que estou te machucando?!

— Você ficou louco? Não me ofereci para ele, foi você quem deixou que dançasse com ele. Solte-me, quero ir embora. — Empurrei-o com força.

Consegui afastá-lo e aproveitei para sair de perto dele, mas Felix foi mais rápido e em questão de segundos puxou meu corpo e o jogou contra a bancada de mármore. Sua mão imprensou a minha bochecha contra a bancada. Tentei me soltar, mas o aperto do corpo dele contra o meu era poderoso, mal conseguia respirar.

— Não me culpe, Lhaura, você só precisava dizer não. Acha que não percebi os olhares do Marinho para você? E não subestime a minha inteligência, eu também percebi seu olhar para ele, principalmente quando o convidou para vir para cá. — Ele suspendeu meu vestido e senti o frio do ar-condicionado em minha bunda nua. — Não dá esse rabo para mim, mas quer dar para outro. Então, minha querida, eu quero o que é meu e quero agora.

Comecei a me debater. Tentava desesperadamente fugir das mãos do Felix. Ele pressionava a minha bochecha com força contra a bancada, por isso comecei a usar as pernas e as mãos para afastá-lo.

— Felix... — Senti um frio na espinha, ele não estava brincando. — Felix, não fiz nada. Por favor, não faça isso. Não ia o trair, estava.... — Então o ar faltou nos meus pulmões e nem tinha percebido que ele já estava sem o cinto. Só senti a bofetada na minha bunda. Ardeu tanto que as lágrimas vieram sem permissão.

— Quieta, ou darei outro tapa e desta vez com a fivela. — Ele soltou a minha cabeça, mas sua

mão cobriu a minha boca. — Vou enrabá-la sem dó, mas quero que saiba que não sentirei prazer em fazer isso com você, pois só estou lhe dando uma lição. Nunca mais pense em me trair, Lhaura Santini.

E ele entrou no meu ânus com toda força. Socava fundo, urrando no meu ouvido. Meus gritos foram abafados pela sua mão na minha boca e minhas lágrimas desciam como uma tempestade violenta.

— Está gostando, esposa? Não quis me dar por livre e espontânea vontade, agora está me dando à força. Meu pau não era bom o suficiente para o seu cuzinho? Tinha que ser outro pau, não é?

As lágrimas secaram e já não sentia mais nada, só queria que ele gozasse e saísse de dentro de mim. Deixei-o fazer o que quisesse. Meu corpo caiu sobre a bancada e me entreguei sem lutar.

— Está gostando... — ele sussurrou no meu ouvido, depois senti a mordida no lóbulo de minha orelha e a pancada na minha bunda. Ele entrava e saía com força, e parecia que não ia acabar nunca mais. — Goze, Lhaura, goze gostoso.

Como iria gozar? Ele estava me violentando, como queria que gozasse? Queria era gritar, mas fiquei com vergonha. Se fizesse isso, seria um escândalo.

— Porra! Vou gozar... — ele grunhiu. — De joelhos e abra a boca.

Não, não, isso não...

Ele saiu de dentro de mim e forçou meus joelhos para baixo. Sua mão espalmou o meu queixo.

— Lhaura, abra a boca ou o meu esperma se espalhará por todo o seu rosto.

Abri a boca, pois o que menos queria era ficar com o rosto todo sujo de esperma. Não podia lavar o rosto, e apesar de minha maquiagem ser à prova d'água, não podia arriscar, já bastava o dano causado pelas lágrimas. Engoli a sua porra fazendo um esforço para não vomitar. Fechei os olhos e tentei esquecer o sabor.

— Olhe para mim, Lhaura — ele ordenou e eu olhei. — Não pense que gostei de fazer isso. Você me forçou, a culpa foi sua. Se tivesse dito não ao Marinho e o recusado, nada disso teria acontecido. — Ele guardou o pênis na calça, subiu o zíper, passou o cinto pelo passador e fez tudo isso sem afastar os olhos dos meus. Ainda estava de joelhos, olhando para aquele homem insensível. Não sabia o que estava sentindo, se medo ou raiva.

— Por que, Lhaura? Por que você fez isso comigo? Por que você quer me machucar? Logo a mim que a amo mais do que tudo...

Ama? Jura? Mas que desgraça de amor é esse?

— Vem cá. — Ele estendeu a mão.

Será que ele pensa que vou aceitar sua ajuda? Será que ele pensa que vai ficar tudo bem?

Continuei olhando para ele.

— Promete que nunca mais pensará em me trair? — Ele se inclinou e me ajudou a levantar. Pegou uma das toalhas que estavam dobradas na bancada e começou a me limpar. Vi o sangue na toalha branca. Meu ânus sangrou.

— Merda! Você viu o que me fez fazer com você? Caralho, Lhaura! Eu a machuquei... e agora? — Mostrava a toalha manchada de sangue. Tremi. — Deus! — Ele tentou me segurar e instintivamente me afastei. — Não, não, meu amor, não faz isso. Não tenha medo de mim, prometo que nunca mais vou tocar em você sem a sua permissão.

Eu ia gritar com ele, mas alguém bateu na porta.

— Está ocupado, use outro! — Felix gritou impaciente. Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos. — Lhaura, me perdoe, fiquei cego de ciúmes. Eu vi vocês dois dançando, e ele a acariciando. Eu vi quando você o convidou para vir para cá. Coloque-se no meu lugar. Lhaura, diga alguma coisa!

Engoli a minha angústia, meu medo e a minha raiva.

— Não o traí e nem pensei em fazer isso. Estava fugindo dele. Ele disse coisas horríveis no meu ouvido, ele me desrespeitou e a você também, e a minha vontade era de esbofeteá-lo, mas não quis estragar a sua festa, o seu momento, por isso saí às pressas da pista de dança. Não queria que você percebesse meu nervosismo e nem que me visse chorar. Foi... foi aquele imbecil que o desrespeitou, não eu. Era ele quem deveria ter sido violado, não eu...

Cobri o rosto com as mãos e desabei. Os braços do Felix me abrigaram e senti seu abraço apertado e o tremor do seu corpo.

— Lhaura, sou um monstro, não te mereço. — Ele chorava. — Você tem todo o direito de me odiar, e se quiser o divórcio vou entender, mas quero que saiba que não fiz tudo isso por prazer. Doeu mais em mim do que em você, estava cego de ciúmes, me sentindo rejeitado. Cheguei a pensar que não estava sendo suficiente para você. Eu a amo, amo tanto que sou capaz de ir embora para nunca mais machucá-la. — Ele me apertou mais um pouco, respirou fundo e soluçou enquanto acariciava as minhas costas. — Vou levá-la para casa. Acho que a nossa noite acabou, não tem como ficarmos aqui.

Queria ir embora, mas ele não precisava ir, afinal era a sua noite.

— Felix, não precisa me levar para casa. Peço ao papai, ele me leva. — Respirei fundo e me afastei um pouco do seu abraço.

— E vai dizer o que para o seu pai? — Ele segurou meus ombros e me encarou. — “Papai, me leva para casa porque o meu marido me violou à força no banheiro?” Não, Lhaura, a levarei para casa. A festa acabou para mim.

— E o que dirá para o prefeito e o governador? — Não queria ir para casa com ele, estava dolorida, apavorada e não sabia bem o que faria.

— Direi a verdade. — Ele me soltou, ajeitou o meu vestido, limpou o meu rosto e depois... tentou beijar a minha boca, mas virei o rosto e ele foi obrigado a beijar minha bochecha. — Vamos, você precisa de um banho e cama.

Ele me puxou pela mão.

— Felix, deixe-me ir sozinha. É a sua festa, não faz sentido que vá embora.

— Nada disso terá sentido sem você, Lhaura. Minha vida sem você não tem sentido. Vamos.

Não sabia se sentia medo ou alegria por suas palavras. Era pura confusão mental. Saímos do

banheiro. Felix me levou por uma saída lateral, e atravessamos os jardins até onde o carro estava estacionado.

— Fique quietinha, já volto. — Antes de sair, ele ligou o som do carro e a minha música favorita encheu meus ouvidos de emoção. Fechei os olhos e esperei. Acho que cochilei um pouco, pois quando voltei a abrir os olhos vi o Felix falando no celular. Só consegui escutar as suas últimas palavras: *"Faça parecer um acidente."*

— Vamos? Seu pai ligará daqui a pouco para você.

— O que disse a ele? — Qual foi a desculpa que o Felix deu? Precisava saber, e se ele contou que brigamos no banheiro por causa do Marinho?

— Eu disse a verdade, disse que você não estava passando bem, que ficou enjoada e suando frio. — Ele ligou o carro e saiu lentamente. — Acho que eles pensam que você está grávida, e deixei que continuassem pensando isso.

Quarenta minutos depois, chegamos em casa. Fingi que dormi durante todo o caminho de volta. Não queria conversar, aliás nem queria estar ao lado dele.

— Felix, não, eu posso andar. — Não, não podia, meu corpo estava dolorido e meu ânus também, mas não queria que ele soubesse. Mesmo assim, fui colocada nos seus braços. — Felix — reclamei.

— Shhh, eu sei que está dolorida. Sei que a machuquei e nunca vou me perdoar por isso. Fui um idiota. — Ele abriu a porta do nosso quarto. — Mas não se preocupe, o culpado por tudo isso sofrerá as consequências, já providenciei isso.

— Felix, o que foi que você fez? — perguntei. Ele me colocou na cama, deixando-me sem resposta, depois entrou no banheiro e escutei o barulho da água enchendo a banheira.

— Ninguém mexe com o que é meu e sai impune, você só precisa saber disso. — Ele me despiu, mesmo dizendo que não era necessário. — Lhaura, não se preocupe, não vou tocá-la, só quero cuidar de você.

Estava cansada demais para lutar ou fazer birra, então deixei que ele cuidasse de mim. Felix me deu banho, me vestiu e me colocou na cama.

— Quer comer algo?

— Não, obrigada, só quero dormir.

— Está dolorida? Diga a verdade!

— Estou, mas vai passar. Em dois dias estarei bem. Foi assim na nossa lua-de-mel, lembra?

— Ok. Fique quieta, eu já volto. — Ele foi até o banheiro. Se ele não se lembrava, não tinha esquecido. Naquela primeira tentativa de anal passei dois dias sentindo um incômodo quando ia evacuar. Até para me sentar era dolorido, não conseguia usar papel higiênico, só a ducha higiênica, e quando evacuava sangrava. Com certeza seria ainda pior desta vez. Felix voltou com um tubo de pomada.

— Vire-se. É anti-inflamatória, amanhã passarei novamente. — Praticamente fui obrigada a me virar. Ele baixou minha calcinha e só senti o seu dedo massageando meu ânus. — Pronto. Se não

melhorar a levarei no médico.

Nem pensar, essa vergonha eu não passo.

— Obrigada. — Por que é que estava agradecendo? Ele era o culpado por estar machucada. — Boa noite, Felix. — Deitei e puxei o lençol, virando de costas para o lado em que ele se deitava, me encolhendo.

— Boa noite, meu amor. Se precisar de algo é só me chamar, estarei no outro quarto.

Com assim?

Ele vai dormir no outro quarto?

E o que você esperava?

Queria mesmo que ele se deitasse com você?

Não disse nada, apenas engoli o choro e escutei a porta se fechar.



21

Acordei na madrugada procurando Felix ao meu lado, no outro travesseiro, e ele estava vazio. Bateu um medo.

E se ele foi à procura de alguma prostituta?

Sentei-me na cama, assustada, olhando para o lado vazio. O abajur da mesinha de cabeceira estava aceso, foi então que o vi, sentado na poltrona, coberto com uma manta, dormindo todo torto com as pernas jogadas de qualquer jeito. Ainda estava com a mesma roupa, a gravata solta, a camisa desabotoada e os sapatos nos pés. Sua cabeça pendia para o lado, e certamente quando acordasse ficaria com uma tremenda dor no pescoço. Levantei-me e fui até ele. Com cuidado, tentei colocar uma almofada atrás da sua cabeça. Ele acordou.

— Não quis acordá-lo, só queria deixá-lo mais confortável — disse tentando esconder a preocupação na minha voz.

— Não mereço a sua preocupação. Não mereço o seu amor e não mereço sequer a sua piedade, Lhaura... Deus! Eu a machuquei... — Ele começou a chorar. Tentei tocá-lo. — Não, não me toque. Não mereço que suas mãos me toquem, não sou digno de você. Não sou, Lhaura! — Ele escondeu o rosto entre as mãos. — Amanhã mesmo falarei com meu advogado e ele providenciará nosso divórcio. Assim que tudo ficar esclarecido deixarei esta casa.

— Felix...

— Não, Lhaura. Será melhor assim, eu a amo demais. Nunca pensei que um dia amaria alguém tanto assim e meu amor é perigoso, ele machuca.

— Felix... — Agachei-me e segurei suas mãos, fazendo com que ele olhasse para mim. — Sei que me ama, mas você precisa confiar em mim, precisa acreditar que nunca vou o deixar. Não quero outro homem me tocando ou me beijando, só quero você. Acredite, amo muito você.

Ele segurou meu rosto com as mãos, seus olhos tristonhos me avaliavam com amor.

— Não a mereço. Fuja de mim enquanto pode, Lhaura. Meu amor é tão grande que nem eu sei o tamanho que ele tem e tenho medo de não saber lidar com ele.

— Você só precisa confiar em mim, Felix, só isso.

— Eu confio. Só não confio nos outros, Lhaura. Tenho medo de que roubem você de mim.

— Ninguém vai me roubar de você, meu amor. Ninguém.

— Posso beijar você? — ele não pediu, implorou.

— Sim, pode — respondi, sorrindo.

Seus lábios uniram-se aos meus. Foi um beijo lento, saboroso, mas ao mesmo tempo dolorido, cruel. Sem me soltar, ele se levantou e me guiou até a cama.

— Posso me deitar com você? — implorou outra vez.

— Sim — respondi enquanto as minhas mãos o ajudavam a se despir.

— Prometo que não vou tocar em você. Só farei amor com você quando estiver pronta, prometo.

— Eu sei. — Nos deitamos. Não sabia bem o que eu queria.

— Posso abraçá-la?

Não respondi, apenas peguei a sua mão e a trouxe para perto do coração. Senti o seu abraço, o bater do seu coração nas minhas costas e a sua respiração quente na minha nuca. Fechei os olhos e respirei fundo. Ele fez o mesmo.

— Amo você, Lhaura.

Só acariciava a sua mão. Fiquei quieta. No fundo, sabia que algo no nosso casamento tinha se quebrado, só não sabia ao certo o que era ou se tinha conserto.

Hoje não tinha o canto dos pássaros, pelo menos nos meus ouvidos, que não alcançavam a alegre melodia tão habitual de todas as manhãs. Acho que estava introspectiva para tais emoções. Olhei para o lado, o Felix ainda dormia tranquilamente.

Nem parecia que havíamos passado por uma tormenta apavorante. Sentei-me na cama e imediatamente veio o incômodo. Não era só o meu ânus que doía. Sem fazer movimentos bruscos, me levantei. Não queria acordá-lo, não precisava que o Felix ficasse atrás de mim, me cercando de cuidados. Segui para o banheiro, tranquei a porta e me despi. Meu corpo nu refletido no imenso espelho da parede contava a história de terror da noite anterior. Havia marcas de dedos do Felix por todo lugar. Toquei em cada uma das marcas e aos poucos me virava, até que vi o que realmente estava tão dolorido quando eu me sentava, a marca do cinto, vermelha, que muito em breve ficaria roxa na minha bunda.

Oh, Deus! Como deixei as coisas chegarem até aqui...

Meus pensamentos cobravam ações e clamavam por respostas as quais não sabia responder. Meu príncipe me machucou, meu príncipe me machucava...

Por quê?

Será que ele não acreditava no meu amor?

Até quando?

Lhaura, o que você fará agora?

Olhe para você, olhe para o seu corpo, para o seu rosto!

Passei os dedos trêmulos pelo meu rosto machucado. Ainda estava roxo onde o Felix bateu na manhã anterior e agora o meu corpo também estava marcado. Ele faria isso outra vez? Ele jurou nunca mais me machucar, jurou que não queria fazer isso, jurou que ficou cego de ciúmes...

Deus!

Parei minha mão no ar. Eu ia esmurrar o espelho, mas percebi a tempo que isso só pioraria as coisas. Estava me sentindo sufocada, perdida, estava me sentindo como um pássaro preso na gaiola,

com as penas arrancadas do seu pequeno corpo.

Era uma princesa presa no seu próprio conto de fadas. Tomei um banho. Usei a pomada que o Felix deixou sobre a bancada de mármore no meu ânus. Me maquiei como a Miranda me ensinou e consegui esconder todos os hematomas do meu rosto e corpo. Não fiz barulho ao sair do banheiro, ele ainda dormia. Vesti uma calça jeans e uma blusa de mangas, pois não queria que ninguém percebesse que estava machucada, mesmo que tivesse feito um ótimo trabalho escondendo tudo com a maquiagem. Saí do quarto e assim pude respirar aliviada. Mesmo o amando, ainda não me sentia bem em dividir o mesmo ambiente com ele. Mesmo aceitando o seu corpo ao lado do meu durante toda noite, mesmo o perdoando, ainda não me sentia segura. A casa estava silenciosa, parecia fúnebre...

A mesa do café da manhã estava lindamente posta, mas não sentia fome. Não sentia nada. Mesmo assim, eu me sentei e me servi de uma xícara de café. A fumaça do líquido fumegante se espalhou por cima da borda, e aos poucos desaparecia junto com os meus pensamentos tristonhos.

Algo chamou a minha atenção do lado de fora da casa, na direção do jardim. Deixei a xícara com quase todo o café e fui ver o que era. Abri a porta de vidro e senti os raios de sol aquecendo meu rosto. Abracei o meu corpo, respirando profundamente. A necessidade de chorar veio com força. Parecia me rasgar por dentro, sufocava-me. Olhei para todas as flores coloridas que ladeavam o jardim. Antes as achava tão lindas, mas agora elas eram apenas flores, não transmitiam nada... nada.

Meus olhos alcançaram o topo de duas roseiras e viram um beija-flor. Ele brincava com as rosas, dançando feliz entre elas...

Feliz.

Não me sentia feliz, e era para estar feliz. Era para ser a mulher mais feliz do mundo.

Entrei novamente em casa. Nada no jardim fazia sentindo para mim. Então fui procurar refúgio com o meu violoncelo na sala de música, que agora seria a minha sala de estudo. Peguei meu instrumento favorito e me sentei, fechei os meus olhos e comecei a tocá-lo... Instantaneamente, viajei para o meu próprio mundo, onde ninguém poderia me machucar, onde podia me esconder.

— Lhaura!

Alguém tocou no meu ombro, senti dedos me acariciando. Abri os olhos lentamente e só então percebi que havia terminado com a música. O arco estava parado na minha mão caída ao lado do meu corpo e o braço do violoncelo apoiado no meu ombro. Felix estava bem diante de mim. Não olhava para ele, mas sentia os seus olhos me observando.

Limpei a garganta e finalmente levantei a cabeça para olhá-lo de volta. Ele tinha lágrimas nos olhos e parecia tão desconfortável como eu. Não queria que ele sentisse pena de mim, por isso me levantei e me afastei o mais depressa que pude. Fiquei de costas para ele, olhando para um ponto fixo qualquer através do vidro da janela, disfarçando as lágrimas que teimavam em despencar dos meus olhos. Rapidamente ele correu ao meu encontro e senti seus braços cercarem meu corpo, me apertando, enquanto a sua boca encontrava a minha nuca.

— Perdoe-me, meu amor. Perdoe-me, por favor.

Queria perdoá-lo, mas a minha dignidade estava embaixo dos seus pés. Afastei-me dele,

empurrando-o. Andei até o piano e toquei algumas teclas, sonorizando o início de uma canção. Ele soltou um suspiro pesado.

— Nós precisamos conversar.

— Eu sei.

— Vou entender se quiser o divórcio. Mesmo sabendo que a minha vida será um inferno, aceito que queira me deixar — ele falou enquanto caminhava na minha direção a passos lentos.

Será que tinha ouvido direito? Ele me segurou pelos ombros e virou meu corpo na sua direção, me fazendo encará-lo. Ainda chorava. Primeiramente o olhar de culpa... depois o olhar de total desamparo. Uma sensação horrível atravessou todo meu corpo.

— Felix...

Assim que pronunciei seu nome, as palavras faltaram, pois não era capaz de eliminar toda a dor que sentia da minha voz e não queria me expor daquela maneira. E nem precisava, ele sabia o que estava sentindo. Levou um momento para que ele voltasse a reagir, e só aí conseguiu se mover. Ele tentou me beijar, mas minha reação foi imediata. Virei meu rosto, esquivando a cabeça para trás.

— É, acho melhor sair da sua vida. Vou ligar para meu advogado agora, para que adiar o inadiável? Não posso conviver com o seu desprezo e a sua aversão.... — Ele pegou o celular no bolso da calça e começou a discar.

— Felix. — Tomei o celular da sua mão. — Não precisa fazer isso agora, acho que precisamos esfriar a cabeça. — A bem da verdade, não sabia muito bem o que estava dizendo.

Sua respiração de alívio soou muito alta nos meus ouvidos, mas mesmo com esse pequeno alívio, ele percebeu que estava insegura.

— Oh, Lhaura... Pelo amor de Deus... Não vou suportar vê-la ter medo de mim. Juro, nunca mais a forçarei fazer nada que não queira. Sei que sou ciumento, possessivo e idiota, e se quiser me denunciar, irei junto e eu mesmo confesso meu crime — disse enquanto sua mão alcançou a minha. — Quer saber, vamos fazer isso agora. — Ele me puxou em direção à porta. — Vamos à delegacia.

— Felix, pare. Não é isso que eu quero...

— Mas é isso que precisa ser feito, fui um monstro e preciso ser punido... — após um momento ele completou. — Estou totalmente na merda, será que você não percebe isso? — Ele me puxou para os seus braços outra vez.

Balancei a cabeça contra o seu peito, fazendo com que pela primeira vez naquele dia ele soltasse um ofego profundo. Logo em seguida, ele segurou o meu rosto entre as mãos, fazendo com que olhasse dentro dos seus olhos.

— Eu disse que nunca mais vou a machucar. Eu a amo, Lhaura! Prefiro a morte a perdê-la. Por favor acredite em mim, preciso que acredite em mim. Mesmo que não queira nunca mais me ver, mesmo que queria ficar bem longe do seu marido idiota.

E agora? Acredito? Perdoo? E se ele fizer tudo novamente? Deus, me ajude!

Nunca vi meu pai sequer gritar com minha mãe, quanto mais bater nela. Escutava casos de alguns colegas do colégio, cujas mães apanhavam dos pais e mesmo assim, permaneciam casadas.

Não entendia o porquê de elas aceitarem ser maltratadas daquele jeito, como aceitavam apanhar do marido. Como achar isso normal?

Mas Felix era diferente... Sim, ele era. Ele não queria ter feito aquilo, ele se arrependeu. Ele está chorando, está sofrendo.

— Ok — falei olhando dentro dos seus olhos. — Acredito em você, Felix. Só preciso de um tempo para esquecer o que aconteceu ontem à noite. — Ele sorriu.

— Darei o tempo que você precisar, meu amor. Prometo que serei paciente, só não rejeite os meus beijos e os meus cuidados. Por favor, imploro. — Ele me olhou com tanto carinho e tanto medo de que quase me joguei nos seus braços.

— Felix, eu o amo, amo muito, mas você precisa domar o seu ciúme e a sua insegurança.

— Prometo, mas preciso da sua ajuda. Prometa-me que seu olhar será só para mim, e quando alguém a convidar para dançar, mande-o se foder, e eu juro que vou a apoiar. — Não consegui esconder o riso. Eu o amava, ele me amava. Então, por que não nos dar mais uma chance?

— Prometo.

— Essa é a minha princesa — ele disse baixando a cabeça na minha direção.

— Felix — murmurei ao perceber que ele estava prestes a me beijar.

— Não me rejeite, meu amor. Preciso muito da sua boca, é só um beijo. Nós só faremos amor quando você estiver pronta, prometo.

Eu me deixei ser beijada. E quando os seus lábios encontram os meus, esqueci toda a dor do meu corpo e da minha alma.



22

Já fazia uma semana desde aquela fatídica noite. Felix cumpriu o que prometeu e não tentou fazer amor comigo. Ele apenas me beijava e fazia longos carinhos nas minhas costas quando os nossos corpos estavam juntos. Durante as noites ele se deitava ao meu lado e me abraçava apertado, e sempre me colocava de costas para si. No entanto, eu sabia que ele estava fazendo um esforço descomunal para domar o seu desejo por mim, pois eu sentia o seu membro duro, pulsando na minha bunda, e escutava a sua respiração pesada na minha nuca.

Sim, ele me queria. Como eu também o queria. Mas, todas as vezes que pensava em me entregar, lembrava-me daquela noite na festa e meu desejo se transformava em medo e desistia. Mas sei que não posso continuar fugindo do meu marido. Conheço o Felix, sei o quanto ele gosta de sexo e sei que ele está sendo fiel. Até as noites de quarta-feira foram esquecidas – ele não foi mais aos encontros com garotas de programas –, ele estava ao meu lado todas as noites.

Porém, nosso relacionamento íntimo se resumia a namoros no jardim, na piscina e na sala de música, quando terminava de lhe mostrar os novos arranjos que estava estudando. Antes de dormirmos ficávamos nos beijando por longos minutos, até que ele percebia que estava indo longe demais e se afastava. É, estava ficando difícil para o Felix manter as mãos longe de mim. E estava difícil para mim também. Já estava subindo pelas paredes de tanto desejo.

Senhora Santini, acho melhor parar com os seus medos bobos e se entregar ao seu marido antes que outra mulher ponha as mãos nele.

E será hoje.

Ok, Lhaura, que tal ficar bem sexy para o seu amor?

Olhei para o relógio da mesinha de cabeceira. Felix chegaria em casa às dezoito horas, então tinha um pouco mais de uma hora para me arrumar e esperá-lo, linda, cheirosa e cheia de desejos. Separei um vestido e o coloquei estendido sobre a cama. Já estava indo preparar meu banho de espuma e sais perfumados quando o meu celular tocou. Corri para atender.

— Oi, meu amor, estava pensando em você... — Me joguei na cama, meu coração batia acelerado e uma sensação gostosa tomou conta de todo o meu corpo quando escutei a sua voz.

— Humm! Que delícia, espero que tenham sido pensamentos bons. — Ele estava sorrindo, pelo tom da sua voz podia perceber. — Saiba que meus pensamentos são só seus. Mesmo que esteja todo ferrado em uma reunião cansativa, só penso em você, pois só assim consigo ir até o fim do dia com a paz que eu preciso.

— Nossa! Como você consegue ser tão doce, senhor Santini? — Revirei os olhos com a sua declaração de amor. Ele sempre dizia as palavras certas, aquelas que entram no seu coração e abraçam todo o seu corpo.

— Sou doce porque meu açúcar é você... — Ele respirou fundo. — Lhaura... — Fez uma pausa. — Sinto a sua falta. — *Eu também*. Deveria ter dito isso, mas não disse, apenas respirei profundamente. Eu sabia que ia me arrepender por não ter respondido. — Meu amor, não vou jantar em casa hoje...

Eu disse que iria me arrepender, não disse? Murchei, como uma flor sem água.

— Alguma reunião fora do horário? — Minha voz soou decepcionada.

— Não, hoje é quarta-feira, se esqueceu? Não me espere e, não se preocupe, quando chegar vou direto para o outro quarto. — Ele se calou, ficou esperando que articulasse alguma palavra, mas o que poderia falar? Ele estava indo se encontrar com uma puta e daria a ela o que me recusava a receber...

Desliguei o telefone e chorei, sufocando os meus soluços com o travesseiro. Um minuto depois meu celular tocou. Não queria atendê-lo, não tinha coragem de falar com ele. Reticente, me sentei na cama e atendi.

— Oi... — murmurei, engolindo meu soluço.

— Lhaura, é só sexo, não estou a trocando por outra mulher. Eu a amo, mas preciso aliviar meus desejos, está difícil dormir com você todas as noites e não poder tocá-la como quero. Você pediu para que fosse paciente, e estou sendo, mas não sou de ferro, me desculpe. — Comecei a chorar, a dor no meu peito me sufocava. Ele estava dizendo que iria fazer sexo com outra mulher, meu Deus! — Lhaura, não chore. Isso é mais difícil para mim do que para você, acredite. — Ele ficou mudo, nós ficamos mudos, o único barulho que escutávamos eram os meus soluços.

— Lhaura, amo você. Durma bem, até amanhã.

Ele desligou. Fiquei com o aparelho celular encostado na orelha, ainda escutando sua voz dizer...

É só sexo, não estou a trocando por outra mulher. Com raiva, joguei o celular longe e ao mesmo tempo soltei um grito. Olhei para os pés da cama onde o vestido que tinha escolhido para vestir estava estendido. Estiquei o braço e o peguei.

Rasguei-o.

A culpa é sua, Lhaura, é sua! Você está jogando seu marido nos braços de outra mulher. Estava sendo burra e infantil. Não podia culpar o Felix, afinal ele era um homem acostumado a mulheres decididas e experientes. Como ele iria adivinhar que a fedelha inocente ficaria tão assustada com o sexo?

Achava que seria fácil, como nos romances eróticos que lia escondido. Achava que era só me entregar à luxúria e pronto. Mas não era. A vida sexual pode ser fácil quando o sexo é água com gás, quando o casal não é exigente, mas quando o homem está acostumado a possuir uma mulher em todos os sentidos e a mulher não sabe nada de nada, é assustador. Pelo menos para mim estava sendo.

Lhaura, está na hora de deixar de ser criança e virar uma mulher.

Burra. Idiota.

Chorei e deixei cair todas as minhas lágrimas, até a exaustão total. Adormeci e o meu sono foi

cercado por sombras tortuosas. Elas queriam me devorar, queriam ficar com a minha alma. Acordei por diversas vezes e corri para a janela para ver se o Felix tinha chegado, mas para o meu desespero, não. Da última vez que fui averiguar já passava das três da manhã e nada do Felix. Cansada, decepcionada e tristonha, me deitei outra vez, enrolei meu corpo na coberta, abracei o travesseiro do Felix e fingi ser ele que apertava com desespero.

— Lhaura... — Estava sonhando, só podia. — Lhaura, meu amor... — Sim estava sonhando. Não era ele, era um sonho. — Lhaura, acorde, meu amor... — Não é sonho, é ele, é ele...

— Felix, é você? — Abri os olhos e tão depressa quanto eu pude, me joguei nos seus braços, puxando-o para a cama. — Eu amo você, meu amor. Amo muito, muito.

— Querida, devagar. Isso tudo é saudade de mim? — Ele estava lindo, sorrindo, vestido diabolicamente impecável, e queria arrancar tudo aquilo, desalinhar todos os fios dos seus cabelos. — Lhaura, não me tente.

— Sério?

Ele apenas balançou a cabeça, sorrindo encantadoramente, como sempre sorria, e comecei a imaginar coisas nada agradáveis. Será que ele sorriu assim para a prostituta quando os dois estavam fazendo sexo? Será que ele...?

Não, não, Lhaura! Isso não é hora para pensamentos sombrios. Ele está aqui nos seus braços, aproveite.

— Então, sinta-se tentado, senhor Santini. Eu sou sua.

— Tem certeza?

Ele não chegou a me dar uma chance de responder, pois no segundo seguinte, sua boca estava sobre a minha, fazendo com que esquecêssemos qualquer coisa. Apenas sentia a sua mão ao redor das minhas costas e a outra se enredando pelo meu cabelo para ajudar na força do beijo.

Ainda estava um pouco insegura, ainda sentia um pouco de medo e ainda me lembrava da maldita noite, mas quando comecei a sentir sua língua sondando minha boca, soube que precisava me esquecer de tudo. Se quisesse continuar casada, precisava esquecer aquela noite.

— Meu amor, preciso provar esse seu gosto maravilhoso — ele murmurou antes de aprofundar o beijo e gemer na minha boca. E quando Felix finalmente levantou a cabeça e olhou para mim, vi o quanto ele me desejava....

Isso me fez gemer.

Meu desespero por ele era tanto que nem me dei conta quando as minhas mãos encontraram os botões da sua camisa e começaram a desabotoá-los.

— Espere um pouco, meu amor — ele disse me soltando por um minuto e se levantando da cama, apenas para fechar a porta.

— Pedi para a Paulina trazer o nosso café — acrescentou ao trancar a porta e voltar para se sentar ao meu lado na cama.

— Hum.... — disse distraidamente, enquanto avançava sobre ele novamente, me ocupando com a tarefa de tirar a sua camisa.

— Ah, inferno. Se você soubesse o quão desesperado estava por este momento.

Ele me puxou para os seus braços e esmagou minha boca enquanto se apoiava na cama. Inconscientemente, as minhas mãos terminaram de desabotoar o restante dos botões da sua camisa, e da mesma forma inconsciente, comecei a puxá-la para fora do cós da sua calça.

— Espera... — ele disse suavemente enquanto com uma das mãos me empurrava com cuidado para o travesseiro, me afastando, e com a outra desfazia o nó da gravata. Assim que se livrou da gravata, me agarrou novamente. Foi um encontro intenso que me fez soltar um suspiro.

— Se você quiser que eu pare, eu paro.

Mas ele não me deu tempo para expressar nada, nenhuma reação, pois sua boca possuiu a minha novamente, deixando-me muda e enlouquecida por ele. Mas com certeza, se pudesse falar, diria "não, meu amor, não pare, me possua com todo o amor que sente por mim". E dominada por este pensamento, empurrei a camisa dos seus ombros largos e a joguei longe. Minhas mãos começaram a explorar os contornos do seu corpo, que já conhecia em todos os detalhes. Cada parte dele era bem construída, seus músculos duros e torneados. Felix era perfeito, lindo e deliciosamente gostoso.

Vendo-o assim, por cima de mim e seminu, comecei a sentir ciúmes da mulher que esteve com ele na noite anterior e sei que ele percebeu, pois uma máscara de tristeza cobriu meu rosto.

— Lhaura, eu a amo mais do que tudo na vida — ele disse sorrindo e as suas palavras alcançaram em cheio meu coração, fazendo com que qualquer sombra de tristeza desaparecesse.

Talvez eu seja uma boba, ou quem sabe até uma imbecil. Se alguém soubesse o que aconteceu na minha vida nessas últimas semanas, com certeza me aconselharia a pedir o divórcio, talvez até a denunciá-lo em alguma delegacia da mulher. No entanto, algo dentro de mim gritava a plenos pulmões que o Felix me amava e que ele iria mudar, que foi só ciúmes. E quanto à prostituta... a culpa é minha, com toda a certeza é minha. Por isso sei que preciso mudar, preciso deixar o Felix se aproximar. Sei que será difícil, as lembranças ainda estão muito recentes, mas preciso tentar.

— Eu sei... e eu senti a sua falta também — finalmente conseguiu dizer. Sei que ele precisava escutar isso.

— Lhaura... Você não imagina a falta que essas palavras fizeram ao meu coração. — falou com a voz completamente rouca.

Ao escutar e sentir sua emoção, minhas mãos se ocuparam em retirar o seu cinto e abrir o zíper da sua calça, e este gesto pretensioso e ousado fez com que as lembranças doloridas voltassem à minha mente, por isso minhas mãos o pararam imediatamente.

— Oh, meu Deus... — Meus cílios se levantaram e ele percebeu o quanto estava indecisa. Já ia começar a articular quando ele me interrompeu.

— Não... Não se atreva a reprimir suas emoções. Eu sei que está com medo, e saiba que a quero sempre dessa forma... ousada. — Ele sorriu — Apenas acho que está com roupas demais.

— Hã?

Ainda estava mergulhada profundamente nas minhas dúvidas e medos, e não conseguia pensar

direito.

— Assim... — Ele falava enquanto puxava delicadamente a minha camisola para cima do meu corpo, fazendo com que os meus braços se levantassem. — Dessa maneira...

De repente, estava quase nua, apenas com a minha calcinha. E mais uma vez as lembranças vieram, e eu temi, temi que Felix voltasse a ser aquele homem dominador e severo. Então congelei.

— Não... — ele falou olhando para mim. — Você não pode recuar agora, Lhaura. Você me quer tanto quanto a quero, não permita que os seus medos e receios destruam nosso desejo, o nosso amor.

O olhar quente e determinado dele fez com que todo meu corpo pegasse fogo e todos meus medos se afastasse. Ele não disse mais nenhuma palavra, apenas me olhou com aqueles seus olhos marcantes. Um sorriso triunfante se espalhou pelo seu rosto quando alcancei as suas mãos e as coloquei sobre o meu quadril. Seus dedos se enrolaram nas laterais finas da minha calcinha. Ele a descartou rapidamente e fez uma pausa para me admirar.

— Linda! — ele falava enquanto suas mãos percorriam meu corpo, até tocarem meus seios. — Lhaura, você é a mulher mais desejável que meus olhos já viram. Você é linda, tímida, sedosa e minha. Eu a amo do jeito que é, e tenha a certeza de que, se não tivesse me casado com você, não teria me casado com mais nenhuma outra mulher.

Enquanto falava, usava a mão para acariciar as curvas dos meus seios. Perdi a voz quando ele usou o polegar e o dedo indicador para friccionar o meu mamilo. Meu corpo se arqueou instantaneamente. Inclinei a cabeça para trás gemendo enquanto meus seios se levantaram com a força do prazer que seus dedos estavam me proporcionando.

Felix se inclinou e passou a boca pelo meu pescoço arqueado, enquanto habilmente escorregava sua língua, até ficar com o rosto entre os meus seios. Estava completamente entregue e indefesa ao seu toque e ele sabia disso. Felix sabia me submeter, ele sempre conseguia o que queria de mim. Durante o nosso namoro, mesmo que não fizéssemos sexo, ele me convencia a realizar todos os seus desejos e explorava o meu corpo como quisesse, como bem desejasse. Ele era mestre nisso.

Sempre reagia a cada toque dos seus desejos devassos, ele sabia que poderia facilmente me levar até onde queria. Seus dedos e língua, e até mesmo o seu membro, iam aonde o seu desejo comandava. Sempre soube que ele era um devasso libertino, só não sabia que ser libertino fazia parte de sua essência.

Ele segurou um dos meus seios com força, fazendo com que o bico ficasse evidente e muito mais rosado do que o de costume.

— Oh, Deus!

Eu me engasguei quando a sua boca quente cobriu o meu seio, e com a sua mão, ele brincou com o outro. Engoli um ofego e embrenhei os dedos no seu cabelo, forçando-o a abocanhar com mais vontade. Jesus! Como estava sedenta por isso, já tinha dias que não tinha a boca do Felix no meu corpo. Não sabia que sentia tanta necessidade da sua devassidão. Rindo, ele passou suavemente o polegar sobre o outro mamilo, brincando com o botão rígido.

— Quero tanto você, Lhaura! Quase enlouqueci durante esses dias que precisei ficar longe do seu corpo. — Ele deu uma sacudida firme no mamilo, mordendo levemente e o repuxando.

Prendi a respiração e a minha pulsação acelerou quando ele rapidamente capturou o outro mamilo e o mordeu ainda mais forte. Meu corpo inteiro estremeceu, como se tivesse sido eletrocutada. Oh, Deus. Sua boca estava tão quente, sua língua molhada e insistente. Ele sabia brincar com meu corpo, sabia onde explorar primeiramente. Felix teve longos meses para conhecer as minhas necessidades, ele sabia onde e como me tocar, era como se eu fosse o seu instrumento musical, do qual ele podia tirar os acordes perfeitos.

Ele me chupou profundamente e o prazer ondulou através dos meus sentidos, pulsando nos meus seios e vibrando entre as minhas pernas.

— Gosta disso, não é?

Não precisei afirmar, meu gemido disse tudo.

— Humm! Então, gostará disso também.

Ele propositalmente arrastou a mão pelo meu estômago, até chegar entre as minhas coxas. Sua mão já sabia aonde chegar e onde tocar. Seu dedo encontrou o meu clitóris e esfregou preguiçosamente o caroço pulsante. Quase gritei quando seu dedo moeu com sofreguidão o meu botão sensível. Meus quadris se levantaram, buscando mais contato, e as minhas pernas se separaram por vontade própria. Felix me encarava com os seus lindos olhos verdes, que com a luxúria pareciam duas esmeraldas. Ele estava adorando ver a reação do meu corpo enquanto me tocava, enquanto lançava sobre mim o fogo do desejo. E não satisfeito com o meu desespero, ele empurrou um dedo dentro de mim. Gritei, sentindo as ondas de choque que abalaram o meu corpo.

— Oh, Deus! — engoli e meus dedos apertaram os lençóis da cama. — Deus... isso é bom.

— Vai melhorar, meu amor — ele disse com arrogância masculina, seus olhos me encarando com decadência.

Antes que pudesse articular, ele se afastou, e fiquei sem entender. Então seu corpo se ergueu e ele ficou de joelhos sobre o colchão, agarrando as minhas coxas abertas, me puxando para perto. Ele ergueu o meu quadril e só senti o calor do seu hálito na minha vagina. Antes que pudesse puxar uma respiração, a sua língua invadiu o meu núcleo, chupando-o.

E eu gozei.

Gritando de prazer, fechei meus olhos enquanto Felix se banqueteava com meu sexo. Meus dedos dos pés curvaram, minhas coxas tremeram, meu pulso disparou. E quando pensei que tinha terminado, ele deslizou dois longos dedos na minha vagina e apertou os lábios sobre o meu clitóris, me fazendo explodir em uma corrida intensa de prazer que atravessou meu corpo e fez a minha mente girar, correndo no esquecimento.

Ainda tremia com o prazer dilacerante que ele tinha me proporcionado. Fazia tanto tempo que não sentia essa loucura que quase perdi os sentidos, então quando me recuperei, abri os olhos e ergui a cabeça. Felix estava me olhando, quase que hipnotizado. Ele já estava por cima de mim, seus braços em ambos os lados da minha cabeça e a sua ereção roçando as minhas dobras.

Fiquei um pouco decepcionada, pois pensei que iria prová-lo e dar a ele o mesmo que ele me deu. No entanto, fiquei com receio de pedir, pois não sabia qual seria a resposta ou sua reação, então o deixei conduzir. Além do mais, seu olhar dizia que seu controle estava no limite. Via nitidamente o

quanto estava tenso, ele não iria durar muito caso o levasse à boca.

Vendo-o tão concentrado, apenas abri as pernas, me oferecendo para ele. Ele leu nos meus olhos a necessidade que tinha em tê-lo dentro de mim. Felix sorriu, e com um movimento o seu membro encontrou o caminho, e ele empurrou apenas alguns centímetros.

— Está tudo bem? — perguntou com a voz rouca.

— Sim, está tudo bem, meu amor.

Ele empurrou mais um centímetro. Senti o nervo duro entrando, me enchendo.

Gemi, ele também.

— Senti tanta falta de você — murmurei.

— Não mais do que eu.

Sua afirmação fez meu coração acelerar. E para lhe mostrar o quanto estava saudosa, levantei os quadris, cruzei as pernas em volta da sua cintura, e o puxei.

— Nossa! — ele se engasgou. — Porra, Lhaura! Desse jeito não duro muito.

Felix me beijou com fúria, enquanto seu membro entrava e saía.

— Meu amor, não vou durar. Estou tão louco por você que o meu pau parece um ferro de tão duro.

E ele empurrou seu membro tão profundamente que dessa vez fui eu que me engasguei. Após a quarta investida, ele soltou um rugido orgástico. Enquanto ele gozava, observava seu rosto lindo, tão entregue ao prazer que meu corpo estava lhe proporcionando. Vê-lo assim era emocionante e o meu coração acelerou. Foi então que as lágrimas vieram...

Não queria perdê-lo.

Eu o amava tanto.

Não importava o quanto fosse ciumento, possessivo, dominador. Faria com que nosso casamento desse certo. Iria agradá-lo e ser a esposa que ele tanto queria. Ele desmaiou exausto, em cima de mim. Escondi as minhas lágrimas rapidamente, não queria estragar nosso momento. Então, acariciei as suas costas e ele beijou meu pescoço, mordendo-o levemente. Sua barba fazendo cócegas na minha pele delicada, seu cheiro gostoso me provocando, trazendo novas emoções e desejos. Senti-lo tão perto era muito bom. Felix se transformou no meu vício, não era só ele quem estava viciado, me embrenhei no seu amor e agora não conseguia me ver sem ele, sem o seu amor e os seus cuidados, sem os seus carinhos e atenção. Será que era louco? Será que estava louca?

Amar alguém sem saber ao certo por que ele nos fazia bem? Porque não sabia se o Felix me fazia bem, mas eu o amava, e ao mesmo tempo, também sabia que ele me sufocava. Contudo, ele estava se tornando necessário, e ficar longe dele era como se me faltasse o ar.

— Felix, perdoe-me. — Não sei por que disse isso, no fundo eu sabia que não tinha feito nada de errado, foi ele que fez, mas uma necessidade crescente dentro de mim implorava para que me desculpasse.

— Lhaura, vamos esquecer o passado e começar do zero, ok? — Meu coração estava batendo

tão rápido, e estava com medo, medo de perdê-lo. — Amo você e nunca deixarei de amá-la, você só precisa entender isso. Nunca amarei outra mulher.

Ele ainda estava deitado em cima de mim e era bom tê-lo tão perto, podia sentir as batidas aceleradas do seu coração.

— Estou sufocando você — ele murmurou.

Ele se virou e saiu de dentro de mim, o membro ainda ereto. Senti um vazio, uma espécie de abandono. Nu, ele se levantou, e apreciei a sua linda bunda. Movendo os olhos para cima, admirei as suas costas musculosas e uma linha vermelha...

Olhei para as minhas mãos. Não tinha unhas grandes, elas eram bem pequenas, então não fui eu quem fez aquilo.

— Felix... — Meu corpo já tremia só em pensar que uma mulher tinha deixado sua marca no frenesi do prazer.

— Oi, só um minuto, vou preparar um banho gostoso para nós dois. — Ele continuou o seu caminho.

— Onde você se machucou? — pergunta idiota, já sabia a resposta. Acho que sou masoquista.

— Onde? — Ele parou e se virou, me olhando.

— Nas costas, na altura da sua escápula. — Ele foi até o espelho, virou as costas e observou o arranhão vermelho em linha reta.

— Merda!

Ele apoiou as mãos na mesinha e baixou a cabeça. Ele não precisava me dizer onde conseguiu o arranhão, mesmo que ainda tivesse esperança de estar enganada. A derrota na sua postura corporal confirmou as minhas suspeitas. Foi a mulher com quem ele esteve na noite anterior. Me levantei tão depressa da cama quanto um tufão, e corri para o banheiro, me trancando nele. Deixei meu corpo descer lentamente pela madeira da porta, enquanto me entregava ao pranto.

— Lhaura, abra a porta. Não deixe que isso a afete, foi um acidente, prometo que isso nunca mais vai acontecer. Por favor, meu amor, abra a porta.

Ele batia na madeira. Não estava zangado, estava apreensivo.

— Deixe-me sozinha, por favor. Preciso ficar sozinha.

— Não, não vou deixá-la sozinha. Abra a porta, ou eu mesmo abro, escolha.

Agora foi uma ameaça e sabia que ele faria isso mesmo. Então me levantei, limpei o meu rosto e abri a porta.

— Eu...

— Shhh. Não diz nada, venha cá. — Ele colocou dois dedos sobre os meus lábios e me puxou para perto do corpo. — Esqueça esta merda. Isso não foi nada e nunca será nada. Foi apenas um acidente que não vai acontecer mais, prometo. — Ele se afastou, segurou meu rosto com as mãos e me beijou apaixonadamente, como se precisasse dos meus lábios para viver. Se afastou e disse: — Amo você. Você é o meu tudo, lembre-se disso. — E depois ele me beijou outra vez, e outra vez e

outra vez.

Felix decidiu não ir trabalhar e passamos quase o dia todo no quarto. Só decidimos descer à noite, ele queria me mostrar algo durante o jantar. Não entendi, ele poderia ter me mostrado no quarto mesmo. Às dezenove horas descemos e para minha surpresa, a mesa de jantar estava lindamente decorada com velas e rosas, e a sala de jantar também estava à meia luz, com pétalas de rosas espalhadas por o todo piso. Uma música clássica tocava bem baixinho. O jantar foi servido por duas empregadas vestidas a rigor. Estava tudo lindo! Até que veio a sobremesa. Uma bandeja foi posta na minha frente, coberta com uma tampa de prata.

— Abra — Felix disse sorrindo. Abri.

No interior da bandeja não havia uma sobremesa, mas sim uma pequena caixa vermelha. Sabia que era uma joia, só não sabia qual era. Quando a pequena tampa foi suspensa, um lindo anel de rubi com diamantes surgiu diante dos meus olhos. Ele era perfeito e maravilhosamente lindo.

— Essa joia é exclusiva, foi desenhada especialmente para você. — Ele a pegou e colocou no meu dedo. — Este anel significa que você é a minha razão de viver a partir de hoje. O rubi significa vida.

— Felix, não precisava de nada disso. Só preciso do seu amor, só dele e de nada mais.

— Prometi que a cobriria de joias. Você merece as mais lindas, pois você é a mais preciosa de todas.

Ele tinha as palavras certas para derreter meu coração e para deixar meu corpo gritando por ele. Não sei mais o que pensar sobre o Felix, uma hora ele era assustador, na outra era um príncipe. Mas uma coisa era certa, estava completamente dependente dele e ele de mim, e não sei se isto era bom. Só o tempo irá nos dizer.



23

O dia amanheceu chuvoso e tristonho. Sentei-me na minha poltrona favorita, exatamente a que ficava em um canto bem reservado, em um lugar onde quem viesse de dentro da casa não pudesse me ver. Sempre que me sentia triste, vinha para cá, e hoje era um desses dias. Aqui podia ver nitidamente as gotas de chuva escorregarem pelas folhas verdes das plantas. Joguei a partitura que estava estudando de lado e peguei uma xícara de chá relaxante. Me envolvi em um cobertor e fiquei ouvindo o barulho da chuva caindo no teto de vidro. Isso, juntamente com o meu chá, foi exatamente o que precisava para relaxar e esquecer o dia de ontem. O tão temido encontro noturno.

De todas as coisas que estão acontecendo no meu casamento desde o dia em que o Felix me pegou à força, a única coisa que não mudou foram os seus encontros sexuais, e agora eles aconteciam dois dias na semana – nas sextas-feiras também. Não demorou muito tempo para que isso acontecesse, duas semanas depois da nossa reconciliação ele voltou à rotina. Sei que a culpa foi minha. Não que não tenha tentado, mas todas as vezes que o Felix se empolgava para fazer sexo anal ou gozar na minha boca, não conseguia. Anal era dolorido demais e sempre desistia antes mesmo da segunda tentativa, mesmo com os plugs e o gel, não conseguia ir em frente. Quanto a engolir esperma, o próprio Felix desistiu depois que regurgitei mais duas vezes na cama.

Ele não reclamou, tampouco ficou diferente ou menos carinhoso, ao contrário, está até mais carinhoso e mais atencioso do que antes. Não tenho dúvidas sobre o seu amor, mas o fato de saber que ele está nos braços de outra mulher em determinadas noites me machuca.

Será que ele não sente isso?

É difícil. Muito difícil aceitar e entender.

É tão dolorido...

Não reclamo nem faço perguntas, aprendi a ignorar. É como se aquelas noites não existissem. Finjo que ele foi para a capital a trabalho e que não deu tempo de voltar para casa. E quando amanhece, Felix entra no nosso quarto com uma linda bandeja de café da manhã, rosas e um belo sorriso esticado nos lábios, expressando seu amor em palavras e beijos. Ele faz amor comigo como se fosse a primeira vez, e esqueço de tudo.

Ele encontrou uma forma de não me machucar e aceitou as minhas restrições sexuais, então tenho que aceitar as necessidades dele, mesmo que estas necessidades sejam saciadas com outra mulher. Afinal, foi uma escolha minha. Talvez seja um mal necessário. Não sei, não quero pensar nisso, só sei que finalmente as coisas entre nós melhoraram muito. Felix não está mais inseguro, ciumento, e nós não brigamos, só nos amamos e é isso que importa. Agora, mais que nunca, tinha plena consciência de que estava certa em nos dar uma oportunidade. Sei que ainda sou muito inexperiente, mas com o passar do tempo vou ganhar mais confiança. A verdade era que estávamos viciados. Sim, somos viciados um no outro. Depois desses três meses, o sexo ficou muito mais

divertido e quente, apesar das minhas limitações. O sexo – ou amor – como o Felix gosta de falar, estava cada dia melhor.

Meu telefone tocou, estiquei o braço e o peguei. Já sabia quem era, era o meu amor.

— Saudade de você, meu amor — disse sorrindo.

— Não mais do que eu, minha princesa — ele respondeu com a voz melosa.

— Eu sei, acho que tudo em você no que diz relação a mim é muito intenso. — Sim, sabia, o amor do Felix por mim transcendia o racional. — Vai demorar muito para vir para casa?

Precisava dele, e hoje mais do que nunca, porque ainda me sentia um pouco carente e triste com a noite anterior.

— Então — Ele fez uma pausa, percebi que a notícia não seria boa. — Meu amor, surgiu uma reunião de última hora na capital. Tentei remarcar para amanhã no primeiro horário, mas não deu, devo voltar depois do jantar. Desculpe, querida.

Ele ficou em silêncio, e engoli a minha decepção, mas a verdade era que estava com vontade de chorar. Logo hoje que queria tanto ficar nos braços dele e fazer amor após o almoço, ouvi-lo dizer que me amava, que era a única mulher na sua vida. Precisava disso, precisava muito.

— Lhaura, não fique assim. Quer que desmarque? Mando todos à merda, se quiser.

Ele faria isso. Sei que faria.

— Não — quase gritei. — Claro que não quero que faça isso. Vá para a sua reunião, vou sobreviver, mas quando chegar será todo meu.

— Sou todo seu, Lhaura, cada pedaço do meu ser pertence a você. Mas não se preocupe, esteja pronta para quando chegar, darei a você tudo o que tiver de melhor.

Sim, estaria pronta, nuazinha para ele.

— Felix.

— Oi.

— Amo você.

— Não mais do que eu, querida. Você é tudo, tudo para mim. — Ele respirou fundo, como se dizer essas palavras fossem o ar que ele precisava para respirar. — Agora tenho que ir. Prometa-me que vai almoçar e jantar. Não quero você triste, voltarei logo.

— Prometo. Não demore e tenha cuidado.

— Pensarei em você. Te amo, princesa. Tchau.

— Eu também. Tchau.

Ele desligou. E meu coração ficou pequeno, a saudade se transformou em lágrimas.

♪

Já passava das três da tarde. A chuva tinha ido embora do mesmo jeito que veio, sem avisar. O sol já nos dava o calor dos seus raios e o vento balançava os galhos das árvores. Resolvi sair, ir até

o jardim que ficava nos arredores da casa, caminhar um pouco. Estava exausta por conta da minha aula de hoje à tarde, já que meu professor precisou se ausentar no período da manhã. Segundo ele, meu diploma sairia logo, pois talento era o que não me faltava e se seguisse disciplinada do jeito que estava, em doze meses já poderia me considerar uma musicista formada.

Fiz uma caminhada de quarenta minutos. Já estava seguindo em direção à entrada lateral da casa quando o Raul me chamou. Parei onde estava e o esperei vir até mim.

— O que foi, Raul? — Nesse momento uma rajada de vento forte veio em minha direção e as folhas que estavam no chão próximas a mim, voaram. — Nossa! Estou sendo agredida por folhas raivosas.

— Deixe-me ajudá-la. — Raul começou a retirar algumas folhas do meu cabelo, enquanto articulava. — A senhora precisará dos meus serviços? É que gostaria de ir ver meu pai, ele não está bem.

— Não, pode ir sim. — De repente algo entrou em meu olho. Comecei a piscar.

— Fique quieta, senhora. É um pequeno graveto, deixe que o tiro. — Ele se inclinou para ver melhor e com cuidado puxou-o, estava preso em meus cílios. — Tem outro aqui...

— Lhaura! — Tomei um susto com o grito do Felix atrás de mim. O susto foi tão grande que dei um passo para trás e quase caí. Se Raul não tivesse segurado em meu braço, teria caído de bunda no chão.

— Solte-a, Raul!

Com brutalidade fui puxada com força. Raul ficou sem reação, apenas olhava para mim.

— Felix! — Tentei me soltar, mas as mãos duras do homem enfurecido me apertavam.

— Calada! Você vem comigo e nem um pio.

— Senhor Santini, não aconteceu...

— Você está demitido. — Felix nem deixou o Raul completar a frase.

Fui levada à força para dentro de casa. Felix me arrastava como se eu fosse um objeto sem vida, como se não significasse nada. O homem violento ressurgiu das cinzas.

— Me solta, Felix, você não tem o direito...

— Direito! Sério, isso? — Ele me empurrou para dentro da sala de música e trancou a porta e me senti acuada.

Medo.

— Felix, por que está tão furioso? O que fiz?

Realmente não sabia o que tinha feito, não estava entendendo o motivo para ele me tratar com aquela truculência nem porque tinha demitido o Raul. Não...

Não, não acredito! Será?

Ele está pensando que eu e o Raul...?

— O que você fez? Ainda pergunta? É muito cinismo, Lhaura!

Sim, ele estava pensando exatamente isso.

— Felix! Como ousa pensar isso de mim? Você realmente acha que eu e o Raul... Deus! Você é doente, eu só...

Plaft! Só senti a mão pesada do Felix no meu rosto. Perdi o equilíbrio e caí sentada no chão. Por alguns minutos só escutava um zumbido no meu ouvido direito e o gosto de sangue na boca.

— Viu? Viu o que você me fez fazer? Viu como você tira meu controle? Sabe, Lhaura, acho que você gosta de apanhar. Deve ser uma daquelas masoquistas que sente prazer com a dor, só pode.

Ele veio na minha direção com o dedo indicador apontado para meu rosto. Seus olhos estavam saltados, vermelhos, com um brilho sombrio e furioso. A sua mandíbula apertada e as veias das têmporas saltadas e pulsantes. Ele me dava medo, não se parecia em nada com o Felix que conhecia. Assustada, me encolhi quando ele se inclinou e a sua mão agarrou um punhado dos meus cabelos, forçando a minha cabeça para que o encarasse.

— Você tira o meu equilíbrio, sabia?

— Felix, você está me machucando. Me solte, por favor. — Sentia-me uma formiga diante daquele homem irreconhecível. Ele estava de pé, com o corpo inclinado, me segurando pelos cabelos enquanto continuava sentada no chão, completamente indefesa. E o pior é que nem podia gritar. A sala era à prova de som. Ele podia fazer o que quisesse comigo.

— Felix, não fiz nada. Pelo amor de Deus, me solte.

— Deus! Agora vai querer meter Deus nessa história? Jura, Lhaura? — Ele soltou os meus cabelos e se afastou. Rastejei para longe e com dificuldade fiquei de pé, encarando-o com medo. — É assim que você diz me amar, me traindo com o primeiro homem que surge na sua frente? E logo o motorista? Diga-me, há quanto tempo vocês estão juntos?

Por Deus! Como ele podia pensar isso de mim? Não estava acreditando no que escutava.

— Não fiz nada. Ficou louco, Felix? O Raul e eu? Como pode pensar isso?

Ele veio na minha direção, e sem ter um lugar para ir, fiquei entre a parede e ele. Felix entrelaçou os dedos nos meus cabelos outra vez e puxou tão forte que pensei que iria arrancá-los.

— Mentirosa! Eu vi, Lhaura! Eu vi os carinhos, e se não tivesse gritado, ele teria a beijado.

— Ficou louco!? — gritei, espantada pela atrocidade que acabara de escutar e cheia de dor, pois sua mão puxou os meus cabelos com mais força.

— Não, minha querida, não fiquei louco, eu vi. — Sua outra mão curvou-se no meu queixo e senti a sua força no meu maxilar. Doía. — Ingrata. Eu todo preocupado com você, larguei tudo, mandei tudo à merda para voltar para a minha querida esposa mentirosa, pensando que ela estava triste e com saudade do otário aqui. E o que encontro... a infiel se esfregando com o motorista.

— Não sou infiel... — Comecei a chorar.

— Sem lágrimas, Lhaura, elas não me convencem. — Ele bateu a minha cabeça na parede. Tentei empurrá-lo, mas seu corpo prendeu-se ao meu e fiquei encurralada, com o corpo grande do Felix me imprensando. — Os surpreendi, não foi? Empatei a foda de vocês. Me diz, onde vocês iriam foder? Na nossa cama, no carro? Desde quando ele está te comendo?

Ele estava louco! Os seus ciúmes estavam tirando a sua sanidade e ele iria me matar, iria sim...

Respirei fundo, reuni forças dentro de mim e o empurrei. Ele não esperava por isso. Mesmo levando alguns fios dos meus cabelos entre os dedos ele me soltou e corri para longe dele. Peguei um jarro e o segurei nas mãos.

— Não se aproxime. Se tentar me bater novamente, juro que o quebrarei na sua cabeça. — Ele se aproximava lentamente, parecia um bicho raivoso, espumando pela boca.

— Pare, Felix. Não se aproxime.

— Porra, Lhaura! Você acha mesmo que gosto de bater em você? A culpa é sua. Olha as coisas que você faz, olha como me trata...

Ele só podia estar de sacanagem. Ele queria mesmo me culpar pelo seu ciúme doentio? Não. Comecei a tremer. Em que momento deixei o Felix pensar que era uma leviana?

— Lhaura, eu a amo tanto, como pode fazer isso comigo? Não estou sendo o suficiente para você para precisar de outro homem?

— Não estou o traindo, seu idiota. Nunca o traí, não me confunda com você, não sou eu que dorme com prostitutas...

Meu Deus! Não percebi quando ele se aproximou, ele pegou o jarro da minha mão e o jogou longe, e eu o vi se espatifar no chão. Fiquei escutando o barulho dos vidros se quebrando e o ar faltou na minha garganta. Os dedos do Felix circularam o meu pescoço, e comecei a tossir.

— Fe-Felix... — Estava difícil respirar. Só via seus olhos raivosos dirigidos ao meu rosto. Aquele homem não era o mesmo pelo qual tinha me apaixonado, era outro. Ele me soltou quando comecei a empurrá-lo e bater em seu peito com os punhos fechados.

— Viu o que você faz comigo? Perco completamente a sanidade. É o que quer, quer me deixar louco, Lhaura? Hein? Diga-me, Lhaura, se você não quer meu amor, o que diabos quer de mim? O que quer de mim, Lhaura?

Ele gritou desesperado.

— O divórcio! — gritei entre lágrimas. — Quero o divórcio. Chega, não suporto mais os seus ciúmes e a sua insegurança! Já chega, Felix Santini, quero o divórcio. Para mim acabou, foi a última vez que você me bateu. Foi a última vez que o fiz perder a sanidade, entendeu?

Não sei onde encontrei coragem para despejar aquelas palavras na cara dele. Estava tremendo, mal sentia as minhas pernas. Meu corpo inteiro doía e estava morrendo de medo de que ele viesse na minha direção e acabasse de vez comigo. Sim, ele poderia me matar só com uma mão. Engoli meu choro, não podia deixá-lo perceber o quanto estava com medo. Fiquei firme de pé, encarando-o, com o rosto queimando e o gosto de sangue na boca. Ele não se moveu, apenas me olhava com o semblante duro como concreto e com os olhos frios, sem brilho. Era o momento para ir embora, precisava me mexer e sair da sala o quanto antes. Tomei coragem, enchi o peito de ar e me virei de costas, caminhando com pressa na direção da porta.

— Onde pensa que vai, Lhaura? — ele disse calmamente, mas tremi.

— Arrumar minhas coisas e chamar um táxi. Vou para a casa do meu pai. Não quero nada seu,

só quero ir embora. — Minha mão tocou a maçaneta da porta. Tremia, estava prestes a desabar.

— Não precisa ir embora. Esta casa é sua, quem vai sou eu. — O senti perto, e logo sua mão tocou a minha. Puxei-a rapidamente, e ele não reagiu, apenas virou a chave, girou a maçaneta e abriu a porta, passando por ela.

— Para onde você vai? — Por que diabos perguntei isso? Não sei, só sei que perguntei. Ele parou, mas continuou de costas.

— Não lhe interessa. Segundo você, nós estamos separados a partir de agora, então posso ir para onde quiser e você também. Só lhe peço que espere algum tempo para colocar outro homem dentro desta casa, mas isso não lhe impede de se encontrar com seu amante fora destes portões. Seja feliz, Lhaura. Amanhã meu advogado vai procurá-la. Adeus.

Ele saiu apressadamente. Só escutei o estrondo da porta da frente e minutos depois o som dos pneus do carro se arrastando por um longo tempo. Ele foi embora. Minha vida acabou. Meu conto de fadas terminou. O amor da minha vida não é mais meu. Corri em direção às escadas, entrei no nosso quarto e caí no choro. Ali podia chorar, podia gritar. Estava me sentindo sozinha, vazia, abandonada.

Chorei e chorei até as lágrimas secarem. Será que ele tinha razão? Será que eu era mesmo culpada por fazê-lo perder a cabeça? Felix era ciumento, muito ciumento, sempre foi, e ele nunca negou ser possessivo. Bastava um homem olhar para mim que ele ficava furioso, mas quando percebia os olhares de outros homens, bastava que o abraçasse, e ele ficava muito mais carinhoso, cheio de atenção e cuidados. Muitas vezes ele ia até o cara em questão e lhe dizia uma porção de desaforos. O Felix adorava me defender.

É, talvez tenha sido culpada mesmo. Ele viu quando o Raul se aproximou do meu rosto para ver melhor o que tinha no meu olho e isso o fez pensar que ele ia me beijar... Por que não expliquei ali mesmo o que estava acontecendo? Talvez se tivesse feito isso, as coisas não teriam chegado aonde chegaram.

Deus, me ajude! E agora?

E agora? Agora meu casamento acabou, é isso.

Adormeci entre as lágrimas e os soluços, e três horas depois acordei. Dolorida. Meu rosto, minha boca, meu pescoço e minha cabeça doíam. Antes de ir para o chuveiro, olhei meu reflexo no espelho. Estava horrível e com certeza no outro dia iria precisar de camadas de maquiagem para encobrir o machucado do meu rosto e de todo o resto onde os dedos agressivos do Felix apertaram. Tomei um banho, vesti um pijama, engoli uma aspirina e me deitei. Tentei dormir, e quando já estava quase conseguindo, a Paulina bateu na porta do meu quarto, perguntando se queria que ela trouxesse meu jantar. Friamente respondi um não. Ela não insistiu, foi embora e continuei lutando contra a insônia. Sabia que o dia seguinte seria muito pior. Amanhã enfrentaria meu primeiro dia sem ele. Sem o meu amor. Mesmo sabendo que amar o Felix doía, mesmo assim ainda o amava.



24

Acordei mais cedo do que de costume. Talvez fosse a falta do Felix ao meu lado, ele sempre me abraçava apertado e era difícil não me sentir sozinha naquela cama enorme. Sentia-me tão protegida que dormia como um bebê e só acordava quando ele me enchia de beijos, despertando o meu corpo e todas as minhas emoções, deixando-me pronta para ele. Fazíamos amor todas as manhãs, na cama e no chuveiro. Depois era devolvida aos lençóis e esperava animadamente pelo meu café da manhã. Era uma deliciosa rotina.

É, isso acabou, não terei mais o Felix me acordando com beijos, tampouco café da manhã na cama. A primeira coisa que faria era comprar uma cama nova, bem menor do que esta.

Levantei-me e percebi que durante o sono que despi o pijama. Outro hábito que terei de esquecer: dormir nua. Não havia mais necessidade para isso.

Meu corpo ainda doía, e muito. Arrastando-me, fui para o banheiro.

— Jesus!

Tomei um susto ao ver o meu reflexo no espelho. Estava horrível. Além das marcas deixadas pelo Felix no meu rosto, meus lábios estavam inchados, meus braços e pescoço estavam com os desenhos dos dedos dele. Não poderia me apresentar assim para os empregados, o que eles pensariam?

Após o banho, passei um quilo de maquiagem no rosto e no pescoço, vesti uma roupa com mangas, escolhi uma blusa fresquinha de seda estampada e uma calça jeans. Calcei uma rasteira e sequer me olhei no espelho, coisa que sempre fazia, pois queria estar linda para os olhos do Felix. No momento, não me sentia linda, sentia-me um farrapo de gente. Por dentro estava destroçada e só queria ficar na cama e dormir para sempre.

Queria desaparecer da face da terra.

Estava vazia, completamente quebrada, e acho que levaria muito tempo para juntar meus caquinhos e me montar novamente.

Abri a porta, respirei fundo. A única coisa que tinha certeza era de que teria que ser forte e seguir com a minha decisão. Não dava mais para continuar com o Felix, ele me amava de um modo que ia além do verbo amar, e isso não era bom.

Para nenhum de nós dois.

Claro que o amava e sabia que o seu amor era verdadeiro, no entanto, aquele amor doía. Quando disse que ele me traía, não disse para ofendê-lo, pois sabia que ele jamais me trairia em sentimentos, só disse para me defender das suas acusações. O sexo com as prostitutas era apenas isso para ele, uma maneira de encontrar gratificação instantânea, uma forma de intimidar e de controlar, um alívio para as suas necessidades frustradas. Ele queria fazer comigo o que fazia com as garotas

de programa, mas a estúpida aqui não conseguia se entregar por completo ao homem que a amava com toda a força do coração.

Sou uma estúpida. Imbecil.

Agora as outras vão agradá-lo, coisa que não soube fazer.

Burra.

Gostava de sexo. Amava fazer amor com o Felix, mas para mim sexo era algo diferente, novo, e muitas vezes assustador, principalmente quando era preciso explorar algumas partes do meu corpo. Eu não sei, talvez um dia venha a gostar de fazer anal, e até mesmo de engolir esperma.

Eca...

Só de pensar já sinto vontade de vomitar. Talvez precise consultar um sexólogo. Acho que deve haver tratamento para isso. Por que vivo me contradizendo? Uma hora digo que não quero ficar com o Felix por motivos óbvios: ele me bate, ele passou dos limites. E logo depois penso nele como se fosse meu salvador, o homem da minha vida.

Não sei mais o que pensar, nem ao menos sei o que quero. Eu o amo tanto, e gostaria tanto que tudo isso que aconteceu fosse só um pesadelo...

Por Deus, por que é tão difícil aceitar um rompimento? Como será que as mulheres que vivem o mesmo dilema que o meu fazem? Será que estou sendo uma idiota em pensar que o Felix não fará mais o mesmo, em pensar que ele se arrependeu de verdade?

Ele me ama, sei que me ama. Talvez ele nunca mais faça o mesmo que fez ontem.

Pare, Lhaura, pare...

Não foi a primeira vez, e nas outras vezes ele jurou estar arrependido, mas voltou a repetir o erro. Ele não vai mudar.

— Bom dia, senhora! — Assustei-me com a voz da Paulina. Ela sempre me dava um susto, parecia um fantasma se esgueirando pela casa. — Quer o seu café na sala de jantar ou no jardim?

Ela estava parada diante de mim com o seu semblante pálido e taciturno. Mal escutei o que ela disse.

— Jardim — respondi, desviando-me do seu corpo e seguindo para o jardim. O dia estava bonito, mas para mim era indiferente. Poderia estar chovendo, nevando, ou até mesmo acontecendo um ataque de zumbis, não faria diferença. A tristeza me tomava e a vontade de chorar era quase insuportável. Sentei-me, mas não no meu lugar favorito. Mal olhei para a mesa, apenas puxei a cadeira e me sentei. Dez minutos depois a ajudante de cozinha trouxe meu café e me serviu. Mal olhava o que estava sendo oferecido. Não tinha fome, não sentia nada, só um grande vazio. Aceitei uma xícara de café e dispensei a moça. Ela me olhava como se eu fosse um ser de outro planeta. Talvez fosse. Recostei-me na cadeira e dei vazão aos meus pensamentos. O que o Felix estaria fazendo uma hora dessas? Será que estaria sozinho? Será que sentia a minha falta...?

— Lhaura.

Escutei uma voz ao longe.

— Lhaura, filha.

Assustada, olhei repentinamente para o meu lado esquerdo e encontrei um par de olhos preocupados me encarando. Era meu pai.

— Papai, o que está fazendo aqui a esta hora? — Tentei disfarçar a emoção carregada de tristeza na minha voz enquanto fazia a pergunta.

Ele arrastou uma cadeira e sentou-se ao meu lado. Uma vez sentado, ele me encarou com mais atenção, parecia que queria ler a minha mente. Olhei para ele e me veio uma vontade louca de me jogar nos seus braços e chorar, mas sabia que não podia fazer isso. Se fizesse teria que contar toda a verdade e não queria isso. Só contaria para o papai quando tudo estivesse resolvido. Por isso, engoli os meus medos e o choro e sorri levemente. Ele tocou o meu cabelo e sorriu para mim.

— Vim ver a minha filha, ou não posso? — ele respondeu enquanto sua mão me fazia um cafuné.

— Claro que pode, mas tão cedo? Aconteceu alguma coisa?

— Eu que te pergunto, aconteceu alguma coisa? — Ele me olhou daquele jeito que me olhava quando fazia algo errado. — Lhaura, está escondendo algo que não quer que eu saiba? — comentou maliciosamente.

Não sabia como responder. Ele, obviamente, esperava alguma resposta, mas não sabia se devia lhe contar todo meu desespero, e a bem da verdade é que queria deixar o meu pai fora daquilo tudo. Estava envergonhada, me sentindo uma fracassada.

Olhei para ele pensativa, querendo encontrar um jeito de sair correndo e me esconder.

— Não aconteceu nada, estou bem... E o senhor, como está? — Tentei desconversar. Servi uma xícara de café para ele e a entreguei. — Quer uma fatia de bolo?

— Lhaura, eu a conheço desde que estava na barriga da sua mãe, então não queira me fazer de bobo. Pensei que além de sermos pai e filha, também fôssemos amigos. — Articulou com tristeza e me senti uma traidora.

— Papai, estou bem, juro. O que te leva a pensar que tenho algo a esconder?

— Deve ser porque ontem encontrei o Felix no escritório às onze horas da noite com uma garrafa quase vazia de uísque na mão, chorando e dizendo que queria morrer.

Sem reação, olhei espantada para ele. Ele sabia, e agora?

— Oh, ele... ele está bem?

Imaginar Felix bêbado e chorando acabou comigo.

— Deixei-o dormindo. Ele vai acordar bem, não podia deixá-lo dormir no escritório, não daquele jeito, então o levei para o meu apartamento. — Ele nem tocou no café que servi, continuava me olhando com preocupação no olhar. — Então é verdade? Você pediu o divórcio?

— O que ele te contou? — Simplesmente não podia sair verbalizando tudo o que tinha acontecido antes de saber o que realmente Felix tinha falado. Papai franziu a testa, juntando as sobrancelhas, como ele sempre fazia quando estava desconfiado de algo.

— Não muito. No estado em que ele estava, só me contou o suficiente para entender que ele fez merda.

— Sei, e quais merdas exatamente? — Ele limpou a garganta e a mão que estava no meu cabelo cobriu a minha. Ficou pensativo enquanto a acariciava.

— Ele disse que chegou em casa e encontrou o motorista lhe fazendo carinho...

— Meu Deus! — Aquilo era um absurdo. — O senhor não acreditou, acreditou?

— Calma, meu anjo, ele também não acreditou. Quer dizer, depois das merdas que ele fez e lhe disse, ele confessou que estava envergonhando e arrependido, mas também disse que demitiu o rapaz e depois foi agressivo com você. Chegou até empurrá-la com estupidez...

Baixei a cabeça. Sabia que papai me observava e estava envergonhada e com medo de que o Felix tivesse contado tudo.

— Ele bateu em você, Lhaura? Ele não me diria se tivesse feito isso, mas preciso saber o quão agressivo ele foi.

— Não — respondi imediatamente, e é claro que menti, pois não podia falar a verdade. Não sei como o papai reagiria se soubesse, temia por ele. — Ele foi bruto, me acusou de leviana, traidora. Gritou, esbravejou, e sim, no calor do momento ele me empurrou. Ele estava enfurecido, cheio de ciúme.

— Lhaura, foi isso mesmo? — Ele puxou a minha mão e a levou aos lábios, demorando-se alguns segundos com ela lá. — Filha, ele não a agrediu verbalmente e nem fisicamente? Por favor, não me esconda isso.

Como poderia responder tal pergunta? Não, ele não merecia passar por tamanho sofrimento, seria um choque descobrir que a sua filha amada tinha apanhado do marido. Não, ele jamais saberia.

— Papai, o Felix só gritou e me empurrou. Foi só isso, mas não foi a primeira vez, por isso que resolvi pedir o divórcio. Já estou me cansando da falta de confiança e da insegurança dele.

Mentir para o papai era difícil e estava morrendo de medo que ele percebesse. Não sou uma boa mentirosa, por isso resolvi nos servir de mais café, assim não precisaria encará-lo.

— Filha, quando o véu do respeito se rasga não adianta remendá-lo, não há volta. Um relacionamento sem respeito não tem futuro. Pode até existir amor, mas se faltar respeito acabará com qualquer chance de evolução, por isso quero que saiba que vou te apoiar em qualquer decisão que tomar. Mas pense bastante antes de tomá-la, um rompimento drástico é dolorido para ambas as partes, principalmente quando os dois ainda se amam.

— Eu sei, papai. Está difícil, mas acho que não há outro jeito, o Felix não vai mudar...

— Lhaura, não estou a favor do Felix, mas você já sabia que ele era ciumento e possessivo. Eu mesmo presenciei vários ataques de ciúmes dele. Querida, ciúmes não têm cura, não dá para ir em uma farmácia e comprar um remédio ou fazer um tratamento clínico, uma pessoa ciumenta será assim por toda vida, e para o casal só há duas saídas, tolerar ou separar.

— Oh, papai... — Desabei, não consegui mais segurar o nó que apertava a minha garganta.

— Minha querida! — Ele arrastou a cadeira e ficamos próximos. Seus braços cercaram o meu

corpo e senti o seu calor amoroso. — Se soubesse que você iria sofrer assim, não teria concordado com esse casamento e teria a convencido a seguir em frente e a conhecer outros rapazes para que só quando tivesse mais experiência com os homens pudesse se reencontrar com o Felix. Foi minha culpa. No meu romantismo, achei que a sua história de amor seria parecida com minha história de amor, minha querida. Fui o primeiro amor da sua mãe e ela o meu.

— Eu sei, papai, mas não se culpe, não me arrependi por ter me casado com o Felix. Eu o amo, e ele me ama, mas nem só de amor vive um relacionamento. Sei disso agora e antes que nos tornemos inimigos, é melhor nos separarmos.

— Se é essa a sua decisão, vou apoiá-la. Conte comigo. — Ele me abraçou mais apertado e depois senti o calor dos seus lábios na minha testa.

— Ele virá hoje para conversarmos e trará o advogado — disse enquanto me afastava e papai se servia de um copo de suco de laranja.

— Já!? Não é melhor pensarem um pouco mais? Ficar algum tempo separado às vezes funciona.

— Acho que não. Se é para separar, melhor que seja logo de uma vez. Para que prolongar o sofrimento?

— É, talvez você tenha razão, não sou experiente em separação... — Papai ficou pensativo. — Lhaura, saiba que quando se ama a separação é difícil. Acho que quando perdemos alguém que amamos para a morte é mais fácil, pois sabemos que não veremos mais a pessoa, pelo menos nesta vida. Agora a perda em vida deve ser dolorida demais, por isso acho melhor vocês pensarem bem antes de tomar qualquer decisão.

— Não há o que pensar. O senhor mesmo disse, para o ciúme não existe remédio. — concluí. O papai percebeu que não queria mais falar sobre o assunto. Estava difícil aceitar que tinha fracassado, que meu casamento tinha acabado pela minha falta de experiência. O papai tinha razão, não devia ter me casado tão nova. Afinal nunca sequer havia namorado, passei a minha infância e adolescência estudando, respirando livros e partituras. Só tive duas amigas de verdade na vida e a minha única diversão eram as saídas para as lanchonetes, vez ou outra um cinema ou passeios nos parques da cidade. Eu mal sabia beijar, quanto mais fazer sexo? Principalmente um sexo tão intenso como o que Felix estava acostumado. O amor me cegou.

Meia hora depois papai foi embora. Preocupado, mas foi. Ele até tentou me convencer a ficar com ele por um tempo, pelo menos até tudo isso acabar, mas não aceitei. Estava na hora de enfrentar os meus problemas, não era mais uma menina, era uma mulher.

Despedi-me dele e esperei seu carro sumir entre as diversas árvores frondosas que ladeavam a estrada da propriedade. Resolvi ir para a sala de música, talvez o violino me fizesse esquecer a tristeza por algum tempo. Fechei meus olhos e viajei nos primeiros acordes: tocava a sinfonia *nº 45 de Haydn*, a sinfonia da despedida. Não sei por que a escolhi... Não, sei o porquê. Pelo que estudei, essa sinfonia era uma obra política.

Haydn serviu o príncipe *Nicolaus Esterházy* durante quase 30 anos. O príncipe tinha um palácio em uma região remota da Hungria, onde passava com sua corte longas temporadas.

Em 1772, a temporada do príncipe Esterházy no seu palácio no campo se estendeu muito além do normal. Os músicos estavam longe das suas famílias e ansiosos para retornar. Pediram a Haydn que intercedesse em seu favor junto ao príncipe, e Haydn então fez uma obra magnífica como protesto político. No quarto movimento da peça, as luzes se apagam, a música muda totalmente e os músicos vão, um a um, parando de tocar e saindo do palco. Até o próprio Haydn, que regia a orquestra, sai do palco, deixando apenas dois violinos para finalizarem a obra em um som quase inaudível. O príncipe captou a mensagem e não só os músicos, mas ele próprio e toda a corte partiu de volta para o palácio no dia seguinte.

Já estava há quase quinze minutos tocando quando senti meu celular vibrar no bolso da calça. Parei de tocar, deixei meu violino sobre o piano e atendi. Era o Felix.



25

Por essa não esperava. Não sabia que ele iria me ligar antes de vir com seu advogado para discutir a nossa separação. Para falar a verdade só o esperava no final da tarde. Usaria esse tempo para me preparar e não tremer a mão na hora de assinar a papelada, que certamente seria imensa. Puxei o ar para os pulmões enquanto olhava para o celular antes de atendê-lo.

Coragem, Lhaura.

— Felix... — Tentei manter a voz calma, mas sei que ele percebeu o leve tremor e o vacilo ao pronunciar seu nome.

— Oi... — A sua voz também tremeu, e escutei a sua respiração pesada. — Você está bem? Tem se cuidado? — Fiquei confusa. Ele está preocupado comigo? — Lhaura, não minta, você sabe que sei quando você mente.

Mentiroso.

Se soubesse teria acreditado em mim quando disse que não tinha o traído.

— Estou bem — menti. Como eu queria dizer que estava morrendo de saudades e que o perdoava, que queria que ele voltasse para casa...

Meu Deus, estou louca!

— Eu sei que não é verdade... — Ele fez uma pausa, uma longa pausa. Já ia começar a falar quando escutei a sua respiração. — Lhaura, por favor se cuide. Não quero que fique doente, não estou mais aí para cuidar de você e se acontecer algo com você eu não sei...

Ele se calou e escutei um barulho forte, como uma batida forte em algo de madeira. Ele havia esmurrado algo.

— Felix, estou bem. Não se preocupe, o tempo cura tudo.

Afinal, por que disse isso?

Se nem mesmo sabia se sobreviveria. Fiquei sem palavras. Que diabos estava acontecendo? Só estava tentando maquiar a dor que me devorava por dentro, porque eu o amava, e me separar dele não era o que queria. Mas era necessário, e só precisava aceitar isso.

— O tempo não está funcionando muito bem comigo, parece que estou morrendo a cada segundo — ele murmurou cada palavra.

Venha, meu amor, volte para mim. Era o que queria gritar. Era o que verdadeiramente queria.

— Felix, não faz isso — supliquei. — Isso não é verdade — disse corajosamente. — Você vai superar tudo isso, assim como eu. — Engoli o choro enquanto dizia essas palavras nervosamente. Escutei o seu riso abafado.

— Talvez você possa superar. Eu não..., mas tudo bem, você terá tempo para pensar e eu também.

Tempo! Como assim?

— Felix, o que está acontecendo? O que quer dizer com tempo? — Será que ele resolveu adiar o divórcio? E agora, o que faço? Temo que se não resolvermos isso logo, possa fraquejar e desistir.

— Lhaura, estou indo para São Paulo. Acho que precisamos ficar afastados um do outro por algum tempo, e não na mesma cidade, mas distantes por quilômetros de distância. Não quero que depois você se arrependa, pois assim que assinar a documentação, não haverá volta. Portanto, darei esse tempo para você. Uma semana, acho que seja o necessário para você decidir se é isso mesmo o que quer. Até lá, ainda estaremos casados e não há necessidade de ninguém saber o que está acontecendo entre nós dois.

Mais uma vez fiquei sem palavras. Felix sempre estava um passo à frente, ele nunca me deixava tomar as decisões, a última palavra sempre tinha que ser a dele. Eu deveria ter previsto isso.

— Não se preocupe, você ainda é a minha Senhora Santini, pelo menos até eu voltar. Fique bem e se cuide. Tchau, Lhaura.

Ele desligou, mas fiquei por alguns minutos com o celular na orelha, boquiaberta e completamente atordoada. A intenção do Felix era me deixar confusa. E ele não precisaria de uma semana para isso.

Não sei se ele estava esperando que enlouquecesse, que exigisse um pedido de desculpas por todas as vezes que ele me machucou ou algo mais dramático, ou provavelmente mais adequado, como jurar pela sua mãe ou seu pai, sei lá. Mas, no momento, só queria uma única coisa. Queria toda a intensidade do seu amor e da sua atenção focadas apenas em mim. Era assustadoramente quente ter ele tão perto e tão ensandecido, vê-lo me cercando.

Na grande maioria das vezes, Felix era meu mundo, principalmente quando ele era amável. Bem, nem sempre ele era aquele ser ciumento, possessivo e violento. Isso quase nunca acontecia e nem sei como aquele ser asqueroso surgia, acredito que por vivenciar algum gatilho ou alguma situação específica entre nós. E quando isso acontecia, não sabia o que fazer com ele, pois o medo e a insegurança dominavam todo o meu corpo.

Talvez se não tivesse sido tão exigente nem ficado tão assustada, se tivesse sido mais adulta e tivesse aprendido a lidar com cautela e a minha guarda sempre estivesse de pé, estaria sempre pronta, preparada para a batalha. Talvez... Já não tinha certeza de mais nada.

Já estava completamente fora de órbita.

Amo você, Lhaura...

Queria escutar isso. Ele sempre dizia isso antes de encerrar a ligação. Só que hoje ele não disse. Juro que se ele tivesse dito, responderia...

Eu também.

Sinceramente, não estava pronta para isso. Estava mal acostumada. Felix me acostumou mal, ele sempre fazia me sentir a mulher mais importante do mundo. Adorava ser mimada e não podia

acreditar que tudo isso iria acabar. Ele não tinha razão, o tempo não ajudaria em nada, ele só iria me deixar com saudade.

Será que suportaria a sua ausência?

Uma semana, uma semana sem ele, sem os seus beijos, sem os seus carinhos, sem a sua atenção e cuidados.

Lhaura, o que está fazendo com você mesma?

Ele a agrediu, ele a violentou!

Lembre-se disso.

Pare, o amor de vocês dois é doentio.

Será?

Não entendo. Será que as mulheres que sofrem agressões dos seus maridos sentem o mesmo que eu sinto?

Será que isso é saudável?

Será que não tenho amor-próprio?

Como elas convivem com os seus agressores?

Será que elas aceitam toda a dor por amor?

Será que elas esquecem? Será que isso é normal?

Jesus!

Eu o amo tanto. Ele me ama tanto.

Será que o tempo o fará mudar?

Será que ele não vai mais me machucar?

Não, ele vai...

São tantos "será". São tantas dúvidas.

Ele me ama, sei que ama.

Lhaura, pare!

Quem ama não bate. Você já ouviu essa frase tantas vezes, faça dela a sua canção de ninar e lembre-se de todas as vezes que o Felix lhe pediu perdão, logo após ter a machucado.

Não, não, ele não vai mudar.



26

Três dias já tinham se passado desde a última ligação do Felix. Ele não me ligou mais e me senti completamente abandonada. Minha salvação eram as minhas aulas, já que o professor Joseph estava me dando aulas todos os dias e a carga horária aumentara, agora eram cinco horas diárias. Essa mudança nas aulas foi necessária, pois ele precisará voltar para São Paulo daqui a dois meses e preciso me dedicar um pouco mais se quiser ganhar meu diploma.

— Lhaura! — Papai me chamava. Tinha certeza de que não era a primeira vez que ele chamava meu nome. Virei-me para olhar para ele.

— Qualquer dia desses terei que ir buscá-la nos seus pensamentos. Devo me preocupar com essas suas ausências?

Nem tinha notado quando ele chegou, nem em que momento me perdi nos meus pensamentos. Ele tinha razão, as minhas ausências estavam ficando cada dia mais demoradas, era como se ficar fora do mundo real fosse meu melhor refúgio.

— Desculpe — disse desviando meu rosto para olhar para meu pai preocupado. Ele me olhava como se algo muito sério estivesse acontecendo comigo. Sabia que ele devia estar ali parado há algum tempo. — O que faz aqui tão cedo? — Eram quase nove horas da manhã. Desde que o Felix viajou, papai vinha almoçar e jantar comigo todos os dias.

— Liguei para o seu celular cinco vezes, depois liguei para a Paulina e ela me disse que você dispensou o professor e se trancou no quarto. Bem... — Estava embrulhada em meio às cobertas, sentindo pena de mim mesma. — Lhaura, não fique assim, estou começando a ficar preocupado.

À medida que os dias passavam, a certeza de que logo o Felix estaria de volta crescia, e seguia buscando a resposta se queria ou não a separação. Isso estava me deixando com um aperto no peito, um abafamento e palpitações. Justamente hoje não me sentia bem, estava com uma vontade enorme de chorar, por isso dispensei o Joseph. Tocar era nostálgico, dolorido e me lembrava do Felix.

Peguei as cobertas e as joguei para o lado. Me levantei e fui na direção do papai. Ele me acolheu no seu abraço carinhoso e pude sentir o batucar do seu coração.

— Filha, se não quer se separar, não separe. —Ele não me deu tempo para falar ou protestar, apenas me guiou até a cama e me ajudou a sentar. — Vocês se amam, isso é tão lógico. Ele sofre de um lado e você de outro, não é justo para nenhum dos dois, sabia?

— Como o senhor sabe que ele está sofrendo? Felix não se importa mais comigo, ele me esqueceu completamente.

Escondi meu rosto na curva do seu pescoço e choraminguei. Estava devastada com a falta de atenção do Felix.

— Então é isso... — Papai se afastou para observar meu rosto amargurado. Ele sorriu. — Oh, Deus! Minha criança, seu marido me liga três vezes ao dia para saber como você está e liga para a

Paulina também. Se ele não a procura, é porque acha que se fizer isso, vai interferir no tempo que te deu para pensar.

Respirei fundo. Talvez o Felix tivesse razão, se ele ligasse já teria pedido para ele voltar.

— Sinto a falta dele, papai. Às vezes, acho que vou morrer de tanta saudade — murmurei.

— Filha — ele passou as mãos nos meus cabelos, afastando-os do meu rosto. — Você precisa resolver o que quer, não acha?

— Eu já sei o que devo fazer, só que... — engoli e baixei os cílios, e o papai segurou no meu queixo e me fez fixar os olhos no seu rosto. — O que devo fazer é diferente do que quero e isso é tão difícil...

Desabei. As lágrimas deslizavam pelo meu rosto como uma tempestade indomável, nebulosa e devastadora.

— Minha menina, não posso decidir por você, mas posso lhe aconselhar. Se o ciúme do Felix está prejudicando o relacionamento de vocês, então é melhor mesmo darem um tempo. Talvez não seja necessária a separação, só um afastamento...

— Não, papai, o afastamento só irá piorar a nossa situação, o melhor é separar mesmo.

Não podia dizer os verdadeiros motivos pelos quais queria o divórcio. Seria uma grande decepção para o papai descobrir que o seu genro querido bateu na sua filha, e temia que ele pedisse demissão da empresa, o que com certeza faria. Nesse momento tão feliz da vida do meu pai, não podia ser egoísta, pois sabia que se o papai saísse da empresa, ele se perderia novamente, e desta vez não teria volta. A bebida o levaria à morte. Por isso não contaria a verdade. Poderia conviver com ela, mas o papai não.

— Filha, é radical demais. — Ele avaliou meu rosto por alguns segundos. — Tenho uma ideia. Só ia contar na hora do jantar, mas já que estou aqui, vou contar logo.

Ele parecia muito feliz. Seus olhos brilhavam como nunca. Será que o papai encontrou um amor?

— Conta logo, papai. — Estava curiosa e aflita ao mesmo tempo.

— Felix me promoveu a diretor executivo financeiro e me pediu para ir cuidar das contas da nova empresa no Texas. — Ele me olhava todo orgulhoso. — Por que não vem comigo? O que acha, não é uma boa ideia? Você se afasta do Felix, ele de você, e essa distância ajudará os dois. Um mês, filha, acho que é o suficiente para você saber se quer mesmo se separar.

Estava surpresa com todas as novidades e a rapidez de pensamento do papai. Quando poderia imaginar que o Felix daria as contas dessa filial das suas empresas para o papai? Felix deve confiar muito nele.

— Devagar, senhor João Toledo, me deixe digerir as novidades primeiro. — Ele segurou o meu rosto com as mãos, beijando a minha testa com carinho. — Quando o senhor pretende ir para o Texas?

— Amanhã à noite, mas se você quiser ir comigo, posso esperar o Felix voltar.

— Amanhã... — Surpresa com a velocidade das coisas, me levantei. — E as outras empresas

nas quais o senhor atua como contador, quem vai cuidar delas? Sem esquecer as fazendas do Felix. Já encontrou alguém em tão pouco tempo para ficar no seu lugar?

Olhei para ele à espera de uma resposta. Conhecia o papai e sabia o quanto ele era responsável, e sei que ele não largaria ninguém na mão. Não estava entendendo essa pressa de largar tudo e ir para outro país.

— Acalme-se, querida. Já faz alguns meses que só trabalho para o Felix, não tinha como fazer a contabilidade de tantas empresas, até as antigas que atendia antes do Felix me contratar precisei abrir mão. Mas não se preocupe, continuarei sendo o responsável por todas as contas do Felix, a diferença é que farei isso a distância. Contudo, contratei mais três contadores para fiscalizarem e me manterem a par de tudo.

— Nossa! Como é que não fiquei sabendo de tudo isso? Por que não me contou?

— Não era necessário, filha. — Ele veio até mim e me abraçou outra vez. — É o meu trabalho e graças a Deus Felix confia em mim. Estou muito feliz e realizado profissionalmente, e devo tudo isso a ele.

Eu sabia disso. E era essa a minha preocupação. Se o papai precisasse se demitir por minha causa, ele perderia tudo e voltaria a ser aquela sombra de homem que era antes.

— Quanto tempo o senhor ficará no Texas?

— Não faço ideia. Felix quer que cuide de tudo — falava com orgulho. — Então, o que acha? Quer ir comigo?

Não queria fugir. Por mais doloroso que estivesse sendo me separar do Felix, tinha que encarar tudo de frente. Eu o amava, ele me amava, mas nosso amor não era suficiente, estávamos infelizes e incompletos. Não era a mulher que ele merecia e ele era homem demais para mim. A verdade era que o Felix, em certas ocasiões, me dava medo, por isso nosso casamento estava fadado à desgraça. Ele me faria sofrer e o faria sofrer, e antes que nos tornássemos inimigos, era melhor nos separar. Assim o salvaria da dor e quem sabe ele pudesse encontrar uma mulher que o merecesse e que lhe desse o que tanto queria. Ainda não era essa mulher.

— Não, não posso. Não agora, mas quem sabe depois que resolver tudo com o Felix? Acho que será bom me afastar por algumas semanas de tudo isso, mas saiba que estou muito feliz e orgulhosa do senhor.

— Quer que espere o Felix voltar de São Paulo?

— Não, pode viajar tranquilo. Ficarei bem, acho que posso me cuidar sozinha — Ele juntou os olhos, arqueando as sobrancelhas, e sorri do seu gesto costumeiro. — É sério, sei me cuidar. Já sou adulta, posso caminhar com as minhas próprias pernas. Vá tranquilo.

— Está bem, acredito em você. Agora preciso ir, tenho muita coisa para fazer antes de viajar, mas se precisar já sabe como me encontrar.

— Sempre vou precisar de você, papai, mas por enquanto estou bem. Agora vá, quando o senhor vier à noite nós conversaremos, pois creio que não virá almoçar, acertei? — brinquei.

— Acho que não, o meu voo está marcado para amanhã às vinte e duas horas, por isso preciso

organizar as coisas, passar alguns trabalhos para os contadores que contratei... Hoje será um dia daqueles.

O acompanhei até o carro. O importante era que o papai estivesse feliz, o resto daria um jeito. Comecei acenando distraidamente enquanto o carro se afastava lentamente. Papai me observava pelo espelho retrovisor. Entendi quando ele disse silenciosamente “amo você”. Engoli um pouco de saliva e assenti com a cabeça, jogando-lhe um beijo no ar. Deixei escapar um suspiro contido e me perguntei se iria saber lidar com toda essa situação sozinha, porque agora estava sozinha. Seríamos somente eu e o Felix, e lidar com tudo isso era como lidar com uma granada sem o pino. Até porque, as dúvidas não paravam de circular pela minha cabeça e estava cada dia mais difícil aceitar a separação, ainda que meu senso de proteção gritasse que era o único caminho a ser seguido.

Droga, Felix.

Por que você tinha que ser tão ciumento e estragar tudo?

Quando empurrei a porta da frente, fui imediatamente cercada por paredes frias e objetos que, apesar de lindos e caros, não tinham nada a ver comigo. Nada do que me cercava me trazia conforto, eram móveis e objetos muito frios para mostrar qualquer emoção. Mas podia ver o Felix em cada um deles, e ainda que a casa tenha sido comprada para mim, tudo ali dentro era a imagem de Felix Santini.

Manobrei através dos móveis e da inundação dos meus pensamentos até chegar na cozinha, onde a Paulina e suas duas ajudantes trabalhavam fazendo o almoço.

— Paulina, o papai não vem almoçar, portanto também não vou. Só leve um lanche mais tarde ao meu quarto. Agora vou me deitar, pois estou com um pouco de dor de cabeça.

— Quer uma aspirina? — ela perguntou, e por incrível que pareça, me pareceu preocupada.

— Quero, sim. Obrigada, Paulina.

— Já estou indo levar, senhora.

As duas ajudantes se entreolharam e depois esticaram os olhos na minha direção. Elas eram um pouco mais velhas do que eu, talvez uns dois anos. Só então me toquei que meu aniversário estava próximo, em um mês faria dezenove anos. Felix tinha planejado uma viagem surpresa, seria a nossa segunda lua-de-mel, pois alguns meses depois faríamos um ano de casados, seria uma comemoração única. Agora passaria meu aniversário sozinha e divorciada.

É, a vida muda como as estações.

Dei meia-volta e caminhei ligeiramente para as escadas, antes que elas percebessem as lágrimas que estavam por vir. Entrei no quarto já em prantos e despi as roupas com pressa. Precisava de um banho, talvez a água da ducha levasse as minhas lágrimas para o ralo. Chorei, chorei muito.

A saudade que estava sentindo do Felix era imensa. Doía tudo, acho que até a minha alma estava chorando. Felix se tornou um vício, era como se ao ficar sem ele me faltasse o ar ou, talvez quem sabe, ele fosse uma droga... Uma droga que sabia que me fazia mal, mas que mesmo assim precisasse para viver. Já estava me embolando nas cobertas quando a Paulina bateu na porta e pedi que entrasse.

— Esse analgésico é poderoso, quando acordar estará sem nenhuma dor. — Peguei o comprimido e o coloquei na boca, depois ela me entregou um copo, que pensei ser com água, mas não era, olhei para o líquido rosa e olhei para ela. — Suco de frutas. Já que mal tocou no café da manhã e não quer almoçar, precisa de algo bem nutritivo. Agora beba tudo.

Ela estava querendo bancar a minha mãe, ou estava se colocando no lugar do Felix, já que ele não estava aqui para cuidar de mim. Acatei as ordens sem reclamar, queria ficar sozinha o mais depressa possível, então fiz tudo de bom grado. Não consegui dormir. Até que tentei, mas Felix não saía da minha cabeça. Então, cheguei à conclusão de que ficar sozinha não era uma escolha boa. Precisava conversar com alguém.

Mas quem?

Estiquei o braço e peguei meu celular. Só tinha uma pessoa que podia me escutar e talvez me ajudar. Margot.

Mandei mensagem no WhatsApp. Esperei três minutos, ela não respondeu, então resolvi ligar. No segundo toque ela atendeu.

— Eita! Onde é o incêndio? Já estava respondendo a sua mensagem — ironizou com o seu tom original de ser.

— Oi, amiga, estou com saudade de você também.

— Caralho! Senti o tapa na cara. Calma, amiga... O que houve? O que o cachorro do seu marido aprontou agora? — ela disse sarcasticamente.

— Preciso muito de você, Margot. Tem como você vir aqui me ver? — Engoli o choro. Não queria preocupá-la nem a coagir a pegar a estrada.

— Já estou indo. Em duas ou três horas estarei aí.

Ela desligou. Nem esperou minha argumentação, só escutei o silêncio da linha do outro lado. Afastei o celular e fiquei olhando para ele. Já esperava por isso, a Margot sempre bancou a minha irmã mais velha, ela sempre me cercava de cuidados e proteção, e várias vezes entrou em atrito com o Felix na época em que namorávamos. Acho que por isso que o Felix não gosta muito dela.

Algumas horas depois, Paulina veio me avisar que uma mulher muito nervosa estava querendo entrar à força na propriedade, dizendo ser a minha irmã. Já sabia que era a Margot, apenas esqueci de avisar à segurança para liberarem a entrada dela. Dispensei a Paulina e liguei para a guarita, ordenando que a deixassem entrar. Cinco minutos depois, Margot estava em meu quarto, abraçando-me e xingando baixinho os seguranças. Ela se afastou e um par de olhos preocupados rodopiaram em meu rosto. Pensei que ela ia ralhar comigo quando suas mãos me seguraram pelos ombros, então ela simplesmente soltou o ar fortemente e os seus olhos amendoados fixaram-se nos meus, como se quisessem desvendar a minha alma. Foi tão intenso, que de repente, tive problemas para engolir.

— O que foi que aquele bosta aprontou com você? E não negue, pois estou vendo na sua cara pálida e nas olheiras profundas que algo entre vocês não está nada bem. — Ela me deu uma pequena sacudida que deixou os meus dentes tremendo. — Lhaura, desembucha logo essa porra.

Desde que erámos criança que não conseguia esconder nada dela, ela olhava para mim e já sabia que algo estava acontecendo. A minha ligação com a Margot sempre foi mais forte do que com

a Belle.

— Pedi o divórcio...

— Puta que pariu! Repete, acho que não entendi direito. — Ela se alarmou e sem que esperasse, me puxou para a varanda, me colocando sentada em uma poltrona de dois lugares, e sentando-se ao meu lado. — Lhaura, estou esperando. O que foi que perdi?

— É o Felix, não estou mais aguentando os ciúmes dele. Você acredita que ele demitiu o motorista? Ele me acusou de estar tendo um caso com ele, pode isso? Oh, amiga... foi um pesadelo, ele ficou tão neurótico...

— Ele bateu em você, Lhaura? Não minta, porque se ele ousou tocar em você juro que acabo com a raça dele — ela rapidamente cortou a minha fala e me atropelou com uma porção de perguntas. — Lhaura, não proteja aquele cachorro, porque sei do que ele é capaz, vi muitas vezes como ele a tratava quando ficava enciumado.

Não podia lhe contar a verdade, conhecia a Margot e sabia que se ela soubesse que o Felix tinha me agredido, nossa! Seria declarada a terceira guerra mundial, e quem sairia machucada seria ela.

— Lhaura... — Ela arrastou meu nome longamente enquanto os seus dedos seguravam o meu queixo, me forçando a encará-la. — Não minta, por favor. Se ele bateu, vamos agora mesmo na delegacia da mulher acusá-lo. Se a mulher ficar quieta ao apanhar só está dando munição para o homem continuar batendo, e quando ela menos perceber, já virou escrava dele.

— Não. — Continuei mentindo, acho até que se continuasse repetindo isso, eu mesma acabaria acreditando. — Ele não me bateu, só ficou alterado e nervoso quando viu o Raul tocando em mim. — Então, contei o que tinha acontecido, mas escondi os detalhes. — Quando entramos em casa, ele me levou para a sala de música e começou a me acusar de ser leviana. O clima esquentou e o acusei de uma porção de coisas também, ele perdeu a cabeça e terminou me empurrando com força. Perdi o equilíbrio e caí no chão, mas imediatamente ele se arrependeu. — Isso era mentira também.

— Você se machucou? Meu Deus, Lhaura! Estão ficando sérios esses ataques de ciúmes do Felix! — Ela continuava apoiando os dedos no meu queixo. Sorriu de leve e completou: — E agora não tem mais desculpas, não é mais insegurança.

— Margot, ele não me bateu. Ele só perdeu o controle, foi só isso. — Continuava mentindo e isso me deixava mal, mas de alguma forma, estava desabafando, estava pondo para fora um pouco dos meus medos. — Estou tão cansada, Margot. Os ciúmes do Felix me deixam nervosa e termino dizendo coisas que não quero também. Não foi a primeira vez, ele sempre fica enciumado, basta um homem me olhar que ele fecha a cara e quando chegamos em casa começamos a discutir, por isso pedi o divórcio.

Não menti totalmente dessa vez. Porque era verdade, ao menos as repetitivas cenas de ciúmes do Felix. Se saíssemos e algum homem me olhasse, pronto, acabou a paz, e quando chegávamos em casa, era discussão na certa. Só que as discussões sempre acabavam em sexo, era como se ele compensasse a sua insegurança com o ato, e o pior era que já estava me acostumando a isso, pois sabia que se o seduzisse, ele não ficaria agressivo sexualmente. Por isso não me incomodava tanto com os encontros sexuais dele.

— Amiga, não permita que o Felix te escravize. Acho bom mesmo vocês se separarem. Aliás, não era nem para você ter se casado, você é jovem demais para um compromisso tão sério, ainda mais com o primeiro homem que surgiu na sua vida. Felix é venenoso. Ele destruirá tudo e qualquer coisa que você já desejou para si mesma. Acho até que já conseguiu, não foi? Pense! — Ela me esperou falar. Sabia a resposta, mas não disse nada. — Você sabe, não é? A música, ele conseguiu a afastar da música com aquela história de não poder ir com você para Londres, e não duvido que me afaste de você e depois afaste também seu pai. Ele te quer só para ele, Lhaura. Então, minha amiga, você tem meu apoio. Largue aquele traste.

Não era isso que queria, mas era o que precisava ser feito. Precisava me afastar do Felix. Margot tinha razão, ele era venenoso, o amor dele era nocivo e viciante, pois mesmo sabendo que me fazia mal, não conseguia me imaginar sem ele. Felix me manipulava, me cercava de atenção, carinhos e cuidados, para que ficasse mal acostumada e assim não conseguisse mais ficar sem ele. Felix era como uma droga e tinha que passar pela abstinência e vencer essa doença. Precisava fazer isso, se quisesse ser livre. Estava decidido. Iria me divorciar.

— Será que consigo, Margot?

Ela balançou a cabeça afirmando.

— Tenho certeza de que consegue, não conheço uma pessoa mais decidida do que você. Lembra quando disseram que você não superaria a doença da sua mãe? Pois é, mas você cuidava dela, mesmo sendo só uma menina, e quando ela morreu e o seu pai desabou, quem segurou as pontas? Você! E ainda encontrava tempo para estudar e para os poucos amigos que tinha. Então, minha amiga, superar o Felix será moleza.

Ela tinha alguma razão. Foram tempos difíceis, e não foi só a perda da mamãe e a queda do papai, a nossa vida mudou completamente. Não erámos mais abastados e o papai perdeu a grande maioria dos clientes devido à bebida, então passei de mensalista a bolsista no colégio, graças às minhas ótimas notas. Passei a cuidar da casa, pois não tínhamos dinheiro para pagar uma empregada. Aprendi a fazer economia só comprando o essencial, mas era isso ou passaríamos fome. Quando papai estava sóbrio, ele conseguia algum dinheiro trabalhando para os poucos clientes que lhe restaram, mesmo assim, sabia que eles só o contratavam por pena. Não foi fácil, quantas vezes chorei por ter medo de perder o meu pai para a bebida? Quantas vezes via o dia amanhecer vigiando a porta do escritório dele, com medo de que ele acabasse em um coma alcoólico?

Até encontrar o Felix, e assim tudo mudou. Papai voltou a ser o homem responsável e determinado que era antes, aceitou ajuda, parou de beber, e hoje não bebe nem cerveja. Essa vitória devo ao Felix, e outras coisas também. Amar o Felix não é ruim, eu o amo muito, e eu sei que ele me ama, ama até demais. Acontece que o amor dele é possessivo, dominador, ele me quer exclusivamente para si. E a Margot tem razão, ele vai me afastar de todos e me trancar nessa casa.

Fiquei calada. Não quis mais prolongar a conversa, já tinha me decidido. Se me restava alguma dúvida, a Margot me ajudou com isso. Era só esperar o Felix voltar e acertar tudo. E diante da minha decisão, cheguei à conclusão que não queria continuar morando aqui... Não, essa casa trazia muitas recordações, e mesmo que a grande maioria sejam de boas recordações, não as queria. Se queria esquecer o Felix, precisava ficar longe de tudo que me fizesse lembrar dele. Voltaria para a minha antiga casa, assim que a reforma ficasse pronta.

Margot me convenceu a almoçar e depois ficamos na piscina, relembrando a nossa época de colégio, quando fugíamos para a casa dela ou a da Belle para tomarmos banho de piscina e pegar uma *corzinha* nas nossas peles branquelas. Rimos com as nossas aventuras adolescentes. Já era bem tarde, quase oito horas da noite, quando a Margot foi embora. Ela me fez prometer que assim que assinasse a papelada do divórcio e fosse oficialmente uma mulher livre, faria as malas e partiria para a capital, para ficar algum tempo com ela. Ela mora sozinha em um apartamento de dois quartos. Achei uma ótima ideia, afinal, o que menos queria era ficar sozinha, já que papai estaria no Texas.

Já estava indo me deitar quando o papai ligou, pedindo desculpas por não ter vindo jantar comigo, e para me desejar boa noite. Contei a ele sobre a visita da Margot e sobre o convite que ela havia feito para que passasse um tempo com ela. Ele me incentivou a ir e concordou que realmente iria precisar de um tempo para me acostumar com a ideia de ficar longe do Felix. Ele me desejou uma boa noite de sono e lhe desejei o mesmo.

Estava tão leve, com meu coração mais calmo, que adormeci assim que me deitei. Parecia que tinha tirado um peso das minhas costas. Talvez a separação fosse realmente o caminho. Quem sabe algum tempo depois eu e o Felix pudéssemos tentar novamente, afinal amor é o que não faltava entre nós dois.



27

Já era bem tarde quando consegui finalmente fechar meus olhos e mergulhar na escuridão dos meus sonhos obscuros. O dia não tinha sido muito bom, papai estava de partida para o Texas e estava me sentindo abandonada, apesar de saber que o papai estava feliz e se sentindo realizado... era egoísmo meu, eu sei, mas ninguém podia condenar uma filha por se sentir um pouco jogada de lado, ainda mais quando a filha em questão estava atravessando uma fase difícil. É, acho que estava sendo mesmo ingrata.

Não deveria ter esses pensamentos. Papai merece ser feliz, e não tenho o direito de lhe roubar esta felicidade. Foi difícil a despedida, e mesmo sabendo que ele não ficaria longe por muito tempo e que logo nos veríamos, nunca é fácil nos afastarmos de quem amamos.

Para compensar a minha tristeza, que estava estampada na minha face, papai passou o dia inteiro ao meu lado, e só nos afastamos quando o carro que veio buscá-lo para levá-lo ao aeroporto desapareceu através dos imensos portões de ferro da propriedade.

E lá se foi o meu querido pai, todo orgulhoso, realizado, embarcando em uma nova fase da sua vida. Claro que ele estava triste por me deixar sozinha em um momento tão difícil, e sabia que se lhe pedisse para ficar, ele ficaria e largaria tudo, tenho certeza disso. Por isso fiz carinha de feliz e o incentivei a partir sem olhar para trás, e ele prometeu me ligar assim que se estabelecesse e ficasse a par de tudo na imensa fazenda, uma das filiais das empresas. Ele queria me contar todos os detalhes.

Fui me deitar tarde, estava esperando o papai ligar quando chegasse no aeroporto de Guarulhos, e quando ele me ligou, já estava embarcando. Ele só teve tempo de dizer que me amava e que, se precisasse, ele voltaria para o Brasil no outro dia.

Sabia disso.

Na manhã seguinte, me levantei cedo, mas ainda estava exausta, porque tinha passado a noite toda pensando nos últimos meses que vivi ao lado do Felix. Estava me tornando repetitiva, porque atualmente era o que fazia sempre que estava deitada tentando dormir. E sempre chegava à mesma conclusão: nunca deveria ter aceitado a ajuda dele, como também nunca deveria ter me apaixonado.

Mas que merda! Em que estava pensando?

Como se precisasse pedir permissão ao meu coração, ou a minha mente, sei lá. Algumas pessoas diziam que não era o coração o responsável pelo o amor e sim o cérebro. Seja lá que órgão fosse, não estava nas minhas mãos escolher amá-lo ou não. Deveria ter me mantido forte, nunca deveria ter cedido à tentação de me jogar nos seus braços. Deveria ter percebido que me apaixonar por um homem como Felix Santini provavelmente seria uma armadilha. E ele, um homem tão experiente, deveria ter percebido que não era a moça mais adequada para ser a sua esposa, pois a minha inexperiência não condizia com o que ele precisava ou almejava em uma esposa.

Mas, afinal, de quem era a culpa?

Minha?

Ou dele?

Talvez dos dois.

Minha culpa, por ser uma moça sonhadora, que cresceu achando que príncipes existiam. E culpa dele, por achar que aprenderia rápido ou que me acostumaria com os seus desejos tão intensos. A verdade era que o Felix achava que seria igual às outras mulheres com as quais ele se relacionou antes de mim, mas talvez nunca fosse. Por isso é que o nosso casamento não daria certo, pois sabia que os surtos de raiva dele não eram apenas os seus ciúmes descabidos, mas também tinha a ver com o fato de ele se sentir frustrado com a minha má atuação na cama. Acho que, de certa forma, ele se sentia responsável por não conseguir fazer com que passasse a gostar das mesmas coisas que a grande maioria das mulheres gostava. Acho que ele não imaginava que poderia ser diferente.

É, Lhaura, agora é deixar correr e se acostumar com o que está por vir. Reaja, seja forte. O sonho acabou.

Olhei para o meu relógio de pulso. Eram quase nove horas da manhã. Peguei minha xícara de café e movi a colher dentro dela. O café certamente já estava frio, mas não me importei. Deitei a colher no pires e levei a porcelana fina aos lábios.

— Oh, Deus! Está horrível...

— Tenho certeza que sim.

Parei de respirar.

Puxei o ar lentamente para dentro dos meus pulmões. Fazia tanto tempo que não escutava aquela voz. Séculos... Sim, para mim pareciam séculos que não escutava aquele som grave, melódico, sedutor e quente. Descansei a xícara no pires, bati os cílios longos e girei a cabeça na direção do homem que fazia meu coração bater assustadoramente forte.

Lindo! Perfeito! Másculo!

Meu Deus!

Ele era um sonho. Como queria me levantar e sair correndo para os seus braços, como fazia antes. Beijar aquela boca pecaminosa e sentir aquelas mãos grandes acariciando meu corpo. Como queria. Mas só fiquei na vontade. Minha bunda estava colada na cadeira.

— Me desculpe por ter invadido seu quarto, mas a Paulina me disse que você não acordou bem, por isso minha preocupação foi maior do que a minha prudência. — Sinceramente, não prestei atenção em uma só palavra que ele falou, só pensava em correr para os seus braços. Apenas sorri levemente, com um olhar provavelmente abobalhado.

— Felix... — engoli, inspirei. Fiquei tão nervosa que as palavras sumiram, mal conseguia respirar. Coragem, Lhaura. Minha voz interior gritava. — Felix, não precisa se desculpar, este quarto também é seu.

— Acho que nada do que está dentro desta casa me pertence mais, Lhaura. — Deus! Ele disse isso com tanta amargura na voz... Eu me encolhi, tinha me esquecido completamente dos motivos pelos quais ele estava aqui. E quando o encarei com mais firmeza, percebi o seu olhar duro, e me

perdi completamente nele.

— Não precisa ser tão duro. — Baixei meus cílios de propósito, para evitar o seu olhar fulminante. — Esta casa é sua, assim como tudo o que está dentro dela...

— Incluindo você? — Eu o encarei outra vez. Ele levantou uma sobrancelha para mim e era fácil ver como ele estava se segurando para não vir na minha direção, caso eu dissesse, "sim, claro".

— Fez boa viagem? — desconversei. — Já tomou o café da manhã? Se quiser posso pedir para a Paulina preparar algo para você comer. — Ele não respondeu, apenas sorriu levemente. Estava parecendo uma idiota, tentando esconder os meus verdadeiros sentimentos, mas precisava ser forte, não poderia voltar atrás na minha decisão. Felix hoje seria uma página virada na minha vida.

Que Deus me ajude!

— Não, obrigado. Se quisesse, já teria pedido eu mesmo. — A voz dele era dura, e enquanto escutava a sua frieza verbal, revirei os olhos.

— Não é preciso ser rude comigo, Felix. Só fiquei preocupada. Sei que não gosta da comida do avião, e pelo horário, também sei que veio direto para casa.

Felix suspirou.

— Ok, me desculpe, é que... — Ele deu alguns passos na minha direção, embora estivesse um pouco distante de mim até aquele momento.

Não estava disposta a sair do meu quarto, sentia-me tristonha, sem ânimo até mesmo para um simples café com leite e uma fatia de bolo. Por isso, resolvi tomar meu café da manhã aqui mesmo, e com esforço aceitei a sugestão da Paulina para me sentar próximo à grande porta de vidro que dava para a varanda. Daqui podia ver os pássaros brincando entre as flores e as trepadeiras que ficavam na sacada. Pois é, agora ela tentava ser simpática, embora ache que ela faça isso apenas para seguir ordens. Ordens dele... do Felix.

— Então, como faremos? — Alguém tinha que começar essa conversa tão difícil.

Ele me encarou sério. Acho que não esperava que tomasse a iniciativa do assunto. Mas afinal, não foi isso que ele veio fazer aqui? E por que estou me sentindo tão derrotada?

É, meu sonho acabou, a princesa não terá um final feliz.

Cresci em uma casa onde o amor era o alicerce de tudo. Meus pais se amavam imensamente e pude ver isso com mais força quando a mamãe ficou doente. Meu pai era uma fortaleza, lutou e lutou muito, até o fim. Mesmo quando tudo acabou, ele permaneceu amando-a. Só não suportou a dor por muito tempo, e quando não podia mais aguentar, caiu e ficou difícil demais se reerguer, então me tornei as suas muletas. Mesmo que tenha sido por pouco tempo, foi por mim, apenas por mim que ele se manteve em pé. Era amor. Poderia ter perdido a fé no amor ao ver meu pai definhar em consequência dele, foi duro demais, mas mesmo crescendo de maneira difícil, não desisti do sentimento. Sonhava com meu príncipe, sonhava que um dia ele viria me resgatar, até o dia que dei de cara com o Felix Santini. Quando imaginaria que ele seria meu príncipe?

Felix continuava parado, me observando enquanto viajava nos meus devaneios. Estava me sentindo desconfortável com o seu olhar tão duro e sem nenhum brilho. Aquele olhar não era o

mesmo, ele não transmitia nenhuma emoção.

— Então, você já chegou a uma decisão? — Ele colocou as mãos nos bolsos. Nesta posição ele ficava implacável, parecia um ser gigantesco, pronto para pulverizar qualquer ser insignificante.

— Felix, você sabe que estou certa... — Meu Deus! Como era difícil seguir em frente. — Não existe outra saída.

— Você sabe que eu a amo mais do que tudo na minha vida, não sabe?

Ele permanecia me encarando como uma estátua.

— Sim, eu sei. Também amo você.

— Você tem um jeito esquisito de demonstrar isso. — Ele sorriu com ironia e permaneceu controlado demais. Esperava um Felix bufando de raiva.

— Felix, você sabe que eu o amo. Não preciso provar, só que...

— Só que o quê, Lhaura? — Ele deu outro passo à frente e o olhei assustada. — O que preciso fazer para demonstrar meu amor por você? Será que não fiz o suficiente?

— Felix... — Levantei-me e me afastei dele. Caminhei para o outro lado, próximo à porta, assim, se a situação fugisse do controle, poderia fugir o mais depressa possível.

— Porra, Lhaura! Nunca precisei pagar por sexo, nunca precisei, e... — Seus olhos estavam marejados, ele sofria. — E por você, por você, Lhaura, fiz isso. Será que você não imaginou o quanto sofri? Acha que gostava de transar com uma puta? — Ele caminhou até onde eu estava e ficamos frente a frente, meu coração estava quase na boca. — Todas as vezes que me encontrava com aquelas prostitutas, fechava os meus olhos e imaginava que era você, e quando tudo acabava, corria para o banheiro e vomitava. Sentia nojo, raiva e desespero. Não queria fazer aquilo com elas, queria você. Queria a minha esposa, a mulher que amo, mas fazia aquilo para poupá-la, para que você não se sentisse enojada com o seu marido...

Lágrimas brotaram dos seus olhos e escorregaram pela sua face. Senti o tremor do seu corpo.

— Lhaura, Lhaura, você acha mesmo que gosto de bater em você? Caralho, eu a amo. Como é que posso querer machucar algo que amo tanto?

— Mas você me bateu e me machucou, e é por isso que não podemos mais ficar juntos. O seu ciúme é o culpado, entenda isso! — gritei. E quando senti que as suas mãos iam me tocar, fugi de perto dele a passos apressados, ficando atrás de uma poltrona. Ele percebeu e se manteve no lugar onde estava, respirando com dificuldade. Queria que tudo acabasse logo e que ele fosse embora.

— Meu ciúme... Então é o meu ciúme o culpado pela nossa separação. — Repetiu amargamente. — Você não tem nenhuma parcela de culpa, é isso mesmo?

— Não, Felix, dessa vez você não vai me culpar. Nunca fiz nada para que você tivesse ciúmes de mim.

— Tem certeza? — vociferou, apertando as mãos em punhos. Ele estava tentando se controlar.

— Tenho, tenho certeza. Eu o amo, Felix Santini, e não consigo me imaginar com outro homem, mas você fica cego quando um homem fica perto de mim e sei que isso nunca vai mudar.

O encarava enquanto cuspia as palavras na sua cara. Estava tremendo de medo, medo de que ele de repente corresse na minha direção e perdesse o controle.

— Ah, Lhaura Santini, você quer que enumere as suas culpas?

Mas de que merda ele estava falando? Que culpa tinha? Ele só podia estar querendo me confundir.

Ele se aproximou e olhei para os lados com desespero, procurando um caminho de fuga rápida. Mas enquanto procurava uma saída, ele chegou perto, perto o suficiente para que não conseguisse espaço para correr de onde estava. Fiquei encurralada, e só consegui respirar lentamente, segurando-me às minhas últimas forças para não entrar em desespero.

— Fe-Felix, por favor, vamos acabar logo com isso...

Disse tremendo a cada palavra proferida.

— Não, não antes de você escutar o que tenho para dizer. — Senti o calor do seu hálito no meu rosto. Ele estava tão próximo, que se quisesse, poderia tocá-lo e beijá-lo.

— Não sou o vilão dessa história, Lhaura! Não bato em mulher, nunca bati, não antes de você. Pode perguntar a todas as mulheres que se envolveram comigo. Nem durante o sexo, e olha que algumas me pediam para que eu batesse nelas, mas não batia. Fodia com força, no entanto, não aceitava agressão.

— Felix... — Ele circulou a palma da mão no meu queixo e tremi. Não sei se de medo ou de necessidade. Necessidade dele. Acho que estava ficando louca, como podia querer tanto esse homem?

— Lhaura, nunca quis machucá-la, nunca. Todas as vezes que batia em você, sofria, me odiava, e todo esse sofrimento... meu e seu, poderia ter sido evitado.

Como? Como, Felix Santini?

Ele queria mesmo me convencer disso. Olhava para ele com um olhar interrogativo. Seus dedos pressionavam as minhas bochechas e começava a doer.

— Oh, minha Lhaura. — Ele juntou a testa à minha, e o seu perfume começava a me inebriar. Deus, afasta este homem de mim. — Eu me lembro de todas as vezes que fui bruto com você e todas elas poderiam ter sido evitadas, sabia disso? — É, ele queria mesmo me confundir.

— Felix, nós dois sabemos que foram os seus ciúmes descabidos que causaram todos aqueles episódios destrutivos. Não tente encontrar desculpas, pelo amor de Deus! Vamos acabar com essa conversa antes que fiquemos mais feridos do que já estamos.

Tentei me livrar da sua mão e ele afrouxou a força, mas continuou com os dedos circulando o meu rosto, um olhar indecifrável me encarando.

— A culpa foi sua, Lhaura. Você poderia ter evitado todas aquelas cenas...

Empurrei ele. Precisava dar um basta naquela conversa.

— Não. Não, Felix, a culpa não foi minha, e sim da sua falta de controle! — Dei um passo trás, olhei para o meu lado direito e apressei os passos em direção à porta do quarto.

— Lhaura! — Já estava com a mão na maçaneta, mas parei. — Não precisa ter medo de mim, não vou machucá-la, você sabe disso.

— Não, Felix, eu não sei. Nunca sei quando você vai me dar um tapa ou quando vai me dar um beijo, e é por isso que quero o divórcio. — Finalmente criei coragem e disse a palavra.

— Então é isso? Ok, darei o que tanto você quer. — Respirei aliviada, soltei a maçaneta e me virei para encará-lo. — Mas antes, quero que saiba que tudo o que aconteceu entre nós dois, as brigas e os tapas, foram sim sua culpa.

Ele é louco! Agora tenho certeza disso. Como ele podia me culpar, se nunca lhe dei motivos?

— Lembra da nossa primeira discussão? Não foi bem com você, mas com o pirralho que ousou tocar em você na frente da escola. Lembra?

Sim, eu me lembrava. O meu colega só queira me ajudar com os livros que carregava, e aceitei. Não achei nada demais, seria só até o Felix chegar.

— Você sabia que ele era a fim de você e sabia que eu sabia disso, como também sabia que iria buscá-la. Você poderia simplesmente deixar os livros no muro ou no chão e agradecer ao rapaz, despachando-o, mas não, você aceitou e não se deu por satisfeita, ainda permitiu que ele limpasse o seu rosto que estava sujo de chocolate. Poderia até não me importar com a gentileza do rapaz em segurar os seus livros, mas tocar em você foi demais...

Baixei os meus cílios e as lembranças vieram. Naquele dia o Felix quase bateu no rapaz, só não o fez porque o afastei, mas ele ficou tão bravo que ficamos sem nos falar durante todo o almoço. Mas o pior não foi isso, foram os seus gritos dirigidos a mim enquanto estávamos dentro do carro. Ele berrava aos quatro ventos para que ficasse com o rapaz, já que ele não era suficiente para mim.

— Lembrou? Viu como poderia ter evitado toda aquela cena? Posso enumerar todas, mas vamos falar das mais sérias. Lembra quando você convidou as suas amigas e os seus respectivos namorados para um banho de piscina lá em casa?

Como poderia me esquecer? Foi tão humilhante. Ele arrancou meu biquini à força.

— Claro que você se lembra. Agora pense, se você não tivesse vestido aquele biquini tão pequeno, os rapazes, mesmo sendo namorados das suas amigas, iriam te olhar. Mas não, você resolveu vesti-lo e estava quase nua. Quando vi os olhos daqueles moleques em você, fiquei cego. Cego, Lhaura! E você já sabia o quanto eu era ciumento, agora me diga, será que você não poderia ter vestido algo mais comportado?

Eu não sei... não sei, Felix Santini. Não pensei, apenas estava me divertindo com meus amigos, só isso. Mas que droga...

Continuava olhando para ele, mas começava a me sentir culpada.

— E não posso esquecer do dia em que você entrou intempestivamente na minha sala. Estava tão nervoso naquele dia, e a minha esposa resolveu aparecer do nada, atrapalhando uma reunião importante. Ela nem se deu ao trabalho de me avisar e ainda se achou no direito de me acusar. Perdi a cabeça, mas você poderia ter evitado se tivesse me ligado. Juro, Lhaura, teria cancelado aquela merda de reunião só para recebê-la. E dias depois você resolveu me desrespeitar quando mandou eu me foder, lembra?

Sim, lembrava perfeitamente.

— Agora, vamos à noite da festa em minha homenagem. O deputado, lembra dele?

Claro que me lembrava, foi a pior noite da minha vida.

— Lhaura, sei perfeitamente o que fiz naquela noite, e foi a pior noite da minha vida, mas se você tivesse dito não ao deputado, se tivesse simplesmente ignorado ele, não teria machucado você nem ele...

— O quê? — gelei. Sabia que ele tinha feito algo naquele dia, mas... — Felix, o que você fez? Você não... Não, pelo amor de Deus! — Fiquei trêmula.

— Não o matei, se é isso que está pensando, mas ele merecia! Tampouco sujei as minhas mãos, posso pagar para fazerem no meu lugar, mas garanto que ele nunca mais usará aquela mão esquerda. Isso eu garanto.

Quase me engasguei. Felix estava me assustando. Sabia que ele era ciumento e possessivo, mas nunca o vi como um homem perigoso.

Com quem me casei? Não conhecia esse homem.

— E o Raul... o motivo de você pedir o divórcio. Se você não tivesse dado tamanha intimidade a ele, nós não estaríamos tendo esta conversa. Era só ter afastado a mão dele, simples assim. — Nem percebi quando o seu corpo ficou perto do meu, mas ele avaliava meu rosto confuso. — Então você quer o divórcio?

— Quero. — Engoli o bolo que cresceu na minha garganta enquanto os meus olhos se fixavam nos dele.

— Mesmo sabendo que eu amo você e que nunca amarei outra mulher?

— Sim. É o melhor para nós dois, temos que nos afastar... antes que nos tornemos inimigos. Podemos ser amigos e talvez...

— Amigos! Jura? Acha mesmo que seremos amigos? E o que faremos? Vamos sair juntos, você me conta sobre os seus novos namorados e eu sobre as minhas novas aventuras, é isso? Faça-me um favor, Lhaura! Se você acha que quero a sua amizade, não me conhece.

E não conhecia mesmo.

— Quero você, não a sua merda de amizade, e se não posso tê-la, não quero nada que me lembre você. Nada, entendeu? Assim que sair daqui. — Ele se afastou e foi em direção ao closet. Fui atrás. Ele pegou as malas e começou a jogar as suas roupas dentro. — Vou procurar o advogado e pedir para que ele resolva a nossa situação o mais rápido possível... E vou embora dessa cidade.

Por essa não esperava.

— Como assim, Felix? Você não precisa fazer isso. E as suas empresas, e os seus pais?

— Meus pais não precisam de mim. Quanto às minhas empresas, posso administrá-las em qualquer lugar do mundo, mas não vou tão longe, comprei duas fazendas no interior de São Paulo e farei de uma delas a matriz das minhas empresas. Não quero nada que me lembre você, Lhaura.

Não estava conseguindo administrar toda aquela informação e estaria mentindo se dissesse que

não me incomodava com ela. Também estaria condenada se o deixasse saber que não queria que ele fosse embora, que na verdade o queria perto, pois tinha a esperança de que ele mudasse e assim talvez pudéssemos recomeçar algum tempo depois. No entanto, talvez ele estivesse certo, era melhor mesmo ficarmos bem longe um do outro.

— Quando pretende ir? — O tom da minha voz embargou. Até tentei disfarçar limpando a garganta, mas ele percebeu.

— Não se preocupe, Lhaura, não vou deixá-la desamparada, você terá todos os seus direitos garantidos. Pode ficar morando nesta casa, só não pode vendê-la. Você terá também uma pensão mensal...

— Não quero nada — disse rapidamente, e não queria mesmo, não me casei com ele por causa do dinheiro. Podia perfeitamente arrumar um emprego e me sustentar. — É sério, não quero nada. Nem pensão, nem casa, nada...

Ele arqueou as sobrancelhas, me encarando.

— E viverá do quê? Será professora de música? Aqui? Acho que não será uma boa ideia. É melhor deixar o orgulho de lado, Lhaura. Aceite os seus direitos.

— Não, não quero nada. Enquanto não encontrar um emprego, ficarei morando com o papai, acho que ele ganha o suficiente para me sustentar, principalmente agora...

— O quê!? Acha mesmo que manterei seu pai nas minhas empresas? Claro que não. — Quase caí, precisei me segurar nas prateleiras do closet. Felix não estava falando sério. — Ah, não! Você achava mesmo que deixaria o seu pai nas minhas empresas?

Ele largou as roupas dentro da mala, colocou as mãos nos quadris e me encarou.

— Achei. Por Deus, Felix! Meu pai não tem culpa que o nosso casamento não deu certo, afinal ele é um excelente profissional, não é à toa que você o promoveu. Não faça isso, Felix, você vai destroçar meu pai.

Estava quase chorando, pois sabia que se meu pai perdesse o emprego, ele entraria em depressão novamente e isso seria o seu fim. Não podia perdê-lo.

— Sinto muito, Lhaura, mas quando disse que não queria nada que me lembrasse você, estava incluindo seu pai. Principalmente ele, portanto acho melhor aceitar o que você tem direito. Hoje mesmo ele será avisado sobre a sua demissão e voltará para o Brasil.

Ele voltou a jogar as roupas nas malas e sequer me olhava. Ficou calado como se nada estivesse acontecendo, como se nada do que disse tivesse me atingido como um raio mortal.

— Felix, por favor! Poupe meu pai, ele adora você. Não faça isso, se isso acontecer a vida do meu pai acaba. Esse emprego é tudo para ele, ele se reergueu, voltou a viver. Por favor, pelo amor que você diz sentir por mim, não o demita...

— Jura! — Ele jogou as roupas de qualquer jeito no chão, deu dois passos na minha direção e as suas mãos grandes seguraram os meus ombros enquanto os seus olhos frios me encararam.

— E quanto a mim? Quem vai pensar em mim? Você não pensa? Será que não percebe que conviver com seu pai será o mesmo que enfiar uma faca no meu peito todos os dias? Não, Lhaura,

definitivamente não. Seu pai será demitido assim que chegar no meu escritório, nem um minuto a mais.

Felix me soltou e voltou a jogar as roupas de qualquer jeito dentro das malas. Eu via os cabides vazios, as gavetas abertas sendo esvaziadas, sapatos sendo jogados em malas. Tudo estava ficando vazio, assim como eu. Já conseguia ver meu pai bebendo outra vez e se trancando no seu quarto. Já escutava o seu choro, a sua voz ébria... Não, não suportaria isso outra vez, não suportaria a dor do meu pai querido.

— Lembre-se, Lhaura, não fui eu quem quis o divórcio. — Ele fechou duas malas, depois mais duas.

Ele ia embora mesmo.

Passou por mim e foi em direção às gavetas das cômodas. Começou a fuçar tudo e o que era dele foi colocando em uma mala menor.

— Felix, por favor, não demita meu pai...

— Eu sinto muito, mas não posso atender ao seu pedido.

Ele voltou para o closet e antes que pegasse a próxima mala, engoli em seco. Abri e fechei os olhos. Inspirei.

— Não quero mais o divórcio — verbalizei. Felix parou. Ficou imóvel por longos minutos, e quase como que em câmera lenta, ele se virou e veio na minha direção.

— Você não pode brincar comigo, Lhaura. Não se aproveite do meu amor, não é bem assim. — Deus, mal podia encará-lo. — Não sou o seu brinquedo, minha querida.

Ele não se parecia com o Felix com quem tinha me casado, esse Felix era diabolicamente frio.

— Não estou brincando, não quero mais me divorciar.

Oh, meu Deus! As suas mãos seguraram os meus ombros e senti a força dos seus dedos pressionando a minha pele fria.

— Ok, então me responda olhando nos meus olhos, por que você não quer mais o divórcio?

— Porque amo você...

— Diga isso olhando nos meus olhos, Lhaura! — exigiu.

Meus cílios se ergueram lentamente. Lutava contra as lágrimas, contra o meu medo.

— Porque amo você... — A quem eu queria enganar? Felix não era bobo, mesmo que o amasse, ele sabia que o motivo não era esse.

— Mentirosa. Você pode até me amar, mas só desistiu do divórcio por causa do seu pai. Negue isso, Lhaura!

— Eu o amo, você sabe disso. Por favor, acredite. — Estava quase me ajoelhando aos seus pés.

— Está bem, Lhaura. — Ele se aproximou e seu rosto ficou bem rente ao meu, e nesse momento eu me senti acuada. — E se jurar que não vou demitir seu pai, você continuará casada comigo?

Baixei os cílios e deixei as lágrimas caírem. Não podia mentir para ele. Por mais que o amasse, não poderia ficar com ele, nosso casamento tinha fracassado, não havia mais harmonia.

— Não precisa responder, seu silêncio já disse tudo. — Ele se afastou, manteve uma distância bem razoável de mim, e vi quando escovou os cabelos com os dedos e me encarou outra vez. — Eu a amo tanto, Lhaura! A minha vida perderia o sentido sem você, nada valeria a pena sem você ao meu lado. Por você, Lhaura, abriria mão de toda a minha fortuna. Não me importaria de ficar pobre, se você estiver ao meu lado recomeço do zero, você é tudo para mim.

Ele ficou em silêncio, eu também. No nosso conturbado momento, só escutava meus soluços abafados e a respiração pesada dele.

Levou apenas uns três minutos antes de escutar a sua voz grave e controlada novamente.

— Lhaura. — Seu tom de voz era duro e me fez olhar para ele. — Eu sei que os seus verdadeiros motivos para desistir do divórcio não estão ligados ao amor que sente por mim. Sei também que talvez o seu amor não seja proporcional ao meu, pois eu a amo mais do que tudo nesse mundo. Por isso, preciso perguntar, você quer mesmo desistir do divórcio?

Queria dizer não, pois sabia que se ficasse, seria a minha perdição. Eu me tornaria escrava do amor dele, e a partir daquele dia a minha vida nunca mais seria a mesma. Algo dentro de mim avisava... fuja... corra.

— Quero. Quero desistir, não quero me divorciar de você.

— Tem certeza?

— Tenho

— Venha cá... — Deus, eu tremi. Tentei mover as minhas pernas, mas congelei, então o vi dar alguns passos.

Pisquei quando ele estendeu a mão e me puxou. Visualizei toda a minha liberdade indo embora, e pensei no que ele faria comigo.

Será que seria esmagada pelas suas mãos?

Será que ele se vingaria por tê-lo feito passar por esses momentos tão difíceis?

Não me importei e aceitei meu destino, desde que meu pai fosse poupado. Ele baixou a cabeça e selou a boca sobre a minha. Assustei-me, pois não era isso que esperava. Não um beijo com essa ternura, com tanto amor. Sendo assim, deixei-o pegar o que ele queria.

Apesar do medo que sentia do desconhecido, ainda o amava, e amava muito. Mesmo sabendo que tudo isso era doentio, tanto o meu amor quanto o dele, era tarde demais. Entreguei a minha alma para o diabo e agora pertencia a ele, sendo assim, só tinha que aceitar. Ele esfregou a língua ao longo da curva do meu lábio inferior e ergueu a cabeça, me deixando sem fôlego e tonta.

— Amo você, nunca se esqueça. Ficar longe de você não será mais uma opção. A partir de hoje, não se fala mais de divórcio nessa casa. Eu te dei a chance de ir, mas agora você é minha, pois nunca mais a deixarei partir.

O que iria dizer ou fazer? Selei meu destino. Agora precisava aceitar e conviver com isso da melhor forma possível. Mas sabia que a nossa vida nunca mais seria a mesma.



28

Dei-lhe um sorriso morno enquanto via os seus olhos varrendo meu rosto. Ele tentava ver através das minhas emoções, que naquele momento não passavam de um borrão perturbador de nuvens escuras. Queria voltar ao passado, queria fazer do jeito que ele disse...

Queria ter evitado todos aqueles episódios.

Mas que diabos acabei de pensar?

Estou me culpando mesmo, é isso?

Não, Felix Santini, você não vai entrar na minha mente, ela ainda me pertence. Encarei o diabo com firmeza, tentando não o deixar perceber o quanto estava me afetando.

— Felix, acabou. Agora estamos juntos e é o que importa.

Tentei ser o mais firme possível.

— Lhaura... Por favor, não tenha medo de mim. — A voz dele estava próxima e quando percebi, ele já estava de joelhos diante de mim, segurando as minhas mãos e com lágrimas transbordando dos seus olhos.

— Felix, por Deus, não! Levante-se, não faça isso — supliquei, tentando levantá-lo, segurando as suas mãos e puxando-as.

— Não, Lhaura, preciso ouvir que você me perdoa. Por favor, me perdoe por todos os momentos que a fiz sofrer, por todas as violências, por tê-la machucado, não só fisicamente, como também em seu lindo coração. Sei que não mereço ser perdoado e sei que sou um monstro cruel, mas...

Ele escondeu o rosto entre as minhas mãos e soluçou. Podia sentir as lágrimas molhando a minha pele. Foram minutos perturbadores até que ele voltou a me encarar. Aqueles olhos lindos marejados, sofridos, eram de pura dor.

— Perdoe-me, perdoe-me.

Fiquei tensa automaticamente.

— Felix, não faça isso, não precisa. Estamos bem e ficaremos bem.

— Não, Lhaura, não estamos bem e só ficaremos bem se você me perdoar, caso contrário, não conseguirei nem tocar em você, pois toda vez que tentar você vai recuar, como fez há poucos instantes.

Ele tinha razão, nós não estávamos bem, estávamos longe disso. Algo dentro de mim estava travado e se quisesse mesmo que este casamento desse certo, precisava aceitar a minha rotina de volta.

— Eu o perdoo. Perdoo você, Felix. Era isso que você queria ouvir. Agora se levante, não gosto de vê-lo assim.

Só queria que aquela cena acabasse.

— Lhaura. — Ele continuava de joelhos, segurando as minhas mãos, apertando-as com desespero. — Juro, juro que nunca mais tocarei um dedo com violência em você...

Quantas vezes ele já jurou isso?

Já havia perdido as contas. Não, não acreditava em uma palavra do que ele dizia.

— Nunca mais, Lhaura. Você pode até não acreditar, mas vou provar que estou sendo sincero.

— Levante-se, Felix, acredito em você. — Mentira, já estava tão calejada das suas promessas que elas eram como palavras ao vento.

Ele se levantou. Ficamos frente a frente. Suas mãos envolveram o meu rosto e fixamos o nosso olhar por alguns instantes. Ele estava tremendo, eu também.

— Vamos esquecer o passado. — Fácil para você, não é, Felix? Não foi você quem apanhou. — Se quisermos que o nosso casamento dê certo, temos que esquecer tudo. — Ele leu meus pensamentos. — Não podemos continuar remoendo antigas mágoas, façamos de hoje o primeiro dia das nossas vidas. Começaremos do zero, certo?

— Certo. — Ele uniu a testa à minha, nariz com nariz.

— Senti tanto a sua falta, que pensei que ia morrer. Em alguns momentos cheguei a discar o número do seu celular e dizia para mim mesmo que era só para escutar a sua voz, mas desistia antes de terminar, pois sabia que se a escutasse, pegaria o primeiro voo e voltaria para casa, suplicando perdão.

Ele beijou suavemente os meus lábios enquanto seus dedos acariciavam meu rosto. Aquilo era uma tortura, porque me lembrava dos nossos momentos de amor, do carinho dele, da dedicação, dos cuidados e da atenção, e acabava me esquecendo de toda maldade para me concentrar no seu amor. Mesmo que o meu interior gritasse que o amor dele era venenoso.

Será que isso é normal?

Como podia amá-lo tanto assim?

Como podia deixar que algo tão ruim dominasse o meu coração?

Deus, com certeza estava ficando louca.

Seus lábios se separaram dos meus, e juro que não queria terminar aquele beijo. O beijo dele fazia com que esquecesse de tudo. Só queria seu amor, seu corpo e o seu calor.

— Nunca mais darei motivos para que queira ir embora, nunca mais. — Ele me beijou outra vez, agora com mais força, com mais amor. Senti o sabor gostoso da sua língua, senti o poder pulsante da sua ereção na minha barriga e o seu cheiro gostoso e sedutor.

Quase dobrei os joelhos.

As minhas mãos, que antes estavam na lateral do meu corpo, espalmaram o seu rosto e meus dedos fizeram o mesmo que os dele estavam fazendo... Carinho.

— Lhaura. — Ele afastou um pouco a boca para sussurrar meu nome. — Amo tanto você, tanto. — Eu o puxei e o beijei com paixão.

A Lhaura forte e decidida se rendeu ao diabo.

— Também o amo e quase morri de saudades também. — Paramos de nos beijar, mas ficamos com as testas coladas, respirando apressadamente. — Não dormia e nem comia direito, perdi o ânimo até para me levantar da cama...

Ele me beijou novamente. E desta vez as suas mãos desceram desenhando as curvas do meu corpo, e as minhas deslizaram para a sua nuca, apertando-a. Mãos afoitas buscaram os meus seios, a minha bunda, a minha vagina. O fogo do desejo ardia nas nossas veias e bombeava nosso sangue tão rapidamente que o sentia perfurar a minha pele.

— Por Deus, Lhaura! Você me deixa insano, como a quero! — Sua boca desceu pelo meu pescoço até alcançar um dos meus seios, e mesmo por cima do tecido de algodão do pijama, senti o pequeno chupão.

— Oh, que saudade! — Apertei os lábios e puxei um ofego enquanto articulava as palavras.

Felix se ajoelhou, escorregando a boca pelo meu ventre. As suas mãos baixaram a calça do meu pijama e a minha calcinha, e finalmente pude sentir o calor da sua boca no meu sexo.

— Jesus! — ofeguei enquanto os meus dedos se embrenhavam nos fios dos seus cabelos.

— Abra as pernas, meu amor, quero matar a minha sede de você. — Obedeci e me deixei ser seduzida pela sua boca esperta.

Felix me sugou, me mordeu e me lambeu. Ele sabia perfeitamente como usar a boca em mim, conhecia cada ponto da minha intimidade, e quando percebi, já estava deitada na nossa cama, com as pernas esparramadas e o seu rosto entre elas. Não sei em que momento ele me levou para lá, já que me lembro de estar em pé e agora estava na cama. Não queria saber, só queria aquela boca e língua me levando à loucura. Fui tomada por uma energia e por um calor que fazia meu útero contrair. Era gostoso demais, intenso demais, e quando dei por mim, estava gritando de prazer, um prazer incompreensível.

O tempo parou para nós. Ainda sentia as contrações do meu útero pelo prazer vertiginoso quando a boca do Felix, toda lambuzada do meu prazer, se uniu a minha em um beijo devasso.

— Minha princesa, adoro ouvir os seus gritos de luxúria, eles são música para meus ouvidos. — Ele sorriu encantadoramente e depois me beijou. — Juro que se não tivesse um compromisso inadiável, faria amor com você, porque é o que o meu corpo está pedindo.

Confesso que fiquei decepcionada, pois era exatamente o que queria.

Ele se levantou e me puxou. Vestiu a minha calcinha e a calça do meu pijama. Beijou a minha testa e ajeitou sua ereção na calça.

— Por que não toma um banho? — Tentei disfarçar meu desejo, tentando não olhar para o tamanho da sua protuberância. Mas ele percebeu.

— Não me olhe assim, querida. Juro que mandarei os gringos se foderem só para passar o dia inteiro com você. — Ele me agarrou, mordendo o meu queixo e esfregando o corpo no meu.

— Felix, se não quer perder a sua reunião, é melhor parar de me provocar.

— Que saudade disso. — Ele parou e me encarou com um olhar apaixonado.

— Isso o quê? — perguntei inocente. Na verdade, não sabia mesmo.

— Do seu desejo por mim, do seu olhar apaixonado.

— Eu o amo, você sabe disso. Só não gosto...

— Shhh, não. Não pense mais nisso. Acabou, agora será só amor.

Eu o beijei. Queria muito acreditar, muito.

— Tenho que ir — ele disse se afastando. — Ah, antes que esqueça, vamos a uma festa hoje à noite.

— Festa? — Fiquei decepcionada, pensei que ficaríamos a noite toda nos amando.

— Ei, que carinha é essa? — Ele me conhecia tão bem. — Teremos todo o tempo do mundo para matarmos a saudade. Juro que se pudesse, não iríamos, mas é muito importante.

— Outra homenagem? — Não tinha lembranças boas da última festa em que fomos, por isso não gostei muito da novidade.

— Quase. Será na casa do governador, por isso a quero maravilhosamente bela.

Ele se afastou e foi para frente do espelho ajeitar a gravata e a camisa, e em certo momento os seus olhos me encararam.

— Não se preocupe, não vou decepcioná-la. — Ele percebeu a minha tristeza e veio até mim, circulando os braços na minha cintura e me olhando nos olhos.

— Minha querida, não se preocupe, nada de ruim vai acontecer nesta festa, prometo. — Senti outra vez o sabor dos seus lábios sobre os meus. — Agora venha, acompanhe seu marido até o carro.

Descemos as escadas de mãos dadas. Parecia que nada tinha acontecido, era como se o ontem não... tivesse existido.

— A propósito, não se preocupe com a roupa. Providenciarei isso, conheço pessoas que podem trazer uma dezena de vestidos lindos para que você possa escolher, e vou pedir a Miranda que venha maquiá-la. Preocupe-se só em descansar.

Ele podia até mudar seu lado ciumento, mas o seu lado controlador, pelo que pude perceber, não mudaria.

— Felix, tenho um closet cheio de vestidos que nunca foram usados, e que por sinal, ainda estão com as etiquetas. O que faço com eles?

— Doe-os, quero tudo novo. — Ele beijou a minha boca. — Esqueceu que estamos começando do zero? Nada do passado virá conosco. Sabe as minhas malas? Nem precisa desfazê-las, doe-as também.

— Felix... — Ele entrou no carro, piscou um olho e pôs o carro em movimento.

— Não venho almoçar, mas virei buscá-la às dezenove horas.

Ele acenou e foi embora enquanto me olhava através do retrovisor. Acenei de volta e esperei

que o carro desaparecesse. Respirei fundo e voltei para meu quarto. Assustei-me com a visão da bagunça, com as roupas e malas espalhadas pelo carpete e closet. É, ficaria ocupada pelo resto da manhã e início da tarde.

Após o almoço, terminei de arrumar a bagunça que o Felix fez. Deixei as malas em um canto do closet. Não sei se ele falou sério quando disse para doar todas as roupas que estavam dentro delas, então achei melhor deixar como estavam. Cansada, tomei um banho e me deitei um pouco. Felix ainda não tinha me ligado, e de acordo com o que ele disse, a reunião era mesmo muito importante.

Já estava quase cochilando quando meu celular tocou. Pensei que era o Felix, por isso atendi sem olhar o identificador.

— Felix...

— Não me confunda com aquele estrume. — Era a Margot.

— Não fale assim dele, Margot.

— Eita, já vi tudo. Você se deixou ser enganada outra vez, Lhaura! Pelo amor de Deus, cai fora desse casamento. Não seja boba!

Sabia que ela não me apoiaria. Por isso resolvi nem explicar os motivos pelos quais desisti de me divorciar.

— Eu o amo, Margot, e acho que nosso amor merece uma segunda chance. Sei que você não aceita isso, mas respeite as minhas escolhas. — Ela ficou em silêncio.

— Ok, minha amiga, mas quero que saiba que se precisar de mim, a hora que for, é só me ligar irei correndo com um machado na mão para rachar a cabeça daquele cretino.

— Margot — ralhei. — Às vezes, nem acredito que você era fã número um do Felix.

— Pois é, o meu amor platônico por ele acabou no dia em que o vi gritar com você.

Desconversei e passamos a falar sobre outras coisas. Ela me disse que estava entrando de férias da faculdade, pois era o fim do semestre, e que ia aproveitar para visitar a Belle em Portugal. Disse que tinha esperança de me levar junto e estraguei tudo. Rimos juntas. Levamos cerca de quarenta minutos falando bobagens, e no final ela terminou me apoiando e repetindo que se precisasse dela bastava chamar.



29

Às três horas da tarde as moças da boutique chegaram com alguns vestidos escolhidos pelo Felix, e eram todos lindos de cair o queixo. Ele tinha um gosto requintado, e gostava disso, pois não saberia mesmo escolher um vestido de festa tão extraordinariamente belo.

Entre tantos modelos, foi difícil escolher só um para ir à festa. E para não errar na escolha, optei por um longo preto com fios dourado brilhantes, que era justo e sem decote, mas que deixava meus ombros à mostra e seguia as curvas do meu corpo. Sexy, sem ser vulgar e chamativo. Estava saindo do banho quando escutei ao longe o som do meu celular. Meu coração disparou e sabia que era o Felix. Vesti o roupão rapidamente e fui atender.

— Oi. — Estava quase tendo uma taquicardia, sempre ficava assim quando o assunto era o Felix. Ele me deixava trêmula, ansiosa e necessitada. Ele se tornou um vício, algo que sabemos que nos faz mal, mas do qual não conseguimos nos livrar.

— Nossa! Estou morrendo de saudade da sua voz e de você. Por diversas vezes quase encerrei a reunião só para ligar para você. Perdoe-me, meu amor, sei que ficou esperando a minha ligação.

Ele sabia marcar presença. Sabia como fazer que me apaixonasse por ele a todo momento.

— Eu sabia que você estava ocupado. — Calei-me, mas queria dizer uma porção de bobagens melosas. Ainda estava receosa, ainda estava insegura com a nossa situação, então me restringi a apenas dizer o necessário.

— Meu amor, para você nunca estou ocupado, você é a minha principal prioridade. Contudo, hoje fiquei preso com cinco gringos chatos e exigentes, mas valeu a pena, e tudo isso devo a você.

— A mim! Como assim?

Não sei o que tinha a ver com isso, sequer sabia qual era o motivo da tal reunião.

— Você saberá na hora certa. — Escutei a voz da secretária dele o chamando. — Você está bem? Precisa de algo? Gostou dos vestidos? — Ouvi quando ela disse que a reunião iria recomeçar, como também escutei a sua resposta, "eles que esperem". Nesse momento soube qual era a sua prioridade: eu.

— Estou bem. E sim, adorei os meus vestidos, só espero não te decepcionar com a minha escolha e com o que usarei na festa.

— Meu amor, o que escolher será maravilhoso, tenho absoluta certeza. Às dezenove horas vou buscá-la, agora tenho que ir. — Ele fez uma pausa. — Lhaura, não esqueça, amo você.

Como esqueceria? Ele repetia esse mantra a cada segundo que estava comigo.

— Eu... eu também amo você. — Escutei-o soltar a respiração como se fosse um alívio ouvir a minha declaração.

— Até mais, meu amor.

Ele desligou antes da minha resposta. Sinceramente, não sabia o que fazer. O amava, o queria, e sim, queria a nossa vida de volta, no entanto, depois de tudo o que passei, tinha medo de que a qualquer momento o Felix violento ressurgisse das cinzas. Não sei se isso era normal, não sei se havia mulheres passando pelos mesmos sentimentos contraditórios que os meus. Queria tanto que o meu casamento desse certo. Fiz tantos planos para nós dois, sonhei com os nossos filhos...

Meu Deus! Será certo perdoá-lo, amá-lo?

— Senhora! — Paulina batia na porta do meu quarto.

— Sim, Paulina — respondi.

— A senhorita Miranda já chegou, posso mandá-la subir?

— Pode sim, obrigada.

Enquanto a esperava subir, fiquei em frente ao grande espelho e comecei a pentear os cabelos. Escutei o som de batidas na porta.

— Entre, Miranda.

— Desculpe a demora, estava atendendo a esposa do prefeito. — Nesse momento me virei e ela me encarou admirada, e não entendi.

— Algum problema, Miranda?

— Não, é que... — Ela me observava com curiosidade, me olhava detalhadamente.

Então finalmente entendi. Ela não via machucados no meu rosto e corpo. Acho que esperava me encontrar com hematomas horrendos.

— Desculpe, é que estou acostumada a ser chamada pelos Santini para encobrir algo que eles querem esconder desesperadamente.

Devo ter ficado rubra, pois sabia perfeitamente do que ela estava falando. Porém não entendi por que falou no plural.

— Desta vez, está tudo bem, Miranda. Mas por que você disse os “Santini”? Que eu saiba só existem duas senhoras Santini, eu e a Sophia.

— Sim, ela mesma...

— Como assim...? — Não queria acreditar na sua insinuação. Ela continuava me olhando seriamente. — Não! Você só pode estar brincando, a Sophia não...

— Sim, costumava frequentar muito aquela casa, e graças a Deus acho que o senhor Santini finalmente baixou a mão.

Procurei um lugar para me apoiar. Miranda, me vendo cambaleante, foi me ajudar. Ela me levou até uma cadeira e me sentei.

— Você... você... — Engoli, abri e fechei os olhos, balancei a cabeça para espantar os meus pensamentos. — Não quero acreditar que...

— Pois acredite, a sua sogra apanhava feio do marido. Acho que ele agora parou, pois faz tempo que não sou chamada.

Ela começou a pentear os meus cabelos, e enquanto fazia isso, meus pensamentos iam de encontro às cenas que tinha presenciado dos meus sogros juntos. Eles sempre pareceram super apaixonados, principalmente ele.

O Senhor Santini era sempre atento, carinhoso, cuidadoso. Os olhares que um dava ao outro eram de puro amor. A senhora Santini parecia flutuar quando estava ao lado do marido, ela sorria para ele com fascínio, em completa devoção.

Lembro-me que um dia a Belle fez um comentário dizendo que se um dia se apaixonasse, ela gostaria que o seu amor olhasse para ela do mesmo jeito que o senhor Santini olhava para a esposa. Eles eram um exemplo de amor e respeito por toda a cidade. Não, não podia acreditar... era cruel demais.

— Miranda, é brincadeira, não é? Porque se for, não tem a menor graça.

— Não, não é. Trabalho há bastante tempo para os Santini, recebo um salário para manter o bico fechado todo mês, e em todas as minhas visitas recebo uma bonificação extra. Acredite, eles são muitos generosos. Com a generosidade deles consegui comprar um belo apartamento e um carro importado, zero quilômetro. Não se espante, depois dos Santini fui indicada para muitas madames da região, senhora Lhaura. Não é só mulher pobre que apanha dos maridos e dos pais, a diferença é que as ricas têm como esconder.

Meus cabelos foram presos e uma bandagem foi amarrada na minha cabeça para evitar que os fios atrapalhassem a maquiagem.

— Não entendo por que elas continuam casadas com os seus carrascos. Por que não dão um pé na bunda deles? Por que continuam aceitando serem açoitadas? Muitas ficam tão machucadas que levava horas para acertar a maquiagem, e elas ficavam parecendo outra pessoa depois de prontas. Sabe, senhora Lhaura... — Ela começou a limpar a minha pele e percebi que hoje estava tagarela demais. — Se uma pessoa toma a decisão errada, tem que estar preparada para o que virá lá na frente. Hoje é um tapa, amanhã um murro, e depois pode ser um tiro ou uma facada, a senhora entende?

Suas palavras sobre ter coragem ou tomar a decisão errada e saber lidar com as consequências dançaram na minha cabeça.

— Às vezes é preciso ser muito forte para dar o primeiro passo, é como estar na beira de um precipício e saber que lá no fundo há um rio. A senhora sabe que é só questão de tempo para cair, então o melhor a fazer é olhar para baixo e escolher um lugar onde não vá se machucar tanto, mas se esperar demais, um vento mais forte pode jogá-la precipício abaixo de qualquer jeito.

Balancei a cabeça. Hoje ela estava com a língua solta, porque realmente cada palavra que disse soou como um conselho.

— Desculpe, acho que estou me intrometendo onde não fui chamada. Esqueça, mas por favor, se por acaso a senhora tiver uma oportunidade de se libertar, não pense duas vezes. Quebre as correntes com os dentes, e se for possível, corra sem olhar para trás, porque às vezes as pessoas se acostumam com as correntes e ficam reféns para sempre.

Ela se calou. Engoli o enorme bolo que cresceu na minha garganta. O que ia dizer? Eu já sabia

de tudo o que ela estava falando. Só não podia fugir, pois já estava prisioneira, já tinha virado uma refém.

Escrava do demônio.

Apaixonada pelo meu opressor.

Que destino o meu.

— Qual é o vestido que vai usar, senhora?

— Por favor, Miranda. Depois desta nossa conversa, acho que não precisa me chamar de senhora. Me chame de Lhaura. — Ela sorriu e senti a carícia da palma da sua mão nas minhas costas. — É aquele ali na cama. — Indiquei com o olhar.

— Ele é lindo, então vamos caprichar nos seus olhos e destacar essa luz que está saindo deles.

Após a maquiagem ela me vestiu, me ajudou com as sandálias e, por último, se dedicou aos meus cabelos. Ela fez uma linda trança lateral embutida. Escolhi usar um brinco de diamantes bem delicado e discreto para ornamentar as minhas orelhas, em conjunto com uma pulseira da mesma pedra.

— Pronto. Minha nossa! — Ela me olhava com admiração. — Com certeza você será a mulher mais bela da festa.

— Tenho certeza de que haverá muitas tão ou mais belas do que eu, mas estou satisfeita e acho que não farei feio. Obrigada, Miranda. Agora posso dizer que você é muito mais do que a minha maquiadora.

— Conte comigo para o que precisar, Lhaura. Basta me chamar. — Eu a abracei, com a certeza de ter ganho uma nova amiga.

Ela já estava fechando a mala quando Felix me ligou, avisando que já estava me esperando em frente ao hall de entrada. Miranda foi na frente, pois queria me preparar antes de descer. Era a segunda vez que iria a uma festa com o Felix. A primeira foi um desastre e estou com medo de que esta também seja, pois o ciúme dele não permitiria olhares de homens na minha direção.

O arrependimento bateu imediatamente e fiquei com vontade de trocar o vestido. Deveria ter escolhido um modelo bem discreto, neutro, algo que não deixasse tão evidente as curvas do meu corpo. E a maquiagem, deveria ter optado por uma básica.

Bem, que Deus me ajude!

Desci as escadas com as pernas tremendo e nem sei como consegui chegar até o andar inferior.

E lá estava ele.

Lindo, másculo, com um olhar indecifrável, me observando. Precisei de muito esforço para sorrir quando, na verdade, queria voltar para o quarto e me esconder.

Parei e esperei.

Ele veio na minha direção, com as mãos atrás do corpo. Parecia um predador faminto. E quando finalmente mostrou as mãos... suspirei. Um lindo buquê de rosas vermelhas, mas havia algo dentro dele.

— Pegue — ele articulou sorrindo encantadoramente. Peguei. — Abra. — Abri a caixa aveludada e quadrada, que já imaginava o que era.

— Felix, minha nossa! Que exagero! Elas são... são lindas! — Um conjunto de colar com gotas de safiras e de brincos longos com pequenos diamantes e uma pedra de safira em forma de gota na ponta.

— Deixe-me colocá-los em você. Quando vi esse conjunto, pensei nos seus olhos. — Seus dedos longos tocaram a pele sensível do meu pescoço e os meus pelos se eriçaram imediatamente. Ele retirou o colar que usava e em seguida os brincos, substituindo-os pelos que tinha comprado. — Uma joia em outra joia. — Ele beijou a minha testa e em seguida os meus lábios. Fui levada até o espelho da sala, e vi o brilho das pedras refletindo através dele. Realmente eram lindas.

— São lindas. Eu amei, obrigada. — Ele estava atrás de mim, observando meu rosto, e podia até sentir a sua respiração na minha nuca. Logo em seguida, me deu um beijo e uma suave mordida ali. Encolhi o pescoço e o ombro com a sensação excitante que aquele gesto tão simples me causou.

— Lhaura, faria amor com você agora se esta festa não fosse tão importante. Não estou conseguindo me segurar de tanto tesão, sinta como estou. — Ele roçou a grande ereção nas minhas costas, logo acima da minha bunda. E apenas ofeguei. Era estranho, eu o queria, mas algo em mim também o rejeitava e não conseguia entender. Por que estava me sentindo dessa forma em relação a ele? O amava, e amava muito, mas estava com receio de me entregar.

Percebendo a minha reação ele se afastou.

— Está pronta? Podemos ir? — Sua mão espalmou as minhas costas e fui guiada até o carro, e para minha surpresa, havia um motorista – que não era o Raul – nos esperando.

Não fiz perguntas, apenas me deixei ser levada. O motorista nos deixou em uma das fazendas do Felix, em um campo de voo, e até então não sabia que o Felix tinha um jato, fui surpreendida. Olhei para ele como se lhe perguntasse: *Desde quando você tem um avião?*

— Comprei há pouco tempo. É a primeira vez que estou usando, ainda não tinha toda a documentação necessária. — Ele leu os meus pensamentos. E em menos de vinte minutos chegamos em Cuiabá, onde outro motorista nos aguardava.

Nós terminamos o resto da viagem até o local da tal festa em silêncio, tanto eu, quanto o Felix presos nos nossos próprios pensamentos. Estava preocupada com o comportamento possessivo e ciumento dele e ele certamente também estava preocupado com o meu comportamento. Queria perguntar sobre a festa, qual era a história por trás dela, mas achei melhor me manter quieta e tentar segurar a tremedeira que começava a me incomodar.

O carro parou em frente a um enorme portão de ferro e levou alguns minutos para dois seguranças surgirem e pedirem a identificação. Felix mostrou um cartão e o segurança passou no leitor, só depois nós entramos. Então pude ver o imenso casarão, todo iluminado, com muitos carros luxuosos estacionados. Felix me ajudou a descer e os seus dedos se entrelaçaram nos meus.

— Acalme-se, minha querida. Vai ficar tudo bem, confie em mim. — Da maneira que estava tremendo, ele logo percebeu meu nervosismo.

Com certeza aquele imenso casarão não era a residência do Governador, pois não havia

evidências de que alguém morasse ali. O luxo predominava em todo o ambiente, uma pequena orquestra tocava músicas clássicas, e amei isso. Homens e mulheres luxuosamente vestidos desfilavam pelo salão. Alguns dançavam, outros estavam agrupados em mesas ricamente decoradas. Andamos entre elas e as pessoas nos olhavam admiradas. Felix parecia um pavão orgulhoso, sério e dominante. Ele me conduzia como se fosse uma rainha, a segurança do aperto dos seus dedos sobre os meus e a carícia que eles faziam na minha pele acalmaram os meus nervos. Alguns segundos depois pude ver seus pais acenando para nós. Quando chegamos na imensa mesa para dez pessoas, meu sogro, o senhor Santini, se levantou e veio me beijar. Nunca mais iria olhá-lo com os mesmos olhos. Não depois do que descobri hoje. Ele batia em Sophia e ela aceitava...

A ficha caiu.

Nós éramos iguais, então quem sou eu para lhe apontar o dedo? Permitia a violência, assim como ela.

Mesmo assim, foi difícil aceitar o beijo do meu sogro e o seu carinho. Olhava para a mão dele acariciando a mão da Sophia, e ela toda feliz ao lado dele, recebendo afagos e beijos discretos. Se eu lhe contasse que o filho dela fazia o mesmo comigo, que me batia, o que ela diria ou faria? Certamente não me aconselharia a denunciá-lo, já que ela mesma nunca denunciou o marido.

— Está tudo bem, querida? — Felix desviou os meus pensamentos com um beijo leve no dorso da minha mão.

— Está, sim. Estava apenas observando a festa. Aqui é tão lindo, não é?

— É, sim. Eles só usam este casarão para grandes eventos.

Felix me serviu uma taça de champanhe e logo foi servido o jantar.

— Princesa! — Reconheci a voz que há muito tempo não escutava. Senti seus dedos nos meus ombros e um leve toque ousado. Gelei. Imediatamente retirei a sua mão. — Como vai, Lhaura?

— Muito bem, Donovan e você? — respondi, e antes que o Felix reagisse, segurei a sua mão bem apertado. Felix me abraçou, fazendo com que o Donovan não tivesse mais chance de me tocar.

Ele podia ter se sentado, mas não se sentou, era como se quisesse desafiar o Felix. Eles não se suportavam e isto era tão certo como dois e dois são quatro. Uma música começou a tocar.

— Estou bem, mas ficarei melhor se aceitar dançar comigo. E então, primo, você permite que a sua linda esposa dance com este pobre homem solitário?

Vi o maxilar do Felix se contrair, mas ele soube disfarçar perfeitamente a sua insatisfação. E antes que o Felix respondesse, respondi.

— Obrigada, Donovan, é muita gentileza sua me convidar, mas acho que percebeu que sou uma mulher casada, e não ficaria bem dançar com outro homem que não seja meu marido. Portanto, a resposta é não. Mas devem existir muitas mulheres solteiras neste salão que queiram dançar com você.

— Não tão lindas quanto você, mas gostaria de escutar do Felix se ele permite. Se ele permitir, acho que você não me fará essa desfeita, não é? Então, Felix, posso dançar com sua esposa?

— Donovan, não seja indelicado. — Meu sogro chamou a sua atenção. Ele sequer se moveu e

continuou encarando o Felix.

— Ela já respondeu, não preciso responder, Donovan. Agora, com licença, vou levar a minha esposa para dançar.

Felix se levantou educadamente, segurou minha mão e me levou para dançar.

— Eu a amo, Lhaura Santini, você é tudo o que preciso — sussurrou no meu ouvido enquanto mordia levemente o lóbulo da minha orelha.

Nossos corpos mal se moviam no salão. Sua mão acariciava minhas costas sutilmente e o seu rosto roçava no meu, me dando uma sensação de prazer e conforto. Após a nossa dança, ele me apresentou ao governador, à sua esposa e aos gringos daquela reunião de hoje mais cedo, e foi aí que soube o motivo da tal festa. Felix iria construir um hospital da mulher na nossa cidade em sociedade com um grupo americano, e seria o primeiro no Mato Grosso, pois tinham a intenção de construir mais duas unidades. E para a minha surpresa, o hospital ganharia meu nome.

Mal consegui abrir a boca de tão surpresa que fiquei. Vinte minutos depois, todos ficaram sabendo da novidade. Morri de vergonha por ser o centro das atenções.

— Lhaura, falei com a orquestra que a grande homenageada é uma musicista fantástica e eles querem escutá-la tocar. Vamos? — Donovan mais uma vez ataca. — Atenção, pessoal! A excelentíssima esposa do Felix Santini vai nos agraciar com a sua música!

— Donovan, você já passou dos limites. Saia daqui...

O Senhor Santini se alterou, levantou-se e sussurrou algo no ouvido do sobrinho. Escutei cada palavra. Estava sem graça e morrendo de medo da atitude do Felix.

— Deixe-o, papai. Se a Lhaura quiser ir, não vejo problema. — Lembrei da nossa última festa, quando o deputado me convidou para dançar e ele disse a mesma coisa.

— Não, não quero. Não estou preparada para tocar.

Queria correr, me esconder em algum lugar. Um bolo se formou na minha garganta e estava difícil de engolir.

— Querida, é sério, gostaria muito de vê-la tocar novamente e sei que quer também. Toque para mim, por favor. — Olhei para ele, incrédula, pois não sabia se estava realmente falando sério.

— Então, ele deixou. Venha que a levo até o palco. — Donovan não tinha mesmo amor à vida, ele segurou a minha mão, e vi sangue nos olhos do Felix. Puxei-a imediatamente e segurei na mão do Felix. — Venha, Lhaura. Não vou machucá-la, não sou esse tipo de homem. — Ele olhou para o tio, e entendi.

— Solte-a, Donovan, ela vai comigo. — Educadamente Felix se levantou. As pessoas nos olhavam, sem entender o que estava acontecendo. Certamente esperavam socos e pontapés. Levantei e aceitei a ajuda do Felix. Estava tremendo tanto que com certeza não conseguiria tocar nem parabéns para você.

— Acalme-se, querida. Suba lá e arrase, estarei aqui, assistindo você brilhar. — Ele beijou os meus lábios.

Trêmula, subi os dois degraus que me levavam até a pequena orquestra. Já estava acostumada

com apresentações, meu nervosismo era com a reação do Felix, pois não sabia se ele estava realmente contente ou não com tudo isso, e não sabia como reagiria quando ficássemos sozinhos.

Respirei fundo e deixei tudo de ruim ir embora. Fui até o pianista e pedi que me acompanhasse. Primeiro lhe disse o que queria tocar: Nocturne, de Chopin. Sentei-me, peguei o violoncelo, fechei os olhos e comecei os primeiros acordes. Depois daí, viajei para meu mundo particular. Não via, não ouvia e não sentia mais nada, a não ser a música. Era como se estivesse em outra dimensão, onde éramos apenas eu e a música, só nós existimos. Quando tudo terminou, escutei ao longe os aplausos, e só então abri meus olhos e gesticulei para a plateia em agradecimento.

— Bravo! Bravo!

Via a emoção do Felix, o brilho dos seus olhos, a explosão de orgulho que vinha através do seu sorriso. Ele me ajudou a descer, e quando percebi, senti meus pés fora do chão. Ele me puxou para os seus braços, me beijando, sem se importar com a multidão.

— Você foi perfeita. Perfeita.

Não senti mais nada, naquele momento só senti o seu amor e me deixei ser conduzida por ele.

— Vamos para casa que quero fazer amor com você como nunca fiz antes.

Sem olhar para trás e sem se importar com ninguém, ele me levou, me guiando pela mão.



30

Durante o voo, tanto eu como o Felix ficamos em silêncio. Não entendi por que ficamos distantes, cada um com os seus pensamentos. Estávamos bem, quando entramos no carro nos beijamos, ele sorriu cheio de carinhos e atenção, e estava entregue, com a respiração ofegante, o coração acelerado, os pelos eriçados, excitados..., mas assim que entramos no jato e ocupamos as nossas poltronas o silêncio perturbador se fez presente. Ele só segurava a minha mão, acariciando-a, enquanto mantinha os olhos fechados. Talvez a minha imaturidade ou meu medo, não sei ao certo, não me encorajavam a quebrar o silêncio que nos cercava. Portanto, apenas recostei a cabeça na poltrona e fiquei quieta, só sentindo o carinho do seu polegar na minha pele. Meia hora depois estávamos no carro.

Eu, ele e o silêncio.

O que estava acontecendo?

Será que ele se aborreceu com algo?

Será que ao chegarmos em casa o demônio iria ressurgir?

Olhei para ele de soslaio. Estava com a cabeça reclinada, os olhos fechados, as mãos apoiadas nas coxas musculosas... Então, o medo invadiu a minha corrente sanguínea.

Eu me encolhi no canto e abracei o meu corpo. Evitei olhar para ele, pois sabia que se fizesse isso, desabaria. E quanto mais via o carro se aproximar da estrada que nos levaria para casa, mais meu corpo estremecia. A vontade de romper em soluços ficou mais forte. Vasculhei nos meus pensamentos todos os momentos que passamos na festa, buscando algo que desse motivo para o Felix ficar chateado.

Fiz tudo certo. Em nenhum momento dei motivos para ele ficar com ciúmes. Então, o que fiz de errado? Apertei os olhos e fechei os dedos no meu vestido, com força.

— Lhaura? — Felix se arrastou no banco de couro, se aproximando, e passou os braços em volta dos meus ombros. — Tudo bem, querida. Estou aqui. Você está tremendo.

Lágrimas quentes desceram pelo meu rosto.

— Merda, sou um idiota — ele praguejou baixinho, me puxando para os seus braços.

Não consegui olhar para ele. Apenas passei os braços em volta do seu pescoço, abraçando-o com força e enterrando meu rosto no seu peito. Seus braços me abraçaram com mais força e seus dedos se entrelaçaram nos meus cabelos. Como não me envolver com tanto carinho? Como evitar aquele turbilhão de sentimentos contidos? Não sou uma mulher experiente, talvez se fosse, o afastaria com mais facilidade, mas sou apenas uma garota tola e apaixonada. Eu o amo, amo tanto que às vezes acho que morrerei sufocada com tanto amor.

Era uma inundação de sentimentos ambíguos que me cegava e amortecia meus medos e minhas

certezas, e apenas deixava que viesse.

Ele me aninhou contra o peito e descansou o queixo em cima da minha cabeça.

— Você foi perfeita hoje — disse baixinho. — Fiquei muito orgulhoso de você, queria gritar a plenos pulmões para que todos escutassem o quanto a amo. Você sabe que a amo mais do que tudo, não sabe?

Assenti contra o peito dele.

— Meu amor, não chore. Sei que sou um idiota, apenas fiquei inseguro, fiz tanta merda que estou com medo de que nunca mais volte a confiar em mim. — Ele continuava acariciando meus cabelos, com o queixo na minha cabeça. — Oh, Lhaura, sei que nada do que disser fará você esquecer toda a maldade que fiz, mas por favor, não duvide do meu amor. Mas, vou provar para você que posso ser o melhor homem do mundo, só me dê a chance de te mostrar.

— Não me magoe mais, é só o que peço — murmurei, deixando escapar um soluço.

Suas mãos pararam de acariciar o meu cabelo, e assim como eu, ele soltou um suspiro longo e abafado.

— Cometi muitos erros com você, e nem todos eles merecem ser perdoados. Não posso mudar o passado, mas posso tornar o nosso presente bem diferente, e assim o nosso futuro será rico de amor.

— Quero tentar, quero muito. — Usei a mão para limpar as minhas lágrimas. Os dedos dele voltaram a acariciar os meus cabelos.

— Você é minha, Lhaura. Nunca mais farei qualquer coisa ruim para afastá-la de mim. É uma promessa.

Aquelas eram palavras sinceras, ele não estava jogando comigo. Conhecia o Felix, ele podia ser aquele homem cruel quando ficava enfurecido, mas agora ele não era o demônio, era o meu príncipe, o homem pelo qual me apaixonei perdidamente.

Levantei a cabeça e olhei para ele. Seus olhos verdes encontraram os meus.

— Sim, sou sua, sempre fui.

O automóvel parou e só então percebemos que tínhamos chegado em casa. Felix se afastou e tirou as mãos dos meus cabelos.

— Chegamos, meu amor. — Olhei para aquela casa majestosa, comprada exclusivamente para mim, e de repente ela me pareceu tão indiferente e assustadora. — Senhora Santini, venha. — Nem percebi quando Felix desceu. Ele já tinha aberto a porta e estendia a mão para me ajudar a descer. Aceitei. Ele dispensou o motorista, e enquanto eles conversavam, segui para porta de entrada.

— Lhaura! — Felix gritou, me assustando. — Espere, se vamos recomeçar, então precisamos seguir a tradição. — E quando menos esperava, já estava nos seus braços, sendo carregada para dentro de casa. — Quero tudo diferente, e hoje será como se fosse a nossa primeira vez. Será a primeira noite das nossas vidas, meu amor.

Encontrei o seu olhar firme. Estava nos seus braços, trêmula de desejo, com medo do futuro incerto, pois não sabia como o Felix se comportaria após tantas promessas. Queria muito me entregar

de corpo e alma, sem medos, como me entreguei na nossa lua-de-mel. Mas passamos por tantas coisas depois daquela noite, que hoje apenas sinto uma vontade enorme de acordar em outra realidade, uma onde pudesse confiar outra vez no homem que amo e desejo tanto.

Ele me colocou no chão. Meu olhar encontrou o seu e pude notar o desejo que ele sentia por mim crescendo em cada poro do seu corpo. Também o queria...

Então, por que estava com tanto medo?

Eu sabia a resposta, mas não queria escutar, só queria me sentir segura e encontrar segurança no seu toque. Não suportaria se ele de repente me forçasse a fazer coisas que não queria.

— Lhaura, olhe para mim. — Senti o toque dos seus dedos no meu queixo. Com delicadeza, ele inclinou meu rosto de forma que pudesse olhar o brilho dos seus olhos através da luz fraca da sala. — Sei que está com medo. — O ar congelou nos meus pulmões.

— Faça-me esquecer. Por favor? —Em questão de minutos parei de respirar. Seus dedos deslizaram pelo meu rosto de forma branda e morna enquanto seus olhos dançavam demoradamente em cada região da minha face. E cada toque que sentia era como um despertar de uma célula que estava adormecida. Seus dedos desceram lentamente pelo meu pescoço e ombros, era uma sensação tão deliciosa que tive que conter um gemido.

Quando a sua mão alcançou o zíper do meu vestido, ele o deslizou devagar para baixo, e me encolhi. Só então percebi o quanto estava traumatizada, e o Felix também percebeu, tanto que parou.

— Por favor, Lhaura, não tenha medo. — Sua voz ficou baixa e rouca. — Sei o que quero e é você. Acredite, tudo a partir de hoje será diferente.

Ele baixou o zíper completamente, deslizando as alças do meu vestido, deixando-o escorregar pelas curvas do meu corpo até que chegasse nas minhas coxas e formasse uma poça de tecido ao redor dos meus pés. Ele agarrou a minha cintura com gentileza. Sem desviar os olhos dos meus, enrolou os dedos nas finas laterais da minha delicada calcinha de renda, e a partiu em um puxão. Não me assustei, já esperava por isso. Tampouco o puxão me machucou, ele teve cuidado para que isso não acontecesse.

— Também quero você, mas não tenho certeza se estou pronta para fazer amor — articulei com coragem sem afastar os meus olhos dos dele.

— Nem eu. Acha que também não estou com medo? Claro que estou. O merda aqui sou eu, e preciso dar a você o melhor de mim. Só me deixe fazer isso. — Um sorriso leve esticou os seus lábios e atraiu a minha atenção para a sua boca. Queria tanto beijá-lo que de fato levantei o rosto, mas parei a centímetros da sua boca.

— Felix, só tenha paciência e...

— Shhh... Eu amo você, minha princesa. — A sua boca desceu e tomou a minha. Abri-a para recebê-lo, receber seus lábios macios, e ele grunhiu quando nossas línguas se encontraram. Ele era totalmente viciante.

Enquanto me beijava, ele se despia apressadamente, livrando-se do paletó, gravata, camisa, calça e sapatos. Ele precisava de mim, assim como eu precisava dele. Não, acho que precisava mais dele do que ele de mim. Nus, cheios de desejo, com as línguas se digladiando nas nossas bocas,

estávamos sedentos um do outro. Suas mãos deslizaram pelo meu quadril e uma delas se enterrou entre as minhas coxas para procurar o meu clitóris e massageá-lo. Deixei os meus receios de lado e agarrei o seu pênis, fechando a mão na sua ereção. Só escutei seu grunhido quando massageei a glande molhada.

— Amo você, Lhaura... — ele disse com a voz baixa, já colocando dois dedos na minha entrada molhada, movendo-os lentamente.

Meu peito subiu e desceu, com respirações mais pesadas, e a minha boca se abriu e ele chupou os meus lábios enquanto brincava com a minha língua. Ele retirou os dedos da minha vagina e ficou fazendo círculos em volta do meu clitóris. Sentia os músculos das minhas pernas tremerem enquanto me esforçava para controlá-las.

— Cama, meu amor. Você merece conforto... — Ele afastou a boca da minha e seus olhos me encaravam com um brilho libidinoso.

Meu corpo foi suspenso e novamente nossas bocas se encontraram em um beijo libidinoso, que me deixou ensandecida. Felix empurrou a porta com pé, e em questão de minutos estava deitada na nossa cama, com o corpo dele sobre o meu. Meu coração estava quase saindo pela boca e podia sentir o dele também, éramos puro tesão. Agarrei seu rosto e o puxei para mim, esmagando a sua boca na minha, e o beijei sofregamente. Meus mamilos se apertaram contra seu peito nu e os senti doer de tão duros que estavam. Lutava para não gritar e pedir que ele me possuísse com força, e a cada roçar do seu pênis entre as minhas coxas, me desesperava. Ele estava tão duro, tão latejante.

— Felix... — murmurei seu nome em sua boca.

Sem interromper o beijo, ele afastou as minhas coxas e ficou entre elas. Tão logo senti seu membro duro se acomodando entre as minhas dobras, ergui os quadris, me roçando contra ele enquanto gemia.

— Lento, meu amor, bem lento — disse com a respiração ofegante. Ele interrompeu o beijo e tentou abrandar os seus movimentos urgentes. — Quero que sinta prazer como nunca sentiu antes.

Ele me beijou suavemente e começou a mover os quadris contra a minha entrada. Minhas costas arquearam e o abracei, o queria perto de mim. Ele percorreu a linha do meu queixo e desceu para o pescoço, encontrando o lugar onde o pescoço se une ao ombro, e chupou devagar enquanto se esfregava em mim, me deixando à beira de gozar. Estava tão molhada, tão receptiva. Minhas mãos desceram ao longo do seu corpo, alcançando as suas costas, e o puxei contra mim, obrigando-o a se aproximar mais. Senti a sua respiração quente na minha orelha e o seu rosnado desesperado, lutando contra o seu próprio prazer. Podia sentir seu membro inchando dentro de mim, podia sentir a lentidão dos seus movimentos. Felix queria prolongar meu orgasmo. Ele enterrou o rosto no meu pescoço, chupando e lambendo a pele.

Oh, céus, não aguentava mais. Precisava que ele se apressasse, e já, pois também queria prolongar seu prazer. Ele se afastou, mas manteve o contato visual, se movendo lentamente. Chegava a doer de tão gostoso que estava. Uma expressão de pura concentração estampou o seu rosto quando ele apoiou um dos braços no colchão e segurou a parte de trás da minha coxa com uma das mãos. Ele começou a se mover para trás e para a frente, com golpes compridos e intensos, e pude sentir a glande roçar no meu clitóris.

— Saudade do seu calor, meu amor... Isso está me matando. Lhaura, porra...

— Felix... — gemi em voz alta enquanto revirava os olhos.

Senti seu corpo ficar rígido e percebi que ele estava tentando se controlar para não deixar o orgasmo vir. Sem hesitar, arqueei o quadril e seu pênis penetrou mais fundo.

— Porra, amor, assim você acaba comigo. — Ele foi mais fundo e mais rápido, me fazendo puxar uma inspiração mais brusca, me elevando da cama. Entreabri os lábios quando senti uma sensação de puro êxtase invadir todo meu corpo, e enquanto buscava um pouco de ar, meus olhos encontraram os dele.

— Felix, mais... mais rápido, por favor — supliquei.

— Seu desejo é uma ordem, querida — ele sussurrou e pude sentir o tremor do seu corpo batendo contra o meu. Puxei o ar lentamente e o soltei quando o senti totalmente dentro de mim outra vez, e ele continuou a se mover, dentro e fora, e a cada movimento sentia a tensão aumentar rapidamente no seu rosto. Eu enterrei as unhas nas suas costas e ele empurrou fundo, soltando um grunhido.

— Diga que é minha, meu amor! — rosnou, realçando as palavras com uma forte penetração.

Contive a respiração, mas olhei para ele. Era sua, não seria mentira se dissesse.

— Sou sua... Sempre serei sua, Felix Santini!

Acho que ele só precisava escutar isso. Entrou profundamente dentro de mim e rosnou durante o orgasmo, com os nossos corpos entrelaçados, os suores se misturando, desejos ensandecidos, tremores intensos e o êxtase avassalador. O amava, o desejava.

Seria errado? Talvez.

Mas hoje, nesse momento, só quero pertencer a ele.

Felix roubou a minha boca, me beijando com força enquanto eu gemia e ele fazia seus últimos movimentos, me enchendo com o seu esperma. Seu beijo ardente dominou a minha alma outra vez e sabia que a partir daquele momento, meu destino tinha sido traçado.

Era dele, para sempre.

Querendo ou não.



Acordei e me levantei imediatamente. Assustada, procurei por ele. Será que tinha sonhado o tempo todo? Olhei para o travesseiro ao meu lado, a bagunça dos lençóis e o meu corpo nu. Não dormia nua enquanto o Felix estava longe. Peguei o travesseiro e o trouxe até o nariz, aspirando o seu cheiro másculo. Ele dormiu ao meu lado e fizemos amor, não foi um sonho.

Mas onde ele se meteu?

Já estava com um dos pés para fora da cama quando vi a porta se abrir.

— Ei, onde pensa que vai? Volte para a cama agora mesmo — ele ralhou comigo, embora ostentasse um sorriso lindo nos lábios.

Ele tinha nas mãos uma bandeja com nosso café da manhã e três rosas vermelhas em um pequeno jarro. Meus olhos marejaram e logo as lágrimas brotaram. Estava tão saudosa desses momentos que meu coração não suportou.

— Não... não... Oh, meu Deus, o que fiz? Lhaura, não chore. — Felix largou a bandeja de qualquer jeito sobre o colchão, sentando-se ao meu lado, e logo dois braços musculosos me puxaram para um abraço caloroso. Uma das suas mãos encontrou os meus cabelos e eles foram acariciados.

— O que fiz de errado, meu amor? Me diga. Não quero vê-la chorando nunca mais, nem de felicidade.

— Felix... você... — Não consegui completar a frase. Estava tão fragilizada que qualquer coisa me faria chorar, e me odiei por isso. Estava parecendo uma criança tola.

— Lhaura, me perdoe, a culpa é minha você estar tão frágil. Se você soubesse o quanto me odeio...

— Felix, me prometa que nunca mais vamos brigar.

— Eu juro, juro que nunca mais a farei chorar. Acredite.

Queria tanto acreditar em cada palavra que ele dizia. Eu o amava tanto, precisava tanto do seu amor, da sua segurança, dos seus cuidados...

Solucei e ele me abraçou mais apertado.

— Querida, olhe para mim. — Ele se afastou enquanto suas duas mãos cercavam o meu rosto. Meus olhos estavam fechados em uma tentativa de controlar minhas emoções. Meus cílios se levantaram e meus olhos se fixaram nos dele. — Amo você e não quero perdê-la. Nunca mais farei qualquer coisa que possa ferir seu coração, eu juro.

Rendida, o abracei e o beijei com todo ardor que me queimava por dentro. E mais uma vez fizemos amor, e outra vez e outra. Sem exigências, sem controle, sem autoridade. Era só eu e ele, numa entrega que só tivemos quando namorávamos, quando sua única preocupação era o meu prazer. Ele estava respeitando as minhas limitações, meus medos. Passamos praticamente o dia inteiro na cama e quando não estávamos fazendo amor, estávamos cochilando.

Ainda não estava preparada para certas necessidades. Sim, queria agradá-lo, queria me entregar completamente, mas quando me lembrava do quão duro e inflexível ele se tornava quando queria tudo de mim, me fechava e o medo resistente invadia minha mente, me dominando. Talvez um dia pudesse realizar todas as suas fantasias.

Talvez.

Mas a minha preocupação era: até quando ele teria paciência de esperar? E até lá, será que teria que dividi-lo com outra mulher? Não sei se suportaria isso outra vez.

— Lhaura.

Felix estava sorrindo para mim, me encarando, certamente querendo descobrir onde estava.

— Oi. — Sorri de volta. — Me desculpe, estava perdida nos meus pensamentos. — Ele se deitou ao meu lado e me puxou para junto do seu corpo nu. — Estava pensando em você, em quando nos conhecemos. Parece que foi há tanto tempo, não acha?

— É verdade, no entanto faremos um ano de casados daqui a algumas semanas.

Ele beijou o alto da minha cabeça enquanto sua mão acariciava o meu braço.

— E continuo uma adolescente medrosa. Não sei o que você viu em mim, ainda tento entender esse seu amor por...

— Ei. — Ele virou o meu corpo, me fazendo encará-lo. — Vi a mulher da minha vida, mesmo você sendo uma adolescente, e hoje você é uma linda jovem mulher. A minha mulher, a única que amarei. Pare de se achar insignificante, você é formidável, e quando ficar mais velha será inigualável.

— Nossa! Senhor Santini, meu ego inflou.

— É para inflar mesmo. Você é absoluta, senhora Santini, e se não fosse você, não seria nenhuma outra, tenha certeza disso.

Ele me deu um beijo doce, suave, mas tão intenso que aqueceu todo o meu corpo. Afastou o rosto e uma de suas mãos alcançou uma mecha dos meus cabelos. Seus olhos passeavam pelo meu rosto, enquanto seus dedos brincavam com o meu cabelo.

— Felix, é sério, sou tão inexperiente, tão medrosa. Só tenho dezoito anos... — Isso não era desculpa, eu sabia, a quem estava tentando enganar? — Sou uma tola, não é? Idade não tem nada a ver com experiência, tem moças mais novas do que eu que são mais experientes do que muitas mulheres com mais de trinta anos.

— Não está sendo tola, Lhaura. E sim, você tem razão, idade não tem nada a ver com experiência, mas se quisesse experiência, teria me casado com uma canadense que conheci. Ela era mais velha do que eu quinze anos e dava de dez a zero em muitas mulheres de vinte...

— Felix! — Dei um tapa nele. Não queria saber das suas aventuras. — Me poupe dos detalhes amorosos da sua vida. — Ele apertou a minha bochecha e me beijou em seguida.

— Então pare de se comparar com mulheres mais velhas. Eu a amo do jeito que é, ok? — Ele beijou minha testa. — E por falar em idade, tenho uma surpresa para você.

— Outra? Não basta saber que um hospital terá o meu nome? — Ainda não estava acreditando naquilo.

— Sim, e acho que esta surpresa você vai adorar. — Ele fez ar de suspense, e bati nele novamente. Depois fiz cócegas na sua cintura. — Ok, ok, vamos viajar.

Olhei para ele em espanto, fiquei sem palavras.

— Jura, e para onde nós vamos?

— Eu disse que íamos comemorar juntos o seu aniversário e o do nosso casamento, então passaremos quinze dias em Fernando de Noronha e alguns dias no Texas. Vamos ver o seu pai, você já deve estar com saudade dele, não está?

Virei meu corpo rapidamente e me sentei no seu colo, enchendo-o de beijos, e é claro, estava nua e ele também... Não resistimos ao calor do desejo e fizemos amor até que os nossos corpos entrassem em exaustão e caíssemos na cama completamente esgotados.



Estávamos voltando para casa após dois meses de férias, ou, como o Felix dizia, depois da nossa verdadeira lua-de-mel. Ficamos quinze dias em Fernando de Noronha, em um chalé onde só víamos o mar. Sinceramente não queria deixar aquele paraíso, só me conformei com a partida porquê de lá visitaríamos o meu pai e conheceria a fazenda que o Felix tanto falava. Ele estava mesmo fascinado por ela. O papai não sabia que íamos visitá-lo, por isso, quando ele nos viu, quase teve uma síncope. Foram semanas maravilhosas com os dois homens da minha vida. Felix não se parecia em nada com aquele homem ciumento, possessivo e controlador. Estávamos tão unidos, tão sintonizados, que até o sexo tinha melhorado. É claro que ainda tinha limitações, mas o Felix não tentou ultrapassar meus limites. Em dois meses o conheci mais do que em todo nosso primeiro ano de casados.

— Lhaura, coloque isso. — O carro parou e ele me mostrou uma venda preta. Olhei para as suas mãos e depois para o seu rosto, tentando descobrir o que ele estava tramando.

— É sério, não estrague minha surpresa. Vai, coloque. — Ele desligou o carro e me encarou muito sério.

— Felix Santini, o que o senhor andou aprontando? — Peguei a venda das suas mãos e ele me ajudou a amarrá-la enquanto ralhava com ele.

— Aguarde, logo saberá. — Ele ligou o carro outra vez e senti o movimento suave do veículo.

Ele dirigia sem pressa, mas percebi que abriu os vidros da janela e a cada minuto que passava tinha a certeza de que não estávamos indo para casa, pois a brisa que vinha na direção do meu rosto tinha um perfume diferente, era mais floral.

— Felix, para onde estamos indo? — indaguei, a curiosidade estava atiçando os meus sentidos e os meus dedos coçavam para me livrar da venda nos meus olhos.

Ele não respondeu, apenas acariciou minha mão. E pela distância percorrida, já sabia que seguíamos o caminho contrário ao da nossa casa. O veículo parou. Ele me disse para esperar dentro do carro. Escutei um rangido que se parecia com um barulho de portões se abrindo. Alguns minutos depois, ele voltou para o interior do carro e o ligou outra vez, e já não estava suportando mais tanto mistério.

— Felix, aonde estamos indo?

— Acalme-se, logo saberá. Seja paciente — falou rindo. O carro parou e ele desceu, e alguns minutos depois já estava me ajudando a descer também. — Prepare-se, espero que goste da surpresa.

A venda foi retirada dos meus olhos, mas suas mãos ocuparam o lugar dela, e demos alguns passos. Meu sangue se aqueceu quando ele afastou as mãos e pude ver a bela surpresa que ele preparou para mim.

— Toda sua... — Fiquei sem voz. — Se é para começarmos do zero, então que seja com uma casa nova e decorada para uma esposa jovem. Mas se quiser redecorá-la, não há problema.

Estava diante de uma quase mansão, bem estilosa, com arquitetura moderna, paredes altas e dois andares. A parte térrea tinha grandes janelas de vidro do piso ao teto e ela era ladeada por um

imenso jardim com flores brancas, que tinha certeza de que eram jasmins.

— Você tem um lago particular, uma quadra de tênis e uma piscina bem maior do que a da nossa antiga casa.

— Felix, que loucura! Não faz sentido gastar dinheiro com outra casa. Quando disse que ela parecia sombria não foi para você comprar outra. — Olhava admirada para a linda construção na minha frente.

— Não foi por isso que comprei essa casa, mas devo concordar com você, aquela casa era sombria mesmo. Ela pertenceu aos meus avós, e tudo dentro dela foi presente de casamento, então não pude recusar. Só que depois de tudo que passamos, achei melhor comprar uma casa só nossa, onde possamos escrever nossa história.

Este homem não existia, ele conseguia me surpreender a todo momento.

— Ok — concordei e pulei no seu pescoço, circulando os meus braços nele enquanto minha boca lhe roubava um beijo. — Adorei a nossa casa nova.

— Então vamos entrar e conhecê-la. — Ele me colocou no colo e entramos. — Nossa! — Pelo visto, ele também não tinha visto a casa por dentro. — Os decoradores capricharam, ela tem a sua carinha, Lhaura. Eles capturaram o seu espírito jovial.

Fiquei embasbacada. Era tudo tão branco, tão espaçoso, tão limpo... e tão lindo.

Fui colocada no chão. Andei em volta de todas as coisas da grande sala. Era tudo aberto, não havia paredes. Estofados de diversos tamanhos, tapetes que afundavam sob os nossos pés. Era tudo tão estiloso e moderno. Até um piano de cauda negro fazia parte da decoração. Fui até ele e toquei em algumas teclas.

— Mandei construir uma sala de música para você muito maior do que a que tinha na outra casa e com uma acústica bem melhor. — Ele me levou até lá, e todos os meus instrumentos já estavam nos seus devidos lugares.

— Felix, é tudo tão lindo. Tudo tão nosso, a nossa cara... — Saí da sala de música e, com ele ao meu lado, conheci cada canto da nossa casa nova. Cozinha, sala de TV, escritório, jardim de inverno. A imensa piscina. Tínhamos até uma pequena academia. Mas o que mais gostei foi do jardim, ele era imenso e nós poderíamos construir um parquinho para os nossos filhos.

— Esta casa é perfeita para os nossos filhos, já os imagino...

— Ei, por enquanto nada de filhos. Estamos em lua-de-mel e pretendo ficar por alguns anos assim. Você é jovem demais para ser mãe e não quero dividi-la com nenhum moleque barulhento. Então, esqueça por enquanto esse negócio de filhos, está bem?

Ele mudou de repente. Ficou sério e posso jurar que ficou chateado. Então me calei. Já sabia que ele não queria filhos, mas pensei que depois de tudo o que passamos ele poderia ter mudado de ideia, mas pelo visto não mudou.

— Lhaura, não fique assim. — Ele percebeu minha decepção. — Claro que um dia, daqui a uns dez anos, teremos o nosso herdeiro, mas por enquanto, seremos apenas eu e você. — Ele me puxou para o seu corpo e me beijou com paixão, como se quisesse me compensar pelo o que acabara de

dizer.

— Desculpe, senhor.

Alguém chamou nossa atenção e rapidamente nos separamos. Uma senhora, baixinha, de cabelos grisalhos e presos em um coque no alto da cabeça, vestida com um uniforme preto, nos olhava seriamente.

— Olga, que bom que já chegou. — Ela sorriu levemente e gesticulou. — Lhaura, esta é a Olga, a nossa nova governanta.

Como assim!? E o que aconteceu com a Paulina?

— Prazer, senhora Santini. Espero atender todas as suas exigências. — Ela não era muito diferente da Paulina. Mas o que tinha de errado com as governantas, por que todas elas eram carrancudas?

— Prazer, Olga. Seja bem-vinda. — Olga só gesticulou.

— Se precisarem de mim, estarei na cozinha. O almoço será servido ao meio-dia. Com licença. — Ela se virou e se esgueirou pelo jardim, até desaparecer.

— Felix, o que aconteceu com a Paulina? — perguntei com a voz baixa. Ele gargalhou.

— Não precisa cochichar, não vai ferir os sentimentos da Olga. — Ele passou o braço em volta do meu pescoço e seguimos para o interior da casa. — Lembra o que eu disse? Tudo novo, então governanta nova.

— Felix, coitada da Paulina, ela ficou desempregada. — Não gostava dela, mas não queria prejudicá-la.

— Não se preocupe, tanto a Paulina quanto a Olga são funcionárias antigas da minha família. A Paulina voltou para a fazenda do papai e continuará executando seu trabalho, e a Olga trabalhou para os meus pais quando eu era pequeno, agora trabalhará para nós.

— Sério isso?

— Sim. Não se preocupe, a Paulina ficará bem. — Subimos para o primeiro andar da casa. Vi várias portas, mas seguimos direto para uma enorme porta que ficava no final do corredor, certamente era nosso quarto.

Entramos e quase deixei o meu queixo no chão. O quarto era bem maior do que o antigo e na cama cabiam mais ou menos três casais e ainda sobrava espaço. O quarto era ladeado por imensas portas de vidro que deixavam a claridade solar entrar, e a vista era belíssima. Podíamos ver o imenso verde que cercava toda a propriedade, inclusive o lago que o Felix tinha comentado. Era de tirar o fôlego. Virei-me, e lá estava o Felix, de pé e com os olhos fixados em mim. Gostava da forma como o verde escuro de seus olhos se aprofundava quando estava sentindo uma emoção forte. Eles ficavam assim quando fazíamos amor.

— Você combina com a paisagem, sabia?

— Não, eu não sabia — respondi sorrindo sem jeito e baixei os cílios. Felix sabia me deixar sem graça.

— Olhe para mim, Lhaura.

Olhei para ele e o seu olhar insinuava coisas picantes.

— Amo tanto você, Lhaura, que seria capaz de morrer se te perdesse.

— Não fale assim nem brincando, Felix. Não quero que morra. — Senti um aperto no peito, cheguei a ficar sem ar. Não queria nem pensar nessa possibilidade.

— Desculpe, mas é a verdade... — Ele continuava me olhando fixamente. — Lhaura!

— Fale. — Ele queria me dizer algo muito importante, podia sentir isso.

— Sabe as noites de quartas e sextas-feiras? — Como podia esquecer? Será que ele voltaria à rotina? Fiquei com medo, por isso apenas fixei o meu olhar ao seu. — Não existirão mais, não quero outra mulher tocando em mim. Por mais que esteja necessitado, não quero outra. Só quero o que você quiser me dar, você é suficiente para mim.

Queria gritar. Acho que ele percebeu a minha imensa felicidade. Felix se aproximou e senti o calor da sua mão no meu rosto. Seus olhos varriam a minha face com ternura e desejo. Fiz um barulho na garganta e me lembrei da nossa última noite de amor no Texas. Foi tão louca que só de pensar, minha excitação molhou minha calcinha. Movi o olhar para a frente da sua calça e captei um vislumbre do seu membro enrijecido. Chupei o ar e todo o tesão voltou para mim em uma avalanche, tão rápido que deixou os meus mamilos duros, chegando a doerem.

— Você me quer agora, não quer? — ele perguntou maliciosamente, olhando na direção dos meus seios. Meus mamilos estavam quase furando o tecido do meu vestido branco. Concordei com a cabeça enquanto mordia os lábios.

— Fique nua, deite-se na cama e abra-se para mim. Quero provar seu mel antes de fazer amor com você.

Enquanto me despia, Felix fazia o mesmo, mas pacientemente, como se não quisesse perder nem um minuto do meu strip-tease. Nua, segui para a cama e me deitei, espalhando as pernas, me mostrando para ele.

— Abra-se mais, quero ver tudo. — Fiz o que ele pediu, mas não desviei os olhos do seu corpo nu, com o pênis ereto. O homem era lindo de se olhar.

— Senhora Santini, vou comer você com a boca e depois com meu pau, e não serei lento, quero escutar as batidas do meu corpo sobre o seu. Você está pronta?

— Sim, estou, senhor Santini. Sou sua refeição, me coma.

Ele me olhou com lascívia e antes que pudesse puxar a respiração, sua cabeça já estava entre as minhas pernas e a sua boca fazendo coisas deliciosas na minha vagina.



Felix parou o carro em frente a dois prédios de dez andares. Como hoje ele teria algumas reuniões no escritório central de Cuiabá e não queria me deixar sozinha o dia inteiro, decidiu me trazer junto, deixando-me com a Margot até que as suas reuniões terminassem.

— Tem certeza de que vai ficar bem, meu amor? — Vi através do seu olhar preocupado que ele estava fazendo um esforço enorme para me deixar sozinha, apesar de saber que ficaria com a minha melhor amiga. — Querida, acho que vou adiar a reunião e vou levá-la para passear.

— Felix Santini, não se atreva a fazer isso, não quero me sentir culpada por fazê-lo ser irresponsável. Vá para sua reunião, ficarei bem. — A bem da verdade é que já estava quase chorando, pois sabia que só o veria à noite.

Ele nunca me deixava sozinha por muito tempo e por diversas vezes me levava para o escritório, e enquanto ele trabalhava, ficava na sua sala, lendo, na internet, ou até mesmo cochilando até a hora do almoço. E ele só retornava para a empresa quando era estritamente importante, fora isso, ficava trabalhando em casa mesmo.

— Deus! Não sei se suportarei ficar tanto tempo longe de você. — Seus braços cercaram meu corpo e eles me apertaram tanto que quase me sufocaram. — Amo tanto você, que só de pensar que vou deixar você sozinha já me quebra por dentro.

Ele me beijou e logo escutamos uma buzina nervosa.

— Acho melhor você ir, antes que o cara nervosinho resolva empurrar o seu carro — brinquei, mas na verdade queria disfarçar minha emoção.

— Entre. Só sairei daqui depois de vê-la segura dentro do prédio, o apressadinho que espere.

Eu o beijei outra vez antes de seguir para a guarita de segurança do prédio. Assim que entrei, vi a Margot acenando.

— Amiga, não acredito que terei você o dia inteiro! — Ela me abraçou apertado. — Quando você me ligou ontem não acreditei, mas acho que você leu meus pensamentos, pois ia ligar para você.

Conhecia a Margot, ela estava aprontando alguma arte.

— Margot, você não está me pondo em uma fria, não é? Lembre-se que sou uma mulher casada — adverti.

— Se acalme, você vai amar a surpresa, e tenho o consentimento do ex-sapo do seu marido, que agora se transformou em príncipe.

Fui puxada pela mão e levada para a piscina.

— Surpresa!!!

Quase pulo na piscina de susto quando vi Belle na minha frente. Não sabia que ela estava em Cuiabá.

— Belle, não acredito! Meu Deus, é você mesmo? — A abracei e a beijei muito. Fazia tanto tempo que não nos víamos pessoalmente. Só nos falávamos pelo WhatsApp ou telefone, pois desde

que ela foi estudar em São Paulo não a via. — Quando você chegou?

— Ontem à noite... Nossa, Lhaura, como você mudou! Cadê aquela mocinha com carinha de adolescente? Por vídeo não dava para notar o quanto você ficou mulher. — Belle me avaliava dos pés à cabeça.

— Belle, não tenho mais dezoito anos, sou uma mulher de vinte e dois anos. — Olhei para ela também. — E pelo visto não foi só eu que mudei. — Ela estava linda. Cortou o cabelo bem curtinho, tinha mais curvas, mas o sorriso encantador continuava o mesmo. — Veio sozinha? E a sua filhinha ficou com quem?

Belle tinha uma filha de dois anos, que sempre aparecia nas nossas chamadas de vídeo.

— Ela está com o pai e a babá. Eles foram ao shopping, mas daqui a pouco chegam. Aproveitaram que está cedo, o Manolo não gosta de expor a filha à multidão.

Resolvemos subir para o apartamento da Margot, que já o conhecia. Eu e o Felix sempre saíamos com ela e com o seu namorado, que nunca era o mesmo. Minha vida noturna era muito divertida, Felix adorava dançar e quase todos os finais de semana tínhamos um programa novo. Quando não era com a Margot, era com algum casal amigo dele.

— E o Felix? Ele não vem me ver?

— Ele não sabe que você está aqui, mas quando me ligar... — As duas caíram na risada.

— Boba, é claro que o Felix sabe que estou aqui, foi ele mesmo quem cuidou da nossa viagem e pagou as passagens de ida e volta. — Fiquei boquiaberta. Ele soube guardar segredo, nunca desconfiei. — Desde quando vocês resolveram me apunhalar pelas costas?

— Duas semanas... Ele me fez jurar segredo. Desculpe, amiga.

— Desconfiava que ele estava preparando uma surpresa para o meu aniversário, só não sabia que você seria a surpresa. — Abracei minhas duas amigas e choramos juntas.

— Nós três sabemos que não serei a sua principal surpresa de aniversário. Felix fará algo mais glamoroso, tipo dar o seu nome para uma rua. Ele já fez isso com um hospital, então não duvido nada que se repita. Esse homem é louco por você — Belle comentou.

— É mesmo, no início não acreditava no amor dele, mas agora vendo a minha amiga tão feliz, ele conseguiu me conquistar outra vez — Margot articulou cheia de convicção. — Ah, tenho uma novidade. Vou me mudar.

— Como assim!? — eu e a Belle falamos ao mesmo tempo.

— Nem te conto, lembra da festa do meu aniversário, quando o Felix perguntou o que eu queria ganhar de presente?

— Lembro — respondi, mas estava curiosa, porque não me lembrava o que ela tinha pedido.

— Juro que falei brincando, e todo mundo já estava um pouco grogue.

— Nem me fale, ficamos tão altos que dormimos no hotel. — Foi uma das minhas melhores noites, quando lembrava o que eu o Felix fizemos, me dava um frisson.

— Conta logo, Margot! O que você pediu? — Belle bateu no braço dela.

— Vocês sabem que quero fazer pós-graduação no Canadá. — Assentimos, e já sabia o que o Felix tinha feito. — Pois é, as empresas Santini pagarão a minha pós, a minha estadia, e ainda receberei um salário até o final do curso. Quando recebi a carta, quase tive um treco. Pulamos em cima dela, gritando de felicidade.

— Oh, amiga, estou muito feliz por você, mas ao mesmo tempo triste, pois ficarei sem você... — Estava sendo sincera, a Belle já tinha se estabilizado em Portugal, agora a Margot iria para o Canadá e o meu pai estava no Texas, só vindo me visitar nas férias.

— Deixe de bobagem, você tem um homem tão apaixonado que nem sentirá a minha falta. — Ela me beliscou.

— E quando você vai? — perguntei.

— Depois do seu aniversário. — Fiz uma carinha de tristeza — Oh, minha amiga, não fique assim. Também sentirei a sua falta, nesses últimos anos ficamos tão unidas, não foi? Mas preciso ir, é o meu sonho sendo realizado. E você sabe, não é segredo *pra* ninguém que a empresa do papai está passando por uma crise e que ele não poderia custear a minha pós, portanto a ajuda do Felix veio em uma boa hora.

— Eu sei, mas foi tão rápido... Poxa... — Nos abraçamos novamente.

— Pois é, o curso começa semana que vem e tenho que me instalar, conhecer a faculdade.

— Está tudo bem, Margot. Estou feliz por você, só sentirei saudades.

Abrimos uma cerveja para comemorar.

Às dez horas o Manolo chegou e logo me entreguei à doçura da pequena Duda, que falava pelos cotovelos, igual aos portugueses. Ela se parecia muito com a Belle, mas tinha o olhar expressivo do pai. Estava ajudando a Margot com o almoço quando o meu celular tocou. Larguei tudo e fui atender.

— *Oi, minha princesa, como estão as coisas aí? Divertindo-se muito?* — Ele estava rindo, eu sei que estava.

— Não se faça de desentendido, Felix Santini. Como pôde fazer isso comigo, e se tivesse problema de coração?

— *Você não tem. Queria muito ter visto a sua carinha.* — Ele fez uma pausa. — *Feliz aniversário, meu amor, mas não pense que as surpresas acabaram, só aguarde.*

Sabia que não. Felix sempre aprontava nos meus aniversários, ele sempre conseguia me surpreender e não tinha ideia do que ele faria amanhã.

— *Preciso desligar. A propósito, vamos passar a noite por aqui mesmo. Curta suas amigas. Amo você.*

Às dezenove horas Felix chegou. Nós jantamos e fomos para a varanda tomar algumas cervejas. Logo o Manolo e ele ficaram amigos e os dois resolveram sair um pouco, foram até o mercado comprar mais cerveja. Acho que o Felix quis ir junto para não ficar me vendo brincar com a Duda, a menina não desgrudava de mim e senti o olhar tristonho dele.

Por isso dei graças a Deus quando a babá levou a menina para dormir. Quando resolvemos ir

embora, já passava da meia-noite. Felix estava feliz e eu também. Estava excitada, foi um dia cheio de emoção e muita alegria. Assim que entramos na suíte do hotel, o celular dele tocou, era o senhor Santini. Enquanto ele atendia, fui tomar um banho. Liguei o chuveiro e deixei a fumaça da água quente encher o box. Entrei debaixo da ducha deixando meus pensamentos desenfreados irem embora junto com a água. Estava acontecendo muitas coisas. A vinda da Belle, a viagem da Margot para o Canadá, o meu aniversário. Não imaginava que a minha vida pudesse mudar tanto assim depois de tudo o que aconteceu com o meu casamento no primeiro ano. E eu que pensei que o Felix nunca pudesse mudar.

É, eu me enganei.

Ele não só mudou como se tornou muito melhor do que eu queria. Não havia mais cenas de ciúmes, estupidez, descontrole. Ele sequer falava alto comigo, era só amor e atenção. O meu atual Felix Santini estava longe de se parecer com o antigo.

Enrolei-me no roupão e segui para o quarto.

— Amor, você não quer... — Parei quando entrei no quarto e fui simultaneamente atacada e empurrada para trás, até a minha panturrilha encostar na cama. Felix me virou enquanto o livrava das suas calças e cueca, que acabaram caindo no chão. Ele me agarrou pela cintura, me ajudando a subir em cima dele. Toquei no seu peito com as mãos para me afastar da sua boca.

— Não via hora de fazer isso, olha como estou. — É claro que sabia. Quer dizer, sentia seu pau ereto parado entre nós.

— Eu também.

Ele se livrou rapidamente do meu roupão, me deixando totalmente nua, e em seguida se sentou. Fiquei no seu colo com as pernas completamente abertas.

— Querida, monte em mim — ofegante e com os olhos escuros de desejo, ele articulou. Comecei a roçar seu pênis entre as minhas coxas. Ele encostou a testa na minha, a sua respiração saindo em rajadas, quando acelerei o ritmo.

— Querida — ele grunhiu. — Assim você me mata.

Antes que ele pudesse piscar, saí do seu colo e caí de joelhos, ficando de cara com o seu pau. Podia sentir cada músculo do seu corpo contraindo quando agarrei seu pênis e o levei à boca.

— Oh, Jesus! — grunhiu. Seu membro quente e molhado na minha boca incentivou a minha vontade de sugá-lo.

Estiquei a pele da glande e delicadamente lambi a cabeça exposta, vibrando a parte inferior com a língua, para em seguida sugar novamente, profundamente. Felix rosnava palavrões com as mãos espalmadas nos meus cabelos. Quis mais, segurei as suas bolas e as apertei. Esses quatros anos me deram muita experiência, o que me ensinou a satisfazer meu marido louco por sexo. O Felix era louco por sexo.

— Chupa, amor, chupa gostoso o pau do seu marido... Caralho! —Sussurrou uma maldição e se retirou da minha boca ávida. — Calma querida, você não quer que goze na sua boca, não é? — Ele sabia que ainda não estava pronta para isso, então me puxou pela mão e me jogou na cama, cobrindo meu corpo com o seu. — Preciso estar dentro você.

Ele me beijou ferozmente e entrelacei os braços em volta do seu pescoço. E assim estávamos unidos novamente, peito com peito e coxas com coxas. Ele se movia sobre mim, ansioso para me ter, e podia sentir o calor e a dureza da sua ereção.

— Nossa, estar dentro de você é como estar no paraíso. – Ele pressionou o pênis todo dentro de mim enquanto arqueava contra ele e prendia os pés ao seu redor. A minha boca se abriu de prazer e os olhos dele escureceram, entre o verde e o preto, quando o prazer o inundou também. Minha vagina estava escorregadia de tão molhada e o pênis dele estava duro e quente. Ardemos no nosso prazer descomunal, um contra o outro. Eu me arqueava desesperada para ter tudo dele, enquanto ele batia os quadris involuntariamente em mim. Nós nos movíamos juntos, como perfeitos parceiros. Tudo o que queria era fazê-lo se inebriar de prazer, o que não era um grande esforço, porque também sentia o mesmo.

— Fe-Felix, eu... — Meus olhos se fecharam e o beijei, entregando a minha língua para ser saboreada por ele.

Podia sentir o gosto do prazer, da satisfação que lhe dei quando ele colocou tudo e soltou um grunhido dentro da minha boca. Ele aumentou a velocidade com estocadas duras, entrando e saindo. Provavelmente estava se segurando para não jorrar seu prazer, no entanto, não conseguiu por muito tempo, e nem eu. Um minuto depois que gozei, ele gozou. Felix grunhia feito um louco enquanto socava forte e sugava minha língua. Ele era um devasso e só saiu de dentro de mim quando nossos últimos espasmos cessaram. Sua mão acariciou meus cabelos e depois o meu rosto. Ele ainda estava por cima do meu corpo, seu nariz alisando a minha face e a sua língua lambendo meu suor.

— Estou viciado em você, sabia? — Sua voz ainda estava ofegante, mas seu rosto lindo estava iluminado pela saciedade. Confesso que ainda sentia medo de não ser o bastante para ele, conhecia os gostos sexuais do meu marido e isso me preocupava... e muito.

— Eu sei, amor. Espero que esteja sendo o suficiente.

Mas que merda! Por que disse isso? Não era hora de me sentir insegura. Arrependida e pedindo em pensamento para que ele não tivesse prestado atenção nas minhas últimas palavras, comecei a beijar o seu rosto repetidamente.

— Lhaura, você é minha esposa. Eu a amo, a desejo, e nesses últimos anos você só tem se superado. Estou muito feliz, você me faz feliz e muito. — Suspirei de prazer quando fui beijada com paixão. Deitados na imensa cama do hotel, apagamos de exaustão, e dormi aninhada nos seus braços protetores.

Acordei com a boca libertina do meu marido insaciável no meio das minhas pernas, e antes que pudesse abrir os olhos, já estava gritando de êxtase. Foi um "parabéns pra você" carregado de muito tesão e depois de saciarmos as nossas fomes pelo corpo um do outro, fomos para o banho. Ele me deixou na banheira dizendo que pediria o nosso café da manhã, mas quando saí do banheiro percebi o verdadeiro motivo da sua pressa. O quarto parecia uma floricultura, sem esquecer da linda mesa arrumada para o nosso café.

— Venha, meu amor, sente-se. — Ele puxou a cadeira e me ajudou a sentar. — Abra o seu presente. — Havia uma caixa embrulhada com um papel vermelho, que já imaginava ser uma joia. Abri. Não era uma joia, era um envelope, e dentro tinham duas passagens para a Itália. Ele sabia que

era meu sonho conhecer Veneza. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Oh, meu Deus, Lhaura, não chore. Por favor, não chore.

— Estou feliz, Felix... muito feliz.

— Então sorria, nada de lágrimas. Serão dois meses de lua-de-mel, querida. Dois meses só nós dois.

Levantei-me e me joguei nos seus braços. Ele sabia me surpreender. O dia inteiro foi de muita alegria. Felix não foi trabalhar e passei meu aniversário ao lado dos meus amigos e do meu lindo marido. À noite, antes de sairmos para jantar, papai me ligou e me desejou feliz aniversário. E no final de toda a comemoração, Felix preferiu não voltar para casa. Ficamos em Cuiabá, já que Belle e Margot embarcariam na próxima noite. A despedida não foi fácil, mas necessária. Foi difícil ver minhas duas amigas irem embora para outros países.



Era segunda-feira, perto do meio-dia, quando o Felix ligou. E já sabia que algo estava errado assim que vi a imagem dele na tela do meu celular e pude comprovar pelo tom da sua voz que ele estava aborrecido. Já o conhecia suficientemente bem para ler nas entrelinhas. Ele ligou para avisar que não viria almoçar e que talvez só voltasse para casa após as vinte e uma horas. O motivo: acompanharia um grupo de técnicos na supervisão de uma das suas fazendas em Rondonópolis.

Eu sabia que o seu mau humor não era culpa minha, mesmo assim, sempre ficava aflita quando percebia uma alteração no tom da sua voz ou no seu comportamento, pois já estava acostumada com a sua dedicação cem por cento em relação a mim. Já tinha percebido que ele estava nervoso desde a última sexta-feira, e quis saber o porquê, sodando pelas beiradas, sem deixá-lo perceber que estava preocupada. Ele só desconversava, e quando insistia, ele desviava minha atenção para o sexo. Era aí que tinha certeza de que algo não estava bem, pois todas as vezes que o Felix ficava aborrecido, ele descontava sua frustação no sexo. Fazíamos amor mais vezes do que o normal e sempre era muito intenso, havia vezes que ficava com o corpo todo dolorido. Os beijos, os chupões, as estocadas e até os puxões de cabelo eram mais intensos do que o normal.

Triste, pois não teria a companhia do Felix, perdi até a vontade de comer. O que para mim não foi surpresa, pois tenho andado sem apetite nos últimos dias e não sei se é porque fico enjoada com certos cheiros de alimentos, principalmente de frango.

— Olga, o Felix não vem almoçar e provavelmente não jantará também, portanto não se preocupe com comida hoje. Prepare um lanche e me sirva mais tarde, não estou me sentindo muito bem.

Era verdade. Só não contei para o Felix, pois sabia que se ele ficasse sabendo, mandaria os técnicos para a merda, e a essa altura já estaria em casa e ao meu lado, me cercando de todos os cuidados.

— Senhora, quer que eu chame um médico? — Olga me olhava com preocupação. Realmente não me sentia bem. Ela parou o que estava fazendo e veio até mim. Tocou na minha testa e os seus olhos astutos avaliavam todo o meu rosto. — Está sem febre, mas está muito pálida, acho melhor ir se deitar.

— É isso que farei agora. Será que é alguma virose? — Dei dois passos e vi o chão desaparecer sob os meus pés, um calafrio tomou todo meu corpo, minha cabeça pesou, e senti meu corpo cair lentamente, escutando um grito da Olga muito distante.



Momentos depois...

— Onde está a minha esposa? Onde ela está, porra!?

Felix...

Ouvia os gritos dele, mas não conseguia abrir meus olhos, as pálpebras estavam muito pesadas. Tentei levantar meu braço, mas também não o sentia.

— Minhas pernas... — balbuciei as palavras. Não conseguia sentir nada. Estava paralisada. O que aconteceu comigo? Sofri algum acidente?

— Eu quero ver a minha esposa, entendeu ou quer que desenhe? Quero vê-la agora, ou juro que destruo essa porra em dois tempos.

Ele gritava e socava as coisas, podia escutar o barulho ao longe. Será que estou seriamente ferida?

Felix...

Eu o chamava em pensamento. Precisava tanto dele ao meu lado.

— Merda! Me solte! Não toque em mim, seu imbecil! Juro que vai se arrepender! Onde está minha esposa? Lhaura! Lhaura!

Ele gritava meu nome. Precisava reagir, precisava acalmá-lo ou ele destruiria este lugar. Por isso, reuni todas as minhas forças e consegui esticar o braço. Mas ele estava preso a fios. Não enxergava direito, minha visão estava turva e a minha língua grossa. Puxei os fios e logo escutei um aparelho disparar, o som era insuportável. Escutei vozes e uma porta bater com força.

— Ok, querida. Você não pode se levantar, precisa ficar deitada. — Não reconheci a voz, só senti algo frio na minha pele. — Isso querida, relaxe.

— Fe-Felix. Meu marido, meu marido...

— Acalme-se. Ele está na sala de espera, assim que a sua médica a liberar, ele virá vê-la. Agora tente dormir um pouco.

Mas não queria dormir, queria o Felix. Puxei o ar para dentro dos pulmões e soltei rapidamente.

— Felix... Felix! — gritei com toda força que meus pulmões permitiram. Até não suportar mais.

— Saiam da minha frente, imbecis! — Escutei sua voz, senti o seu cheiro e respirei aliviada. — Vou processar essa porcaria de hospital. — Ele pegou a minha mão, e me senti segura e viva.

— Meu amor, estou aqui. Estou aqui... — Seus lábios quentes e macios cobriram os meus, sua mão acariciava meus cabelos. Deus, não o deixe ir embora. — O que ela tem? Alguém pode responder minha pergunta? — ele gritava com alguém, mas não deixava de acariciar meus cabelos. — O que colocaram no soro? Que medicação é essa, serve para quê? — Ele fazia tantas perguntas que logo comecei a ficar desorientada.

— Felix... Felix, não me sinto bem... — Senti uma vontade enorme de vomitar. A bílis veio até a garganta. — Fe-Felix. — Ele me ajudou a sentar e algo azedo saiu da minha boca.

— Alguém quer chamar um médico? Ou terei que caçá-lo? — Ele faria isso mesmo. Conheço o Felix, e quando se trata de mim, ele é impiedoso.

— Não precisa me caçar, senhor Santini. Estou aqui. — Abri os olhos e vi uma mulher loira vestida com um jaleco branco.

— Até que enfim, já estava pensando seriamente em chamar os meus advogados. — Felix

estava muito zangado. Ele me deitou, ajeitou os travesseiros e me cobriu. Fechei os olhos. Estava me sentindo muito mal. — O que a minha esposa tem? Você ao menos já sabe? — articulou com arrogância.

— Sua esposa está grávida.

O tempo parou. Vi pontos brilhantes diante de mim, meu coração acelerou. Não podia ser. Alguém fale que é um engano, por favor.

— Grávida! Como assim? — Ele apertou minha mão com força, e eu queria sumir. — Ela usa contraceptivo, acho melhor refazer o teste. — Apertei meus olhos. Podia sentir a ira do Felix através do aperto nos meus dedos.

— Não, senhor Santini, não há engano. Já fizemos o teste três vezes, sua esposa está grávida, o senhor será papai...

Meu Deus, estou morta!

— Isso é impossível — murmurou.

— Senhor Santini, anticoncepcionais não são cem por cento seguros, eles falham, e sua esposa pode ter esquecido de tomar algum dia. O senhor deveria estar feliz.

Ele ficou em silêncio.

Esperei os gritos, as acusações. As lágrimas brotaram nos meus olhos, comecei a tremer, e ele percebeu.

— Não, não, meu amor. Não chore, fique calma. Está tudo bem. Seremos pais, não é maravilhoso?

O quê? Como assim?

— Eu... eu... pens...

— Shhh! Meu amor, não fale. Não se esforce, ficará tudo bem. — Ele me beijou com paixão. — Pai, serei pai... Meu Deus! Existe alegria maior do que essa?

Ele abraçou a médica, as enfermeiras. Não podia acreditar que toda aquela comoção era encenação, ele estava feliz mesmo.

— Calma, senhor Santini, fizemos um ultrassom e detectamos um deslocamento ovular...

— Como assim? O que é isso?

— Felix... — eu o chamei. Ele veio correndo para o meu lado e segurou a minha mão. Estava com medo, não queria perder nosso bebê, e logo agora que sabia que ele estava feliz.

— Calma, meu amor, vai ficar tudo bem... Vai ficar, não é doutora? Desculpa, qual é o seu nome?

— Priscila. Desculpe não ter me apresentado, os ânimos estavam exaltados e só queria acalmá-los. — Ele sorriu. — Então, o descolamento ovular é o acúmulo de sangue entre a placenta e o útero. Pode ocorrer em qualquer fase da gestação, mas é mais comum no primeiro trimestre, ou seja, nas primeiras doze semanas de gravidez.

— E o que isso significa? Quer dizer que vou perder meu bebê? — A vontade de chorar bateu forte. Queria tanto esse bebê, tanto.

— Meu amor, não fique nervosa. Vamos resolver isso, não se preocupe. — Ainda estava difícil de acreditar que o Felix queria mesmo esse filho.

— Se acalmem os dois. Na imensa maioria dos casos, esse acúmulo de sangue, chamado de hematoma, é absorvido e a gravidez prossegue sem complicações quando é feito repouso e acompanhamento adequado, e o hematoma desaparece espontaneamente. O risco de aborto é pequeno e só ocorre entre um e três por cento dos casos.

— Então ficaremos bem? — Apertei a mão do Felix e ele a acariciou com o polegar.

— Sim, se seguir o repouso e tomar a medicação. A sorte é que foi detectado logo, você só está com um pequeno sangramento e as dores que estava sentido vão passar com a medicação.

— Quando ela terá alta, doutora? — Felix me encarou e sorriu enquanto sua mão acariciava os meus cabelos.

— Acho melhor ela passar a noite no hospital. Amanhã, se estiver tudo bem, ela poderá ir para casa. Mas lembrem-se, repouso absoluto até o retorno para a próxima consulta, e qualquer sinal de sangramento ou dor, chamem um médico ou a traga para o hospital.

— Não se preocupe, ela será muito bem cuidada. — Ele beijou a minha testa. — Agora posso encher este quarto de flores, balões rosas e azuis e mimar a minha esposa?

— Fique à vontade, senhor Santini. — A médica estava se divertindo com o nervosismo do Félix.

Ele saiu saltitante de felicidade. Só escutava a voz dele comemorando com quem quer que encontrasse, dizendo que seria pai, que estava grávido. E escutando a sua felicidade, finalmente consegui adormecer. Acordei várias vezes sentindo cólicas e dor nas costas. Mas tinha um marido apaixonado, que se pudesse sentiria todas as dores e incômodos por mim. Ele me virou de lado e começou a massagear as minhas costas e depois o meu ventre. Seus beijos me acalmavam, seu amor me blindava. Estava tão feliz. Seria mamãe, teria um filho do homem que amo mais do que tudo mundo.

Felix ligou para o papai para contar a novidade. Só escutava os seus gritos de felicidade. Ele prometeu que viria me ver assim que pudesse. Mas bateu uma insegurança e comecei a tremer e a chorar.

— Lhaura, meu amor, o que foi?

— E se eu não for uma boa mãe? E se não souber cuidar do nosso filho? Felix... serei mãe, mas não sei se estou pronta para isso.

Escondi o rosto no peito dele e comecei a chorar desesperadamente. Felix imediatamente chamou a médica, ligando pessoalmente para o celular dela. Alguns minutos depois ela entrou no quarto com uma enfermeira.

— Lhaura, você precisa ficar calma ou terei que deixá-la internada. — Ela me examinou, e não sei o que me deram, mas logo os meus olhos ficaram pesados e não consegui mantê-los abertos por

muito tempo.

Adormeci com Felix ao meu lado. Mesmo que a enfermeira dissesse que ele não podia se deitar na mesma cama que eu, ele a desafiou a tirá-lo do meu lado. Dormimos abraçadinhos e sentindo o calor da mão dele no meu ventre.



Acordei com vozes sussurrando. Eram as vozes do Felix e a médica. Fingi que estava dormindo, pois fiquei com medo que se eles percebessem que já estava acordada mudariam de assunto.

— Senhor Santini, não se preocupe, se sua esposa seguir com as recomendações e tomar a medicação como está prescrito, tudo ocorrerá bem.

— Estou preocupado com o estado emocional dela. Nunca a vi perder o controle como perdeu ontem.

— É normal, senhor Santini, a gravidez afeta os hormônios e as mulheres ficam mais sensíveis. Apenas siga o recomendado, não a deixe sozinha, cerque-a de atenção e carinho, e se algo acontecer, traga-a imediatamente para o hospital.

— Não será melhor contratar uma enfermeira?

— Não exagere, senhor Santini, cuidados demais podem deixá-la muito mais ansiosa. Só cuide dela, isso será o bastante. Aqui está receita, cuidado com a medicação, se ela tomar além do indicado pode provocar um aborto.

— Obrigada, Priscila. Então podemos ir.

— Quando ela acordar é só chamar a enfermeira que ela virá tirar o acesso da medicação. Se tudo correr bem, nos veremos em duas semanas.

Vinte minutos depois, estávamos a caminho de casa. Ele parou na farmácia para comprar os remédios. Pelo que pude perceber, algumas pessoas já estavam sabendo da gravidez, pois cumprimentavam o Felix, felizes da vida e ele também.

Felix me colocou nos braços e me levou para nosso quarto. Olga nos recebeu cheia de cuidados e precaução.

— Não se preocupe, Olga. Pode deixar que eu mesmo vou cuidar dela. Deixe-nos a sós.

Ele a acompanhou até a porta, e o vi trancá-la a chave. Ele encostou a cabeça na madeira e ficou quieto. Foram os minutos mais longos da minha vida e os últimos melhores da minha vida, assim que escutei o tom de sua voz.

— Como pôde fazer isso, Lhaura?

— O quê? Fazer o quê, Felix? — Estiquei o corpo para poder observá-lo melhor. Ele estava com a cabeça encostada na cabeceira da cama. — Felix, o que está acontecendo?

Até aquele momento, ele não tinha virado o corpo, continuava de frente para a porta, mas percebi que apertava a mãos em punhos.

— Não seja cínica... — articulou entredentes. Ele se virou e os seus olhos tinham um brilho estranho, seu rosto era uma máscara sombria. — Você fez de propósito, não foi?

— Eu fiz o quê? Do que está me acusando, Felix?

Ele acelerou os passos, até que uma de suas mãos estava embrenhada nos meus cabelos, pressionando o meu couro cabeludo, e a outra espalmada no meu queixo, segurando-o com dureza, me forçando a encarar o seu rosto raivoso.

— Engravidou... lembra agora? Você sabia que não queria filhos e me apunhalou pelas costas, querida esposa. E agora, Lhaura? — Fez uma pausa. — E continuo não querendo filhos. O que faremos?

Não acreditei no que estava acontecendo. Toda aquela alegria do Felix foi puro fingimento, ele só estava esperando chegarmos em casa.

— Felix... é seu filho, nosso filho. Não está feliz?

— Feliz!? Veja como estou feliz. — Ele soltou meu queixo com violência, então vi o demônio na minha frente. Aquele não era mais o meu Felix, era outro ser, era o homem violento quem estava na minha frente.

— Amor, estou esperando um filho seu. Seremos pais, pelo amor de Deus!

— Acontece que não queria um filho. Não quero ser pai, não quero dividi-la com um moleque chorão. Eu lhe disse que quando quisesse um herdeiro avisaria, e juro que vai demorar um bocado de anos para isso acontecer.

— Acontece, senhor Felix Santini, que já estou grávida — gritei e me levantei da cama, sequer me lembrando de que não podia ficar de pé. Estava com tanta raiva. Queria bater nele. Fechei as mãos em punhos e o encarei. — Entendeu? Estou grávida, isso é um fato. Ou você quer que faça um aborto? — articulei encarando-o com raiva.

Somente depois de cuspir estas palavras, é que puxei o ar para dentro dos meus pulmões, mas logo depois a mão dele se elevou e veio com toda força na direção do meu rosto. O tapa foi tão forte que a minha cabeça virou abruptamente e caí na cama de bruços. Mal deu tempo de respirar quando uma mão me segurou pelos cabelos e ele virou o meu corpo, ficando por cima de mim com um punho fechado, pronto para se encontrar com o meu rosto.

Fechei os olhos. Pedi para que tivesse uma morte rápida, mas ao invés disso, ele me puxou para o seu peito e me abraçou.

— Viu o que você me faz fazer? Viu? Por que, Lhaura? Por que você faz isso? Acha que gosto de bater em você? Oh meu Deus! — Ele começou a chorar. — Você sabia que não queria filhos e mesmo assim engravidou. — Ele espalmou as mãos nas laterais do meu rosto e limpou as minhas lágrimas. — Não quero dividi-la com ninguém, nem com um filho, Lhaura! Não quero este filho, não quero. Você é só minha, só minha...

Ele beijou a minha boca com força. Não sei o que mais doía, se o beijo, o ardor do tapa no meu rosto, ou a minha dignidade.

— Lhaura, meu amor por que você fez isso? Estávamos tão bem, há anos não brigávamos, sequer discutíamos... — Ele se afastou, se ajoelhou diante da cama, sentando-se por cima das pernas, com a cabeça baixa e as mãos juntas. — Jurei nunca mais tocar em você com violência, e você acabou de me fazer quebrar esta promessa.

Ele não disse mais nada. Só escutava os soluços dele e os meus, estava tão assustada, com tanto medo, que mal conseguia respirar.

— Lhaura... — Ele levantou a cabeça e os seus olhos frios me encararam. Esticou o braço e a sua mão tentou me tocar, mas me arrastei e me encolhi no canto da cama, longe dele. — Por favor, meu amor, não tenha medo de mim. — Fechei os olhos e abracei os meus joelhos. — Lhaura, não faça isso. Não quis bater em você, perdi o controle quando me respondeu daquele jeito. — Suas mãos circularam os meus braços.

— Não me toque... afaste-se de mim. — O empurrei, no entanto, ele não me soltou, e continuei lutando para me livrar das suas mãos fortes. — Me solta, me solta, seu monstro...

— Lhaura, amor, se acalme. Não faça isso, não sou um monstro. Você me faz ser um monstro... — Ele me segurava e eu me debatia. Queria fugir para o banheiro, me trancar lá dentro até que ele fosse embora. — Lhaura, eu a amo. Não quero machucá-la, juro. Fique calma, pense no bebê. Pelo amor de Deus, pare... pare.

Bebê! Como ele ousa falar de um filho que ele nem quer?

Precisava ficar longe.

Precisava proteger meu filho.

— Me solta, Felix! Vá embora! Saia do meu quarto, saia.

— Não vou deixá-la sozinha, Lhaura. Você não está no seu estado normal.

Ele sacudia o meu corpo, e o empurrava com as pernas.

— Você me bateu! Você odeia o nosso filho, você é um monstro. Eu o odeio Felix, odeio...

Ele levantou a mão outra vez e fechei os olhos, esperando a força da pancada. Mas ela não veio.

— É isso que você quer, não é? Você quer que eu perca a minha estabilidade e quer que eu te bata, só que não farei isso, Lhaura! Não farei! Se você quer alguns tapas, vai ficar querendo, entendeu?

Ele era louco!

Seus olhos estavam saltados, fixos, e me encaravam friamente. Suas mãos poderosas seguravam os meus braços e sacudiam o meu corpo.

— Entendi — sussurrei. Só queria uma chance de correr para o banheiro.

— Meu amor, não quero machucá-la, só quero cuidar de você. Deixe-me cuidar de você...

A força das suas mãos nos meus braços se abrandara. Ele me puxou para junto do corpo e me abraçou, mas não queria o seu abraço. O queria longe de mim, esse homem que tentava demonstrar preocupação não era mais o homem que amava, não era o Felix por quem me apaixonei. Esse homem era o demônio, e tinha certeza de que ele acabara de matar o meu antigo Felix.

Mas precisava ser prudente, não podia ir contra as vontades dele. Felix precisava acreditar que me convenceu, precisava acreditar que aceitaria os seus cuidados.

— Vo-você promete não me bater mais?

— Meu amor, não queria fazer aquilo. Se você não tivesse me provocado estaríamos bem e nada disso teria acontecido, mas..., mas prometo, não farei isso nunca mais.

Ele se afastou um pouco de mim, só o suficiente para fixar os olhos no meu rosto. Fechei os olhos quando a sua mão tocou o lado machucado do meu rosto. Ele passava os dedos levemente, e a cada raspagem da sua mão a minha pele ardia. Queria que ele parasse, queria que ele se afastasse de mim.

Estava tão apavorada que travei os dentes. Aquela carícia provocou um tremor em todo meu corpo e o repúdio foi imediato. Foi tão forte que não consegui segurar a fúria do medo. Não consegui manter a calma, e o empurrei com toda a força que consegui reunir. Felix perdeu o equilíbrio e despencou sobre o colchão, então eu me levantei rápido e corri. Nem vi a jarra de água sobre a mesinha, no meu desespero de fugir dele, mas meu braço esbarrou na jarra e ela voou, se espatifando no chão e espalhando água por todos os cantos. Pisei justamente na parte em que não havia tapete, bem próximo à entrada do banheiro, e meu corpo foi arremessado para frente, até que um dos lados do meu rosto encontrou a parede. Pude escutar o eco desesperado do seu grito, enquanto meu corpo escorregava para o vazio.

— Lhaura! Não, não, não, não me deixe! Faço o que você quiser, meu amor, o que você quiser! Só não me deixe... — Sentia o cheiro dele tão perto, sentia suas lágrimas molhando meu rosto. Eu apenas conseguia escutar tudo, mas não conseguia reagir. — Alô? Preciso de uma ambulância, sejam rápidos... É... é minha esposa. Eu... eu a matei, por favor, corram.

Seus braços trêmulos agarraram meu corpo e ele chorava enquanto me beijava. Ele sofria, e eu também. Adeus, adeus dor, adeus ilusão. Leve-me, Deus, leve-me para perto da minha mãe...

Bip. Bip. Bip.

Era o som que escutava através dos meus ouvidos. Não sentia dor, não sentia nada, apenas um vazio dentro de mim. Eu sabia que ele não estava mais dentro de mim. Ninguém precisava me dizer que meu bebê se fora. Acho que as mães sabem, é o instinto. Estava oca, ele se foi para longe. Acho que talvez tenha sido melhor, afinal, nenhum filho merece ser rejeitado pelo pai. Como explicaria para ele que seu próprio pai não queria que ele nascesse?

Tentei me mexer. Não consegui, meu corpo estava muito pesado, os meus lábios secos e a minha língua grossa. Gemi. Na verdade, tentei pronunciar alguma sílaba, mas só saiu um gemido. Lhaura, você precisa reagir. Seja forte. Consegui mover um braço fazendo um pouco de barulho, e percebi que estava presa a alguns fios.

— Senhora Santini, não se mova. Já chamei a médica ela está vindo. Relaxe, está tudo bem.

Tudo virou um breu outra vez, e me perdi na escuridão...

Acordei com uma mão acariciando meu rosto. Senti o cheiro dele.

Medo.

Queria gritar por socorro, mas ele me machucaria outra vez. Não! Gritei silenciosamente.

Socorro! Clamei em silêncio.

— Meu amor, está tudo bem, você está a salvo. — A voz dele estava tão perto, suas mãos

estavam sobre mim. Meu Deus! Afaste-o de mim. — Querida, vai ficar tudo bem. Estou aqui.

Vá embora, deixe-me em paz.

— Meu bebê? — fiz a pergunta, mesmo sabendo a resposta. É, realmente gostava de sofrer.

— Sinto muito, meu amor, sinto tanto, mas podemos ter outros filhos...

— A culpa é sua... Sua, assassino. Você matou meu filho. Vá embora!

Gritei, gritei com toda força que tinha nos meus pulmões. Não sei onde encontrei a coragem para enfrentá-lo, mas abri os olhos e o encarei. Estava com raiva, queria feri-lo, queria que ele sentisse a mesma dor que estava sentindo. Juntei as mãos no seu rosto e o agarrei com as unhas. Felix não reagiu, apenas me encarou com um olhar morto.

— Assassino! — cuspi minha raiva em seu rosto. — A culpa é sua, sua...

Mãos me agarraram e me afastaram dele. Não queria soltá-lo, queria continuar machucando-o. Mas continuei gritando, continuei acusando-o.

— Querida, se acalme. Foi um acidente, seu marido não tem culpa, ele está sofrendo...

— Não, ele não está sofrendo. Ele não queria esse filho, a culpa é dele. — A médica tentava me acalmar enquanto enfermeiras me seguravam. Mas não queria ficar calma, queria feri-lo, queria que ele sentisse o meu ódio.

— Parem, deixem-na em paz! — Felix gritou, e parei de espernear, encarando-o. — Ela tem razão, a culpa foi minha. Sou culpado, eu matei o nosso filho, fui eu...

— Claro que não foi o Felix. Minha filha está traumatizada, ela não sabe o que está falando.

Não tinha visto o papai, nem sei quando ele havia entrado no quarto. Olhei para ele abraçado ao Felix, chorando, tentando consolá-lo. Se o papai soubesse a verdade, certamente a esta hora Felix seria um homem morto e eu seria viúva e órfã. Não, não, posso perder tudo, só não posso perder meu pai, ele é tudo de bom que me sobrou.

— Filha, meu anjinho, estou aqui. Tudo vai ficar bem, vocês ficarão bem e vão superar essa dor. Não culpe o Felix, ele já sofreu o suficiente. Você não tem noção do que seu marido passou, pensei que ele não suportaria. Por favor querida, se acalme.

Papai acariciava meu rosto, me beijando, e suas palavras confundiam a minha mente. Só neste momento olhei para o Felix com mais atenção. Ele estava horrível, a barba por fazer, roupas amarrotadas. Estava longe de ser o Felix que conhecia.

— Papai, há quanto tempo estou aqui?

— Uma semana, querida. Você esteve em coma, e seu marido quase morreu, meu anjo. Ele quase morreu de tristeza.

Fechei os olhos. Por que, Deus? Por que o Senhor não me levou junto com o meu filho?



35

Estava chovendo, era um dia de quase noite. As portas da varanda do meu quarto estavam fechadas, e só conseguia ver os pingos grossos e fortes caindo do céu, batendo no chão de pedras da varanda. Trovões assustadores e relâmpagos cortavam o céu cinzento. Nunca tinha visto tanta chuva. Faz cinco dias que voltei do hospital e desde então não vi o Felix nem sequer escutei a sua voz. Não sei se ele está me evitando ou se foi aconselhado pela psiquiatra a me dar o espaço que precisava. Mas não quero espaço, quero que ele me deixe em paz, quero ir embora com o papai. Porém sei que não posso ir, Felix nunca me deixaria.

Mas, enquanto papai estiver aqui, estou salva. Felix não poderá chegar perto, ele não poderá me tocar.

— Lhaura, está tudo bem? — A voz do papai me trouxe de volta.

— Está, sim. Estou vendo a chuva, o som que vem de lá de fora me acalma.

Ele queria dizer me dizer alguma coisa, conhecia meu pai. Quando ele fazia pausas ao falar, é porque havia algo, e naquele momento pressentia isso.

— Você sempre gostou da chuva. — A porta se abriu e ele entrou, fechando-a atrás de si. — A sua mãe também adorava a chuva, ela ficava horas olhando as gotas de água descendo através dos vidros das janelas.

— Eu me lembro disso, papai. Ela me pegava no colo e me sentava na borda da janela. Ficávamos desenhando o caminho que as gotas de chuva percorriam pelo vidro, inventávamos nomes para elas, e me divertia muito.

Papai se sentou ao meu lado. Ele estava em uma poltrona de frente para a porta de correr de vidro da varanda. Sua mão segurou a minha mão e a levou aos lábios, acariciando-a com eles. Sabia que ele tinha algo a dizer e talvez até soubesse o que era.

— Querida, sei que você passou por uma situação terrível. — Não, papai, o senhor não sabe. — Não existe dor maior do que perder um filho, ainda mais quando ele está dentro de você. Sei que não será fácil esquecer, mas vocês são jovens. — Não, papai. Não continue, não quero escutar. Por favor, por favor pare. — Vocês podem ter outros filhos, filha...

Eu me levantei, fui para a cama e me enrolei no edredom. Não queria escutar o que o papai tinha a dizer, ele não sabia de nada, e não podia defender o Felix para mim. Não queria que ele o defendesse.

Conte para ele. Conte tudo, Lhaura.

Papai se sentou ao meu lado outra vez e alisou meus cabelos. Seus olhos compreensivos me encararam. Ele era puro amor. Então pude perceber o quanto tinha rejuvenescido. Seu rosto não tinha mais aquela amargura, seus olhos não estavam mais apagados pela dor. Ele estava tão bonito e tão

feliz.

Não, não podia contar a verdade. Não tinha o direito de acabar com a felicidade dele. Podia suportar a violência do Felix, só não podia suportar a dor de perder meu pai para a bebida novamente.

— Não quero outros filhos, papai. Acho que nunca mais vou me recuperar, nunca mais quero passar por isso. — Coloquei tudo para fora da minha mente.

— Oh, meu anjo, é claro que você vai superar. Você não está sozinha, você tem um marido que a ama mais do que tudo, e o amor cura tudo, minha querida. — Não, o amor do Felix destrói. — Meu amor, você tem que deixar o Felix se aproximar, ele também está sofrendo. — Não mais do que eu. Não mais do que eu. Pare, papai, por favor. — Filha, deixe que ele se aproxime, ele precisa de você, assim como você precisa dele.

Não... eu o quero bem longe de mim, bem longe.

— Papai, não é tão simples assim. Toda vez que penso nele, me lembro do bebê e dói muito.

— Lhaura, não foi culpa do Felix. Mesmo ele afirmando que foi, você sabe que não é verdade, você escorregou e ele não teve tempo de salvá-la.

Oh, papai, ele não queria o seu neto. Ele pode até não ter me empurrado, mas ele foi o responsável pelo meu acidente.

— Preciso de mais tempo, não posso nem pensar nele que tenho vontade de chorar.

— Filha, preciso voltar para o Texas e não quero ir preocupado com vocês.

— Já? Fique mais um pouco ou então me leve com você. Talvez ficar longe do Brasil, desta cidade e de tudo isso, me ajude a melhorar.

Concorde, por favor, concorde.

— Lhaura, você não pode fugir dos seus problemas, precisa encará-los e não se esconder. Além do mais, não tem como ir comigo. Você se esqueceu das consultas com o psiquiatra? E o Felix não vai concordar com isso.

— Então fica mais um pouco. Por favor, papai, não me abandone.

— Deixe de drama, menina. Se pudesse, ficaria, mas não posso. Agora tenho duas fazendas para administrar e o Felix também precisa de mim. Preciso que você seja forte e que encare os seus medos. A felicidade está bem na sua frente. Abrace-a e não deixe que ela escape. Vocês se amam e é hora de união, não de distanciamento. Prometa-me que conversará com seu marido hoje à noite, quero voltar para o Texas tranquilo.

Estava ficando nervosa e irritadiça com isso, porque sabia que precisava representar na frente do papai. Como também sabia que quando ele fosse embora, não teria outra saída a não ser encarar o Felix. Ele era meu marido, e se quisesse que meu pai continuasse feliz, teria que aceitar o seu amor doentio. Só não sabia como faria isso.

— Papai, não é tão fácil quanto parece... — Ele levou a minha mão até os lábios outra vez e demorou um par de minutos as acariciando. — Mas prometo que vou tentar. — Ele sorriu.

Sabia que ele esperava que a minha vida conjugal com o Felix voltasse ao normal e ao que era antes. O que ele não sabia era que isso não iria acontecer nunca mais, eu e o Felix agora somos como cacos de porcelana quebrada, tentar colar ficaria horrível.

— Essa é a minha garota. Então, que tal começarmos com o jantar? Quero uma despedida bem feliz. Jantaremos como uma família, todos à mesa e unidos, ok?

Ele estava apelando. Isso não iria funcionar.

— Papai...

— Não, Lhaura. Quero vê-la muito linda na sala de jantar e quero que trate o seu marido bem, nada de acusá-lo de assassino.

Papai continuou acariciando meu rosto e me dando olhares simpáticos. A sua outra mão estava sobre a minha e conseguia sentir o seu polegar acariciando a minha pele. Era tão bom que cheguei a suspirar.

— Tentarei, prometo. — Coloquei a minha mão sobre a dele e puxei o ar com força, como se isso fosse afastar a minha insatisfação.

— Filha, tudo vai ficar bem. As coisas voltarão ao seu devido lugar. — Esperava que não papai, não suportaria.

Ele se levantou, deu um passo na minha direção e beijou a minha testa. Olhei para ele e sorri, tentando não cair em lágrimas, engolindo meu choro.

— Descanse um pouco. Sua psiquiatra daqui a pouco estará aqui, mas dá tempo de tirar um cochilo.

Escorreguei o corpo e me embrulhei, me encolhendo e me enrolando no edredom. Acordei com Olga me chamando. Ela veio me avisar que a Doutora Cristiane já tinha chegado. Cristiane era psiquiatra e psicanalista, ela estava cuidando do meu caso desde que perdi o bebê, e como estava muito agressiva – com o Felix – precisei usar medicação e duas vezes na semana ela vinha conversar comigo. Quer dizer, ela tentava conversar.

— Posso entrar, querida? — Não sei por que perguntou, se já tinha entrado. Olhei para ela e lhe ofereci um meio sorriso, terminando de pentear meus cabelos. Ela se sentou na poltrona, abriu o caderninho, cruzou as pernas e pegou seu pacotinho de jujubas. Ela adorava esses doces, mas só comia as roxinhas. Acho que todo psiquiatra deve ser meio maníaco, sei lá.

Sentei-me no estofado que ficava em frente à porta da varanda, estiquei as pernas e abracei minha almofada. Quer dizer, a almofada era do Felix, mas gostava de ficar com ela, pois tinha o cheiro dele. Acho que devo estar ficando doida. Às vezes não me entendo, há horas que quero que ele morra e há outras que sinto saudade dele.

— Como se sente hoje, Lhaura?

E eram sempre as mesmas perguntas, ela não mudava o repertório. Eu também respondia sempre as mesmas coisas.

— Com vontade de não acordar.

— Você acha que está vivendo em um pesadelo?

Como disse, as mesmas perguntas. Acho que as perguntas estavam escritas naquele caderno, não sei para que ela o usava se já sabia de cor as palavras escritas nele.

— E não estou? Em uma manhã descubro que estou grávida e dias depois meu bebê morre. Quer dizer... matam ele.

Arrependi-me de dizer aquelas palavras, mas já era tarde.

— Quem matou o seu bebê, Lhaura?

Ela já sabia a resposta, por que perguntava? Acho que ela gostava de me irritar. Fiquei muda, apertando as mãos uma na outra.

— Responda, Lhaura!

— Você sabe quem foi, não preciso lhe dizer.

— Não, não sei.

Idiota. Claro que ela sabia, gritava a mesma acusação desde que acordei do coma.

— O Felix, ele matou meu filho. Ele é o culpado, ele é um monstro e eu o odeio. Odeio...

Escondi o rosto entre as mãos e comecei a chorar. Por que ela insistia com isso? Por que queria me machucar? Será que ela não via que isso era como abrir uma ferida que ainda estava sangrando?

— Lhaura, o que a faz pensar que o Felix é culpado?

Ela chegou na pergunta que nunca era respondida, pois não podia dizer a verdade. Ela nunca acreditaria em mim, e se acreditasse, meu pai estaria perdido. Então, fugia da resposta, apenas baixava a cabeça e ficava quieta. O silêncio nos envolveu por longos minutos, até que, como sempre, ela tomou a frente do diálogo.

— Você tem tomado seus remédios? — Assenti com a cabeça. — Tomou hoje? — Que pergunta idiota, claro que tomei. Assenti. — Tem conversado com seu marido? — Eu tinha certeza de que ela sabia que não. Neguei com a cabeça. — Tem saído deste quarto? — Ela também sabia que eu não saía. Neguei de novo. — Você tem dormido a noite toda? — Este era o problema, mesmo com todos aqueles comprimidos que tomava antes de dormir, ficava com tanto medo de fechar os olhos e o Felix entrar no quarto e vir exigir os seus direitos de marido que via o dia amanhecer. Só então, conseguia dormir.

— Não, só consigo dormir quando o dia amanhece.

Precisava ser sincera, talvez ela percebesse meu medo e resolvesse me ajudar sem que precisasse contar a verdade. Ela começou a anotar coisas no seu maldito caderno.

— Lhaura, a nossa próxima consulta será no jardim, e a partir de amanhã, se o tempo estiver bom, quero que você faça uma caminhada de vinte minutos. E isso não é um pedido, são ordens médicas. — Ela continuava anotando coisas no caderno. — Por hoje a nossa consulta acabou. — Ela se levantou, mas me encarou antes de se virar. — Lhaura, você precisa reagir. Os remédios ajudam, mas não fazem milagres... Saia deste quarto e volte a tocar seu violoncelo, a música transforma. Deixe que as pessoas se aproximem, principalmente seu marido. Pelo menos tente.

Era fácil aconselhar. Ela não viveu o que vivi. Queria viver, era por isso que estava presa neste quarto. Ela foi embora e fui para o banho, pois precisava cumprir minha promessa. Jantar com o Felix, como uma família feliz.

Coloquei um vestido cinza, a cor da minha alma, e prendi os cabelos no alto da cabeça, me olhando no espelho sem nenhuma emoção. Acho que nesse espaço de tempo envelheci uns dois anos. Estava me sentindo uma velha. Toda a minha alegria tinha desaparecido, não tinha energia para fazer nada e até o amor pela música tinha sumido.

Às dezenove horas desci e assim que pus os pés no último degrau da escada escutei vozes vindas da sala de estar. A passos lentos segui para lá, e quanto mais me aproximava, mais nervosa ficava. Então, ouvi a voz do Felix e o medo veio, me fazendo congelar onde estava. Queria correr, mas minhas pernas não obedeceram. Meu corpo tremia, o ar se tornou pesado e não conseguia puxá-lo para os meus pulmões. Queria gritar, mas cadê a voz? Deus, me ajude! Por favor, por favor...

As lágrimas saíram dos meus olhos sem controle e um bolo subiu para a minha garganta. Então o vi, bem na minha frente.

— Lhaura! Querida, você está bem?

Corra, Lhaura, corra...

— Querida!

Não se aproxime, não chegue perto de mim...

— Meu amor!

Continuava estagnada no lugar, mal respirava, as lágrimas saíam dos meus olhos como cascatas descontroladas. Quando as mãos dele me tocaram, a dor veio. Senti o meu útero contrair e a dor foi dilacerante. Meu corpo entrou em choque, meu sangue correu rápido pelas minhas veias e chegou tão rápido ao meu coração que pensei que ele fosse explodir. Então, enfim, gritei.

— Solte-me!!! — O empurrei, no entanto, a escuridão me tomou e me levou em seus braços.

Acordei sentindo o cheiro dele, o que era natural, pois ele havia me tocado. Abri os olhos e tentei me acostumar à pouca claridade do quarto. Olhei para o meu corpo e percebi que estava de camisola. Quem tinha me trocado? Só podia ter sido a Olga. Estiquei o braço para acender a luz do abajur.

— Ei, onde pensa que vai?

Era ele? Como? O que ele fazia no meu quarto? Será que ele veio cobrar os seus direitos de marido? Ele acendeu a luz do quarto e surgiu de pé diante da cama. Olhei para a porta e medi a distância, mas mesmo que fosse rápida o bastante, ele me pegaria antes mesmo que me levantasse da cama. Isso me deixou com muito mais medo, mesmo assim, coloquei os pés para fora da cama. Acho que o medo acabou me encorajando. Sem pensar que estava sendo estúpida e que aquela situação estava fora de controle, corri para longe antes que ele pudesse encostar em mim.

— Ei, espere, Lhaura! Você não precisa fugir de mim. Não vou machucá-la, pelo amor de Deus! — Coloquei a mão sobre o peito dele tentando afastá-lo de mim, mas quanto mais o empurrava, mais ele me puxava para si. Estava ofegante quando enfim consegui empurrá-lo usando as

duas mãos.

— Não me toque. Não encoste em mim. Por favor, Felix, saia do meu quarto. — Ele me alcançou em dois passos e me segurou pelos braços. Sua reação só me deixou mais furiosa.

— Chega, Lhaura, chega! Estou cansado de você me evitando o tempo todo. Já está na hora da nossa vida voltar ao normal, entendeu?

Eu o empurrei outra vez, o que ele não esperava, então aproveitei e me afastei. Ele deu um passo na minha direção e recuei instintivamente. Olhei para os lados em busca de uma fuga, mas apesar do quarto ser grande, não existiam muitas saídas. As únicas eram a porta de entrada e a varanda, e desta não tinha para onde ir, a não ser que pulasse a sacada. Até que não era uma má ideia, se morresse meu pai ficaria protegido.

— Por favor, não me machuque... — Encolhi o corpo. Estava trêmula, temia que sua mão pesada mão encontrasse meu rosto, apesar de saber que ele não faria nada, não enquanto meu pai estivesse na nossa casa. Mesmo assim, fiquei com medo.

Ele retirou as mãos dos meus braços e tremi involuntariamente. A última coisa que queria era desmaiar. Respirei fundo e quando ia abrir a boca para falar, Felix passou por mim, caminhando até a porta. Isso me calou. Quando ele tocou na maçaneta, antes de girá-la, respirou fundo e disse:

— Você precisa tomar uma decisão antes que seu pai volte para o Texas. O seu prazo é até amanhã, e se você não estiver na sala de jantar para o café da manhã, entenderei que estamos devidamente separados.

Estremeci.

— Felix... — Ele já estava girando a maçaneta. — Não estou pronta. Por favor, me dê mais algum tempo. — Ele voltou a fechar a porta.

— Você teve tempo suficiente, Lhaura! Então se decida, ou fica comigo ou nos separamos de verdade. Viver assim é que não dá, não sou masoquista.

Dei um passo à frente. Não sei por que fiz isso, mas acho que ele percebeu, pois no mesmo instante ele se virou. O olhar de fúria no seu rosto era suficiente para me manter a uma distância segura, por isso recuei.

— O café da manhã será servido às sete da manhã. Não se atrase, quero vê-la sentada na sua cadeira quando entrar naquela sala. Boa noite, Lhaura. Durma bem.

Acho que parei de respirar. Não via uma saída segura para mim. Precisava encarar o demônio outra vez.

Deus, me ajude!



36

Às seis e meia da manhã já estava adequadamente vestida, andando de um canto ao outro do quarto. Já não tinha mais unhas. Nunca fui de roê-las, mas nos últimos dias era o que mais fazia. Olhava para o relógio a cada segundo, e faltando cinco minutos para as sete, abri a porta do quarto. Coloquei a cabeça para fora, pois não queria encontrar ninguém, principalmente ele. Estava silencioso. Puxei o ar tentando afastar a minha ansiedade e dei uma olhada no fim do corredor e no início. Apressei meus passos até chegar ao início da escada. Ouvi um ruído atrás de mim e olhei por cima do ombro. De onde estava podia ver quem vinha, mas era só uma das empregadas. Certamente meu pai e o Felix já tinham se levantado. A moça passou por mim, sorriu levemente e sussurrou um bom dia, e fiz o mesmo. Desci rapidamente, mas não sei como consegui fazer isso, pois minhas pernas tremiam.

Entrei na sala de jantar. Estava vazia, mas a mesa estava muito bem arrumada. Respirei fundo e me aproximei. Já estava quase voltando para meu quarto quando escutei vozes e uma delas era a do Felix. Estava de frente para a entrada, então o vi, seu porte alto e elegante, a camisa azul-marinho, o andar confiante e resoluto. Eu me senti um pouco tonta e recuei, com o coração disparado. A fraqueza não passou, então a sala começou a girar. Mal sentia meus pés no chão. Após passados poucos minutos, senti uma mão sobre a minha. Assustada, puxei a mão rapidamente.

— Filha, você está bem? Está gelada. Sente-se antes que caia. — Só então me dei conta de que era o papai. Aliviada, olhei para ele um pouco sem graça. — Lhaura, está tudo bem?

Olhei para o Felix, que permanecia imparcial. Seu rosto era uma máscara fria, sem nenhuma emoção. Em outra época ele já estaria me cercando de cuidados e carinhos.

— Estou bem, acho que fiquei tempo demais deitada e o esforço de vir do quarto para cá não me fez bem. — Em nenhum momento ele desviou os olhos de mim, mas não disse nada. Apenas puxou a cadeira e se sentou.

Eles começaram a se servir, mas só escutava o barulho dos talheres e das louças. Papai começou a conversar sobre o tempo, mas nem eu e nem o Felix parecíamos prestar atenção. Sei que papai percebeu o nosso distanciamento, pois não olhava para o Felix, e ele só falava quando respondia às perguntas do papai. Então, resolvi quebrar o gelo.

— Papai, que tal o senhor me acompanhar em uma caminhada? Fui praticamente intimidada a caminhar por vinte minutos pela doutora Cristiane.

Não estava com fome, mas senti os olhos do Felix me observarem assim que engoli um pedaço de bolo e um pouco de suco.

— Tenho uma ideia melhor. Que tal você me acompanhar até o aeroporto?

— Não, papai. O senhor não está indo hoje, está? Por favor, fique mais um pouco, preciso do senhor. Não me abandone, por favor, papai...

Desabei. As lágrimas vieram sem que conseguisse controlá-las.

— Lhaura, você não vai ficar sozinha, seu marido ficará com você. Oh, querida, preciso voltar...

— A culpa é sua, não é? — Olhei desafiadoramente para o Felix e me levantei, fazendo um barulho com a cadeira. — Você quer afastá-lo de mim também, não é, seu monstro?

Saí correndo e só escutei a voz do Felix me chamando. Logo depois ouvi a voz do papai:

— Deixe-a, filho, ela precisa desse tempo. Se continuar aqui ela nunca vai reagir, por isso preciso ir o quanto antes ou vocês nunca se acertarão. Sei o que digo, vocês dois precisam ficar sozinhos.

Oh, meu Deus! Papai pensava que estava fazendo o melhor para mim, me deixando sozinha com Felix, mal sabendo ele que talvez ficar sozinha com ele seria a minha ruína.

Subi as escadas correndo, entrei no meu quarto e me deitei na cama. Fiquei lá por um longo tempo, pensando sobre tudo o que estava acontecendo comigo, e é claro que isso me conduziu para o Felix. Pensei sobre como ele me conquistou, como foi tão fácil me apaixonar perdidamente por ele. Os cuidados que ele tinha comigo, com o papai... Ele me cercava de tanta atenção e com isso passei a não me preocupar com nada. Até a minha alimentação ele mudou, os meus horários, a minha maneira de me vestir... minhas amizades.

Amizades que não eram muitas, e que depois do Felix se extinguiram como fumaça, desaparecendo pouco a pouco. A minha música... Meu Deus! Amava tocar, vivia da música e me dediquei tanto, praticamente durante toda a minha infância e adolescência. Agora a minha música era praticamente um hobby.

Como deixei tudo isso acontecer? Como uma pessoa pode dominar a outra assim? Não percebi que ele tinha me transformado em um fantoche. Que amor era esse que cegava, dominava e escravizava? E o pior, por mais que não quisesse acreditar — e tenho até vergonha de ter estes pensamentos —, ainda o amava, ainda o queria e pensava que ele poderia mudar.

Não, isso não era normal. Estava doente. Deve ser a minha pouca idade, a minha falta de experiência. Não, isso era falta de amor-próprio. Não me amava e talvez o Felix tivesse razão, gostava de sofrer, gostava de apanhar. Queria gritar. Queria morrer.

Chorei, chorei até adormecer. Acordei com batidas na porta. Levantei-me, lavei o rosto, passei as mãos pelos cabelos e pela minha roupa, tentando ficar mais apresentável. Abri a porta e meu pai entrou. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele me puxou para um abraço.

— Filha, não pense que não a amo, mas preciso deixá-los sozinhos. Tenho a impressão de que estou impedindo a reconciliação de vocês. — Enquanto ele falava, nós caminhamos abraçados até nos sentarmos no estofado em frente à varada.

— Oh, papai, acho que não estou pronta para encarar o Felix. Ainda está tão recente... Fique mais pouco, pelo menos mais uma semana. — Na verdade, queria ir com ele, e até pensei em pedir ao Felix, mas não quis gastar o meu vocabulário à toa, e fiquei com medo que ele descobrisse que estava pensando em ficar no Texas definidamente.

— Minha princesa, sei que não está sendo fácil passar por tudo isso. Se a sua mãe estivesse viva, talvez ela tivesse palavras mais acolhedoras, afinal ela era mulher e vocês estão mais ligadas.

Sei que posso até parecer mais frio, só que acho que você deve encarar esse desafio de frente, Lhaura. Você cresceu, se casou, e agora é uma mulher e não pode mais se esconder debaixo das minhas asas, mesmo que eu queira muito abrigá-la nelas.

Ele espalmou as mãos no meu rosto e por alguns segundos os seus olhos emocionados me avaliaram. Sorri com tristeza, queria tanto que ele ficasse, queria tanto me esconder nas suas asas.

— Lhaura Santini, você fez a sua escolha, e casamento não é um mar de rosas, ele sempre tem seus espinhos. Às vezes tem até formigueiros cruéis, mas se há amor, tudo isso passa e o cheiro das rosas volta muito mais forte. Só quero a sua felicidade, é só isso que me importa.

— Papai, estou com medo... — Sem que ele esperasse, me joguei no seu colo e fiquei lá, quietinha, lutando contra a minha vontade de lhe contar tudo.

— Eu sei, eu sei que está, meu anjo. Ainda me culpo por ter concordado com este casamento, deveria tê-la convencido a só se casar quando voltasse de Londres. Perdoe-me, filha, me perdoe por não ter sido o pai que deveria. Você é jovem demais para passar por tanta dor, e logo a maior dor do mundo, a de perder um filho.

Ergui o corpo e o abracei. Como estava sendo egoísta, estava fazendo meu pai sofrer por causa dos meus erros, estava sendo covarde. Ele tinha razão, as escolhas foram minhas. Deixei-me ser enganada, não vi quem era o Felix de verdade, me apaixonei... e ainda estou perdidamente apaixonada. Talvez nunca deixe de amá-lo.

Somos dois doentes.

— Papai. — Agora foi a minha vez de cercar o seu rosto com as mãos. — O senhor tem razão, preciso dar a volta por cima. Preciso ser forte, e não posso ficar me escondendo atrás do meu sofrimento, sentindo pena de mim mesma. Se tenho pouca idade ou sou inexperiente, isso não é desculpa para ficar acusando os outros pelos meus próprios erros. Então, prometo que serei forte. Prometo encarar os meus demônios...

No meu caso, só tinha um demônio: o Felix.

— Essa é a minha garota, é assim que se fala! Posso ir tranquilo? — Com o coração em frangalhos, assenti com a cabeça. — Mas quero que saiba que se por acaso você decidir que não dá mais para vocês dois, vou apoiá-la. Nós daremos um jeito nas consequências, só não quero que seja infeliz.

— Eu sei, papai. Pode ir tranquilo, vai ficar tudo bem. Ficarei bem.

O abracei e quando estávamos nos afastando, alguém bateu levemente na porta.

— João, se não for agora vai perder o voo. — Felix ficou a uns dois passos fora do quarto. Papai se levantou e me ajudou a levantar.

— Tem certeza de que não quer ir me levar no aeroporto?

— Tenho. Odeio despedidas, o senhor sabe disso.

— Está bem, fique com Deus. Eu a amo muito e se precisar, é só ligar que volto voando. — Ele puxou uma mecha do meu cabelo e sorriu.

Ele me beijou e depois recebi um abraço apertado, até sentir falta de ar. Papai se foi, Felix o

levou... Ele enfim conseguiu afastar meu pai de mim.

Passei o resto do dia tensa. Felix não me ligou e já sabia que ele estava de volta à cidade, pois papai me ligou antes de entrar no avião e avisou que Felix estava voltando para Primavera. Ele não veio almoçar, nem se deu ao trabalho de avisar que não viria, e almocei sozinha. Passei a tarde toda trancada no meu quarto. Foram horas dormindo, horas vendo TV. Às dezenove horas desci para jantar, e novamente me sentei à mesa sozinha e mal toquei na comida.

Talvez ele tenha decidido voltar a contratar alguma prostituta, ou quem sabe, como ele mesmo disse que nunca precisou pagar por sexo, resolveu voltar à ativa com as suas antigas amigas. Por que isso me incomodava? Era até melhor que ele encontrasse consolo nos braços de outra mulher, talvez assim não precisasse mais cumprir o meu papel de esposa. Mas só de pensar no Felix se deitando com outra mulher meu coração se quebrava em mil pedaços. Mesmo não querendo acreditar, estava com ciúmes. Estava morrendo de ciúmes.

Doente. Precisava ser internada em uma clínica psiquiátrica.

Larguei a comida no prato e subi para o meu quarto. Tranquei a porta e corri para o banheiro, precisando de um banho frio para espantar meus pensamentos perniciosos. Vesti um pijama de algodão e mergulhei no edredom quentinho e macio. A água fria não foi uma boa ideia, porque além de não ter ajudado com meus pensamentos em relação ao Felix com outra mulher, espantou meu sono, e fiquei rolando na cama por muito tempo, contando os minutos. A última vez que olhei meu celular era mais de meia-noite, e nada do Felix. Desolada e enciumada, adormeci.

— Quem está aí? — Acordei sobressaltada. Não tinha sono leve, mas ultimamente qualquer barulhinho me deixava em alerta.

— Sou eu, Lhaura. Desculpe, não quis acordá-la.

— Como você entrou no quarto? Ele estava trancado! — Sentada na cama, protegendo meu corpo com a coberta, o questionei, pois tinha certeza de que tinha trancado a porta.

— Esqueceu que também sou dono desta casa? Tenho chaves reservas para todas as portas. — Ele mostrou um molho de chaves. Ele já estava de pijama, e não tinha escutado o chuveiro. Como ele foi tão silencioso? — Volte a dormir. Não vim incomodá-la, só queria ter a certeza de que estava bem.

— Vai dormir aqui? — Bateu medo, e pedi em pensamento que ele dissesse que não.

— Não, só volto a dormir ao seu lado quando você me pedir, mas não demore muito a fazer isso, a minha paciência ultimamente está no limite. — Ele foi até a mesinha onde ficavam os meus remédios, pegou os cinco frascos e os colocou no bolso do hobby.

— Ei, são meus remédios, você não pode pegá-los. — Já estava me levantando para pegá-los de volta. Ele não tinha o direito de fazer isso.

— Deite-se, Lhaura, são ordens da sua médica. Agora sou eu quem administrará sua medicação e isso também. — Mostrou as chaves e as devolveu para o bolso. — Nada de portas fechadas, inclusive a do banheiro. Não me obrigue a mandar retirar todas as portas desta casa. Estamos entendidos? — Ele se virou para ir embora.

— Você não pode fazer isso! — Levantei-me. Estava morrendo de raiva.

— Claro que posso. É para sua segurança, não quero que se machuque. Agora volte a dormir, amanhã você vai acordar cedo, o café será servido às sete e depois vamos caminhar por vinte minutos. Boa noite, querida esposa.

— Felix... Felix! — Ele saiu batendo a porta atrás de si. Não sei se fiquei com raiva pela sua petulância ou por ter me ignorado. Acho que estava sentindo falta dos seus carinhos, dos seus beijos e abraços, do seu corpo sobre o meu. Realmente não me amava.



37

Vi a noite virar dia mais uma vez. Se muito, dormi cerca de duas horas. Estava nervosa, ansiosa, temerosa. Fazia semanas que não ficava realmente sozinha com o Felix e hoje estaríamos um na companhia do outro, e não sabia como me comportar.

Olhei-me no espelho. Procurei vestir algo sóbrio, que não chamasse a atenção para meu corpo, por isso escolhi um conjunto de moletom cinza com capuz e tênis branco. Puxei o prendedor que segurava meu cabelo e belisquei as minhas bochechas para que ficassem com um pouco de cor, pois estava parecendo uma boneca de cera. Respirei fundo, olhei para a porta, e respirei fundo outra vez. Não tinha nenhuma vontade de tomar café da manhã, tampouco de caminhar, principalmente ao lado do Felix.

Desci as escadas sem ânimo. Era como se fosse um condenado que estivesse caminhado em direção à cadeira elétrica. Ainda bem que escolhi vestir algo que não iria despertar as vontades sexuais matinais do demônio. Estava quase na metade da escada quando ergui o olhar e o vi, de pé em frente à escada. Acho que as minhas roupas discretas não foram eficazes, porque aqueles olhos diabólicos passearam por mim, da cabeça aos pés.

Mas foi só isso, pois ele simplesmente virou o corpo e seguiu para a sala de jantar. Fiz o mesmo caminho e parei quando o vi puxando a cadeira e sinalizando para que me sentasse. Ele colocou as mãos nos meus ombros e praticamente virei uma geleia, quase dobrando os joelhos quando senti o seu toque. Só não sei se foi de medo ou de desejo. Meus sentimentos em relação ao Felix eram contraditórios. Ele beijou o alto da minha cabeça e isso foi ainda mais perturbador.

— Espero que tenha dormido bem. — Antes de se sentar, ele acariciou os meus ombros carinhosamente. — Por favor, você precisa se alimentar bem. Sua medição mudou e os remédios estão mais fortes, portanto, coma. E nada de beliscar.

Fiquei assustada, pois não sabia que a Cristiane tinha mudado meus remédios, e mesmo que isso tivesse acontecido, ela teria que comunicar a mim e não ao Felix.

— A Cristiane não me disse que mudou a minha medicação. Acho que se isso fosse verdade ela teria me contado, não acha? — Não sei onde estava com a cabeça para falar com ele desse jeito. Mesmo assim, o encarei, como se estivesse desafiando-o.

— Está me chamando de mentiroso, Lhaura? — disse com o olhar arqueado.

— Na-não. — Não consegui manter o olhar no rosto dele, então baixei os cílios. — É... é que acho que ela teria me avisado.

— Fique tranquila, Lhaura, não tenho a pretensão de dopá-la. As receitas estão com o nome da sua médica, e se ela não lhe contou, deve ser porque não quer lhe assustar. Ela só está preocupada com você, e eu também.

Calei-me, não queria prolongar a conversa. Na minha próxima consulta perguntaria a Cristiane. Felix me serviu, como sempre fazia na época em que estávamos bem, colocando no meu prato um brioche, um pedaço de queixo branco e uma fatia fina de pão integral caseiro. Não estava com fome, mas comi um pouquinho de cada. Depois ele me serviu uma tigela com mamão cortado em cubos pequenos com um pouco de granola e castanha, e por último, café com leite e suco de laranja. Era comida para um batalhão, no entanto não protestei. Ele me observava e isso me incomodava. Sei que se isso fosse meses atrás, estaria me derretendo com os seus olhares furtivos sobre mim, mas agora só sentia um frio na espinha. Assim que terminei de engolir, ele colocou a mão no bolso da bermuda e retirou de lá uma caixinha com quatro comprimidos.

— Engula-os — ordenou. Fiz o que ele mandou. — Você vai tomar os seus remédios três vezes ao dia, no café da manhã, almoço e jantar, e dois antes de dormir. Serei eu mesmo a administrá-los.

O que eu diria? Ele já tinha decidido tudo. Felix se levantou e veio até mim, depois me estendeu a mão, e fiquei sem saber o que fazer, mas aceitei. Mesmo tremendo, aceitei. Fiquei em pé e antes que puxasse um pouco de ar para os pulmões, ele colocou a mão na minha nuca e me levou até a porta da frente. Tentei afastá-lo, me esquivando, mas fui pega com força. Seus dedos apertaram a curva do meu pescoço, não para machucar, mas para que percebesse que quem estava no comando era ele.

— Quieta, não vou machucá-la. — Sua voz soou em um tom retumbante, que implicava que era melhor não repetir aquele gesto novamente.

Nós não conversamos muito durante a caminhada. Ele apenas segurava a minha mão e me guiava. Foram exatamente quarenta minutos de caminhada ao redor da propriedade. Estava exausta. Nós voltamos para casa e antes de subirmos para o quarto passamos pela cozinha, e para a minha surpresa, Olga tinha preparado uma vitamina de frutas vermelhas. Bebi a água que me foi oferecida e beberiquei um pouco da vitamina. Subimos para o quarto. Pensei que ele seguiria para o outro cômodo onde ele dormia ultimamente. Engano meu.

— Dispa-se enquanto vou preparar seu banho. — Ele entrou no quarto junto comigo, o que já me deixou assustada, mas quando o vi se despindo na minha frente, fiquei apavorada. — Lhaura, não escutou o que disse? Dispa-se! — Mal conseguia me mover. Ele estava só de cueca, me olhando dos pés à cabeça. — Lhaura! — Ele se moveu na minha direção, e assustada, abracei meu corpo. — Não acredito, você está com medo de mim ou com vergonha? — Ele sorriu de um jeito sarcástico. — Não importa. Seja qual for a reposta, não importa, porque ou você se despe, ou dispo você. Escolha.

Ele fixou os olhos em mim e suas mãos apertaram os lados da cueca, e sem retirar os olhos dos meus, ele despiu a pequena peça negra, até ela sair pelos seus pés. Ele estava duro feito ferro, o pênis erguido orgulhosamente, e eu queria afastar os meus olhos, mas fiquei hipnotizada...

— Ele sempre ficará assim por você, Lhaura. Ele é seu quando quiser.

Sujeito maléfico, ele sabia o quanto me afetava. Não importava como, se por medo ou por desejo, ele sabia que tinha poder sobre mim. — Agora dispa-se ou não serei muito gentil quando as minhas mãos a tocarem para tirar suas roupas. Juro que farei amor com você com toda a força do meu desejo, e você sabe que o meu desejo é intenso, não sabe?

Rapidamente comecei a retirar as minhas roupas. Felix sorriu com deboche, se virou e foi para

o banheiro. Aproveitei para vestir o roupão. Escutei o chuveiro, ele estava tomando banho. Poderia correr para o outro quarto e me esconder lá, mas lembrei que ele tinha as chaves de todos os quartos e do jeito que estava, nua, era melhor não provocar. Fiquei feito uma estátua, imóvel. Minutos depois ele voltou vestido no roupão negro, com os cabelos molhados e olhos brilhando. Agora ele estava parecendo mesmo uma criatura demoníaca e deliciosamente sexy.

— Venha, me deixe cuidar de você. — Tinham duas *Lhaura* dentro de mim. Uma que queria fugir para longe dele e outra que o queria perto, e sabia que quando as mãos dele tocassem meu corpo, a Lhaura masoquista ganharia, e a minha vagina trairia a minha consciência.

— Fe-Felix, posso tomar banho sozinha... — Sabia, sabia que não iria resistir àquele ser másculo, lindo, sexy, gostoso e cruel, e se ainda existia um pouquinho de sensatez em mim, tinha que usá-la a meu favor. Por isso precisava ficar longe dele antes que meus desejos me traíssem.

— Sei que pode, mas enquanto estiver com você, serei eu a cuidar do meu bem mais valioso.

Um arrepio ansioso dançou sobre a minha pele.

— Mas prefiro tomar banho sozinha. Por favor...?

— Não. Agora, venha. — Ele me pegou pela mão e me puxou para o banheiro. Meu roupão desceu lentamente pelo meu corpo. Felix não tentou em nenhum momento disfarçar o desejo que vinha dos seus olhos. Via através do volume do seu roupão o tamanho de seu pênis, e estaria perdida se por acaso cedesse ao desatino do meu corpo, porque ele queria o Felix, queria ser amado por ele.

Só podia estar louca.

Será que era normal isso? Será que havia mulheres que sofriam violência nas mãos dos seus maridos e depois esqueciam de tudo? Que bastava um toque deles e elas se jogavam nos seus braços como se não houvesse amanhã? Isso não era normal! Precisava resistir, precisa ter um pouco de vergonha na cara. Ele me bateu, ele causou a morte do meu filho.

Lhaura, ele é um monstro!

Sabia de tudo aquilo. Tinha medo dele, não queria ficar com ele, mas o amava, o desejava. Meu Deus! Será que sou a única que sente isso pelo meu algoz?

Ajude-me, por favor. Ajude-me.

— Entre, a água está morninha e bem relaxante, do jeito que gosta. — Ele me conhecia perfeitamente, acho que até melhor do que eu mesma. Entrei na banheira e logo senti o calor gostoso da água cheirosa. — Isso, sei o quanto gosta deste cheiro de jasmim. Também adoro, ele me lembra você. Agora fique quieta e relaxe.

Relaxar! Como podia relaxar com as mãos dele passeando pelo meu corpo? Felix não gostava de usar esponja, toalha ou qualquer outra coisa em mim. Ele só usava as mãos e desta vez não foi diferente. Podia sentir cada dedo seu na minha pele, nos meus seios... E quando a sua mão escorregou entre as minhas pernas e senti seus dedos se movendo nas minhas dobras, involuntariamente soltei um gemido, fechando os olhos e arqueando um pouco os quadris. Ele franziu a testa e fixou os olhos nos meus enquanto seus dedos se moviam pela minha vagina. Ele sabia o que estava fazendo e sabia que era questão de tempo para que eu gozasse. E quando pensei que ele me faria gozar, ele retirou a mão e fez um caminho para baixo, lavando as minhas pernas. Depois ele subiu e deu atenção aos meus

cabelos, lavando-os com xampu e enxaguando-os em seguida. Ele se levantou e vi seu membro duro bem na direção do meu rosto.

— Venha, a água está ficando fria, você precisa descansar. — Como me levantaria da banheira? Minhas pernas estavam bambas. — Segure na minha mão. — Fiz o que ele mandou.

Ele enrolou o roupão nos meus ombros e me colocou nos braços. Quase escondi o rosto na curva do seu pescoço, como fazia antes. Precisei de muita resistência. Fiquei sentada na cama, não reagi. Aliás, não queria reagir, não queria quebrar o encanto daquele momento. Felix trouxe uma linda camisola branca de cetim e uma calcinha de renda e me vestiu. Depois ele penteou meus cabelos e os secou. Virei uma criança, e estava adorando ser cuidada. Precisava tanto daqueles cuidados, mesmo que fosse da mesma mão que me colocou naquela situação de tanta carência. Ele puxou as cobertas, me deitou e me cobriu.

— Descanse por algumas horas. Quando acordar, tente ir para a sala de música e faça o que mais gosta, toque. — Felix beijou minha testa, depois a ponta do meu nariz e foi embora. Fiquei com raiva de mim mesma por desejá-lo e amá-lo tanto.



38

Há quatro meses Felix estava cumprido com o que tinha prometido. Nós continuamos com a nossa rotina do dia a dia que sempre se iniciava em um banho, e ele fazia questão de cumprir o ritual. O meu corpo já estava se acostumando a isso, tanto que começava a ansiar por aquele momento. Mas ainda conseguia mantê-lo longe se ele demonstrasse querer algum tipo de intimidade. Aquele banho matinal era o máximo que ele conseguia de mim, mas estava fazendo o meu papel de esposa e voltamos a ser um casal, ao menos socialmente. Saíamos juntos e até conversávamos publicamente. Confesso que muitas vezes pensei em voltar atrás, em dar mais uma chance para ele. Queria voltar a confiar, queria ter a nossa vida amorosa de volta. Muitas vezes me peguei olhando para ele, e via o sofrimento estampado no seu rosto por estar longe de mim. Eu sabia que ele me amava e acreditava no seu amor, só que ser amada pelo Felix era perigoso, pois nunca me sentiria segura, sempre estaria à espera, temendo que o demônio voltasse. Por isso o manteria distante de mim por quanto tempo pudesse, e precisava encontrar uma maneira de escapar do amor e da sedução dele, só não sabia até quando conseguiria mantê-lo longe do meu quarto e da minha cama.

— Lhaura, meu amor, onde você está?

Felix entrou no quarto e nem percebi. Estava tão perdida nos meus pensamentos que esqueci por completo do nosso compromisso. Hoje iríamos almoçar fora.

— Estou aqui, no closet, escolhendo uma roupa. — Ele entrou e me assustei com a expressão do rosto dele. Ele estava triste, com o corpo curvado. — Felix, o que foi? — Pensei na sua mãe, mas não era possível que tivesse acontecido algo com ela, Sophia estava bem, desde que recuperou totalmente a saúde ela irradiava felicidade.

— Largue isso aí, querida. Venha cá. — Ele estendeu a mão e a segurei. Ele me guiou para fora do closet. — Sente-se, meu amor. — Felix estava pisando em ovos, algo muito sério tinha acontecido. Comecei a tremer. — Querida, juro que não queria ser eu a te dar esta notícia, mas não há outra maneira...

— Felix, por favor, fale logo. — Vi os olhos dele marejados, então pensei no meu pai. — Não...

— Oh, meu amor... sinto tanto.

— Meu pai? É meu pai...? — Engasguei-me quando vi uma lágrima escorrer pelo seu rosto. — O que aconteceu com o meu pai, Felix? O que foi? — gritei, sacudindo seus ombros.

— Ele sofreu um acidente, o carro que ele dirigia na autoestrada foi atingido por outro veículo e o impacto foi tão forte que o dele capotou. Sinto tanto, meu amor. João já chegou morto no hospital.

Não consegui escutar mais nada. Tudo ficou confuso na minha mente, e vi a minha vida em retrospectiva. A minha mãe brincando comigo, depois a vi doente, morrendo aos poucos, em seguida vi meu pai também morrendo aos poucos, sentindo a falta da mamãe e se entregando ao álcool. Me vi chorando com medo de perdê-lo também, depois o vi feliz e agora o veria dentro de um caixão. Por

quê?

Senti um zumbido nos meus ouvidos, uma dor na minha cabeça. Levantei-me e caminhei, sem saber direito para onde estava andando. Escutei a voz do Felix me chamando, senti sua mão tentando segurar meu braço, e inconscientemente a empurrei. Novamente mãos me agarraram e desta vez as empurrei com força, vi o banheiro, entrei e tranquei a porta. Me olhei no espelho, mas não vi nada, só um borrão em forma de mulher. Então, peguei a chapinha e a arremessei forte no espelho. Escutei os estilhaços caírem. Felix gritava meu nome e batia forte na porta. As batidas se tornaram mais fortes, e antes que ele arrombasse a porta, peguei um caco de vidro do espelho de cristal e cortei os meus pulsos. Não senti nada, nem dor, nem medo, só um imenso alívio enquanto meu corpo ia lentamente caindo no chão.

— Solte-me... Solte-me, não quero viver. Deixe-me ir, deixe-me encontrá-los. Deixe-me em paz... — Braços me apertavam, mãos me acariciavam e beijos molhados cobriam o meu rosto, mas toda aquela comoção não me dizia nada. Só queria ir ao encontro do meu pai, da minha mãe e do meu filho.

— Olga! — Felix gritava. — Olga, chame uma ambulância! — Ele me beijava com desespero enquanto chorava e blasfemava contra Deus. — Por que fez isso, meu amor, por quê? Você tem a mim, nunca a deixarei sozinha, nunca...

Sentia o sangue deixando o meu corpo, apesar do Felix segurar os meus dois pulsos, tentando evitar o inevitável. Aos poucos senti minha vida indo embora. Não era algo dolorido, era agonizante e frio. Quando era adolescente e assistia a filmes dramáticos, onde alguma pessoa se suicidava cortando os pulsos dentro de uma banheira, ficava imaginando se doía e dizia para mim mesma que nunca teria coragem de fazer isso, já que não sabia lidar com a dor. E hoje, não senti nada, só alívio...

— Lhaura, fique comigo, a ajuda já está vindo. Por favor, meu amor, não me deixe. Não me deixe.

Escutava sua voz tão distante, mas podia sentir o seu desespero, a sua dor, e por incrível que pareça, não me importava, só queria ir embora.

— De-deixe-me ir...

Estava ficando difícil pensar, sentir, engolir. O frio tomava o meu corpo, um formigamento furava minha pele e a escuridão começava a ficar mais forte. Será que a morte era assim? Se fosse, que me levasse. Já não escutava mais a voz do Felix, só havia silêncio.



Cinco dias depois

O cheiro forte e as paredes azuis me incomodavam, os olhares das pessoas penalizadas também. Acho que elas pensavam que provavelmente não sabia o que havia acontecido comigo nem onde estava. Mas, sabia onde estava. Um dia depois da minha tentativa de suicídio, acordei nesta cama de hospital, com ataduras nos pulsos e imobilizada. Não podia nem me levantar sem a supervisão de alguém. E desde então, não converso com ninguém, nem mesmo com a Cristiane. Meus sogros vêm me visitar sempre, mas sequer olho para eles. Felix só sai do quarto por alguns minutos,

e mesmo assim, sempre fica alguém no lugar dele. E agora ele está sentado ao meu lado, segurando a minha mão, acariciando-a. Esse gesto não significa nada para mim, acho que parei de sentir as coisas.

— Boa tarde, senhor Santini. Ela falou alguma coisa?

Cristiane entrou no quarto, fazendo a sua ronda do final de tarde.

— Não, nenhuma palavra. Já estou ficando preocupado, não é melhor transferi-la para Cuiabá?

— Por enquanto, não, mas se por acaso ela não melhorar, acho melhor transferi-la para uma clínica psiquiátrica, lá poderemos cuidar melhor dela.

— Não, de jeito nenhum. Cuidarei dela, não a quero em um hospital de loucos.

— Senhor Santini, não é um hospital, tampouco de loucos. É uma clínica especializada em distúrbios da mente e lá poderemos cuidar melhor do caso da Lhaura.

Estremeci e me virei para o outro lado, de frente para a janela. Não gosto que falem de mim como se não estivesse presente, e gostava ainda menos do que estavam dizendo. Não queria ir para uma clínica de loucos. Felix veio para a frente da janela e me encarou. Cristiane o acompanhou, fazendo o mesmo.

— Oi, minha linda! Como se sente? Está pronta para conversar? — Não, não estava pronta. Não estava pronta para nada, mas não tinha saída, precisava falar ou seria prisioneira deles.

— Que-quero que ele saia — sussurrei tão baixo que quase não era possível escutar o que acabara de dizer.

— O Felix? — Cristiane não era surda, certamente escutou.

— Sim. Não o quero aqui, não o quero perto de mim.

— Lhaura, meu amor...

— Calma, Felix, deixe-a falar. — Finalmente podia contar tudo, podia expor todos os meus medos, e ele não poderia me machucar, nunca mais. — Por que, querida? Por que não quer seu marido ao seu lado? — Contaria, contaria tudo.

— E-ele matou meu filho e... tenho certeza de que mandou matar meu pai. Ele é um monstro, um monstro violento. Ele me bate, me bate... — Tentei me levantar, mas as amarras não permitiram, mas pude encarar o rosto dele tomado pela surpresa. — Assassino, assassino! — gritei. Enquanto gritava e sacudia meu corpo, jogava toda minha raiva na cara dele.

— Lhaura, se acalme. Você sabe que não é verdade. — Ela tentava defendê-lo, mas gritava, acusando-o. A porta do quarto se abriu e três enfermeiras entraram. — Lhaura, se acalme!

— Deixe-a! Deixe-a colocar para fora a sua ira. Ela tem razão, talvez eu seja mesmo um assassino...

Parei de lutar, parei de berrar, os meus olhos irados se fixaram nele. O homem que mais amo e odeio no mundo.

— Senhor Santini, não. Não alimente...

— Ela tem razão — ele interrompeu a médica. — Não cuidei direito dela e ela sofreu aquele

acidente que acabou matando nosso filho. E se o meu sogro não tivesse ido para o Texas, se tivesse ficado aqui, ele estaria vivo. Sim, meu amor, você tem razão...

Ele saiu do quarto e segundos depois adormeci. Acordei com uma mulher estranha ao meu lado. Ela se chamava Ana, e foi contratada para ser minha acompanhante durante os dias em que ficaria ali. Não vi mais o Felix. Foram doze dias hospitalizada e em uma sexta-feira à tarde um motorista veio me buscar. Não queria voltar para aquela casa, mas segundo a doutora Cristiane, Felix era o responsável por mim, já que devido ao meu quadro de depressão profunda, não poderia ficar sozinha. Então, só tinha duas opções: ficar com ele ou ficar em uma clínica psiquiátrica. Antes de seguirmos para minha prisão, pedi para o motorista parar no cemitério onde a mamãe e o papai foram enterrados. Não pude ir ao enterro, pois estava amarrada a uma cama de hospital. Depois que Felix permitiu o desvio, o motorista me levou para que pudesse me despedir do meu pai.

Chorei muito, pedi perdão, e jurei que não permitiria que o Felix me machucasse outra vez.

O motorista me deixou dentro da propriedade e percebi que havia mais seguranças cercando a casa, principalmente na guarita principal. Ele parou o carro e me ajudou a sair, pegando a minha bagagem. O segui até entrarmos.

— Senhora Santini, que bom que está bem. — A Olga veio nos receber, fria como sempre. Tinha a impressão de que ela sabia de tudo o que acontecia comigo, mas para ela era insignificante. — O senhor pode ir, obrigada por trazê-la. — O motorista se virou e foi embora, sequer me olhou. — Venha, seu quarto já está arrumado. O senhor Santini está em uma videoconferência no escritório e assim que terminar irá vê-la.

Um pavor percorreu todo meu corpo. Ele estava em casa, e logo estaríamos frente a frente. Mesmo que soubesse que cedo ou tarde isso aconteceria, ainda não estava pronta para este confronto. Respirei fundo e segui a Olga. Ela me deixou quieta e não fez perguntas, apenas perguntou se queria alguma coisa. Respondi um não com um sorriso amarelo esticando o rosto. Esperei ela sumir da minha frente e fui tomar um banho, troquei de roupa e me deitei um pouco. Acordei com uma leve batida na porta. Era o Felix e só este pensamento fez o meu coração vir até à boca.

— Senhora, o jantar será servido. O senhor Santini está lhe aguardando.

Olga se foi. É melhor descer antes que o Felix resolva vir aqui me buscar.

Engolindo meu medo, levantei-me da cama, procurei um espelho para arrumar o cabelo, mas não encontrei nenhum e percebi que o espelho do banheiro não foi substituído. Certamente, Felix mandou dar um fim a todos os espelhos da casa. Pé ante pé, desci as escadas, a cada passo mais próxima da sala de jantar, meu corpo inteiro se retraia, queria fugir. Queria ir para bem longe deste lugar, para longe das lembranças, tanto das boas quanto das ruins. Parei em frente à porta, respirei fundo e senti o cheiro dele. Decidi entrar. Lá estava ele, lindo, imponente, vestido impecavelmente com uma camisa social azul-marinho com as mangas dobradas até os cotovelos e uma calça preta. O seu olhar enigmático estava concentrado na minha direção. Ele se levantou, puxou a cadeira e esperou que eu me sentasse. Muda, entrei, e muda fiquei, apenas deixei que me servisse.

Jantamos silenciosamente. Um silêncio atordoante. Quando terminamos, ele observou se já estava pronta para me levantar, e somente depois se levantou e veio até mim.

Meu corpo inteiro gelou.

— Lhaura, passei esses dias longe, dei a você o tempo que precisava e continuarei respeitando o seu tempo, mas quero que saiba que eu a amo. Amo mais do que deveria, e a nossa felicidade só depende de você. Nós podemos ser felizes como erámos antes, ou até mais, e posso ser o marido dos seus sonhos. Posso fazer da sua vida um céu ou um inferno, isso você decide.

Engoli todas as suas palavras. Não sabia, ou não queria entender o que ele queria me dizer com aquele discurso todo. Fiquei sentada com a bunda colada na cadeira. No entanto, Felix se moveu para longe, caminhando para a saída da sala. Não sei o que esperava, talvez ser arrastada pelos cabelos até o quarto. Ele parou antes de sair totalmente.

— Lhaura, se depender de mim, nosso casamento será feliz. Estou disposto a recomeçar do zero. Podemos fazer uma longa viagem para onde você quiser, podemos morar onde você quiser, não me importo, só quero fazê-la feliz. Podemos até tentar ter outro filho... — ele fez uma pausa, respirando profundamente. — Querida, posso ser culpado de muitas coisas, mas não fui o culpado pela morte do seu pai. Senti muito a morte dele, gostava mais dele do que do meu próprio pai. — Fez outra pausa. — Perdoe-me, perdoe-me por tudo o que a fiz passar. Eu a amo e você sabe disso, portanto, nos dê uma oportunidade de sermos felizes.

Ele permaneceu parado, de costas, acho que esperando por alguma resposta.

— Eu... eu não sei — falei, finalmente criando coragem. — Não confio em você, nem sei se voltarei a confiar. Eu... — Engoli, tremi, respirei. — Só estou aqui porque não quero ir para uma clínica psiquiátrica, só por isso. Porque se não fosse por esta situação, já estaria na casa dos meus pais, longe de você. — Ele se virou e seus olhos frios me encararam.

— Isso não vai acontecer, Lhaura! Já disse que você pode escolher o céu ou o inferno. Você sabe que posso fazê-la feliz. Seja inteligente, pois ou você fica comigo, ou a interno em um manicômio, e acredite, tenho meios para fazer isso. — Ele não estava brincando. — Agora venha, você precisa descansar. — Ele estendeu a mão. Não sabia o que fazer, apenas me levantei e aceitei a oferta.

Subimos para o quarto e entramos. Ele verificou as portas da varanda, que agora eram de madeira, e foi até o banheiro. Voltou com água dentro de um copo de plástico, me entregou dois comprimidos e eu os engoli.

— Estarei no quarto ao lado, caso precise de algo. Boa noite, Lhaura.



Dois meses depois

— Eu não acredito, Margot! É sério, isso? — Não conseguia parar de rir. — Sinceramente, não acredito.

— Pois acredite, estou apaixonada por um canadense lindo. Ele é o homem da minha vida, por ele me jogo no chão e o deixo passar por cima. O homem é lindo, Lhaura, e tem um pau gigante e gostoso *pra* caralho.

Comecei a gargalhar alto. Ela continuava enumerando as qualidades do seu novo namorado. Margot soube que perdi o bebê, mas não lhe contei os motivos. Se ela soubesse largaria tudo no Canadá e voltaria para o Brasil para enfrentar o Felix, mas não permitiria isso, minha vida já estava arruinada, não queria arruinar a dela também. Ela também sabia da morte do papai, mas não contei sobre a minha tentativa de suicídio. Margot, assim como as outras pessoas, pensava que estava vivendo um conto de fadas, com meu lindo príncipe encantado. Bem, não estávamos vivendo um conto de fadas, mas também não viramos inimigos. Nós tínhamos uma relação amigável e estava representando bem meu papel de esposa feliz e amorosa na frente dos outros. Dentro de casa continuamos dormindo em quartos separados. Não vou mentir, ele estava conseguindo se aproximar. Nós até nos beijamos e rolaram algumas carícias, mas quando ele tentou ir mais além, travei, e por incrível que pareça, ele respeitou meu espaço e se afastou. É, nós estávamos progredindo. Talvez ele tivesse razão, ele poderia até ser melhor do que era antes. Não custava tentar, não tinha mesmo nada a perder.

— Você é doida, Margot...

— Quer ver o pau dele? Eu mostro, tirei uma foto.

— Margot, não quero ver isso não! Você ficou louca?

— Não, eu preciso compartilhar isso com as minhas amigas. Já mostrei para a Belle...

— O quê!? Você não fez isso!

— Claro que fiz. Olha o tamanho da criança, acabei de enviar a imagem.

— Não vou olhar isso, não, você é doida. — Comecei a gargalhar.

— Por favor, amiga, dá só uma olhadinha. A Belle olhou e ficou horrorizada.

— Não...

— Só um pouquinho, depois você apaga.

— Ok. — Abri a imagem, e quase me engasguei. — Margot, isso é montagem, você montou isso e está dizendo que é o pau do seu namorado. — Era um pênis enorme, algo fora do comum.

— Não é, essa coisa linda é toda minha. — Ela gargalhava.

— Se o Felix descobrir que ando vendo o pau de outro homem ele me mata. — Apaguei a imagem do chat.

— Boba, ele só vai descobrir se você mostrar. — Rimos juntas. — Agora tenho que ir, preciso adiantar uns trabalhos da faculdade. Daqui a dois dias nós vamos viajar, vou conhecer os meus

sogros. Tchau.

— Margot, espere! — Ela desligou.

Doida. Desliguei o laptop e me levantei. Tomei um susto com o Felix me observando de pé diante da porta do quarto. Será que ele escutou a minha conversa?

— Felix, que susto! — Levei a mão ao peito e sorri sem jeito.

— A conversa estava animada, conversava com quem?

— Com a Margot. — Pedi em pensamento para que ele não tivesse escutado a minha conversa.

— Posso saber o que conversavam com tanta animação? — Ele arqueou a sobrancelha me encarando.

Não, não pode. Agora tenho que dar satisfação até das minhas conversas com as minhas amigas?

— Conversa de garotas. Quer dizer, muitas bobagens, nada interessante. — Ele me olhava como se tivesse cometido um crime.

— Então, já que não é interessante, você pode me contar. Quero rir também. — Ele colocou as mãos nos bolsos da calça e ficou me olhando com aquele olhar fuzilante.

— Já disse, só assunto de garotas. — Ele entrou no quarto sem a minha permissão, e ele nunca entrava sem pedir antes.

— Assunto de garotas! Interessante, você quer dizer de garotas solteiras, não é?

Ele estava calmo demais e isso não era bom. Felix sempre ficava nervoso, cheio de dedos quando ficávamos juntos.

— Felix, o que você quer que eu diga? Não era nada demais, estávamos apenas conversando bobagens, só isso.

Ele parou a quase dois passos de distância. Tirou as mãos dos bolsos e em uma delas estava seu celular. Ele começou a mexer no aparelho.

— Você teve a sua chance, Lhaura. Fiz de tudo para mostrar o quanto estava disposto a mudar. Porra, Lhaura, eu a amo tanto. Por você... por você faria qualquer coisa, mas estou vendo que não sou suficiente, não é? — Parou de mexer no celular e me encarou, seus olhos frios avaliavam meu rosto. — Era sobre essa bobagem que estavam conversando?

Ele me mostrou a imagem do pênis do namorado da Margot. Meu corpo inteiro estremeceu. Ele estava me vigiando, não podia acreditar nisso.

— Seu cretino sem escrúpulos! Você anda me vigiando? Você não tem esse dir...

Não consegui terminar de articular as palavras, suas mãos violentas agarraram os meus cabelos com tanta força que soltei um grito.

— Não tenho o direito? Achou mesmo que não ficaria de olho em você? Olhe para esta casa, Lhaura. Olhe para este quarto! Me diga, o que vê? Ele parece uma redoma, sem vidros, sem objetos afiados, tudo para proteger você. Sim, estou vigiando cada passo que você dá, só para ter a certeza de que não cometerá nenhum desatino, mas pelo que vejo aqui, seus interesses são outros, não é?

Ele esfregou a tela do celular no meu rosto com raiva, com brutalidade. Não conseguia me defender, estava sendo esmagada com a força da sua mão.

— Fe-Felix, vo-você está me machucando.

— E você não está me machucando, hein, Lhaura? Eu a desejo tanto, eu a amo tanto! Estou fazendo todas as suas vontades, respeitando o seu tempo, as suas restrições, e você me apunhala pelas costas.

— Felix, não fiz nada! Foi a Margot quem mandou a foto.

— E você olhou, não foi? Lhaura, pedi em pensamento para que você não abrisse a porra da imagem, que excluísse assim que ela a enviasse, mas não, você abriu e aposto que gostou de ver o pau de outro homem.

— Por favor, Felix, você está me machucando. A minha cabeça está doendo, me solte...

— Sim, Lhaura, sei que está doendo, mas minha dor é muito maior do que a sua. Como pode fazer isso comigo?

— Não fiz nada — repeti entre lágrimas enquanto sua mão apertava meus cabelos, e apertava tanto que tinha a impressão de que arrancaria tudo. Doía, doía muito, e meu rosto ardia, principalmente os meus lábios. Podia até sentir o gosto do sangue.

— Oh, Lhaura, por que você faz essas coisas? Por que gosta de mexer com a minha sanidade e insiste em me ferir? Até quando vai me castigar?

— Deixe-me em paz. É só você me deixar em paz, seu demônio do inferno...

Eu sei que não deveria ter dito aquilo, mas disse, e se não fosse pelo empurrão que levei, não teria me arrependido.

Sem que esperasse, Felix me sustentou pelos cabelos e me empurrou com força. Perdi o equilíbrio e caí de cara sobre a mesa de cabeceira. O lado direito do meu rosto encontrou a madeira maciça da mesa e a dor foi tão grande que parei de respirar por alguns segundos. Fiquei por algum tempo com o rosto sobre a mesa, esperando a próxima pancada, mas ela não veio, então busquei o resto de coragem que ainda tinha e olhei sobre o ombro, à procura do meu algoz. Ele não estava lá, a porta estava escancarada, mas nem sinal do Felix.

Levantei-me apressadamente, antes que ele resolvesse voltar para terminar o que tinha começado. Fechei a porta, justamente quando escutei o som do carro dele. Ele estava saindo. Era a minha oportunidade. Desta vez não deixaria barato, afinal, não tinha mais nada a perder.

Peguei meu celular e procurei o número da delegacia. Não poderia ir até a polícia, mas a polícia poderia vir até mim. O delegado Almir era amigo do Felix, mas ele me conhecia desde a barriga da mamãe. Ele foi amigo do papai também, e não era possível que ele não acreditasse em mim depois de ver o que o Felix acabara de fazer no meu rosto.

— Alô... por favor, o delegado Almir. — A sargento perguntou quem desejava falar. — Lhaura, Lhaura Santini. — Ela foi chamá-lo e enquanto esperava, comecei a chorar. Não era só a dor que estava sentindo, era a humilhação e a minha estupidez. Ele atendeu. — Delegado, por favor, o senhor precisa me ajudar. O senhor pode vir na minha casa com urgência?

Mal conseguia articular as palavras, pois ao mesmo tempo que falava, chorava e soluçava. O delegado não fez perguntas, só disse que estava a caminho e desligou. E me vi através da tela preta do celular. Meus lábios estavam cortados, e o meu rosto provavelmente ficaria roxo, pois a pancada foi forte. Olhei para as minhas roupas. A gola da minha blusa estava rasgada e dois botões foram arrancados, meus cabelos estavam completamente desalinhados, mas não troquei de roupa e não lavei o rosto, pois sabia que faria o exame de corpo delito. Assistia a filmes e era a primeira coisa que a polícia pedia para fazer.

Vinte minutos depois, o delegado estava no meu quarto, boquiaberto com a minha aparência.

— Senhora Santini, o que aconteceu? Quem fez isso com a senhora? — Ele me avaliava dos pés à cabeça enquanto se aproximava e me ajudava a sentar.

— Foi o Felix. Foi ele quem fez isso, e não foi a primeira vez... — Engoli o choro, e se era para passar por esta humilhação, então tinha que contar tudo. — E-ele foi o responsável pela morte do meu filho... — E lhe contei como tudo aconteceu. O delegado nem piscava, apenas me olhava com piedade. — O senhor tem que me ajudar. Tem que afastá-lo de mim. Por favor, me ajude...

Ele segurou as minhas mãos e me olhou com compaixão.

— Vai ficar tudo bem, minha filha. Onde está o seu marido?

— E-eu na-não sei. Depois que ele fez isso comigo, ele saiu. O senhor acredita em mim?

— Nós vamos investigar, minha querida. Não se preocupe, agora se acalme.

Alguma coisa me dizia que ele não estava acreditando em mim.

— O senhor não acredita em mim, não é? Então me diga quem fez isso comigo, hein? Me diga, senhor delegado! — Eu me levantei e comecei a andar de um lado para o outro, gesticulando com as mãos e gritando com o delegado.

— Senhora Santini, se acalme! Se acalme, pelo amor de Deus!

Então a minha ficha caiu e escutei a voz do Felix.

— Lhaura, meu amor, o que você fez?

Não, não. Ele não ia me fazer passar por louca.

— Afaste-se de mim! Não me toque, seu espancador de mulheres, assassino! Afaste-se de mim. — Corri na direção oposta e peguei uma cadeira, ameaçando o Felix com ela. — Nem tente me tocar.

— Lhaura, querida, se acalme, você pode se machucar. Deixe a cadeira no lugar, meu amor, não vou machucá-la. Por favor, amor, não faz isso.

— Senhora Santini, escute o seu marido.

— Prenda-o! O senhor não vai prendê-lo? Ele me agrediu, olhe para mim! — Ele não iria prendê-lo, claro que não. Comecei a ficar desesperada. Dois homens vestidos de branco entraram no quarto e quando menos esperei, eles me pegaram. Esperneava, gritava, mas fui levada para a cama.

— Não a machuquem! Se a machucarem, vão se ver comigo. — Felix estava perto da cama. Senti uma picada no meu braço e em seguida escutei a voz da Cristiane.

— Você é o culpado desse surto, Felix. Se tivesse me escutado ela não estaria passando por

isso. E agora, vai me escutar?

Mas do que eles estavam falando?

— Senhor Santini, agora que sua esposa está mais calma, o senhor pode me explicar direito o que está acontecendo aqui?

Escutei a voz do Almir, ele pedia satisfações ao Felix, e isso me deu esperanças. Só não entendi por que não conseguia me mexer, era como se estivesse dopada.

— A Lhaura está doente, Almir. Ela me culpa pela morte do nosso filho e o seu estado emocional piorou após a morte do seu pai. Ela até tentou se matar. A doutora Cristiane me aconselhou a interná-la em uma clínica psiquiátrica, mas achei que podia cuidar dela. Só que de alguns dias para cá, ela machuca a si mesma e depois me acusa, dizendo que vai me denunciar por agressão. Não levei a sério a ameaça, achei que era só raiva por não a deixar sair sozinha, mas pelo que estou vendo, ela falava sério.

— E-ele está mentindo, mentindo... — murmurava já sem forças, lutando para não dormir.

— Se acalme, querida, não lute contra o sono. — A Cristiane acariciava o meu rosto.

— Onde o senhor estava? — O delegado fez a pergunta do ano. Qual seria a desculpa?

— Eu disse a você quando me ligou, estava indo buscar a Cristiane. Quando entrei no quarto, a Lhaura estava nervosa, me acusando, e não parava de chorar. Não queria deixá-la sozinha, mas achei melhor ir buscar a médica. Não pensei que ela faria isso, se soubesse, teria ficado com ela.

— É verdade, doutora Cristiane?

— É, sim, o Felix ligou para o meu consultório dizendo que a Lhaura estava muito nervosa e quando ele chegou lá, me disse que o senhor tinha ligado, avisando que estava indo até a casa dele a pedido da Lhaura, por isso achei melhor trazer reforços.

— Sinto muito, senhor Santini. — Ele acreditou na história do Felix. Estava perdida. Se o delegado não acreditou em mim, quem acreditaria? Respirei fundo, ainda tentando lutar contra a escuridão que queria me engolir. — Não sabia que estava passando por isso. E agora, o que o senhor irá fazer?

— Vou seguir o conselho da Cristiane, a Lhaura precisa de algo além do meu amor, ela precisa de cuidados específicos. Não quero isso, mas é preciso.

Do que ele estava falando? Que cuidados eram esses? O que ele faria comigo?

— Será melhor para ela, Felix, e você poderá vê-la sempre que quiser.

Não, não, não queria acreditar. Ele não faria isso, não faria! Por favor, Deus, não permita.

— Eu sinto muito mesmo, senhor Santini — articulou o delegado. — Bem, acho melhor eu ir embora. Se precisar de alguma coisa é só me chamar.

— Obrigado pela compreensão. Se restar alguma dúvida, o senhor pode conversar com a Olga, a minha governanta.

— Fique tranquilo, senhor Santini, está tudo esclarecido.

— Senhor Santini, a ambulância chegou, está na hora — Cristiane avisou.

Ambulância! Não, não, não.

Reuni as últimas forças que tinha e comecei a agitar o corpo na cama, balbuciando palavras desconexas, palavras que nem eu mesma conseguia decifrar.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Prometo que quando você melhorar a trarei de volta, mas agora não posso cuidar de você. O amor que sinto não está sendo suficiente, você precisa de mais ajuda. Mas acredite, eu a amo muito e é por isso que estou fazendo isso.

Senti os lábios dele sobre os meus, senti a sua mão acariciando meu rosto. Queria gritar com ele, queria impedi-lo de me tocar, mas não podia, pois, por mais que lutasse, a escuridão me engoliu e eu não vi mais nada.



Um mês depois

Os dias se arrastavam, numa lentidão torturante, e toda vez que a porta do meu luxuoso quarto se abria, eu pensava que era o Felix, vindo me buscar. Era o que esperava, pois acreditava que estava aqui na clínica só porque ele queria me dar uma lição. Até sonhei com seu olhar frio me perguntando se tinha aprendido a minha lição. Mas perdi as esperanças após a primeira semana. Agora seguia contando os dias, as horas e os segundos, aprisionada em uma cena de terror real, em uma clínica de loucos.

A primeira semana foi traumatizante, pois passava mais tempo dormindo do que acordada, e quando estava de olhos abertos, queria matar quem quer que se aproximasse de mim. Então, eles viviam me dopando de remédios. Na semana seguinte me acalmei, mas quando o Felix entrou no meu quarto cheio de palavras doces e com os seus dedos escorregadios tentando me tocar, pirei. O meu sangue ferveu e só queria matá-lo, só queria arrancar aqueles olhos verdes com as minhas unhas, e quase consegui, até deixei a marca dos meus dentes no seu braço. Espero que aquela marca nunca desapareça.

Depois deste dia, nunca mais o vi. Até recebi a visita dos meus sogros. O Senhor Santini, com a sua cálida voz e a sua permanente paciência, conversava comigo como se eu fosse uma criança. Acho que ele já estava acostumado a falar assim com a Sophia quando ele a espancava. Fingia imbecilidade e o deixava pensar que tinha entendido. Já a doce Sophia demonstrava mesmo a sua preocupação, e pude sentir através dos seus carinhos a compreensão das dores que estava sentindo. Ela sabia, sabia que estava ali por culpa do seu filho. Depois que eles se foram, pedi... não, supliquei para a doutora Cristiane que não permitisse mais a visitas deles. Não me sentia bem na presença de ambos. Certamente ela entendeu, pois não os vi mais. Acho que a sensação do pavor que sentiria ao ver o Felix outra vez deixou os meus nervos à flor da pele, por isso fiquei muito agressiva, principalmente com a Cristiane.

E exatamente hoje completava um mês que estava aqui. Com o passar das semanas, aprendi que ficar irritada e agressiva não iria me levar a lugar nenhum, principalmente para fora daqui. Por isso aprendi a domar a minha irritabilidade, mas ainda tinha medo de ficar presa para sempre nesse inferno. Nas duas vezes que me deixaram sair, fui levada até uma sala de recreação e não gostei do que vi, mesmo a sala não sendo o que temia. Não tinha pessoas babando e se debatendo nas paredes, ou mesmo falando com pessoas imaginárias, mas as pessoas eram tristes, e algumas ficavam sentadas olhando para o nada. Outras fingiam ver TV ou folheavam livros. Entrei em desespero e saí correndo pela primeira porta que vi, mas fui pega e levada de volta para o meu quarto.

Queria sair daqui, não aguentava mais esse lugar.

Puxei um suspiro enquanto gemia no meu travesseiro. Virei-me na cama me sentindo uma fina porcelana quebrada. Por que tinha me transformado em algo tão frágil e medroso? Tinha medo até do vento que soprava na minha janela de grades, e às vezes, via os olhos do Felix através delas na penumbra da noite. É, estava mal da cabeça, só que não queria estar. Queria a minha vida de volta, a minha música de volta. Sentia tanta falta da música. Queria ir para minha casa, encontrar um trabalho, fazer amigos, e nunca mais me apaixonar. Nunca mais deixaria um homem me enganar outra vez, mas estava começando a perceber que não seria possível para mim.

Felix nunca permitiria que isso acontecesse, ele sempre estaria me esperando em algum lugar, assombrando todos os meus sonhos. Por isso, era melhor não sonhar nunca mais.

Levantei-me da cama, e mesmo me arrastando, consegui ficar de pé. Escovei meus dentes e tentei dizer a mim mesma que estava tudo bem, mesmo ainda me sentindo cansada. Sentei-me na cadeira e aguardei que trouxessem meu café da manhã. Apesar de ser uma clínica de loucos, o tratamento era de um hotel cinco estrelas. Os quartos eram aconchegantes e espaçosos, tinham até banheira nos banheiros. Sei que havia várias salas de diversão, mas só conheci uma. Não tinha nenhum interesse de me acostumar a este lugar.

Bateram na porta e eu me mexi na cadeira.

— Bom dia, querida. Trouxe o seu café. — Por essa não esperava. Gelei completamente. Felix estava na minha frente com uma bandeja nas mãos, sorrindo, como se nada tivesse acontecido. — Como se sente, meu amor? — Cínico, filho da mãe. Reuni todas as minhas forças e me levantei, já pronta para jogar a bandeja na cara dele. — Eu no seu lugar, não faria isso. Se quer realmente sair daqui, vai se comportar e escutar o que tenho a dizer.

— Não quero escutar nada que queira me dizer, só quero que vá embora. — Me sentei, mas não tive coragem de olhar para ele.

— Acho que vai querer escutar isso. — Ele colocou a bandeja sobre a mesa, puxou uma cadeira e se sentou. — A Cristiane não concorda em liberá-la para voltar para casa, e a culpa é sua, concorda? Você não permite que ninguém se aproxime e se isolou de tudo, por isso ela quer transferi-la para um hospital psiquiátrico de Cuiabá.

— O quê!? Não, ela não pode fazer isso, não sou louca! — Comecei a tremer e já me via em uma camisa de força, sendo jogada em um quarto todo branco com paredes acolchoadas. — A culpa é sua, é você que quer fazer isso. — Esmurrei a mesa com força, e ele segurou a minha mão rapidamente, prendendo-a entre as suas.

— Acalme-se, Lhaura. Se os enfermeiros perceberem que você está alterada, eles vão entrar aqui e levá-la hoje mesmo. Posso ser o dono desta clínica, mas não sou médico, e não sou eu nem a Cristiane que irá levá-la para um hospital, é o seu comportamento.

— Dono? Você é dono daqui!? — Está explicado, é por isso que foi tão fácil ser trazida para cá.

— Sou acionista majoritário, mas isso não vem ao caso. Quero saber se você está pronta para ir para casa?

— Que casa? — Pergunta idiota.

— A nossa casa. Se você quiser e se comportar, assino um termo de responsabilidade e tiro-a daqui. Caso contrário, você será transferida para um hospital e será mais difícil tirá-la de lá. Então, vou perguntar novamente, está pronta para voltar, Lhaura?

Encarei o Felix, analisando as minhas opções. Não sei o que era pior: ser trancafiada em um hospício e conviver com vários loucos, ou viver em uma gaiola de ouro com o pior louco de todos.

— Lhaura, eu a amo, e só depende de você ser feliz ou não. De qualquer jeito, você sempre será minha, perto ou longe de mim. Só que se estiver perto de mim, garanto que posso fazê-la feliz, se

você permitir.

E a louca sou eu.

Mas que saída eu tinha? As duas opções eram terríveis, mas eram as únicas que me restaram, por isso precisava escolher uma.

— Quando posso voltar para casa? — Ele abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Hoje, agora mesmo. É só o tempo de conversar com a Cristiane. Enquanto falo com ela, arrume as suas coisas.

Ele se levantou e saiu quase saltitante de felicidade. Tinha certeza de que acabara de entregar o resto da minha vida ao demônio. Quarenta minutos depois já estava no carro com o Felix. Não sabia para onde íamos e nem sabia onde estávamos, pois quando eu vim para cá, estava dopada. Não conhecia o caminho, mas vinte minutos depois, avistei de longe um helicóptero.

— Para onde nós vamos? — Só perguntei por que estranhei o fato de não irmos de carro para casa.

— Logo você saberá. Será uma surpresa maravilhosa, acho que você vai gostar. — Descemos do carro e escutei quando ele mandou o motorista levar o veículo de volta para a empresa. Sobrevoamos toda a nossa cidade, e só então me dei conta de que não estávamos voltando para casa, pois tínhamos passado por ela. Antes ficava eufórica com as surpresas do Felix, mas agora elas me davam medo.

O helicóptero sobrevoou uma casa. Ela era enorme, parecia uma fazenda, só não vi nenhum gado e nenhuma plantação.

— Onde estamos? — O lugar era lindo, parecia um cenário de filmes de caubóis, mas apesar da beleza, a sensação que tinha era de que estava em um filme de terror.

— Sua nova casa, gostou?

— Como? E o que aconteceu com a antiga?

— Não era segura. Esta é, agora venha conhecê-la.

Fui praticamente arrastada para dentro da casa. Sim, ela era linda, grande e sombria. Sabe aquela mansão linda de viver, com tudo do bom e do melhor, de dar inveja a qualquer bilionário? Esta era a descrição dessa casa, ricamente decorada, espaçosa, em tons claros e arejada, mas era como se estivesse vazia.

— Ali é a cozinha, mas você não tem acesso. — Ele apontou para uma grande porta de vidro. Podia ver tudo o que acontecia lá dentro e entendi quando ele disse que não tinha acesso, pois a cozinha era um perigo para mulheres loucas. Ele só esqueceu que não era louca. — Ali é o meu escritório, só vou para a empresa se for estritamente necessário. Serei seu, vinte e quatro horas por dia. — Era para rir ou chorar? Se fosse em outra época, ficaria eufórica de alegria, mas hoje, só de pensar que ele estaria tão perto, o medo permeava todo o meu corpo. A partir daí, fiquei muda, não queria falar e nem sentir nada.

— Alguma pergunta antes de levá-la lá para cima? — Ele quis dizer, “antes de irmos para o quarto”. Quase corri.

— Não temos empregados? — Estranhei, pois desde que chegamos não vi uma alma viva.

— Temos duas empregadas dentro da casa, mas não se preocupe, elas não vão incomodá-la, ficam pouco na casa.

— Felix, onde nós estamos? — Sabia que não estávamos em Primavera.

— Faz alguma diferença saber? Daqui só se sai de helicóptero ou de carro, e você não sabe dirigir nenhum dos dois. — Ele sorriu, acho que se divertindo com a minha cara assustada.

— Então sou sua prisioneira. Vou viver em uma gaiola dourada?

— Lhaura, muitas mulheres adorariam viver nessa gaiola, mas não, você não é minha prisioneira. Quando você quiser sair é só me pedir que a levo para onde quiser, e quando precisar ir para a empresa ou viajar, você irá comigo. Agora venha, vamos conhecer nosso quarto.

— Meu celular, onde está? — Ele me puxou pela mão, mas a puxei de volta. Felix não gostou e os seus olhos se estreitaram enquanto ele me encarava. Ele colocou a mão no bolso do paletó.

— Aqui está seu celular, agora podemos subir. — Peguei o aparelho, mas não era o meu. Não saí do lugar.

— Esse celular não é o meu. Onde está meu celular?

— Agora é, e antes que você pergunte, ele só está habilitado para ligar para o meu celular e você só receberá as minhas ligações, assim como mensagens de texto. E ele não tem acesso à internet. Mais alguma pergunta?

— Você enlouqueceu!? Você não pode fazer isso, não pode me isolar do mundo. Você está louco, Felix, completamente louco...

— Escute aqui... — Ele circulou os dedos no meu queixo, puxando o meu rosto para bem próximo do seu. — Posso fazer o que eu quiser, você é minha responsabilidade, portanto, o que puder fazer para mantê-la segura, pode ter a certeza de que eu farei. E se for necessário afastá-la do mundo, farei isso. Não reclame, Lhaura! Olhe em volta, você tem uma propriedade toda sua para fazer suas longas caminhadas, e nós até podemos cavalgar quando você quiser. E para deixar claro, nós não ficaremos muito em casa. Pretendo levá-la para fazer uma longa viagem, será o seu presente de aniversário de vinte e três anos...

— Quero voltar para a outra casa — o interrompi. — Não quero ficar aqui sozinha com você. Aceitei voltar para você, mas não aceitei ser sua prisioneira, nem tampouco sua escrava sexual.

Ele me soltou e vi a raiva nos seus olhos. O demônio estava voltando. Ele me pegou pelo o braço e praticamente me arrastou escada acima. Nós entramos em um quarto enorme, muito maior do que o nosso antigo, mas a varanda era cercada por grades.

— Solte-me, seu monstro! — Me livrei das mãos dele e corri para perto do banheiro, mas ele foi rápido, e segundos depois os seus dedos cruéis estavam em torno do meu braço, apertando-o. Mesmo assim, não me intimidei. — Aceitei voltar para você, mas só seremos um casal socialmente. Não quero que me toque, sequer quero que fale comigo. Eu juro, juro, Felix, que se tentar encostar as mãos em mim, eu...

E *plaft*!

Senti o zumbido no meu ouvido. A parte de trás da sua mão bateu forte na minha bochecha direita e quase caí no chão.

— Vai fazer o quê? Você vai me denunciar? Vai me matar? Não seja tola, Lhaura! Nós dois sabemos que isso não vai acontecer, mas não se preocupe, por enquanto não vou forçá-la a nada, vou deixar que escolha. Ou será minha esposa de verdade ou voltará para o hospital. Só não demore muito para se decidir, minha paciência é curta.

— Vai sonhando, nunca mais serei a sua esposa na cama, Felix Santini! — Ele levantou a mão outra vez, fechei meus olhos e me encolhi.

— Não. Não, Lhaura, não vou entrar no seu jogo. Você quer fazer com que eu perca a minha sanidade, mas não desta vez. Já percebi que você gosta de apanhar, mas por hoje chega, só não se esqueça de que a clínica psiquiátrica era um SPA em relação ao hospital que a espera. Você quer passar alguns dias lá, para experimentar? Eu posso fazer isso se quiser.

Ele me soltou.

— Lembre-se, nós podemos ser felizes. Eu posso ser o marido dos seus sonhos, você sabe que posso. Isso só depende de você, mas independentemente da sua escolha, você nunca deixará de ser a minha esposa. Prefiro ir visitá-la em um hospício do que te dar o divórcio. — Antes de fechar a porta ele me fitou. — Você pode ter tudo o que quiser, Lhaura, tudo menos o divórcio.

Ele esqueceu de dizer que também não poderia ter a minha liberdade.



41

Felix respeitou meu distanciamento. Eu via e sentia os seus olhares furtivos, o desejo escorrendo entre os seus lábios. Tivemos dois meses bons juntos, e até ganhei um bolo de aniversário de vinte e três anos. Também ganhei a promessa de conhecermos a Itália, já que foi o meu presente de aniversário anterior, e além de conhecer Veneza, ele me levaria para conhecer a Grécia, pois ele sabia que era louca para conhecer a *Ilha de Zakynthos*. Nós quase sempre saíamos para jantar fora, e até fui algumas vezes ao cinema com ele. Felix tentava me beijar e me tocar, mas me afastava. Ainda sentia medo dele, e posso dizer até que sentia nojo, mas não queria que ele descobrisse isso. Mesmo assim, ele estava realmente tentando se aproximar, me cercando de agrados e atenção. Ele parecia o Felix por quem tinha me apaixonado perdidamente, no entanto, eu sabia que ele não era, já o conhecia e ele não podia mais me enganar.

— Já está pronta, querida? — Estava terminando de retocar o batom. Hoje era o aniversário do senhor Santini, por isso a Sophia resolveu oferecer um jantar só para a família. — Nossa, você está linda! — Ele veio até mim, e toda vez que fazia isso, eu ficava na defensiva. Como sempre disfarcei e o deixei fazer o que pretendia fazer, beijar minha testa. Era o máximo que conseguia aceitar.

Fomos de helicóptero, que ultimamente era nosso transporte mais usado. Algumas vezes íamos de carro para Primavera, mas Felix gostava mais de voar. Quando chegamos, o jantar não demorou para ser servido. Não tinham muitos convidados, apenas dois casais amigos da família, alguns fazendeiros, e é claro, os tios do Felix e o Donovan. Felix fechou a cara quando o viu e eu fiquei atenta, já que sabia dos seus ciúmes. Evitei até olhar para o Donovan. Fui convidada a tocar piano, e quando terminei a apresentação, não vi o Felix. Para fugir do Donovan, que tentava a todo momento falar comigo, fui à procura dele.

— Lhaura, pare de fugir de mim, não sou seu inimigo. Quero saber se está bem e quero dizer que se precisar de ajuda, pode contar comigo. — Ele segurava meu braço, e eu olhava para todos os lados, morrendo de medo de que o Felix nos visse juntos.

— Donovan, me deixe em paz, por favor! — Baixei os olhos, pois não queria que ele percebesse o quanto estava com medo.

— Lhaura, soube o que aconteceu. Eu sei de tudo e tenho certeza de que o Felix está por trás da sua doença. Não acredito que esteja ficando louca... — Ele segurou meu queixo e me forçou a encará-lo. Meu Deus! Queria chorar, queria pedir ajuda. — Se precisar de ajuda, farei qualquer coisa. Não precisa ter medo, você não está sozinha, peça o que quiser que eu farei.

— Fará o quê? — Gelei. Felix estava bem atrás do Donovan, me olhando friamente. — O que você fará para a minha esposa?

— Fe-Felix, estava te procurando. Quero ir para casa... — A minha voz tremia, meu corpo também. E o Donovan continuava segurando meu braço.

— Quer mesmo, Lhaura? Não prefere desfrutar um pouco mais da companhia do meu primo?

— Não seja malicioso, Felix. — Donovan encarou o Felix. — Seu idiota presunçoso, o que você anda fazendo com a Lhaura? Está claro que ela morre de medo de você.

— Felix, quero ir embora. Por favor, me leve embora. — Fiquei entre ele e o Donovan.

— Meu tio sabe que você anda imitando o que ele fez? Que você está dando a Lhaura o mesmo tratamento que ele dava à minha tia?

Sabia sobre o que o Donovan insinuava, mas Felix não sabia disso. Fingi um desmaio e os dois homens me seguraram.

— Solte-a, Donovan! Toque nela mais uma vez e juro que não verá o dia seguinte.

Donovan não teve tempo de responder, Sophia e o senhor Santini chegaram. Felix me colocou nos braços e pediu desculpas, me levando para um quarto. Vinte minutos depois estávamos a caminho de casa, mudos. Sequer tinha coragem de olhar para ele, pois sabia que ele estava remoendo a raiva que crescia dentro dele.

Quando chegamos em casa, Felix não me seguiu até o quarto. Ele continuava respeitando meu espaço e só entrava no meu quarto com a minha autorização, por isso estranhei. Sendo assim, não consegui dormir, o pavor foi o estimulante para me manter acordada.

Eu não o vi durante o dia seguinte e jantei sozinha. Não quis perguntar por ele à senhora Diná, a nossa cozinheira, então apenas comi em silêncio.

Tentei escutar algum movimento atrás da porta do escritório, mas estava silencioso e não conseguia ver nenhum rastro de luz, por isso me acalmei. Ele não estava em casa, e pelo horário, não voltaria hoje. Quase sorri de alegria. Por hoje estava salva. Era bem tarde quando resolvi ir para meu quarto. O banho demorado e quente me ajudou a relaxar. Peguei uma calcinha preta e delicada de renda, que estava ao lado da camisola da mesma cor sobre a cama, e voltei para o banheiro para passar o hidratante que tinha esquecido lá. Vesti a calcinha e me embrulhei com um roupão. Ao voltar para o quarto dei de cara com o Felix de pé diante da porta do banheiro. Pulei para trás assustada e fechei um pouco mais o roupão com as mãos.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Ora, não posso vir ver a minha esposa antes de dormir? — ele perguntou com um sorriso.

— Você não poderia bater na porta antes de entrar, como sempre faz?

Ele deu alguns passos à frente e ficamos face a face por uma fração de segundos.

— Bati, mas ninguém respondeu e fiquei preocupado, por isso me achei no direito de entrar. Não tenho o direito de entrar no quarto da minha esposa, senhora Santini? — articulou rudemente.

— Não, não tem. Quero que saia — esbravejei de volta.

— E se eu não sair, o que vai fazer, querida esposa? — Senti o cheio de álcool no seu hálito. Tinha algo errado, Felix não era de beber, a não ser que estivesse muito irritado. — Ou você iria preferir que o Donovan estivesse aqui no meu lugar? Talvez ele seja mais capacitado? — Não entendi a sua insinuação, só podia ser a bebida que estava deixando-o assim.

— Vá a merda! — disse entre dentes.

Plaft! Recebi um tapa no rosto. Deveria saber que isso aconteceria, mas não sei por que baixei a guarda. Meu rosto ardia e eu sentia o gosto do sangue na boca.

— Essa será a última vez que você fala assim comigo. Você entendeu? — Senti a sua mão grande e forte segurar o meu braço enquanto ele me olhava enfurecido e segurava meu rosto latejante. Eu o fitava estremecida, morta de medo, engolindo as minhas lágrimas.

— Responda-me! — ele disse levantando a voz.

— Entendi! — gritei de volta.

Ele pegou os meus cabelos na altura da minha nuca e os pressionou, inclinando a minha cabeça para que eu pudesse encará-lo. A dor do puxão fez com que os meus olhos se enchessem de lágrimas.

— Resposta errada, querida esposa. Sabe, Lhaura, acho que você gosta de sentir dor... Estou certo? — Tentei negar balançando a cabeça. — Então responda corretamente e com mais educação desta vez.

— Entendi, Felix — respondi com calma. Estava com medo de que ele me batesse de novo.

— Garota esperta. Sabe, Lhaura, estava disposto a dar o céu a você. Juro que queria que tudo entre nós fosse diferente. Eu sei que fiz muita merda, mas pretendia não repetir os mesmos erros, queria ser feliz e fazê-la feliz, mas... você tinha que estragar tudo, não é, linda esposa? — Ele me olhou com raiva. — Quer me trocar pelo Donovan? O que vocês estavam planejando? — Ele puxou o meu cabelo com mais força. O seu rosto estava rente ao meu e ele estava assustador. — Acha mesmo que ele chegará perto de você? — Ele estava enlouquecido.

Eu não sabia o que falar, apenas tremia e lutava contra as lágrimas, mas uma coisa sabia, o meu inferno acabara de começar.

— Responda, Lhaura! Ou quer que eu a faça responder? — alertou.

— Não. Não, Felix, não quero o Donovan... — Recebi outro tapa no outro lado do meu rosto. Não muito forte, mas dolorido.

— Lhaura, vi a troca de olhares dos dois. Eu sei que ele a deseja, você achou mesmo que não perceberia? Mas agora acabou! Lhaura Santini, agora acabou. Acabou a moleza! Agora será do meu jeito. Você não quis o céu, então eu te darei o inferno. Não gosto muito de sexo com dor, mas já que você quer desse jeito, que seja. Posso me acostumar com isso, e posso até gostar — ele falou com um olhar faminto nos olhos. Finalmente consegui me livrar das suas mãos e caminhei para trás, mas ele me seguiu.

— Fe-Felix, por favor... — Ele continuava me seguindo enquanto eu andava para trás. — Por favor, Felix, não faça nada que possa se arrepender depois. — Tremia e procurava algo para jogar nele, mas eu sabia que não tinha saída.

— Quis dar o meu amor, mas você rejeitou. Prefere o Donovan a mim, então você terá só a mim. Posso ser o mais amável dos maridos ou o pior de todos, Lhaura. Só depende de você.

Tropecei e caí sentada sobre a cama. Rapidamente me levantei, mas não deu tempo de correr, ele se colocou na minha frente. Meus joelhos tremiam. Ele passou as mãos pelos meus braços, e em seguida, puxou o laço do meu roupão, deixando que ele escorregasse, até que o senti sobre os meus

pés. Ele deu um puxão violento na fina lateral da minha calcinha e ela se partiu ao meio.

— Você gosta disso, não é, Lhaura? Gosta quando sou violento. Agora sei disso. — Ele só podia estar louco. Podia até ter gostado, mas isso foi há muito tempo.

Me engasguei quando os seus dedos tocaram a minha vagina e dei um passo para trás. Ele me puxou para perto do corpo, e a sua boca foi de encontro ao meu pescoço enquanto suas mãos exploravam o meu sexo. Eu sentia o seu perfume e fechei os olhos lutando contra meu medo e contra meu desejo, pois por mais que estivesse apavorada e ciente do quanto o Felix era perigoso, estupidamente ainda o amava e o desejava. Sim, eu era louca. Não podia negar, ele ainda exercia um poder sobre mim. Contudo, lutaria contra isso e não me deixaria ser arrastada pela luxúria. Era uma questão de dignidade.

Seus lábios se arrastaram pelos meus ombros e, em seguida, seus dentes encontraram o meu mamilo. Quase gemi, mas me contive. Não podia me entregar, seria loucura. Ele sabia o que estava fazendo, sabia do poder sexual que exercia sobre mim. Ele sempre soube, então gemi baixinho... Maldita vagina. Ele percebeu e uniu a boca à minha, me beijando. Mas não o beijaria de volta, já era hora de reagir, ele não me controlaria nunca mais. Prometi na sepultura do meu pai que o Felix só me teria se fosse à força. Pressionei os lábios firmemente.

— Não me provoque, Lhaura. Abra a porra da boca — ele ordenou, mas não abri, por isso os seus dedos circularam o meu queixo, esmagando com força a minha bochecha, e fui obrigada a separar os lábios e aceitar o seu beijo, a sua língua.

Ele se afastou dos meus lábios e as suas mãos planaram os meus ombros, forçando o meu corpo para baixo. Não consegui impedi-lo e quando dei por mim, já estava de joelhos e vi os seus olhos me fitarem com uma fome voraz.

— A partir de hoje a sua vida será outra. Você fará tudo o que eu quiser e se for esperta vai aproveitar. Nós seremos felizes, mas se quiser bancar a durona, vai aprender o quanto sou persistente. Pode até demorar, querida esposa, mas cedo ou tarde você vai aprender a me agradar e com certeza aprenderá a gostar também. Eu juro que queria que fosse diferente, mas foi escolha sua, então não me culpe.

Entrei em pânico quando ele desfez o cinto, abriu o zíper e libertou o pênis duro, colocando a cabeça entre os meus lábios com força.

— Abra a boca, Lhaura! — Fechei os meus olhos, sabendo o que estava por vir. Ele circulou a cabeça do membro pelos meus lábios, me lambuzando com o seu líquido gelatinoso.

— Abra a maldita boca, Lhaura! — exigiu novamente. Travei os lábios e isso me custou um tapa no rosto já machucado. — Será por bem ou por mal, querida. Agrade-me e você será tratada como uma princesa.

Ele empurrou, e eu fiquei travada. Quando vi a sua mão se erguer outra vez, abri os lábios por medo de apanhar e senti o seu pênis entrando na minha boca.

— Que saudade da sua boca, querida — murmurou, deslizando para dentro e para fora, segurando a minha cabeça enquanto empurrava, me causando ânsia de vômito. Ele se moveu rapidamente, e sabia que ele estava prestes a ejacular na minha boca. Rapidamente me afastei dele.

Ele prendeu meu rosto com as mãos e manteve os movimentos.

— Não, querida, você vai engolir tudo e sem fazer cara feia, ou eu juro que o seu café da manhã, almoço e jantar será o meu sêmen, até você se acostumar ao meu gosto. Não estou brincando, Lhaura, engula tudo, porque a partir de hoje essa será a sua rotina — disse rudemente enquanto estocava a minha boca com força. As lágrimas já lavavam o meu rosto e a minha alma.

Tentei empurrá-lo com as mãos, mas eu era um nada diante do homem feroz que estava diante de mim, me dominando. Senti o tremor dos seus músculos, ele estava pronto para gozar, então segurou a minha mandíbula, mantendo a minha boca aberta, e retirando-se apenas o suficiente para deixar a cabeça entre os meus lábios, jorrando o seu esperma, grunhindo o seu prazer. Toda vez que tentava cuspir, ele empurrava o líquido para dentro com a cabeça do pênis. Não tive alternativa senão engolir, e mesmo sentindo vontade de vomitar, fechei os olhos e rezei para que Deus me desse forças.

Ele me pegou pelo braço e me puxou para cama. Eu já sabia o que viria em seguida, e juro que tentei me controlar, mas o medo foi maior e por isso tentei fugir. Felix foi mais rápido, seus dedos entrelaçaram os meus cabelos, e ele me jogou de bruços com violência sobre a cama.

— Segunda lição, querida, e essa eu tenho certeza de que você logo vai aprender. Se não quiser que seja dolorido, não lute, apenas aceite e prometo que será prazeroso. — Vi quando ele abriu a carteira e pegou um preservativo, vestindo o seu pênis. — Abra as pernas. — Como não fiz o que ele mandou, Felix o fez e logo ele estava entre as minhas pernas. O senti empurrar para dentro do meu ânus. Eu me contorcia, tentando fugir novamente, mas toda a minha luta foi em vão. Ele virou a minha cabeça para o lado e apertei os olhos com muita força.

— Abra os olhos — ele ordenou, e senti que entrava um pouco mais. — Relaxe, Lhaura. Logo você vai se acostumar e até gostar.

Eu me via presa em um abismo onde não tinha opções. Ou eu me atirava e morria, ou me segurava em alguma coisa que me desse alguma esperança de sobrevivência. Estava perdida, não tinha para onde ir. Não tinha onde me segurar, essa era a verdade. E quando senti a dor vir, e vir com força, como se fosse me rasgar, gritei em desespero, e lutei para que ele saísse de dentro de mim.

— Não lute, será pior... — Ele me segurou pelos cabelos e cavalgou com força dentro de mim, me deixando completamente dormente. Nem dor senti mais, não senti mais nada. — Vou gozar na sua boca e depois você vai me chupar e lamber, entendeu? — ele disse com a boca colada na minha orelha.

Cansada de lutar, não respondi. Ele bombeou mais rápido e mais rápido, e, de repente, ele me virou de barriga para cima, se livrou do preservativo, ficou de joelhos na cama e me fez sentar.

— Abra a sua linda boquinha — Ele me fitou com um olhar demoníaco. Não conhecia aquele homem, como uma pessoa podia mudar tanto? Olhei para o seu pênis, enquanto ele se masturbava. Ele explodiria o seu esperma novamente na minha boca e não sabia se conseguiria engolir. Fechei os olhos e abri a boca.

— Isso, minha adorável esposa, agora abra os olhos. — Ele bateu levemente no meu rosto e deslizou o pau na minha boca.

Pensei que ele simplesmente jorraria na minha boca, mas ele queria mais, e por alguns minutos, ele entrou e saiu dela até que senti o primeiro jato na minha garganta. Dessa maneira era melhor, pois não sentia o seu sabor. Mas de repente, ele pareceu perceber e puxou o pênis, deixando-o entre os meus lábios, movendo apenas a cabeça, em vai-e-vem. E urrando entre espasmos, ele gozou. Apenas aceitei a sua liberação, derrotada e humilhada.

— Pare de chorar, Lhaura. Sou seu marido e você é minha mulher. Agora venha, vou cuidar de você. — Começava a odiá-lo muito mais do que já o amei. Já era alguma coisa. Ele me colocou nos braços e me levou para o banho. Ele sabia ser carinhoso, sabia como fazer para que me sentisse culpada por tê-lo deixado me violentar.

Poderia ter me entregado por amor e ele não precisaria ter usado a força. Felix não precisou abrir a boca para falar isso. A cada carícia que fazia no meu corpo, enquanto me dava banho, a cada beijo que recebia no alto da cabeça, a cada eu te amo, eu me culpava e dizia para mim mesma que a culpa era minha. E quando ele me levou para a cama e juntou o seu corpo ao meu, me abraçando com carinho, me odiei, pois ao mesmo tempo que o odiava e o queria longe de mim, eu o amava e o desejava. E foi assim que a minha vida se transformou em um inferno.



Após todo esse tempo, o que restou do amor e dos sentimentos que eu tinha pelo Felix foram o ódio e o medo. Eu o odiava com toda a força da minha mente. Felix conseguiu destruir qualquer sobra de amor que pudesse sentir por ele. Durante algum tempo lutei contra a sua força ao me possuir contra a minha vontade, mas como eu apanhava, acabava cedendo. Passei a ficar passiva, apenas me deitava e o deixava fazer o que quisesse, mas apanhava por isso também, então comecei a fingir prazer. Isso também não durou muito, pois não sou uma boa mentirosa, e quando ele percebia, ou me batia ou era muito violento sexualmente.

Não sabia mais o que fazer. Não podia fugir, tampouco pedir ajuda. Quem acreditaria em mim? Por isso, só contava com a sorte. Era violentada fisicamente e mentalmente todos os dias, no mínimo três vezes. Às vezes, ele resolvia dar uma rapidinha, mas pelo menos não apanhava mais, e mesmo não querendo os seus carinhos e a sua atenção, aceitava. Eles eram melhores do que os puxões de cabelo e os tapas no rosto.

Mas com o passar do tempo, comecei a sentir que não suportaria tudo aquilo por muito mais tempo. Não queria ser uma Sophia da vida. Não, não tinha estômago para bancar a submissa, precisava encontrar uma maneira de escapar das mãos do Felix. Às vezes pensava em me fingir de louca, e assim a doutora Cristiane acharia necessário me internar em um hospício, mas imediatamente mudava de ideia. Não suportaria viver trancada, perdendo minha sanidade aos poucos. Aqui ao menos ainda podia sair e até viajar pelo mundo, mesmo que fosse na companhia do demônio. Mas a cada novo dia, eu me via mais desesperada. Tinha que haver um jeito de me livrar dele, de escapar da minha gaiola dourada.

— Querida. — Olhei por cima do ombro e vi a sua sombra. — Lhaura, onde você está? — Não queria responder, não queria sair de onde estava. — Lhaura... meu amor, por que teima em ficar aí? — Nos últimos meses, quando não estava na companhia dele, me escondia dentro do closet, deixava as luzes apagadas e ficava entre o meu universo de vestidos, sentada no chão. — Querida, vem cá. — Ele estendeu a mão e aceitei. Assim que fiquei de pé ele me pôs nos braços.

— Meu amor, isso não é normal... — *Também não era normal violentar a mulher que você diz tanto amar.* — Já conversei sobre isso com a Cristiane e ela está preocupada. — *Você contou também que me viola todos os dias, e se eu não saciar os seus desejos, contou que eu apanho?* — Querida, por que você insiste em fazer isso, hein?

Ele me colocou na cama e comecei a tremer. Já fazia algum tempo que ele evitava me bater para não deixar marcas visíveis, por isso ele batia minha cabeça na cabeceira da cama, ou simplesmente batia na minha cabeça. Passava dias com dores de cabeça, mas desde que comecei a obedecê-lo, como uma boa cadelinha adestrada, ele não me bateu mais. Ao contrário, ele voltou a ser o antigo Felix cheio de amor, cuidados e atenção, principalmente depois do sexo. Era como se ele quisesse me compensar. Só que seus carinhos não me diziam mais nada, eles só me deixavam mais enojada.

— Des-desculpe, prometo que não farei mais. Você me desculpa?

— Claro, mas não estou chamando a sua atenção, só estou preocupado. A Cristiane quer

aumentar a dosagem de um dos seus remédios, e não quero que ela tenha motivos para fazer isso. Você também não quer isso, quer?

— Não, não quero. — Ele começou a me despir. — O que está fazendo? — pergunta idiota, ele faria o lanchinho da tarde. — Felix, não estou me sentindo bem, vamos deixar para mais tarde — murmurei.

— Farei você se sentir bem com o meu corpo, querida. Com os meus beijos, eles têm a dosagem certa para fazê-la se sentir melhor. A não ser que você não me queira, é isso? — Eu sabia que ele só queria um motivo para me pegar a força.

— Eu te quero, amor. Sempre quero você.

Claro que não queria, mas não adiantava dizer não. Em quase dois anos de surra e sexo violento, aprendi que era melhor deixá-lo me usar e agradá-lo, mesmo sem conseguir sentir nada. No fundo, eu sabia que o Felix sabia que não o desejava mais. O homem tinha como saber. Percebi a mudança do meu corpo, a minha vagina demorava mais para lubrificar e a primeira penetração era muito dolorosa. Só melhorava depois de alguns segundos, por isso o Felix caprichava no sexo oral, então ele com certeza sabia.

Uma hora depois, após me dar um banho, ele me deixou na cama. Meu corpo inteiro doía. Os bicos dos meus seios estavam intocáveis, o meu ânus ardia e a minha vagina estava dormente. Ele me puniu, tinha certeza de que ele tinha feito isso porque estava me escondendo dele. Ele já tinha percebido que quando fico ali, era porque estava me escondendo.

Tinha que encontrar uma maneira de escapar, tinha que ter um jeito! Sim, Lhaura, mas como, com que dinheiro?

Dinheiro!

Eu tenho dinheiro?

Como pude me esquecer isso?

Acho que os remédios que estava tomando bloquearam a minha inteligência. Corri para o closet, subi na escada e fucei o fundo da última prateleira, rezando para que com a mudança o Felix não tivesse deixado meu baú de recordações na antiga casa. Era uma caixa de papelão decorada com rosas vermelhas, e lá eu guardava fotos e documentos. Encontrei. Fui para o banheiro e rapidamente busquei o que procurava, o envelope que mamãe deixou para mim. Encontrei o dela e o do papai. Lembrei que o Felix tinha me entregado, ainda bem que ele nunca o abriu e nunca perguntou o que era. Abri os dois. O envelope da mamãe continha um cartão de banco e um papel, com os dados bancários e uma senha. No envelope do papai, havia o mesmo e mais algumas coisas.

Algumas joias da mamãe, entre elas, o seu anel de compromisso. Ele era lindo, todo delicado, com um rubi e circulado de pequenos brilhantes. Também encontrei o par de alianças dos meus pais. As lágrimas inundaram os meus olhos. Essas joias e o dinheiro seriam a minha salvação, só precisava de alguém para me ajudar.

Mas quem?

Pensei no Donovan, mas fazia tempo que não o via... Margot? Belle? Elas nem sabiam onde estava, certamente o Felix inventou alguma coisa. Não tinha mais amigos.

Desolada, comecei a jogar os envelopes na caixa. Você tem sim uma pessoa que pode te ajudar, Lhaura.

A Miranda!

Ela disse que se um dia você resolvesse deixar o Felix, ela te ajudaria. Você só precisa de um motivo para que ela venha até você.

Saí do banheiro com o meu precioso tesouro e o deixei no mesmo lugar. Felix não podia desconfiar, e a partir de hoje, eu seria a melhor esposa do mundo.



— Amor. — Estava diante da porta do escritório do Felix, batendo os meus dedos levemente na madeira. — Posso entrar?

— Claro, querida. O que a minha princesa quer? — Ele largou tudo o que estava fazendo para me dar atenção e bateu a palma da mão na perna, em um convite para que eu me sentasse no seu colo. Obedeci e ofereci meus lábios para serem beijados. — Você quer mesmo ir para a festa do prefeito? — ele perguntou enquanto mordia o meu lábio inferior e a sua mão escorregava entre as minhas coxas à procura do meu sexo.

— Como não vou querer ir à festa? Ela será em sua homenagem. — Engoli em seco quando senti seus dois dedos buscando a minha entrada. Ele sempre fazia isso todas as vezes que mandava eu me sentar no seu colo. — Por isso tenho um pedido para fazer. — Revirei os olhos e gemi baixinho quando os seus dedos começaram a entrar e sair do meu canal.

— Vire-se, amor. Sente-se no meu colo toda aberta, quero fazer amor com você. — Ele procurava a minha boca, e obedeci.

Ele abriu o zíper da calça e só tirou o pênis para fora, afastou a minha calcinha para o lado e me sentou nele.

— A-amor... — gemi. — Eu... Quequero ficar lin-linda... — Felix me mordia e me beijava. — Será que... — Ele começou a me ajudar a cavalgar nele. — Que tem alguém...

— Deus, você é linda, meu amor. Sou louco por você, louco...

Sim, eu sei, seu monstro demoníaco. Aproveite enquanto me tem.

Felix me suspendeu, e eu sabia o que tinha que fazer. Fiquei de joelhos e abri boca, deixando-o jorrar seu prazer. Quando ele terminou, eu o chupei e depois o lambi, limpando-o enquanto olhava para ele e sorria.

— Você é perfeita, Lhaura! A cada dia eu a amo mais. Agora me diga, o que a minha princesa quer?

— Quero alguém para me ajudar com a maquiagem e o cabelo. — Voltei a sentar no seu colo e o beijei.

— Só isso? — Assenti com a cabeça. — Não se preocupe, vou ligar para a maquiadora contratada da empresa, acho até que você já a conhece. Vou mandar buscá-la, certo? Mais alguma coisa?

— Não, era só isso. — Seus lábios voltaram para os meus, e antes que ele resolvesse partir para o segundo tempo, pulei para fora do seu colo com a desculpa de que iria escolher o vestido.



Miranda entrou no meu quarto assim que eu lhe dei permissão. Fui até ela e a recebi com um abraço. Ela me avaliou de cima a baixo, procurando machucados no meu rosto e corpo. Nós estávamos muito perto e eu pude ver o rodopiar dos seus olhos sobre mim.

— Lhaura, você está bem? — Ela chegou perto o suficiente para cochichar no meu ouvido.

— Não, eu preciso de ajuda — sussurrei.

Ela me encarou e eu olhei na direção da porta, como se dissesse para ter cuidado com o que diria.

— Ok, vamos caprichar nessa make! — Ela piscou e me deixou mais tranquila, pois tinha entendido.

Eu me sentei e a Miranda começou a pentear meus cabelos e a colocá-los no alto da minha cabeça. Sabia que o Felix viria nos ver, mas que logo depois se trancaria no escritório, pois o ouvi dizer a alguém com quem conversava no celular que logo teria uma reunião por vídeo chamada. E foi exatamente o que aconteceu. Ele veio, foi muito simpático com a Miranda, me beijou e se foi. Dois minutos depois respirei fundo.

— Miranda, continue fazendo seu trabalho e só responda com sim ou não.

— Sim.

— Preciso de sua ajuda para fugir, você pode me ajudar?

— Sim. Quer ir à polícia?

— Miranda, sim ou não! Não, já fui e não adiantou, por isso preciso fugir. Você me ajuda?

— Sim.

— Conhece alguém que faz documentos falsos?

— Não, mas posso resolver isso, só precisamos do dinheiro.

— Isso não é problema.

Eu me levantei e fui até o closet, peguei o vestido que colocaria, os envelopes estavam dentro dele. Deixei o vestido na cama e entreguei os envelopes para ela.

— Guarde-os agora. — Ela escondeu no fundo da mala de maquiagem. — Dentro dos envelopes, há dois cartões de banco, com as respectivas senhas. Quero que você saque tudo e venda as joias que estão dentro de um dos envelopes, use o dinheiro das joias para fazer os meus novos documentos. Será o suficiente?

— Acho que sim. Qual nome você que quer usar? E vou precisar de fotos, você tem?

— Laura, sem o H, assim não me confundo. Quanto ao sobrenome invente um, não faço ideia. Acho que tenho umas fotos, só espero que sirva. — Fui até o closet e peguei a minha caixa de tesouros. Havia algumas fotos minhas de todos os tamanhos, inclusive três por quatro. — Será que estas servem? — Miranda olhou para as fotos.

— Para que existe Photoshop? Estas servem sim.

— Espero que sim, e escolha um sobrenome fácil.

Ela já estava finalizando a maquiagem.

— Pode deixar... — Respirou fundo. — Estou me sentindo em um filme de espionagem.

— E eu, em um filme de terror.

— Me desculpe, Lhaura. Não quis ser indelicada.

— Não foi, só quero fugir para bem longe e sair desse pesadelo.

— Já sabe para onde vai? Já escolheu? Vai para outro país? Se for, saiba que é mais complicado e mais demorado.

— Não, andei olhando um mapa escondido do Felix. — Ela olhou para mim, baixando a cabeça em direção ao meu rosto, como se dissesse, "tá doida"? — Não se preocupe, não fiz marcações, apenas gravei os nomes dos lugares na memória.

Miranda me ajudou com o vestido e depois com o cabelo.

— Me dê seu número de celular. — E agora? Não tinha pensado nisso.

— Não tenho. O Felix não permite celular, nem internet, e o celular que eu uso só faz e recebe chamadas do número dele.

Entristeci, tanto esforço para nada. Miranda começou a mexer na bolsa.

— Fique com esse. É antigo e não tem acesso à internet, mas ainda recebe ligação e mensagem de texto. Acho que tem uns dez reais de créditos. Deixe-o desligado e daqui a uma semana comece a verificar as mensagens quando o Felix não estiver por perto.

— Será que daqui para novembro a documentação fica pronta? Preciso que planeje a minha fuga no dia do casamento da filha do governador, você está sabendo quando vai ser? É a minha única oportunidade, porque depois da festa Felix pretende me levar para uma viagem de cinco meses fora do país. Não sei se vou suportar viver essa situação por muito tempo. — Comecei a ficar emocionada, e a Miranda tentava me acalmar. Até que consegui estabelecer meu controle de volta.

— Lhaura, não se preocupe, se depender de mim já deu certo. Mas você precisa ficar firme, o Felix não pode desconfiar de maneira nenhuma. Nem em sonhos ele pode imaginar que você pretende fugir.

— Vou manter a minha farsa. Mesmo querendo vomitar na cara dele, durante esse tempo todo aprendi a ser uma boa atriz.

Miranda estava fechando a mala quando o Felix veio me avisar que sairíamos em vinte minutos. Ele me olhou com extrema devoção. Miranda me fez companhia enquanto o Felix foi se trocar.

Um mês e meio depois finalmente recebi uma mensagem de texto da Miranda, me avisando que já estava tudo certo. Ela pediu o nome das duas primeiras cidades que pretendia ir, e preferiu não saber das demais. Ela providenciaria as passagens de avião. De Cuiabá eu iria para São Luís.

No dia do evento, que também seria o dia da minha fuga, nós já tínhamos acertado que ela viria me maquiar, assim ficaria sabendo os detalhes finais do plano.



Eu nunca desejei tanto ir para uma festa. Estava em êxtase, só faltei sair saltitando de tanta felicidade. Tudo — digo tudo mesmo — que o Felix me pedia, eu fazia, mesmo lutando contra a minha vontade de jogar na sua cara o asco que sentia por ele. Cada humilhação, cada penetração dolorosa, cada violação, apenas sorria para ele, como se lhe dissesse:

Em breve, seu cretino, você vai violar o diabo, não a mim.

Em uma sexta-feira, às dezesseis horas, Miranda entrou no meu quarto. Felix estava ao seu lado, sorridente, com os olhos brilhando. Ele nem imaginava que a nossa transa de vinte minutos atrás foi a última.

— Deixe-a mais linda do ela já é, Miranda — ele articulou enquanto vinha na minha direção e depositava um beijo demorado nos meus lábios. — Querida — falou ao se afastar e fixou os olhos nos meus —, estou no escritório. Preciso enviar alguns relatórios para a filial do Canadá e acho que levarei cerca de trinta minutos. Depois disso, subo para me trocar. Mas não se preocupe, vou usar o outro quarto. — Ele me beijou e nos deixou sozinhas. Esperamos cerca de quinze minutos até que finalmente Miranda pudesse me contar sobre o plano.

— Estarei no portão dos fundos do salão imperial a partir das vinte e uma horas. Uma pessoa da minha confiança vai avisá-la quando for a hora de sair. Fique atenta — ela sussurrava enquanto me maquiava.

— Como saberei quem é a pessoa?

— Não se preocupe, você saberá. Só mantenha a calma. Posso ficar tranquila?

— Pode, sim. Se perder essa oportunidade, certamente vou morrer nas mãos do Felix, então não se preocupe, farei tudo certinho.

— Só tenha cuidado, Lhaura. Ele não é burro.

— Eu terei. A minha vida depende disso, não farei bobagens. E o dinheiro, sacou?

— Não, eu pensei... Você vai viajar de avião, então como explicaria uma mochila cheia de dinheiro?

— É verdade, não tinha pensado nisso. E agora?

— Depositei tudo em uma conta-poupança que eu tenho e que não uso, tinha oitenta reais nela. Você vai levar o cartão, que também é um cartão de débito. Quando chegar ao seu destino você abre uma conta em outro banco.

— Ok... — Respirei fundo.

— O que foi?

— Estou nervosa. Quando imaginaria que poderia me livrar de tudo isso?

— Faltam poucas horas, amiga

Ela terminou de me vestir e prendeu os meus cabelos com uma trança embutida. Depois ficamos frente a frente e em seguida nos abraçamos.

— Não fique nervosa, Lhaura. Vai dar tudo certo, acredite.

Queria muito acreditar nisso, mas o medo de ser pega me apavorava. Não fazia ideia do que poderia acontecer comigo caso o Felix descobrisse acerca dos meus planos.

Já eram vinte e uma horas, a festa estava a todo vapor, com as pessoas dançando, bebendo e conversando. Deviam ter no mínimo uns trezentos convidados. Felix era só alegria, nós já dançamos umas cinco músicas, e pela primeira vez ele estava bebendo sem moderação.

De repente um rapaz veio nos servir, e sem querer alguém o empurrou e ele virou a taça de champanhe no Felix. O rapaz começou a limpar a bagunça, pedindo mil desculpas, e enquanto o rapaz tirava a atenção do Felix de mim, uma outra moça veio e se inclinou para limpar a mesa.

— Em dois minutos se prepare para ir ao banheiro — ela me avisou, enquanto limpava a mesa. Olhei para o Felix, que estava reclamando com o rapaz, enquanto o coitado o limpava desajeitadamente.

Quando menos esperei, uma taça de vinho tinto virou sobre o meu vestido azul, e logo uma mancha não muito extensa se formou, concentrando-se no meu abdômen. Eu me levantei imediatamente e fiz cara de perplexidade. Meu vestido tinha linhas escuras por toda a extensão da barra.

— Mas que merda! O que está acontecendo com esse serviço de garçons? — Felix empurrou o rapaz e veio em meu socorro. — Faça alguma coisa, senhorita! Ajude-a. — Ele tentava secar o líquido com um guardanapo, enquanto gritava com a moça.

— Oh, meu Deus, me desculpe! — Ela também tentava desajeitadamente limpar o tecido delicado do meu vestido. — Senhora, venha comigo até a toalete, lá eu posso limpar seu vestido, pois temos uma máquina lava e seca justamente para esse tipo de acidente. — Olhei para o Felix, como se pedisse socorro, ele logo entendeu e segurou a minha mão.

— Senhor, sinto muito, mas não podem ir juntos. A não ser que queira ficar na porta esperando.

— Amor, ficarei bem, acho que não vai levar tanto tempo. — Olhava desolada para o meu vestido.

— Vai levar cerca de meia hora, mas eu a trago de volta.

— Tem certeza de que quer ir sozinha? — ele perguntou acariciando meu rosto, pois estava preocupado.

— Tenho, ficarei bem — respondi imitando o gesto e beijando-o levemente nos lábios.

— André, sirva mais uma taça de champanhe para o senhor. — A garçonete gesticulou com os olhos para o rapaz que ainda estava limpando a mesa.

Eu a acompanhei, e antes de desaparecer entre as pessoas, ainda pude ver o Felix me observando, mas logo depois ele se sentou e aceitou a taça que o rapaz lhe ofereceu. Estava apavorada, pois sabia que tão logo estivesse ausente por trinta minutos, Felix estaria na porta da toalete, me procurando. O banheiro que ela escolheu estava trancado, e vi quando ela pegou uma chave e abriu a porta. Assim que entramos, ela voltou a trancá-la sem perder tempo, e depois começou a se despir. Fiquei sem entender. Então ela foi até um dos boxes e pegou duas mochilas.

— Dispa-se e me entregue o seu vestido e os seus sapatos. — Fiz o que ela mandou. — Vista as roupas que estão na mochila.

Eu vesti uma calça jeans e uma blusa de mangas compridas de malha preta, e calcei um par de tênis. Vasculhei a mochila com a mão e logo encontrei um saco com algo dentro. Quando o abri vi que era uma peruca longa e ruiva. A moça me ajudou a colocá-la, e quando já estávamos prontas, ela me entregou uma armação de óculos de grau.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Pode me chamar de Maria — respondeu rapidamente.

Ela pegou a mochila e abriu o outro zíper, retirando de dentro um outro embrulho, uma peruca loira, com a mesma cor do meu cabelo e o mesmo penteado, que ela logo depois colocou na cabeça.

— Meu marido não vai esperar tanto tempo, talvez ele já esteja na frente da porta, me esperando. — Olhei para ela quase chorando.

— Não se preocupe, ele deve estar dormindo nesse exato momento. — Arregalei os olhos quando escutei as suas palavras. — Fique tranquila, foi só um pouquinho de boa noite cinderela, não fará mal nenhum para a saúde dele. — Ela jogou as suas roupas dentro da mochila e a fechou, depois olhou para o relógio. — Estamos com tempo de sombra, podemos ir.

Meu coração estava na boca, mal conseguia respirar. Ela jogou a mochila sobre o meu ombro, trancou a porta e saímos. Conseguimos atravessar a multidão, ela na frente e eu atrás, e assim que saímos do casarão, ela parou.

— Agora é com você, está segura. Nós seguiremos caminhos diferentes, pois a partir daqui há câmeras de vigilância. Então, você vai seguir o caminho para aquele portão. — Ela apontou para a entrada dos veículos dos bufês e funcionários. — A Miranda está a esperando do outro lado do muro. Vou seguir para a saída principal, boa sorte.

Estava em um estado de nervos onde mal consegui balbuciar duas palavras. Vi a moça sumir diante dos meus olhos, e somente depois comecei a caminhar apressadamente na direção indicada. Saí pelo grande portão, olhei de um lado para o outro, mas não vi o carro da Miranda. Aliás, não vir carro nenhum, só uma van com um nome de uma floricultura. Estava prestes a entrar em desespero, quando a van piscou os faróis. Corri na sua direção e a porta se abriu. Finalmente entrei no veículo.

Levou cerca de dez minutos para que meu coração voltasse a bater no seu ritmo normal e para que meus nervos se acalmassem, e então finalmente pude pronunciar as palavras que estavam presas na minha garganta: — Que loucura! — Olhei para Miranda enquanto ela dirigia atenta à estrada. Ela também parecia tensa. — Miranda, está tudo bem? — Comecei a me preocupar, ela não tinha dito nenhuma palavra desde que entrei no carro.

— Só vai ficar tudo bem quando você estiver dentro do avião. — Ela tamborilava os dedos no volante do carro. — Pegue a mochila que está atrás do banco e troque a roupa e a peruca.

Nesta altura do campeonato, não era hora para perguntas, só para fazer o que ela mandava. Peguei a mochila e a abri, vesti uma calça de alfaiataria bege e uma blusa estampada de seda, sapatos de saltos altos e troquei a peruca ruiva por uma em corte chanel com os fios negros. Olhei o meu novo visual no espelho do carro.

— Fiquei bem de cabelos pretos e curtos. — Nem se parecia comigo.

— Jogue tudo que usou dentro da mochila. — Ela parou o carro em um estacionamento. — Venha. — Ela pegou a mochila e seguimos na direção de outro carro. Enquanto entrava, Miranda trocou de roupa, prendeu o cabelo e colocou uma peruca loira curta. — No aeroporto existem câmeras, e tenho certeza de que o Felix vai exigir as imagens. — Ao chegarmos ao aeroporto, ela me entregou minha pequena mala de viagem e minha bolsa. — Seus documentos estão na bolsa. Pegue-os, nós precisamos deles para fazer o check-in.

Assim que abri a bolsa e retirei meu novo documento de identificação, li o meu novo nome: Laura Xavier Martinez. Gostei, era fácil de gravar.

— Meu anjo, deixei um celular pré-pago na sua bolsa e salvei meu número nele, mas só me ligue se for uma emergência. O cartão do banco está na sua carteira, junto com a senha. Assim que chegar ao seu destino, providencie a abertura de uma nova conta e transfira todo o dinheiro. Entendeu?

— Sim. Obrigada, Miranda.

— Agradeça-me sendo feliz. — Ela me abraçou outra vez e eu tremi. — Relaxe, acabou. Você vai ficar bem.

Será? Será mesmo que vou ficar bem? Será que algum dia poderei respirar aliviada, sem precisar olhar para trás?

— Acho que nunca ficarei bem, mesmo estando longe do Felix. Ele sempre estará nos meus pesadelos e nas minhas lembranças. Nunca serei completamente livre. Mesmo assim, viver nas sombras é melhor do que viver ao lado dele.

— Lhaura, tente ser feliz. Refaça a sua vida, e você vai ver que um dia terá esquecido tudo isso.

— É o que eu mais quero. — Olhei para ela e sorri. — Você sempre faz isso? Digo, salva mulheres que sofrem abusos? — Ela soltou uma gargalhada.

— Não, mas assisto a muitos filmes e tenho amigos loucos. Pedi ajuda e eles prontamente aceitaram. Tivemos tempo para planejar tudo.

O número do meu voo foi anunciado. Foi difícil dizer adeus, Miranda era a minha terceira melhor amiga. Nos abraçamos e choramos juntas.

— Obrigada mais uma vez, Miranda. Se não fosse por você, não estaria aqui.

— Siga sua vida e esqueça o que você passou. Tente ser feliz. — Ela me beijou, eu a beijei, e finalmente segui meu caminho, sem saber o que me esperava.



44

Foi um percurso árduo e sem descanso: São Luís, Salvador, São Paulo, Caxias do Sul... Tudo isso para não deixar pistas para o Felix. E na tarde de sábado, exatamente às quinze horas e trinta e cinco minutos, cheguei ao meu destino: Canela, Rio Grande do Sul.

Por que escolhi essa cidade?

Porque o Felix nunca iria me procurar aqui, ele sabe que não gosto de frio, de mato e nem gosto de cidades pequenas. Apesar de ter vivido em uma.

Por tudo isso, escolhi essa região. Sei que ele vai me procurar primeiro nas cidades litorâneas e nas metrópoles grandes.

Cheguei tão cansada que só queria um lugar para dormir. O motorista do ônibus me indicou uma pousada no centro da cidade e foi fácil encontrá-la. Peguei a chave do quarto, tomei um banho, vesti uma camiseta e meias, pois estava fazendo um frio de lascar.

Sentei-me na cama e comecei a vasculhar minha pequena mala de viagem. Dentro dela tinham duas calças jeans, duas de alfaiataria, duas saias, dois vestidos, dois pijamas, lingeries, meias, duas camisetas e três blusas um pouco mais arrumadas. Um par de tênis, um par de sapatilhas, uma sandália rasteira, uma caixa de tintura para cabelo castanho claro e um bilhete.

"*Lhaura, leia as instruções da caixa de tintura, siga de acordo com o que está especificado, e nunca esqueça de retocar a raiz. Outra coisa, evite chamar a atenção para si mesma. Foi por isso que só coloquei roupas discretas e recatadas na mala. Fique bem e se cuide.*

Miranda

P.S.: Após ler este bilhete, destrua-o."

Eu ri. Ela estava vendo muitos filmes de espionagem. Fiz o que ela mandou, depois me joguei na cama e me enrolei com o edredom. Acordei na penumbra do quarto, com o frio congelante, e com muito esforço, mas muito esforço, consegui arrastar os meus pés até a janela para fechá-la. Mal podia manter os olhos abertos. Estava tão cansada que ao olhar as horas quase não acreditei que tinha dormido tanto, já passava das vinte e três horas. Então, deixei meu corpo retornar para o seu estado de hibernação. Voltei para a cama e deixei a escuridão me levar.

Solte-me... solte-me. Não quero, não quero... Por favor, por favor, não me machuque. Está doendo, pare... pare...

Acordei, em pânico, suada, tremendo. Jurava que o Felix estava aqui no quarto, me olhando fixamente. Olhei as horas, eram cinco e meia da manhã, então me levantei, peguei o edredom, abri o armário e entrei nele, trancando a porta e me encolhendo lá dentro. E voltei a adormecer.

O domingo amanheceu um pouco mais quente do que a tarde de sábado, por isso resolvi pintar meus cabelos. Gostei do resultado, mas ainda assim achei melhor prendê-los em um rabo de cavalo e fazer um coque. Desci para o café da manhã, tentando não olhar para ninguém, sempre de cabeça

baixa. O recepcionista da pousada me indicou passeios para conhecer a cidade, e só agradeci. Não vim para Canela a passeio, vim me esconder, então voltei para o quarto e só desci para o almoço, mas antes de voltar para o meu esconderijo, comprei alguns biscoitos e um suco para levar para o quarto. À noite, esperei ficar um pouco mais tarde para descer para o jantar, pois notei que no almoço o restaurante ficava lotado e isso me incomodou.

Cheguei cedo no restaurante para o café da manhã. Era a minha primeira segunda-feira sozinha e o meu segundo dia em Canela. Estava indo tudo bem, fora meus pesadelos que não me deixavam em paz, mas tenho um armário para me esconder deles, por isso só perdi duas horas de sono. Por enquanto estava tudo bem, e podia viver com isso.

E o Felix? O que será que ele estaria fazendo? De uma coisa tinha certeza, ele já havia mandado um exército me procurar, por isso não podia me expor, tinha que continuar nas sombras.

Sentei-me em uma das mesas em frente à TV, queria ficar de olho nos noticiários nacionais. Será que havia uma foto minha nas telas, jornais ou revistas? Felix era bem capaz de fazer isso.

Enquanto tomava café, também olhava o jornal local à procura de um imóvel para alugar, e de alguma vaga de emprego. Não sabia fazer nada, mas para alguma coisa eu devia servir. A lista era longa: garçonete, balconista, ajudante geral. Nem sabia o que era uma ajudante geral, mas acreditava que fosse uma espécie de faz-tudo. Bem, sei lavar pratos e limpar casa, então talvez existisse alguém precisando de uma pessoa para essa ocupação.

Marquei o endereço de uma imobiliária que estava com um anúncio de um apartamento com quarto, sala, banheiro, cozinha mobiliado. Também marquei algumas vagas de empregos de vendedor. Terminei meu café, peguei minha bolsa e segui para a recepção.

— Bom dia! — cumprimentei o recepcionista da pousada. — O senhor sabe como chego a estes endereços? — Mostrei o jornal. Ele me explicou, e não era difícil.

Liguei antes para a imobiliária, e o corretor marcou para me mostrar o apartamento às quatorze horas. Depois resolvi me candidatar para as oitos vagas de emprego. Então iria ao banco, pois precisava abrir uma conta para fazer a transferência do dinheiro. Ao meio-dia perdi completamente o apetite. Não consegui nem fazer as entrevistas para as vagas de emprego que tinha escolhido, fui descartada assim que respondi que não tinha experiência, pois todas exigiam experiência de no mínimo seis meses na função. Comprei um cachorro-quente e um suco, me sentei em um banco e comecei a comer. Era o meu primeiro dia à procura de emprego, então não deveria ficar triste. Tinha que existir algo que eu pudesse fazer, não era possível que tivesse estudado durante tantos anos concluindo o ensino médio para terminar assim.

Pelo menos tinha algum dinheiro para me manter. Eu até levei um susto quando fiz a transferência de uma conta para outra. Era muito dinheiro. Oitocentos e cinquenta e cinco mil reais. Fiquei imaginando outras mulheres que passavam por esta mesma situação, como elas conseguiam viver sem ter a ajuda de alguém? Talvez fosse por isso que muitas delas continuavam sofrendo os abusos dos maridos, se sujeitando a serem humilhadas e espancadas. Porque não era fácil, mesmo com dinheiro para me manter por um bom tempo. O medo de ser pega e voltar para aquela vida era um terror constante.

Eu me levantei e resolvi caminhar um pouco. Não precisei pegar nenhum transporte para ir até

o endereço do apartamento, pelo o que o corretor me explicou, o local onde estava ficava perto, então fui lendo os nomes das ruas e a numeração. Estava em uma praça quando vi um sobrado de dois andares e vi a placa: *Precisa-se de músico*.

O universo estava conspirando ao meu favor. Eu tinha um anjo da guarda maravilhoso.

Entrei no belo casarão e fui direto para a recepção.

— Boa tarde, a vaga de músico já foi preenchida? — perguntei com o meu coração batendo tão forte, que acreditei que a moça sorridente poderia escutá-lo.

— Você está interessada? — Assenti com a cabeça. — Só um minuto, deixe-me ver se a dona Nara pode atendê-la. — Ela entrou em uma das salas. Os minutos que antecederam a sua volta pareceram meses. — Que sorte a sua, ela já estava de saída, mas pode entrar.

Calma, Lhaura, se acalme. Essa é a sua chance, afinal você é boa nisso. Respirei fundo e entrei na sala. A senhora Nara era uma mulher com um sorriso simpático, traços delicados, mas linhas de uma senhora com mais de sessenta anos. Ela apertou a minha mão e me mandou sentar.

— Você tem mais cara de aluna do que de professora. — Ela estudava os meus traços, mas não deixava o sorriso longe dos lábios. — Qual é o seu nome e quantos anos tem?

Lembre-se, o seu nome é Laura Xavier Martinez.

— Laura Xavier e tenho vinte e quatro anos. Posso ser jovem, mas estudei música desde os meus três anos de idade. A minha mãe era pianista.

— Nossa! Então você tem berço? — Ela sorria com os olhos. E sabe aquele tipo de pessoa que você sente vontade de abraçar? Nara era assim. — Então, qual o instrumento que você sabe tocar?

— Todos, mas o que estudei com mais profundidade foi o violoncelo.

— Modesta... — Será que falei demais? Ela se levantou e percebi que tinha metido os pés pelas mãos, deveria ter dito que só tocava violoncelo. — Vamos até uma das salas de música, quero comprovar seu talento.

Inspirei.

Entramos em uma sala com vários instrumentos, todos novinhos.

— Por onde quer que eu comece? — perguntei.

— Por onde quiser. — Ela se sentou em uma cadeira próxima à janela.

Comecei pela flauta, depois violão, violino, piano... Deixei o violoncelo por último.

Sentei e peguei o violoncelo com carinho, respirei fundo, fechei os meus olhos e fui para outra dimensão, onde ninguém podia me tocar ou me machucar. Toquei a música que mais gostava, Chopin, Nocturne op.9 No.2. Os acordes vieram, e eme senti livre, flutuando nas nuvens, e só retornei à realidade quando escutei aplausos eufóricos.

— Menina, onde você estava? — *Em uma prisão, senhora*. — Você tem talento de sobra. Não é para ser professora, é para ser uma estrela nos palcos do mundo. Que desperdício!

— Prefiro ser professora, ensinar é tudo para mim. — Menti, pois precisava ficar longe dos holofotes. — Então, estou contratada?

— Claro que está. Vamos para a minha sala, trouxe seus documentos?

— Estão comigo.

Voltamos para a sua sala, nos sentamos, e ela começou a escrever no computador. Pediu meus documentos e eu os entreguei.

— Está faltando o seu certificado de formação, trouxe ele?

Nada era de graça, sabia que estava fácil demais. A tristeza veio em ondas fortes, e quase desabei em lágrimas. No entanto, respirei e engoli a emoção.

— Meu certificado não está comigo e não tenho como pegá-lo. — Menti, tinha como pegar, mas não podia mostrá-lo. Ele me entregaria e em poucos dias Felix estaria diante de mim.

Ela ficou pensativa. Me avaliando.

— Laura, não contrato músicos sem certificação... — Em um segundo começaria a chorar. — Mas, depois que a vi tocar, seria uma tola se não a contratasse. Portanto, considere-se a nova contratada da escola de música Nara Shunts.

Quase pulei da cadeira aos berros.

— Jura!? Meu Deus, a senhora não sabe o quanto preciso desse emprego.

— Juro, meu anjo. E se puder começar amanhã, eu é que vou te agradecer, pois um dos nossos professores mudou para outra cidade, e já estava ficando louca.

— Posso, é claro que eu posso. Meu Deus, nem acredito.

— Só que a vaga é para aula de piano. Já temos um violoncelista, mas com este talento, vou colocar o seu nome na nossa lista de substituto. — Ela se levantou, eu também. — Amanhã, antes da aula, a Sara vai preencher o restante dos seus dados e acertaremos o seu salário. Não se preocupe, sempre pagamos um pouco mais do que o teto, só não faço isso agora por que preciso ir a uma reunião.

Saímos juntas, mas para lados opostos. Virei à direita, animada para finalmente alcançar o meu destino.

Eu mal podia acreditar, o prédio onde pretendia morar ficava a duas quadras de onde iria trabalhar, eram dez minutos de caminhada. Um senhor mais velho acenou quando viu que me aproximei olhando boquiaberta para o prédio. Não era o que estava esperando, pensei que era um prédio grande, de pelo menos dez andares. Era uma espécie de construção antiga, um prédio de quatro andares, com uma enorme porta de ferro. As caixas de correio ficavam na parte da frente e havia uma espécie de interfone com os números dos apartamentos, que eram dois por andar.

— Boa tarde! — O senhor abriu o portão e esperou que eu entrasse, fechando-o outra vez.

— Meu nome é Alberto, espero que goste do imóvel.

Subimos as escadas, pois não tinha elevador. O apartamento ficava no segundo andar, número duzentos e dois. Entramos e logo que coloquei os pés nele, amei tudo. As paredes eram brancas, com rodapés da cor do piso, que era laminado na cor natural de madeira. Havia uma pequena varanda e andei até ela.

— Nossa! — Eu podia ver toda a rua e aqui nunca me sentiria sozinha. Olhei para todos os lados... Esse seria meu novo lar.

A sala não era tão pequena, tinha espaço até para dançar se eu quisesse. Havia um sofá de três lugares, e ele parecia confortável. Eu me lembrei do meu velho sofá na casa do papai. A casa que nunca mais veria, pois nunca mais poderia voltar para Primavera. Além do sofá, tinha uma mesa com quatro cadeiras, uma smart TV de trinta e duas polegadas e uma estante com alguns objetos decorativos. A cozinha era pequena, mas estava equipada com o necessário: geladeira, fogão, micro-ondas, armários e na área de serviço, uma máquina de lavar.

O quarto era confortável, tinha uma cama, uma cômoda e um enorme guarda-roupa. O melhor era que conseguia entrar confortavelmente dentro dele, havia espaço suficiente para mim. O banheiro foi a maior surpresa de todo imóvel, pois era grande e tinha até uma banheira. Suas paredes eram de azulejos coloridos, o que tornava o cômodo alegre.

— Então, o que achou? A senhora pode pintar as paredes se quiser, e pode trocar os móveis, é só nos avisar que recolhemos estes e os colocamos em um depósito. Agora a senhora vai precisar comprar algumas coisas, como roupa de cama e toalhas. Nos armários há algumas louças e panelas.

— Adorei, quando posso assinar o contrato? Não tenho fiador, mas posso pagar adiantado e deixar uma caução, há algum problema? — Pedi em pensamento que ele dissesse que não.

— Não. Podemos fazer isso agora, pode ser? — Quase pulo no pescoço do senhorzinho e o encho de beijos. Assinei a papelada e logo recebi as chaves.

Enfim, este será o meu novo lar. Só meu. Não haverá ninguém me mandando fazer as coisas, não haverá ninguém exigindo o meu corpo, dosando o meu sono, e eu posso dormir e acordar a hora que eu quiser. Finalmente posso ser eu mesma.

Feliz, segui para a pousada. Não pretendia mais dormir lá, hoje eu iria dormir na minha casa. A adrenalina corria solta pelo meu corpo, estava eufórica. Fechei a conta, peguei a minha mala, entrei em um táxi e fui para o meu novo endereço. O meu presente começava a ganhar cores, só que ainda não sabia quais. Como também não sabia qual seria o meu futuro, no entanto, viveria um dia de cada vez.

Deixei as minhas coisas no apartamento e segui para um supermercado. No caminho observei que tinha tudo o que era necessário próximo de mim. Não precisaria ir muito longe para comprar as coisas que necessitava.

Comida! Não tinha comida. Faria a minha primeira compra, depois de anos de sofrimento. Eu me senti realizada seguindo para o supermercado. Hoje faria meu jantar e amanhã começaria a trabalhar. Só preciso esquecer o Felix...



— Laura, preciso de um outro favor. — Mal coloquei os pés na recepção e a Nara me puxou para a sua sala. Olhei para seu rosto suplicante. O último favor que eu lhe fiz foi terrível. Fui substituir um violoncelista, era o aniversário do dono de um hotel cinco estrelas na cidade de Gramado. Foi traumatizante, o salão estava lotado e as pessoas estavam entusiasmadas. Toquei o tema do lago dos cisnes e logo depois tocaria o "parabéns pra você", só que o aniversariante não foi à própria festa. Foi deprimente ver a cara de decepção dos convidados.

— Não é outra festa? — Ela sorriu, com certeza se lembrando do evento.

— Não. Sabe a apresentação do Conrado? — Conrado era um violoncelista que se destacava em uma orquestra local, e ele se achava. — Ele está doente, precisou até ser internado. Então, a apresentação está marcada para daqui a dois dias e não pode ser adiada. Será que você pode substituí-lo?

— Claro que posso, será um prazer. Mas com uma condição, nada de colocar o meu nome no cartaz, deixe o nome do Conrado, ok?

— Se você prefere assim, que seja feita a sua vontade, mas nem por isso eu a amo menos.

Dois dias depois, em um sábado ensolarado, fiz uma das apresentações mais marcantes e linda, desde que fiz o teste para a admissão da escola de música de Londres. A música era a única coisa que conseguia me tirar da realidade, com ela podia ser o que eu quisesse ser. E no momento do primeiro acorde já me imaginava em outro mundo, um mundo onde o Felix nunca existiu, nem na minha cabeça e nem na minha vida. Ele simplesmente não existia. Eu era livre.

Ensinar era a minha válvula de escape, e quando tinha a oportunidade de me apresentar, era o momento em que me transformava na Lhaura. A verdadeira Lhaura. Naquele momento não precisava me esconder em um armário, não precisava verificar se tinha fechado a porta e as janelas uma dezena de vezes. Não tinha medo de ser tocada, não tinha medo de me relacionar, nem medo dos homens. Só quando estava tocando era que a verdadeira felicidade transcendia o meu ser.

— Laura!

Gelei.

Tinha acabado de me apresentar no teatro, substituindo um violoncelista. Ninguém me conhecia nem sabia quem eu era, por isso, após a apresentação, resolvi ir a um café que ficava no teatro. Sentei-me em um lugar bem reservado e pedi um café cremoso. Não conhecia ninguém, e o pessoal da escola já tinha ido embora.

Olhei para os sapatos do homem que chamou meu nome com tanto entusiasmo na voz. Não reconheci a voz, não era do Felix, mas podia ser de alguém enviado por ele.

— Laura, você é a violoncelista que tocou agora há pouco no teatro?

E agora, o que faço? Minto? Corro?

Tremia, a minha língua estava grossa e pesada.

— Moça, você está bem? — Ele me tocou. A sua mão se fechou no meu braço e eu quase gritei.

— Por, por favor... não me toque. — Queria correr, fugir dali, mas estava presa e minha bunda

parecia colada na cadeira.

— Ei, se acalme. Não quis assustá-la, só quero saber se você é a Laura?

Com muito esforço ergui a cabeça, quase em câmera lenta, e os meus olhos abismados e medrosos se fixaram no rosto de um homem alto, musculoso, de cabelos loiros escuros e olhos azuis. Ele era muito bonito e tinha um sorriso tímido nos lábios.

— Oi, desculpe se a assustei. Eu vim assistir à apresentação para vê-la tocar.

— O senhor deve estar me confundido com alguém. Eu sou apenas uma substituta. — Levantei-me rapidamente, precisava sair dali. — Eu preciso ir, me desculpe.

— Laura, não precisa fugir de mim, não sou nenhum tarado. Espere, por favor.

Ele tocou no meu braço outra vez. Eu o puxei, mas parei onde estava.

— Só queria parabenizá-la, você tocou no meu aniversário e eu fiquei muito impressionado.

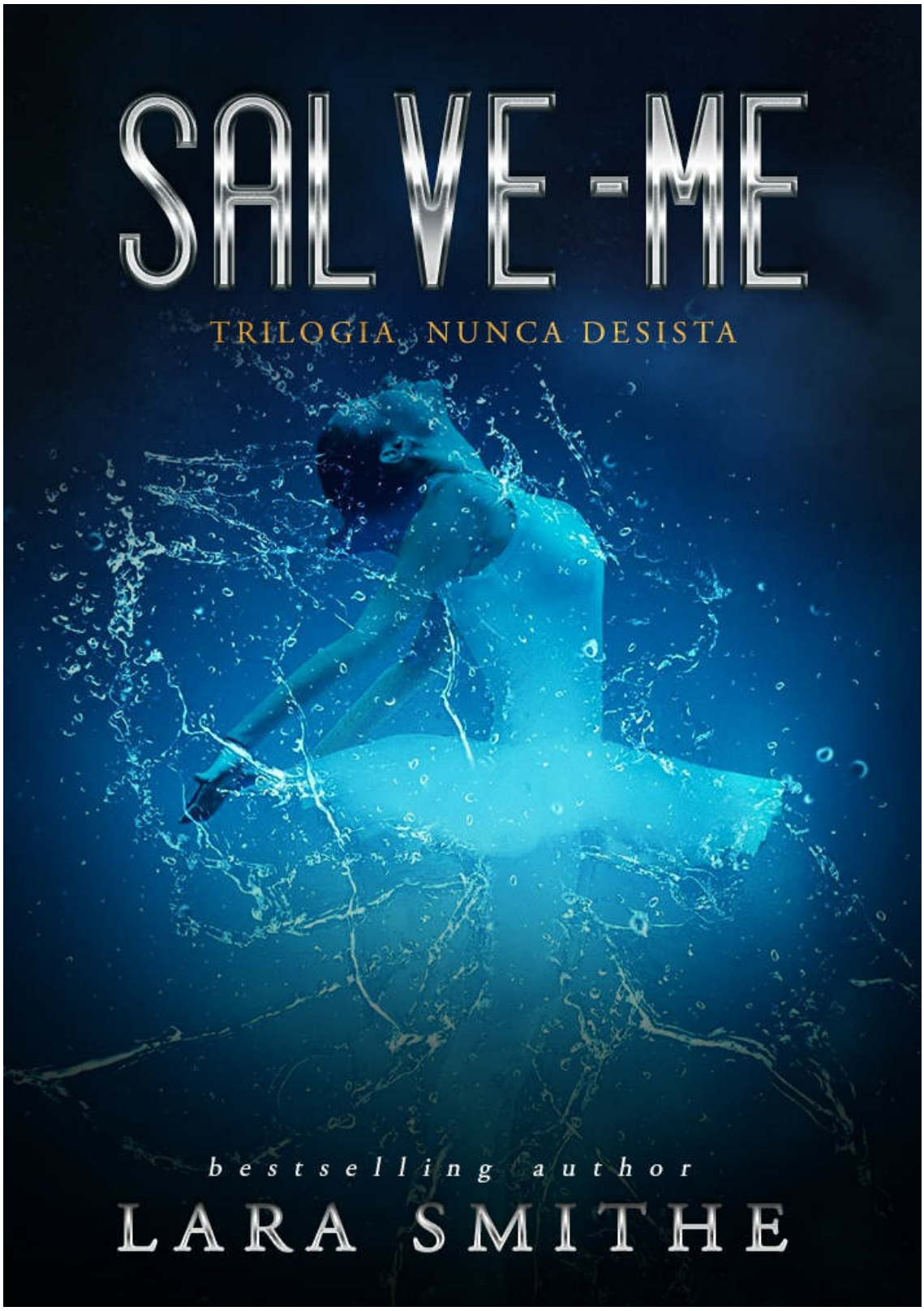
O único aniversário em que toquei foi no do dono do Grand Hotel Saravejo. Finalmente olhei de fato para o seu rosto, quando ele sorrindo, falou:

— Prazer, meu nome é Joshua Saravejo...



Continua...

Siga a leitura no livro 2 SALVE-ME.


SALVE-ME
TRILOGIA NUNCA DESISTA
bestselling author
LARA SMITHE



Sinopse

Joshua amou, amou com toda a força da alma. Foi amor à primeira vista, amor descompassado, amor à flor da pele, amor incompreensível.

Joshua chorou, chorou sua dor, chorou por amor e na penumbra dilacerante de todo seu amor perdido, ele quase morreu de amor e jurou nunca mais amar, ou ser amado.



Prólogo

Sabe aquele ditado: “A vida é curta, viva-a enquanto pode”?

Pois é, a vida não só é curta, como também é cruel. Ela pode até ser mágica, divina e maravilhosa para algumas pessoas. Para mim, ela pode ter sido assim em algum momento, até me dar uma rasteira e puxar meu tapete... Até que, inesperadamente, ela me arrancou o que eu tinha de mais valioso. Sinceramente, eu não estava preparado para viver aquilo.

Vida. Morte. Culpa.

Três palavras que conhecemos, mas nunca estamos verdadeiramente preparados para elas. Principalmente quando a morte vem do nada. Sem aviso. E Deus resolve mostrar o seu verdadeiro poder sobre nós. Ele nos dá, nos presenteia, nos deixa em puro êxtase e em questão de segundos nos permite usar o maldito livre arbítrio, fazendo com que façamos merdas e nos arrastemos para o mais profundo caos.

Não, você nunca estará preparado, porque você sempre acha que isso não acontecerá com você. Você é uma pessoa responsável, boa, e Deus não permitirá que nada de ruim aconteça a você e aos que você ama.

Pobre tolo.

Pessoas morrem, sejam elas boas ou não. Responsáveis ou não. Morrem.

Mas, às vezes, o inevitável pode ser evitado. Basta ler nas entrelinhas, basta escutar a voz da consciência. E eu não a escutei. Talvez Deus tenha tentado me avisar, ou não. Não sei, eu acho que Ele de alguma forma quis me dar uma lição por ter sido tão imprudente. Por um tempo, fiquei zangado com Ele. Mas depois, eu percebi que Ele não tinha responsabilidade nenhuma sobre as minhas ações. Eu, somente eu, fui o culpado.

Eu vivi para conhecer o amor da minha vida e este amor gerou um fruto. E também vivi para matar as duas pessoas que eu mais amava. Deveria ter morrido, deixado de existir. A culpa nem mata, nem liberta, ela só deixa um buraco, um espaço vazio em nossos corações que permanece conosco, sem esperança de cura.

Acho que não quero ser curado.

Eu não mereço. Quero continuar lembrando o que fiz, quero essa dor dentro de mim todos os dias, todas as horas. Só assim terei forças e coragem para seguir vivendo e acordar no dia seguinte. Para continuar... Não sei se algum dia voltarei a ser normal novamente. Talvez eu nem queira — quem sabe? Talvez eu não tenha escolha. Ver minha esposa e filha morrerem sem que eu pudesse fazer nada, e o pior, sabendo que foi minha culpa, não é algo que eu queira esquecer, é algo para ser

lembrado para o resto dessa minha vida maldita.

O que me resta é viver neste breu solitário, sucumbindo às sombras e lutando com os meus fantasmas, até que Deus tenha piedade e resolva pôr um fim ao meu sofrimento.



Dizem que a solidão não era algo bom para uma pessoa no auge de sua juventude, mas esse não era o meu caso. Em meus vinte e nove anos, quase trinta, não me sentia um homem solitário. Eu tinha amigos, embora não os procurasse com frequência. Quando queria companhia, sabia muito bem onde encontrar, sempre havia alguém disposto a sair para tomar um drink, assistir a uma partida de futebol, ou até mesmo ir a uma boate. O meu problema era encontrar tempo, isso sim, pois tempo era algo quase impossível de encontrar. Sempre estava em algum lugar do mundo e mal conseguia lembrar do nome da última garota com quem me deitei, ou até mesmo em quem dei uns amassos em algum canto escuro de uma boate ou de um bar. Sempre estava em um lugar diferente ou correndo atrás do meu irmão inconsequente, arrumando a bagunça que ele fazia. Mas tudo bem, sempre sobrava para o irmão mais velho mesmo. A bem da verdade, nunca pude curtir minha vida, sempre estive à frente dos negócios da família, mesmo antes de o meu pai resolver se meter na política.

Se antes eu já não tinha muito tempo, agora que assumi a administração de todos os hotéis da família, ficou muito mais difícil. Há dois meses estava inspecionando um dos nossos hotéis em São Paulo e hoje estou em Nova Iorque, fiscalizando a reforma do principal hotel que temos nos Estados Unidos. Nossa família é dona de uma rede hoteleira cinco estrelas. Não estava em meus planos vir para cá, mas o que era para ser um simples reparo, se transformou em algo grande e complicado, e tudo indica que nem tão cedo sairei daqui.

Joguei a caneta na mesa de qualquer jeito e me levantei. Algo me chamou atenção; eram vozes alteradas. Abri a porta de minha sala e encarei a minha secretária.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntei, olhando na direção da porta que levava ao grande hall da recepção.

— Não sei, senhor Sarajevo, começou há pouco. — Sarah, minha secretária, me encarou com aqueles olhos cor de âmbar. Às vezes, eles me diziam muito mais do que era necessário, e bem, se eu não fosse o Senhor Certinho — como meu irmão Luke me chamava — eu já a teria convidado para jantar ou algo mais específico.

Resolvi ir ver o que estava acontecendo.

Uma agitação percorria o hall do hotel e eu só escutava a recepcionista se embaralhar com seu sotaque arrastado em uma mistura de francês com inglês. Ela estava trabalhando conosco há pouco mais de três meses, vindo transferida de um de nossos hotéis franceses.

Entendi quando o hóspede a chamou de imbecil, pois ela não entendeu o que ele estava perguntando, então resolvi ir ajudá-la.

— Leticia, pode deixar que eu o atendo. — Ela ficou completamente constrangida, na certa pensava que eu iria demiti-la — Não se preocupe, eu posso fazer isso. Vá ajudar o Albert na recepção dois.

— Senhor Sarajevo, eu posso terminar aqui. É sério, pode deixar. — Ela estava tremendo e eu previ o pior — que iria se enrolar muito mais —, então pisquei um olho e ofereci o meu melhor sorriso.

— Leticia, pode ir, eu sei que você está nervosa e ficar sozinha na recepção principal do hotel

não é nada bom para a primeira vez de um funcionário. Vá tranquila, eu fico aqui até o John voltar.

John era nosso mais antigo recepcionista, funcionário de confiança do papai, e estava conosco desde a inauguração deste hotel.

— O senhor tem certeza?

— Tenho. — Ela se desculpou com o hóspede que nos olhava com impaciência. Ele apenas gesticulou e tamborilou os dedos na superfície de mármore da bancada.

Deixei a linda loira de olhos verdes e de um corpo de deixar qualquer homem babando feito um cão raivoso desaparecer da minha vista. Fitei o homem calvo, de olhos negros, que me encarava com impaciência.

— Seu cartão, por favor. — Ele me entregou. — Desculpe, senhor... — Olhei o nome dele. — Richard Swank. Estamos em reforma e dois funcionários estão de licença. — Ele entortou a boca e respondeu em inglês, dizendo que o atendimento já foi bem melhor.

Não quis jogar lenha na fogueira e apenas sorri levemente, concordando com ele. Confirmei o número do seu quarto e o avisei de que o almoço seria por conta do hotel. Ao escutar isso, ele abriu um riso de orelha a orelha, agradeceu e seguiu para os elevadores.

— Bom dia! — Olhei para a moça de cabelos negros. Quer dizer, não olhei diretamente para o rosto dela, porque mesmo que eu quisesse, não poderia. Ela tinha um par de seios que praticamente foram jogados em cima da bancada. — Algum recado para Latifah, lindinho? — Ela balançava os seios enquanto falava.

Como eu não iria olhar para eles?

Digitei o seu nome no computador, fazendo uma busca.

— Não, senhorita. Até agora, não. — Seus olhos se fixaram nos meus e ela fez um biquinho.

Juro que eu quis rir.

— Que chato, ninguém procurou a Latifah... — Fez outro biquinho e pegou minha gravata, puxando-me para perto. — Onde você estava escondido, lindinho? Estou hospedada há três dias e não o vi por aqui.

Ela estava flertando comigo.

— Estava de folga, senhorita. — Fiz um esforço enorme para não rir. — A senhorita deseja mais alguma coisa?

Ela me olhou daquele jeito, como se dissesse: *você*.

— Se eu pedir, será que você poderia levar meu almoço no quarto? — Bateu os cílios rapidamente. Se fosse o meu irmão Luke, ele certamente já teria dito que sim.

Luke era um mulherengo e não dispensava mulher. Se uma piscasse para ele do jeito que ela piscou para mim, certamente, em questão de minutos, ele já estaria no quarto dela.

Mas eu não era o Luke e não costumava misturar negócios com prazer.

— Sinto muito, senhorita, mas infelizmente essa não é a minha função. No entanto, não se preocupe, tenho certeza de que assim que fizer o seu pedido ele será servido por um dos nossos

funcionários.

— Quando o lindinho estará de folga? — Ela não iria desistir.

— Senhorita, eu sou gay. — Eu queria gargalhar, mas me contive. Agora eu tinha certeza de que ela iria desistir.

— Passivo ou ativo? — Cacete, essa ia me dar trabalho.

Pense, Joshua.

— Passivo, senhorita. — Fingi que estava teclando algo.

— Não tem problema, eu tenho muitos vibradores. — *Ai, merda!* Eu não podia ser mal-educado. — Então, quando é a sua folga?

Agora eu ri. Ela também, e eu desconfiei que ela sabia que eu estava brincando.

— Daqui a três meses... — Fixei meus olhos nos dela. — Mais alguma pergunta, senhorita?

— Adoro homens difíceis, lindinho. Não desistirei de você.

Ela soltou minha gravata, girou nos calcanhares e se foi.

Eu sei que chamo atenção. Todos os homens Sarajevo chamam. Somos altos, musculosos e donos de olhares expressivos. Eu já devia estar acostumado com os olhares furtivos e cantadas desse tipo, mas acho que nunca me acostumaria. Luke adorava isso, mas eu... bem, acho que não gosto de ser caçado, eu gosto de caçar.

Apesar da minha beleza máscula, da qual estou ciente, sou um pouco à moda antiga e gosto de conquistar, de bancar o cavalheiro. E desde que comecei a seguir o papai no mundo dos negócios, percebi que as mulheres, quando se interessavam por um homem, partiam para o ataque, e isso acabava com o meu tesão. No mundo em que eu vivia, tive que aprender rápido a me desviar das armadilhas. Sou um empresário, CEO de uma rede hoteleira cinco estrelas, um homem que desafiava os padrões de julgamento dos quais algumas pessoas são escravas. E não era só a minha beleza e dinheiro que atraía as mulheres, eu sou bastante astuto, e isso era um ímã muito poderoso.

— Com licença...

Uma voz impaciente chamou minha atenção. Estava conversando com um hóspede na outra extremidade da recepção, quando me virei e os meus olhos pairaram na mulher mais linda de todo o universo.

Longos cabelos negros lisos e brilhantes adornavam o seu rosto singelo e angelical. Ela não usava maquiagem. Aliás, ela não usava nada que pudesse cobrir a sua beleza natural, nem um simples anel em suas delicadas mãos.

Ela era toda delicada.

— Rapaz... Ei, rapaz... — Lá estava eu, todo abobado, ridiculamente parado com as mãos ao longo do corpo, olhando fixamente para a mulher que conseguiu parar meu coração e mesmo assim me manter vivo. — Ei, você é surdo?

— Papai, olha como fala! — Ela me defendeu. Por Deus, eu estou apaixonado.

— Ei, por favor, você está com algum problema? — Ela tinha uma voz macia e sedutora. Eu

dormiria escutando a sua voz, dormiria o sono dos justos. — Papai, será epilepsia? Lembra daquela minha amiga? Ela fica assim mesmo, catatônica. Ei...

Nem percebi que ela havia se aproximado, e por cima da bancada, seus dedos quentinhos tocaram o meu braço. Eu escutava tudo, via todos os movimentos ao meu redor, só não conseguia me mexer.

Joshua, reaja! Quer mesmo que ela pense que você é epilético?

Sacudi a cabeça levemente, espantando meus pensamentos, e me virei para ela.

Por Deus, ela tinha olhos da cor de mel, tão claros que eu podia me ver através deles.

— Sim... — Sorri feito um retardado. — Em que posso ajudá-la, senhorita? — Ela sorriu de volta e continuei com os lábios esticados. Estava difícil não bancar o idiota.

— Onde está o John?

— Ele precisou ir ao médico — respondi sem desviar meus olhos dos dela e ainda sorrindo.

— Está explicada a falta de organização e a zona que está isso aqui. Mas não se preocupe, escreverei um e-mail para o senhor Saravejo, ele precisa saber o que andam fazendo com o hotel dele.

— O senhor pode falar comigo... — Só então minha ficha caiu e compreendi que estava fazendo tudo errado. — Senhor, desculpe-me. — Desviei os olhos do rosto da linda moça e encarei um senhor alto, de cabelos grisalhos, olhos acinzentados e expressão hostil. — Estamos em reforma, por isso as coisas estão muito atrapalhadas. — Limpei a garganta e tentei me concentrar no trabalho. — O senhor fez reserva?

— A pergunta do dia. Aleluia! — ironizou.

— Papai, olhe os modos, não seja arrogante. — Aqueles olhos lindos olharam para mim, e eu quase pulei a bancada e me ajoelhei aos seus pés. Estava sendo ridículo. — Desculpe o meu pai, ele odeia viajar e estamos exaustos.

Ela sorria enquanto falava, e eu só conseguia admirar os seus lábios. Queria tanto beijá-los, mordê-los... Deus! Estava ficando excitado.

— Não... não... — Limpei a garganta outra vez, essa moça me tirava o controle. — Não se preocupe, senhorita, a reserva está no nome de quem?

— Arthur Carter — ele respondeu rapidamente, então voltei os olhos para o monitor e digitei o nome do meu futuro sogro.

E lá estava eu, divagando...

— Ok, senhor Carter. Dois quartos, está correto? — Olhei para ele com um leve sorriso nos lábios. Eu queria agradá-lo, afinal ele era o pai da minha futura esposa.

Eu novamente sonhando acordado.

Estou sendo muito ridículo.

Olhei para ela, e para minha surpresa, ela estava me olhando com o mesmo olhar.

Abobalhado.

Somos almas gêmeas.

— Está correto, rapaz... — Pronto, lá vinha bronca. — Qual é o seu nome, mesmo? Onde está o seu uniforme, ou a sua placa de identificação?

Não estava dando uma dentro hoje. Eu poderia ter dito:

Senhor Carter, eu sou o dono desta porra e de todos os outros hotéis Sarajevo espalhados mundo afora.

Mas não quis parecer pretencioso na frente da minha futura esposa.

Acorda, Joshua, e pare de sonhar feito um adolescente idiota.

— Desculpe mais uma vez, senhor Carter. Eu sou um funcionário novo, comecei hoje, por isso nem meu uniforme nem minha identificação estão prontas. — Nunca menti tanto em tão pouco tempo. — Chamo-me Joshua e os quartos já estão prontos. Trezentos e oito e nove. Mandarei suas bagagens agora mesmo...

— Não, senhor... — Fui interrompido bruscamente. — Sempre ficamos no segundo andar, nos dois últimos quartos. O John sabia disso, nos hospedamos aqui há cinco anos e sempre ficamos no mesmo quarto. Eu quero falar com o administrador, chame-o agora.

O senhor está falando com ele.

Ô vontade de dizer isso. Mas me calei, ela estava me olhando e eu não queria que o seu olhar mudasse quando soubesse quem eu era de verdade.

— Papai, se acalme. O senhor não ouviu o Joshua? — Ela falou o meu nome, e ele era lindo saindo de seus lábios. *Você será a minha princesa*. Ela me encarou com aquele olhar brilhando, e eu quis muito chamá-la para sair. — O hotel está em reforma, papai, não seja tão severo.

— Explique isso para a sua mãe... — Ele se voltou para o hall do hotel. Acho que estava procurando a senhora Carter, e eu fiz o mesmo. Onde estaria minha futura sogra? — Onde está sua mãe, Victoria?

Victoria... o nome mais lindo do mundo. Combinava imensamente com ela.

Victoria, minha Victoria...

Já estou ficando repetitivo. *Acorda, Joshua*.

— Ela foi à lojinha do hotel. O senhor conhece a mamãe, ela foi comprar meias. Ela sempre faz isso, diz que dá sorte.

— Já chamou o gerente? — Ele olhou para mim desafiadoramente. Pensei que havia desistido. — Ande, rapaz. Chame o gerente, não ficarei no terceiro andar. — Ele estava irredutível. Então, só me restava uma saída, eu precisava agradar os meus futuros sogros.

— Senhor Carter, não precisamos incomodar o administrador, eu posso resolver isso em dois cliques. — Olhei para o rostinho lindo que me encarava com entusiasmo. — A suíte presidencial. Lá tem dois quartos e a família não precisará se separar. Pronto...

— Eu não irei pagar por isso! — Acho que se ele estivesse armado teria me dado um tiro.

— Papai! — Ela ralhou com o velho ranzinza. — Desculpe o meu pai. Eu não sei o que está acontecendo com ele, geralmente ele é um amor de pessoa.

— Está tudo bem, senhorita Victoria. — Meu Deus! Eu só faltava babar. Ela devia estar se divertindo muito vendo a minha cara de idiota. — É tudo por conta do hotel, o senhor não precisa se preocupar. Não queremos um hóspede insatisfeito, inclusive o jantar de hoje será por nossa conta.

— Não! — Ela tocou em minha mão, e eu juro que senti um rastro de eletricidade correr por minhas veias. E pelo susto que ela sofreu, pois retirou a mão imediatamente, também sentiu o mesmo. — Eu... eu não quero que se prejudique por nossa causa. Uma suíte presidencial é muito cara, então nos contentamos com outro quarto em outro andar, desde que não sejam número pares, mamãe é supersticiosa.

E você é perfeita.

Idiota, você é um idiota, Joshua.

— Não se preocupe, não me prejudicará. — Chamei dois funcionários. — Leve as malas do senhor Carter para a suíte presidencial dois.

— Tem certeza? — ela estava preocupada comigo. Era mesmo linda demais.

— Tenho. — Não conseguia desviar os olhos, nem ela deixava de encarar os meus. Éramos como ímãs, eu podia sentir a energia girando em torno de nós. Com muito esforço, parei de olhá-la.

— Você viu que ficaremos dois meses hospedados?

Dois meses? Quer dizer que terei dois meses para conquistar você?

— Sim — menti, mas isso não era problema. Eu sou o dono, posso fazer o que quiser. — Sejam bem-vindos ao Grand Hotel Sarajevo.

Eu sei que estava nervoso, e o engraçado era que nunca ficava nervoso.

— Vamos, Victoria, sua mãe já está vindo. — Olhei na mesma direção que o senhor Carter olhava e pude ver a bela senhora de cabelos escuros e olhos castanhos claros. Era elegante, de passos leves. Na verdade, ela não andava, flutuava. Parou para conversar com uma das recepcionistas.

— Joshua — Victoria me chamou e eu a encarei rapidamente. — Você gosta de *ballet*?

Se não gostava, passei a gostar.

— Gosto, por quê? — Ela vai me convidar para sair? Será? Ela abriu a bolsa e retirou dois envelopes de dentro dela.

— Aqui estão dois convites para a apresentação da peça O Lago dos Cisnes. A estreia será amanhã, às vinte horas. Gostaria muito que fosse...

— Você está me convidando para acompanhá-la?

— Não. — Ela me deu um tiro no coração. — Estou o convidando para ir me ver dançar. Serei a Odette[2].

Ela sorriu e se foi.



2

Fiquei boquiaberto. Não entendia de *ballet*, tampouco sabia quem era Odette. Sabia o nome da peça porque era muito conhecida, mas não fazia ideia por onde a bendita começava ou terminava. Então, abri um dos envelopes e lá estava o nome dela. Primeira-bailarina do corpo de baile de um dos mais importantes grupos de *ballet*, o *New York City Ballet*. A minha futura esposa era uma bailarina.

Precisava rapidamente aprender tudo sobre O Lago dos Cisnes.

Balancei a cabeça, espantando meus pensamentos, e virei o rosto à procura da Leticia. Ela estava na segunda recepção. Acenei com a mão até ela perceber e a chamei. Sorridente, ela ajeitou o uniforme, os cabelos, e apressou os passos em minha direção.

— Sim? — Ajeitou a gola do blazer e olhou para o meu rosto, batendo os cílios carregados de rímel.

— O John já está vindo. Acha que pode dar conta de tudo ou quer que eu peça para alguém vir ajudá-la?

— Não, senhor Sarajevo, eu posso perfeitamente assumir sem ajuda. Pode confiar.

Eu não sabia disso. Ela parecia muito nervosa, e não sei se era a minha presença, ou se não estava se adaptando ao jeito apressado do povo novaiorquino.

Deixei a recepção e voltei para a minha sala. Já estava me sentando na cadeira, quando meu celular vibrou sobre a mesa de vidro.

— Oi, papai. — O velho Saravejo não era de me ligar, a não ser que o assunto fosse muito sério. — O que foi que o Luke aprontou desta vez? — E um desses assuntos era o inconsequente do meu irmão caçula.

— O que acha? Às vezes, acho que deveria ter sido mais severo com ele... Por Deus, já não sei o que fazer, Joshua. Onde foi que eu errei com ele?

Eu poderia responder essa pergunta com apenas duas palavras: *em tudo*, mas eu também tinha a minha parcela de culpa pelo comportamento irresponsável dele. Todos mimamos Luke demais. Desde que nossa mãe faleceu, resolvemos passar a mão na cabeça dele. Talvez fosse uma maneira de compensá-lo ou de fazer com que não se sentisse culpado pela morte dela, mas afinal, ele não era culpado. Ele não tinha como ter impedido que a lancha batesse nos corais, Luke era apenas uma criança na época. No entanto, ele sentia-se culpado, carregava essa culpa e, para se punir, andava por caminhos errados. Sua infância e adolescência foram terríveis, ele sempre procurava brigas com garotos até mais velhos do que ele, e agora que ficou maior de idade, tudo piorou. Além das brigas,

ele andava se metendo com mulheres, bebidas e Deus sabe lá o que mais. A coisa ficou tão feia que papai precisou tirá-lo do Brasil. Agora ele está estudando em Portugal.

— Pai, vai sobrar para mim? Porque se for, já vou adiantar que não tem como. Não posso largar tudo aqui e ir para Coimbra. O senhor precisa se decidir, ou eu cuido dos negócios da família ou banco a babá do Luke. Fazer as duas coisas, ao mesmo tempo, é humanamente impossível.

— Eu sei, filho, mas não sei mais o que fazer. O Luke está ficando cada dia mais inconsequente, e eu não sei até quando o nosso nome poderá ajudá-lo...

— O que ele fez agora, pai? — Precisei interromper, senão ele acabaria chorando. Luke era a grande preocupação do papai e a minha também.

— Ele sumiu, acredita nisso? Faz quinze dias que o Luke sumiu. — Escutei sua respiração sendo puxada fortemente. Meu irmão ainda iria provocar um AVC no papai. — Liguei para ele, mas ele desligou na minha cara... Cortei a mesada dele. Foi o único jeito que encontrei para fazê-lo me procurar.

— E o que ele disse? Pelo menos se explicou ou disse onde estava? — Não aguentava ouvir meu pai assim, e o pior era que eu não podia mesmo largar tudo em Nova Iorque para ir atrás do meu irmão.

— Disse que estava na Itália com uns amigos, e o filho da mãe ainda teve a coragem de mentir, dizendo que as aulas foram suspensas porque o prédio do curso estava em reforma. Eu perdi a cabeça e disse um monte de merda, então ele desligou na minha cara e agora não quer me atender mais... — Ele respirou fundo. — Filho, ligue para ele, você é o único que ele ainda escuta. Eu não quero perder um filho. Já perdi a mãe de vocês e não suportaria perder seu irmão...

Ele começou a chorar. Nesse momento, eu quis estar em frente ao Luke para que meu punho acertasse bem o meio da cara dele. Deixar o pai zangado, fulo da vida, eu ainda aceitava, mas fazê-lo chorar era como enfiar uma faca em meu coração.

— Pai, pai... pare, meu velho. Não se preocupe, assim que voltar para o quarto eu ligo para ele e tentarei pôr um pouco de juízo naquela cabeça dura. Se acalme, se for preciso, no final de semana irei até Coimbra e darei uma enquadrada naquele moleque do caralho.

— Obrigado, filho. Luke bem que podia ser um pouquinho parecido com você... Como pude colocar duas pessoas tão diferentes no mundo?

— Pai, o Luke é um bom garoto, ele só precisa encontrar o caminho certo. Talvez leve algum tempo, mas eu sei que ele encontrará o rumo dele, afinal ele é um Sarajevo, e nós somos vencedores.

— Quero muito acreditar nisso, filho. Se eu falhar com o Luke, sua mãe nunca me perdoará. — Respirou profundamente. — Vou deixá-lo trabalhar. Um beijo, filho.

— Outro, pai. — Ele desligou.

Fiquei por algum tempo com o celular na mão, olhando para o aparelho. Torcia muito para o papai encontrar um novo amor. Mamãe morreu há tanto tempo, e ele continuava agindo como se ela fosse entrar pela porta a qualquer momento com aquele sorriso capaz de iluminar qualquer escuridão. Ele nunca se recuperou, e acho que nunca se recuperará.

É, o amor é um mistério, ele nos deixa bobos e loucos ao mesmo tempo.

— Senhor Sarajevo!

Sarah me assustou. Estava tão absorto em meus pensamentos que nem a vi entrar.

— Desculpe-me. — Olhei para ela, sorrindo. — Onde é o incêndio?

— O engenheiro que falar com o senhor. Pediu para encontrá-lo no segundo andar.

— O que será que foi agora? De cinco em cinco minutos esse homem me chama. Ou ele está a fim de mim ou não tem competência. Mas que merda!



3

O lobby do hotel estava quase uma loucura, com hóspedes para todos os lados. Desde que cheguei a Nova Iorque, é a primeira vez que via tantos hóspedes se engalfinhando no mesmo espaço. Os recepcionistas estavam a ponto de enlouquecerem, os carrinhos de bagagens estavam lotados, e alguns hóspedes esperavam em uma pequena fila para serem atendidos. Deixei o lobby e segui para o restaurante principal. Tínhamos dois restaurantes e um bar com música ao vivo.

Mas o que estava acontecendo nesta cidade hoje?

O restaurante estava lotado. Bem, isso era bom, mas era estranho para uma quinta-feira.

Resolvi ir ao segundo andar. Eu precisava muito que a reforma desse andar acabasse para que pudéssemos passar para o andar seguinte. Segundo o engenheiro, para não precisarmos fechar o hotel, precisaríamos fazer a reforma andar por andar.

Quarenta minutos depois, eu desci e o lobby estava mais calmo.

— O que está acontecendo em Nova Iorque, John? Há algum evento nas proximidades que eu desconheço?

John parou o que estava fazendo e prestou atenção em mim. Com aquele olhar astuto que tinha, ele me encarou. Seu sorriso era reconfortante, aqueceu meu coração. Foi como olhar para meu pai.

— Todos os anos, senhor Saravejo, o principal grupo de *ballet* da cidade faz uma grande temporada no teatro que fica próximo ao nosso hotel. Então, durante os próximos dois meses, se prepare para ficar muito estressado nos finais de semana.

Foi aí que lembrei.

Eles vieram vê-la, a minha bailarina...

— Victória, eles vieram vê-la — pensei em voz alta.

— O senhor a conheceu? — John virou o rosto, e aqueles olhos astutos estudaram a minha expressão abobalhada.

— Sim, eu a conheci. Ganhei até duas entradas para assistir ao O Lago dos Cisnes. — Acho que estava babando, e se não estava, logo, logo a baba escorreria.

— A menina Victória é um doce de pessoa, eu a conheço desde que passou a ser a principal bailarina do corpo de *ballet*. Os pais dela sempre se hospedam aqui, nos mesmos quartos, mas eu vi que este ano eles se hospedaram na suíte presidencial... Como isso aconteceu, senhor Saravejo? Também vi que não foi cobrado nada.

Ele sabia que fui eu o responsável, meu nome estava lá.

— Não queria que o meu futuro... — limpei a garganta. — Não queria que o senhor Carter ficasse descontente com o nosso atendimento, já que o andar que ele costumava ficar estava indisponível.

— Sei... — John sorriu discretamente. — A propósito, a senhorita Carter perguntou pelo simpático recepcionista que a atendeu. — Ele baixou a cabeça, mas percebi um riso irônico esticado em seus lábios. — Ela até lembrou com detalhes do "rapaz muito simpático, com olhos brilhantes e sorriso espontâneo, de nome Joshua".

Ela prestou mesmo atenção em mim. A minha doce Odette estava pensando em seu príncipe, Siegfried.

Sim, agora eu sabia tudo sobre O Lago dos Cisnes.

E lá estava eu com cara de bobo, pensando na linda Victoria. Balancei a cabeça e encarei o John, que só faltava gargalhar em minha cara.

— E o que você disse? — Só esperava que ele não tivesse acabado com o meu disfarce.

— Não se preocupe, senhor Saravejo, não estraguei o seu disfarce, mas ela irá descobrir cedo ou tarde, não acha?

— Eu sei disso, mas quero eu mesmo contar. — Queria muito fazer uma pergunta, só não sabia se devia, mas não era nada de mais. — John...

— Sim? — Acho que ele já sabia o que eu ia perguntar.

— Você sabe dizer se ela tem namorado?

Ele sorriu disfarçadamente.

— Bem, durante todo esse tempo que eles se hospedaram aqui, eu nunca vi ninguém além dos pais e ela, e nunca notei nenhum anel de compromisso em nenhum dos dedos da senhorita Carter.

— Isso quer dizer que o caminho... — Lá estava eu pensando alto novamente.

— Sim, eu acho que o caminho está livre. Então, já que o senhor foi convidado para ir vê-la na abertura da temporada, por que não lhe manda flores? As mulheres adoram flores.

— Magnífica ideia... — Eu e meu entusiasmo. John me encarava com um riso de orelha a orelha. — Quer dizer, o hotel enviará as flores. Providencie isso.

— Senhor, não foi o hotel que foi convidado, foi o senhor.

Ele estava adorando aquilo.

Bem, ele tinha razão. E no mais, ela não precisava saber quem eu era. Por enquanto.

— Você tem razão, mas mande em nome do senhor Saravejo. E que sejam as mais lindas rosas que ela verá na vida.

— Fique tranquilo, a senhorita Carter ficará muito impressionada.



O *Majestic Theatre* estava lotado.

É, a minha Odette era uma celebridade.

Eu sabia que deveria ficar na primeira fileira, pois era o lugar dos convidados do grupo, e inclusive tinha o direito de ir parabenizá-la no camarim após o espetáculo. Mas achei melhor ficar distante, queria poder vê-la de um outro ângulo. De onde estava, podia deslumbrar toda a sua beleza e graciosidade. Podia literalmente babar sem ser notado.

De repente, o teatro ficou em silêncio e a orquestra começou a tocar os primeiros acordes. A grande cortina carmim se abriu e meu coração disparou. Era o primeiro ato e ia demorar um pouco para a minha Odette surgir no palco.

Eu li muito sobre a peça O Lago dos Cisnes. Era uma apresentação dramática, um espetáculo com quatro atos. O primeiro ato era basicamente com o príncipe Siegfried. Pelo que entendi, era o aniversário de vinte e um anos dele, e como presente de sua mãe, ele ganhou um arco e flecha. Ela o avisou que haveria um baile no dia seguinte, onde ele deveria escolher entre as princesas que lá estariam a que seria sua futura esposa. O príncipe não gostou muito da ideia e resolveu ir se divertir. No caminho, ele encontrou alguns cisnes e resolveu caçá-los.

Começaram os aplausos.

Os bailarinos entraram no palco e começou o show. Não via a hora de vê-la, queria mergulhar naquela trágica história de amor vendo-a representá-la.

Extasiado com a beleza que via diante dos meus olhos, quase perdi o ar quando, no finalzinho do primeiro ato, surgiram os cisnes brancos.

Eu mal conseguia respirar, precisei puxar o fôlego quando logo em seguida começou o segundo ato.

O príncipe, seduzido pelas aves brancas, resolve segui-las, e no seu entusiasmo — ele deveria estar igual a mim — nem percebeu o cair da noite. De repente, ele se surpreendeu ao ver a mais bela das aves que admirava se transformar numa linda mulher: Odette.

Caralho! Estou igualzinho ao príncipe... completamente encantado.

E lá estava ela... Acho que meus olhos se transformaram em duas lanternas de tão brilhantes que ficaram. Ela parecia uma pluma branca se movendo no imenso palco. Meu coração batia acelerado, minha respiração vinha em rajadas curtas, e os meus olhos lacrimejaram. O cisne branco diante dos meus olhos era a minha linda Victoria.

A jovem se assustou com a presença do rapaz, mas ele a convenceu de que não lhe faria mal, então ela lhe contou a sua história. Revelou que o mago Rothbart a transformou e as suas companheiras em cisnes, e só à noite lhes permitia recuperar a aparência humana. Ela só poderia ser liberta por um homem que a amasse e lhe jurasse fidelidade, mas caso ele a traísse, ela ficaria presa no feitiço para sempre. Siegfried, louco de paixão — assim como eu — pela princesa dos cisnes, jurou que seria ele a quebrar o feitiço do mago. E, como por encanto, o mago apareceu. Siegfried disparou uma flecha em direção ao feiticeiro, mas Odette se colocou na frente, pois a morte do mago sem a eliminação do feitiço a aprisionaria para sempre. O príncipe voltou para o castelo, mas seu coração ficou com a Odette.

Vendo a história ser contada através da dança, eu me via no papel do príncipe. E quando vi o

bailarino dançando com a minha Victoria, tive vontade de ir até lá e tomá-la em meus braços, ajoelhar-me diante dela e lhe jurar amor eterno.

Estava sendo fantasioso, eu sei que estava, mas talvez as pessoas apaixonadas ficassem assim como eu, sem nenhuma noção.

A emoção me tomou, pois como li sobre a peça, eu sabia que o terceiro ato seria o início do martírio do coitado do príncipe.

Durante a festa, Siegfried recusou todas as pretendentes que apareceram, apesar da pressão da rainha, sua mãe. No entanto, em determinado momento, apareceu um nobre cavalheiro e sua filha. O príncipe julgou reconhecer a filha do cavalheiro como Odette, mas, na realidade, os dois eram o mago Rothbart e a sua filha, Odile. A dança com o cisne negro decidiu a sorte do príncipe e da sua amada Odette: enfeitiçado por Odile, Siegfried proclamou que escolheu Odile como sua futura esposa, jurando-lhe amor e fidelidade, quebrando assim o juramento feito a Odette. Ao se dar conta do que acontecera e vendo a merda que fez, Siegfried fugiu.

Eu já começava a odiar o tal mago e a espevitada da Odile, a megera merecia virar uma sapa, e o trevoso do pai dela uma fumacinha inofensiva.

Concentrei-me, pois aquele seria o ato final e o mais emocionante. Eu pude assistir a algumas representações na internet e sei que havia várias versões do espetáculo, mas esta que a Victoria estava encenando era a original e a mais dramática.

E a minha Victoria estava maravilhosamente perfeita.

No quarto ato, os cisnes brancos tentaram em vão consolar a sua princesa, que estava destroçada pela decisão do príncipe, aceitando a sua má sorte. Nesse momento o príncipe Siegfried apareceu e explicava a Odette como o mago Rothbart e a feiticeira Odile o enganaram. Ela o perdoou e os dois renovaram os votos de amor um pelo outro, mas era tarde demais, então Odette resolveu acabar com a própria vida, pois não iria conseguir viver sem o seu príncipe. Siegfried, desesperado, pois também não poderia viver sem a sua amada, decidiu se unir a ela e os dois se jogaram no lago com a esperança de viverem juntos na vida após a morte. Com a escolha do casal, o maléfico mago teve o seu castigo e morreu com um choque mortal.

Eu sei, era um final triste, mas eu achava romântico.

Estava me perguntando quando eu cheguei ao ponto de ser romântico, porque nunca pensei que poderia ser algo assim. Já tive algumas namoradas e posso até dizer que cheguei a gostar bastante de algumas, mas dizer que era amor, não. Com certeza, nem havia chegado perto disso.

Mas ao ver a Victoria pela primeira vez, pude sentir meu coração bater forte. Era uma emoção nova, gostosa. Juro que eu quis pular a bancada da recepção, puxá-la para o meu corpo e beijá-la como nunca beijei outra mulher.

Victoria era a mulher da minha vida, eu sentia isso, e sei que ela também sentiu algo por mim. Vi no seu olhar, no seu sorriso. E só tinha dois meses para conquistá-la, portanto, não perderia um segundo sequer para que isso acontecesse.

Posso garantir que o nosso amor não terá o mesmo fim do amor do príncipe Siegfried e de Odette. Vou preferir as outras versões de O Lago dos Cisnes, onde o casal se casa e vive feliz para

sempre.

Os aplausos ecoaram por todo o teatro. O grupo de *ballet* foi até a frente do palco em agradecimento, e depois o casal de primeiros bailarinos fez o mesmo. Ela estava brilhando como uma estrela, e eu estava orgulhoso da minha linda bailarina. Naquele momento, jurei que ela seria minha.

Não quis ir ao camarim, já havia enviado rosas para ela. Acho que a Victoria se surpreendeu com a quantidade de rosas que recebeu na suíte e agora se surpreenderia outra vez com a outra quantidade que haveria em seu camarim. Quando voltar para o hotel, ela terá um jantar especial junto com todo o corpo de *ballet*. Bem, ela pensaria que quem proporcionou tudo isso foi o dono da rede de hotéis Sarajevo.

O que não deixava de ser verdade.

Voltei para o hotel e fui direto para meu quarto.



4

Estava sentado em minha elegante cadeira de presidente, escutando um dos nossos colaboradores brasileiros. Enquanto ouvia suas explicações, apreciava a linda vista do Central Park. Distraído, nem notei que havia alguém atrás de mim. Só percebi quando escutei a doce voz da interlocutora.

— Senhor Saravejo, desculpe-me, a porta estava aberta... Não encontrei sua secretária. — Perdi a voz, fiquei completamente estagnado. Eu mal podia respirar. — Bem, eu vim agradecer as flores e o jantar. — Não esperava por isso, não me preparei para isso. — Ok, o senhor está ocupado, posso voltar outra hora. Desculpe-me mais uma vez.

Joshua, faça alguma coisa! É a sua oportunidade, reaja!

— Guimarães, depois eu retorno a ligação, surgiu uma emergência. — Em português, despachei o homem rapidamente. — Não, espere... — Virei a cadeira e ficamos nos encarando. Ela estava boquiaberta com a surpresa de descobrir quem era o senhor Saravejo.

Seus olhos se dirigiram para a placa de bronze onde estava escrito o meu nome.

Joshua Saravejo

President.

— Você! — Ela apontou para mim e seus cílios bateram algumas vezes. Vi quando ela engoliu o bolo da garganta. — Por, por que mentiu? Oh, meu Deus, o papai o tratou tão mal... — Ela sentou-se, parecia envergonhada.

— Calma, Victoria, está tudo bem. Às vezes... quer dizer, na grande maioria das vezes, eu sou um idiota. Eu que peço desculpas, não fique envergonhada.

Meu Deus! Ela estava tão linda. Vestia um vestido azul e um casaquinho preto com algumas flores bordadas na gola, o que lhe dava um ar juvenil e adorável. Mesmo assim ainda a via como a linda cisne branca brilhante. Acho que aquela imagem nunca sairia da minha mente, tampouco a música de fundo.

— Você não foi um idiota, meu pai que foi... Jesus! Que vergonha. — Seus lindos olhos me encaravam e os seus lábios me ofereciam um sorriso amoroso.

Como eu queria tocá-la, abraçá-la, beijá-la.

— Podemos recomeçar? — Levantei-me e dei a volta na mesa. Aproximando-me, fiquei de pé diante da minha futura esposa e estendi a mão. — Joshua Saravejo, prazer em conhecê-la. — Ela sorriu abertamente e eu quase me ajoelhei e a pedi em casamento ali mesmo.

— Muito prazer, Joshua, sou a Victoria. — Sorriu, encabulada, e aceitou minha mão estendida. Nossas mãos se tocaram e algo mágico aconteceu.

O calor dos nossos corpos estava em nossas mãos, pele com pele, e eu pude sentir a eletricidade correndo em minhas células. Pude jurar que ela sentia o mesmo, pois ela fechou os olhos por alguns segundos.

— Como foi o jantar? Espero que tenha gostado. — Continuávamos de mãos dadas e em nenhum momento desviamos os nossos olhares.

Ela respirou fundo, e eu percebi quando a ponta de sua língua escorregou entre seus lábios adoráveis, rosados, brilhantes, carnudos, gostosos e quentes... Deus! Começava a ficar excitado, e isso não era bom, estava parecendo um adolescente tarado. Limpei a garganta, mas continuei segurando sua mão e só a soltaria quando ela quisesse.

— Foi tudo lindo, o jantar, as rosas... Só senti a sua falta, não o vi no teatro... — Comecei a acariciar sua pele com o polegar. Foi um gesto inconsciente, mas incontrolável. Ela percebeu e puxou a mão, quebrando a nossa conexão. — Não precisa se explicar. Agora que eu sei quem é, devia ter mais o que fazer.

— E quem disse que não estava lá? — interrompi, pois não queria que ela pensasse que não me importava. — Claro que eu fui. Assisti do início ao fim e você estava linda como Odette. Juro que quis matar a Odile.

Ela sorriu lindamente, e eu vi o brilho maravilhoso dos seus olhos.

Oh, Victoria, como eu queria beijá-la.

— Então você conhece a história de Odette e Siegfried? — Ela mordeu bem de leve o lábio inferior e piscou os cílios rapidamente. Aquilo me deixou louco.

— Sim, fiz o curso rápido sobre O Lago dos Cisnes na internet, mas confesso que ver o espetáculo ao vivo foi bem mais emocionante.

Parecíamos dois bobos.

Eu queria mesmo era jogá-la no grande estofado que havia atrás dela e fazê-la minha, assim ela não teria como fugir, estaria presa em meu destino para sempre.

O homem das cavernas, rude e animalesco, encarnou.

Jura, Joshua, que você pensou isso mesmo?

Pensei.

Meu celular tocou.

— Só um instante. — Olhei rapidamente para a tela e percebi que era do Brasil. Minha vontade era de rejeitar a ligação, mas não podia fazer isso, então atendi. — Alô? Oi, posso ligar depois? — A porra da outra pessoa na linha não parava de falar. — Alô...

— Joshua, eu volto... — Ela se levantou. Uma porra que eu a deixaria ir embora. Segurei seu braço e fiz um sinal de silêncio com o dedo.

— Senhor Luiz, eu ligo depois, agora estou ocupado. — Desliguei, nem esperei a resposta. Ela

me olhava espantada e eu sorri para ela, como se meu sorriso dissesse:

você é mais importante do que qualquer coisa neste mundo.

— Você fala português? — ela fez a pergunta em um português claro e perfeito. Agora fui eu que fiquei espantado.

— Sim, eu sou brasileiro, e você? — A minha futura esposa estava me surpreendendo.

— Não, sou americana, mas minha avó materna era brasileira. Mamãe viveu no Brasil dos quatorze até os dezoito anos, por isso falo fluentemente o português. Eu costumava passar minhas férias do colégio no Rio de Janeiro, em Ipanema, tenho tios que moram lá.

Éramos perfeitos. Agora eu tinha certeza de que ela nasceu para ser minha.

— Quer almoçar comigo? — Não perdi tempo. Eu a queria, e pelo seu olhar, ela também me queria. Então, por que complicar as coisas?

— Como? — Acho que fui rápido demais.

— Eu perguntei se quer almoçar e jantar comigo? — Já tinha feito merda, então terminaria de me sujar todo.

— Nossa! — Ela ficou sem jeito e ficou linda, ruborizada. Acho que a minha futura esposa não tinha o costume de sair com muitos homens.

O macho alfa gritou dentro de mim.

— Fui com muita sede ao pote? Desculpe-me, é que você me faz dizer coisas sem pensar...

Ah, porra! Eu e minha língua. Esse costume de pensar e falar ao mesmo tempo ainda ia me deixar em apuros.

Eu a observei, e se ela baixasse a cabeça, não iria fugir, mas se me encarasse com aqueles olhos lindos, ela me mandaria à merda e provavelmente eu me afundaria ainda mais nela.

Juro que eu a agarraria e a beijaria à força.

Juízo, Joshua.

Ela baixou os cílios e eu quase gritei de felicidade. Encostei na mesa, pois corria o risco de fazer o que não devia e precisava manter um pouco de distância. Esperei a resposta com uma vontade louca de repetir a pergunta.

— Aceito, mas preciso almoçar agora, pois tenho ensaio às duas da tarde.

Onde estão os rojões para soltar?

Onde estão as músicas românticas para tocar, pois não é nessa hora que a música melosa toca nos filmes de romance?

Era como eu estava me sentindo, em um filme de romance.

— Então, linda Odette, seu desejo é uma ordem. Vamos almoçar e depois, se me permitir, eu mesmo a levarei para o ensaio. Você me permite?

Nesse instante, meu corpo involuntariamente obedeceu aos meus pés e fui guiado por uma força que me empurrou até ela. Ficamos frente a frente. Ela inclinou a cabeça para fixar os olhos nos meus.

Acho que nossos corações batiam no mesmo ritmo. Eu queria muito beijá-la, queria sentir o sabor e o calor dos seus lindos lábios.

— Permito, se não for interferir no seu trabalho. — Baixei a cabeça e pude sentir o calor do seu hálito. Sim, se eu quisesse podia beijá-la.

— Você nunca vai interferir em qualquer coisa em minha vida. Nunca... — sussurrei. Aquela situação estava ficando perigosa e completamente fora de controle.

Ou eu a beijava, ou a tirava correndo da minha sala.

— Joshua... — Seus olhos dançavam em meu rosto e os meus acariciavam o seu. Era torturante aquela situação. Era como fazer amor em sonhos.

— Victoria, acho melhor irmos antes que eu faça algo do qual, com certeza, não irei me arrepender, mas do qual talvez você se arrependa.

Falei, lutando contra as minhas palavras e sem afastar os olhos dos dela.

Afasta-se, Victoria, ou eu juro que a beijarei.

Ela se afastou, mas estava trêmula, e posso afirmar que estava um pouco desorientada.

— Sim... claro... — Limpou a garganta enquanto suas mãos alisavam a saia do seu vestido.

Eu peguei meu paletó e o vesti. Verifiquei os bolsos, para ter a certeza de que não estava esquecendo de nada. E como um bom cavalheiro, guiei minha dama, tocando levemente suas costas com a palma da mão.

— Quer almoçar no restaurante do hotel ou tem outra preferência? — perguntei enquanto abria a porta que nos levaria para o lobby.

— Pode ser em outro restaurante, um mais perto do teatro? Assim não precisamos correr e podemos conversar sem nos preocuparmos com o horário.

Ela queria ficar mais tempo ao meu lado, e isso era um bom sinal. Eu começava a pensar que logo a minha boca estaria cobrindo a sua.



5

Mesmo tendo a visão de seu lindo rosto, não conseguia desviar os meus pensamentos. Escolhi um restaurante tranquilo e aconchegante na Broadway, assim não precisaríamos correr e ela não correria o risco de se atrasar para o ensaio. Ficamos sentados um de frente para o outro e, confesso, não foi uma boa ideia escolher uma mesa mais reservada. Todas as vezes em que ela levava o garfo à boca e saboreava a comida, minha mente pervertida já imaginava aquela boca fazendo coisas em mim. Eu precisava me acalmar ou terminaria fazendo uma besteira.

— Victoria, onde você mora? — Estava difícil pensar em outras coisas, por isso achei melhor ocupar minha mente com perguntas idiotas.

— Na Pensilvânia, no Condado de Lehigh, em uma cidade chamada Allentown.

Ela parou de comer, deixou os talheres sobre o prato e ficou me observando. Acho que percebeu que eu estava um pouco nervoso.

— É muito longe... Quer dizer, vocês vieram de carro? Escutei você dizer que o seu pai odeia viajar.

— São umas noventa milhas[3] de lá até aqui, cerca de uma hora e quarenta minutos. É um pouco cansativo, mas o papai é teimoso. Ele não nos deixa dirigir, diz que é perigoso, no entanto, termina ficando de mau humor, por odiar dirigir.

Ela sorriu e me olhou com uma carinha sapeca, como se estivesse lendo meus pensamentos audaciosos e estivesse se divertindo com eles.

— Deve ser a idade, meu pai também não gosta de dirigir, por isso optou em viver em uma ilha. Mas até quando morávamos na capital, ele evitava o trânsito e sempre preferiu ter um motorista. Já eu, gosto muito de dirigir, e se o carro tiver um motor bom, atravesso fronteiras. — Acho que a cansei com minha conversa, ela me olhava intensamente e mal piscava os cílios. — Desculpe-me, estou falando demais, não é?

— Na-não, é que... — Algo a incomodava, talvez eu. — Posso fazer uma pergunta?

— Todas que você quiser. — Eu também quero fazer *muitas* perguntas.

— Responda se quiser, e por favor, não me interprete mal.

E por que eu a interpretaria mal, se tudo o que mais quero é um sinal para que eu possa dar o próximo passo?

— Pergunte, só não responderei se não souber a resposta.

Coração batendo apressado e minha comida fria intacta no prato. Nem havia percebido que

tinha esquecido de comer, e só me dei conta quando o garçom perguntou se poderia retirar os pratos. Permiti e pedi um café; ela, água.

— Você... — Bebeu a água lentamente, acho que tentando criar coragem. — Quer dizer... — Outra pausa, desta vez ela olhava para a borda da taça enquanto seus dedos brincavam, circulando-a. — Existe uma futura senhora Santini?

Ela baixou os cílios, envergonhada. Cheguei à conclusão que não era só eu que estava sentidos emoções conflitantes. Existia, sim, uma energia mágica nos cercando, o que estava sentindo, ela provavelmente também sentia. E não era hora de bancar o cheio de dedos. Eu a queria, e tudo indicava que era recíproco.

— E por acaso existe um alguém ocupando o meu lugar? — Ridículo, eu sei que foi, mas foi o que saiu naquele momento. Já tinha dito a merda, agora era só esperar a resposta.

Olhava para ela seriamente, e ela me encarava como se não estivesse acreditando que respondi a sua pergunta com outra. Tinha que fazer algo, ou ficaríamos ali sentados, um olhando abobalhado para o outro.

— Victória... — Toquei levemente seus dedos. Senti sua pele arrepiar-se só com o meu toque, e foi o sinal que eu precisava.

— Na-não... o... o que perguntou mesmo? — É, ela ficou confusa, não esperava que alguém lhe fizesse uma pergunta tão imbecil.

— Foi isso mesmo que você escutou, Victoria. Existe ou não?

— Joshua, não é justo, responda minha pergunta primeiro, já foi tão difícil fazê-la, aí você vem e me faz outra mais estranha do que a minha. Estamos parecendo dois bobões.

Concordo.

— Não, não existe ninguém me esperando no Brasil, mas eu acho que existe uma pessoa me esperando em uma cidade dos Estados Unidos.

Ela baixou os cílios. Juntou os dedos. Acabei de decepcionar minha futura esposa, mas seria por pouco tempo.

— Em que cidade? — sussurrou com tristeza. Continuava com os cílios abaixados e brincando com os dedos. Ela era tímida, e eu estava adorando isso.

— Em uma cidade chamada Allentown. — Esperei sua reação. Lentamente, seus cílios se levantaram, e pude ver aquele raio de luz me aquecendo por dentro.

Eu queria beijá-la naquele momento.

— Allentown?

— Sim, não conheço a cidade, mas com certeza deve ser um lugar lindo e abençoado, pois a mulher que nasceu para ser minha mora lá.

Continuava encarando-a sério, controlando-me, pedindo em pensamento para que ela, de alguma maneira, permitisse que eu me aproximasse. Não dava mais para manter a minha boca longe da sua.

— Joshua, você está brincando comigo? Eu sei que sou tímida, sem graça, e não sei muito bem me aproximar das pessoas. A minha única relação é a dança, vivo para ela desde que eu tinha três anos, mas isso não lhe dá o direito de brincar comigo.

Ela estava chorando, mas por quê?

O que eu fiz ou disse?

Victoria se levantou. Pegou a bolsa, limpou as lágrimas. E eu lá sentado, olhando para ela feito um verdadeiro idiota.

Levante-se, Joshua, faça alguma coisa.

— Ei... — reagi rapidamente, me levantei e fui até ela, impedindo-a de dar mais um passo. — Victoria, o que eu disse para pensar que estou brincando com você? Quer se acalmar? Sente-se...

Ela tentou me afastar, não queria sequer me olhar nos olhos, estava magoada e eu não sabia com o quê.

— Desculpe-me, sou uma tola, eu sabia que devia ter ficado calada, é claro que um homem como você não vai... — Seus lindos olhos me encararam e eles estavam decepcionados. Isso me quebrou.

— Me interessar por você? — terminei a frase que ela não completou. Só queria saber por que motivo ela pensava isso.

— Sim, olhe para mim e olhe para você. Sinceramente, não sei por que eu pensei que se interessaria por...

Mas por que diabos ela pensava isso?

Eu a puxei para meus braços e a calei com um beijo. A princípio, nossos lábios só se tocaram, selaram-se um no outro. Apenas roçava-me na suavidade da pele fina, delicada. Ela precisava parar de tremer, precisava de segurança, precisava saber que um homem cheio de testosterona não iria explodir cheio de tesão em um local público. Não queria que ela pensasse que eu queria me aproveitar de sua timidez. Por isso, fui lento, deixando-a entreabrir os lábios, deixando-a sentir que estava no controle. Aos poucos, ela relaxou os ombros, o corpo, e logo eu pude escutar um gemido e sua língua tocou a minha. Seus braços rodearam meu pescoço, suas mãos alisaram minha nuca. Então eu pude fazer o que tanto queria fazer, apertá-la junto ao meu corpo, segurar seus cabelos com uma das mãos e empurrar sua boca para a minha, fazendo do nosso beijo único, verdadeiro e intenso. Mordia seus lábios, chupava-os, pressionava meus dedos nos fios dos seus longos cabelos.

Fazia-me único, presente, quente.

Ela gemeu e me agarrou com mais força. Esquecemos onde estávamos, esquecemos o tempo e o espaço, só o que importava era o nosso primeiro beijo.

— Minha... — Puxei seu cabelo e afastei sua boca da minha, e disse olhando-a intensamente.

— Loucos! Somos dois loucos... — Ela não precisava falar, só precisava me beijar. E voltei minha boca para sua, beijando-a com força, desespero. — Joshua... — Ela tentava se afastar. — O que... — Voltei a beijá-la. — Está acon... — Tentou outra vez se afastar. Não permiti. — Acontecendo com a gente?

— Amor — respondi, olhando profundamente em seus olhos. E era verdade, eu a amava com toda a força do meu coração.

— À primeira vista? — Ela sorriu, e eu não queria me afastar dos seus lábios.

— Sim, assim que a vi eu tive a certeza de que você era a mulher da minha vida, e você, o que sentiu?

— Que já o tinha visto em meus sonhos. É louco, mas era como se já o conhecesse há muito tempo, meu coração batia tão forte, eu queria tanto beijá-lo.

Oh, futura esposa, não faz isso, não diz essas coisas, que eu juro que me caso com você amanhã.

Eu a beijei outra vez e outra vez, e mais outra.

— Joshua, estamos em um restaurante. — Alguém tinha que ser sensato.

Afastei-me, mas segurei sua mão, ela nunca mais sairia sem as minhas mãos a guiando. Chamei o garçom, paguei a conta e saímos do restaurante.

— Olhe para mim. — Paramos no meio da avenida, pessoas passando perto de nós, batendo em nossos corpos. — Não estava brincando quando disse que estou apaixonado. — Eu a beijei outra vez, só que com mais intensidade.

— Joshua... — Sua mão se espalmou em meu peito e ela me empurrou. — Acho que estamos indo depressa demais, mal nos conhecemos e já estamos trocando juras de amor. Isso é loucura, é melhor puxar o freio de mão, não acha?

— Freio de mão, não, eu posso até tirar o pé um pouco do acelerador se você quiser, mas o freio de mão, jamais. Estou louco por você e não pretendo parar com o que estou sentindo.

Talvez ela tivesse razão, ou não. Se estava sendo rápido em minhas emoções eu não me importava, nunca senti o que estava sentindo por ela com tanta intensidade. Já me apaixonei algumas vezes, mas com toda a certeza não foi assim. Porém, concluí que não era surpreendente ela se sentir um pouco intimidada, já que a minha intensidade emotiva fervilhava de testosterona e de uma agressividade quase palpável.

Meu pensamento me levou de volta a ela.

— Senhor Sarajevo, não queira brincar com meus sentimentos nem confundir minha cabeça. Não negue, isso tudo é uma loucura.

— Victoria, assim que a vi meu coração gritou, dizendo: é essa a mulher de sua vida, e eu aposto que o seu disse o mesmo, percebi o seu olhar sobre mim, não minta...

Inclinei o corpo e aproveitei sua distração para roubar mais um beijo.

— É, talvez..., mas podemos ir um pouco devagar? Eu tenho um pai severo, então acho melhor você segurar um pouco seus olhares e sua boca.

Ah, futura esposa, a única coisa que quero segurar é você.

— Eu só tenho dois meses para conquistar meu sogro, portanto, não sei se posso ir devagar demais, compreende?

O poder que ela emanava sobre mim a tornava irresistível. Talvez fosse a determinação em seus olhos em me manter afastado da sua boca, talvez fosse sua delicadeza genuína, ou talvez fosse mesmo o sentimento que nos unia, mas ela ainda não estava acreditando nisso.

— Joshua, o que você quer dizer com isso? — Beijei o alto de sua cabeça. — Ei, não brinque, você não me conhece nem eu o conheço. Apesar de sentir esta força que me puxa para você, sei que preciso ser prudente...

Calei sua boca com a minha. Eu sabia o que estava sentindo, como também sabia o que ela sentia, e para mim isso era o bastante.

Victoria teve a prudência de não pensar em respostas. Não lhe dei tempo para quaisquer distrações. Beijei-a com todo o furor dos meus sentimentos, e podia jurar que ela levantou a perna quando soltou um gemido em minha boca. Consegui o que queria: deixá-la sem opções. Então, continuei beijando-a.

— Nossa, você sabe ser convincente... — Eu a deixei sem fôlego. Soprei o ar em seu rosto e ela sorriu. — Sim, eu quero você, mas por enquanto vamos um pouco devagar. Você pode fazer isso?

— Posso tentar, mas não me culpe se em alguns momentos eu pisar no acelerador. — Ela bateu em meu peito. — Falo sério. Agora vamos, não quero ser o motivo do seu atraso.

Caminhamos de mãos dadas. Em dez minutos eu a deixei em frente ao teatro.

— A que horas posso vir buscá-la? — Ela ficou tensa, não sei por quê. — Não me olhe assim, estou falando sério. Virei trazê-la e buscá-la a partir de hoje, isso só não acontecerá se eu estiver preso em uma reunião.

— Você não é tipo aqueles caras mandões, não é?

— Não sei, nunca senti o que estou sentindo por você, mas teremos dois meses para descobrir. Então, a que horas venho buscá-la?

— Saio às dezenove horas.

— Ok, agora vem cá, quero outro beijo. — Ela ficou na ponta dos pés e ofereceu seus lábios doces. Beijei-a com devoção. — Aqui está meu número, me ligue caso queira sair mais cedo.



6

Às dezoito horas e cinquenta e cinco minutos, eu estava esperando por ela, e dez minutos depois já estava ficando desesperado, olhando para o relógio a cada segundo.

Que merda! Eu devia ter pegado o número dela.

Controle-se, Joshua!

Pensava, já impaciente. E às dezenove e vinte ela saiu do teatro com algumas colegas. Elas pararam e olharam para mim, então começaram a rir. Acho que estava sendo motivo de piadas.

— Do que elas estavam rindo?

Perguntei quando ela se aproximou e ofereceu os lábios para beijá-los.

— Elas me chamaram para ir dar uma volta no Central Park e eu disse que não daria, porque meu namorado estava me esperando.

Eu quase gritei de felicidade. Depois eu que era apressado.

— Namorado, é? — Ela sorriu com o rosto bem pertinho do meu.

— Exagerei, foi? Desculpe, eu... — Beijei-a. Já estava virando um vício calar sua boca com os meus beijos.

— Não, acho até que você devia ter dito noivo, mas tudo bem, isso também não irá demorar. — Seus olhos curiosos se estreitaram enquanto me encaravam. — O que foi? Em dois tempos eu colocarei um lindo anel em seu dedo, aguarde-me.

— Joshua... eu disse devagar.

— Mas estou indo devagar. — Segurei sua mão e fomos em busca de um táxi.

O lobby do hotel não estava muito cheio. Assim que entramos, Victoria quis soltar a minha mão, mas a segurei firme. Eu percebi que ela me olhou de soslaio e me fingi de desentendido. Passamos pela recepção principal e eu vi o sorriso irônico do John quando nos viu de mãos dadas. Alguns recepcionistas também nos viram e nos deram aquele olhar de curiosidade. Entramos no elevador, e apertei o botão da cobertura.

— Quer jantar aqui ou prefere outro restaurante? — disse, mantendo-me firme.

Ela esticou o pescoço e me encarou.

— É sério? Eu pensei que estava brincando.

— Meu amor, com você eu não brinco, tudo o que eu disser será verdade. Então, quer jantar aqui, ou em outro restaurante? — As portas do elevador se abriram e deixei-a passar primeiro.

— Eu não sei, preciso perguntar ao papai, ele não...

— Seus pais não foram convidados — a interrompi, olhando-a seriamente. Ela percebeu que eu não estava brincando.

Victoria franziu a testa.

— Mas... o que direi ao papai? Ele certamente vai querer saber com quem irei jantar.

— Não se preocupe, eu direi a ele, certo? — Bati na porta do quarto e um senhor enfezado a abriu.

Ele olhou para mim, depois para Victoria, e por último para as nossas mãos dadas. Victoria até tentou soltá-las, mas a mantive firme.

— Boa noite, senhor Carter! — disse num tom gentil. — Gostaria de pedir permissão para jantar com sua filha. — O homem estufou o peito, suas bochechas ficaram vermelhas. — A propósito, estamos namorando e virei buscá-la em quarenta minutos.

Ele pegou a Victoria pela outra mão e a puxou para dentro do quarto. Victoria foi tomada pelo susto e tentou articular algumas palavras, mas seu pai protetor logo se fez presente.

— Quem o senhor pensa que é? Mal conheceu a minha filha e já se declara namorado? Acha que está lidando com quem? Eu nem o conheço, nem sei onde mora, o que sei é que trabalha aqui há pouco tempo, portanto, quero lhe dizer que não haverá jantar algum, a não ser que nos leve juntos — acrescentou.

— Então, deixe que eu me apresente. Meu nome é Joshua Saravejo e eu estou apaixonado por sua filha. Assim que a vi foi amor à primeira vista. — Estendi a mão e fiquei esperando que a apertasse.

Carter resmungou. Bem, seria difícil que me puxasse para um abraço, chamando-me de genro. Ele me pareceu bastante orgulhoso para tanto. Ele só me olhava, como se estivesse buscando as palavras. Mantive uma expressão agradável no rosto, determinado a não dar àquele homem orgulhoso a satisfação de estar com medo de levar um pontapé na bunda.

— Então, o senhor acha que só porque é o dono de tudo isso, vai me fazer apertar sua mão e aceitá-lo como genro? Acha mesmo que darei a minha única filha de mão beijada para um espertinho como você? — completou irritado, recusando a minha mão.

— Deixe de bobagens, Arthur. Mande o rapaz entrar, não seja ranzinza. — Começava a gostar da minha sogra. A senhora Carter me ofereceu um sorriso. — Vick, vá se trocar, querida. — Não, eu já *amava* a minha sogra. Victoria sorriu e seguiu para o quarto da suíte. — Sente-se, filho. — Eu me sentei, e a cada passo que eu dava sentia o olhar fuzilante de meu sogro. — Você é muito jovem para tanta responsabilidade. Como consegue viver, filho? Não é mesmo, Arthur?

— E eu vou saber, mulher? O que eu sei é que ele me enganou, disse ser outra pessoa, e mentir não é coisa de uma pessoa decente. — Bem, meu sogro me daria trabalho, mas eu o conquistaria.

Ok, sogro ranzinza, se pensa que entrarei em seu jogo, vai quebrar a cara. Não sou homem de me entregar à derrota, acho que irei desapontá-lo.

— Não sou tão jovem, senhora Carter, e já administro os hotéis há bastante tempo, portanto já

estou acostumado. E quanto a viver, começarei a viver agora depois que conheci a Victoria.

Meu sogro me fitou com os olhos apertados. Acho que se estivéssemos sozinhos, ele certamente me daria um soco, ou tentaria.

— De que parte do mundo o senhor é? Americano certamente não é... — Seus olhos me avaliaram com desdém.

— Brasil.

— Está explicado — articulou, presunçoso.

— Arthur, não seja indelicado! — Acho que a Victoria tem a quem puxar, a minha sogra era uma mulher maravilhosa. — Que maravilha, então quer dizer que agora finalmente eu posso falar português? Fazia tanto tempo que não praticava essa língua maravilhosa! De que região do Brasil você é?

— Eu nasci em São Paulo, mas nos mudamos para Salvador quando ainda era pequeno.

— Não conheço Salvador, quando íamos ao Brasil ficávamos no Rio de Janeiro, em Ipanema, conhece?

— Sim, eu conheço.

— Ok, vamos parar de conversa fiada! — O ogro do meu sogro tinha que atrapalhar minha interação com a minha sogra. — Quero que o senhor saiba que não estou gostando desta história de namoro, a minha filha...

— Pronto, podemos ir... — Eu me levantei e admirei com os olhos brilhando a linda moça que sorria encantadoramente para mim.

— Meu Deus! Como você consegue ser tão linda? — Acho que faltava pouco para a baba escorrer.

Ao vê-la de pé, lindamente trajando um vestido vermelho e um sobretudo preto ajustado ao corpo, marcando sua cintura fina, eu quase fui até ela e a envolvi em meus braços.

— Mas o que é isso, Victoria? Não lembro de ter dito que permitia que saísse com esse... esse...

— Papai, por favor... — Ele já estava começando a me irritar.

— Esse... esse aí... — Arthur Carter estava nervoso, eu podia ver a veia pulsando em seu pescoço, e o que estava me deixando chateado era que ele estava deixando Victoria nervosa.

— Esse rapaz tão educado, que veio pessoalmente nos pedir permissão para namorar a nossa filha e nos avisar que irá levá-la para jantar? E o senhor, como um bom pai amoroso e um homem educado vai permitir, pois a nossa filha já é maior de idade e não precisa da nossa autorização para ser feliz.

Ela ganhou meu coração completamente, eu tinha que lembrar de enviar um lindo buquê de rosas na manhã seguinte para esta mulher fantástica.

— Bem, se tudo foi esclarecido e eu tenho o consentimento dos meus sogros, é melhor irmos, antes que fique tarde demais — disse pragmaticamente.

Não é era hora de procurar intriga com o pai da minha futura esposa, não o queria como um cão de guarda atrás de mim. Além disso, não seria educado lhe dizer o que realmente pensava.

O senhor, querendo ou não, ela é minha.

— Ok, ok... o senhor venceu, já que minha opinião não vale nada mesmo. Agora, eu só lhe digo que, caso o senhor faça a minha filha derramar uma lágrima sequer, prepare-se, porque nem todo o dinheiro que tem irá livrá-lo de mim — ele disse, irritado.

— Papai, quer parar? Não sou mais criança, posso perfeitamente cuidar de mim mesma, não se preocupe — ela resmungou, ficando insegura ao ver o rosto de amargura do pai.

— Não se preocupe. — Era melhor dar um basta naquela conversa e parar com as insinuações. — Senhor Carter, eu tenho as melhores intenções com a sua filha...

— Sei, boas intenções o diabo também tem... — Assim ficava difícil.

— Papai, o senhor não está facilitando, pare de rabugice. — Victoria pegou em minha mão e me puxou com impaciência. Mas eu não podia sair assim.

— Arthur, está ficando muito chata essa sua atitude — Liss interveio.

— Está tudo bem, senhora Carter. Eu entendo o senhor Carter, acho que quando eu for pai de uma moça tão linda quanto a Victoria, talvez aja ainda pior. Acho que já teria expulsado o cidadão. — Carter olhou para mim e pareceu gostar da minha ideia. — Senhor Carter, não se preocupe, não pretendo fazer a Victoria chorar. Se depender de mim, ela será a mulher mais feliz do mundo. Estou apaixonado, e muito, agora, por favor, peço que me dê um voto de confiança, cuidarei muito bem da filha de vocês.

— Tá, tá, tá... você me convenceu. Podem ir, divirtam-se, mas tenham cuidado e não a traga muito tarde, ela precisa descansar. — Acho que ganhei uma trégua.

— Não se preocupe, iremos só jantar — prometi e estendi a mão. Ele olhou para mim depois para a minha mão.

— Cuide bem do meu tesouro, senhor Saravejo — ele disse de modo aprovador.

— Acho que agora podemos ir, meu amor. — Segurei sua mão, e ela beijou a mãe e depois o pai.

— Divirta-se, querida. — Liss acariciou o rosto dela.

— Vou me divertir, tchau!

Saímos como dois namorados felizes da vida. Eu mais ainda, pois acabara de vencer um pai furioso e desconfiado. Hoje seria a nossa primeira noite juntos como namorados, e depois desta viriam outras, mas hoje eu apenas a levaria para jantar. Como ela mesma disse, precisava desacelerar, estava indo rápido demais, e a minha intenção era trazê-la para perto e não a afastar. Victoria já era minha, não precisava de pressa, tinha dois meses para descobrir o que o nosso sentimento tinha a nos oferecer.



7

As portas do elevador se abriram e caminhamos pelo longo corredor em silêncio, só de mãos dadas. O jantar foi maravilhoso, conversamos sobre várias coisas, principalmente sobre *ballet*. Victoria era apaixonada pela dança, eu pude ver em seu olhar brilhante e expressivo quando ela enumerou as peças musicais que havia participado e o entusiasmo de quando passou a ser a primeira bailarina do grupo. Ela irradiava felicidade.

Antes de chegarmos perto da porta da suíte, parei. Encostei-a na parede e deixei meus braços apoiados lá, um de cada lado, na altura de sua cabeça, e meu rosto bem próximo ao seu.

Nossos olhares estavam presos um no outro, nem piscávamos.

— Então... é... — Ela murmurou e eu viajei quando sua língua deslizou entre seus lábios.

— É... boa noite... — completei.

Talvez o destino fosse mesmo o culpado por ter nos juntado, mesmo não acreditando nessas fantasias, mas se existia mesmo uma explicação plausível para o que estava sentindo por esta moça, só poderia levar o nome de "destino". Não era possível uma pessoa, em tão pouco tempo, se apaixonar por alguém tão intensamente, e ficar tão necessitado do seu toque, do beijo, do olhar... Não, foi o destino que nos uniu, que a colocou em meu caminho.

— Sim, é, eu queria tanto que não...

— Que este momento não acabasse, é isso que quer dizer? — Eu podia sentir a respiração dela em meu rosto, podia até sentir seu coração batendo contra o peito.

— Sim. — Respirou fundo e fechou os olhos, acho que estava travando a mesma luta que eu. Eu a queria, mas de uma forma completa. — Não acha que o que estamos sentindo é repentino demais, não o assusta?

— Não, não tenho medo de ser feliz, e se o que estou sentindo por você me faz feliz, não vejo motivo para fugir, sequer me assustar. Eu a amo, a quero, preciso.

— Joshua... — Não resisti, vendo-a tão de perto, tão irresistível, só inclinei minha cabeça e uni meus lábios aos dela. Minha mão alcançou sua nuca e os meus dedos pressionaram sua pele.

— Joshua, eu... — Minha outra mão foi para dentro do seu sobretudo, deslizando em suas curvas. — Eu... eu o quero. — Suas palavras foram um incentivo para mais ousadia, então minha mão espalmou um dos seus seios. — Josh... — Mesmo por cima do tecido do vestido, pude sentir a dureza do seu mamilo excitado. Eu queria minha boca lá, queria chupá-lo, mas ali, onde estávamos, não dava. Contudo, meus dedos podiam, e belisquei o carocinho duro. — *Oh, God!* — exclamou em inglês.

Continuei com a carícia em seu seio e usei a boca para mordiscar a pele do seu pescoço, enquanto meu corpo roçava-se discretamente no dela, deixando sua pele arrepiada. Estava tão excitado que podia sentir minha ereção pulsando dentro da cueca.

— Victoria, precisamos parar... — Eu me afastei. Estava ofegante, ela também, nossos olhares presos um no outro, coração acelerado. Ela boquiaberta. Deus! Ela me tentava. — Meu amor, acho melhor parar agora, antes que eu resolva levá-la para meu quarto. Desculpe-me.

Ela baixou os cílios, não sei se de decepção ou vergonha. De qualquer forma, não podia continuar com esse namoro de adolescente.

— Você tem razão, acho melhor eu entrar e tomar banho.

— Eu também. No meu caso, um frio... — Olhei para a frente de minha calça, o volume era imenso, ainda bem que estava de terno.

— A culpa é minha, não é? — disse envergonhada, desviando o olhar.

— A culpa é do nosso desejo, que já não está cabendo dentro de nós. — Levei a mão para o lado de seu rosto e o acariciei, enquanto minha boca procurava seus lábios macios. Beijei-a com amor, e quando o desejo começou a querer transcender, me afastei. — Hora de dormir, você no seu quarto e eu no meu. — Acariciei seu rosto outra vez, sorrindo para ela.

Segurei sua mão e caminhamos em direção à suíte. Ela pegou o cartão e passou na fechadura, a porta se abriu e eu a deixei entrar.

— Joshua. — Ainda estávamos de mãos dadas.

— Oi, minha Odette. — Ela sorriu.

— Onde fica seu quarto? — Minha futura esposa estava querendo fugir durante a madrugada para os meus aposentos? Será?

— No outro lado deste corredor, a última suíte, por quê? — Ela estava com a boca bem próxima da minha.

— Por nada, só queria saber. — Baixou os cílios. Esse gesto costumeiro estava me deixando louco.

— Vitoria, quer me visitar durante a madrugada? — Arqueei as sobrancelhas ao perguntar. — Se for o caso, eu preciso deixar a porta destrancada. — Ela ficou rubra, e eu tive vontade de sorrir. — Ei, não precisa ficar com vergonha, iria adorar a surpresa. — Ela não quis me olhar. — Vick, olhe para mim. — Levantei seu queixo com o dedo indicador. — Amanhã lhe darei um cartão do meu quarto, assim quando quiser me ver, poderá entrar sem precisar bater, ok?

— Não precisa, eu só queria saber onde você ficava, não pense mal de mim. — Acho que minha futura esposa era muito inocente.

— Vem cá, desse jeito você me leva à lona. Adoro o seu jeitinho inocente. Eu a amo e sei que você me deseja, e isso não é motivo de vergonha. Cedo ou tarde vamos terminar embaixo dos mesmos lençóis, senhorita envergonhada.

— Joshua. — Levei uma tapinha no peito. — Acho melhor eu dormir. — Sorriu encantadoramente.

— Acho bom mesmo, antes que eu a carregue para meu quarto e faça amor com você.

— Boa noite, senhor Saravejo, cheio de ousadia.

— Boa noite futura senhora Saravejo. — A puxei com força e ela veio de encontro ao meu corpo. Beijei-a com malícia, me esfregando nela. — Sentiu o tamanho do meu desejo?

— O senhor está impossível. — Ela se afastou, evitou olhar a frente da minha calça, mas seu olhar escorregou maliciosamente ligeiro para baixo. Sorri.

— Sonhe comigo, amanhã eu a levo para o ensaio.

— Sonhe comigo, senhor Sarajevo, porque eu sonharei com você.

Deixei a porta fechar e só então me virei e segui para o meu quarto. Só não tinha certeza se depois desse esfrega-esfrega eu conseguiria dormir tranquilo.

Joguei a chave, celular e carteira na mesinha. Estava precisando de um banho, minha cueca estava toda melecada. Entrei no banheiro, despindo a roupa, liguei a ducha, regulei a temperatura. Banho frio não dava, não em Nova Iorque. Entrei no box, deixando minha nuca receber os jatos fortes da ducha. Olhei para meu pênis duro e imaginei Victoria tomando banho comigo. Certamente ela já estaria montada em minha cintura, e estaríamos conectados, como se fôssemos uma só pessoa. Estaria me movendo dentro do seu corpo, fazendo-a soltar gemidos excitantes, fazendo-a chamar meu nome, chupando seus mamilos duros, mordendo-os, fazendo-a soltar gritos delirantes. Porra! Movi a mão em minha ereção para cima e para baixo, até que o alívio veio em jatos, se misturando à água que escorria do meu corpo. *Victoria...* Gemi seu nome quando veio o meu último espasmo.

Nu, fui para cama, pensando nela. Desejando que ela deixasse a timidez de lado e batesse em minha porta.

Meus olhos já estavam se fechando quando o meu celular tocou. Poderia ser ela. Talvez tenha finalmente criado coragem e ligado para avisar que estava vindo. Levantei-me depressa e nem olhei para a tela do celular, só arrastei o dedo e atendi.

— Alô!

— Joshua, sou eu, Luke.

Mas que porra! O que será que foi agora?

— Luke, eu acordo cedo, sabia? Será que não sabe que em Nova Iorque já é tarde da noite?

— Cara, nem prestei atenção. Não dava para esperar, preciso da sua ajuda.

Eu já sabia até de que ajuda ele precisava. *Grana*.

— Quanto, e *pra* quê?

— Cara, você precisa falar com o papai, você acredita que ele limitou a minha conta? Depois reclama quando eu começo a fazer negócios duvidosos...

— Luke, quando você vai crescer? — interrompi seu discurso, pois só iria me aborrecer e tirar meu sono. — Cara, você tem dezoito anos, não é mais criança. Entenda uma coisa, você foi para Coimbra estudar, não vadiar. Aproveite a porra da oportunidade...

— Escute aqui, eu não liguei *pra* ouvir lição de moral. Vá se foder você e o papai, eu só queria

um favor, mas já que não pode me ajudar, vai à merda...

— Luke, porra, escute! — Ele me tirava do sério. Quando meu irmão ia entender que tanto eu quanto o papai só queríamos que ele fosse feliz e que ele parasse de se sentir culpado pela morte da mamãe? — Luke! — gritei. — Luke! Estou falando com você! — Meu tom feroz doeu até em meus ouvidos. — O que você fez agora? Vai, fala logo!

— Eu preciso de dez mil euros...

— O quê!? — Ele só podia estar de sacanagem. — Para que você precisa desse dinheiro? Sua mesada não está sendo o suficiente?

— Vou entrar de sócio em um lance...

— Lance? Não tem a ver com drogas?

— E eu lá preciso disso, Joshua? Posso ser irresponsável, mas não sou maluco. É um lance completamente honesto, e eu vou devolver o dinheiro. Se quiser, pode até cobrar os juros.

— Luke, em que você vai se meter? Não mate o papai... — Me arrependi na hora por ter dito isso.

— Não se preocupe, não matarei o papai também... Vai ou não me emprestar a grana?

— Desculpe, cara, não quis dizer isso. — Ele só soltou o ar, não disse mais nada. — Amanhã cedo faço isso, mas o papai não pode saber que eu emprestei esse dinheiro. Promete que não vai dizer nada?

— Prometo. Desculpa eu ter acordado você. Valeu, irmão, beijo.

— Luke.

— Oi.

— Amo você, meu irmão.

Ele fez uma longa pausa.

— Eu também. Tchau.

Só esperava estar fazendo a coisa certa. Luke era metido a *bad boy*, mas era um bom rapaz, e esperava que ele continuasse sendo.

Depois dessa, me deitei e fui dormir.



8

O bom de dormir no local de trabalho era que você não corria o risco de chegar atrasado, só que isso não servia para mim. Estava atrasado em quase quinze minutos, tinha marcado uma videoconferência com um importante distribuidor e colaborador dos nossos hotéis no Brasil, e a esta hora ele devia estar pensando coisas não muito boas a meu respeito, já que ele é conhecido por ser um homem pontual. Saí do elevador apressado, cumprimentei alguns hóspedes que já me conheciam e segui para um dos nossos restaurantes. No caminho, conversava com alguns funcionários.

— Bom dia, John!

— Bom dia, senhor Saravejo. O dia está bonito, não acha?

— Belíssimo, meu caro, belíssimo! — Sorri para ele e segui para meu escritório.

— Bom dia, Sarah! — Assim que minha secretária me viu, se levantou, oferecendo-me um vasto sorriso.

Eu podia ver o interesse nos olhos dela, com a perspectiva de que fizesse algo que pudesse lhe dar alguma esperança de algum tipo de envolvimento. Não me interessava. Não porque estivesse apaixonado pela Victoria, ou porque ela não fosse interessante, não eram esses os motivos. Simplesmente não me envolvia com colaboradores, fossem de onde fossem. As mulheres que trabalhavam para mim não dormiam em minha cama. E a senhorita Sarah Miller sabia disso. Talvez fosse isso que a deixava com os olhos tão brilhantes toda vez que me via. As mulheres gostavam de relacionamentos impossíveis. Só que havia um detalhe, eu não era impossível... ela que era.

— Bom dia, senhor Saravejo! — Saiu de trás da mesa e me seguiu até a minha sala. — O senhor João Carlos, de São Paulo, ligou e remarcou a reunião para daqui a uma hora.

— Que bom, assim posso comer alguma coisa. Pode providenciar? — Olhei para ela enquanto remexia nos documentos que estavam empilhados ordenadamente sobre minha mesa.

— Café completo?

— Sim... — Peguei um envelope, onde estava escrito: “Para Joshua”. Estranhei, ninguém me chamava pelo primeiro nome em Nova Iorque. — Quem me enviou isso? — Sarah já estava fechando a porta.

Ela olhou para o envelope branco.

— Ah, foi a senhorita Carter. Ela o deixou aqui faz uma hora.

— E quando você ia me contar sobre isso? — Pelo seu olhar, ela percebeu que não gostei de sua atitude.

— Eu apenas não sabia que era prioritário, pensei que era só para deixar junto com as outras correspondências. — Voltou sua atenção para meu rosto, percebendo seu erro e tentando se recuperar.

— Então, a partir de agora saiba que tudo que diz respeito à senhorita Carter é extremamente importante e virá acima de qualquer assunto ou questão – declarei. — É só isso, senhorita Miller, pode ir. — Concluí, fitando-a fixamente. Ela me olhou por um momento, incapaz de esconder sua frustração.

— Sim, senhor. — Rapidamente rodopiou em seus calcanhares e despareceu através da porta.

Sentei-me. Meus dedos nervosos abriram o pequeno envelope branco. O que será que tinha dentro dele? Puxei o papel dobrado. Levei alguns segundos para criar coragem e desdobrá-lo. Sorri e fiquei com uma imensa vontade de correr ao encontro de uma linda moça e beijá-la até que ela perdesse o fôlego. Estava escrito:

"Lindo senhor Saravejo, você está dentro do meu coração". No lugar da palavra coração, havia o desenho de um.

Meu celular tocou.

— Alô!

— *Bom dia!*

— Bom dia! — respondi alegremente.

Ela leu meus pensamentos. A minha futura esposa sentiu a minha necessidade de ao menos escutar o som de sua voz.

— *Como passou a noite?*

Longe dos meus olhos, ela tinha coragem e ousava um pouco mais. Eu sabia que aquela pergunta tinha um tom malicioso. Eu poderia responder: *De pau duro, futura esposa.*

— Não muito bem, senti sua falta do lado esquerdo da minha cama. E você?

Soltou o ar, suspirando.

— *Agitada, virando na cama de um lado para o outro. Acho que faltava você para acalmar meus pensamentos.*

Oh, futura esposa, não faça isso, não atice meu lado Saravejo de ser. O lado do homem cheio de palavras explícitas.

— Hum, podemos resolver isso hoje à noite? — Eu sei que ela sorriu. — Ou à tarde, quando voltarmos do seu ensaio? — *Devagar, Joshua...*

— *Não me tente, ousado senhor Saravejo.*

Eu que estou sendo ousado?

— Futura senhora Sarajevo, não vejo a hora de tê-la nua em meus braços e de usar minha boca, língua e dedos em sua pele macia e cheirosa. — *Vá com calma, Joshua, não assuste a moça.*

— *God! E o que sua boca, língua e dedos fariam em minha pele, posso saber?*

Ela estava me testando. Eu queria ver se ela teria coragem de brincar assim pessoalmente... Claro que não teria.

— Talvez eu mostre mais tarde. Se você deixar, mostrarei isso e mais algumas coisas. — Esperei seu próximo passo, ela provavelmente estava pensando no que iria falar.

— Leu meu bilhete?

Acabou a brincadeira, e eu fiquei excitado.

Ah, minha linda bailarina, farei você dar algumas piruetas sentada em meu colo.

— Li e adorei, mas quero que diga essas palavras olhando em meus olhos. — Ela respirou fundo. — Onde você está?

— Sentada em uma poltrona muito confortável, esperando mamãe escolher alguns casacos. Eu odeio fazer compras.

Ela me pareceu entediada.

— Você é a primeira mulher que eu conheço que não gosta de fazer compras. — Minha futura esposa tinha que ser diferente das demais mulheres.

— Odeio. Mamãe vive me arrastando, mas eu queria ir para a Broadway, é o único lugar que adoro visitar.

— Levarei você, escolha o dia e o espetáculo.

— Posso mesmo?

— Claro. Só de escutar a sua euforia, se pudesse a levaria agora.

— Você existe mesmo? Não estou sonhando?

— E eu, estou mesmo em seu coração? — Ela suspirou. Acho que vivo arrancando suspiros de minha futura esposa.

— Sim, então tenha cuidado para não o machucar.

Só se eu fosse louco.

— Meu amor, nunca mais quero sair de dentro dele.

— Tenho que ir, mamãe terminou e agora vamos comer, papai está esperando no café. Beijos, meu Siegfried.

— Beijos e até mais, minha Odette. Não se esqueça, almoçaremos juntos e depois a levarei para o ensaio.

Depois que ela desligou eu me perdi em uma porção de contratos e outros documentos para ler e assinar. A porta de minha sala se abriu e Sarah veio empurrando um carrinho com o meu café da manhã. Ela o deixou perto de minha mesa, e eu mal olhei para ela, apenas agradeci. O clique da fechadura chamou minha atenção e só então levantei a cabeça. Caminhei até o carrinho e tive a oportunidade de olhar para o que havia nele. De tudo um pouco, mas me servi apenas de uma xícara de café com leite e uma fatia de pão integral. Enquanto comia, relia os dois contratos que estavam para serem assinados há dois dias. Terminei o café e fui para a outra extremidade da sala. A

videoconferência iria começar em alguns minutos.

Às dez horas, fui chamado pelo engenheiro, ele queria me mostrar um dos quartos, e eu sabia que iria me aborrecer, por isso já fui me preparando.

— O que houve, Will? — Ele me mostrava uma viga que não daria de maneira nenhuma para ser encoberta com o forro, e teríamos que chamar o arquiteto outra vez. Isso significava mais duas semanas de obras só naquele andar.

Saí de uma reunião e já ia entrar em outra, só que desta vez seria em um escritório na Quinta Avenida. Nem de helicóptero eu poderia voltar a tempo para almoçar com a Victoria. Seria meu primeiro furo com ela, e eu tinha certeza de que não seria o último. Fulo da vida, liguei para ela.

— Oi... — Escutar um simples monossílabo dela era como escutar uma linda canção de amor. — Já está com fome? — Eu poderia responder à pergunta de um jeito bem convidativo, ela vive me tentando.

— Depende. — Eu sei que ela corou. — Há vários tipos de fome, a qual delas você se refere? — Esperei uma bronca.

— A de comida, tipo de bife, batata frita, arroz, ervilha... — *Engraçadinha*. Gargalhei porque ela entendeu o duplo sentido da minha pergunta.

— Ok, espertinha. Não, não estou com fome, só liguei para avisar que hoje não poderemos almoçar juntos e não a levarei para o ensaio, mas irei buscá-la.

O silêncio foi um pouco longo. Eu a decepcionei e isso me fez ficar com raiva de mim mesmo.

— Poxa... ficarei com saudade, mas...

— Já está no hotel? — perguntei rapidamente.

— Sim, estou no quarto.

— Estou indo aí, tchau. — Nem esperei a resposta, desliguei.

Peguei tudo o que levaria para a bendita reunião e saí da sala às pressas.

— Senhor Saravejo....

— Agora não, John, estou com pressa. Na volta. — Passei pelo John voando e entrei no primeiro elevador que encontrei aberto.

Na verdade, tinha pressa para beijá-la, e juro que se encontrasse os pais dela na suíte eu a arrastaria para a minha. Estava excitado demais e um pouco mais ansioso do que o habitual, mas realmente pensei que seria impossível me controlar ficando frente a frente com ela. Bati na porta da suíte. Ela abriu, e eu a puxei rapidamente para o meu corpo. Beijei seus lábios com tanto desespero que a deixei sem ar. Suas mãos planaram em meu peito, empurrando-me. Seus olhos estavam fechados e seu peito subia e descia em um ritmo constante, então pensei que talvez eu tivesse ido rápido demais. Ela abriu os olhos, sorriu e me puxou com o mesmo furor que eu, minutos atrás. Seu beijo foi mais faminto do que o meu.

— Seus pais? — Me afastei um pouco e perguntei.

— Lá dentro.

Não, do jeito que eu estava não era apropriado ficar tão perto do ogro do meu sogro.

— Venha, vamos para a minha suíte. — Ela não teve nem tempo para dizer não. Eu a peguei pela mão e saí puxando-a. Estava necessitado de um tempo a sós com ela, sem o risco de ser pego.

— Onde acha que vai?

Sua voz estava eufórica e ao mesmo tempo assustada, e eu estava parecendo um louco.

— Eu preciso acabar com a sua e com a minha saudade, ou pelo menos amenizar essa vontade de nós...

— Joshua. — Ela queria o mesmo que eu, mas o puxar de sua mão, tentando parar meus passos apressados, me dizia que estava um pouco indecisa.

— Tarde demais, amor. Eu matarei sua saudade e a minha.

Antes que ela pudesse reagir, passei o cartão na porta e a empurrei para dentro. Fechei a porta rapidamente e já tinha um braço ao redor da sua cintura, empurrando-a para próximo ao grande estofado no centro da sala. Ela engoliu em seco quando suas costas encontraram a espuma macia, e eu já estava sobre ela, com os olhos brilhando de desejo.

— Eu quero você, quero provar sua boca, sua pele. Meus dedos, minha boca e minha língua estão sedentos por você. — Fitava-a e praticamente salivava de desejo, esqueci até do meu compromisso.

Enquanto minha mão desabotoava a frente da sua blusa, minha boca faminta buscava seus lábios macios.

— Joshua.

Sussurrou meu nome. Sua mão segurava a minha, e eu só não entendia por que ela não estava me parando. Abri a parte da frente da sua blusa e a joguei no chão. Ela usava um lindo sutiã branco de renda transparente, através do qual eu podia ver seus mamilos rosados.

— Meu Deus... você é linda! — Minha voz baixou e meu olhar levantou-se rapidamente, encarando com pura admiração a sua beleza inocente.

Dei um suspiro e passei o dedo ao longo da borda do seu sutiã. Seu corpo inteiro se arrepiou e estremeceu ao meu toque.

— Joshua! — Ela me olhava cheia de desejo. Eu sei que estava nervosa, como também sabia que ela queria minhas mãos a acariciando, e quando minha boca desceu para seu pescoço e minha língua fez um caminho até a junção dos seus seios, ela deixou o ar escapar dos pulmões.

— Você quer que eu pare? — Pedia em pensamento que ela dissesse que não. Eu precisava experimentar o sabor de sua pele, dos seus mamilos.

— Não... — Sorriu, maliciosa.

Meus lábios se esconderam entre seus seios e minha língua explorou o local delicadamente. Eu sei que ela podia sentir a pressão de minha impressionante ereção, que se erguia sob o tecido da minha calça e que eu movia lentamente de encontro ao seu corpo.

Usei uma mão para descer as alças do sutiã. Seus seios ficaram livres para que eu pudesse

admirá-los com mais atenção. Baixei a boca e provei seu mamilo duro, chupando-o lentamente.

— *Oh, God*! — Sua respiração ficou presa na garganta quando minha boca passou para o outro o seio e fiz o mesmo. — Joshua! — Ela arqueou todo o corpo, e eu segurei os dois seios com as mãos e suguei um com força, traçando meus dentes pelo mamilo rijo.

— Vick, eu a desejo tanto... — Desci a boca por sua barriga, e mesmo por cima do tecido de sua saia, eu mordi sua vulva. Ela soltou um gritinho e um gemido ao mesmo tempo.

Eu tinha que fazer... não poderia parar, eu precisava seguir em frente.

Escorreguei meu corpo até ficar de joelhos entre suas pernas. Elas tremiam, e eu levantei sua saia até a cintura e desci sua calcinha branca, retirando-a completamente. Vislumbrei seu sexo exposto, como se nunca tivesse visto um antes. Ele era lisinho, só havia uma pequena penugem de pelos escuros. Salivei.

Victoria se apoiou nos cotovelos e ficou me olhando extasiada, ofegante, delirante. E quando menos esperou, apoiei suas pernas nos ombros e mergulhei a boca na sedosidade do seu sexo, lambendo-o com a língua e mordendo-o.

Victoria soltou um grito de excitação, puxando minha cabeça com as mãos, com força, em sua delicada vagina.

— Joshua... — Sua voz era baixa e perdida em algum lugar na névoa excitante do calor do nosso momento tão íntimo.

Minha língua se movia em sua caverna quente e molhada, eu sentia o calor e o furor da sua excitação. Chupei, beijei, fiz amor com a minha língua em sua intimidade tão doce. Quase gozei em minha cueca quando escutei a música do seu gozo tímido. E quando seus espasmos diminuíram, afastei o rosto do seu sexo. Ela estava de olhos fechados, mas suas mãos ainda estavam em meus cabelos e o seu corpo ainda um pouco arqueado.

— Victoria, olhe para mim. — Virou o rosto e puxou a saia para baixo, tentando cobrir sua nudez. Ela estava envergonhada. Eu tinha quase certeza de que foi o seu primeiro orgasmo.

Conheço mulheres experientes. E sem dúvida alguma, a Victoria não era uma delas.

Busquei sua calcinha e a vesti. Com cuidado, subi as alças do seu sutiã e vesti sua blusa, fechando os botões.

— Victoria, meu amor, não precisa ficar envergonhada. — Ela virou o rosto, não queria me encarar. — Vick, olhe para mim. — Beijei seu ombro. — Está arrependida?

Ela agitou a cabeça, negando.

— Machuquei você?

— Não... — Ela estava chorando. Mas que inferno, o que eu fiz? Será que fui rápido demais?

— Vick, o que foi? Olhe para mim, não faça isso. — Puxei seu corpo e a abracei. Ela escondeu o rosto na curva do meu pescoço.

— Me desculpe, eu sou uma boba. Vai passar, é que... — Soluçou e seus braços me apertaram.

— Você é virgem, é isso? E este foi o seu primeiro orgasmo?

Ela levantou o rosto e me encarou com os seus olhos lindos marejados.

— Como sabe? Eu fui tão ruim assim?

Eu quase soltei uma gargalhada, mas engoli o riso. Eu não podia deixá-la pensar que estava rindo de sua inocência.

— Não, você não foi ruim, mas um homem experiente como eu sabe quando uma mulher tem a inocência intocada. Eu já desconfiava, desde o nosso primeiro beijo, e quero que saiba que estou amando ser o seu primeiro. Pode até parecer machista, mas saber que serei o primeiro na vida da mulher que eu amo é bom *pra* cacete.

Ela sorriu e finalmente relaxou.

— Mas... — Ela fitou o meu rosto, estreitando os olhos. — Agora quem ficou com medo fui eu.

— Por quê?

— Eu nunca tirei a virgindade de nenhuma mulher, e se eu fizer besteira?

— Você é muito bobo, senhor Joshua Sarajevo. — Recebi uma tapinha no braço.

Ajeitei os cabelos dela, depois o meu paletó. E enquanto eu tentava arrumar a nossa bagunça, pensava. Estava falando sério, não sabia o que fazer, nunca fiquei de frente com uma virgem. E se eu a machucasse? Era melhor ir com mais calma, acho que a nossa primeira vez será muito tensa.

Meu celular tocou.

— Merda! — Olhei para ele e recusei a chamada. — Vamos, amor, eu preciso sair correndo, estou atrasado para uma reunião. — Saímos da suíte e ela me acompanhou até o carro. — Irei buscá-la no ensaio, não saia sem mim. — Eu a beijei apaixonadamente. Ela se virou para ir. — Vick. — Virou, encarando-me. — Amo você. — Recebi um lindo sorriso. Entrei no carro. Estava feliz.



9

Onde estava ela? Franzi a testa ao dar outra olhada em meu relógio de pulso. Uma vibração de expectativa tomou conta do meu corpo. Eu já estava há quase uma hora de pé diante do teatro, e nem sinal da Victoria. Liguei para seu celular umas quatro vezes, mas a ligação não completava. Será que ela resolveu me castigar? Fiquei mais nervoso do que nunca. Eu não tinha certeza se ela estava chateada por eu não ter podido almoçar com ela, ou por não ter conseguido chegar a tempo de acompanhá-la até aqui. Na verdade, estava incomodado porque não pude cumprir com o que havia prometido, e já estava me sentindo no dever de protegê-la como seu futuro marido.

Alguns minutos depois, a porta lateral do teatro, por onde saiam os funcionários e os artistas, se abriu. Alguns começaram a descer o pequeno lance de escadas.

Vários rapazes e moças saíram, menos ela. Alguém chamou o seu nome, mas não a vi. Inclinei a cabeça para o lado, curioso e tentando ver o dono da voz masculina que chamava o nome da mulher que era minha, mas não consegui ver o infeliz.

Aproximei-me alguns passos da saída. Já estava ficando preocupado com a sua demora. Será que o nosso encontro acalorado de logo cedo a afugentou? Será que fui apressado demais? Ela ficou tão tensa, mas notei também que não demonstrou arrependimento. Não, não fui com tanta pressa, ela queria o mesmo que eu. E no mais, eu tinha certeza de que ela gostou do nosso pequeno momento. Eu vi a reação do seu corpo, gostei da forma como seus olhos escureceram, e gostei especialmente como reagiu ao meu toque.

Victoria... Victoria...

Então, meus olhos se fixaram no alto, e seu corpo elegante saiu do espaço grande da porta. Ela ainda estava com o cabelo preso no alto da cabeça em um coque apertado, e era a visão mais bonita que eu já vi. Quando ela me viu e abriu um enorme sorriso, aquilo me bateu como uma flecha, direto no meu coração. Era como uma força dominadora agarrando minha alma e lutando contra o medo de perdê-la.

Eu precisava resolver isso, precisava acabar com esse medo, ela precisava ser minha por completo. A faria minha esposa o mais rápido possível. Estava decidido.

Hipnotizado, sorri para ela e acenei.

Seus olhos brilhantes não deixaram os meus enquanto ela seguia em minha direção. Não quis me mover, não queria quebrar o encanto. Engoli com força enquanto observava seus deliciosos lábios rosados, desesperadamente me perguntando se eu teria coragem de me afastar deles por muito tempo... Não, eu não teria, eles eram como alimento e como água.

Alguém a parou. Uma jovem loira. Elas conversavam sobre algo, e este algo roubou seu

sorriso. Outra jovem juntou-se às duas, e logo em seguida um rapaz, o que me deixou incomodado. Acho que senti ciúmes, coisa que nunca havia sentido antes.

Meu coração estava batendo em meu peito com tanta força, com tanto desespero, que até senti suor em minhas mãos. Tudo o que podia fazer naquele momento era olhar para ela e engolir aquela sensação de abandono. Não estava acreditando que uma mulher pudesse me fazer reagir assim.

Ela estava usando blusa rosada e um sobretudo amarelo que fazia seu rosto brilhar como o sol e os seus olhos como as estrelas. Ela era o universo inteiro. Eu estava abobado, claro que estava. Acho que os apaixonados ficavam bobos, pelo menos eu estava me sentindo assim, mas não me importava, ser bobo era bom demais. Agora entendia meu pai quando começava a cantar para mamãe aquelas canções melosas, todo fora do tom, desafinado e completamente desengonçado. O amor nos fazia criar coragem para sermos o que nunca pensaríamos que seríamos.

Um grande exemplo... eu. Acabei de virar poeta.

Minhas mãos começaram a tremer. Estou tremendo! Nem estava fazendo frio.

É sério, Joshua? Suas mãos nunca tremiam.

Eu as coloquei dentro dos bolsos do sobretudo.

Eles conversavam animadamente. Victoria, vez ou outra, olhava em minha direção. Acho que estava com medo de que eu perdesse a paciência e fosse embora.

Oh, futura esposa, eu nunca irei embora, sempre estaria à sua espera.

Uma das moças soltou uma gargalhada e o rapaz ousou tocar no ombro da minha Victoria. Eu quase me movi, mas minha linda bailarina afastou sua mão rapidamente e olhou para ele com um olhar de advertência, como se dissesse:

Ei, cara, tire a mão de mim, só quem pode me tocar assim é meu futuro marido e ele está bem ali. Cai fora, otário...

Eu sei, viajei, mas não sabia muito bem o que estava acontecendo comigo, desde que a conheci não tenho sido mais o Joshua de antes.

Ela voltou a olhar para mim, sorriu, piscou um olho e fez um gesto discreto com a mão, como se me dissesse para não sair de onde estava, porque ela já estava vindo.

Como se eu pudesse. Estava completamente imóvel, como se o céu tivesse jogado um caminhão de neve sobre mim.

Continuava olhando para ela, sentindo as palmas das mãos completamente encharcadas. Victoria entrou em meu mundo para me mostrar que eu não sabia nada sobre sentimentos, pois tudo o que pensava saber e entender desaparecera. Meu mundo agora era ela, somente ela. Eu a amava intensamente com cada célula do meu corpo. Precisava dela como precisava do ar, que nesse exato momento estava difícil de chegar até os meus pulmões, pois ela estava muito longe do meu corpo.

Acho que morrerei se ela demorar mais.

Ela leu meus pensamentos ou sentiu minha necessidade de ar. Beijou as amigas, acenou para o rapaz e, sorrindo, correu para os meus braços.

Minhas forças voltaram. Ganhei vida. Eu era um louco exagerado e apaixonado.

— Demorei, não foi? Não via a hora de terminar aquela conversa chata — disse rindo. Eu não queria saber, só queria sua boca para beijar.

Puxei-a, e meus braços cercaram o seu corpo. Eu a beijei sem me importar com o amanhã.

Deus! Seus lábios doces eram como o mais saboroso néctar dos deuses. Eu mal podia me mover. Era como se o mundo tivesse sido virado de cabeça para baixo. Ela se afastou, com dificuldade para respirar, e não disse uma palavra. Mas não precisava, eu sabia o que ela estava sentindo, o mesmo que eu.

— Toca aqui. — Ela pegou minha mão e a levou até o lado esquerdo do peito. — Sinta o que você faz com meu coração. É doido isso, não é?

— Não, não é, porque eu sinto o mesmo. Acho que nossas almas foram feitas uma para a outra, entende?

— Como isso é possível, Joshua? Como posso amá-lo com tanta força, se acabamos de nos conhecer? Isso está me deixando com medo.

— Não sinta medo, meu amor. Eu não posso explicar, acho até que nem explicação tem, é como uma necessidade crescendo dentro de nós. Uma necessidade de sermos um do outro completamente.

— Não o assusta? — Eu a beijei, precisava afastar dela qualquer emoção contrária que não fosse amor.

— Não, mesmo sendo tudo novo para mim, não me assusta, só me incentiva a dar o próximo passo. — Saímos andando, passamos em frente a um restaurante. — Com fome? — Ela assentiu. Entramos no restaurante, que estava vazio. Eu a ajudei com o casaco, depois despi o meu e entreguei ao rapaz sorridente que estava esperando que nos sentássemos.

Ele nos entregou o cardápio, nos deixando sozinhos.

— E qual é o segundo passo, senhor Joshua Saravejo? — Ela estava atenta à nossa conversa.

— Quer casar comigo? — perguntei rapidamente. Não sou homem de fazer rodeios, tampouco discursos.

Precipitado? Talvez, mas não tenho motivos para esperar meses para pedi-la em casamento. Não tenho dúvidas quanto aos meus sentimentos.

— Joshua! Enlouqueceu? — ela disse, olhando diretamente para mim com aqueles devastadores olhos lindos. Um calor correu rapidamente através de mim quando senti um pouco de ambiguidade no tom de sua voz.

Angústia e medo se misturaram. Angústia, porque talvez ela não tenha a certeza dos seus sentimentos em relação a mim. Medo de ela me dizer não. Não queria mais desperdiçar tempo, não pretendia e nem queria ficar longe dela, só de pensar nisso o meu sangue gelava.

Agora que a encontrei, nunca a deixaria escapar.

— Victoria, você me ama? Porque não tenho dúvida de que eu a amo, eu tenho certeza de que você é a mulher da minha vida, então, responda-me.

Ela me fitava, boquiaberta. Cada pelo do meu braço ficou de pé, em alerta com a expectativa de sua resposta.

— Eu o amo, mas não é muito cedo para pensarmos em casamento? E se você, de repente, descobrir que tudo não passou de um engano? Joshua, casamento é um assunto muito sério.

Como se eu não soubesse disso. Cresci em um lar onde presenciei constantemente o amor renascer todos os dias, onde o respeito, o carinho, os cuidados e a ternura eram jogados em nossa cara a cada respirar dos meus pais.

— Eu sei que casamento é um passo muito grande e posso garantir que estou pronto, mas não posso fazer isso sozinho. Só depende de você, não quero perder tempo com namoro nem noivado, eu quero viver ao seu lado, quero dormir e acordar com você e planejar o nosso futuro, juntos. — Segurei sua mão. — Então, quer se casar comigo?

Quando ela ia abrir a boca para responder, o garçom se aproximou. Pedi uma salada de legumes e peito de frango com creme de aspargos. Ele anotou e nos deixou sozinhos outra vez.

Victoria acariciou a minha mão, sorriu nervosa e se mexeu na cadeira.

— E para quando seria o nosso casamento? — Limpou a garganta antes de perguntar. Tenho certeza de que ela levaria um susto com a minha resposta.

— No máximo, em três meses...

— Enlouqueceu!? — Eu disse que ela levaria um susto.

— Não, já disse que não quero perder tempo.

— Joshua, tem noção do trabalho que dá para planejar um casamento? E do jeito que meus pais são... Esqueceu que sou filha única e que eles certamente sonham com um casamento de princesa para mim? Não que eu queira isso, mas tenho certeza de que eles levariam, no mínimo, uns oito meses para planejar meu casamento.

— Mas nem morto! Já disse, no máximo três meses, por isso tenho um plano.

E tinha mesmo, já estava tudo esquematizado em minha cabeça.

— *Oh, my God*, tenho até medo do que virá dessa sua cabeça. — Nosso jantar foi servido e esperei o garçom sair.

— Meu amor, nós dois faremos tudo sozinhos, e quando tudo estiver encaminhado, contamos para os seus pais...

— Joshua, eu ficarei viúva antes mesmo de me casar. O meu pai vai matá-lo se fizer isso. — Ela me encarava com os olhos arregalados. É, eu sou doido, sei que sou.

— Vick, seu pai não terá outra saída, a não ser aceitar. Preste atenção. — Ela começou a comer impacientemente. Comia um pouco e me olhava. Achei até engraçada a cena.

— Você é maluco, alguém já te disse isso? — Sorriu sem jeito. Acho que eu estava deixando minha futura esposa nervosa.

— Só me escute, se não quiser seguir o plano, não falamos mais sobre isso, ok?

— Tá, tá, explica logo esse seu plano mirabolante. — Ela revirou os olhos e empurrou o prato.

Acho que fiz minha linda bailarina perder o apetite.

— Ok, bem, dinheiro não é problema, eu tenho de sobra, então essa semana saímos para comprar seu vestido de noiva e o meu terno. Depois daremos entrada na papelada do casamento, escolhemos a igreja, e quanto ao local da festa, pode ser no hotel. Temos três salões para eventos e no maior cabem quinhentas pessoas. Para o buffet, posso contratar um dos dois chefes dos restaurantes do hotel. Será que seu pai vai convidar mais de quatrocentas pessoas? Porque meus convidados não passarão de cem. E então, o que acha?

— Quando foi que você planejou tudo isso? — Ela não estava muito confiante. Comecei a achar que estava sendo muito afobado.

— Agora mesmo, não foi muito difícil. — É, eu acho que o único entusiasmado sou eu, ela não estava se sentindo muito à vontade com a minha ideia. — Tudo bem, Victoria, esqueça tudo isso. Acho que estou forçando a barra, não quero forçá-la a tomar uma decisão tão importante assim. Esquece, deixamos tudo como está, você tem razão, eu sou doido e apressado.

— Você está falando sério mesmo... quer mesmo se casar comigo? — Deus, ela ainda duvidava do tamanho do meu amor.

— Vick, eu já disse que quando se trata de você, tudo o que falo é sério. Amo você, não existe um pingo de dúvida sobre isso.

— Aceito...

— Como? — Engasguei-me.

— Aceito me casar com você.

Ela era muito corajosa, eu sei que ela devia estar morrendo de medo de entrar nessa minha ideia louca, sei que seus medos eram reais, afinal ela mal me conhecia, só sabia que eu era o dono de uma rede de hotéis cinco estrelas. Mas com certeza ela havia pesquisado sobre mim e sobre a minha família, sendo assim, sabia que eu tinha uma reputação a zelar e não brincaria com algo tão sério. Afinal, o que eu ganharia a enganando?

— Jura!? Meu Deus! Vem cá. — Eu me levantei e me ajoelhei, segurei sua mão e olhei diretamente em seus olhos. — Victoria Carter, eu prometo amá-la por toda a minha vida. Prometo passar cada milésimo de segundo da minha vida fazendo-a feliz e prometo ser só seu e dos nossos filhos. Amo você, minha linda bailarina.

E as poucas pessoas que estavam no restaurante ficaram de pé e aplaudiram aquela ridícula declaração improvisada de amor. Levantei-me e agradeci, gesticulando. Puxei-a para os meus braços e a beijei.

— Você é doido, Joshua Saravejo. Doidinho. — Sorriu, juntando nossos lábios.

Ela era tão jovem e inocente, mas tão segura de si. Eu vi nos seus olhos que era isso que realmente queria. Ela não estava sendo induzida pela minha loucura de fazê-la minha de todas as maneiras.

O garçom nos trouxe champanhe, e eu fiz questão de distribuir entre todos os que estavam no local, inclusive com os próprios funcionários. Por fim, brindamos a nossa felicidade. Saímos do

restaurante e eu pude finalmente respirar fundo enquanto caminhávamos abraçados em direção ao carro. Eu me sentia muito poderoso agora. Não me importava o quanto vulnerável eu ficava por amá-la tanto assim. Eu sei que ela poderia me despedaçar simplesmente se me deixasse. Ela poderia esmagar meu coração com apenas um simples adeus.

— E agora, amor... — Ela me chamou de amor. Nossa, quase explodi de felicidade. — Joshua — olhou para mim —, qual será o nosso próximo passo? — Ela continuou quando eu não disse uma palavra. Eu não poderia, mesmo se tentasse.

Meus pensamentos estavam em outra dimensão. Já estava nos imaginando casados. É, não sou mais o mesmo, se meu pai me visse agora diria que não estava em meu juízo perfeito.

Limpei a garganta e me ajeitei no banco do carro sem tirar meus olhos da avenida.

— Comprar seu anel de compromisso e as nossas alianças. Você tem algum anel para que eu possa levar ao joalheiro?

Ela assentiu com a cabeça.

— Serve esse? — Me mostrou o pequeno anel de coração que enfeitava seu dedo anelar. O retirou do dedo. Abri a minha carteira e ela o colocou dentro dela. — Ainda não consigo acreditar que estamos fazendo isso. É muito louco, nem em filme as coisas acontecem tão rápido assim. São apenas dois dias, Joshua, dois dias, e já estamos planejando nosso casamento.

Um pensamento libertino passou rapidamente em minha cabeça maliciosa. Se ela soubesse o que eu queria neste momento, talvez ela desistisse de se casar comigo, ou talvez não. Se o desejo dela fosse igual ao meu, ela com toda certeza aceitaria a minha outra proposta. Eu queria levá-la para minha suíte, arrancar suas roupas e terminar o que começamos pela manhã.

— Quando meu pai descobrir, nem quero imaginar o que ele fará com você. — Respirou fundo. — E se ele proibir o nosso romance? Eu não aguentaria ficar longe de você — articulou, com a voz trêmula.

Partiu meu coração vê-la tão assustada.

— Vick, ele não fará nada disso. — A bem da verdade, eu não tinha tanta certeza, o Carter era um superprotetor fodido e filho da puta, para protegê-la de caras loucos feito eu ele faria isso, sim, porque se ela fosse minha filha eu daria um tiro entre os olhos do sujeito. — Mas se fizer, eu roubo você e nos casamos em Las Vegas, pronto.

Eu poderia facilmente fazer isso, até nesse exato momento. Eu enfrentaria até o Criador se ele, por acaso, resolvesse se meter entre nós.

Olhei para ela rapidamente, e ela virou o rosto para encontrar meu olhar.

— Falo sério, futura senhora Saravejo.

Ela explodiu em risos, mas o olhar continuava em minha direção. Parei o carro. Entreguei a chave para o manobrista e a ajudei a descer.

— Eu não duvido, meu futuro marido. Você é louco, mas caso pense em fazer isso, precisaremos fugir para bem longe, pois já lhe disse que não quero ficar viúva. Papai o mandaria direto para o inferno.

— Então acho melhor mantermos em segredo nosso plano maléfico, se quisermos morrer bem velhinhos.

Ela soltou uma gargalhada. Entramos no lobby no hotel.

— Boa noite, John! Pretende morar no hotel, meu velho? — brinquei com ele.

— Depende do quarto que o senhor me oferecerá. — Ele piscou um olho para Victoria. — Boa noite, senhorita Victoria!

— Boa noite, John. — Ela sorriu timidamente. Seguimos para o elevador.

— Amanhã escolha a loja que quer comprar o seu vestido. Não fique envergonhada, eu quero que seja a noiva mais linda do século, portanto, nada de economizar. E veja as igrejas, selecione umas três, precisamos de opções para o caso de não conseguirmos na data desejada.

Chegamos à cobertura. Antes de seguir para o corredor que levava à sua suíte, eu a encostei na parede e roubei sua boca, beijando-a com extrema ousadia. Estava vazando de desejo e me segurando para não lhe fazer uma proposta indecente.

— Joshua, você me deixa tonta — ofegou e voltou a me beijar, suas mãos envolvendo minha nuca e o seu corpo se contorcendo sutilmente em volta do meu.

— Eu já estou mais que tonto, Vick. Quero tanto você, não aguento mais esconder meu desejo. — Afastei o rosto e encarei seus olhos. Eles refletiam... desejo.

Voltei a beijá-la e forcei meu corpo contra o dela, a dureza do meu desejo pulsava na altura do seu umbigo. Ela soltava pequenos gemidos em minha boca, o que me deixava muito mais excitado. Não dava mais para continuar com esse namoro juvenil. Não erámos mais adolescentes, eu necessitava de mais e sabia que ela sentia o mesmo.

Não podia deixar de admirar seu autocontrole, e o meu também, pois se fosse com outra mulher, eu já teria provado o seu corpo em todos os ângulos e sentidos. A esta hora estaríamos completamente nus, experimentando todo tipo de libertinagem

— Amor, acho melhor... — Sua mão tocou meu peito, afastando-me. Ela tinha razão, eu já estava tão duro, que nem meu paletó esconderia o tamanho da minha ereção. — Desculpe, eu sei que está acostumado...

— Ei, nada de comparação. Não quero outra mulher, e você tem razão, aqui não é lugar para demonstrar o tamanho do tesão que sinto por você — disse, mirando fixamente a imensidão do seu olhar cor de mel.

— Joshua, eu sei que sou inexperiente, mas não sou uma geladeira. Às vezes tenho medo de não resistir a você e fazer coisas em lugares não apropriados, tipo aqui...

Oh, futura esposa, não fale assim, porque eu juro que levarei você para meu quarto e hoje mesmo a faço minha.

— Vick, desde o nosso encontro da manhã que tenho intenções libertinas com você. Se soubesse as coisas safadas que quero fazer...

Juntei minha testa na sua e ela fechou os olhos. Rocei meu corpo lentamente no dela. Seus lábios se entreabriram e de lá saiu um gemido. Mordi sua pele delicadamente.

— Diga, diga no meu ouvido o que quer fazer comigo. Por favor, diz...

Ela estava me provocando, e não sei se iria levá-la para suíte de seus pais, não depois do que direi em seu ouvido.

— Eu quero deslizar meu pau em sua vagina apertada todas as manhãs e todas as noites e ouvi-la gemer meu nome a cada estocada. Quero chupar sua boceta enquanto meus dedos brincam com seu buraquinho traseiro, até você gozar...

— *Oh, God!* E... e eu quero que você faça tudo isso em mim... Joshua, acho que não sinto minhas pernas. — Tracei meu braço em volta de sua cintura e a segurei. Ela falava sério, as minhas palavras libertinas a deixaram em estado de êxtase.

— Vick, respire. — Beijei sua testa. — Melhorou?

— Viu, eu sou uma boba, quase gozei só com suas palavras. Que vergonha.

— Vergonha, por quê? Olhe para a frente da minha calça, vou precisar correr para o banheiro e me aliviar com a mão. Não tenha vergonha de desejar o homem que ama. — Apertei seu corpo trêmulo. Ficamos abraçados por alguns minutos, até perceber que tanto ela quanto eu já poderíamos andar com nossas próprias pernas. — Consegue andar?

— Sim. — Ajeitei meu pênis na calça, segurei sua mão e seguimos para a suíte.

— As mulheres levam vantagem — disse, tentando descontrair a tensão. — Elas conseguem esconder a excitação, mas nós, homens, não. — Mostrei a minha ereção marcada na calça.

— Nossa, Joshua! Isso não vai caber em mim. — Não resisti. Não tinha como, gargalhei. Em troca recebi um tapa.

— Ai, isso dói. — Beijei sua mão. — Tenho certeza de que caberá tudinho, mocinha.

Ela abriu a porta do quarto e eu a beijei outra vez. Antes de ir, lhe entreguei algo.

— Se durante a madrugada perder o sono e quiser me visitar, você já tem a chave. Vou adorar tê-la entre os meus lençóis. Boa noite, futura esposa. — Ela nada disse, apenas guardou o cartão na bolsa.

— Boa noite, futuro marido. — Deixei a porta se fechar e fui embora. De pau duro.



10

Segui para minha suíte, completamente eufórico. Hoje o dia tinha sido completamente atípico. Quando eu me imaginaria estar planejando meu casamento, e em uma corrida tão curta de tempo? Sim, estava cativado, completamente à mercê dela.

Entrei no quarto, joguei minhas coisas sobre a mesa. Precisava de uma bebida, talvez duas doses. Estava excitado demais, precisaria de uma ajudinha para me deitar e dormir. Desfiz o nó da gravata e a joguei longe. O paletó e a camisa tiveram o mesmo destino, e com o pé retirei um sapato, depois o outro. Dei um gole na bebida, enquanto desafivelava o cinto. Abri o botão da calça, desci o zíper, livrei-me dela e depois da cueca. Nu, de pau duro, me joguei no estofado. Enquanto bebia o uísque, me tocava e pensava nela. E quanto mais minha mão se movia sobre a minha ereção, mais dura ela ficava.

Victoria...

Deixei o copo sobre a mesa de centro e joguei a cabeça para trás, me concentrando nos movimentos dos meus dedos em meu membro duro.

Porra...

Minhas bolas estavam doloridas de tanto tesão. Movi a mão mais rápido, e logo saiu um grunhido de liberação, a palma da minha outra mão cobriu a cabeça do meu pau evitando que meu gozo se espalhasse pelo carpete. Meu coração estava muito acelerado, minhas pernas trêmulas.

Era foda ter que se satisfazer sozinho.

Corri para o box e entrei embaixo da ducha. Nem sei quanto tempo fiquei com a nuca recebendo os jatos fortes da água quente. Voltei para o quarto, e nu, me joguei na cama, cobrindo-me com o edredom e a colcha grossa.

Joguei os braços para cima e pus as mãos embaixo da nuca. Imediatamente, a imagem do lindo rosto de Victoria surgiu em meus pensamentos. Eu podia vê-la perfeitamente, seus traços delicados, sua pele de porcelana, seus olhos brilhantes.

Podia olhar para o seu rosto por horas, por dias.

Só de pensar em sua boca, meu corpo reagia imediatamente. Já imaginava aqueles lábios macios em torno do meu pênis...

Acalme-se, Joshua, sua futura esposa é virgem. Vá com calma, tenho certeza de que ela sequer tocou em um pênis, quanto mais ter colocado um na boca.

Queria tanto que ela estivesse aqui, envolvendo-me, sentindo cada parte de meu corpo.

E foi pensando nela que adormeci...

Um barulho me acordou. Ainda sonolento, me sentei na cama. Pisquei os olhos, acostumando-me à pouca luz.

— Quem está aí?

Uma sombra surgiu e logo em seguida percebi uma pessoa no quarto. Liguei o abajur. Minha respiração se trancou na minha garganta quando olhei a figura de pé diante de minha cama. Pisquei os olhos, só podia estar sonhando.

— Victoria! — sussurrei. Ela sorriu. — Estou sonhando? — Sorri de volta.

A vista deslumbrante da sua figura feminina, em um robe de banho, olhando-me com os olhos mais intensos que eu já vi, isso me deixou ofegante, paralisado, fazendo-me esquecer até de respirar.

— Se o senhor Saravejo estivesse sonhando, como gostaria de me ver? — Ela estava me provocando, e não se provoca um homem faminto em seu próprio território.

— Nua — disse, sem tirar os olhos dela, mesmo quando percebi que ela tocou o laço do roupão.

— Então, seja feita a sua vontade —ela articulou, baixou os cílios e soltou o laço, deixando o roupão cair aos seus pés.

Nua em pelo... Eu me sentei, engoli a saliva, pisquei, lutei para não sair da cama e correr, e de pé mesmo fazê-la minha. Não, não, seria animalesco demais, ela precisava de calmaria.

Será que no estado em que me encontrava eu poderia ser calmo?

Ela voltou a me encarar, seus braços estavam jogados ao lado do corpo. Estava frio no interior do quarto, e olhei para os seus seios, os bicos estavam rijos. Com certeza não era só de excitação, ela estava com frio.

— Eu não conseguia dormir, então resolvi aceitar seu convite... — Fez uma pausa. Ela esperava minha reação, mas eu mal conseguia respirar, quanto mais falar. — Se... se quiser, posso ir embora. — Ela se virou, mas nem a pau que eu a deixaria ir embora. Na velocidade da luz, pulei da cama e a agarrei.

— Nem pensar! Pode esquecer de ir embora, meu amor. Se eu estiver sonhando, não quero nunca mais acordar.

Ela ficou rubra quando percebeu que eu também estava nu. Meu sexo ereto estava apontado para seu ventre, babando feito um lobo insano.

— Já que está aqui, darei a você o que veio buscar — articulei em uma voz profunda e arenosa. Percebi que ela engoliu lentamente, amaciando a garganta enquanto escutava minhas palavras.

— E o que vim buscar, senhor Saravejo? — Ela estava me provocando. Encostou os seios nus em meu peito e sutilmente os roçou. Meu pênis cutucou seu ventre, e ela abriu os olhos, alarmada. Seus cílios baixaram, e depois ela voltou a me encarar. Sorri levemente.

— O que veio buscar está na sua frente, futura esposa, nu e pronto para o seu uso. — Baixei

meus olhos, fitando meu pênis. Voltei meu olhar para seu lindo rosto e sorri.

— Então eu posso pegar o que é meu?

Oh, linda bailarina... pega logo, me joga na cama, me usa e abusa que eu estou pronto para isso.

— Deve. — Deixei minha boca bem próxima da dela. Eu poderia beijá-la se quisesse, e eu queria, mas não beijaria, ela teria que tomar a iniciativa. — Está esperando o quê? — desafiei.

Tocou meu peito, delicadamente. Alisou com as pontas dos dedos a minha pele, como se fosse a pontinha de sua língua. Já podia sentir aquilo. Estava começando a perder o controle. Essa garota estava me deixando louco.

Meu pênis estava tão duro que eu poderia quebrar as paredes do hotel com ele. Ela parecia nervosa e mal respirava, assim como eu, e com nossas bocas tão próximas, nossos corpos tão colados, parecíamos duas estátuas.

Então, ela olhou fixamente para mim, passando levemente a língua entre os lábios. Eu não consegui resistir; me inclinei um pouco mais, tomando seus lábios com um beijo faminto. Ela gemeu enquanto eu mergulhava minha língua profundamente em sua boca, explorando cada milímetro delicioso antes de me afastar.

— Vick, você sabe o que acontecerá aqui, não sabe? — Ela apenas balançou a cabeça. —Você será minha, e depois de hoje nunca mais sairá do meu lado.

— Não quero estar em nenhum outro lugar — sussurrou.

Eu a peguei e puxei com força contra meu corpo, esmagando meus lábios contra os seus mais uma vez. Ela gemeu enquanto roçava em meu sexo duro com seu ventre liso.

Nunca tinha beijado uma mulher como a estava beijando. Como era possível haver tamanho sentimento como o que estou sentindo por ela? Eu queria que esse beijo durasse para sempre.

Quando finalmente me afastei, seus dentes puxaram meu lábio inferior, não querendo que eu me afastasse.

Ela era tão perfeita.

Suas mãos na frente do meu peito, alisando-me, e seu olhar quente acariciando meu rosto. Ela estava nervosa, muito nervosa, mas não precisava ficar. O único que deveria ficar nervoso seria eu, pois não tinha ideia de como deveria me comportar com uma virgem.

Nunca fiquei com uma, geralmente as mulheres já vinham preparadas para a minha cama. Nem a minha primeira vez foi com uma virgem. O medo de machucá-la me aterrorizava.

— Amo você.

Meu membro reagiu quando eu arrastei meus olhos para baixo, admirando seu corpo. Respirei pesadamente e sentei-me na cama, enquanto a admirava nua. Estava lutando contra a minha vontade de jogá-la na cama, mas freei meu impulso. Esta era a primeira vez dela e eu tinha que ser lento e delicado. Não sei se conseguiria, tinha minhas dúvidas, mas precisava valorizar cada segundo deste momento. Afinal, ela esperou por tanto tempo por isso, e eu deveria lhe dar a melhor noite de sua vida. Ela precisava saber que eu era o homem certo em todos os quesitos.

— Diga-me o que quer de mim agora, Vick.

Porra, eu já estava quase gozando só com a visão do seu corpo nu.

Ela respirou fundo e olhou diretamente para meu membro. Seus lábios estavam entreabertos e os desejei me chupando. Eu sei que não podia ser exigente, ela talvez nem soubessem fazer um oral. *Talvez*, não. Olhando para seus olhos nervosos, tive certeza de que ela não sabia.

— Vick, responda. Estou aqui para servi-la, farei o que quiser. — Ela olhou outra vez para meu membro duro e lambuzado com meu líquido gelatinoso. — Quer tocá-lo?

Timidamente, ela balançou a cabeça em afirmação. *Porra!* Eu estou muito fodido, nunca passei por isso.

— Venha aqui. — Eu pensei que ela ficaria reticente, mas fui surpreendido com sua pressa quando caiu de joelhos entre as minhas pernas.

— Posso mesmo fazer o que quiser com ele? — *Oh, Deus! Ela quer me matar*. Sem condições de falar, apenas assenti. Sua mão cobriu meu eixo, e ao sentir o calor do toque precisei puxar o ar e inclinar a cabeça para trás, gemendo, quase gozando em seu rosto.

— Eu quero muito fazer isso, mas só não sei se farei certo — articulou quase salivando, olhando para minha ereção pulsante, quando senti sua mão a cercando.

Segurei a respiração e suspirei quando ela começou a me acariciar lentamente, quase me matando. Tentava buscar controle, não queria gozar tão cedo, especialmente depois de tantas punhetas que fui obrigado a bater.

Ela passou o polegar sobre a pequena abertura do meu membro e espalhou minha viscosidade. Lambeu os lábios e eu fiquei louco, queria aquela boca cobrindo meu sexo. No entanto, eu me lembrava que ela era inexperiente e não podia exigir muito do seu desempenho.

— Vick, abra os lábios e toque-o. Sinta-o e faça o que sentir vontade, só não use os dentes.

Ela abaixou a cabeça e meu peito apertou quando senti seus lábios escorregando na cabeça do meu eixo. Ela gemeu quando o lambeu e isso me fez quase gozar.

E quando eu pensei que iria se afastar, ela empurrou a boca sobre ele, engolindo meu membro profundamente. As sensações que passaram através de meu corpo me levaram ao céu. Eu poderia morrer feliz agora. Ela voltou a me engolir e movia a cabeça freneticamente para cima e para baixo, até que senti seus dentes em minha carne sensível e foi impossível não soltar um grito. Doeu, pensei até que ela havia me cortado. Afastei sua cabeça e segurei meu membro, apertando-o e fechando meus olhos de dor.

— *Oh, my God!* Eu mordi você, Joshua! Machucou, Joshua? — Ela me sacudia, trêmula e quase chorando.

— Futura esposa, acho melhor deixarmos essa parte para depois, a não ser que queira se casar com um eunuco. Cacete...— Ela já ia se levantar, então eu a puxei para cama, jogando-me por cima dela. — Não fique triste, teremos tempo para que possa lhe ensinar tudo o que precisa saber. Vá por mim, logo estará apta para todas as sacanagens que quiser fazer comigo, mas agora quero fazer umas em você.

Ela soltou um longo gemido quando a virei de costas na cama e escorreguei meu corpo para baixo, espalhando beijos em sua pele arrepiada.

— Agora é a minha vez de sentir seu gosto.

Seu corpo se endureceu, arqueando-se, quando agarrei as bochechas macias de sua bunda com um aperto firme e a puxei para mim.

— Joshua, assim você me deixa louca.

Ela soltou um gritinho de surpresa quando enterrei meu rosto entre suas pernas, dando uma longa e lenta lambida em sua vagina.

— *Oh, God!* — ela ofegou e seu corpo se derreteu quando sentiu o calor de minha língua.

Minha boca e língua saboreavam o calor da sua umidade. Eu me deliciava em suas dobras escorregadias, lambuzando-me do seu mel, fodendo sua pequena abertura com a minha língua ensandecida. Seu cheiro e gosto estavam me deixando louco. Soquei minha língua dentro de sua abertura várias vezes, e a cada vez ela gemia alto. E quando deslizei a língua em seu clitóris, ela cravou suas unhas em meus ombros, arqueando-se completamente, gemendo de prazer e delirando, enquanto seu corpo se agitava com as convulsões involuntárias.

—Oh, Joshua! — Ela gemia enquanto gozava em minha boca, derramando seu prazer em minha língua e lábios.

Paixão? Foda-se a paixão. Não havia nada mais intenso do que o amor, não havia nada mais extraordinário do que essa sensação que estava sentindo agora. Se havia um paraíso, então estava nele. Eu a amaria a cada segundo da minha vida, extraordinariamente.

Seu corpo ficou lânguido com a força do seu orgasmo, e acho que ela nunca teve um igual a este. Eu a segurei em meus braços e lhe dei um beijo suave na testa. Olhei para seu rosto marcado pela sensação prazerosa que acabara de sentir, e apertei seu corpo trêmulo em meu peito, beijando seus cabelos e sentindo o cheiro do seu sexo em meu nariz.

— É isso que chamamos de orgas...? — Ela mal conseguia falar.

— Orgasmo? — completei, sorrindo enquanto segurava seu corpo nu contra o meu. — Sim, um dos muitos que proporcionarei a você, em todos os dias e noites de nossas vidas.

— Vou morrer! Nossa, isso foi incrível — disse com uma risada ofegante.

Eu a embrulhei com meu corpo, jogando-a de volta no colchão. Seus olhos sorridentes me fitaram e lhe dei um beijo longo nos lábios.

— Isso foi apenas o começo da nossa noite, está preparada para recomeçar? —articulei, fitando-a seriamente. Precisava saber se ela estava certa de que queria mesmo ir adiante. Pois não teria volta.

— Sim — ela respondeu imediatamente.

— Vick, farei amor com você agora, e depois de hoje, sua vida estará entrelaçada à minha. Não haverá volta, você será minha em todos os sentidos, entende isso? — disse, enquanto cobria seu corpo com o meu, alisando seus cabelos, beijando sua testa, nariz, bochechas, queixo e lábios. Uma das minhas mãos acariciava seus seios e os meus dedos brincavam com seus mamilos.

Minha mão escorregou e alcançou sua vulva macia, sedosa. Meus dedos brincaram entre suas dobras, escorregando até encontrar seu clitóris, enquanto minha boca a beijava com carinho para acalmar seu corpo que tremia a cada toque dos meus dedos em sua intimidade.

Ela respirava com dificuldade, mas seu olhar não se afastou do meu. Olhava para ela com extrema veneração. Seus lábios inchados por meus beijos afoitos, bochechas rubras pelo calor de sua excitação... Ela era linda demais.

— Vou entrar em seu corpo com meu pau duro, Vick. Vou quebrar seu lacre, empurrarei ele todo bem fundo para não restar nenhuma dúvida de que você será minha para sempre — disse sorrindo, enquanto ela me olhava vidrada com cada palavra suja que saía da minha boca. Acho que não estava conseguindo ser um cavalheiro. — Serei delicado, farei o que puder para que não sinta dor, mas isso será só no começo, pois com a fome que estou sentindo, com a vontade de fazer amor com você, a delicadeza irá para o inferno. Então, se prepare, porque irei com a força do meu amor para dentro do seu corpo. Serei bruto e perigoso, até que você sinta uma grande necessidade de gritar meu nome, entendeu?

— Entendi. Faça amor comigo, lento e duro, com força... eu quero ser sua mulher.

— Então que seja, vou pegar o que é meu e darei o que é seu. Pronta para ser minha?

Ela abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Não podia se concentrar, pois minha mão estava entre suas pernas, e o meu dedo fazia um movimento em sua entrada molhada e apertada. Movia-o para dentro e para fora, e ela apertava os olhos, não sei se de dor ou de prazer. Eu começava a duvidar se meu membro caberia ali dentro, era tão pequeno e apertado que eu iria machucá-la e iria doer. Porra, será que conseguiria romper o seu lacre?

— Meu amor, se doer muito, podemos parar e continuar outro dia, certo? Prometa-me que pedirá que eu pare, caso esteja doendo. Prometa-me.

— Joshua, estou pronta para você, mas prometo que se doer muito pedirei que pare.

Era tudo o que precisava ouvir. Sorri quando fiquei de joelhos e agarrei suas pernas, puxando-a para mim. Ela soltou um gritinho e eu aproveitei, estiquei meu braço e abri a gaveta da mesinha do lado da cama, lá sempre tinha um pacote de preservativo. Peguei um, rasguei a embalagem e vesti meu membro, depois o lubrifiquei entre a dobras molhadas de sua pequena e apertada vagina.

— Não é só você que está nervosa, acho que estou mais. — Ela sorriu, acho que de nervoso. — Amo você.

Ela estava tão molhada, mesmo assim precisava manter a calma. Guiei a cabeça do meu membro para sua abertura, separando suas dobras molhadas enquanto escorregava nela. Ela arqueou as costas e gritou quando afundei, flexionando o corpo. O susto do seu grito me fez parar, a glande mal tinha entrado e já estava doendo, imaginei quando fosse todo o comprimento. Não, isso não daria certo, era quase um empata-foda.

— Joshua, foi só o susto, estou bem. — Ela era corajosa. Estava tremendo e suando, parecia que estava sob o sol escaldante de Salvador.

Relaxei, respirei e continuei empurrando lentamente, sem desviar os olhos do rosto dela. A qualquer indício de dor eu pararia. As paredes de sua vagina apertaram meu membro, e quando

encontrei o pequeno obstáculo, seu hímen, fitei-a. Ela também estava suando, certamente estava doendo, porque doía em mim também. Eu sabia que se continuasse não teria como parar, pois estava fodido de tanto tesão. Empurrei mais um pouco; ela franziu a testa. Porra, e agora? Então, tomei sua boca e a beijei duramente, enquanto empurrava meu membro contra a pequena membrana que seria rompida e faria dela minha mulher.

Victoria, ao sentir a invasão, contorceu o corpo e soltou um gemido de dor, agarrando-se a mim. Eu parei, deixei-a respirar, tomar fôlego. Estava quase enlouquecido. Ela voltou a me beijar com mais vontade, então criei coragem e me afundei em seu corpo. Ela choramingou com a dor, mas logo depois se moveu com timidez, e isso me incentivou. Comecei a me mover lentamente, e quando vi que já podia ir profundamente, me enterrei até sentir o encaixe completo. Estávamos acoplados, erámos uma só pessoa.

Certamente ela ainda sentia dor, mas o prazer estava se construindo entre nossos corpos e a dor era a menor de nossas preocupações, pois, por incentivo dela, comecei a mover para dentro e fora. Os seus gemidos, que começaram, tímidos se tornaram mais audíveis.

Eu me ergui um pouco sobre ela enquanto meus lábios procuraram seus seios. Ela gemeu e se contorceu sob mim, arqueando as costas enquanto eu beijava e sugava seus mamilos, provocando-os com a língua e endurecendo-os ainda mais.

Seu corpo relaxou e sua vagina se acostumou ao meu tamanho, então eu pude finalmente deixar minha vontade pelo seu corpo extravasar. Minhas estocadas foram de leves a mais rápidas e duras, até que os seus suspiros se tornaram gemidos altos e seu corpo se arqueou, exigindo que metesse com mais força.

— Agora você é minha, minha mulher — rosnei em seu ouvido. — Eu a foderei sempre, Vick. Sempre que quiser, seus desejos serão uma ordem.

—Sim! — Ela gemeu, agarrando-me, exigindo mais força. — Mais forte, amor. Por favor, eu preciso senti-lo lá no fundo. — Empurrei, entrando e saindo. No silêncio do quarto só escutava o bater dos nossos corpos e os nossos gemidos.

Desesperado, roubei seus lábios, beijando-a com violência. Enquanto aumentava o ritmo em que entrava e saía, sua boceta molhava meu pau com seu prazer.

Ela mordeu meu lábio inferior e envolveu as pernas ao redor do meu corpo, enganchando seus tornozelos para que eu não pudesse escapar. Como se eu quisesse ir para algum lugar. Nunca mais deixaria aquele calor enlouquecedor.

— Não pare, por favor, não pare. — Ela gemeu, me puxando para mais perto. — Mais forte! Mais forte, amor, eu posso aguentar.

Entrei nela com um forte impulso e ela gritou em êxtase. Ela ia me enlouquecer. Agora ela teria que suportar a força do meu desejo, porque não podia mais parar... então aumentei o ritmo, batendo forte. Se a cama não fosse tão robusta ela se moveria pelo piso do quarto.

— Eu a amo, Victoria Saravejo. Amo com toda a força do meu ser. — Ela se agarrou ao meu corpo.

— Eu também... também o amo, senhor Saravejo. *Oh, God!* — gritou. Seu corpo começou a

tremer como se estivesse perto do êxtase pleno. Seus gritos desesperados saíram do fundo de sua garganta. Ela ia gozar, e eu também.

— Goze comigo, meu amor. — Minha respiração acelerou. Não conseguia pensar direito.

— Joshua, Joshua... o que é isso... isso... que estou... sentindo? — Ela embaralhava as palavras.

— Saciedade... isso é o prazer absoluto. — Eu a beijei.

E apertei seu corpo ao meu quando o êxtase veio com toda a força, nos deixando devastados. Grunhi quando empurrei tudo para dentro dela uma última vez, o mais forte que pude. Fiquei lá dentro enquanto seu calor me envolvia e atirava jatos quentes do meu sêmen dentro do preservativo.

Ela gozou ao mesmo tempo que eu, gritando quando seu orgasmo a levou às lágrimas, tremendo em meus braços. Não sei por quanto tempo fiquei por cima dela, mas quando caí para o lado e olhei para ela, testemunhei a visão mais linda que já tinha visto.

Linda, bagunçada, rubra, suada e minha.

Não resisti e a envolvi em meus braços. Ela também se enrolou em mim e isso foi tão infinitamente prazeroso que achei que meu coração iria explodir.

Ela raspou o rosto em meu peito enquanto a apertava, descansando minha bochecha no topo de sua cabeça. Cobri seu corpo nu e cansado, pois não tive coragem de chamá-la nem de levá-la para um banho. Ela estava tão quieta, respirava levemente, e eu só queria protegê-la, mimá-la. Ainda estava tentando entender esse sentimento repentino, mas fosse o que fosse, eu sabia que era algo divino e eu não o jogaria fora. A abracei um pouco mais e sorri.

Agora ela era verdadeiramente minha, e ninguém a tiraria de mim, nem mesmo o Criador.



11

Deslizei a mão sobre o travesseiro à procura do corpo macio da minha linda mulher, mas o que encontrei foi o vazio. Não, não foi um sonho erótico, não sou o tipo de homem que sonha fazendo sexo. Foi real, ela estava aqui em meus braços. Levantei-me, e mesmo na pouca luminosidade, cambaleei, procurando por ela.

— Victoria?

Quanto mais rápido eu me aproximava da sala, mais meu coração acelerava. Não podia ser, não estava sonhando. Lutava contra o meu desespero, pois eu me lembrava de cada momento entre nós dois. Foi incrível.

— Vick... amor?

Não havia indícios na sala de que ela esteve aqui, mas ela esteve... Voltei para o quarto. Então, vi uma luz através da fresta da porta do banheiro. Fiquei calmo. Vesti um roupão e fui até lá. Abri a porta e a encontrei penteando os cabelos.

*Não foi um sonho, d*isse em pensamento, observando seu corpo lindo, já vestido. Ela estava usando um conjunto de moletom negro. Não lembrava daquela roupa, quando ela apareceu ontem à noite não estava vestida com ela.

Ela estava nua.

— Ei, onde pensa que vai? Tire esta roupa e volte para a cama. — A agarrei pelas costas, circulando os braços em sua cintura e beijando seu pescoço.

Ela se virou para mim com os mais belos olhos brilhantes que eu já vi em toda a minha vida.

— Para meu quarto — sussurrou para mim. Voltou a se olhar no espelho, escovando os cabelos.

— Não, aqui também é o seu quarto. — Beijei seu pescoço outra vez.

— Eu preciso ir, amor, antes que o papai acorde. — Ela virou a cabeça e beijou meu rosto. Estava tão linda, tão minha, tão sedosa. Fiquei excitado e ela percebeu. Olhou em direção à frente do roupão e sorriu com um olhar cintilante.

— O que foi? Eu fico excitado só de olhar para você, então, vamos voltar para a cama? — Tentei tirá-la do chão, suspendendo seu corpo com a força dos meus braços.

— Eu quero, quero muito fazer amor novamente, mas como eu disse, preciso voltar para meu quarto. Não quero ter que dar explicação de onde estava, caso papai me encontre entrando de mansinho a esta hora na suíte.

— Vick, seu pai está dormindo, ele nem vai notar...

— Você que pensa, aquele lá acorda cedo. Não, acho melhor eu ir.

Olhei para a janela — que era mais uma pequena abertura — do banheiro e vi que estava escuro. Não sabia que horas eram, mas ainda era noite.

— Amor, ainda é noite, podemos ficar um pouquinho mais juntinhos. Vem... vamos *pra* cama.

— Quando eu me levantei eram três da manhã, então é melhor eu ir, meu pai acorda com as galinhas. — Ela estava irredutível, e acho que não voltaria atrás. Fiz uma cara de pobre coitado. — Joshua Saravejo, não faça essa cara. Prometo que você me terá todas as noites em sua cama a partir de hoje, mas com uma condição: tenho que voltar para meu quarto antes de amanhecer, ok?

Que remédio eu tinha? Era isso ou ficar sem ela até o dia do nosso casamento.

E só de saber que em muito breve a teria em um lugar onde seria minha e onde ninguém jamais poderia tirá-la de mim, ficava satisfeito. E, sim, eu poderia abrir uma exceção.

— Você sabe que está indo contra a minha vontade, e por este motivo apressarei ainda mais o nosso casamento.

— Seu louco, se depender de você nos casamos amanhã.

Oh, futura esposa, se eu pudesse eu me casaria hoje. Agora. Já.

— Não duvide. — Eu a virei de frente para mim e não perdi tempo, minha boca cobriu a sua, e o que pude fazer para demorar o beijo eu fiz. Só a soltei porque ela ficou ofegante.

— É sério, amor, preciso ir. — Ela se afastou, e eu me senti um cachorro abandonado.

— Vou levá-la, é só o tempo de vestir uma roupa...

— Não. — Ela parou meus passos. — Acho melhor não, e não é tão longe o seu quarto do meu. Ninguém vai me sequestrar no caminho, senhor controlador. — Ganhei um beijo e um carinho no rosto.

— Hoje vamos escolher seu vestido de noiva. Não esqueça, quero estar com a data do nosso casamento marcado até o final de semana.

— Podemos fazer isso após o almoço? Fiquei de sair com a mamãe pela manhã, ela quer comprar algumas roupas para o papai.

— Ótimo, almoçamos juntos, então. É o tempo de organizar minha agenda também.

— Sim, senhor Saravejo, agora preciso ir. Amo você. — Já estava adorando essa nova rotina do “amo você”.

Eu a puxei para bem perto e a fitei com toda a intensidade do amor que existia dentro de mim. Olhar para ela era como confirmar que tudo que existia de mais lindo no universo se resumia a ela. Por Deus! Como é possível amar alguém assim com tanta força?

E com toda essa intensidade de amar, continuei a encarando.

— Sem você eu só existo, não vivo. Lembre-se disso — disse. Ela apenas me beijou, se afastou e foi embora.

Eu fiquei cheio de saudade, de vontade.

Deitei-me, e desta vez sozinho, sentindo seu perfume doce embrenhado nas fronhas dos travesseiros, nos lençóis e em minha pele, deixando-me tonto, fazendo meu membro doer. É, seria uma madrugada longa, provavelmente ficaria me revirando na cama, excitado, e minhas mãos não seriam suficientes para aliviar todo o meu desejo.



12

Não acordei. Porque não consegui dormir depois que ela foi embora. Liguei a TV e fiquei maratonando séries que eu nem sabia que existiam na Netflix. Falando francamente, nem estava prestando atenção em porra nenhuma. Meus pensamentos estavam nela... na minha linda bailarina de olhos brilhantes. É, acho que fiquei bobo depois de velho.

Meu celular tocou. Estava dando o nó na gravata, ou tentando. Ainda estava ébrio da noite fantástica de ontem. Desisti do nó e fui atrás do celular, podia ser minha futura esposa.

— Pai! — Era o senhor Saravejo, e para ele me ligar tão cedo só podia ser sobre o Luke. — O senhor está lendo pensamentos? Eu ia ligar para o senhor mais tarde.

— Bom dia para você. — Ele estava zangado, conheço cada tom de sua voz, e este não era um dos melhores. — Você deu dinheiro para o Luke? E não adianta mentir, eu sei que deu.

— Emprestei, ele prometeu me devolver.

— Quer enganar a quem, Joshua? Você protege seu irmão muito mais do que eu, é por isso que quando digo não, ele corre para você. Eu não sei mais o que fazer com aquele menino... — Ele respirou fundo. Senti sua preocupação, Luke ainda provocaria um infarte no papai e eu juro que daria uma surra nele caso isso acontecesse. — Sabe para que ele queria o dinheiro?

— Não, ele não quis me contar. — Na verdade eu tinha medo de saber, Luke andava com uma turma não muito confiável.

— Agora inventou de promover eventos, essa porcalhada que só dá coisa que não presta. Você sabe do que estou falando. E agora, o que eu faço? Chegará um dia em que o meu nome e o meu dinheiro não conseguirão tirá-lo de todas as encrencas.

O medo do papai era plausível. Luke confiava muito no poder do nosso nome e no montante de dinheiro nas nossas contas bancárias. Ele vivia se metendo em brigas e arruaças, até com mulheres casadas com magnatas perigosos. Se o papai não sabia o que fazer com ele, imagina eu. Eu, na idade dele, já administrava alguns hotéis.

— Papai, talvez seja uma oportunidade para o Luke criar responsabilidade. Quem sabe ele para de aprontar, vamos lhe dar um crédito de confiança. Não se preocupe, terei uma conversa séria com ele.

— Não dê mais dinheiro para ele. Quando eu disser não, é não. Ele tem que aprender a ouvir um não e aceitar.

— O senhor não acha que é tarde demais para isso? — Papai foi o maior culpado, ele nunca disse um não para o Luke quando ele precisou escutar um.

— Nunca é tarde para nada, filho. Se você não aprende de um jeito fácil, aprende de um outro jeito mais difícil. Eu sei que falhei com o Luke quando sua mãe morreu... — Fez uma pausa. Mamãe havia partido há tanto tempo, e ele ainda não conseguia tocar nesse assunto. — Mas ele só tem dezoito anos, ainda pode levar uns tapas meus e seus. Se não fizermos isso, a polícia ou os bandidos com quem ele está se envolvendo farão.

— Papai, o Luke não está envolvido com bandidos. Ele é marrento, birrento, metido a *bad boy*, mas é um bom rapaz. Ninguém perde sua essência, ela se mantém debaixo da carapaça, mesmo que seja difícil de ver. Eu tenho fé que um dia o Luke criará juízo, mas enquanto isso não acontece, eu ficarei de olhe nele. Fique tranquilo.

— Eu espero, filho. Tenho muito medo de perder meu filho caçula... — Respirou profundamente. — Mas me conte, como anda a reforma, está ficando bonito? E você, como está? E Nova Iorque? Sua mãe adorava essa cidade.

— Está tudo bem. A reforma não vai terminar tão cedo, eu pensei que seis meses seriam suficientes, mas somemos mais uns seis ou oito a isso. Quanto à Nova Iorque, linda como sempre. E vou me casar.

— Que bom que as coisas estão... se casar!? — Só agora que ele entendeu. — Eu escutei direito?

— Escutou, sim. Encontrei a mulher da minha vida, a pedi em casamento e ela aceitou.

— Quando foi isso? Ficou louco, Joshua? Você não me contou que estava namorando. Eu a conheço? É brasileira? Joshua, o louco é seu irmão, não você.

— Ela é americana e a conheci há alguns dias, foi amor à primeira vista. Igual como aconteceu com o senhor e a mamãe, então vá se preparando para vir para cá.

— Eu não acredito, você está falando sério mesmo!

— Estou. Ela é linda e o senhor vai amá-la. Estou feliz, meu velho, muito feliz.

Ele ficou calado. Com toda a certeza ele estava tendo um *déjà vu*. Papai conheceu a mamãe quando morava em São Paulo, ela estava em uma praça fotografando alguns pássaros, de costas para ele, com o vento batendo em seus cabelos. Assim que ele viu a cena, disse para si mesmo que aquela era a mulher da sua vida. Ele se aproximou e ficou bem atrás dela, quando ela se virou e o encarou, ele teve a certeza de que ela seria a futura senhora Saravejo, o que se concretizou. Em oito meses eles estavam casados. Papai adorava contar sua história de amor com a mamãe.

— Filho, agarre a moça e segure-a com toda a força do seu coração. Ame-a como se sua vida dependesse disso, respeite-a em todos os sentidos e nunca a deixe chorar. As mulheres nasceram para sorrir, elas são luzes, luzes de amor... — Ele estava emocionado. — Se ela estiver feliz, você também estará. Acredite, fui muito feliz quando sua mãe estava ao meu lado, fui o homem mais feliz do mundo. Então, faça a sua mulher feliz, meu filho.

Quem estava emocionado era eu. Quase comecei a chorar, eram poucas as vezes que o papai conseguia falar mais de duas palavras sobre a mamãe, e agora ele fez um discurso.

— Eu a farei feliz, papai. Pode deixar.

— Estarei aí, é só me dizer a data. Agora vou deixá-lo trabalhar, já tomei muito o seu tempo. Um beijo, meu filho.

— Amo o senhor, beijo.

Desliguei com um nó na garganta. Foi uma conversa e tanto e de repente senti uma enorme saudade do meu pai. Quis tanto abraçá-lo...

Respirei fundo e fui terminar de me arrumar. Olhei para o relógio: já era tarde, e se queria sair com a Victoria depois do almoço, era melhor correr.

E foi o que fiz.

— Bom dia, John!

— Bom dia, senhor Saravejo!

Ele sorriu, gesticulando com sua elegante postura. Saí cumprimentando a todos que passavam por mim.

Entrei no escritório.

— Bom dia, senhorita Miller, como está a sua manhã?

Ele me olhou com certo espanto. Não que eu fosse um chefe mal-educado ou frio, sempre fui cordial com todos os meus colaboradores, só não gostava de rasgação de seda e muita intimidade. Principalmente com minha secretária, já que eu sabia que ela vivia arrastando uma asa para meu lado. Por isso, sempre fiz questão de manter certa distância.

— Bom dia, senhor Saravejo. Quer seu café agora? — Ela se levantou e me acompanhou. — Minha manhã está ótima e sua correspondência está em ordem de prioridades.

Despi meu paletó e o pendurei. Dei a volta na mesa e olhei as correspondências. A primeira era um envelope branco, igual ao da manhã anterior.

— Pode ir agora, senhorita Miller. — Ela deu meia-volta e saiu, fechando a porta. Sentei-me, abri o envelope e retirei o pequeno papel dobrado delicadamente. Desdobrei-o.

Bom dia, futuro marido! Este coração é seu e de mais ninguém. Amo você.

Mais uma vez ela desenhou um coração no lugar da palavra. Sorri. Ela sabia roubar meu sorriso, mesmo quando não estava ao meu lado. Depois dessa linda declaração de amor poderia enfrentar qualquer coisa, estava pronto para uma nevasca, como também estava pronto para realizar todos os desejos da minha linda bailarina.

Não só todos os seus desejos seriam realizados, mas todas as suas necessidades seriam atendidas.

Peguei o telefone e liguei para a minha secretária, era hora de começar a trabalhar.

— Senhorita Miller, meu café, por favor, e logo depois avise ao Will que a nossa reunião será às dez horas. Quando o senhor Benson chegar, mande-o entrar.

Quinze minutos depois...

— Senhor Saravejo, o senhor Benson, da joalheria, está aqui. Posso mandá-lo entrar?

— Pode, sim.

A visita do Benson foi rápida, ele já havia enviado as fotos de algumas joias, selecionei as que me interessaram e ele as trouxe. Escolhi as alianças em ouro branco. A minha era lisa e a de Victoria era cravejada de pequenos diamantes no centro. Já o anel de noivado, este foi especial. Eu queria algo delicado, então escolhi um com um diamante maior no formato de um pequeno coração ladeado por brilhantes. Ela, com toda certeza, iria amar.

Estava conversando com o engenheiro no celular, quando a porta da minha sala foi aberta e um homem muito alterado entrou, aos gritos.

— Quem o senhor pensa que é, seu arrogante de merda?

Atrás dele vinha minha secretária, tentando se explicar, e mais duas pessoas.

— Desculpe, senhor Saravejo, não consegui pará-lo. — Desliguei o celular.

— Não se preocupe, senhorita Miller. Pode ir.

— Papai, por favor, se acalme! — Victoria tentava acalmar o pai.

— Arthur, vamos voltar para o quarto, quando você estiver...

— Caladas, as duas! Eu e esse aí precisamos acertar algumas coisas.

Nada disse, recostei-me na cadeira e cruzei os braços no peito, fixando os olhos na figura nervosa do meu futuro sogro.

A vista desconcertante do senhor Carter olhando para mim, com os olhos mais raivosos que eu já vi, não me deixou nervoso. Ao contrário, fiquei completamente calmo. Ele, vendo a minha reação, parou de falar e ficou me encarando.

— Papai, eu o amo...

— Calada! — ralhou com Victoria. Ela baixou os cílios e se calou. Naquele momento, eu quis bater nele. — Então, continuou —, o senhor acha mesmo que só porque nos ofereceu uma suíte presidencial e é dono de algumas dezenas de hotéis, que vai comprar a minha filha? Pois saiba que não, o seu dinheiro não nos interessa. Se quer impressionar alguém, quebrou a cara. Minha filha não fará parte de sua coleção de mulheres... — Carter só faltava soltar fumaça pelo nariz, ele estava fulo.

Fez uma pausa, acho que esperando que dissesse alguma coisa, mas apenas o encarava seriamente. Ele não tirou os olhos de mim, nem mesmo quando a senhora Carter puxou seu braço, rebocando-o em direção à porta.

— Deixe-me, mulher, esse aí precisa de uma lição! — Olhava-me chispando fogo. — A Victoria não é uma iludida, não pense que a enganará com essa conversa de amor. Esqueça-a, fique longe de minha filha. Hoje mesmo estamos saindo do seu hotel. Onde já se viu, seduzir minha filha e ainda por cima convencê-la de se casar às escondidas...?

— Papai, não é bem assim. O senhor, além de escutar uma conversa que não deveria, ainda entendeu tudo errado. — Victoria corajosamente ficou na frente do pai e o enfrentou.

— Isso mesmo, Arthur, não foi bem isso que a Victoria me contou.

— Estou vendo que ele seduziu as duas... — Respirou fundo e eu quase sorri. Mas fiquei

quieto, era melhor não provocar a fera.

Carter afastou os olhos da esposa e olhou para mim. Encolhi os ombros, como se dissesse: acho melhor aceitar, que dói menos.

— As duas, para suíte, agora! Tratem de arrumar as malas, que vou encerrar a nossa conta. Nossa estadia aqui acabou — ele articulou sem desviar os olhos dos meus.

Eu apenas fingi não ouvir. Algo me dizia que o senhor Carter iria se arrepender arduamente de cada palavra.

— Papai... — Victoria disse nervosamente e depois me encarou com os olhos marejados. — Desculpa... — sussurrou, olhando-me tristemente. Isso partiu meu coração, já estava na hora de acabar com a festa do meu futuro sogro.

Carter parecia muito confiante e seguro de si. Ele caminhou até a frente de minha mesa, acho que me desafiando para um duelo. Foi o que pareceu. Se fosse o caso, ele não teria chance alguma. Sou mais jovem, mais forte e provavelmente mais inteligente.

Vendo as lágrimas quase caindo dos olhos da Victoria, o nervosismo de minha futura sogra e a cara de assassino do meu futuro sogro, eu tive que dar um basta naquela dramatização. Descruzei os braços e voltei à posição normal da cadeira.

— Já acabou? — disse em uma voz desafiadora e profunda.

Carter engoliu com força, mas aceitou o desafio e continuou me encarando.

— Liss, Victoria, vamos — ele disse rapidamente. — Não temos mais nada que fazer aqui. — Liss, Victoria! — repetiu, com mais força desta vez. Fiz um sinal com mão aberta para as mulheres, pedindo que ficassem onde estavam e me levantei, sem afastar os olhos do Carter.

— Está tudo bem, Victoria, fique calma — articulei calmamente, colocando uma mão sobre a mesa. — Senhor Carter, eu o deixei falar, agora é minha vez.

Carter inclinou um pouco a cabeça para trás, estreitando os olhos. Acho que não era isso que ele queria ouvir.

— E o que o senhor dirá em sua defesa? Se vai mentir, eu não sou minha...

— Cale-se, homem! — exigi. — Não me trate como moleque. O senhor deve ter fuçado minha vida na internet, portanto sabe perfeitamente que não sou nenhum cretino filho da... — Olhei para Victoria e para Liss, que me olhavam alarmadas, e engoli o palavrão.

— Não se dê ao trabalho de se desculpar! — ele gritou. Olhava-me furioso enquanto sacudia a cabeça descontroladamente.

Carter simplesmente tentava ignorar minhas palavras.

— Senhor Carter, queira me escutar! Amo sua filha. Eu a amei assim que a vi parada na minha frente, no primeiro dia em que vocês chegaram...

— E o senhor quer que eu acredite nessa história de amor à primeira vista? Acha que isso será suficiente para obter a minha permissão para se casar com a minha única filha?

Mas não precisava da permissão dele para me casar com ela. Só precisava da permissão *dela*.

E isso eu já tinha.

— Senhor Carter, eu poderia perfeitamente expulsá-lo da minha sala, chamando os seguranças, mas não o fiz, e não pense que foi por consideração à Victoria. Pode estar certo de que não foi. Não fiz isso porque eu quero que entenda que o amor que sinto por sua filha é verdadeiro. Faço e farei qualquer coisa para fazê-la feliz.

— Não está sendo convincente, senhor Saravejo — ele respondeu, olhando diretamente para mim.

— Não quero convencê-lo, não preciso. Mas pela Victoria, gostaria muito que me aceitasse como genro, porque eu e ela nos casaremos de todo jeito. Ela é adulta e não precisa de sua permissão. — Procurei os olhos de Victoria, e ela deu dois passos, se aproximando do pai.

— Papai, eu sei que tudo isso é maluco e muito rápido, mas eu e o Joshua nos amamos, e a cada dia fica difícil ficarmos longe um do outro. Não sei explicar o que sentimos nem como aconteceu, mas eu quero me casar com ele e quero que seja o mais rápido possível.

Carter apenas balançava a cabeça, escutando em descrença. Eu, por outro lado, estava ouvindo com interesse.

— E eu não disse que me casaria escondido, disse a mamãe que quando tudo estivesse pronto ele contaria para o senhor.

— Por acaso você está grávida?

— Que horror, senhor Carter, não sou tão rápido assim! É claro que ela não está grávida, só não quero ficar longe dela. Se eu pudesse me casaria hoje.

— Papai, eu me casarei com o Joshua, o senhor querendo ou não, mas gostaria muito que o senhor nos desse a sua benção.

— Arthur, deixe de ser chato, não se lembra de nós dois? Nós nos apaixonamos assim que nos conhecemos. — Liss foi para o lado do marido e segurou seu rosto. — Abençoe os dois, logo! Vamos comemorar, em vez de brigar.

— Liss, é diferente, nós levamos mais de um ano para nos casarmos, e eles mal se conhecem... isso é maluquice.

— A maluquice é deles, não nossa. São as escolhas dos dois, meu querido. E olhe para eles, eles respiram amor.

Finalmente encontrei minha voz e virei-me para Victoria, tirando a caixinha do bolso do meu paletó. Eu iria fazer isso à noite, mas já que tudo isso aconteceu, achei melhor aproveitar a oportunidade e fazer o pedido logo. Talvez o pedido domasse a fera do meu futuro sogro. Fiquei de joelhos.

— Victoria Carter, aceita se casar comigo? Eu preciso de você a cada milésimo de segundo em minha vida. Não dá mais para esperar, por favor, seja minha esposa.

— *Oh, my God!* — Escutei o suspiro da minha futura sogra.

— Você me deixa doida. E, sim, eu aceito — ela disse simplesmente, como se não estivesse virando o meu mundo do avesso.

— Eu cuidarei de você em todos os sentidos. Se precisar, serei a sua bússola, guiando o seu caminho, e o seu porto seguro.

— E eu serei o seu sol, meu amor. — Seus olhos brilhavam quando ela falou comigo.

— Então, sogro, temos seu consentimento? — Encarei o senhor de olhos marejados que nos olhava emocionado.

— E eu tenho outra opção? — ele disse, balançando a cabeça. — Sejam felizes, mas se você fizer besteira eu o caço até no inferno. — Soltei uma gargalhada.

— Carter, eu entendo a sua preocupação. — Fiquei sério e encarei o ogro do meu sogro. Agora eu podia chamá-lo assim. — Mas quero que você saiba que prefiro perder meus dois braços e minhas duas pernas antes de magoá-la. Ela será meu tudo, dedicarei cada segundo de minha vida a fazê-la feliz.

O velho Carter não estava muito convencido. Não tiro a razão dele, acho que se tivesse uma filha e um louco feito eu surgisse em minha frente me desafiando a levá-la de mim, com certeza eu o expulsaria a pontapés.

— Confesso que não estava em meus planos casar minha única filha tão cedo e tão rápido, mas... — gaguejou. — Se ela está tão convencida do seu amor, então... — respirou fundo. — Que seja, abençoo vocês.

Eu sorri de felicidade e deixei minhas armas onde elas deveriam ficar. Puxei o velho carrancudo para perto e o abracei.

— Vem cá, sogrão. — Ele se afastou e me olhou com os olhos estreitados, como se dissesse: *Eu ainda não lhe dei essa liberdade, seu Saravejo metido a besta.* — Amarei sua filha a cada dia, a cada semana, a cada mês e a cada ano de nossas vidas. Nunca lhe faltará amor, eu prometo.

— Papai... — Victoria se uniu a nós, beijando as faces rosadas do meu sogro.

— Arthur Carter, você é uma mula teimosa, sabia? — Liss também nos abraçou.

Ficamos por alguns minutos naquele abraço coletivo, até que me afastei, só para ligar para o restaurante e pedir uma garrafa do nosso melhor champanhe.

O garçom entrou em minha sala e nos serviu a bebida. Carter foi o primeiro a erguer a taça, era evidente sua emoção. Era verdade que não havíamos começado com o pé direito, mas eu acho que consegui conquistar o coração de pedra do simpático senhor de olhar desconfiado.

— Só um minuto. — Estávamos conversando animadamente sobre o que faríamos dali por diante, quando Carter levantou a voz. — Não estou gostando desse negócio do senhor financiar todo o casamento. — Tentei articular, mas Carter foi mais rápido, acenando com a mão. — Eu quero pelo menos pagar o vestido de noiva da minha filha, e isso o senhor não me negará.

— Tudo bem, mas por favor, nada de economia. Se precisar de minha ajuda pode pedir, eu quero que a Victoria seja a noiva mais linda do século.

— Fique tranquilo, senhor arrogante de...

— Papai... não vai começar! — Victoria ralhou com o pai.

— Quer deixar eu terminar de falar? — Ela se calou, mas fez uma carinha de brava para o pai. Ele me encarou outra vez. — O senhor meu genro pode ser podre de rico, mas eu ainda posso mandar fazer um vestido de noiva dos sonhos para a minha linda filha...

— Opa, opa... — interrompi a animação do meu sogro. — Nada de mandar fazer um vestido. Eu sei como demora para costurar aquelas coisas e vai demorar meses para ficar pronto. Trate de comprar um já feito, ou eu juro que ela se casa vestida com a roupa da Odette e eu com a do Siegfried.

— Joshua, pelo amor de Deus! — Victoria me fitou, espantada. Ela sabia que eu estava falando sério.

— Não me olhe assim, no máximo em três meses estaremos casados, portanto, deem seus pulos. Escolham um vestido lindo, exclusivo e já confeccionado.

— É, mamãe e papai, acho melhor começarmos a procurar, porque do jeito que meu futuro marido é louco, eu não duvido que ele resolva se casar de Collant, malha e sapatilhas...

Meu sogro me olhou por um segundo antes de abrir a boca para protestar.

— Nem ouse me fazer passar esse vexame. Não se preocupe, deixe o vestido da minha filha por minha conta.

Rimos com a feição espantada do Carter. Acho que ele já me visualizava vestido de bailarino, esperando a Victoria no altar.

— Não vejo a hora de ir visitar as lojas de noivas. Eu sempre sonhei com esse dia, só não esperava que fosse tão cedo. Eu me imaginei fazendo isso daqui a uns seis ou dez anos, mas já que será agora, então que seja. — Liss estava feliz, eu via no brilho dos seus olhos. Eles eram iguais aos olhos de Victoria.

Apesar de sua rabugice, o brilho do olhar de Carter dizia que ele estava satisfeito, mesmo achando cedo demais para sua única filha se casar.

— Então se apressem — disse suavemente —, porque hoje mesmo falarei com meu advogado sobre a papelada necessária para me casar com uma americana linda o mais depressa possível.

Peguei a mão de Victoria e a acariciei suavemente enquanto a olhava com alegria nos olhos.

— O que eu puder fazer para apressar este casamento, eu farei — afirmei, balançando a cabeça.

Após vários minutos de celebração, tive a certeza de que meus sogros estavam convencidos de que eu realmente não estava brincando, queria mesmo me casar o mais rápido possível. Então, vi o Carter falando com alguém no celular, e pelo que entendi, era um pároco conhecido dele que já havia garantido a igreja da celebração. Victoria estava radiante, e podia jurar que borboletas faziam uma festa em sua barriga, ela flutuava. Eu me despedi dos meus sogros e da minha noiva, pois eles iriam começar a curta caminhada para o nosso casamento, e faria o mesmo. Eu tinha certeza de que acabara de selar meu destino para sempre ao lado da Victoria. Seríamos uma só pessoa, seríamos únicos. Não planejei isso, sequer pensei em me casar tão cedo, mas agora, vendo-a sorrir, vendo-a olhar para mim, tenho convicção de que ela nasceu para ser minha e nada nem ninguém irá nos separar. Envelheceremos juntos, veremos nossos netos nascerem e talvez quem sabe até os nossos bisnetos.

Não poderia ser mais perfeito do que isso.

Amo você, futura senhora Saravejo.



Fazia frio no dia do nosso casamento, por isso, quando já tínhamos toda licença resolvida, preferimos fazer a cerimônia religiosa no hotel mesmo. O que foi uma excelente ideia, assim Victoria não precisaria se deslocar até a igreja e correr o risco de se atrasar. Desde as primeiras horas do dia, o hotel estava um verdadeiro inferno. Prevendo a lotação, mandei parar a reforma do terceiro andar. Já era suficiente todo o alvoroço dos hóspedes e dos convidados; os meus e os dos meus sogros. A imprensa mundial, que acompanhava a nossa família desde sempre, já estava a postos, e eu mal conseguia me mexer que sempre cruzava o caminho de algum repórter. Agradeci por papai ter resolvido vir uma semana antes, assim ele assumiu a direção do hotel e eu pude me concentrar só em meu casamento. Se não fosse por isso, acho que a esta hora não estaria vivo. Não vejo a Victoria há três dias, ela e a mãe voltaram para Allentown, pois precisavam resolver algumas coisas e empacotar alguns pertences dela que ainda não tinham sido enviados para o nosso apartamento.

Comprei um apartamento de três quartos em *Upper East Side,* na área leste do Central Park, que por sinal ficou maravilhoso depois de decorado. Após nosso casamento, passaremos a lua-de-mel na suíte presidencial do hotel, por causa dos ensaios e da última temporada da apresentação do ballet, não poderemos viajar agora, ficará para o mês de junho, e já está certo de irmos para o Brasil. Ela está louca para conhecer a ilha que o papai comprou para a mamãe.

Papai estava completamente apaixonado por minha linda noiva. Já a chamava de filha, e o Carter... Deus, nunca vi uma amizade tão rápida como aquela, meu pai e ele viraram grandes amigos. Luke desapareceu depois que pousou em Nova Iorque e só o vi no jantar de apresentação da família, que foi no primeiro dia em que ele chegou. Na tarde seguinte, fomos dar uma volta no Central Park, mas meu irmão estava bem, feliz com o seu novo negócio de eventos. Ele até trouxe um dos seus amigos, um DJ famoso para animar a festa. Ele e Victoria se tornaram grandes amigos e ela até lhe apresentou suas amigas do ballet. Depois disso ele desapareceu, e se o conheço bem deve estar enrolado com alguma das amigas da Vick, ou com mais de uma.

— Posso entrar? — E falando nele...

— Está vivo? — Estiquei o pescoço para olhar para ele. Estava no banheiro, tinha acabado de tomar banho. — Onde se meteu, Luke? Pensei que havia esquecido que seu irmão mais velho se casará hoje.

— Não perderia isso por nada nesse mundo. — Recebi um abraço e um beijo no rosto. — Ainda dá tempo de desistir. Se quiser, dou cobertura. — Tirou o sobretudo e se sentou no estofado, todo largado.

Ele estava com uma camiseta de mangas curtas, e só então eu pude observar melhor. As tatuagens haviam aumentado. Quando o vi pela última vez, elas eram poucas. Pelo que eu me lembrava, só existiam duas no peito e umas cinco nas costas. Agora os seus braços estavam bem coloridos. Bem, olhando para ele deste ângulo e com todas essas tatuagens, ele parecia selvagem, o tipo de garoto que muitas jovens da idade dele gostavam. Acho que devia ser por isso que ele fazia tanto sucesso com a mulherada.

— Nem sob decreto cancelo meu casamento, a Victoria é meu mundo. — Joguei a toalha na bancada, saí do banheiro, vesti a calça e me sentei ao lado do Luke. Comecei a calçar as meias.

— Quem diria que você se casaria tão cedo. O papai ainda estava cético quanto a sua decisão, disse que era empolgação juvenil. — Olhei para ele e sorri, dando de ombros. — É sério, ele só botou fé quando viu vocês juntos. Sabe o lance do olhar que o papai tanto nos falava que aconteceu com a mamãe e com ele?

— Sei, aquele olhar que congela todos ao redor do casal apaixonado... — Gargalhei e comecei a calçar os sapatos. — Agora eu sei o que ele tentava nos explicar. Achava tudo besteira, mas um dia você saberá como é esse olhar, vai encontrar uma garota que olhará para você como a mamãe olhava para o papai. — Luke soltou uma gargalhada.

— Vá sonhando, eu nunca me apaixonarei. Quero problema não, estou muito bem, e adoro a coleção de bocetas que eu tenho...

— Luke, não é como você quer — interrompi. — Não é você quem escolhe, é o amor, e quando você menos espera, já está babando só de olhar para a garota.

— Cara, não quero ficar igual a você, não... Deus me livre! — Ele se levantou e se sentou de frente para mim. — E... se um dia essa porra aí acontecer comigo, estarei bem velhinho, por isso tenho certeza de que a garota que cuidará de mim ainda nem nasceu.

Quem riu fui eu.

— Ah, *tá*, quer dizer que o Luke velhinho se casará com uma novinha?

— Cara, de velho já vai bastar eu. — Ele se recostou no sofá e ficou me olhando. — A mamãe estaria muito feliz se eu não...

— Ei! — Larguei o que estava fazendo, estiquei o braço e segurei sua mão. Ele não precisava ficar triste, não hoje. — Hoje não é dia de tristeza, não admito que você se sinta triste ou que tenha qualquer tipo de sentimento que não seja de alegria. Sim, a mamãe estaria muito feliz se ela estivesse com a gente, mas não está, e de certa forma eu acho que ela falou com o cara lá de cima e pediu para vir nos ver hoje. Ela deve estar muito feliz, Luke, e eu tenho certeza de que ela só fica triste quando você fica pensando essas besteiras. Agora venha cá.

Ele veio e eu o abracei apertado, beijando seu rosto molhado pelas lágrimas. Ele tinha dezoito anos, mas ainda era o meu irmãozinho de dez. O garoto que depois da morte da mamãe só dormia ao meu lado, agarrado a mim. Que nas suas piores noites me chamava, gritando. E quando não suportava mais a dor da culpa e pensava besteiras corria para meu ombro, confessando suas vontades medonhas. Ele era o meu irmão quebrado, mas eu sabia que um dia seus pedacinhos seriam colados. Eu o amava tanto que chegava a doer.

— Desculpa, cara, você sabe que eu lembro da mamãe em todos os momentos... — Ele limpou o rosto e se afastou, ainda de cabeça baixa, ainda triste. — Joshua, quando eu estiver muito quebrado, posso vir passar uns tempos aqui com você?

Eu sabia que cedo ou tarde ele me faria essa pergunta. Quando o papai o mandou para Coimbra, ele perguntou o mesmo. Doía vê-lo tão frágil, ele era todo grandão em músculos, cheio de tatuagens, intimidava quem não o conhecia direito, no entanto, era um garoto sombrio, perseguido por seus pesadelos, e eu sabia que o seu maior medo era ficar sozinho. Por isso ele só andava em turma, pena que vivia escolhendo as pessoas erradas. Eu tinha medo de que a qualquer momento ele se

perdesse nos caminhos inadequados que estava seguindo. Não dizia para o papai, porque isso o deixaria muito mais preocupado, então eu cuidava do Luke de uma maneira diferente da dele. Mas tinha medo de não conseguir alcançar meu irmão quando ele se perdesse em sua escuridão.

— Idiota! É claro que você pode vir morar com a gente, podemos até procurar uma universidade para você. Se quiser eu converso com o papai, o que acha? Será o meu filhinho... — Bati de leve no rosto dele, e ele afastou minha mão, depois armou o punho, fingindo me dar um soco.

— Sim, papai.

— Ô... eu posso bater em você, seu moleque esquentado! —Puxei-o pela nuca e juntamos as testas. — Cara, você sabe que eu te amo, não sabe?

— Eu sei... — Ele se afastou. — Vamos acabar com essa conversa melosa, acho melhor ir botar a minha beca de engomadinho. Só você *pra* me fazer vestir um terno, não sei onde eu *tava* com a cabeça pra aceitar ser seu padrinho.

— Você me ama, cara, e não iria dizer não. Agora vá, porque a única que pode se atrasar em um casamento é a noiva.

— Posso participar desta reunião também? Ou é só para os irmãos Saravejo?

Papai entrou na sala, todo sorridente. Fazia tempo que não o via tão feliz.

— Claro que pode, velho. Estava dando uns conselhos pra meu irmão mais velho. — Papai encarou Luke com aquele olhar duvidoso. Eu sorri, e Luke me deu um leve soco no peito. — Qual é, não precisa me olhar assim, velhão... só disse *pra* o Joshua que se ele quiser desistir, eu consigo um helicóptero em dez minutos.

— Luke, isso é conselho que se dê? Só podia vir de você. — Papai levou a sério. Olhava-me preocupado. — Joshua! — Caímos na risada. — Filhos da mãe! E eu acreditei...

— Se acalme, velho. Se o Joshua não se casar com a Victoria, eu caso... — Eu o empurrei e armei um soco de brincadeira. — Brincadeirinha, cara! Nem com ela eu me casaria, só se estivesse muito louco. Casamento é para os otários. — Ele me encarou. — Não estou dizendo que você é um otário, só que é um bobo apaixonado — começou a se afastar —, o que não deixa de ser um otário.

— Venha cá, seu moleque, que eu mostro quem é o otário! — Corri atrás dele, papai também, e ambos o pegamos, jogando-o no estofado.

Papai começou a mexer no cabelo dele enquanto eu o imobilizava. Luke odiava isso. Nós o soltamos e ele se sentou, tentando recuperar o fôlego.

— Vocês estão ficando velhos — provocou.

— É verdade, filho, principalmente eu. Fazia tempo que não curtia meus dois filhos de uma forma tão descontraída. — Ficamos de pé, e de repente os braços protetores do senhor Saravejo cercou os nossos corpos. Foi um abraço e tanto, daqueles que já havíamos esquecido. — Amo vocês, meus filhos, amo muito. Minhas crianças crescidas...

Brincando, Luke agarrou o papai e começou a beijá-lo. Lembrei de quando éramos crianças, Luke sempre se escondia em algum canto da casa antes do papai chegar do trabalho. Eu ficava quieto, rindo, pois o atrapalhado do meu irmão sempre se escondia em um lugar bem óbvio. Não sei se fazia

isso justamente para facilitar a vida do papai, mas o velho sempre o encontrava na primeira tentativa e depois o pegava nos braços e perguntava: *E agora, o que eu ganho?* E Luke respondia: *Beijos!* Então ele enchia o papai de beijos melados. Risos se espalhavam por toda casa, e quando eu menos esperava, papai me puxava para a brincadeira e íamos à procura da mamãe, que também se juntava à farra. Talvez Luke esteja inconscientemente relembrando os momentos mais felizes de sua vida.

— Gente, chega. A brincadeira está maravilhosa, mas eu preciso me arrumar, não quero que a noiva chegue primeiro do que eu.

— É verdade... — Papai tocou meu ombro com a mão, olhando-me com olhos orgulhosos. — Meu filho mais velho agora é um homem de família. Vamos, Luke, venha. Eu sei que vai precisar de ajuda com a roupa.

— Já sabe, se precisar de ajuda *pra* fugir, me ligue... — Luke sussurrou e recebeu um tapa do papai na cabeça. Os dois saíram abraçados.

Fiquei observando os dois. Vê-los assim fazia meu coração palpitar de alegria. Quando a porta se fechou, olhei para o alto...

Obrigado, mamãe.



14

Quando a música do lago dos cisnes começou a tocar e todos começaram a aplaudir, foi confirmado enfim que, a partir de agora, a minha linda bailaria era oficialmente minha. Ela não só seria chamada de senhora Saravejo de hoje em diante, como definitivamente trilharia o seu caminho ao meu lado. Estava tão feliz, que precisei engolir o bolo que se formou em minha garganta. Eu queria chorar, gritar, pular. Victoria era minha felicidade, minha luz. Com ela sabia que construiríamos uma linda família com algumas meninas e meninos... não agora, eu e ela planejaríamos bem isso. De pé ao meu lado, ela sorria, brilhava. Eu sei que estava nervosa, pois seus dedos entrelaçados aos meus tremiam. Eu também estava, e como não ficaria? Hoje seria o primeiro dia de nossas vidas, casados. Quem foi que disse que sonhos não se tornam realidade?

— Tudo bem? — ela murmurou quando seu braço se entrelaçou no meu.

Como não estaria bem? Ela me amava. E eu era, sem dúvida, o homem mais sortudo do mundo. Além de ser o mais apaixonado. Não precisaria de mais de nada em minha vida, Deus havia me dado tudo.

Ela.

E o que eu puder fazer para fazê-la feliz, eu farei. Aliás, já estava fazendo. Por ela, resolvi morar em Nova Iorque. Por ela, deixarei minha terra, minha família. Vou transferir o escritório central de todos os nossos hotéis para cá, assim poderei administrar tudo quando o papai se tornar prefeito. Isso é o que ele quer, resolveu se meter com política. Assim, Victoria ficará tranquila para seguir sua carreira de bailarina. Bem, quando a turnê acabar, eles terão um mês de recesso e logo depois partirão para outra cidade. O destino ainda não foi confirmado, mas será uma turnê curta, então quando acabar poderemos finalmente ter a nossa lua-de-mel no Brasil.

— Você está perfeita, parece uma fada com este vestido. — Eu ainda não tinha tido a oportunidade de elogiá-la. Não consegui piscar quando a vi entrar sendo conduzida pelo seu pai, ela parecia uma miragem de tão linda.

— Senhor meu marido, o senhor também está maravilhoso. E agora posso mostrar para todas as mulheres que o magnífico Joshua Saravejo tem dona. — Ela pegou minha mão esquerda e mostrou a grossa aliança. — E eu a amo — completou. Eu a beijei, mesmo que fosse por alguns segundos, porque uma fila de pessoas se formou para nos parabenizar.

— Eu também, mais do que a minha própria vida — afirmei com um sorriso. — Mas, confesso, estou louco de vontade de arrancar esse belo vestido do seu corpo. Prefiro você nua.

Sim, o vestido era lindo, mas tinha muitas camadas, e isso me deixava louco de vontade de saber como ela estava por baixo. Ainda mais depois que minha linda mulher confessou que havia

comprado uma lingerie que me deixaria muito duro só de ver, então, não via a hora de arrancar aquele vestido cheio de frufrus, pérolas e milhares de pedrinhas cintilantes...

— Posso tirar pelo menos este véu? — resmunguei quando tentei beijá-la para nossa foto oficial e o véu despencou entre nossos rostos.

— Sim, senhor, e mais tarde poderá tirar todo o resto. Só quero ver a sua cara quando me despir. — Ela sabia tirar completamente a minha sanidade, já queria levá-la para a suíte e rasgar aquele monte de tecido.

Engoli, me fingi de morto e olhei para os lados. Estava começando a ficar excitado, afinal, fazia alguns dias que não fazíamos amor, então estava na seca. Ela estava rindo de mim, Victoria já sabia que estava de pau duro. Virei o rosto e a encarei, dando-lhe um sorriso escroto.

— Aguarde-me, querida esposa.

— Hum, não vejo a hora.

Hora de cortar o bolo!

Alguém gritou, e os fotógrafos se aglomeraram. Lá fomos nós enfrentar o enorme bolo de seis andares.

Hora do buquê!

Avisou uma voz feminina. E gritos de uma multidão de mulheres desesperadas ecoaram no grande salão. Antes que a levassem para longe de mim a puxei para perto.

— Isso é sinal de que está chegando a hora de levá-la para a cama.

— Acho que sim, marido lindo.

— Então, anda, vai jogar esse buquê logo, esposa — murmurei enquanto a levavam para o palco.

Ela jogou o buquê e ele foi praticamente aniquilado, não sobrou sequer uma pétala para contar a história. Depois veio o brinde e os discursos. O meu, o dela, o do sogro, o do meu pai, e de alguns amigos nossos. O do Luke foi curto e direto. Ele só disse: *Seja feliz e a faça feliz, meu irmão*. Então veio a dança... Por Deus, aquilo parecia que nunca ia acabar. Toda aquela espera queria acabar comigo, eu perdi a conta de quantas taças de champanhe tomei. E quando pensei que havia acabado, levaram Victoria para longe de mim. As amigas do ballet fizeram uma apresentação surpresa para ela, e a minha linda bailarina dançou para mim vestida de noiva. Morri, quase chorei.

E depois de muitas horas, estava quase bêbado, completamente acabado. Consegui roubar a noiva e saímos à francesa.

No quarto, já entrei arrancado minhas roupas desesperadamente e beijando-a com furor. Eu a queria, e agora faríamos amor como marido e mulher. Meu pênis doía de tão duro, minhas bolas estavam inchadas. Acho que nosso jogo de amor não duraria muito tempo.

— Então, acho que acabaremos de vez com o mistério do que está por baixo deste vestido — eu disse, avançando em sua direção.

— Sim, senhor, mas acho melhor o senhor se sentar e assistir ao show. —Ela me empurrou de

encontro ao estofado. Uma porra que eu aguentaria assistir, sentado e quieto.

E lá estava eu, sentado de pernas abertas, com o pau na mão, alisando-o, duro feito uma barra de ferro, babando como um cachorro louco. Era para ficar completamente alucinado.

— Anda, Victoria, ou vou gozar na mão. Não me aguento mais — disse, enquanto movia a mão em meu eixo, para cima e para baixo, e meus olhos a observavam despir o vestido.

Aos poucos, o zíper lateral desceu, e todas aquelas saias foram caindo por terra, enquanto ela andava para trás de encontro à cama. Então, o vestido tocou o chão, e eu vi o que ela havia me prometido.

Nua...

Ela estava completamente nua.

— Sorria, senhor Saravejo, sua esposa está pronta para você — articulou, chamando-me com o dedo. Ela nem precisava me chamar, em alguns segundos eu já estava com o rosto no meio de suas pernas.



Sete meses depois, agosto de 2014

Estava fechado há quase duas horas em uma reunião, quando minha secretária, a senhorita Miller, pediu licença e nos interrompeu. Para ela fazer isso, só poderia ser algo muito urgente, já que estava incomunicável, até meu celular deixei em minha sala. Ela me encarava com um olhar nervoso. Se ela não queria falar a que veio diante dos cinco empresários que estavam sentados na sala de reunião, todos olhando-a como se ela fosse uma terrorista, era porque alguém havia morrido...

Pedi licença e saí imediatamente.

— Quem morreu, senhorita Miller? Anda, desembucha! — Eu pensei logo em meu irmão Luke, já que ele andava com pessoas de caráter duvidoso.

Ela me entregou um papel com um número de telefone e um endereço.

— Ligaram do hospital, a sua esposa...

Não esperei que ela terminasse a frase. Corri para minha sala, peguei o que precisava, carteira e celular, e saí apressado. Nem olhei para minha secretária. Entrei no primeiro táxi que encontrei, praticamente gritando com o taxista. O pobre coitado provavelmente nunca mais se esqueceria da corrida, pois quase assumi o seu lugar ao volante. Ao mesmo tempo em que gritava com o taxista, eu gritava com a recepcionista do hospital. Ela não sabia me dizer o que a Victoria tinha, só explicava que não poderia dar mais informações. Fiquei tão puto que a xinguei em português com uma porção de palavrões, dos mais cabeludos, e pedi mentalmente que ela não estivesse entendendo nada.

Quando cheguei, vi ao longe Elizabeth, uma das bailarinas amigas da Victoria, e o coreógrafo, um tal de Carl. Eu não ia muito com as fuças dele, e era recíproco. Ao me ver, ele expressou um meio sorriso e cochichou algo próximo à orelha de Elizabeth. Quando ela me avistou, sorriu sem graça.

Só consegui soltar o ar dos meus pulmões quando cheguei onde os dois estavam e o Carl disse finalmente que a Victoria estava sendo examinada por um médico, garantindo que ela estava bem, consciente e reclamando por estar no soro. Porém, não fiquei seguro de sua afirmação e saí à procura de alguém que pudesse me levar até onde minha esposa estava ou que me desse informações mais precisas.

Já estava pensando em uma porção de coisas que não eram nada boas. Fazia alguns dias que a Victoria andava indisposta, não comia direito, e o pouco que comia, às vezes, vomitava. Sem contar que ficava irritada e ela não era de se irritar com nada. Quis levá-la ao médico, no entanto, ela se recusou, dizendo que todo seu problema era a pressão da última semana da temporada do *ballet*. O meu mal foi acreditar nisso. Deveria tê-la colocado nos ombros e a levado para o hospital mais próximo. Se tivesse feito isso, talvez ela não estivesse aqui hoje. Para falar a verdade, nenhuma mulher jamais havia virado meu mundo de cabeça para baixo como a Victoria havia feito, e por este motivo, quando soube que ela estava no hospital, senti que havia perdido a terra sob meus pés e, consequentemente, vários tipos de coisas negativas se passaram pela minha cabeça.

Fui até a outra recepção e pedi a atenção de uma moça muito simpática, vestida em seu uniforme hospitalar verde.

— Qual é o nome da paciente, senhor Saravejo? — Ela nem olhava para o laptop no qual

estava digitando, seus olhos estavam fixados em meu rosto.

— Victoria Saravejo, por favor. Encontre o médico que a atendeu, ou terei um ataque de nervos. — Sorri para ela. Acho que a moça estava quase babando enquanto me olhava como se eu fosse a única pessoa ao seu redor.

— Só um minuto, senhor Saravejo. Estou fazendo o que posso e o que não posso... — É, ela estava hipnotizada, acho até que nem percebeu a grossa aliança em meu dedo.

— Por favor, eu preciso saber se a minha esposa está bem. — Agora ela finalmente caiu em si. Eu a vi engolir e os seus olhos se dirigiram para a minha mão esquerda, que fiz questão de deixar à vista, só faltei esfregá-la em seu rosto.

— Não se preocupe, senhor, ligarei para o médico e ele virá vê-lo em instantes.

Acabara o encanto. Quase soltei uma respiração de alívio. Outra moça veio em minha direção e pediu para que a acompanhasse. Entramos no elevador e ela apertou o número cinco. Fiquei na sala de espera sozinho, pois não tive nem tempo de chamar o Carl e a Elizabeth. Não sei como consegui esperar tanto tempo, acho que devia estar anestesiado, ou estava tão apavorado que nem percebi o tempo passar.

Meia hora depois, alguém me chamou.

Levantei a cabeça. Estava cabisbaixo, tentando lembrar uma oração que a mamãe nos ensinou quando eu e Luke erámos crianças.

— Eu... eu sou o senhor Saravejo. — Levantei o braço enquanto ficava de pé.

Um homem, aparentando ser um pouco mais velho do que eu, se aproximou.

— Sou o doutor Smith, Robert Smith. — Apertei sua mão e ele me indicou uma das poltronas.

— Não quero me sentar, quero saber da minha esposa, como ela está? O que ela tem? É grave? — Acho que deixei o Dr. Smith um pouco tonto com tantas perguntas, ou ele já estava acostumado com isso, pois apenas sorriu.

— Não se preocupe, pode respirar. A sua esposa está bem, inclusive já poderá ir para casa, mas antes...

Pronto, lá vinha a notícia ruim, ele só estava tentando me enrolar. Encarei o médico com um olhar questionador.

— É grave, não é? — Admito, já estava quase chorando.

— Bem, no caso de sua esposa não é. Ela está grávida, então a única recomendação é que ela procure descansar...

Quase caí, precisei me apoiar no braço dele.

— Grávida!? — Será que isso era possível? A Victoria tomava contraceptivo desde que nos casamos. — Tem certeza?

— Tenho, todos os testes deram positivo, o senhor será pai. — Sua mão bateu levemente em meu ombro.

— Ela já sabe? — Fiquei sem saber o que falar, foi uma notícia muito inesperada. Filhos não

estavam em nossos planos tão cedo, por isso acho que estava agindo feito um babaca.

— Não, achei melhor deixar que você mesmo conte.

Como a Victoria receberia a notícia?

E eu, como estava recebendo? A ficha ainda não havia caído.

Em breve eu teria um bebê em meus braços... nossa família estava começando a se formar. Meu Deus! Eu serei pai... pai...

Sorri. Precisei engolir a vontade de chorar. Estava começando a entender o meu pai. Quando a mamãe lhe contou que estava grávida do Luke, ele chorou feito uma criança, pulou, gritou, e durante algumas semanas não deixou a mamãe sequer pisar no chão. Ela precisou ameaçá-lo de ir para a casa dos meus avós, caso ele continuasse a tratando como se estivesse doente. Depois eu soube que foi muito pior quando a mamãe ficou grávida de mim.

Somos exagerados, agora sei disso.

Porque a minha vontade era trancar a Victoria em uma redoma de vidro.

— Que ir ver sua esposa agora, senhor Saravejo?

Claro que quero.

— Sim... — Segui o médico. Eu mal conseguia pensar direito, estava a ponto de gritar de tanta felicidade.

— Vou deixá-los sozinhos. Assim que terminar, é só pedir para a enfermeira me chamar. — Smith abriu a porta do quarto e se afastou, dando-me espaço para que eu pudesse passar.

A porta se fechou atrás de mim, e eu apenas pisquei os olhos. O quarto estava com pouca luz, mas podia vê-la na cama, dormindo tranquilamente. Precisei fazer um esforço danado para não apressar os passos e me debruçar sobre ela, beijando-a até que meus beijos fossem suficientes para expressar o tamanho da minha felicidade. Respirei fundo e dei alguns passos. Acho que ela percebeu minha presença, pois se mexeu um pouco e balbuciou meu nome, ainda adormecida.

— Joshua, é você?

Aquela voz doce fez meu coração palpitar de alegria. Quando ela abriu os olhos, deu de cara como meu rosto inclinado sobre o seu. *Nossa!* Acho até que ela podia escutar as batidas aceleradas do meu coração. Estava um pouco preocupado com a nossa situação, pois não tinha ideia de como seria ser pai. Minha única experiência em cuidar de alguém foi com Luke, e acho que não me saí muito bem, pois vivo metendo os pés pelas mãos com ele.

Ela piscou os olhos e depois fez uma careta de nojo.

— Esse cheiro de hospital está me deixando enjoada. — Fechou a mão no nariz.

Agora estava conseguindo entender os seus enjoos matinais, tonturas e irritação. Era o nosso bebê se fazendo presente.

— Você me deu um baita susto, sabia? Quase mato o motorista do táxi. — Alisava seus cabelos enquanto admirava seu rosto lindo. — Se sente melhor? — Finalmente perguntei, estava muito nervoso e mal sabia articular as palavras.

— Um pouco. O enjoo passou, mas ainda estou com vontade de chorar. — Ela começou a chorar e imediatamente a abracei. — Me desculpa, amor, não queria preocupá-lo. Acho que fui muito teimosa, devia ter escutado você quando me pediu para comer algo antes de ir para o ensaio. Fui irresponsável.

— Você sabe que isso não é verdade. Não fique assim, meu amor, você sabe que quando se trata de você, até um espirro é motivo para muita preocupação.

— Eu me odeio por isso. — Eu que odiava vê-la assim, tão sensível.

Franzi os lábios.

— Não admito que se culpe, minha linda bailarina. Vamos parar com as lágrimas, eu que devia cuidar de você, então, se existe um culpado, este alguém sou eu. Agora pare de chorar.

— Há quanto tempo estou aqui? Nem sei onde está minha bolsa, celular... — Olhou para debaixo das cobertas. — Minhas roupas? — perguntou.

— Devem estar ali, naquele armário. — Fui até lá e abri as duas portas. — Viu, está tudo aqui. — Sorri. — Você não lembra o que aconteceu?

— Só lembro até chegar no teatro, depois acordei com alguém furando meu braço, senti o cheiro de hospital, depois apaguei.

— Meu amor, desculpe por não estar aqui ao seu lado.

— Joshua, não foi culpa sua. Não faz isso, eu me sinto mais culpada.

Estendi a mão e toquei carinhosamente seu rosto.

— O importante é que agora estou aqui e você está bem.

Ela assentiu sem conseguir falar. E eu buscava as palavras para lhe dizer que estava esperando o nosso primeiro filho. Não queria assustá-la mais do que já estava.

— Eu a amo — disse quando finalmente encontrei minha voz.

— Eu sei disso. Eu também o amo muito e não saberia viver sem você.

Retirei alguns fios de cabelo do seu rosto para estudar melhor a sua expressão.

— Se algo tivesse acontecido a você, não sei o que seria de mim, sabia?

— O que eu tenho? É grave? Você está muito misterioso — Ela falou, insegura. — Joshua, não me olha assim. Anda, sem enrolação. Eu estou morrendo, é isso?

Queria gargalhar, mas em vez disso lhe lancei um dos meus sorrisos pecaminosos.

— Não, meu amor, você não vai morrer e nem está doente. — Levei a mão até o seu abdômen. — Você está grávida. Aqui dentro tem um pequeno eu e você.

Não sei se soou ridículo o que eu disse, mas não estava nem aí. Dentro dela estava a nossa miniatura, a junção de nós dois, a alquimia perfeita.

Eu vi a cor fugir do seu rosto... O que eu fiz? Segurei sua mão e me inclinei para beijar seus lábios pálidos.

— Não pode ser — falou suavemente. — Eu uso contraceptivo, Joshua. Isso é verdade?

— Como dois e dois são quatro.

— Oh, meu Deus, um bebê! — murmurou enquanto acariciava seu ventre ainda liso.

— Sim, meu amor. O nosso filho... ou filha. O primeiro de muitos. — Uns quatro. Eu queria a nossa casa repleta de pirralhos barulhentos e briguentos, crianças amadas e felizes.

Ela ainda estava se recuperando do choque inicial e por este motivo não conseguia falar nada.

— Vick? Querida? Meu amor, você está bem?

Já estava estendendo o braço para apertar o botão e chamar a enfermeira. Não estava gostando da sua palidez.

— Será que seremos bons pais?

Quando olhou para mim, tinha aquela expressão de dúvida e medo.

— Meu amor, faremos o nosso melhor. — A beijei com mais carinho desta vez. — Sim... Sim... Sim! Claro que seremos pais maravilhosos...

Minha voz foi cortada quando ela me abraçou tão forte que roubou todo o ar dos meus pulmões.

— Vick, cuidado, você ainda está fraquinha. Por Deus! — Ela começou a rir enquanto me soltava.

— Acho que você me dará muito trabalho enquanto eu carregar o nosso filho dentro de mim. Por que eu acho que ficarei muito nervosa com os seus cuidados exagerados?

— Não tenha dúvida quanto a isso, é melhor ir se acostumando. — Brinquei com seu queixo e depois puxei seu pequeno nariz.

Ela olhou para o abdômen, admirada.

— Um bebê? — Ainda estava processando a informação. Acho que a ficha caiu naquela hora, pois lágrimas escorreram de seus olhos.

— Amor, o que foi?

Ela olhou para meu rosto com os olhos marejados e um sorriso bobo nos lábios.

— Irei ficar imensa de gorda — sussurrou, olhando para a barriga.

— Sim, ficará enorme e linda. — Eu já a imaginava com um imenso barrigão.

— E se não conseguir emagrecer depois que o bebê nascer? Conheço mulheres que ficaram irreconhecíveis após a gravidez. — Ela voltou a me encarar e desta vez com uma carinha duvidosa. — Você ainda vai me amar?

— Faremos assim, caso você não consiga voltar ao seu peso, prometo engordar também. Aliás, ficarei gordo, barrigudo, e juro que raspo a cabeça. Está bom para você? — completei com um sorriso malicioso antes de me inclinar e beijá-la.

— Você é muito bobo, senhor Joshua Saravejo, sabia?

— E você é muito linda, senhora Saravejo, e será a mulher grávida mais gostosa do planeta. E eu farei amor muito mais vezes com você, pois precisamos terminar a nossa obra prima, entendeu?

Comecei a me empolgar e logo percebi que estava ficando excitado. Era melhor irmos para casa o quanto antes, ou eu trancaria a porta do quarto e faria amor com ela ali mesmo.

Já estava pronto para descer a boca nos seios de minha fabulosa esposa — já os imaginando maiores, pois com certeza ficariam — quando fomos interrompidos. Alguém limpou a garganta, fazendo com que eu me afastasse um pouco dela.

— Espero não estar interrompendo. — Olhei para o Dr. Smith e minha vontade era de dizer a verdade.

Claro que está, eu já estava quase jogando minha esposa na cama e fazendo amor com ela.

Mas resolvi apenas sorrir.

— Não, claro que não. Inclusive já estava indo procurá-lo. — Cocei a cabeça, limpei a garganta e olhei disfarçadamente para a frente de minha calça. É, eu estava em maus lençóis, o cara lá embaixo estava bastante animado.

— Já posso ir para casa, doutor? — Minha linda esposa grávida percebeu meu embaraço. — Amor, me ajude a levantar. — Linda e esperta. Eu a ajudei a ficar de pé e ela deixou o corpo em frente ao meu.

A espertinha ainda moveu o corpo para trás, encostando-se em mim... Ela com certeza sentiu o pulsar do meu sexo em suas costas. Ela me pagaria quando chegássemos em casa.

— Se estiver se sentindo bem, poderá ir agora mesmo. — Smith me encarou. Eu só sorria. Não conseguia pensar, Vick estava me deixando louco.

— Estamos bem. — Ela ergueu a cabeça, virando o rosto para encarar o meu, piscou um olho e roçou a bunda em mim. Eu me afastei um pouco, ela estava adorando me provocar.

— Então, pedirei para uma enfermeira vir tirar o acesso, e enquanto isso farei a prescrição da medicação. Aconselho a vocês já escolherem um médico para acompanhar a gestação.

— Não se preocupe, será a primeira coisa que faremos quando chegarmos em casa. — Ela olhou para mim outra vez, sorrindo com deboche.

Não, linda bailarina, só faremos isso depois que fizermos amor.

Ela entendeu meu olhar malicioso, pois segurou o riso.

Smith nos deixou, e eu já ia pegá-la de jeito quando uma enfermeira entrou no quarto. Ajudei a Victoria a se trocar e a pentear os cabelos.

— Vai precisar de uma cadeira de rodas?

— Não. — Eu já ia dizer que sim, mas Vick respondeu imediatamente.

A enfermeira apenas assentiu e saiu rapidamente.

Peguei a bolsa dela e a ajudei a vestir o casaco. Antes de abrir a porta, eu me agachei.

— Obrigado, meu Deus, por esse presente maravilhoso. — Beijei seu ventre e me levantei para logo em seguida beijá-la na boca. – Vamos logo para casa comemorar em nossa cama. Depois ligaremos para a nossa família, eles vão adorar a grande novidade.

— Joshua, o senhor está impossível.

— Eu sei, acho que serei obcecado por você, principalmente quando estiver com um barrigão, não vejo a hora. Vamos? Eu quero saciar logo a minha fome de você.



16

Antes mesmo de sair do elevador eu a segurei firme contra o corpo e roubei sua boca. Tinha pressa. Não sei como consegui abrir a porta do apartamento, pois não desgrudei dos seus lábios. Entrei, jogando tudo em qualquer canto e arrancando sua roupa.

— Joshua... *Oh, God*... — Ela pegou o embalo e fez o mesmo com as minhas roupas. Quando dei por mim, estávamos nus.

De bocas coladas, partimos para o quarto.

— Quero você e o mais rápido possível. Preciso sentir o seu gosto em minha língua e escutar os seus gemidos, linda esposa.

Joguei-a na cama. Ela já caiu pronta para a apreciação de minha boca e língua. Abri suas pernas e admirei seu sexo liso e úmido.

— Joshua, olhando você daqui a impressão que tenho é que irá me devorar, não só com a boca, mas com os olhos também. Acho que desperto em você o seu lado mais primitivo.

Sim, esposa linda, você desperta muitas coisas em mim.

Soltei um rosnado. Eu queria que ela entendesse que estava faminto. Fizemos amor hoje cedo. Era algo viciante, já acordava louco de desejo e nem lhe dava tempo de protestar, a primeira coisa que eu fazia assim que abria os olhos pela manhã era cair de boca no meio de suas pernas e fazê-la gozar só com a minha língua.

— Hoje comerei e foderei pela primeira vez a minha esposa grávida, e será assim todos os dias e todas as noites... — Pisquei um olho e mergulhei a boca em seu sexo, movendo a língua em suas carnes, deixando-a completamente eufórica e soltando gemidos que me deixavam ainda mais excitado.

Enquanto minha boca explorava sua intimidade, minhas mãos se ocupavam dos seus seios, massageando os bicos rijos. Vick soltava gritos e gemidos prazerosos e suas mãos puxavam a minha cabeça para mais perto de sua vagina. Quando senti seu corpo arquear-se, já sabia que ela estava pronta para o ápice mágico. E o seu êxtase veio em toda a sua plenitude, como ondas avassaladoras.

E sem dar a ela uma chance de descanso, poucos minutos depois eu a puxei e a sentei sobre as minhas pernas, com as costas contra o meu peito, inclinei sua cabeça e passei a língua em toda a extensão do seu pescoço.

— Joshua, você me enlouquece — murmurou. Aproveitei e dei leve mordidas que começaram em sua orelha e foram até o seu ombro. Vick deixou escapar vários ruídos eróticos da boca.

Deslizei a mão entre as suas pernas e comecei a massagear seu núcleo molhado. Ela não conseguiu segurar um gemido mais forte quando a sua cabeça caiu para trás contra o meu ombro.

— Está gostoso? Amo seus gemidos, linda esposa — rosnei em seu ouvido.

Vick não conseguiu me responder, ela apenas deixou a cabeça cair para trás e um gritinho tenso ecoou no quarto.

— Pronta para o prazer absoluto? Porque eu estou.

Articulei com uma voz rouca enquanto a levantava ligeiramente e deslizava meu sexo para dentro dela, por trás. E quando estávamos completamente encaixados, fiquei parado por um momento, deixando o êxtase se aflorar em nossos corpos suados. Vick tentava se mexer, mas a segurei, circulando o braço em torno de sua cintura.

— Sinta-me, meu amor... — Mordi o lóbulo de sua orelha.

— Ah... amor, eu preciso que se mova. Estou... *my God*...

Ela gemia enquanto entrelaçava os dedos em seus cabelos e começava a fazer um movimento lento de subir e descer o seu corpo, fazendo-a me sentir todo dentro de si na descida até o meu colo.

— Eu a amo, e amo estar dentro de você, linda esposa. Amo mais ainda vê-la gozar — sussurrei em seu ouvido com dificuldade, enquanto acariciava seus seios, movendo-a em cima de mim, dando-lhe o mesmo prazer que ela estava me dando.

— Amor... eu... vou...

— Goze, meu amor, goze...

Isso era absolutamente lindo... de ver e sentir.

Não mesma noite, ligamos para nossos pais e contamos a novidade. Cada um reagiu de uma maneira. Meu pai queria que fôssemos para o Brasil assim que a Victoria pudesse viajar de avião. Ele queria paparicar um pouco a nora, e quando dissemos que iríamos, ele só faltou se teletransportar para encher a Victoria de beijos. Prometi que em três meses estaríamos com ele. Nunca imaginei que Luke ficaria tão empolgado com a ideia de ser tio. Ele me fez prometer que avisasse assim que soubesse o sexo do bebê, pois ele compraria todos os brinquedos possíveis para o sobrinho ou sobrinha. Quando eu lhe disse que passaríamos algumas semanas com papai no Brasil, ele gritou de felicidade, avisando que iria no mesmo dia também.

Meus sogros choraram e avisaram que começariam a procurar casas nas proximidades do nosso apartamento. Eles não perderiam o crescimento do neto por nada no mundo. Ficamos mais de uma hora debatendo sobre a gravidez, principalmente com a Liss, que explicava a Vick o que fazer com os vários sintomas que com certeza surgiriam. Até eu fiquei especialista no assunto.

Depois disso, fomos nos deitar, e percebi que a Victoria estava calada, pensativa. Então lembrei que ela sequer ligou para o coordenador do *ballet*.

— Vick, o que foi? — Aquela respiração puxada com força não foi legal, minha linda bailarina estava preocupada.

— Acho que não serei mais a primeira bailarina. Não poderei seguir com as apresentações. — Agora entendi por que estava tão quieta.

— Isso a preocupa, não é? Será que terá que parar de dançar?

— Não, uma das meninas ficou grávida ano passado e continuou ensaiando até o oitavo mês, só não pôde fazer as apresentações, já que exigiria saltos e piruetas. Então, acontecerá o mesmo comigo, terei que me afastar, mas poderei continuar ensaiando.

— Está triste por isso? — Pergunta idiota, é claro que ela estava triste, o *ballet* estava em seu sangue.

— Um pouco, passei mais da metade da minha vida dançando e me apresentando, então é difícil ficar de fora dos palcos. Mas, por outro lado, estou muito feliz, pois aqui... — Ela pegou a minha mão e a colocou no ventre. — Aqui dentro está o fruto do nosso amor, e eu sei que quando ela ou ele nascer, voltarei aos palcos.

— E estaremos lá, aplaudindo os seus saltos e piruetas. — Deitei-me e a puxei para o peito. — Dará tudo certo, amor. Você sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Você é o melhor marido do mundo, senhor Joshua Saravejo. — Ela virou o rosto e os seus olhos lindos encontraram os meus. — A propósito, o senhor leu o bilhete que deixei em seu paletó?

Desde que começamos a namorar ela deixava um bilhetinho em meu escritório todas as manhãs, e depois que nos casamos ela passou a esconder um no bolso do meu paletó. Já se tornara um hábito e era a primeira coisa que eu procurava quando vestia a peça de roupa todas as manhãs.

— Sim, e respondendo à pergunta do seu bilhete... — Fiz uma pausa beijando-a repetidamente. — Meu coração canta sempre uma canção de amor para você.

Seu bilhete dizia:

Senhor Joshua Saravejo, hoje meu coração cantou uma canção de amor para você quando fizemos amor, e o seu?

E, como sempre, no lugar da palavra coração havia o desenho de um.

Ela bocejou. Estava cansada, o dia não foi muito fácil para ela hoje. Nem para mim. Eu a abracei e ela se aconchegou em meu peito quando apaguei a luz.

— Boa noite, senhora Saravejo. Amo você.

— Boa noite, senhor Saravejo. Eu amo muito mais. — Sua mão bateu em meu peito. — Não está esquecendo algo?

— O beijo? — A beijei.

— Também, mas não é só isso. — Ela pegou minha mão e a levou para junto da sua em seu ventre. — Boa noite, bebê, nós te amamos.

É, a nossa nova rotina seria doce.

— Boa noite, bebê. Não seja traquino, deixe sua mamãe descansar.

E foi assim, acariciando o ventre liso de minha linda bailarina, que adormeci.



Era inacreditável como uma pessoinha que sequer nem nasceu já podia mudar o mundo que em breve seria seu. No terceiro mês de gestação, descobrimos que nosso bebê era uma menina. Eu sei que muitos homens desejam que seu primogênito seja um menino, no entanto, eu torcia muito que fosse uma menina. Talvez tenha a ver com o fato de o meu universo ter se formado inteiro no tom azul da masculinidade, que eu queria conhecer a doçura do rosa. Quando a obstetra nos disse que a Victoria carregava uma menina, eu pude apreciar a diversidade da tonalidade das cores, entre os azuis, lilás, rosas, beges, amarelos... a nossa vida se transformou em um arco-íris.

Nosso apartamento entrou em reforma assim que descobrimos o sexo do bebê, então partimos para o Brasil, deixando os meus sogros cuidando de tudo. Porém, quando chegamos à Ilha dos Corais, a residência oficial dos Saravejo também estava em obras. Papai mandou reformar um dos quartos para a sua futura neta, e por causa do barulho da obra, preferimos ficar na outra residência, em Passaredo, do outro lado da ilha. Mas seria apenas por alguns dias. Eu até gostei, pois fazia tempo que não a visitava. Depois que a mamãe morreu, a casa passou a ser do Luke e foi lá onde eu e ele crescemos. Papai, por não suportar as lembranças, se mudou para a mansão que ficava no alto da ilha. E graças à nossa filha, era a primeira vez, depois de oito anos, que toda a família se reunia lá novamente. Acho que a nossa Brianna — o nome que escolhemos para nossa filha — tinha o dom de nos fazer esquecer as tristezas, pois os oito dias que passamos em Passaredo foram só de felicidade. Victoria até fez uma pequena apresentação da peça o Lago dos Cisnes para nós.

Estava tão concentrado no projeto da reforma da cobertura do hotel que não ouvi quando a porta de minha sala foi aberta por minha secretária, que entrou e ficou ali, parada, esperando-me terminar de ler e entender as diversas informações e modificações que o arquiteto e engenheiro resolveram fazer de última hora.

Ela limpou a garganta quando percebeu que não havia notado sua presença.

— Eu sei que a senhorita está aí... — articulei sem desviar os olhos do grande papel estendido sobre a mesa de reunião. — Will quer me deixar louco. Eu o avisei para não fazer nenhuma mudança, não quero prolongar essa reforma por mais nenhum dia, ela se encerrará na data que eu estipulei. O novo administrador assumirá em cinco dias e eu não porei meus pés aqui até a Brianna completar cinco meses.

Levantei a cabeça e a encarei. Juntei os olhos, como se dissesse:

Qual o problema, mulher?

— Desculpe, senhor Saravejo, mas não sabia o que dizer ao outro senhor Saravejo, já que o senhor deixou claro que não queria ser interrompido nem por Deus... — Ela entortou a boca após a frase, mas foi isso mesmo que eu disse. — Ele que falar com o senhor, é uma chamada de vídeo.

— E por que ele não ligou no meu celular?

— Ele ligou, mas seu celular está em minha mesa.

Só agora eu lembrei que havia deixado o celular longe de propósito, não queria mesmo ser interrompido. Caso a Victoria precisasse de mim, ela ligaria para o celular exclusivo, que só ela

tinha o número.

— *Oh, shit!* Cadê o celular?

— Aqui. O senhor terá que retornar à ligação, seu pai ficou muito chateado.

Esperei minha secretária fechar a porta. Algo havia acontecido, eu sabia que cedo ou tarde a paz que estava reinando acabaria. Luke aprontou alguma. Dei início à chamada de vídeo.

— Quer dizer que agora preciso ser anunciado para falar com senhor...

O grande Lúcios Saravejo não gostava de ser ignorado.

— Desculpa, meu velho, precisei me isolar. É que preciso terminar a reforma em quinze dias. Prometi a Vick que ficaria com ela nos últimos quarenta e cinco dias da gravidez, e justo hoje o engenheiro resolveu mudar algumas coisas no projeto, por isso me tranquei na sala para estudar tudo antes de autorizar e...

— Eu me ofereci para ficar em seu lugar — ele me interrompeu. Sim, era verdade, mas não havia necessidade, podia resolver tudo sozinho. — Você que não aceitou. Ainda consigo administrar meu patrimônio, senhor Sabichão.

Gargalhei. Meu velho ainda tinha senso de humor.

— Pai, o senhor ainda é o dono da porra toda, mas se me promoveu a CEO da nossa rede de hotéis, então não faz sentido assumir meu lugar toda vez que surgir um problema. Não se preocupe, dou conta. Então, o que foi que o Luke aprontou desta vez?

— Luke!? Não, não, filho, o seu irmão está bem. Eu até me admiro, ele anda quieto. Por incrível que pareça, ele anda até frequentando as aulas, e espero que continue assim.

— Então o que foi? Qual o motivo da chamada de vídeo?

— Quero mostrar uma coisa, caso queira mudar algo antes de mostrar para a Victoria. Olha... — A câmera do celular virou para uma porta e nela havia uma placa com o nome: Brianna. — Contratei um novo decorador que é especializado em quarto infantil. Veja como ficou.

E o meu mundo ficou todo rosa... Papai transformou o quartinho da Brianna em um mundo de alegria, ele havia mudado tudo: papel de parede, piso, cortinas, móveis e havia ainda mais brinquedos.

— Então, filho, o que achou? Você acha que a Vick vai gostar? Mudei praticamente tudo, estava muito quartinho de neném, então achei melhor deixar mais mocinha, já que ela só virá para cá quando estiver com seis meses. Estava muito em tons pastéis, mas agora está rosa... — Virou a câmera para o rosto.

Ele estava chorando. E eu também.

Não sei, talvez fosse a proximidade do nascimento da Brianna, mas andava muito emotivo, chorava com facilidade. Era bobagem, eu sabia, talvez até seja um idiota, mas tinha vezes que sentia uma dor no peito, um vazio, e vinha aquela vontade de chorar desesperadamente. Por umas duas ou três vezes acordei gritando e chorando no meio da noite, sem conseguir lembrar do pesadelo, e só me acalmava quando abraçava o barrigão de oito meses da Vick.

Talvez a Vick tivesse razão, eu estava apavorado com o fato de a Brianna estar prestes a vir ao mundo, pois ela não estaria mais protegida dentro da barriga da mãe. Devia ser mesmo coisa de pai superprotetor.

— Com certeza! Eu adorei, sogro querido.

Quando virei, me deparei com a Victoria parada na porta, olhando para mim.

Ela era uma imagem impressionante com aquele seu barrigão lindo e os seios fartos, moldados pelo vestido justo. Ela adorava exibir suas curvas de mulher grávida. Vendo-a assim, tão linda, parecendo a luz do sol, não tinha nem coragem de ralhar com ela por ter vindo até aqui depois que a proibi de sair sozinha de casa.

No entanto, a sua presença por si só já me afetava. Por isso engoli a vontade de reclamar e abri um vasto sorriso para a minha linda bailarina, agora grávida.

— O que a minha linda esposa e filha estão fazendo aqui? O que foi que eu disse para a senhora? — Fui até ela e a recebi com um beijo quente e carregado de desejo.

— Ei, você dois, respeitem o velho aqui...

Esqueci que estava com o celular na mão. Afastei a câmera para terminar de beijar minha esposa desobediente. Ando subindo pelas paredes e acho que fiquei mal acostumado, pois desde o primeiro dia que descobri que a Vick estava grávida, o meu apetite sexual por ela triplicou. Parecia um lobo faminto, e sempre que podia escapulia para o nosso apartamento e a pegava de surpresa. Quando não podia ir mandava buscá-la e passávamos um par de horas fazendo amor. No entanto, desde que ela completou oito meses, estávamos evitando ir com muita sede ao pote. As suas pernas estão começando a ficar inchadas e vez ou outra ela sente dores nas costas.

— Gostou mesmo, Victoria? — Fomos interrompidos por meu pai empata-beijos. Victoria se afastou, limpou os lábios com o dorso da mão e tirou o celular de minha mão.

— *Oh, my God!* Ficou lindo! — Amava o brilho do seu olhar quando ficava entusiasmada com alguma coisa. Ela se sentou no estofado. — Os tons de rosa e lilás com o azul deram mais alegria e luminosidade. Olha, amor, vem ver o palhacinho...

Meu Deus! Não era difícil admitir a imensidão de amor que eu sentia por ela. Sentei-me na outra poltrona e pus os seus pés em cima das minhas pernas. Enquanto os massageava, olhava as imagens do quartinho da Brianna.

— Só espero que nossa filha não tenha medo de palhaços...

— Qual criança tem medo de palhaços, Joshua? — Ela atirou uma almofada em minha direção.

— Não liga, Victoria. Meu filho, às vezes, é um idiota.

— Mas é verdade, gente! Tem criança que tem pavor de palhaços... — Inclinei o corpo e peguei o celular, observando melhor as imagens dos palhaços que estavam em uma prateleira. — Observe bem — mostrei um palhaço para ela —, tem uns que são medonhos de feios.

— Não são nada, eles são lindos e tenho certeza de que nossa menininha irá amar todos os seus brinquedos, inclusive os palhaços. — Ela voltou o celular para frente do rosto. — Está tudo lindo e perfeito, meu sogro, não vejo a hora de retornar a esse paraíso.

— Eu também, querida. Não vejo a hora de tê-los aqui ao meu lado.

— Não se preocupe, meu velho, logo o senhor escutará o som mais lindo do mundo: o chorinho da sua neta. Falta pouco.

Escutei o som da gargalhada dele. Eu tinha certeza de que ele arrumaria alguma desculpa para que ficássemos mais do que o planejado, no entanto, eu já estava preparado para as suas chantagens emocionais. Victoria teria que voltar às suas atividades no *ballet* em aproximadamente dez meses após o nascimento da nossa filha, pois ela já tinha duas apresentações para a próxima temporada, aqui em Nova Iorque.

— Filhos, tenho que ir, o dever me chama. Um beijo em cada um e vários em minha netinha.

— Beijo, pai.

— Beijo, sogrinho.

Ele desligou. Eu passei para o outro estofado e agarrei minha mulher, pegando-a de surpresa.

— Se você soubesse o quanto me deixa louco, senhora Saravejo — soletrava as palavras enquanto a beijava com extrema vivacidade. — Sinta como fico louco. — Peguei sua mão e pus na frente da minha calça. — Sentiu? É uma pena que não posso saciar a vontade dele nem a minha, esposa gostosa. — Nossa! Ela se afastou e eu vi faíscas de fogo saindo dos seus olhos.

— Senhor Saravejo, quem disse que não pode saciar sua vontade? — Ela estava com aquele olhar perigoso e incrivelmente sexy. — Sua fome é a minha, marido gostoso.

Ah, merda!

Ela me empurrou e eu caí com as costas no encosto do estofado. Minha terrível esposa abriu o zíper da minha calça e puxou meu sexo para fora, eu só senti...

— *Shit!* — Ela sabia me surpreender. Como também me deixar alucinado. Coitado de mim, minha vontade era soltar palavrões inapropriados, mas lembrei que minha secretária estava do outro lado da porta. — Vick... *shit*... *oh*... — Ela aprendeu as artimanhas do sexo oral rapidamente, e hoje sabia usar a boca, a língua e os dentes perfeitamente, em todas as partes do meu corpo, principalmente na minha parte mais sensível... — Chupa, amor, chupaaa!



18

Aproveitei que a Vick estava tirando um cochilo e vim dar continuidade à pilha de papéis que trouxe do hotel. Não estava sendo fácil cumprir o que prometi a Victoria — tentar tirar umas férias antecipadas. Sim, eu prometi que ficaria em casa a partir da próxima semana, mas sem fazer nada que tivesse relação com o trabalho, eu seria exclusivamente dela. O problema era que a reforma da cobertura estava sendo mais difícil do que a dos demais andares, por isso hoje não sei até que horas ficarei trabalhando. Sem falar que amanhã é o aniversário do meu sogro Carter, e nós precisamos estar em Allentown logo cedo. Portanto, eu precisava adiantar toda essa bagunça.

— Joshua.

Levantei a cabeça para admirar o meu bem mais precioso. Havia uma corrente luminosa em torno dela que me sacudia sempre que colocava meus olhos sobre ela, e ela nem sequer precisava falar algo para eu ser afetado, bastava só olhar... Todos os meus pensamentos desapareciam e eu só via ela, unicamente ela.

— Amor, o que está fazendo? — Ela parou diante da porta do meu escritório e ficou me observando.

Mesmo estando vestida com minha camisa de malha surrada, evidenciando seu barrigão e seus enormes seios, com as pernas grossas devido ao inchaço da gravidez e manchas marrons nas bochechas, ela era a mulher mais linda do mundo, e diante de tudo aquilo, eu mal consegui me lembrar de respirar.

— Joshua... oi, amor?

Respirei profundamente enquanto sorria para ela. Afastei a cadeira da mesa e abri meus braços, chamando-a para o colo. Ela veio.

— Cheiro bom — elogiei quando mergulhei o rosto na curva do seu pescoço. — Que gostoso. Nossa, quero comer você — brinquei, mordendo levemente todo o contorno até chegar em seu ombro. Ela se contorcia e sorria. — E você, minha princesa? — Acariciava sua barriga exposta. — Essa menininha anda aprontando muito, precisa deixar a mamãe descansar um pouco...

Brianna fez um movimento ondular, fazendo um monte durinho logo acima do umbigo da Vick. Era sempre assim todas as vezes que eu conversava com ela, a resposta era imediata. A minha filha adorava conversar com seu atencioso pai.

— Vá dormir, querida. — Vick bocejou. Eu sei que ela estava cansada, não era fácil se arrastar de um lado para o outro, ainda mais agora que estava chegando ao final da gestação.

— Você não vem?

— Daqui a pouco. Antes preciso terminar esses relatórios, não quero deixar nada para a semana que vem. Quando o gerente se apresentar na segunda-feira, já quero deixá-lo a par de tudo e pronto para administrar o término das obras.

— Ok, mas não demore a deitar-se. Lembre-se que sairemos logo cedo, papai nos quer lá antes das oito. Ele e sua mania de assistir ao culto de domingo.

— Só mais uma hora e já, já estarei ao seu lado, dormindo agarradinho.

Ela me beijou, daquele jeito. Me deixando cheio de vontade e fazendo meu coração acelerar.

— Não demore, senhor Saravejo.

Levantou-se. Beijou minha boca outra vez e eu fiz um carinho em sua barriga, depois lhe dei um beijo demorado.

Victoria se foi e eu me concentrei no trabalho. Eram pilhas e pilhas de relatórios, planilhas, gráficos, contratos. Respirei fundo, liguei a máquina de café e mergulhei na papelada. As horas se passaram...

— Joshua! Joshua... — Estava tão concentrado que nem escutei a Victoria me chamando. Levantei a cabeça e olhei para o relógio na parede.

— Puta merda! — praguejei. Eram quase cinco horas da manhã. — Desculpe, amor, nem vi as horas passarem. — Larguei tudo como estava e me levantei.

— Amor, você precisa dormir, daqui a uma hora vamos sair. — Estendeu a mão e me chamou.

— Eu sei, vou tomar uma ducha fria e cair na cama.

— Então, vamos.

Não tomei banho frio, porque a Vick resolveu me acompanhar. E tomar banho com ela, no estado em que estava, não era muito aconselhável, então nosso banho demorou mais do que deveria. Mesmo não podendo fazer sexo, a Vick sempre encontrava um jeito de satisfazer o meu desejo e o dela. Assim, dormir ficou para depois. Quando eu chegasse à casa dos meus sogros eu dormiria um pouco.

Levamos mais de duas horas para chegar. Precisei parar o carro algumas vezes para a Vick esticar as pernas. Mesmo deixando o banco inclinado, suas pernas começaram a ficar dormentes, então precisei parar para que ela pudesse andar um pouco. Carter já havia nos ligado uma dúzia de vezes, preocupado com a nossa demora. Quando chegamos fomos direto para a igreja, e confesso, foi uma luta manter os olhos abertos durante todo o sermão. Dei graças quando tudo terminou. Estava morrendo de sono, o que eu queria mesmo era me deitar um pouco. Infelizmente isso não foi possível. Chegamos em casa um pouco depois das dez horas da manhã e os convidados já estavam nos esperando.

Como dormir com tanto barulho?

O jeito foi me misturar e responder às inúmeras perguntas sobre o Brasil, sobre a ilha Paraíso dos Corais e sobre como é ser dono de uma rede de hotéis. Para manter meus olhos abertos e o sorriso no rosto, aceitei uma dose de uísque que meu sogro me ofereceu, até o almoço ser servido. Victoria estava feliz e vez ou outra vinha até mim e dava-me um beijo. Eu queria mais do que uma

bicota, queria aquele beijo que só ela sabia me dar.

— Eu o amo, sabia? Você é tudo para mim, sabia? — Foi um daqueles momentos inesperados. Ela simplesmente grudou as mãos em meu rosto e me encarou com aquele olhar que que tirava o ar.

— Sabia, linda esposa. — Grudei os lábios nos seus e os mordi lentamente. — Também amo muito você e não saberia viver sem você ao meu lado. — Não sei, mas ao dizer aquilo meu corpo inteiro se arrepiou.

Às quatro da tarde, resolvemos ir embora. Eu estava muito cansado, precisava de uma boa noite de sono, pois na segunda-feira teria uma reunião às sete da manhã e não podia ficar cochilando na mesa. Meu sogro ainda me pediu para dormir lá, pois viu o quanto estava cansado quando me pegou cochilando no sofá com todo aquele barulho. Agradeci, mas recusei o convite.

A verdade era que queria mesmo dormir em minha cama, no silêncio de minha casa, pois pelo que vi na casa dos meus sogros, os convidados iriam demorar a ir embora. Prendi o cinto de segurança em volta do corpo da Vick, puxei algumas vezes para certificar de que ela estava segura, liguei o som do carro com uma música bem suave, inclinei o banco, e quando vi que estava tudo bem, dei a volta e liguei o veículo, acenando para meus sogros, enquanto eles pediam que dirigisse com cuidado e que ligasse para eles assim que chegássemos em Nova Iorque.

— Tudo bem, amor? Está confortável? — Segurei a mão de Vick e comecei a acariciá-la. — Durma um pouco, vocês precisam descansar.

— Ã-hã. — Se ajeitou no banco. — Joshua.

— Oi.

— Amamos você — murmurou. Olhei para ela e seus olhos se fecharam. Ela adormeceu.

— Eu também amo vocês, amo muito.

A tarde de domingo estava tranquila, quase sem trânsito, com poucos carros no trajeto de volta. Dentro do carro, o único barulho era a música suave que tocava. Olhei para o relógio: em duas horas estaríamos em casa. Olhei para ela...

Foi tudo tão rápido... só escutei o som de uma batida, cheiro de gasolina, borracha queimada e fumaça. Não sentia minhas pernas, meu corpo doía, e eu tinha um gosto estranho na boca. Então, abri os olhos e pisquei algumas vezes, pois não conseguia enxergar.

O que aconteceu? Estou sonhando? Victoria?

Apertei as mãos e senti algo. Lembrei que segurava a mão dela, mas naquele momento não era a mão dela que eu segurava, era... grama.

Grama! Como assim, grama!? Foi então que senti um calor e uma pequena explosão.

— Victoria! — Abri os olhos, então eu vi o carro. Não... eu vi o resto do meu carro, com os pneus para cima e todo retorcido de encontro a uma árvore. — Victoria! — Desesperado, gritei. Chamas amarelas estavam se espalhando em volta do veículo e Victoria ainda estava dentro dele. — Victoria! — Ela não respondia, mas dava para ver que havia muito sangue, seu cabelo estava ensopado. *Meu Deus! Estou em um pesadelo!* — Victoria! — Não sei como me arrastei até o carro, pois não sentia nada. Entrei no veículo e tentei soltar o cinto de segurança, mas estava preso. — Meu

amor, acorde!

Ela não respondia. Toquei em sua barriga pedindo, a Deus para que a Brianna estivesse bem. Puxei o cinto outra vez, mas não conseguia soltá-la.

— Meu amor, acorde! Não faça isso, eu preciso de sua ajuda, não posso soltá-la sozinho!

O fogo já estava dentro do carro, eu já o sentia queimar minhas costas. Ardia... ardia muito. E para não queimar a Vick, eu me joguei por cima dela.

— Socorro! Socorro! — Desesperado, puxava a fivela do cinto. Escutei uma pequena explosão. — Meu amor, acorde!

— Josh... Joshua... — ela sussurrou. — Não consigo respirar... — Abriu os olhos e olhou em volta. — *Oh, God*, vamos morrer...

— Não, não vamos! Vou tirá-la daqui! — Tentei, tentei, mas não consegui. Minhas costas queimavam, e ela percebeu.

— Saia, saia daqui! Estou presa, meu amor! Você está muito machucado, não... — Ela já não conseguia respirar e de sua boca já descia sangue. Ela estava sufocando. — Saia... nós... te.. amam... — Fechou os olhos.

— Não, não, não...! Socorro! Socorro! — O fogo aumentava. O carro ia explodir de vez, eu precisava tirá-la o mais rápido possível dele.

Então fui arrastado para longe do carro. Senti minhas costas rasgando-se na lataria. Aos poucos me distanciava do fogo, que crescia apressadamente.

— Não... não! Minha esposa, eu preciso salvar a minha esposa! — Tentei de alguma forma me livrar das mãos que puxavam meus pés. — Minha esposa...

— Senhor, é tarde demais!

Então escutei a explosão. E naquele momento, eu morri.



19

Paredes azuis. Paredes frias. Vazio. Silêncio. Solidão. Amargura...

Culpa.

Fazia seis dias que fingia dormir, fingia estar fora da realidade. Não queria admitir, não queria acreditar. Eu sabia o que tinha acontecido, não havia perdido a memória, tampouco estava em choque. Estava ciente do passar dos dias e de todo o pesadelo que minha vida se transformara.

Ela se foi.

A mulher da minha vida se foi, juntamente com a minha filha. E sou o único culpado.

Destruí minha família.

Sou um assassino.

Não, não estava fugindo do julgamento dos outros, pois eu mesmo já havia me julgado e sentenciado. Eles não precisavam apontar o dedo em minha direção... minha culpa, minha máxima culpa. No entanto, não queria falar com ninguém, não queria escutar dos que me amavam que não era culpado, não queria a piedade deles.

Não merecia.

Há dois dias, acordei com um dos médicos que estão cuidando de mim conversando com o papai. Fingi estar dormindo, pois caso eles percebessem que havia acordado, mudariam de assunto...

— Então, meu filho ficará recuperado das queimaduras? — Papai perguntava ao médico. Ele era um especialista em queimados, pelo que consegui ler em sua identificação.

— O que pude fazer logo que ele chegou à sala de cirurgia, eu fiz, agora vamos esperá-lo acordar. No entanto, o tratamento será longo e dolorido, mas podemos reduzir bastante as cicatrizes. Só sinto dizer que as costas do seu filho nunca mais serão as mesmas. Ele teve muita sorte, pois poderia ter morrido.

E por que eu não morri?

Por que Deus resolveu me poupar?

— Além das queimaduras, ele ficará com outras sequelas? — meu pai perguntou novamente.

— Como disse, seu filho teve muita sorte. Não, ele não ficará com outras sequelas, mas no início ele terá dificuldade de se locomover, de mover os braços, e terá que dormir por um bom tempo de bruços. Eu só não garanto que seu psicológico fique bem, por isso recomendo que ele comece um tratamento com um psiquiatra. Aqui temos ótimos profissionais.

— Quando ele poderá ir para casa?

— Ele precisa acordar primeiro. Precisamos fazer algumas avaliações, mas a princípio ele está bem.

Bem? Como posso estar bem?

Ele tocou em meu pulso, e continuei de olhos fechados, fingindo inconsciência.

— Seu filho está bem e assim que ele acordar faremos mais exames. Por enquanto é só isso, se o senhor precisar de mais alguma coisa estarei em meu consultório no período da tarde.

— Obrigado, mas não sei se o Joshua se recuperará de algo tão doloroso. Talvez ninguém de nossa família se recupere.

— Vá por mim, todos se recuperam. Sei o que eu digo. Agora tenho que ir.

— Eu o acompanho, preciso fazer uma longa ligação para o Brasil.

Escutei a porta se fechar e enfim pude abrir os olhos e deixar minhas lágrimas escorrerem pelo lado esquerdo do meu rosto.

Doía, doía tanto que achava que não iria aguentar. E não era apenas as dores físicas, com essas acho que poderei conviver e posso até vir a gostar delas, pois sei que as mereço. Mas as dores do meu coração, da minha alma, essas estavam difíceis de suportar. Tenho certeza de que, cedo ou tarde, tudo irá desabar. Não estou preparado para encarar a realidade, acho que será uma questão de tempo para que me entregue ao abismo. Não conseguirei encarar a luz, não sem elas...

— Senhor Saravejo? — Fui flagrado acordado por uma médica que entrou no quarto. — Finalmente o senhor acordou. E então, como se sente?

Como me sinto? Que pergunta idiota.

Balancei a cabeça, indiferente à pergunta imbecil. A raiva tomava conta lentamente do meu cérebro. A fúria que eu trabalhei arduamente para afastar estava lutando bravamente para transpor todos os meus sentidos. Durante todos esses dias eu lutei comigo mesmo. Lutei para não deixar as lembranças me quebrarem totalmente, mas temo que não resistirei por muito tempo, a sensação do fracasso é tão terrível quanto a de culpa.

— Seu pai ficará feliz em vê-lo acordado — disse ela, se inclinando para encarar meu rosto e fixar os olhos nos meus. — Então, como se sente?

Morto.

— Não sinto nada. Devo estar morto e você é uma médium que está conversando com meu espírito — ironizei sem muita vontade de continuar com a conversa.

— Que bom que o senhor não perdeu o senso de humor, não é? — *Senso de humor!* Em alguns minutos ela iria provar o meu verdadeiro humor, se continuasse com as perguntas idiotas. Ela mexeu em meu pé. — Sentiu isso? — Fingi demência. — Vamos lá, senhor Saravejo, responda.

Assenti, esforçando-me para não soltar um palavrão. Por que ela não ia embora? Não precisava dela, não precisava de ninguém. Só da tristeza em meu coração me enterrando vivo.

— O que acha, será que além de matar minha esposa e filha, ainda fiquei aleijado? — respondi

rudemente. — Não, acho que não tive tanta sorte. Sim, eu sinto seus dedos em meu pé. — A médica fez uma careta de insatisfação.

— Senhor Saravejo, o que aconteceu não foi culpa sua, foi uma fatalidade. Não se sinta assim, isso não o ajudará em sua recuperação. Agora vou higienizar minhas mãos para examinar suas costas.

E quem disse que eu quero me recuperar? Eu deveria estar preso, deveria estar em uma enfermaria de alguma prisão americana nesse momento. Fui imprudente, bebi e dirigi um veículo, matando duas pessoas inocentes. Isso é o bastante para me trancarem em uma cela e jogarem a chave fora.

— Deixe-me em paz, não quero curativos! Deixe essa porra infeccionar e vá embora, caralho! — gritei. Acho que se pudesse levantar eu a pegaria pelo braço e a jogaria para fora do quarto.

Podia ver seu rosto tenso e surpreso com o tom cru de minha voz. E nesse momento eu também vi seu olhar indulgente. Não, não queria aquele olhar dirigido a mim. A dor da minha alma já era o suficiente para me desequilibrar, não precisava de mais um motivo para me sentir tão monstruoso. Todos aqueles sentimentos de empatia só me davam a certeza de que eu não merecia estar vivo.

— Vá à merda, entendeu? Vá à merda! Saia daqui! Deixe-me em paz, não preciso de você. Saia, porra! Saia da minha frente! — Berrei tão alto que a médica se sobressaltou, dando um passo para trás.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Papai entrou escancarando a porta, olhando-me com espanto. — Joshua, seus gritos podem ser ouvidos da outra recepção. O que há de errado com você?

— Estou vivo, isso é o que há de errado comigo. Eu sobrevivi! E cadê a polícia, que ainda não veio me prender?

Parei por um breve segundo, apenas por tempo suficiente para tomar uma respiração profunda e virar a cabeça para o outro lado do travesseiro, já que estava de bruços e não podia fazer muitos movimentos. Se pudesse, com certeza já teria ido a alguma central de polícia confessar o meu crime. Já que ninguém até agora fez isso.

— Para de falar besteira e para de ser um imbecil! Tratar os outros com ignorância não resolverá seus males. — Eu não podia ver meu pai, mas sabia que estava olhando diretamente para mim. — Doutora, peço que desculpe o idiota do meu filho, ele ainda está em choque e posso garantir que ele não é essa pessoa que acabou de gritar essas palavras chulas.

Ele não tinha o direito de se desculpar por mim. Não me arrependia de nada que disse. Sim, eu não *era* essa pessoa, mas agora eu *sou*.

— Está tudo bem, eu entendo. Só me deem um minuto, já volto. — A médica saiu.

— O que há com você, filho? Todos aqui estão fazendo o melhor para cuidar de você e é assim que agradece? — Ele pegou uma cadeira e se sentou ao meu lado. Então eu pude ver seu abatimento. Obviamente papai não dormia bem há um bom tempo.

— Não preciso da piedade de ninguém, nem da sua. Eu sei o que fiz, e estar nesta cama é pouco, eu merecia ter morrido...

— Cale-se! Você... — Ele baixou a cabeça, inspirou. — Filho, eu quase morri quando recebi a

ligação sobre seu acidente. Entende o que passou por minha cabeça? — articulou sem levantar a cabeça. — Foi como um *déjà vu*, não estava preparado para mais uma perda. Nem lembro como cheguei até aqui...

Ele segurou em meu braço. Fechei os olhos. Não queria encará-lo, não podia olhar a dor nos olhos de meu pai.

— Joshua, quando eu perdi a sua mãe, ela levou com ela a metade do meu coração, e só permaneci de pé porque eu tinha você e o Luke. Vocês são a minha única razão de permanecer vivo, portanto, pare de falar besteiras. Eu sei que...

— Pare... — Sinceramente, não precisava daquele discurso. Ele não deveria fazer comparações. — A morte da mamãe foi um acidente, ninguém teve culpa. Quanto a... — Engoli. — Eu matei minha família, será que o senhor não entende? Estava cansado demais, não havia dormido na noite anterior, e para piorar havia bebido uma dose de uísque antes do almoço. Fui imprudente, não cuidei da... — Estava difícil, sequer conseguia pronunciar o nome dela. —Eu as matei e quero me entregar à polícia.

— Besteira. — Ele se levantou com tanta pressa que a cadeira se arrastou, fazendo um barulho no piso. — A polícia já encerrou as investigações, não havia álcool suficiente em seu organismo para condená-lo. Nenhum juiz o condenaria. Pare com isso, foi uma fatalidade, entendeu? Uma fatalidade.

— Fatalidade, o caralho! — esbravejei. — Eu as matei! Matei as duas pessoas mais importantes da minha vida. Mereço ser preso, mereço ser morto... mereço ser odiado!

— Meu Deus! — Nesse momento escuto a voz da pessoa que nem em outra vida gostaria de escutar de novo. A voz da minha sogra. — Querido, não diga isso, estamos tão felizes que pelo menos você sobreviveu... — Ela começou a chorar.

— Calma, querida. — Não, o Carter não! Eu não precisava disso, não precisava de tanta compaixão. — Filho, você foi tudo o que nos restou. Não se culpe, precisamos de...

— Saiam daqui! Saiam! — berrei com toda força que ainda tinha. — Não quero a piedade de vocês, nem a sua clemência. Eu matei sua filha e sua neta, sou um assassino. Me odeiem e mandem me prender, é isso que precisam fazer. Se não fizerem isso, vão embora, não quero nunca mais vê-los. Vão embora, porra!

Gritei enfurecido, colocando todos os sentimentos reprimidos para fora em um esforço final, e deixando toda a fúria desabar em cima dos meus sogros. Em poucos segundos. escutei vozes de outras pessoas no quarto, junto com o choro da Liss, que aos poucos foram desaparecendo. Carter e Liss foram instruídos a saírem.

— Você enlouqueceu!? Como pode tratá-los assim? Eles também estão sofrendo, não seja egoísta. Eu conheço a sua dor, mas isso não lhe dá o direito de tratar quem o ama de forma tão desumana. Eu os chamarei de volta e o senhor irá...

— Saia o senhor também! Deixe-me em paz. — Endureci a voz, e quando percebi que ele não havia me levado a sério, gritei com força, chamando a atenção de outros enfermeiros. Quando eles entraram, pedi para que tirassem meu pai do quarto.

Uma das enfermeiras pediu educadamente. Papai não argumentou, apenas foi embora. Em

seguida, alguém mexeu no soro e minutos depois senti minhas pálpebras pesarem.



20

— Vick... não... não... não... Viiick... minha esposa, minha esposa, salvem-na... Vick... Socorro, socorro! Ela está grávida. Não, não! Por favor, alguém me ajude... Fooogooo... Victoria...!

— Irmão! Meu irmão, acorda, cara. Acorda, é só um pesadelo. Só um pesadelo... Joshua, olhe para mim. Sou eu, o Luke.

— Deixe-me, vá embora. Não preciso de sua ajuda. Não preciso da ajuda de ninguém...

— Cara, não faça isso, não nos afaste. Por favor, meu irmão, eu o amo. Não aguento mais vê-lo sofrer...

— Saia do meu quarto. Eu não pedi que me trouxessem para o Brasil, bastava terem me largado na cadeia. Eu pedi, não pedi? Agora saia do meu quarto, porra!

— Joshua, não faça isso. Eu só quero ajudar.

— E por acaso eu pedi sua ajuda? Dá o fora, seu cretino! Volte para os seus amigos drogados...

— Joshua!

Olhei em direção à porta.

— Deixa, pai, ele não sabe o que *tá* dizendo. Eu entendo a dor dele...

— Não, irmãozinho, você não entende a porra da minha dor. Ninguém entende a minha dor. E parem de sentir pena de mim, não sou digno nem de pena. Agora, por favor, deixem-me em paz.

— Irmão, amo você e estarei sempre aqui, você querendo ou não.

Não conseguia olhar para meu irmão. Vi a tristeza no rosto dele. Eu queria magoá-lo, queria que ele sentisse raiva de mim. Mas, assim como eu, ele era muito teimoso.

— Se mande, seu porra! — disse enraivecido.

— Saia, Luke, eu me entendo com ele. — Papai abraçou meu irmão pelos ombros e o levou até a porta, trancando-a logo em seguida. E eu já sabia o que viria. — Mas o que há com você? Será que não percebe o quanto está magoando seu irmão? Quer ferir alguém, fira a mim, mas não a ele. Não acha que ele já tem problemas demais?

— Eu não pedi a ajuda de ninguém, principalmente a dele. Deixe-me em paz, deixe-me quieto. Esqueçam de mim, assim...

— Cale-se... cale-se! Mas quanta merda você está dizendo, acha mesmo que vamos desistir de você? Você desistiu do seu irmão quando sua mãe morreu? Desistiu de mim?

— Era diferente, foi um acidente. A morte da mamãe foi um acidente, agora no meu caso, eu

matei a minha família, entendeu?

— Quanta besteira! Acorde, Joshua Saravejo. A vida está lá fora esperando por você, não se enterre aqui. Acha mesmo que a Victoria iria gostar de vê-lo assim? Ela o amava, portanto já está na hora de parar de sentir pena de si mesmo e ir à luta. Não seja um idiota.

— Pai, por favor, saia do meu quarto, não quero ser grosseiro com o senhor. — Olhei para ele, tinha certeza de que o meu olhar era assustador. Aliás, eu havia me transformado em um ser assustador.

— Joshua, já se passaram dois meses. Olhe para si mesmo, está se matando de tristeza. Não acha que já está na hora de voltar a viver?

Perdi a paciência. Levantei-me da cama, agarrei-o pelo braço e o arrastei até a porta.

— E quem disse ao senhor que eu quero viver? Eu morri naquela estrada, quando meu carro explodiu com a minha esposa e filha dentro dele! Agora, deixe-me em paz.

Bati a porta em sua cara e a fechei à chave.

— Joshua, filho, não faça isso com você. Deixe-nos ajudá-lo, por favor...

— Quer que eu derrube a porta, pai?

Escutei a voz do Luke perguntar. Com quem eles achavam que estavam lidando? Com uma criança?

— Não ousem, conheço meus direitos. Só quero que me deixem em paz, só isso. Acho que vocês têm mais o que fazer do que ficar bancando as babás. — Encostei a testa na madeira da porta, na esperança de que eles fossem embora.

— Não, deixe-o quieto... — papai respondeu. Escutei-o respirar fundo. — Mas caso o senhor não aceite a visita do psiquiatra, eu mesmo arrancarei esta porta. Espero que tenha entendido.

— E eu ajudo — Luke completou. — Irmão... — fez uma pausa. Acho que esperando pela minha resposta, mas continuei calado. — Amo você. Se precisar de mim, é só chamar.

Eles se foram. Voltei para a cama. Precisava dormir, desde o dia que acordei na cama do hospital que não conseguia dormir direito — a não ser se estivesse dopado. Todas as vezes que fechava os olhos era levado pelos meus fantasmas. Meus sonhos traiçoeiros sempre eram iguais. Na verdade, não eram sonhos, e sim maldições. Pesadelos aterrorizantes e recorrentes que invadiam minha cabeça todas as vezes que adormecia. Eles agora faziam parte da minha angustiante "nova vida". O idiota do psiquiatra que papai contratou para me ajudar disse que quando eu fosse dormir procurasse pensar em situações diferentes. Era válido até escutar uma música ou assistir a algo que não gostasse. Mas não adiantava, tudo o que fazia ou pensava não mudava o cenário.

Lá estava eu, dentro do carro, dirigindo tranquilamente. Minha mão alisando a barriga da minha linda bailarina, e ela dormindo tranquilamente. O som da música baixinha e, aos poucos, tudo se transformando em fogo e cinzas. Meus gritos, minha pele queimando, meu desespero para salvá-la... Sangue, dor... seus olhos lindos me encarando. Seu sorriso morno me dizendo adeus.

Minha filha, minha mulher, minha vida. Tudo se foi em um piscar de olhos. E tem sido assim todas as noites quando fecho os olhos, não demora muito e acordo gritando, lutando contra as

dolorosas lembranças daquela tarde de domingo. Do meu último dia com elas. Agora estou aqui sozinho, sem esposa, sem filha, sem vida, sem nada.

Tudo o que planejamos, sonhamos, tudo... tudo se foi. Só restou a dor, a solidão, o vazio. Não, não quero isso. Não era justo. Por que não fui com elas? Por que Deus permitiu que apenas eu sobrevivesse? Minha vida sem elas não seria mais vida. Talvez fosse melhor acabar com ela, afinal, para que ela me serviria?

Não seria boa companhia para ninguém. Só traria sofrimento para aqueles que me amavam. Era melhor acabar logo com isso, não havia nada que me prendesse nesse mundo. Não era nem digno de ficar entre os vivos. Sou um assassino, não mereço ser amado, não mereço amar.

Levantei-me, segui até o banheiro. Peguei todos os frascos dos meus remédios. Havia desistido deles, porque eles não me ajudavam em nada. Continuava sonhando com elas. Contudo, agora eles teriam utilidade. Hoje eles acabariam com o meu sofrimento. Levei-os para a cama e abri todos os frascos, jogando todos os comprimidos sobre o lençol branco. Eram muitos. Misturei todos e peguei um punhado, levando-os à boca. Engoli sem água mesmo. Peguei outro punhado, com talvez uns oito ou dez comprimidos, e me levantei. Fui até a mesinha de cabeceira, enchi um copo com água e fui até a varanda. Abri a porta corrediça. O sol da tarde brilhava, e seria bom morrer assim, vendo o sol. A minha bailarina adorava o sol. Engoli mais alguns comprimidos. Encostei na sacada, olhei para baixo. Bebi a água e esperei...

Não sei quanto tempo fiquei de pé, só senti minhas pernas fraquejarem. O copo caiu da minha mão e o restante dos comprimidos também. Meu corpo cedeu lentamente, até que estava sentado. Não lutei, não gritei, não me desesperei. Só queria desesperadamente estar com elas.

Minha língua engrossou, estava difícil respirar. Meu coração disparou, meu corpo inteiro começou a tremer. Frio... muito frio. Esforcei-me para manter os olhos abertos, queria ver o sol pela última vez. Deitei-me até minhas pálpebras se fecharam e eu ser engolido pela escuridão.

Que em breve eu possa estar outra vez com elas. Mas, se existir inferno, que eu vá para lá, pois é onde eu mereço ficar por toda a eternidade.



21

Minhas pálpebras estavam pesadas. Tentei me mexer, mas meus braços estavam amarrados. Puxei-os, contudo, todo movimento brusco foi inútil. Eu queria chamar por alguém; não consegui. Minha garganta doía, queimava. Escutei barulhos, pareciam mais murmúrios vindos de algum lugar. Estavam vindo de longe.

Onde eu estava?

Será que morri?

Estava no céu, no inferno?

Desisti de lutar, apertei os olhos... Onde você está, linda bailarina? Se morri, venha me buscar. Preciso tanto de você, me sinto tão perdido, tão sozinho. Puxei o ar, sentindo-o preencher os meus pulmões. A última coisa que me lembrava era de estar na varanda de casa, na sacada, olhando para baixo com um copo na mão. Depois lembrei de ouvir vidros se quebrando, e tudo girou em volta de mim. Meu corpo ficou tão leve, foi como se eu estivesse flutuando, como se estivesse dançando nos braços de minha linda Odette, minha bailarina.

Deus! Por que o senhor fez isso comigo? Por que a tirou de mim... por quê?

Fui um homem tão ruim assim?

Fiz algo que o aborreceu?

Acho que sim, pois nem a morte queria me levar. Apesar da grande quantidade de drogas que ingeri, aparentemente não foi o suficiente para me matar. Acho que meu castigo era viver e conviver com minhas lembranças dolorosas.

Talvez devesse aceitar meu destino e encarar meu inferno. Eu as matei e a minha punição era viver com minha culpa. No meu caso, morrer seria um presente, minha absolvição. Não, não... Deus está certo, homens como eu precisam sofrer, precisam lembrar constantemente de todo mal que fizeram.

Assassino... assassino.

Meu coração começou a bater rápido. A inquietação da minha mente ativou minha respiração. Puxei o ar e soltei lentamente, precisando me controlar. Não, não, Joshua, você não irá morrer, vai viver e encarar seus fantasmas todos os dias.

A dor, a culpa, elas seriam as únicas coisas que fariam sentido na minha vida a partir de hoje.

Adeus, meus amores. Me perdoem.

Agora sei que não sou merecedor do amor das duas. Não cumpri a promessa de protegê-las,

não fui um bom marido e nem um bom pai. Não merecia amor, sequer ser amado.

Abri os olhos e olhei ao meu redor. Não estava no inferno, nem no céu, estava em um quarto de hospital. Ultimamente tenho estado com frequência neles, mas hoje seria a última vez, com toda a certeza. Estava deitado com meus braços amarrados na grade protetora, vestido com uma roupa hospitalar e provavelmente usando fralda, pois conseguia senti-la contra a pele.

Há quanto tempo estava deitado nesta cama?

Levantei a cabeça e pude ver uma janela, mas estava com as persianas fechadas, não dava para saber se era dia ou noite. Perdi completamente a noção do tempo.

E agora?

Eu precisava encontrar um jeito de lidar com a minha desgraça. Afinal, as pessoas iriam comentar sobre o que aconteceu, elas iriam querer saber mais.

E como lidaria com isso?

Já era ruim o suficiente que tivesse que reviver as lembranças todos os dias e todas as noites, em meus sonhos cruéis.

Como seria ter que relatar toda a minha tragédia?

Eu sabia que, cedo ou tarde, isso iria acontecer e não poderia simplesmente sair mandando as pessoas tomarem naquele lugar, só porque elas tinham uma curiosidade macabra de conhecer a dor do outro.

Sim, não seria fácil, mas quem disse que seria?

Talvez tivesse, sim, que mandar algumas pessoas tomarem em algum lugar, ou simplesmente ignorá-las, mas se eu fosse mal-educado elas não me perturbariam mais. Ninguém iria correr o risco de ser xingado outra vez em público.

É, saberei lidar com essa porra toda. Estava preparado para o que viesse.

Fechei e abri os olhos, deitando a cabeça de volta no travesseiro. Empurrei meus pensamentos para longe e me concentrei no barulho que vinha de fora. Alguém estava se aproximando e reconheci a voz familiar.

— O senhor tem certeza de que ele está pronto para voltar para casa? — A voz do papai estava tensa, decerto ele pensava que eu tentaria o suicídio novamente.

Eu sei do medo dele, era o mesmo que temia quando Luke acordava à noite, gritando e dizendo que queria morrer, culpando-se pela morte de nossa mãe. Tanto eu quanto o papai morríamos de medo de que ele tentasse alguma coisa idiota, por isso escondíamos todas as facas ou qualquer objeto cortante. Eu me transformei na sombra do meu irmão e, graças a Deus, ele nunca tentou nenhuma bobagem. Ele encontrou outra maneira de se punir, a que eu considero tão perigosa quanto a de atentar contra a própria vida. Mas o caso do Luke era diferente, ele não era culpado de nada, era só uma criança que infelizmente foi testemunha da morte da própria mãe. No entanto, eu... bem, estava escrito em minha testa.

Culpado.

— Bom dia, senhor Joshua! — Já estava me acostumando a pessoas vestidas em jalecos brancos.

— Como você se sente, filho? — O médico me observava enquanto papai conversava carinhosamente comigo. — Está sentindo alguma dor?

Sim, na alma.

— Estou bem, papai. Há quanto tempo estou aqui? — Olhei para o médico e logo em seguida para sua identificação. Ele era psiquiatra.

— Você lembra o que aconteceu, senhor Joshua? — Ele certamente achava que negaria o óbvio.

— Claro que lembro. Não suportei a dor de minha culpa, às vezes, ela é dilacerante.

— Filho, você precisa dizer adeus, já está na hora de seguir em frente.

Não! Quis gritar a plenos pulmões. Eu não queria fazer isso. Não podia dizer adeus, me recusava a deixar de pensar nelas. Se existia algo que me manteria vivo, pronto para aceitar o meu castigo, eram as lembranças delas. Não, elas permaneceriam vivas dentro de mim, pois quando me sentisse perdido, elas me trariam de volta.

O pensamento de dizer adeus dilacerou meu coração e o peso da dor apertou o meu peito. Tentei me levantar, mas logo lembrei que estava preso às amarras. Tentei articular palavras duras, mas logo lembrei do psiquiatra. Ele podia interpretar mal as minhas atitudes e me manter por mais tempo preso a uma cama hospitalar. Eles me olhavam, como se esperassem uma atitude insana. Meu coração bateu de forma incontrolável e eu senti cada batida reverberar através do meu peito, fazendo todo o meu corpo tremer. *Porra!* Que medo era esse? Eu nunca fui um homem medroso, sempre encarei meus desafios. Respirei fundo e respirei outra vez.

— Há quanto tempo estou aqui? — repeti a pergunta, evitando olhar para meu pai, que me fitava com preocupação.

— Vinte e oito dias. Você lembra mesmo o que aconteceu? — Ele realmente quer que eu admita que tentei me matar. Olhei para o papai e ele baixou os olhos.

— Quem me encontrou, papai? — Respirei fundo pelo nariz para tentar me controlar, para fazer a dor e a onda de pânico passar. Pedi mentalmente para que não tivesse sido ele.

— Seu irmão. Ele estava chegando em casa quando viu cacos de vidros embaixo da varanda do seu quarto, então correu e arrombou a porta.

Luke. Como ele estaria agora? Como ele se sentiu ao se deparar com a cena do irmão mais velho quase morto?

— Cadê ele? — Devia estar me evitando.

— Está vindo, foi atender uma ligação. — Papai tocou meu braço, bem onde as amarras estavam. — Posso soltá-lo, doutor? — O médico assentiu e se aproximou para ajudá-lo.

Em minutos meus braços foram libertos. Estendi as mãos e esfreguei meus pulsos.

— Senhor Joshua, o que está sentindo neste exato momento? — Ele me encarou, avaliando-me

com um olhar questionador.

— Não sinto nada, mas posso garantir que foi a primeira e última vez que tentei me matar. Percebi que a morte seria um alívio, e eu não mereço isso.

— Filho...

— Chega, papai, não venha me dizer que eu preciso aceitar a morte da... — Eu não conseguia falar o nome delas, simplesmente não conseguia. — Nunca aceitarei, mas posso conviver com isso, portanto, não precisa se preocupar...

— Como assim? — Fui interrompido quando Luke entrou no quarto. Ele parecia muito zangado. — Como não vamos nos preocupar, hein, cara? Você quase morreu, passou vinte dias respirando por aparelhos, e os outros em coma induzido. Então, de repente acorda e nos diz que está tudo bem e que não precisamos nos preocupar? É isso!?

— Luke... — Papai tentava controlá-lo. — Luke, seu irmão acabou de acordar, dê um tempo para ele. — Ele o afastou de mim.

— O cacete! Não darei tempo nenhum, quem socorreu ele fui eu, e quem quase pirou fui eu, caralho! Eu pensei que tinha perdido meu irmão. Não acha que já chega de mortes em nossa família...? Merda, cara, eu também as amava. Eu também estou sofrendo, papai está sofrendo... Para de ser esse egoísta do caralho...

— Chega! — Enfim reagi. Sentei-me, limpei a garganta, ordenei meus pensamentos, respirei fundo. — Sou maior de idade, não preciso que um pirralho venha me dar lição de moral. Eu sei perfeitamente a merda que fiz e peço desculpas. Era isso que queria ouvir?

— Vá se foder, Joshua.

— Luke... — Papai o chamou de volta, mas ele já havia cruzado a porta do quarto e desaparecido. — Ele está nervoso, filho, não foi fácil para ele. Ele praticamente montou acampamento no hospital. Mesmo você estando na UTI, ele ficou o tempo todo aqui, só ia para casa tomar banho e trocar de roupa. Ele está assustado, com medo. Entenda, ele já perdeu a mãe.

A voz trêmula do meu pai me fez perceber que não era só Luke que estava com medo e confuso. Sou um fodido, mas não preciso foder os que me amam. Não precisava jogar meu pai e o meu irmão no mesmo precipício que estava me engolindo. Eu poderia salvá-los.

— Quando posso voltar para casa? — perguntei rapidamente. — Estou bem, acho que já passei muito tempo deitado em uma cama de hospital.

— Não é bem assim, senhor Joshua. O senhor acabou de acordar de um coma, precisa ser avaliado e passar por algumas sessões de terapia. Só depois de tudo é que veremos se pode ou não voltar para casa.

— Eu já disse que estou bem. Só preciso de algumas horas para me habituar às minhas pernas. Quero ir para casa.

Soltei um suspiro e me mexi na cama, tentando encontrar algum conforto. Luke está certo, todos estão sofrendo, eles também as amavam como eu. Eles também me amam, e de alguma forma precisam de mim como também preciso deles. Eu perdi a vontade de viver, mas ainda estou vivo, e

se não posso nunca mais ser feliz, posso ao menos deixá-los tranquilos, sabendo que não farei mais nenhuma bobagem. Estarei aqui para eles, sempre que precisarem de mim.

A bem da verdade, eles sabiam como me sentia, tanto meu pai como meu irmão. Eles entendiam essa dor dilacerante, principalmente meu pai, que também perdeu a mulher que amava. Ele conhecia essa constante pressão no peito. O nó na garganta. A dor no coração. A agonia. O medo toda vez que se fechava os olhos, dos sonhos medonhos que vinham. Ele só não sabia e nem conhecia o peso da culpa, mas eu sei que esse é o pior dos sentimentos. Por isso, não serei mais a corda em seus pescoços. Conviverei com minha dor em silêncio e carregarei a minha culpa sozinho.

Engoli minhas lágrimas e encarei meu pai.

— Estou pronto, papai. Quando quiserem é só me mandarem para casa. Prometo que não farei mais nenhuma idiotice. Seguirei em frente da minha maneira, mas seguirei em frente.

— E eu estou pronto para você, meu filho, seja do jeito que estiver. Estarei sempre pronto para meu filho querido, nunca se esqueça disso.

— Eu sei, papai. — Ele se curvou e beijou o alto da minha cabeça. Quando se afastou, encarei os olhos atentos do psiquiatra. — Então, quando começa todos os procedimentos para me liberarem?

— Ainda hoje. Só dependerá do senhor. — Ele se afastou, dando alguns passos em direção à porta. — Agora descanse um pouco, seu pai e eu vamos até meu consultório.

— Daqui a pouco estarei de volta, tente dormir um pouco. — Recebi outro beijo no alto da cabeça.

Meus olhos se fecharam e acho que adormeci um instante. Acordei com um barulho de algo se arrastando, abri os olhos e virei a cabeça para o lado. Dei de cara com Luke, esparramado no sofá, com a cabeça recostada no encosto e de olhos fechados. Ele sequer lembrava meu irmão alegre, cheio de vida e brincalhão de antes. Mesmo com todos seus problemas, seu peso dolorido por carregar uma culpa que não era sua, ele sempre tinha um riso inquietante alargando os lábios. Seu sorriso era seu cartão de visitas, era o que fazia a mulherada se jogar aos seus pés. Mas hoje, exatamente hoje, aquele semblante encantador havia desparecido.

Fico quieto, observando atentamente meu irmão. Quando ele finalmente percebeu que estava o fitando, seus olhos encontraram os meus. Ele se levantou, puxou uma cadeira e veio para perto de mim.

— Ei, cara — ele sussurrou.

Eu apenas sorri sem nenhum entusiasmo. Era uma sensação estranha estar em uma posição contrária. Fui sempre eu que ficava sentado durante horas ou dias em uma cadeira ou poltrona de um quarto hospitalar, revezando com o papai, cuidando do Luke em suas diversas crises de raiva. E agora era ele quem segurava minha mão, quem estava inteiramente ao meu dispor. Não merecia tanto amor.

— Joshua, desculpe meu estouro há pouco... Porra, cara, perdi a cabeça... — Ele alisava meu braço. — Eu sei que você está machucado, mas você tem que começar a aceitar a realidade. Já se passaram meses. Cara, eu sei... não existe uma pessoa que saiba mais da dor que está sentindo do que eu, mas você precisa aprender a conviver com ela, entende?

Era uma merda. Eu, nessa idade, escutando sermão do pirralho do meu irmão.

— Está tudo bem, Luke, sei que você e o papai têm razão. Eu só peço que tenha paciência comigo, não será fácil dormir e acordar todos os dias.

E não seria. Só de pensar que elas não estariam mais do meu lado, só de pensar que nunca veria minha filha me chamar de papai, que eu nunca mais veria minha linda bailarina dançando... era como estar preso em um eterno pesadelo.

— Estarei sempre ao seu lado, todas as vezes que precisar de mim. E quando você não conseguir dormir, pode correr para meu quarto. Acho que agora é a minha vez de abraçar você. — Ele fez uma pausa e pigarreou. — E se não formos o bastante, eu irei com você para o médico de maluco. Ficarei em uma sala e você na outra.

Juro que me deu vontade de gargalhar. Agora éramos dois quebrados, dependentes de consultas diárias com um psiquiatra. Mas que dupla de doidos nos tornamos.

— Eu sei, Luke, eu sei que sempre posso contar com você. Agora vem cá, deita aqui comigo. Preciso dormir um pouco, então me abrace e me proteja dos fantasmas que aterrorizam meu sono.

Ele se deitou e eu o abracei. Logo que senti o poder do seu amor, adormeci.



Quinze dias depois

Acordei decidido a dar um rumo diferente à minha amarga vida. Faz dois dias que estou de volta em casa, e como sempre, os dias e as noites não têm sido fáceis para mim.

Os fantasmas me perseguem e as dores me atormentam. Não apenas as dores da alma, mas as cicatrizes das queimaduras em minhas costas. Eu ainda as sinto, mesmo com o médico dizendo que são dores psicológicas. Em Nova Iorque, o cirurgião plástico que cuidou das minhas costas tentou me convencer a fazer um tratamento cirúrgico que melhoraria bastante a aparência das queimaduras. Na verdade, com o procedimento elas quase desapareceriam, no entanto, não quis, pois não queria me livrar das cicatrizes, elas são a prova viva de minha culpa e as carregarei para sempre. Contudo, não permito que ninguém as veja, nem mesmo meu pai.

Luke, por acidente, conseguiu vê-las de longe, uma tarde. Eu me distraí e esqueci a porta do quarto destrancada. Ele entrou quando estava vestindo a camisa. Ralhei com ele e avisei que da próxima vez batesse na porta antes de entrar. A partir deste dia ele nunca mais entrou em meu quarto sem antes se anunciar.

Vesti a camisa de mangas compridas, a enfiei por dentro da calça, fechei o zíper e afivelei o cinto. Peguei o paletó e o vesti, dando uma última olhada no espelho. Estava me parecendo com o velho Joshua, mas só por fora, porque por dentro o velho Joshua morreu alguns meses atrás. Tranquei meu quarto e dei alguns passos...

Pânico.

Parei em frente à porta de um quarto, onde havia uma plaquinha com o nome de minha filha escrito. Com mãos trêmulas, eu a peguei, guardei dentro do bolso interno do paletó, e antes de dar o passo seguinte, encostei a testa na madeira da porta branca.

Adeus, filhinha. Cuide da mamãe.

Desde que voltei de Nova Iorque, dei ordens para que trancassem a porta do quarto e que não tocassem em nada do que estava lá dentro. Acho que só esqueceram de retirar a placa.

Desci as escadas, tentando controlar minha ansiedade, meu coração batia tão acelerado que parecia que sairia por minha boca. Mexi no bolso do paletó e retirei um frasco com meus remédios. Aqueles eram para ansiedade. Peguei um comprimido e o engoli. Ultimamente dependo de alguns comprimidos. Na verdade, de vários, cada um para algum dos diversos problemas que minha mente perturbada adquiriu.

Escutei as vozes do papai e do Luke, eles estavam discutindo.

Chegou a hora do Luke voltar para Coimbra, ele precisava retornar às aulas da faculdade de administração, mas pelo calor da conversa, ele não estava muito contente com a decisão do papai e minha, já que fui eu quem sugeriu.

— Bom dia! — Os dois me olharam pasmados, como se estivessem vendo um fantasma. — Qual é o problema? Estou amarrotado, sujo? — Puxei a cadeira e me sentei. Olhei para Luke. — A propósito, a ideia do seu retorno para a faculdade foi minha. Acho que já está na hora de o senhor voltar à sua rotina.

— Assim como você? — Luke ironizou, olhando-me torto. — Por acaso o senhor pensa em voltar ao trabalho?

Papai se recostou na cadeira e ficou nos observando.

— Sim, cheguei à decisão de que já estou pronto para voltar à minha rotina diária. Vou retomar a direção dos hotéis, posso perfeitamente administrá-los daqui. Começarei o projeto de construção do novo hotel em Gramado e o senhor voltará a estudar, já que é herdeiro também.

— Eu posso perfeitamente estudar aqui, temos excelentes faculdades de administração.

— Não. — Papai jogou o guardanapo sobre a mesa. — Sabemos que isso não acontecerá. O senhor voltará para Coimbra e será esta semana, assunto encerrado. — Luke ia reclamar, mas papai o fez se calar só com um gesto da mão. Papai olhou para mim. — Tem certeza de que está pronto para voltar ao trabalho?

— Tenho. Viverei para ele a partir de hoje — respondi. Afinal, tinha que manter minha mente ocupada.

— Ok, então acho melhor mandar abastecer o seu carro.

— Não, não vou dirigir, nunca mais ficarei diante de um volante. Preciso encontrar um motorista, mas por hoje preciso de uma carona. O senhor pode me levar e me buscar no hotel?

— Eu faço isso. Para alguma coisa eu devo servir — Luke articulou, irritado. Sorri.

Oito dias depois, Luke embarcou para Coimbra e eu voltei à minha nova rotina. Trabalho, casa. Casa, trabalho.



Fogo! Victoria! Victoria!

Silêncio... respiração ofegante. Tento olhar em volta, mas está tudo tão escuro... uma completa escuridão. De repente, um imenso clarão laranja, que aparece um pouco distante, mas corre ligeiro em minha direção.

Ajude-me! Alguém me ajude! Elas estão queimando! Por favor, tem alguém aqui?

Silêncio, um perturbador silêncio.

Encontro-me em um breu completo. Não consigo sequer me mexer, todo meu corpo está paralisado. Sinto frio e uma necessidade de acordar. Estava preso novamente em meu terrível pesadelo.

— Joshua?

Escuto uma voz me chamando e me desespero, pois por mais que tente emitir algum som, ou fazer algum movimento, não consigo. Tento abrir os olhos, mas até as minhas pálpebras estavam paralisadas.

— Joshua? — Ouço me chamarem novamente. A voz é conhecida, o que me deixa mais desesperado. Preciso voltar, preciso acordar.

Mas meus fantasmas agarram-se aos meus medos e não me deixam voltar. Minhas pálpebras estão tão pesadas... Luto, luto desesperadamente. Dentro de minha prisão, consigo me mover, mesmo imobilizado por mãos poderosas.

— Socorro! Socorro! — Consigo finalmente me livrar das mãos que me seguravam e então minha voz ganha som. — Solte-me! — vocifero.

— Joshua — diz a voz novamente, mas desta vez há uma agitação que a última chamada não possuía. Mãos me sacudiam com violência na tentativa desespera de obter uma resposta. — Filho, acorde! Por Deus, acorde deste pesadelo medonho.

— Solte-me! Deixe-me em paz! Eu preciso salvá-las, elas precisam de mim...

— Joshua, você precisa acordar — a voz implora. — É um pesadelo. Não é real, filho, elas estão mortas. Mortas, meu querido. Acorde...

Meus olhos se agitam. É uma luta, mas finalmente consigo acordar.

— Pai? — Suado, ofegante e com o coração acelerado, abro e fecho os olhos. Encaro o olhar preocupado do meu pai. — Meu Deus! Esse foi terrível.

— Mas você saiu dele e está aqui — ele disse e puxou-me para seu corpo, abraçando-me. — Joshua, você precisa voltar para a terapia, os pesadelos estão voltando cada vez piores.

— Não, ele só vai me entupir de remédios e não quero ficar dependente de drogas. Um dia esses malditos pesadelos desistirão de mim.

Rolo para fora da cama. O quarto está escuro, com apenas uma fraca luz espreitando por entre as cortinas. Suponho que seja final de tarde. Deitei-me para tirar um cochilo, pois ultimamente tenho

dormido muito pouco com o ritmo das obras do novo hotel. Tenho dedicado o pouco tempo que me sobra a reuniões longas no final do expediente com os engenheiros e arquitetos do grande projeto.

— Filho, se não está feliz com o médico, troque-o, mas continue o tratamento.

Acendi as luzes e olhei a hora. Já passava das cinco da tarde.

— Droga, dormi demais. Cadê o Luke? — Mudei de assunto, não queria prolongar a conversa.

Luke desistiu da faculdade de administração faltando pouco para a graduação. Ele cismou que queria seguir outra carreira e agora era um promotor de eventos internacional. Decidiu investir na ilha, trazendo artistas famosos para cá. Se fosse só isso, estaria tudo bem, no entanto, ele tem andado com gente barra pesada, pessoas de caráter duvidoso, e como não bastasse, construiu um clube privativo em Passaredo, bem próximo à casa que era da mamãe e que agora era dele.

Luke virou um *bad boy* encrenqueiro e briguento. Eu e o papai vivemos tirando ele das confusões e afastando os maridos ciumentos, e quando o assunto é festa na Ilha dos Corais, preciso ficar de olho nele. Há alguns dias ele patrocinou uma festa no alto do farol e eu fui até lá ver como estavam se comportando os tais convidados VIP. Não gostei muito do que vi, porém Luke me surpreendeu quando me disse que tinha dado a tal festa no intuito de encontrar uma garota. Eu não entendi, pois garotas eram o que não faltavam na vida dele, ele podia escolher quantas quisesse. Mas já fazia algum tempo que andava estranhando o comportamento dele e não o via mais cercado de tantas garotas. Quando ele afirmou que estava interessado em uma em especial e não quis me dizer o nome, isso me preocupou, porque se fosse filha de algum habitante da ilha, ele estaria ferrado. Nenhum pai de família que mora em Corais vê Luke com bons olhos, mesmo ele sendo filho do prefeito.

— E aí, pai, onde está o Luke? Hoje é domingo e ele vive fazendo festas surpresas em Passaredo, essa é a minha preocupação.

— Não sei. Você sabe que o Luke não me dá mais satisfação de sua vida. Agora que se tornou independente, sequer me procura.

Papai é o que mais está sofrendo com esta história. Apesar de bancar o durão, ele ama aquele moleque sem juízo, mas seu orgulho não o deixa procurá-lo, e sobra para mim. Tenho que ficar bancando a sombra do Luke, aonde ele vai vou atrás. Hoje é domingo e soube da festa VIP de ontem, o que queria dizer: muita bebedeira, música alta, mulheres e sabe lá Deus o que mais. Era esse "o que mais" que me assustava, pois apesar do nosso nome ser influente, nem sempre poderia salvá-lo de tudo. Vai que o doido resolveu esticar a festa até hoje.

— Não se preocupe, acho que sei onde ele está, soube que ele patrocinou uma mega festa ontem em Passaredo. Vou até lá e ficarei de olho nele.

Já estava na porta de casa, esperando o motorista vir me pegar, quando meu celular tocou. Olhei o aparelho e não identifiquei o número, mesmo assim resolvi atender, talvez fosse importante.

— Pronto! Sim, é ele... o quê!? Quem é a moça? Ela está muito machucada? Não, não... não façam nada, já estou a caminho.

Eu sabia que cedo ou tarde Luke sairia dos trilhos. Agora fodeu.

— Merda, eu mato o Luke. Dessa vez ele apanha. — Não devia pensar alto, papai estava bem

atrás de mim e só senti sua mão em meu ombro, puxando-me para encará-lo.

— O que o Luke aprontou agora? Me diga, filho! Não me esconda, acho que ainda sou capaz de lidar com as inconsequências do seu irmão.

— Pai, fique calmo. Estou indo saber o que foi, mas prometo que assim que souber de tudo, ligo para o senhor.

— Não, quero saber agora ou irei junto.

Não queria contar, mesmo porque o que sabia era vago demais. A sorte do Luke era que papai tinha amigos poderosos, ou ele já estaria preso. Foi o diretor de um hospital da capital que acabara de me ligar, avisando que Luke chegou com uma moça desmaiada na emergência. O pior era que a conhecia, e aquela moça não era o tipo dele. Além disso, ela já tinha problemas demais em sua vida, não precisava de um Luke para piorar a situação.

— Papai, confie em mim, assim que souber o que aconteceu de verdade eu o informo. — Nem o esperei argumentar, o motorista parou o veículo e entrei o mais depressa que pude. Deixei papai com uma mão levantada no ar e boquiaberto.



24

Entrei no hospital e fui procurar o imbecil do meu irmão. No caminho para cá, liguei para me informar direito sobre o que tinha ocorrido e para ter a certeza de que a garota era mesmo a Pietra. Eu a conheci em uma noite, em uma das festas do Luke. Ela foi atropelada por uma motocicleta e a ajudei. Como fiquei desconfiado, ao saber que uma moça tão jovem ficava sozinha em casa com uma criança pequena, fiz minhas próprias investigações e não gostei do que descobri. Pietra não teria estrutura para se meter com meu irmão, ela já tinha sua própria cruz para carregar sozinha.

Uma enfermeira me indicou o caminho para encontrá-lo, e quando já estava quase lá, eu o vi.

— Luke — chamei-o. E como ele não escutou, chamei-o outra vez e fui em sua direção, enlouquecido. — Luke Saravejo, seu...

Eu o peguei brutalmente pelo braço e o arrastei para a primeira sala que vi. Para sorte dele, a sala estava vazia.

— Que diabo você fez com a Pietra, seu moleque inconsequente? Porra, será que trepar com as beldades do mundo artístico não o satisfaz mais e agora você quer pegar adolescentes?

Estava muito fulo. Luke me olhava como se não estivesse entendendo porra nenhuma do que estava falando.

— Me solte, Joshua. Você não é o papai. — Ele me empurrou, tangendo minha mão do seu braço. — Eu sou maior de idade, porra, e a minha vida sexual não lhe diz respeito. Qual o seu interesse na Pietra? Não me diga que está de olho nela?

Ah, aquilo me enfureceu mais ainda. Quem ele pensava que eu era? Um pedófilo? Enchi os pulmões de ar e só não fechei o punho para lhe dar uma lição, porque lembrei que estava em um hospital.

— Não queira bancar o engraçadinho, Luke. Minha paciência com você está no limite. A Pietra é uma criança para mim e eu só quero você bem longe dela. Ela não precisa das suas merdas, aquela moça já tem problemas demais para enfrentar. Portanto, diga logo, o que você fez?

— Eu não fiz nada. Eu a encontrei em casa, queimando de febre, e a trouxe para cá. Pietra é minha namorada e tenho todo direito de estar com ela.

Quase engasgo com a novidade. Ele só podia estar delirando ou de sacanagem com a minha cara. Quando Luke Saravejo sequer cogitaria ter uma namorada? O que eu perdi?

Eu o soltei. Meus olhos abertos de espanto o encaravam.

— Namorada!? E desde quando você tem namorada, Luke? Você está sacaneando aquela

garota? Luke, eu juro que lhe dou uma surra, a surra que o papai nunca lhe deu, se por acaso você estiver brincando com os sentimentos daquela moça.

Estava falando sério. Conhecia meu irmão, Luke não levava garota nenhuma a sério, e se ele pensava que iria brincar com a Pietra, estava muito enganado. Aquela moça precisava de paz. Sua mãe estava desaparecida, seu pai à sua procura, e ela com a responsabilidade de cuidar sozinha da irmã de quatro anos. Mas nem sonhando que eu deixaria Luke arrastá-la para a lama do seu mundo.

— Solte-me, Joshua, mas que porra! Eu a amo, *tá*? Amo! E não me olhe assim, sou humano e posso muito bem me apaixonar. A Pietra não é nenhuma criança, ela é adulta e vacinada.

Avaliei meu irmão com cuidado... ele não estava brincando, vi aquele brilho em seu olhar, o mesmo brilho que os meus tinham quando me apaixonei por minha bailarina. Ele estava mesmo apaixonado. Respirei, deixei os braços caírem ao longo do corpo. Depois levei uma das mãos aos cabelos, deslizei os dedos por entre os fios desalinhados e o fitei.

Sim, eu precisava dar um crédito a ele, quem na vida nunca se apaixonou? Talvez, a Pietra fosse a sua tábua de salvação.

— O que ela tem? E a Marion, onde ela está? — Respirei fundo.

— O médico disse que é uma pneumonia leve, mas vai esperar até amanhã para ver os resultados dos exames. — Ele respirou fundo também. — Estava indo ver a Marion, ela está com o Marco no restaurante. Ela está bem, mas está sentindo a falta da irmã. Nem sei como irei dizer que ela ficará com o Marco, já que não poderá dormir aqui.

— O quê!? Com o Marco? Não, de jeito nenhum, ela ficará comigo. — Mas nem sonhando que eu deixaria Marco cuidar de uma criança tão pequena.

Luke me encarou com uma cara de espanto. Acho que ele ficou surpreso ao descobrir como me sentia em relação às crianças, especialmente com aquela, já que Marion tinha a mesma idade que a minha filha teria, caso estivesse viva.

— Com você, onde? No hotel? Porque, pelo que eu sei, você vive mais no hotel do que em casa.

— Não seja idiota, ela ficará melhor comigo e com o papai do que com o Marco. E tem a Silvia, ela adora crianças. Lembra como ela cuidava de você? Pronto, já está decidido. Marion voltará comigo para a ilha.

Eu o encarei, queria que ele tivesse a certeza de que estava tudo bem cuidar da pequena princesa.

— Certo, já que você está dizendo. Vamos até lá contar a novidade, só espero que ela não abra o berreiro quando souber que a Pietra ficará no hospital.

Enfim, quem ficou surpreso fui eu. Quando imaginaria que após alguns anos estaria cuidando de uma criança? Abri a porta e dei espaço para ele passar.

— Apaixonado, hein? — argumentei, empurrando-o com o ombro e rindo de forma descontraída. — Quem diria, Luke Saravejo está amando.

Ele sorriu de leve, entortando a boca.

Sim, ele estava apaixonado... muito apaixonado. Dava para ver pelo brilho radiante do seu olhar e pelo tamanho do seu sorriso.

Já estávamos próximos do restaurante onde o Marco estava com a Marion, quando Luke interrompeu os passos, ficando em minha frente e me impedindo de prosseguir.

— O que você sabe sobre a Pietra? — inquiriu, nervoso.

Olhei impaciente para o seu rosto.

— E o que você sabe sobre ela? — respondi com a mesma pergunta. Não queria lhe contar o que havia descoberto. Não tinha esse direito.

— Eu sei que ela tem dezoito anos, que mora com os pais e que a mãe está doente e, no momento, internada em um hospital. O pai também está lá com ela, por isso ela está cuidando da Marion.

— Foi o que ela disse? — Ele assentiu. Fitei-o com indulgência. Como já desconfiava, Pietra omitiu alguns fatos de sua vida. — É mais complicado do que isso. Conheci a Pietra em um dos seus eventos. Ela estava indo embora e terminou quase sendo atropelada por uma moto, então a levei para casa. Achei estranho uma garota tão jovem ficar sozinha com uma irmã pequena. Isso me deixou com uma pulga atrás da orelha, então resolvi investigar.

— E o que você descobriu? — Achei estranho Luke não procurar saber quem era a garota com quem estava se envolvendo, mas pensando melhor, o amor nos deixa completamente loucos, eu bem sabia disso.

— O que eu descobri é assunto dela. Se ela não contou, deve ter boas razões para isso, mas posso adiantar que a doença da mãe é incurável e muito séria. Por isso, senhor Luke, pense muito bem se o que sente por essa garota é realmente de verdade ou apenas algo temporário.

— Merda, Joshua, diz logo o que a mãe da Pietra tem! Talvez eu possa ajudar. — Luke era uma pessoa não muito paciente, e eu sabia que cedo ou tarde ele descobriria, então não seria eu a contar.

— Sinto muito, mas isso só quem pode esclarecer é a própria Pietra. E volto a repetir, seja responsável uma vez na vida. Se o que sente por ela não é verdadeiro, deixe-a em paz. Essa mocinha tem uma cruz enorme para carregar e não precisa de um peso extra.

Afastei-me e segui andando em direção ao restaurante, abandonando-o.

— Joshua!

Logo meus ouvidos foram agraciados por uma voz carregada de alegria. Marion, assim que me viu, desceu da cadeira e saiu correndo direto para meus braços, gritando meu nome. Marco quase morreu de susto com o barulho ensurdecedor que a cadeira dela fez ao ser arrastada.

— Princesinha, como você está linda! E grande! Você cresceu bastante, desde o último dia que a vi.

Ela agarrou meu pescoço e depois deixou um beijo melado com molho de macarrão em meu rosto.

— É verdade, eu *tô* grande?

Ela segurou meu queixo e me forçou a encará-la.

— Um pouquinho, só um pouquinho. — Sorri. Esta menininha tinha o dom de me fazer sorrir, o que era raro de acontecer desde o dia em que minha vida mudou radicalmente. Desde então, não tinha mais motivos para sorrir, mas ao lado desta criança era impossível não me sentir vivo. — Então, como você está?

— Eu *tô* triste, a Marion tá muito triste.

Marion tinha a mania de começar a falar de si mesma na terceira pessoa quando estava com alguma dúvida ou medo.

— E por que a Marion está triste? — Sacudi seu corpinho em meus braços e encostei a testa na sua.

Ela fechou os olhinhos e engoliu em seco, depois se afastou e segurou outra vez meu queixo.

— A Pipi está dodói. Ela não abre os olhos e não fala, sabia?

— Sim, eu sei, mas ela ficará boa. Os médicos já lhe deram remédio e logo, logo a Pietra voltará para você.

— E se ela esquecer a Marion, como a mamãe esqueceu? Eu não quero, eu amo a Pipi. Ela abraça a Marion, cuida da Marion. Se ela me esquecer, quem cuidará da Marion?

Ela começou a chorar e escondeu o rosto na dobra do meu pescoço. Isso me deixou preocupado, muito preocupado.

— Ei, o que é isso? A Pipi não esquecerá essa mocinha linda, ok?

Luke se aproximou e alisou seus cabelos lisinhos. Ela levantou o rostinho todo molhado pelas lágrimas e lambuzado de molho de macarrão.

— E se ela me esquecer? A mamãe me esqueceu.

Olhei para Luke, percebendo sua confusão. Levantei as sobrancelhas e balancei a cabeça. Como se dissesse: *Nem ouse fazer essa pergunta*.

Mas eu já sabia dos motivos pelos quais a Marion pensava assim a respeito da mãe. Sua mãe sofria de Alzheimer em estágio avançado.

— Marion, eu tenho uma surpresa para você. — Encarei Luke. — Eu conto ou você conta?

— Vá em frente — ele disse e se afastou, deixando-me contar a novidade para a menina serelepe.

— Vou levá-la para conhecer a minha casa. Você quer ir?

— Onde você mora? — Ela franziu a testa e perguntou, curiosa.

— No alto da ilha, em uma casa bem grande. Você nunca a viu?

— O castelo do príncipe? Aquele que a gente vê quando está no barco grande?

Acho que ela se referia à balsa.

— Sim, só não sabia que minha casa era um castelo. Você quer conhecê-lo?

— Tem TV grandona? Piscina?

— Tem, e tem um quarto todo enfeitado só para você, cheio de brinquedos. Quer ir? — Não sei por que disse isso. Mas disse, e agora era tarde. Só não sabia como encararia aquele quarto outra vez. Talvez a Marion esquecesse esse detalhe.

— Quero, quando eu vou? — Ela abraçou meu pescoço. — Você é tão legal quanto o Luke. Acho que eu amo você também. Posso amar você? O Luke deixa, ele não vai ficar com ciúmes, não é, Luke? — Ela olhou sorrindo para meu irmão, que me observava e eu sabia bem o porquê.

— Meu irmão pode, eu não ligo. — Ele desviou o olhar do meu e respondeu, piscando um olho.

— E o Marco? Eu também amo o Marco. — Ela virou o pescocinho e começou a procurar o amigo do Luke, que estava falando ao celular.

— Ele pode, também.

Ela sorriu, feliz.

— Quando eu posso ir conhecer sua casa, Joshua?

— Agora, podemos ir agora.

Ela baixou a cabecinha, fazendo um biquinho.

— Agora eu não posso. A Pipi *tá* dodói, não posso deixar minha irmã.

Olhei para Luke e pude ver a emoção estampada em seu rosto. Eu também fiquei comovido, era muito amor para um coraçãozinho tão pequeno. Abracei seu corpinho bem apertado, com todo carinho do mundo.

— Ela ficará bem, eu cuidarei dela. Se ela souber que você ficou no hospital sem nenhum conforto, ficará triste. Você não vai querer isso, vai? — Luke se aproximou e disse enquanto acariciava sua cabeça. — E você precisa de um banho e de uma caminha bem quentinha. Amanhã a Pietra estará com você, certo?

— Por que eu não posso ficar aqui com você e a Pipi? — Ela olhou para Luke com os olhinhos cheios de lágrimas, e quase morri de dó. Não consegui ficar indiferente, então eu a beijei. Queria muito que ela soubesse que todos nós a amávamos muito e que ela e a irmã ficariam bem.

— Porque você é uma criança, só por isso. Mas será só por uma noite, não fique triste — Luke completou.

— Marion está triste. Não quero ficar sem minha irmã, não quero... — E as lágrimas foram despejadas com força. Eu vi a tristeza nos olhos do meu irmão, e ali eu tive a certeza de que ele a amava muito, assim como amava a Pietra, e que ele estava disposto a cuidar das duas.

— Venha cá, Estrelinha. — Ele a chamou e ela deu os bracinhos, indo para ele. Suas pernas se prenderam na cintura de Luke e os braços no pescoço. Ela escondeu o rosto nele. — Ei, linda princesa, não chore. Eu ficarei com a sua irmã. Cuidarei dela, e assim que ela ficar boa vou buscar você no castelo. Enquanto isso, você vai brincar e ficar bem feliz para poder deixar a sua irmã completamente recuperada, porque a sua felicidade curará o dodói dela.

Marion levantou a cabeça e limpou o rosto com a mãozinha.

— O Luke não vai esquecer a Marion? — Eu quase gritei com Deus depois que escutei isso.

— Nunca.

— E não vai deixar a Pipi esquecer a Marion?

— Jamais. — Senti o maior orgulho do meu irmão.

— Promete?

— Prometo.

— Então eu vou.

— Você é uma verdadeira princesa, sabia? — Ele seria um excelente um pai, eu tinha certeza disso.

— Eu amo você, Luke. — Ela beijou seu rosto. E ele, nervoso e emocionado, engoliu o bolo na garganta. Olhou para mim.

Eu o encarava, meu olhar lendo sua expressão facial. Sabia que ele estava muito emocionado e que faria de tudo para protegê-las.

— Vamos, princesinha. — Eu a chamei, e ela me deu os bracinhos, passando para o meu colo. — As coisinhas dela, onde estão?

— Vou pegar, só um minuto. — Ele foi até a mesa e pegou a mochila, depois foi até o caixa do restaurante e pediu algo. Uma sacola plástica. Ele jogou algumas coisas nela e voltou para onde estávamos, entregando-a para mim junto com a mochila.

— Vamos? — Olhei para Marion, sorrindo.

— Sim. — Ela ainda estava triste, mas olhou de volta para Luke e sorriu.

— Eu levo vocês até o carro. — Luke nos acompanhou.

Beijou a Marion antes de colocá-la no banco de trás. Ajeitou o cinto de segurança o tanto quanto pôde — pois a Marion era bem pequena — e fechou a porta do carro.

— Obrigado por cuidar dela. Qualquer problema, me ligue — disse, abraçando-me. Depois de muito tempo voltei a abraçar meu irmão. Ultimamente, nós brigávamos mais do que qualquer outra coisa.

Fiquei surpreso e emocionado, até tentei dizer algo, mas não deu, então simplesmente me afastei. Dei a volta no carro e entrei. O motorista deu a partida e saiu guiando lentamente. Só vi meu irmão se distanciando aos poucos.



25

Olhei para o relógio. Ainda era cedo e daria para passarmos no shopping e comprar algumas coisas para a pequena menina, que dormia um pouco desengonçada no banco. A primeira coisa que compraria seria um *booster* com encosto. Na época em que minha bailarina estava grávida, pesquisei sobre todos os tipos de cadeirinha para automóveis, e inclusive havia comprado duas.

— Ei, princesa, acorde... — Ela se mexeu no assento e abriu os olhinhos preguiçosos. — Venha para o meu colo. — Já havia soltado seu cinto de segurança e estava com a porta do carro aberta.

— Aqui não é o castelo? Onde estamos? — Eu a peguei no colo, enquanto recebia uma explosão de perguntas. — Que lugar é esse? Por que tem tantos carros? Ei... — Ela pegou em meu queixo e virou meu rosto em direção ao seu. — Eu *tô* com fome e com sede, Joshua.

— Aqui é um shopping, então vamos fazer um lanche antes, ok? — Ela abriu um lindo sorriso. É, mulher adora um shopping, não importa a idade.

— Posso comer porcaria, tipo um monte de batata frita e sorvete? — Segurou o meu queixo outra vez. Era impossível andar daquele jeito, ou eu andava ou olhava para ela. — Por favor, por favor, diz que a Marion pode! Eu *tô* com muita fome. Olha a minha barriguinha, ela *tá* funda de tanta fominha... por favor... — juntou as mãozinhas em súplica. Como eu iria negar?

— Ok, pequena chantagista, vamos às porcarias. — Nem me lembrava quando foi a última vez que entrei em um shopping.

Subi as escadas, e quando chegamos à praça de alimentação, a coloquei no chão.

— Eu quero aquele! Ele tem brinquedo, posso escolher dois? — Ela puxava minha mão e apontava para um *fast-food* famoso. — Eu posso? Por favor, diz que eu posso... — Me encarou com aqueles olhinhos pidões e felizes, e não pude resistir.

— Você sabe me convencer, pequena chantagista. — Ela abraçou minhas pernas e eu me senti no céu.

Comprei logo cinco lanches, com cinco brinquedos. Alguém teria que comer aquelas porcarias todas, pois a Marion não deu conta nem de um. Comeu o sanduíche pela metade, mas devorou duas caixinhas de batatas fritas e dois potinhos de iogurte. Guardei o resto dos lanches na sacola e peguei na mãozinha dela. Fomos para uma loja infantil.

— Posso pegar uma boneca? — Eu sabia que isso ia acontecer, uma criança em uma loja cheia de brinquedos era como formigas no açúcar.

— Pode pegar o que quiser, princesa. — Por que fui dizer isso? Marion soltou um grito que

chamou a atenção de três vendedores e logo um veio correndo em nossa direção.

— Em que posso ajudar, papai? — a vendedora perguntou sorrindo, enquanto brincava com o cabelinho da Marion. Ela pensava que a menininha toda feliz que olhava para todos os lados era minha filha. Eu podia negar, mas não neguei.

— Ela quer alguns brinquedos. Ajude-a com o que ela quiser, mas só os apropriados para a idade dela. Eu também quero um *booster* com encosto.

— Ok, senhor... qual o seu nome e o da sua filha?

— Meu nome é Joshua e o dela é Marion.

— Certo, senhor Joshua. Me acompanhe, temos vários *boosters*, podemos escolher assim que a linda princesa escolher os brinquedos dela.

Marion sabia exatamente o queria, e só sei que saímos do shopping com várias sacolas de brinquedos e roupas. Ela já estava vestida de princesa, com direito a coroa e varinha mágica. Chegamos ao estacionamento duas horas depois de entrarmos no shopping. O motorista me ajudou a pôr a cadeira no banco, pois Marion já dormia em meu ombro. Tudo instalado e verificado, eu a coloquei no assento, prendi o cinto no seu corpinho e lhe entreguei sua boneca.

— Não tenha pressa e dirija com cuidado — disse ao motorista.

Uma hora depois, chegamos. Entrei em casa com uma criança nos braços e o motorista com muitas sacolas nas mãos. Ao escutar o barulho, papai saiu do seu gabinete, já me cobrando satisfação....

— Muito obrigado, por me...

— Shhh! — pedi silêncio, e quando ele viu a pequena menina dormindo em meus braços, seus lábios se esticaram em um sorrio.

— Quem é esta menina, Joshua? Você sai daqui atrás do seu irmão e volta com uma criança? O que tem a me dizer?

— Uma coisa de cada vez, pai — disse, enquanto subia as escadas. — Pai, chame a Silvia, eu preciso de ajuda para arrumar o quartinho... — Parei meus passos, engoli... respirei. — O quarto que fica ao lado do meu, a Marion irá dormir lá. Enquanto o arrumam, vou deixá-la em meu quarto. — Não sei se estava preparado para entrar naquele quarto.

— Joshua, você tem certeza disso? — Papai parou no meio da escada. Eu sabia que ele me observava, e continuei subindo.

— Tenho. E por favor, peça que levem o berço. Só deixem a cama e arrumem os brinquedos que compramos. Ah, por favor, tem uma mochila lá embaixo. Peça a uma das ajudantes da Silvia para trazê-la. — Virei para o corredor e fui direto para meu quarto. Não escutei mais a voz do papai.

Deixei o pequeno embrulho em minha cama, e ela nem se mexeu. Tirei suas sandálias. Alguém bateu na porta do quarto e mandei entrar.

— Shhh! Não faça barulho. — A moça entrou sorrindo e olhando com curiosidade para Marion. — Faça um favor. Enquanto eu tomo um banho, você troca a roupinha dela, mas com cuidado.

— Sim, senhor, eu troco. — Deixei a pequena princesa aos cuidados da moça curiosa. Estava vestindo meu pijama quando escutei vozes e uma delas era a da Marion. Encostei a orelha na porta para escutar.

— Como é seu nome? O meu é Marion. Aqui é o Castelo do Joshua? Tem um rei? Como é o nome dele? Ele tem coroa? Eu tenho uma... — ela fez uma pausa. — Cadê minha coroa e minha varinha?

— Calma, pequena princesa. — Saí do banheiro para salvar a coitada da moça que estava completamente perdida com tantas perguntas. — Desculpe, Sara, ela fala pelos cotovelos. — Sara sorriu.

— Joshua, ela não fala? — Eu quase soltei uma gargalhada com a pergunta inesperada. Olhei para Sara e lhe dei a oportunidade de ela mesma responder à pergunta.

— Meu nome é Sara, e... o rei daqui não tem coroa, mas a sua está bem ali. — Sara apontou para minha mesinha de cabeceira. — A pequena princesa quer comer alguma coisa?

— Não, eu comi muita porcaria. Minha barriguinha está muito cheia, mas eu quero fazer xixi, muito xixi. — Ela olhou para mim e eu olhei para Sara.

— Certo, pequena princesa, acho que hoje você pode usar o banheiro do senhor Joshua enquanto arrumam o seu quartinho.

Marion olhou para mim com os olhinhos brilhando.

— Eu vou ganhar um quartinho com banheiro só *pra* mim...? — Ela ficou de pé na cama e começou a pular e gritar, batendo as mãozinhas. — Oba! Oba! — Parou e veio até mim, segurando meu queixo com seus dedos gordinhos. — Eu quero ver, posso ver? Por favor, por favor, eu quero, quero muito...

Ela já me ganhava só com um simples por favor.

— E o xixi, não quer mais fazer? — perguntei na esperança que ela esquecesse, pois pelo silêncio, acho que já haviam arrumado o quartinho e eu não sabia se poderia dar o próximo passo.

— Quero fazer o xixi no meu banheirinho... — *Fodeu*.

— Eu a levo. — Papai surgiu no quarto. Marion esticou o pescoço e encarou meu pai, sorrindo.

— O rei! Ele é o rei, não é, Joshua? Ele tem cara de rei. Onde *tá* sua coroa, majestade? — Ela gesticulou toda desajeitada. Eu sorri, e sorri com vontade. Papai me encarava perplexo. — Você *tá* rindo da Marion. *Tô* triste... — Ela fez um biquinho de zanga.

— Oh, pequena chantagista. Não estou rindo de você, estou rindo da cara do meu pai.

Os dois olharam para mim, e Sara saiu de fininho do quarto.

— Seu pai é lindo e tem cara de rei. E você e o Luke tem cara de príncipe, e eu sou a princesa pequena, já que minha irmã Pipi é a princesa do Luke.

— Obrigado, pequena princesa. Eu sou o rei Lúcios, às suas ordens. — Papai gesticulou, entrando na brincadeira. — Somos os seus súditos. Quer conhecer o seu quarto?

— Quero, quero, quero... — Ela se jogou nos braços do papai, o que o pegou desprevenido, e eu notei a emoção estampada em seu rosto. — Seu rei, eu posso chamar você de vovô? Gosto mais de vovô.

Agora ela acabou com o papai. Eu vi seus olhos lacrimejarem. Ele piscou para o alto e puxou a respiração.

— Claro que pode, linda princesa, vou adorar ser chamado de vovô. Então, vamos ao seu lindo quarto.

— Oba! — Soltou um gritinho, batendo as mãozinhas. Eu parei onde estava. Quando Marion percebeu que eu não os segui, escutei sua voz: — Joshua, vem. Vem me pôr na minha caminha.

Deus, dê-me forças! Eu não irei conseguir. Dei o primeiro passo. Fiquei tonto, senti falta de ar, e quando pensei que ia cair de joelhos, fechei os olhos e senti uma mãozinha segurar a minha. Abri os olhos, olhei para baixo, e uma menina linda me encarava, preocupada.

— Vim buscar você. Venha ver o meu quartinho, ele *tá* lindo e tem palhacinhos.

Deixei-me ser guiado, mesmo me sentindo muito mal, mesmo sem conseguir respirar. Mesmo vendo tudo girar, mesmo querendo correr. Entrei... e o mundo se tornou colorido. Um arco-íris de azuis, rosas, lilás, amarelos... uma infinidade de cores.

— Xixi, xixi, xixi... — Ela pulava com as mãos entre as pernas. Olhei para o papai e ele para mim. Seria mais fácil se fosse um menino.

— Venha, querida, eu a levo. — Silvia entrou no quarto e a colocou no colo. — Meu nome é Silvia, e o seu, qual é?

— Marion. Você é a rainha? Onde *tá* a sua coroa? Eu tenho uma, sabia? E tenho roupa de princesa também.

Elas estavam no banheiro, e eu e o papai só escutávamos as perguntas da pequena curiosa.

— Não, meu amor. Eu não sou a rainha, sou a criada que serve à sua majestade.

Elas saíram do banheiro.

— Onde está sua rainha, vovô? — Eu sabia que cedo ou tarde esta pergunta viria. Olhei para o papai, aflito. Ele não gostava de falar sobre a mamãe.

— Está na hora de dormir, pequena princesa — disse, pegando-a no colo e a levando para a cama. Ela se deitou e eu a cobri.

— Onde *tá* a sua mamãe, Joshua? Ela não gosta de criança? Ela é igual à minha mamãe?

Meu Deus! Ela pensava que não era amada pela mãe. Papai se sentou ao nosso lado e segurou a mãozinha dela. Ele não sabia o que estava acontecendo, o que a levava a pensar que a própria mãe não gostava dela, mesmo assim pude notar a emoção no rosto dele.

— Querida, sua mamãe deve amá-la muito, não pense assim.

— Ela esquece a Marion, grita com ela, diz que não tem filha pequena... — Ela ia chorar, então eu a peguei no colo e a abracei. Papai me olhava. Ele não estava entendendo, mas assim que ela adormecesse eu contaria.

— Princesa, não pense assim. Sua mamãe a ama muito, ela só está doente, e quando ficar boa vai lembrar de você, ok? Agora vamos dormir.

Papai beijou o topo da cabeça dela e saiu muito abalado do quarto. Silvia foi logo em seguida. Peguei um dos livros de histórias que Marion havia escolhido e comecei a ler. Não demorou muito, seus olhinhos se fecharam e ela adormeceu.

Estava já me preparando para deitar, quando papai pediu licença e entrou em meu quarto. Ele sentou-se na poltrona, e já sabia que não deixaria as explicações para o dia seguinte.

Então eu lhe contei tudo, menos sobre a doença da mãe da Marion. Não achei certo fazer isso, só lhe disse que ela estava muito doente. Mas contei sobre o namoro do Luke e sobre o que havia acontecido com a Pietra. Acho que depois de tantas novidades boas, papai ganhou mais vida, afinal o fato de Luke estar apaixonado era um sinal de que ele estava ganhando juízo e responsabilidade. Assim eu também esperava, porque a Pietra não entraria na vida dele sozinha. Afinal, com o avanço da doença da mãe, é claro que a responsabilidade da criação de Marion iria para as costas da irmã. O pai delas não teria muita cabeça para cuidar de uma criança tão pequena com a esposa naquele estado. E essa era a minha maior preocupação.



26

Já estava deitado quando escutei um chorinho. Preocupado, corri para ver o que estava acontecendo. Encontrei Marion chorando, esfregando os olhinhos. Ao me ver, ela esticou os bracinhos, pedindo colo. Eu a peguei nos braços e fiquei caminhando pelo quarto. Ela havia tido um pesadelo, mas não lembrava, só sabia que era muito ruim. De pesadelos eu entendia e não era justo alguém tão pequeno viver em um deles, então resolvi dormir com ela.

— Joshua, de quem era esse quarto? — Estava tentando me equilibrar na beira da pequena cama. Até tentei dormir no tapete, mas ela me pediu, do seu modo chantagista, para me deitar ao seu lado. Claro que não pretendo ficar me equilibrando a noite toda na beira da cama, assim que ela adormecesse voltaria para o tapete. — Joshua, quem era a menina que dormia aqui?

Ela voltou a perguntar. A pequena curiosa não iria desistir. Sua mãozinha pousou em meu peito e ela ergueu a cabeça, me olhando com seus olhinhos espertos e curiosos.

Com explicaria isso? Como tanger minha dor com a resposta? Eu não queria deixá-la triste. Não queria trazê-la para o meu lado sombrio.

— Joshua?

Ela não deu trégua. Virei de lado e encarei seu rostinho angelical. Uma mãozinha tocou um lado do meu rosto.

Oh, meu Deus! Será que o Senhor está querendo me castigar mais ainda? Como o Senhor permitiu que esse anjinho se aproximasse de mim? O que quer de mim? O que quer me dizer? Será que quer me mostrar o que eu perdi?

Minha filha, se estivesse viva, teria a idade da Marion e acho até que seria parecida com ela. Respirei profundamente, tentando adquirir um pouco de coragem.

Sorri para ela.

— Este quartinho pertencia a uma linda menininha.

— Era sua filha? E como ela se chamava?

Inspirei.

Desde que as perdi que não pronunciava os nomes delas.

Coragem, Joshua.

— Sim, ela era minha filha e o nome dela era Brianna. — Minha voz tremeu ao sussurrar seu nome.

— Hum, eu posso ser amiga dela?

— Acho que não, meu anjo.

— Por quê?

— Porque ela não mora mais aqui. — Comecei a entrar em pânico.

— Onde ela mora? Você brigou com a mamãe dela e ela foi embora, foi isso? É por isso que está triste?

Fiquei surpreso com a aguçada inteligência da pequena menina que me fazia perguntas como se fosse um adulto.

— Eu não briguei com a mamãe dela... elas... — *Calma, Joshua, ela é só uma criança curiosa.* — Elas estão morando no céu, princesa.

De repente, dois bracinhos cercaram meu pescoço e recebi um abraço bem apertado e um beijo no rosto. Ela se afastou, me encarou, e sua mãozinha segurou o meu queixo. Aqueles olhinhos espertos avaliaram meu rosto.

— Elas morreram, não foi? — *Como assim? Ela sabe o significado de ir para o céu?* — Eu sei que quando alguém vai *pro* céu é porque morreu. Meu gato Lillo foi *pro* céu, ele morreu.

Como não amar uma pessoinha assim?

— Sim, meu amor, elas morreram. Foram embora... — Não consegui controlar minhas lágrimas e elas desceram pelo meu rosto. Dedinhos gorduchos ampararam algumas, enquanto outras morreram entre meus lábios.

— Vai passar, Joshua, eu sei que vai passar. Eu também chorei muito quando o Lillo foi *pro* céu, até sonhava com ele e doía aqui... — Ela tocou no peito. — Senti muita falta dele. Eu chorava muito, mas passou, hoje não dói mais.

Como se fosse fácil, pequena princesa. Acho que essa dor nunca irá passar, ela viverá para sempre dentro de mim.

Beijei sua cabecinha. O que poderia dizer?

— Eu *tô* aqui e você pode fazer de conta que sou sua filhinha. Eu não ligo, só não quero que fique triste.

Ela me abraçou novamente e deitou a cabeça em meu peito. No meu último suspiro de dor, percebi que ela havia adormecido, e nem se mexeu quando a coloquei de volta no travesseiro e a deixei sozinha na cama, ocupando meu lugar no tapete.

Adormeci... e desta vez um pequeno anjo me protegeu dos meus pesadelos sombrios.

Foi uma segunda-feira agitada, tivemos até festa de aniversário de uma boneca, com direito a bolo, balões e parabéns. Não sei onde papai arrumou energia para correr atrás da Marion, pois ela tomou conta da casa inteira. Até eu brinquei de bonecas, quer dizer, eu e o papai.

Após o almoço, precisei dar um passada no hotel. Tinha assuntos para resolver, mas retornei assim que papai me ligou avisando que Luke estava indo buscá-la.

Pedi para o motorista se apressar, pedindo em pensamento que Luke me esperasse. Eu

precisava sentir o cheirinho da Marion antes que ela fosse embora. Após esses quatro anos, foi a primeira vez que tive uma noite de sono perfeita, sem suores, sem agitação e sem pesadelos. Algo dentro de mim havia mudado, só não sabia o que era. Mas eu sabia o motivo de tal mudança.

A pequena Marion.

Assim que desci do carro, escutei sua voz animada do lado de fora da casa, acompanhada de seu riso feliz. Abri a porta e percebi que não era só eu que havia mudado, acho que a casa inteira foi contagiada pela felicidade da pequena princesa. Marion estava sentada no chão brincando com um peão que o papai achou nas coisas de Luke.

— Nossa, que menininha esperta! — eu disse, animado.

— Joshua! — Marion largou o brinquedo e correu para os meus braços. — Vou ficar com saudade, muita saudade, sabia?

Minha nossa, eu queria que ela ficasse para sempre nesta casa, mas sabia que isso estaria fora de cogitação, então lhe dei um abraço apertado e um beijo na cabeça.

— Eu também, princesinha, mas sempre que quiser vir é só pedir ao Luke que ele a trará aqui.

— Posso morar aqui com vocês? O vovô disse que pode. Eu posso trazer o papai e a mamãe também? Vamos ser uma família bem grandona, desse tamanhão. — Ela abriu os bracinhos.

— Claro que pode. Não é, papai? — Isso seria maravilhoso, mas era só uma fantasia de criança. Olhei na direção do papai e pisquei um olho.

— Claro que sim, se o papai da Marion quiser.

— Ok, mocinha, agora vamos embora antes que você resolva trazer todos que conhece para vir morar aqui.

Ela se jogou nos braços do Luke, mas antes me beijou.

— Amo você, Joshua. — Quase choro. Eu também a amava muito, era como se estivesse escutando aquela declaração da minha própria filha.

— Eu também a amo muito, princesa.

— Tchau, tia. — Olhou para Silvia e mandou um beijo com a mãozinha.

Silvia devolveu o beijo e saiu, emocionada. Era fato, todos estavam emocionados com a chegada da pequena Marion, ela não só nos trouxe alegria, mas uniu toda a família de um modo que há muito tempo não acontecia.

— E eu não ganho um beijo? — Luke já estava se afastando quando o papai reclamou, aproximando-se.

Marion jogou os bracinhos ao redor do pescoço dele e o presenteou com um beijo demorado no rosto.

— Amo você, vovô.

— Eu também, minha princesa.

Abracei meu pai e acompanhamos Luke até o carro. Eles se foram, e ficou a saudade. Então

tudo acabou voltando a ser como era antes.



Semanas depois

Eu sei que nunca mais serei o mesmo, o velho Joshua morreu naquele acidente. Ele não existe e não existirá nunca mais, o que sobrou de mim foi apenas a sombra de um homem sem esperanças de um dia voltar a sorrir e a colar os pedaços do seu coração despedaçado.

Carregarei para sempre a culpa de não ter sido um bom marido e pai. E o rótulo de ser o assassino da própria família. Nunca imaginei que um dia ficaria assim tão mal, sentindo o sabor do fel da dor.

Contudo, sei que mereço o que estou vivendo e aceito de bom grado. Não tenho como pedir clemência, e se a lei dos homens me absorvera, a lei de Deus me condenara, deixando-me viver. E só Ele poderá me libertar, ou talvez quem sabe me dar a chance de corrigir todos os meus erros.

O que eu duvido. Pessoas como eu não merecem perdão. Por isso estou aqui, sozinho, com nada além de remorso.

Até que tentei ir ao encontro dos meus dois amores e quase consegui. Confesso que às vezes ainda penso seriamente na possibilidade. Quando os pesadelos me encontram e me atormentam como se quisessem devorar a minha alma, eu penso, sim, em dar o meu último suspiro. No entanto, eu sei que morrer seria um caminho muito fácil, e eu não mereço brandura. Mereço essa dor latejante que me sufoca e esmaga, e é só por esse motivo que ainda estou entre os vivos. Este é o meu castigo.

— Joshua, como se sentiu ao saber que o Luke pretende se casar e constituir uma família? — A voz do médico corta os meus pensamentos.

— Feliz. Pelo menos alguém de minha família terá a oportunidade de construir a felicidade em torno de si. Eu sei que o Luke será um ótimo marido e um excelente pai.

— E você está pronto para partir, mesmo? Acha que conseguirá ficar longe de sua família?

Olhei para o médico, encarando-o sem piscar. Ele fez uma excelente pergunta. Eu não havia pensado nisso, não desta maneira, eu só queria deixar tudo para trás e partir... como se diz.

Recomeçar.

Aqui em Corais, mesmo longe de Nova Iorque, eu me lembrava de tudo. Minha esposa e filha estão aqui, estão nos rostos das pessoas que me conhecem. Já se passaram anos, mas elas continuam me olhando com piedade, com indulgência.

E não mereço isso.

Por isso fiz de tudo para adiantar as obras do novo hotel. Em Gramado, ninguém me conhece, ninguém sabe da minha história. Talvez assim eu possa continuar vagando pelas sombras como um sonâmbulo, ou um morto-vivo.

— Estou. Assim que o Luke se casar, partirei para Gramado e não pretendo voltar tão cedo. Acho que tudo aqui, até mesmo minha família, só piora meu estado de espírito. Não se preocupe — ele havia arqueado as sobrancelhas, como sempre fazia quando desconfiava de algo —, não pretendo fazer nenhuma besteira, há muito tempo cheguei à conclusão de que o meu castigo é viver. Portanto, viverei, mas do meu jeito.

— E quanto a relacionamentos? Já pensou na hipótese de conhecer alguém? Não acha que esses seus encontros casuais são frios demais? Já que decidiu seguir em frente, por que não dá uma chance para seu coração? Não precisa necessariamente se envolver, mas é bom ter alguém com quem contar, vez ou outra.

Levantei-me do sofá. Esse assunto me incomodava. Até o papai resolveu bancar o cupido. Não sei como, mas ele conseguiu marcar um encontro às cegas com uma moça no restaurante do hotel. Eu já a conhecia, éramos amigos de faculdade e eu nunca imaginaria que ela tinha uma paixonite por mim.

Foi um fiasco o encontro.

Fiquei muito puto, pois não queria e nem quero romance. Não nasci para amar, tampouco ser amado, o meu destino é ficar sozinho. Quer dizer, com a minha dor.

Para resumir meu encontro, eu pedi desculpas, chamei meu motorista e mandei que a levasse embora. Depois fui tirar satisfação com meu pai. Ele nunca mais se prestou a tal papel.

— Eu pago um psicoterapeuta, não preciso de um ombro amigo. E quero que saiba que meus encontros sexuais são o bastante para satisfazer as minhas necessidades íntimas. Eu pago e recebo o que compro, fácil assim.

— Joshua, não seja duro com você mesmo. A vida segue o rumo que damos a ela, não queira se transformar em um homem amargo...

— Já acabamos? — Um conselho, nunca fique amigo do seu psiquiatra, eles terminam querendo guiar a sua vida. Olhei para ele com seriedade.

— Joshua, só quero que fique bem. Hoje é a nossa última consulta e estou preocupado.

— Estou bem e ficarei bem. Não vejo a hora de ir embora, só sentirei falta da Marion, mas a Pietra me prometeu que quando chegarem as férias escolares ela irá passar uns dias comigo.

Eu me apeguei à Marion, sempre tirava algumas horas para ficar com ela. Às vezes ela ia para o hotel e passava a tarde ao meu lado, intitulava-se de minha assistente mirim, e todos os funcionários do hotel a adoravam. Marion era como uma luz em meu caminho, ao lado dela esquecia um pouco a minha dor. Por isso mandei decorar um lindo quarto para ela em Gramado, assim, quando vierem as férias ela terá o seu cantinho especial em minha casa.

— Bem, só me resta dizer adeus. — Ele se levantou e estendeu a mão. — Aqui estão suas receitas, não pare com a medicação. Este cartão é a minha indicação para o seu novo psiquiatra. Ele é um grande amigo e acho que vai gostar dele. Se precisar, me ligue.

Apertei a mão dele. Depois o puxei para um abraço.

Saí do consultório como se tivesse virado mais uma página de minha vida. E daqui a alguns dias, começaria um novo capítulo.



“Ah, o amor! O amor não se cansa, o amor não desiste. E quando o endurecido coração do homem quebrado, destroçado, perdido se jogou no caos do desalento. Ele encontrou em outra alma sofrida, quebrada, dilacerada o motivo para amenizar toda sua dor.

(Lara Smithe)

Eu conheço uma música que diz assim: “Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará”. De certa forma, a letra está certa no que diz respeito ao fato de que as coisas nunca mais serão as mesmas, mas quanto ao fato de passar... não, não no meu caso. Para mim não passou e acho que nunca passará. O tempo passou, no entanto, eu continuo vivendo a mesma dor, a mesma ausência, a mesma solidão... a mesma culpa.

Quanto tempo isso duraria?

Eu não sei exatamente. Mais um ano, dois, talvez toda a minha existência. O fato era que já me acostumei com tudo isso, até com meus pesadelos. Não havia uma noite em que eles não me visitassem, sempre estavam presentes, aterrorizantes, cruéis, tempestuosos. Por isso, desde que cheguei aqui no Sul, nesta terra linda, aconchegante, e tranquila – apesar dos inúmeros turistas – eu me enterrei no trabalho. Havia vezes em que dormia no hotel, mas isso só acontecia quando o cansaço era maior do que a minha vontade de voltar para o sossego de minha casa.

O Grand Hotel Saravejo foi construído na região central de Gramado. Compramos um antigo hotel e o reformamos, quer dizer, praticamente o demolimos. Já que uniríamos a arquitetura da região a uma mais moderna, não queríamos ser iguais aos demais, queríamos ser inovadores, oferecer o que os outros não podiam oferecer, e isso era uma das nossas características, por isso sempre estávamos lotados. Apesar de Gramado ser uma das regiões mais lindas e mais gostosas para se morar, dei preferência à região de Canela, por ser muito mais calma e reservada. Comprei uma casa bem afastada, em uma área verde, escondida pela vegetação alta. Assim que o corretor me mostrou a casa e o lugar onde ela ficava, nem precisei ver como ela era por dentro, me apaixonei e fechei negócio. Depois que a vi por dentro, conversei com o arquiteto e acertei todas as modificações. Hoje meu refúgio é amplo, com pouco móveis, vista ampla da vegetação que cerca toda minha propriedade e, como sempre desejei, não havia andar superior. Eram cinco quartos com suíte, sala de estar espaçosa, cozinha moderna, gabinete, sala de TV, uma piscina aquecida e uma pequena academia, que nunca uso, pois prefiro a do hotel. Adoro minha casa, mas às vezes me pergunto por que a comprei, já que fico mais tempo no hotel. Da minha casa mesmo só aproveito o quarto e a cama, pois até os meus finais de semana eu passo no hotel.

— Desculpe a demora, Joshua, tive problema com o outro paciente. Sente-se, fique à vontade.

Estava esperando a hora de ter minha consulta com meu médico psiquiatra, Dr. Stevan, especialmente hoje precisava vê-lo. Era meu aniversário e este dia era sinônimo de tristeza e irritação.

— Estou com tempo, Stevan, não se preocupe. — Ele me fez esperar por quase uma hora. — Estou vendo que mudou a decoração. Aceitou minha sugestão, que bom. Ficou bem melhor assim.

Na minha primeira consulta, notei que a sala era deprimente e toda vez que saía daqui ficava mais deprimido do que quando entrava. Tanto que comecei a evitar me consultar, e já estava até pensando em mudar de médico, porém, na última consulta mencionei a decoração. Fiz até algumas sugestões, indiquei um decorador, e acho que deu certo. A sala está com tons suaves, ele trocou as poltronas de couro escuras por outras de tecido claro e almofadas coloridas. Até flores

ornamentavam o local, sem falar nos quadros que agora eram agradáveis aos olhos. Os antigos eram assustadores.

— Você tinha razão, até ganhei alguns clientes depois que redecorei o consultório.

Ele me ofereceu o pote de jujubas. Hoje eu escolhi a roxa.

— O que te incomoda, Joshua? — articulou olhando para a mão em que estava a jujuba.

— Hoje é meu aniversário. Para uns é uma data festiva, mas para mim só traz más recordações. Se eu pudesse, pulava essa data do calendário.

Stevan ficou me observando. Não disse nada, só balançava a perna que estava cruzada. Às vezes, quando eu estava muito irritado, eu costumava contar o número de vezes em que ele subia e descia a perna.

— Não foi sempre assim, em outros tempos eu gostava muito desta data e costumava até celebrar. Nós fazíamos festas, mas meu aniversário mais marcante foi quando eu estava... — Calei-me, não consegui chegar até o final.

— Casado. — Olhei para o Stevan quando ele completou a frase. — Joshua, eu já disse, você precisa enfrentar os seus medos e seus fantasmas. Remédio e análise sozinhos não fazem milagre.

Ele sempre me dizia isso, mas o que ele não sabia era que eu não ligava. Do que me adiantava ficar são, se elas não estariam mais ao meu lado?

— Eu sei, eu sei disso. Mas vai passar, amanhã estarei melhor. — Quer dizer, melhor do que hoje, mas no meu normal, vivendo um dia após o outro, sem ânimo e sem motivação.

— E os pesadelos continuam?

— Sim, e às vezes muito piores. Tem noites que penso que realmente estou vivendo todo aquele horror novamente.

— Você tem tomado a medicação no horário?

— Tenho, mas... — Engoli o nervosismo. — Não quero viver dependente de remédios, eles não fazem muito efeito e acho que às vezes só pioram meu estado de ânimo.

— Joshua, o médico aqui sou eu, e conhecendo você como conheço, sei que toma seus remédios quando não tem outra opção. Então, como seu médico, preciso alertá-lo que é necessário fazer o tratamento ao pé da letra ou você não começará a avançar. Se quiser que eu diminua a dosagem, terá que contribuir e não boicotar seu próprio tratamento.

No início do meu tratamento com o Stevan, fiquei um pouco reticente. Estava acostumado com meu antigo médico, pois só o via quando queria, mas assim que comecei aqui ele foi logo me fazendo exigências e estabelecendo um padrão de agenda. Ele só me atendia no dia e no horário pré-determinado. Mas, com tempo, adquiri confiança. Havia algo nele que me fazia sentir mais seguro, e o fato de ele não querer invadir minhas muralhas e a minha vontade de ficar sozinho me fez ter um pouco de respeito e admiração. Ele era, sim, um ser confiante e arrogante, mas isso era o que o tornava um excelente profissional. Mesmo assim, ainda escondia o tamanho da minha dor e culpa... não queria que ele soubesse o quanto estava quebrado por dentro.

A consulta demorou um pouco mais do que o esperado, acho que ele quis compensar o tempo

que fiquei aguardando na sala de espera. Da clínica, segui para o hotel. Havia desligado meus dois celulares, hoje era o dia que não atenderia nenhuma ligação. Mesmo minha família sabendo que não queria felicitações, eles sempre me ligavam ou faziam algo de surpresa, então, para evitar algum tipo de constrangimento, anulei qualquer possibilidade de contato. Até dei ordens no hotel para que não me passassem nenhuma ligação de familiares.

O passeio de carro pelas ruas que me levavam ao hotel, geralmente era muito agradável. Eu sempre pedia ao motorista para ir devagar, pois gostava de ver o movimento das pessoas. Mas hoje, especialmente hoje, foi desconfortável. O silêncio dentro do carro, ocasionalmente quebrado pelo barulho da seta ligada do veículo, era assustador. Acho até que o motorista estava se sentindo incomodado com isso, pois vez ou outra ele tamborilava os dedos no volante.

A tensão no carro era palpável, e eu quase pude ouvir um suspiro de alívio quando finalmente chegamos ao hotel.

— Chegamos, senhor. Quer que estacione o veículo na garagem ou...

— Não, Frota. Pode tirar umas horas de descanso, quando terminar eu aviso.

Desci do carro e nem esperei que ele saísse para abrir minha porta.

Hoje era uma quarta-feira. Foi um dia tranquilo e eu tinha certeza de que seria um resto de tarde tranquila. Pelo menos, até o momento, estava sendo, tirando o fato de hoje ser o meu aniversário, de resto, tudo estava indo bem.

Ao entrar no hotel, percebi um movimento estranho entre meus funcionários. O lobby estava tranquilo demais, com poucos carregadores e recepcionistas. Já estava a caminho de minha sala, quando uma das recepcionistas me chamou.

— Senhor Saravejo, a Talita pediu para o senhor ir até o salão de eventos número dois.

Estranhei...

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, já a caminho do salão.

— Não sei, senhor, ela não me disse nada. — Talita era a minha secretária.

Continuei andando em direção ao salão. Passei por duas portas de vidro e andei por um corredor. Já estava me aproximando da entrada, quando escutei um burburinho e pessoas correndo apressadas para o interior do salão. Alguém disse:

— Ele está vindo, gente! Se preparem...

Só podia ser brincadeira! Alguém estava com muita vontade de ser demitido, eles tiveram a ousadia de preparar uma festa surpresa de aniversário para mim. Respirei fundo, dei meia-volta e apressei meus passos. Já estava na metade do corredor, quando escutei uma música que há muito tempo não escutava, sendo executada divinamente por um violoncelo.

Parei.

Lembrei da minha bailarina dançando o Lago dos Cisnes, tão linda em sua roupa de Odette. Lembrei de suas piruetas, de seus giros acrobáticos. Era como se ela estivesse dançando na minha frente, representando o cisne encantado. As lágrimas nublaram meus olhos e um nó se formou em minha garganta. Meus ouvidos se encantaram com o som daquele violoncelo, tão perfeito, tão

mágico. Quem seria aquele musicista tão perfeito? Fiquei extasiado, completamente encantado. Mesmo que eu quisesse sair, não conseguiria, estava enfeitiçado pela música.

Acho que as pessoas que estavam no salão também sentiram a mesma magia, pois ninguém veio atrás de mim. Elas ficaram em silêncio, apenas sentindo o toque mágico do músico.

E quando eu escutei os aplausos, acordei.

Do mesmo jeito que acabou a música, apressei meus passos e fui embora. Alguém, na manhã seguinte, iria ter que se explicar direitinho.

Antes mesmo de sair do hotel, alguns funcionários me olhavam com certo espanto, pois eles não esperavam que eu reagisse assim. Certamente estava com uma expressão muito contrariada, o que era verdade, estava fulo da vida. Liguei meu celular e chamei o motorista. Aliás, chamei não, gritei para que viesse me pegar.

Em menos de dois minutos ele já estava na frente do hotel. Entrei no carro apressadamente e nem vi minha secretária acenando desesperada para mim. Se ela tinha alguma coisa a ver com isso, seria severamente chamada a atenção, ou quem sabe até demitida.

— Frota, não precisa se apressar, não há ninguém me esperando em casa. — Recostei-me no banco de couro e abri um pouco os vidros do carro. Ativei o som do carro, pareando com meu celular, e deixei a música clássica tocar.

Demorou um punhado de minutos e eu pude ver de longe a vasta vegetação onde minha casa se escondia. Eu tinha uma visão privilegiada da serra gaúcha. Respirar aquele ar fazia muito bem aos meus pulmões. Minha bailarina iria adorar este lugar, e a nossa filha poderia correr livremente naquela grama verde...

Eu queria poder voltar no tempo.

Se tivesse sido prudente, tudo seria tão diferente...

Respirei fundo. Por que continuo pensando nisso?

Frota diminuiu a velocidade do carro e parou. Esperou até os portões se abrirem totalmente e estacionou em frente ao jardim.

— Tire o resto do dia de folga, não pretendo retornar ao hotel por hoje, mas deixe o celular ligado, caso eu precise sair — avisei.

Ele já ia descendo do carro para abrir a minha porta, mas eu saí primeiro e respirei o ar fresco.

Esqueci como era fresco o ar fora da cidade.

Fiquei de pé por um momento, apreciando a paisagem, concentrando-me nos campos, nas árvores e no fundo montanhoso. Minha mente perturbada e nostálgica conflitava com o pouco de racionalidade que me sobrou hoje. Será que algum dia serei normal? Será que algum dia terei algum motivo para dizer que toda a minha dor valeu a pena? Talvez, quem sabe.

Meu otimismo durou pouco. O vento frio bateu em meu rosto e me trouxe de volta à minha triste realidade. Foi então que lembrei do violoncelista e de sua execução perfeita da música. Ele deveria ser um músico famoso, a Talita não contrataria qualquer um para tocar em meu aniversário. Eu a

conhecia, ela era detalhista demais.

Entrei em casa, olhei à minha volta. Tudo tão lindo, tão claro, tão confortável e tão... vazio. Despi o paletó, desafivelei o cinto, puxei a camisa para fora da calça e comecei a abrir os botões, enquanto chutava os sapatos para longe. Me joguei no sofá e apoiei a cabeça no encosto, fechando os olhos e soltando um suspiro alto.

Peguei meu celular de dentro do bolso da calça e liguei o aparelho. Fui em meus arquivos de mensagens. Cliquei em uma...

Bom dia, senhor Saravejo, estou ligando para lhe desejar feliz aniversário e dizer que eu o amo muito e que sou a pessoa mais sortuda do planeta terra... Ah, não esqueça de olhar em seu bolso, hoje tem recadinho especial. Beijo, meu amor! Da sua linda esposa.

Deus!

Por quê? Por quê? Eu não entendo, como o Senhor pode ser tão perverso? Nos dá o amor para logo em seguida arrancá-lo de nós. Isso é muita maldade, o Senhor não acha?

Olhava para o alto, enquanto blasfemava contra o Criador. Já estava a ponto de jogar o celular longe, quando ele tocou.

Suspirei ao olhar para a tela... Bem, eu precisava gritar com alguém, então achei melhor atender.

— Espero que tenha uma boa explicação para o que a senhorita acabou de fazer. Então, tem ou não tem? — disse sem nenhuma paciência. Escutei o suspiro profundo de minha secretária.

— Senhor, eu não entendi. Fiz tudo para agradá-lo, até procurei o melhor violoncelista. O que fiz de errado para o senhor não comparecer à sua festa? Sabia que até o prefeito estava no salão?

— Talita, você fez uma festa de aniversário, foi isso o que fez de errado. Não comemoro meu aniversário, nem gosto dele. Aliás, eu odeio essa data, portanto, a senhorita só não vai ser demitida porque não sabia deste pequeno detalhe. Só espero que isso nunca mais se repita se quiser continuar sendo minha secretária, estamos entendidos?

Ela ficou muda. Não a culpo, ela não conhecia a minha história, não conhecia meus traumas, minhas dores ou minha escuridão. Devia achar que minha vida era um mar de rosas e que tudo ao meu redor era florido.

Mas não era, e nunca mais seria.

— A propósito, Talita, quem era o violoncelista?

Ela limpou a garganta, se recompondo do susto.

— Bem, eu havia contratado um dos melhores da região, mas infelizmente ele ficou doente e mandaram uma substituta, não sei o nome dela. Por quê? O senhor a ouviu tocar e gostou? Todos adoraram...

— Talita — a interrompi. Ela se calou. — Sim, eu ouvi e gostei muito. Acho que só por isso eu não a demiti na hora.

— Me desculpe, senhor Saravejo, se soubesse que não gostava de festas, não teria organizado

uma.

— Está tudo bem, desde que não se repita mais.

— Nunca mais, eu prometo. — Ela aprendeu a lição, tenho certeza disso.

Desliguei o celular. Joguei no bolso da calça e me levantei, caminhando até a imensa janela de vidro para apreciar melhor a belíssima vista. Meu celular tocou novamente. Talita devia ter esquecido de me dizer algo.

— Alô, seja rápida...

— Filho. — Ah, não, era meu pai. Por que fui atender? — Joshua — ele falou baixinho, me fazendo soltar o ar que prendia. — Filho, eu sei que esta data é triste para você, mas é o seu aniversário e para mim ela é motivo de alegria. Não podia deixar de falar com você, é o seu primeiro aniversário longe de casa... Joshua?

A bem da verdade, não sabia o que estava sentindo neste exato momento. Não sabia se ficava zangado por ele não ter respeitado meu isolamento, ou se aliviado por saber que de alguma forma ele sempre estaria pronto para me dizer algo que me lembrasse que não estava sozinho.

Suspirei e alguns momentos tensos se passaram antes que resolvesse abrir a boca para lhe dizer algo.

— Pai, o senhor sabe como me sinto nesta data. Por que não deixou para ligar amanhã? Não estou muito bem para conversar.

Fizemos uma pausa. Eu sabia que papai estava procurando as palavras certas para rebater as minhas. De alguma forma ele achava que traria algo palpável de volta, transportando o Joshua do passado para o futuro.

— Joshua, você só precisa de mais tempo e amor para superar toda essa dor. Eu sei que vai conseguir, meu filho querido ainda está aí dentro, e eu me recuso a desistir de você.

Sem dizer mais nada, ele desligou.

O Joshua do passado...

Se ele soubesse que aquele Joshua morreu naquele terrível acidente e o que sobrou dele foi apenas cinzas...

Desliguei o celular. Por alguns minutos, fiquei olhando para o final do longo corredor que levava aos quartos. Eu só precisava de um instante dentro de um deles.

Puxei o ar e caminhei feito um ébrio em direção ao último quarto. Girei a maçaneta e abri a porta lentamente. Meu santuário.

Lá estavam as lembranças de minha linda bailarina. Vendo o imenso quadro em tamanho natural, ela parecia tão real, tocável... vestida com as roupas da Odette, na ponta dos pés e sorrindo para a câmera. Meu Deus! Como ela era linda, tão perfeita... Abracei a moldura e beijei seus lábios. Senti meus joelhos fracos, meu coração batendo forte em meu peito. Era difícil tocar em suas coisas, mas ao mesmo tempo era prazeroso, e de algum jeito eu a sentia perto.

Toquei em suas sapatilhas favoritas, nos enfeites de cabelos, nas nossas fotos, e por último na

caixinha onde eu guardava todos os seus bilhetes. Abri um.

Bom dia, senhor Saravejo! Só quero lembrá-lo de que este coração é todinho seu.

E como sempre, no lugar da palavra "coração", havia o desenho de um.

Uma lágrima caiu finalmente. Hoje não era dia de vir aqui, esse pedaço de mim e dela era penoso demais. Neste quarto estavam guardadas toda a minha dor e as minhas emoções sufocadas. Balancei a cabeça, tangendo minhas lembranças. Tomei uma respiração profunda antes de sair e trancar a porta. O sofrimento vinha, e vinha forte, em todos os ângulos. Era esmagador.

A culpa torrava meus miolos, gritava ferozmente.

Deixei as lágrimas virem, pois de alguma forma elas eram necessárias. Elas lavavam minha dor e o ódio que sentia de mim mesmo. Eu as matei, mereço sofrer. Sei que minha família quer que eu esqueça o passado, quer que retome de onde parei, e até gostaria que isso acontecesse, mas não vejo como. Quando tudo o que você mais ama é arrancado de sua vida, você não consegue simplesmente abrir a porta e deixar todo o sofrimento ir embora. Não era nada fácil esquecer quem se ama mais do que tudo.

Rapidamente, voltei à sala e limpei meu rosto. Caí pesadamente no sofá, deixando escapar um suspiro exasperado ao tentar manter as minhas emoções sob controle. Faz tanto tempo que convivo com essa angústia, até havia pensado que já tinha me acostumado com ela, mas volta e meia eu me assusto com o peso das lembranças, com a dor angustiante da saudade. Há vezes que eu me pergunto se quero me acostumar com esses sentimentos. Sei que mereço toda essa dor, é meu castigo viver assim, mas às vezes tenho vontade de desaparecer, de me esconder, de fugir de tudo isso. Por quanto tempo ainda suportarei viver assim?

Pensando nisso, percebo que preciso de uma válvula de escape. Fazia tempo que não me distraía.

E por que não hoje?

Acho que mereço um presente. Peguei meu celular e fiz uma ligação.

— Heitor, tudo bem? Preciso de alguém especial, tem disponível?

— Agora não, mas posso providenciar, é só o tempo de você chegar.

— Já estou a caminho. Não esqueça os termos: sem toque, sem beijo, só sexo. Preciso que a mulher saiba onde está se metendo.

— Não se preocupe, a mulher em questão quer o mesmo que você, só aliviar a pressão do trabalho. Estou reservando o quarto trinta e dois para vocês, é só ir direto para lá e bater na porta.

— Obrigado, Heitor.

Sou sócio de um clube secreto de fetiches onde homens e mulheres buscam o prazer do sexo do jeito que querem, realizando suas fantasias sem preconceito. Lá, você pode ser o que quiser, sem se importar com o julgamento alheio. As pessoas que frequentam esse clube só buscam o prazer do sexo sem compromisso. Conheci o Heitor em São Paulo quando ainda era universitário, e naquela época não via necessidade de frequentar esse tipo de lugar, mas desde que voltei de Nova Iorque, resolvi

me associar. No clube de Salvador eu ia umas três vezes ao mês, mas aqui costumo ir mais vezes.

E hoje preciso urgentemente de alívio.



29

Às vezes, gosto de caminhar pelas ruas de Canela. Aqui é um paraíso para se passear e pensar na vida, e as pessoas são simpáticas e sorridentes. Eu tinha andado trancado em casa nessas últimas semanas, pois as festas de final de ano me deixam nostálgico e irritado. Papai e Luke me chamaram para passar o Natal e o Réveillon com eles, e até usaram a Marion para me convencer. Claro que não funcionou, eu não iria nem sob decreto. Até ralhei com os dois irresponsáveis por usarem a minha sobrinha para me chantagear. Ela só não ficou triste porque mandei a boneca dos sonhos dela como presente de Natal.

Tirei os dias de folga que se sucederam às festas de fim de ano. Não queria confraternizar com ninguém, preferi ficar em casa, sozinho com a minha dor e os meus constantes pesadelos. Mas hoje resolvi sair da toca e apreciar um pouco do calor do meio-dia de uma sexta-feira do mês de janeiro. Resolvi comer alguma coisa em um aconchegante restaurante. Escolhi uma mesa na varanda, onde eu podia apreciar a movimentação das pessoas e o encanto colorido das flores. Então, em dado momento, quando estava lendo o cardápio, escutei um som bem familiar aos meus ouvidos. Aquele tipo de som que nunca se esquece. Sabia que era o mesmo violoncelista que tocou em meu aniversário. Já fazia um tempo, mas eu tenho um excelente ouvido para música e reconheci a execução, a maciez das notas.

Parei de respirar por alguns instantes, fechei meus olhos e fui para outro lugar, um lugar onde não existia sofrimento. Quando a música terminou, abri os olhos e percebi que várias pessoas também haviam parado para apreciar o belo concerto solo. Chamei a garçonete, que também estava na porta apreciando a música, e ela veio sorrindo.

— De onde veio esta música, você sabe me dizer? — Precisava conhecer essa pessoa tão sensível.

— Vem da escola de música da professora Nara.

— Você sabe quem estava tocando?

— Não, mas faz muitos meses que todos os dias, neste mesmo horário, somos agraciados com a pureza desse som. Deve ser algum professor.

— Onde fica essa escola?

— Fica logo na esquina. É um prédio antigo, o senhor não vai errar.

Deixei uma boa gorjeta para a simpática moça e fui à procura da escola, precisava conhecer a pessoa com aquele dom tão refinado e excepcional.

Achei a escola e subi as escadas. Meu coração estava acelerado, não entendia o porquê da

minha ansiedade, mas a explicação que encontrei foi que aprendi a gostar muito de música clássica, pois era uma maneira de ficar mais perto da minha bailarina.

— Boa tarde! — cumprimentei a recepcionista. Ela me olhou, sorridente, e devolveu o cumprimento. — Eu poderia conhecer a pessoa que estava tocando violoncelo há poucos instantes? Ela tocava *Prelude*.

— Ah, sim, o senhor deve estar se referindo à professora Laura, só ela toca violoncelo no horário do almoço, mas infelizmente ela não poderá atendê-lo, está em aula.

Fiquei triste, queria muito parabenizar e talvez, quem sabe, fazê-la tocar um pouco mais.

— Que pena, queria muito falar com ela e parabenizá-la. De qualquer forma, obrigado. — Virei as costas para ir embora.

— Senhor, se quiser poderá ir vê-la tocar amanhã, no teatro. Ela substituirá o violoncelista Conrado. Aqui está o panfleto com o horário. — Peguei o papel da mão dela e sorri. Enfiei o encarte no bolso e fui embora.



No sábado, no horário da apresentação, estava lá, na terceira fileira do teatro. Ele não estava lotado, mas tinha um público considerável. As luzes se apagaram, as cortinas se abriram e uma moça vestida sobriamente com um vestido negro e comprido, com os cabelos presos em um coque no alto da cabeça, sentou-se com seu violoncelo. De onde estava, não dava para ver as suas feições, pois ela entrou de cabeça baixa e assim ficou. Ela respirou fundo e começou a tocar.

Nossa!

Fechei os olhos e só senti a música entrando em meus ouvidos e se apossando do meu corpo. Viajei para bem longe, onde a paz reinava e a solidão não existia. Só abri meus olhos quando escutei os aplausos e os assobios. Procurei a moça responsável por aquele espetáculo, mas ela havia sumido. Fui até o camarim e não encontrei ninguém. Queria tanto conhecê-la, apertar a mão daquela pessoa tão delicada.

Decepcionado, fui embora. Resolvi tomar um café para esquentar um pouco meu corpo. Fazia frio e não tinha pressa para chegar em casa. Já estava à procura de uma mesa, quando vi um violoncelo encostado em uma cadeira e uma moça vestida de negro, com os cabelos presos no alto da cabeça. Era ela.

Era a moça com o toque dos anjos.

Ela estava distraída, olhando para o café enquanto o mexia. Parecia tão triste, tão distante, tão desprotegida. Lentamente, eu me aproximei.

— Laura!

Ela estagnou. A mão que segurava a pequena colher tremia, fazendo esta trepidar na delicada xícara de porcelana. Sua respiração acelerou, e eu tive a impressão de que estava apavorada.

Sua cabeça se moveu em direção aos meus sapatos. Ela ficou observando-os, como se precisasse reconhecê-los.

— Laura, você é a violoncelista que tocou agora há pouco no teatro? — perguntei, chamando pelo seu nome outra vez, mas com mais tato, porque ela estava muito assustada.

Ela começou a tremer com mais força, sua perna balançava.

— Moça, você está bem? — Preocupado, eu a toquei no braço e ela se afastou bruscamente.

— Por favor... não me toque. — Quase gritou. Olhava-me apavorada como se eu fosse seu inimigo.

— Ei, se acalme. Eu não quis assustá-la, só quero saber se você é a Laura?

Seus olhos claros me observaram com curiosidade, como se quisessem ler meus pensamentos, como se quisessem saber se eu representava algum perigo. Ela estava muito assombrada.

— Oi, desculpe se a assustei. Eu vim assistir à apresentação só para vê-la tocar.

— O senhor deve estar me confundido com alguém, sou apenas uma substituta. — De repente ela se levantou. Tinha pressa, na certa estava pensando que eu era algum tarado ou sei lá. — Preciso ir, me desculpe. — Pegou o violoncelo apressadamente. Não podia deixá-la ir assim, pensando que eu era algum tipo de pervertido.

— Laura, não precisa fugir de mim, não sou nenhum tarado. Espere, por favor.

Toquei em seu braço outra vez. Ela se afastou, mas não correu de mim.

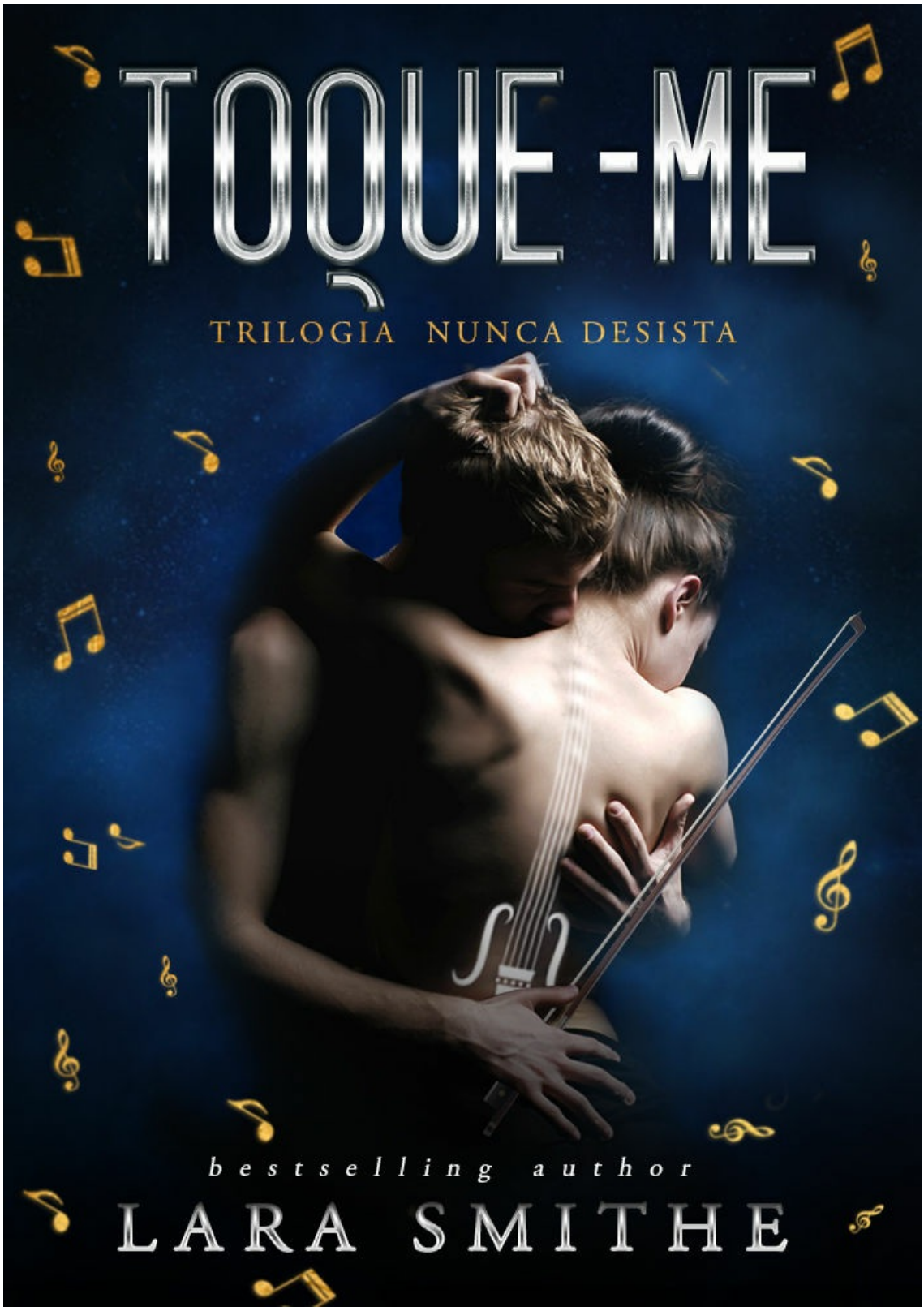
— Só queria parabenizá-la. Você tocou no meu aniversário, eu fiquei muito impressionado. — Ela precisava saber que já a conhecia. Talvez, se soubesse quem sou de verdade, pudesse confiar em mim.

Ela ficou me avaliando, talvez tentando recordar de onde me conhecia ou a qual aniversário estava me referindo. Finalmente ela parou os olhos em meu rosto e eu pude me apresentar.

— Prazer, meu nome é Joshua Saravejo...

Continua...

Siga a leitura no livro 3 TOQUE-ME


TOQUE-ME
TRILOGIA NUNCA DESISTA
bestselling author
LARA SMITHE



SINOPSE

Há muito tempo, Joshua Saravejo decidiu viver uma vida solitária e vazia, como um castigo autoimposto após perder as pessoas que ele mais amava em um trágico acidente do qual se sente culpado. Ele não pretende mais se prender a nenhuma emoção e nem acha que alguma vai penetrar na camada dura de gelo atrás da qual ele lida com tudo e todos.

Contudo, sua vida dá uma guinada quando ele conhece Laura, uma musicista talentosa e misteriosa, com um sorriso triste e olhos amedrontados, mas cuja música tem o poder de tocá-lo profundamente.

Laura é uma mulher tão atormentada quanto Joshua. Quebrada, sozinha e aterrorizada com seus monstros interiores, guarda seu passado bem escondido de todos, buscando a chance de ser livre e feliz longe das amarras que a acorrentaram durante um bom tempo e tiveram o poder de quebrantar sua alma. No seu recomeço, não estava prevendo a presença de um homem tão marcante quanto Joshua.

Mas quando sua música toca o coração desse frio homem, o destino fará as vezes de cupido com esses dois corações destroçados e desacreditados no amor.



Joshua

Eu sabia que a moça diante de mim era a violoncelista Laura, ela vestia as mesmas roupas da apresentação e estava com o violoncelo ao lado. Claro que era ela, só que estava tão nervosa que nem prestou atenção em minha mão estendida à espera da sua.

— Laura, prazer, me chamo Joshua. Sou o aniversariante que não compareceu à própria festa de aniversário, lembra-se?

Ela olhou para minha mão estendida e seus olhos fixaram-se nela por alguns segundos, até que, reticente, esticou o braço devagar e sua mão tocou a minha. Rapidamente a apertei, pois tinha medo de que ela se arrependesse e saísse correndo feito uma louca. Era essa a impressão que eu tinha.

— Você está bem? — De alguma forma, eu me preocupei com o seu estado de nervos. Ela termia, tremia muito.

Parecia tão perdida em seus pensamentos. Parecia até um pouco comigo, pois me perder em pensamentos era o meu normal.

— Laura? — Balancei um pouco sua mão para lhe chamar a atenção. Ela não estava apenas perdida em seus próprios pensamentos, com certeza estava em outro lugar.

Parecia estar em seu próprio mundo.

Como eu.

Eu sempre estava em meu passado.

Revivendo minhas memórias.

Relembrando minhas dores e meus sofrimentos.

Avaliei seu rosto perdido, sombrio e tristonho.

Quais dores esta moça carregava?

Tão jovem... e tão perdida.

O som de risadas vindas do balcão do café chamou a nossa atenção, e ela rapidamente soltou a minha mão, agarrando-se ao violoncelo.

— Sim... sim, estou bem, obrigada por perguntar. — Por que eu tinha a impressão de que ela continuava com medo de mim? — Desculpe-me, tenho que ir...

Não, você não irá fugir assim, não nervosa do jeito que está.

— Laura, espere. — Toquei levemente em seu cotovelo, o suficiente para fazê-la parar. — Você sempre reage assim quando encontra um fã? — Tentei ser simpático, precisava melhorar a energia que nos cercava. — Não está curiosa em saber por que não fui à minha festa de aniversário?

Ela ainda estava pronta para correr, seu corpo continuava virado de lado, com um pé posicionado à frente.

— Você é o dono do *Grand Hotel Saravejo*, não é? Foi o que entendi. Estou certa?

Ela havia voltado ao planeta Terra.

— Sim, e naquele dia já estava pronto para ir embora, quando escutei o som do seu violoncelo. Por longos minutos você me fez viajar para outro universo, sua música foi o melhor presente de aniversário. Consegui um pouco de luz e paz enquanto estava de olhos fechados, só sentindo a magia das notas musicais possuindo minha alma. Fiquei encantado com a sua música.

Naquele momento, fechei os olhos para absorver as lembranças daquela tarde, e quando os abri e os fixei em seu rosto, ela sorriu por um pequeno instante.

— Obrigada, mas não era nem para eu tocar naquele dia. Seria outro músico, mas ele ficou doente e o substituí.

— Sorte a minha, então.

— Pois é... hoje... hoje também, o músico não pôde vir...

— E você veio substituí-lo. Sorte a minha mais uma vez, pois nunca vi alguém tocar com tanta perfeição.

— Obrigada... — Ela continuava congelada em seu espaço, respirando apressadamente. Posso jurar que seu coração estava batendo fortemente, pois vez ou outra ela engolia em seco. Conheço esses sintomas.

Eu tenho os mesmos.

— Laura, por que não nos sentamos um pouco? Está frio, e você nem tomou o seu café. Sente-se, por favor, eu não mordo. Juro que só queria conhecê-la, e realmente estou maravilhado com a perfeição com que toca.

Puxei a cadeira para ela se sentar, mas em vez de aceitar a minha gentileza, ela puxou a outra da mesa e se sentou. Respirei fundo e me sentei na cadeira que havia lhe oferecido. Acenei para a garçonete.

— O que quer tomar?

— Não se preocupe, eu faço o meu próprio pedido. Peça o seu e eu peço o meu. — Percebi um pouco de rispidez no tom de sua voz.

Pedi um café com creme, com chocolate nas bordas, e uma fatia de torta de nozes. Ela pediu um café com leite cremoso e não aceitou minha sugestão de torta.

— É professora há muito tempo? — fiz a pergunta enquanto mexia a colher delicadamente no fundo da xícara. Ela me olhou desconfiada. — Deve estar se perguntando como sei que é professora. — Seus olhos se juntaram levemente. — Segui sua música em uma sexta-feira, ao meio-dia, e ela me levou à escola onde leciona. Foi assim que descobri que se apresentaria hoje. — Beberiquei o café, sentindo o doce e o amargo ao mesmo tempo.

Laura continuava dispersa. Nem sei se estava prestando atenção na nossa conversa, quer dizer, em meu monólogo. Ela mexia a colher na xícara, olhando para ela como se fosse sua tábua de salvação. Havia algo de errado com aquela moça. Não sabia bem o que era, mas era algo que me incomodava.

O silêncio entre nós começou a me incomodar. Limpei a garganta, e foi o suficiente para lhe chamar a atenção. Ela ergueu o olhar em minha direção, e no instante seguinte, seus olhos capturaram

os meus. Eu pude ver a tristeza fria refletida através deles. Nós parecíamos tão iguais... Senti um frio na espinha, eu conhecia aquela tristeza claustrofóbica.

— Laura — ela piscou —, seu café vai esfriar. — Olhou de volta para a bebida, puxou a colher, deixando-a no pires, e levou a xícara aos lábios. — Tem certeza de que não quer um pedaço de torta? Está uma delícia.

— Não, obrigada. O café é o suficiente... — Voltou a bebericar o café, mas seus olhos passaram rapidamente em meu rosto. — Por que o senhor não foi para sua própria festa? Antes de ir embora, eu ouvi o burburinho entre os convidados. O salão estava lotado.

— Me chame de Joshua, por favor. Não gosto de comemorar meu aniversário, e a minha secretária não sabia disso. Confesso que fiquei muito fulo e ela quase perdeu o emprego, mas agora é passado, e ela aprendeu a lição.

— Então foi traumatizante para o senhor... quer dizer, para você?

— Poderia ser pior, se não fosse por sua música. Acho que minha secretária deve o emprego a você. — Ela sorriu. Foi um sorriso bem tímido, mas para quem há pouco tempo estava trêmula de medo, o fraco sorriso era muita coisa.

— Eu... eu tenho que ir... — Ela empurrou a xícara e pegou a bolsa.

— Posso fazer uma pergunta?

Chamei a garçonete.

— Sim, pode.

— Quando se apresentará novamente?

— Não sei. Como já disse, sou apenas uma substituta. — A garçonete encostou em nossa mesa.

— A conta, por favor, querida — disse, já enfiando a mão no bolso do meu sobretudo.

— A minha também. — Olhei surpreso para Laura.

— Não, Laura, eu pago...

— Você paga sua parte, eu pago a minha. — Ela olhou para a garçonete. — São vinte e dois reais, não é isso? — Pegou a carteira na bolsa.

— Laura, não me ofenda. Sou um cavalheiro e não permitirei isso. Por favor, guarde seu dinheiro.

— Seja cavalheiro para outra pessoa, eu prefiro pagar a minha conta. — Ela entregou vinte e cinco reais à moça e se levantou, pegando o violoncelo.

— Laura, aonde vai? — Peguei uma nota de cinquenta reais e entreguei rapidamente para a garçonete, que nos olhava sem entender nada. — Fique com o troco.

Laura saiu apressadamente, carregando o violoncelo. Ela sequer olhou para trás quando gritei o seu nome.

Mas o que diabos eu fiz?

Só quis ser gentil.

Educado.

— Laura, espere! Pare, por favor.

Consegui alcançá-la no último degrau. Segurei em seu cotovelo, freando seus passos.

— Solte-me. — Puxou o braço, olhando-me friamente. — Você não tem permissão para me tocar, não faça mais isso.

Meu Deus! O que há com esta moça?

— Calma, não foi minha intenção ofendê-la. Mas que inferno, moça. O que eu fiz de mais para irritá-la tanto?

Ela respirou fundo, abriu e fechou os olhos, e depois relaxou os ombros.

— Você não fez nada. Só não gosto de delicadezas, porque atrás de todo cavalheirismo existe uma segunda intenção, e geralmente segundas intenções só machucam. Então, não precisa ser cavalheiro comigo, apenas seja você mesmo.

— Mas estou sendo eu mesmo. Não posso ser de outro jeito, Laura, mas peço desculpas se passei uma impressão errada com meus bons modos. Esteja certa de que não estou tentando ser gentil para conquistá-la, ou qualquer coisa parecida. Foi só gentileza mesmo, não estou interessado em nenhum tipo de relação, a não ser de amizade, se permitir.

Ela respirou fundo outra vez. Olhou para meu rosto, depois baixou o olhar.

— Desculpe-me, é muito difícil confiar em alguém, principalmente quando você acaba de conhecê-lo inesperadamente. Não tenho muitos amigos, principalmente do sexo masculino.

— Então, amigos? — Estendi a mão. Ela olhou e sorriu levemente. Acho que estava conseguindo roubar pequenos sorrisos desta moça misteriosa e tristonha.

— Amigos. Desculpe-me mais uma vez, não quis ofendê-lo.

— Ok, eu até desculpo, mas só se me deixar levá-la em casa...

— Não abuse da sorte, Joshua... — O vento gelado foi direto em seu rosto e ela estremeceu. Fiz menção de socorrê-la, mas assim que percebeu, ela se afastou.

Então retirei meu casaco, coloquei-o sobre os seus ombros e tomei o violoncelo de suas mãos.

— É só uma ajuda. Não é gentileza, é somente uma ajuda de um novo amigo, tudo bem assim? — Ela já ia me devolvendo o casaco, mas acho que fui convincente. — Por favor, deixe-me levá-la em casa. Estou com um motorista, você não correrá nenhum perigo. Aceite a ajuda de um amigo que a admira muito. — Juntei as mãos em súplica.

— Está bem, mas só aceitarei porque estou me sentindo muito mal por ter sido grosseira.

Acenei para o Frota, que me esperava do outro lado da praça. Minutos depois, ela já estava dentro do meu carro.

De Gramado até chegar onde ela morava, em Canela, levamos cerca de vinte minutos. Ela não aceitou ajuda para sair do veículo, nem a minha, nem a do motorista. Mesmo assim, a levei até o portão de ferro da entrada do prédio em que ela morava.

— Tem certeza de que não quer que a acompanhe até a porta do seu apartamento? Mora em qual andar?

— Tenho certeza. Eu estou bem, faço esse caminho há muito tempo. Obrigada mais uma vez.

— Pegue meu cartão, caso precise de algo. — Ela aceitou. — E quando for se apresentar, por favor, me avise. Falo sério e... — Ela já estava abrindo o portão. — Podemos tomar um café qualquer dia desses?

Ela entrou e, antes de fechar a porta, virou-se, me encarando.

— Pode ser, eu ligo para você. Boa noite, senhor Joshua. — Ela me dispensou gentilmente e eu aceitei a minha derrota. Deixei-a ir.

Entrei no carro e fiquei com meus pensamentos. Eu sei, ela era uma boa pessoa, e assim como eu, algo dentro dela estava quebrado e muito danificado. Como diz o ditado, os opostos se atraem. Não que eu tenha algum tipo de interesse sentimental por ela, de maneira alguma, pois acho que nunca mais terei esse tipo de sentimento por ninguém. Meus relacionamentos são casuais e sexuais, e ela não seria o tipo ideal de mulher para ir para a cama comigo. Ela era frágil demais, delicada demais. *Problemática demais*.

E de problemas, já bastam os meus.

Mas há algo nela que me deixa curioso e preocupado. Não sei o que é, e talvez eu nunca descubra.

— Frota, siga para o clube.

Precisava de alívio, de um pouco de distração. Estava pensando demais em bobagens.

Joshua, não queira bancar o herói. Você nunca será um herói. Você destrói, não constrói. Você mata, não salva.

Meia hora depois, eu estava em frente ao clube.

— Frota, pode ir descansar. Voltarei de Uber para o hotel e dormirei lá esta noite. — Meu motorista foi embora. Era noite de sábado e o clube estava cheio, mas sempre havia alguém disposto para a diversão.

— Joshua, por que não avisou que viria? Uma pessoa perguntou por você, mas como não sabia que viria hoje, ela escolheu outro parceiro.

— Sem problema, fica para próxima. — Eu sabia a quem ele se referia, uma advogada boca suja, que adorava ser xingada de nomes feios. Ela era casada, e muito bem casada, mas quando o trabalho exigia muito dela, ela recorria ao clube para renovar as energias.

— Tem alguém que eu acho que você vai gostar. Ela é nova na cidade, está de passagem, e pediu um homem discreto, calmo e que goste de fazer oral. Tem algum problema com isso? Ela me mostrou os exames e estão todos em dia. Além disso, ela é uma gata de linda.

Algo que eu gostava no clube, eram dos procedimentos de admissão. Ninguém se associava sem antes passar por vários exames médicos renováveis a cada três meses.

— Não tem nenhum problema nisso, desde que seja recíproco.

— Ok, espere cinco minutos e siga para o quarto quarenta e cinco.

Cinco minutos depois, entrei no quarto e encontrei uma loira de cabelos cacheados, nua, toda aberta na cama. Ela realmente era linda, do tipo de mulher de deixar qualquer homem de pau duro.

— Boa noite... Gosta do que vê, meu querido? — disse enquanto abria mais as pernas, olhando-me com um olhar depravado.

— Sim, eu gosto do que estou vendo. Por que não se abre mais? Escancare bem as pernas, quero enfiar meu rosto e chupar você até escutar seus gritos.

Ela espalhou as pernas e começou a se masturbar, socando o dedo dentro de sua vagina e lambendo os lábios enquanto fodia a si mesma.

Rapidamente, despi o sobretudo, chutei os sapatos para longe, arranquei as meias e me livrei da calça e da cueca. Nu, apenas de camisa, me aproximei da cama, enquanto meus olhos observavam os dela. Ela secava meu pau duro com os olhos, enquanto eu o masturbava com a mão. Ela lambeu os lábios sem conseguir desviar os olhos de mim, e eu fechei os dedos ao redor do meu eixo, alisando-o, provocando-a.

— Você quer minha boca em você, não quer? Quer que eu chupe e morda a sua boceta carnuda, não quer? — Ela gemeu, levando o dedo bem fundo em seu sexo. Eu podia ver sua excitação escorrendo entre seus dedos. — Primeiro eu a chupo e depois você me chupa, e então eu a como, minha linda. Vou socar meu pau com força dentro dessa sua boceta suculenta.

Fiquei de joelhos no colchão e engatinhei entre suas pernas. Meus dedos acariciaram levemente suas pernas, correndo sobre seus joelhos até pressionarem suas coxas e tocarem sua boceta. Inclinei e beijei sua barriga, lambendo e mordendo o caminho, até que minha boca mergulhou entre suas dobras e eu chupei com vontade. Ela jogou o corpo para cima, arqueando-se. Mordi seu clitóris e soquei um dedo em seu buraquinho traseiro.

— Caralho, filho da mãe! Faz isso de novo, me fode com o dedo, seu sacana. Não, não pare, cachorro! — ela gritou quando puxei seu clitóris e soquei o dedo ao mesmo tempo.

Minha língua raspou todo o botão sensível, mais e mais, até que ela estava gritando e apertando minha cabeça contra sua vagina. Abriu mais as pernas, deixando-me usar a língua do jeito que eu queria, movendo-a de cima a baixo, deixando-a enlouquecida.

— Porra! Caralho, eu vou gozar! — ela gritou enquanto minha língua se movia mais e mais rápido. Sua pele brilhava de suor e seu corpo tremia com os pequenos choques elétricos que eu podia sentir em seu clitóris. Seus quadris empurraram contra meu rosto e seus gritos e gemidos ficaram mais altos quando ela explodiu seu gozo contra meus lábios.

A linda loira com carinha de mulher satisfeita se encostou na cabeceira da cama e me chamou com o dedo indicador. De joelhos entre seu corpo, mostrei meu pau, e ela só abriu a boca e o aceitou. Suas mãos vieram subindo por baixo da minha camisa. Eu as contive.

— Sem tocar. Não avisaram a você? — Ela apenas abriu e fechou os olhos e desistiu de me tocar, e eu continuei fodendo sua boca com meu pau. Sua língua maravilhosa sabia fazer um ótimo trabalho ao redor do meu eixo.

Ela sabia chupar um pau deliciosamente, era uma especialista. Eu já estava pronto para atirar

meu esperma.

— De quatro, querida...

Enquanto ela se posicionava, procurei o preservativo e o coloquei. Segurei meu pau na mão e esfreguei a cabeça grossa contra a abertura de sua vagina. Empurrei a cabeça lentamente, estirando-a. Ela respirou fundo e seus músculos vaginais flexionaram em torno de meu eixo, enquanto eu continuava empurrando. Ela gemeu quando meu polegar começou a esfregar seu clitóris em círculos, e eu comecei empurrar várias vezes, me enterrando profundamente, até o talo.

— Eu preciso ser mais rápido...

— Foda-me com força. Não economize, eu preciso disso. Foda-me com força, porra!

O sangue correu em minhas veias e meu corpo inteiro sacudiu com as estocadas severas. Meu pau comia aquela vagina como se ela fosse a minha última refeição. Ela não conseguiu se manter de quatro por muito tempo. Mesmo segurando-a pelos cabelos, seu corpo caiu sobre o colchão e fiquei por cima dela, sem parar de entrar e sair com selvageria. Ela gritava a cada estocada e eu urrava como um animal enjaulado. Estava lhe dando exatamente o que ela havia pedido, golpes duros e profundos.

— Caralho, eu vou gozar, porra! — ela gritou

Meus olhos se fecharam e o meu orgasmo veio forte, em espiral, fazendo-me tremer fora de controle. Retesei em cima dela, urrando, enquanto explodia dentro do preservativo.

Meu coração quase saía pela boca, ambos estávamos ofegantes, e ela era uma bagunça de suor e cabelos loiros. Ainda abalado com a força do orgasmo, eu saí de cima dela.

— Que porra foi essa? Caralho! Que gozada do cacete. Homem, você é muito gostoso. Olha, já comi muitos homens, mas você ficará na minha agenda. Quando voltar a Gramado quero ser fodida por você novamente.

Ela mal conseguia respirar. Se levantou, andou meio que trocando as pernas e foi para o banheiro.

— Você está bem? — perguntei. Estava preocupado, pois sabia que tinha sido muito bruto, até meu pau estava doendo.

— Ardida, mas bem comida. — Ela soltou uma gargalhada. — Não vai tomar banho? Podemos fazer no chuveiro. A boceta está ardida, mas você pode foder outros lugares.

— Eu prefiro tomar banho sozinho, mas se quiser, depois do banho podemos fazer novamente.

Eu já estava duro só de pensar em fodê-la lá atrás, e quando vi sua bunda redonda e branca, salivei. Ela saiu do banheiro, rindo. Seus olhos brilhavam, ela era uma sacana e adorava sexo, isso estava escrito eu seu rosto e corpo.

Quando voltei do banho, ela já estava de quatro, com um plug anal enfiado no rabo. Foi uma das minhas melhores noites no clube, e quando fui para o hotel já era dia. Minha única necessidade agora era a minha cama em minha suíte. Eu precisava de, no mínimo, umas oito horas de sono. Ainda bem que era domingo.



Lhaura

Solte-me... Não, não farei isso, eu não quero. Solte-me, por favor... Fe... Felix, isso dói...

Meu Deus! Acordei sobressaltada e olhei em volta, à procura dele. Onde ele estava? Fazia quase dois anos que havia fugido do Felix, mas continuava sua prisioneira. Ele sempre dava um jeito de vir me encontrar em meus pesadelos, não havia uma noite sequer que ele não viesse me assombrar.

Apesar do frio, estava molhada de suor, com o coração batendo contra minha caixa torácica, parecendo que ia explodir, atravessando o meu peito. Olhei mais uma vez em torno do quarto, mas não vi nada além das sombras das cortinas. Levantei-me, peguei o edredom, andei alguns passos e abri a porta do meu guarda-roupa. Ele já estava preparado, forrado com uma colcha grossa e um travesseiro. Não havia nada além disso no interior do armário. Entrei. Aqui era meu esconderijo, onde me escondia do Felix todas as noites, onde me sentia protegida.

Acordei com os raios do sol entrando pelas frestas da cortina pesada. A porta do guarda-roupa estava aberta, minha perna provavelmente a abriu em meu sono agitado. Demorei um pouco para entrar em um sono profundo depois que me escondi aqui. Geralmente era assim, quando acordava de um pesadelo ficava difícil voltar a dormir tranquilamente, qualquer barulhinho era motivo para manter os olhos bem abertos por um bom tempo. Levantei-me, alonguei o corpo e abri as cortinas, deixando o sol esquentar meu quarto. Olhei para o relógio.

Caramba, dormi demais!

Era quase meio-dia. Ainda bem que hoje não tinha aula pela manhã, meus três alunos desmarcaram, então fui fazer um café. Enquanto a cafeteira fazia o serviço dela, fui tomar um banho e escovar os dentes. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e entrei debaixo da ducha.

É, Lhaura, está na hora de retocar a raiz do seu cabelo.

Em frente ao espelho do banheiro, observava meus cabelos enquanto prendia o rabo de cavalo em um coque. Vi que já havia quase um dedo de raiz do meu cabelo loiro, e isso não era bom. Precisava lembrar de passar no supermercado para comprar a tinta. Ainda uso a mesma tinta de cabelo que a minha amiga Miranda me indicou...

Sempre lembrava de minha amiga. Logo no início, senti uma vontade enorme de ligar para ela. Queria saber como estavam as coisas e o que o Felix estava fazendo para me encontrar. Durante alguns meses, acompanhei os noticiários, para saber se ele havia divulgado minha foto nos jornais, mas não encontrei nada sobre meu desaparecimento. Ou ele me esqueceu, ou estava agindo na surdina, o que era mil vezes pior, e conhecendo-o como conhecia, era bem provável. Ele deve ter contratado os melhores detetives para me procurar, por isso, mesmo sentindo uma vontade louca de entrar em contato com a Miranda, achei melhor não arriscar.

Vesti uma saia longa preta e uma camiseta de estampa sóbria de mangas compridas. O clima aqui era bem diferente de Primavera do Leste e foi difícil me acostumar ao frio, mas hoje já nem o

sinto tanto. A gente se acostuma com tudo, e eu até que gosto do friozinho.

Peguei minha bolsa em cima da mesinha do quarto e olhei para o relógio. Ainda tinha tempo para um café reforçado, já que meus dois primeiros alunos tinham aula às treze horas. Fiz um sanduíche de presunto, queijo, bacon, alface, tomate e cenoura, com suco de caju e uma xícara reforçada de café puro. Engoli os últimos pedaços do sanduíche, já que queria chegar no horário do almoço, assim teria tempo de praticar meu violoncelo. Era o único horário que eu tinha, já que em todos os outros ou estava lecionando, ou a sala estava ocupada com alunos. Então, só tinha um intervalo de meia hora para matar a saudade e praticar, afinal, sempre era requisitada para substituir algum músico nas apresentações de concertos clássicos.

Joguei minha louça dentro da pia e saí às pressas.

— Bom dia. A sala está desocupada? — perguntei à Sara.

— Sim, a faxineira acabou de limpar, pode ir nos agraciar com sua belíssima música. — Ela sorriu para mim, gesticulando com a mão o caminho da sala.

— Obrigada. — Segui para a segunda sala à esquerda, ela ficava de frente para a rua principal.

— Deixe a porta aberta, por favor. Queremos ouvir, afinal também somos filhos de Deus. — Havia fechado a porta, sempre fazia isso, e a Sara sempre vinha abri-la.

Sara não era só a recepcionista da escola, ela também tinha se transformado em uma amiga. Não contei tudo o que aconteceu comigo, só o que ela precisava saber. Disse que havia mudado de cidade para fugir de um namorado possessivo e agressivo, por isso tinha tantos pesadelos e dificuldades para me relacionar. Precisei contar isso, porque ela insistia em me apresentar aos amigos. Até tentei ser normal, saí com dois rapazes por algum tempo, mas quando eles tentavam me tocar, eu entrava em pânico e ficava tão apavorada que começava a gritar com eles.

Depois desse trauma, não aceitei sair com nenhum outro amigo dela. Por minha conta e risco, comecei um relacionamento com um rapaz que estava passando uma temporada em uma pousada. Achei que, já que ele não morava em Canela, seria bom tentar me relacionar. Na verdade, eu queria fazer um teste e ver se conseguiria chegar além das minhas tentativas de toques. Até que consegui deixá-lo me beijar. Foi difícil, mas rolou um beijo morno, não muito ousado. Porém, quando ele tentou me tocar intimamente, eu saí correndo e nunca mais o vi.

Contei para Sara e ela me indicou um psiquiatra. Estou fazendo tratamento e tomando medicação, mas como meu médico mesmo diz, preciso enfrentar meus medos.

E precisava mesmo, se quisesse levar uma vida normal. Estava disposta a tentar, estava tão decidida que aceitei a sugestão da Sara de ir a um clube secreto que fica em Gramado. Ela disse que lá você pode se relacionar sem compromisso, é uma espécie de clube de fetiche, aonde as pessoas vão para realizar suas fantasias sexuais. Eu andei lendo sobre o assunto, e só tem um jeito para que eu possa deixar alguém me tocar sexualmente, já que tenho que enfrentar meus medos: me submetendo a alguém. Eu sei que é loucura, é como se voltasse a ser a antiga Lhaura, que deixava o Felix fazer o que quisesse comigo. Talvez fosse verdade, mas com uma diferença: não seria o Felix a possuir o meu corpo. Eu só precisava criar a coragem de ir até lá.

Peguei o violoncelo, coloquei-o na posição, fechei meus olhos, respirei fundo e comecei a

tocar a música *"Perfect", de Ed Sheeran*. Tocar era como uma válvula de escape, uma fuga. Quando estava com o violoncelo entre minhas pernas e movia suas cordas, dando vida aos acordes, eu ia a diversos lugares mágicos. Eu os imaginava a cada nota, eles eram coloridos, brilhantes. Podia ver pássaros com suas asas furta-cor, cintilantes. As flores tinham perfumes variados, o céu era sempre azul, e só existia eu neste lugar, onde a felicidade era infinita.

Pratiquei durante trinta e cinco minutos, e quando abri meus olhos, voltei à minha realidade. Eu ainda era uma fugitiva e prisioneira de Felix Santini.

Deixei o instrumento no lugar e fui para a outra sala de piano. Já estava virando o corredor, quando escutei a Sara me chamando.

— Nossa, é seu aniversário e nem me contou? — Havia no balcão da recepção um imenso buquê de rosas brancas, envolvido em um delicado papel cintilante, também branco, amarrado com uma fita de cetim dourada. — Quem mandou?

— Eu saberia se fosse meu. — Ela me entregou o cartão. — É para você.

— Para mim!? — Olhei em direção à porta de entrada. — Quem entregou? — Comecei a ficar nervosa. As lembranças vieram e o medo junto com elas.

— Um entregador. — Ela me olhava, admirada. — Não vai abrir o cartão?

Olhei para o cartão e o rasguei em pedaços bem pequenos.

— Não, não quero saber quem mandou, e por favor, jogue essas rosas fora. — Dei as costas e saí apressadamente.

— Laura, é até pecado jogar algo tão lindo e caro fora! Tem certeza... posso ficar com elas?

— Faça o que quiser com elas. — Entrei em minha sala de aula e tentei manter o controle.

No final da tarde, quando passei pela recepção, as rosas não estavam mais na bancada. Certamente, Sara as levara para algum lugar. Aliviada, fui para casa. Não imaginava e nem queria saber quem havia mandado aquelas rosas, eu só esperava que tivesse sido a primeira e última vez.

Estava tão estressada com esse lance das rosas, que só passei em casa para tomar um banho e mudar de roupa. Resolvi comer alguma coisa em algum lugar onde eu pudesse escutar um pouco de música e distrair a minha cabeça de louca. Fui andando pela alameda até chegar em meu lugar favorito, um restaurante estilo rústico, aconchegante, e o melhor de tudo, não era caro. Sentei-me em meu lugar favorito, próximo ao jardim de hortênsias. Fiz meu pedido e fechei meus olhos para escutar a música ambiente instrumental que estava tocando.

— Posso lhe fazer companhia? — Reconheci a voz e rapidamente abri os olhos. Ralph, o gerente do restaurante. Até estranhei, porque todas as vezes que vinha aqui, ele fazia questão de me atender.

Sorri timidamente. Não ficava muito confortável perto de homens, a não ser quando estava disposta a vencer meus traumas, e mesmo assim tremia mais do que vara verde.

— Não será demitido por isso? — Não podia ser mal-educada com ele, afinal ele sempre foi muito gentil comigo. Sempre estava sorrindo e não exagerava em suas atitudes, era um rapaz normal.

— Estou de folga, e por incrível que pareça, a vi entrar e quis saber se poderia ter o prazer de

sua companhia. — *Por favor, Ralph, não faça isso. Não estrague o que penso de você*. — Posso?

Não custava nada deixá-lo se sentar, desde que não começasse com galanteios exagerados.

— Se não for problema para você, por mim tudo bem. — Ele puxou a cadeira e se sentou. Ainda bem que foi do outro lado, e não perto. — Você costuma se divertir no mesmo local em que trabalha? — Achei estranho... Fiquei pensando por um momento. Será que foi ele o responsável pelas rosas?

Afinal era muita coincidência.

— Não. Eu vim passar algumas atividades para o novo gerente. Fui transferido para a capital, começo na semana que vem.

Notei um pouco de tristeza no tom de sua voz e um olhar bem demorado em meu rosto.

— Ah, que pena, quer dizer que não o verei mais? Quando vai para a capital?

— Depois de amanhã. Na verdade, todas as minhas coisas já foram enviadas para meu novo apartamento, só ficaram os móveis e uma mala, com alguns pertences pessoais. Os móveis não são meus. — Ele sorriu, e eu gostei do jeito dele sorrir, parecia um menino tímido.

— Fiquei um pouco triste, já que não o verei mais nem serei servida por você quando vier da próxima vez.

— Não se preocupe, o outro gerente é gente boa.

Meu jantar chegou e eu fiquei um pouco sem graça ao vê-lo me observar comer.

— Não vai jantar? — Eu queria que ele pelo menos se ocupasse com um café, água, ou qualquer outra coisa.

— Já jantei, só quero lhe fazer companhia. — Comecei a ficar incomodada com o seu olhar em minha direção, ele simplesmente se calou e não afastou o olhar do meu rosto.

Comecei a ficar nervosa.

— Ralph, quer parar de me olhar?

— Você nem imagina há quanto tempo espero por esta oportunidade. Todas as vezes que você entrava por aquela porta, eu dizia: será hoje..., mas nunca encontrei coragem. — Em nenhum momento seus olhos se afastaram do meu rosto. Ele estava tremendo, mas nem por isso voltou atrás no que pretendia me dizer, e eu meio que já sabia o que era.

Não sou burra.

— Coragem para quê? — Me fingi de boba.

— Para chamá-la para sair comigo. — Engasguei-me. — Acho que fui direto demais. — Ele me ajudava a limpar a bagunça que eu fiz ao espalhar água por toda mesa.

— Foi. Mas tudo bem, não faz mal. — Peguei o guardanapo da mão dele e eu mesma me enxuguei.

— Agora é tarde demais, não é? Estou indo embora, perdi minha chance...

Olhei para ele. Pensei.

Ele estava indo embora, então poderia ser minha chance de tentar outra relação antes de encarar o tal clube. Talvez, com um rapaz tímido, meu comportamento fosse outro.

— E para onde você pretende me levar? — Agora foi a vez dele de se engasgar, e a água voou toda em meu rosto.

— Perdão, Laura... Deus, como sou desajeitado! — Quanto mais ele tentava me limpar, mais me molhava.

— Ralph, está tudo bem, fica tranquilo. — Tomei o guardanapo dele outra vez e me enxuguei. Chamei a garçonete e fiz sinal com a mão, pedindo a conta.

— Eu pago, é por minha conta — ele disse, já se virando em direção à moça que vinha em nossa direção.

— Não. Eu pago a minha conta, não insista. — Peguei no braço dele, impedindo-o de dar o próximo passo, e entreguei meu cartão para a moça.

Ele me convidou para conhecer o seu apartamento, e eu aceitei. Atravessamos a rua para irmos até o seu carro, e antes que ele tivesse a infeliz ideia de abrir a porta, eu mesma a abri e entrei. Afivelei meu cinto de segurança e agarrei minha bolsa. Era como se ela fosse me dar toda a força de que eu precisava para continuar com essa ideia absurda de fazer sexo com este rapaz, que eu só conhecia de vista.

O apartamento dele era bem confortável e bem masculino, não havia aquele toque de mulher. Ralph era solitário, tipo eu.

— Sabe há quanto tempo eu tento convidá-la para sair? — Dei de ombros. Estava uma pilha de nervos, e se ele desse bobeira eu sairia correndo. — Desde o terceiro dia que você entrou no restaurante, e só agora que vou embora eu criei coragem. Chega ser ridículo, não é mesmo? Eu sou um covarde.

Ele era tímido, isso sim, um tímido muito lindo. Alto, moreno, cabelos castanhos, olhos negros como a noite, ombros largos e musculosos. Ele tinha um corpão e o mais lindo nele era o sorriso. Ele sorria baixando a cabeça, como se quisesse esconder seus sentimentos.

— Você não é covarde, Ralph, você é tímido, e a sua timidez o salvou de receber um não, pois era isso que eu teria lhe dito caso tivesse me convidado para sair. E tenha certeza de que nunca mais me veria outra vez.

Sim, ele nunca mais falaria comigo, porque se tivesse se aproximado de mim com interesse, levaria um fora, como muitos outros rapazes levaram.

— Então, que bom que não convidei... — Passou a mão pelo cabelo. Ele estava tão ou mais nervoso que eu. — Quer beber alguma coisa? Eu tenho cerveja, vinho, água, café... — Foi até a cozinha.

— Ralph, eu sou problemática. Acho melhor eu ir embora, não quero que pense que o problema é com você.

Assim que senti o quanto ele estava nervoso, me arrependi de ter vindo. Ele era muito tímido, acho até que tinha problemas em se relacionar com mulheres, e não queria traumatizá-lo com os meus

traumas, se ele já tinha os dele. Peguei minha bolsa e fui em direção à porta. Já estava com a mão na chave, quando seu corpo encostou no meu.

— Não, não vá. Levei tanto tempo *pra* criar coragem de ficar sozinho com você, não faça isso comigo. Eu quero você, nem que seja para passarmos a noite só conversando.

Eu não podia enganá-lo, ele não merecia. Por que fui ter essa ideia de usá-lo? E agora, o que faço?

Afastei seu corpo do meu com cuidado. Além de cuidar de mim, eu também tinha que cuidar dele.

— Ralph, eu tenho traumas terríveis, e um deles é ser tocada... — Era a primeira vez, depois de mais de um ano, que eu tinha a coragem de falar para um homem, além do meu psiquiatra, sobre os meus problemas. — A última vez que estive com um rapaz, o nome mais bonito que ele usou para me chamar foi maluca, imagine os outros. Então, acho melhor eu ir embora, pelo menos você só terá lembranças boas de mim.

— Não, quero que fique, quem sabe não consigo fazê-la superar isso tudo. Talvez eu seja a sua salvação e você a minha.

Se ele soubesse que eu nunca seria a salvação de ninguém...

— Ralph, é muito complicado. Eu não beijo e não transo há muito tempo, não consigo... vamos nos despedir como amigos. — Virei as costas e destranquei a porta. Sua mão tocou a minha e deu a volta na chave.

Fiquei em frente à porta e ele atrás de mim, nossos corpos colados. Ele inclinou a cabeça e beijou minha nuca suavemente. Prendi a respiração quando o pavor veio como ondas paralisantes. Suas mãos foram subindo lentamente por meus braços, elas mal me tocavam, mas eu sabia que estavam lá. Beijou outra vez meu pescoço, e desta vez eu senti o calor dos seus lábios.

Meu Deus, eu vou correr, vou gritar!

Ele me virou e ficamos frente a frente. Fechei os olhos... ele ia me beijar. Pedia em pensamento para que não fizesse isso.

— Sabe há quanto tempo eu sonho com esse momento? Era um sonho quase impossível, e agora você está aqui, tão perto... — Quase grito quando senti o roçar do seu rosto no meu. Comecei a tremer. — Fique calma, Laura. Eu quero muito isso, não tenha medo.

Cale-se, por favor, cale-se.

Ele tentou me beijar. Virei o rosto rapidamente.

— Vamos para a cama, por favor — praticamente supliquei. — Onde é o seu quarto? — Empurrei-o e me afastei da porta. Eu sabia que isso não daria em nada e eu ficaria mais traumatizada do que já estava, mas precisava tentar, e se ele estava disposto a ser a vítima, então que fosse.

— Última porta do corredor — ele disse. Antes de ir, olhei para a frente de sua calça. Ele estava muito excitado, e eu bastante assustada. Corri em direção ao quarto, sentei-me na cama e o esperei.

— Por favor, não tire a roupa ainda. — Ele já estava desabotoando a camisa. Só a retirou de

dento da calça e desafivelou o cinto.

Ralph sentou-se do meu lado, tentou tocar meu rosto, mas afastei sua mão. Estava travando uma batalha dentro de mim para não começar a gritar.

Deitei-me na cama, fechei meus olhos e apertei a colcha da cama com os dedos. Estava parecendo uma boneca sem vida. Senti o corpo dele ao lado do meu e suas mãos nos botões da minha blusa. Me enchi de coragem e segurei sua mão.

— Agora, não. Ainda não estou pronta para me despir — articulei com a voz trêmula. Não era só a minha voz, meu corpo inteiro tremia.

— Ok, tudo bem. — Ele era muito paciente, isso eu podia dizer. Outro em seu lugar já teria voado em cima de mim.

Seu corpo grande ficou por cima do meu e eu pude sentir sua presença me sufocando. Mesmo que ele estivesse apoiando o peso em um dos braços, eu me sentia acuada. Continuei com os olhos fechados, tentando manter a respiração regular. Sua boca beijou meu pescoço e suas mãos seguraram meus braços quando eu tentei empurrá-lo.

— Laura, você precisa deixar que isso aconteça, ou do contrário não poderei ajudá-la. — Assenti com a cabeça. Não sabia por quanto tempo conseguiria mantê-lo em cima de mim.

Seus lábios roçaram outra vez na pele do meu pescoço. Tentei me soltar, mas ele me prendeu com um pouco mais de força e sua boca foi baixando para os meus seios. Prendi a respiração. Ele ficou entre minhas pernas e começou a roçar o sexo no meu, seu pênis estava muito duro. Prendeu meus pulsos com uma mão e levantou minha saia com a outra, até ela ficar na altura das minhas coxas. O pavor tomou conta de cada célula do meu corpo. Enrijeci, e o meu coração bateu forte contra o meu peito. Comecei a sentir palpitações, eu ia morrer....

— Saia de cima de mim... — supliquei.

— Laura, se acalme. Relaxe...

— Saia de cima de mim! Saia... saia... saia! — Comecei a gritar desesperadamente. Eu me sacudia e o chutava com as pernas, até que meus dentes encontraram a carne do seu ombro e o mordi com força. — Solte-me! Deixe-me em paz! — Eu o empurrei, enchi meus pulmões de ar e me levantei tão rápido quanto pude. Então, saí correndo do seu apartamento.

Entrei no primeiro táxi que vi. Eu tinha certeza de que o Ralph nunca mais iria querer me ver na vida. Agora eu sabia, se quisesse levar uma vida quase normal, precisava ir àquele clube, e faria isso amanhã mesmo.



Escancarei a porta do guarda-roupa e praticamente caí no chão com o susto do alarme do relógio do celular. Hoje não podia me dar ao luxo de dormir até tarde, apesar de não ter tido uma boa noite de sono. Depois do meu encontro desastroso, corri para casa e tentei dormir na cama, mas qualquer barulho que escutava na rua me assustava. Até o barulho do galho de uma árvore batendo em minha janela foi motivo para fazer meu corpo inteiro tremer, e quando escutei sons vindo do lado de fora de minha porta, eu me levantei da cama e fui verificar se ela estava trancada, testando a

chave umas vinte vezes e as trancas das janelas também. Contudo, depois que adormeci, me encontrei com Felix em meu pesadelo, onde ele me forçou a engolir seu sêmen e depois me violou com força. Acordei aos gritos e corri para o meu esconderijo.

Trancada lá dentro, me perdi em um turbilhão de pensamentos, que por mais que eu tentasse espantar, não pareciam ter fim. Sempre estava em minha gaiola dourada, cercada de luxo e de tudo que uma mulher gostaria de ter em sua vida, mas o preço a ser pago era alto demais. E sempre que me perdia nos meus nebulosos pensamentos, eles sempre me levavam a pensar no Felix.

Depois de tanto tempo, será que ele ainda estava me procurando?

Com certeza ele estava. Felix não desistiria de mim tão fácil, nem que fosse para me internar de vez em uma clínica psiquiátrica. Ele faria de tudo para provar que tinha o controle sobre minha vida e destino.

Ele era meu dono.

Meu senhor.

Será que algum dia ele me encontraria?

Haveria alguma maneira de um dia eu, enfim, me libertar das algemas e das correntes que me prendiam a ele? Desde a minha fuga eu me perguntava como ele havia reagido quando descobriu que sua prisioneira finalmente havia aberto as grades da sua gaiola e ganhado asas.

O que ele fez?

Qual foi a sua primeira reação?

De uma coisa tinha certeza, ele não gritou aos quatro cantos do mundo que sua esposa havia fugido, ele era poderoso demais para que a mídia ficasse calada. Com certeza, se ele tivesse feito isso eu já teria sido descoberta, pois minhas fotos estariam circulando em todos os jornais do Brasil e talvez do mundo. Não, o Felix agiria de outra maneira, e era isso que me apavorava, nunca saberia quando ou onde eu seria pega.

Fomos muito cuidadosas. Miranda foi muito astuta, mesmo assim, o Felix era muito esperto e rico, e por mais que tivesse apagado bem os meus rastros, lá no fundo eu temia ter deixado algo passar que o traria direto para mim, por isso nunca me sentia segura.

É, a vida não era tão bela assim, tinha sua feiura escondida por baixo de toda beleza. Eu vivi um conto de fadas às avessas, me casei com um príncipe que aos poucos virou sapo e depois se transformou em um monstro. Tão lindo e tão perverso.

Tomei banho e comi algo bem rápido, um café e dois biscoitos recheados de chocolate. No caminho compraria um bolinho ou algo mais nutritivo para segurar o estômago até minha hora de almoço.

— Bom dia. — Sara estava agachada atrás do balcão da recepção, procurando alguma coisa. — Perdeu seus pensamentos aí embaixo?

— Pior, perdi meu brinco de ouro... — Ela ergueu a cabeça e me encarou com um olhar suplicante, como se pedisse: *dá para me ajudar, por favor*?

Dei a volta e entrei no espaçoso quadrado que era a recepção da escola. Agachei e comecei a

vasculhar todos os buracos que conseguia visualizar.

— É isso aqui, todo amassado? — Mostrei uma pequena argola dobrada ao meio. Se era de ouro, seria melhor levar para um ourives.

— Oh, merda, eu sabia que cedo ou tarde isso ia acontecer. — Ela pegou o brinco de minha mão. — Obrigada, amiga, te devo uma.

— Deve mesmo, e eu vou cobrar agora. — Ele me encarou, franzindo a testa. — Eu preciso ir àquele clube secreto, como faço para entrar?

— O nome já diz... ele é secreto, então, acho que só com convite.

— Ok. Você conhece alguém que possa me convidar? Estou desesperada.

Ela sorriu com deboche e fez sinal de mistério.

— Falarei com meu amigo, no final da manhã devo ter alguma resposta.

— Então, *tá*. Por favor, implore se for preciso. — Pisquei um olho. — Meus alunos já chegaram?

— Já, estão na sala. Bom trabalho.

Após uma longa manhã, estava fora da sala de piano. Olhei para o relógio na parede. Tinha vinte minutos para almoçar e em seguida ir para o meu ensaio. Hoje precisava, mais do que nunca, do violoncelo. Precisava exorcizar o Felix dos meus pensamentos.

O almoço foi rápido, comi uma salada, bife e purê de cenoura. Ao meio-dia já estava sentada bem próxima à grande janela, recebendo a brisa geladinha e com o violoncelo pronto para ser tocado. Fechei os olhos, inspirei e viajei para o meu mundo particular. Quarenta minutos depois, deixei o violoncelo em seu lugar habitual, arrumei a sala para receber os alunos e depois fui à procura da Sara.

Quando olhei para fora da porta, não gostei do que vi. Um lindo buquê de rosas amarelas, embrulhadas no mesmo papel de seda. Sara me olhava sorrindo e abanando o cartão.

— Bem, eu só acho, mas você tem um admirador secreto e ele gosta de gastar com flores, esta floricultura é bem carinha. — Ela me entregou o cartão. Eu o peguei e imediatamente o rasguei em vários pedaços. — Laura! Não faça isso, não quer saber quem é seu admirador?

— Não, e por favor, jogue essas rosas fora. — Joguei os pedaços do cartão no cesto do lixo.

— Eu posso ficar com elas?

— Faça o que quiser, só tire elas da minha frente. — Fiquei tão chateada que dei meia-volta. Então, lembrei do que realmente fui fazer na recepção. — Você falou com seu amigo? — Virei-me e ela me encarou.

— Sim, ele disse que se você quiser ele a leva hoje mesmo. Está interessada?

Precisava o quanto antes, não dava mais para continuar fugindo dos meus problemas, pelo menos tinha que tentar ser uma pessoa normal.

— Sim, só pega o endereço e o horário, que me encontro com ele lá. E quanto é? Deve ter um valor para ser sócio do clube.

Ela sorriu. Devia estar me achando uma louca. Talvez eu fosse mesmo.

— Não é barato, isso posso garantir.

— Não importa, eu só quero me livrar do meu problema, e se esse clube fizer isso, valerá cada centavo.

— Certo, vou falar com ele.

Se tudo desse certo, nunca mais iria me preocupar com um simples toque, nem mesmo com um beijo. Enfim, poderia me relacionar com quem eu quisesse.

A pergunta era: será que eu queria me relacionar com alguém ou só acabar com o meu medo de homens?

Às dezessete horas, terminei com meu último aluno. Ansiosa, fui atrás da Sara. Ela já me esperava na porta da sala.

— Aqui, o endereço. Ele a esperará às vinte horas... — Seus olhos travessos me fitam. — Quero saber de tudo amanhã, tudo em todos os detalhes.

— Pensarei no seu caso, mas se você quiser, pode vir comigo. — Pedi em pensamento que ela aceitasse, seria mais fácil estar com alguém conhecido.

— Não, amiga. Obrigada, mas ainda não evoluí tanto assim. Divirta-se.

Covarde.

Fui para casa. Assim que cheguei, fui à procura de todos meus exames médicos recentes, era obrigada a fazer vários exames devido ao uso das minhas medicações controladas. Se era um clube privado e havia contatos íntimos, então certamente eles exigiriam laudos médicos. Assim que encontrei tudo o que precisava, separei as roupas que iria usar, eu tinha pouco tempo para tomar um banho e me arrumar.

Cheguei no tal clube um pouco depois das vinte horas, e pela descrição que a Sara me deu do seu amigo, ele era mais bonito do que eu imaginava. O Uber me deixou em frente a um enorme portão de ferro.

Quando a Sara me disse que era um clube secreto, eu imaginei uma boate com luzes piscando.

Tolinha.

Era uma propriedade enorme, os portões e muros altos não me deixavam ver nada além. Fui ao encontro do tal Eduardo Barreto.

— Você é a Laura? — ele perguntou com um sorriso esticando os lábios. Eu percebi que me olhou dos pés à cabeça. Certamente me imaginava diferente, do tipo da Sara.

A Sara era sexy. Eu... eu me escondia em minhas roupas largas e escuras. Nem meu cabelo era sexy.

— Sim, sou eu. Desculpe o atraso, não imaginei que seria em um local tão isolado.

— Não é isolado, é reservado. Os sócios querem privacidade, você olha para este lugar e nunca imaginará o que acontece lá dentro. Pronta para conhecer os prazeres do sexo?

Meu Deus, onde eu fui me meter? E se forem uma porção de tarados piores do que o Felix?

— Acho que sim — sussurrei, e ele percebeu meu nervosismo.

— Laura, é um clube sério, todos os sócios só fazem o que querem e ficam com quem escolhem. Lá dentro, a única coisa proibida é o uso de drogas.

Ele me levou até o carro. Antes que ele abrisse a porta, eu me adiantei. Quando os portões se abriram e ele parou o carro para se identificar, pude ver a majestosa mansão que se escondia por trás dos muros altos. E pelo número de carrões estacionados, os seus frequentadores não eram nada humildes. Ser sócio dali devia custar uma pequena fortuna.

Fui pega de surpresa. Pois ao entrarmos na mansão, não vi nada do que imaginava. Apenas luxo, muito luxo e requinte. Mulheres muito bem vestidas, homens elegantes, música clássica tocada por uma pequena orquestra. Não vi casais se agarrando, nem ninguém pelado.

— Só um minuto. Vou procurar o proprietário, ele conversará com você. Não se importa de ficar sozinha? Eu tenho um encontro e já estou atrasado.

— Não, eu não me importo, pode ficar tranquilo.

Ele se foi, me deixando no bar, e o garçom me serviu uma taça de champanhe.

— Laura? — Alguém chamou meu nome atrás de mim. Comecei a tremer, será que fui descoberta por algum amigo do Felix? — Seu nome é Laura? Você é a amiga do Eduardo? — Consegui voltar a respirar e me virei na direção de um belo homem.

Alto, musculoso, moreno, de olhos castanhos claros e elegante. Ele era muito bonito.

— Sim, sou a Laura. — Sorri, um pouco sem graça.

— Sou Heitor, dono do clube. Queira me acompanhar até o escritório, por favor.

Ele indicou o caminho e eu o segui. Abriu a porta e entrei, me sentando na requintada cadeira que me foi indicada. Ele tomou seu lugar na outra, que ficava atrás de sua mesa.

— Você conhece nosso clube e sabe como ele funciona? Ou é mais uma curiosa que busca aventura?

— Eu sei que aqui você encontra o que procura, sem preconceitos e rótulos.

— E o que você procura, Laura? Quer algo específico? Qual sua fantasia, desejo, realização?

— Eu preciso me livrar de um problema e me aconselharam a encará-lo, então achei que aqui seria o lugar perfeito.

— E qual o seu problema, Laura? — Heitor levava seu negócio a sério, em nenhum momento ele se insinuou, estava realmente me entrevistando.

Comecei a adquirir confiança.

— Meu problema é... — Chegou à parte difícil, falar sobre meus traumas. Engoli, inspirei. — Não consigo ser tocada e preciso de alguém que me domine e faça com que eu perca o medo de fazer sexo. — Quando terminei, pensei que ia desmaiar. Ele percebeu.

Encheu um copo com água e me ofereceu.

— Beba. — Aceitei, e ele esperou eu me acalmar. Na verdade, queria mesmo era fugir dali e me esconder por alguns anos. — Laura, aqui fará o que quiser, você manda. São suas fantasias, seus desejos, e se quer ser dominada, então será.

— Acho que você não entendeu. Eu não quero brincar, preciso mesmo ser dominada, só assim meu medo de ser tocada acabará.

Ele ficou me observando por alguns instantes. Acho que certamente me achava maluca.

— Se é assim, acho melhor começar com o senhor Petrus. Quer se encontrar com ele hoje?

Se eu já estava na chuva, não tinha como não me molhar.

— Sim.

Ele pegou o celular e fez uma ligação. Só perguntou à pessoa do outro lado se ela estava livre.

— Ele aceitou o encontro. Preciso do seu número de celular. — Dei meu número. — Enviei um formulário. Preencha-o e faça o pagamento de sua inscrição. Leia as regras e aceite-as. Lembre-se, aqui você veio para se divertir, tirar o estresse do trabalho ou da sua rotina. Nada aqui é forçado, e se alguém passar do limite com você, avise-me. Daqui a pouco, minha secretária virá buscá-la e a levará ao seu quarto. Outra coisa, aqui nem sempre é só sexo, temos outras distrações, e com o tempo você descobrirá.

Ele se foi. Preenchi o formulário e paguei três mil reais. Até pensei que seria um valor maior, mas assim que li todo o contrato, percebi que no terceiro mês a mensalidade subiria para seis mil reais. Esperava que até lá meu problema tivesse sido resolvido.

Alguns minutos depois, uma jovem elegante veio me buscar. Eu a segui até um elevador. A mansão era muito maior do que imaginei, parecia um hotel. Paramos no terceiro andar e entramos no quarto trinta e quatro.

Nossa!

Luxuoso em tudo. No centro, uma grande cama forrada com lençóis de cetim brancos bordados e com uma cabeceira de ferro dourado. Havia também um estofado branco, que mais se parecia uma outra cama, uma mesa com quatro cadeiras, um mini bar, e à minha direita havia uma porta, que descobri ser o banheiro. Vi lá uma imensa banheira.

— Dom Petros chegará em alguns instantes. A senhorita sabe como deve se portar diante dele? — Neguei com a cabeça. Eu já havia lido em alguns romances sobre esse negócio de Dom e sub, mas como tudo na ficção é diferente da realidade, achei melhor não arriscar.

Ela me explicou que quem dava as ordens era eu, mas que seria bom conversar com ele antes de começar qualquer tipo de relação. Ela me deixou sozinha e eu me sentei e esperei. Alguns minutos depois, a porta do quarto se abriu e um homem não muito jovem, mas bastante simpático, entrou. Ele exalava um perfume gostoso e me passava maturidade.

— Laura, como vai? O Heitor já me colocou a par do seu problema. Estou aqui para realizar seus desejos e os meus, mas só farei aquilo que quiser. Paro quando você me pedir para parar.

— Entendi... — Eu não sabia como devia chamá-lo. — Como devo chamá-lo?

— Senhor... Agora, escolha uma palavra de segurança. Ela será o freio das minhas ações.

— Gaiola. Minha palavra de segurança é gaiola. — Foi a palavra que veio em minha mente.

— Certo, agora dispa-se e deite-se na cama...

— Eu... eu...

— Dispa-se... é uma ordem. — Ele mudou o tom da voz e eu me assustei, imediatamente senti vontade de ir embora. — Laura, dispa-se e deite-se na cama. Se quer ser dominada, só poderá ser desse jeito.

Virei-me de costas para ele e me despi. Havia tanto tempo que não ficava nua na frente de um homem que estava tremendo, apavorada. Meu instinto pedia para fugir. Reticente, caminhei até a cama. Deitei-me.

Petros estava diante da imensa cama. Pegou uma das minhas pernas e a prendeu com uma algema à cama. Fez o mesmo com a outra. Fiquei completamente esparramada, meu corpo começou a sacolejar. Meus dentes batiam uns contra os outros, meu sangue perfurava minha pele. E ficou pior quando senti seus dedos escorregarem pela minha pele.

Eu vou morrer... em que fui me meter?

— Relaxe, Laura, tudo aqui será consentido. — Ele prendeu um dos meus pulsos na cabeceira, depois o outro. Fiquei completamente imobilizada. — Lembre-se, *gaiola*. É só falar a palavra que eu paro imediatamente.

Ele se despiu. Deus, seu membro estava duro e ereto, e eu não via um pênis há muito tempo. Não era tão diferente do que eu me lembrava. Quando eu me lembrei de quais partes do meu corpo ele poderia penetrar, bateu o medo.

Seu corpo definido se inclinou em direção ao meu. Seus lábios roçaram a pele das minhas pernas e foram subindo em direção às minhas coxas.

Não, não. Por favor, pare....

— Laura, você é muito macia e muito linda, por que se esconde? — *Pare de me tocar. Apenas pare...* — Cheirosa... quente.

Vou morrer.

Ele tocou em minha vagina com os dedos. Engoli, travei o corpo. O pior era que não podia fechar as pernas. Meu Deus, ele vai encostar a boca lá... Não, não! Ele beijou meu sexo e eu me mexi e quase gritei a palavra de segurança.

Você precisa ser forte, Lhaura, resista!

Seu corpo ficou por cima do meu e sua boca beijou meus seios. *Não, não...* Seu membro tocou minha vulva.

— Saia de cima de mim! Saia, saia, eu não quero! Não quero, saia...

Comecei a gritar e arquear o corpo com força. Senti as algemas machucarem meus pulsos e tornozelos. Minha visão ficou turva e me faltou ar. Eu ia morrer.

— Solte-me... solte-me! Não quero, não quero!

— Laura, se acalme. Diga a palavra que eu paro. — Ele continuava me acariciando, beijando

meu corpo. Mas que merda de palavra? Ele não estava vendo que eu não queria mais? — A palavra, Laura.

— Gaiola, gaiola! Saia de cima de mim! — gritei o mais alto que pude. Ele parou e afastou o corpo do meu. Meus braços e pernas foram soltos, ele vestiu o roupão e cobriu meu corpo com o lençol.

Em silêncio, foi embora. Dez minutos depois, uma moça entrou e me ajudou a me vestir.

— A senhorita está bem? Quer tentar outro encontro ou prefere ficar no bar?

— Você poderia chamar um táxi? — Estava muito trêmula, muito apavorada.

— Não se preocupe, um dos nossos motoristas a levará para casa. Quer descansar um pouco antes?

— Não, eu quero ir embora agora.

Foi a pior experiência de minha vida, depois do Felix. Mesmo assim, estava disposta a continuar. Precisava perder esse medo, *necessitava* disso. Minha saúde mental gritava por uma cura.



Duas semanas se seguiram depois da minha primeira experiência no clube. Quatro vezes depois das minhas tentativas frustradas de ser dominada, ficou difícil encontrar algum *Dom* que quisesse me ajudar. Fui duas vezes depois de minha quarta tentativa, mas não encontrei ninguém que arriscasse um encontro com a louca aqui. Estava ficando difícil e frustrante, e para piorar, o tal admirador continuava me mandando rosas. Então, em uma quarta-feira, eu resolvi dar um basta. Fui até a floricultura.

— Boa tarde, eu gostaria de pedir um favor, pode ser? — Uma jovem senhora me atendeu com um sorriso largo, na certa pensava que eu iria comprar flores. — Todos os dias alguém vem aqui comprar um buquê de rosas e pede para que entreguem na escola de música, para Laura...

— Sim, sim. É um homem lindo, alto, de olhos azuis...

— Por favor, eu não quero saber quem é — interrompi —, só quero um favor. Peça para essa pessoa parar de me enviar flores, ok?

Estava com muita raiva. Raiva de mim e da pessoa que estava tentando me conquistar com rosas. Eu já sabia muito bem para onde isso levaria, como também sabia quem era a pessoa responsável pelo envio. Depois daquela descrição entusiasmada, eu só conhecia um homem assim.

O dono do hotel. Joshua.



Joshua

Minha manhã não foi uma das melhores. Acordei às quatro, suado, tremendo e com o coração acelerado. Foi tão difícil sair daquele pesadelo, tentei me segurar em alguma lembrança boa que me trouxesse de volta, mas por mais que eu tentasse, mãos sangrentas e com garras me puxavam para o carro em chamas. Eu sabia onde estava e em que carro estava, era sempre o mesmo lugar escuro, frio e fedorento. As garras eram sinistras, rasgavam minhas costas, fazendo-me gritar de dor, e escutava os gritos da minha bailarina e o choro de um bebê vindos de longe. Eu sei, eu sei que a minha filha ainda estava no ventre da mãe quando tudo aconteceu, mas nos meus pesadelos ela está chorando, e algumas vezes até escuto seu riso.

Era tão difícil sentir tais emoções, que às vezes eu pensava seriamente em acabar com toda aquela dor, com toda a minha escuridão. Já pensei até em comprar uma arma e guardá-la, para quando o desespero da minha mente me atormentasse eu recorresse a ela, apontando-a para minha cabeça e finalmente dando um basta a todo tormento. Mas a lucidez sempre vinha à tona e o meu senso de justiça gritava, lembrando-me de que precisava viver, pois viver sem elas era o meu castigo.

Esta dor nunca passará, a culpa sempre me acompanhará.

Meu único bálsamo eram minhas lembranças. Eu penso nelas todos os dias, ainda vejo a minha esposa com o seu barrigão, andando em nosso apartamento, vestida com uma das minhas camisas e descalça, assobiando sua música favorita.

Deus, é muita maldade!

Por que não perdi a memória, por quê?

Sinto tanta falta dela... do seu sorriso alegre, das bobagens que falava antes de confessar que me amava... de seus beijos, suas carícias, do jeito que seus olhos me encaravam quando fazíamos amor. Como, como pode um Deus que diz ser o Pai da humanidade, permitir que um amor assim seja destruído?

Por que Ele não me despertou?

Se Ele existe e cuida de nós, devia ter me avisado de alguma forma. Um outro veículo buzinando, um pneu derrapando... até mesmo um buraco na rodovia. Mas não, Ele achou melhor que eu as matasse, que destruísse minha família.

Porra! Eu não pedi para me apaixonar...

Agora estou aqui, perdido, com raiva do mundo e com raiva de Deus. Stevan sempre me dizia, em minhas consultas, que precisava extravasar essa raiva que guardo dentro de mim, pois uma hora ela acabaria atingindo alguém que provavelmente não tinha culpa dos meus pecados. Ele dizia que eu precisava seguir em frente, esquecer o passado e me livrar das amarras.

Mas como posso construir um futuro, se não há esperança para mim?

Meu único caminho é viver assombrado pelos meus fantasmas e perder noites e noites sem conseguir dormir, igualzinho à noite passada.

Após o turbilhão de assombrações, não consegui dormir mais e passei a manhã inteira de mau humor, dando patadas em qualquer pessoa que atravessasse meu caminho. Minha secretária que o diga, acho até que ela deu graças a Deus quando disse que não voltaria mais após o almoço. Corri para Canela, pois precisava escutar o anjo tocar.

Depois que encontrei um anjo chamado Laura, ele tem sido meu bálsamo, meu calmante e meu acalanto. Acho que de alguma forma ela sabia que hoje eu estava precisando exorcizar meus demônios, pois uma das músicas que ela tocou era a preferida de minha bailarina, *O Lago dos Cisnes*. E por seu desempenho exemplar, ela merecia o maior e mais lindo buquê de rosas.

A dona da floricultura, como sempre, já me aguardava cheia de sorrisos. Acho que virei o seu cliente favorito, já fazia algumas semanas que todos os dias eu comprava as melhores rosas do seu estoque. Ela veio até mim.

Hoje eu queria rosas cor de rosa.

— Boa tarde, senhora, hoje quero rosas desta cor, todas da mesma. Faça um arranjo digno dos anjos. — Ela sorriu, sem jeito. Algo estava errado, ela não fez festa como era de costume.

— Bem... — Limpou a garganta. Ela ia me dizer algo desagradável. Será que só tinham essas no estoque? — Bem, eu... é o seguinte, senhor, eu poderia vender as rosas e pronto, mas não quero perder o meu cliente favorito.

Mas que merda estava acontecendo?

— A senhora não pode me vender estas, é isso? — Apontei para o vaso com as rosas. Devia ter algumas dúzias de rosas nele.

— Não, não é isso. Claro que posso, mas... — Ela respirou fundo e agitou os braços. — A moça para quem o senhor as envia esteve aqui e exigiu que o senhor não lhe mandasse mais rosas. Acho que a moça não gosta de flores, ela estava muito brava.

— Tem certeza de que o nome dela era Laura?

— Sim, era a moça da escola de música. Eu sinto muito, mas se o senhor quiser enviar mesmo assim, não será problema. Quem sabe outro tipo de flor?

Se antes eu tinha desconfiança de que a Laura tinha algum problema, agora tinha certeza. Mesmo tendo mãos de anjo, ela era muito triste, e parecia que estava se escondendo do mundo. Alguma coisa muito séria aconteceu com aquela moça, ela se esquivava, não queria que a tocassem e sempre evitava contato visual.

— Ela citou o meu nome quando veio aqui?

— Não, mas eu dei a sua descrição física.

Então ela devia saber quem era o responsável pelo envio das rosas e devia estar pensando que estava tentando conquistá-la. Se ela soubesse que não tenho intenção de conquistar mulher alguma...

Deixei a floricultura, zangado. Não podia permitir que ela pensasse isso de mim, só amava a sua música, só queria agradecer de alguma forma o bem que estava me fazendo. Eu precisava acabar

com este mal-entendido. E seria hoje. Fui para casa, pois de nada adiantaria ficar ali, afinal ela estava em seu horário de trabalho e só sairia no final da tarde.

Enquanto Frota guiava meu carro, continuava tentando processar tudo o que acabara de acontecer. Sob nenhuma circunstância permitiria que ela pensasse aquilo de mim. Ela não tinha esse direito.

Mas que inferno!

Por que ela chegou a esta conclusão? Eram só flores, e o meus cartões eram tão formais, eu só agradecia pelos minutos de paz e pedia que me ligasse, pois gostaria de convidá-la para tomar um café e lhe agradecer pessoalmente pela magia de sua música.

Só isso.

O que a fez pensar que estou querendo algo íntimo com ela? E por que esse pensamento me assusta? Se ela soubesse que não tenho esses sentimentos há tanto tempo, que acho até que já me esqueci como são...

Frota abriu a porta do automóvel, eu desci, e antes de fechar a porta, me virei.

— Fique perto, em alguns minutos sairei novamente.

Fui direto para o quarto, estava precisando de um banho, precisava esfriar a cabeça. Minha mente perturbada começou a me consumir enquanto seguia caminho para o banheiro, minhas mãos trêmulas se atrapalharam com a fivela do cinto e com os botões da camisa. Com raiva, eu a puxei e vi botões voarem por todo os lados. Respirei profundamente antes de finalmente despir a calça, que levou junto meus sapatos. Tirei a cueca e as meias. Uma vez que entrei debaixo da ducha, deixei os jatos fortes massagearem meu couro cabeludo. Inclinei a cabeça para trás e deixei a água bater forte em meu rosto.

Que porra estava acontecendo comigo?

Estendi a mão, peguei o sabonete e ele fez o seu trabalho. Massageei com força meu peito, até chegar em meu membro. Caralho! Por que estava tão excitado? Não costumava me excitar, aprendi a dominar o meu lado sexual, só ficava duro quando alcançava o ápice do meu desespero, e quando isso acontecia eu corria para o clube. Nunca, *jamais*, eu me aliviava com as mãos, sempre havia alguém disposto a compartilhar o prazer. Havia prometido à minha bailarina que nunca mais me daria prazer sem ela, e que quando a natureza exigisse alívio eu recorreria a outras mãos, nunca às minhas.

Então, por que estava tão duro? Por que meu membro pulsava só com o toque dos meus dedos?

Caralho!

Sinto muito, querida, mas eu preciso demais de alívio.

Uma mão se apoiou no revestimento escuro do box e a outra segurou firme meu comprimento. Massageei com movimentos firmes de vai e vem sentindo o pulsar e a dureza. Fui mais e mais rápido, até que o senti se esvaziar. O líquido viscoso escorreu por meus dedos e meu rosnado rouco ecoou no amplo banheiro. Olhei para baixo e vi todo meu sêmen se esvair, escorrendo pelo ralo, e ao vê-lo sumir, pedi em pensamento que essa dor e esse vazio que sentia no momento fossem embora também.

Desliguei a ducha, peguei a toalha e me enrolei com ela. A culpa veio como um choque mortal. Eu não devia ter feito isso, não tinha esse direito, não merecia me satisfazer assim.

Por que isso agora?

Por que me senti tão impotente, tão culpado, por algo que ainda nem fiz?

Não, eu não era culpado por aquele anjo pensar que estava querendo conquistá-la. Não sou digno de conquistar ninguém, muito menos um anjo como aquele.

Ela parecia tão frágil, tão delicada... tão assustada.

Mas com o quê?

Será que alguém a machucou, a magoou?

Quem seria o louco? Quem poderia, em sã consciência, corromper algo tão angelical?

Ela precisava saber que eu jamais faria qualquer coisa para corromper sua dignidade, jamais. Ela não corria perigo me tendo como amigo. Talvez eu até pudesse protegê-la, mas machucá-la, jamais. Nunca. Ela precisava saber disso.

Vesti uma calça jeans, uma camisa de malha e uma camisa social de mangas compridas por cima. Por último, amarrei as mangas de um blusão de lã por cima dos ombros. Estava frio e a previsão era de esfriar mais assim que anoitecesse. Emocionalmente exausto, fiz o meu caminho até o carro, entrei, encostei a cabeça na proteção do banco e dei ordens para o Frota ir direto para Canela, exatamente para o mesmo local onde ele havia me deixado logo cedo.

Frota estacionou o carro. Ele ficou me esperando, e eu segui em direção à escola. Já sabia a rotina dela, uma tarde eu a vi tomar um café e sair com uma moça morena às cinco e trinta da tarde em ponto. Caminhei em direção à escola, encostei-me na parede, apoiando um pé nela e sustentando o corpo com a outra perna. Cruzei os braços e esperei pacientemente o horário de ela sair, faltavam só cinco minutos. Escutei vozes e reconheci uma delas. Esperei. Ouvi quando se despediu de alguém, e em seguida ela passou por mim.

— Laura — chamei. Ela parou, mas não se virou. — Laura — repeti seu nome, só que desta vez me aproximei. Lentamente, ela se virou e os seus olhos encontraram os meus.

— Joshua, o, o que faz aqui? — gaguejou, surpresa.

— Se você tivesse lido pelo menos um dos meus cartões, saberia.

— Que cartões? — Notei no seu tom de voz que ela estava mentindo. Não sobre não ter lido o que escrevi, mas sobre a existência dos cartões. Ela sabia que fui eu quem enviou os buquês.

— Laura, pare de agir como se não soubesse de nada. Eu sei que você sabe que fui eu quem lhe mandou aquelas rosas. — Várias pessoas começaram a passar entre nós, estávamos atrapalhando o trajeto na calçada. Eu me aproximei e segurei em seu cotovelo, puxando-a um pouco para o lado

Imediatamente, ela ficou nervosa, retirando bruscamente a minha mão do seu braço.

— Não me toque. — Foi rude e os seus olhos me fitaram com raiva, como se eu tivesse acabado de agredi-la.

— Calma, Laura, só queria afastá-la do caminho das pessoas. — Ignorei o tom de sua voz e a

afastei outra vez do caminho, pois quando ela me empurrou acabou dando dois passos para trás. — Desarme-se. Não sou seu inimigo, pelo contrário, gostaria muito de ser seu amigo, se permitir. É por isso que estou aqui, quero desfazer um mal-entendido.

Por alguma razão, ela desfez a carranca, aliviando a tensão do rosto. Com cuidado, consegui segurar em seu braço sem que ela se esquivasse com repúdio.

— Vamos até o café, preciso me explicar com você. Por favor, aceite meu convite — disse, pressionando os dedos em torno do seu braço, pois nesse exato momento ela olhava na direção de minha mão e eu senti a tensão do seu corpo voltar.

— Laura, acredite, só quero conversar com você.

Segurei seu braço com firmeza. Olhando para ela, tinha certeza de que se afrouxasse a pressão dos meus dedos, ela sairia correndo. Eu podia sentir o seu estado de choque. Sacudi seu corpo levemente, seus olhos estavam fechados e a respiração começava a acelerar. Balancei seu braço, chamando sua atenção, então ela abriu os olhos, e eu pude ver a beleza deles. O azul dos seus olhos me lembrava a cor do mar da Ilha de Corais. Um azul lindo e brilhante.

— Você está bem? — murmurei, não querendo assustá-la mais.

— Estou. — Ela baixou os olhos e respirou profundamente. — Pode me soltar agora, eu aceito ir até o café com você. — Fiz o que pediu.

— Laura, as rosas que mandei foram em agradecimento. — Argumentava enquanto atravessávamos a rua e seguíamos em direção ao café. — Só queria demonstrar minha gratidão — completei.

Entramos no café e ela seguiu na minha frente, sem comentar o que eu falei. Indiquei as mesas do terraço, ela entrou, puxou a cadeira e se sentou, pegando o cardápio. Eu me sentei, deixei-a ler em silêncio. A garçonete veio até nós. Pedi um café cremoso quente e Laura fechou o cardápio, olhou para a moça e sorriu.

— Eu quero um filé ao molho madeira, salada de legumes, arroz à grega e um suco de uva. — Depois me olhou. — Não vai jantar?

— Não, só quero café mesmo.

A garçonete nos deixou.

— Você não gosta de rosas? — Precisava fazer esta pergunta.

— Gosto, só não gosto do gesto que pode vir junto com elas. Quando eu quiser ganhar rosas, eu mesma compro.

— Nossa! Quanta amargura, Laura. Não foi minha intenção insultá-la, eu só queria demonstrar minha gratidão. — Ela me olhou com frieza.

— Gratidão? Pelo quê? Cantada barata mudou de nome agora?

— Meu Deus, Laura! Então é isso, você está pensando mesmo que estou tentando seduzi-la com rosas?

— É assim que começa. Eu conheço bem esses truques, então já sabe que é melhor parar. Não

estou interessada em você nem em seu dinheiro. Estou perfeitamente bem sozinha.

Acho que nunca irei esquecer desse momento. Na verdade, acho que essa merda toda entrará para a história, pois nem sei direito o que estava sentindo. Talvez uma mistura de confusão e perplexidade. Essa moça estava muito magoada, alguém havia feito um excelente trabalho em decepcioná-la.

— Laura! Não estou interessado em você, pelo menos não do jeito que pensa. Eu não nego, estou encantado pelo seu jeito de tocar, e se você não sabe, desde que descobri que tem uma rotina de tocar todos os dias, no horário do almoço, tenho vindo ouvir o seu pequeno concerto. Sento-me sempre naquela varanda. — Apontei a direção. — Fecho meus olhos e viajo para outro lugar. Sua música renova meu espírito, leva-me para um lugar só meu, onde tenho paz e onde me sinto feliz. E não é só eu, muitas pessoas na rua fazem o mesmo. Sou apenas mais um fã, por isso todas as vezes que você terminava eu ia até a floricultura e comprava-lhe um buquê de rosas. Só queria que recebesse minha gratidão, só isso. E no cartão, só escrevia "obrigado pelo momento de paz" e deixava meu número de telefone, caso você aceitasse meu convite para um café.

Respirei fundo, pois perdi o fôlego depois do discurso. Estava chateado por ela pensar que queria seduzi-la. Se quisesse fazer isso, não seria com um buquê de rosas. Ela continuava me olhando atordoada, então aproveitei para finalizar.

— Minha intenção era aprofundar a nossa amizade. Já que virei seu fã, queria saber quando poderia ter o prazer de vê-la tocar novamente, por isso a convidei para um café. Desculpe-me se a fiz pensar que queria algo mais além disso, prometo que não a aborrecerei mais.

Levantei-me, peguei minha carteira, retirei uma nota de cem reais, deixei-a sobre a mesa e andei em direção à saída.

— Joshua. — Escutei o som de uma cadeira arrastando ao mesmo tempo que sua voz chamava meu nome. Parei. — Tocarei no sábado, às dezoito horas, no teatro em Gramado. Vou substituir a senhora Berta... por favor, me desculpe, sou uma idiota.

— Tentarei estar lá, mas não se preocupe, não lhe mandarei mais flores. Fique bem, Laura. Adeus. — Estava tão chateado com ela que sequer me virei para responder, as palavras apenas saíram de minha boca. Também não esperei resposta e fui embora, deixando-a com sua solidão e estupidez.

Entrei no carro.

— Leve-me para o clube, Frota, preciso de um pouco de distração. Por hoje basta de tanta merda.

Pareei meu celular com o som do carro e deixei tocar uma música relaxante. Fechei meus olhos, tentando de alguma forma me esquecer dos momentos que se passaram. Meu celular tocou, olhei para a tela e sorri. Anjos existiam, sim.

— A senhorita não devia estar na cama uma hora dessas?

— A mamãe deixou a Marion ligar...

Amava escutar sua voz doce. Essa menina era minha luz no fim do túnel, e quando ela começava a falar de si mesma na terceira pessoa, era porque estava triste ou chateada.

— E como está a minha princesa?

— *Você não ama mais a Marion? Não sente saudade dela? Pois a Marion sente um montão de saudade de você.*

Só ela tinha o dom de me fazer gargalhar. Deixei minha gargalhada se espalhar dentro do automóvel.

— Oh, Deus, que menina dramática! Claro que sinto um montão de saudade de você. Se você tivesse tido paciência, eu teria ligado amanhã, antes de você ir para a escola.

— *Só porque a Marion ligou agora, você não vai ligar mais? A Marion ficou triste, tem outra menina no lugar da Marion?*

Ela ia chorar, e eu não poderia deixar isso acontecer. Não entendo esse sentimento que me une à minha pequena princesa, mas eu a amo como se fosse minha filha.

— Ei, princesa, não chore. Prometo que amanhã eu ligo novamente, não fique assim. Agora me conte, o que anda aprontando?

— *Vovô jogou fora o balanço da Marion, ele é mau...*

— *Marion, conta a história direito!*

Escutei o papai ralhar com ela. Tenho certeza de que ela aprontou.

— *Foi, sim, o senhor jogou o balanço fora. Não gosta mais da Marion, não gosta...*

Ela começou a chorar alto enquanto ralhava com o papai.

— *Alô, Joshua?*

Era o papai, ele pegou o telefone.

— Oi, papai, o que aconteceu? Cadê a Marion? — De longe eu escutava o choro dela e a voz da Pietra tentando acalmá-la. — Papai, o senhor jogou o balanço fora mesmo?

— Joguei. — Ele respirou fundo. — Joguei antes que acontecesse coisa pior. Ela cismou de ficar de pé nele e ficava balançando alto. Eu já havia avisado que faria isso, e agora ela caiu e quase quebrou o bracinho. Ela é teimosa feito uma mula e desobediente.

Merda! Eu logo visualizei o inferno que ficou aquela casa com a queda da Marion. Até imaginava como o Luke tinha ficado, ele é louco pelas garotas dele. Eu teria feito o mesmo no lugar do papai.

— Ela se machucou muito? Foi quando isso?

— Hoje. Ela caiu hoje à tarde, a babá tinha acabado de entrar na casa para buscar a merenda dela, quando escutou os gritos. Imagine como eu fiquei quando me ligaram, avisando que estavam levando a Marion para o hospital.

Eu imaginava. Papai era muito apegado à menina.

— E o Luke e a Pietra, pai? Onde eles estavam?

— Nem o Luke nem a Pietra estavam na Ilha. Eu estava na prefeitura, filho, e quase tive um AVC, mas graças a Deus ela só torceu o polegar. Quando cheguei ao hospital, ela estava se

divertindo com a tipoia.

Meu Deus! Eu teria ficado louco.

— Ela está bem? Sente alguma dor?

— Está zangada, nem fala comigo. Assim que cheguei em casa, joguei o balanço fora, e o Luke a colocou de castigo depois do susto. Agora somos os inimigos dela, a pequena chantagista diz que não gostamos mais dela e que o seu coração está em pedaços. Você precisava ver o show que ela deu. Eu quase voltei atrás, só não voltei porque o Luke não permitiu.

— Eu imagino o drama. Cadê ela? Passe o telefone para ela, eu quero conversar para tentar acalmá-la.

— A Pietra a levou para o quarto. Ela deve ter adormecido, não escuto mais o choro.

— Ok, avise que volto a ligar amanhã... — Frota parou o carro. — E o Luke, onde ele está?

— No hotel, mas já avisou que está vindo. E você, filho, como está?

— Estou bem, pai, tudo do mesmo jeito. Pai, preciso desligar.

— Se cuide. Amo você, meu filho.

— Também amo o senhor. Um beijo em todos. Tchau, pai.

— Tchau, meu filho.

Desliguei o celular e saí do carro.

— O senhor quer que o espere?

Frota saiu do carro e perguntou.

— Não precisa, não sei a que horas sairei daqui. Pode ir, voltarei ou de Uber ou com um dos motoristas do clube. Tenha uma boa noite, Frota.

Entrei na grande mansão. Não estava lotada como nos finais de semana, mas tinha uma razoável quantidade de pessoas. Homens elegantes e sorridentes, alguns conversando sentados nos confortáveis estofados espalhados por todo salão, outros na varanda, acompanhados de mulheres ou homens. Alguns em trio, outros em casais. Fui para o bar. Eu não bebia, mas gostava de me sentar em um dos bancos daquele imenso balcão. Sempre pedia uma soda com limão siciliano e gelo picado, e ficava observando a diversidade de pessoas acompanhadas.

Logo cedo, Heitor me ligou perguntando se eu viria hoje. A intenção era não vir, tanto que lhe disse que não, mas do jeito que foi o meu dia de hoje e a minha noite anterior, não aguentaria ser atormentado por meus pesadelos novamente. Não hoje, eles podem vir outra noite, hoje já tive a minha parcela de terror.

— Olá, bonitão, está sozinho?

Lolita Vasconcelos, a esposa de um comerciante muito conhecido. Era rica, mimada e poderosa. Ela e o marido frequentavam o clube. Ele gostava de assistir a esposa transando com outros homens ou mulheres, ela sozinha ou com ele participando, e ela adorava fazer as vontades do marido.

— Sim, e você? Aposto que não. Onde está o seu marido? — Ela sorriu, maliciosa, olhando de soslaio para o meu lado esquerdo. Eu o vi no canto, sentado em uma mesa. Ao me avistar, ele acenou. Acenei de volta com a cabeça.

— Você aceita meu convite para a nossa sala VIP? A última vez que ficamos juntos foi bom demais, gostaria de repetir. Isso se você não estiver esperando alguém.

Seus lábios carnudos se abriram em um riso cínico e sexy. Eu já imaginava aquela boca engolindo meu membro, ela era boa no oral. Lembrava da nossa última reunião, eu, ela, uma outra moça e o marido dela assistindo. Foi uma loucura.

— Claro que aceito. Podemos ir agora, se quiser.

Ela me ofereceu um riso descarado e logo em seguida olhou para a frente da minha calça, lambendo os lábios. Virou-se, acenou para o marido e seguiu na minha frente, rebolando seu traseiro redondo e grande desenhado pelo vestido justo e curto. Minhas emoções guerrearam dentro de mim. Tinha acabado de me aliviar com minhas próprias mãos e se quisesse poderia recusar a oferta, mas algo dentro de mim exigia um pouco de diversão.

Mas será que era o certo a fazer?

Não era melhor voltar para o bar e ficar só observando?

Não, eu precisava de sexo.

Finalmente encontrei a coragem e desafiei o inferno que queimava dentro de mim. Eu poderia ser um pobre coitado morto-vivo, mas tinha um pau e precisava usá-lo, nem que fosse em uma vagina de uma mulher que não me pertencia.

Entramos na sala VIP dos Vasconcelos. Alguns sócios pagavam por uma sala, para uso próprio. Era como um quarto todo equipado e de uso exclusivo. Heitor já me ofereceu uma, mas para mim não era interessante, já que só vinha aqui quando estava muito desesperado.

— Então, bonitão, quer me comer de primeira ou me permite fazer um lanchinho primeiro? — Lolita era sexual em todos os sentidos. Ela respirava sexo e o seu marido adorava isso. Ela se despiu, ficando completamente nua.

Vasconcelos sentou-se no estofado e ficou nos observando.

— Um lanchinho seria ótimo, mas você sabe que não pode me tocar. — Ela não respondeu, só acenou a cabeça e ficou de joelhos.

Desafivelou meu cinto, abriu meu zíper e libertou meu membro, abocanhando-o, sugando-o, lambendo-o e mordendo-o.

Meu cérebro me abandonou quando seus lábios macios circularam meu membro e todos os meus pensamentos descansaram com os vários movimentos que sua cabeça fazia enquanto ela me sorvia.

— Você tem um gosto tão bom. Hum, hum... — gemia enquanto me chupava.

Minha mandíbula se fechou e podia sentir minha carótida pulsando na lateral do pescoço. Meus olhos se fecharam quando senti a vontade de gozar vir forte.

— Caralho, eu vou gozar, porra!

Sua mão segurou firme meu membro, deixando só a cabeça entre os seus lábios. Ela chupava, provocando-me, tornando meu gozo desesperador. Gozei, urrando meu prazer enquanto socava meu membro com força em sua boca.

Eu a puxei, ajudando-a a ficar de pé.

— Quero comer você de costas, essa sua bunda me deixa louco. — Ela gargalhou e se jogou sobre a mesa, empinando o traseiro na minha direção. Olhei para o estofado e Vasconcelos se masturbava com os olhos fixos em nós dois. Bati em um dos lados do traseiro dela. Peguei meu membro, vesti o preservativo e apontei para sua entrada molhada. — Quer lento ou forte?

— Com toda a força, bonitão. Soque com força. — Empurrou o quadril para trás e o meu membro entrou. Aproveitei e enfiei tudo.

Segurei em seus cabelos e os puxei, trazendo sua cabeça para trás. Ela gritou e eu bati em seu traseiro outra vez.

— Eu sou sua vadia, bonitão. Me come...

Ela adorava falar palavrão quando transava, então eu fiz o que ela tanto queria e soquei em seu sexo com toda força, a mesinha até saiu do lugar. O barulho dos nossos corpos se chocando fazia um eco na sala. O prazer sexual e animal logo veio, e finalmente gozei, tremendo sobre o corpo quente da mulher debaixo de mim. Saí de dentro dela e logo o marido tomou o meu lugar. Me livrei do preservativo e o pus em um saquinho, colocando-o dentro do bolso de minha calça. Afivelei o cindo, subi o zíper, alisei meus cabelos e saí da sala vip, deixando-os transando.

Por hoje bastava, estava saciado de sexo, do prazer primitivo e sem nenhum tipo de sentimento. A sensação de alívio era como uma necessidade fisiológica, apenas isso. Fui até uns dos banheiros, me limpei e descartei o preservativo. Me olhei no espelho antes de sair.

Joshua, você é um fodido.

Segui para o estacionamento. Estava chovendo muito, e antes de aceitar o abrigo de um guarda-chuva que me foi oferecido, olhei para o céu. Ele estava negro como meus pensamentos, e para completar, trovões, raios e relâmpagos faiscavam diante dos meus olhos. Entrei em um dos carros do clube, o motorista já sabia meu endereço. Já era tarde, quase uma da manhã, mas eu não tinha pressa, não havia ninguém à minha espera, só os meus fantasmas.

Amanhã era outro dia, mas já sabia como ele seria.

Triste, vazio, solitário e dolorido.

O motorista seguia devagar, pois a chuva havia piorado, com grossos pingos fazendo um barulho assustador na lataria do veículo. De repente, tudo ficou iluminado. Um relâmpago clareou o céu escuro, então eu vi um vulto caminhando sem destino à frente do veículo.

— Pare o carro. — Me inclinei e toquei no ombro do motorista. — Dê ré, talvez a pessoa precise de ajuda. Não é normal alguém andar debaixo de um temporal desse. — O motorista fez o que pedi. Abri o vidro do carro só o suficiente para que a pessoa pudesse me escutar. — Ei, quer uma carona? Precisa de ajuda? — A pessoa sequer olhou em minha direção e continuou andando,

indiferente. — É, eu acho que não — disse e fechei o vidro. — Pode continuar — ordenei ao motorista. Ele acelerou um pouco, então um trovão estrondou junto com raios. Foi assustador. Rapidamente olhei para trás e vi a pessoa caindo no chão. — Dê ré. Vamos, rápido!

Assustado, ele freou e sem demora recuou o veículo. Abri a porta e saí sem me preocupar com o temporal que caía em minha cabeça, me encharcando todo. Procurei a pessoa em meio à lama e ao capim alto. Não muito longe de onde estava, eu vi algo e caminhei até lá. Agachei-me e, para minha surpresa, conhecia a pessoa.

— Laura!

Rapidamente a coloquei em meus braços. O que havia acontecido? Por que ela estava andando sozinha na madrugada? E o pior, debaixo de um temporal. Como chegou até aqui? Ela estava muito longe de onde morava, será que aconteceu algo? Entrei no veículo e deixei-a em meus braços. Sei que ambos estávamos encharcados, mas o calor do meu corpo, de alguma forma, a aqueceria.

— Continuo, senhor? — o motorista perguntou.

— Sim, mas não para a minha casa. — Dei o endereço de Laura para ele.

Assim que chegamos, percebi que havia algo errado. O portão que dava acesso ao interior do pequeno prédio estava escancarado. O motorista desceu do veículo para me ajudar, abriu o guarda-chuva e logo em seguida a porta do carro. Saí com a Laura em meus braços. Ela sequer se movia, estava em um sono profundo.

— Quer que o acompanhe, senhor?

— Não, você pode ir, obrigado. — Entrei e ele fechou o portão. Subi as escadas. Eu não sabia qual era o seu andar, mas bateria em todas as portas se fosse necessário.

Bati com o pé em uma das duas portas do primeiro andar, mas ninguém atendeu. Depois na outra, mas sem resposta. Então, fui para o segundo andar e foi quando vi a porta do apartamento duzentos e dois completamente escancarada. Só podia ser o apartamento dela. Alguma coisa muito grave havia acontecido ali. Entrei. Eu não sabia ao certo o que estava fazendo, talvez estivesse cometendo um crime, pois era uma espécie de invasão de propriedade... e se esse apartamento não fosse o dela?

Que se dane.

Fui direto para o quarto. A cama estava forrada com precisão e não havia sinal de que alguém tivesse se deitado ali. Eu a deitei e fui à procura de algo para aquecê-la, mas antes voltei à sala, pois precisava fechar a porta. Não queria correr o risco de ser pego, caso este apartamento não fosse o de Laura. Se isso acontecesse, eu daria um jeito de explicar. Fechei a porta à chave e me virei para voltar ao quarto. Só então percebi que havia várias partituras espalhadas sobre a mesa, o que me deu a certeza de que estava na casa certa. Voltei ao quarto.

Laura tremia e murmurava palavras que àquela distância não conseguia entender. Me aproximei, sentando-me ao seu lado, e inclinei o corpo para escutá-la.

— Anjo... anjo, volte... não me deixe sozinha, não...

— Laura, acorde. — Ela continuava delirando, estava encharcada até a alma. — Laura, me

perdoe, mas preciso despi-la destas roupas ou você ficará doente. — Ela continuava delirando, presa em algum pesadelo.

Levantei-me e fui em busca de toalhas e roupas secas. Olhei em todo o quarto e avistei o armário, que estava aberto. Apressado, fui até lá. Fiquei surpreso quando, ao procurar em seu interior algo que pudesse aquecê-la, encontrei apenas um grosso cobertor, dois travesseiros e outro cobertor mais leve, jogado despretensiosamente, como se alguém tivesse dormido ali dentro. Sem roupas, cabides, nada.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Olhei em direção à cama. — Laura, você é um mistério. — Avaliei o quarto com mais atenção e vi algumas malas abertas. Estavam arrumadas, como se ela estivesse se preparando para fechá-las a qualquer minuto e partir dali.

Peguei um conjunto de moletom. Não quis pegar roupa íntima, seria embaraçoso.

— Desculpe, mas preciso trocar sua roupa. Prometo que não olharei. — Fui até o banheiro e peguei algumas toalhas. Fechei meus olhos e comecei a despi-la. Nua, comecei a secá-la e logo em seguida vesti-la.

Confesso que foi desconcertante fazer isso, pois não tínhamos intimidade para tanto. Além do mais, ela achava que eu queria conquistá-la... Sorri. Quando ela descobrir que fui eu quem a despiu, irá pensar horrores de mim e correrei o risco de ser processado. Não sei como consegui vesti-la tão depressa. Abri os olhos e ela estava uma bagunça, seus cabelos estavam se soltando do coque. Eu os soltei... eram lindos! Tão compridos. Então percebi que ela escondia sua beleza, pois suas roupas eram bem maiores, posso jurar que uns três números a mais.

Sequei seus cabelos com cuidado e a deitei. Ela dormia, mas seu sono não era calmo. Ela começou a agitar a cabeça, apertar o lençol da cama com os dedos... Me afastei, não queria que ela ficasse mais confusa caso acordasse e me visse tão perto.

— Não... — Seu corpo se ergueu e seus braços seguraram meu pescoço. Ela me tocou, e quase a empurrei, mas respirei fundo. — Por favor, anjo, não me deixe. Não me deixe, fique aqui. Me proteja, me proteja... — Fui puxado, e aos poucos meu corpo foi ao encontro do dela. Seus braços me abraçavam.

— Laura, está tudo bem. É só um pesadelo, ele não machuca...

Mas o que estou dizendo?

É claro que pesadelos machucam. Sei perfeitamente disso, sou a prova viva que pesadelos destroem.

Tentei me soltar do seu aperto, aquele abraço tão íntimo já estava me incomodando, mas toda vez que tentava me livrar de suas mãos, ela me prendia mais ao seu corpo. Estava no inferno.

— Não, não, anjo... por favor, não me deixe...

Ela pensava que eu era um anjo? Porra, logo eu que estava longe de ser um...? Eu estava mais para um demônio.

— Laura, me solte, prometo que ficará tudo bem... — Mas que inferno, quem era eu para prometer tal coisa?

Tentei me soltar dos seus braços mais uma vez.

— Não... liberte-me. Liberte-me desta prisão, você pode fazer isso. — Ela delirava, estava presa naquele pesadelo, e eu sabia bem como era essa sensação. — Fique comigo, demônios têm medo de anjos. Fique comigo... não, não me deixe.

Era real seu medo, seu pavor. Ela realmente pensava que eu era um anjo e que estava aqui para protegê-la, então por que não fazer isso? Pelo menos poderia salvar alguém, mesmo que fosse de um pesadelo.

— Ok, eu fico. — Em seu subconsciente, ela me escutou. Aos poucos, seus braços cederam e eu pude enfim me erguer. Olhei para minhas roupas, elas estavam molhadas. Precisava pelo menos me livrar do sobretudo e dos sapatos. Retirei-os.

Olhei para a moça que se agitava na cama. Como isso funcionaria? Não costumava me deitar com uma mulher em uma cama, a não ser que fosse para fazer sexo com ela, mas quando isso acontecia nós não nos tocávamos, a nossa ligação era através dos nossos sexos, só isso.

Será que conseguiria? Já fazia tanto tempo...

Respirei fundo. Não seria difícil, era só encostar as costas na cabeceira e me fingir de morto. Logo ela entraria em um sono profundo e eu poderia ir embora. Sentei-me na cama, e quando pensei em me encostar na cabeceira, um braço procurou meu corpo.

Fodeu.

Fiquei em choque, meu coração acelerou e eu mal conseguia respirar.

— Anjo... — Seus lábios murmuraram. — Abrace-me com suas asas, cubra-me. Ele não me encontrará se você me esconder — ela suplicava com uma dor sentida.

Olhei para ela. Tão frágil, tão quebrada, tão sozinha... lembrava alguém.

Eu.

Respirei fundo. Eu sei o quanto esse abraço me custaria, e talvez eu não sobrevivesse. Talvez esse fosse o meu último suspiro, mas se o meu último gesto fosse para proteger alguém, então teria valido a pena chegar até aqui. Com o coração quase na boca, a respiração ofegante, e meu cérebro quase desfragmentando, escorreguei um pouco o corpo e a puxei para perto, envolvendo-a com meu braço, deixando sua cabeça repousar em meu ombro. Ela estava trêmula, e eu podia sentir a sua respiração quente e o bater do seu coração. Apertei seu corpo um pouco mais, até que escutei sua voz em um murmúrio.

— Obrigada, anjo protetor. Nunca mais me abandone, eu preciso muito de você.

Ela respirou profundamente, aconchegando-se em meu abraço. E eu... eu estava morrendo. Meu corpo estava entrando em colapso, mal conseguia respirar, pensar... não sentia minhas pernas nem minha língua. Queria gritar, empurrá-la para longe... pedia em pensamento por forças. Apertei os olhos, enquanto meu abraço a aquecia e lhe dava a garantia de um sono tranquilo. Aos poucos, sua respiração foi abrandando. Ela se entregava aos sonhos e eu lutava contra os demônios, os meus e os dela.

Não sei por quanto tempo travei minha batalha, mas quando dei por mim, ela estava dormindo

o sono dos justos. Com cuidado, me afastei e me levantei. De pé, admirei a minha vitória e a minha protegida por alguns minutos. Sim, de alguma forma ela foi a minha protegida, pelo menos naquela noite conturbada.

Ainda me sentia mal e estava um pouco zonzo, com uma pressão no peito. Peguei meu celular.

— Frota, venha me buscar. — Informei onde estava. Olhei mais uma vez para a moça adormecida e olhei para o armário, onde eu supunha que ela se escondia dos seus demônios. Depois fiz uma varredura por todo o apartamento e me livrei de qualquer evidência que pudesse me comprometer. Se ela lembrasse de alguma coisa, certamente me procuraria e me atiraria desaforos.

Peguei minhas coisas e saí do apartamento, mas antes me certifiquei se a porta estava bem fechada. Cheguei ao lado de fora do prédio. Já era dia e nem sinal daquele temporal de ontem à noite. O céu estava azul e o sol começava a surgir. Frota parou o carro e eu entrei.

— Bom dia, senhor. Para onde vamos?

— Para casa. Preciso dormir um pouco, preciso muito...



Lhaura

Acordei com o alarme do meu celular. Sentei-me na cama e me espreguicei, esticando longamente os braços, fazendo um barulho com a garganta. Respirei fundo e senti um cheiro diferente no quarto. Aquele cheiro não era meu, mas também estava em mim. Não me lembro de ter trocado de sabonete ou de sabão de lavar roupas. Havia algo estranho no ar. Estiquei as pernas até meus pés tocarem o chão. De pé, olhei em volta.

Lhaura, será que você está ficando mesmo maluca?

Fui até o banheiro. Cheirei o sabonete. Não, não era esse cheiro.

Será que eu trouxe alguém para o meu apartamento e não me lembrava? Não, não podia ser, eu nunca faria isso. Essa era uma regra de ouro imposta por mim mesma, nunca trazer homens para cá.

Vamos, Lhaura, pense o que fez de diferente ontem. Tente lembrar de onde veio este cheiro tão... tão masculino.

Ontem trabalhei normalmente, terminei meu expediente e... lembrei! Me encontrei com o Joshua. Fomos jantar, quer dizer, eu fui jantar e terminei não jantando, pois banquei a idiota. Acusei um possível fã de conquistador barato, e de barato aquele homem não tinha nada. Eu podia não querer me envolver com homens, principalmente com os ricos, mas o Joshua, nossa! Ele era de tirar o fôlego. Estou quebrada, fodida, mas não sou cega. Joshua é de arrancar suspiros. Contudo, eu o quero bem longe de mim. Homens do tipo do Joshua, cheios de dinheiro, devem pensar que podem possuir tudo o que quiserem, e homem nenhum, nunca mais, irá me possuir.

Sim, Lhaura, então esse cheiro só pode ser do Joshua, pois foi o único homem que chegou perto de você ontem. Assim que ele foi embora, você perdeu o apetite e se enfiou dentro deste apartamento...

Eram os únicos fragmentos de memória que eu tinha da noite anterior. Olhei para mim. Quando foi que eu vesti essas roupas?

Pense, Lhaura, você estava chateada consigo mesma, se enfiou no armário e dormiu...

E quando eu troquei de roupa? Quando fui para a cama? Geralmente não durmo na cama.

Deus! Só agora lembrei que não tive pesadelos! Ao contrário, sonhei. Sonhei com anjos, anjos protetores que me guardavam debaixo de suas asas.

Como isso foi acontecer?

Fazia tanto tempo que não dormia tão bem, que não me sentia tão bem... Sorri e abracei a mim mesma. Não importava o cheiro que estava impregnado em meu apartamento, talvez fosse o cheiro do anjo que me visitou durante meu sono e eu trouxe o seu cheiro quando acordei. Que ele seja abençoado e que venha me visitar mais vezes!

Eu sabia que havia uma linha tênue entre compreender meus medos e entender que eles podiam

me levar à loucura, mas essa sensação de bem-estar era maravilhosa demais para que não começasse a acreditar que anjos existiam, mesmo entendendo que poderia ser fruto da minha imaginação conturbada. Contudo, era melhor cair na realidade. Eu só estava cansada demais e dormi como uma pedra. Não era a primeira vez que isso acontecia, já houve episódios que dormi dois dias seguidos e acordei pensando que era o dia seguinte ao qual havia dormido. Quando minha chefe soube, praticamente me obrigou a procurar ajuda, e por isso continuo fazendo terapia com um psiquiatra. Sim, eu parei de tomar a medicação por minha conta e risco, o médico não sabe. Tenho medo de voltar a ser a Lhaura de antes, de voltar a depender de remédios para dormir. Se eu tiver que enfrentar meus demônios, que seja sã.

Era melhor esquecer essa merda toda. Devia me dar por satisfeita, pois dormi tão bem que estou até de bom humor.

Esqueça, Lhaura, abrace o dia e festeje. Você não sabe quando terá outra noite tão maravilhosa quanto a passada.

Vamos à luta! Hoje o dia promete, tinha consulta com o doutor Stevan, e ele era bastante severo com os horários. Ele não gostava que seus pacientes se encontrassem, dizia que isso não fazia bem para nós, pois era deprimente um ficar olhando para a cara do outro enquanto esperavam sua vez, tentando adivinhar qual era o problema da outra pessoa.

Tomei um banho, comi algo bem nutritivo e fui ao encontro do "médico de loucos".

Cheguei faltando dois minutos para a minha consulta, e na sala de espera só estava a recepcionista, que abriu um sorriso assim quando me viu. Sentei-me e esperei sua voz me avisar que podia entrar.

— Laura, pode entrar. — Pontual como um bom relógio. A porta já estava aberta, e assim que entrei a recepcionista a fechou.

Stevan já estava sentado em sua confortável poltrona, balançando a perna, sem saber que esse seu tique me causava um certo desconforto.

— Bom dia, Laura! — Ele me olhou com aqueles olhos de quem sabe de tudo. — Hum, está com uma aparência ótima! Dormiu bem? — *Por que o senhor não adivinha os números da megasena?* Olhava para ele com um sorriso amarelo, enquanto pensava nessas besteiras.

— De fato, eu dormi bem, é tão evidente assim? — sondei. Como ele sabia disso?

— Não se olhou no espelho hoje, Laura? — Que pergunta idiota. Encarei o médico com aquele olhar dúbio. — Está sem olheiras e está até sorrindo. Levemente, mas está, então isso só pode ser devido ao fato de ter dormido bem. Estou errado?

Não, o senhor não está, doutor sabe-tudo. Não respondi, só o encarei e lhe ofereci um meio sorriso. Não queria deixá-lo mais convencido do que já era.

— Onde quer se sentar hoje? — perguntou, olhando para as duas poltronas e para o chão. Às vezes, eu simplesmente me sentava no chão acarpetado.

Hoje estava um pouco em paz, então escolhi uma das poltronas, uma onde não precisasse encará-lo.

Ele limpou a garganta. Às vezes, nós tínhamos conversas completas. Outras vezes, eu me fechava e só respondia usando monossílabos. Em outras, ainda, entrava muda e saía calada.

— Quer falar sobre como foi a sua noite? Teve sonhos ou pesadelos?

Na verdade, eu não sabia bem se queria falar sobre isso, pois não me lembrava de nada, só sentia aquela sensação de bem-estar.

— Não me lembro muito bem, só vagamente. — Era estranho, sequer me lembrava de como cheguei ao apartamento.

— Do que se lembra do dia anterior? Tente fechar os olhos e volte ao dia de ontem.

Isso era fácil. Respirei profundamente, fechei meus olhos e soltei o ar lentamente.

— Estou saindo da escola e... alguém me chama. Eu me viro e é ele...

— Ele quem? Quem você viu ontem?

Não queria falar sobre isso, não sei se era relevante para o meu tratamento.

— Um fã, um rapaz que gosta de minha música. Ele estava me mandando flores...

— Flores? E isso te incomoda, não é?

— Sim, muito. Me faz lembrar dele, do demônio que me persegue.

— E este rapaz faz você lembrar do seu demônio...?

Não havia pensado nisso. Eu mal tinha prestado atenção no Joshua quando o vi pela primeira vez. Estava tão na defensiva que só quis fugir dele. É claro que observei sua beleza, ele era um homem bonito, mas o Felix também era muito lindo, carinhoso, romântico, cavalheiro e... um demônio.

— Não sei. Ele é... diferente. — Depois do nosso último encontro, percebi algo no Joshua.

— Diferente como?

— Triste. Ele é muito triste, como se estivesse em pedaços.

— Ele a fez lembrar de você, não foi? Você ainda acha que está em pedaços? Laura, eu já disse que você...

— Que eu preciso enfrentar os meus medos — interrompi. Já conhecia aquela ladainha e sabia perfeitamente onde nossa conversa acabaria dando... em lugar algum. — Stevan, sei que posso juntar meus pedaços, mas mesmo fazendo isso, nunca mais serei a mesma. Qualquer coisa que se quebra, por mais potente que seja a cola, deixa cicatrizes.

— E você acha que cicatrizes são defeitos, não é?

— Cicatrizes são as memórias dos nossos pesadelos. Será que não percebe? Eu sempre viverei nesse pesadelo. — Olhei para ele com os olhos marejados. Já estava em um ponto em que não suportaria mais falar sobre isso, ou ele mudava de assunto, ou eu iria embora.

— Tome, Laura. — Ele me entregou um lenço de papel, pois uma lágrima desceu do meu olho, mesmo tentando impedi-la. — As cicatrizes são troféus. — Ele era mais louco do que eu. Como podia pensar assim? — Não me olhe assim, é a pura verdade. Cicatrizes são troféus que levamos por

toda a vida, elas representam o quanto fomos fortes para vencermos nossos medos, nossos monstros. E não falo só das cicatrizes externas, falo principalmente das cicatrizes da nossa mente. Quando você entender isso, ficará tudo mais fácil.

Suspirei. Quando ele terminou de falar, peguei o lenço e limpei meu nariz. A campainha tocou, avisando que faltava cinco minutos para o término da minha sessão. Levantei-me e olhei para fora da janela, admirando o movimento da rua. Estava nervosa com a nossa conversa, bem lá no fundo eu sabia que ele tinha razão, mas por mais que tentasse ser forte e reagir, meus medos eram bem maiores do que eu. Ele sabia como me atingir, e por mais que o tempo tivesse passado, ainda era a mesma Lhaura medrosa que se escondia nas sombras.

— Qual a nota que você daria, de zero a dez, para as noites anteriores e a noite de ontem?

— No meu antes, eu ficaria entre um e meio e três. Para a noite de ontem, dou cinco.

Eu sei que nem havia chegado a uma nota razoável, mas era como me sentia. Desde que consegui escapar do Felix, não tinha uma noite de sono tranquila. Sempre vivia aprisionada ao medo de que a qualquer hora alguém derrubasse a minha porta e me levasse à força, de volta para minha prisão.

— Estamos evoluindo, viu?

— Como assim!? Depois eu que sou a louca! — Ele soltou uma gargalhada.

— Laura, de um e meio para cinco é um grande pulo, um valor muito significativo. Mesmo que você regrida e volte para o um e meio, você saberá que é capaz de se sentir bem, de dormir em paz, e talvez esses seus pesadelos possam retroceder. Por isso continue com a medicação, ela ajudará.

Ele se levantou, era o sinal de que nossa consulta havia terminado.

— Vou manter a dosagem. Espero que na nossa próxima sessão você tenha ótimas novidades, assim quem sabe, além de diminuir a dosagem, possamos excluir algum medicamento.

Ele me acompanhou até a porta.

— Obrigada, Stevan. Até a próxima. — Ele sabia que não podia me tocar, então apenas sorriu e acenou.

Olhei para o relógio e faltava pouco para o meio-dia, então apressei meus passos. Como teria uma apresentação no sábado, era estritamente importante ensaiar. Peguei meu celular e liguei para Sara.

— Como estão as coisas por aí? — Nos dias que tenho consulta, quem me substitui é a minha chefe, ela não gostava de passar meus alunos para outro professor.

— A todo-poderosa já perguntou duas vezes por você, mas já deve estar acostumada, ela sempre pergunta. No mais, está tudo às mil maravilhas. A propósito, você tem algum compromisso hoje?

Mas do que ela estava falando? Não me lembrava de compromisso algum, será que realmente fiquei com amnésia temporária?

— Sara, me conte esta história direito. Eu fiz alguma merda ontem?

— Que eu saiba, não! Calma, seu compromisso é comigo. Vamos à farra hoje, se esqueceu? É meu aniversário e você prometeu que sairíamos juntas. Além disso, está me devendo, tem que tocar só para mim. Portanto, não aceito um não como resposta.

E agora, como sairia dessa? Não era muito de sair, só aceitei sair com ela umas três vezes, e mesmo assim porque queria enfrentar meu medo de homem. Todas as três tentativas não deram muito certo, afugentei os três candidatos a *ficante*. O primeiro nem conseguiu me dar um beijo, o segundo só conseguiu chegar a alisar meu rosto e o terceiro ainda conseguiu me abraçar, mas foi por pouco tempo, pois logo comecei a gritar e a tremer como uma louca.

— Laura? Laura, você ainda está aí?

— Estou. Onde será essa comemoração? — Tinha até medo de perguntar.

— Será no *Nostalgia*. Já reservei o piano, ele será todo seu. — Deus! Eu sabia que não tinha saída, para escapar dessa só inventando uma doença, e eu não sabia mentir.

— Ok, já estou chegando. Depois do meu ensaio, conversamos. — Ela até tentou argumentar, mas desliguei o celular antes e dei sinal para um táxi.

Cheguei em cima do horário, não podia me atrasar, pois às treze e quinze já haveria alunos para a aula de violoncelo, então corri para a sala de música e tomei meu lugar. Fechei os olhos, respirei fundo e comecei a tocar, deixando a música me levar para o meu mundo particular, onde minha liberdade era como o vento. Meia hora depois, já tinha guardado o instrumento e arrumado a sala. Hoje só tive vinte e cinco minutos de ensaio.

— Hoje não teve rosas, será que o seu admirador secreto desistiu de você? — Sara me olhava com um olhar decepcionado.

— Pois é, vai ver ele caiu na real e percebeu que rosas não compram meu coração. — Ela arregalou os olhos e se inclinou por cima do balcão.

— Laura, não seja tão radical, o mundo já é tão sem sal e os homens são tão frios e interesseiros. Não são todos que mandam flores e bombons antes de fazerem propostas indecentes. Aproveita o príncipe antes que ele vire sapo.

Se ela soubesse que eu já conhecia os dois tipos e que já estava calejada com esse tipo de conquista... Sara só sabia um pouco de minha história, só o que eu queria que ela soubesse.

— Eu prefiro as propostas indecentes diretas, pois cabe a mim aceitá-las ou não.

— Vai, mulher das cavernas! — Eu sorri e segui em direção à minha sala.



Sentei-me na banqueta e peguei a partitura, folheando-a até encontrar uma música um pouco mais alegre, afinal era meu presente de aniversário para Sara. Escolhi *Señorita*.

Como sempre, a música me levava para outra dimensão, não só quando eu tocava violoncelo, mas qualquer instrumento. E adorava tocar piano, não foi à toa que foi o primeiro instrumento que aprendi a tocar. Fechei meus olhos, respirei fundo e toquei gentilmente na primeira tecla. Pronto, lá estava eu...

Em meio às arvores, flores e grama verde que se destacavam do azul do céu. Pássaros voavam, dançando no ar, festejando sua liberdade, e bem ao longe havia uma linda cachoeira ornamentada por um lindo arco-íris. Corri com os braços abertos, descalça, vestida em um lindo vestido branco, meus cabelos ao vento, deixando que acariciasse meu corpo... Estava livre, sem medos, sem pesadelos... e sem *ele*.

— Caralho! Bravo! De onde saiu esta artista? Bravo!

Fui tirada do meu mundo por aplausos, assobios e palavras não muito apropriadas, mas que de certa forma elogiavam minha desenvoltura.

— Acalme esse seu entusiasmo, Enrico. A Laura é tímida. — Sara veio até mim e revirou os olhos quando percebeu meu espanto com o rapaz moreno, alto e bonito. Sim, ele era muito bonito.

— Não vai me apresentar à sua amiga, Sara? — Apesar de bonito, ele não me passava confiança. Era oferecido demais, mesmo sendo homem.

— Não, ela não é para o seu bico. Saia fora, seu retardado. — Não entendi o comportamento dela, afinal o tal do Enrico era ou não seu amigo?

Olhei para Sara com aquele meu olhar de quem diz: *posso perfeitamente me cuidar sozinha*.

— Não ligue para esse idiota, ele se acha. — Sara me puxou pela mão e voltamos para a mesa.

— Sara, essa sua amiga é uma artista e tanto, eu fiquei fascinada!

Uma das amigas da Sara, Louise, me elogiou. Ao todo, éramos nove pessoas. De todos os amigos da Sara, eu só não tinha sido apresentada ao tal do Enrico, que ainda não havia se juntado a nós quando me levantei para tocar.

— Ela é mesmo, não é, gente? E é minha amiga. — Já havíamos chegado ao local há umas três horas e a Sara já estava bastante alegre. — Eu amo essa moça! — Ela me abraçou, beijando minha bochecha.

— Eu também, estou apaixonado... — O tal Enrico veio por trás de mim e circulou os braços em meu pescoço. O susto com o toque dele foi tão grande que dei um pulo da cadeira e ela virou e caiu, fazendo um barulho assustador.

— Ficou louco!? — gritei com ele. — O que pensa que está fazendo? Por acaso eu lhe dei liberdade para me abraçar? Fique longe de mim. — Todos se calaram e ficaram me olhando, e só então percebi que estava gritando. Estava muito tensa. — Desculpem-me, mas não gosto que me agarrem sem a minha autorização.

Desfiz o aperto de minhas mãos, respirei fundo e voltei a me sentar. Todos se entreolharam. Sara ficou sem graça, mas o debochado do Enrico me encarava com aquele sorriso torto nos lábios e com um olhar lascivo. O ignorei e desviei o olhar para o copo de suco, bebendo-o um pouco. Depois que a tensão esfriou, a conversa animada voltou com altas risadas. Sara estava bêbada e começou a se agarrar com um dos convidados, um tal de Daniel, que depois eu descobri ser irmão do Enrico. Ninguém comentou sobre o acontecido e ficou tudo por isso mesmo, mas procurei me manter distante do Enrico.

— A próxima rodada é minha — Enrico disse em voz alta. — Já volto. — Ele desapareceu e

alguns minutos depois voltou com um balde cheio de garrafas de cerveja, uma jarra de suco e um copo com gelo picado. — Esse é para você. — Já ia empurrando o copo, pois fazia questão de pagar a minha própria bebida, mas ele segurou o copo e o encheu com o suco. — Só quero me desculpar. Por favor, aceite.

Não tive alternativa, a não ser aceitar. Uma música começou a tocar e um dos rapazes que estavam na mesa me convidou para dançar, mas recusei. Se fosse uma música alegre até me arriscaria a aceitar, mas a música em questão era romântica, e outro escândalo não estava em meus planos. Fiquei quieta, só observando os casais dançarem.

Sara estava entre amassos e beijos com o Daniel. Sabia que ela já nem se lembrava mais de mim, pois com tanta empolgação de sua boca e mãos, em breve ela estaria em algum canto, ou talvez longe daqui. Então, já estava na hora de ir embora. Olhei para o relógio, e já era bem tarde, era melhor olhar o aplicativo. Precisava de um carro, mas não tinham muitos veículos por perto, e os que estavam pelas redondezas estavam caros demais. Eu poderia ir para fora do bar e arriscar um táxi. Ao me levantar, me senti um pouco zonza e precisei me segurar em uma das cadeiras para não cair.

Nossa!

E não bebi nada alcoólico, imagine se tivesse bebido.

Procurei pela Sara, mas não a vi. Os outros ocupantes da mesa estavam dançando, e até o insuportável do Enrico havia desaparecido.

Peguei minha bolsa e saí. Minha visão ficou turva e tropecei em meus próprios pés. Respirei fundo, não entendia por que me sentia tão atordoada. Cheguei em frente ao barzinho, mas não havia nenhum táxi.

Pense, Lhaura, não adianta ficar aqui parada igual a um poste. Acho melhor andar um pouco, talvez lá na frente você encontre um táxi. E andar vai lhe fazer bem, um pouco de vento no rosto irá afastar essa tontura que está sentindo.

A rua estava deserta, nem carros, nem pessoas. Comecei a ficar com medo. Escutei o som de um automóvel vindo atrás de mim. Graças a Deus, devia ser um táxi! Olhei para trás, e era um veículo normal, que parou ao meu lado.

— Laura, está indo para onde?

Era o Enrico. Flexionei um pouco os joelhos e olhei para dentro do carro.

— Estou indo para casa. Vou pegar um táxi lá na frente — respondi e voltei a caminhar.

— Entra, eu te levo. — Ele abriu a porta do veículo.

— Não, obrigada, o ponto de táxi está perto. — Continuei andando sem lhe dar muita atenção.

O veículo passou na minha frente. Pensei que ele havia desistido e resolvido ir embora. Engano meu. Ele parou o veículo logo à frente e desceu. Antes que me desse conta do que estava acontecendo, fui jogada na lateral do carro e os seus dois braços enjaularam meu corpo. Fiquei presa entre o corpo dele e o veículo.

— Que brincadeira é essa, Enrico? Deixe-me ir. — Tentei sair, mas ele simplesmente me imprensava mais ao veículo. Comecei a ficar apavorada. — Enrico, não estou brincando, deixe-me

passar.

— É sério que vai bancar a difícil? Eu sei que você quer o mesmo que eu quero.

Ele tentou me beijar. Virei meu rosto e o empurrei com as mãos, mas ele era forte e alto e os meus empurrões de nada adiantaram.

— Enrico, deixe-me em paz ou vou começar a gritar. — Esqueci até do meu mal-estar, o medo estava me dando coragem. — Solte-me, seu filho da mãe desgraçado!

— Grite, pode gritar, ninguém virá socorrê-la. Olhe à sua volta, está tudo deserto, então *pra* quê bancar a durona e a difícil? Aceite, entre no carro e vamos nos divertir um pouco. Tem um motel legal aqui perto, o que acha?

Então, era isso, ele achava mesmo que eu queria algo com ele. Mas nem que ele fosse o último o homem da terra! Dei um empurrão bem forte e consegui afastá-lo um pouco. Foi o suficiente para conseguir sair do seu aperto e dar alguns passos. Mas não fui muito longe, ele logo me agarrou pelo braço...

E todas as lembranças das brutalidades do Felix vieram à tona.

Enrico me pegou e me puxou para o seu corpo. Suas mãos me tocaram, sua boca roçou a minha pele e eu quis gritar.

Deus, me ajude!

Respirei fundo e me lembrei que aquele homem não era o Felix e eu podia lutar contra ele.

O empurrei outra vez, usei minhas unhas para arranhá-lo e meus dentes para mordê-lo. Lutava com todo meu corpo, mãos, pés, joelhos... Enquanto tinha forças, pois a cada golpe que eu dava sentia-me mais tonta. Ele poderia até vencer, mas lutaria até as últimas forças. Então, ele de repente foi tirado de cima de mim.

— Filho da puta! Por que não procura alguém do seu tamanho?

Escutei o som de um corpo sendo jogado na lataria do carro. Foi quando consegui abrir os olhos e vi outro homem lutando com o Enrico.

— Se tem uma coisa que não admito é covardia e homem que gosta de se aproveitar de mulher. — Reconheci a voz. Era... era o Joshua. — Covarde, filho da puta!

Enrico conseguiu se livrar do Joshua e correu, entrando no carro e saindo cantando os pneus.

— Laura, você está bem? Ele a machucou? — Ele cercou meu corpo com seus braços, olhando-me com um olhar preocupado. — Laura!

— Solte-me. — Eu o empurrei, e o empurrão foi tão forte que ele quase perdeu o equilíbrio. — Estou bem, não preciso de sua ajuda... — Respirei fundo, pois o mundo parecia que estava girando. Ele tentou me segurar outra vez. — Solte-me! — Eu o encarei. — Você anda me seguindo?

— Não! Claro que não. — Seus olhos fitaram meu rosto com incredulidade.

— Parece que sim... — Tudo girou. Ele me segurou. — Eu já disse para não me tocar, posso perfeitamente me defender.

— Eu percebi. Se não fosse eu, a esta hora você... — Ele engoliu as palavras, enquanto seus

olhos se fechavam, acho que visualizando a provável cena.

— Ok, obrigada, mas eu acho que você anda me seguindo, sim... Vá embora, posso me virar sozinha agora.

Ele me mediu de cima a baixo. Seus olhos claros escureceram e ele fechou as mãos em punhos.

— Você é uma mal-agradecida e uma louca, sabia? Ok. Quer ficar sozinha, então fique. Passe bem...

Ele passou por mim quase levando meu ombro junto. Então senti o cheiro, o cheiro dos meus sonhos... Minha cabeça começou a girar. Algo não estava bem, eu me sentia muito tonta e aérea, era como se tivesse sido drogada. Olhei para o chão e o vi desaparecer. Tudo à minha volta ficou turvo e senti meu corpo despencando para trás. Escutei a voz do Joshua ao longe e logo em seguida eu flutuava, como se estivesse sendo carregada.

— Anjo, é você? Você voltou? Me abraça, por favor, me abraça. — Estava tudo tão estranho... aos poucos, tudo foi escurecendo e só escutei um murmúrio bem de longe.

— É, salvá-la já está virando rotina, mocinha...

Sons. Eu escutava sons e queria abrir os olhos, mas minhas pálpebras estavam pesadas. Eu sentia um cheiro tão bom, tão duradouro... cheiro de anjo, do meu anjo. Sentia um gosto amargo e ruim na boca. Tentava engolir, mas minha garganta doía e minha língua estava grossa.

— Anjo... — murmurava.

Eu queria tanto senti-lo. Onde ele estava? E onde estou? Por que não consigo abrir os olhos, falar, gritar, me mover? Não, não... Felix, ele me encontrou. Ele me aprisionou outra vez... Socorro! Socorro! Alguém precisa me ajudar!

— Não!!! — Precisava correr, precisava abrir os olhos. Cadê o meu anjo? — Não, não! Por favor, não me machuque! Não me machuque.

— Ei, se acalme, está tudo bem. Você está salva, ninguém vai machucá-la.

— Anjo... você veio, você está aqui. Cuidado, ele é perigoso, ele pode feri-lo.

— Laura, relaxe. Você está em um pesadelo, precisa acordar.

Eu conhecia aquela voz, só não conseguia identificá-la. Também conhecia aquele cheiro.

— Laura, acorde, você precisa acordar. Eu sei que deve ser assustador onde está e se continuar presa nesse pesadelo não poderei protegê-la.

Mãos me acariciavam. Como era bom ser acariciada, há tanto tempo não sentia essa sensação, esse calor. Não pare, não pare, anjo. Continue, não quero acordar. Não quero acordar...

— Shhh, está tudo bem. Estou aqui, não irei embora.

Ele me cobriu com suas asas. Oh, eram tão quentes, tão macias e cheirosas.

Não me solte. Por favor, não me solte.

E a escuridão me levou. Não senti mais nada. Ele se foi, ele me deixou...

Deitada no meu quarto, olhando para o teto, ainda me via paralisada. Minha cabeça doía,

minha língua estava áspera, meus lábios ressecados e o meu coração acelerado. Tentei me levantar, ao menos me sentar, mas não consegui. Logo meu corpo despencou para trás e minha cabeça voltou para o travesseiro.

Como cheguei até aqui?

Apertei os olhos com força, bati com a palma da mão na cabeça. Eu precisava me lembrar. A festa! Enrico! Ele tentou me violentar... *Deus!*

Joshua! Será que foi ele quem me trouxe para casa?

— Olá, está se sentindo melhor? — Sim, foi ele que me trouxe. Lá estava ele, de pé, recostado na porta, me encarando — aliás, me avaliando — com aquele olhar presunçoso.

— Eu... eu estou, sim. — Tentei mais uma vez me sentar, mas despenquei no travesseiro como uma fruta madura caindo do pé.

— Ei, acho que ainda...

— Não me toque! — esbravejei, olhando-o furiosa. Ele estava tão perto de mim, com todos aqueles dedos me tocando, que quase entrei em pânico. — Estou bem, ficarei bem. Obrigada por ter me ajudado e por ter me salvado, mas já pode ir. Pode ir...

Joshua era um homem impetuoso. De onde estava, ele demonstrava poder, e posso dizer que parecia assustador com aquele olhar que me dava.

— Você é bem irritante, sabia? Eu acabo de salvar sua vida e é assim que agradece?

— E como quer que eu agradeça? Quer que o convide para dormir em minha cama? Ou já era esse o plano? Talvez tenha combinado com aquele idiota, só para me salvar e...

— Cale-se! — interrompeu. — Você é uma imbecil, senhorita Laura. Acha mesmo que eu preciso de tal artimanha só para levar uma mulher para a cama? É muita petulância sua.

Engoli em seco. Esse homem me tirava do sério.

— Petulante é você! Seu *stalker*[4], você anda atrás de mim, sim. Você mesmo admitiu isso. E como me explica estar exatamente no mesmo lugar quando eu mais precisava? Ande, me explique!

Ele soltou o ar bruscamente, cerrou os punhos e se aproximou.

— Foi sorte sua eu estar passando por ali. Sorte *sua*, entendeu? Eu nem sabia que era você, só vi um homem tentando agarrar uma mulher à força. Caralho, você é difícil, e mal-agradecida.

— Ótimo! Então *tá*, obrigada por ter me salvado. Agora pode ir, não preciso mais de você.

— Estúpida. — Ele se virou.

— Idiota! — Levantei-me. Estava com tanta raiva dele que nem liguei se estava ou não passando mal. Assim que meus pés encontraram o chão, minha cabeça girou e eu caí. — Joshua...

Ele veio em dois passos. Mesmo eu sentindo uma vontade louca de empurrá-lo para longe, permiti que seus braços cercassem meu corpo. Ele me colocou na cama. Não vi seu rosto, pois fechei meus olhos com força.

— O que está sentindo, Laura? — A preocupação dele era real, não era fingimento, nem

parecia que estivesse querendo se aproveitar da situação.

— Estou me sentindo tonta, muito tonta.

— Desde quando sentiu essa sensação? Começou onde você estava, quando a encontrei?

— Estava no *Nostalgia*, foi aniversário de uma amiga, e comecei a me sentir assim minutos antes de ir embora.

— Ok, fique aí que já volto. — Ele se virou e saiu do quarto, e não sei por que me senti abandonada... que loucura essa sensação. — Laura, você misturou isso com álcool? — Ele jogou um dos meus frascos de remédio na cama, o Fluoxetina.

— Como ousou a mexer em minhas coisas? Você não tem esse...

— Eu não tenho culpa se você guarda seus remédios no armário do banheiro. Estava procurando um antiácido. — Tomou o frasco de minhas mãos e o mostrou. — Você sabe o que acontece, caso misture isso com álcool, não sabe?

Quem era ele para me acusar? Meu pai?

— Eu sei, e eu não bebi. Aliás, eu nunca bebo. — Respirei fundo. O que será que aconteceu comigo naquela festa? — Eu só bebi suco... — Será que aquele cretino me drogou? — Não, não pode ser.

— O que não pode ser, Laura? — Joshua se sentou na cama, olhando-me preocupado.

— Aquele cretino do Enrico, foi ele quem me serviu o suco da última vez. Foi depois do suco que comecei a passar mal. — Eu vou matar a Sara!

— Então você conhecia aquele estuprador? — articulou com raiva. Vi seu maxilar se contrair.

— Não, eu o conheci na festa, era um dos convidados. — Fechei meus olhos e cobri o rosto com as mãos. Eu queria chorar, como fui idiota...

— Está tudo bem, Laura. Fique quieta, vou preparar um café, mas enquanto isso, quero que tome esses comprimidos. Um é para a dor de cabeça e o outro para o enjoo. Encontrei os dois em seu armário.

Aceitei, estava morrendo de dor de cabeça. Bebi a água que ele me ofereceu. Estava me sentindo muito mal para brigar com ele ou para recusar sua ajuda, sabia que desabaria se ficasse sozinha. Ele voltou da cozinha, mas em vez de café, ele me ofereceu um chá de camomila. Praticamente fui obrigada a tomar, mas bebi tudo e logo o gosto adocicado do chá começou a me fazer bem. O silêncio ensurdecedor do quarto começou a me incomodar. Ele estava de pé, com as mãos nos bolsos da calça do terno negro, com uma mecha daqueles cabelos loiros caindo no rosto. Seus olhos azuis intensos me avaliavam. Bem, ele enchia meu quarto com sua postura e presença. O homem era lindo, no entanto, conhecia o poder de um homem belo, e eles feriam. Respirei fundo outra vez, tentando encontrar uma maneira de desligar meus pensamentos.

Joshua permanecia lá, parado e de pé, como uma linda estátua grega, apenas me encarando.

Estiquei meu pé para fora do colchão e enrolei os dedos no lençol. A impaciência me rondava, era muito difícil manter meus pensamentos desligados quando um homem como o Joshua continuava me olhando, como se quisesse desvendar todos os meus segredos.

— Vai ficar aí me olhando? — Enfim, criei coragem de perguntar. Eu sabia que ele não iria embora, algo dentro de mim me dizia isso.

— Estarei na sala. Se precisar, é só me chamar.

— Já estou bem, pode ir embora. Só preciso dormir um pouco e quando acordar estarei novinha em folha.

Seu olhar conversou com o meu e ele nem precisava abrir a boca para falar, porque eu já sabia quais seriam suas palavras.

— Você pode até tentar, mas só irei embora quando tiver a certeza de que poderá se cuidar sozinha. Portanto, trate de dormir, estarei sentado no sofá da sala.

Teimoso, insuportável e convencido.

Ele saiu e encostou a porta, deixando só uma brecha. Fechei meus olhos e comecei a contar as sombras das folhas das árvores, que logo se transformaram em garras, e o medo tomou todo o meu corpo. Eu não podia gritar, Joshua viria correndo e certamente me tocaria outra vez, e se ele fizesse isso, não suportaria e entraria em pânico. Não podia fazer isso, não queria que ele soubesse dos meus medos, dos meus traumas. Encolhi o corpo, lutei contra o meu desespero e contra meu medo, o medo do Felix. Vencida, me levantei silenciosamente, abri o armário e me tranquei dentro dele. Ali o Felix não podia me achar.

Chovia e ventava muito. Havia estrondos de trovões, relâmpagos, raios, e os galhos das árvores balançavam e batiam no vidro da janela. De repente, escutei passos. Tinha alguém dentro de casa. Uma gargalhada feriu meus ouvidos, ecoando em todo o quarto. Ele me encontrou! Ele me arrastará de volta para meu inferno.

— Não! Solte-me!

— Laura, sou eu!

— Por favor, por favor, não deixe que ele me leve. Ele vai me machucar. — Eu sabia que aquelas mãos, dedos e voz não eram do Felix, mas sim de outra pessoa, e aquela pessoa não me machucaria, pois era um anjo. — Ajude-me, por favor! Ajude-me.

— Meu Deus, como você foi parar aí dentro? Venha, ninguém vai machucá-la, eu prometo.

— Promete? Promete mesmo? Você ficará comigo? Ele está aqui. Está escondido, eu vi.

— Laura, é só um pesadelo. Venha, vamos para a cama, prometo que enquanto eu estiver aqui com você, nenhum fantasma virá machucá-la. Não deixarei.

Senti um abraço apertado e protetor. Não lutei contra meu sono, pois sabia que nenhum mal me aconteceria. Ele, o meu anjo, me protegeria.

♪

Acordei com a música dos pássaros cantando nos galhos da árvore que ficava próxima à minha janela. Levantei-me, vesti meu robe, calcei meus chinelos e, quando já estava a caminho da porta, escutei ruídos de louça batendo em minha cozinha. Eu tinha visitas? Então, me lembrei de tudo.

Joshua!

Ele dormiu aqui? Onde?

Corri para a sala e o encontrei arrumando a mesa. Completamente atordoada, fiquei plantada no meio do ambiente, olhando para aquele homem inteiramente desalinhado. A camisa para fora da calça, amarrotada, os pés descalços, o cabelo bagunçado..., no entanto, ainda mais lindo! Já disse, não sou cega.

— Bom dia! — Ele me olhou ligeiramente, enquanto colocava a cesta de pão sobre a mesa. — Como se sente? Venha, sente-se, você precisa comer algo. — Ele puxou a cadeira, apontando-a para mim. — Venha, Laura. O café está bem quentinho e eu dei uma borrifada com água no pão e o levei ao forno. Ele está quente como se tivesse acabado de ser feito.

Eu fui, mas me sentei na cadeira oposta. Ele deu de ombros e se sentou na que havia me indicado.

— Você dormiu onde? — Não tive coragem de olhar para ele enquanto perguntava.

— Ali. — Apontou para o sofá. Fiquei imaginando-o dormindo no sofá. Ele devia estar todo dolorido, o meu sofá era de dois lugares e o Joshua devia ter quase um metro e noventa. — Coma enquanto está quente.

— Por que você ficou? Não precisava. Eu fui uma idiota, estúpida e mal-agradecida.

— Hum, o que uma boa noite de sono não faz! — *Insuportável*. Ele bem que podia ter ficado calado. — Calma, só estou brincando, mas é bom saber que você está bem. E eu fiquei porque estava preocupado, você me assustou. — Ele mordeu um pedaço do pão, depois bebeu o café. — Sabe, se eu encontrar aquele safado pela frente, juro que darei uma surra nele antes de levá-lo para a delegacia. Se tem uma coisa que eu não gosto, é de homem que gosta de maltratar mulher.

Sorri levemente. Já imaginava o Enrico sendo arrastado pela gola da camisa e levado à força por um Joshua com aquela cara de bravo. Seria cômico, se não fosse triste.

— Desculpe-me. É sério, estou envergonhada por tê-lo tratado daquela forma.

— Está tudo bem, Laura. Podemos recomeçar do princípio. — Ele limpou as mãos uma na outra e estendeu uma na minha direção. — Prazer, Joshua.

E agora, o que eu faria? Não queria ser rude. Baixei meus olhos, pois não queria que ele percebesse o quanto estava nervosa.

— Laura, não quer apertar a minha mão?

— Eu quero..., mas será que podemos pular esta parte? — Olhei para ele e tentei sorrir. — Prazer, Joshua, sou Laura. Você quer assistir à minha apresentação amanhã? Quer dizer, vou substituir um músico, mas ficaria muito feliz em vê-lo lá. — Ele baixou a mão.

— Será um prazer, mas só irei com uma condição. — Eu sabia, nem tudo são flores. — Que aceite ser minha convidada para o jantar.

— Aceito, mas desde que eu pague a minha parte. — Sorri, vitoriosa. — É justo.

— Ok, combinado.

Terminamos nosso café. Joshua me pediu uma toalha, pois precisava de um banho, já que não

daria tempo para tomar um quando chegasse ao hotel. Ele tinha uma reunião importantíssima marcada para daqui a uma hora. A situação foi embaraçosa, pois fazia muito tempo que eu não tinha um contato tão íntimo assim com o sexo oposto. Entreguei-lhe uma toalha.

— Joshua, se quiser eu posso passar sua camisa e calça, elas estão muito amarrotadas. — Era o mínimo que eu podia fazer depois de tudo o que ele fez por mim.

— Não precisa, tenho roupas em minha suíte no hotel. — Claro que ele tinha, afinal ele era o dono. — Mas obrigado.

— Por nada. Quer mais alguma coisa? — *Pare, Lhaura, pare de bancar a preocupada*.

— Está tudo ótimo.

Eu estava com a orelha quase encostada na porta do banheiro quando esta se abriu e um homem lindo, com o cabelo molhado e bagunçado, saiu. Ficamos bem próximos, pois eu impedia sua passagem.

Sua camisa estava aberta, mostrando seu peitoral musculoso e seu abdômen definido. Uma trilha de pelos claros enfeitavam-no até chegarem ao cós da calça, que estava com o cinto desafivelado e o botão aberto. Meus olhos dançaram por toda aquela formosura e engoli em seco. Fiquei com tanta vontade de tocá-lo, de acariciar aquele peito e repousar a cabeça lá...

Mas que loucura, por que estou tendo este tipo de pensamento? Só pode ser carência.

— Laura? — Sua voz chamou minha atenção, então meus cílios se levantaram e eu encarei um par de olhos azuis. — Está tudo bem? — Engoli e assenti com um balanço leve de cabeça. — Posso passar? — Afastei o corpo, dando-lhe espaço para que passasse.

— Ok.

Ele fechou os botões da camisa enquanto caminhava e logo em seguida a enfiou por dentro da calça. Sentou-se no sofá, calçou as meias e os sapatos. Escovou os cabelos com os dedos e, segundos depois, olhou para mim com aquele rosto sério e carrancudo.

— Preciso ir. Infelizmente hoje não poderei ir ouvir o seu pequeno concerto no horário do almoço. Meu dia será longo e cansativo. — Pegou o paletó, a carteira e o celular. — Acho melhor você ir ao médico fazer um exame, é bom saber que droga aquele imbecil usou em você. Só não a levo agora porque realmente não posso.

Eu o segui até a porta.

— Estou bem. Não se preocupe, pode ir tranquilo. — Ele parou no limiar da porta e ficou me analisando por alguns segundos.

— Ainda tem o meu cartão? — Assenti. — Se precisar de algo, promete me ligar? — Assenti outra vez. — Falo sério. Mesmo que eu não possa vir, mando meu motorista. É só ligar para o número escrito à caneta.

— Joshua, já disse, estou bem. — Eu queria muito me livrar dele, aquela situação estava ficando íntima demais, era como se fôssemos amantes ou algo parecido.

— Ok, até amanhã. — Por um momento eu pensei que ele fosse se inclinar e tocar com os lábios na pele do meu rosto. No entanto, ele se virou e desceu as escadas sem olhar para trás.



Joshua

O dia havia sido tão exaustivo que eu mal tive tempo de olhar para o relógio. Pensei a respeito assim que desci do carro e olhei para o prédio do consultório do meu psiquiatra. Precisei remarcar a consulta, ainda bem que meu horário era flexível e ele estava livre para me atender às vinte e uma horas. Justamente hoje eu precisava conversar com alguém, já que não estava em meu melhor momento. Ultimamente, meus melhores momentos eram no horário do almoço, onde corria para Canela só para ficar alguns minutos escutando o anjo tocar. Se a Laura soubesse o quanto sua música me fazia bem, não seria tão resistente à minha presença. Não sei o que aconteceu com ela para ser tão arisca em relação a mim. Há algo estranho e misterioso nela, mas reconheço uma pessoa despedaçada. E como não poderia reconhecer, já que sou uma? Acho que era por isso que tinha essa impressão de que algo muito, mas muito sério aconteceu com ela. Desde aquela noite, em que a encontrei vagando sozinha na chuva, tive a certeza de que ela se escondia do mundo. Suas roupas folgadas e escuras, seus cabelos presos sempre em um coque, sua postura curvada, retraída e tensa, e aquele medo em seus olhos. Ela fugia de algo ou de alguém.

Suspirei. Quando entrei na antessala do consultório, a porta da sala do Stevan já estava aberta, então segui direto. Ele não estava, mas ao escutar meu pigarro me mandou sentar e ficar à vontade.

— Olhando para você, acho que precisa mesmo é de um pouco de distração, e não de terapia, pelo menos hoje. — Ele saiu do banheiro e me olhou, rindo. Sempre vinha com alguma observação engraçadinha.

— Talvez, quem sabe? Mas acho que já tive distrações o suficiente esses dias — disse, revirando os olhos e lembrando da minha aventura na chuva com a Laura e do quanto aquela noite me atingiu.

Ele sentou-se em sua grande e confortável poltrona e começou a balançar o pé. Aquilo me irritava.

— Ora, então estamos evoluindo. É bom saber que você está saindo de sua zona de conforto, Joshua. — Ele pegou o pote de jujubas e me ofereceu. Peguei uma vermelha. — Oras, sem jujuba roxa hoje? Que bom. — Ele começava a me analisar com a cor da jujuba que eu escolhia. Geralmente sempre pegava as roxas, não sei por que, mas elas eram como ímãs, e nem as comia. Porém, hoje fiquei com vontade de mudar a cor.

— Não é isso. Não posso dizer que estou fora de minha zona de conforto, é que... — Não conseguia encontrar a palavra apropriada para descrever o que estava sentindo, ou para o que estava me perturbando. — Sabe aquele vazio que sinto dentro de mim? — Olhei para o Stevan e ele só balançava a perna. — Está me sufocando. Tudo bem, antes ele me incomodava, só que agora ele me sufoca. Às vezes, sinto uma vontade louca de gritar.

Stevan me olhou seriamente. Ele conhecia minhas vontades e sabia o que havia feito no passado para me livrar da culpa, e mesmo eu afirmando que o suicídio não estava mais em meus planos, creio que, devido à sua experiência, ele sempre se preocupava com a hipótese. Estava ciente

de que era uma pessoa triste, mesmo tentando seguir em frente. Bem, da minha maneira, mas sim, estava seguindo em frente. Contudo, eu sabia que ele me via como um vulcão adormecido, que a qualquer momento acordaria e cuspiria lava. Aos olhos dele, eu era apenas um homem que perdeu a mulher e a filha em um acidente trágico e não aceitava ter sobrevivido, e era exatamente isso que eu também achava. Portanto, ocasionalmente pensava, sim, em dar um fim a toda dor.

— E o que pensa em fazer em relação a todo esse bolo que está crescendo em sua garganta? Engoli-lo ou cuspi-lo fora?

— Esse é o problema, eu não sei. Só sei que está ficando difícil. Às vezes, fica até difícil respirar.

— Não seria melhor falar sobre o que te sufoca? Você sabe que seria melhor se falasse. Bem, fale-me sobre aquela tarde de domingo.

— Não, não insista, Stevan. As lembranças são minhas e não quero compartilhá-las com ninguém, nem mesmo com você.

— Esse é o problema, Joshua. Você nunca quer falar sobre isso, mas você *precisa* falar. Você tem que aceitar o que aconteceu. Enquanto não aceitar, esse bolo que o está sufocando continuará crescendo.

— Não, Stevan, eu não *tenho* que fazer isso.

— Joshua, são escolhas, e a terapia não vai obrigá-lo a fazer o que não quer, mas vai mostrar o que é necessário. Você sabe que enquanto continuar lutando contra a verdade, ficará trancado dentro de si mesmo, vivendo dia após dia e noite após noite nessa dependência dos seus fantasmas, comendo uma culpa que lá no fundo você sabe que não é sua. Joshua, fazem quase cinco anos, já está na hora de sair da concha.

— Ainda não estou pronto! Pensa que não tento? Mas é difícil demais.

— Eu sei que é, mas você precisa ser mais duro consigo mesmo. Eu já disse que terapia e remédios não fazem milagres, você precisa se ajudar.

Ele me deu seu sorriso arrogante.

Suspirei. Gostava do Stevan, ele era sincero e sabia separar o psiquiatra do amigo, pois, com o passar do tempo, foi o que nos tornamos. Mesmo assim, mesmo para o meu amigo, eu não conseguia falar sobre o que aconteceu. Ele sabia, através da minha ficha médica, mas eu nunca lhe contei a minha versão do que aconteceu, sequer menciono os nomes de minha esposa e filha.

— Eu sinto muita falta dela. Do calor do corpo dela, do seu sorriso, do jeito como ela me olhava e me abraçava, da forma como dizia que me amava... do seu barrigão, de sentir a nossa filha se mexendo lá dentro. Sabe, sempre que tocava o ventre dela, podia ser a hora que fosse, até quando estávamos dormindo, era eu encostar que a minha filha se mexia. Pense na emoção... pense.

— Joshua, talvez seja isso. Você precisa retomar sua vida de onde ela parou, construindo outra família...

— Nunca! Nenhuma outra mulher ficará no lugar de minha bailarina e nenhuma outra criança substituirá minha filha. Elas serão as únicas em minha vida maldita — disse, enquanto lágrimas

saltavam aos meus olhos.

— Joshua?

Eu me virei e rapidamente enxuguei os olhos.

— Sim?

— Você precisa tentar. Precisa aceitar que elas se foram, mas você ficou e está vivo. Enquanto não abrir os olhos para isso, esse bolo continuará crescendo em sua garganta, sufocando-o. Olhe à sua volta, permita-se amar e ser amado. Dê uma chance para alguém e tente doar todo esse amor que tem dentro de você para outrem. Não deixe tanto amor sufocá-lo, deve existir alguém no mundo precisando dele e precisando de você. Pense nisso — disse ele.

— Obrigado, mas não sou digno de amar e nem de ser amado. O que tenho acumulado dentro de mim não é amor, é culpa, e ninguém merece um homem igual a mim. — Tomei uma respiração profunda, levantei-me e caminhei até a porta. Mesmo ainda estando em minha hora, para mim já tinha sido o suficiente.

— Quando precisar, estarei sempre aqui. — Apesar de ter meus horários marcados, nem sempre eu os seguia. Havia semanas que vinha vê-lo duas e até três vezes.

— Eu sei. Agora seguirei seu conselho, vou à procura de distração. — Ele sorriu e me acompanhou até a porta.

Eu me virei e fui embora. Ele tinha razão, precisava mesmo de um pouco de distração. Esses dias foram carregados de emoções novas, e uma delas estava me perturbando e incomodando muito. Não parava de pensar naquela noite. Estava muito preocupado com a Laura, só não sabia o porquê de tanta preocupação, já que ela não era problema meu.

— Para o clube, Frota. — Entrei no carro, encostei a cabeça no encosto do banco, fechei meus olhos e tentei me desligar de tudo. Não estava indo ao clube atrás de sexo, não precisava disso hoje. Precisava ver gente, conversar bobagem e esquecer de algumas coisas.

As pessoas tinham uma mania de me dizer que eu deveria mudar. Que eu deveria encontrar uma mulher, me apaixonar e começar novas memórias. Era muito fácil opinar na vida dos outros, já que ninguém estava passando pela mesma situação. Já que ninguém era o verdadeiro culpado. Será que elas não compreendiam? Eu não queria uma nova mulher, não queria me apaixonar. Não queria novas memórias, estava muito satisfeito com as antigas. Elas eram meu combustível, a razão para que me lembrasse todos os dias do quanto fui irresponsável.

Entrei no clube e procurei o Heitor. Gostava de conversar com ele, era divertido e complicado. Digo complicado, porque ele tinha uma vida dupla e acabara de ficar noivo de uma garota, pela qual eu achava que ele estava apaixonado, caso contrário, não teria assumido tamanho compromisso. Só estando muito apaixonado se cometeria tal desatino. Ele já era casado, quer dizer, mantinha uma relação estável com uma mulher há quase sete anos. Eles não eram casados legalmente, mas viviam como marido e mulher e tinham um filho de seis anos. Ele era doido. A mulher ficava em São Paulo e a noiva aqui, e acho que foi por isso que ele comprou este casarão e montou uma filial do clube, ele só queria ficar perto da mulher que amava. E o conhecendo como conheço, ele era bem capaz de se casar com a noiva, casar-se de verdade.

A noite estava animada e o clube cheio. Sentei-me em um dos bancos na bancada principal, em um lugar mais reservado, e pedi uma soda com limão e gelo picado.

— Você viu o Heitor? — perguntei ao *barman*.

— Ele já foi embora, só volta amanhã. — Peguei uma vasilha de porcelana com alguns amendoins e fiquei me distraindo com eles.

— Olá, estive te observando e notei que entrou sozinho. Está a fim de se divertir?

Uma mulher linda e sexy se sentou ao meu lado. Ela devia ter uns trinta e cinco anos e usava uma máscara. Alguns frequentadores optavam por usá-las no clube, pois não queriam ser reconhecidos. Como se isso fosse me impedir de reconhecê-los em algum lugar. Nunca esqueço uma voz.

— Fica para a próxima, hoje só vim observar. — Olhei seriamente para ela enquanto levava alguns amendoins à boca.

— Então, por que não vem nos observar? Talvez mude de ideia quando nos ver em ação. — Ela tocou em minha mão e apontou para uma mesa, onde havia outra moça. Esta, ao notar meu olhar, piscou um olho e lambeu os lábios.

Era tentador, elas eram lindas, mas meu espírito não estava para sexo hoje, eu só queria mesmo era ficar observando as pessoas.

— Hoje, não. Já tive minha parcela de ação por hoje, prefiro ficar quieto. — Ela fez um biquinho de insatisfação, mas não se intimidou, levou a mão à frente da minha calça e apertou meu pênis. Alguns amendoins saltaram da minha mão devido ao susto.

— Não sabe o que está perdendo. Garanto que iria se divertir muito. — Apertou a cabeça do meu sexo e depois alisou-o. — Viu? Ele ficou animado, está durinho.

Peguei sua mão com delicadeza, mas não afastei meus olhos dos seus.

— Querida, não é não, entendeu? — Fui ríspido.

— Grosso.

— Já fui chamado de coisa pior. Agora vá procurar outro, não estou disponível.

— Se você soubesse quem sou eu, não me rejeitaria. — Ela girou nos calcanhares e foi embora sem esperar uma resposta.

Provavelmente era alguma socialite da região. Ela era bonita, sexy, mas meus encontros sexuais não eram motivados por beleza, e sim por necessidade, e no momento eu não estava necessitado de sexo. Pedi outra soda e fui para a sala de música, lá poderia ficar um pouco mais tranquilo, só admirando a carência de algumas pessoas e o exibicionismo de outras.

Já passava de uma da manhã quando resolvi ir embora.

— Frota, vá por outra rota, não tenho pressa para chegar em casa.

E não tinha mesmo. Eu sabia que hoje seria uma daquelas noites aterrorizantes, portanto, quanto mais tempo eu demorasse para chegar em casa, mais cansado ficaria, e talvez assim tivesse a sorte de um sono sem sustos.

Estava tranquilo, escutando a música favorita da minha bailarina, quando meu carro passou ao lado de outro veículo que estava parado no acostamento, e a cena que eu vi me embrulhou o estômago.

— Pare o carro, Frota. Pare, agora!

Desci do veículo, furioso. Se eu queria um saco de pancadas para afugentar meus demônios, acabara de encontrar um.

De dentro do meu carro eu vi um homem usando força contra uma mulher. E o que eu mais odiava no mundo era homem que gostava de bater em mulher.

— Seu filho da puta.

Agarrei o desgraçado e o joguei na lataria do automóvel. Quando percebi, já estava socando-lhe a cara, a minha intenção era deixá-lo inconsciente e depois ligar para a polícia, mas estava preocupado com a moça, então maneirei nas pancadas. De repente, ele conseguiu me empurrar, e quando dei por mim, o filho da mãe já estava arrancando o carro em alta velocidade.

Deixei-o ir, então me virei para a moça e fui verificar se ele a havia machucado. Quando me aproximei, só então percebi que já a conhecia. Laura. Já estava se tornando um hábito salvá-la. A desaforada ainda ficou brava e me acusou de persegui-la. E eu lá tinha tempo de perseguir alguém? Quanto mais uma moça que vivia se escondendo nas sombras. Ela foi rude e mal-educada. Eu perdi a paciência, mesmo sabendo que ela não tinha condições de ficar sozinha, a raiva que estava sentindo me cegou. Se ela achava que poderia se virar sozinha, o problema era dela, eu já havia espantado o idiota que tentou assediá-la. Dominado pela minha própria estupidez, passei por ela tão rápido quanto um foguete. Já estava próximo ao meu carro quando escutei um murmúrio e um barulho de algo caindo no chão. Olhei por cima do ombro e a vi caída na calçada. Eu não podia deixá-la ali, então, com todo cuidado, agarrei seu corpo e a levei para o carro. Já sabia para onde levá-la, só que desta vez não iria invadir o seu apartamento. Abri sua bolsa e peguei a chave.

— Anjo... — Ela me chamava de anjo quando a coloquei na cama.

Suas mãos tentaram me tocar, mas eu as afastei. Não era porque estava ajudando que iria deixá-la violar as minhas regras. Sem toques. Mesmo eu tentando afastar suas mãos, ela conseguia me tocar, e eu podia sentir a maciez dos seus dedos no meu rosto.

— Laura, acorde. Acorde, eu preciso saber se está bem.

Ela não me escutava, estava delirante, e eu, preocupado. Já havia percebido que ela não era uma moça normal. Mesmo sendo uma artista extraordinária, havia algo de errado com ela, e eu sinceramente não sabia como agir, como proceder diante desse problema. Eu sei que não tenho nada com isso, afinal, mal a conheço, então simplesmente poderia levá-la a algum hospital e deixá-la à mercê da própria sorte.

Era o que eu deveria fazer.

Se eu tivesse um pouco de juízo, deveria fazer isso mesmo. Mas não podia, algo dentro de mim dizia para ficar, para cuidar dela e protegê-la.

— Não!!! — ela gritou, e foi o bastante para me levar para o seu lado. Ela parecia presa em algum tipo de pesadelo igualzinho ao da última noite. — Não, não! Por favor, não me machuque! Não

me machuque...

Tentei acalmá-la, disse-lhe que ninguém a machucaria, mas seus delírios eram aterrorizantes.

— Anjo... — continuava me chamando de anjo. Ela não sabia que dentro de mim morava um demônio. — Você veio, você está aqui. Cuidado, ele é perigoso, ele pode feri-lo.

Quem era perigoso? Será que era o tal homem que tentou tomá-la à força? Ou seria outra pessoa? Porque na outra noite ela teve estes mesmos delírios. Quem queria machucá-la, quem ela tanto temia? Tentei deixá-la tranquila, falando-lhe com carinho. Já fazia bastante tempo que não era carinhoso com uma mulher.

— Laura, relaxe. Você está em um pesadelo, precisa acordar. — Mesmo lutando contra aquela força que tentava me empurrar para longe dela, deixei minhas mãos acariciá-la. — Laura, acorde, você precisa acordar. Eu sei que deve ser assustador onde está, e se continuar presa nesse pesadelo, não poderei protegê-la. — As lembranças me inundaram e eu vi minha bailarina sorrindo para mim.

Agora não. Agora não é hora para pensar nela, não, não.

— Shhh, está tudo bem. Estou aqui, não irei embora.

Não podia, não tinha o direito de ser carinhoso com esta moça. Inferno, por que tinha que ser tão difícil?

Ela gemia, murmurava, pedia que a abraçasse. Ela estava tão perdida quanto eu, tão destruída quanto eu. Então deixei meus fantasmas lutarem entre si e minhas mãos acariciaram o seu rosto. Os meus braços a trouxeram para junto de mim e eu pude sentir outra vez o calor do corpo de uma mulher. Não era sexo, não era devassidão. Era apenas proteção, pura proteção.

Quando percebi que ela havia adormecido, rapidamente me levantei e tomei meu lugar de pé, encostado na porta do quarto. Fiquei com receio de deixá-la sozinha. Dez minutos depois, ela se moveu no colchão e acordou atordoada, como se não soubesse onde estava.

— Olá, está se sentindo melhor? — Acho que ela se deu conta do que aconteceu quando escutou a minha voz.

Eu a encarei muito sério. Não queria que pensasse que me aproveitei dela, já que sempre pensava isso de mim. Continuava me olhando assustada, mas respondeu um sim meio hesitante.

Tentou se sentar, mas despencou nos travesseiros, e quando fui socorrê-la, ela me afastou como se afasta um cão sarnento. Essa moça já estava me cansando. Era irritante, malcriada e mal-agradecida. Tentei outra vez ajudá-la, mas novamente foi grosseira e me acusou de uma porção de coisas, inclusive de que eu pretendia levá-la para a cama. Ora, faça-me o favor, quanta prepotência! Foi aí que eu perdi a compostura completamente.

— Cale-se! Você é uma imbecil, senhorita Laura. Acha mesmo que eu preciso de tal artimanha só para levar uma mulher para a cama? É muita petulância sua.

Eu queria mesmo era colocá-la no colo e lhe dar umas boas palmadas, coisa que provavelmente seus pais nunca fizeram. Ela parecia uma menina birrenta dos infernos. O clima esquentou tanto que eu pensei que ela partiria em minha direção para me agredir.

Ficou de pé, olhando-me furiosa, me acusando, xingando, mas não me fiz de morto e lhe dei o

troco na mesma moeda. Quando ela deu um passo em minha direção, sentiu-se mal e chamou o meu nome.

Esqueci de tudo, corri e a amparei. Ela tentou me afastar, mas minha paciência para meninas mimadas já havia extrapolado, então aa coloquei nos braços e a devolvi à cama.

— O que está sentindo, Laura? — Estava muito preocupado. Se ela não melhorasse, eu a levaria para um hospital. Ela estava pálida, fria e trêmula. Minha vontade era de ir atrás daquele filho da puta e surrá-lo até seus pulmões pararem de funcionar.

Fiquei ainda mais puto quando ela me disse que o rapaz que tentou lhe fazer mal era conhecido de uma amiga sua e tudo indicava que ele a havia drogado. *Maldito canalha*.

Deixei-a na cama e fui à procura de um antiácido, o que poderia ajudar. Encontrei analgésico e remédio para enjoo, além disso, outros frascos de comprimidos, mas estes não eram para qualquer pessoa.

Merda! Eu sabia que ela não era normal. Ela tomava remédios iguais aos meus, e para alguns deles, a dosagem era mais forte. Furioso, peguei um frasco e voltei ao quarto. Esfreguei na sua cara a irresponsabilidade de misturar antidepressivo com álcool. Irada, ela ainda me respondeu com cinismo, mas jurou que não bebeu, então chegamos à conclusão de que realmente tinha sido drogada. Ela tomou os remédios que eu lhe dei e se deitou, e eu fiquei parado ao seu lado, feito uma estátua ou um cão de guarda. Eu só queria ter a certeza de que ela ficaria bem.

— Vai ficar aí me olhando? — articulou, um pouco sem graça. Acho que estava se sentindo intimidada, afinal, ficar sozinha com um homem em seu quarto, ainda mais quando desconfiava que se tratava de um *stalker*, não devia ser muito agradável.

Sabendo disso, disse-lhe que estaria na sala. Ela até tentou me dispensar, mas nem sob decreto eu a deixaria sozinha.

Saí do quarto. Desafivelei o cinto da calça e puxei a camisa para fora, me livrei dos sapatos, gravata, paletó, e me sentei no sofá. Até tentei cochilar um pouco, mas não deu. Liguei a TV e fiquei passando os canais, até que escutei um grito. Entrei no quarto e não a encontrei na cama. Onde ela estava? Ela gritou outra vez, e o som veio de dentro do armário. Só podia ser sacanagem! Mas o que ela estava fazendo ali dentro? Abri a porta e lá estava ela, enrolada no cobertor e se debatendo, lutando com seus fantasmas.

— Não! Solte-me!

— Laura, sou eu.

— Por favor, por favor, não deixe que ele me leve! Ele vai me machucar.

Quem queria tanto lhe fazer mal? De quem ela tinha tanto medo?

Ela gritava por socorro, tremia. Eu a peguei em meus braços e a tirei de dentro do armário, levando-a para a cama.

— Promete? Promete, mesmo? Você ficará comigo? Ele está aqui. Está escondido, eu vi — delirava.

Eu sabia que ela estava presa naquele maldito pesadelo, conhecia exatamente os sintomas e

sabia o quanto era assustador. Não podia ignorar o seu sofrimento, não dava para ser indiferente. Então, eu prometi. Sei que não devia, mas prometi protegê-la, prometi que ninguém a machucaria. Abracei-a mais uma vez e ela adormeceu minutos depois.

Eu, entretanto, não consegui fechar os olhos. Foram muitas emoções, muitas coisas para assimilar. Em seu sono pesado, deixei-a dormindo, envolvida em minha áurea protetora. Já estava de dia, então fui preparar o café. Precisava distrair meus pensamentos e controlar minhas emoções.

Estava arrumando a mesa, quando percebi que olhos sonolentos me observavam. Ela estava parada, boquiaberta, os olhos nem piscavam.

— Bom dia! — Sequer olhei para ela, não queria deixá-la ainda mais envergonhada. — — Como se sente? — Ela nem se mexia. — Venha, sente-se, você precisa comer algo. — Puxei a cadeira, mesmo sabendo que não se sentaria nela. — Venha, Laura, o café está bem quentinho e eu dei uma borrifada com água no pão e o levei ao forno. Ele está quente como se tivesse acabado de ser feito. — Ela veio, e como havia suspeitado, sentou-se na outra cadeira.

— Você dormiu onde?

— Ali. — Apontei para o sofá. — Coma enquanto está quente.

— Por que você ficou? Não precisava. Eu fui uma idiota, uma estúpida e mal-agradecida.

— Hum, o que uma boa noite de sono não faz! — instiguei. E pela a careta que ela fez, não gostou da brincadeira. — Calma, só estou brincando, mas é bom saber que você está bem. E eu fiquei porque estava preocupado, você me assustou. — Mordi um pedaço do pão, depois bebi o café. — Sabe, se eu encontrar aquele safado pela frente, eu juro que darei uma surra nele antes de levá-lo para a delegacia. Se tem uma coisa que eu não gosto, é de homem que gosta de maltratar mulher.

E faria isso mesmo. Se aquele cretino atravessasse meu caminho, ele seria um homem morto.

— Desculpe-me. É sério, estou envergonhada por tê-lo tratado daquela forma.

— Está tudo bem, Laura. Podemos recomeçar do princípio. — Realmente não havíamos começado com o pé direito. Eu fiz merda, e por esse motivo ela pensava horrores de mim. Então, limpei as mãos e estendi uma em sua direção. — Prazer, Joshua.

Laura olhava para a minha mão estendida e para mim. Ela sequer se mexia, só os seus olhos se moviam.

— Laura, não quer apertar a minha mão?

— Eu quero..., mas será que podemos pular esta parte? — Olhava-me nervosa, como se quisesse sair correndo da mesa. — Prazer, Joshua, sou Laura. Você quer assistir a minha apresentação amanhã? Quer dizer, vou substituir um músico, mas ficaria muito feliz em vê-lo lá. — É, não seria hoje que ela apertaria a minha mão.

— Será um prazer, mas só irei com uma condição. — Ela me encarou com um olhar dúbio. — Que aceite ser minha convidada para o jantar.

— Aceito, mas desde que eu pague a minha parte. — Sorriu, vitoriosa. — É justo — debochou. Fiquei com vontade de dizer não, mas tudo poderia mudar e só dependeria de mim.

— Ok, aceito.

Após o café, olhei para o estado em que estava. Eu não poderia entrar no hotel daquele jeito, tinha uma reunião logo cedo. Tudo bem que eu tinha roupas em minha suíte no hotel, mas não daria tempo para tomar um banho, portanto, precisaria tomar um aqui mesmo. Pedi uma toalha e entrei no banheiro. Eu sabia que Laura estava me espionando, vi sua sombra pela fresta da porta. Achei até engraçado. Então ela me surpreendeu e perguntou se não queria que ela passasse minha camisa e a calça, já que estavam amarrotadas. Agradeci, mas disse que não precisava.

Saí do banheiro e dei de cara com ela bem na minha frente. Nossa! Se eu quisesse, podia até beijá-la, estávamos perto demais. Laura me olhava como se quisesse me despir. Eu sei que chamo a atenção do olhar feminino, estou ciente disso, então não seria diferente com ela. Mas o fato é que ela estava quase salivando.

Fiquei com vontade de sorrir, mas conhecendo-a, sabia que seria um motivo de discussão e não queria estragar nosso momento de paz. Então, pedi licença e abotoei a camisa enquanto saía da sua frente. Logo eu estava recomposto e pronto para ir embora.

— Preciso ir. Infelizmente, hoje não poderei ir ouvir o seu pequeno concerto no horário do almoço. Meu dia será longo e cansativo. — Peguei o paletó, a carteira e o celular. — Acho melhor você ir ao médico fazer um exame, é bom saber que droga aquele imbecil usou em você. Só não a levo agora porque realmente não posso.

Ela me seguiu até a porta. Parei e a observei. Ela tinha traços delicados, olhos lindos, lábios carnudos e sedutores, e eu meio que conhecia as curvas do seu corpo, então me perguntava por que ela se escondia atrás de roupas largas e de um penteado tão antiquado. De quem ela se escondia? Eu sei que por trás daquela moça assustada, existia uma mulher linda.

Espantei meus pensamentos.

— Ainda tem o meu cartão? — Ela assentiu. — Se precisar de algo, promete me ligar? — Assentiu outra vez. — Falo sério, mesmo que eu não possa vir, mando meu motorista. É só ligar para o número escrito à caneta.

— Joshua, já disse, estou bem. — Ela parecia ter pressa em me dispensar.

— Ok, até amanhã.

Parei e admirei seu rosto. Ela era algo que eu gostaria de levar na lembrança. Algo que não me faria mal, ao contrário, me sentia bem ao seu lado, apesar de ser teimosa, atrevida e petulante. Limpei a garganta, me virei e fui embora, sem dizer mais nada.



Joshua

Vesti uma calça e uma camisa social, dobrei as mangas até a altura dos cotovelos, enrolei um cachecol no pescoço, pus um sobretudo e segui para o carro. Olhei para o alto, o céu estava com algumas nuvens, mas não impedia que apreciássemos as estrelas. Eram poucas, mas suficientes para tornarem a noite agradável. Não era muito de sair, a não ser para o clube, mas isso não era rotina, havia meses em que só o frequentava uma vez. Preferia trabalhar, ocupar minha mente com planilhas e contratos, mas sempre acompanhado de uma boa música. Contudo, hoje não sabia explicar, mas estava excitado, posso até dizer ansioso. Não era a primeira vez que ouviria Laura tocar, no entanto, era como se fosse. Talvez fosse o fato de ter aceitado o meu convite para jantar hoje. Nas suas condições, claro, mas aceitou.

Depois que entrei no carro, achei melhor ligar para Laura. Talvez ela também aceitasse uma carona, já que íamos para o mesmo lugar.

Não demorou muito para que ela atendesse.

— Como sabe o meu número? Quem deu ele para você?

Ela era muito irritante, não tinha dúvida quanto a isso. Se fosse em outra ocasião, teria dito uma piada qualquer, para irritá-la. Mas hoje, na atual conjuntura, não estava com espírito para brincadeiras.

— Eu — disse impaciente. — Tive a ousadia de incluir em sua agenda o meu número e aproveitei para pegar o seu... — Já estava arrependido de ter ligado. — Laura, nem todos os homens são iguais. Estava mesmo preocupado com você, mas caso queira excluir meu número, fique à vontade. — Não esperei sua resposta e encerrei a chamada. Moça idiota, tonta... encrenqueira dos infernos.

Quer saber, não irei mais à merda de concerto nenhum.

Assim que esse pensamento se formou, meu celular vibrou em minha mão. Era ela. Não deveria atender, não tinha paciência para mulheres problemáticas, de problemático já bastava eu.

Mas, enfim, meu pecado era me importar. Até demais. Atendi, mas fiquei mudo. Só queria um motivo para desligar e desviar meu caminho.

— Joshua? Alô? — Ela era irritante, ficamos mudos. Se ela pensava que daria o braço a torcer, estava muito enganada. Comecei a contar mentalmente, e no dez desligaria. — Desculpe-me, fui grosseira. É que... ninguém tem meu número, a não ser a Sara e a Nora, por isso estranhei você me ligar.

— E como você sabia que era eu? — indaguei, irritado. Irritado, não, fulo da vida.

— Ora, você salvou o contato com o seu nome, mas mesmo que aparecessem apenas os números, eu saberia. Decorei de tanto olhar seu cartão. — E por que ela estava olhando meu cartão? Que saber, isso também não era da minha conta. — Por que me ligou?

— Gostaria de saber se quer uma carona, já que vamos para o mesmo lugar. Já estou perto de onde mora.

— Não, obrigada. Cheguei no teatro há quase duas horas, queria me concentrar um pouco e

ensaiar as músicas do repertório. — Ela respirou fundo, alguma coisa estava errada. — Joshua?

— Oi.

— Eu... — Tinha mesmo algo errado. — Você poderia se sentar na frente quando chegar? Diga que é meu convidado, posso deixar seu nome na bilheteria. É que... está lotado e estou muito nervosa... — Não, ela não estava nervosa, estava com medo.

— Posso, sim. Relaxe. — Fiz uma pausa. — Laura?

— Oi, Joshua.

— "Quebre a perna" para você! Ou "merda", como dizemos aqui. — Ela sabia o que essas palavras significavam. Estava desejando boa sorte. Nos Estados Unidos, "quebre a perna" era muito usado em estreias de peças teatrais. Usava muito essa expressão com a minha bailarina. Já aqui no Brasil, o que se usava era a palavra "merda".

— "Merda". — Ela entendeu.

Suspirei quando coloquei o telefone no bolso, pensando em suas palavras. Sabia que não era nervosismo, ela amava tocar, inclusive já a vi se apresentar em um teatro e ela sequer notava as pessoas à sua frente. Não, não era nervoso, era medo. Mas medo de quê?

Chegamos, e o Frota parou o veículo um pouco afastado do teatro. Havia um grande movimento de carros em ambos os lados. Sabia que aquelas pessoas não estavam indo ver a apresentação da Laura, só não entendia por que a organização do evento não havia avisado que a violoncelista esperada não iria se apresentar. Inclusive, o cartaz com o nome e o rosto dela ainda estava no salão principal. Só esperava que isso não causasse problema para Laura.

Estava uma confusão para entrar. Sons de vozes por todos os lados e pessoas em fila para adentrarem no salão acústico. Os músicos da orquestra já arranhavam alguns acordes. Fui direto para a poltrona que a recepcionista havia me indicado. Laura deixou meu nome com um dos organizadores, que foi chamado quando me identifiquei na bilheteria. Aliás, eu era um dos poucos que havia tentado comprar o ingresso na última hora. Por sorte, havia poltronas vagas para os convidados, e eu era o único. Quer dizer, na segunda fila atrás de mim havia algumas pessoas, que supus serem da escola de música. Cuidadosamente me sentei, cruzei uma perna sobre a outra e esperei. Cinco minutos depois, as luzes se apagaram e os holofotes iluminaram o centro da cortina vermelha, que se abriu em duas partes.

E lá estava ela, sentada com sua roupa negra e os cabelos presos em seu coque habitual, no alto da cabeça. Não conseguia ver o seu rosto, pois ela o escondia no braço do violoncelo. Naquela altura do campeonato, as pessoas já sabiam que quem estava no palco não era a musicista que esperavam que fosse, mas, educados, nada disseram. Acho que para quem estava sentado naquelas poltronas não importava quem estava no palco, e sim os que os musicistas fariam aos seus ouvidos, mentes e corações.

A orquestra sinalizou os primeiros acordes. Ela soltou um suspiro e podemos escutar o som sair suavemente através da maestria dos movimentos de seu braço e dedos. A primeira música foi *Swan Lake*, O Lago dos Cisnes. Quase chorei. Eu via minha linda bailarina flutuando ao redor da Laura, dando suas piruetas, girando, girando... Aquele conhecido bolo apertou minha garganta e lutei

para que as lágrimas não me pulassem aos olhos. Foi dolorido e lindo demais. Perfeito, mágico, estarrecedor. Mal conseguia respirar, e podia jurar que minha bailarina estava ali, naquele palco. A segunda música foi *Caruso*. Quando ela começou, escutei um alvoroço de murmúrios entre as pessoas. Os pelos dos meus braços se arrepiaram e fiquei em transe completo. Simplesmente relaxei, fechei meus olhos e parti.

Parti para meu mundo particular, onde não existia dor, medo, fantasmas nem solidão. Lá só existia paz...

A terceira música foi *Air on the G String*. A quarta, *Nocturne in C Sharp Minor*. A quinta, *Nocturne*. A sexta, *Nessun Dorma* e a sétima *Hallelujah*.

Bravo!

Maravilhosa!

Bis! Bis! Bis!

Aplausos, muitos aplausos e assobios. Presenciei o êxtase da plateia. Todos estavam de pé, eufóricos, e eu era um deles. Estava completamente encantado, delirante. Aquela moça petulante era mágica, divina. As pessoas suplicavam por bis, mas Laura só gesticulou e saiu às presas do palco, largando o violoncelo. Podia jurar que ela estava passando mal. Precisava vê-la, era como se tivesse a obrigação de protegê-la. Corri na direção da parte detrás do palco. Praticamente atropelei os seguranças. Não queria nem saber se tinha ou não autorização para entrar ali, era como se uma força me guiasse para ela. Caminhei pelos corredores dos camarins, mas lembrei que ela não os usava.

Onde você está, Laura?

Passei cinco minutos procurando por ela. Já estava ficando apavorado, eu sabia que ela ainda estava no teatro, algo em mim me dizia. Saí da rota dos camarins e nem sabia mais onde estava.

— Laura! — chamei.

Estava muito preocupado. Então, vi um corredor escuro, com vários caixotes, araras e baús. Escutei um choro. Só podia ser ela. Me aproximei com calma. Se era ela só podia estar muito assustada. Estava muito escuro, quase não conseguia enxergar. Controlei a respiração, até que escutei um gemido bem próximo, logo à minha frente. Havia algumas caixas amontoadas umas sobre as outras e atrás lá estava ela, encolhida, abraçando os próprios joelhos.

— Meu Deus, Laura, o que faz aqui? — Agachei-me, mas eu sabia de alguma maneira que não podia tocá-la, pelo pouco que a conhecia já havia percebido que ela não gostava de ser tocada. — Ei, Laura, o que foi? O que aconteceu?

Ela chorava, soluçava. Seus olhos cobertos pelas lágrimas encontraram-se com os meus. Ela respirava apressadamente, tremia.

— Tire-me daqui, por favor. Tire-me daqui... — Ela teria uma síncope se continuasse naquele estado de nervos. Estava tendo uma crise de pânico, conhecia bem os sintomas, pois já tive inúmeras.

— Laura, respire devagar. — Como se isso adiantasse. Eu sabia que não adiantava, quem nunca teve uma crise de pânico acha que é só respirar devagar que tudo passa. Pânico não é uma questão de controlar a respiração, é uma questão de controlar o pavor. — Laura, olhe para mim.

Tente controlar seu medo. Estou aqui com você e só quero ajudá-la, ok?

— Joshua, tire-me daqui. Não deixe que eles cheguem perto de mim. Não deixe, por favor.

O "eles" a quem ela se referia era o público, que provavelmente estava esperando para vê-la lá fora, na antessala do teatro.

— Não deixarei, mas você precisa me ajudar. Tem que sair daí, venha. — Ela se encolheu quando eu tentei segurá-la. — Laura, confie em mim, venha.

— Eu, eu não consigo, minhas pernas não me obedecem. — Sua respiração acelerou e ela se perdeu completamente. Estava fora do seu controle, ela ia desmaiar.

O que aconteceu com esta moça? O que a deixou assim tão traumatizada?

— Ok, só tem uma maneira de tirá-la daqui e vou precisar de sua ajuda. — Eu também precisaria de ajuda. Deus, onde fui me meter?

— Faço qualquer coisa para sair daqui, só não deixe que eles me toquem, por favor.

— Não deixarei, prometo. Agora preciso colocá-la em meus braços, posso fazer isso? — Seus olhos enevoados me encaravam com tantas dúvidas, mas eu a compreendia, sabia o que passava em sua cabeça: o medo do toque, da intimidade.

— Não vai me machucar?

Mas que merda! Quem foi o idiota que despedaçou essa moça? Só podia ser um maldito, filho da puta.

— Não, eu não vou machucá-la. Só quero protegê-la, posso? — Me aproximei um pouco mais, estendendo meus braços. Ela se encolheu, tensionando o corpo quando a puxei. — Está tudo bem, Laura. Só feche os olhos, procure manter a respiração controlada e imagine estar flutuando nos braços de um anjo.

Falei isso porque ela sempre me imaginava como um anjo quando estava inconsciente.

Segurei seu corpo trêmulo com firmeza nos braços e ocultei seu rosto com a lateral do meu. Conhecendo o medo de ser tocado, eu sabia que ela não suportaria o meu toque por muito tempo, então corri à procura de uma saída onde não precisasse enfrentar a multidão que a esperava fora dos bastidores. Acho que estava com mais medo do que ela, o medo de danificá-la ainda mais do que já estava. Avistei alguém.

— Por favor, amigo, ela está passando mal e eu preciso sair pelos fundos do teatro, será que você pode me ajudar e me mostrar o caminho? — Nem sei como consegui articular todas essas palavras ao mesmo tempo, meu coração estava quase saindo pela boca.

O rapaz prontamente largou o que estava fazendo e saiu na frente, me guiando. Logo avistei uma porta, e foi como se estivesse saindo de um prédio em chamas. Não que eu já tenha saído de um, mas acho a sensação devia ser a mesma.

Estava quente, escuro e abafado. A porta foi aberta e saímos. Eu pedi para que ele pegasse meu celular no bolso do meu sobretudo, depois pedi para discar um número e colocar o celular em minha orelha.

— Frota, estou na parte de trás do teatro. Apresse-se, venha o mais rápido que puder!

Eu a apertava em meus braços e pedia para que ela ficasse bem.

— Laura, respire, já está quase acabando. Controle-se, seja forte. — Aquelas palavras serviam para mim também, pois já estava quase entrando em colapso, tendo que ser forte por ela e por mim.

Meu carro parou bem na nossa frente. Frota desceu e abriu a porta. Entrei, mas não tive coragem de me separar dela, era como se algo muito ruim fosse acontecer se eu fizesse isso.

— Para onde, senhor?

— Para o Hotel.

Quando o automóvel começou a se mover, ela se mexeu em meus braços, levantou a cabeça e seus olhos azuis me encararam. Com cuidado, movi meu corpo e a coloquei sentada ao meu lado.

— Você está bem? — Eu sabia que não, seu corpo ainda estava trêmulo.

— Agora estou. — Abraçou o corpo e baixou a cabeça. — Desculpe. Por favor, me desculpe. — Eu mal podia escutar seu sussurro.

— Laura, não precisa se desculpar, eu também entro em pânico às vezes e sei bem como é isso. Esqueça, já passou.

— Eram tantas pessoas... não estou pronta para elas, eu pensei que seria como da outra vez, com pouco público.

— Você arrasou, Laura. As pessoas ficaram eufóricas e queriam cumprimentá-la, é normal.

— Eu sei, mas não estou pronta para isso. Não quero e não posso... — Escondeu o rosto nas mãos.

Eu queria puxá-la para meu peito e acalmá-la, mas ela já tinha experimentado emoções demais por hoje, então só fiquei quieto, deixando-a lidar com seus medos sozinha.

Ela estava perdida, destroçada, atordoada. Algo muito grave aconteceu com ela. Não perguntaria, mas se um dia ela quisesse me contar, estaria por perto. Sei como era isso, não era questão de confiar ou não em alguém, era só estar disposto a falar sobre algo que feria tanto.

— Onde estamos indo? — Limpou os olhos e puxou a respiração.

— Jantar. Não está com fome?

— Morrendo. — Pronto, depois de responder ela se fechou e eu também, cada um em seu mundo desajustado. Encostamos nossas cabeças nos encostos do banco e fechamos os olhos.

Éramos o par perfeito. Simbolicamente falando. Dois loucos problemáticos.

Frota nos deixou no estacionamento interno do hotel. Ela nem esperou que meu motorista abrisse a porta para ela descer, quando percebi já estava de pé ao lado do veículo.

— Frota, fique por perto, só vamos jantar. — Ele entrou no carro e eu a guiei para o elevador. — Não se preocupe, por hoje basta de multidão.

Ela me deu um sorriso fraco. Estava sensível. Eu entendia isso.

Dei preferência ao restaurante do primeiro andar, pois era menor e muito discreto.

Caminhamos lado a lado.

— Eu me lembro quando estive aqui pela primeira vez. — Já imaginava que ela se lembraria. — Você não acha uma falta de educação o aniversariante deixar os convidados plantados, esperando por ele?

Estava demorando para a moça petulante e encrenqueira aparecer.

— Não, desde que o aniversariante não tivesse sido comunicado da tal festa e não gostasse de comemorar aniversários, não é falta de educação. — Olhei para ela com um olhar fuzilante.

Ela deu de ombros e sorriu timidamente.

— Continuo achando falta de educação — concluiu.

— Já vi que está bem melhor, não é?

— Novinha em folha. — Entortou a boca.

Abri a porta dos fundos do restaurante e a deixei passar. Fomos para um canto mais reservado da cozinha, e a deixei sentada em um banco.

— Pronto, aqui ninguém vai nos incomodar, este lado é todo nosso. — Antes de vir para cá já havia avisado para que deixassem esse lado da cozinha arrumada.

— Quem vai cozinhar para nós?

— Eu. — Ela me encarou com surpresa. Acho que não estava acreditando em mim. — Eu sei cozinhar, senhorita, e quando provar a minha comida irá lamber os beiços e querer repetir.

— Nossa! Quanta modéstia! Vá mais devagar, senhor *chef*, posso ser uma terrível crítica.

Não duvidava disso.

— Vou fazê-la engolir esse seu sorriso de deboche. Continue rindo.

— Surpreenda-me, senhor *chef* modesto.

Entreguei algumas revistas para ela ler enquanto eu preparava o nosso jantar.

— O que é isso? — perguntou, mostrando-me as revistas.

— Leia-as enquanto cozinho.

— Não quer ajuda?

— Não.

— Além de modesto é convencido. — Entrecerrei os olhos e lhe ofereci um olhar de advertência, como se dissesse: *não começa, moça!*

Já havia mandado separar todos os ingredientes. Como precisava ser rápido, escolhi fazer lulas ao molho de tomate, acompanhadas de macarrão parafuso. Trinta minutos depois o nosso jantar estava pronto. Arrumei a mesa, servi a bebida e os pratos. Ela se sentou primeiro à mesa, depois eu.

Retirei a tampa do prato dela.

— Hum, bonito e cheiroso está, agora se está bom, só provando. — Debochada, ela estava fazendo pouco dos meus dotes culinários.

— Prove, então — desafiei.

— Você é doido? Vou esperar você comer primeiro e só comerei cinco minutos depois. Não quero arriscar...

Engraçadinha. Quase jogo a comida na cara dela.

Abri a tampa do meu prato e comi primeiro. Ela estava se divertindo, e sem se fazer de rogada, trocou os nossos pratos. *Ah, eu vou matá-la*.

— Seguro morreu de velho, senhor metido a *chef*. — Por um minuto, pensei que ela iria me chamar de senhor Saravejo, como minha bailarina me chamava quando queria brincar comigo. — Joshua? Ei, estou brincando, não precisa ficar zangado.

Voltei à terra.

Ela estava sorrindo e era linda quando estava descontraída. Parecia uma mulher feliz.

— Então coma e seja sincera, afinal fiz isso tudo para você, queria agradecer o momento de plenitude que me ofereceu mais cedo.

Ela levou o garfo à boca, saboreando o alimento lentamente. Então revirou os olhos e soltou um gemido de satisfação.

— Hum... isso está muito bom, muito bem mesmo.

Comemos tudo e não ficou uma migalha para contar a história. No final, a noite acabou bem. Olhando para ela com atenção, nem parecia que havia passado por um momento tão assustador. Ela estava feliz.

E pela primeira vez depois de anos eu também estava, naquele momento, me sentindo bem. Estava em paz.

— Quer mais alguma coisa? Sobremesa?

— Não, estou muito satisfeita. Quanto eu devo?

— Me deve um jantar, ou um almoço, você escolhe. Pode ser um prato feito no bar da esquina, não tem problema — disse. Eu falei que as coisas poderiam mudar, ela não esperava por isso.

— Você é ardiloso, senhor Saravejo. — Pronto, aconteceu, ela brincou comigo igual à minha bailarina, e a minha noite acabou.

— Bem, Laura, aceite e pague como quiser, isso é problema seu. Esse jantar foi uma forma de agradecer pelos bons momentos que passei escutando sua música, não pense que quero conquistá-la, ou que esteja tentando levá-la para a cama. Se eu quiser transar com alguém não preciso fazer nada disso, portanto, fique à vontade para enfiar o dedo na garganta e vomitar toda a comida.

Levantei-me e joguei o guardanapo com força sobre a mesa. Ela ficou me olhando boquiaberta, completamente atordoada com toda a merda que acabara de despejar em sua cara.

— Se quiser uma carona é só me seguir, estou indo para o carro. Estou cansado e com sono.

Só escutei o som da cadeira arranhando o piso da cozinha e o barulho dos saltos dos seus sapatos ecoando atrás de mim.

— Estúpido! Enfie sua carona naquele lugar.

Ela passou por mim como um furacão. Eu só vi a porta da cozinha balançar para lá e para cá e o eco dos seus sapatos se distanciando cada vez mais.

Que merda eu fiz? Ela não tinha culpa de ter me chamado assim. Ela nem sabia dos meus problemas. Eu sou um idiota! Fui atrás dela.

Só encontrei o meu carro e o Frota, fumando seu cigarro.

— Você viu a Laura? — perguntei.

— Ela passou correndo por aqui e subiu a rampa. Quer que eu vá atrás dela?

— Não, eu vou. — Corri.

A encontrei acenando para um táxi, então apressei meus passos e consegui chegar a tempo.

— Laura, não vá! Desculpe-me, eu sei que às vezes sou um idiota. — Ela estava chorando.

— Só idiota? Não ofenda os idiotas.

Eu merecia escutar isso.

— Desculpe-me, sou problemático e também tenho meus fantasmas, você não tem culpa. Foi um final de noite tão descontraído, fazia tempo que não tinha tanta paz e não quero que termine assim. Deixe-me levá-la em casa, não quero perder sua amizade, ela me faz bem.

— Está bem. — Ela dispensou o táxi e voltamos para o estacionamento. — Vai aceitar mesmo comer um PF no boteco da esquina?

Estávamos bem, já que ela voltou com as insinuações.

— Claro, desde que o boteco seja limpinho.

— Então *tá*, ligarei para você quando menos esperar. Só espero que esteja pronto para encarar um prato cheio de feijão, arroz, salada, carne, farofa e batata frita.

— Fiquei até com água na boca — brinquei.

— Idiota. — Ela me empurrou com o corpo e aceitou quando eu abri a porta do carro para que entrasse.

Fomos conversando sobre as músicas clássicas que estavam tocando no carro. Ela era fantástica, conhecia tudo. Também, só podia conhecer, já que era musicista, e das melhores. Prometeu que um dia tocaria o piano no lugar do violoncelo, em minha homenagem, só porque eu disse que gostava.

Eu a deixei em frente ao prédio onde morava, esperei que trancasse o portão e fui para casa. Entre mortos e feridos, todos saíram salvos.



Joshua

— Plié*, senhor Joshua Saravejo. Vamos, não seja covarde, só dois movimentos.*

— Não, não farei esse negócio...

— Só dois movimentos de plié*, senhor meu marido. Por favor?*

— Vick, não sei fazer isso, não sou bailarino, meu amor.

— Mas é meu marido e eu irei ensiná-lo. Olha só...

— Vick, cuidado, não gire assim!

— Viu? Até com esse barrigão eu consigo fazer o plié *e girar. Agora é sua vez.*

— Ok, só uma vez...

— Com dois giros. Agora vá, faça...

— Vick, você viu? Eu consegui... Vick... Vick? Onde você está? Vick!

Pulei em minha escuridão. Eu não a via mais, a nossa antiga sala de repente ficou esfumaçada e cinzas flutuavam ao meu redor.

— Joshua, amor, socorro...

— Vick!

Escutei sons de estalos que vinham do nosso quarto. Corri em direção a ele e vi um clarão através da fresta da porta, um calor insuportável vinha de lá.

— Joshua, salve-nos! Socorro, amor, não consigo respirar!

— Vick! Vick, afaste-se, vou derrubar a porta.

Estava muito quente, mas eu tinha que tentar, pois a fumaça já estava saindo pelas frestas da porta. Então escutei uma pequena explosão e o clarão do fogo aumentou.

— Vick, já estou indo!

Derrubei a porta com um pontapé e entrei em nosso quarto. De repente, aquele já não era o nosso quarto. Estava ao ar livre, jogado ao chão, me arrastando de encontro ao meu carro. Ele estava virado de ponta-cabeça, quase abraçando uma árvore. O fogo já quase o envolvia, dos pneus saía fumaça, e dentro do carro o fogo também se espalhava. Foi quando eu a vi. Victória estava desacordada, havia sangue escorrendo de sua cabeça, e ela estava presa ao cinto de segurança.

— Vick! Meu amor, já estou indo!

Não conseguia ficar de pé, pois não sentia minhas pernas. Tentei, tentei, mas não dava, era como se estivesse preso ao chão. Comecei a me arrastar, usava meus dedos, enfiando-os no chão, como uma espécie de gancho. Uma pequena explosão me assustou, mas não podia parar, precisava salvá-las.

— *Vick!*

Ela não se movia. Pedi forças ao Todo-poderoso para chegar até ela. Dei um impulso e consegui chegar ao carro. Vick estava inconsciente, e era até melhor, assim ela não se assustaria com o que estava acontecendo. Sentia cheiro de gasolina e a senti pingar em minhas costas, então o fogo começou a se alastrar. Rapidamente, enfiei as mãos por trás do banco na tentativa de soltar o cinto. Mas a trava estava completamente retorcida e só havia uma maneira de soltar a Victoria, que era cortando o cinto. Mas como eu poderia fazer isso?

— *Vick, meu amor, eu vou tirá-la daqui, prometo.*

Atordoado, inclinei o corpo por cima do dela. Precisava encontrar algo para cortar o cinto. Vasculhei dentro do carro desesperado, pois já sentia as chamas me queimando.

— *Joshua, meu amor...*

Ela acordou. Não, não, Deus... não faça isso, não permita que ela veja isso.

—Joshua, saia daqui, é tarde demais. Não se preocupe, ficaremos bem. Viva, viva, meu amor. E não se esqueça, eu amo você. Nós amamos você...

— *Não!!!*

Ela desmaiou. Gritei desesperadamente e mergulhei dentro do carro, cobrindo o seu corpo com o meu. O fogo aumentou e eu sentia minhas costas queimarem.

— *Não! Não! Não viverei sem vocês, prefiro morrer...*

Vozes. Escutei vozes e de repente fui arrastado. Me segurei em tudo o que pude segurar, não queria sair do carro, mas fui retirado de lá. Segundos depois, só escutei a explosão e o fogo alto.

— *Victória!*

Abri meus olhos e estava sentado em minha cama. Suado, o corpo em brasa e atordoado.

Meus olhos avaliaram o lugar. Foi só outro pesadelo. Desabei sobre o colchão e deixei as lágrimas saírem dos meus olhos. Eu não merecia estar vivo, não merecia...

Busquei meu celular na mesinha de cabeceira. Precisava falar com alguém antes que fizesse alguma idiotice da qual com certeza me arrependeria depois.

— Luke...

— Cara, aconteceu alguma coisa?

Ele murmurava. Na certa não queria acordar Pietra. Me arrependi na hora por ter ligado para ele, não tinha nada que incomodar meu irmão numa hora dessas. Olhei as horas: passava das três da manhã.

— Desculpe-me. Volte a dormir, já estou bem...

— Um caralho que eu vou desligar! Outro pesadelo, não foi?

Ele me conhecia. Lembro-me perfeitamente de quando voltei de Nova Iorque e ele dormia em frente à porta de meu quarto, só para me tirar dos meus pesadelos quando eu começava a gritar desesperadamente.

— Foi... — Fiz uma pausa só para respirar. Estava me sentindo tão sufocando, era como se tivesse engolido de verdade toda aquela fumaça. — Estou fodido, irmão, muito fodido. Não aguento mais isso, às vezes eu acho que vou explodir de tanta dor. Por que não morri naquele acidente?

— Quer parar? Não tenho irmão idiota. Um caralho que devia ter morrido. E nós, como íamos ficar? Deixe de ser egoísta, você tem a mim, o papai, e agora tem a Pietra e a Marion, se esqueceu dela? Ela te ama. Pense no que aconteceria com a Estrelinha se ela perdesse você também. Não acha que ela já teve a sua parcela grande de perdas?

A minha pequena princesa. Meu Deus, ela me lembrava tanto da minha filha... se minha filha estivesse viva, estaria com a mesma idade da Marion e as duas estariam enchendo a minha vida de amor e alegria. Olhar para a Marion era como olhar para a minha Bria... filha.

— Luke, é muito difícil. A dor é tão grande e o vazio tão imenso... principalmente quando sonho com o acidente, quando tento em vão salvá-las.

Olho por cima do ombro, para encontrar a foto de minha bailarina exibindo o seu barrigão de oito meses no porta-retratos. Eu havia tirado essa foto uma semana antes de tudo acontecer. Ainda com os olhos sobre ela, deixo as lágrimas descerem pelo meu rosto.

Luke limpa a garganta do outro lado da linha, fazendo-me voltar ao presente. Ele sabia que eu estava viajando em minhas lembranças.

— Cara, eu sei o quanto é difícil — disse ele, e nesse momento eu sei que ele também estava remoendo velhas lembranças de quando ainda se culpava pela morte da mamãe. — Mas se lembre que você não está sozinho, estamos aqui *pra* você. Mesmo distantes, estamos aqui, e se você precisar de mim, pego o primeiro voo *pra* essa merda de lugar. Largo o caralho todo, faço as malas com as minhas garotas e vamos ficar aí com você, se a porra da sua cruz estiver pesada demais. Porra, meu irmão, eu te ajudo a carregar. Você sabe disso, não sabe?

Sim, claro que eu sei. Eu tenho a melhor família do mundo, disso não posso me queixar. Sempre soube que nunca ficaria sozinho, mesmo fugindo deles, mesmo querendo ficar só. Eles nunca me abandonariam, fosse a hora que fosse. Não havia tempo ruim, a minha família me abraçaria. Mesmo à distância, os braços protetores do meu irmão e do meu pai estariam ao redor dos meus ombros.

— Eu sei, meu irmão. Acho que é por isso que ainda não fiz uma bobagem em todas essas vezes que as sombras me cercam. Vocês são as luzes que me tiram delas.

— Joshua, você tem ido ao psiquiatra? Tem tomado suas medicações? Cara, não me deixe preocupado. Quer que eu vá passar uns dias aí com você? Eu vou, você sabe disso.

Era isso que temia. Não queria preocupar o Luke, ele sempre foi muito apegado a mim, e eu ainda lembro que era eu a consolá-lo quando os pesadelos o perseguiam. Ele sempre vinha dormir em minha cama, até mesmo já adolescente. Quando a culpa atormentava seus sonhos, ele corria para meus braços trêmulo, suado e aos prantos. Quantas vezes precisei me levantar para correr com ele na praia? Era só cansando o corpo que a mente dele descansava, e era eu que o acompanhava em suas corridas noturnas ou nas madrugadas.

— Luke, não sou nenhum irresponsável, sei que tenho problemas. E não se preocupe, não farei

nenhuma bobagem. Mesmo pensando e desejando, não farei nada. O meu castigo é continuar vivo. Já me arrependi por ter ligado, agora eu sei que vai ficar com isso na cabeça e vai contar ao papai. Aí que estarei mais fodido do que já estou...

— Você sabe que você não tem que passar por isso sozinho, Joshua — ele me interrompeu. — Você tem a gente. Nós amamos você e queremos ajudar, caralho. Cara, deixa de ser cabeça dura, eu só quero ter a certeza de que não está tentando se castigar mais do que já se castiga. Eu conheço a sua teimosia, porque é igualzinha à minha. Mas que porra!

Meu coração doeu ao ouvi-lo falar isso. Eu sabia que ele não queria que eu me perdesse mais do que já estava perdido. Ele me queria de volta, o velho Joshua. Ele não sabia que o velho Joshua jamais voltaria, já que ele morreu no dia em que a minha bailarina se foi. Não há mais nenhuma esperança para mim, duvido que algum dia pudesse sair das profundezas de onde havia me enterrado. Estava prisioneiro para sempre.

Engoli o nó que estava se formando em minha garganta quando escutei sua voz outra vez.

— Por favor, cara — implorou —, nós precisamos de você bem e inteiro. — Inteiro seria impossível, nunca mais estaria completo. — Você precisa começar a reagir e dar um pouco de sentido na vida. — Ele limpou a garganta outra vez. — Joshua, deve existir algo em algum lugar que o faça sentir um pouco de emoção, um pouco de alegria. — Não, não há. — Busque sentido em algo. Não se enterre, meu irmão, eu preciso de você. Papai precisa de você e a Marion precisa de você. — Escutei sua súplica, quieto, impotente, porque sei que se falar qualquer coisa a mais ele irá desabar.

Logo após o acidente, Luke quase se perdeu junto comigo, papai precisou cuidar de mim e dele. Eu o via andando pelos corredores, e ouvia papai pedindo para que ele segurasse a onda. Quantas vezes meu pai gritou com ele, exigindo que o ajudasse. Escutava seus socos na parede do quarto, seus berros furiosos. Eu temia pelo meu irmão, mas estava preso na escuridão, preso em minha dor, e o meu único desejo era acabar logo com tudo... com a minha dor e com a dor dos que me amavam. Acho que foi o gatilho para ter feito o que fiz, me entupindo de remédios e esperando que a morte viesse me abraçar. Eu me culpei por um tempo quando descobri o que Luke andava fazendo. Acho que de certa forma ele partiu para aquela vida de *bad boy* não somente pela culpa que sentia pela morte da mamãe, mas também pelo meu estado, ele teve medo de me perder também. E continua tendo.

— Luke, não se preocupe, ficarei bem, você sabe que sempre fico. Só me sinto assim *pra* baixo quando enfrento meus pesadelos, quando eles me arrastam para aquele dia. — Escutei-o puxar o ar pelo nariz, fugando. Fiz o meu irmão chorar, sou mesmo um merda! — Luke, amo você. Prometo nunca decepcionar...

— Só me prometa — ele me cortou — que sempre que acordar desse jeito vai me ligar. Prometa, irmão.

— Claro que prometo. É você quem me traz de volta, é você que faz todo meu medo ir embora. Sempre, meu irmão, sempre irei atrás de você quando acordar atormentado.

— Caralho, cara! Você é tudo *pra* mim. Você e o papai são tudo que ficou depois da mamãe. Não faça isso comigo. Não parece justo, não acha?

Ele estava certo, não era justo. Mas o que era? Eu não sabia mais. Entendia a dor do meu irmão

e do meu pai, mas as coisas que se passavam em minha cabeça e em meu coração não dependiam dos sentimentos da minha família. Eu não queria magoá-los, mas não tinha como parar a minha letargia, simplesmente continuava vivendo um dia após o outro, sem esperanças de ser feliz, pois não merecia.

— Luke, não fique assim, se eu soubesse que você ficaria pior do que eu, não teria ligado.

— O caralho que não ligaria! — Alterou a voz. Ele estava chorando, e quando chorava ficava bravo. — Sempre que precisar me ligue, mesmo que eu me derreta em lágrimas. Porra, cara! Sou seu irmão, não gosto de vê-lo sofrendo, dói meu coração. Eu choro mesmo, e vá se foder, cara...

Ele soltou uma baforada de ar, engolindo as lágrimas.

Tentei segurar as lágrimas que ardiam em meus olhos e acenei com a cabeça, mas foi demais, o nó apertou. Precisava manter a compostura e me equilibrar emocionalmente, mesmo me sentindo morto, mas a emoção foi forte, Luke me partiu ao meio. Ele era o meu irmão amado, quase um filho, mesmo que nossa diferença de idade não permitisse. O meu *bad boy* marrento precisava de mim tanto quanto eu precisava dele. Então, deixei as lágrimas saltarem dos meus olhos, e tanto eu quanto ele encontramos conforto nos soluços um do outro.

— Cara, você ficará bem? — perguntou entre soluços.

— Sim, sempre ficarei, pois eu tenho você — respondi, engolindo meu choro e limpando minhas lágrimas.

— Amo você, nunca se esqueça disso. E sempre que precisar me ligue ou me chame.

— Amo você, também. Se cuide, cuide do papai e de suas garotas. Obrigado.

— Vá dormir, cara, seu mal é sono. Beijo.

— Beijo.

Ele desligou, mas continuei com o celular no ouvido por alguns minutos.

Joguei o aparelho na cama, despi a roupa e fui para a piscina. Aqui em casa eu podia nadar nu, não precisava esconder minhas cicatrizes. A piscina era extensa e aquecida, então dei algumas dezenas de braçadas, até meus braços e pernas ficarem fadigados.

Quando consegui finalmente me entregar ao sono, já era dia.

Acordei com o som do meu celular. Tentei ignorá-lo duas vezes, mas na terceira resolvi atender. Talvez fosse o papai, vai que o bocudo do meu irmão resolveu contar o que aconteceu durante a madrugada. Peguei o celular e nem olhei quem era.

— Onde é o incêndio? — Levantei-me, abri a porta de vidro e fui para a varanda. Estava fazendo sol e ele me aqueceu, já devia ser bem tarde. — Alô! — O outro lado ficou mudo e eu resolvi olhar quem era. *Porra!* — Laura, desculpe-me! — Sou um imbecil mesmo.

— Acordei você? Ligo depois.

— Não, espere... — Se ela me ligou é porque era importante. — Fale, precisa de alguma coisa?

— O que está fazendo? — perguntou, um pouco sem jeito.

— Olhando a paisagem da varanda do meu quarto.

— Descreva-me. — Achei graça, ela estava de bom humor.

— Muitas árvores e um verde formidável contrastando com o azul claro do céu. Pássaros dançando magistralmente, indo de encontro às árvores, e entre as folhagens um pouco de neblina. Bem pouco, mas isso só torna a paisagens mais bela.

— Não há flores?

— Só as do meu jardim.

— Hortênsias?

— Sim. Roxas, azuis, brancas e amarelas.

— Nossa! Seu jardim deve ser lindo.

— Sim, é... mas você não me ligou para falar sobre o meu jardim. O que aconteceu?

— Já almoçou?

— Acordei agora. Nem café da manhã eu tomei, por quê?

— Quer almoçar comigo?

— Está me convidando para sair? — ironizei.

— Estou pagando minha dívida. Não quero lhe dever nada, portanto, pare de graça. Eu lhe devo um almoço, então só estou querendo ficar quite logo.

— Calma, não precisa morder. Eu aceito, mas quero lembrá-la que fui convidado para almoçar ou jantar em um boteco. Por acaso tem algum boteco aberto no domingo?

— Se estou convidando é porque tem, uai! Largue de bancar o espertalhão. Vinte minutos está bom para você?

— E ainda exige! Não fiz isso com você. — Ela resmungou algo que não entendi, mas fiquei feliz por tê-la aborrecido, eu gostava de vê-la irritada.

— Joshua, largue de bancar o besta. Você é homem, não precisa de duas horas para se arrumar. Estou descendo em vinte minutos e lhe esperarei na porta do prédio, ok?

— Sim, senhora! Tem mais alguma ordem? — Tinha a certeza de que ela havia entortado a boca.

— Sim, não venha parecendo um engomadinho... — Engomadinho, eu? — Vista uma roupa simples, vamos para um boteco, e não para um restaurante grã-fino.

Ela gostava de ser irritante.

— Não se preocupe, não irei envergonhá-la.

Engomadinho! Quem ela pensava que era?

Domingo. O dia mais dolorido para mim. Ele me lembrava demais da minha bailarina. Ela sempre inventava algo para fazer, nunca acordávamos tarde no domingo, porque ela dizia que precisávamos aproveitar cada segundo dele. Então, fazíamos amor bem cedinho e depois eu fazia o nosso café da manhã. Depois da refeição fazíamos amor novamente, tomávamos banho e repetíamos a dose, para só então irmos passear no Central Park. Depois do passeio... Meu Deus! Por que estou

cutucando minhas feridas? Respirei fundo. Entrei no quarto e fui para o banheiro.

Por que aceitei o convite?

Não estava muito a fim de sair. Aos domingos, ficava muito mais irritado do que o de costume. O melhor era retornar a ligação e desmarcar o almoço. Eu não seria uma boa companhia, nem hoje nem em outro dia.

Não, você não fará isso.

Escolhi vestir uma calça jeans surrada, uma camiseta preta de malha e uma camisa quadriculada de mangas compridas dobradas até os cotovelos, azul clara, aberta. Se era para ficar despojado, que fosse. Calcei os sapatos e chamei o substituto do Frota, Lucio.

Laura já estava me esperando quando eu cheguei. Só estava dois minutos atrasado e ela já parecia impaciente. De longe, eu a observei.

Sim, ela estava se escondendo do mundo. Vestia um vestido cinza longo, largo, com uma blusa de mangas compridas na cor negra e com alguns riscos brancos, muito maior do que o seu tamanho. Nos pés, uma sapatilha. E os cabelos em seu habitual coque, no alto da cabeça. Ela não usava nenhuma maquiagem, sequer um batom.

— Demorei? — perguntei de propósito. Ela entortou a boca e não disse nada. — E aí, como estou? Estou vestido para o boteco? — Do jeito que ela me olhou pensei que ia me engolir só com os olhos.

,— Joshua, deixe de modéstia, você sabe que mesmo que quisesse parecer um mendigo nunca pareceria um. Você continua o mesmo, só mudou de roupa.

Percebi amargura em sua voz. Ela não estava se referindo às minhas roupas, mas à minha pessoa. Não sei quem a machucou, só sei que ela estava me comparando com essa pessoa.

— Laura, não são as roupas ou a conta bancária de uma pessoa que medem sua integridade, caráter e personalidade. Quando uma pessoa tem que ser digna e correta, não interessa se está vestindo uma roupa de marca ou um trapo. Nem todas as pessoas são iguais. Quer saber, você não me deve nada, não precisa pagar a droga do jantar que eu lhe ofereci.

Virei as costas e comecei a andar em direção ao meu carro. Já estava cansado de suas indiretas. Eu sabia que ela tinha os seus problemas, mas eu também tinha, e nem por isso ficava descontando nela.

— Joshua, você é bem esquentadinho!

Bem, se ela queria interromper meus passos, com esse tipo de atitude só iria conseguir me fazer correr. Continuei andando.

— Joshua, pare de bancar o temperamental! Desculpe-me, não tive a intenção de lhe ofender. Quando comentei sobre sua roupa eu quis dizer que você fica bem até vestido de mendigo. Foi isso, estava elogiando você. — Ai, merda, eu meti os pés pelas mãos.

— Desculpada. — O jeito foi me fazer de vítima. Só esperava que funcionasse.

— Pronto para encarar um PF? — Funcionou.

— Não vejo a hora. Vamos, meu carro está logo ali.

— Não precisamos ir de carro. Fica perto, podemos ir andando.

E era perto mesmo. Em menos de cinco minutos já estávamos em frente ao barzinho. Era um pequeno bar e restaurante. Eles serviam self-service e PF.

— Por favor, não puxe a cadeira para mim, aqui nesse bar ninguém faz isso e eu não quero pagar mico. — Ela esticou o corpo para perto e cochichou.

— Fique fria, mesmo que eu fizesse isso, você com certeza não se sentaria. Quem não quer pagar mico sou eu. — Devolvi a indireta.

Nos sentamos e um rapaz veio nos atender.

— Dois PFs, por favor. — Ela pediu antes de mim e quase chuto a sua perna.

— Cervejinha *pra* beber? — ele perguntou

— Não, uma jarra de suco de laranja. — Dessa vez fui mais rápido.

Assim que o rapaz foi embora, recebi um chute na perna.

— Ai, o que eu fiz? — Olhei para ela, confuso.

— Pare de pedir as coisas. Quem vai pagar a conta sou eu, esqueceu?

— Se o problema é esse, eu pago o suco e a sobremesa, ok?

— Não, eu pago o suco e nada de sobremesa, você já está abusando. — Revirou os olhos e fez uma careta. Isso me lembrou a minha bailarina.

Não era hora para lembranças. Não agora, não nesse momento.

E veio o famoso PF. Quase morro só de olhar. Era muita comida, provavelmente daria para dividir o meu prato com umas três pessoas.

— E aí, o que acha? É comida *pra* uma boiada, diferente dos restaurantes grã-finos, né? Lá é um prato enorme e um tiquinho de comida, aqui o prato é pequeno e um *tantão*.

Ela tinha razão. Só não sabia o que eu faria com tanta comida, porque era um pecado desperdiçar.

Havia macarrão, uma coxa e sobrecoxa de frango assado, uma linguiça, um pouco de salada de alface, vinagrete, verdura com maionese e purê de batatas. Tudo no mesmo prato. Eu nem sabia por onde começar. Laura sabia, então resolvi acompanhá-la.

Bem, nem eu nem ela conseguimos comer tudo e ficou mais da metade nos dois pratos. Fiquei triste de tanto comer, acho que não pensaria em comida até o outro dia. Ela se levantou.

— Vai para onde? — perguntei.

— Pagar a conta. Promessa é dívida, não quero lhe dever nada.

Ela sabia estragar um momento. Mas pelo pouco que a conhecia, já deveria prever isso. Engoli meu orgulho e fiquei quieto. Ela foi até o balcão, tirou um cartão de crédito da carteira e entregou ao rapaz. Voltou toda sorridente, como se tivesse ganhado na loteria.

Se ela ficava feliz com isso, por que não permitir que ficasse?

— Sorvete! O sorvete eu pago. — Me levantei e saímos do restaurante no caminho a uma pequena sorveteria na praça.

— Você paga o seu e eu o meu. — Ela era teimosa feito uma mula e muito mais rápida, quando dei por mim, já havia pagado pelo seu.

Fiquei tão aborrecido que nem quis mais o sorvete.

— Por que isso, Laura? Será que não posso simplesmente pagar algo para você sem ser considerado uma ofensa? Qual o seu problema?

Ela parou e me encarou com aqueles olhos azuis tão expressivos.

— Não tenho problema algum. Não gosto de depender de ninguém, só isso.

Aquela resposta não me convenceu.

— Isso é ridículo, eu podia perfeitamente pagar o almoço, o sorvete, e isso não seria nada demais. — Estava tentando me controlar, pois já estava perdendo a paciência.

— Ridículo? Pois saiba que por trás das gentilezas sempre há algum interesse, portanto, enquanto eu pagar as minhas próprias contas, ninguém me exigirá nada em troca. — Estávamos parados na praça, um olhando para o outro desafiadoramente. Parecia prestes a travar uma grande batalha.

— Então é isso, você continua achando que quero levá-la para a cama, que quero me aproveitar de você. Não seja ridícula, eu não quero isso. Quando quiser sexo, sei perfeitamente onde buscar, e tenha a certeza de que não será com você. — Eu a avaliei de cima a baixo, com frieza. — Quer saber, Laura, eu a respeito tanto que desde que a conheci nunca pensei em nada além de amizade. Nunca passou por minha cabeça ter outro tipo de relacionamento com você, então fique com suas desconfianças de merda e passe muito bem, porque eu fui criado para ser um cavalheiro, mesmo que a mulher em questão não queira um. Boa tarde.

— Orgulhoso de merda! — gritou.

— Não, não sou orgulhoso, Laura, só não gosto de ser tratado como se não existisse... — Ficamos novamente frente a frente, sequer lembrávamos que estávamos em uma praça pública. — Sou o que sou e não vou mudar. Gosto de abrir a porta do carro e de puxar a cadeira. A mulher que estiver ao meu lado sempre será conduzida por mim, sempre mandarei flores, pagarei as contas, e nenhuma mulher é obrigada a ir para a cama comigo só porque faço isso. Se ela for, será porque quer e me deseja.

Eu a segurei pelo cotovelo, já estávamos dando show demais.

— Solte-me, não me toque.

— Sem escândalos. Vou levá-la para sua casa e depois irei embora. — Fui firme. Ela me afastou, empurrando-me.

— Não preciso de guia, sei perfeitamente o caminho. — Passou na minha frente, sussurrando palavrões.

— Estúpida! — gritei atrás dela, tentando segurá-la.

— Estúpido! — devolveu.

Quando chegamos ao seu apartamento, ela abriu o portão, mas eu a impedi de fechá-lo e fui atrás dela. Ainda no primeiro andar, consegui alcançá-la e a puxei pelo braço, jogando-a na parede. Meus braços aprisionaram seu corpo, impedindo-a de fugir. Mantive a distância, pois sabia que ela não gostava de ser tocada, mas ficamos muito próximos um do outro. Ambos com os olhos fixados, respirações aceleradas, corações batendo forte.

— Você é muito irritante, sabia? — disse. Estava fulo, eu queria... sei lá o que eu queria, ela me deixava cego.

— E você é um desgraçado petulante, odeio você — ela disse entredentes. Seus olhos pareciam dois ímãs e sua boca estava me deixando zonzo.

— Eu também odeio você, sua maluca de uma figa. — Fiquei hipnotizado. Mas o que estava acontecendo comigo? O que eu estava fazendo? Me afastei, nervoso. Passei a mão pelo cabelo. — Acho melhor esfriarmos a cabeça. Prometo que não a incomodarei mais, não se preocupe. Hoje foi o último dia que você me viu. Passe bem, Laura. Adeus!

Ela ficou encostada na parede, tentando recuperar o fôlego. Desci as escadas sem olhar para trás, entrei no carro e fui embora.

De complicado, já bastava eu.



Lhaura

— *Lhaura, se depender de mim, o nosso casamento será feliz. Estou disposto a recomeçar do zero. Podemos fazer uma longa viagem para onde você quiser, podemos morar onde você quiser, não me importo, só quero fazê-la feliz. Podemos até tentar ter outro filho... Querida, eu posso ser culpado de muitas coisas, mas não fui o culpado pela morte do seu pai. Eu senti muito a morte dele, gostava mais dele do que do meu próprio pai. Me perdoe, me perdoe por tudo o que a fiz passar. Eu a amo e você sabe disso, portanto, nos dê uma oportunidade de sermos felizes.*

Ele permaneceu parado, de costas, acho que esperava por alguma resposta.

— Eu... eu não sei. Não confio em você, nem sei se voltarei a confiar. Eu... eu só estou aqui porque não quero ir para uma clínica psiquiátrica, só por isso. Porque se não fosse por esta situação, eu já estaria na casa dos meus pais, longe de você.

— Isso não vai acontecer, Lhaura! Eu já disse que você pode escolher o céu ou o inferno. Você sabe que posso fazê-la feliz. Seja inteligente, pois ou você fica comigo, ou a interno em um manicômio, e acredite, tenho meios para fazer isso.

— Não! Não!

Acordei assustada, com o coração quase saindo pela boca. Tremendo e com a respiração acelerada, empurrei a porta do armário, arrastando-me para fora. Mesmo me escondendo, ele sempre encontrava uma maneira de me achar. Não havia como escapar de Felix Santini, ele tinha razão, nunca me livraria dele... nunca.

Sentindo o medo torcer as minhas entranhas e dar um nó apertado nelas, arrastei-me e me levantei. Vaguei em direção à janela, afastei as cortinas e olhei o movimento das pessoas na rua. A vida estava a todo gás, as pessoas percorriam seus caminhos, cada uma com destino e pensamentos próprios, indiferente às dores dos outros. Olhei para cima e podia ver o sol começando a atingir o topo dos casarões à minha frente, aquecendo-os depois de uma noite fria.

A madrugada, além de fria, foi perturbadora, pois meus últimos dias tinham sido muito agitados e estranhos. Algo estava acontecendo dentro de mim, eu só não sabia e não entendia o que era.

É, Lhaura, seja o que for que esteja acontecendo, você só precisa manter o foco e procurar se manter invisível. Se ocupe com seu trabalho e permaneça quieta, isso a manterá afastada de tudo e de todos.

Sem pensar muito, fui rapidamente até as minhas malas, que sempre mantinha arrumadas e prontas para serem fechadas caso eu precisasse fugir. Comecei a vasculhar a primeira e peguei duas peças de roupa, uma saia longa preta e uma blusa de mangas compridas estampada com pequenas flores, nas cores cinza e branco. Elas não eram bonitas, nem favoreciam meu corpo. Eram largas e escuras demais, apropriadas para uma senhora, mas eram os tipos de vestes que eu deveria usar.

Depois do banho, tomei um café rápido, calcei minhas sapatilhas e caminhei tranquilamente para fora do apartamento, com cuidado para não fazer muito barulho. Não gostava de chamar a atenção para os meus horários, apesar de saber que os dois apartamentos do andar abaixo do meu estavam vazios. Escutei vozes animadas vindas do andar térreo, respirei fundo e parei. Essas pessoas não ficariam por muito tempo no hall de entrada, uma hora teriam que ir embora. Já estava sem conseguir encontrar uma saída para a minha situação. Ou eu enfrentava as pessoas lá embaixo ou voltaria para meu apartamento. Ficar de pé nas escadas, escondida, não era a solução. Não era uma hora muito boa para qualquer companhia, mesmo que de estranhos. Desde que fugi para cá, minhas únicas companhias ou "amigas" eram a Sara e a Nora. Mesmo assim, eu sempre estava... sozinha. Gostava de estar sozinha.

Na verdade, virei especialista no assunto solidão. Especialista em afastar os outros, mantê-los bem longe de mim e ficar em paz sem nada além dos meus próprios pensamentos. Só assim eu conseguia manter as memórias trancafiadas em minha mente perturbada. Era difícil conversar, pois sempre me faziam perguntas que traziam minhas lembranças de volta. Escutei o portão abrir e depois se fechar. Eles tinham ido embora.

Desci as escadas correndo, não queria correr o risco de encontrar mais alguém. Abri o portão apressadamente, e lá fora havia gente por todos os cantos, algumas admirando a paisagem e outras correndo contra o tempo. Olhando em volta, como se estivesse fazendo algo que não deveria, ou como se estivesse me escondendo de alguém, apressei meus passos até chegar em frente à entrada do prédio da escola de música. Respirei fundo, como se tivesse acabado de vencer uma maratona importantíssima.

— Laura... Laura... — Senti o toque de uma mão em meu ombro.

O som daquela voz tão próximo me fez pular e eu puxei meu ombro, livrando-me do toque. Eu me virei para ver Sara, me avaliando com os olhos, como se eu fosse uma pessoa de outro mundo. Provavelmente fosse mesmo, depois do Felix, eu era qualquer coisa, menos um ser humano normal. Os sons do ambiente à minha volta ecoaram nos meus ouvidos e aquilo me incomodou, por isso comecei a me sentir um pouco mal e o meu coração saltou uma batida. Não era hora para ter um ataque de pânico.

— Laura, você está bem?

Olhava para a Sara, mas era como se ela não estivesse ali. Eu simplesmente não conseguia visualizar o seu rosto.

— Eu... eu preciso me sentar...

Segurei na parede, estava tonta e com falta de ar. Depois disso não vi mais nada. Acordei em uma das salas de descanso da escola.

— Ah, você acordou! — Sara sentou-se ao meu lado. Ela até tentou segurar minha mão, mas a puxei. — Desculpe-me, às vezes eu me esqueço que você tem TOC. — Seus olhos questionadores me avaliavam. — Laura, quer ir ao hospital? Você está muito pálida e gelada, isso não é normal.

Eu não sou normal, Sara.

— Estou melhorando. Só preciso de um tempo, daqui a pouco fico normal. — Quero dizer,

quase normal.

— Descanse quanto tempo quiser, dispensei seus alunos do primeiro horário, portanto, não se preocupe. Durma um pouco.

— Você não devia fazer isso. E a Nora? Ela vai pirar quando souber.

— Foi ela mesmo quem mandou. Depois de sua apresentação de sábado, você agora é a joia rara dela.

Já havia me esquecido disso. Hoje teria uma conversa séria com a Nora, se fosse para voltar a me apresentar para grandes plateias, não poderia substituir mais ninguém.

— Laura, queria muito me desculpar. Depois que você me contou sobre o que aconteceu com o Enrico, não nos falamos mais. Eu tentei falar com você depois do concerto, mas você não atendia o celular. Pensei que estivesse zangada comigo.

— Você não teve culpa, Sara, eu só não queria mais falar sobre o assunto e nem quero. Só mantenha aquele louco bem longe de mim.

— Não se preocupe, contei para o Daniel e ele ligou para o pai deles. O doido do Enrico já está bem longe de Canela e ficará um bom tempo sem vir para os lados de cá... — Sara me lançou um olhar indulgente. — Perdoe-me por ter deixado você sozinha, estou me sentindo tão culpada que nunca irei me perdoar. Nem quero pensar no que teria acontecido se aquele maluco tivesse conseguido...

— Não aconteceu nada. Por favor, esqueça isso, não quero lembrar daquela noite — supliquei. E não queria mesmo, queria esquecer de tudo, principalmente da presença do Joshua.

— Está bem, não tocarei mais no assunto. Vou deixá-la descansar. Se precisar de alguma coisa, me ligue, ok?

— Ligo, sim, mas só preciso de alguns minutos. Já, já estarei bem.

Ela saiu e acenou sorrindo antes de fechar a porta. Gostava dela, era meio doidinha, mas gente boa.

Respirei fundo e fechei os olhos. Ter aquela conversa com Sara trouxe de volta lembranças que havia ocultado. Quando uma lembrança me afetava eu sempre tentava me desconectar para que ela não trouxesse outras piores. Uma delas era a de Joshua. Por que ele me incomodava tanto?

Só de lembrar daquela maldita noite quando fui atacada e o vi socando o Enrico... fiquei tão confusa que não sabia se agradecia ou brigava com ele. Quando ele veio em minha direção, todo preocupado e meu coração quase saltou em meu peito, batendo fortemente, amaldiçoei meu corpo por responder com tanta euforia. Cada célula dentro de mim gritava, suplicando para eu fugir. Joshua me deixava extremamente desconfortável, confusa e indefesa. Sinceramente, começava a não confiar em mim perto dele. Minhas defesas diziam que eu precisava ficar longe, mas elas não gritavam alto suficiente, pois naquela noite aconteceu de tudo um pouco, menos distância.

E quando ele foi embora... ainda lembro do seu rosto perto do meu, até pensei que ele fosse me beijar. O calor do meu corpo fez meu sangue formigar minha pele. Ele estava tão próximo, os olhos fixos nos meus, os lábios brilhando, tão convidativos... pareciam tão saborosos. Realmente não sei o

que teria acontecido, caso ele me beijasse.

Beijasse! Ficou louca, Lhaura? Ele mesmo disse que não queria nada mais que amizade, e você estragou tudo no domingo.

"Não seja ridícula, eu não quero isso. Quando quiser sexo, sei perfeitamente onde buscar, e tenha a certeza de que não será com você. Quer saber, Laura, eu a respeito tanto, que desde que a conheci nunca pensei em nada além de amizade. Nunca passou por minha cabeça ter outro tipo de relacionamento com você..."

Tremi ao lembrar aquelas palavras. Aquele ser petulante tinha acabado comigo, ele soube me colocar em meu devido lugar. Mas o que eu queria? Será que achava mesmo que um homem como o Joshua iria se interessar por uma garota problemática, confusa, destroçada e maluca, como ele mesmo me chamara? Não, ele tinha razão, não seria eu a escolhida para dividir a cama dele.

Mesmo porque ele nunca conseguiria me fazer deitar nela, antes que isso acontecesse eu o colocaria para correr com os meus traumas em não ser tocada.

Maldito Felix, mesmo longe, ele continuava dominando a minha vida, minhas vontades e meu corpo. Aquele demônio possuiu mesmo a minha alma. Ele conseguiu manter a sua promessa.

Ele não deixaria homem algum tocar em mim

Meu estômago se revirou quando pensei em todas as coisas que ele fez comigo e tudo o que me obrigou a fazer. As dores, as humilhações... eu até poderia ter gostado de tudo aquilo, se ele não me obrigasse, não exigisse com violência.

Estou tão destruída, que homem iria me querer? Todos que tentaram me tocar sofreram as consequências do meu repúdio, meu horror e medo. Até os DOMs do clube de fetiche desistiram de me dominar. Heitor achava que não havia percebido, mas aquela desculpa de que não tinha nenhum DOM disponível era só para não me deixar constrangida. Eu sabia que eles se falavam entre si, e certamente eu já estava com a fama de ser a louca do clube.

Balancei a cabeça para dispersar as lembranças da bagunça que eu havia me tornado. Acho que nunca mais serei uma pessoa normal, nunca mais sentirei o calor de um corpo masculino sobre meu, o prazer do sexo e de ter um homem me preenchendo, movendo-se dentro de mim. Mãos, boca, língua, dedos... não, isso eu certamente nunca mais sentirei.

Fechei meus olhos e os meus pensamentos voltaram para a tarde de domingo, quando Joshua me seguiu até as escadas do meu prédio e me prendeu contra a parede. Seu hálito quente em meu rosto, seus olhos me devorando, sua boca... seu corpo grande, quente e cheiroso... Será que se ele tentasse me tocar ou até roçar levemente os lábios nos meus, eu teria deixado?

Não sei explicar, mas ele tinha algo de diferente. Tanto que no sábado ele me tocou, me abraçou, e eu senti o calor do seu corpo, mas não o repudiei, não o chutei para longe, nem gritei.

Só aceitei sua proteção. No fundo eu sabia que ele não me machucaria. Talvez o medo da multidão tenha bloqueado o meu medo do toque masculino. Mesmo assim, não me sinto segura e não quero me envolver com ninguém. Não quero e não posso. Eu só quero viver uma vida normal, poder fazer sexo outra vez, beijar, abraçar e sentir prazer. Só isso. Não desejo necessariamente me apaixonar, só ter a minha vida sexual de volta.

Sentei-me de repente e puxei o ar com força. Precisava conversar com alguém, minha cabeça estava confusa demais. Esses últimos dias foram muito perturbadores, eu estava sentindo coisas que não sabia explicar, e estes sentimentos eram complicados demais para a cabeça de uma garota perturbada, por isso, precisava conversar com alguém.

O psiquiatra. Sim, ele mesmo. Eu não precisaria abrir o leque de tudo que estava sentindo, mas poderia pôr para fora as minhas angústias.

Peguei meu celular. Stevan sempre me dizia que quando eu precisasse estaria pronto para me receber.

— Stevan, posso ir aí hoje? — Eu mal o deixei falar.

— Que horas?

— Agora. Eu preciso vê-lo agora.

— Venha, pedirei para o próximo paciente vir daqui a duas horas, ele queria mesmo um outro horário.

Peguei minha bolsa e saí da sala de aula.

— Vou ver o Stevan e volto no horário do almoço — avisei a Sara. Ela ainda tentou me dizer algo, mas eu saí às presas sem olhar para trás.

Vinte minutos depois, o táxi me deixou em frente ao prédio do consultório do meu psicoterapeuta. Viver em Canela era como viver em uma cidadezinha da Suíça, você se sente um verdadeiro europeu. As casas, os prédios – não muito altos – são muito parecidos com aquele belo país. Eu amava essa cidade e a sua vizinha, também – Gramado –, mas preferia a minha linda Canela.

Entrei na sala e a recepcionista foi logo me mandando entrar.

— Bom dia, Stevan, desculpe-me vir assim fora do meu dia de consulta, mas eu precisava.

— Fico feliz em ver que você quer vir ao consultório, na maioria das vezes vem por obrigação, não é verdade? — Ele já estava sentado e faz um gesto em direção à poltrona com a mão esquerda. Fui até a confortável poltrona e me sentei. — Então, eu acho que estamos fazendo algum progresso — disse ele enquanto dobrava a folha do seu caderno, e começava a balançar a perna, o que me dava um nervoso. — Estou certo? Então me conte, o que a atormenta tanto?

Ele sempre tinha esperanças de que um dia eu finalmente tivesse forças para sair de minha concha, dizia algumas vezes que ainda me veria sorrir de alegria. Ou era muito otimista ou queria me dar falsas esperanças só para se livrar de mim, pois na verdade me achava mesmo um caso perdido.

— O que tem aí dentro desse coraçãozinho que a está atormentando tanto? — Como ele sabia que era o meu coração? Às vezes, eu achava que meu psiquiatra era um bruxo. — As coisas devem estar bastante confusas, não é? Conte-me o que a aflige. — Ele era um bruxo, sim.

Sorri com a bobagem que acabara de pensar. Ele podia até imaginar que eu estava confusa, mas tinha a certeza de que não sabia com o quê, pois nem eu mesma sabia.

— Laura, não posso lhe ajudar se você ficar calada. O que a está deixando tão agitada, a ponto de correr para cá? Desde que começamos sua terapia, você nunca me ligou pedindo para vir conversar comigo.

Olhei para as minhas mãos e comecei a girar os polegares um em volta do outro. Esse era meu mecanismo de fuga, olhar meus polegares girarem era como rodar em círculos em volta do Stevan e escapar de suas inquisições.

O que há com você, Lhaura? Queria tento vir aqui e agora está se escondendo?

— Então — Stevan continuou —, o que há de tão difícil? — Ele fez uma pausa na esperança de que eu pudesse contribuir com algo para a nossa conversa. — São as suas apresentações? Elas estão assustando você? Estão lhe tirando da sua zona de conforto, não é? Eu fui em sua apresentação no sábado e vi o quanto o teatro estava lotado. Quando você não veio cumprimentar o público, eu tive a certeza de que havia fugido. Teve um ataque de pânico, não foi?

Deixei escapar um suspiro de alívio. De repente ele me ajudou, pois tinha por onde começar sem precisar dar nomes aos bois.

— Não estou pronta. — Inspirei. — Quando vi aquele monte de gente, foi como uma avalanche vindo em minha direção. Eu sabia que se ela me pegasse eu morreria sufocada, por isso corri. Não quero mais passar por isso, vou conversar com a Nora e dizer que da próxima vez que for substituir algum musicista ela terá que dizer a verdade às pessoas que comparam os ingressos. Que no lugar do músico se apresentará uma substituta, e que não haverá cumprimentos após a apresentação.

— Não acha melhor encarar a multidão outra vez? Se dê outra chance, Laura, afinal você conseguiu tocar e talvez na próxima vez consiga ao menos receber algumas pessoas para um breve diálogo no camarim. Não precisarão se tocarem. — Ele sorriu. — Então, estou muito orgulhoso de você. Não volte atrás, continue seguindo adiante.

Se ele soubesse o que passei e que só sobrevivi porque um anjo me protegeu com suas asas...

Voltei meus olhos em sua direção. Ok, talvez estivesse sendo uma covarde, me escondendo não só da multidão, mas dos homens em geral, no entanto, tinha meus motivos. Não podia simplesmente surgir para o mundo, afinal eu era uma fugitiva e o meu algoz, com certeza, não havia desistido de me capturar. Aquele demônio nunca desistiria de mim e Stevan não sabia disso. Ele voltou a sorrir, olhando-me com aqueles olhos avaliadores, como se estivesse lendo minha mente e tentasse descobrir o que eu escondia.

— Então, vai se encher de coragem e encarar esse fantasma que está tentando levá-la de volta para a escuridão?

Respirei fundo e redirecionei o meu olhar. Seus olhos, cheios de esperança, encontram os meus.

— Sinto muito, não estou pronta. Naquele sábado, além do medo, eu senti novas sensações, foi como se estivesse completamente perdida em uma névoa de emoções diferentes, nunca antes sentidas. Não sei o que eram e não estou sabendo lidar com isso. É como se essas emoções pudessem me levar para caminhos desconhecidos, e não gosto disso. Andar por lugares diferentes dos quais estou acostumada me apavora, pois fico sem defesa.

Ufa! Consegui, falei tudo e não precisei citar nomes nem acontecimentos.

— Laura, o que estou vendo aqui é um grande progresso. Você conseguiu se expressar muito mais do que nesses quase dois anos de terapia. Sabe quantas palavras você conseguiu me falar nesse

tempo? Em algumas sessões você entrava muda e saía calada, e em outras, falava dois ou quatro monossílabos. Estamos progredindo, e isso graças a você, que deu o primeiro passo. Portanto, não volte para a sua concha e tente mais uma vez.

— Vou pensar.

Ele olhou para o relógio à sua esquerda, era o sinal que a consulta havia acabado. Me levantei e ele me acompanhou até a porta.

— Gostei por ter me procurado fora do seu dia de consulta, sempre que precisar é só me ligar.

— Obrigada por sua paciência.

— Continue com a medicação. Na próxima consulta, dependendo do que conversarmos, talvez eu diminua a dosagem. Até mais, Laura.

Ele voltou para a sala e eu fui embora. De alguma forma estava me sentindo melhor. Não que a nossa conversa tivesse desfeito os nós da minha cabeça, mas ela me deu mais ânimo.

Voltei para a escola. Sara estava saindo para almoçar, aproveitei e a acompanhei. Eu tinha pouco tempo, pois queria voltar logo para pegar meu violoncelo e tocar algo, assim teria disposição para minhas aulas da tarde.

— Como foi a consulta? — ela perguntou assim que nos sentamos. Começou a cortar o bife.

— E o meus alunos, não reclamaram? — Eu estava mais preocupada com meus alunos, afinal, não trabalhei na parte da manhã e não gostava de faltar às minhas atividades.

— Eles entenderam, afinal de contas você agora é a musa deles. — Ela revirou os olhos.

— Musa, nada. — Engoli o suco, depois levei uma garfada de salada verde à boca. — Mais tarde terei uma conversa com a Nora, não quero cumprimentos em minhas substituições. Eu sou apenas uma mera substituta e era esse o nosso trato, sem cartaz, sem camarim, sem divulgação de nome.

— Se você quer continuar no anonimato, que jeito. O que sei é que outro músico em seu lugar já estaria na sala dela fazendo uma porção de exigências, principalmente um aumento de cachê.

— Não quero nada. Só quero paz, apenas isso.

— E por falar na sua apresentação, um amigo meu estava lá e ficou encantado com você.

Eu já conhecia esse refrão. Outro alguém também havia se encantado com minha apresentação e deu em merda.

— Eu a conheço, Sara. Nem vem, não quero conhecer ninguém, o último quase me violentou.

— Ei, pode parar! O Enrico não foi culpa minha, nem gostava dele, e ele foi à minha festa de ousado. Mas o Túlio, esse eu tenho certeza de que você vai amar, ele é estudante de psicologia...

— Como é que é? Quer que eu seja cobaia agora? Não vá me dizer que andou contando os meus problemas de TOC para esse seu amigo?

— Calma, Laura, nunca conversei com ninguém sobre os seus problemas, mas achei que seria ótimo se relacionar com alguém que estuda a mente. Ele certamente será mais compreensivo do que os outros, não acha?

— Sara, você tem que parar de arrumar encontros para mim, isso não tem funcionado. Eles sempre fogem, e com toda a razão, e esse tenho certeza de que não será diferente.

— Por favor, amiga, aceite. Nem precisa ser um encontro de verdade. Se você não quiser nada com ele, pelo menos terá um novo amigo. Tente, é só isso que te peço.

Ela tinha razão, não custava nada tentar. Se não houvesse química entre nós, pelo menos poderíamos nos tornar amigos. Vai que com um futuro psicólogo eu consiga pelo menos dar uns beijos. Sinto tanta falta disso e de todo o resto também, mas dar uns beijos já seria um bom começo.

— E para quando é o encontro? — perguntei quando empurrei o prato vazio.

— Hoje à noite. — Olhei para ela com aquela expressão de quem diz: *você já havia planejado tudo*! — Não me olhe assim, você aceitando ou não, eu iria sair com o Daniel, ele só deu a ideia de chamar você e o Túlio.

— Está bem.

— Oba! — Ela soltou um grito tão entusiasmado, que até tomei um susto. — Eu trouxe mudas de roupas, podemos nos trocar na escola.

— Você mudará de roupa, eu não. Se esse tal de Túlio quiser alguma coisa comigo, ele vai ter que gostar da bruxinha assim. Agora vamos, preciso exorcizar meus demônios com um pouco de música. Hoje decidi que irei tocar piano. — Pensei no Joshua, ele me disse que gostava de piano e eu prometi tocá-lo para ele um dia, pena que ele não irá escutar. Eu me levantei e ela também. Enquanto íamos pagar as nossas contas, eu perguntei: — E esse Túlio é pelo menos simpático?

— Um gato! Lindo de viver, moreno, alto, cabelos encaracolados... gosta de uma academia, é todo trabalhado nos músculos, tem olhos castanhos brilhantes...

— Eita! Por que não fica você com ele? Pela descrição, você ficou doidinha pelo rapaz. O Daniel sabe dessa sua empolgação?

— Claro que não, você é doida? Mas o cara é lindo mesmo, acredite.

— Acredito. Depois que os seus olhos brilharam assim, eu acredito.

Às dezoito horas, Daniel veio nos buscar e o Túlio veio com ele. E realmente, ele era um enorme pedaço de mau caminho. Quando ele me viu, seus olhos brilharam como dois diamantes.

— Túlio, essa é minha amiga, Laura.

— Laura, esse é o Túlio, seu mais novo fã.

Ele sorriu, e me mostrou duas lindas covinhas. Não apertamos as mãos, e Sara disfarçou quando ele veio em minha direção para me beijar no rosto. Não sei se ele entendeu, mas não ficou constrangido. Dentro do carro do Daniel e a caminho do barzinho, descobri que ele tocava violão e era amante da música clássica desde pequeno. Nós tínhamos várias coisas em comum. Gostei dele, tinha uma conversa agradável, fluida e sorria muito. Não era afobado e logo entendeu, através dos meus gestos, que não gostava de ser tocada. O mais incrível é que isso não mudou o seu comportamento, ao contrário, ele se afastou um pouco e aumentou sua atenção para nossa conversa. Conversamos de tudo um pouco e só fomos perceber que estávamos sozinhos quando resolvi ir ao banheiro, pois procurei a Sara e não a encontrei.

— Cadê a Sara? — perguntei ao Túlio.

— Não sei, será que eles foram embora?

— Você não planejou isso? — perguntei desconfiada. Se ele tinha planejado, acabava de perder todos os pontos.

— Claro que não! Juro, nem notei quando saíram. Vou ligar para o Daniel, só um minuto. — Esperei. — Cara, onde vocês se meteram? Ok, pensei que tinham ido embora. — Ele desligou o celular. — Estão vindo, estavam em uma mesa lá fora porque queriam nos deixar à vontade.

Eu vou matar a Sara!

Deixei o Túlio sozinho e fui ao banheiro. Quando voltei, encontrei os três sentados à nossa mesa. A noite foi muito agradável, finalmente consegui interagir com alguém e nasceu uma esperança. Será que rolaria algo? Será que finalmente daria o primeiro passo para a minha liberdade sexual?

Pedimos a conta e paguei a minha parte. Não permiti que o Túlio pagasse e ele teria que aceitar, se quisesse um segundo encontro. Acabamos marcando de almoçar juntos no outro dia. Claro que expliquei para bem as regras: cada um paga o seu e a amizade continua.



Já fazia uma semana que Túlio e eu saíamos juntos todos os dias. No terceiro dia que fomos jantar fora, ele tentou me beijar, e não nego que até tentei, mas não consegui. Bateu um desespero, uma aflição, e quase saí correndo, mas Túlio, percebendo que eu estava a dois passos de um ataque de pânico, recuou. Pensei até que ele iria embora, no entanto, ele só esperou e, minutos depois, perguntou se estava melhor. Só então ele me disse que já havia percebido que eu não gostava de ser tocada, por isso nunca tentava ir além de nossas longas e agradáveis conversas. Porém, para ele estava ficando quase insuportável ficar tão perto e não poder me tocar. Ele não queria só a minha amizade, queria algo mais afetivo, mas estava disposto a ir devagar, só que para isso precisaria confiar nele.

Se ele soubesse que não confio em homem algum...

Mesmo assim, encarei esse meu demônio, já que o único risco que corria era perder a amizade dele. Então, expliquei o meu problema e ele o aceitou, dizendo que iria me ajudar. Duvidava, mas iria pagar para ver. Só pedi para que tivesse paciência e fôssemos devagar. Ele só não sabia que seria *muito* devagar. Após aquela nossa conversa, o máximo que ele conseguiu, com muito custo, foi me dar um beijo leve nos lábios e tocar a minha mão.

Talvez hoje ele quisesse tirar a prova dos nove, pois me convidou para irmos ao *Magnólia Cine Gastro Pub*, que funcionava em um casarão dos anos 50, com arquitetura exuberante, decoração *vintage* e lustres de cristal. O espaço reunia restaurante, sala privê de cinema e bar. Eu sei que ele tinha planos para uma noite de paixão ardente, só não sei se esse plano dará certo.

A última vez que estive nua na frente de um homem foi no clube de fetiche, e isso fazia bastante tempo. Além do que, não foi uma experiência muito boa para o meu acompanhante, pois gritei tanto que o coitado precisou sair do quarto e pedir ajuda. Depois disso, o único que conseguiu tocar em mim foi o Joshua, mesmo assim, acho que isso só aconteceu porque estava apavorada devido à

multidão. E por falar nele, ele cumpriu mesmo a promessa, nunca mais o vi e nem nos falamos.

Às vinte horas estava pronta. Escolhi um vestido longo, de mangas compridas na cor cinza e largo, sem querer marcar as curvas do meu corpo. Para quebrar a sobriedade do vestido, arrisquei usar um colar prateado e um chale em volta dos ombros. Também inovei nos sapatos; em vez de sapatilhas, decidi calçar um par de botas sem salto, pois estava frio. Só não mudei meu penteado.

— Pontual como sempre — disse assim que entrei no carro do Túlio. Ele estava lindo em seu terno preto, não posso negar. Meus lábios coçavam para ser beijados por ele, mas eu sabia que o máximo que iria rolar, com muita insistência, seria um selinho.

— Você conhece o Magnólia? — Neguei, balançando a cabeça. — Tenho certeza de que vai amar. Reservei uma mesa em um cantinho especial, não quero que nada dê errado hoje, estou louco para beijá-la, Laura.

Ele dizia aquilo enquanto dirigia e sequer virava o rosto em minha direção, mas suas palavras não me causaram o furor esperado, pelo contrário, comecei a ficar nervosa.

Ele tinha razão, nunca tinha visto um lugar tão exuberante, tão exótico e luxuoso.

Enquanto jantávamos, tudo estava indo bem, mas Túlio se aproximou e os seus olhos encontraram os meus. Ele levou a mão até o meu rosto e começou a acariciá-lo. Congelei.

Ele se aproximou mais... e mais.

— Laura, não vou machucá-la. Eu sei que alguém lhe fez mal, alguém a machucou muito, mas não farei o mesmo. Eu quero beijá-la e depois quero levá-la para o meu apartamento e fazer amor com você. Quero provar que sou diferente do canalha que ousou fazer você ficar com medo de ser tocada. Feche os olhos e apenas se permita ser beijada...

Ele se aproximou, e meu Deus! Seus lábios tocaram os meus e eu senti vontade de morrer. Vi o Felix atrás dele, sorrindo diabolicamente. Eu queria, juro que queria que desse certo. Juro que queria me deixar ser levada ao paraíso pela paixão daquele beijo, mas meu demônio não permitiria. Eu não conseguia sentir o beijo nem a maciez dos lábios do Túlio. Só conseguia sentir... medo.

Então, eu o empurrei e lutei para não gritar. Meus olhos encararam o seu rosto, ele estava perplexo.

— Eu, eu sinto muito, mas isso não dará certo. Esqueça-me. — Não consegui, não consegui segurar o demônio, o pavor se apossou de cada célula do meu corpo e eu me levantei, arrastando a cadeira, fazendo um barulho ensurdecedor e levando alguns talheres ao chão. Eu corri, só queria me esconder para acalmar o meu algoz.



Joshua

Já fazia uma semana que não procurava Laura, mas nem por isso deixei de vir ouvi-la tocar todos os dias, no mesmo horário. Entrei no café e me sentei em meu lugar habitual, na varanda, com visão para rua e ao belo jardim de hortênsias azuis. A garçonete, assim que me viu sentar, veio sorrindo e anotou meu pedido, um café preto e forte. Estava saboreando-o quando vi Laura passar com uma amiga. Ela parecia apressada, então pude supor que estava indo para o seu violoncelo. Olhei meu relógio. Sim, era exatamente o mesmo horário de todos os dias. Olhei novamente para a rua, algumas pessoas já tinham colocado cadeiras na frente dos casarões e outras se sentavam nos bancos de cimento espalhados pela pequena avenida. Quando eu esperei o som habitual, escutei as teclas de um piano tocando *Moonlight Sonata* magnificamente. Foi então que lembrei que ela disse que um dia tocaria piano em minha homenagem. Não sei se ela sabia que estaria aqui, mas me senti homenageado. Fechei os olhos e viajei em meus pensamentos, envolvido pela extraordinária música.

Não fui para meu mundo particular, só voltei ao tempo. Há alguns dias, exatamente no domingo, quando empurrei Laura contra a parede do seu prédio e a prendi com o corpo. Ficamos frente a frente, e foi naquele momento que tudo ficou confuso. Ficar tão perto daquela moça irritante foi paradoxal. Ela conseguia, literalmente, me tirar do sério. Confundia completamente minhas emoções. Olhar para aqueles olhos tristonhos e ao mesmo tempo tão vivos e lindos acendia uma pequena faísca dentro de mim. Era perturbador, confuso.

Ela era complicada demais, e às vezes achava que gostava de me tirar da minha zona de conforto. Ela provocava, e eu não precisava de mais problemas, já tinha o suficiente. Por isso achei melhor me afastar, já que ela sempre achava que queria me aproveitar dela.

Foi melhor assim. No entanto, isso não me impedia de ficar aqui, sentado, tomando um café e escutando uma excelente música, nem que fosse por alguns minutos. Valia a pena, desde que ela não soubesse disso.

O barulho de vozes chegou aos meus ouvidos e foi quando percebi que a música havia acabado. Então, era hora de ir embora. Acenei para a garçonete, pedindo a conta. Ainda tive vontade de ir até a floricultura. Ela merecia as mais lindas flores, principalmente depois do espetáculo que acabara de me proporcionar, mas depois de tudo o que aconteceu e de tudo o que ela me falou, achei melhor não.

Entrei no carro.

— Para onde, senhor? — Frota me encarou através do espelho retrovisor.

— Para o hotel.

Deixei minha cabeça encostar no couro do banco e fechei os olhos. Continuava ouvindo o toque do piano. Não podia negar, Laura era perfeita, um anjo. O poder de sua música acalmava minha alma atormentada. Não dava para acreditar que um ser tão irritante e estúpido tivesse o dom de me acalmar. Perto dela, eu me sentia outro, não sabia explicar.

Mas no que estou pensando? Parei de respirar por alguns instantes. Apenas aquele pensamento era demais. Meu coração acelerou e meu estômago se agitou. Não, não, eu não podia pensar desta forma! Afinal, o que estava acontecendo comigo? Seria falta de sexo? Fazia algum tempo que não ia ao clube, que não aliviava minha tensão. Acho que estava precisando de um pouco de distração, as minhas duas cabeças não estavam boas.

— Irei resolver isso assim que chegar no hotel.

— Falou comigo, senhor?

— Não, Frota, falei comigo mesmo.

Entrei em minha sala e minha secretária veio logo atrás de mim.

— O que temos para hoje, senhorita Talita? Só espero que não sejam reclamações de hóspedes, hoje não estou com paciência para resolver picuinhas. E então, o que temos? — Sentei-me, joguei o celular na mesa e lancei meu olhar impaciente para o belo rosto da minha secretária.

— O senhor tem uma reunião às dezessete horas e este é seu único compromisso de hoje. — Ela colocou o tablet em minha mesa, mostrando-me a pauta da reunião. — Ah, o senhor Heitor ligou. Ele tentou ligar para o seu celular, mas estava desligado. Pediu para que retorne o mais rápido possível. — O que será que ele tinha de tão urgente para falar comigo? — Quer um café?

— Um suco. — Já bastava de café por hoje. Peguei o celular e liguei para Heitor.

— Heitor, o que aconteceu? Fiquei preocupado, você não é de me ligar com tanta urgência.

— Se acalme, cara. É notícia boa, acho que vai gostar.

Era tudo o que precisava no momento. Uma boa notícia e algo para distrair minha cabeça confusa.

— Estou precisando, manda... só um minuto. — Nesse momento minha secretária entrou em minha sala, trazendo meu suco e uma cestinha com algumas guloseimas. Agradeci e a esperei sair. — Continue.

— Sabe a Linda Silver?

Vasculhei a memória, tentando juntar o nome à pessoa. Então esta surgiu em minha mente libertina. Uma loira espetacular, de cabelos longos, olhos castanhos, o corpo cheio de curvas e uma bunda que me deixava louco. Além de muito sacana e depravada, ela tinha um senso de humor extraordinário. Eu gostava de mulheres de bem com a vida. Ficamos juntos várias vezes desde que vim para Gramado, ela dizia que eu era o seu "preferido". Ela também era a minha preferida.

— Ela voltou do Canadá? Quando? — Linda havia me dito que faria uma viagem de alguns meses para fora do Brasil, e eu até lhe reservei uma suíte em um dos meus hotéis.

— Chegou ontem e já me ligou. Quer vê-lo, mas não aqui no clube. Como ela não tem seu número, pediu para avisar que estará à sua espera no Magnólia hoje à noite, às vinte e uma horas. A reserva foi feita no nome dela. Disse que estará lá com ou sem você.

Eu sei que estaria. Linda não se apegava a ninguém, ela gostava de sexo, e quando se interessava por um homem não tinha vergonha de dar em cima dele. Foi assim comigo, por isso tenho certeza de que sozinha ela não sairia do restaurante.

— Estarei lá. Estava mesmo precisando de uma boa companhia feminina esta noite.

— E que companhia, hein! Conheço uns vinte homens que fariam de tudo só por cinco minutos do tempo dela. Seu sortudo do caralho! Boa diversão.

— Obrigado, Heitor. Até mais.

É, nem precisei ir à procura de distração, a distração veio atrás de mim.

Cheguei ao restaurante no horário marcado, subi para o segundo andar e fui guiado para o segundo restaurante. De longe, avistei a belíssima mulher que me esperava. Bem, ela estava conversando com um homem e não estava na mesa que havia reservado, estava na dele. Linda não perdia tempo. Eu a conhecia, e o fato de ela estar de flerte com outro homem não me incomodou. Ela não me pertencia, era livre e podia ficar com quem quisesse. Se seu desejo neste momento fosse ficar com outra pessoa, eu respeitaria.

Assim que ela me viu, sorriu e voltou para mesa que reservou. Ficou de pé e aceitou meu beijo no rosto. Era o nosso único contato, e ela era a única que recebia um beijo meu, mesmo que fosse em cumprimento. Não beijava ninguém, nem fazia carinho. Meus carinhos e atenções eram voltados para a parte sexual. Nunca deixei a desejar, sabia como deixar uma mulher completamente louca de prazer, e isso era suficiente.

— Querido, como você está? — Afastei a cadeira para que ela pudesse se sentar.

— Estou bem, e você? — Abri o botão do paletó e me sentei. — Como foi de viagem, divertiu-se? Gostou da suíte?

— Adorei tudo e fui muito mimada em seu hotel. — Ela bebericou a bebida. Acho que já estava no restaurante há algum tempo. — Me diverti muito e consegui tirar o estresse do Brasil. Pretendo fazer outra viagem, mês que vem. Encontrei uma ótima companhia, um alemão lindão! Ele me convidou para passar uma temporada na Alemanha e acho que vou aceitar.

Ela não perdia tempo e nem se prendia a ninguém. Talvez fosse daquelas pessoas que procurava o amor verdadeiro e buscava um pouco dele nas paixões que encontrava pelo caminho.

— Já faz tempo que chegou? — perguntei quando vi os seus olhos direcionados para o homem ao lado de nossa mesa. — Se quiser, podemos marcar para outro dia. — Eu não queria atrapalhar o flerte, seria uma pena renunciar a uma ótima foda, mas eu teria outra oportunidade.

— Não seja bobo! Estou louca para ter sua boca bem no meio de minhas pernas, ninguém sabe usar uma língua como você. Também ainda não encontrei um homem que sabe fazer um anal tão delicioso como você faz, portanto, o senhor não irá se livrar de mim. Mas... — Ela sorriu maliciosamente. — Isso não quer dizer que não possa provar uma língua como aperitivo, já que o senhor não beija.

Ela era impossível.

— Vá em frente, querida. Finja que não estou aqui — disse, enquanto levava a taça com água até a boca e olhava para o outro lado. Não queria constranger o homem quando Linda fez um gesto para ele, apontando em direção ao outro salão.

Foi então que eu a vi.

Laura, com um rapaz. Estavam em um canto reservado, mas não tinha como não notar. Ela destoava do ambiente com seu rosto pálido e suas roupas sóbrias. Ela parecia muito tensa e nervosa, então logo percebi o porquê. O rapaz se aproximara e a tocava. Aquele gesto me deixou nervoso. Meus dedos apertaram a toalha da mesa com força e eu quase me levantei e fui até lá. Não foi preciso. Laura se afastou bruscamente, disse algo para o rapaz, que a encarava assustado, como se não estivesse entendendo nada.

— Joshua... — Linda me chamou. Olhei rapidamente para ela e seus olhos foram em direção à Laura. — Você a conhece?

— Sim. — Voltei minha atenção para a outra mesa.

Laura o empurrou e saiu tão rápido quanto se levantou, levando consigo alguns talheres que fizeram um barulho quando caíram ao chão, chamando a atenção de algumas pessoas, inclusive a minha. Preocupado, me levantei. Foi automático, não sei explicar, mas eu sabia que ela precisava de ajuda. Reconheço uma pessoa em pânico de longe, e já a conhecia o bastante para saber que ela estava tendo uma crise. Olhei para Linda.

— Vá. Vá ajudar a sua amiga e não se preocupe comigo. Ficarei bem. — Agradeci com um aceno e segui a mesma direção que Laura tomou.

Encontrei alguns garçons no caminho.

— Vocês viram uma moça de vestido cinza e longo passar por aqui?

Um dos garçons apontou em direção às escadas.

Corri o mais rápido que pude. Quando a pessoa entra em pânico perde a orientação, o controle de tudo, ela só quer se esconder em algum lugar e se sentir segura.

Já no lado de fora do Magnólia, procurei por todos os lados, mas nem sinal da Laura. Fui em direção ao estacionamento e vi o Frota.

— Você viu a Laura?

— Ela foi naquela direção. Quer que o ajude a procurá-la?

— Não, mas ligue o carro e me siga.

Comecei a ficar desesperado, pois não via nem sombra dela. Até que, depois de procurar mais, eu a avistei. Ela estava agachada próxima a um poste de iluminação, abraçando o próprio corpo. Apressadamente fui ao seu encontro. Sabia que não podia gritar o seu nome e tampouco fazer qualquer movimento brusco, pois ela estava assustada demais. Então, quando cheguei perto o suficiente, me agachei.

— Laura, sou eu, Joshua — murmurei. — Laura, estou aqui. Eu a vi no restaurante e fiquei preocupa...

— Joshua... — Ela olhou para meu rosto. Estava tão assustada que, antes de dizer qualquer outra palavra, jogou os braços ao redor do meu pescoço. Ela estava muito fria e ofegante. — Ajude-me. Tire-me daqui. — Só tive tempo de sustentar seu corpo lânguido nos braços antes que ela desmaiasse.

Fiquei de pé e meus olhos procuraram meu carro. Frota já estava perto. Ele desceu e veio me

ajudar, tentando tirá-la de mim.

— Não, não toque nela. — Quase gritei. Ele até se assustou com o tom alterado de minha voz. — Não se preocupe, eu dou conta. — Frota sabia que não gostava de ser tocado, e não era a primeira vez que me via com ela nos braços. Na certa, pensou que estava sendo muito difícil suportar.

O que ele não entendia – nem eu – era que não queria que ninguém mais a tocasse.

Seguimos para o apartamento de Laura.

Não podia acreditar que ela estava em meus braços novamente, já estava se tornando rotineiro. Nossos encontros eram casuais e sempre assim, complicados e doloridos, para ela e para mim. Seus ataques de pânico refrescavam a minha memória e me remetiam a um passado não muito distante, quando eu mal conseguia me levantar da cama. O simples contato dos meus pés com o chão me deixava com a sensação de que estava sendo enterrado vivo. E o pior era que não fazia ideia do que acontecia com ela, mas pelos seus sintomas constantes, estava bem claro que ela não estava pronta para cruzar qualquer ponte que fosse. Eu me lembro bem como foi difícil, demorei muito tempo para sair da cama e muito mais tempo para sair do meu quarto. Às vezes, dependendo dos meus pesadelos, ainda tenho dificuldade de sair de casa.

Olhei para ela ainda em meus braços com o rosto escondido dentro do meu paletó, trêmula, encolhida e indefesa. Controlei até a minha respiração para não a deixar mais assustada. Ataques de pânico podiam até matar, se fossem recorrentes. Este simples pensamento me deixou muito, muito assustado. Ela não deveria morar sozinha. Será que não havia alguém que pudesse cuidar dela? Pelo menos eu tinha família e ainda tenho. E ela?

Frota parou o carro bem em frente à entrada do prédio, abriu o portão de ferro e subiu as escadas atrás de mim para abrir a porta do apartamento. Assim que consegui entrar eu o dispensei, avisando-o que se precisasse dele, ligaria. Laura mal respirava, continuava com o rosto escondido dentro do meu paletó e o corpo encolhido em forma de concha. Com cuidado, a coloquei na cama. Ela se agarrou a mim...

Deus, ela tocou em minhas costas e eu quis jogá-la longe... ninguém, só os médicos e enfermeiros tocaram em minhas costas após o acidente. Era a primeira vez depois de anos que outras mãos me tocavam ali. Precisei respirar fundo e equilibrar minha raiva para não gritar, não ser rude. A minha reação foi imediata, fiquei completamente tenso, mal conseguia me mexer.

— Laura, solte-me. — Suas mãos saíram das minhas costas, mas apertaram as abas do meu paletó. Ela não queria sair do meu colo. Como podia isso? Ela não gostava de ser tocada, estão por que me deixava tocá-la? — Laura, não estou em uma posição confortável com você em meus braços. — Estava curvado, tentando colocá-la no colchão.

— Não, não quero, quero ficar aqui. Por favor, não me deixe. — Mal conseguia escutar sua voz. E agora, o que faço?

Sabia que ela só implorava o calor dos meus braços porque estava apavorada. Quando estamos com medo, perdemos a noção do perigo. O medo se torna o nosso pior inimigo, e eu sabia que assim que recuperasse sua sanidade, ela começaria a me acusar de aproveitador ou coisa parecida.

— Laura, se acalme. Eu não irei a lugar nenhum, mas preciso colocá-la na cama. Você precisa

tomar seu remédio, ou terei que levá-la ao hospital.

Tentei outra vez deitá-la na cama e ela apenas aceitou, mas se encolheu completamente, escondendo a cabeça entre os braços.

Fui até o banheiro e peguei um dos frascos dos seus remédios. Eu sabia qual era o apropriado para a ocasião, era o mesmo que eu tomava. Enchi um copo com água e retornei para o quarto. Olhando para ela, era de dar pena.

O que aconteceu com você, moça? Quem a destroçou assim? Posso afirmar que fizeram o serviço completo.

Sentei-me, deixei o copo na mesinha e lentamente toquei em seu ombro. Ao sentir meu toque, ela se encolheu.

— Laura, sou eu. Tome, engula o comprimido e beba a água. — Peguei o copo. Ela saiu do seu esconderijo, abriu a boca e aceitou o remédio. Levei o copo aos seus lábios e virei-o com cuidado até perceber que ela havia tomado o suficiente. — Agora tente dormir um pouco. Quando acordar estará melhor.

— Você vai ficar. — Não era uma pergunta, era uma súplica.

— Sim, eu vou. — Eu queria acariciar seus cabelos, minha mão até se ergueu um pouco, mas me lembrei que o motivo do seu pânico foi que alguém a tocou, então só continuei sentado, olhando a sua figura destroçada, até que ela fechou os olhos.

Esperei alguns minutos até ter a certeza de que ela realmente fora vencida pelo poder do remédio.

Precisava sair daquele quarto. Precisava me afastar, ou ficaria louco. Ainda podia sentir os dedos dela em minhas costas, por cima do tecido de minha camisa. Minha pele formigava, queimava, e eu queria que aquela sensação desaparecesse. Saí do quarto, tirei o paletó, a camisa... precisava de alívio. Fui até a geladeira, joguei todas as pedras de gelo em uma vasilha, derramei água por cima e corri para o banheiro.

Liguei a torneira da pequena banheira e despejei o gelo na água. Livrei-me do resto das roupas, sapatos e meias. Ao entrar na água gelada, foi como se minhas costas exalassem fumaça, e o alívio foi imediato. Fechei os olhos e mergulhei. Ali, debaixo da água, não podia pensar em nada, principalmente naquela moça que dormia no quarto ao lado.

Saí do banheiro outro homem, completamente refeito da bagunça que as mãos de Laura provocaram em meu corpo e mente. Me vesti, sequei meus cabelos e tentei descansar um pouco, pois meu coração ainda estava muito acelerado. Deixei minha cabeça encontrar conforto no encosto do sofá e fechei os olhos, mas só por alguns minutos. Logo acordei com gritos abafados.

Laura!

Corri para o quarto, só que ela não estava na cama. Olhei em direção ao armário e lá estava ela, se debatendo com algum dos seus fantasmas.

— Laura, venha.

— Ele está aqui... ele, ele vai me levar de volta. Não deixe, por favor, não deixe. Não quero ir,

ele vai me machucar... vai me machucar. Por favor, não permita que ele me toque...

Eu a peguei nos braços. Não queria machucá-la, pois ela se debatia, enfurecida. Era como se alguém estivesse tentando tocá-la, mas não era eu, era outra coisa.

— Solte-me! Eu não vou, não vou! Eu o odeio, odeio... Socorro, anjo! Anjo!

— Laura, ninguém vai machucá-la.

— Você promete? — Ela se agarrou às abas do meu paletó, abriu os olhos e me encarou. Estava tão assustada, em pedaços... Meu Deus, o que aconteceu com ela? Por que tanto medo, tanta dor? — Promete que ele nunca mais vai me machucar?

— Se for para você se acalmar, eu prometo.

Minha respiração sumiu quando ela deitou a cabeça em meu peito e um dos seus braços rodeou meu pescoço. Meu passado voltou com força. A minha bailarina fazia o mesmo, todas as vezes que a colocava nos braços.

Ela não é sua bailarina, Joshua. Não é.

Deitei-a na cama, e quando ia me afastando, ela prendeu-se a mim novamente.

— Não, não me deixe. Se você ficar, ele não virá atrás de mim, porque demônios têm medo de anjos. Fique aqui, por favor.

Ela realmente me comparava a um anjo e eu queria muito saber quem era o demônio que a assombrava. Juro que daria uma lição no infeliz. Começava a odiar alguém que sequer conhecia e nem mesmo sabia se existia.

— Laura, me solte. — Segurava suas mãos, tentando afastá-las do meu corpo. — Eu fico, só preciso tirar o paletó e os sapatos. — Ela me soltou. Despi o paletó, retirei o cinto e os sapatos.

Não sei como isso funcionaria. Da última vez que estive deitado ao seu lado, ela estava dormindo e eu não fiquei por muito tempo. Só me deitava na cama com uma mulher para transar. Depois disso, era cada uma para seu lado. Eu simplesmente não conseguia mais dormir acompanhado. Reticente, me sentei na cama e encostei as costas na cabeceira. Duro feito uma pedra, regulando minha respiração e ansiedade, levei um braço para trás da cabeça e o outro deixei atrás da cabeça dela. Percebi que ela também estava assustada, tanto ou mais do que eu, pois seu peito subia e descia rapidamente e suas mãos apertavam o lençol.

Éramos dois mortos-vivos deitados em uma cama. Eu sei o que estava se passando em sua cabeça, era o mesmo que se passava na minha. A vontade de sair correndo para o mais longe possível.

O que estou fazendo? Por que cedi ao seu pedido com tanta facilidade?

O que há com você, Joshua?

Meu olhar baixou, fitando o corpo trêmulo da moça deitada ao meu lado, e só então percebi que ela estava chorando.

Não, não chore.

— Laura. — Ela soluçou e o seu corpo estremeceu. — Inferno, Laura. Que se danem os meus e

os seus medos. Venha cá. — Eu a puxei, trazendo-a de encontro ao peito. Ela se enrolou em meu corpo, escondendo o rosto em minha camisa. Lágrimas continuavam a sair. — Laura, não chore. O que machuca tanto você?

Odiava cada vez mais o tal demônio. Fosse ele quem fosse, de verdade ou imaginário, eu o odiava. Se pudesse, o aniquilaria com minhas próprias mãos. As lágrimas continuavam a descer pelo seu rosto, e seus soluços aumentavam, quebrando o silêncio do quarto. Ela estava se aproximando do seu limite e precisava parar antes de entrar em colapso. Apertei um pouco o seu corpo de encontro ao meu, deixando sua cabeça próxima ao meu coração.

— Ficará tudo bem, Laura. Tente não pensar mais sobre isso e tente dormir um pouco. Vai passar.

Mas o que estava dizendo? Quem sou eu para dar conselhos? Eu sei que não vai passar, sei que não vai melhorar. Nossas dores podem ser diferentes, mas os sintomas são os mesmos, e essa porra não acaba. Seremos dois destruídos e atormentados pelo resto de nossas vidas fodidas.

A dor sempre nos acompanharia. Ela era a escavadeira para desenterrar nossos fantasmas. Seríamos eternamente assombrados, então, por que tentava consolá-la? Por que tentava enganá-la? Se nem eu mesmo aceitava o inevitável.

— Joshua — chamou meu nome entre soluços. — Eu não consigo, não consigo esquecer. Juro que tento, mas é como uma cola permanente que gruda, e quando tento arrancar me machuca, fere e dilacera minha alma. Por que minhas lembranças não me deixam em paz, por quê?

Porque são elas que nos mantém vivos.

Não podia dar esta resposta, seria como colocar uma arma em suas mãos. Eu não era a pessoa indicada para responder. Era uma pessoa que vivia presa ao passado, enterrada na escuridão e que não aceitava a verdade...

Inferno, eu nem fui me despedir delas. Virei as costas para as duas pessoas que mais amei na vida e não disse adeus. Eu sequer falo os seus nomes. Não tenho coragem, dói demais.

— Laura, você precisa continuar tentando. Não sei o que aconteceu com você, mas eu sei o que é viver com medo. Então, apenas continue tentando.

Merda! Eu não posso ajudá-la, estou tão fodido quanto ela.

— Não posso, não posso. Estou tão cansada, tão cansada... — Ela se afastou e escorregou pelo colchão, sentando-se no chão. — Talvez fosse melhor acabar logo com isso, assim a dor sumiria e ele nunca mais me encontraria.

Puxei o ar com força. Eu sabia perfeitamente do que ela estava falando, já pensei assim e fiz merda, e os que me amavam sofreram muito mais do que eu. Não, não a deixaria fazer essa besteira. Saí da cama, dei a volta e me agachei diante dela. Segurei seus pulsos, pois queria que ela me olhasse. Queria que ela percebesse que eu me importava. Foi quando meus dedos encontraram cicatrizes em seus dois pulsos. Virei suas palmas para cima e puxei as mangas do vestido. *Não!* Encarei seu rosto molhado pelas lágrimas.

— Sim, já tentei e falhei. Quem sabe, se tentar novamente não consiga?

— Não! Não pense assim. A morte não lhe trará paz, Laura...

— Como sabe? Olhe para mim! Não sou nada, não vivo. Joshua, estou acorrentada ao medo, me escondendo nas sombras. Atormentada por fantasmas que não me deixam dormir. Isso é viver? — Ela se livrou do meu toque e escondeu o rosto entre as mãos.

A raiva me rasgou por dentro e, antes que percebesse, puxei-a para um abraço. Nem me importei se ela aceitaria ou não, ou se aquele gesto me faria mal. Eu só queria consolá-la. Só queria que ela soubesse que tinha a mim, pelo menos naquele momento. Ela não recuou, e nem eu me senti mal. Só senti uma paz do tipo que há muito tempo não sentia.

— Laura, eu me importo. O mundo pode até não se importar com você, mas eu me importo. Só quero que saiba disso, ok?

E em meio a tanta dor, eu a abracei mais forte, ergui o corpo e a trouxe para os braços, levando-a para cama. Lutando contra os meus medos e traumas, me juntei a ela. Ela tremia, e eu sabia que não era devido aos soluços, e sim ao medo de ser tocada e abraçada. Naquele instante estava sentindo o mesmo. Nossos medos eram iguais, no entanto, sabíamos que o abraço despretensioso era necessário, ele a protegeria do seu demônio. O meu abraço e a necessidade que ela tinha de ser abraçada não eram sexuais nem levianos, eram curativos. E foi assim que finalmente consegui fazê-la dormir. Ela dormiu sem pesadelos, sem soluços, sem inquietação. Eu não consegui dormir, estava nervoso e tenso demais. Meu corpo e minha mente ainda não aceitavam aquele toque nem tanta intimidade, mas sou mais forte do que a minha impulsividade de me afastar. Então fiquei. Mesmo completamente aterrorizado, eu fiquei.

♪

Tudo teria sido diferente se naquela tarde eu tivesse aceitado o convite do Arthur e ficado. Tudo bem, teria perdido uma reunião muito importante, mas não as teria perdido. Sim, fui o culpado pelas mortes da minha linda bailarina e filha. Sou o único responsável. Não cuidei, não protegi. Elas se foram por irresponsabilidade minha. Mereço ser punido, mereço todo esse martírio e essa dor. O caos que se tornou a minha vida. Minha culpa, minha máxima culpa.

Essa angústia, o pavor dos pesadelos que me assombram todas as noites. Esse nó crescente na garganta e a dor opressiva no peito, a vontade de dar fim em tudo isso e de acabar de vez com o sofrimento, conheço muito bem. Por isso eu sei o que a Laura vive. Por isso quero ajudá-la. Posso merecer passar por tudo isso, mas ela não merecia.

Eu sei que não.

Terminei de arrumar a mesa para o café da manhã e fui tomar um banho antes que ela acordasse. Procurei fazer o mínimo de barulho possível. Apesar de ela ter dormido muito bem, não seria eu a tirá-la dos seus sonhos bons. Tive a certeza de que os pesadelos não chegaram mais perto dela depois que espantei todos. Saí do banheiro já vestido e calçado. Só faltava o paletó, mas esse deixei para quando fosse embora. Voltei para a cozinha. Ainda precisava fazer os ovos e esquentar o pão. Assim que terminei de fritar os ovos, escutei um barulho atrás de mim. Virei-me. Eu já sabia que era ela.

Lá estava ela, com uma carinha confusa e ao mesmo tempo envergonhada.

— Bom dia! Dormiu bem? — Já sabia que sim, mas queria escutar de sua boca.

— Sim, como há muito tempo não dormia, e acho que devo isso a você. — Baixou o olhar, apertando as mãos uma na outra. Ela continuava de pé na frente da porta da cozinha.

Juntei os pães e o pratinho com os ovos mexidos e me aproximei dela.

— Me ajuda? — Encarei seu rosto envergonhado. Ela pegou o prato com os ovos. — Vamos comer. Estou morrendo de fome, você não? — Ela se sentou, eu também. Laura continuava de cabeça baixa, acho que buscando coragem para me dizer alguma coisa. — Coma antes que fique frio. — Servi seu café e parei de repente, lembrando que ela não gostava de ser paparicada.

— Joshua, obrigada por me ajudar. Mais uma vez você estava na hora e no lugar certos.

— Laura, não estava te seguindo...

— Ei, não estou acusando você de nada. É sério, ainda bem que você estava lá.

Fiquei calmo. Eu realmente pensei que terminaríamos brigando, como sempre terminávamos.

— Quando cheguei ao restaurante você já estava lá, então a vi se levantar e sair correndo. Fiquei assustado. Lembrei do incidente no teatro, então me preocupei e fui atrás de você.

Ela ficou pensativa. Comecei a me preocupar, eu não queria que a garota irritante e estúpida viesse à tona.

— Joshua.

— Oi. — Nossa paz durou pouco.

— Por que você se importa comigo? — Pergunta difícil. Será que saberei responder?

— Não sei...

— Sente pena de mim, não é? — ela me interrompeu e o seu olhar encontrou o meu.

— Talvez seja. — Fui sincero. — Nem sempre a piedade é um sentimento ruim e humilhante, mas posso garantir que me importo com você. Talvez até mais do que devesse, mas me importo.

— Obrigada por se importar.

Larguei meu café, levantei e me sentei na outra cadeira, perto dela. Ela ficou tensa e baixou os cílios. Era sua defesa, seu modo de me avisar para manter minhas mãos longe dela.

— Laura, olhe para mim. — Reticente, ela olhou. — Quero que saiba que sempre que precisar de alguém, a qualquer hora ou dia, estarei à sua disposição. É só me ligar. Se não quiser me ver, podemos ficar conversando por telefone até você enjoar da minha voz, mas nunca mais se sinta sozinha. Você não está mais sozinha, nunca mais. Estou aqui e quero ser seu amigo. Ei. — Ela havia baixado os cílios outra vez, querendo esconder as lágrimas. Fiz um barulho com a garganta e ela me encarou novamente. — Promete que vai me ligar quando precisar de ajuda ou quando quiser conversar com alguém, não importa o horário?

— Prometo. — Sorriu levemente.

— Então, este será seu compromisso. Quando a escuridão quiser devorá-la você me chama, que eu a coloco para correr. Pronto, falei.

Ela gargalhou. Depois de tanto tempo escutei sua risada solta no ar. Seus olhos brilharam e seu rosto ruborizou, e eu vi uma linda mulher desabrochar. Linda! Simplesmente linda.

— Você é muito do convencido, sabia? — E a magia continuou, porque ela começou a comer com vontade.

— Não começa, dona Laura, estamos em paz. — Ela jogou um pedaço de pão em mim. Joguei outro. — Não queira começar uma guerra que sabe que não irá ganhar. — Ela se engasgou e começou a tossir sem parar. Preocupado, arrastei a cadeira e fiquei mais perto, dando uma leve batida em suas costas. — Melhorou? Beba água. — Não conseguia desviar os olhos dos dela, mas precisava me afastar. — Beba. — Entreguei o copo e ela bebeu.

— Preciso trabalhar. — Nossa sintonia foi perdida e eu dei graças. Já estava ficando desconcertante.

— Eu também. Enquanto você se troca, arrumo a cozinha. — Ela tentou me impedir.

— Joshua, deixe isso aí. Quando eu voltar, arrumo — insistiu.

Ela foi se arrumar e dez minutos depois estávamos descendo as escadas.

— Laura, quer almoçar comigo hoje?

— Quero, mas eu pago o meu almoço e você o seu. Tudo bem se for assim?

Não adiantava brigar com ela. Um dia, quem sabe, ela permitiria ser tratada como uma mulher merecia. Com toda a atenção e delicadeza do mundo. Entrei no carro e ela seguiu a pé para a escola de música.



Joshua

Levei a caneca de café fumegante próximo aos lábios e soprei um pouco. A fumaça dançou em frente ao meu rosto. Beberiquei o líquido enquanto admirava a linda paisagem que ficava em frente à varando do meu quarto. Sentei-me na cadeira e fiquei ouvindo os cantos dos pássaros e os meus pensamentos. Algo em minha vida havia mudado desde o dia em que encontrei Laura no Magnólia. Nós nos tornamos amigos e ela parecia confiar em mim. Isso era bom e deixava-me menos preocupado. Não parava de pensar no que ela havia dito – sobre pôr um fim a todo o seu sofrimento –, suas palavras me amedrontaram. Por isso, tentei cercá-la de atenção e dedicava meus horários vagos a ela.

Sempre tomávamos um café da manhã, almoço ou jantar juntos, e passávamos muito tempo conversando por chamada ou no WhatsApp. Juro, até isso. Não gostava de ficar escrevendo para me comunicar com alguém, mas foi preciso, pois havia vezes em que Laura não queria falar, e eu percebia quando me respondia com monossílabos. Até tentava convencê-la de nos encontrarmos para tomarmos um café, um suco, mas ela recusava e isso me tirava o sono. Então, recorri ao bendito *app* e ao jogo dos memes. Já estava até craque nisso. Ainda discutíamos, ela não deixou de ser irritante e encrenqueira. Às vezes, me tirava do sério, principalmente com seu jeito de feminista do cacete.

Ela e aquela mania de não aceitar que eu pagasse a conta ou tentasse ser cavalheiro. Era insuportável demais. Brigamos um dia porque comprei uma caixa de bombons e a presenteei. Ela só faltou me mandar enfiar os bombons naquele lugar e eu acabei enfiando-os, não naquele lugar, mas no lixo, e deixando-a plantada no café onde tínhamos ido para conversar um pouco. Jurei a mim mesmo que nunca mais compraria nada para ela, mas sou um idiota, e dois dias depois comprei um chaveiro de prata no formato de uma nota musical. Ela não aceitou e ainda foi rude, mas dessa vez não joguei o presente fora. Peguei as suas chaves e troque de chaveiro, já que o seu estava inutilizável. Se ela quisesse jogar fora, que jogasse. Fui embora, deixando-a com seu orgulho idiota, e fiquei dois dias sem falar com ela. Porém, ela me ligou chorando na madrugada do segundo dia, com medo. Nessa ocasião, eu e ela vimos o dia amanhecer e fomos dormir quase às seis horas da manhã.

Bem, fazia quase três semanas que vivíamos entre a paz e a guerra. Mas eu estava vivendo bem com isso. Ela só tinha a mim, acho que eu era o único que aceitava seu modo estúpido de ser.

Levei a caneca mais uma vez à boca e estiquei a perna debaixo da mesa. Hoje tirei a tarde de folga, porque queria me preparar para a noite. Iria atrás de um pouco de distração no clube. Desde que resolvi bancar a babá da Laura não sentia falta de sexo, mas esta manhã acordei excitado, então já estava na hora de ceder ao chamado da natureza.

Meu celular vibrou. Enfiei a mão no bolso da calça e olhei quem era. Papai.

— Fala, meu velho! — disse com um pouco de humor. Ele estranharia. Eu sei que sim, geralmente sou muito formal.

— Joshua, a Marion pode ir morar com você? — Não era o papai, era a minha linda princesa e

pelo seu tom de voz baixo, ela havia aprontado.

— Princesa, papai sabe que está usando o celular dele? E por que a senhorita está sussurrando?

— Você não respondeu à pergunta da Marion. Ela pode ou não ir morar com você? Ela já arrumou a mochila dela. Tem calcinha, blusinha, shortinho e o vestido de princesa. Ela pode ir?

— E por que a Marion quer vir morar com o Joshua? — Já a conhecia o suficiente para saber que só responderia minhas perguntas se eu respondesse as dela.

— Porque ninguém gosta mais da Marion nessa casa. Todo mundo só sabe pôr a Marion de castigo, ela não pode fazer nada. É muito chato isso, Joshua... — Ela estava falando tão baixinho, que devia estar escondida, e não ia demorar para começar a chorar.

— Fala, minha princesa. O que fizeram com você?

— O papai escondeu o pula-pula e pôs a Marion de castigo. Disse que enquanto não obedecer, a Marion não brinca mais nele. Ela quer ir embora daqui. Diz que ela pode morar com você. Diz que pode, por favor, ela está com o coração partido. Tanto, tanto, que chega a doer. Acho que a Marion vai se quebrar! Por favor, ela pode ir?

Quanto drama, meu Deus! Não sei onde ela aprendeu a ser tão dramática. Eu queria rir alto, mas se fizesse isso iria ferir os sentimentos dela.

— Princesa, o que você fez para seu pai esconder o pula-pula?

— A Marion pulou lá *encimão*. Sabe, Joshua, a Marion tá confusa... — Ela parecia gente grande falando. — Pula-pula não é *pra* pular?

— É, sim, princesa.

— Pular bem alto?

— Sim.

— Então, por que o papai diz que não pode? Se é *pra* pular, é *pra* pular! A Marion não entende, adulto é muito chato, não acha? Só você que não é chato, por isso a Marion ama você de montão. Agora ela pode ir ficar com você? A mochila dela *tá* arrumada. Manda buscar ela, por favor.

Fiquei tonto com tanta argumentação, mas ela tinha razão, pula-pula servia para pular alto, não fazia sentido ficar parado em cima de um.

— Princesa, você tem razão, pula-pula é para se pular, mas eu acho que você anda pulando alto demais e o seu pai fica com medo que se machuque. Então, é só você maneirar nos pulos que logo ele libera o seu brinquedo.

— Ele não ama mais a Marion. Ninguém nessa casa gosta dela, e você também não ama mais ela. Marion *tá* triste.

Pronto. Ela começou a chorar e cortou meu coração. Eu queria tanto estar ao lado e beijá-la muito. Apertar aquele corpinho pequeno e cheirar seus cabelos... Estava morrendo de saudade da minha pequena princesa.

— Marion, Marion... — Ela só chorava. — Princesa, fale com o Joshua. Ele ficará triste, você

vai partir o coração dele... Ei, princesa.

— Oi. — Soluçou. — Shhh, o vovô *tá* me procurando...

— Marion, sua pequena chantagista, onde você se meteu com meu celular? Marion!

Escutei a voz do papai chamando por ela. De uma coisa eu tinha certeza, os dias e as noites do papai não eram mais monótonos. Ele tinha trabalho em dobro, porque Marion não dava folga.

— Achei você! Com quem está falando? Passa o celular, princesa. Vamos, Marion, não seja teimosa.

Acho que Marion estava escondida em algum lugar de difícil acesso.

— Não dou! E a Marion só saí daqui quando o tio Joshua vir buscar ela!

Ela estava chorando e reclamando. Não sabia se achava engraçado ou trágico. Acho que era as duas coisas. Pior que eu não podia fazer nada, a não ser escutar a discussão.

— Marion! Marion, passe o celular para o papai... — Ela não me escutava. Então ouvi um grito e um choro alto.

— Me solta, me solta! Odeio você, mamãe! Vou embora dessa casa!

— Filha, me dá o celular.

Pietra devia ter tirado Marion de seu esconderijo, e pela gritaria, ela fazia malcriação.

— Marion, me dê esse celular. Você está ficando birrenta. Vai ficar de castigo no quarto e sem TV! Dá o celular, Marion. Alô!

— Oi, Pietra, é o Joshua.

— Marion, você foi incomodar o seu tio, meu Deus! Joshua, desculpa, essa menina é fogo. Está crescendo e ficando incorrigível.

— Pietra, querida, a Marion pode me ligar sempre que quiser. — Marion continuava chorando de soluçar. — Vá acalmar ela e passe o celular para o papai.

— Beijo, cunhado. Tchau.

— Beijo, querida.

— A Marion quer morar com o Joshua! Me solta, me solta!

— Joshua, filho. Está escutando? A pequena chantagista não está fácil.

— Oi, pai. Pois é, e estou perdendo tudo isso. — Respirei fundo.

— Tudo isso por causa de um pula-pula. Luke escondeu o brinquedo. Às vezes, eu acho que tem duas meninas dentro de uma. Ela só para quando está dormindo e dá nó em todo mundo. Você acredita que tivemos que aumentar a grade de proteção da piscina, porque ela aprendeu a passar por cima e pulou na água. Se o seu irmão não tivesse visto a tempo, ela teria se afogado.

Quase perco o ar. Imaginei a cena se desenrolando. Se eu estivesse lá, secaria a piscina e a encheria de terra.

— Pai, e a babá, onde estava? A Marion é muito ativa. Tem que ficar de olho nela, não dá para

vacilar.

— Eu não sei. Eu estava na prefeitura e quando cheguei não existia mais babá, Luke a havia mandado embora. E no outro dia, além de ir para a escola normal, Marion foi para uma escolinha de natação, e o Luke mandou reformar a piscina.

— E o que aconteceu com o pula-pula?

— Luke comprou um pula-pula dos grandes, daí você já tem uma noção do que aconteceu. Ela não se contenta com saltinhos, quer pular alto e dar cambalhotas. Seu irmão reclamou e ela não obedeceu, então ele guardou o brinquedo. Foi aí que a casa caiu. Isso foi hoje e daqui a pouco ela esquece. Foi assim com o balanço, ela nem lembra mais dele.

Comecei a sorrir. Aquela casa era pura alegria e cheia de aventuras.

Eu poderia estar vivendo a mesma aventura, se não tivesse sido tão irresponsável.

— Joshua, filho, não fique triste. — Papai percebeu. Mesmo distante, ele me conhecia como ninguém. — Filho, um dia você viverá esta mesma alegria, acredite nisso.

Não, papai, nunca terei esta mesma alegria. Não a mereço.

Peguei a caneca e a deixei sobre a mesa. Quando descobri sobre a gravidez da minha bailarina, fizemos planos de comprar uma casa ampla, com uma linda e grande área externa, onde nossa filha pudesse brincar à vontade. Meu sonho foi interrompido antes mesmo que ela nascesse.

— Ei — papai chamou minha atenção.

— Oi? Desculpe-me, meu velho. Estava distraído.

— Sei... — Ele sabia qual era minha distração. — Você está bem, filho?

— Sim. Por que eu não estaria?

— Não precisa fingir comigo, filho.

Puxei o ar com força e respirei todo aquele oxigênio que me cercava. Dispersei meus pensamentos sombrios. Não era a hora para tristezas.

— O que o senhor quer que eu diga? Que não consigo esquecer as merdas que eu fiz? Que se estou vivendo como um zumbi é exclusivamente por minha culpa? Se for isso, não preciso dizer. O senhor já sabe.

— Não, filho. Eu gostaria que me dissesse que está tentando se perdoar. É isso que queria escutar — desabafou. — Mas eu sei que isso vai passar. Pode demorar um pouco, sim. — Demorar um pouco? Ele só podia estar brincando. — Mas vai passar... — Fez uma pausa. — Sabe, acho que você deveria ir em uma daquelas reuniões, onde você encontra pessoas que estão passando pelo mesmo problema que você. Aí em Gramado deve ter, o que acha?

— Pai, eu não vou a nenhuma droga de reunião! — respondi com um tom espantado.

— E por que não, qual o problema nisso? — rebateu. — Só acho que é mais uma ferramenta de ajuda.

— Nem fodendo, pai. — Respirei. — Desculpe o rompante, mas o senhor me tirou do sério. Qual é! Estou bem, não preciso de mais pessoas fodendo com minha cabeça, pai. Já basta o

psiquiatra e os meus fantasmas. E vamos mudar de assunto ou encerrar a conversa.

— Ok, mas fica registrado. É só uma sugestão.

— Pai... — alertei.

— Ok, ok! — Fez outra pausa. — Quando você virá nos visitar?

— Não sei, pai. Estou muito bem aqui. O senhor sabe, aqui é um campo neutro, mas vocês podem vir me ver quando quiserem.

— Pensaremos nisso.

— Pai, sei que está com saudade. Também estou, então venha quando quiser e fique o tempo que quiser.

— Só fico preocupado, filho. Só isso.

— Sei.

— Filho, preciso ir. Tenho uma reunião daqui a quinze minutos.

— Vá lá, prefeito. Dê um beijo no Luke e diga a minha princesa que eu sinto muita saudade dela.

— A pequena chantagista deve estar dormindo. Se a Pietra está na cozinha, então ela dormiu. Um beijo, filho.

— Outro, pai.



Joshua

Vinte minutos depois que Marion me ligou, já estava a caminho do clube. Agora, mais do que nunca, precisava de um pouco de distração. Antes de sair, liguei para Laura e perguntei se ela precisava de algo. Preocupava-me com ela, mas não podia ser a sua sombra, e não seria sempre que estaria ao seu lado. Fiquei feliz em saber que ela também iria sair com uma amiga. Devia ser Sara, a recepcionista da escola de música. Nas poucas vezes que conversei com ela, deu para perceber que gostava da Laura, o que me deixava menos preocupado. Só esperava que ela aproveitasse a noite, porque eu aproveitaria muito a minha.

— Noite agitada, hoje. Algum evento especial? — Assim que meu carro entrou pelos portões do casarão, percebi que hoje seria uma noite diferente. O número de carros era muito maior do que nos dias anteriores.

Heitor estava sentado em um dos bancos altos do bar, observando o movimento e bebendo seu uísque.

— Aniversário de um magnata. Ele trouxe convidados, futuros sócios, e reservou duas salas VIP. É, a noite promete, meu amigo.

— Acho que sim. E a minha companheira, já chegou?

Heitor confirmou que não me arrependeria. A mulher em questão era mais velha do que eu, tinha quarenta e quatro anos, mas era muito bonita. Ela era seletiva, não ia para a cama com qualquer um, mas quando o Heitor disse meu nome, ela aceitou na hora.

— Já ligou e avisou que se atrasará uns quarenta minutos, mas acho que valerá a pena esperar... confie em mim.

Revirei os olhos e bati no braço dele. A verdade era que não tinha motivos para ir embora, portanto, mesmo que meu encontro não acontecesse, pelo menos veria gente.

— Essa não, eu pensei que ela havia desistido. Que merda, me esconde, cara. — De repente Heitor se levantou e ficou se escondendo de alguém.

— Qual é o problema, Heitor? Está fugindo da polícia?

— Não, cara, é de uma mulher. Ela é complicada. Tem problemas psicológicos e acha que no meu clube vai resolvê-los, só que nenhum Dom daqui quer ficar com ela e eu já não tenho mais argumentos para inventar. — Ele inclinou o corpo em minha frente. — Ela não consegue fazer sexo, não consegue ser tocada e os únicos que poderiam ajudá-la seriam os DOMs. Mas eles não vieram até aqui para resolver os traumas dos outros, concorda comigo? Então, não posso ajudá-la. Só não sei como dizer isso a ela, tenho medo de magoá-la. — Ele continuava se escondendo e isso aumentou a minha curiosidade.

— Para, Heitor, estou ficando tonto. Afinal, me mostre logo quem é a moça!

— É aquela ali. — Eu continuava servindo de barreira enquanto ele apontava em direção à

moça. Eu me virei.

— Quem? Aquela loira?

— Não. Espera, ela... é aquela esquisita vestida de preto e com penteado de vovó.

Pisquei várias vezes. Fiquei mudo e precisei balançar a cabeça rapidamente para ter a certeza do que os meus olhos viam.

— Laura! — Quase gritei.

— Você a conhece?

— Sim, ela é uma amiga.

Não, não podia ser. Como assim, ela não consegue fazer sexo? E por que ela nunca me contou isso?

Claro que ela não discutiria isso com você, não é, Joshua?

— Então, já que a conhece, você precisa me ajudar. Tem que convencê-la a desistir.

— Não.

— O quê?

— Eu serei o encontro dela hoje. Leve-a para meu quarto, só não fale o meu nome verdadeiro.

Eu precisava de um pouco de ar. Precisava digerir tudo o que acabara de descobrir. Saí um pouco para o jardim enquanto esperava a recepcionista vir me chamar.

— Senhor Joshua, a senhorita Laura já está no quarto.

— Obrigado.

Segui para o quarto no segundo andar. Estava nervoso, pois não sabia bem o que iria fazer, como também não sabia qual seria a reação dela. Certamente me acusaria de perseguição. Suspirei quando cheguei em frente à porta e encostei a cabeça na madeira antes de abri-la. Entrei. O quarto estava com pouca iluminação e Laura não estava na cama, então eu vi a luz do banheiro acesa. Fiquei mais nervoso, e quando a porta se abriu, virei-me de costas.

— O senhor quer que eu me deite...? — Ela se calou de repente. Será que me reconheceu? — O Heitor contou sobre mim? Eu preciso ser dominada para...

— Laura, vista-se... — Ela estava nua. Sabia que estava.

— Joshua! Que brincadeira é essa? — Alterou a voz. Correu para o banheiro, batendo a porta.

Virei de frente para a cama e esperei. Dez minutos depois, ela saiu. Cabisbaixa, envergonhada e muda. Sentou-se na cama.

— Você anda me seguindo, é isso? Acha que não sei me cuidar sozinha? Você não tem esse...

— Cale-se! — esbravejei. Estava fulo da vida, nunca em mil anos imaginaria encontrá-la aqui, em um lugar como esse. Era como se o mundo estivesse violando um anjo. — Já frequentava esse clube bem antes de você e... O que pensa que está fazendo?

— O que estou fazendo não é da sua conta, Joshua. — Ela se levantou, pegou a bolsa e passou

por mim, furiosa.

Ah, ela não iria embora assim.

— Você não vai a lugar algum até me explicar o que anda fazendo em um lugar como esse! — Espalmei a mão na porta e a impedi de abri-la. — Agora, Laura. — Meu olhar furioso encarou seu rosto.

— E se eu não quiser, o que pensa em fazer? Vai me obrigar, como? — Ela me encarou. Estávamos tão perto um do outro que eu poderia beijá-la se quisesse.

— Poderia. Mas facilitarei para você. O Heitor me contou.

— Merda! Claro que ele contou. — Ela se afastou e foi em direção à cama. Sentou-se nela e baixou a cabeça.

— Laura, por que não me contou? — Mudei meu tom de voz. Eu precisava me acalmar, e ela precisava se sentir segura.

— E eu ia dizer o quê? Joshua, é o seguinte, eu não consigo fazer sexo, por isso estou frequentando um clube de fetiche... — disse com sarcasmo, olhando-me fixamente. — Você ia fazer o quê? Me ajudar?

— Sim.

— O quê? Como assim? Está falando sério?

— Estou. Melhor eu do que um cara estranho, não acha? Já a conheço, sei de sua fragilidade em ser tocada e... não gosto da ideia de saber que um DOM está tentando fazer certas coisas com você.

— Que coisas, Joshua?

— Você sabe do que estou falando, não finja inocência.

Ela ruborizou e respirou fundo.

— Não sei se isso entre nós vai funcionar, você é meu amigo.

— Por isso mesmo. Como amigo, posso ser mais paciente, e tem mais, o Heitor me contou que nenhum DOM quer se encontrar com você. — Eu sei que não devia ter falado, mas achei melhor ser honesto.

— Eu desconfiava. Ninguém quer se deitar com uma louca que só faz gritar — articulou tristemente.

— Então, aceite minha ajuda.

— Onde isso aconteceria? Aqui? Na sua casa? Porque na minha não vai rolar.

— Em meu hotel. Vou reservar um quarto para você. Será seu enquanto estivermos nos encontrando sexualmente. É só ir quando quiser e me ligar, avisando que chegou. Ninguém precisa saber, será nosso segredo.

Ela me encarou outra vez com aquele olhar duvidoso e cheio de interrogações.

— Isso é muito esquisito, não acha? Como vamos nos encarar depois que... que... você sabe,

depois que a gente fuc-fuc... Isso é, se você conseguir quebrar a barreira da louca aqui.

Achei engraçado ela chamar o sexo de fuc-fuc.

— Laura, somos adultos. Encare como um encontro secreto sexual. Dentro de um quarto, entre quatro paredes, estamos apenas aliviando nossa tensão do dia a dia e fora dele seremos amigos.

— Como se nada tivesse acontecido?

— Sim.

— Besteira. Nós sabemos que não será assim. Não sei, não.

— Podemos tentar, e se não der certo, a gente para.

Pedi em pensamento que ela aceitasse. Pensar que ela ficaria à mercê de homens estranhos, homens que não teriam paciência com ela e que até poderiam machucá-la, tanto fisicamente como mentalmente, me apavorava. Eu teria que fazer aquilo dar certo, não deixaria outro homem tocar nela. Não, ela não precisava de mais problemas. Laura estava frágil demais e um estranho poderia quebrá-la de vez.

Se alguém poderia ajudá-la, esse alguém era eu.

— Quando podemos começar? — Ela aceitou e quase solto um suspiro de alívio.

— Quando você quiser.

— Agora, antes que eu desista.

— Ok. Aqui, fique a chave da minha suíte. Amanhã reservarei um quarto no seu nome. Agora, vamos, a deixarei na garagem interna. Muitos hóspedes a usam quando não querem ser vistos. Você vai na frente, e cinco minutos depois eu subo. Só deixe a porta encostada.

Ela saiu na frente. Conhecia o meu carro e o Frota, então liguei para ele e avisei que a levasse para o hotel sem mim. Esperei alguns minutos para deixar o clube sem levantar suspeitas. Estava nervoso, ansioso e temeroso. Não sabia se realmente este era o caminho certo a seguir.



Joshua

Deixei Laura seguir na frente, em direção a um dos elevadores, e esperei dentro do carro. Certamente meu motorista não estava entendendo nada, mas não precisava. Ele não era pago para entender minhas atitudes. Esperei os cinco minutos – que para mim foram intermináveis – não muito certo da merda que estava fazendo. Saí do carro, segui para o outro elevador, mas em vez de ir me encontrar com Laura, fui para meu escritório e liguei para ela de lá. Não demorou para que ela atendesse.

— Joshua, onde você está?

— Por que você está cochichando? — Quase não conseguia escutar suas palavras abafadas. — Laura, se acalme, ninguém vai escutá-la ou entrar no quarto, a não ser eu. Posso ir?

— Ah, *tá*, pensei que havia desistido. O que quer que eu faça? Fico nua e me deito na cama?

— Não! — exasperei. *Puta merda!* Ainda não estava acreditando naquilo. — Não, espere-me chegar. Já estou subindo.

Desliguei. Inspirei. Andei de um lado para o outro em minha sala. Passei os dedos pelos cabelos, bagunçando-os, depois passei novamente, desta vez penteando-os. Se eu ainda fosse um fã de bebida alcoólica, certamente tomaria umas duas doses de uísque. Eu mal conseguia raciocinar.

Vamos lá, Joshua. Você inventou isso, agora aguente.

Saí de minha sala e segui para o elevador com uma montanha-russa de emoções dentro de mim. Simplesmente não conseguia tirar os acontecimentos desta noite da mente. Era estranho. Claro que era, daqui a alguns minutos estaria tendo relações sexuais com a Laura, quando imaginaria isso? E ainda por cima, teríamos que continuar sendo amigos.

Maluquice.

Empurrei a porta do quarto e ela se abriu. Ainda havia tempo de desistir desta loucura. Porque era mesmo irracional, eu sequer sentia atração por ela. Eu não a via como uma mulher com quem transar, ela...

Porra, ela era o quê?

Que confusão se tornou a minha mente. De uma coisa eu tinha certeza, Laura afetava a minha sanidade.

Entrei. Quase me arrastando, mas entrei. Laura não estava na antessala, só havia a sua bolsa junto aos seus sapatos. Eu poderia desistir, dizer para ela que tudo aquilo era loucura, que... que o quê?

Por acaso você quer que outro homem faça o que você se propôs a fazer?

Não!

Engoli, inspirei e fui. Seja o que Deus quiser.

Ela estava sentada na cama, balançando os pés descalços. Cabisbaixa, nem percebeu que eu havia entrado. Limpei a garganta. Assustada, ela levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus. Tentou sorrir, mas não me convenceu.

— Você está nervosa? — Que pergunta idiota, claro que ela estava! Se *eu* estava, o que dirá ela.

— Bastante — murmurou. Não, ela estava apavorada, podia ver pela sua expressão corporal.

E se não desse certo? E se eu a fizer se sentir desconfortável? Ou pior, se minha tentativa de a ajudar fizer o contrário e prejudicá-la ainda mais? Fechei os olhos e respirei fundo antes de abri-los novamente. Laura continuava me encarando, os olhos fixos e o peito arfando.

— Você está bem? Parece que você está prestes a desmaiar. — Começava a ficar muito preocupado.

— Eu estou bem. — Ela não sabia mentir, estava quase perdendo o fôlego.

Olhando-a tão indefesa, comecei a me sentir um idiota. Será que não estaria me aproveitando de sua fragilidade? De sua necessidade de se curar? Ela aparentava não ter nenhuma experiência, e eu podia notar isso através do seu corpo trêmulo. E agora? Continuo ou não?

Estava sexualmente excitado, cheio de tesão. Não por ela, mas já havia alguns dias que não fodia e o meu medo era que essa minha necessidade a assustasse e não pudesse me conter. Eu me conhecia, quando estou com desejo, sou bruto. Principalmente quando era só sexo e nada mais.

— Laura, quer desistir? — Por que fiz essa pergunta? E se ela disser que sim, o que farei? Não queria que outro homem a tocasse, ele não teria a paciência que eu poderia ter.

— Você quer? — Ela queria que eu decidisse. Estava tão nervosa que mal conseguia levantar os cílios.

— Não, não quero. — Era melhor começar, antes que nós dois desistíssemos. Aproximei-me da cama. — Laura, o quão longe você já foi? O que acontece quando tenta se relacionar sexualmente com um homem?

Ela se ajeitou no colchão, moveu as mãos entre as pernas e começou a girar os polegares.

— Eu grito — respondeu rapidamente. — Fico tão apavorada que grito. Antes do clube, tive três relacionamentos. Com o primeiro rapaz, eu fugi quando ele tentou tocar o meu rosto. Com o segundo, até aceitei um abraço, mas quando ele tentou me beijar com mais euforia, eu o empurrei e saí correndo. E com o terceiro, comecei a gritar quando ele colocou os dedos no meio das minhas coxas. Eu o mordi e corri. No clube, os DOMs só conseguiram algo mais, porque me imobilizaram na cama. Mas não deu muito certo, quando ficaram entre minhas pernas, eu comecei a gritar e até esqueci a palavra de segurança...

Onde eu fui me meter? Agora era tarde, eu tinha que ajudá-la.

— Ok, então. Como quer que as coisas aconteçam?

Estava de frente para ela, olhando-a atentamente, e tinha a impressão de que ela iria se fragmentar, pois seu corpo tremia muito, e eu ainda não havia tentado nada. Ela estava tão indefesa, tão sensível, que acho que se tentasse segurar uma mecha de seu cabelo, ela correria.

— Acho melhor você me amarrar...

— Ficou louca! — interrompi. Não faria isso nunca. — No seu estado de trauma, imobilizá-la será pior...

— Joshua, não tem outro jeito. — *Não, eu não faria isso.*

— Não, Laura, não será com algemas, amarras ou qualquer coisa parecida que você perderá o medo de ser tocada. — Ela se levantou e fixou os olhos nos meus. — Você confia em mim?

— Confio.

— Então, faremos do meu jeito, ok? — Ela não estava muito confiante, e confesso que nem eu estava.

— O que quer que faça, então? — Não estava pronto para responder esta pergunta.

— Deite-se. — Essa brincadeira estava fodendo com a minha cabeça. Seu olhar incerto continuava me encarando. Ela começou a desabotoar o vestido.

— Não, Laura. Não precisa se despir, farei isso por você, com calma. Só se deite e me espere.

— Aonde você vai? — perguntou enquanto se deitava.

— Já volto. — Ela se deitou e ficou estirada na cama como se fosse uma tábua. Fui até o banheiro e peguei um frasco de óleo relaxante de lavanda. Era o óleo que eu usava para fazer massagem nos pés e nas pernas da minha bailarina. Mesmo não usando mais, sempre comprava e guardava no banheiro. Hoje ele teria alguma utilidade.

Lavei as mãos e o rosto e voltei para o quarto. Laura só virou a cabeça, fitando-me, mordendo o lábio inferior. Tirei os sapatos e subi na cama. Laura inspirou, apertando os dedos na colcha. Abri a tampa do frasco e deixei cair uma boa quantidade de óleo na palma das mãos. Com cuidado, peguei um dos seus pés e comecei a espalhar o óleo. Fiz o mesmo com o outro pé. Laura tentou puxá-los, mas os segurei com firmeza. Comecei a massageá-los, até que percebi que ela havia relaxado.

— Laura, quando você não se sentir confortável é só pedir para que eu pare, ok? — Ela estava nervosa demais para falar, então apenas assentiu, balançando a cabeça.

Deslizei as mãos por suas pernas, uma em cada. Laura prendeu o fôlego, mas não parei. Cheguei aos joelhos, depois desci e voltei aos pés, para voltar a subir lentamente até o início de suas coxas. Molhei as mãos com o óleo outra vez e suspendi sua saia. Até conseguir ver sua calcinha, que, para minha surpresa, era delicada. Uma mistura de renda e um tecido brilhante preto. Esperava uma calçola, já que ela se vestia como uma senhora de idade. Continuei a massagem até meus dedos tocarem no elástico lateral. Enfiei-os por baixo, e quando avancei mais um pouco, ela retesou o corpo.

— Quer que eu pare? — Olhei para ela, que estava com os olhos fechados.

— Quero. Só preciso respirar e depois você volta, mas pode continuar com a massagem, por favor.

De acordo com o movimento de minhas mãos, que seguiam para cima, seu vestido ia seguindo o mesmo curso, e eu pude ver seu ventre branco e firme. Ela tinha curvas lindas. Já havia visto um pouco delas na noite em que tive que trocar suas roupas molhadas, mas não tive coragem de olhar tão

detalhadamente. Massageei sua barriga, na altura de seu estômago, até tocar na renda do sutiã. Meus dedos deslizaram pela curva dos seus seios, sem tocá-los. Depois toquei no espaço entre eles, até alcançar seu pescoço e descer lentamente com carícias firmes. Voltei a dar atenção à curva dos seus seios e ousei um pouco mais, indo um pouco além da renda.

— Meu Deus — ela murmurou, quando seu corpo retesou outra vez. Engoliu com força, estava tentando não gritar. Eu sei o quanto era difícil para ela ser tocada, por isso não desviava os olhos do seu rosto. Ela se agarrava com força à colcha da cama.

— Laura, quer que eu pare? — Ela balançou a cabeça em negativa. Desabotoei alguns botões do vestido e vi seu delicado sutiã. Apesar do medo, os bicos rosados dos seus seios estavam eretos, prontos para serem saboreados.

O que é isso, Joshua? Pare de pensar besteiras.

Ousei mais. Dois dedos acariciaram a carne dos seus seios, mas não toquei nos mamilos.

— Oh, Jesus! — Ela mordeu o lábio com força.

— Se acalme, Laura. Se quiser, eu paro.

— Não, eu aguento.

Voltei a massagear seu pescoço e desci as mangas do vestido. Podia beijar seus ombros e pescoço, mas isso seria muito assustador para ela, então só deslizei meus dedos suavemente, até passar por cima dos seus seios e voltar para o seu ventre. Abri mais alguns botões, até que o vestido se abriu em duas partes e pude apreciar seu corpo seminu. Ela era linda, muito linda. Seu monte, escondido por trás do tecido da pequena calcinha preta, era de dar água na boca. Fiquei excitado e isso me incomodou. Eu não podia ter esse tipo de sensação com ela. Acho que a falta de sexo estava me fazendo sentir coisas desconcertantes.

Joshua, se concentre, ela só precisa da sua ajuda. Ajuda, entendeu?

Mas que inferno, eu faria sexo com ela, o que deveria sentir? É claro que precisaria ficar excitado. Ela é mulher e é linda, e...

E nada, Joshua. Nada. Ficar com a Laura é como ficar com qualquer outra mulher, a única diferença é que ela é sua amiga, só isso.

Enquanto eu pensava besteiras, minhas mãos passeavam por seu corpo macio, quente e trêmulo. Quando meus dedos ficaram entre suas coxas e eu senti o seu calor, meu pênis, pulsou. Merda!

Concentre-se, Joshua.

Avancei um pouco mais até que encontrei o toque suave do tecido e meu dedo acariciou a parte interna de suas coxas, sentindo a umidade entre elas. Laura, assim como eu, estava excitada. Apesar do medo e do pavor, ela estava muito excitada.

— Não... pare. Pare, Joshua. Preciso de um tempo, preciso respirar.

Tirei as mãos do seu corpo e fiquei de pé. Ela se sustentou nos cotovelos, encarando-me quando percebeu que eu havia me levantado.

— Aonde vai? Eu só preciso de um tempo. Não é fácil, sabia? Saiba que você foi o primeiro a

ir mais longe em me tocar intimamente sem precisar me amarrar.

— É por isso que vou parar. Por hoje, basta. Não quero que se apavore, quero que deseje ser tocada. Então, quando estiver pronta para a segunda vez, é só me avisar. — Calcei meus sapatos e dei graças a Deus por não ter tirado o paletó, senão ela veria o tamanho da ereção avolumando a frente da minha calça. — Amanhã mandarei o Frota até a escola entregar a chave do quarto que reservarei em seu nome. Quando quiser vir, é só me avisar.

— Eu quero agora. Preciso acabar com esse sofrimento agora. — Laura sequer percebia que estava com o vestido aberto e eu podia ver seu corpo seminu. Aquilo era uma tortura, e me deixava muito mais excitado. Eu precisava sair do quarto, precisava aliviar a pressão de minhas bolas.

— Não, você já teve emoção demais por uma noite. — E eu também. — Outra noite continuamos. Pode ficar o quanto quiser no quarto, voltarei para casa, mas se quiser ir para a sua, posso dar uma carona.

— Não. Se não se incomodar, eu quero ficar um pouco mais. Depois chamo um táxi ou um Uber. — Fez uma pausa e depois voltou a me encarar. — Obrigada, Joshua, você está me ajudando muito.

— Não tem que me agradecer. Só quero devolver sua vida, essa é a minha intenção. Deixarei o Frota à sua disposição. Por favor, aceite.

— Aceito. Hoje eu aceito. — Acho que as coisas estavam mudando. Pelo menos isso.

Saí apressadamente do quarto, precisava voltar para o clube e foder alguém com urgência.

Havia uma fila de táxis em frente ao hotel. Entrei no primeiro que vi e dei o endereço para o taxista. Minutos depois, já estava à procura do Heitor.

— Perdi alguma coisa? — Ela estava no outro bar, e quando escutou minha voz, se surpreendeu.

— Caralho, velho! E aí, conseguiu?

Ele perguntava a respeito da Laura, e é claro que não lhe diria nada além do que ele precisava saber.

— Não se preocupe, ela não virá mais ao clube. — Olhei para os lados como se estivesse à procura de alguém. — Onde está a minha parceira? Ela por acaso não veio, ou desistiu de mim, depois do meu sumiço?

— Ainda quer um encontro?

— Claro que quero. Seja com ela ou com outra.

— Ok. O nome de sua parceira é Paula, ela está no outro bar. Depois que eu disse que você não estaria mais disponível, ela preferiu não arriscar outro encontro. Espere aqui que vou falar com ela.

Enquanto o Heitor ia procurar a tal Paula, pedi minha bebida favorita: soda, gelo e limão siciliano. Minutos depois, Heitor estava ao meu lado, todo sorridente.

— Paula só faltou soltar um gritinho, mas quer o encontro no quarto que é reservado só para

ela, o trezentos e vinte. Já foi para lá. Espero que consiga apagar o fogo da senhora Lancaster, os olhos dela brilharam quando citei o seu nome. Divirta-se.

Contive minha excitação. Estava de pau duro e com o coração martelando no peito. Fui à procura da mulher que eu esperava ser capaz de aliviar todo meu tesão. Bati na porta e uma voz suave me mandou entrar.

— Olá, Joshua, pensei que havia desistido de nosso encontro! — O Heitor tinha razão, ela era muito bonita e gostosa. Ainda estava vestida, e com a fome que eu estava, as minhas mãos seriam perigosas para aquelas suas roupas caras.

— Nem fodendo eu desistiria desse encontro. Quero muito você, e ainda mais agora, vendo-a de perto. — Despi meu paletó, desafivelei o cinto e o puxei de uma só vez. — Por que não se despe para mim? Quero ver o que tem por trás desse seu lindo vestido, Paula. Eu a quero nua e toda aberta naquela cama.

Ela sorriu descaradamente e, sem desviar os olhos dos meus, desceu o zíper do vestido lentamente. A filha da mãe não usava calcinha, o que me deixou muito louco. Tirei os sapatos, as meias, e me livrei da calça e da cueca com apenas um empurrão.

— Nossa! Esse pau duro é por minha causa?

— Sim, você está me deixando louco. — Claro que não era. Eu já estava duro de tesão muito antes de entrar naquele quarto, mas não iria estragar a satisfação dela. — Vamos, deite-se e abra-se para minha apreciação. Gosto de ver o que vou comer, sou daqueles que comem primeiro com os olhos.

Ela se virou, e eu pude ver seu lindo traseiro redondo e empinado. Nossa, salivei. E meu pênis pulsou.

Aproximei-me, agarrei os seus tornozelos e coloquei um em cada ombro. Segurei suas coxas e a puxei para mim. Ela estava toda aberta, sua umidade brilhando nas coxas. Então, sem pedir permissão, mergulhei minha boca em seu sexo molhado e chupei suas carnes, cheio de fome. Chupava seu clitóris, suas dobras, e fodia sua abertura com a ponta da língua. Lambia o seu prazer que escorria, e quando ela soltou um gemido orgástico eu penetrei com dois dedos o seu buraco traseiro, enquanto a fodia com a língua. Paula se contorcia, rebolando em minha boca. Ela delirava, arqueando o quadril.

— Puto! Você é um puto, Joshua, merece a fama que tem. Que língua, meu Deus!

Enquanto ela se ocupava com as palavras, eu me ocupava com a sua boceta saborosa. Estava cheio de tesão, louco para liberar aquela porra confusa que atormentava meu juízo. Queria parar de pensar no corpo nu da Laura, no formato delicado de sua vulva e dos seus seios... nos seus mamilos durinhos.

Aqueles pensamentos fizeram minhas mãos agarrarem os seios de minha parceira e beliscarem seus mamilos eretos.

— Joshua, seu puto! Me chupe com mais força, vou gozar. — Esfreguei o rosto em seu sexo, sorvendo seu líquido, mordendo suas carnes, fodendo-a com vontade. Até que escutei seu grito vertiginoso. A força do seu orgasmo foi tão intensa que ela prendeu minha cabeça em sua vagina,

enquanto seu corpo se sacudia.

Estava desesperado por alívio, então me levantei.

— De joelhos. Preciso de alívio antes de foder seu rabinho com força. Hoje você me dará tudo, quero tudo. — Ela ficou de joelhos, minha mão em concha segurou seu queixo. — Abra essa boquinha safada e me devore. Meu pau quer desparecer aí dentro.

Ela abriu, e eu enfiei meu pênis lentamente em sua boca. Ele foi escorregando e escorregando, até que senti o fundo de sua garganta na cabeça da minha ereção.

— Chupe. Satisfaça a nossa vontade e chupe com força. — Ela fez o que mandei e fui saindo de sua boca sem pressa. — Chupe a cabeça. — Ela obedeceu, e fui empurrando novamente todo meu eixo para dentro. — Caralho, isso é muito bom. Continue chupando, Paula Chupe como se meu pau fosse seu último alimento.

Comecei a acelerar o vai e vem, até que senti a pressão em minhas bolas. Era uma sensação de agonia e ao mesmo tempo prazerosa, meu pau inchou e quando soltei um gemido gutural, minha porra jorrou em sua garganta.

— Isso, engula, sua sacana ordinária. Você é uma sacana, Paula. Uma escrota e eu gosto disso. Quer mais? Diga o que quer, hoje seus desejos serão realizados.

— Diga que me ama enquanto me fode, preciso escutar isso.

— Ok, Paula, eu te amo e quero fodê-la com força, posso? — Ela sabia que isso não era verdade. Eu não a amava, só sentia tesão, mas algumas fantasias eram só com palavras. Muitas mulheres necessitavam escutar tais palavras durante o sexo, e eu representava o papel de bom amante apaixonado, mesmo não sendo verdade. Ao menos elas se sentiam amadas, ainda que por um curto espaço de tempo.

Retirei o membro de sua boca, alisei seu rosto com os dedos de uma mão, enquanto a ajudava a se levantar com a outra. Paula já ia esticando os braços para envolver meu pescoço.

— Não, sem abraços. Eu posso tocá-la, e você pode tocar meu pau, meu peitoral e até meu rosto, mas nada de abraços ou beijos. E nada de tocar nas minhas costas.

— Desculpe, eu me esqueci das regras. Me empolguei.

Ela certamente havia lido as minhas regras antes de vir me encontrar, assim como eu li as dela. Por isso perguntei o que ela queria. Ela mordeu o lábio e faz uma expressão de mulher depravada, esticou a mão, alisou meu peito e se encostou, esfregando-se contra meu corpo.

— Vou foder você, Paula. Comer seu rabinho apertado e depois me inclinarei sobre o seu corpo e deixarei meu pau se fartar com a sua boceta deliciosa.

— Escroto. Boca suja, pervertido.

Ela até que tentou me beijar, mas virei o rosto.

— Sem beijos, sacaninha. Sem beijos.

Ela sorriu com deboche.

— Não vai se livrar desta camisa? Ainda está muito vestido, quero ver este corpo do pecado

todo nu.

— Não, você já está vendo o suficiente do que seu corpo precisa. Pode brincar com ele à vontade. — Baixei os olhos para o meu pau.

Deslizei as mãos para baixo, para segurar seu traseiro, e apertei suas carnes sem afastar meus olhos dos seus. Ela sorriu quando viu o brilho de tesão que eles certamente refletiam. Esses encontros sexuais eram a minha válvula de escape, através deles eu podia liberar toda a intensidade que ficava reprimida.

Abruptamente, a levantei em meus braços. Ela levou as mãos ao meu peito e ficou beliscando meus mamilos, enquanto me dirigia para a cama em grandes passadas, olhando-a lascivamente.

— Paula, já fez anal? Pergunto por que, quando vi sua bunda, salivei, mas você não é obrigada a ceder às minhas necessidades, posso perfeitamente foder só sua boceta. — Parei diante da cama, meus olhos avaliando a expressão do seu rosto enquanto esperava a resposta.

— Sou toda sua, meu gostoso. Coma-me, sacia a sua vontade obscura em meu corpo. Quero tudo de você. — Ela riu e apoiou a cabeça contra meu peito. Não me senti à vontade com aquela intimidade, mas precisava superar isso, já que teria que deixar a Laura me tocar, quando fosse necessário.

— Então, vou enrabar você com força, sua sacana. Esse seu rabinho lindo vai conhecer o poder das minhas estocadas. — Joguei-a na cama e ela soltou um grito de surpresa.

— Vem, meu gostoso, tesão. Hoje saciarei minha fome de você. — Paula se apoiou sobre um cotovelo, admirando meu corpo musculoso.

Segurei meu membro e o acariciei, provocando-a. Ela lambeu os lábios e um gemido impaciente escapou de sua garganta quando movi minha mão sobre ele, exibindo-o... comprido e grosso, ele se curvava orgulhosamente para cima. Apertei a cabeça, deixando sair uma reluzente gota de líquido pré-ejaculatório. Ela me ofereceu um sorriso libidinoso, e eu avancei para ela, olhando-a com um olhar de pura luxúria.

— De quatro, minha cadelinha linda. Dê-me a visão do seu rabinho lindo — disse, subindo na cama e me equilibrando, enquanto minhas mãos se ocupavam dos seus fartos seios.

Utilizei os dentes em cada mamilo, provocando sua sensibilidade, lambendo, beliscando e sugando, e enfiei a mão entre suas coxas, apertando sua boceta com vontade. Ela pôde sentir a pressão dos meus dedos firmes sobre a carne macia. Tanto que soltou um grito vertiginoso e revirou os olhos. Ela era uma verdadeira puta, daquelas bem descaradas, do jeito que eu gostava. Sem charminho, sem não-me-toques, simplesmente deixava-se ser comida.

Geralmente, as mulheres casadas que vinham ao clube, sem a companhia do marido, vinham à procura do que não encontravam em casa. Ou o marido era um grosso que montava em cima só para gozar e não se importavam com o prazer da parceira, ou eles simplesmente não faziam com elas o que elas gostariam que fizessem. A grande maioria das mulheres gostava de um homem ardente, desbocado, que as fizesse se sentir gostosas, poderosas. Acho que esse era o caso da senhora Lancaster.

Virei-a e ela se apoiou nos cotovelos, empinando seu traseiro redondo. Coloquei o

preservativo, alisei a pele macia e brinquei com o dedo em seu buraquinho. Ela moveu os quadris e me olhou por cima do ombro. Enfiei meu dedo e o torci. Ela fechou os olhos e rebolou. Passei outro dedo em suas dobras, à procura do clitóris, e o massageei, provocando-a.

— Enfia logo essa vara gostosa em meu cu, e para de me provocar, caralho! — Verbalizou sua vontade e eu não podia lhe negar este prazer.

Deslizei o dedo mais uma vez dentro dela, e quando seu corpo se retesou, eu o substituí pelo meu pênis. Enfiei tudo até não restar nada. Paula gostava de ser enraba. Segurei seus cabelos, envolvendo os fios entre os dedos e puxei, trazendo sua cabeça para trás. Comecei a bombear com força e desespero. Nossos corpos se sacudiam, e o som das batidas do meu corpo contra o dela era como música para meus ouvidos. Ela perdeu o equilíbrio, caindo sobre o colchão, mas nem por isso parei de bombear, mais e mais forte.

— Gostosa. Você é muito gostosa, sacaninha. Gosta de ser enrabada, não gosta? Quer com mais força, delícia? Quer que o Joshua enfie até o talo, hein, deliciosa?

— Quero... quero tudo — respondeu sem fôlego.

Segurei mais os seus cabelos e estoquei com força. Ela tomou um fôlego irregular e se arqueou para cima. Estava quase chegando ao nirvana. Então, alcancei um dos vibradores que estavam na mesinha de cabeceira e o deixei no lugar do meu pênis. Me livrei do preservativo e rapidamente coloquei outro.

— Agora, quero essa boceta comendo meu pau, sacaninha. — Virei-a de costas para o colchão e rapidamente me coloquei sobre ela, apoiando-me em meus cotovelos, um de cada lado dela, e o meu pau guloso a penetrou.

— Gosta disso, não é? — Enquanto a estocava com meu pau, minha mão movia o vibrador em seu rabinho. — Está gostoso, sacaninha? Minha putinha linda. Quer mais forte?

— Gostoso... — Ela engoliu quando bati o corpo contra o seu com força. — Diga que me ama, eu quero que diga que me ama quando gozar.

— Digo sim, delícia — grunhi. Abaixei a cabeça para devorar seus seios enquanto meu pênis investia profundamente, sentindo minhas bolas batendo contra o seu traseiro.

Paula gemeu, erguendo os quadris para assegurar-se de receber até o último centímetro do meu pau. O cheiro de sexo nos rodeava e me deixava muito mais excitado. Foram dias sem trepar com alguém, dias sem sentir o calor de uma boceta. Esse tempo todo fiquei preso à magia de uma garota irritante, que estava me tirando do sério, me enchendo de sentimentos conflitantes e me deixando completamente confuso e...

Excitado.

Droga, eu disse isso? Estou fodendo uma mulher gostosa *pra* caralho e pensando em outra, é isso?

Fiquei louco!

Olhei para Paula enquanto a fodia, enquanto meu corpo batia fortemente contra o seu, enquanto ela gemia e se contorcia embaixo de mim. A mulher era linda, gostosa, sexy, e eu estava pensando na

Laura, em seu corpo nu, em sua vagina coberta pela calcinha, seus seios bicudos escondidos pelo tecido do sutiã... Ela era linda, perfeita e como...

Que merda! Como seria quando eu fizesse amor com ela?

Joshua, acorde!

Voltei a encarar a expressão de bem fodida da minha companheira. Ela se contorcia, gemia, e eu senti a pressão em minhas bolas. Estabeleci um ritmo fácil, dentro e fora. Meu pau estirando e enchendo-a deliciosamente. Paula envolveu as pernas ao redor do meu quadril, unindo seus tornozelos, e eu prendi seus pulsos acima de sua cabeça para evitar que ela me abraçasse no auge do nosso orgasmo. Ondas de prazer crescentes tomaram conta dos nossos corpos, e para prolongar mais o prazer da minha companheira, eu girei o quadril em círculos, enquanto ela gemia ansiosamente, debaixo de mim.

Empolgado, estocava com mais força e rápido até que empurrei meu pau dentro dela uma última vez e o orgasmo veio como um vulcão, explodindo meu sêmen dentro do preservativo.

— Porra! Amo você, minha safada. Escrota do caralho, eu amo... — Minha boca devorou seu seio, e enquanto eu gozava, mamava seu mamilo. Ela soltou um grito prazeroso, lutando para se soltar da força das minhas mãos, que a impediam de me abraçar.

— Joshua, eu fui para o céu... Meu bom pai, que porra foi essa?

Soltei um suspiro e me virei, afastando-me do seu corpo. Estava completamente satisfeito e esgotado. Ela foi uma boa foda, muito boa. Eu já tive melhores, mas gostei fodê-la.

Sentei-me na cama, peguei sua mão e a beijei com carinho. Com pressa, me levantei e ocupei um dos banheiros. Fechei a porta, tomei um banho e voltei para o quarto. Ela ainda estava deitada na cama, nua, olhando para o teto.

— Joshua, podemos nos ver novamente? Eu gostaria muito.

Já estava fechando a calça e pronto para afivelar o cinto.

— Sim, claro que podemos. Quando quiser, você marca com o Heitor. — Calcei os sapatos.

— Joshua, já está vestido? — Ela se sentou, e só então percebeu que já estava pronto para ir embora. — Poxa, eu queria tomar banho juntinho e depois foder gostoso debaixo da ducha. — Ela veio até mim e tentou tirar meu paletó.

— Paula, não compartilho o chuveiro e estou muito satisfeito. O nosso encontro foi ótimo e fico devendo outra foda. Agora, tenho que ir. — Acariciei o rosto dela, virei as costas e saí do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Enquanto estava no elevador, liguei para o Frota.

— Onde você está? — Ele disse que estava me esperando no estacionamento do clube. — Ligue o carro, já estou saindo.

♪

Entrei em meu refúgio, joguei meu paletó sobre o estofado e segui para o quarto. Já estava vestindo o short do pijama quando meu celular tocou. Me deitei na cama, olhando para o aparelho e

vendo o nome no visor: Laura.

— Aconteceu alguma coisa? — Peguei meu relógio na mesa de cabeceira e vi as horas. Eram mais de três da manhã. — Laura, o que aconteceu?

— Por que eu não posso voltar a ser uma pessoa normal, por quê? — Escutar aquilo me quebrou e eu perdi o sono completamente.

— Laura, estou indo ver você, é só o tempo de chamar um Uber.

Desliguei porque ela certamente tentaria me impedir. Ela estava chorando, e toda vez que isso acontecia ela se entregava à tristeza e meu medo de que sozinha, entre quatro paredes, ela se perdesse e tentasse algo idiota. Não quis acordar o Frota, afinal ele não é uma máquina e não tem culpa de trabalhar para um cara fodido tipo eu.

Já estava fora de minha residência quando meu celular tocou outra vez.

— Laura, só destranque o portão da frente daqui a três minutos, já estou chegando. — Imaginei o quanto ela deve ter ficado confusa com o meu pedido.

— Joshua, não precisa vir. Eu só quero conversar, eu... — Escutei seu suspiro exasperado. — Você é muito teimoso, sabia?

— Sabia — respondi e escutei seu soluço sufocado. — Já estou chegando, abra o portão.

Eu me importava com ela. Só de pensar que ela estava chorando, já me quebrava por dentro. Estou dilacerado, completamente fodido. Acho que nunca mais serei o mesmo, mas tenho uma família, tenho pessoas que se importam comigo. Pessoas que me amam. E ela? Eu não tinha ideia de quantos dias e noites ela passou sozinha, nem das dores opressivas de seu coração e mente, e ela segurou a barra sozinha. Não sei como conseguiu, porque era difícil. Só quem vivia preso às dores da mente sabe o que passamos. Não, nunca mais a deixaria passar por tudo sozinha. Ela agora tinha a mim.

Desci do carro e abri o portão. Subi as escadas de dois em dois degraus. A porta do apartamento já estava aberta. Quando a fechei, escutei soluços abafados. Já sabia onde ela estava. Dentro do armário.

Segui para o quarto e escancarei a porta do guarda-roupa.

— Laura, já estou aqui. Venha... — Esqueci todos os meus problemas em ser tocado e abraçado. Ela era mais importante. — Venha. Não precisa ter mais medo, estou aqui...

Seus lindos olhos marejados encontraram os meus, enquanto seus braços se estendiam, aceitando meu convite para colocá-la nos braços. Ela também se esquecia dos seus próprios medos e traumas. Éramos apenas eu e ela, somente nós dois. Dois loucos fodidos.

— Não... não consigo, Joshua. Não consigo me livrar dele... — Ela faz uma pausa, aparentemente tentando esquecer. — É tão assustador... tão assustador.

— O que é assustador, Laura? Talvez, se me contar, deixe de ser. — Não sabia o que a havia danificado daquele jeito, mas minha intuição me dizia que foi alguém. Se eu tivesse que arriscar um palpite, diria que ela talvez tenha sido violentada e isso a traumatizou, pois para não conseguir se relacionar sexualmente, tinha que haver algum motivo bem devastador.

Não sei ao certo, mas não perguntaria. No dia em que se sentisse à vontade para me contar tudo o que lhe aconteceu, eu estaria ao seu lado para escutar. Enquanto isso não acontece, estarei segurando a sua mão todas as vezes que precisar.

— Laura, olhe para mim. — Deitei-a na cama, mas seus braços continuavam ao redor do meu pescoço, ela não queria me soltar. — Ei, pode me soltar. Não irei a lugar algum, ficarei aqui. Solte-me, Laura. — Ela não soltou, ao contrário, me puxou para mais perto e colou a lateral do rosto em meu peito.

Putz, eu queria afastá-la. Toda aquela intimidade me remetia ao passado e as lembranças vinham como flechas com pontas afiadas e envenenadas. Doía demais. Eu via a minha bailarina em meus braços com a cabeça apoiada em meu peito e a mão acariciando minha nuca.

Minha respiração engasgou na garganta e o pânico invadiu meu corpo, tomando conta de todas as minhas células. Estava a um passo de empurrá-la e sair correndo dali.

Se existe mesmo um Deus, Ele precisava me ajudar. Laura não merecia o meu repúdio, ela precisava de mim. Não consegui ajudar a minha bailarina, mas talvez pudesse ajudar esta moça. Por favor, Deus, ajude-me!

— Joshua, deixe-me ficar assim. Gosto de escutar seu coração, as batidas dele são como música... — Engoli, inspirei e tremi. Ela não merecia minha instabilidade.

— Eu deixo, mas você precisa me soltar. Não estou em uma posição confortável. — Ela me soltou. Eu me sentei na cama, recostei-me na cabeceira e ela se arrastou até mim, deitando a cabeça em meu peito.

— Estou tão cansada de tudo. Faz tanto tempo que vivo assim que não aguento mais. Não aguento, Joshua, o medo que sinto dói muito. Este medo nunca me deixa. — De repente, ergueu o corpo e me encarou. Seu olhar estava muito distante, tristonho.

— Laura, eu sei que é difícil, mas você precisa continuar tentando. Minha mãe dizia que nada dura para sempre, e precisamos sempre continuar seguindo em frente.

— É tão lindo esses dizeres, parece tão fácil. — Eu sabia que não era. — Só que não é, Joshua. A escuridão me devora e o medo me acompanha durante todos os segundos. Mal consigo respirar, pois tenho medo de que o demônio possa ouvir.

Ela voltou a chorar, escondendo o rosto entre as mãos. Não tinha ideia do que dizer. Percebi que ainda não tinha respostas e sequer conselhos a dar, pois as angústias dela eram as mesmas que as minhas. Vivíamos no mesmo mundo, sentindo as mesmas dores. A única coisa que eu podia oferecer era meu apoio e minha proteção. Não permitiria que demônio nenhum a tocasse, e se ele insistisse, eu o exorcizaria.

— Eu sei o quanto é difícil, acredite. Mas sei também que você tem que continuar tentando. Não deixe esse demônio vencer. Ele pode até derrubá-la, mas se levante e continue lutando, que um dia ele desistirá.

— Ou eu, não é?

— Não, nunca. Não deixarei você desistir. — Foi tão simples, tão descomplicado. Não houve resistência nem palavras de sua parte.

Meus braços simplesmente envolveram seus ombros e ela deitou a cabeça em meu peito e, minutos depois, vencida pelas lágrimas e pelo sono, adormeceu. Assim que tive a certeza de que nenhum demônio a assombrava, pois seu sono era bem tranquilo, fui embora cheio de sentimentos conflitantes e com um nó na cabeça.



Lhaura

Acordei com uma sensação que há muito tempo não sentia. Até já havia esquecido de como era me sentir em paz, mas faltava alguma coisa. Olhei para os lados, procurando o meu anjo salvador. No quarto ele não estava. Respirei fundo e me levantei com pressa. Onde o Joshua se meteu?

Cozinha.

Ele deveria estar na cozinha. Nem calcei os pés e fui procurá-lo. Minha sala e cozinha estavam vazias. Bati na porta do banheiro, mas ninguém respondeu, então resolvi abri-la. Joshua também não estava lá.

Não foi um sonho. Ele esteva aqui ontem, tenho certeza. Cheirei a camisa do meu pijama, e confirmei sua presença. Seu cheiro estava em mim, seu cheiro delicioso estava em minha roupa, em meus braços e em toda minha pele.

Sei que ele era irritante, estúpido, e além de tudo era homem, e eu não devia confiar em homens. Mas, por mais que tentasse me afastar, algo me dizia, ou queria muito acreditar, que ele era diferente. Não entendia, mas ao lado dele eu me sentia segura, protegida.

Lembre-se, Lhaura, você também se sentia segura ao lado do demônio.

Sim, Lhaura, e Joshua é seu amigo, nada mais do que isso.

Não!

Amigos também podem machucar, lembre-se disso.

Sim, eles podem. Os homens machucam.

Mas eu queria acreditar, precisava acreditar que existia um homem que pudesse se aproximar de mim sem me ferir. E bem lá no fundo, algo me dizia que Joshua jamais me faria mal. Talvez fosse por isso que, algumas vezes, quando estava muito ferrada e no fundo do poço, permitia que ele se aproximasse. Ou, quem sabe, por sermos dois quebrados, cheios de traumas, na hora do desespero deixamos de lado nossos medos e simplesmente nos apoiamos um no outro.

Devia ser isso.

Deixa de fantasia, Lhaura. É só amizade. Você se sente bem ao lado dele porque são amigos. É só isso.

Então, por que está sentindo a falta dele?

Boa pergunta.

Hum. Talvez seja porque ele a faça se sentir viva.

Lhaura, não confie nos homens, eles são todos iguais.

Então, por que eu confio nele?

Confia?

Confio.

Sim, eu confiava em Joshua e isso era novo para mim, pois há muito tempo não confiava em ninguém, seja homem ou mulher. Ninguém. Joshua, aquele ser irritante, era especial.

Sorri com meus pensamentos em relação ao meu amigo. Entrei no banheiro, despi a roupa e me enfiei na banheira. O cheiro da lavanda veio diretamente ao meu nariz. E só então lembrei da noite anterior. No hotel.

Deus! Ele me tocou... Joshua me tocou, como pude me esquecer disso? Fechei os olhos e deixei minhas mãos percorrerem o mesmo caminho que as mãos dele percorreram. Todo meu corpo respondeu, minha pele se arrepiou. Seus dedos longos e espessos me tocaram com tanta delicadeza.

Por que não corri, não gritei?

Por que permiti?

Sim, estava assustada, trêmula. Sim, eu tive vontade de correr, mas não corri. Fiquei e senti...

Senti seu toque, sua respiração, sua voz forte e controlada. Deus! Eu fiquei excitada! Com os outros não ficava, só sentia medo, pavor. Mas com Joshua eu fiquei molhada. Fazia tanto tempo que não sentia aquela reação com um toque de um homem, por que com o Joshua?

O que ele tinha de diferente?

Aquelas mãos longas em meu corpo e entre minhas coxas, humm! Mordi o lábio quando voltei a sentir aquela sensação e me toquei entre as coxas.

E se ele tivesse ousado mais?

Se seus dedos espessos tivessem tocado meu clitóris?

Toquei meu ponto sensível, movi o dedo e uma sensação gostosa invadiu meu corpo.

E se ele me penetrasse?

Abri um pouco as pernas e escorreguei o dedo em minha abertura. Se ele me fodesse assim... Comecei a mover o dedo rapidamente.

E se sua outra mão apertasse meu mamilo desse jeito?

Belisquei o bico do meu seio com força.

— Oh, Deus! — Arqueei o corpo, fazendo um movimento, enquanto meu dedo me fodia com força. — Mais forte, mais forte. Humm. — Desesperada, movia o dedo dentro de minha vagina. Meu corpo se sacudia na água, fazendo-a cair pelas bordas da banheira. O orgasmo veio com força e eu gritei, deixando o prazer sair de mim.

Nem me lembrava mais quando eu tive um orgasmo tão forte como esse. Eu me masturbava, já que não tinha outra opção, mas não podia iludir minha mente, e meus orgasmos eram mornos e tristonhos. Só serviam para aliviar a necessidade por sexo. Hoje, foi meu primeiro orgasmo de verdade depois que fugi do Felix. Precisava de uma segunda vez com Joshua. Se ele seria a minha salvação, então que fosse.

Após o orgasmo, terminei meu banho, me troquei, comi algo rapidamente e fui para a escola de música.

Hoje não teria alunos na parte da manhã, mas precisava organizar algumas partituras e afinar o piano. Mas assim que cheguei na recepção percebi que o dia seria longo e cansativo. O movimento de alunos subindo e descendo estava parecendo com o de uma escola normal. Olhei dentro da recepção, à procura de Sara, mas ela não estava. Então fui para a minha sala. Peguei meu fone de ouvido e pluguei no celular, escolhendo uma música diferente.

Lewis Capaldi, Someone You Loved.

Comecei a organizar as partituras, cantarolando a música, e fiquei imaginando o que Joshua estava fazendo. Trabalhando, com toda certeza. E as perguntas vieram.

Será que ele dormiu comigo?

Se dormiu, por que não ficou e não me esperou acordar, como na outra vez?

E se ele foi embora depois que adormeci, por que não me acordou para se despedir?

E por que eu estava tão preocupa com isso?

Não era nada demais pensar sobre isso, afinal, éramos amigos. Deveria ligar para ele? convidá-lo para almoçar? Não, certamente aquele ser irritante iria querer pagar a conta e isso seria motivo para brigarmos. Ele era muito esquentadinho, e eu não queria quebrar o encanto que estava sentindo. Era melhor deixá-lo quieto. Precisava mesmo de um tempo para criar coragem e marcar um segundo encontro.

— Laura! — Quando olhei para a porta era Nara, minha chefe. Sorri e tirei os fones de ouvido. — Estava distraída? É a primeira vez que a vejo tão dispersa, parecia que estava em outro lugar.

E estava, mas ela não precisava saber onde. Juntei as partituras e as coloquei sobre o piano.

— Não, não estava distraída, estava concentrada.

— Tem um tempinho? Preciso falar com você, pode vir até a minha sala, por favor?

Pela sua expressão corporal, ela tinha algo muito sério para me dizer. Só esperava que não fosse alguma substituição. Eu já havia lhe dito que só substituiria outro músico se ele não fosse conhecido, ou se as pessoas soubessem que quem tocaria seria um substituto.

— Claro, já estou indo.

Fechei o piano e caminhei para a sala dela. Olhei para dentro enquanto empurrava a porta. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia leve e com uma sensação nova de calma, tão diferente da primeira vez que entrei nesta sala. Na época, estava muito nervosa. Não que as coisas tenham melhorado. Continuo me escondendo, vivendo nas sombras, mas de alguma forma estava sobrevivendo.

Olhei para Nora. Ela me encarou sorridente, me mandando entrar e me sentar.

— Então, percebi que você tem algo a me dizer. Talvez seja alguma substituição...

— É melhor do que isso — interrompeu. — Você terá sua própria apresentação. Consegui um concerto solo, não é ótimo isso? Logo você estará se apresentado nos grandes teatros do mundo.

— Nara, não. Não quero isso — falei, me levantando da cadeira. — Eu lhe disse, fui tão clara com você que não quero ser alvo dos holofotes. Não quero plateia, não quero reconhecimento, só quero ficar em paz.

— Querida, como ignorar esse seu talento? Meu Deus, Laura! Você nasceu para brilhar. — Eu sei, mas um demônio apagou a minha luz. — Uma musicista com seu talento não pode e não deve se esconder atrás de outros músicos. O mundo precisa vê-la.

— O mundo está se virando perfeitamente bem sem mim, Nara. Não quero brilhar, estou muito bem com minha luz apagada. Gosto do escuro e quero continuar nas sombras, não quero chamar atenção e pretendo ficar assim por muito tempo. Por favor, não insista. — Olhei para ela com impaciência.

— Olha, Laura, não sei o que aconteceu com você e não vou perguntar, mas quero que saiba que se precisar conversar, estou aqui. Você não tem que se preocupar se vou te julgar ou não, porque não vou. Sabe que gosto muito de você e a amo como uma filha. Mesmo que você nunca me conte a sua história, continuarei sendo sua amiga. É bastante claro que você vive com medo de tudo e todos. No início pensei que isso logo passaria, mas com o passar dos anos, nada mudou. Eu me preocupo com você e quero que saiba que não deixarei nada nem ninguém a machucar. Então, aceite. Se apresente e se mostre para o mundo.

— Não, não quero. — O que queria era terminar com aquela conversa, ela estava me incomodando demais. Onde e quando me exporia dessa maneira? Se fizesse isso, no outro dia o Felix estaria em minha porta, me puxando pelos cabelos e me jogando em um carro blindado. Ou talvez, me enfiando em uma camisa de força e me trancafiando em um manicômio.

— Laura, outro músico em seu lugar estaria dando saltos de alegria! Ter a sua própria apresentação e depois outras e outras.

— Nara, não sou outro músico. Agradeço, mas me recuso a aceitar, e quando surgirem substituições, só irei sob aqueles termos que lhe falei. Sem surpresas, por favor. Era só isso?

— Era — respondeu, resignada. Partiu meu coração vê-la triste, mas seria suicídio aceitar tal proposta. Eu preferia perder o emprego a ter que me apresentar.

Deixei sua sala e caminhei em direção à recepção. Ainda tinha alguns minutos para o almoço e fui procurar Sara.

— Laura, já ia atrás de você. Olha o que chegou, um homem muito lindo todo de terno preto, parecendo um delegado federal, deixou. Até o nome dele era de polícia. Frota.

Frota, o motorista do Joshua! Só podia ser a chave da suíte. Peguei o envelope.

— Ei, não vai abrir? Também quero saber. — Minha amiga, além de curiosa, era intrometida. Tentou tirar o envelope de minhas mãos.

— Não interessa, pode tirar as mãos. — Ela fez menção de pegá-lo outra vez, mas o escondi atrás das costas. — Vamos comer? Estou com fome. — Tentei disfarçar e tirar a atenção dela.

— Vamos, e por falar em homem lindo, onde anda seu amigo bonitão, o Joshua? Se você não o quiser, eu quero. Aquilo é homem para se guardar no meio das pernas e dar uma surra de boceta nele, daquelas bem dadas.

— Sara, não fale assim do meu amigo. Ele não é para seu bico, é muito fino para uma boca suja como você.

— Olha a dona santa falando. Eu, hein! Você é daquelas que nem fode e nem sai de cima.

— Somos amigos, só isso. Ele também não é homem para mim, sou problemática demais para homens como ele. Agora, deixemos de conversas e vamos comer.

Seguimos para o restaurante. Sara encaixou o braço no meu e saímos andando. Ela não me incomodava quando me tocava, mas demorou um tempo para me acostumar com as suas manias de encaixar o braço no meu e de conversar me tocando.

— O Daniel tem um amigo lindo. Ele é carioca e está passando uma temporada em Gramado.

— Esquece, Sara. O último não deu muito certo e é melhor você parar de bancar o cupido. Não quero um namorado, quero um homem só para transar. Quer dizer, para me livrar desse trauma de não conseguir fazer sexo, então seus amigos não servem.

— Este serve. Você vai querer dar *pra* ele assim que o vir. Eu quis.

— Então, dê, o que te impede?

— O Daniel. Acho que estou apaixonada.

Soltei uma gargalhada.

— Novamente? Esse é qual número, mesmo? Vigésimo?

— Não seja idiota, Laura. É sério, estou amando. Devia ficar feliz. — Eu feri o coração da minha amiga. Sou uma megera, mesmo. Não é porque não acredito no amor que os outros não têm que acreditar.

— Desculpa, amiga. Estou feliz por você. — Ri e entramos no restaurante.

— Mas é sério, sobre o amigo do Daniel. Quando quiser é só falar que marcamos um encontro. Ele é muito gostoso, não mais do que seu amigo Joshua, porque acho que não deve existir um homem tão gostoso como aquele lá. Ele parece aqueles CEOs das capas de livros de romance *hot*, meu Deus!

— Exagerada, o Joshua é bonito, mas existem homens mais bonitos. — Pensei no Felix. Ele era lindo, mas eu não poderia comparar as duas belezas. Eles eram lindos na mesma medida. Só esperava que Joshua não fosse perverso como Felix.

Voltamos para a escola meia hora depois. Fui direto tocar meu violoncelo e corri para a recepção assim que terminei, na esperança de ver o Joshua. Ele sempre vinha me convidar para um café, só que hoje ele não veio. Fiquei decepcionada.

Passei a tarde inteira pensando nele. Pensando nos motivos que o fizeram não vir me escutar tocar, já que não faltava um só dia. Será que havia se arrependido? Mas se fosse isso, não teria mandado a chave.

Saí da escola com meus pensamentos me atordoando. Resolvi ir ao supermercado, talvez fazer compras distraísse minha cabeça. Às vinte horas, estava na cama. Inquieta, nervosa, não quis jantar, não quis ler. Nada do que fizesse afastava meu pensamento do Joshua. Então, peguei meu celular e fiz

uma chamada.

— Alô.

— Joshua.

— Oi, Laura, algum problema?

— Não. Você está ocupado? Está no hotel?

— Ainda estou no hotel, mas daqui a meia hora irei embora. Por quê?

— Posso ir me encontrar com você? — Ele ficou mudo, sequer escutava sua respiração. Foram minutos desesperadores. Ele havia desistido, agora eu tinha certeza.

— Você quer um segundo encontro, é isso?

Respirei, aliviada.

— Sim, eu recebi a chave. Acho que quanto mais vezes nos encontrarmos, mais eu terei oportunidades de resolver meu problema.

— Se você quer assim, então pode vir. Assim que eu acabar, irei vê-la.

— Está bem, estou indo. Tchau.

Deliguei e corri para o banheiro. Precisava ver se as coisas lá embaixo estavam bem aparadas e macias. Talvez hoje eu perdesse de vez o medo de fazer sexo.



Lhaura

Enfiei o cartão no lugar indicado da porta e rapidamente escutei o clique quando se abriu. Entrei no espaçoso cômodo. Não era igual à suíte do Joshua, era só um quarto de hotel luxuoso, mas era muito bonito e bem decorado. As cortinas estavam fechadas e a penumbra provocada pela pouca luz dava um charme a mais e um ar de mistério. Aconchegante era o adjetivo que o quarto merecia. Uma enorme TV na parede; quadros belíssimos espalhados estrategicamente; uma mesa redonda com duas cadeiras; um estofado que parecia ser muito confortável, na cor marrom; uma enorme bancada em frente da cama, com alguns objetos de arte e a cama enorme, alta e coberta por um edredom branco e um cobre-leito marrom. No lado direito havia uma porta. Fui até lá e a abri. Entrei em um magnífico e luxuoso banheiro. Tudo nele era de primeiro mundo, e podia jurar que dentro do box havia aquelas duchas que enviavam jatos de água por todos os lados. E a banheira era enorme, cabiam umas quatro pessoas dentro. Não era à toa que a rede de hotéis Saravejo era toda cinco estrelas.

Voltei para o quarto. Não abri as cortinas, tampouco acendi o restante das luzes, a claridade que estava era suficiente para o que viemos fazer. Sentei-me na cama e esperei. Não sabia o que fazer.

Despir-me?

Tomar outro banho?

Estava tão nervosa e perdida, não tinha a menor ideia do que aconteceria nesse nosso segundo encontro.

Será que ele iria me beijar?

Parecia um ato tão simples para os outros, mas para mim era tão complicado, tão complexo. Não era só uma questão de juntar as bocas, era uma questão de sobrevivência. Sempre tinha a sensação de que morreria sufocada. Sou uma ferrada, e se Joshua não conseguir me ajudar nunca mais conseguirei sentir um orgasmo novamente. Joshua.

O que ele pretendia fazer comigo hoje?

Será que iria se esfregar em meu corpo?

Será que usará a boca em mim?

Por Deus, já estou delirando, e só de pensar já me sinto quente! Devia ser o nervosismo e a ansiedade.

Transar novamente. Como será a sensação quando ele estiver dentro de mim?

Lhaura, pare de pensar antecipadamente.

E se der medo? E se eu o afastar? *Concentre-se, Lhaura*. O que estava acontecendo comigo? Eu nunca pensei desse jeito nos outros encontros. Claro que ficava nervosa e com medo, mas nunca excitada.

Dei um pulo da cama quando escutei o toque do meu celular. Era ele. E se ele não vir mais e estiver me ligando para dizer isso? Não, não. Não sei se poderia aguentar uma rejeição.

— Oi — murmurei. Estava morrendo de medo do que ele falaria.

— Já chegou? — Oh, Deus! Estou tremendo tanto que sequer conseguia abrir a boca para pronunciar as palavras.

— Sim, faz alguns minutos. — Estava tentando manter a calma, mesmo assim podia sentir meus dentes batendo uns sobre os outros.

— Laura, se acalme, estou escutando o ranger dos seus dentes. Tem bebidas no frigobar, beba alguma coisa para se acalmar. Já, já estarei aí. Tudo bem?

Não, senhor todo controlado, não é você que morre de medo de homem. Claro que não está tudo bem.

— Tudo bem. — Fiz uma pausa. — Joshua.

— Oi.

— O que quer que eu faça? Eu não sei o que espera de mim.

— Laura, não quero que faça nada. Só mantenha a calma e deixe que eu me preocupo com o resto. Deite-se e relaxe, é só o tempo de ir até a minha suíte tomar um banho e trocar de roupa. — Sim, senhor pretencioso. Como se fosse fácil relaxar. — Laura, não disse que seria fácil. — Ele agora lê pensamentos. Que raiva! — Já estou despindo minha roupa, quer que continuemos nossa conversa enquanto tomo banho?

— Não! — Quase gritei. — Não seja pretencioso, senhor irritante. Daqui a pouco vai querer fazer um vídeo chamada.

— Laura, não me dê ideias, e pare de arrumar briga, porque não irei brigar com você. Se não quer me ver tomar banho, vou desligar. Tchau.

— Tchau, seu estúpido. — Desliguei. O seu lado estúpido de ser conseguia superar o lado meigo.

Idiota!

Olhei para a cama e me joguei de costas no colchão, enquanto soltava um rosnado baixo com a garganta. Olhei para o teto branco com a belíssima luminária. E se eu não conseguisse? A pergunta não era essa. Era: e se eu conseguisse? Como ficaria minha amizade com Joshua? Não sei se teria coragem de olhar para ele depois do nosso sexo sem compromisso.

Não queria perder sua amizade. Sinto-me tão segura ao seu lado. São as nossas conversas noturnas que me acalmam, que me fazem dormir. Os meio-sorrisos que se esticam em meus lábios desde que começamos a conversar, eu devo a ele. Será que valeria a pena perder a amizade dele, só para me livrar do medo de fazer sexo? Não seria melhor procurar outra pessoa, um estranho? Sim, seria melhor.

Apressadamente, me levantei. Precisava ir embora ante que ele chegasse. Peguei minha bolsa, meu casaco, e me virei. Então, a porta do quarto se abriu.

— Onde a senhorita pensa que vai? — Ele não sorria, mas tinha uma mania de esticar os lábios, ensaiando um sorriso cínico, e isso era sexy demais, o que me deixava furiosa. — Está pensando em fugir, covarde?

— Escute aqui, senhor....

— Shhh, não estrague isso. — Ai, meu Deus! Ele se aproximou e ficamos muito próximos. Enquanto seus olhos se fixavam nos meus, seus dois dedos em meus lábios me impediam de articular palavras. Inspirei, e lá veio aquele cheiro gostoso. Deus! Ele era lindo demais, mas não podia cair em tentação novamente. Não podia cair na mesma armadilha. — Laura, não precisa ter medo, não irei machucá-la. Prefiro perder minhas mãos a machucar você. — O demônio dizia a mesma coisa, e olha o que acabou fazendo comigo. — Laura, está me escutando?

Claro que estou, só não consigo mover os lábios. Você me deixa nervosa, muito nervosa.

— Laura, se quiser ir, não a impedirei. — Ele afastou o corpo, dando-me espaço para que pudesse passar. — Vá, pode ir — disse ele, caminhando em direção à porta. Eu dei um passo também, mas paralisei.

— O que diabos aconteceu? — Eu vi sua mão tocar na maçaneta e me assustei com tom cru de sua voz.

Joshua se virou para me olhar, mas eu não sabia como responder. Ficamos um de frente para o outro. Ele com sua calça escura e camisa verde, ambas sociais, com as mangas dobradas até os cotovelos. Sempre estava vestido formalmente, sempre impecavelmente lindo e com aquela postura altiva, exalando poder. Tinha que continuar cantando o meu mantra: homens lindos são perigosos.

Continuava parado, me olhando. Sério e com as mãos nos bolsos da calça, ele parecia um Deus grego. Voltei ao planeta Terra e à pergunta que ele havia feito. Como podia explicar o que estava acontecendo?

— Eu só ...— Tento pensar na palavra certa, mas nada me ocorria.

— Está com medo do que possa acontecer depois? — Esse homem não existia, como ele sabia exatamente quais eram as palavras que estava buscando? — Laura, você acha que não pensei nisso também? Que se foda tudo, você é mais importante do que qualquer coisa. Eu só quero que supere essa merda. Se tivermos de nos afastar depois, que seja, o importante é que fique livre para se relacionar — engoliu em seco — com quem quiser.

Ele tinha razão, aceitei sua ajuda para me livrar desse medo. Só não havia pensado nas consequências. Foi pura necessidade que me fez aceitar essa proposta maluca, mas poderia custar muito caro. Poderia custar a nossa amizade e não estava certa se queria isso, se queria me afastar dele.

— Sim. — A palavra deixou meus lábios como uma maldição.

— Você precisa de mim para ajudá-la e estou disposto a ajudar. E serei honesto, Laura. Olhando para você agora, não sei quem estaria disposto a ajudá-la de bom grado.

Mais uma vez, ele tinha razão. Esse ser irritante e estúpido era o único que teria alguma chance de me tirar da seca.

— Obrigada. — Olhei para ele e senti meu corpo se arrepiar. Por que eu sentia essas coisas? Deus, ele era tão lindo. Não conseguia tirar os olhos. Mas que inferno, o que estava acontecendo comigo? Ele era meu amigo, e até antes que me tocasse, sequer o achava atraente a ponto de ficar excitada.

O que Joshua tinha de especial?

Eu não sei, mas pela primeira vez, depois de anos, estava começando a sentir essas coisas por um homem. Ele despertou sensações que estavam adormecidas dentro de mim, e sinceramente não sabia se gostava ou não delas. Não queria mantê-las. Já vivi esse tipo de sentimento e foi por causa dele que me vi prisioneira em uma gaiola dourada. Sentimentos desse tipo podiam matar. Do Joshua só quero o sexo. Quero voltar a ser mulher e sentir os orgasmos provocados pelo corpo, boca, mãos e pênis de um homem. Só isso, nada além disso. Que fique claro em minha cabeça e em meu coração.

— Então, já que chegamos a esse ponto, vamos ao que interessa. — Ele me olhou, seus olhos vagando sobre mim. Tinha vezes que ele era assustador, principalmente quando começava a me olhar desse jeito. Até pouco tempo atrás seus olhares eram indiferentes, mas agora, me esquentavam de dentro para fora.

— Vai me massagear novamente? Ou prefere que me dispa? — Devo ter ficado com o rosto vermelho, pois sentia as bochechas queimarem.

Ele ainda estava afastado quando disse isso, mas em poucos segundos se aproximou e eu pude me ver refletida em seus olhos azuis. Seus dedos tocaram levemente a pele dos meus braços e subiram, fazendo uma carícia sutil. Ao sentir o choque, me encolhi. A intenção era me afastar, mas me lembrei do porquê de estar neste quarto, então fechei os olhos e prendi a respiração.

— Você gostou da massagem? — Sua voz grave, rouca, fez um redemoinho em minha barriga. Assenti com a cabeça, não dava para responder. — Quer mais massagem? — Ele aproximou o rosto do meu, e eu senti o seu hálito quente em minha face. Será que iria me beijar? — Podemos começar com uma massagem, ou... — *Meu Deus!* Ele mordeu a ponta da minha orelha e eu senti a minha calcinha molhar. — Podemos fazer outro tipo de massagem, Laura. — Sua boca estava muito perto da minha pele. — Com a minha língua, em todo seu corpo. — *Socorro!* Ele deslizou a língua em meu rosto, e eu pude sentir a maciez e o calor.

É claro que comecei a imaginar como seria sua língua lá embaixo. Meus joelhos cederam, e se ele não me segurasse, teria caído. Estava trêmula, arfante e molhada. Meu corpo foi erguido, mas a magia foi quebrada e ele apenas continuou me olhando com o rosto completamente inescrutável. Comecei a ficar inquieta.

— Quer conhecer o poder de um banho de língua, Laura? — Quem era aquele homem? Onde estava o Joshua? Acho que havia dois homens dentro dele, o social e o sexual. E agora, qual dos dois eu preferiria dentro deste quarto?

— Joshua...

— Shhh, não é a hora para medos. Você quer ou não ser uma mulher capaz de sentir um orgasmo novamente?

— Que-quero.

— Então, deixe-me conduzi-la ao paraíso.

Parei de respirar nesse instante e o meu coração deu uma batida forte contra meu peito. Não deu tempo para palavras, só senti meus pés fora do chão. Seus braços fortes envolveram-me, e lá estava eu, sendo guiada para a cama. O pavor me dominou.

— Solte-me, Joshua. Solte-me, não quero mais. Solte-me...

— Não, Laura, você ficará aqui em meus braços. Tente manter o controle.

Eu me sacudia em seus braços, empurrava-o com as mãos em seu peito. Tentei pular e quase consegui, mas ele me apertou de encontro ao peito, prendendo-me. Eu sei, ele já tinha me colocado nos braços e abraçado. Até dormi aconchegada no calor de seu corpo, mas a situação em que nos encontrávamos era diferente. Foram momentos de pavor, de angústia, onde o seu apoio emocional me acalmou. Agora era uma situação completamente oposta. Ele estava me levando para a cama e eu não estava sob o domínio do medo, não corria perigo.

— Joshua, solte-me. — Comecei a chorar e a tremer.

— Shhh. Se acalme, Laura. Sou eu, o Joshua. Já vivemos esse momento e você já conhece o calor do meu corpo — sussurrava em meu ouvido, enquanto eu me encolhia mais e mais. — Laura, você tem que superar isso, porque se não conseguir ficar em meus braços, não conseguirá ficar nos braços de mais ninguém. Apenas me sinta. Me sinta, só isso...

Sua voz grave penetrou minha mente e seu coração batia forte contra o meu ouvido. Sua respiração estava acelerada, ele também lutava contra alguma coisa. Eu não sabia o quê, mas lutava. E foi assim, escutando seu coração e sentindo sua respiração, que fui me acalmando.

— Pronto. — Fiquei de pé quando ele me devolveu ao chão. — Viu? Você se superou. Agora preciso despi-la.

— Eu faço isso. — Quando escutei sua afirmação, quase dei um pulo para trás.

— Não, Laura, eu farei isso. Essa é outra coisa que tem que superar.

Fechei meus olhos e só sentia suas mãos trabalhando em meu vestido. Meu sutiã, minha calcinha se foram. Fiquei completamente nua, então ele parou. Não senti nenhum toque, abri meus olhos lentamente, e lá estava ele, me avaliando de cima a baixo.

— O que... o que foi? — murmurei, morrendo de vontade de me cobrir com as mãos.

— Você é linda. Sexy e muito gostosa.

Eu devia ficar irritada com isso, mas não fiquei.

— Você diria isso a qualquer garota, não precisa me agradar...

— Cale-se, Laura — me interrompeu com sua voz grave e quente. — Me dê sua mão. — Ele sabia que não daria, então ele a pegou, e antes que eu pudesse piscar, minha mão estava espalmada na frente de sua calça. — Meu pau está fodidamente duro e ele não costuma ficar assim por qualquer garota. Para isso acontecer, eu preciso desejá-la.

— Você... você me deseja? — inquiri. Nem percebi que ainda estava com a mão em suas partes baixas, só notei quando sua enorme ereção pulsou, assustando-me. Imediatamente puxei a mão e

baixei os cílios.

— Laura, não brinque comigo, você já percebeu que a desejo. Sou homem, e vendo-a nua, você é uma mulher gostosa pra caralho. Só um cego ou um *gay* não a desejaria.

Meu coração quase foi para a boca quando ele deu dois passos e ficou bem junto a mim. Lançou-me sobre a cama e se ajoelhou no colchão. Eu tinha que fazer alguma coisa. Precisava reagir, afinal, ele estava certo, estava ali para me curar. Rapidamente me sentei e o segurei pela gola da camisa, puxando-o para perto do corpo.

— Não, Laura. — Ele segurou minhas mãos quando tentei abraçá-lo. — Como você, eu também tenho meus traumas. Não gosto de abraços nem de beijo na boca.

Então era isso. Já desconfiava que ele era tão fodido quanto eu, mas pelo menos ele fodia.

— Desculpe-me, posso pelo menos despir sua roupa?

— O que estamos fazendo não tem a ver comigo, e sim com você. Primeiro as suas necessidades. Quando estiver pronta, poderá se divertir com o seu parquinho.

Não consegui esconder o riso. Ele também não. Não foi um riso que merecesse elogios, mas um leve esticar de lábios. Foi sexy. Eu gostei do trocadilho, apesar de que ele foi muito modesto ao se referir a si mesmo como um parquinho. Não, ele era a união de todos os parques do mundo.

— Então, Laura, está pronta para o próximo passo?

Cá estava. Nua, deitada em uma cama, tremendo, escondendo meu medo e minha vontade de correr, com um homem lindo de viver diante de mim, com os olhos correndo por todo meu corpo e os dedos másculos deslizando sobre minha pele, me perguntando se eu estava pronta.

Pronta porra nenhuma, eu queria era correr dali. Mesmo ele sendo todo gostoso, era homem; e apesar do meu desejo de querer esquecer o demônio que me transformou nisso que sou hoje, não dava para afastá-lo. Era como se Felix estivesse de pé, atrás do Joshua, sorrindo diabolicamente e movendo os lábios, dizendo: *você me pertence, se não for minha não será de mais ninguém.*

— Volte para o inferno e me deixe em paz — sussurrei.

— Disse alguma coisa, Laura? — Joshua estava se livrando dos sapatos quando pensei em voz alta.

— Não. — Assim que fechei a boca, me engasguei. Ele abriu minhas pernas. Meu Deus, eu me senti violada. Quis fechá-las, mas ele impediu meu movimento.

— Você precisa confiar em mim, Laura. — Abri e fechei os olhos, engolindo o bolo do nervosismo. — Olhe para mim. — Sua voz me sacudia, me tirava de órbita. Olhei. — Laura, nossa primeira vez foi com meus dedos. Hoje será com minha boca, então quando perceber que está em seu limite, é só pedir para que eu pare, ok?

Só assenti com a cabeça. Meu Deus, será que suportaria tudo isso, mesmo desejando?

Ajude-me, senhor.

Joshua segurou minha perna e seus lábios a tocaram. Ofeguei quando ele deslizou a boca e a língua até meu joelho. Apertei os dedos na colcha da cama. Ele fez o mesmo com a outra perna e logo

depois chupou meus dedos dos pés.

Puta merda!

Gritei enquanto meu quadril se elevava da cama. Foi o inferno de quente. Já nem sabia quem era eu quando seus lábios fizeram o caminho para cima, entre minhas coxas. Ele vai lamber lá, vai sim! Como reagirei a isso? Fazia tanto tempo. Tanto tempo.

Sua mão tocou meu sexo. Prendi a respiração. Tentei empurrá-lo, queria gritar, mas tinha que resistir. Ele não era o Felix, não era.

Ele é seu amigo. Ele só quer ajudar.

Enquanto sua boca raspava a pele sensível entre minhas coxas, seus dedos deslizavam entre minhas dobras. Arfei e bati as mãos com força no colchão. Mordi meu lábio até sentir gosto de sangue. Eu ia gritar, não conseguiria. E quando pensei que ele iria desistir, senti sua outra mão em meu seio, bolinado meu mamilo, apertando-o. Soltei um ofego e arqueei o quadril, mordendo o lábio com mais força.

Por Deus, eu vou morrer.

E só piorou. Joshua moveu a boca em meu sexo e me lambeu. Ele espalhou minhas dobras e me lambeu, mordeu, chupou. Quando eu pensei que não ia aguentar mais, soltei o ar de alívio quando ele deslizou a língua pelo meu corpo. Suas pernas ficaram entre as minhas e o seu corpo grande e musculoso por cima do meu. Ele era um gigante, eu podia senti-lo, mesmo que estivesse mantendo o peso longe de mim, sentia seu cheiro, sua força pecaminosa e sua boca lambendo-me, banhando-me com sua saliva. Aquilo era uma tortura. Me apavorara e ao mesmo tempo me excitava. Queria fugir e queria que ele continuasse. Seu corpo se encostou no meu quando sua boca engoliu meu seio, e eu pude sentir o tamanho de sua ereção roçando-se em meu sexo. Ele era grande, duro, pulsante, e sua boca era divina e ao mesmo tempo faminta, sugando meus seios e mordendo meus mamilos.

Minha vagina transbordava com o prazer que começa a sentir, mas embora quisesse me entregar àquele homem, toda a sensação prazerosa se transformou em agonia e desespero quando a imagem do Felix veio em minha mente. Eu o vi me estuprando, me violando em todos os buracos do corpo, e ele venceu mais uma vez.

— Pare, pare, Joshua. Não dá mais, não quero. Saia de cima de mim, por favor. Preciso de um tempo. Preciso me acalmar um pouco. Só um tempinho, por favor.

Joshua largou meu seio, ergueu a cabeça, e eu pude ver através do brilho dos seus olhos todo o tesão que ele estava sentindo. Não era só eu.

— Ok.

Joshua se levantou sem olhar para mim. Respeitou minha vergonha e apenas pegou o cobertor, me cobrindo, e depois foi para o banheiro. Comecei a chorar. Mais uma vez o Felix vencia. Nunca serei uma mulher normal, nunca. Não sei se Joshua escutou meu choro e por isso demorou a voltar, mas fiquei muito tempo olhando para o teto, até que ele surgiu em frente à cama, completamente refeito de todo aquele tesão que estava estampado em seu rosto minutos antes.

— Laura, já é tarde e sugiro que durma aqui hoje. Eu dormirei. — Ele percebeu minha expressão. — Em minha suíte. Tome um banho, peça alguma coisa para comer, e se precisar

conversar, me ligue ou... você sabe onde me encontrar. Boa noite.

Ei, é assim? Acabou?

— Joshua, eu pedi só um tempo para recuperar o fôlego. Podemos recomeçar quando você quiser.

— Não, por hoje basta. Você foi ao seu limite, e se eu a tocar outra vez, não sei o que irá acontecer.

Não, ele não iria fugir. Eu vim para cá disposta a dar para ele e acabar de vez com esse meu trauma ridículo. Desci da cama o mais rápido que pude e o alcancei na porta, segurando-o pelo braço.

— Eu consigo.

— Mas eu não. — Ele pegou minha mão e a levou mais uma vez para a frente de sua calça, apertando meus dedos em torno do seu pênis. Ele estava muito duro. — Estou fodido de tesão, e se tocar em você mais uma vez, não responderei por mim. Eu me conheço, sei o que estou sentindo. É demais para ignorar. Estou fodido, carregado de desejo, então acho melhor ficar longe de você por hoje. — Minha mão ainda estava segurando seu sexo e os meus olhos fixos nos dele. Não sei explicar, mas eu queria beijá-lo. Queria provar daquela boca sexy e tocar naquele corpo feito para o pecado. — Eu preciso ir, boa noite. — Ele foi embora e não fiz nada para impedi-lo.

Ia fazer o quê? Pedir que ficasse? Eu não podia lhe dar o que precisava. Ele precisava de alívio, precisava gozar. Tinha razão, fui ao meu limite e ele ao seu. Era melhor tomar um banho, comer algo e ir dormir.

E foi o que eu fiz. Só que não consegui. Joshua não saía de minha cabeça e seu cheiro não saía do meu nariz. Os olhos dele continuavam refletindo o tesão que ambos sentimos. Precisava tocá-lo, somente tocá-lo. E por que não? Me levantei e fui atrás do alívio que só o Joshua poderia me dar.



Joshua

Entrei em minha suíte possesso de raiva. De mim, é claro. Como pude reagir assim? Eu não sentia nada por ela, Laura era só uma amiga com a qual eu me preocupava muito, tanto que me ofereci para ajudá-la. Sim, eu sabia onde estava me metendo. Faríamos sexo, mas por que não? Ela seria uma mulher como qualquer outra com quem eu transava quando meu corpo suplicava por alívio. Transaríamos e depois tudo voltaria a ser como antes. Ficaria tudo normal, assim como acontecia com as minhas parceiras do clube. Algumas eram conhecidas minhas, então, por que tudo mudou? Por que ela mexia tanto comigo?

O cheiro do sexo dela...

Ainda sinto o seu sabor em minha língua. Juro que se ela não tivesse pedido para parar, teria gozado em minhas calças como um maldito adolescente que nunca viu uma vagina. Estava me controlando e ainda estou. Meu corpo ainda treme só de pensar no calor do seu corpo. Preciso dormir, preciso apagar aqueles momentos quentes da memória ou estarei em apuros e ela também.

Tomei um banho morno, vesti um pijama e fui me deitar.

Acordei com um barulho. Talvez fosse o sonho que acabara de ter com Laura. Meus olhos se abriram e eu poderia jurar que eu senti o cheiro de sua pele dentro do quarto. Era tão forte que realmente pensei que ela talvez estivesse aqui. Estava escuro, não gostava de dormir no claro. Estiquei o braço e liguei o abajur. E lá estava ela, de pé diante da minha cama.

— Laura! — Saí da cama e corri ao seu encontro. — Aconteceu alguma coisa? Você está bem? Laura! — Ela só me encarava, boquiaberta. Seus olhos brilhavam, sua respiração ofegante. Não rejeitou meu toque, não gritou nem se afastou, apenas se deixou ser tocada. — Laura.

— Shhh. — Tocou meus lábios com dois dedos. — Não fale, só me escute. Eu preciso de você.

— Laura, estou muito fodido hoje e ainda não me recuperei de você. Acredite, eu me conheço, e se tocar em seu corpo não responderei por mim. Corremos o risco de acabar de vez com nossa amizade, portanto, é melhor você ir. Amanhã, quem sabe...

— Eu pedi para não falar. Me escute, por favor.

Levei as mãos para o alto, em rendição, e me calei.

— Você não precisa me tocar, só me deixe tocá-lo. Não foi você mesmo quem disse que eu podia me divertir no parquinho? Então, eu quero. Você fica quieto e eu uso você, posso?

— Laura... — Não sei se era uma boa ideia. Do jeito que estava cheio de tesão, deixá-la me tocar seria como dar munição para o bandido.

Mas vê-la parada na minha frente, parecendo tão sensível e tão necessitada... Tão malditamente sexy, sedosa, linda... Ela estava de cabelos soltos, vestida apenas com o roupão do hotel. Só de vê-la assim, meu pênis respondeu, pulsando dentro do short do pijama. Estava fodido. Tinha certeza de que não conseguiria resistir.

Mas eu já estava no inferno, não tinha como não queimar e pecar. Ela seria minha morte e a minha perdição.

— Tem certeza de que é isso que quer? — Porque eu não tinha.

— Tenho. Só quero tocá-lo, você fica parado e me deixa fazer o que eu quiser. Concorda?

— Concordo. — Algo me dizia que isso não aconteceria. — Você só não tem permissão de tocar em minhas costas e me beijar. O resto está liberado.

— Beijar, não?

— Não.

— Eu posso viver sem isso. — Ela deixou escapar um pequeno suspiro.

— Não sei por que estou concordando com isso, mas já estou no inferno mesmo — confessei.

Não podia negar, mesmo que quisesse, ela era uma bagunça e talvez me atraísse por isso mesmo. Era uma porra de atração bem fodida, bem louca. E no momento, não conseguia pensar em mais nada. Sumiram os cuidados que precisava ter com ela, os traumas, os medos. Minha mente não via mais a razão.

Meu corpo e meu pau apenas queriam toda aquela bagunça chamada Laura.

— Você será a minha morte, pequena bagunça. Sabia disso? — Minhas palavras soaram divertidas.

— Talvez a morte seja nossa saída e morreremos para renascermos.

Respirei fundo. Em seguida, me afastei dela. Levei as mãos ao alto outra vez.

— Pequena bagunça, o que quer de mim? Sou todo seu, use-me.

— Sou mesmo uma bagunça? — Ela fez uma carinha, e eu vi uma linda garota fazendo charminho. Acho que ela estava realmente tentando ressurgir das cinzas.

— Uma linda bagunça. Então, o que quer que eu faça?

— Sente-se na cama e encoste as costas na cabeceira. — Não fazia ideia do que vinha a seguir, mas fiz o que ela ordenou, obedientemente.

— E agora? — Ela me olhava. Estava se divertindo, mas não me importei. Aquele joguinho estava me deixando excitado.

Ela subiu na cama e engatinhou até bem próximo a mim. Encarava seu rosto e não via a Laura medrosa, via uma mulher misteriosa com algumas vontades reprimidas. Então, por que não deixar que brincasse?

Sentou-se sobre os calcanhares.

— Posso desabotoar sua camisa? — Assenti, sem desviar os olhos dos seus. Eram oito botões. Ela abriu um por um, depois afastou os dois lados. — Posso tirá-la?

— Não. Nem pode tocar em minhas costas. — Concordou, fazendo um gesto com a cabeça. Em seguida, tocou meu peito com os dedos, alisando-o para cima e para baixo, brincando com meus mamilos.

Prendi a respiração quando seus lábios tocaram minha pele e seus dentes morderam um dos meus mamilos. Ela estava se vingando.

— Está se vingando de mim, pequena bagunça? — Estava gostando do apelido que dei para ela. Só não sabia se ela gostava.

— Não, estou retribuindo. — Encostou seu rosto no meu, juntando pele com pele, e o esfregou, para cima e para baixo. Depois, seus lábios morderam a ponta da minha orelha. — Joshua, já tomou um banho de língua? — murmurou.

A danada queria brincar comigo.

— Já, mas nem todas as línguas são iguais. — Ela se afastou e seus olhos azuis fixaram-se nos meus.

— Eu nunca havia tomado. Hoje foi a primeira vez e foi muito bom. — Cheirou meu pescoço, depois mordeu. Sua boca encontrou meu mamilo novamente e ela o mordeu, sem cerimônia. Eu tinha prometido não a tocar e deixá-la fazer o que quisesse, mas estava ficando difícil. — Joshua, posso tirar seu short?

Ela queria mesmo brincar em meu parquinho. Se eu deixasse, até onde iria? Será que faria o que eu estava pensando? Não custava nada pagar para ver.

— Pode.

Suas mãos baixaram o elástico do meu calção e aos poucos ele foi descendo, escorregando. Ela teria uma bela surpresa em questão de segundos. Escutei o som de surpresa que saiu de sua garganta quando minha ereção pulou ereta para cima. Laura não disse nada, apenas escorregou meu calção até os pés e o jogou no chão.

— Você tem uma bela montanha-russa, sabia? — Ela se referia ao meu pênis, pois seus olhos não se desviavam dele. — Posso brincar com ela?

Ela nem esperou a resposta, seus dedos seguraram meu comprimento e eu só senti a pressão e o movimento para cima e para baixo.

— Caralho, Laura. Não brinca assim, isso... oh... — Ela apertou a cabeça e usou o líquido que saiu dela para lubrificar todo meu eixo. — Laura, você está me matando, porra!

— Você disse que eu podia brincar, então estou brincando. Não estrague minha diversão. Quietinho, só sinta o prazer. — Era fácil para ela. É, ela estava me dando o troco.

Soltei um suspiro e assenti. Não tinha outra saída, eu concordara com toda essa loucura. Ela gemeu e continuou me masturbando.

— Laura, você está me matando. Não sabe mesmo o que está fazendo, não é? Estou fodido de tesão desde a nossa primeira vez e não consigo parar de pensar em tudo o que fizemos... oh, porra... caralho, desse jeito vou gozar, porrinha.

Ela não me escutava e acho que nem aqui estava mais. Só olhava para meu pênis entre seus dedos e para o movimento que fazia com ele. Estava completamente hipnotizada. Eu só fechei os olhos, e quando os abri, minhas pernas estavam entre seus dois joelhos e os seus olhos me encaravam com um brilho libertino, as pupilas dilatadas. O que ela iria fazer? Não, não era o que eu estava

pensando.

— Laura, camisinha. Na gaveta — articulei rapidamente. Tentei mover as mãos, mas as dela me impediram.

— Quieto, você prometeu não me tocar. Não se preocupe, a montanha-russa não precisa de preservativo. Eu só quero senti-lo entre minhas carnes.

Meu Deus, estou fodido.

Seus quadris se encaixaram em cima das minhas pernas. Uma de suas mãos suspendeu o roupão e a outra guiou minha ereção entre suas dobras. Putz! Ela estava sem calcinha. Meu membro se encaixou e eu consegui sentir o seu dedo brincando com a cabeça de meu pau.

— Não me toque, é uma ordem. — Aqueles olhos lindos carregados de tesão me encaravam e eu não conseguia desviar meu olhar do seu rosto. Laura segurou meu ombro com uma mão, enquanto mantinha meu membro entre suas dobras com a outra. Então, ela começou a se mover para cima e para baixo.

Roçando seu sexo no meu e me deixando louco. Gemidos saíam de sua garganta a cada segundo. Ela revirava os olhos, sentindo o prazer que meu membro estava lhe dando. Aumentou o ritmo e os gemidos também.

— Laura, deixe-me ajudá-la. Eu posso conduzir seus movimentos.

— Não, não... isso é muito bom! Você é muito gostoso, Joshua. Tem um pau delicioso... nossa, faz tanto tempo...

— Caralho, eu... Laura, você precisa sair de cima! — Eu estava para gozar e o meu esperma iria sujá-la. — Laura, eu vou gozar, porra...

— Eu... eu... também... — Ela caiu em cima do meu peito, segurando a cabeça do meu pau, apertando-a. Gozei com um grunhindo desesperado. Meu corpo inteiro tremia e ardia. O dela também.

Eu sei que havia prometido não a tocar, mas fiquei com medo, pois de repente ela parou de respirar.

— Laura? Ei. — A peguei e coloquei seu corpo com cuidado sobre o colchão. Seus olhos estavam fechados e os lábios estavam machucados, sangrando. — Você se machucou.

Ela abriu os olhos. Ficamos presos naquela magia que nos rodeava. Ela estava muito linda com os cabelos bagunçados espalhados sobre o lençol da cama. Piscou os cílios algumas vezes, até que seus lábios se moveram.

— Joshua. — Seu olhar intenso varreu meu rosto. Estava ao seu lado, debruçado, com um olhar preocupado. — Eu-eu estou pronta, quero fazer sexo... agora.

— Laura. — Fiquei preocupado, pois não tinha tanta certeza se ela estava pronta mesmo.

— Eu quero, e quero agora. — Seu olhar dizia que sim, só não sabia se a sua mente pensava o mesmo.

— Está bem. — A ajudei a ir para cima do travesseiro, estiquei o braço e abri a gaveta da

mesinha. Rasguei a embalagem do preservativo com o dente e vesti meu pênis. Laura prestava atenção em todos os meus movimentos. — Com o tesão que estou sentindo, não sei se durarei muito. Só peço que me perdoe.

Ela apenas sorriu e eu me movi para cima do seu corpo, mantendo meu peso afastado. Minhas pernas ficaram entre as suas. Eu já estava tão duro, que minha ereção encontrou o caminho do paraíso sozinha.

— Pequena bagunça, você é muito quente, sabia? — Beijei o lado esquerdo do seu rosto, sua testa e depois o outro lado. A ponta do seu pequeno nariz, seu queixo... pescoço... entre os seios... um seio, depois o outro, até que abocanhei uma aréola e suguei.

— Jesus! — Seu corpo se arqueou e isso provocou meu pênis, que já estava apontado em sua entrada. Ele a penetrou, e eu senti a pressão da pequena abertura. A glande entrou e eu parei.

— Laura, você não é virgem, é? — Havia percebido que retesou o corpo e soltou um gemido. Não era de pânico, era de dor. Fiquei preocupado, por isso parei.

— Não, não sou, mas faz muito tempo que não faço sexo. Anos.

Então eu precisava ser cuidadoso, não podia ir com muita sede ao pote. Deixei meu corpo se mover para baixo lentamente, e cada vez que ele ia eu sentia o aperto ao redor do meu eixo. Ela era bem apertada e aquilo estava me matando. Não queria machucá-la e não queria que sua primeira vez, depois de anos, fosse traumática.

— Está tudo bem? — Soltei seu seio e ergui o corpo, olhando para ela.

— Está. — Fechou os olhos, mordeu o lábio e ergueu as mãos para me tocar.

Então, entrelacei meus dedos nos seus e levei suas mãos acima de sua cabeça.

— Laura, olhe para mim. Não tenha medo, sou eu. Se quiser, eu paro.

Ela abriu os olhos e vi medo neles. Seu corpo inteiro tremia, parecia que ia se desmanchar. Aos poucos, minha ereção foi indo mais fundo, até que estava toda dentro de sua vagina. Estava tão preocupado que esqueci do meu prazer. Eu só queria que ela se sentisse bem, que seus medos fossem embora quando gozasse.

Ficamos mudos, apenas presos em nossos olhares, e o único som que escutávamos era o de nossa respiração. Me movia lentamente e olhava para ela ao mesmo tempo. Ela estava apavorada, eu sabia, pois seus dedos apertavam os meus dedos e suas unhas curtas já machucavam minha pele. Comecei a me mover um pouco mais rápido, até que ela abriu e fechou os olhos, lambeu os lábios e soltou um gemido de prazer.

Foi o incentivo para ir mais rápido. Estava quase morrendo de tesão, minhas bolas doíam e meu pênis queria liberar meu prazer, mas eu não podia, não antes dela. Aquele momento não tinha a ver comigo, era o momento dela, e que eu me fodesse.

— Mais rápido... — Foram suas únicas palavras, sua súplica. Obedeci.

Bombeei mais e mais rápido. Meu corpo indo de encontro ao dela, fazendo um barulho que ecoava por todo o quarto. O cheiro do sexo entrava em nossas narinas. Ela estava me deixando louco, em todos os sentidos. Já não tinha mais certezas, só dúvidas. Mergulhei o rosto na curva do

seu pescoço e beijei, lambi, mordi. Girei o quadril quando estava todo dentro dela. Ia e vinha, até que escutei seu grito de prazer e todo seu corpo se arqueou. Ela gemeu alto, apertando os olhos, e as lágrimas vieram junto com o seu gozo pleno.

Gozei em silêncio. Era o momento dela, o gozo dela. Eu era só um coadjuvante, não podia e não queria estragar algo tão especial. Só fiquei observando suas lágrimas de alívio, de emoção e libertação. Encostei a testa na sua e beijei a ponta do seu nariz. Soltei suas mãos e alisei seus cabelos. Em seguida, saí do seu corpo e me senti vazio e solitário. Deixei-a na cama. Ela precisava ficar sozinha, sabia disso. Nem precisou me dizer nada, simplesmente sabia.

No banheiro, me livrei do preservativo e fui tomar um banho. Enquanto a água caía sobre o meu rosto, levava embora minhas lágrimas. Não sei bem por que estava chorando, talvez fosse de felicidade, por ter feito algo bom. Eu não sei, mas havia um bolo preso na minha garganta que não queria descer. Estava me oprimindo, deixando-me inquieto e mais triste do que já era.

Saí do box, me enxuguei e vesti o roupão. Abri a porta do banheiro e lá estava ela, de pé, me esperando sair. Não disse nada, apenas entrou no banheiro e fechou a porta. Respirei fundo e segui para a cama. Me deitei, levei os braços para baixo da cabeça e fechei os olhos. Acho que cochilei, pois acordei com um movimento no colchão. Abri os olhos e duas lindas esferas azuis me observavam. Ergui a cabeça e a encarei.

— Posso dormi com você? Não quero dormir sozinha.

Não dormia acompanhado desde aquele maldito dia. Nada disse, só estiquei um braço e ela se deitou ao meu lado, se aconchegando em meu peito. Fechei os olhos e dormi.

Sonhei que alguém me masturbava e meu pênis estava duro. Senti dedos desajeitados colocando um preservativo nele e logo depois senti um calor molhado e excitante e um peso sobre o meu corpo. Gemidos e mais gemidos. Abri os olhos.

— Laura!

Ela estava sentada em minha ereção, cavalgando em meu corpo, segurando os seios e beliscando os mamilos com os próprios dedos. Gemia e se contorcia.

Estava selvagem pra caralho.

Era a coisa mais linda de se ver.

Segurei os seus quadris e a ajudei a galopar. Seu corpo frenético se movia selvagemente, indomável.

— Caralho, você é uma bagunça mesmo, garota. Uma bagunça de emoções. Cacete!

Seus olhos se abriram e me encararam. Seu rosto estava iluminado com um brilho de luxúria devassa.

— Galopa, gostosa. Faz uma bagunça em meu pau. Bagunça essa porra toda, eu já estou todo fodido mesmo. — Que Deus me ajude!

Ela galopou, me oferecendo um riso sexy e quente como o inferno, dançando em meus quadris, brincando na montanha-russa.

— Gostoso! — gritou e me olhou, jogando-se sobre o meu corpo, mordendo meu peito, meu

queixo. — Gostoso, você é muito gostoso. — Voltou à posição de amazona e continuou com seus galopes furiosos. Ia me matar outra vez.

Sentei-me e beijei seu pescoço, descendo a boca até encontrar seu mamilo ereto, e enquanto ela galopava, eu chupava, até que escutei seu grito orgástico. Abracei seu corpo e a apertei antes que ela me abraçasse.

Mas uma vez gozei em silêncio. Ela merecia ser a atriz principal desse espetáculo lindo. Quando seu corpo se acalmou e o meu também, segurei seu rosto com as mãos e beijei sua testa.

— Linda! Você é linda quando goza, sabia? — Ela me olhava com tanta força no olhar, com tanto desespero, e eu sabia o que ela queria. Queria me beijar, então, antes que eu estragasse tudo, sorri e a movi para a cama.

— Joshua — murmurou. Olhei para ela enquanto fechava meu roupão. — Desculpe-me.

— Pelo o quê? — Levantei-me.

— Eu... eu me aproveitei de você enquanto dormia.

Quis gargalhar. Ela disse com tanta seriedade. Mas achei melhor procurar as palavras certas para não magoar o seu lindo coraçãozinho.

— Sinta-se à vontade para brincar no seu parquinho sempre que quiser. — Me inclinei e beijei o alto de sua cabeça, indo para o banheiro em seguida.

Já de banho tomado, fui trocar minha roupa. Ela ainda estava deitada, olhando para o teto, pensativa. Era para estarmos conversando sobre o que havia acontecido entre nós dois, mas nem eu e nem ela, estávamos dispostos a tocar no assunto. Não sei, mas algo a incomodava, e eu não queria de forma nenhuma deixá-la mais constrangida. Talvez, não sei, ela quisesse dar um tempo e pensar no leque de opções que sua vida sexual teria agora. Os homens que conheceu e desejou, e por saber que não conseguiria ser tocada por eles, desistiu e rejeitou. Não sei. Ela agora estava livre, podia ser uma nova mulher. Olhei para ela enquanto ajeitava a gravata. Linda como era de verdade, nenhum homem resistiria. Ela poderia ter o homem que quisesse.

É, ela precisava ser livre.

— Joshua. — Se cobriu com o lençol e veio até mim. Bateu em minhas mãos e soltei a gravata. Ela começou a dar o nó, piscou um olho e sorriu. — Quando podemos nos ver novamente?

Ela não podia ficar escrava do meu corpo. Não estava certo isso, mas eu tinha que deixá-la ir, mesmo que bem lá no fundo não quisesse isso. Devo confessar, eu também precisava me afastar. Ela estava confundindo minha cabeça e meus desejos. A esperei terminar de ajeitar minha gravata. Ela se afastou, e vesti meu paletó. Fui até o telefone.

— Bom dia! Por favor, enviem o café da manhã para a minha suíte. — Desliguei e olhei para ela. — Laura, acho que você precisa se relacionar com outro homem. Precisa realmente ter a certeza de que está livre, concorda comigo? Cumpri com o que prometi, mas você só saberá se realmente está curada se procurar...

E *plaft*!

Recebi uma bofetada.

— Laura, por que fez isso? — Levei a mão ao rosto e o massageei. Aquela porra doeu.

— Estúpido! Você é um idiota, Joshua. Essa é sua maneira de me dispensar, me jogando nos braços de outros homens? Pois não precisava, não sou daquelas que pegam no pé dos caras. Já havia dito que não queria compromisso e só queria sexo. Era isso que estava tentando dizer a você, mas o seu ego grande não o deixou escutar. Então, vá a merda, Joshua Saravejo!

Ela saiu do quarto toda enrolada no lençol. Louca, essa garota é maluca, agora eu tinha certeza.

— Laura, volte aqui! — Saí do quarto aos gritos. Ainda bem que no andar da minha suíte havia poucos quartos ocupados. — Laura, sua maluca dos infernos, volte aqui! — Ela estava indo em direção aos elevadores, ferrou. Corri e a peguei nos braços.

— Solte-me! Solte-me, seu idiota, estúpido do caralho! — Suas mãos faziam uma bagunça nas minhas roupas. Ela me batia, esperneava, xingava, até que entrei no quarto e a joguei na cama.

— Quer se acalmar?

— Não, não quero! Eu odeio você, Joshua Saravejo! Odeio você, seu prepotente de merda. Não quero ser sua namorada ou qualquer coisa parecida, eu só queria... queria...

— Queria o quê, estúpida? Garota estúpida de merda!

Ela avançou em minha direção e mãos nervosas tentaram me bater.

— Solte-me! — Segurei seus pulsos e agitei seu corpo.

— Pare! Pare antes que se machuque. O que você quer, Laura?

— Transar! Só quero transar, é isso. — Respirei fundo, soltei seus pulsos. Queria abraçá-la, beijar sua testa, fazê-la se sentir bem. Eu queria... meu Pai, o que eu queria?

— Laura, não estou sendo rude ou cafajeste. Somos amigos e o combinado foi fazer você se livrar do seu medo de ser tocada, não foi? — Segurava seu rosto com as mãos, exigindo que me encarasse. Ela assentiu. — Então, agora você precisa saber se realmente está livre, por isso precisa se envolver com outro homem, entendeu?

— Mas, mas eu... — Nesse momento bateram na porta e ela correu para o banheiro. Eu vi as lágrimas em seus olhos e quis abraçá-la. Mandaria a pessoa que estava do lado de fora do quarto à merda, jogaria meus compromissos de hoje para o alto e ficaria fazendo sexo com ela o dia todo, mas ela correu e se trancou.

Saí do quarto, atravessei a sala e abri a porta. Era o café da manhã.

— Bom dia, senhor Joshua. — Deixei o rapaz arrumar a mesa e o esperei sair. Fui atrás de Laura, mas ela já vinha em minha direção com uma cara de poucos amigos. Passou por mim e foi em direção à porta.

— Obrigada por tudo, Joshua. Acho que você tem razão, só espero não perder sua amizade. Adeus! — Abriu a porta e saiu correndo.

— Laura, espere! — Fui atrás dela, mas ela foi pelas escadas. Mesmo assim, não adiantava ir atrás. Ela era cabeça-dura, estava nervosa, e se eu tentasse argumentar, terminaríamos brigando. Então, achei melhor deixá-la quieta. Outro dia, com mais calma, a procuraria.

Estava triste e vazio, como se algo acabasse de se perder dentro de mim.

Laura, você bagunçou a minha vida traumatizada. Por que eu me importo tanto com você?

A verdade era que estava preocupado com os homens com quem ela se envolveria de hoje em diante. E se eles a ferissem e a machucassem outra vez? Não me perdoaria se isso acontecesse.



Lhaura

Dois dias depois

Não sei se estou fazendo a coisa certa, mas não suporto a ideia de viver dependente de um homem mais uma vez. Já tive meu quinhão de experiências traumáticas com um ser demoníaco e não precisava de um anjo para guiar meus passos.

Lhaura, pense bem, você deve ou não deve fazer isso?

Eu tinha que parar de ficar ouvindo a voz da minha consciência.

Que se foda! Talvez não devesse, e daí?

A vida era minha e não seria um ser petulante dos infernos que ficaria opinando no que eu devia ou não fazer. Ele quer que eu pense que é o único ser vivente da terra que pode me tocar, mas vou provar que não é. Conseguirei sozinha, não preciso de merda de homem nenhum.

Vou topar um encontro às cegas.

— Sara. — Foi ideia da minha amiga doida esse tipo de encontro, já que recusei me encontrar com o tal amigo do Daniel.

Não, não queria me envolver com um conhecido de um conhecido. Não por enquanto, primeiro precisaria descobrir em que nível de pegação eu me encontrava.

— E aí, vai topar? — Ela entendeu o olhar que enviei e já sabia que iria, sim, me arriscar. Do jeito que estava desesperada, toparia um encontro até com o rapaz mais feio da cidade.

— Sim, que alternativa eu tenho? Nem o clube de fetiches me quer mais, o jeito é partir para isso. Me dá o número da agência.

— Laura, e se o cara for feio? — Ela fez cara de nojo. — Ou pior, asqueroso! Meu Deus, amiga! — Fingiu que ia vomitar. — Você é maluca! Estou oferecendo um homem lindo, gostoso e inteligente e você prefere um encontro às cegas?

— Pois é, se tudo der certo sairei com o amigo do Daniel.

— E se não der também? Não esqueça, você prometeu aceitar sair com ele depois dessa maluquice, desse certo ou não.

— Ok, me dá logo esse cartão. — Tomei o pequeno papel da mão dela. Chamei o número. — Quem fala? — A pessoa se identificou como Solange. Conversamos por cerca de quinze minutos e ela me passou o endereço, pois não tinha como marcar um encontro por telefone.

Pedi à Nara para sair mais cedo, afinal adiantei minha última aula exatamente por isso. Pretendia sair com algum homem hoje mesmo. Às dezesseis horas, já estava sentada na luxuosa sala de espera da agência de encontros.

Alguém chamou meu nome. Entrei em outra sala, ainda mais luxuosa, e me sentei em frente a

uma senhora que aparentava ter uns sessenta anos.

— Laura, não é? — Aceitei sua mão estendida. Mesmo assim, senti um pouco de resistência em apertá-la, por isso o toque foi rápido. Isso não era nada bom. — Meu nome é Solange, fui eu quem atendeu sua ligação. — Me sentei. — Sabe como funciona um encontro às escurar ou às cegas?

— Sei, sim. Enquanto esperava, li o formulário. Eu só preciso descrever o tipo pessoa que quero conhecer.

— Não só as características físicas, queridas, mas principalmente como deseja que esta pessoa seja.

— Solange, eu só quero que o homem seja bonito e um pouco mais velho do que eu, porque as pessoas nunca são o que aparentam ser. Vá por mim, eu sei bem o que estou dizendo. Às vezes, um sapo ou um demônio vem disfarçado de príncipe. Portanto, prefiro que os rapazes sejam bonitos e não muito jovens, e quero um encontro para hoje e outro para o próximo final de semana. Quanto é o cadastro?

Tinha a sensação de que falei demais, pois a mulher na minha frente me olhava pasmada. Bem, disse o que tinha que dizer. Não fui ali em busca de um namorado ou de um marido. Eu só queria fazer sexo, e se o rapaz aceitasse os meus termos, tanto eu como ele nos daríamos bem. Depois, cada um seguiria seu caminho.

Ela limpou a garganta. Falou o valor da inscrição e em seguida começou a fazer a pesquisa. Ela havia me pedido um tempo de no mínimo uma semana para que pudesse separar os meus futuros candidatos, mas fui categórica. Eu queria um encontro hoje e outro para daqui a dois dias. Se não fosse desse jeito, desistiria, pois não esperaria uma semana.

— Encontrei dois rapazes, muito bonitos. Eles têm a mesma idade, vinte e nove anos, e estão disponíveis. Luan e Isaque. Com quem quer sair primeiro?

— Isaque. — Escolhi o nome bíblico primeiro, vai que com ele dê certo logo na primeira tentativa.

— Ok, o primeiro encontro é por nossa conta. — Claro que era, pela pequena fortuna que estava pagando, eles tinham a obrigação de pagar a conta. — Será às vinte horas. Aqui está o endereço. Não se preocupe, quando você chegar ao restaurante é só falar o nome da nossa agência que o recepcionista a levará até a mesa. Boa sorte, Laura.

Saí de lá aos pulos de alegria. Finalmente descobriria se realmente estava curada ou se pelo menos conseguiria dar alguns beijos, pois sentia falta de um pouco de contato físico. Mesmo que não conseguisse fazer sexo, ficaria feliz por pelo menos apertar uma mão ou sentir um abraço de outra pessoa que não fosse o Joshua.



O restaurante era bonito. Não era chique, mas era tranquilo. Tinha música ambiente e não estava lotado. Assim que cheguei, fui levada até a mesa reservada em nome da agência. Resolvi vir antes, porque não queria que o meu escolhido sofresse o impacto da decepção logo de cara. Assim, ele só se sentaria ao meu lado se realmente estivesse interessado em jantar comigo.

Às vinte horas em ponto, Isaque chegou. Ele não era um "*homão* da porra". Era bonito e não muito alto, quase da minha altura, com cabelos e olhos castanhos, e tinha uma barba dessas que estão na moda. Confesso que não gostei, já que não gosto de homens de barba, mas se ele topasse o que eu queria propor, não me importaria com ela. Ele não seria meu namorado mesmo, então pouco importava.

— Laura, não é? — Me entregou um buquê de flores e perdeu dez pontos comigo. Depois, tentou pegar minha mão para beijá-la, e eu não deixei. Cavalheirismo não era a minha praia. Mas tudo bem, ele só seria um *test drive*.

— Isaque, não é? — Ele sorriu e se sentou. — Então, Isaque, o que você faz da vida? Eu sou professora de música e minha vida é solitária. — Já adiantei a resposta da pergunta que com certeza ele devolveria.

— Sou enfermeiro em três hospitais. Por isso estou aqui, não tenho tempo para sair à procura de uma namorada. — Ele estava mais nervoso do que eu, desde que começamos a conversar já era o segundo copo d'água que bebia. Desse jeito ele iria explodir a bexiga.

— Isaque, serei bem sincera com você, assim não perderemos tempo.

— Já sei, só ficaremos na amizade.

Nossa! Aquele rapaz era mais fodido do que eu. Nem bem abri a boca para explicar meus termos, e ele já ficou na defensiva. Acho que não era muito popular na agência.

— Calma, primeiro me escute, depois você resolve se continua com o jantar ou não.

Ele respirou fundo e sorriu.

— Isaque, não quero namorar com você. — Ele tossiu a água e quase tomei um banho. Refeito do choque, pediu para que continuasse. — Desculpe-me, fui direta demais?

— Não, não. Está tudo bem, já estou acostumado. — Voltou a beber água.

— Então, é o seguinte: não se assuste com a proposta, mas é pegar ou largar.

— Laura, não farei nada fora do convencional. Estou à procura de uma namorada, portanto acho melhor encerrarmos nosso encontro.

— Eu só quero transar — o interrompi e abri o verbo. Ele se calou e me encarou, como se dissesse: *essa mulher é louca!* Devo ser mesmo. — E quero agora. Podemos ir para o seu apartamento ou para um motel, não importa.

Ele limpou a boca com o guardanapo, sorriu e se levantou. Olhou fixamente para mim.

— Laura, não sou este tipo de homem. Eu quero fazer sexo, sim, claro que quero. Mas você há de convir que uma proposta dessa é inaceitável, não se diz uma coisa dessa para uma pessoa que você acaba de conhecer. Sequer sei o seu nome direito! Não, Laura, não estou tão desesperado assim. Se eu quisesse só sexo nem precisaria pagar uma quantia tão alta por um encontro. Aliás, se eu quisesse apenas sexo nem precisaria pagar, tem muitas mulheres onde trabalho querendo uma chance. Portanto, boa sorte com a sua procura e não se preocupe, essa conversa ficará entre nós.

Ele simplesmente se virou e foi embora, deixando-me boquiaberta, com vergonha e morrendo de raiva.

Jantei, depois peguei meu resto de dignidade e segui para casa.

Não quis pensar em nada depois que saí do restaurante. Estava tão envergonhada com a minha postura, com minha atitude. Quem em sã consciência iria para a cama com uma pessoa totalmente estranha?

Eu.

O que tinha de errado comigo?

Eu sabia a resposta.

Felix Santini. Ele era meu erro. Foi ele quem me transformou nisso.

Tomei um banho, vesti um pijama e me tranquei no meu armário. Sabia que hoje o demônio viria atrás de mim e eu precisava me esconder dele.

Felix, não! Não... está me machucando. Por favor, eu imploro, deixe-me ir. Não amo você, solte-me dessas correntes. Solte-me, seu maldito! Eu não o amo.

Lhaura Santini, você é minha! Minha, entendeu? Cedo ou tarde você irá se convencer disso. Só soltarei as correntes quando você me aceitar de volta e me pedir para fodê-la, entendeu?

Seu maluco, eu não o amo! Prefiro morrer a pertencer a você novamente.

Não, minha querida, morta não. Eu não permitiria. Mas enjaulada como uma louca, sim. Decida-se, ou volta a ser minha esposa, ou a trancarei em um hospício.

Não, não, não... por favor, Deus, não permita... não!

Acordei suada, a respiração acelerada o corpo todo doendo. Por que, meu Deus?

Saí de dentro do armário e me encolhi em um canto do quarto. Tremia e queria gritar, não conseguia. Que inferno de pesadelo foi aquele? Parecia tão real. Não foi como os outros, não estava revivendo o passado, era como se o pesadelo fosse atual, no dia de hoje. Não, Deus, não permita que ele me encontre!

O quarto estava escuro, só alguns raios das luzes da rua entravam através das frestas das cortinas da janela. O barulho dos latidos dos cachorros lá de fora deixava o ar pesado e sombrio, parecia que estava dentro de um filme de terror. Escutei passos na rua. Alguém gritou, e eu abafei meu grito. O portão do prédio rangeu. Mais passos, passos vagarosos. Alguém arranhava a porta do meu apartamento e escutei o balançar da maçaneta da porta.

É ele! É o Felix, ele me encontrou, veio me buscar.

Rastejei para perto da cama e alcancei minha bolsa. Estava tão nervosa que não consegui encontrar meu celular, então joguei tudo no chão. Disquei um número.

— Joshua, eu... — Comecei a chorar desesperadamente e a balbuciar palavras incompreensíveis.

— Laura, se acalme, já estou indo. Continue conversando comigo, Laura.

— De-depressa, ele está aqui. Ele veio me buscar, por favor, me ajude.

— Quem, Laura? Quem está aí?

— Ele está forçando a porta. Por favor, não deixe ele me levar. Não deixe.

— Laura, quem está aí?

— O-o demônio, ele me encontrou...

— Laura, se acalme. Estou quase chegando. Ninguém em sã consciência vai tocar em você, não deixarei. Eu prometi, não prometi? Acabo com esse demônio com minhas próprias mãos.

— Ele é poderoso, ele vai machucar você também.

— Não, não vai. Não foi você quem disse que demônios têm medo de anjos?

— E-ele está aqui. Está aqui e vai abrir a porta. Por favor, por favor...

— Laura, cheguei. Estou aqui embaixo e preciso que abra o portão.

— Não, não posso. Não consigo me mover. — Escutei um barulho ensurdecedor. — Você não é o Joshua, não é. Você é o demônio! — Reuni todas as minhas forças e rastejei para dentro do armário, me encolhendo em concha. Tapei os ouvidos e apertei os olhos, quando escutei passos apressados vindo na direção do meu quarto.

— Laura! Laura, venha cá.

— Solte-me! Solte-me, demônio! Não irei com você, não irei! Prefiro morrer...

— Laura, sou eu, o Joshua.

Alguém me tirou do meu esconderijo. Estava com tanto medo, que ouvia todos os sons de uma só vez. Tremia tanto que batia os dentes uns contra os outros.

— Laura, sou eu. Abra os olhos, por favor, pequena bagunça. Abra os olhos.

— Do que me chamou? — Só uma pessoa me chamava daquele jeito.

— Pequena bagunça. Minha pequena bagunça, abra os olhos. — Eu abri e vi aqueles olhos lindos me encarando com grande preocupação. Seus braços em torno do meu corpo me protegiam. Era ele, o meu anjo. Me escondi em seu peito e chorei, só que agora eram lágrimas de felicidade, de libertação.

— Ei, está tudo bem. Estou aqui e ninguém mais virá machucá-la. — Ele me pôs na cama, e senti a maciez do meu colchão. — Pronto, está a salvo. Pode me soltar, Laura, não irei a lugar algum. Pode me soltar.

— Não, não, não posso. Se soltar você o demônio me alcança. — Me agarrei mais ao seu corpo, puxando sua camisa. Ele tinha um cheiro tão bom, cheiro de anjo.

— O demônio foi embora quando me viu. Olha o meu tamanho, ele ficou com medo da minha cara de bravo. Ninguém machuca a minha bagunça. — Ele beijou o alto da minha cabeça e eu quis mais beijos, mais abraços.

— Foi mesmo? — Finalmente, consegui respirar. Saí do meu esconderijo – os seus braços – e olhei por todo o quarto. Só então me dei conta do que tinha acontecido. Eu sonhei com o Felix, e o sonho foi tão real, que não consegui voltar à realidade. Estava muito fodida da cabeça.

Um par de olhos azuis me encarava. Decerto, ele queria respostas, e não tirava sua razão, ele

sempre me salvava. Sem perguntas, sem questionamentos, ele só vinha e me puxava de volta das sombras. Acho que era por isso que eu confiava tanto nele. Joshua nunca me perguntou sobre o meu passado, meus pesadelos, medos, traumas e, principalmente, sobre meu pavor de fazer sexo. Ele só tinha aceitado o desafio de me curar. Se existia um homem no mundo em quem eu podia confiar, este homem era o Joshua.

Não sei se algum dia terei a coragem de lhe contar meus segredos, porque segredos deixam de ser segredos quando são revelados, então, talvez ele nunca saiba sobre o meu passado. Ele não merece conhecer o meu mundo trágico.

— Ei, está tudo tranquilo. Só somos nós três aqui. — Três, ele disse três? Quem é a terceira pessoa? Olhei para ele, desconfiada. — Shhh, se acalme. O Frota está consertando sua porta e o portão lá de baixo. Precisei arrombá-lo, mas não se preocupe, amanhã mandarei trocar as fechaduras.

— Desculpe-me. Eu o transformei em um arrombador de portas, que vergonha. — Escondi o rosto entre as mãos.

— Laura, se for preciso, farei tudo novamente. — Ele se afastou de mim e eu me assustei.

— Aonde vai? — Tentei segurá-lo.

— Falar com o Frota. Vou dispensá-lo.

— Não, não quero ficar aqui. Me leve para o hotel, posso ficar lá com você? — Se eu ficasse aqui hoje, não dormiria mesmo que estivesse ao lado do Joshua, e com toda certeza teria outro pesadelo caso adormecesse.

— É isso que quer? — Ele me encarou com aquele ar de preocupado.

— Sim, só me ajuda com as minhas roupas. Estou de pijama.

— Que se dane, só pegarei algo para você vestir amanhã. Hoje você só precisa desse seu pijama de melancia. — Ele tinha razão, meu pijama tinha muitas melancias. Era bobo, muito infantil, mas eu gostava dele, pois era bem quentinho.

Enrolada nos braços do Joshua, seguimos de carro para Gramado. E enquanto escutava a música clássica tocando e fingia que estava dormindo, meus pensamentos viajavam na mesma velocidade do automóvel. Não entendia por que só ele conseguia ficar tão perto de mim. Só ele me tocava e me deixava molhada, tremendo de tesão. Até em meus momentos inocentes com Felix, na época do nosso namoro, ou até mesmo enquanto vivíamos um relacionamento quase saudável, eu não me sentia assim, como me sinto com Joshua. Olhei para a janela; estava escuro e calmo. Estrelas pontilhavam o céu, incrivelmente brilhantes. Voltei o rosto para o peito protetor do meu anjo. Ele percebeu e eu senti o beijo no alto de minha cabeça. Ele me fazia tão bem. Ao pensar sobre ele, meu corpo logo respondeu e comecei a ficar excitada. Tinha jurado nunca mais me envolver, nunca mais acreditar em homens. Eles mentiam, enganavam, mas Joshua era algo especial. Não sei explicar, ele era como um laço que só me envolvia em sua proteção, mas não me apertava. Talvez eu devesse me afastar e correr dele. Eu pensava muito nisso quando estava longe dele, não gostava de me sentir assim, tão dependente, mas quando ficava perto, quando ele se aproximava, eu não queria só um abraço, queria tudo. Gosto, beijo, abraço. E quanto mais eu tinha, mais parecia não ser suficiente.

O carro parou no estacionamento subsolo do hotel. Continuava fingindo que estava dormindo.

Sabia que se ficasse assim não teria que olhar para aqueles olhos lindos e não cairia em tentação. Não podia, tinha que me afastar, tinha que descobrir que havia ficado curada do meu trauma ridículo.

Joshua me pegou nos braços com cuidado e respirou fundo.

— Frota, pode ir, amanhã chamo você se precisar.

A porta do elevador privativo se abriu. Senti a luz em meu rosto, mas não reagi, apenas me deixei ser levada por aqueles braços musculosos, duros. Meu corpo carente logo pensou no seu sexo lindo, duro, grosso e grande. Esse homem todo era lindo. Ficava imaginando-o completamente sem roupa, já que sempre que ficávamos juntos intimamente eu era a única que ficava nua de verdade. Ele nunca despia a camisa, e não sabia por que nem nunca perguntei.

Chegamos ao andar da sua suíte, então presumi que dormiria com ele. Não sei se era uma boa ideia, pois já começava a ficar muito excitada só com esse pensamento, e depois da nossa última conversa, ele foi claro que nosso acordo acabara, já que fizemos sexo e ele achava melhor eu procurar outro homem. Confesso que escutá-lo dizer aquilo foi muito dolorido. Seria melhor ele ter dito que não estava mais a fim de transar comigo.

A porta da suíte se abriu e logo as luzes automáticas foram acesas. Joshua andou mais um pouco até chegar ao quarto, e o meu corpo foi deixado sobre cobertas macias e cheirosas.

Abri os olhos assim que me senti abandonada. Ele estava com o corpo inclinado tão perto, que se eu entendesse o braço poderia tocá-lo. Usava uma camisa branca social, com as mangas dobradas até os cotovelos. Podia ver o seu braço musculoso adornado por seu relógio caro. Olhei um pouco mais. Três botões estavam abertos, expondo um pouco do seu peitoral e, Deus, que peitoral. Minhas mãos e boca doíam para tocá-lo, beijá-lo.

— Você precisa de algo, Laura? — *Sim, eu preciso. Quero você dentro de mim outra vez.*

— Água, preciso de água. — Não tive coragem de tornar sonoros meus pensamentos.

Ele caminhou sobre o tapete em direção ao frigobar, pegou uma garrafa e despejou o líquido em uma taça. Depois foi até a minha bolsa e pegou um dos potes dos meus remédios. Leu o rótulo e tirou um comprimido.

— Engula isso e beba a água.

— Como sabe que este é o comprimido? — Só queria escutar a resposta.

— Eu tenho a mesma receita, só que a dosagem é maior. Engula, Laura, isso fará você se sentir melhor. — *Eu me sentiria melhor se você transasse comigo.* Peguei o comprimido e o levei à boca, depois bebi a água. — Descanse, tente dormir. — Ele se virou e me bateu um medo.

— Aonde você vai?

— Tomar um banho. Eu tinha acabado de chegar do clube quando você me ligou.

Maldito clube. Certamente ele já teve sua parcela de sexo por hoje e alguma mulher gostosona já saciou sua fome de sexo. Isso quer dizer que só terei sua piedade. Fiquei com vontade de ir embora, ou de seguir para o quarto que foi reservado para mim. Ainda tinha a chave.

Ele se sentou na cama e tirou os sapatos, as meias e o cinto. Ficou de pé, despiu a calça, eu lá vendo tudo aquilo. Ele queria me provocar. No entanto, estava indiferente à minha presença.

Simplesmente se virou, sequer me olhou, e seguiu direto para o banheiro.

Que raiva!

Eu carente, excitada, louca para tentar outra vez. Estava há anos sem sexo, e agora que havia me reencontrado, tinha um homem lindo, gostoso, que despertou meu corpo novamente para a luxúria, e não podia nem o tocar.

Inferno!

Respirei fundo e senti o seu cheiro. Fechei os olhos e revivi o nosso sexo.

Que se foda, não dormirei mais com ele, mas de jeito nenhum!

Desci da cama, procurei meus sapatos e não os encontrei. Descalça, peguei minha bolsa e uma pequena sacola, que certamente continha minhas roupas, e segui em direção à antessala.

— Onde pensa que vai? — Escutei o tom áspero da voz do todo gostoso Joshua.

— Eu mudei de ideia. — Minha voz era baixa, mas firme. — Vou dormir no quarto que você reservou para mim.

— Laura, olhe para mim. — Por que ele tinha que ter essa voz tão máscula?

Virei-me e lá estava ele, vestido em seu roupão branco, o cabelo molhado e todo bagunçado, sexy como um deus grego. Tudo o que pude pensar foi: *puta merda!* Ele estava nu e em pé, logo ali, tão perto da cama. Eu só precisava empurrá-lo e me jogar em cima dele, puxar o nó do seu roupão e me sentar em cima do seu pênis duro, e galopar, galopar... Meu Deus, essa não era eu! O que anos sem sexo não faziam a uma mulher?

— Joshua, não é uma boa ideia dormir com você. — *Se você soubesse o que estou imaginando fazer com esse seu corpo e seu pau...*

— Não se preocupe, não vou tocar em você. — *Esse é o problema, eu quero que toque.* — Posso dormir na sala, o estofado é confortável. — *Maldição, eu nem quero dormir, quero usar o seu corpo a madrugada toda.* — Deixe de bobagem e volte para a cama — ele disse e começou a secar o cabelo com uma toalha.

Merda! Fiquei muda quando ele se aproximou. Minhas partes baixas já estavam devastadas de tão molhadas. Se não fosse uma covarde, eu o agarraria, mas meus olhos só conseguiam percorrer o seu rosto, procurando por algo. Algo que me incentivasse a pular nele e provocá-lo até que se rendesse e resolvesse me foder.

— O que você quer de verdade, Laura? Vamos, diga. — Um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca. Ele colocou a mão em meu rosto e acariciou com cuidado. Não me afastei, não o repeli. Ao contrário, fechei os olhos e foi como um pedido para que seguisse em frente.

— Vo-você. — Abri os olhos e sorri para ele.

— Isso é inesperado — disse, me puxando para perto. Suas mãos grandes seguraram minha bunda e me suspenderam. Passei as pernas em volta dele, montando-o, e ficamos cara a cara. — Mas é bom.

— É. Não vá me mandar embora, como fez naquela manhã.

— Laura, não vamos brigar. Eu não a mandei embora, só queria e quero que tenha escolhas. Não quero ser sua única opção. — *Mas você é, seu idiota.* — Você precisa conhecer outros homens, precisa saber se realmente está livre.

— Quer calar a boca, estúpido de merda? — Tentei descer do seu colo.

— Shhh, adoro uma mocinha nervosinha. — Ele sorriu e me levou para a cama.

— Solte-me, não quero mais. Mudei de ideia, prefiro dormir sozinha e me foder com os dedos.

— Moça da boca suja, tem certeza de que quer seus dedos fodendo você em vez dele? — Ele pegou minha mão e a levou para debaixo do roupão. — Duro como uma barra de ferro, pronto para se enterrar todinho em você, pequena bagunça.

Engoli em seco e apertei aquele nervo pulsante com a mesma vontade que estava sentido de ser fodida por ele.

— Porra! Isso tudo é tesão? — Fui jogada na cama. Ele puxou a camisa do meu pijama para cima, livrando-me dela. Agarrou a bainha da minha calça e fez o mesmo, puxando-a para baixo. E por último, tirou minha calcinha.

Então, deslizou as mãos por meu corpo e espalmou meus seios, trabalhando os dedos sobre meus mamilos.

— Gostosa! — Em segundos, meus bicos duros estavam sendo devorados pela sua boca ávida. — Esses seus peitinhos me enlouquecem, sabia? Venha aqui, minha delícia. — Ele rosnou com fome e começou a mordicar meus mamilos e a chupá-los. Eu quase enlouqueci.

— Meu pai, como isso é bom! — Agarrei seu cabelo, enfiando os dedos entre os fios. — Joshua, mais forte! — Eu queria aquela boca lá embaixo.

Acho que ele escutou meus pensamentos, porque sua boca fez um caminho descendente, entre beijos e mordidas, e um delicioso banho de língua. Já estava ficando viciada em banhos de língua. Minhas pernas foram abertas e eu só senti o impacto de sua boca faminta entre minhas dobras. Sua língua sabia o que fazia e, enquanto me lambia, sua boca me chupava. Ou seus dedos me fodiam, ou seus dentes mordiam meu clitóris. Não sei o que era mais gostoso, mais alucinante. Só sentia aquela euforia vertiginosa, aquela sensação orgástica, aquela ferocidade de sentimentos.

— Joshua, porra... é bom demais. — Ele me chupou com força e mordeu entre minhas coxas. — Meu pai, eu vou, vou... — Recebi uma lambida profunda e gritei, arqueando meu corpo com a força do orgasmo.

— Não, pequena bagunça, ainda não terminou. — Estava quase entrando em transe quando sua boca abandonou meu sexo, e quase gritei com ele. — Eu não terminei com você, minha pequena bagunça. Quero vê-la galopar o meu pau.

Sorri e aceitei o desafio. Ele se sentou, encostando-se na cabeceira, e estendeu o braço e pegou um preservativo na gaveta. Afastando o roupão e dando-me uma visão de sua linda ereção, ele desenrolou a camisinha.

— Sim. — Apenas gemi quando concordei.

— Sente-se e faça o que quiser. Apenas faça. — Montei nele, segurei seu sexo e deixei firme

em contato com o meu. Aquele pau lindo era quente, duro, e em contato com meu fogo, me queimava. Minha vagina só faltava suplicar para que eu o colocasse dentro dela.

Joshua segurou meus seios enquanto eu esfregava seu sexo entre minhas dobras molhadas. Fazer isso era o inferno de quente. Era uma sensação desesperadora, mas muito excitante. Subia e descia, e me esfregava, e o dedos dele beliscavam meus mamilos eroticamente.

— Você gosta disso, não é, safadinha? Gosta de cavalgar em mim?

Ele sabia que sim e por isso me deixava dominar a situação. Joshua conhecia minhas fraquezas, meus medos, e sempre faria com que me sentisse bem. Por essa razão eu confiava nele.

— Belisca mais, mais forte. — Gostava do ardor que os dedos dele provocavam em meu corpo.

— Pequena bagunça, você é o inferno de linda. Não me canso de olhar para você quando me fode. — Aquele sorriso malicioso me aqueceu por dentro.

Então suas mãos me levantaram e a ponta de sua ereção encontrou a minha entrada. Só empurrou gentilmente, provocando-me, até que foi enterrando um centímetro de cada vez.

Meu Deus! Ele me mataria se recuasse agora.

Em seguida, ele me sentou, enfiando todo o membro dentro de mim, e me perdi completamente. Joshua começou a se mover, ajudando-me, pois quase perdi o controle. Estava tão selvagem, que meus galopes ficaram frenéticos demais.

— Calma, assim você vai se machucar. — Suas mãos em meus quadris ajudaram-me no galope, e eu subia e descia como uma amazona.

O delicioso atrito me expulsou de minha mente. Enquanto galopava, eu o observava. Seu rosto estava feroz, carregado de prazer. Sabia que ele estava perto de gozar e sabia também que, como das outras vezes, ele se anularia só para me satisfazer. Percebi isso, ele achava que não, mas percebi. Só que hoje seria diferente, daria a ele o que me deu nesses últimos dias, prazer absoluto. Assim, assumi o controle.

Bati meu corpo com força, com golpes poderosos, sentando-me profundamente em seu sexo. Ele gemeu, meus dedos apertando-lhe os ombros, deixando marcas de crescente vermelho.

— Puta merda! Laura! Isso... assim, porrinha. Gostosa do caralho. — Suas mãos seguraram meus seios e logo sua boca faminta mamava meus bicos. — Caralho! — Ele soltou meus seios e escorregou no colchão, deitando-se, e começou a arquear o quadril, empurrando meu corpo para cima enquanto eu empurrava para baixo. Buscando uma penetração mais profunda.

Eu gritei e ele diminuo o ritmo.

— Não se atreva a parar! — gritei. Ele agarrou minha bunda com as mãos e me levantou, para em seguida me sentar e, de novo, empurrar tudo dentro de mim.

— Oh, Deus! — gemi.

— Isso é muito louco, pequena bagunça. — Sim, era. Eu tinha medo e ao mesmo tempo não queria deixar essa loucura acabar.

O orgasmo estava vindo com força. Meus pelos arrepiando, meu coração acelerado. Aquela sensação de euforia, de magnitude, de calor. Eu queria gritar o nome dele.

— Deixe-o vir, Laura. Goze, goze... — Seus dedos procuram meu clitóris e o acariciaram. O clímax pairou sobre meu corpo e eu senti o corpo dele tremer.

— Goze, vamos. Goze para mim, Joshua. — Ele me olhou e me golpeou com força. Me puxou para seu corpo, abraçando-me, prendendo-me. Sua cabeça foi para trás, seus olhos se apertaram, e um gemido gutural saiu de sua garganta. Ele ainda bombeava o meu corpo enquanto seu prazer preenchia o preservativo. Foi lindo de ver. Eu só queria beijá-lo naquele momento, mas sabia que não podia, então apenas encostei a cabeça em seu peito e fiquei escutando o descompasso do seu coração.

Minutos depois, ele beijou minha testa e me pôs nos travesseiros. Saiu de dentro de mim e foi para o banheiro. Acordei com algo macio e morninho sobre o meu corpo.

— Shhh, fique quieta, deixe-me limpar você. Amanhã você toma um banho gostoso, está muito cansada para uma ducha nesse momento. — Joshua me limpava com toalhas molhadas em água morna. Gostei daquele carinho e não quis bancar a durona, só o deixei me limpar. Apenas aceitei seus cuidados e adormeci.

Acordei com um homem lindo e todo arrumado diante de mim.

— Ei, onde pensa que vai? Volte a dormir, já dei ordens para só servirem o café às nove horas, e o Frota estará a esperando para levá-la à escola. Durma mais um pouco, ok?

Não me fiz de rogada, fazia tanto tempo que não dormia tão bem assim. Voltei a cabeça para os travesseiros e ele sentou-se ao meu lado. Eu queria mesmo era puxá-lo e fazê-lo me foder com força novamente.

— Laura, estou indo a São Paulo e só volto na sexta-feira à noite. Eu sinto muito, mas não posso deixar de ir. Prometo que ligarei para você todos os dias e ficaremos conversando todas as noites até você dormir.

Minha vontade era chorar. Saber que ele estaria tão longe me encheu de medo, desespero e angústia. Me deu um aperto tão dolorido no peito que quase fiquei sem ar.

— Quer ir comigo? Se quiser eu a levo. — Seus dedos seguraram meu queixo. Não queria olhar para ele, acho que ia chorar. Fiquei com um nó na garganta. — Laura, olhe para mim. — Olhei. — São só dois dias, e só não nos falaremos quando eu estiver fechado em uma reunião. Você vai ficar bem?

Eu não podia ficar dependente dele. Não podia, ele não era nada meu. Nada.

— Sim, ficarei bem, não se preocupe.

— Tem certeza?

— Tenho. Pode ir, vou dormir mais um pouco.

— Então, tudo bem. — Beijou o alto da minha cabeça, pegou o paletó e foi embora.

Meia hora depois estava dentro de um táxi a caminho da escola, chorando. Queria me convencer de que não era por causa do Joshua. Por que já estava sentindo a falta dele? E se eu

tivesse um pesadelo, quem viria me socorrer?



Joshua

Entrei no quarto do hotel com meus pensamentos atordoando todo meu controle. Precisava me acalmar, caso contrário, não teria uma boa reunião hoje à tarde. Olhei para meu relógio e já era o horário do almoço. Então, foi quando me dei conta que neste horário estaria sentado em meu lugar habitual no café da esquina, próximo à escola de música, viajando através dos acordes do violoncelo de Laura. Visitando o meu lugar interior favorito, onde encontrava a paz. Devia ser por isso que estava tão irritado.

Será que se ligasse para a escola eles permitiriam que escutasse a pequena apresentação da Laura através do celular?

Isso era besteira. Não, não era sensato. Preciso me libertar, isso não deve ser saudável.

Que se dane!

— Alô, Sara? É o Joshua, amigo da Laura, lembra-se de mim? Sim, sim. Ela está tocando? Como não? Está doente? Onde ela está? Não, não precisa. Ligarei para ela, obrigado.

Alguma coisa estava errada, Laura nunca deixou de tocar neste horário, desde que a conheço ela sequer atrasava um segundo. Liguei para ela e ela atendeu no segundo toque.

— Joshua! Já chegou em São Paulo?

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa? Quer que eu mande o Frota levá-la a um hospital?

— Joshua, se acalme. Respire. O que o faz pensar que estou doente?

— Você não está tocando, ou não tocou. Laura, o que você tem? Não me esconda nada.

— Como sabe que não toquei hoje? Está me vigiando, seu prepotente de merda?

— Cale-se, sua estúpida. Não liguei para brigar, fiquei preocupado. Liguei para a escola porque queria escutá-la tocando, mas me disseram que você não foi trabalhar hoje.

— Seu nervosinho, estava brincando.

Ela fez uma pausa, e eu comecei a andar de um lado ao outro no quarto do hotel. Ela não estava bem e isso fodia minha cabeça, pois não estava lá para cuidar dela. Olhei para minha mala, meu paletó. Não podia acreditar, já estava a ponto de voltar para o aeroporto. Então, não consegui pensar em mais nada, tudo se consistia na pequena bagunça chamada Laura. Ela não saía mais da minha mente e o seu silêncio do outro lado da linha só me tirava do prumo.

Que se fodesse a minha reunião.

— Laura, fale alguma coisa, porra! O que você tem?

— Ei, não precisa gritar. Eu só estou um pouco indisposta, só isso.

— Estou voltando, daqui a algumas horas estarei aí com você...

— Não! — ela gritou e bateu em alguma coisa, então escutei outro grito.

— Laura, o que foi?

— Não foi nada, só fiquei nervosa e bati meu joelho no estofado. — Soltou o ar dos pulmões com força. — Joshua, não precisa voltar. Não quero ser responsável por sua irresponsabilidade, você está em uma viagem de negócios. Ficarei bem, não se preocupe.

— Tem certeza?

— Tenho. — Respirou fundo outra vez. Ela não estava bem e me escondia algo, e aquilo me deixou fulo da vida.

— Laura! — Arrastei o seu nome longamente enquanto a chamava.

— Como está o tempo aí? — Ela estava querendo mudar de assunto, mas a conhecia mais do que ela pensava. — Está frio? Já almoçou?

— Aqui está calor. E não, ainda não almocei. Laura, não me deixe preocupado, eu juro que pego o primeiro avião de volta.

— Senhor pretencioso, pare de bancar meu anjo protetor. Você nem sempre estará perto para me proteger, portanto, se acalme. Ficarei bem, vá almoçar e eu tentarei dormir um pouco.

— Estou voltando, que se fodam minhas reuniões.

— Joshua — ela me interrompeu. — Porra, só estou com saudade, é isso. Fiquei sem ânimo de trabalhar, e quando pensei que você não estaria no café me ouvindo tocar, bateu uma tristeza e não achei justo tocar para outros sem você estar presente, é isso. Satisfeito agora?

Engoli em seco e me sentei na cama. Puxei o nó da gravata e passei os dedos entre os fios dos cabelos.

Caralho!

Mas que porra estava acontecendo conosco?

— Joshua, você ainda está aí? — Me refiz do susto.

— Estou. Sexta-feira à noite estarei de volta e prometo que sábado passaremos o dia inteiro juntos. O que acha?

— Você diz, o dia inteirinho? — Acho que ela estava sorrindo e eu perdi isso. Eram tão raros esses momentos. Nem eu, nem ela, sorríamos muito.

— Sim, pequena bagunça, o dia inteirinho. E se a senhorita se comportar, a levarei para jantar. Mas dessa vez pagarei a conta e você aceitará.

— Vá sonhando. — Ela sorriu novamente. — Mas prometo que pensarei com carinho na sua proposta.

— Laura.

— Oi.

— Preciso ir. Quando terminar a reunião, volto a ligar.

— Esperarei. Boa reunião para você, vou me distrair com meus alunos da tarde.

— Laura.

— Oi.

— Também estou com saudade. *Bye*.

Desliguei.

Foi uma tarde longa e tensa, passei quase oito horas trancado em uma sala, entre cinco intermináveis reuniões. Só tinha tempo de ir esvaziar a bexiga rapidamente e engolir um café, ou uma água. Às vezes, me surpreendia com meus pensamentos libertinos. Quando a conversa se tornava longa e chata, fugia para as lembranças de minha manhã com a Laura e a via gozando. Eu sei que alguns executivos não entendiam o meu sorriso disperso, mas era a única maneira de relaxar.

Depois da fatigante reunião, aceitei – não, fui obrigado a aceitar – ir jantar com um grupo de espanhóis. A intenção dos quatro homens era de conhecer a noite excitante paulistana. Eu já a conhecia e sabia exatamente onde encontrar diversão, até liguei para alguns contatos e indiquei para os executivos. Fiquei com eles no bar do hotel, esperando as respectivas acompanhantes. Cinco moças estonteantes, que mais se pareciam *misses*, vieram ao nosso encontro. Fomos apresentados e logo elas disseram para onde levariam os espanhóis. Não quis ir junto, mesmo quando a moça alta e morena, gostosa *pra caralho*, cochichou em meu ouvido que faria tudo o que eu quisesse.

Disse não.

Eles se foram, e alguém naquele grupo ficaria com duas mulheres. Continuei no bar, terminando minha soda.

— Você deve ser muito fiel, não é mesmo?

Escutei uma voz feminina e virei o rosto em sua direção. Meus olhos se fixaram em um lindíssimo par de olhos castanhos de uma mulher estonteante de linda. Ela segurava um copo de uísque na mão e sorriu sensualmente quando a encarei. Francamente, não havia percebido sua presença ao meu lado.

— Como disse? — perguntei.

— Você entendeu. — Levou a borda do copo aos lábios sem desviar os olhos do meu rosto e sorveu a bebida. — É casado? — Olhou em direção à minha mão esquerda.

— Não, não sou — respondi.

A linda mulher estava de flerte. Seu olhar e jeito sensual de mover as mãos, mexendo nos cabelos, e o modo como se sentou e girou no banco, mostrando-me suas belas pernas torneadas, entregavam-na. Ela queria um pouco de diversão.

— Bem, então você só pode estar amando. — Sorriu e provou a bebida outra vez. Eu também sorri, achando engraçado. — Um homem dispensar um mulherão daquele depois de um convite tão direto. Desculpe-me, ela cochichou tão alto que eu escutei. Dizer não àquilo só pode significar que você está amando ou que é gay. Você não é gay, é?

— Não, não sou, mas também não estou amando. Só não estava a fim de sair, prefiro ir para minha cama.

— Quer companhia? Garanto que seu sono irá embora no minuto em que minha boca tocar a

sua.

— Nossa! — Quase me engasguei com minha soda. As mulheres estavam mudando mesmo. Esse lance de mulher empoderada começava a me assustar.

— O que foi, nunca recebeu uma cantada?

— Não desse jeito. — Ela se aproximou um pouco mais.

Avaliei seu rosto, corpo, roupas, cabelos, unhas, joias e maquiagem. Ela não era uma garota de programa, tampouco uma riquinha qualquer. A mulher em questão era muito rica e sofisticada. Seu relógio era de ouro e diamantes, suas roupas, sapatos e bolsa, exalavam requinte.

— Agora recebeu. E aí, vamos terminar essa noite com alguns orgasmos? O que acha? Eu estou sozinha, você está sozinho... — Se ela soubesse que não gosto de ser a caça e prefiro ser o caçador..., mas hoje não. — Na minha suíte ou na sua?

Nos cinco minutos que se passaram desde que ela começou a puxar conversa, o balcão do bar se tornou uma caixa de excitação e confusão. Não sabia ainda por que continuava sentado, escutando toda aquela conversa. Acho que não queria ser mal-educado, ou talvez não quisesse constranger a mulher. Ela parecia tão segura de si ou de sua beleza. Certamente, nunca em sua vida, havia recebido um não.

Ela não me conhecia. Agora receberia o primeiro não de sua vida

— Certamente, eu na minha suíte e você na sua. — Levantei-me, sorri para ela. — Boa noite, senhorita. — Passei por ela fui em direção à saída.

— Você está amando, meu querido. Dispensou dois mulherões em uma mesma noite, isso só pode ser amor. Quando os homens amam de verdade, eles são fiéis. Sortuda, essa moça.

Só acenei com a mão, sem olhar para trás. Tinha certeza de que a linda mulher não iria dormir sozinha, logo se interessaria por outro homem.

Entrei no quarto já me despindo. Estava tão cansado que resolvi tomar um banho de ducha, pois se entrasse em uma banheira, certamente adormeceria dentro dela. Puxei a camisa de dentro da calça, desafivelei o cinto, abri o botão, o zíper, e deixei a calça cair aos meus pés. Joguei os sapatos longe e me livrei das meias. Já estava retirando as abotoaduras quando meu celular tocou.

— Oi, pequena bagunça. Você está bem?

— Você está sozinho? — Fiquei com vontade de sorrir. Ela sussurrou, como se sua voz pudesse ser ouvida no ambiente.

— Não, as três mulheres que convidei para passar a noite comigo estão na banheira. Já estava indo para lá quando você ligou. — Eu queria ser uma mosquinha só para ver seu rosto vermelho de vergonha.

— *Tá* bom, eu ligo depois. Não, esqueça, nunca mais ligarei para você. Vá à merda, Joshua.

— Estou brincando, esquentadinha.

— Mentiroso. — Desligou, e eu liguei outra vez, desta vez uma chamada de vídeo. Segui para o banheiro, e quando ela atendeu, mostrei a banheira vazia.

— Agora acredita? Quer ver a suíte em detalhes? Posso mostrar dentro do armário se quiser. — Ela estava fula, suas bochechas ficaram vermelhas de raiva.

— Idiota! Você pode ficar com quantas mulheres quiser, isso não é problema meu — sussurrou novamente.

— Boba, estou tão cansado que meu pau até adormeceu. Quer ver?

— Eu não! O senhor está muito engraçadinho hoje, o que andou fumando?

— Você poderia reformular a pergunta? Em vez de fumando, podia dizer chupando. — Ela entendeu minha insinuação. Eu vi seus olhinhos revirarem.

— E o que o senhor andou chupando hoje?

Voltei para o quarto e me deitei na cama.

— Não foi bem hoje, mas durante a madrugada. Até agora ainda estou embriagado, passei a tarde inteira sentindo o gosto e o cheiro.

— Foi bom assim? Posso provar também?

Ela queria brincar, ou me provocar, só que de provocação por hoje já bastava.

— Foi doce e cheiroso e você pode provar sim, quer?

— Quero. — Eu sabia que ela estava deitada, pois estava vendo a cabeceira da cama.

— Fará o que eu mandar? — Puta merda, eu já estava ficando duro só com os pensamentos que passavam por minha mente libertina.

— Uhum!

— Tire a calcinha e mostre. — Ela me olhou com aquele olhar de quem diz: *ficou louco, seu safado?* — Você prometeu que faria tudo que eu mandasse, então tire a porra da calcinha e me mostre. Agora.

— Não vou tirar, seu pervertido. Quer saber, vá dormir que seu mal é sono.

— Laura, olhe como você me deixa. — Virei o celular para minhas partes baixas. Eu já estava de pau na mão e ele já estava duro e chorando. — Só quero brincar um pouco. Pare de ser pudica e tira logo a porra dessa calcinha, caramba!

Alterei meu tom de voz. Tinha a impressão de que minha voz a excitava.

— Está bem, mas só farei isso. Que fique registrado. — Ela se excitava com minha voz, agora tinha a certeza. Vi os movimente lentos de seus braços e aquilo era muito louco.

— Pronto, aqui está ela. Satisfeito? — O pequeno pedaço de pano preto estava bem na frente do celular. Só de saber que sua xoxota gostosa se escondia ali, fui ao inferno e voltei.

— Mostre-me.

— O quê? Olha aqui, Joshua Saravejo, vá se foder...

— Laura! — Estiquei seu nome longamente quando chamei sua atenção. — Eu não sei mesmo se era essa a calcinha em que estava a delícia que eu provei, então quero ver sua bocetinha. Mostre-me, agora.

— Não vou mostrar minha intimidade para você porra nenhuma.

— Eu já a vi na minha cara. Já lambi, chupei, mordi e fodi, então quero ver essa porra agora. — Mostrei meu pau outra vez e comecei a masturbá-lo. — Olhe para ele, Laura, veja como fica entre meus dedos. Imagine todo dentro de você, fodendo lentamente, entrando e saindo, bem devagar. Você me comendo, pense. Ele todo enfiado na sua xoxotinha apertadinha. Hum, que gostoso... Lento, duro, lento, duro... deixa eu ver seu dedo fodendo sua xoxota. Faz isso *pra* mim, faz. Eu sei que você quer, hum, eu gozo *pra* você... prometo.

Voltei o celular para meu rosto e ela estava mordendo o lábio com um olhar carregado de tesão.

— Laura. — Ele fixou os olhos na tela. — Foda-se, eu preciso ver. — Ela não disse nada, apenas afastou o celular e abriu as pernas. Começou a se acariciar e eu pude ver a viscosidade de sua excitação brilhando entre suas dobras. Logo seus dedos ficaram lambuzados.

— Hum, Deus! Esse homem é maluco... — Ouvi quando me xingou baixinho. — Seu tarado, gosta do que está vendo? — Enfiou um dedo e começou a movê-lo, entrando e saindo.

— Adorando. Agora enfie mais um dedo e mova mais rápido. — Eu também estava me fodendo com a mão, e já começava a sentir o prazer vindo. Ela estava respirando apressadamente, o seu orgasmo estava se construindo. Podia ver o desespero em seus movimentos, o arquear do seu quadril.

— Oh, Deus! — Bateu os dedos com mais rapidez. — Joshua... Joshua... eu... — Ela ia gozar, e vê-la nesse desespero quase me jogou na lona. Apertei a cabeça do meu membro. Havia prometido que ela me veria gozar e não ia decepcioná-la.

— Goze, minha safadinha. Goze gostoso.

— Humm! Oh, meu pai... — Arqueou o corpo enquanto soltava um grito desesperado de prazer. Continuei me masturbando enquanto assistia ao seu último espasmo febril.

— Laura, olhe. Veja o que você fez e faz. — Virei o celular e comecei a mover a mão mais e mais rápido, até que meu prazer veio em jatos fortes e espessos. Soltei um grunhido de libertação enquanto meus dedos trabalhavam com mais rapidez até extraírem a última gota.

Estava todo melado de esperma. Uma verdadeira zona de espermatozoides paranoicos, todos procurando a porra da "casinha" para se abrigarem. Os idiotas nem sabiam que estavam em minha virilha e abdômen.

— Joshua. — Ela me chamou, e voltei o celular para meu rosto. Ainda estava me recuperando da punheta bem dada. — Você é um tarado. Quem vê esse homem todo sério, todo social, nem imagina que é um tarado e louco varrido.

Eu queria gargalhar, mas infelizmente estava sem forças.

— E você é uma safadinha, que me faz fazer coisas insanas. Estamos quites, minha pequena bagunça, quites. — Me levantei e fui para o banheiro, abrindo a ducha.

— O que vai fazer?

— Tomar banho. Estou todo melado de porra.

— Então *tá*, vou deixar você em paz.

— Laura, não precisa desligar. Vou deixar o celular aqui na bancada, se quiser tomar banho junto comigo será um prazer, mesmo que seja em banheiros separados. Não vou desligar, faça o que quiser.

Deixei o celular na bancada, despi a camisa e, de costas, entrei no box. De onde estava ela não conseguiria ver as minhas costas. Ela fez o mesmo, foi para o banheiro, tirou a roupa e eu pude vê-la tomar banho. Outra vez fiquei excitado e a cada passada de mão em meu pau ele ficava duro. Então, não deu outra, me masturbei e dei a Laura outra visão do meu gozo. Ela me olhava boquiaberta, se esquecendo até do banho. Após a minha sessão de masturbação, terminamos nosso banho e cada um se vestiu no seu tempo. Voltamos para nossas camas e começamos a conversar sobre o nosso dia, principalmente sobre o meu, até que percebi que ela havia adormecido, então desliguei e consegui adormecer em paz.

Acordei às oito horas em ponto. Estava atrasado, me esqueci completamente de avisar ao pessoal da recepção para me acordar às sete. Tomei um banho rápido, engoli o café enquanto me trocava, e saí correndo. O motorista já me esperava na garagem. Assim que me sentei e pude respirar, liguei para Laura. Eu teria tempo de falar com ela, pois pegaria o trânsito caótico da Avenida Paulista.

— Bom dia, dormiu bem? — Já sabia que a resposta seria sim, porque ela não me ligou durante a madrugada. Laura sempre fazia isso quando seus pesadelos a atormentavam.

— Como um anjo, e você?

— Dormi *com* um anjo... — Esperei a malcriação, no entanto ela ficou quieta. — Laura, sonhei com você, por isso dormi perfeitamente bem. Laura? — chamei. Ela continuava muda. Mas que inferno, o que eu fiz agora?

— Oi, o sonho foi bom?

— Foi lindo. Sonhei que você tocava violino só para mim.

— Quando você voltar prometo que tocarei especialmente para você. Por falar nisso, a que horas estará em casa?

— Chegarei tarde. Sinto muito, acho que só conseguirei vê-la no sábado. Vamos tomar café da manhã juntos, o que acha?

— Almoçar seria melhor, tenho um compromisso na sexta à noite.

— Compromisso? — interrompi, não sei por que, mas não gostei da novidade.

— Sim, tenho um encontro com um...

— Prefiro não saber, se você não se importar. Boa sorte com seu encontro, Laura. Preciso desligar, vou entrar em reunião.

— Joshua, foi você mesmo quem me aconselhou a procurar outros homens.

— Eu sei. — Mas já estava arrependido. Só de pensar em outros homens tocando-a, batia um desespero dentro de mim. — Preciso ir, me ligue amanhã se ainda quiser almoçar.

— Joshua, você é um idiota, sabia? Passe bem, seu estúpido.

— Estúpida é você. — Desliguei.



Estava de volta à minha casa. Passei quase dez anos da minha vida viajando pelo mundo, vivendo em hotéis, em cidades diferentes, por isso adorava quando regressava. Nada era mais acolhedor do que o meu lar. Ainda mais quando tive um dia tão horrível quanto o de hoje, com reuniões chatas cheias de gente chata. Mas não foram as reuniões nem a viagem que me chatearam. Foi saber que a esta hora Laura estaria transando com outro homem. Isso pirou minha cabeça e quase liguei para ela e pedi para que cancelasse esse maldito encontro. Só desisti dessa maluquice quando entendi que não tinha o direito de impedi-la de voar. Ela agora estava livre e podia pousar nos braços de quem quisesse. Éramos apenas amigos que partilhavam a cama uma vez ou outra, e eu precisava entender isso.

Olhei para o relógio, eram vinte e uma horas. Estava cedo para dormir e não queria jantar sozinho, então resolvi sair. Um restaurante aconchegante não me faria mal, pelo menos estaria cercado de gente e talvez parasse de pensar em Laura. Chamei o Frota e ele me levou a um restaurante que costumava frequentar quando ficava entediado. Mal havia descido do carro quando vi Laura atravessando a rua correndo. Não sei para onde ela ia, só sei que estava com pressa.

Fui atrás dela. Fiquei preocupado, ela era meio instável e se aborrecia com qualquer coisa. Além disso, se o tal homem do encontro tivesse feito algo de errado com ela, ah, eu juro que o mataria.

— Laura! — gritei seu nome e sei que ela me escutou, pois parou por alguns segundos, mas depois continuou andando apressada. — Laura, espera! — Ela não esperou. Ao contrário, apressou os passos, e eu a segui. — Que merda, Laura, o que há com você? — Consegui alcançá-la e freei seus passos, segurando-a pelo braço.

— Solte-me, seu estúpido do caralho! — Puxou o braço com violência, afastando minha mão. Ela estava chorando.

— O que aquele filho da puta fez com você? Vamos, Laura, me diga! Isso não vai ficar assim.

— Quer saber mesmo? — articulou com sarcasmo. — Ele não fez nada, nada! Está feliz? Eu não consigo me relacionar e a culpa é sua. Sua, entendeu?

— Minha? Ficou louca? Eu já a conheci assim, se esqueceu? — Não estava entendendo nada. Ela estava chorando por causa do fracasso do seu encontro e a culpa era minha. Essa moça só podia ser doida.

— A culpa é sua, sim, seu estúpido de merda. E quer saber, me deixe em paz. Desapareça da minha frente, não quero nunca mais vê-lo.

— Estúpida, grossa, idiota.

— Imbecil! Você se acha o todo gostosão, o dono da porra toda, não é? Pois vou mostrar *pra* você que eu consigo transar com outro cara, ou não me chamo Laura. Vá *pro* inferno, Joshua Saravejo.

Ela me empurrou e dei um passo para atrás. Quase caí.

— Sua maluca! E eu aqui, preocupado com você. Vá à merda, Laura! Sua esquisita.

— Vá você, e vê se me esquece. — Sinalizou com a mão para um táxi que logo parou. Ela entrou e sequer olhou para mim.

— Maluca! — gritei. Minha noite acabara de acabar, e o pior é que eu ficaria sem saber o motivo pelo qual estava tão brava comigo e do que estava sendo acusado. Mas quer saber, foi melhor assim. De problemático já bastava eu.

Eu fiz o que tinha que fazer e agora era com ela. Não tinha mais nada a ver com a sua vida.



Lhaura

Passei a semana e o dia inteiro de hoje pensando no que Joshua havia me dito, sobre eu me relacionar com outros homens. E depois de minhas duas últimas experiências frustradas que tive com o tal encontro às cegas, cheguei à conclusão de que talvez ele realmente tivesse razão. Isaque me dispensou logo de cara, acho até que pensava que eu era uma depravada, e o Luan, quando me beijou e eu o chamei de Joshua, quase me mandou à merda. Existe algo mais broxante do que estar beijando alguém e ser chamado pelo nome de outra pessoa? Não tirava sua razão de me dispensar logo no primeiro encontro.

E agora, como saberia se estava curada dos meus traumas se só fizesse sexo com Joshua? Eu teria que fazer mais alguns *test drives*, só assim ficaria livre. Do contrário, voltaria a me sentir prisioneira do demônio. Olhei para meu celular. Será que daria tempo? Não era tão tarde, e Sara costumava sair com Daniel um pouco mais tarde às sextas-feiras. Não custava tentar.

— Sara, tudo bem?

— Oi, aconteceu alguma coisa? Ai, amiga, não me assuste.

— Está tudo bem, Sara, só andei pensando sobre o seu convite de sair com o amigo do Daniel. Resolvi aceitar, pode ser hoje?

— Hoje, jura? Claro que sim! Só me dê cinco minutos, o Dan vai ligar para o Ricardo.

Sete minutos depois ela retornou à ligação.

— Ele aceitou! O gostoso aceitou, sortuda. — Será que sou sortuda mesmo? Na verdade, não estava muito entusiasmada com esse encontro, era como se estivesse sendo obrigada. — Esteja na frente do prédio às vinte e uma horas. Beijos, preciso me arrumar.

No horário marcado, estava esperando meus amigos. Não caprichei em minha aparência. Se o tal amigo do Daniel tivesse que gostar de mim, seria do jeito que escolhi para viver. Assim que entrei no carro, logo notei a produção de minha amiga.

— Nossa! Onde é o baile e por que não me disse que iríamos a um lugar chique?

— Porque não adiantaria. Você iria se vestir deste mesmo jeito, estou errada? — Não, ela não estava.

— Cadê o tal amigo, ele desistiu de vir? — Eu estranhei, pois sempre que saíamos em casal, usávamos o mesmo carro.

— Está nos esperando no barzinho.

O barzinho, na verdade, era uma boate muito badalada. Realmente me senti um peixe fora d'água, e todo aquele glamour me remeteu ao meu passado. As boates que eu frequentava com Felix eram sempre assim, sofisticadas, e eu sempre me vestia perfeitamente bem. Ainda me lembrava dos olhares de inveja das mulheres e dos de cobiça dos homens.

Esquece aquele demônio. Por que você tem que lembrar dele?

— Lá está o gostoso. — Sara se entortou toda para cochichar em meu ouvido, apontando com o olhar na direção de duas mesas em um canto da boate.

Ele se levantou quando nos viu, e eu pude realmente concordar com ela. O rapaz era de cair o queixo. Alto, moreno, musculoso, e quando nos aproximamos, pude notar seus belos olhos verdes.

— Oi, prazer. Sou Ricardo, mas pode me chamar de Rick. — Não tive problema algum em apertar a mão dele. Sara até estranhou, olhou para mim e fez aquela expressão de surpresa.

— Prazer, Laura. — Ele beijou o lado esquerdo do meu rosto. Também não tive problema algum com isso. Sentamo-nos, pedimos as bebidas, os petiscos, e na segunda rodada, Sara e Daniel saíram para dançar.

— Quer dançar? — ele perguntou, e neguei com a cabeça. — O Daniel me disse que você é musicista. Eu toco guitarra, você toca?

— Sim, toco.

— Ele me disse que sua especialidade é violoncelo?

Que inferno, eu não vim para esse encontro falar sobre música, eu vim transar!

— Podemos ir para um lugar mais reservado, tipo seu apartamento? — Fui logo direta antes que ele começasse com sugestões.

Acho que fui direta demais, porque ele se engasgou com a bebida. Dei umas batidinhas de leve em suas costas.

— Desculpe-me, fiquei surpreso. Geralmente sou eu que faço o convite. — Devo ter assustado o rapaz, só esperava que não muito.

— Então, vamos ou não? — Estava com pressa, queria logo saber se realmente estava livre dos meus traumas.

— Bem, eu moro em Gramado, mas podemos ir a um motel. Aceita?

— Ok, vou avisar a Sara que estamos indo. — Ele me olhou como se dissesse: *e precisa?* — Só para ela não ficar preocupada — completei. Ele só assentiu com um abrir e fechar de olhos.

Sara quase teve uma síncope e começou a fazer mil perguntas. Claro que não lhe contei o que aconteceu e nem ia contar. Ela era minha amiga, mas não tanto para que saísse contando sobre a minha intimidade.

Em quinze minutos, estávamos dentro de um quarto luxuoso de motel. Eu nem olhei direito a decoração, afinal, não fui ali para apreciar as cores nem os móveis. Só olhei para a cama enorme forrada com um lençol de cetim branco. Ele despiu o blazer e desabotoou alguns botões da camisa, deixando à mostra alguns pelos do peito. Se aproximou, e eu fiquei quieta. Beijou meu rosto, meu pescoço e soltou meus cabelos. Puxou a blusa de dentro de minha saia, depois segurou meu queixo com a mão enquanto envolvia minha cintura com a outra, e os seus lábios se uniram aos meus. Eu não senti nada, nada mesmo. Ele beijava bem, mas não era ele que eu queria me beijando nem me abraçando, nem me tocando. Estava tudo errado. Eu não era assim, não podia sair por aí dando para todos.

Estava tudo errado.

Eu só abri os lábios e o deixei me beijar, movendo minha boca e minha língua, fazendo minha parte. Mas não sentia nenhuma emoção. Cadê o redemoinho em minha barriga, o arrepio no corpo e a excitação que molhava minha calcinha? Simplesmente não existiam. Eu só queria afastá-lo de perto de mim e não queria aquelas mãos cheias de dedos me tocando, me apalpando. Não queria aquela língua rodopiando dentro de minha boca. Não!

Empurrei-o e escutei um estrondo de trovão. Tinha começado a chover.

— Laura, o que foi? — Atordoado, ele me olhava. O coitado não sabia onde havia se metido.

— Desculpe-me, Ricardo, a culpa não é sua, mas não dá. Não quero que me toque, não quero que me beije e tampouco quero que me foda. — Peguei minha bolsa.

— Laura, se acalme. Onde pensa que vai? Está chovendo, espere a chuva passar, eu a levarei para casa.

Ele veio em minha direção quando viu que estava indo embora. Tentou me tocar e eu o empurrei.

— Não encoste em mim! — bradei, furiosa. — Não, é não. Não é você que eu quero, e não tente me impedir de ir embora.

— Não, não vim até aqui por nada, vamos ficar. Se não quer transar, tudo bem, mas podemos namorar gostoso.

Ele tentou outra vez me tocar, e o empurrei com toda a força.

— Vá namorar gostoso com a puta que o pariu! — Escancarei a porta e saí correndo. Ele ainda tentou ir atrás de mim, mas estava desabando um mundo de água do céu.

Não me importei. Estava morrendo de medo. Não consegui. Mesmo deixando o Rick me tocar e me beijar, ainda sentia medo, repulsa. Ainda sentia aquela sensação de ser comandada, de fazer coisas que não queria.

Por que não me sentia assim quando estava com o Joshua? Por que com ele era diferente? O que ele tinha que os outros não tinham?

Estava completamente encharcada. Um trovão estourou no céu negro e me assustei. Procurei um abrigo, mas não achava nada. A merda do motel ficava em um local isolado. Dizem que quando chove não é bom se abrigar embaixo de árvores, mas não tive outro jeito. Eu precisava usar meu celular, precisava procurar um Uber próximo, pois não via nenhum táxi, ou outro tipo de transporte. Quarenta minutos depois, entrei em desespero. Estava tremendo até os ossos, a chuva havia aumentado e os relâmpagos também. Será que se ligasse para Joshua ele viria me buscar? Hoje era sexta-feira, ele devia estar no clube. Não, não tinha o direito de atrapalhar sua diversão. Comecei a entrar em pânico, olhei para o relógio e vi que era mais de meia-noite.

Vou ligar, que se foda.

Três toques depois ele atendeu. Estava com a voz sonolenta, eu o acordara.

— Laura, o que foi? Não consegue dormir?

— Joshua... — Comecei a chorar. Era tão bom escutar a sua voz depois de tanto tempo. Ele nem precisava vir me buscar, bastava só ficar conversando comigo, que suportaria tudo.

— Laura, o que foi, quer que eu vá até a sua casa? Já estou indo. Se acalme, é só o tempo de chamar o Frota. Laura, não chore, porra! Estou indo.

Eu soluçava, mas não conseguia me expressar em palavras. Elas simplesmente não saíam.

— Merda! Laura, já estou a caminho. Não chore, não chore. Fale comigo, só fale comigo.

Eu o ouvi conversar com alguém do outro lado da linha.

— Joshua, eu... eu não estou em casa. — Consegui finalmente soletrar as sílabas. — Segui seu conselho, mas deu tudo errado...

— Merda! Ele a machucou? Onde você está, onde?

Ele começou a gritar e fiquei mais nervosa, chorando mais e mais. Meu corpo começou a doer.

— Laura, se acalme e só me diga onde está. Já estou no carro.

Olhei para os lados e procurei alguma placa de sinalização, então avistei uma e lhe disse o que havia escrito nela, e também dei o nome do motel.

— Motel? Merda, um motel? — Ele falou um palavrão bem cabeludo. — Fique em um local seguro. — Não havia local seguro, estava debaixo de uma árvore, ensopada e morrendo de medo. — Laura, fale comigo, já estamos perto.

Minutos depois, vi os faróis de um carro. Saí de baixo da árvore e logo reconheci o imponente automóvel.

Joshua desceu correndo. Só percebi meus pés saírem do chão e dois braços me agarrarem como se fossem me quebrar. Ele me protegia da chuva, mesmo eu estando toda molhada. Entramos no carro, e logo algumas cobertas me envolveram, mas não saí dos seus braços e nem queria. Era tão bom estar de volta a eles e tê-los em torno de mim. Era tão bom sentir o seu cheiro, seu calor. Escutar sua voz.

— Shhh, estou aqui. Você está bem, está a salvo. — Seus lábios tocavam o alto da minha cabeça, e eu escutava o descompassar do seu coração. — Ele machucou você? Me diga, Laura. Juro, seja ele quem for, se ele a machucou eu quebro o desgraçado no pau. Vou bater tanto nele que...

— Shhh... — Ergui a cabeça e o calei com dois dedos em seus lábios. Não o queria nervoso. — Ele não me machucou. Não fez nada, eu não deixei. Ele até tentou, mas não consegui. Só fiquei assustada e fugi. Estou bem... agora estou bem, estou com você.

— Que se foda tudo, Laura, mas não quero outro homem tocando em você. Se você só se sente segura comigo, então eu serei tudo para você, prometo, mas nunca mais quero que sinta medo de ser tocada. Nenhum sem noção vai machucá-la. — Eu senti seu punho apertar.

Antes que pudesse falar qualquer coisa, ele saiu do carro comigo ainda em seus braços, escondida em seu peito. Só então percebi que ele não havia me levado para minha casa e nem para o hotel, estávamos entrando na casa dele. Só via paredes brancas e janelas enormes de vidro. O silêncio era total. Entramos em algum lugar e fui colocada em uma cama. Ele começou a me despir, e eu deixei. Não me importava, já fazia tanto tempo que ninguém cuidava de mim. Estava tão cansada

de bancar a durona, a intocável. Eu precisava tanto desses cuidados, dessa atenção.

— Laura, você está molhada até a alma. — Apenas sorri. Ele estava tão lindo, vestido em um pijama de seda azul. Estava molhado também, mas nem se preocupou consigo mesmo, só comigo. — Levante os braços, preciso tirar sua blusa. — Fiz o que ele mandou e minha blusa saiu por cima de minha cabeça, mas logo depois um casaco quentinho e cheiroso cobriu meu corpo trêmulo.

Ele se afastou, não por muito tempo. Puxou minha saia e me vestiu com uma calça, que era enorme, mas quente. Secou meus cabelos e por longos segundo observou meu rosto. Em seguida, me deitou numa cama com lençóis macios e o seu cheiro. Um homem lindo e com uma aparência muito irritada pairou sobre mim.

— Pequena bagunça, acho que não conseguirei digerir muito bem a ideia de ver você com outro homem. Só de pensar, tenho vontade de sair quebrando coisas por aí. Não sei o que está acontecendo, mas estou pronto para descobrir. Só preciso que queira isso também.

— Estou assustada, Joshua. Eu jurei que nunca mais deixaria um homem entrar em minha vida. Jurei nunca mais amar ninguém, porque o amor machuca e fere. Tenho medo de cair na mesma armadilha novamente. Medo de virar prisioneira. Mas algo me puxa para você, e eu consigo ver luz através de você. Eu quero, mas tenho medo de querer.

— Laura, eu também fiz promessas. Também não acredito no amor e acho que ele machuca, mas você me faz sentir vivo e humano. Depois de tanto tempo, tenho um motivo para acordar todos os dias.

— O que realmente quer de mim, Joshua? — Ele se inclinou sobre mim, roçou os lábios em meu pescoço, daquele jeito que fazia meu corpo todo arrepiar, e brincou com o meu lóbulo.

— Quero tudo de você, sou a porra do homem mais egoísta do mundo. Se duvidar, eu quero seus gemidos, seus sorrisos e até os seus malditos pesadelos — sussurrou em meu ouvido e depois raspou a língua do meu pescoço até o queixo, mordendo-o.

Depois de senti-lo tão perto, me esqueci de tudo e só queria me entregar, sem questionar. Sorri contra seu rosto. Queria beijá-lo, mas lembrei que ele não beijava. Não me importei, nós éramos dois quebrados de merda e acho que por isso precisávamos tanto um do outro, por isso que dávamos certo. O jeito que ele falava me fazia sentir como se eu pudesse confiar minha vida a ele. Como se não houvesse nada no mundo que pudesse me machucar, porque ele não deixaria. No fundo eu sabia que poderia confiar nele e me entregar aos seus cuidados. Nele eu podia confiar.

Espirrei e ele imediatamente se ergueu. Seu rosto mudou, agora eu via um homem muito preocupado.

— Isso não é bom. — Tocou minha testa. — Fique aí, já volto. — Ele levou uns cinco minutos para voltar e estava com uma xícara na mão. — Beba isso, depois vamos dormir bem agasalhados, não quero que fique doente. — Olhei para ele. Não queria dormir, queria fazer sexo. Ele entendeu meu olhar. — Nem pensar, chega de aventuras por hoje. Amanhã a senhorita poderá brincar à vontade no seu parque de diversão, mas hoje é cama e cobertas.

— Joshua, só um pouquinho. Eu fiquei na seca por anos e preciso recuperar o tempo perdido. — Tentei tocar em seu membro, mas ele segurou as minhas mãos e as beijou.

— Dormir. Temos todo o final de semana para regar o seu jardim. — Fui puxada para o colchão e cobertas grossas me aninharam. Logo senti um abraço e minha cabeça encostou em seu peito. Só escutava a respiração dele e o som da chuva. Em pouco tempo meus olhos pesaram e adormeci.

Acordei e olhei em direção às janelas. Ainda era noite, estava escuro. Joshua dormia pesadamente, acho que ele estava muito cansado. Fiquei com dó de acordá-lo, então resolvi me levantar, estava com sede. Vesti um roupão e saí em minha aventura à procura da cozinha, e a cada passo que dava, mesmo com pouca luz, pude conhecer um pouco a casa do senhor Joshua Saravejo. Era tudo muito branco, sem muitos móveis. A sala era enorme, com paredes altas, um estofado imenso e muitos quadros nas paredes. Olhei em volta e um quarto me chamou a atenção. Ficava no final do corredor, a porta estava aberta e as paredes não eram brancas, eram rosadas. Lentamente entrei. Não pude conter meu gemido de surpresa. Ele... ele era *casado*. Ele mentiu para mim. Por quê?

Havia um enorme quadro em tamanho real de uma bailarina, na ponta dos pés e sorrindo. A moça era muito linda. Roupas de *ballet* estavam espalhadas pelo quarto. Sapatilhas, meias. Havia muitos porta-retratos e todos com a mesma moça, até que três deles me chamaram bastante a atenção. Em um estavam ele e ela, sorrindo. Ela vestida de noiva e ele tão elegante em seu terno, sorrindo apenas para ela. Em outro ela estava grávida, exibindo um lindo barrigão, e ele ajoelhado, beijando seu ventre. No último, havia a foto de uma garotinha que devia ter uns quatro anos de idade, provavelmente a filha do casal.

Ele mentiu para mim. Onde estavam a esposa e a filha dele? Então, eu me lembrei que ele disse que veio ao sul inaugurar o hotel. Elas deviam estar em outro lugar, provavelmente em Salvador onde ele disse que morava.

Maldito mentiroso.

Virei-me com os olhos cheio de lágrimas. Fui enganada, ele era um mentiroso. Precisava ir embora, mas quando cheguei na porta Joshua estava parado, me encarando com um olhar feroz, como se eu tivesse feito algo muito errado.

— Como ousa entrar aí? Eu não lhe dei permissão de bisbilhotar minha casa! Saia daí, você não tem o direito de entrar aí. Saia, saia daí agora!

Fui agarrada com brutalidade pelo braço. Ele gritava e me sacudia. Não entendia, ele ficou bravo por eu ter descoberto a mentira dele? Com certeza foi isso.

— Solte-me, seu mentiroso! Eu não invadi sua privacidade, a porta estava aberta, e sinto muito se descobri a verdade sobre você. Mentiroso, canalha, por que não me disse que era casado e que tem família?

— O quê!? Cale-se, sua petulante de merda. Eu não lhe devo satisfação de minha vida. Vou ligar para a empresa de táxi e pedir que venham buscá-la, porque infelizmente dispensei o Frota. — Ele me pegou pelo braço e saiu me puxando pela sala.

— Solte-me! Não preciso de favores, irei sozinha nem que seja a pé. Canalha maldito, quero distância de homens como você.

— Cale-se, Laura, não me acuse sem saber a verdade. Você invade um lugar onde não é permitida a entrada de ninguém e ainda me acusa!

Não quis escutar mais nada, saí apressada pela porta da frente e segui em direção ao portão que dava acesso à rua.

— Laura, volte aqui! — Ele vinha atrás de mim gritando. Tapei os ouvidos, não queria escutá-lo. Por que fui confiar nele? Sou uma burra, os homens são todos iguais. — Laura, pare! Vai voltar a chover. Venha, chamarei um táxi para levá-la para casa.

— Não toque em mim. Vocês, homens, são todos iguais, por que não me disse que era casado e que tinha uma filha? Por que, Joshua? Por que me enganou?

— Eu não sou casado!

— Canalha, não minta, eu vi a foto de sua esposa. Vi vocês juntos, felizes. Ela sabe que você a trai? Sabe que você é um...

— Ela está morta! Ela e minha filha morreram! — Parei de respirar. — Satisfeita, agora?

Ele se virou e seguiu o caminho de volta para casa. A chuva voltou a cair e eu fiquei parada, tentando digerir tudo o que acabara de descobrir. Fui cruel, muito cruel.

E agora, o que faço? Volto lá e peço perdão ou sigo meu caminho?

Pareceu que uma eternidade se passou entre os minutos que ficamos gritando um com o outro e os minutos que ele havia entrado em casa e desaparecido da minha visão. Inspirei e dei meus primeiros passos, lentamente, não para ir atrás dele, mas na direção do caminho de volta à cidade. Ele era orgulhoso e eu também, e isso era uma merda, pois agora tinha certeza de que estávamos completamente ferrados. Andei alguns passos, a chuva havia aumentado. Parei. Não estava preocupada, não me importava se me molharia, se pegaria uma pneumonia. Não. Olhei para trás. Não era hora de fugir, era a minha vez de ajudar. Joshua precisava de mim, assim como eu precisava dele. Estava cansada de me sentir como uma criança, ouvindo as pessoas falarem sobre o que era melhor para mim. E pela primeira vez depois de anos, alguém precisava da minha ajuda. Virei-me e voltei em direção à casa. Entrei no quarto e meus olhos se concentram em Joshua. Ele estava deitado, olhando para o teto, obviamente perdido em seus próprios pensamentos. Eu me perguntei no que ele estaria pensando.

Certamente, estava pensando no quanto sou uma idiota.

Ele levou um minuto para registrar a minha presença e, eventualmente, seus olhos encontram os meus. O encarei sem palavras. Ele certamente sabia o que se passava em minha cabeça. Se existia uma pessoa que conhecia meus medos e minhas dúvidas era ele. Como não percebi isso? Joshua e eu nos tornamos uma só pessoa. Podíamos estar lutando contra demônios diferentes, mas nossas dores eram iguais. A dor da perda do amor. Do fracasso. Da culpa. Do medo. Da solidão.

Joshua estudou meu rosto por alguns segundos.

— Laura, agora não é uma boa hora — disse ele voltando o olhar para o teto. — Vá dormir. Escolha um dos quartos, qualquer um. Eu não me importo mais, só me deixe sozinho.



Joshua

Eu não esperava isso. Não esperava ter que dar explicações sobre o meu passado a alguém. Ter que dividir minhas dores, meu terror, justamente com alguém mais quebrado do que eu. Ela não merecia saber que o homem que via como um anjo foi o responsável pela morte de sua esposa e filha. Não merecia sofrer essa decepção. Vê-la tocar nas fotografias de minha linda bailarina foi dolorido, mas o que doeu mais foi sua acusação. Ela foi capaz de pensar que eu poderia trair alguém que amo.

Será que realmente tinha razão? Estava eu realmente traindo?

Não sei.

Há algum tempo, diria que sim. Aliás, sequer pensaria me envolver tão intensamente com alguém como estava envolvido com Laura. Estaria completamente fora dos meus limites. Hoje, meus sentimentos são tão contraditórios que já nem sei mais o que sinto.

Não queria vê-la mais, pelo menos não hoje. Até esperava mesmo que ela fosse embora a pé. Não me importava se estava chovendo ou não, eu só queria ficar longe dela e das perguntas que certamente faria. Não sabia se estava pronto para respondê-las. Na verdade, já estava dando um tempo para pegar o celular e procurar algum veículo que estivesse disponível para pegá-la no caminho. Mesmo com raiva, eu me preocupava com ela, me sentia responsável.

Concordo. Essa moça que estava agora de pé diante de minha cama mudou a minha vida em apenas alguns meses e eu nem percebi a maldita mudança. Já me sentia mais confortável com o contato físico, pelo menos com os toques dela. Eles não me incomodavam, ao contrário, me excitavam. Já até admitia querê-la perto de mim, mas quando a vi dentro do meu refúgio, foi como se estivesse arrancado algo de dentro do meu corpo. Foi quando percebi que talvez ainda não estivesse pronto para deixá-la entrar em minha vida. Se fizesse isso, teria que abrir o baú que escondia minhas verdades e admitir que elas se foram. E isso seria dilacerante.

Não a vi entrar no quarto, estava tão perdido em meus pensamentos que sequer a notei invadir meu espaço. Ela me olhava como se estivesse lendo meus pensamentos. Sinceramente, não a queria aqui, ela estava dando muitos nós em minha cabeça. Pedi para que fosse embora, e ela só permaneceu me olhando. Foram longos minutos de silêncio.

— Joshua — sussurrou meu nome, quase em uma súplica. — Estou aqui por você. — Não estava pronto para escutar isso.

— Vá embora e deixe-me em paz, Laura. Não serei uma boa companhia agora, estou muito ferrado. Já disse, escolha a porra de um quarto e se esconda nele.

— Joshua...

— Porra! Caralho, você é surda? — Me sentei e gritei, olhando-a fixamente. — Saia fora do meu quarto! — Assustada, ela deu um passo para trás.

Ficou ao lado da porta, olhando-me. Parecia nervosa, o que já era característico dela. Não

estava sabendo como administrar essa merda toda, estava a ponto de gritar novamente com ela e sabia que fazer isso não era certo. Não com a Laura, sua fragilidade não permitia grosseria, seria como gritar com uma criança pequena. Precisava me acalmar, e para isso acontecer ela precisava sair de perto de mim. Como conseguiria exorcizar meus demônios se um anjo continuava teimando em ficar perto de mim? Ela precisava ir.

Respirei fundo e soltei o ar de vez em uma baforada. Ergui a cabeça e a encarei com um olhar furioso. Ela entendeu, pois se virou e quase saiu correndo. Não vi mais nem a sombra da Laura, só o seu cheiro permaneceu no quarto, e foi esse cheiro que me levou ao sono.

Vick, amor... Vick, não! Não, não... ... por Deus, não. Soltem-me! Soltem-me, eu preciso salvá-las. Elas estão presas, soltem-me...

Vick! Vick, perdoe-me. Perdoe-me! Não, meu amor, não vá... Fogo! Fogo!

— Joshua... Joshua, acorde. Não é real, é só um pesadelo. Acorde, não faz isso comigo. Não sofra, não.

Alguém chorava e me abraçava. Alguém tentava me consolar, me acalantar. Eu queria ficar com esta pessoa, seu abraço era tão bom, seu cheiro era tão bom..., mas não podia deixar a minha bailarina. Ela estava presa em meio às chamas, não podia simplesmente deixá-la desaparecer como fumaça se dissipando no ar. Precisava continuar tentando salvá-las, ela e a minha filha.

— Joshua, estou aqui. Volte, não me deixe, eu preciso de você...

— Vick, é você?

— Não. Sou eu, a Laura.

Algo estava molhando meu rosto. Bombeiros, será que eram os bombeiros? Eles vieram dessa vez e vão salvá-las.

Estava tão cinza, era tanta fumaça e um calor insuportável. Minhas costas queimavam e podia sentir a pele se desprendendo. Deus!

Isso dói!

Gritei desesperado e comecei a arrancar o resto de minha camisa. Alguém me abraçava e acariciava minhas costas. Aquela suavidade foi como um bálsamo para o ardor de minha pele. Não pare. Por favor, não pare, apenas continue.

— Joshua, volte! Por favor, volte. — Aquele abraço, aquele calor tão diferentes do calor das chamas. Aquele cheiro adocicado, cheiro de anjo. Eu morri. Morri e estava sendo levado para o céu.

Não, não mereço ir para o céu.

— Eu as matei! Leve-me para o inferno! — gritei, agarrando-me a um corpo trêmulo, pequeno, cheiroso e macio.

Finalmente, abri os olhos e encontrei outros olhos me encarando. Marejados, medrosos. Seus braços cercavam meu corpo como se eu fosse algo muito frágil, como se estivesse a ponto de se quebrar.

— Laura!

— Você voltou. — Ela me apertou em seus braços, chorando e molhando minha pele nua. Só então percebi que estava sem camisa e que suas mãos tocavam minhas cicatrizes. — Fiquei com tanto medo, tanto medo. Pensei que você ficaria preso lá, em seus pesadelos.

Ela me tocava, alisava minhas costas e beijava meu ombro. Lentamente me afastei e ela inclinou a cabeça, dando-me uma ampla visão do seu rosto lindo coberto por lágrimas. Sem pensar duas vezes, deitei-a sobre os travesseiros e me movi sobre ela, ficando entre suas coxas e pressionando um pouco do meu peso nela. A excitação preencheu cada célula do meu corpo. Aquela bagunça de mulher despertava o homem que há tempos estava adormecido e ela agora teria que lidar com isso.

— Laura, minha linda bagunça. — Ela parecia ainda assustada. Não tirava sua razão, presenciar o horror dos meus pesadelos não era para qualquer um, mas do jeito que eu estava, ela logo esqueceria. Meu pau duro esfregou contra seu calor, e quando seu corpo se contorceu por baixo do meu e escutei seu gemido, um arrepio percorreu minha espinha.

— Que se foda a porra toda, eu quero você. — Olhei bem lá no fundo dos seus olhos e despejei em palavras minha vontade.

— Joshua, precisamos conversar antes, não acha? — Ela até que tentou controlar o impacto dos redemoinhos de sentimentos que causávamos um ao outro, mas sua resistência durou pouco.

— Sim, mas não agora. — Beijei seu pescoço e lambi a concha de sua orelha. — Primeiro precisamos exorcizar nossos medos, e eu preciso provocar arrepios em seu corpo. Não de medo, mas de prazer — sussurrei.

Então fiz o que há muito tempo não fazia e que atualmente era o que mais desejava, mesmo negando. Segurei seu rosto e uni meus lábios aos dela, dando-lhe o que nós dois necessitávamos.

Empurrei minha língua em sua boca, e ela a recebeu com o mesmo prazer que eu sentia. Tracei o contorno do seu queixo com os dedos, acariciando suavemente sua pele e deixando um caminho de pelos arrepiados. Em seguida, movi a boca e mordi seus lábios, traçando a ponta da língua para aliviar o ardor que certamente provoquei. Nossos corpos estavam em chamas, a pele dela queimava. Ela estava linda e eu, em êxtase.

— Oh, Deus, Joshua! — gemeu contra meus lábios quando empurrei minha língua outra vez para dentro de sua boca com desespero. Estava com tanta fome dela, com tanta fome de beijá-la. Foram anos sem sentir o sabor doce de uma boca, sem sentir esta sensação avassaladora.

Estendi as mãos até seu cabelo sedoso e puxei sua cabeça para mais perto da minha, aprofundado o beijo. Eu ia enlouquecer de tanto desejo, de tanta necessidade. Seus mamilos duros roçaram a pele nua do meu peito, e mesmo através do tecido da camisa pude senti-los. A sensação queimou meu corpo, então uma de minhas mãos deslizou pelo corpo dela, até chegarem debaixo de sua camisa, onde meus dedos esfregaram e provocaram seus mamilos. Ela soltou um gemido longo quando sentiu a pressão, e quando fez isso eu chupei sua língua para dentro da boca.

Eu a queria nua, então puxei a camisa para cima, fazendo-a levantar os braços. Me livrei do inoportuno pedaço de tecido, mas faltava a calça. Embrulhei o elástico da calça nos dedos e, lentamente, puxei-a para baixo de seus quadris. Laura estava sem calcinha e isso pirou minha cabeça. Meu pênis cutucou a frente do calção que já estava molhado com minha umidade. Ergui o corpo e

admirei a minha linda bagunça nua, exposta todinha para mim. Meu olhar admirado fixou em sua linda boceta rechonchuda, lisinha. Os grandes lábios grossos, molhados. Queria prová-los, mas não agora, porque nesse momento a dureza de minha ereção só queria se enterrar no calor apertado de sua vagina. Ela me encarava, e rapidamente olhei para ela, mas estava hipnotizado pelo seu V carnudo, e voltei a admirá-lo. Lambi os lábios e inspirei, tentando sentir seu cheiro.

— Decida o que quer fazer, seu guloso. Ou me come com a boca, ou me come com seu pau duro. Para mim tanto faz, de qualquer forma terei prazer nas duas opções, ou terei as duas opções.

— Eu quero tudo, já disse que sou egoísta, mas do jeito que estou duro... — Puxei meu calção e expus minha enorme ereção. — Veja como você me deixa. — Sentado sobre meus calcanhares, segurei meu membro e o masturbei. — Provavelmente não durarei muito. —Continuei movendo a mão, enquanto seus olhos famintos não se desviavam do meu membro. — Eu sei se colocar minha boca na sua boceta, vou gozar antes mesmo de conseguir enterrá-lo todo dentro de você.

— Então venha, quero senti-lo todo dentro de mim novamente. — Ela estendeu a mão, me chamando. Não vi medo em seus olhos, nem incertezas. Ela me queria, seu corpo me queria, e era recíproco. Nossos medos não estavam no quarto naquele momento.

Então, estiquei o braço e abri a gaveta da mesinha de cabeceira. Minha mão começou a vasculhar dentro à procura de algum pacote de preservativo, eu sabia que havia algum escondido lá, sempre que comprava jogava-os lá dentro. Encontrei. Apressado, rasguei um envelope com os dentes e vesti meu membro o mais rápido que pude. Ela sorria com meu jeito atrapalhado, estava parecendo um adolescente inexperiente.

Peguei suas coxas e as puxei em minha direção, deixando-a completamente aberta. Gostava de ver sua boceta exposta para meus olhos a apreciarem, com a minha ereção tocando seu ponto sensível. Laura puxou a respiração quando meus dedos traçaram uma linha reta bem no meio de suas dobras, meu dedo indicador pressionou seu clitóris e o dedo médio brincou em sua abertura molhada. Empurrei e girei, repetidamente. Ela gemeu baixinho e começou a apertar os próprios mamilos, mordendo o lábio, deixando-me louco.

— Gosta quando faço isso, pequena bagunça? — Fodi sua abertura lentamente com o dedo. Ela abriu os olhos e moveu o quadril, como se estivesse rebolando. — E isso? — Deslizei a cabeça do meu membro entre seus grandes lábios, varrendo toda sua umidade, deixando meu eixo com a cabeça brilhando, unindo o nosso prazer. — Sinta-o, Laura, ele pulsa por você. — Deslizei outra vez e empurrei a cabeça só um pouco em sua entrada. — Ele a quer, deseja e chora por você. — Empurrei um pouco mais. Estava ficando louco com toda aquela provocação. Ela também.

Laura arqueou o quadril e puxou os mamilos para cima. Ela era a personificação do pecado em forma de mulher. Onde aquele mulherão esteve escondido?

— Joshua, pare de me provocar. Quero você dentro de mim agora. — Ela não pediu, exigiu. No entanto, não cederia fácil assim. Eu a queria louca, mesmo que isso também me levasse à loucura.

Então, eu me inclinei para a frente, pressionando nossos corpos. Seu calor molhado roçava o meu pau duro entre suas dobras. Me movi contra ela lentamente, como se quisesse empurrar dentro dela. Seus gemidos começaram a encher os meus ouvidos de prazer.

— Quente, como você é quente, pequena bagunça. Veja o meu estado, estou derretendo neste

quarto frio. — Ela me olhou com aqueles olhos lindos e me ofereceu um sorriso safado, que eu tenho certeza ser o único a conhecê-lo.

— Grandão, me come logo... — Sorri com o adjetivo, não sabendo se ela se referia a mim ou ao meu pau. — Joshua... — Fechou os olhos quando friccionei com firmeza a cabeça do meu eixo em seu clitóris. — Oh, meu pai!

Olhei para baixo e vi meu eixo entre suas dobras, e aquilo foi muito louco. Fazia tempo que não segurava meu gozo só para dar prazer a uma mulher. Ela estava me matando, mas eu estava adorando vê-la se contorcer por baixo do meu corpo, gemendo. Com cada impulso que eu dava, sentia sua vagina mais molhada, mais quente, mais vibrante. Os gemidos, mais altos e fortes.

— Sinto muito, mas preciso provar você. Que se foda!

— Então me chupe, grandão. Prove-me. — Seu olhar era confiante, seguro. No fundo eu ainda sentia um certo receio de ser intenso, de mostrar-lhe a minha vontade, porque sabia que sexo para ela era uma questão de confiança. Por isso sempre a deixava comandar.

Mas hoje eu seria o comandante.

Respondi com ações quando ergui o corpo e me sentei sobre meus calcanhares outra vez, e minhas mãos grandes mergulharam por baixo de sua bunda, trazendo seu sexo direto para minha boca. Laura soltou um grito de surpresa quando minha língua quente deslizou entre suas dobras escorregadias, provocando seu clitóris.

— Joshua! — Arqueou as costas pelo prazer esmagador que as minhas lambidas e chupões provocavam em seu corpo. — Mais, mais! Chupa mais forte, mais forte...

— Você gosta de banho de língua, não é? — Voltei a chupá-la e lambê-la com euforia. — Gosta disso, pequena bagunça, e eu gosto de lamber sua apertada bocetinha. — Chupei seu grelinho duro e depois esfreguei meu rosto em suas carnes molhadas.

— Oh! — gemeu alto.

— Laura, você é tão gostosa, porrinha linda — murmurei antes de abaixar a cabeça novamente para sua deliciosa vagina, deixando minha boca saciar minha vontade, chupando-a com desespero.

Foda, ela era incrível! Minha pequena bagunça era a oitava maravilha. Seu lindo corpo tremia a cada chupão, a cada pequena mordida erótica.

Laura se contorcia na cama, suas mãos agarraram os lençóis com força quando enfiei violentamente minha língua quente dentro da sua abertura. Gritou de prazer, arqueando-se, e o seu corpo caiu na cama quando um forte orgasmo invadiu a sua alma. Enquanto ela tentava lidar com toda aquela força que lhe provocava fortes espasmos, eu continuava chupando seu clitóris. Ela quase parou de respirar, e eu a deixei sobre a cama e me inclinei sobre o seu corpo, beijando-a com uma fúria indomável. Com toda a certeza ela sentiu o sabor do seu orgasmo em minha língua.

Queria dar mais prazer a ela, então tentei virá-la de bruços. O prazer da penetração de costas era mais excitante e duradouro, e eu queria levá-la ao paraíso.

— Não, eu prefiro ficar assim. — Até ia argumentar, mas quando vi um fio de medo em seus olhos, não quis deixá-la insegura, tampouco permitir que voltasse a sentir medo de ser tocada.

— Tudo bem. — A tranquilizei e ela voltou a sorrir. Então, deixei meu corpo grande entre suas pernas e a beijei ternamente, enquanto meu pênis procurava seu esconderijo. — Está pronta, pequena bagunça? Porque eu estou quase entrando em colapso. — Beijei sua testa, depois a pontinha do seu nariz. — Eu te quero muito, e nunca, nunca farei nada que não queira fazer, ok?

— Ok. Também quero muito você, sem medos e sem insegurança, mas ainda existem alguns fantasmas me rondando, só tenha paciência. — Ela me beijou, roçando a ponta da língua em meus lábios, provocando-me com o roçar dos bicou pontudos dos seus seios.

— Ok — grunhi e empurrei duro contra sua vagina, me sentindo agressivo em minha necessidade por ela.

Não, Joshua, não é assim. Seja sensível, você sabe como é.

Movi meus quadris um pouco mais lentamente e empurrei, depois o levei para trás, até a ponta da minha ereção bater de encontro ao seu clitóris. Uma, duas, três vezes, e toda vez que meu pau esbarrava ali, ela se contorcia e gemia alto.

— Mais forte, Joshua — ela gemeu, fechando os olhos e agarrando meus ombros.

Arqueei o quadril e segurei meu eixo, movendo-o entre suas dobras e acariciando seu carocinho sensível. Esfregava a cabeça para frente e para trás em seu clitóris. Laura gemeu mais alto e seus quadris começaram a subir, me convidando para afundar nela, e eu fiquei mais duro ainda.

— Porra, Laura, você me deixa insano, sabia? Eu quero comer você todinha, foder sua bocetinha apertada com meu pau grande até você gritar meu nome e pedir por mais... — sussurrei palavras depravadas em seu ouvido.

— Mais... Joshua, mais — gemeu e ergueu o quadril de novo, tentando fazer com que a penetrasse.

Acariciei seu sexo antes de deslizar meu pau lentamente em sua abertura apertada. Empurrando, bombeando duro e rápido. Pele batendo contra pele, corpo contra corpo. O cheiro do sexo enchendo nossas narinas, nos enlouquecendo. Meu polegar procurou seu clitóris e o esfregou. Ela gritou quando sentiu a pressão, agarrando-se a mim, alisando minhas costas queimadas. Não me importei, eu queria suas mãos exatamente ali, onde a dor das lembranças era mais forte. Hoje ela iria embora, hoje só sentiria o prazer de ser acariciado.

Gemi como um animal, enquanto a fodia mais e mais. Seus belos gemidos, pequenos gritos e a força do seu abraço a cada estocada, eram minha libertação. Ela queria forte, eu queria forte, parecia que queríamos pôr para fora anos de dor e agonia através do choque dos nossos corpos. Gritei quando fui mais forte, e ela ofegou. Nossos olhares se fixaram, e bati o sexo com mais força no dela. Meu pau parecia que ia se partir ao meio...

— Mais forte! — pediu, seus olhos me encarando. Estoquei com mais força. — Mais... — Bati com muito mais força. Ela sorriu, eu sorri. E o prazer erótico foi tomando nossas respirações.

Acariciei seu sexo enquanto estocava mais e mais forte. Ela gemia se contorcendo contra minha ereção.

— Deus! — Sua boca procurou a minha com fome e desespero. — Seus lábios se entreabriram quando meu pênis entrou todinho dentro dela e girei os quadris, indo e vindo, socando e girando. Ela

mal conseguia respirar. Olhei para ela sem me separar dos seus lábios.

— Assim mesmo, minha pequena bagunça. Assim, linda, muito linda... goze, goze para mim. Assim...

Segurei seus quadris e enfiei tudo de mim, bem fundo. Senti sua vagina pulsar enquanto suas costas se curvavam para fora da cama. Ela gritou meu nome, e este som foi suficiente para me levar ao limite.

— Joshua, mais!

Eu vi sua boca entreaberta e seus olhos revirando com as ondas do prazer orgástico. Ela ficava muito mais linda gozando, era como se estivesse na beira de uma montanha vendo uma belíssima paisagem lá do alto. Seu corpo se esticou e suas unhas se enfiaram nas carnes dos meus ombros.

— Linda! — Eu a beijei enquanto meu gozo enchia o preservativo e o meu corpo se convulsionava. Me movi um pouco mais lento, pois queria prolongar nosso orgasmo. Eu e ela precisávamos disso. Soltei sua boca e fixei os olhos em seu rosto, ela percebeu e nossos olhares ficaram presos um no outro, como se fazendo promessas silenciosas.

Não conseguia entender nem explicar, mas queria prolongar aquela sensação de libertação. Era como se todo o nosso prazer fosse uma voz contida dentro de nós que naquele momento foi liberta em ondas sonoras de puro êxtase.

Quando o orgasmo deixou nossos corpos, peguei Laura pela cintura e a virei em meus braços, colocando-a em cima de mim antes que jogasse todo o peso do meu corpo sobre ela.

— Você está bem? — Ela não respondeu, apenas esfregou o rosto em meu peito. — Laura, responda-me. — Tentei erguer seu corpo para observar o seu rosto, mas ela não permitiu, então eu senti algo molhar o meu peito. — Merda, machuquei você? Maldição, Laura, o que eu fiz?

— Estou bem, só estou com medo de tudo isso que está dentro de mim. — Quase parei de respirar. Os medos dela eram os mesmos que os meus, só que apesar de todo meu processo de cura ser lento, eu ainda era mais forte do que ela. Laura era uma porcelana fina e delicada.

— Vem cá, olhe para mim. — Puxei seu corpo nu sobre o meu e ela apoiou o queixo em meu peito, encarando-me. — Estou pronto para recomeçar e quero muito você. Não sei que porra é essa que está acontecendo entre nós, mas não foi uma coisa que aconteceu de repente, foi a partir de uma amizade. Então, por que devemos fugir se era para acontecer? Eu quero ficar com você, quero muito, mas isso só vai acontecer se você também quiser e me deixar cuidar dessa bagunça chamada Laura.

Ela sorriu.

— Eu tenho medo de que você mude... — Ficou triste e voltou a chorar. — Se você mudar, eu me perco de vez, Joshua. Não suportaria viver todo aquele sofrimento novamente.

Não sabia o que aconteceu com ela, mas tinha certeza de uma coisa, alguém a machucou muito. Fizeram um belíssimo estrago com minha pequena bagunça. Ela ainda carregava o medo nas costas, e cabia a mim arrancá-lo de vez e jogá-lo bem longe dela.

— Ei, olhe para mim. — Ela olhou. — Se algum dia eu for motivo de tristeza para você, deixe-me e mande-me à merda. Eu irei sem reclamar, pois quero ser para você o que você sempre desejou,

então se algum dia eu deixar de ser, vá embora.

Meus lábios se uniram aos seus e o nosso beijo foi terno. Sem promessas, sem cobranças, só um beijo carregado de carinho. Eu a peguei e virei seu corpo, deixando-a em meu colo. Depois me levantei e encarei seu lindo rosto confuso.

— A partir de hoje, vamos tomar banho juntos. Seremos diferentes. Serei diferente, quero me permitir ser feliz e que se fodam meus medos e receios. — Ela fechou os olhos e tocou meu peito, acariciando-o.

— Joshua, sem muita pressa. Isso me assusta muito, acabei de sair da concha e não quero voltar para ela — admitiu. — Eu quero você e confio em você, mas ainda não estou tão segura sobre relacionamentos. — Eu a entendia, durante anos resisti sentir afeto por alguém e fugi dos romances, pois não me achava digno.

— Laura, não precisa sentir medo, quero cuidar de você. Não serei um erro. Demorei tanto tempo para encontrar alguém para compartilhar minha vida e quero isso, quero você. Não sei que porra estou sentindo nem que nome dar a esse sentimento, só quero vivê-lo com você. Confie em mim, é só o que peço.

— Eu não sei, por enquanto está tudo bem e eu quero você também, só peço que não exija muito de mim. Darei a você o que puder dar, não me cobre nada mais que isso.

— Desde que me dê seu sorriso e seus gemidos de prazer...

— Bem, desde que você esqueça aquele clube pervertido, porque não quero dividi-lo com ninguém.

— Nem eu, mocinha. Enquanto estivermos juntos seremos um do outro, combinado? — Ela assentiu, me beijou, e eu a levei para o banheiro.

Coloquei-a no chão, liguei a ducha, e quando me virei sua boca devorou a minha em um beijo significativo, para mostrar que a nossa sintonia era tocada em todas as notas musicais. Podíamos dançar qualquer som, pois nossos corpos eram uma orquestra com todos os instrumentos musicais. Suas mãos foram ao redor de meu pescoço e as minhas deslizaram por seu corpo até chegarem logo abaixo do seu traseiro, para que pudesse puxá-la contra minha enorme ereção. Nosso beijo era uma dança lenta de lábios e línguas, seduzindo nossos corpos famintos. Ela me queria novamente, eu a queria novamente, e nada nos impedia de sucumbir ao nosso desejo. Juntamos a fome com a vontade de comer. Eu a suspendi e ela montou meu corpo, circulando as pernas em volta dos meus quadris. Encostei suas costas no revestimento molhado do box e o meu membro duro encontrou o caminho, invadindo seu sexo quente já excitado, molhado e pronto para ser fodido com desespero por um homem faminto, feroz e louco por uma bagunça de nome Laura. Enterrei tudo nela e ela cravou as unhas em minhas costas. Não me importei com isso, só queria fodê-la com força e arrancar gemidos ousados.



Joshua

Acordei cedo e logo percebi que não havia sonhado e minha mente não estava fora de controle. Ela estava enrolada em meu corpo, ambos nus. Fios de cabelos longos se espalhavam pelos travesseiros, alguns batiam em meu rosto, fazendo-me cócegas. É, não foi um sonho, era real. Ela era real. O que eu pensei ter sonhado era real. Sua respiração ventilava meu peito nu, sua mão pequena pousava sobre meu pau e ela estava se sentindo bem com isso; sua perna e sua coxa grossa estavam sobre as minhas, acho que ela encontrou uma maneira de não me deixar fugir. Boba, eu não fugiria nunca mais. Serei dela enquanto ela me quiser.

Os pesadelos, nem os meus nem os dela ousaram nos incomodar. Eles se afastaram e espero que nunca mais voltem.

Beijei o alto de sua cabeça. Esse gesto tornou-se um hábito, gostava de fazer isso, era como se dissesse para ela que me importo com tudo que lhe diz respeito e não deixarei que nada de ruim lhe aconteça.

Não sei explicar o que estava sentindo. Eu já amei uma vez, sabia como era.

Não, Joshua você vai comparar sentimentos agora? Não tem nada a ver, o que você sentia por sua bailarina era amor, e amor é amor, não podemos amar duas pessoas com a mesma intensidade.

Ou podemos?

Então, o que estou sentindo por você, mocinha irritante?

Beijei seus cabelos e com cuidado puxei o braço que estava debaixo do seu corpo. Não queria, meu pau não queria, mas precisei afastar sua pequena mão do meu sexo.

— Joshua... — Ela sentiu falta, tanto que resmungou.

— Estou aqui. Volte a dormir, ainda é cedo. — Inclinei meu corpo sobre o dela e sussurrei em seu ouvido, beijando seu rosto em seguida. A mesma mão que cobria meu pênis alisou meu rosto. — Durma, pequena bagunça. — Ela ficou quieta.

Ainda olhando para ela, me levantei lentamente. Meu olhar foi em direção ao meu eixo. Ele estava duro, e não era tesão de mijo, era tesão de Laura, mas não era justo acordá-la só para fodê-la, mesmo sabendo que ela iria adorar. A pequena bagunça era uma safada escondida atrás de sua timidez cativante. Amava isso nela.

— Cara, se comporte, você a terá quando ela acordar — articulei para meu pênis. Estava mesmo fora do meu juízo, já conversava com minhas partes baixas. — Banho, Joshua, isso acalmará seu amiguinho. — Estava cheio de tesão, e quando vi a linda bunda da Laura exposta, empinada e rechonchuda, foi difícil não partir para cima e acordá-la com muitos beijos e mordidas. Eu a cobri e corri para o banheiro.

Com a visão do traseiro redondo da linda mulher nua em minha cama, bati uma punheta do

cacete, jorrando uma porção de espermatozoides malucos no piso do box. Tomei banho, vesti o roupão e saí de mansinho do quarto, indo direto para a cozinha preparar nosso café da manhã, já sabendo que quando Laura acordasse estaria com um apetite do cão. Ela era boa de garfo, já havia prestado a atenção nisso, só não sabia onde escondia tanta comida, porque, apesar de ter carnes muito bem distribuídas pelo corpo, ela era pequena.

As horas passaram e eu estava ficando com fome. Depois que limpei a cozinha, peguei a bandeja e fui em direção ao quarto, querendo surpreendê-la. Quando entrei na sala, Laura estava de pé na entrada do corredor com um olhar assustado. Podia jurar que ela estava tremendo.

Larguei a bandeja em uma mesa de canto, perto do estofado, e corri em sua direção.

— Laura, o que foi? — Seu olhar se fixou ao meu, mas ele estava perdido, era como se ela não estivesse me vendo. Envolvi seu corpo com meu abraço e a levei para o estofado mais próximo, sentando-me ao seu lado.

— O-o demônio. E se ele me encontrar aqui e... se ele machucar você? — Quem será esse demônio? Quem será esse ser peçonhento dos infernos? Eu juro que, quando descobrir, acabarei com a raça dele.

Ele devia ser bem maquiavélico, pois mesmo longe da Laura ainda tinha tamanho poder sobre ela. O cara fez um estrago e tanto.

Não tinha problema, ele nunca mais chegaria perto dela. Garantiria isso.

— Ei, Laura. — Uma lágrima nasceu em seus olhos. — Não, não se quebre agora, pequena bagunça. Estou aqui. — Com o dedo indicador, segurei a lágrima teimosa, não deixando-a morrer em seus lábios. A única coisa que encostaria neles seria minha boca. — Ei, pequena bagunça, ninguém vai machucar você. Nunca mais, entendeu?

Seus olhos tristonhos e marejados fixaram-se nos meus. Ela estava tão quebrada que até tive medo de tocar nela. Sorri para ela enquanto meus dedos acariciavam a pele sensível do seu rosto.

— Você não o conhece, ele pode tudo. Como sou burra, eu nunca serei feliz, nunca.

Por que será que ela acordou tão triste? O que a fez voltar a pensar no tal demônio?

— Laura, não fique assim. Quer saber, eu posso até não conhecer esse ser filho da puta, mas ele também não me conhece. Aqui é meu território e ninguém encostará um dedo em você, prometo. — As lágrimas nublaram outra vez os seus lindos olhos.

Deus! O que aconteceu com ela? Não foi só violência sexual, foi algo muito mais sério. Como um ser humano podia aterrorizar tanto uma pessoa tão delicada?

— Laura, você estava tão feliz, por que acordou tão triste?

— Eu sonhei que você desaparecia e quando acordei não o vi na cama. Fiquei com tanto medo.

A culpa era minha, não devia tê-la deixado sozinha. Merda! Não podia falhar com ela como falhei com minha bailarina, precisava ficar atento.

— Não desapareci, só não quis acordá-la, e vim preparar nosso café da manhã. — Apontei para a bandeja sobre a mesa. Ela olhou na direção do meu dedo, depois para mim. Franziu a testa e depois voltou a olhar para a bandeja.

— Você ia levar café na cama *pra* mim? — perguntou, curiosa.

— Sim, estava fazendo isso quando a encontrei no corredor.

— Posso pedir um favor?

— Quantos você quiser.

— Enquanto estivermos juntos, nunca leve café na cama para mim. Pode servir o café onde quiser, menos na cama, promete?

Queria saber o motivo, mas seria melhor não fazer perguntas. Algo me dizia que o fato de não querer ser mimada tinha a ver com o tal demônio. O melhor a fazer era aceitar. Se levar o café da manhã na cama a fazia lembrar do seu agressor, então nunca mais faria isso.

— Prometo. Então, vamos tomar café da manhã na varanda do quarto. Será até melhor, a vista é muito mais bonita.

— Duvido, não é mais bonita do que olhar para você. — Ela sorriu, e eu recebi o mais lindo elogio do mundo.

— Quero ver se ainda pensará assim quando vir a vista.

Segurei seu queixo com calma, ainda tinha certo receio de que ela rejeitasse meu toque. Laura era instável, e com ela tudo tinha que ser com calma. Ela não rejeitou, ao contrário, esticou o corpo e ofereceu os lábios para serem beijados. Foi a minha vez de recuar um pouco. Ainda não estava acreditando que beijos haviam voltado a fazer parte de minha vida. Puxei-a pela gola do roupão e a beijei lentamente, como se estivesse provando algo muito saboroso.

— Beijos, hum! — Ela lambeu os lábios quando me afastei.

— Não foi tão ruim assim, foi?

— Não, seu petulante. Você beija bem, espero que os meus lábios sejam os únicos a serem beijados. — Ela parou o que ia dizer. — Desculpe-me, não tenho direito sobre os seus beijos ou qualquer coisa sua, somos apenas...

— Apenas o quê? — interrompi. Estava na hora de tomar uma atitude séria, não queria Laura somente para sexo, e só de pensar que outro homem a tocaria, já ficava meio paranoico. Quando ela virou a cabeça para olhar para mim, os cantos de sua boca se curvaram.

— Amigos, ia dizer isso.

— Não costumo foder minhas amigas. Aliás, nem tenho amigas, só você.

— Você me fodeu, e muitas vezes. — Era melhor eu acabar com essa conversa, ou terminaríamos brigando. Era sempre assim.

— Laura, quero ser mais do que seu amigo, é isso. Não sei o que estou sentindo por você, só sei que é algo muito forte e que está me fazendo muito bem. Quero cuidar de você, protegê-la e fazer uma porção de coisas bem sacanas que amigos não fazem. Entendeu, ou quer que eu desenhe?

— Entendi, senhor esquentadinho. Só tenha paciência comigo, ainda tenho muitos medos para superar, não será fácil.

— Deixe que com isso eu me preocupo. Seus medos agora são problemas meus, eles terão que

lidar comigo, e não com você. Agora deixemos de conversa, que estou com fome de comida e de você. — Levantei-me e peguei a bandeja. — Fique aí, já volto.

— Sim, senhor. — Bateu continência.

Arrumei nosso café da manhã na mesa que ficava na varanda e voltei para buscá-la. Ela ficou mesmo sentadinha no estofado. Sem que esperasse, coloquei-a em meus braços.

— Joshua, que susto. — Abraçou meu pescoço e depois me beijou. Já estava voltando a gostar de ser beijado.

— Pronto, o que quer comer? — A deixei na cadeira e comecei a servir o suco.

— Um pouco de tudo. — A encarei espantado, tinha bastante coisa na bandeja.

— Laura, vai aguentar comer tudo isso? Não se esqueça que ainda tem a sobremesa.

— É mesmo? Oba! E onde está a sobremesa?

— Aqui na sua frente. Sou eu — disse rindo.

— Além de prepotente, é presunçoso. — Jogou um pedaço de pão em mim.

— Laura, não me provoque. — Atirei uma uva nela.

— Vamos parar de brincar com a comida, Joshua. — Me encarou séria. Eu me sentei, servi seu café, e aos poucos fui adicionando outras guloseimas.

Enquanto comíamos, eu lhe mostrava a fabulosa vista. Ela se levantou e ficou perto do muro de vidro, olhando ao longe.

— Você não tem vizinhos? — ela perguntou de repente.

— Não, a residência mais perto fica depois daquelas árvores. — Apontei para uma certa distância. Depois a puxei e ela se sentou em meu colo. — Você devia sorrir mais, sabia? Fica muito mais linda quando sorri e quando goza.

— Você também. — Seus dedos ousados desfizeram o nó do meu roupão. E os meus fizeram o mesmo com o dela. — Sobremesa? — Me ofereceu um riso malicioso.

— Sim. — Eu a suspendi e levantei seu corpo para que pudesse passar uma das pernas para o outro lado do meu colo.

Ficou com uma perna em cada lado, toda aberta. Despi seu roupão e a deixei nua. Ela fez o mesmo comigo. Peguei o preservativo que havia colocado no bolso, pois já previa um sexo gostoso depois do café. Um homem prevenido valia por dez. Vesti-o em minha ereção.

— Delícia, você me deixa doido, sabia? — Quando ela olhou para meu membro já vestido para o baile, sorriu. Ela sabia o que fazer.

Sua mão pegou minha ereção e a deixou entre suas dobras. Começou a se mover para cima e para baixo, lentamente. Olhei para seus peitinhos durinhos e pontudos e logo salivei. Peguei o pote de chantili e passei o creme nos dois mamilos com o dedo.

— Sobremesa com chantili é mais gostoso. — Chupei seus biquinhos durinhos e ela soltou gemidos roucos e deliciosos. — Senta nele, safadinha. Senta e rebola. Me fode gostoso e goze *pra*

mim.

Ajudei-a a levantar os quadris e sua mão segurou o meu eixo. Aos poucos fui baixando seu corpo até a ponta do meu pau encostar em sua entrada apertada.

— Olha para mim, delícia. Me fode, me fode com força. Quero ver esses seus peitinhos lindos balançarem em minha cara.

Ela se sentou de uma só vez. Logo meu pau sentiu o calor de sua deliciosa boceta quente e apertada. Laura puxou um gemido e o soltou, logo depois sua boca encontrou a minha e me beijou com furor, enquanto seu corpo subia e descia com força em meu colo. Me afastei um pouco para vê-la me fodendo, me comendo. Suas pequenas mãos se apoiavam em meus ombros e a ajudavam a fazer o que queria: foder com força. Minha nossa! Era lindo de ver. Tão selvagem, tão mulher, tão dona de si. Ela estava livre, ninguém tinha o controle sobre suas vontades, nem mesmo eu.

— Isso, pequena bagunça. Foda-me, foda-me com força, com desespero. Quero tudo! — Meus dedos beliscaram os bicos duros dos seus seios e isso só fez com que ela batesse mais rápido a boceta em meu pau.

— Oh, meu pai... isso é... humm.

— Muito bom, não é? — Abocanhei um seio com a boca, e o outro, meus dedos beliscavam. — Delícia, gostosa. Rebola, rebola, Laura...

Ela rebolava, gemia, gritava. Segurei os seus quadris e a ajudei a me foder. Aquela sensação de plenitude veio de dentro para fora. Minhas bolas começaram a doer, porque estava prendendo meu gozo. Meu pau inchado queria liberar meu prazer, mas não queria estragar a alegria dela. Laura se deleitava entre gemidos e gritinhos, puxões de cabelo, mordidas e apertos em meus mamilos. Ela estava completamente possuída por um espírito tarado e safado.

— Joshua, Joshua, me ajuda...

Me levantei com ela no colo, e sem me separar do seu contato, joguei tudo que estava na mesa no chão, deitando-a sobre ela. Inclinei o corpo sobre o seu e comecei a bombear com força.

— Mais forte, mais forte... — Sua mão me puxou e minha boca foi devorada pela sua.

Caralho, isso que é foder gostoso.

Meu corpo inteiro estava em combustão. Minhas pernas tremiam, meu coração estava tão acelerado que podia escutá-lo bater contra meu peito. Estava pronto para gozar feito um cavalo.

— Laura, não dá mais *pra* segurar... — E não dava mesmo, estava no ápice do meu prazer. Meu pau estava pulsando, pronto para detonar os fogos.

— Nem eu. — Ela me puxou, minha boca encontrou a sua outra vez e o beijo de língua foi intenso, tão intenso quanto nosso orgasmo. Só sentia suas mãos acariciando minhas costas, minhas cicatrizes.

Não me importei, ela podia fazer o que quisesse comigo, que não me importava.

Com a última estocada, meu grunhindo verbalizou meu êxtase pleno. Eu a peguei com cuidado. Ela se embrulhou em meu corpo e fomos para o banheiro, pois estávamos precisando de um banho morno e relaxante.

Já na cama, ela estava agarrada ao meu corpo com uma mão acariciando minhas costas, justamente na cicatriz mais alta que eu tinha. Senti sua respiração profunda e sabia que a pergunta viria.

— Era por causa das cicatrizes que você não se despia completamente quando fazia sexo? — Eu poderia mudar de assunto, ou simplesmente não responder, mas já estava na hora de afugentar os meus fantasmas para longe de mim. Se realmente queria recomeçar, seria necessário exorcizar meus demônios.

— Sim e não. — Laura se virou, cruzou os braços sobre meu peito e apoiou o queixo. Seus lindos olhos azuis me encararam, ela queria saber a minha história.

Então me preparei para desenterrar minhas dores. Respirei fundo.

— Joshua, se não quiser falar sobre isso vou entender. Podemos mudar de assunto, não ficarei chateada. — Sim, eu podia mudar de assunto, mas não queria.

— Tudo bem, acho que já está na hora de você conhecer meus segredos. — Fixei meu olhar no dela e pisquei um olho, sorrindo sem graça.

Ela alisou meu rosto e eu me inclinei para beijar sua testa.

— Sim e não. Como assim?

— Sim, era por causa das cicatrizes, e não, eu não as escondia, só não queria responder as perguntas que certamente me fariam quando as vissem. Falar sobre elas era muito doloroso, por isso nunca fiquei sem camisa na frente de ninguém.

— Eu entendo, às vezes, é melhor se fingir de morto para não fazer nossa alma sangrar. Sei como é isso. — É claro que você sabe, somos tão iguais em nossa essência diluída em dores e medos. — Como era o nome de sua esposa?

Outra pergunta difícil de responder. Quem me conhecia, sabia que desde o acidente não pronunciava os nomes de minha bailarina e filha.

— Victoria... — Apertei os olhos e engoli o bolo grande que se formou em minha garganta. Ele desceu rasgando tudo. — E minha filha se chamaria Brianna. — Voltei a respirar. Laura percebeu e sua mão se esticou para acariciar meus lábios, como se este gesto fosse aliviar minha dor.

— Quer parar? Eu posso imaginar como é dolorido falar sobre algo que nos machuca tanto, é como se nossa voz fosse uma faca encravada nos pulmões, e você tem a sensação de morrer aos pouquinhos. — *Exatamente isso.*

— Não, eu quero continuar — respondi.

— Conheci a Victoria no meu hotel em Nova Iorque e me apaixonei assim que meus olhos a viram. Foi mútuo o sentimento, e em poucos dias eu a pedi em casamento. Meses depois nos casamos, e seis meses depois ela engravidou. Foi como estar vivendo um sonho lindo...

— Joshua, acho melhor parar. — Ela segurou minha lágrima com o dedo, depois outra e outra. — Não chore, por favor, não chore...

Segurei seu rosto com as mãos e admirei a ternura do seu olhar.

— Eu preciso continuar.

Ela fechou e abriu os olhos, assentindo. Deslizei os dedos entre os fios dos meus cabelos e sorvi o ar com força pelo nariz.

— O hotel estava no final da reforma e eu queria passar a responsabilidade logo para o gerente que iria ficar em meu lugar. Resolvi tirar férias para cuidar de nossa filha nos seus primeiros seis meses de vida, porque havia prometido isso a Vick. Meu último dia de trabalho seria numa segunda-feira e eu não queria prolongar nem mais um dia, por isso trabalhei até as seis da manhã do domingo. Nesse mesmo dia era aniversário do meu sogro, que morava a duas horas de carro de Nova Iorque. Estava morto de cansado, por isso, quando chegamos lá, para dar uma animada, antes do almoço, bebi uma dose de uísque. Foi pior, fiquei cochilando, não podia me encostar em um canto que cochilava. No final da tarde voltamos para casa, e meu sogro até sugeriu de dormimos lá, mas o idiota aqui não aceitou.

Respirei fundo. Fiz uma pausa. Laura pegou minha mão e começou a acariciá-la lentamente. Senti seu tremor, ela sabia o quanto estava sofrendo.

— Deitei o banco do carona para que a Victoria pudesse tirar um cochilo. Ela estava com oito meses de gravidez e vivia sonolenta. Verifiquei se o cinto de segurança estava preso corretamente, pus uma música relaxante e segui na estrada. A rodovia estava tranquila, era final de tarde de domingo, havia poucos carros. Então, ela adormeceu e eu também...

Fechei meus olhos e vi tudo acontecer, era como estar revivendo em retrospectiva. Fiquei tenso, apertando meus dedos com força na palma das mãos. Mal escutava minha voz.

— Perdi o controle da direção e pisei no acelerador. Meu carro atravessou para a outra via em alta velocidade e bateu em uma árvore. Fui jogado para fora do carro, e quando acordei eu vi as chamas na parte de trás do veículo.

Olhei para Laura. As lágrimas jorravam de meus olhos, meu corpo inteiro tremia. Ela se ajoelhou no colchão e se sentou sobre os calcanhares, abraçando meu corpo, alisando minhas cicatrizes.

— Eu gritei, Laura, gritei o nome dela, mas ela não respondia. Então, reuni todas as minhas forças e me rastejei até meu carro. Eu... eu... tentei soltar o cinto de segurança, entrei no veículo em chamas... Meu Deus, Laura, foi tão difícil. Eu sabia, bem lá no fundo eu sabia, que não conseguiria salvá-la, e foi mais difícil quando ela acordou e me olhou nos olhos, suplicando para que eu a deixasse e salvasse minha vida. Eu não queria, não queria deixá-la, e só a deixei porque me puxaram de dentro do carro. Fui arrancado à força de lá...

Cobri meu rosto com as mãos e me entreguei ao desespero. Como era difícil reviver tudo aquilo, como era difícil admitir que elas se foram. Era uma dor tão profunda que me dilacerava por dentro.

Laura só me abraçava, me acariciava e chorava junto comigo.

— Eu nem senti minhas costas serem queimadas, e quando vi o carro todo em chamas, entrei em choque. Só lembro de acordar dias depois vivendo em um pesadelo constante.

Minhas mãos seguraram os ombros de Laura e a afastaram um pouco. Ficamos nos olhando

fixamente por alguns segundos. Ela estava chorando, sofrendo, e eu não via pena nos seus olhos, via a mesma dor que eu sentia.

— Laura, eu matei minha família. Matei minha esposa e minha filha. Sou um assassino, você entende isso?

Meu Deus! Ela vai me odiar, e eu mereço seu ódio.

— Não... — Sua mão se espalmou em meu queixo, exigindo meu olhar. Olhei, com relutância, mas olhei. — Não, você não é um assassino. Você não matou ninguém, foi uma fatalidade. Uma cruel fatalidade, uma tragédia dilacerante, algo ruim que você não podia evitar. Foi cruel, sim, mas aconteceu. Você está vivo e precisa seguir em frente. Tenho certeza de que sua esposa, onde ela estiver, não quer que você sofra. Ela quer que você seja feliz, porque quando a gente ama só deseja a felicidade do outro, mesmo que não seja ao nosso lado. Você precisa se libertar, Joshua, precisa deixar elas irem embora.

Ela me beijou. Seus lábios se grudaram aos meus e sua língua tocou a minha. Não foi um beijo erótico nem malicioso. Foi um beijo necessário, nele eu pude sentir toda a dor que guardava dentro de mim se esvaindo como vapor. Suas mãos, ao me tocarem, não me acariciavam, me libertavam. Era como se seus dedos quebrassem os elos das minhas correntes. Estava me sentindo livre. Aquele vazio e angústia estavam indo embora.

— Laura... — Eu a afastei e vi seus olhos lindos marejados, o soluço preso na garganta.

— Por favor, Joshua, não sofra. Não sofra mais, você não é um assassino, você é meu anjo. Não sofra, dói vê-lo sofrer assim...

— Ei, está tudo bem agora. Faz mais de quatro anos que tudo isso que acabei de contar está guardado dentro de mim. Nunca contei isso para ninguém, nem para meu psiquiatra. Você é a única que sabe da minha versão. Está tudo bem, agora ficou mais fácil de respirar. Eu sei que ainda vai levar um tempo para me livrar de todos os meus fantasmas, mas o primeiro passo já foi dado... *você* é meu primeiro passo.

— Eu? — Limpei seus olhos com o polegar. Ela chorava, soluçava, estava uma tremenda bagunça. Não sei se quem mais precisava de consolo era eu ou ela.

— Sim, você. — A trouxe para perto do corpo e a abracei bem apertado. — Depois da Vick, você é a primeira a entrar em meu coração, e eu quero muito que nossa relação dê certo. Acho que tanto eu quanto você precisamos acreditar novamente no amor, não acha?

— Joshua, eu não quero ser a esperança de ninguém. Tenho meus demônios... aliás, um demônio. E, diferente de você, eu nunca me livrarei dele. Portanto, não se apegue a...

— Shhh, calada. Deixe que do seu demônio cuido eu. Não precisa ter mais medo, agora você tem a mim para protegê-la. Agora venha cá, eu quero compensar suas lágrimas. Preciso me enterrar no seu corpo, preciso saborear cada pedacinho de você.

— Joshua. — Ela soltou um gritinho quando a joguei de costas no colchão, puxei suas coxas e espalhei suas pernas, enterrando meu dedo bem no seu núcleo, apertando enquanto minha língua serpenteava em seu clitóris rijo.

— Meu pai! Banho de língua, banho de língua — sussurrava enquanto empunhava a cabeça em

sua boceta cremosa.

Ela já estava ficando viciada em banho de língua. E se era banho de língua que ela queria, ela teria. Depois que a fiz gozar em minha boca, minha língua a lambeu, limpando todo seu prazer de suas dobras. Seu corpo tremeu quando minha boca fez um caminho para cima, lambendo cada pedacinho de sua pele até encontrar seus seios, chupando-os e mordendo-os, enquanto meu pênis se enterrava dentro do seu sexo quente e apertado. E o nosso domingo foi assim, regado a sexo, banho e comida, sucessivamente.



Joshua

Quando olhei na direção do som que vinha de um violino, meu coração quase parou. Laura estava no palco, tocando uma das minhas músicas favoritas. Ela havia me prometido que um dia tocaria violino em minha homenagem, já que adoro esse instrumento.

Entreguei os sorvetes para um garoto e, hipnotizado, segui para o pequeno palco montado em uma das principais praças da cidade, onde estava havendo um festival de música. Não conseguia sequer piscar. Ela estava tão linda com seu cabelo longo preso em um rabo de cavalo. Já fazia quase um mês que estávamos juntos, e posso dizer que vivíamos um relacionamento sério, mas não conversávamos sobre isso, só vivíamos um dia de cada vez.

E acho que nosso envolvimento fez milagres na minha pequena bagunça. Ela não usava mais aquele coque no cabelo que a envelhecia uns dez anos, e suas roupas não eram mais escuras, compridas e largas. Quando não estava de jeans e camiseta, estava com vestidos soltinhos e alegres. No entanto, suas roupas continuavam discretas, sem chamar muita atenção para seu corpo. E hoje, especialmente, ela estava vestida de azul. Um lindo macacão não muito justo, mas que a deixava com um aspecto angelical.

Parei em frente ao palco e fiquei apreciando a bela garota. Em dado momento, ela abriu os olhos – Laura sempre tocava com os olhos fechados – e eles encontraram os meus. Ela piscou para mim e os seus lábios disseram silenciosamente:

É para você.

Joguei um beijo e sorri. Ultimamente ando sorrindo constantemente, principalmente quando estou ao lado dela. As pessoas que assistiam estavam mudas, impressionadas com a desenvoltura da minha pequena bagunça, e eu, cheio de orgulho da minha moça corajosa, pois aos poucos Laura estava conseguindo vencer suas barreiras. Seus pesadelos haviam desaparecido, assim como os meus. Bem, não dormíamos mais sozinhos, e quando não dormíamos em minha casa, era na casa dela ou no hotel, mas nunca sozinhos.

Ela devolveu um beijo e eu respondi com os lábios:

Linda!

Ela sorriu e voltou a fechar os olhos. Eu sabia que estava em seu mundo particular, só que desta vez, não era para fugir de ninguém, era para me encontrar.

— Nossa, quem é essa artista? É brasileira? Essa moça toca com a alma.

Um homem fazia perguntas para uma jovem sobre Laura.

— Não sei quem é, ela surgiu de repente, mas o senhor tem razão, ela é perfeita.

A jovem se levantou e começou a filmar o palco, e outras pessoas fizeram o mesmo.

Laura terminou e logo escutei os aplausos. Confesso que fiquei com medo da reação dela

quando algumas pessoas foram ao seu encontro para cumprimentá-la. Lembrei-me da última apresentação em que ela foi substituir um violoncelista. Assim, fui buscá-la no palco, mas para minha surpresa, ela reagiu bem à euforia de algumas pessoas. Não aceitou as mãos estendidas, apenas sorria e agradecia. Assim que me viu, se pendurou em meu braço e percebi que estava tremendo. Então, eu rapidamente a abracei e saímos de perto da multidão.

— Gostou? — Ela me beijou no rosto enquanto perguntava. Era importante para ela minha opinião.

— Adorei! Você sempre me impressiona, pequena bagunça. Sempre. — Beijei-a de volta, só que nos lábios. — Com fome?

— Sim, das duas coisas... — Parei e olhei para seu rostinho risonho e malicioso.

— Não entendi o trocadilho, a senhorita pode ser mais clara?

— Sim, posso, meu caro ingênuo. — Beliscou minhas bochechas. Ela adorava fazer isso, pois sabia que eu não gostava. Continuava irritante. — Com fome de comida e com fome de você.

Aqueles olhinhos azuis maliciosos me encararam e o meu pau escroto endureceu, pois comecei a me imaginar fazendo coisas em seu corpo pecaminoso.

— Laura, você está ficando impossível! Adora me deixar de pau duro nos lugares menos apropriados... Vamos comer. — Ela me ofereceu um sorriso libertino. — Comida, Laura. Comida, entendeu?

— Chato. — Continuamos andando em direção a um café que ficava na esquina.

— Laura!

Alguém a chamou e logo reconheci a voz. Laura se virou e eu também.

— Poxa, você não atende mais o celular? Eu já estava indo até sua casa, ainda bem que não fui.

— Boa tarde para você também, Sara! — Laura ironizou. Já era final de tarde e eu queria dar uma volta na cidade com ela, já que a tarde de sábado estava fresquinha. Achei uma boa ideia esticar as pernas um pouco, ultimamente passávamos bastante tempo na horizontal. — Onde é o incêndio, aconteceu algo? A Nara quer falar comigo?

— Idiota! — Sara deu um empurrão em Laura em protesto pela ironia e depois olhou para mim. — Oi, Joshua, como vai? — Sorriu com malícia. Já estava acostumado ao jeito dela de ser.

— Oi, Sara, estávamos indo fazer um lanche, quer nos acompanhar? — Ela parecia eufórica e tudo indicava que não aceitaria.

— Não, obrigada. — Adivinhei. — Laura, hoje é o aniversário do Daniel, se esqueceu?

— Ai, merda! Esqueci. — Laura olhou para mim como se perguntasse o que deveria fazer. Francamente, eu não fazia ideia.

— Você esqueceu... — Sara ficou desapontada. Fiquei quieto, queria ver onde a conversa daria. — Não faz mal, porque eu tenho uma novidade que você vai amar. Encontrei a pessoa ideal para você. — Laura me encarou. Sara não sabia sobre nós. — É um amigo do Daniel, e adivinhe? Ele é músico, não é ótimo? É vocalista de uma banda e toca baixo, e quando o Dan falou sobre você,

ele ficou todo empolgado.

— Sara, não estou interessada — Laura a interrompeu.

— Como não está? É claro que está! Vocês são a dupla perfeita, os dois são musicistas e adoram música. Quer um parceiro melhor do que esse?

— Pois é, mas não estou interessada.

— Qual é, Laura, custa ao menos conhecê-lo? Se rolar um clima, você se joga, amiga. O cara, além de talentoso, é lindo. Faz assim...

— Sara, você precisa parar de ficar me arrumando encontro. Quando eu quiser sair com alguém eu mesmo procuro.

— Ah, *tá*, com esse seu talento de arrumar um homem, vai morrer sozinha. — A conversa estava ficando muito interessante e continuei prestando atenção. — Qual é, Laura, só aceite o encontro. Se não gostar do cara, você ganha mais um amigo e admirador. Vai, por favor! Hoje, às vinte e uma horas, no nosso barzinho favorito. Vai, diz que aceita, vai...

— Nã...

— Ela aceita — respondi antes da Laura.

— Joshua! — Laura me encarou com um olhar fuzilante.

— O que é que tem de mais, Laura? Você só vai conhecer o rapaz. — Eu queria rir, pois se pudesse, Laura me mataria naquele instante. Mas eu tinha meus planos.

— Joshua, não vou a esse encontro. Onde já se viu? — Ela ficou furiosa, me empurrou e começou a andar.

— Laura, amiga, escute seu amigo, ele pensa do mesmo jeito que eu. — Mas não pensava mesmo, só queria mostrar para Sara que Laura não estava mais disponível.

— Não, eu não vou. — Consegui segurá-la pelo braço. Ela tentou se soltar, mas a segurei firme.

— Laura, é só uma comemoração, se você não quiser nem falar com o rapaz não precisa falar. — Ela franziu as sobrancelhas. Estava quase me matando só com o olhar. — Eu posso ir também? — Olhei para Sara, mas mesmo que dissesse que não, eu iria de qualquer jeito.

— Bem, só vai casal. Não sei se você se sentirá confortável indo sozinho, a não ser que tenha namorada. Você tem namorada?

— Sim, eu tenho. — Agora Laura me mataria, era o que o seu olhar inquisidor dizia. Estava quase estourando de vontade de rir.

— Então, está combinado, pode ir. — Olhou para Laura. — Pegamos você às vinte e uma horas, ok?

— Não se preocupe, Sara, ela irá comigo — respondi sem desviar dos olhos furiosos da minha pequena bagunça.

— Sua namorada não vai ficar com ciúmes? — Sara me olhou desconfiada.

— A Laura conhece minha namorada, não é? — Laura apertava os dedos das mãos com força, querendo me matar. Eu só queria gargalhar.

— Se é assim, então nos vemos no barzinho. Agora tenho quer ir, preciso ficar bem gata, e você também, amiga. Agora que deixou de se vestir igual a uma velha, fique bem linda.

Sara se foi. E eu esperei a chuva de desaforos.

— Idiota, estúpido! O que pensa que está fazendo? Quer me jogar nos braços de outro cara, é isso? Seu ridículo, seu, seu...

— Ei, se acalme, dona esquentadinha. — Tentei segurá-la pelos ombros, mas ela se afastou, arisca. — Laura, os únicos braços em que a jogarei serão nos meus. Se acalme, só quero fazer sua amiga parar de arrumar namorados para você, e hoje será o dia perfeito para isso.

— E esse foi o jeito que você arrumou? Não estou entendendo.

— Você verá. Agora pare de ser irritante e vamos comer. Depois eu a deixo em casa e, enquanto você se arruma, vou para casa me trocar.

Eu a peguei e puxei seu corpo de encontro ao meu. Hoje à noite seria divertida.



Quando Frota parou na frente do prédio onde Laura morava, ela já estava à minha espera.

Nossa!

Não tinha como não usar tal exclamação. Ela havia caprichado. E eu comecei a ficar preocupado. Não sou um homem ciumento, nunca fui. Sou cuidadoso, dedicado e muito protetor, isso vinha do sangue dos Saravejo. Mas não sabia o que era este sentimento de ciúmes, e hoje seria o dia D. Como me comportaria se algum desavisado ousasse fazer alguma gracinha para a moça mais iluminada do planeta terra? Desci do carro já com um sorriso de orelha a orelha.

— Isso tudo é para mim ou para seu futuro namorado?

Plaft!

Recebi um tapa no braço. Eu mereci, claro que mereci. Um homem em sã consciência não devia, de maneira alguma, falar certas coisas para uma mulher, principalmente quando ela era muito esquentadinha. Sorri enquanto alisava meu braço.

— Estúpido. — Ela passou na minha frente, e antes que esticasse o braço e abrisse a porta do carro, eu a parei, puxando-a pela cintura. Seu corpo veio de encontro ao meu com força. — Solte-me, seu irritante! — Desviou o rosto quando fui beijá-la. Estava zangada, e eu gostava de vê-la irritada, ficava mais selvagem.

— Você está linda, senhorita Laura, e amo vê-la assim. Não se irrite com as minhas brincadeiras, acho que é o jeito que encontrei de não deixar transparecer o quanto me sinto inseguro. É coisa de macho alfa, entende?

— Macho alfa! Ah, *tá*, não venha com essa, acho que você adora é me ver irritada.

— Também... ai! — Ela me bateu novamente, desta vez com mais força. — Que mulher rude,

meu Deus! — A peguei com força e meus lábios encontraram os seus em um beijo bem possessivo. — Não me provoque, pequena bagunça. Posso me desviar do caminho para fazer coisas bastante excitantes com você.

— Então, por que não fazemos isso? Eu prefiro sexo a ter que ir a esse encontro ridículo.

— Não seja covarde, moça provocante. Encare seus medos. Por acaso está com medo de não resistir aos encantos do seu pretendente? — Inclinei a cabeça para trás e a observei com um olhar espantado. — Meu Deus, será que corro o risco de ser trocado?

— Você é mesmo muito convencido, Joshua Saravejo. Não coloque ideias em minha cabeça, ok? Agora podemos ir?

— Claro, pequena bagunça, seu pedido é uma ordem — disse brincando. Abri a porta e ela entrou, em seguida fiz o mesmo.

— A propósito, o senhor também está muito bonito. Essa produção toda é para quem?

— Para minha namorada. — Ela fez uma cara que quase soltei uma gargalhada.

— Podemos ir, senhor Joshua? — Fui salvo pelo Frota. No entanto, ela continuava me olhando torto. Me fingi de morto, era melhor não provocar a pequena fera.

Assim que o carro parou no estacionamento do barzinho, vi Sara acenando para nós. Sorri com a euforia dela e a Laura soltou o ar com impaciência. Ela realmente não estava muito feliz com esse encontro. Acenei de volta para Sara, já que Laura não o fez. Sara nos chamou com um gesto afoito com as mãos, e começamos a andar em sua direção.

— Por que não inventamos uma desculpa e voltamos para casa? Joshua, não quero ser apresentada a ninguém. — É, ela não estava mesmo animada, e eu me senti culpado por forçá-la a fazer o que não queria. Mas era necessário, era algo que precisava e queria fazer.

— Não se preocupe, logo iremos embora — sussurrei em seu ouvido. Ela parou e virou o rosto na direção do meu.

— Joshua Saravejo, o que o senhor vai aprontar? — Simplesmente sorri e a guiei, tocando-a nas costas.

— Nossa, Laura! Que mudança! De velhinha para moderninha? Quando foi às compras e por que não me convidou?

Se ela soubesse que fui eu quem a ajudou a escolher. Duas semanas atrás, Laura me pediu para acompanhá-la e ajudá-la a escolher algumas roupas. Me senti muito importante em saber que ela confiava tanto em mim a ponto de achar minha opinião válida. Apesar da decisão final ter sido dela, pois só dizia sim e não. Para a grande maioria disse sim. Lembro-me do vestido que ela usava agora. Preto, justo, um pouco acima dos joelhos, com um cinto largo do mesmo tecido e a fivela cravejada de pedras brilhantes e coloridas. Gostei da combinação com os sapatos altos, vermelhos. Sim, minha pequena bagunça estava bem arrumada.

— Porque você já tem roupas demais — falou impaciente.

— Nossa, que mau humor! Está de TPM, lindinha?

Sara adorava cutucar a onça com vara curta. Laura estava a ponto de se virar nos calcanhares e

ir embora, e começava a ficar preocupado com ela. Será que fiz bem em insistir nesse encontro? E por que ela ficou tão irritada? Sabia que ela não queria se envolver com nenhum rapaz, então por que essa impaciência?

— Não, Sara, não estou. Só quero entrar nessa merda de bar e acabar logo com esse suspense. Onde está o tal amigo do Daniel?

— Ainda não chegou. — Sara olhou para mim. — Joshua, cadê sua namorada? — Era a oportunidade que eu tanto esperava.

— Ela está aqui... — disse, sorrindo.

— Aqui onde, homem?

— Aqui. — Puxei Laura para perto do meu peito, segurei seu queixo e a beijei apaixonadamente.

— Eu não acredito! — Sara gritou. E Laura não largou minha boca. Aceitou o beijo, e eu senti seu suspiro de alívio. Logo seus braços circularam meu pescoço e o beijo ficou intenso. — Ei, pessoas, podem parar? Chega... chega! Gente, estamos em público. — Demorou alguns segundo para me afastar da Laura. Ela não queria me soltar, e quando meus olhos se fixaram nos seus, percebi que estavam marejados.

Por que ela estava chorando? Será que fiz errado em apresentá-la como minha namorada?

— Ei, você está bem? — Limpei uma lágrima que estava teimando em sair do seu olho. — Se quiser eu retiro o que eu disse — sussurrei, juntando nossas testas.

— Se fizer isso eu bato em você. — Ela beliscou minhas bochechas e me beijou.

Eu vi outra Laura a partir daí. Seu sorriso lindo voltou a iluminar seu rosto. Soltei o ar dos pulmões. Acho que valeu a pena deixá-la zangada por algumas horas.

— E agora, dona Laura, o que eu digo para o amigo do Daniel? E por que a senhorita não me contou que estava namorando? Poxa, Laura, isso não se faz!

— Sugiro que ligue para o rapaz e conte a verdade. E respondendo a outra pergunta, só soube agora que era a namorada dele. Venha, senhor petulante, vamos dançar, quero exorcizar meu demônio.

Deixamos Sara com cara de espantalho e fui levado para pista de dança. A minha pequena bagunça exorcizou todos os seus demônios. Ela pulava, cantava, rebolava, sorria, me beijava... Minha nossa! Estava tão feliz quanto ela. Sem sombra de dúvida, essa era a melhor noite dos meus últimos quatro anos.

— Somos mesmo namorados? — Estávamos dançando. Ela com os braços pendurados em meu pescoço, com a cabeça erguida me encarando com um sorriso lindo no rosto.

— Sim, somos. Já fazia alguns dias que queria falar sobre isso, mas fiquei com um pouco de receio, não tinha certeza de que já estava preparada para dar esse passo.

— E quando soube que eu estava?

— Quando estamos fazendo sexo e você me encara com aquele olhar que me deixa muito duro.

— Ela sorriu e eu a beijei.

— E como sabia que ia aceitar?

— Não sabia, joguei com a sorte e meu charme irresistível. — Esfreguei o nariz no dela.

— Presunçoso esse meu namorado, gente! — Afastou o rosto e mordeu o lábio, e eu fiquei com uma vontade louca de levá-la para a cama e fazer o que ela mais gostava.

Dar um banho de língua em todo seu corpo suado.

— Gosto do nome.

— Que nome?

— Minha namorada. — Olhei sério para ela. — Espero que possamos ser algo mais em breve. — Laura ficou séria e parou de dançar. — Não precisa ter medo. Já disse, não sou igual aos outros homens, quero você dentro do meu coração, e não fora dele. Quero seu corpo todo arrepiado, não de medo, mas sim de prazer. Sou um fodido, Laura, um homem de alma dilacerada, e você está me curando. Quero curá-la também.

— E quem disse que não está me curando? Olhe para mim, eu sou outra pessoa depois que o conheci. — Ela encostou a cabeça em meu peito e ficou quietinha. Abracei seu corpo e a deixei ficar descansando em mim.

— Laura. — Respirei fundo. — Eu a quero muito, muito mesmo. — Ela ergueu a cabeça outra vez, me encarando.

— Eu sei, também sinto o mesmo, mas confesso que tenho medo do que estou sentindo...

— Laura...

— Shhh. — Tentei interrompê-la, mas ela me calou com dois dedos em meus lábios. — Eu tenho medo, sim, mas o que estou sentindo por você é diferente, é mais forte e mais seguro. Entenda, não tenho medo de você, tenho medo de que algo possa tirá-lo de mim.

Parei de dançar. Segurei sua cabeça com as mãos e aproximei meu rosto do seu.

— Pequena bagunça, você precisa entender uma coisa: ninguém irá tirá-la de mim. Isso não vai acontecer. Mas não vai mesmo, acredite.

Eu a beijei. Com força, com um sentimento que ainda não sabia o tamanho nem o que poderia ser. Só sabia que era maior do que os meus medos.

— Nossa! Isso é fome de mim? — A deixei sem fôlego.

— Fome, sede e outras coisas mais. — Sabia que estávamos em público, mas quando estava com ela eu me esquecia de tudo e de todos. Algo me puxava ou me empurrava para ela e eu só queria sentir seu corpo quente e o seu coração batendo.

Suados e cansados, fomos à procura da mesa do aniversariante, e quando escutamos a tão famosa música dos parabéns e os gritos eufóricos de Sara, seguimos as vozes.

— Aqui estão eles, pensei que tinham ido embora. — Sara veio até nós e fomos abraçados. Pelo visto ela já havia se esquecido do que aconteceu. — Gente! — Ela chamava a atenção de todos, mas pelo que eu via ninguém prestava atenção. — Oh, rebanho, olhem *pra* mim! — gritou, batendo o

anel em uma garrafa. Todos olharam. — Pasmem, a Laura enfim conseguiu um namorado! Apresentou-lhes Joshua, o namorado da linda Laura.

— Agora eu vi... e viva o novo casal! — Não fazia ideia de quem era a pessoa, mesmo assim agradeci a euforia.

Após algumas gracinhas e tapinhas nas costas, fui apresentado a todos. Laura se encolheu em meu corpo. Apesar de todas as mudanças em nossas vidas, ela ainda se sentia insegura com apertos de mão e abraços. Ela até aceitava o aperto de mão de algumas pessoas, mas não era muito demorado. Abraços, entretanto, só os meus. Não nego, gostava de saber que só os meus abraços e beijos eram aceitos. Estava sendo um egoísta do caralho, mas era assim que me sentia, feliz.

Quanto ao tal amigo do aniversariante, ele não apareceu.

— Joshua, já fizemos o social, que tal irmos embora? Quero muito sentir meu namorado fazendo coisas comigo, sabe? Coisas que namorados fazem...

Ela sussurrava safadezas em meu ouvido e aquilo me deixava de pau muito duro e latejando. Olhei para seu rosto safado, e suas palavras cheias de boas intenções aguçaram o homem das cavernas que existia em mim.

— É, então pegue sua bolsa discretamente e vamos dançar em minha cama. Quero vê-la rebolar sentada em meu colo, com meu pau todo enfiado em sua apertada boceta, pequena bagunça ousada.

Sussurrei palavras sujas em seu ouvido e ela fez o que sugeri. Saímos à francesa e em poucos minutos estávamos entrando em minha casa, deixando nossas roupas espalhadas por todo canto. Quando entramos no quarto já estávamos completamente nus. Cumpri com o que havia prometido, dei um banho de língua em todo seu corpo, chupei sua boceta cremosa, e quando ela gritou em seu orgasmo fabuloso, eu a puxei e apressadamente a fiz se sentar em meu pau duro. Ela rebolou, cavalgou, soltando seus gritinhos eufóricos, olhando-me com aqueles olhos de prazer que eu tanto amava ver.

♪

Já fazia uma semana, desde que a pedi em namoro, que Laura não saía da minha casa. Todas as vezes que dizia que precisava voltar para o apartamento eu inventava uma desculpa para que ficasse. A verdade era que não queria que ela fosse embora, e acho que ela também não queria ir, por isso sempre ficava. Até meu *closet* já tinha roupas dela, e as nossas escovas de dentes já não se separavam mais. Por isso hoje, após seu ensaio rotineiro, a levaria para almoçar, e seria um almoço especial.

— E aí, como foi hoje? Gostou do meu pequeno concerto? Foi todo dedicado a você.

Esperei seu beijo, sempre espero que ela me beije. Olhei para sua maravilhosa alegria. Laura vivia sorrindo e isso me deixava com vontade de levá-la para a cama. Eu tinha essa necessidade de sempre estar dentro do seu corpo, era como se estando ali nada e nem ninguém a fizessem mal.

— Você sempre toca para mim, pequena bagunça, e todas as vezes é extraordinário. Eu viajo para o meu mundo particular, onde só existe eu e você.

— E os pássaros, as flores, a cachoeira, o mar.... — completou.

— Sim, sim, como fui me esquecer disso, meu Deus? — Sorri para ela. — Ah, já sei, quando estou com você não consigo me lembrar de mais nada.

— Bobo. Você é um bobo, Joshua.

Entramos no aconchegante restaurante. Puxei uma cadeira e ela se sentou. Laura agora aceitava ser mimada e não reclamava mais do meu cavalheirismo, suas únicas restrições eram as rosas e o café da manhã na cama. Esses, não aceitava de jeito nenhum.

Almoçamos e ela conversava pelos cotovelos, falando sobre seus alunos com muita empolgação. Eu ria por ela se referir a eles como "minhas joias". Tinha uma menina em particular que ela gostava muito, dizia que ainda veríamos a sua pupila tocar em grandes concertos. Acho que Laura se realizava nos alunos, mas eu ainda tinha a esperança de convencê-la a fazer uma apresentação em um grande teatro.

— Mandei preparar uma sobremesa especial para você — disse de repente. E mandei mesmo, antes de virmos para cá, liguei para o restaurante e falei com o *chef*. Laura gosta de trufas de chocolate ao leite, recheadas com morango. — Posso pedir?

— Nossa, meu namorado está muito carinhoso hoje! — Eu sempre sou muito carinhoso, mas hoje estava muito mais. Havia ligado para ela no período da manhã umas cinco vezes, só para dizer que sentia sua falta.

O garçom trouxe a trufa, e ela olhava para o bombom com os olhos vidrados. Realmente, Laura amava aquele doce.

— Saboreie bem devagar, é uma receita especial — avisei e fiquei de olhos fixados em cada gesto seu.

Laura pegou a trufa e a levou à boca... mordeu, e antes de soltar o suspiro de satisfação, parou. Ela afastou a trufa dos lábios, algo havia chamado a sua atenção. Fiquei esperando, nervoso, ansioso. Ela olhou para mim, depois para a trufa. As lágrimas vieram e eu peguei o bombom de sua mão. Retirei a joia de dentro dele.

— Ei, não chore. Não é para chorar. — Segurei sua mão direita. — Laura, não precisa dizer sim, só se você quiser dizer. Mas eu precisava fazer isso, porque não tenho mais dúvidas sobre o que quero com você. Quero viver uma vida ao seu lado, quero aproveitar essa nova oportunidade de ser feliz e quero dividir minha vida fodida com você. Laura, você aceita se casar comigo?

Ela afastou a mão. Esse gesto me deixou inseguro. Apertei o anel na palma de minha mão. Ela diria que não, no fundo eu já sabia disso. Engoli o nó, respirei fundo e encarei seu rosto sem expressão.

— Joshua, por que fez isso? — Tentei explicar, mas ela estendeu a mão, fazendo um gesto para me calar, e me calei. — Eu sei das suas dores, dos seus medos, dos seus fantasmas. Sei tudo sobre você, mas você sabe o que de mim? Como pode me propor casamento sem sequer saber se o meu nome verdadeiro é Laura? E se eu for uma fugitiva, uma criminosa? Não, Joshua, pense melhor. Não precisamos nos casar, podemos ficar assim, desse jeito, concorda?

Voltei a segurar sua mão e ela não se afastou.

— Eu não me importo, aceito seu silêncio. Sei que quando você estiver pronta para me contar

sobre suas dores, você me contará. Eu quero você assim, toda quebrada. Quero tudo que vem com a Laura, mesmo que seu nome não seja esse, mesmo que você seja uma criminosa, o que eu duvido que seja. Eu quero a porra toda. E então, sim ou não?

Ela olhou para o anel em minha mão aberta. Depois voltou a me olhar e começou a chorar.

— Baguncinha, não chore! — Minha outra mão acariciou seu rosto.

— Eu sei que um dia você vai me odiar, mas por enquanto não quero pensar sobre isso. Acho que aprendi com você a ser egoísta... sim, eu aceito.

Antes que ela voltasse atrás, enfiei o anel em seu dedo, me levantei às pressas e a puxei da cadeira, abraçando-a e beijando-a com tudo aquilo que estava sentindo por ela.

Loucura? Talvez, mas eu fiz o que o meu coração pediu.

— Agora vamos contar a novidade para todos da escola, minha linda noiva.

— Nossa, estou subindo muito depressa na hierarquia. Há pouco tempo era namorada, agora sou noiva. Por favor, só me promete que pelo menos vamos demorar alguns meses para que eu passe a ser chamada de esposa. Deixe-me me acostumar com a palavra noiva. Você promete?

Ela disse com tanta graça que fui obrigado a gargalhar.

— Prometo. Um ano está bom para você? — Chamei o garçom e entreguei meu cartão.

— Um ano e meio está ótimo. — Ela olhou para o anel no dedo. — É lindo, Joshua, simples e belo. Não é chamativo, quer dizer, exagerado. Gostei do meu anel de noivado.

— Bem, eu ia comprar um com uma pedra enorme, mas depois pensei melhor. Você é muito pequena para andar com uma pedra tão grande, seu delicado dedo merece um anel delicado, puro, jovem e belo. — Levei sua mão aos lábios e a beijei.

— E você é maravilhoso, meu noivo, sempre pensando em mim. Eu sei que não foi por isso que comprou um anel tão simples, foi por causa dos meus traumas. Acertou em cheio com o modelo, eu amei.

Bem, o primeiro passo foi dado. Consegui convencê-la a ficar noiva, agora era só prepará-la para o casamento. Não pretendia esperar nem um ano, quanto mais um e meio.



Lhaura

— Respeito sua preocupação, Sara, e sei que quer o melhor para mim. No entanto, sei o que estou fazendo. Se aceitei o pedido de casamento do Joshua é porque acho que já está na hora de parar de me esconder. Eu preciso tomar o controle de minha vida, não suporto mais viver com medo. Sou adulta, posso e devo fazer minhas próprias escolhas.

Sara soltou o ar dos pulmões de uma só vez, como se sua paciência tivesse acabado. Ela não gostou muito da ideia de eu ter aceitado o pedido de casamento do Joshua, achou tudo apressado e assustador demais. Namorar tudo bem, mas daí a enfiar um anel de compromisso no dedo, tão rápido, era muito para a cabeça dela. Deixou muito claro que não compactuava com isso. Eu até entendia seu ponto de vista, apesar de ela não saber os reais motivos dos meus problemas de TOC e de não conseguir me relacionar intimamente com um homem. Ela tinha suas suposições, as mesmas do Joshua, e achava que alguém havia me violentado, o que não deixava de ser verdade. Sara se preocupava que terminasse me machucando muito mais do que já estava machucada.

— Louca! Você é louca! Casar-se sem conhecer o cara é maluquice! Tudo bem, ele é lindo, gostoso e podre de rico, mas não é você mesma que vivia dizendo que esses são os piores? Então, por que mudou tão de repente de ideia? O que o Joshua tem de diferente dos outros?

— Ele é diferente e eu confio nele, isso é suficiente. E quer saber, Sara, já aceitei e pronto! — esbravejei. Fiquei triste, achei que Sara fosse ficar feliz com a novidade.

Resolvi deixá-la sozinha. Já estava indo à sala da Nara, pouco antes de ouvir a porta de lá se abrir, para em seguida se fechar rapidamente.

— O que diabos está acontecendo aqui? Que gritaria é essa? — Nara perguntou, nos fitando expressivamente.

Rapidamente Sara conta sobre o meu pedido de casamento.

— A doida aqui ficou noiva. Olha o anel que o maluco enfiou no dedo dela! — acrescentou. — Se libertou há pouco tempo do medo de ser tocada e, ao invés de sair pegando geral, resolve aceitar um pedido doido de casamento, sem nem conhecer o homem direito. — As duas ficaram me olhando. Não entendia por que elas estavam tão abismadas com a minha decisão, afinal a vida era minha.

— Isso é verdade, Laura? — Nara perguntou, aproximando-se.

Houve um breve silêncio constrangedor e eu limpei a garganta.

— É sim, Nara. Joshua e eu estamos saindo há algum tempo. Não é como a Sara afirmou, começamos como amigos e evoluímos para algo mais sólido. Ele me dá a segurança que preciso, e confio nele a ponto de entregar a minha vida.

— Você o ama, querida? E ele a ama? Porque até agora o que escutei foi que você confia nele, mas em nenhum momento você disse a palavra amor.

Amor? Eu sei lá se o amava! Já me casei por amor, e o que ganhei? Um louco que me tinha

como propriedade, que me batia e me violentava, foi isso que ganhei com amor.

— É, Laura, você ama o Joshua e ele a ama? Porque, pelo que eu saiba, para uma pessoa pensar em casamento tem que ter amor. A não ser...

Eu já sabia o que ela estava pensando e iria insinuar.

— Não, Nara, não estou interessada no dinheiro dele, se é isso que está pensando. Se eu fosse uma mulher interesseira, nem estava morando aqui, pode ter certeza disso.

— Laura, ninguém está pensando isso de você, mas é preciso amar alguém para pensar em casamento, minha querida. Viver junto de alguém requer amor, então, você o ama o suficiente para se casar?

Eu não sabia responder. Já amei uma vez, e se fosse para comparar os sentimentos diria que o que sinto pelo Joshua era completamente diferente do que senti pelo Felix. Nem chegava perto.

Afinal, o que eu sentia pelo Joshua? Será que era só gratidão? Tesão?

Olhei para Nara, depois para Sara.

— Eu não sei. — Fui sincera. — Só sei que quando estou ao lado dele não quero sair mais. Só sei que ele me faz rir, me faz sonhar com coisas boas e me faz sentir livre, mulher. Ao lado dele quero ver o dia seguinte e todos os outros. Ao lado dele eu me sinto segura, não tenho mais pesadelos nem sinto medo de ser tocada. Quero ser beijada toda hora, e quando ele me olha fico com a calcinha molhada. Não sei se o amo, mas posso afirmar que se ficar sem ele voltarei a viver nas sombras e os meus medos voltarão a me dominar...

— E eu prometo nunca deixar isso acontecer.

Olhei para trás e lá estava ele, Joshua, o meu anjo.

Mais alguns momentos de silêncio constrangedor. Sara e Nara nos olhavam, admiradas. A tensão era certamente motivo para levantar algumas perguntas na mente das duas.

— Joshua, o quanto você escutou? — falei em voz baixa. E se ele tivesse escutado desde o início dos questionamentos da Sara?

— O suficiente para ter a certeza de que quero me casar com você. Não importa qual o nome que damos ao sentimento que nos une, sei que ele é o bastante para querer viver ao seu lado por uma vida, duas, três. Eu só quero estar ao seu lado, cuidar de você e chamá-la de minha mulher, só isso. É o bastante para você? Porque para mim é.

— Depois dessa declaração, Laura, eu só tenho a dizer que não olhe para trás, minha filha — disse Nara com emoção.

— Eu quero ser a madrinha! — Sara disse, levantando o dedo e correndo para me abraçar. — Ele é o cara. Desculpe-me, eu só queria protegê-la. — Ela me beijou no rosto.

Eu continuava parada, em êxtase, olhando para Joshua, e ele para mim. Ambos sem coragem de dar o primeiro passo. Ele estava tão lindo, tão sério, tão feliz. Incrivelmente sexy, sexualmente gostoso, e naquele momento eu me dei conta de que ele era meu, só meu. Se eu quisesse, também poderia ser dele, só dependia de mim. Estava tão cansada de ficar sozinha, de não ter esperança de reconstruir minha vida, não ter alguém que pudesse dividir minhas alegrias, tristezas, sorrisos e

lágrimas. Meus Deus, alguém com quem ter filhos.

— Laura, vai lá, o homem faz uma declaração tão linda e você fica parada igual um poste! — Nara me empurrou levemente.

— Ela congelou. É o choque, até eu fiquei em choque. — Era melhor eu acordar antes que Sara falasse alguma besteira.

Ele estendeu a mão para mim, me pedindo para me aproximar, já que eu aparentemente estava presa ao chão. Sem pensar duas vezes, segui em sua direção e coloquei a mão na sua. Ele me puxou para seu corpo musculoso em um abraço. Nossa, como era bom aquele abraço. Era como estar em casa, amparada, feliz, viva. Ergui a cabeça e seus olhos encontram os meus. Eu o encarei sem palavras e esqueci tudo o que se passou em minha vida. Estou exatamente onde gostaria de estar, nos braços do meu anjo.

— Vamos para casa, minha linda noiva? — Apenas assenti. — Quero mimar você a noite toda. — Acenei para as duas mulheres que suspiravam com a cena e fui embora nos braços do homem a quem confiava minha vida.



Joshua

Sentado em minha cadeira de presidente, conversando há quase vinte minutos com um fornecedor no celular, já estava perdendo minha paciência com sua falta de profissionalismo. Algumas pessoas tratavam suas mercadorias como se fossem bananas vendidas nas feiras, vão baixando o preço até o consumidor ficar satisfeito e levá-las. Sou o tipo de cliente que se achar o preço do produto de acordo com sua qualidade e entrega, pago o que for. Só não venha fazer leilão, porque perco o interesse imediatamente, e esse era o caso do gerente de produtos dessa empresa, que acabara de perder um cliente.

— Mendonça, façamos assim, volto a ligar na segunda-feira...

Ele me interrompeu com sua insistência.

— Com licença.

Alguém bateu na porta de minha sala.

Virei a cadeira e dei de cara com um homem alto, moreno, vestido impecavelmente em um terno negro.

— Mendonça, como eu disse, voltarei a ligar. Agora preciso desligar, há uma pessoa em minha sala. — Fui salvo por um estranho. Desliguei.

— Desculpe-me, sua secretária não estava na mesa dela, e como vi a porta aberta...

O homem ficou de pé ao lado da porta, esperando que eu dissesse alguma coisa.

— A Talita deve ter saído, hoje minha manhã está tranquila. Mas tudo bem, entre. — Ele seguiu em direção às duas poltronas que ficavam em frente à minha mesa. — Sente-se. — Indiquei uma. Ele desabotoou o paletó e se sentou. — O senhor é um hóspede? Alguma reclamação?

— Sou, sim. E não, não tenho nenhuma reclamação. Gosto muito da rede de hotéis Saravejo, já me hospedei em vários e todos são excelentes.

O homem à minha frente tinha algo que me incomodava. Não sabia dizer bem o que era, mas seu ar confiante, enigmático e petulante me deixou de sobreaviso.

— Fico feliz em saber. Então, em que posso ajudá-lo? Está em Gramado a negócios e precisando de assessoria em algo? A propósito, sou Joshua Saravejo.

— Eu sei quem o senhor é. — Não gostei dele, não gostei mesmo. Algo me dizia que não era confiável. — Você é o primeiro no comando, assumiu o lugar do seu pai, e o seu irmão, Luke, que se casou há alguns meses, está administrando as filiais da rede na Bahia.

Ele sabia coisas demais sobre minha família. Quem era esse homem? Ou melhor, o que ele queria?

— Ok... — Inclinei o corpo para a frente, deixando meus braços apoiados no tampo da mesa e os meus dedos entrelaçados. — Em que posso ajudá-lo, senhor...?

— Oh, me desculpe, meu nome é Felix Santini. — Ele se levantou e estendeu a mão aberta, olhando-me fixamente com seu olhar frio e avaliativo.

Fiquei de pé também e aceitei o aperto de mão.

— Prazer, senhor Santini. Então, em que posso ajudá-lo? — Ele continuava com o olhar fixo em meu rosto, estudando-me.

— Você não sabe quem eu sou? — Senti uma certa decepção em sua voz. Será que ele era alguma celebridade, ou alguma figura pública? Não sou muito de prestar atenção em pessoas famosas.

— Não, por que deveria? Acaso o senhor é alguma celebridade? Se for, não se ofenda...

— Não — me interrompeu. — Não é isso, eu pensei que já conhecia meu nome, que é muito conhecido no mundo do agronegócio.

— Fazendeiro — completei. Ele não se parecia com um fazendeiro, estava mais para dono de uma multinacional. — Então, veio comprar alguma fazenda na região? Quer reservar uma parte de um dos nossos restaurantes ou alguma sala de evento?

Ele se sentou. Ficou sério. Felix olhava para mim interrogativamente, obviamente surpreso com algo, e eu não estava gostando do seu olhar, era como se quisesse descobrir alguma coisa. Só não sabia o que era.

— Eu não vim a Gramado a negócio, vim em busca de minha esposa, e acho que você pode me ajudar, afinal a conhece muito bem.

Agora fodeu. Será que na época que eu frequentava o clube de fetiche andei comendo a mulher do homem? Se for isso, deve fazer muito tempo, pois desde que comecei a sair com Laura nunca mais fui ao clube, e só de noivado temos mais de um mês.

— Senhor Santini, não sei em que posso ajudar, não conheço muitas mulheres em Gramado.

— Essa você conhece perfeitamente. Só um minuto, vou lhe mostrar uma foto dela.

Ele pegou o celular e, segundos depois, me mostrou uma imagem.

Foram os segundos mais desesperadores de minha vida. Soube, a partir daquele momento, que estava frente a frente com o demônio tão temido de Laura. Precisava ser mais frio e calculista do que aquele homem, pois sabia que minha pequena bagunça estava correndo perigo. Mantive a calma e o olhar atento a cada movimento dele.

— Eu sei que ela está diferente nesta foto. Ela escureceu os cabelos e parece um pouco mais velha. Seu nome hoje é Laura Xavier Martinez, mas seu nome verdadeiro é Lhaura, com H, Santini. Minha esposa. Minha amada esposa, e eu vim buscá-la.

Engoli. Ele era frio, e se ele chegou até aqui, certamente já sabia tudo sobre mim e Laura. Outro no lugar dele já teria voado em meu pescoço, exigindo explicações.

— A Laura sabe que o senhor está aqui?

— Ainda não. — Ele guardou o celular e voltou a me encarar com seu olhar frio. — O que a Lhaura contou sobre mim? Certamente ela lhe disse que era divorciada, já que vocês estão noivos,

não é verdade?

É, ele fez o dever de casa e certamente já sabia exatamente onde encontrá-la. Eu tinha que impedir isso.

— Não, a Laura não me contou sobre seu passado nem eu perguntei. Não me interessava, mas já que descobri através de você, gostaria de saber o que a levou a mentir sobre seu estado civil.

— Ela fugiu.

— Fugiu?! — O interrompi, levantando-me imediatamente. — O que fez a ela para que fugisse? Uma mulher só foge de um homem quando ele lhe oferece perigo.

Já estava pronto para pegá-lo pelo colarinho e fazê-lo engolir sua empáfia.

— Acalme-se... — Ele se levantou rapidamente e deu um passo para trás. — Eu a amo, e jamais a machucaria. — *Sei, seu filho da puta. Laura morre de medo de você, conta outra.* — Fique calmo, não estou aqui para brigar, estou aqui porque preciso de sua ajuda para levá-la de volta.

Ele só podia ser louco. Mas nunca que isso aconteceria, Laura só voltaria com ele se ela quisesse. E tinha certeza de que ela não queria isso.

— Escute aqui, senhor Santini, caia fora do meu hotel. Se acha mesmo que o ajudarei a levar a Laura embora, bateu na porta errada. Não faço ideia do que aconteceu entre vocês, mas pelos traumas dela, fui levado a acreditar que ela prefere a morte a voltar para você. Então, para seu próprio bem, fique longe dela, ou...

— Ou o quê? Sente-se e me escute, pois tenho certeza de que depois que eu contar tudo sobre a Lhaura você mudará de ideia imediatamente.

Eu queria escutar a versão dele, mesmo sabendo que não contaria a verdade. Esse ser todo controlado que estava em minha frente era o algoz da Laura, e eu não iria deixá-lo tocar em um único fio de seus cabelos, mas não mesmo.

Então, voltei para a minha cadeira, inspirei e me sentei.

— Estou escutando, senhor Santini.

Estava fazendo um esforço sobre-humano para não ir até ele e cobri-lo de socos. Laura nem precisava me contar sua versão, já sabia que este ser petulante era o responsável pelos seus traumas.

— Em primeiro lugar, quero que saiba que amo a minha mulher e tenho certeza de que se ela estivesse em seu juízo perfeito não teria se envolvido com você, por isso a perdoo.

Como ele era civilizado, fiquei até emocionado com seu cinismo. Continuei encarando-o, tentando manter o nível.

— Conheci a Lhaura quando ela tinha dezessete anos. — *Pedófilo, imundo*. — Foi amor à primeira vista, mas não precisa me olhar com nojo. Ela só foi minha mulher quando nos casamos. Fui o primeiro namorado, primeiro e último homem de sua vida. Nos casamos quando ela completou dezoito anos.

Continuava o fitando com um olhar enojado. Tinha vontade de calar sua boca com um golpe no meio de sua cara, mas precisava escutar sua versão e ver até onde ele iria para me convencer de que

Laura tinha que voltar para ele.

— Estava indo tudo bem. Éramos felizes, até que ela engravidou, e uma fatalidade a fez perder nosso filho. Ela tropeçou no tapete do nosso quarto. Eu até tentei segurá-la, mas foi tarde demais. Lhaura me responsabilizou...

Ele continuava falando, e não o ouvia mais. Só imaginava a dor que a minha pequena bagunça sentiu quando descobriu a perda do filho. Eu sabia o tamanho daquela dor.

— Joshua? — Olhei para ele, e desta vez meu olhar, eu tinha certeza, era inexpressivo. — A partir desde dia, tudo mudou. Lhaura entrou em uma depressão profunda e precisou tomar remédios fortíssimos, o que piorou quando o pai dela sofreu um acidente no Texas e faleceu. Lhaura tentou o suicídio, cortando os pulsos, e quando acordou me culpou pela morte do pai também.

Ele ficou em silêncio por um tempo antes de finalmente voltar à sua falsa narrativa.

— A médica psiquiátrica me aconselhou a interná-la, mas eu não podia fazer isso. Eu a amava demais para vê-la trancafiada em uma clínica de loucos, então assumi todos os riscos. Suportei todas as acusações, e ela chegou ao ponto de se machucar só para me acusar de agressão. Quando ela me denunciou, fui obrigado a interná-la.

Filho da puta, desgraçado. Eu cuidei da Laura e sabia de todos os seus medos, sabia dos seus traumas. Ele pensava mesmo que iria me convencer de que minha pequena bagunça era louca?!

— Ela passou um mês internada, e para sair de lá, precisei assinar um documento me responsabilizando por ela em todos os sentidos. A psiquiatra não concordou, mas novamente assumi todos os riscos. Com o tempo, Lhaura me convenceu de que estava bem. Acho que sonhava tanto com a recuperação dela que me deixei ser enganado, mas a mente da Lhaura estava perdida, e não sei como, mas ela se aproveitou de um evento que fomos, me drogou e fugiu.

Felix baixou a cabeça e suas lágrimas começaram a cair no tapete da sala. *Dissimulado, filho da mãe.*

— Você não faz ideia do que eu passei quando acordei naquela mesa do salão de festa e procurei a Lhaura em todos os lugares, sem encontrá-la. Eu quis morrer. — *Por que não morreu, miserável? Deveria.* — Primeiro, subornei o pessoal da segurança para ver as câmeras, mas só pude rastreá-la até o portão do local do evento. Daí por diante, precisei ser discreto. Contratei investigadores e os distribuí por todos os cantos do Brasil e do exterior. Ela foi muito esperta, não deixou rastro. Até tentei descobrir quem a ajudou, mandei seguir a última pessoa que a viu antes de fugir, mas chegamos à conclusão de que ela não sabia de nada.

Fiquei quieto, pensei até em sequestro, mas depois de um tempo, aceitei o fato de que ela havia fugido mesmo. Então, decidi fingir que tudo estava bem e divulguei para a mídia que a Lhaura foi estudar na escola de música em Londres. O curso duraria cinco anos e até lá eu tinha certeza de que a encontraria. E aqui estou.

— Como você a encontrou? — Eu precisava saber disso.

— Eu disse que coloquei investigadores à procura dela, e eles usavam tudo ao seu favor. Semanas atrás, surgiu um vídeo no *Youtube*. Quando a vi tocando o violino, tive a certeza de que era ela. A Lhaura é única quando está tocando.

Logo lembrei da nossa tarde na praça, do evento de música de Canela. Se eu soubesse que Laura corria perigo, não teria deixado que a filmassem.

— Tudo bem, ela fugiu, e se fugiu é porque não quer ficar com você.

— Lhaura não está bem da cabeça, ela não pode se responsabilizar pelos seus atos. Eu sou o responsável por ela e a lei está ao meu favor. Ela voltará comigo, nem que seja dentro de uma camisa de força.

Agora ele extrapolou. Eu me levantei, não sei como, mas pulei sobre a minha mesa e o segurei pelo colarinho. Apertei bem as mãos em torno do tecido da camisa para que ele sentisse minha vontade de socá-lo. Furioso, encarei o demônio.

— Não tem lei na porra deste país que obrigue a Laura ficar com você. Ela só voltará com você se quiser, e eu tenho certeza de que ela não quer. Portanto, caia fora da vida dela ou se arrependerá de ter nascido, seu canalha!

Meus gritos soaram tão altos que minha secretária entrou em minha sala, gritando ao ver a cena e chamando os seguranças.

Três homens entraram e conseguiram me afastar do Felix, caso o contrário, com a fúria que eu estava, teria feito um estrago em sua figura peçonhenta.

— Ela é minha esposa, Joshua Saravejo! Minha esposa, entendeu? Afaste-se dela ou eu acabarei com você! — Ele tentava se livrar dos seguranças. — Sou um homem muito poderoso, tenho muito dinheiro e conheço muita gente importante. Posso acabar com o seu nome em um piscar de olhos. — Sorriu com escárnio.

— Soltem-no! — ordenei aos seguranças e me aproximei, sem nenhum medo. — Seu idiota, eu também tenho muito dinheiro e posso até não conhecer muita gente poderosa, mas tenho um irmão que conhece. Portanto, fique longe da Laura e aguarde meu advogado!

— Ela é minha esposa, e nunca deixará de ser.

— Ela pode até ser sua esposa ainda, mas é a minha mulher, e eu lhe garanto que nunca mais tocará em um fio de cabelo dela. — Olhei para os seguranças. — Levem-no daqui e providenciem a devolução de cada centavo que ele gastou no hotel.

— Isso não ficará assim, Joshua Saravejo. Ela é minha!

Eu só escutava os berros dele. O homem frio, calculista e controlado se transformou em um ser arrogante e completamente desajustado.

— Veremos, senhor Santini, veremos. — A porta se fechou e minha secretária me olhou, espantada. Ela nunca havia me visto perder o controle. E cá estava eu, todo desalinhado e quase babando de raiva. — Ligue para o advogado do hotel e peça a indicação do melhor advogado especializado em divórcio. Eu quero o melhor, e para ontem. Já, agora! — gritei, e Talita se virou nos calcanhares e saiu às pressas.

Eu também saí. Precisava ir atrás de Laura. Eu sabia que ela corria perigo, o louco do Felix estava disposto a tudo para levá-la de volta ao inferno.

Já dentro do carro, pedi para o Frota acelerar enquanto pegava meu celular. Laura não estava

atendendo, e depois da quinta tentativa, só então me lembrei que ela estava na sala de aula. O nervoso não tinha me deixado raciocinar. E do jeito que estava não iria esperar chegar até a escola para ter a certeza de que ela estava bem.

— Sara, é você? — Liguei para a recepção da escola. — Sara, a Laura está bem? Posso falar com ela?

— Joshua? Joshua é você?

— Sim, por favor, chame a Laura e diga-lhe que estou indo pegá-la. Em alguns minutos estarei aí.

— Joshua, a Laura não está... — Eu comecei a ficar inquieto e pensamentos nebulosos enevoaram minha mente.

— Sara, onde ela está? — Meus dentes rangeram ao fazer a tão temida pergunta.

— Não faço ideia. Logo cedo um homem esteve aqui procurando por ela, dizendo ser o seu marido. O nome dele é Felix Santini. É verdade, Joshua? A Laura é casada?

A raiva voltou a povoar meus pensamentos. Como eu queria estar perto daquele animal. Como queria fazer coisas terríveis com ele.

— É, é sim... — Respirei profundamente. — Onde a Laura foi? O Felix não a pegou, não é? — Pedia em pensamento que ela negasse. Não, Deus, não cheguei tarde novamente. Por favor, Laura precisa estar a salvo.

— Não, ele não a pegou, mas quando eu fui chamá-la ela já havia saído. Deve ter usado a saída de emergência... Joshua, esse homem é o responsável pelos traumas da Laura?

— É, esse é o demônio que ela tanto temia.

— Encontre-a, Joshua. Encontre-a antes que ele a encontre.

— Eu já sei onde ela está, não se preocupe. — Desliguei. — Frota, vamos para casa. Rápido, meu amigo, é uma questão de vida ou morte.

Se existia um lugar onde a Laura se sentia segura, este lugar era minha casa. Depois que ficamos noivos, praticamente morávamos juntos, e ela sempre chamava minha casa de fortaleza.

Precisei de um tempo para raciocinar, precisava de pensamentos bons em minha mente. De nada adiantava lhe dizer que tudo ficaria bem se estivesse nervoso. Nesse momento, Lhaura, agora com H, necessitava não só da minha proteção, como também de tranquilidade.

Entrei em casa com o coração batendo forte e pedindo em pensamento que ela não estivesse quebrada outra vez. Olhei em volta da grande sala. Não havia sinal de que tivesse passado por aqui. Respirei fundo, parei e expirei. Levei vários minutos para me acalmar e convencer minha mente consciente de que ela estava bem.

— Lhaura — chamei, minha voz saindo trêmula. *Calma, Joshua, ela não precisa de você fodido.* Inspirei. — Baguncinha! — Nenhuma resposta.

Ainda me lembrava do episódio de ontem. Havia saído para ir ao mercado comprar morangos, para fazer uma surpresa, e deixei-a dormindo. Quando voltei, assim que entrei em casa, chamei seu

nome. Já fazia isso de propósito, pois sabia que ela viria correndo e pularia nos meus braços. Adorava sua alegria de viver, seu sorriso e sua fome por mim. E foi no sofá que fizemos sexo, regado a morangos com chantili. Ela sabia fazer meu pau ficar duro só com um toque de língua em minha boca.

— Lhaura! — A cozinha estava silenciosa. — Lhaura... — O quarto também.

Senti meu corpo tremer ao olhar para todos os lados. A cama continuava arrumada do jeito que deixamos, não havia nenhum sinal da minha pequena bagunça. Já estava girando o corpo quando escutei um gemido. Só então me lembrei do *closet*. Já fazia tanto tempo que ela não usava a escuridão para se proteger dos seus pesadelos, que havia me esquecido desse pequeno detalhe.

Ela estava quebrada novamente.

Ela precisava de mim.

— Oi... — Entrei no *closet*. Ela estava escondida no vão onde ficavam pendurados os sobretudos, bem atrás dos imensos casacos, eu mal podia vê-la. — Lhaura, saia daí. Venha cá.

Estendi o braço, chamando-a.

— Não! — Ela se encolheu quando tentei pegá-la. Maldição. — O... o demônio, ele me encontrou. Não entende? Ele sabe onde estou, ele veio me buscar. Eu não vou, não vou. — Ela balançava o corpo para frente e para trás, com as mãos juntas em prece. — Não sairei daqui. Aqui ele não me encontrará. Nunca mais eu saio daqui, não saio...

— Ok, então eu ficarei aqui com você, posso? — Ela ergueu a cabeça e seus olhos medrosos me encararam. Eles estavam tão perdidos, nublados, atordoados.

— Você não cabe aqui, não vê... — Ela olhou para o espaço pequeno. — Joshua, você tem uma vida, não pode se perder em meus medos. Deixe-me aqui.

— Baguncinha. — Tentei acariciar sua cabeça, mas ela se esquivou do meu toque. Não, não, eu não podia perdê-la. — Ei, ninguém irá machucá-la. Não deixarei, lembra-se?

— Joshua, será que não escutou? O demônio me encontrou e ele é poderoso. Eu pertenço a ele, entendeu?

— Não, Lhaura, você pertence a você mesma e o Felix não pode obrigá-la a ficar com ele.

— Felix! — gritou, assustada, e rastejou, afastando-se o quanto pôde. — Como sabe o nome do demônio, como?

— Ele foi conversar comigo no hotel...

— Ele o encontrou? Você precisa fugir dele, Joshua, ele vai machucá-lo! Desculpe-me, eu não devia tê-lo envolvido na minha vida, agora a sua corre perigo. Fuja, Joshua, fuja!

— Lhaura, se acalme! Ninguém irá machucar ninguém, nem eu, nem você. — Eu a surpreendi e consegui puxá-la para perto. — Aquele filho da puta não tocará em um fio de seus cabelos, acredite em mim.

— O que ele lhe contou? — Seu olhar tristonho encontrou o meu rosto.

— Não se preocupe com isso, só saiba que estou aqui para você. Nada do que ele me disse

mudou o que sinto por você, e você só voltará para ele se quiser...

— Eu não quero! — me interrompeu gritando. — Ele me batia e me violentava todos os dias. Me trancou dentro de casa, de onde eu só podia sair com ele. — De repente seus braços envolveram meu pescoço e suas lágrimas molharam minha camisa. — Ele... ele matou meu filho, Joshua, e eu tenho quase certeza de que ele foi o responsável pela morte do meu pai. Eu fiquei completamente sozinha, dependente dele. Por favor, por favor... eu sei que você deve estar me odiando por eu ter mentido para você, mas...

— Ei, shhh! Você não mentiu para mim, apenas não me contou sobre o seu passado. Não a odeio por isso, eu a quero muito e continuo querendo me casar com você. Se acalme, Lhaura, o Felix não a levará de mim, ele não é louco. Ei, olhe para mim.

Ela estava com o rosto na curva do meu pescoço, soluçando, completamente desesperada. A afastei só o suficiente para ver o seu rosto. Ela me encarou.

— Desculpa, eu sei que deveria ter contado a verdade, mas reviver tudo o que aconteceu comigo em palavras era como ter uma faca bem cega rasgando todas as minhas feridas, você entende?

— Claro que entendo. Não se preocupe, já liguei para o meu advogado e ele irá providenciar o melhor advogado para casos de divórcios complicados, logo você estará livre do demônio.

— Não é tão fácil assim, Joshua. Ele é poderoso e tem um documento que o torna responsável por mim, já que, segundo a psiquiatra que cuidava de mim em Primavera do Leste, eu não sou responsável pelos meus atos. Ou seja, sou uma louca, então ele pode, sim, me levar quando quiser e você não poderá fazer nada para impedi-lo.

— Lhaura, não é bem assim. Até eu, que sou leigo, sei que não é tão simples assim. E sei que você não é louca, mas se for preciso, pedimos uma avaliação do seu médico. Você não estava fazendo terapia? E, se for o caso, o meu psiquiatra fará outra avalição. Pronto, está resolvido. Qual é o nome do seu terapeuta?

— Stevan...

— Eu não acredito, você é paciente do Stevan? Eu também sou. Ligarei para ele agora mesmo e resolveremos isso o quanto antes, certo?

— Eu não quero ver o Felix. Não o deixe chegar perto de mim, você promete? Não estou pronta para enfrentá-lo, eu tenho muito medo dele.

Ela se agarrou outra vez a mim e eu aproveitei esse momento para tirá-la do closet. A coloquei nos braços e me levantei. Não foi fácil, mas consegui me erguer e levá-la para nossa cama.

Peguei o celular e liguei para o Stevan, e ao lado dela expliquei o que estava acontecendo. Ele acalmou meu coração dizendo que o relatório médico que o Félix tinha em mãos não era mais válido, pois já fazia mais de dois anos que a psiquiatra anterior da Lhaura não a avaliava e, segundo a avaliação dele, Lhaura era muito capaz de andar com as próprias pernas. Ela tinha, sim, problemas de ansiedade e depressão, mas isso não era motivo de interditá-la. Se esse fosse o caso, ele, como médico da Lhaura, jamais indicaria como curador a pessoa responsável pelos traumas de sua paciente. Lhaura escutava tudo, pois estava no viva-voz. Eu vi as lágrimas de alívio saindo dos seus

olhos, e ela voltou a sorrir, mesmo chorando.

Stevan me pediu para levá-la para uma nova consulta, onde ele a avaliaria e me daria um relatório, caso eu viesse a precisar. Lhaura não queria sair de casa, então ele ficou de vir nos visitar às três horas da tarde.

— Pronto, agora só falta o advogado, e eu sei que isso será rápido, também. Logo você estará livre do demônio.

Eu a beijei. Beijei seus lábios com doçura, levemente, como se ela fosse uma flor delicada ou uma porcelana bem fina. Foi só tocá-la que logo escutei um pequeno gemido saindo dos seus lábios.

Afastei-me. Ela me olhou, avaliando meu rosto com carinho.

— Joshua, eu quero me casar com você, quero muito.

— Então, está resolvido, assim que sair a homologação do seu divórcio, darei entrada na papelada do nosso casamento.

— Mas... — Ela engoliu. — Eu não quero festa, será algo entre nós. Se for possível, quero ir ao cartório e nos casar lá mesmo, pode ser assim?

— Do jeito que quiser.

— Joshua...

— Oi.

— Preciso contar a minha versão.

— Lhaura, não precisa me contar se isso a fizer mal. Um dia, quando estiver pronta, poderá me contar tudo o que quiser.

— Estou pronta, eu preciso fazer isso.

— Certo, então estou pronto para escutar.

Ela se encostou na cabeceira. Eu puxei a poltrona e a deixei bem perto da cama. Pouca distância nos separava, pois caso ela quisesse meu abraço era só se inclinar um pouco. Sentei-me e ela inspirou.

— O Felix me conheceu quando eu tinha dezessete anos, e como uma adolescente deslumbrada eu fiquei encantada quando percebi o interesse dele por mim. Ele me cercou por todos os lados. Cuidava de mim, do meu pai... — Ela fez uma pausa. Eu sabia o quanto era difícil reviver todas aquelas lembranças.

— Lhaura, se ficar difícil, não precisa continuar. Não precisa me provar nada, eu sei quem é o culpado.

Estava sendo sincero. Desde o momento que vi Felix, já sabia que ele tinha algo de muito ruim dentro de si.

— Estou bem. — Ela sorriu e continuou. — Quando a mamãe morreu, meu pai se entregou à bebida e perdemos quase tudo. Foi o interesse do Felix por mim que ergueu meu pai novamente. Felix o colocou em uma clínica de reabilitação, o empregou em sua empresa, e tudo mudou. Sabe quando você não tem nada e de repente ganha um prêmio na loteria?

— Eu tenho uma ideia — respondi.

— Foi o nosso caso. Papai se transformou em outro homem, e eu virei uma princesa de conto de fadas. Havia um príncipe abrindo e fechando portas, e cuidando de mim, em todos os sentidos. Eu me apaixonei completamente e fiquei cega.

Eu sabia que logo, logo começaria a sentir uma vontade de sair dando murros nas paredes.

— Logo no início, o Felix começou a mostrar sinais de sua possessividade doentia, mas eu achava que ele agia assim porque me amava. E até que gostava, mas depois vieram os gritos, as cenas de ciúmes... Até tentei terminar o namoro, mas aí ele vinha com buquês de rosas, presentes caros, pedidos de desculpas de joelhos e lágrimas, e eu terminava perdoando...

Comecei a entender o porquê de ela não gostar de receber rosas nem presentes, sem falar no lance de ser cavalheiro. Era tudo culpa do maldito do Felix.

— Então veio a primeira violência física, e assustada, resolvi terminar o namoro. Só que o rompimento não durou muito. Logo o Felix estava em minha porta com uma floricultura em peso e uma joia me pedindo perdão, dizendo que nunca mais faria isso outra vez. Eu o perdoei, achando que tudo aquilo era só insegurança e que depois do casamento ele mudaria.

Ela baixou a cabeça e deixou uma lágrima rolar, molhando sua mão. Toquei a lágrima com o dedo e a enxuguei, depois acariciei sua pele e esperei.

— Na nossa lua de mel, ele me violou...

Maldição. Quase gritei e esmurrei minha perna de tanta raiva. Felix era o tipo de homem que merecia ser amarrado e açoitado por várias mulheres.

— Depois ele me pediu perdão e foi tão convincente em suas desculpas que eu terminei me sentindo culpada. Era sempre assim, todas as vezes que ele me batia, me violava ou me estuprava, ele sempre me fazia sentir culpada. Era como se eu pedisse para que tudo aquilo acontecesse.

— Maldito! — Não suportei, xinguei o infeliz em alto tom. — Filho da puta! Eu juro que ele pagará por todo o sofrimento que a fez passar. Juro, Lhaura, isso não ficará assim, mas não ficará mesmo.

— Joshua, não preciso de um anjo vingador, preciso de um anjo protetor, o que já tenho. Por favor, prometa que não fará nada que possa afastá-lo de mim, não sei se suportaria perdê-lo.

Respirei fundo e engoli minha raiva. Ela não precisava de uma fera, precisava de calmaria. Voltei a me sentar e desta vez segurei sua mão.

— Um belo dia, por ciúmes, ele me deu outra bofetada e foi a gota d'água. Criei coragem e pedi o divórcio. Ele não disse nada, apenas foi embora, me dando um tempo para pensar. Mas eu estava decidida, mesmo o amando, estava decidida a acabar com meu casamento. Felix era esperto, ardiloso, e conhecia minhas fraquezas, e quando voltou para saber se eu realmente estava decidida e eu disse que sim, ele usou meu pai, dizendo que iria demiti-lo.

— Miserável! Que sujeito canalha — esbravejei.

— Sim, ele é. Eu sabia, e ele também, que meu pai não suportaria outra queda, então voltei atrás e me tornei escrava do demônio. Ele prometeu mudar, ser o homem que eu merecia e, durante

algum tempo, vivemos bem. Parecia um sonho, até que engravidei. Felix não queria filhos, não queria me dividir com ninguém. Na frente das pessoas ele fez festa, comemorou, gritou aos quatro ventos que seria pai e que era o homem mais feliz do mundo, mas quando ficamos a sós, ele explodiu sua ira, dizendo que não queria filho algum. Brigamos feio e ele me agrediu. Apavorada, eu corri e ele tentou me impedir, então escorreguei e fui jogada longe. Perdi o bebê, e quando acordei e o acusei, minha vida virou um inferno.

— Lhaura, eu não imaginava que sua vida com aquele infeliz foi tão terrível assim...

— Não foi terrível, foi um verdadeiro inferno. Vendi minha alma para o diabo, e só piorou, pois algum tempo depois meu pai faleceu e eu tentei me matar. Foi assim que o Felix ganhou domínio total sobre mim. Ele usou isso para me manter prisioneira e me submeter às suas vontades. O sexo não era mais prazeroso, era obrigatório. Se eu fingisse prazer, apanhava, se não fingisse, apanhava do mesmo jeito. Era uma espécie de punição, até que aprendi a ser tão dissimulada quanto ele. Foi aí que lembrei que meus pais tinham me deixando uma pequena quantia, só faltava encontrar alguém que pudesse me ajudar a escapar. Tinha o Donovan, primo do Felix, mas eu não conseguia nem olhar para ele, e havia a minha maquiadora, Miranda, que já havia me oferecido ajuda...

— Lhaura — interrompi. — Por que você não o denunciou? Hoje existem delegacias próprias em defesa da mulher.

— Não pense que é tão fácil assim. Para algumas mulheres, até pode ser, mas para outras, não. Foi o meu caso. Eu até tentei, chamei o delegado depois que o Felix me bateu. Meu corpo, rosto e roupas eram provas suficientes da agressão dele, mas o Felix tinha a polícia no bolso e convenceu o delegado de que fui eu que me machuquei só para acusá-lo, pois estava depressiva e minha cabeça não estava boa.

— Meu Deus! — E eu que pensei que era só ligar para a delegacia da mulher ou ir pessoalmente denunciar o agressor.

— Fui internada por causa disso. Não é tão simples assim, Joshua, por isso existem tantas mulheres morrendo nas mãos dos seus agressores. Às vezes, elas não têm saída. Felizmente, eu tinha uma pessoa disposta a me ajudar, e juntas elaboramos um plano...

Ela me contou todos os detalhes. E a cada frase eu ficava boquiaberto com a astúcia que elas tiveram. Era como se estivesse dentro de um filme policial. Elas foram perfeitas.

— E aqui estou. Eu sei que fui inocente demais e até burra em acreditar e me deixar ser seduzida por um príncipe encantado lindo, rico e cheio de promessas de amor. Levou tempo para descobrir que na realidade o príncipe era um sapo venenoso que quase me levou à loucura.

Eu a abracei e ela voltou a chorar. Me deitei com ela na cama, chorei suas dores. Consegui sentir cada pancada, cada violência que ela sofreu nas mãos do seu algoz. Como um homem podia maltratar uma mulher? Que direito ele achava que tinha de violentar o corpo e a alma de uma pessoa que tinha jurado amar? Não conseguia entender.

— Lhaura, posso não ser um príncipe, mas jamais tocarei em seu corpo para machucá-la. Posso tocar para provocar prazer, arrepios, mas nunca dor ou humilhação. Jamais. — Apertei seu corpo, trazendo-o para bem perto do meu.

— Eu sei. Hoje eu sei que nem todos os homens são iguais. Eles podem ser demônios ou anjos, e você é o meu anjo.

Ela suspirou profundamente, como se tivesse se livrado de um grande peso que carregava nas costas, e adormeceu em meus braços.



Joshua

Lhaura não passou a noite bem, por várias vezes, durante a madrugada, eu tive que ir buscá-la dentro do *closet,* escondida entre meus sobretudos. Quando não era isso, seus aterrorizantes pesadelos a faziam acordar gritando e se debatendo. Lá pelas quatro da manhã eu a peguei nos braços e fomos para dentro do *closet*. Se era lá que ela se sentia segura para dormir, então dormiríamos agarrados naquele pequeno espaço, de hoje em diante. Enfim, ela dormiu. Contudo, eu não. Quando meus pensamentos começaram a formar imagens do Felix batendo nela, violando seu corpo, fazendo-a sua prisioneira, eu tive visões de mil formas de matar o infeliz.

Ódio.

Estava com fome de vingança, e só de pensar que ele poderia pôr as mãos nela outra vez, a bílis me subia à garganta.

Olhei na direção da entrada da cozinha e escutei passos vindos do corredor. Lhaura havia acordado. Ela surgiu. Seu sorriso singular havia desaparecido, sua corrida em direção aos meus braços, também. E eu devia isso ao demônio.

— Bom dia, baguncinha! Quer café? — Tentei descontraí-la.

Ela me ofereceu um sorriso morno e o meu coração apertou. Ela estava muito quebrada, e eu queria muito juntar seus pedacinhos.

— Não. — Abri meus braços, aguardando o encontro do seu corpo ao meu. Ela veio, se aconchegou, escondendo o rosto na dobra do meu pescoço e puxando o ar pelo nariz. — Joshua?

— Oi. — Ofereci minha xícara de café para ela, que recusou, virando o rosto.

— Podemos ir logo ver seu advogado? — Ela tinha pressa, e eu também, por isso liguei logo cedo para o advogado que nos foi indicado.

— Você tem certeza de que não quer comer nada antes de irmos?

— Tenho. Quero ir agora, por favor. Vamos?

Ela estava tão frágil. E eu estava com tanta raiva daquele ser escroto do caralho.

— Ok, vá indo para o carro enquanto eu pego minha carteira.

— Não, espero você aqui. — Lhaura estava com medo, muito medo.

Vinte minutos depois, Frota estacionava o carro em frente a uma linda casa estilo colonial. Lhaura estava nervosa, sua mão suava em contato com a minha. Soltei-a e abracei seu corpo, puxando-a para mim, e logo em seguida beijei o alto de sua cabeça.

— Vai dar tudo certo, baguncinha, não se preocupe. — Lhaura não respondeu, apenas se envolveu em meu abraço.

O escritório do Dr. Olavo Brandão era um anexo de sua casa. A porta se abriu e fomos

recebidos por uma jovem e elegante moça.

— Bom dia — disse ela com um sorriso feliz.

— Bom dia. — Sorri de volta.

A jovem apertou minha mão e se afastou da porta, nos dando passagem.

— O dr. Brandão está à sua espera, senhor Joshua. Me acompanhe, por favor. — Nós a seguimos.

A porta se abriu para uma outra sala muito mais elegante do que a anterior. Logo vi um senhor de barba branca muito bem aparada, vestido socialmente. O que não deixei de notar foi a sua gravata borboleta.

— Joshua Saravejo! — Apertou minha mão, sorrindo. — Já me hospedei em alguns hotéis de sua família, sabia?

— Que ótimo! Então, gostou do nosso atendimento? Foi bem servido?

— De maneira excelente! — Seus olhos perspicazes se dirigiram para Lhaura. — E você é a Lhaura, correto? — Ela só sorriu e não largava do meu braço. — Sentem-se, por favor. — Nos sentamos. — Bem, já examinei toda a documentação e fiz meu dever de casa em relação ao senhor Santini. Posso garantir que mesmo ele sendo podre de rico, conhecedor do meio político e amigo de muitos juízes, não existe lei no mundo que obrigue ninguém a ficar com outro contra a vontade. Portanto, Lhaura, se não há filhos e você não quer pensão e nenhum bem material do senhor Santini, se declare divorciada.

— Co-como assim!? E o laudo médico que declara que o Felix é a pessoa responsável para cuidar de mim, já que fui avaliada como incapaz?

Mesmo o Stevan explicando para ela que o documento em questão não era mais válido, Lhaura ainda temia que Felix usasse isso para assegurar que voltasse com ele.

— Lhaura, aquele documento não tem força jurídica, e o laudo do seu atual médico deixou bem claro a sua capacidade psicológica. Você está perfeitamente sã mentalmente. O que pode acontecer é que o advogado do Felix solicite outra análise médica indicada por ele, o que não será problema, porque mesmo que você tivesse alguma incapacidade, nenhum juiz daria ao Felix o direito de cuidar de você. Ou o senhor Joshua se responsabilizaria por você, ou você ficará aos cuidados de uma clínica pública. Não precisa temer e se considere livre, desde já.

— Tem como já pedirmos uma ordem de restrição contra o Felix? — perguntei assim que tive uma oportunidade. Eu queria aquele maldito bem longe da Lhaura.

— Só se ele fizer algo que possa pôr em risco a vida da Lhaura. Se ele por acaso tentar se aproximar, vocês podem entrar em contato comigo, que eu providencio.

— Gostaria de pedir outro favor. Tem como, assim que sair o divórcio, já ir agilizando a papelada do nosso casamento? Queremos nos casar assim que tudo isso estiver resolvido.

— Não se preocupe, pode deixar comigo. — Ele sorriu para a Lhaura. — Amanhã mesmo o Felix será notificado. Eu também tenho pressa de acabar com a empáfia do seu ex-marido, não suporto homens machões.

Ele estava sabendo sobre o que aconteceu com a Lhaura, sobre todas as atrocidades que Felix fez com a minha pequena bagunça.

— Dr. Brandão, e se o Felix se negar a aceitar o divórcio? — Notei sua voz falhar quando pronunciou o nome do Felix. Ela ainda achava que ele tinha algum poder sobre ela.

— Não existe isso de ele não querer, minha querida. Se houvesse filhos ou bens a ser partilhados, ele poderia até complicar, mas no seu caso, no máximo de quinze dias tudo estará resolvido. Talvez até menos. Fique tranquila, Lhaura, seu ex-marido nunca mais terá poder sobre você.

Era o que eu esperava, mas algo me dizia que estava muito longe de tudo isso ser resolvido. Felix não desistiria da Lhaura tão facilmente.

Nos despedimos do Brandão, que ficou de avisar quando saísse a data da audiência. Eu sabia que quando o dia chegasse Lhaura desabaria, porque teria que ficar frente a frente com o demônio. Se pudesse evitar isso, evitaria, mas não tinha como, Felix poderia usar isso a seu favor, então ela teria que ser forte e enfrentar a fera.

Chegamos em casa e Lhaura foi direto para o *closet*. Ela se fechou completamente, não conversava, não sorria. Deixei-a quieta, dei o tempo que ela precisava.

Os dias se passaram e ela continuava em seu mundo escuro. No entanto, não saí de perto dela. Se ficava no *closet*, eu ficava também. Se ela se escondia dentro da banheira, eu me encaixava ao seu lado. Ela me tinha todo tempo e em todos os seus esconderijos. Fiquei sem ir ao hotel, trabalhando em casa. Contratei seguranças para manter qualquer pessoa suspeita longe de nossa propriedade. Lhaura não foi mais à escola trabalhar. Até que tentou, mas assim que pôs os pés na entrada do prédio, sofreu uma crise de pânico e desmaiou. Ainda bem que estava com ela e a trouxe de volta para casa. Nara lhe deu o tempo que precisasse para se recuperar.

Minha pequena bagunça estava em frangalhos. Mal dormia e comia. Sexo, nem pensar. Não que eu esteja reclamando, mas logo nos dois primeiros dias ela veio para cima de mim, acordando-me, arrancando minha roupa e possuindo o meu corpo. Porém, quando estava completamente dentro de seu corpo, ela me pediu que lhe batesse.

Minto, ela não pediu, exigiu que a espancasse. E no momento que encarei seu rosto perturbado, vi que não era a minha pequena bagunça, era a mulher acorrentada ao animal demoníaco chamado Felix Santini. Então, eu só a abracei, beijei seu rosto molhado pelas lágrimas e saí de dentro dela. Deixei-a dormir por cima de mim. Deste dia em diante, não permiti que fizéssemos sexo. Por mais tentadoras que fossem suas mãos e o roçar do seu corpo ao meu, não era minha Lhaura que precisava do meu corpo, era só um corpo em busca de dor... e isso eu não lhe daria.

— Oi...

Abri meus olhos e vi seu rosto lindo e triste bem perto do meu.

— Você vai comigo à audiência, não vai?

Brandão havia nos ligado ontem à noite, avisando que a audiência seria hoje, às dez da manhã, e que provavelmente hoje mesmo a Lhaura já estaria livre do Felix. Era só o tempo do divórcio ser homologado, e isso seria rapidinho. Segundo ele, Felix não ficou muito satisfeito quando soube que,

mesmo tendo tanto dinheiro e conhecendo tantas pessoas importantes, não poderia fazer nada para evitar o pedido de divórcio, mas isso era um fato e ele teria que aceitar.

— Claro que irei, mas você sabe que não poderei entrar com você, não sabe?

Ela estava com tanto medo, que eu podia ouvir seus ossos estalando. Fiquei observando sua reação, o modo como entortava a boca e mordia o lábio. Ela era uma mulher linda e doce que ainda estava muito machucada e muito assustada, e eu sabia como eram essas sensações. Vivíamos processos diferentes, mas as sensações eram as mesmas e certamente não merecíamos isso da vida. Saí da cama, fiquei de pé na sua frente e estendi os braços. Ela veio, envolveu-se em meu pescoço e eu a levei para o banho. Ficar debaixo da ducha, agarrada ao meu corpo, era o seu momento, era naquele instante que ela deixava a água levar suas lágrimas desesperadas, sofridas. Juro que queria muito chorar e beijá-la com força, queria protegê-la de toda aquela dor, medo, desespero. Chegava a me odiar por não poder fazer mais por ela. Vê-la sofrer tanto estava fazendo-me sentir um inútil.

Vesti suas roupas, depois as minhas, segurei sua mão e a levei para a cozinha. Esse era o meu momento – alimentá-la. Lhaura não queria comer, e eu precisava ser muito paciente para que, aos poucos, pudesse fazê-la comer e beber algo nutritivo.

— Ei, só esse potinho. É o iogurte que você gosta, tem linhaça, chia e canela — disse. Tentei pôr a colher com uma boa quantidade do creme em sua boca, mas ela virou o rosto. — Baguncinha, sinto falta do seu jeito esfomeado de comer. Por favor, coma só esse potinho. Faça-me feliz só um pouquinho. — Tentei outra vez, e ela virou rosto. — Então, *tá*, já que não vai comer, eu também não comerei e morreremos os dois de inanição. Pronto, a partir de hoje farei greve de fome. — Ela me olhou com aquele olhar de quem ficou irritada. Juntou as sobrancelhas e abriu a boca. — É isso aí. Faremos assim, uma colherada sua e outra minha, ok?

Ela assentiu com a cabeça. E foi assim que a convenci a comer. Primeiro foi o iogurte, depois um copo bem generoso de suco de frutas. Ela bebeu metade e eu a outra.

— Joshua, não quero ficar na mesma sala que *ele* — ela articulou enquanto eu limpava os cantos de sua boca com o guardanapo. “Ele” era Felix.

— Eu sei, mas não há outra maneira. — Olhei para seu rosto, fixando meus olhos nos seus. — Lhaura, fique tranquila, o Felix não poderá fazer nada contra você. Vocês não estarão sozinhos, não precisa ficar com medo.

— Mas eu tenho, tenho muito medo. Não quero voltar para ele, não quero ser violentada todos os dias. Não quero ser obrigada a fazer coisas que não quero, não quero apanhar... eu não quero, Joshua. Ele vai me arrastar daquela sala e me aprisionar novamente, eu sei que vai. E ninguém fará nada, Joshua, porque ele pode comprar todos, e o único que pode me proteger não estará lá comigo...

Ela se referia a mim. Não sabia se ficava feliz ou triste. Feliz por saber que confiava em mim e triste por não lhe dar a segurança necessária naquele instante tão importante.

— Lhaura, não poderei entrar na sala da audiência, mas estarei do outro lado da porta, e... e caso o Felix tente algo contra você, ele terá que passar por cima de mim primeiro. Eu juro, Lhaura, que acabo com a raça dele se ele tentar mover um dedo contra você.

— Ele nunca me deixará em paz, Joshua. A única maneira de me livrar dele é morrendo.

Suas palavras me assustaram e uma corrente de medo correu por minhas veias. Ela já havia tentando isso antes e, pelo que soube, quase conseguiu. Eu sabia o tamanho da dor e do medo que nos levava a pensar em tirar a própria vida. E a volta do Felix a estava deixando tão derrotada que sua incapacidade de pensar a arrastava para caminhos que poderiam não ter volta. Se existia alguém que poderia trazê-la de volta à realidade, esse alguém era eu.

— Pode parar. — Envolvi seu queixo com a palma da mão e forcei seu rosto para cima, fazendo-a me encarar. — Chega, Lhaura, não deixarei que nada nem ninguém a machuque nunca mais, entendeu? Antes você estava sozinha, agora você tem a mim e nunca se esqueça disso. Sozinha, nunca mais. Sempre estarei ao seu lado, sempre.

— Tenho tanto medo, tanto medo...

— Eu sei que tem, baguncinha, mas estou aqui. Sempre correrei até você, nunca mais ficará sozinha. Nunca mais sentirá medo nem fará algo que não queira, mas eu preciso saber que quando não puder estar ao seu lado por alguma razão, você se manterá forte e a salvo até que eu possa estar outra vez. Porque eu sempre estarei, isso é uma promessa. Aconteça o que acontecer, sempre darei um jeito de estar ao seu lado, ok?

— Ok. — Abriu e fechou os olhos. Eu a beijei com todo o cuidado do mundo. Ela estava tão frágil que eu tinha medo de que até meu beijo pudesse machucá-la.

— Vamos? Hoje você estará livre do sobrenome Santini, pense nisso. — Segurei sua mão, e quando ela ficou de pé, meu corpo foi abraçado com força. A pequena moça trêmula apertava-me.

— Você é meu anjo, Joshua. Papai e mamãe o guiaram até mim, eu sei disso.

Emocionado, beijei o alto de sua cabeça e devolvi o abraço.

— E você é o meu. — Parei antes de chegarmos à porta. Girei seu corpo e segurei seu rosto com ambas as mãos. — Você está pronta?

Ela não estava, eu sabia, mesmo assim perguntei.

— Não, mas quero que isso acabe logo.

Abracei seu corpo outra vez e caminhamos para o carro. Lhaura segurou minha mão apertado, virou a cabeça e olhou para mim com um meio sorriso no rosto.

— Lembre-se, sempre estarei perto de você. — Puxei sua mão e os meus lábios tocaram a pele macia. Antes de beijá-la, acariciei-a com toda a ternura que encontrei dentro de mim.

O automóvel parou em frente ao fórum. Lhaura ficou hesitante quando lhe estendi a mão para ajudá-la a descer. Olhava para minha mão e em seguida para atrás do meu ombro. Sorri, pisquei um olho, até que ela inspirou com força e seus dedos tocaram os meus. Lentamente, eles foram se entrelaçando até que estávamos de mãos dadas. Seus joelhos fraquejaram quando ficou de pé, e eu a segurei rapidamente.

— Joshua, estou com medo!

Eu também. Não era medo de que o infeliz do Felix pudesse fazer algo a ela, ele não faria. Era medo de que ela não conseguisse, de que o pânico a dominasse e não pudesse comparecer à audiência. Isso seria bom para Felix.

— Lhaura, nada de ruim irá acontecer. Tem que ser forte, você já chegou até aqui, só são mais alguns passos para sua liberdade, pense nisso.

— Ok, eu consigo. Eu sou forte, eu tenho você. O demônio tem medo de anjo, não é?

— Sim, ele morre de medo. Agora, vamos.

A sala de espera estava vazia, só o Dr. Brandão nos aguardava, e assim que nos viu, veio em nossa direção.

— Bom dia! — Apertei a mão dele. Brandão evitou tocar na Lhaura, desde que Felix apareceu, ela estava arredia, não permitindo que a tocassem. Sou o único com permissão. — Felix e o advogado já estão lá dentro. Já podemos entrar. — Olhou para Lhaura, e ela agarrou-se a mim.

— Não vou conseguir, Joshua. Não vou... — Começou a chorar. — Ele vai conseguir me levar e serei sua prisioneira outra vez. Não posso viver daquele jeito novamente, eu prefiro a morte... Não, não!

— Ei, se acalme, o Felix não irá levá-la nem sob decreto. Não permitirei. Olhe para mim, Lhaura. — Ela me olhou com seus olhos em lágrimas, seus lábios trêmulos. Queria tanto protegê-la deste momento. Se pudesse, a levaria para bem longe.

— Entra comigo? — Seu rosto se virou para o Brandão. — Ele pode ir comigo, não pode?

— Não, mas estarei ao seu lado, e prometo que o Felix sequer falará com você. Agora, vamos, quanto antes entrarmos, mais cedo terminamos com isso.

Foi difícil fazê-la se afastar de mim. Mas, ela finalmente cedeu, e levou o meu coração junto. Fiquei inquieto, andando de um lado para outro. Algumas vezes, encostava a orelha na porta, tentando escutar algo. Outras vezes, só encostava a testa na madeira e pedia em pensamento que ela estivesse bem. Foram os minutos mais angustiantes que já vivi.

Cansado de esperar, me sentei, segurei a cabeça com as mãos e de certa forma comecei a orar.



Lhaura

Nos meus dezessete anos de idade, um homem lindo olhou para mim e se apaixonou. Eu estava em um momento da minha vida onde meus sonhos estavam prestes a se realizar, a escola de música de Londres era meu objetivo. Sentada, abraçada ao meu violoncelo, tocava para meu professor. Era um dos meus ensaios preparatórios, e no auge da música, escutei aplausos. Quando a pessoa que me aplaudia com tanto entusiasmo me encarou, vi nos seus olhos um brilho diferente, o homem estava completamente hipnotizado. Foi quando tudo começou, a admiração se transformou em obsessão. E o meu príncipe virou um sapo ardiloso, cruel, venenoso. Depois de sapo, se transformou em demônio.

Seu amor me machucava, me devorava, me diminuía. Seu amor me aprisionava. Seu olhar de devoção me assustava. Era uma jovem ingênua, sonhadora. Estava saindo da adolescência e nunca havia namorado, beijado. Ele me ensinou tudo, da pior maneira. O que era um sonho se transformou em pesadelo. O que era amor passou a ser medo. Ele me levou ao céu e em tão pouco tempo me trancafiou no inferno.

— Lhaura, sente-se aqui. — Dr. Brandão me trouxe de volta. Mal conseguia levantar os cílios, tinha medo de encontrar o olhar do demônio. — Aqui. Não tenha medo, ele não pode machucá-la — Brandão sussurrou em meu ouvido.

Sentei-me. A mesa era grande, retangular, e eu sabia que ele estava do lado oposto, junto com seu advogado. Permaneci de cabeça baixa e chorando. Tentei o quanto pude segurar minhas lágrimas, mas estava muito frágil, e chegou um momento que o cheiro dele me trouxe lembranças dolorosas e quis gritar, correr. Acho que o Brandão percebeu e segurou minha mão.

Um homem sentado à minha esquerda começou a falar, enquanto um outro digitava algo. As perguntas vieram, no entanto, quem as respondia era o Brandão, pois quando escutei a voz sussurrada do Felix, fiquei surda. Apertei meus olhos, minhas mãos, acho até que feri minhas palmas. Os minutos se passaram. Para mim foram intermináveis, até que escutei:

— A partir de hoje, Lhaura Toledo Santini, passará a usar o seu nome de solteira. Tirará o Santini e usará o Toledo em seu lugar.

Meu coração quase saiu pela boca. Quis gritar de felicidade. Quis beijar o advogado, o juiz. Quis correr dali, pular nos braços do Joshua e dizer...

Estou livre! Finalmente, estou livre!

Após aquele pronunciamento, não escutei mais nada. Viajei para o meu mundo particular, para comemorar. Tempo depois, Brandão tocou meu braço e me ajudou a levantar. Não vi o Felix, não senti mais o cheiro dele, só escutei o bater de uma porta. Caminhei ao lado do elegante senhor, que me segurava com cuidado, pois eu ia desabar.

A porta se abriu, ergui a cabeça e o vi. Sua expressão preocupada, seus olhos varrendo meu rosto. Ele estava ali, bem na minha frente, me esperando.

Ele era tudo o que eu queria.

Corri para seus braços e encontrei a paz que tanto esperava.

— Joshua Saravejo, meu nome é Lhaura Toledo. Muito prazer em conhecê-lo. O senhor ainda quer se casar comigo?

Meu Deus, ele sorriu e me beijou. Seus lábios quentes e macios se uniram aos meus. Sua língua sedosa, molhada, rolou na minha. Seu corpo grande e musculoso se juntou ao meu e os seus braços protetores me embrulharam com cuidado, apertando-me. O beijo carinhoso, saudoso e sensual durou pouco, não o quanto eu esperava, mas era um começo. Ele se afastou, me olhou e sorriu.

— Não vejo a hora de chamá-la de senhora Saravejo, minha pequena bagunça.

Sim, eu era uma bagunça. A bagunça dele, só dele.

— Quero ir para casa e ficar em nossa suíte. Quero fazer sexo com você o dia inteiro e a noite também, pode ser?

— Você manda, e eu obedeço, baguncinha.

—Joshua, quero um banho de língua delicioso.

Ele beijou minha bochecha e depois sua boca encostou em minha orelha.

— Minha língua não vê a hora de lamber todo o seu corpo e se perder em sua bocetinha apertada.

Sorri com seu atrevimento, mas gostei da ousadia do meu anjo.

— Com licença. — Brandão limpou a garganta, chamando nossa atenção. Havia me esquecido completamente dele. — Darei entrada hoje mesmo na homologação, e já vou preparando a documentação do casamento de vocês. Estou indo, se precisarem de mim é só ligar.

Ele segurou minha mão e a beijou, depois apertou a mão do Joshua. Abraçados, fomos para o carro. Nosso destino era uma cama enorme, onde nos perderíamos no prazer dos nossos corpos.

A porta da nossa casa se abriu, e eu mal tive tempo de respirar. Dois braços musculosos tiraram meus pés do chão e uma boca faminta devorou a minha. Ele tinha fome de mim, e eu estava louca por sua língua maliciosa, depravada, molhada. Ainda a caminho do quarto, minhas mãos afoitas buscaram os botões de sua camisa, desesperadas para despi-lo. Os botões voaram, deixando um rastro como as migalhas na história de João e Maria. Minhas mãos exploravam seu peito nu, suas costas ásperas, suas cicatrizes. Ele não se importava mais com elas, e eu era a única que podia tocá-las, vê-las e beijá-las. Desesperado para me tocar, ele me encostou na parede, pressionando meu corpo.

— Lhaura Toledo, estou faminto por você. Quero foder sua bocetinha com força, mas preciso de sua permissão. — Seus olhos azuis me encaravam enquanto acariciava meu cabelo. Ele era assim, sempre cuidando de mim, sempre preocupado com minha reação.

— Foda-me com força. Quero me sentir viva, e só você tem esse poder. — Hoje, mais do que nunca, queria sentir a força do seu desejo dentro do meu corpo. Hoje queria ser uma mulher diferente na cama.

— Lhaura, a desejo, e desejo muito, mas tenho medo de que este desejo possa trazer de volta lembranças que quero muito que esqueça. — Ele me pôs no chão e segurou meu queixo, erguendo minha cabeça. — Você ainda está muito machucada e não será o divórcio que fará cicatrizar suas feridas, eu sei disso.

Lágrimas picam meus olhos, mas desta vez não luto, e elas começaram a cair, deixando marcas no meu rosto.

— Eu sei... será que algum dia meu passado irá me deixar em paz? — perguntei entre lágrimas.

— Claro que vai — ele respondeu.

— Não sei — argumentei.

— Lhaura, de uma coisa eu tenho certeza: estamos ferrados, completamente fodidos, e nosso caos, de alguma forma, está nos juntando. Somos perfeitos um para o outro.

Um sorriso se estendeu em seu rosto.

— Então, nós somos perfeitos?

Seu rosto se iluminou, e ele ficava muito mais lindo e sexy sorrindo. Não pude esconder meu contentamento, ele tinha esse dom de esticar meus lábios só com um sorriso.

— Sim, com toda nossa complexidade. E exatamente agora acho que podemos aprender a percorrer novos caminhos... juntos. — Ele me apanhou em seus braços outra vez, levantando meus pés do chão. — Entenda, minha Baguncinha, eu quero fazê-la feliz. Quero que se sinta livre e quero que faça o que quiser. Seremos cúmplices um do outro. Não quero vê-la triste nem com medo, nunca mais. Você é linda demais para ficar triste. Permita-me compensá-la de toda dor que já passou.

Pisquei meus olhos, e a última lágrima correu pelo meu rosto. Envolvi os braços em volta de seu pescoço e seus braços apertaram meu corpo. Ele se inclinou e beijou meus lábios suavemente, quase exatamente como fez em nosso primeiro beijo.

— Porra, meu pau está louco para se enfiar todo em você. Eu a quero tanto, Lhaura.

As palavras libertinas, junto com a suavidade do seu querer, me desfizeram completamente. Minhas mãos deslizaram para cima, para a parte de trás do seu pescoço, e puxaram sua boca para a minha. Provoquei-o com a língua, enquanto suas mãos apertavam os meus quadris, e ele gemeu antes de deslizar a língua na minha boca.

Eu me encontrava exatamente onde queria estar, em seus braços, em seu corpo, em seu sexo. Estava no céu.

— Eu quero um banho de língua, Joshua — murmurei em sua boca.

— E eu quero lamber você.

A passos rápidos, logo senti minhas costas encontrarem a maciez da colcha da cama. Ele me olhava com uma expressão feroz, faminta, e eu queria ser devorada por todo o seu desejo. Sorri para ele, como se dissesse: *coma-me*. Ele entendeu o recado e lambeu os lábios. Suas mãos despiram minhas roupas, seus dedos rolaram minha calcinha pelas minhas coxas e, quando estava completamente nua, ele espalhou minhas pernas, deixando-me completamente exposta para seus olhos devoradores. Inspirou.

— Inferno, eu quero me afogar em toda essa água que sai de sua boceta. — Sorvi o ar. Ele sabia fazer uma mulher querer muito ser fodida.

Então, sua mão segurou meus pés, e sem nenhuma pressa, sua língua fez o magnífico trabalho de lamber minha pele em cada perna, começando por meus pés, calcanhares, panturrilhas, joelhos, coxas e entre elas, e finalmente eu senti o calor de sua respiração em minhas dobras. Seus dedos espalharam meus grandes lábios e eu recebi uma lambida feroz, e logo em seguida um chupão em meu clitóris.

— Oh, meu pai! Chupa mais, mais... — Ele chupava, lambia, mordia. — Oh... — Enfiou a língua e um dedo em minha vagina. — Jesus! — Fodia-me duramente, e eu, desesperada, arqueei meu quadril. — Joshua... — gemia enquanto sussurrava seu nome.

Então sua boca se afastou de minha boceta e eu quase protestei, até que senti minha pele se arrepiar. Sua maravilhosa língua continuava o trabalho em meu corpo. Ela percorreu minha barriga, meu estômago, até encontrar meus seios.

— Joshua, por Deus! — Meus seios sentiram a força de sua boca faminta, e meus mamilos, o poder de suas mordidas e chupões. — Oh, meu pai! — Já estava quase sucumbindo aos meus delírios quando sua boca, ainda labuzada do meu sexo, se juntou a minha.

— Delícia! Minha baguncinha é uma delícia — murmurou com sua voz pecaminosa, carregada de luxúria, roubando minha língua para dentro da boca. E quando eu pensei que ia me beijar outra vez, ele se afastou.

Ficou de pé. Sustentei meu corpo nos cotovelos e fiquei observando aquela linda obra de arte se despindo, provocando-me. Tudo foi saindo lentamente.

O cinto, o botão da calça, o zíper. Quando vi a calça descendo por suas coxas musculosas, não consegui ver mais nada, a não ser o seu pau grande desenhado no tecido da cueca branca e a marca molhada de sua excitação.

— Gosta do que está vendo, baguncinha? — Nem vi quando despiu a cueca, só notei sua mão segurando sua grande ereção, masturbando-a e provocando-me.

Juro que se ainda não tivesse as lembranças tenebrosas do sexo oral, agora, nesse exato momento, eu me ajoelharia e o levaria à boca. Era um pau lindo e muito apetitoso. Lembrei da foto do namorado da Margot. O pênis do Joshua dava de dez a zero.

— Ei, quer senti-lo dentro de você? — Olhei para o rosto pervertido do Joshua, depois meus olhos se voltaram para sua mão, que manipulava aquele mastro lindo.

Assenti com a cabeça enquanto lhe oferecia um sorriso sacana.

— Venha me foder com seu pauzão, senhor Saravejo. — Abri as pernas, oferecendo-me.

E antes de vir até mim, ele alcançou com a mão a gaveta da mesinha de cabeceira e pegou um preservativo, vestindo seu magnífico membro. Ele vestido parecia maior, mais grosso, mais ereto e perigoso. Meu lindo protetor ofereceu-me um sorriso safado e erótico, se ajoelhou na cama e se colocou entre minhas pernas. Deu um tapa em minha boceta e isso me excitou, queimando o inferno dentro de mim, deixando-me ardendo de vontade. Soltei um gemido, arqueando o corpo.

— Quente, molhada e pronta para o pau do Joshua. — Libertino safado. Eu gostava dele assim, cheio de palavras sujas quando estávamos entre quatro paredes. — Quer esse pauzão todo enfiado nessa bocetinha apertadinha? Quer que eu a foda com vontade? Porque agora não tem escapatória... — Ele mordeu o lábio e isso me aqueceu. — O Joshua vai comer você. O Joshua está cheio de fome — disse com uma voz cheia de tesão.

Por Deus! Ele inclinou o corpo e encheu a boca de boceta, chupando meu sexo com força.

— Foda-me logo e pare de me provocar — gemi. Abri as pernas e o convidei, encarando-o com um olhar malicioso.

Ele devolveu o sorriso, sem afastar os olhos dos meus. Sua mão acariciava minha boceta enquanto seu corpo se inclinava sobre o meu e o seu pau era guiado para minha abertura, deslizando dentro da minha vagina apertada. Joshua fechou os olhos rapidamente, mas foi por uma fração de segundo, pois logo estava me encarando e eu o sentia cada vez mais dentro de mim. Empurrou tudo e começou a bombear rápido, duro. Seu corpo batendo em mim, suas bolas balançando em minha bunda. Urrava ferozmente e me fodia como prometeu, duramente.

Gritei, e ele pareceu se assustar, me olhou daquele jeito como se quisesse me proteger, e antes que ele se afastasse, segurei sua bunda e a puxei.

— Não ouse sair de dentro de mim. — Cruzei as pernas em seu quadril, prendendo-o. — Foda-me com a fome que está sentindo por mim. Eu quero você com todo o seu desejo.

Ele sorriu com malícia e aumentou a velocidade e a força. O prazer erótico veio, tanto o meu, como o dele. Seus dedos acariciavam meu clitóris e eu me contorci contra seu pau. Joshua, vendo-me entregue à luxúria, aumentou o ritmo dos dedos em meu clitóris enquanto entrava e saía freneticamente da minha vagina.

— Oh... — gemi alto.

— Rebola, baguncinha, rebola gostoso no meu pau. — Rebolei. Já não podia controlar as sensações do prazer libertino. — Deliciosa, sua boceta é uma delícia. Meu pau está ficando viciado... — Enfiou tudo, depois saiu. — Gosta assim? Gosta quando eu enfio tudo dentro de você? — Mordi o lábio e assenti com a cabeça. Eu estava perdida nas sensações que o seu pau me dava. — Então, tome. Tome tudo do Joshua. — Ele me deu tudo, entrou e saiu com força. Depois lento, depois duro.

O orgasmo veio. Eu tinha a sensação de que o Joshua estava se segurando, ele queria me dar prazer, sem se importar com o seu prazer. Então arqueei o corpo e rebolei quando o senti todo dentro de mim e ele soltou um rosnado.

— Lhaura! Porra, vou gozar. — Nosso prazer veio na mesma hora. — Porra, você me mata desse jeito. — Ele estava todo dentro de mim, gemendo seu prazer, seu corpo tremendo. — Arrrr! — Seu corpo grande desabou ao lado do meu, mas logo seus braços fortes me puxaram para perto. — Caralho! Somos bons nisso, não é mesmo?

— Sim, somos. — Ficamos quietos, cada um com seus pensamentos. O êxtase do momento passou, nossos corpos e corações voltaram ao normal, mas algo estava errado. Eu só não sabia o que era. Respirei fundo. Ele também.

Acho que estava sentindo o mesmo que eu. Um vazio.

Então o medo veio. Agora estava livre, ou ele pensava que estava. Porque, lá no fundo, sabia que Felix nunca me deixaria livre. Eu poderei estar divorciada, mas continuaria sua prisioneira. No entanto, Joshua achava que agora era uma mulher livre. E sendo assim ele não precisaria mais me proteger.

Então, um outro tipo de medo tomou meu coração.

Não queria perdê-lo. Não queria deixar de ser sua protegida, sua baguncinha. Queria ficar com ele. Ser sua namorada, noiva, esposa...

Seria errado querer tudo isso? Mas por que eu queria tudo isso? O que eu sentia verdadeiramente pelo Joshua?

E o que ele sentia por mim?

Inspirei e junto veio a vontade de chorar. Só não sabia por que estava tão triste, tão confusa.

As lágrimas saíram dos meus olhos e Joshua percebeu.

— Ei, o que eu fiz? Machuquei você? — Joshua envolveu seus braços em mim, e isso só piorou. Minha fragilidade aumentou e as lágrimas também. — Por Deus, Lhaura, o que está acontecendo, hein? Me fala! — Ele segurou meu queixo e estudou meu rosto medroso, depois cobriu minha boca com a sua, beijando-me.

Ele tinha esse dom de provocar sensações protetoras, era algo com o qual não pretendia lutar contra. Eu queria aquilo tudo, ele conseguia me manter longe da tristeza e a dor não conseguia chegar perto de mim.

— Joshua.

— Oi.

— Você ainda quer se casar comigo? Não disse aquilo na audiência só para não me deixar triste?

— Claro que quero. O que a fez pensar que não quero mais? — Ele circulou a palma da mão em meu queixo outra vez, de modo que pudesse olhar nos meus olhos. — Lhaura, entenda, por mais que não saibamos o que está se passando em nossos corações e que estejamos cercados de incertezas e fodidos da cabeça, saiba que eu preciso disso tanto quanto você. — E ele colocou a mão esquerda sobre o meu coração.

— Joshua, eu quero ficar aqui com você, quero muito. Não sei o que sinto por você, só sei que você é tudo o que preciso para me sentir viva e mulher novamente. Mas tenho medo de que algo ruim aconteça e tudo isso que estou vivendo se transforme em um inferno novamente.

— Não permitirei que nada de ruim aconteça. Eu também não sei o que sinto por você, só sei que é bom demais e eu não quero me afastar desse sentimento. Lutarei por sua felicidade e não deixarei que nada nem ninguém me afaste de você. Eu errei no passado e não estou disposto a cometer o mesmo erro. Você é minha prioridade, dona Baguncinha.

Ele me beijou, limpou minhas lágrimas. Eu me entreguei aos seus carinhos, estava me sentindo frágil demais, só queria o calor do seu corpo e escutar o bater do seu coração. E foi assim, agarrada

a ele, que fui levada para o banho. Depois me aconcheguei nos braços do meu anjo protetor. Joshua Saravejo havia se transformado em algo além do que eu podia explicar.

Ele era importante. Muito importante.

— Joshua.

— Oi.

— Você me faz feliz.

— E você me devolveu a vontade de viver — ele respondeu com a voz sonolenta. Esfreguei o rosto em seu peito e fechei os olhos.

Eu sabia que de hoje em diante minha vida seria mais colorida. Mesmo eu ainda me sentindo prisioneira do Felix, Joshua sempre estaria me protegendo. Ele não permitiria que o demônio habitasse meu mundo, pois o meu novo mundo agora era protegido por um anjo.

Um anjo bravo, irritante, petulante. Um anjo lindo. Um anjo chamado Joshua Saravejo.

— Boa noite, meu anjo — sussurrei, beijando seu peito.

— Boa noite, Baguncinha — ele sussurrou de volta, e eu senti seu beijo no alto de minha cabeça.



Joshua

Trinta dias depois

Eu não deveria estar aqui, assinando papéis e mais papéis, segurando uma caneta fria. Deveria estar em casa, segurando a minha baguncinha na cama, nós dois enrolados entre pernas, braços e bocas. Afinal, estamos em lua-de-mel, faz apenas dois dias que nos casamos. Não houve cerimônia, nem convidados. Somente eu, ela, um juiz e duas testemunhas. Foi tão rápido e simples. Brandão nos ligou quinze dias depois que deu entrada na papelada do casamento, nos avisando que estávamos habilitados para nos casarmos em um prazo de noventa dias. Então, marcamos uma data e pronto, agora sou oficialmente um homem casado outra vez.

Lhaura não quis sequer comprar um vestido novo e exigiu que eu fosse vestido o mais simples possível. Disse-lhe que nosso casamento não precisava ser tão simples, que podíamos, sim, fazer uma reunião com as pessoas que a conheciam e alguns conhecidos meus da região. Ela não quis. Curioso, quis saber o porquê. Será que ela não queria que soubessem que estava se casando?

Brava com as minhas especulações, disse-me que o seu primeiro casamento foi glamouroso, seu vestido belíssimo e a festa, digna de uma rainha. Ela não queria nada disso, não queria repetir os mesmos erros.

Ela tinha razão, nós já tivemos a nossa porção de glamour. O meu primeiro casamento também foi digno de um rei, e do que adiantou?

No entanto, não abriria mão de nossas alianças. Ela aceitou, mas com a condição de que seria ela a escolhê-las.

Estávamos bem. Ela estava bem, feliz, sorrindo e sem pesadelos, mas ainda não conseguia sair de casa sozinha, por isso não voltou a dar aulas de música. Stevan agora faz nossas consultas em minha casa, em dias diferentes. Até tentei levá-la até ele, mas ela nem conseguiu sair do carro. Segundo Stevan, levará um bom tempo para que ela acredite que realmente está livre, e ele achava melhor não a forçar a sair do seu casulo. O importante era que ela estava se curando. Aos poucos, mas estava.

— Eu conheço o caminho, senhorita, serei rápido...

De repente a porta de minha sala foi escancarada e o alvoroço de vozes alteradas me tirou a concentração. Levantei a cabeça e dei de cara com um homem impecavelmente vestido e com um semblante sombrio e perigoso.

— Senhor Joshua, me desculpe, mas ele invadiu sua sala e não tive como impedi-lo...

— Está tudo bem, Talita. Deixe-o ficar. — Saí de trás de minha mesa, ficando de pé diante do homem que me encarava desafiadoramente.

— O senhor quer que eu chame os seguranças? — Ela olhava para o homem, assustada. Ele devia mesmo assustar o sexo oposto.

— Não, não precisa. Acho que o senhor Santini não ficará muito tempo em minha sala, pode ir. — Ele continuava de pé, com os olhos fixados em meu rosto. — O que quer, Felix? — Cruzei os braços na altura do peito, encarando-o do mesmo jeito que me encarava.

— Então é verdade? — Ele apontou com o olhar para a minha mão esquerda, onde estava minha grossa aliança de ouro branco. — Você acha mesmo que um pedaço de papel irá tirar a Lhaura de mim? — Ele sorriu com deboche, e eu apertei os dedos fortemente, tentando me controlar para não enfiar um cruzado de direita em sua cara. — A Lhaura é minha, ela nunca deixará de me pertencer, e cedo ou tarde eu a terei de volta.

Ah, ele estava mesmo pedindo uns socos...

Engoli minha raiva, mesmo morrendo de vontade de quebrar sua empáfia com alguns murros. Ele não valeria meu descontrole.

— Felix, a Lhaura não é uma das suas propriedades. Ela é uma mulher livre, não pertence a ninguém. Vocês estão divorciados e agora ela está casada comigo. Aceite que dói menos. Volte para sua cidade, de onde você não deveria ter saído, e deixe a Lhaura seguir o caminho dela.

— Você é um idiota, Joshua Saravejo. Acha mesmo que desistirei do que é meu? A Lhaura é minha, e não se engane, eu a terei de volta, ela querendo ou não.

Ah, ele pediu, e eu queria muito fazer isso.

Dei uns passos largos e minhas mãos alcançaram as abas do seu paletó caro.

— Escute aqui, Felix Santini dos infernos. — Ele tentou se soltar segurando minhas mãos, mas eu estava com muita raiva. — Chegue perto da minha mulher e você conhecerá a ira dos anjos, entendeu?

Ele me empurrou e armou os punhos.

— Você vai me impedir? Lhaura é minha esposa e nunca deixará de ser. Eu tenho muito dinheiro, conheço muita gente importante e... — Ele gargalhou. Agora ele estava se parecendo com um demônio. — Acidentes acontecem, Joshua. Carros capotam, explodem. Há balas perdidas, incêndio...

— Seu cretino, você está me ameaçando? — Parti para cima do canalha e foi inevitável a troca de socos. — Filho da puta, eu também tenho muito dinheiro! — Ele acertou o lado esquerdo do meu rosto e eu dei um passo para trás, mas logo recuperei o equilíbrio e armei o punho, esmurrando-o.

— Ela é minha, idiota! — disse com deboche. Derrubei-o no chão e enquanto o socava ele repetia: — É minha! A Lhaura é minha e você nunca a terá...

— Experimente... — Dei-lhe outro soco. — Chegar... — ele tentou revidar — perto dela. — Outro soco. — Nem a polícia vai me impedir — e mais um — de acabar com você.

Parti o seu lábio. O sangue escorria de seu nariz também, no entanto, ele apenas sorria. Não revidava, apenas sorria cinicamente.

— Ela é minha, otário! — repetia enquanto apanhava. — Minha...

Os seguranças entraram em minha sala e me tiraram de cima dele. Ainda tentei me livrar das mãos dos dois funcionários. Estava furioso, era muita raiva acumulada e eu queria matá-lo.

— Ela é minha, Joshua Saravejo! A Lhaura é minha, e cedo ou tarde ela voltará para mim, guarde isso...

— Chegue perto dela e nunca mais verá a luz do dia! — gritei, enquanto o levavam para fora de minha sala.

— Senhor Joshua, quer que eu chame a polícia? — Acenei um não com a mão. — Um médico? — Minha boca estava sangrando.

— Não, Talita, estou bem. Só ligue para o Brandão e conte-lhe o que aconteceu aqui. Estou indo à delegacia, peça-lhe para me encontrar lá.

Antes fui lavar o rosto e trocar a camisa. Ela estava suja de sangue e completamente amarrotada. Entrei em minha suíte, tomei um banho e mudei de roupa. Lhaura não merecia sentir o cheiro dele em mim. Só esperava que depois dessa briga, finalmente conseguisse uma ordem de restrição. Eu queria o Felix bem longe da Lhaura, inclusive em sonhos.

Demorou mais do que esperava minha visita à delegacia. Lhaura me ligou várias vezes, perguntando por que estava demorando tanto. Precisei mentir, disse-lhe que estava preso em uma reunião e não sabia a que horas acabaria. Eu sei que quando chegasse em casa ela notaria meu rosto machucado e teria que lhe dizer a verdade, mas por ora, eu a pouparia.

O delegado mandou alguns guardas atrás do Felix, no entanto, ele já havia decolado em seu jato particular, provavelmente a caminho de casa. Sabia que a sua promessa de não desistir de Lhaura era verdadeira e isso me assustava.

Quando aquele homem a deixaria em paz?

Contudo, após algumas horas de espera, finalmente consegui a ordem de restrição. Bastava comunicar ao advogado dele, o que era fácil. Cansado e dolorido, entrei no carro.

Olhei para o relógio. Era tarde, a esta hora Lhaura já estaria dormindo. Enquanto esperava notícias do Felix na delegacia, liguei para ela. Não queria que ficasse preocupada, seria a primeira vez que ela jantaria sem mim. Não gostei disso, não gostava de deixá-la sozinha, mesmo sabendo que estava segura.

— Senhor, tem certeza de que não quer ir a um hospital? — Frota me olhava pelo espelho retrovisor enquanto dirigia.

— Tenho, estou bem.

— Há quanto tempo o senhor não encara uma briga? — Ele deu um sorriso de canto de boca.

— Há muito tempo. Acho que eu era moleque, nem lembro quando foi. — E não lembrava mesmo. Nunca fui de briga, o briguento da família era o Luke, que vivia estropiado. Isso quando não era detido e eu precisava ir soltá-lo.

— A briga foi feia, pelo jeito. Quando a senhora Lhaura o vir assim, sei não...

Ele sabia dos problemas da Lhaura, já que cansou de me ajudar. E tinha razão, quando Lhaura soubesse o motivo de meu olho roxo e lábio cortado, ela poderia voltar a se fechar novamente, e não queria isso. Precisava encontrar um jeito de afastá-la de Canela, talvez fazendo uma viagem para o exterior. Pensaria nisso com mais calma quando chegasse em casa.

As luzes estavam apagadas, só as sancas estavam acesas. Silêncio total. Entrei no nosso quarto e ela dormia agarrada ao meu travesseiro. Tão linda, com seus cabelos loiros. Gosto da cor natural dos seus fios. Agora que não precisava mais se esconder, ela tingiu o cabelo com a cor natural, e eu gostei muito.

Despi minhas roupas, vesti o pijama e me deitei ao seu lado. Assim que meu corpo afundou um pouco o colchão, seu braço tocou o meu peito e sua perna passou por cima das minhas. Ela adorava dormir assim.

— Joshua... — sussurrou.

— Sim. Durma, está tarde — sussurrei de volta enquanto beijava delicadamente seus lábios.

Fechei os olhos e o sono veio rapidamente.

— Oi, senhor Saravejo. — Reconheci a voz cálida e senti seu toque peculiar acariciando meu rosto.

Abri os olhos, percebi que não estava mais em meu quarto. Olhei para os lados e recordei tristemente onde estava. Meu apartamento em Nova Iorque. Meus olhos vagos fitaram a linda figura feminina diante de mim. Eu a puxei para perto, me aconchegando firmemente nela.

— Vick... — Ela estava tão linda! Igualzinha a quando a conheci. — Não, não é possível, você... você está...

— Morta? — Ela sorriu e sua mão voltou a acariciar o meu rosto. Incrédulo, assenti. Ela voltou a sorrir e tudo se iluminou. Quantas saudades daquele sorriso. Eu queria abraçá-la, mas tive medo de acordar. — Não, meu amor, não estou morta. Espíritos não morrem, meu corpo terrestre é que está morto.

Não entendia o que ela queria dizer com tudo aquilo. Como assim, não estava morta? Não a vi dentro do caixão, o que teria sido impossível, já que seu corpo ficou irreconhecível e só foi identificado através de exames.

— Vick, não confunda a minha cabeça, eu sei que você morreu. Eu vi, fui eu quem a matou. Matei você e a nossa filha. — Só então notei que ela não tinha mais seu lindo barrigão. — Onde está a nossa filha?

— A Brianna? — Assenti. — Ela está bem. Está se preparando para regressar.

A cada palavra eu ficava mais confuso. O que estava acontecendo comigo e por que a Victoria estava tão bem em minha frente? Onde estava o carro, o fogo, o lugar sombrio, os gritos, os choros?

— Se acalme, Joshua, você está dormindo, e os nossos espíritos estão em comunicação. Escolhi nosso apartamento para o nosso encontro, porque foi o lugar onde fomos muito felizes, onde estão as nossas melhores lembranças.

Como assim? Então era só um sonho? Ela estava realmente morta e eu estava enlouquecendo?

— Não, meu amor, você não está enlouquecendo. — Ela leu meus pensamentos. — Joshua, somos espíritos, não morremos. Se estou aqui conversando com você é porque foi permitido. —

Ela me tocou. Como podia sentir o seu toque? Era tão real, tão quente. — Meu amor, precisava conversar com você. Não tivemos tempo de nos despedir, foi tudo tão rápido.

— Eu a matei, fui o culpado. Perdoe-me, Victoria. — Fiquei de joelhos segurando sua mão, chorando. — Fui imprudente, irresponsável e matei você e a nossa filha. Nunca irei me perdoar, nunca... — Ela se agachou e me abraçou.

— Meu amor, não foi sua culpa, era para ter acontecido. Se não fosse naquele dia seria em outro, nosso tempo juntos seria curto. Não se culpe, você precisa seguir em frente e precisa abraçar a felicidade. Entenda, tudo o que nos acontece, sejam coisas boas ou ruins, é necessário. Sempre há uma razão para que elas aconteçam. Vão doer, mas são inevitáveis. Nosso encontro, nosso amor, nossa filha e meu desencarne foram necessários. Não foi injustiça de Deus, nós que pedimos para que fosse assim, nós três nos comprometemos.

— Não estou entendendo. Victoria, como assim eu escolhi passar por toda essa dor de perder o amor de minha vida e perder a nossa filha? Isso é loucura!

— Joshua, eu não sou o amor de sua vida. A sua companheira desta vida está dormindo ao seu lado. O que aconteceu entre nós se chama "perdão". Você me perdoou quando me olhou e se apaixonou por mim...

— Pare, Victoria, você está me confundido mais ainda. Não faço ideia do que está falando. Eu a amei e a amo ainda. Será que não percebe que estou sofrendo?

— Sim, sei que está sofrendo, mas não é por amor, Joshua, é por culpa. E estou aqui justamente para lhe dizer que você não foi culpado, o meu desencarne e o da Brianna aconteceria de qualquer jeito. — Ela beijou minha têmpora, e pude sentir o calor dos seus lábios. — Joshua, você precisa me libertar, precisa seguir em frente. O perdão aconteceu, e agora eu também poderei seguir em frente. E a Brianna, ela precisa de vocês...

Agora enlouqueci! Precisava acordar e sair deste sonho doido.

— Joshua, você não precisa entender o que estou dizendo, mas quero que saiba que a vida não acaba com a morte.

Olhei para ela com um olhar suplicante, atordoado. Como se dissesse: por favor, me ajude a entender esta merda toda. Você morreu, a Brianna morreu, e eu sou um homem fodido.

Ela sorriu. Certamente leu meus pensamentos.

— Joshua, a vida é um círculo de recomeços. Não paramos nunca e precisamos evoluir. Você me deu a oportunidade de evoluir com o seu perdão, e nós demos à Brianna a oportunidade de aceitar a evolução, de aceitar ser amada e amar, e você finalmente encontrou a pessoa que amou e jurou proteger. Por minha culpa, vocês se separaram, mas Deus é maravilhoso e sempre nos dá a oportunidade de corrigir os nossos erros.

Só então eu entendi o que ela estava falando.

— Você está falando daquele lance de vidas passadas? Reencarnação, é isso? — Ela assentiu com um riso lindo nos lábios. — Não acredito nisso, Victoria. Para mim a dor, o sofrimento... tudo acaba com a morte.

— Você ficaria abismado com o que acontece após a morte. Não pense que a dor e o sofrimento acabam com ela, pois não é verdade. Só nos livramos do peso nas costas quando aceitamos nossos erros e pedimos para corrigi-los. Deus perdoa, mas muitas vezes quem ferimos e magoamos não nos perdoa, por isso precisamos resgatar os nossos erros.

— E qual foi o seu erro? Por que está repetindo tanto que a perdoei? A perdoei de quê?

— Serei breve em minha explicação, mesmo porque você não se lembra. — Ela me olhou seriamente. — Há algum tempo, eu me apaixonei por você. Eu o queria muito, no entanto, você estava de casamento marcado com minha melhor amiga e ela estava grávida. Com raiva, um dia antes do seu casamento, resolvi fazer com que a sua noiva nos pegasse no flagra. Marquei um encontro na casa dela, dizendo que faria uma surpresa para ela, e enquanto você a esperava eu lhe ofereci uma bebida batizada. Quando ela chegou, nos pegou nus na cama, eu por cima de você, o beijando. Ela saiu desesperada, e ao atravessar a rua, foi atropelada. Eu me arrependi, pois quando você acordou e percebeu o que eu fiz, ficou tomado de ódio. Horas depois, recebemos a notícia de que sua noiva estava no hospital entre a vida e morte. Arrependida, confessei meu crime. Ela me perdoou, mas você não, e seu ódio só piorou quando ela morreu. Durante muitas encarnações tentei o seu perdão, mas você sempre me repudiava, até que nesta última vida, finalmente o recebi.

— É uma história e tanto. Se é verdade, por que não lembro de nada?

— Porque existe o véu do esquecimento. Já pensou se lembrássemos de tudo o que aconteceu em nossas vidas passadas? Seria bem complicado e injusto.

— É... mesmo assim, continuo não acreditando em nada disso.

— Mesmo me vendo diante de você?

— Estou sonhando, você mesma me disse isso.

— E se surgisse em sua frente quando estivesse acordado, o que pensaria?

— Que estaria louco, tendo visões.

— Viu, ainda temos muito que evoluir. Este é o problema da humanidade, ela só acredita naquilo que pode explicar.

— Victoria, o que quer de mim de verdade? Quer me deixar louco? Quer me castigar?

— Não, quero que fique livre. Livre para amar, livre para dizer: amo você, Lhaura.

— Não posso dizer isso para ela, ainda amo você.

— Eu também o amo — ela sussurrou enquanto acariciava meu rosto.

Ergui a cabeça e olhei para ela.

— Não entendo, se nos amamos, como quer que me declare para outra mulher? Isso é loucura, quero acordar... — Fechei meus olhos na esperança de que quando os abrisse estivesse em minha cama, ao lado de Lhaura, e me esquecesse de toda esse devaneio.

— Joshua, o nosso sentimento foi real, foi necessário. E sim, eu o amo, mas o meu amor é diferente do de quando estava encarnada. O seu também é, você só não se perdoou, por isso não

enxerga o amor que sente pela Lhaura. Chegou a hora de dizer adeus, meu amor, de dizer adeus e seguir em frente. Deixe o passado no passado, você precisa entender isso.

— Estou tentando, Vick. Estou tentando seguir em frente, mas é tão difícil me perdoar, tão difícil.

— Joshua, você não está tentando o suficiente, você precisa se libertar. A Lhaura precisa do toque do seu amor, e você precisa do toque do amor dela. Não tenha medo de ser feliz, meu querido, desapegue-se do passado.

— Parece tão fácil falar, não é? Mas o que vivemos foi tão maravilhoso, eu a amei tanto.

— Eu sei que não é fácil, e você tem razão, o que vivemos foi lindo e forte demais. E tinha que ser assim, pois só o amor é capaz de perdoar. Eu fui muito amada por você e agradeço por isso, foi o seu amor que me salvou, mas o nosso tempo acabou e agora você precisa seguir e cuidar do verdadeiro amor de sua vida.

— Não sei se conseguirei. — Parecia tão fácil em palavras, mas o que eu sentia era tão intenso. Viver sem a Victoria era como viver sem ar. Os únicos momentos em que eu me sentia vivo e esquecia das minhas dores e culpas aconteciam quando estava ao lado da Lhaura. — Quando acordar, vou me lembrar de nossa conversa?

— Não, só lembrará que sonhou comigo e com a nossa filha, mas tenho certeza de que fará a coisa certa.

— Você esteve com a nossa filha? Ela é um bebê lindo? Ela se lembra de mim? — Que pergunta idiota, a Brianna ainda estava no ventre quando faleceu, como poderia se lembrar de mim?

— Joshua, o tempo aqui não existe. Sim, ela lembra de você e em breve vocês estarão juntos outra vez.

— Como assim?

— Prepare-se para ser feliz, meu querido. — Ela se inclinou e os seus lábios tocaram os meus suavemente. — Adeus, senhor Saravejo, seja feliz com o amor de sua vida. — Fechei os olhos, deixando minhas lágrimas saltarem. Eu não queria dizer adeus.

— Vick!

Acordei sobressaltado. Fazia tempo que não sonhava com a Victoria. Olhei para o lado, fiquei com medo de que a Lhaura tivesse escutado meu grito desesperado. Ela dormia tranquilamente.

Saí da cama, fui até o banheiro, lavei meu rosto e encarei o reflexo do espelho. Meu lábio havia desinchado e meu olho não estava tão ruim quanto eu imaginava.

Esqueça o que passou, Joshua.

Essa frase surgiu de repente. Por quê?

Passei os dedos entre os fios dos cabelos, tentando me lembrar do sonho que acabara de ter com a Victoria, mas não conseguia, só sentia aquela sensação de paz. O engraçado era que nos outros sonhos trazia as lembranças desesperadas quando acordava, lembrava-me de tudo e passava o dia inteiro angustiado, deprimido, com vontade de sumir na vida. No entanto, agora, mesmo não

lembrando eu tinha toda a certeza de que não foi um pesadelo, foi um sonho lindo.

Voltei para o quarto, e antes de dar o próximo passo para a cama, olhei para Lhaura adormecida, e observá-la fez meu coração bater forte. Meu corpo inteiro estremeceu ao lembrar da briga com Felix, das promessas dele. Só de pensar que ele poderia, sim, arrancá-la de mim, me veio uma sensação de vazio e dor.

Não, seu maldito, não deixarei que a machuque outra vez.

Fiquei alguns minutos de pé diante da cama, admirando a mulher com quem acabara de me casar, a quem jurei proteger e respeitar. Se era para viver ao lado dela, tinha que ser de verdade. Se era para sermos marido e mulher, precisava entrar nessa relação por inteiro, não pela metade.

Precisava abandonar o passado. E começaria agora.

Girei meu corpo e saí do quarto, evitando fazer barulho. Caminhei para a sala de depósito, onde guardava as coisas que não usava mais. Peguei algumas caixas de papelão que vieram com os móveis. Eu sabia que elas serviriam para alguma coisa. Segui para o quarto onde guardava as coisas da Victoria.

Aqui dentro estavam guardados fragmentos do meu passado feliz e ao mesmo tempo dolorido. Meus dedos alisaram a fotografia em tamanho natural e admirei o sorriso de minha linda bailarina na ponta dos pés, vestida de Odette. Peguei suas sapatilhas e as levei até o rosto, sentindo a maciez.

Meu Deus! Fui tão amado e amei tanto. Abri uma caixa de papelão, dobrei o cartaz com cuidado e o coloquei dentro da caixa. Fiz o mesmo com as sapatilhas e todas as roupas que havia trazido, fui jogando item por item com todo cuidado. Abri a outra caixa e fui embrulhando com papel de seda as roupinhas da Brianna, os sapatinhos e brinquedos. Peguei o porta-retratos com a foto do nosso casamento, acariciei o rosto da Vick, sorri e beijei o vidro.

— Adeus, minha linda bailarina — articulei, olhando com carinho. Inspirei e o deixei dentro da caixa. Peguei o outro porta-retratos com a foto da Vick grávida. Estávamos juntos na fotografia, eu ajoelhado beijando seu lindo barrigão, feliz, sorrindo, e ela também. Quando imaginaríamos que dias depois ela seria arrancada de mim?

Levei o porta-retratos ao peito, apertando-o, e soltei uma respiração longa. Foi então que escutei passos rápidos se afastando. Virei em meus calcanhares rapidamente e vi Lhaura de costas, indo em direção ao nosso quarto. Não! Ela não podia estar pensando...

— Lhaura, pare, por favor!

Deixei o objeto dentro da caixa e fui até ela, abraçando-a por trás. Ela tentou se esquivar. Estava zangada, e não tirava sua razão, eu também não gostaria de vê-la olhando para a foto de outro homem. Não que tivéssemos ciúmes. Não, de maneira alguma. Acho que ciúmes é para quem está apaixonado, e não era o nosso caso. Gostávamos da companhia um do outro, ela precisava de mim e eu dela, e isso era o bastante. Mas tinha a ver com respeito mútuo, e ela precisava saber que não a estava desrespeitando.

Ergui seu corpo do chão e a levei de volta para o quarto rosa.

— Solte-me, Joshua. Você não precisa me dar explicações, eu sei que você a ama e respeito isso...

— Cale-se, Lhaura, pare de ser irritante. Apenas olhe o que estava fazendo. — Mostrei as caixas. Perplexa, olhou tudo em volta e caminhou em direção às caixas cheias.

Continuei empacotando o restante das coisas.

— Joshua, não precisava fazer isso.

— Precisava, sim. Se é para construirmos um futuro juntos, não posso levar meu passado, um passado onde você não estava presente. Preciso deixá-lo para trás.

— O que vai fazer com essas caixas? — Comecei a lacrar as caixas.

— Enviarei para Nova Iorque, para os pais da Victoria.

— E essa caixinha aqui?

Lhaura segurava a caixa onde havia guardado todos os bilhetes que a Victoria escrevia para mim. Ela me entregou.

— Essa tem outro destino. — Caminhei até a sala, e Lhaura veio atrás de mim. Liguei a lareira e joguei a pequena caixa dentro do fogo. — Sem lembranças antigas. Só existirão as nossas lembranças a partir de agora. — Olhei para ela.

— Joshua! — disse, alarmada, fitando meu rosto, só agora vendo os meus machucados. — Meu Deus! O que foi isso?

Tocou meu rosto com carinho, depois me encarou com um olhar desconfiado.

— Outra hora eu conto, agora preciso fechar algumas caixas. — Pisquei um olho e tentei beijá-la. Queria protelar aquela explicação.

— Você vai me contar enquanto eu coloco uma bolsa de gelo no seu olho roxo. — Fui jogado no sofá. — Não saia daí até eu voltar.

Obediente, permaneci sentado. Joguei a cabeça no encosto e fechei meus olhos. Ela voltou com a bolsa de gelo e colocou em meu rosto. Deixei-me ser cuidado, gostava do jeito carinhoso que ela cuidava de mim. Meu celular começou a tocar.

— Joshua, seu celular está tocando.

— Atenda. — Peguei o aparelho, fiz sinal de silêncio com o dedo e deixei no viva-voz. Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás. Eu sabia quem era, só queria ver qual seria a reação da pequena chantagista quando escutasse a voz de Lhaura.

Lhaura fez uma careta de contragosto.

— Tio Joshua...

A voz doce da minha linda princesa encheu meus ouvidos de alegria. Lhaura ficou em silêncio. Arqueei a sobrancelha, olhando para ela.

— Responda — disse mudamente, estava me divertindo.

— Alô — Lhaura respondeu. — O Joshua não pode falar agora, quer deixar recado?

Eu só queria ser uma mosquinha para ver a carinha enfezada da Mairon ao escutar isso.

— Meu tio Joshua nunca está ocupado para mim!

Ela, com toda certeza, encheu as bochechas de ar ao responder isso.

— E quem quer falar com o Joshua?

Lhaura me sacudia, e eu continuava de olhos fechados, sequer me mexia.

— Eu sou a Marion, a princesa do Joshua. E você, quem é?

— Eu sou a Lhaura, a esposa do Joshua.

Minha respiração parou. Acho até que o mundo parou para escutar a resposta ou as perguntas da pequena chantagista.

— Esposa? — Provavelmente ela estava pensando em uma boa pergunta. — Esposa igual a mamãe é do papai?

— Sim...

Recebi um beliscão e empurrei os dedos dela. Eu queria sorrir, mas não podia, pois Marion iria perceber, e não queria interromper a conversa que começava a ficar interessante.

— Então... — Marion voltou a ficar pensativa. Ela especulava, a cabecinha da minha pequena princesa estava fervilhando. — Então, você se casou com o meu tio Joshua?

— Sim.

Lhaura começava a ficar nervosa e me bateu outra vez. Só me afastei, esfregando o ardor do tapa em meu braço.

— Humm, você se vestiu de princesa? Usou coroa? A mamãe se vestiu de princesa e eu usei uma coroa. Sabia que fui daminha da mamãe e do papai? Quantos anos você tem? Você é bonita? Você quer ser minha amiga? Ah, já que você é a esposa do meu tio, então você é a minha tia, não é?

Ela desandou a perguntar e a Lhaura começou a sorrir. Eu sabia que cedo ou tarde ela cairia nas graças da minha pequena chantagista.

— Marion, com quem você está conversando?

Escutei a voz do Luke ao longe.

— Papai, o tio Joshua se casou igual a você e a mamãe!

Marion gritou em todas as palavras.

— Que história é essa, menina? Desliga esse telefone e venha comer.

Luke estava se aproximando, percebi sua voz mais perto.

— É verdade, papai, estou falando com ela e o nome dela é Lhaura, só que ela não se casou de princesa...

— Dá esse telefone aqui...

— Não, papai, eu quero falar com a minha tia...

Marion começou a chorar e Luke pegou o telefone.

— Alô, quem está falando? Escute aqui...

— Lhaura, você está falando com a Lhaura, a esposa do Joshua.

— Puta que pariu, isso é brincadeira, não é? Cadê o fodido do meu irmão? Passe para ele...

Eu precisava salvar a minha baguncinha.

— Fala, nervosinho — disse, escondendo o riso. Ele devia estar muito puto.

— Que porra é essa? Que história é essa de esposa, ficou doido?

— Não é história. Eu me casei há três dias e o nome dela é Lhaura Toledo Saravejo.

— Caralho, seu escroto, e quando ia nos contar?

— Estou contando agora, e cara... — A Lhaura me olhava abismada. — Maneire no vocabulário, a Lhaura está escutando tudo.

— Puta merda! Desculpa aí, cunhada. Caralho! Velho... Ô, pai e Pietra, escutem essa. — Ele com toda certeza estava à procura do papai e da Pietra. — O sacana do Joshua se casou.

— *Como é que é!*

Escutei a voz do Papai.

— *É verdade, papai!* — Meu pai começou a xingar. — *Cara, vou deixar no viva-voz.*

— *Como é o nome da esposa dele?* — Papai perguntou ao Luke.

— *Lhaura* — Luke respondeu.

— Lhaura, tudo bem? Meu nome é Lúcios, acho que agora sou o seu sogro.

Ela olhou para mim. Estava nervosa.

— Oi, senhor Lúcios. Como vai? — sussurrou.

— Cunhada, sou o Luke!

— Sou a Pietra e você já conheceu a Marion!

— Sou eu, tia, a Marion! Quando você vem *pra* cá?

Todos começaram a conversar ao mesmo tempo e eu percebi Lhaura começar a ficar nervosa. Segurei o seu rosto com as mãos e a beijei, acariciando sua pele com os polegares. Depois peguei o celular e o levei para a orelha, mas antes olhei para ela.

— Você pode fazer o nosso café enquanto converso com minha família?

Ela soltou a respiração, aliviada. Sorriu, me beijou, me mordeu e foi para cozinha.

— Gente, vocês assustaram a Lhaura.

— E você assustou todo mundo aqui. É brincadeira, não é? — Papai perguntou.

— Não, não é. — Fiz silêncio, esperando a rebarba. Ela não veio, todos ficaram quietos, esperando uma explicação plausível. A bem da verdade, não tinha a explicação que eles certamente esperavam, nem eu mesmo sabia o porquê de ter me casado.

— Joshua...

Escutei a respiração frustrada do meu pai.

— Gente, estou bem, juro. — E estava mesmo. — Não me sinto tão bem assim desde a... —

Engoli. Não queria continuar, o passado estava no passado. — Ela me faz bem, e acho que era isso que vocês queriam ouvir.

— Aí eu gostei. Esse é o meu mano velho! — Luke vociferou.

— Isso é o bastante, cunhado. Se ela te faz feliz, e você a faz também, não há necessidade de mais nada. É só continuar seguindo, não é mesmo? — Pietra articulou. Acho que ela sentiu a minha dificuldade de falar sobre o assunto.

— Somos felizes e isso nos basta.

— Você a ama, meu filho?

Por que tudo tinha que se resumir ao amor? Não bastava o companheirismo, a cumplicidade? Será mesmo que o amor era tão importante?

— Papai, eu preciso responder essa pergunta? Ter me casado com ela já não diz tudo?

— Eu não sei, filho, quando se trata de você acho que há necessidade de algo mais concreto. Desde que começamos a conversar não escutei em um só momento a palavra amor de sua boca, e isso me preocupa, sabe?

— Ela me faz rir.

— Palhaços também — papai ironizou.

— Papai! Não vi graça. Estamos bem, eu gosto dela e gosto da sua companhia. Temos o necessário para ficarmos juntos, e por enquanto é o bastante.

— Cara, ela é de Canela ou Gramado? Como ela é e faz o que da vida?

Luke me conhecia, ele percebeu que começava a perder a paciência.

— Ela é bonita, tio?

Sorri com a pergunta curiosa da minha princesa.

— Ela é linda, princesa. É meiga, sensível, delicada e sorri com o olhar. E é musicista.

— O que é isso, tio?

— Ela toca vários instrumentos musicais, principalmente violoncelo. Vocês precisam vê-la tocar, acho que até os anjos descem à terra para escutar.

— É amor. Caralho, meu irmão finalmente saiu da cova! Ele está amando. — Luke comemorou alto.

— Tio, ela sabe tocar flauta?

— Sabe.

— Ela me ensina? Diz que sim, tio. Eu quero muito, preciso muito tocar flauta.

— A senhorita precisa muito de um banho para ir para a escola. Venha, mande um beijo para o tio Joshua.

— Você é má, mamãe, muito má.

— Mas já viu isso? Agora eu sou má. Está bem, dona encrenca, me aguarde.

Pietra chamou a atenção da pequena chantagista. Estava me divertindo com a astúcia da minha princesa.

— Tchau, Joshua, espero vê-los em breve. Dê tchau para seu tio. — Ela falava com a Marion.

— Tchau, tio Joshua. A Marion está com saudade, amo você.

— Amo você também, princesa.

— Luke, ande, estamos atrasados — Pietra sussurrou.

— Já estou indo — Luke sussurrou de volta.

— Quando você vem nos visitar, cara? Quero muito conhecer minha cunhada.

— Acho que mais cedo do que imagina — respondi. Essa ligação me ajudou a decidir o que fazer. Eu precisava proteger Lhaura, pelo menos por algum tempo, então por que não fazer isso ao lado de minha família?

— Não brinca com seu velho, filho! Jura que pretende vir nos ver?

— Sim, papai, a Lhaura precisa descansar e eu preciso protegê-la.

— Protegê-la do quê, ou de quem? Cara, não nos assuste. Está acontecendo algo que devemos saber? Abra logo o jogo!

Não era fácil esconder as coisas do Luke. Mesmo que eu quisesse, agora que falei o que não devia, ele só sossegaria quando soubesse da merda toda.

— Luke, vamos! — Pietra o chamou e eu fui salvo.

— Cara, não pense que escapou de responder minha pergunta. Quando chegar, à noite, ligarei para saber todos os detalhes sujos. Eu sei que tem merda debaixo desse tapete.

— Luke, pai, não precisam ficar preocupados, assim que chegar aí eu contarei tudo. Só peço um tempo para encontrar alguém para gerenciar o hotel. Acho que em uma semana, no máximo, estaremos em Corais.

— É para ficarmos preocupados, filho?

— Não, papai, está tudo bem, não se preocupe. Agora preciso ir, minha esposa me espera para o café da manhã.

— Esposa! Ele enche a boca para dizer a palavra. Esse puto tá apaixonado, só não quer admitir.

— Tchau, Luke! Tchau, pai. — Quando Luke começava com as gracinhas o melhor a fazer era ignorar.

Desliguei.

Deixei o celular no estofado e segui para a cozinha, queria ver o que minha baguncinha havia feito para o nosso café da manhã. Ela estava terminando de arrumar a mesa. Estava de costas, e eu cheguei lentamente por trás, abraçando seu corpo, puxando-o para o meu. Mordi sua nunca e esfreguei meu pau duro em suas costas.

— Nossa! O que você tem no bolso? Uma garrafa de vinho?

— Engraçadinha. — Espalmei minha mão na frente de sua calcinha, bem em seu monte gorduchinho. — Não tenho bolso, safadinha, tenho uma montanha-russa. Quer brincar no seu parquinho? — sussurrei no seu ouvido e depois mordi a pontinha da sua orelha.

— A devassidão fez morada em você, Joshua?

Ela empinou a bunda e a esfregou em meu pau. Porra, puxei o ar entre os dentes. Eu queria era me enfiar naquele rabinho durinho, afundar tudo nela e gozar como um animal selvagem. No entanto, espantei logo a ideia do anal. Eu sabia dos problemas da Lhaura, assim como sabia que ela foi violada pelo ex-marido, e não seria certo exigir coisas na cama que eu sabia serem traumáticas. Mesmo sendo louco por sexo anal, poderia perfeitamente viver sem ele. Ela me satisfazia em todos os sentidos e isso era o que mais importava.

— Não, sua boceta é que me deixa louco, safadinha. Assim não dá para ficar sem pensar em coisas libertinas. — Rocei o dedo entre suas dobras por cima do tecido da calcinha.

— Hum, Joshua, como está duro. — Ela apoiou as palmas das mãos na mesa e empurrou a bunda para trás. Soltou um gemido quando afastei sua calcinha para o lado e enfiei o dedo em seu sexo, buscando seu clitóris.

— Caralho, Lhaura, acho que vou dispensar o café com leite e partir para a refeição principal.

Mordi sua nuca e minha outra mão buscou seu mamilo, beliscando-o. Ela gemeu, se esfregando mais forte em mim.

— Gostosa! Você é muito gostosa. — Ela sabia me deixar louco. Louco não, ensandecido. — Debruce-se sobre a mesa. — Empurrei seu corpo e o meu foi logo em seguida, minha boca mordendo seu pescoço, suas costas, e minhas mãos passeando em suas curvas. — Hoje você será o meu café da manhã.

— E você o meu — ofegou e deitou-se completamente sobre o tampo da mesa.

Ergui um pouco o corpo, suspendi sua camisola, desci sua calcinha e a deixei deslizar em suas pernas. Desci o cós do meu calção e puxei meu membro. Enquanto me masturbava, acariciava a linda bunda de Lhaura, e cada vez que meu dedo deslizava entre as dobras de sua boceta, ela se contorcia gemendo.

— Lhaura Saravejo, vou enfiar meu pau todinho em sua bocetinha molhada. Quero escutar seus gemidos enquanto a fodo com força, minha delícia.

Guiei meu membro até sua entrada e o observei ser engolido por sua abertura.

— Oh, meu pai...! — ofegou.

— Sinta-o, ele está todinho dentro de você. — Comecei a me mover dentro e fora, lentamente. Queria prolongar o seu prazer. Ela adorava ser fodida por mim e rebolava toda vez que me sentia todo enfiado.

Acelerei o entra e sai até que escutei seu ofego longo e o seu corpo estremeceu. Ela estava pronta e eu também. Estoquei com força meu sexo no seu, e quando ela estava no auge do clímax, retirei meu membro e a virei de frente. Suas pernas se cruzaram na altura da minha bunda e eu fui com força contra o seu corpo. Estava no céu.

Meu corpo estremeceu e meus músculos se contraíram. Com um grunhido forte eu gozei dentro dela, enchendo-a com meu prazer. Lhaura me puxou e os nossos lábios se colidiram em um beijo devasso, quente, gostoso. Eu a peguei nos braços, ela se enganchou em mim e a levei para o banho.

Só percebemos que não usei preservativo quando fizemos sexo novamente debaixo da ducha. A merda já estava feita mesmo, então não me preocupei em usar proteção novamente. Estávamos casados e que viesse um bebê. Talvez fosse o que faltava para nos libertar completamente.

Já sentados, tomando nosso café. Ela me olhava com um sorriso tímido no rosto.

— O que foi, moça debochada? — perguntei com um riso descontraído.

— Você me faz tão bem. — Ela baixou os olhos. Adorava isso nela, esse seu jeito meigo de ser.

— E eu a quero demais. — Segurei minha gravata para não sujá-la na xícara do café, inclinei meu corpo e a beijei. — O Frota virá buscá-la antes do almoço, vamos ao shopping.

— Como assim, vamos passear em pleno expediente?

— Vamos às compras, você vai precisar de roupas mais frescas, afinal, o calor da Ilha dos Corais não é fácil.

— Eita! Quando ia me contar que vamos viajar?

— Estou contando agora. Preciso de férias e preciso levar minha esposa para conhecer a minha família, então se prepare para conhecer o lugar mais lindo da face da terra.

— Quando iremos? — Ela se levantou e se sentou em meu colo. Eu a beijei na bochecha.

— Acho que daqui a três dias. É só o tempo de avisar ao meu gerente que ele ficará em meu lugar, pois não sei quando voltarei.

— Joshua, meu Deus! Será que sua família irá gostar de mim?

— Não sei, e também não me importo, quem tem que gostar de você sou eu. Isso basta, não basta?

— Sim, basta muito.

Eu a peguei, e ela montou em mim, passando os braços em meu pescoço. A segurei com uma mão e com a outra peguei meu paletó. E era assim que ela me levava até o carro. Ela desceu do meu colo, me beijou. Eu a beijei, entrei no carro e sorri. Ela sorriu e esperei que entrasse em casa para que me desse um último tchau do outro lado do vidro.

— Agora podemos ir, Frota. — Ele ligou o carro e partimos. — Quantos seguranças hoje? — perguntei, enquanto olhava no celular o sistema de segurança que havia contratado.

— Dez, senhor.

— Maravilha — exclamei. — Às onze horas você virá buscá-la. Tenha cuidado, está armado? — Frota tinha porte de arma.

— Estou, senhor. Não se preocupe, ninguém tocará na senhora Lhaura.

— Eu sei disso, Frota.

Ele me deixou no hotel. Daqui a alguns dias estaria levado Lhaura para a segurança da minha ilha e da minha família.



Joshua

Ilha dos Corais

Lhaura dormia com a cabeça apoiada em meu ombro, enquanto o veículo nos levava até o ancoradouro onde pegaríamos a balsa para a Ilha dos Corais. Não avisei a minha família que estávamos chegando, não queria preocupá-los com minha decisão tão repentina. A bem da verdade, foi sim uma decisão desesperada.

Um dia após a ligação da Marion, Frota viu um carro suspeito fazendo rondas em frente ao portão principal da casa. Ele contou três homens, quatro com o motorista. Frota e mais alguns dos nossos seguranças tentaram abordá-los, no entanto, o automóvel saiu cantando os pneus no asfalto quando percebeu um dos nossos carros se aproximar. Não pensei duas vezes – seguro morreu de velho – e no mesmo dia comprei as passagens para Salvador. E aqui estávamos. Só espero que Felix desde já nos esqueça.

Alisei o rosto de Lhaura, chamando sua atenção.

— Ei, baguncinha. Chegamos — murmurei.

Ela abriu os olhos e levantou a cabeça, avaliando o lugar com o olhar curioso. Seus olhos se fixaram no mar azul e calmo.

— Nossa! Nós vamos atravessar em uma lancha? — Havia muitas lanchas e duas balsas grandes. Como estávamos a pé, seria melhor e mais rápido irmos de lancha.

Eu poderia ir com a lancha da família, mas teria que ligar para o marinheiro e pedir para que viesse nos buscar, e temia que ele avisasse meu pai, estragando a surpresa. Afinal, eles estavam esperando minha chegada para daqui a três dias.

— Sim, será mais rápido. — Ela pareceu pensativa, vi duas rugas se desenharem em sua testa. — Lhaura, eles irão gostar de você, não se preocupe. E se não gostarem, o problema será deles, não seu. Afinal, quem tem que gostar de você sou eu, já lhe disse. Agora venha cá.

Ela veio e se aninhou em meu peito. Peguei nossa bagagem e fomos comprar o *ticket* de embarque.

Alguns minutos depois, estávamos dentro de um carro a caminho da imponente mansão Saravejo.

— Minha nossa, Joshua, você não me disse que morava em uma mansão! Ela é linda! — Apenas sorri, puxando-a para mais perto.

O automóvel parou na guarita de segurança. Baixei o vidro.

— Senhor Joshua! — O segurança, ao me ver, admirou-se, porque fazia tempo que não me via.

— Oi, Luiz, como tem passado? — Estiquei meu corpo para que ele pudesse me ver melhor. — Estão todos em casa?

— Estou bem, senhor Joshua, e sim, estão todos em casa. Eles vão levar um grande susto. — Sorriu e abriu o grande portão de ferro. — Seja bem-vindo de volta. — Olhou para dentro do carro e os seus olhos fitaram Lhaura. — Senhorita!

— Luiz, essa é minha esposa, Lhaura. — Abismado com a notícia, piscou várias vezes quando voltou a me encarar. Eu apenas sorri de volta.

— Seja bem-vinda, senhora Lhaura. — Lhaura só assentiu com cabeça com um sorriso tímido nos lábios.

O portão se abriu e o carro seguiu o caminho de pedras até chegar no estacionamento em frente à casa. Desci e ajudei Lhaura a sair do carro. Ela continuava admirando a construção. O motorista retirou nossas bagagens da mala do carro, eu o paguei e ele foi embora.

— Pronta para conhecer minha família?

— Não! — Ela juntou o corpo ao meu, como se esse gesto pudesse protegê-la de todas as surpresas do mundo. Eu tentaria protegê-la, sim, isso era fato.

— Lhaura, eles não mordem. Fazem muitas perguntas, principalmente uma certa menininha, mas ela também não morde, e eu tenho certeza de que vocês serão grandes amigas.

— Eu só espero que eles não me achem estranha. Tenho medo de que minha depressão assuste a todos. Eu sei que não estou curada, e você é o único que consegue arrancar risos de mim e o único com quem me sinto segura o suficiente para aceitar que me toque. Não sei como reagirei caso alguém queira me abraçar, beijar... — Ela respirou fundo.

— Baguncinha, ninguém tocará em você se não quiser. Estarei sempre perto para garantir isso, ok? Não precisa sentir medo.

— Eu sei disso, mas não quero assustar a sua família.

— A minha família é a sua família agora, entenda isso. — Olhei nos seus olhos ao dizer isso. Ela estava, obviamente, ansiosa. Claro que estava, mas havia necessidade de que entendesse de uma vez por todas que nunca mais estaria sozinha. Nunca mais.

O suspiro profundo me confirmou para o fato de que ela enfim entendera meu recado.

— Vamos logo acabar com esse suspense, Joshua Saravejo, ou eu terei um ataque de pânico — disse, chegando em frente à porta principal e segurando o puxador.

Lhaura empurrou a porta e ela se abriu. Pusemos os pés dentro da imensa sala de estar, e ela puxou o ar com força para os pulmões, soltando logo em seguida. Eu não a deixaria passar por isso sem o meu abraço protetor. Deixei nossas malas em um canto e circulei meu braço em volta dos seus ombros.

— Acalme-se. Estou aqui, bem do seu lado.

— Vovô, o senhor trouxe o que eu pedi...

Uma linda menina veio correndo desabaladamente em direção à sala, e quando nos viu se calou, olhando-nos com uma expressão de completo torpor.

— Papai, mamãe! — ela gritou, olhando para onde ficava a cozinha. — Corram, rápido!

Então, minha linda princesinha correu em direção aos meus braços. Eu me agachei esperando o impacto de sua emoção.

— Tio Joshua, o senhor quer matar a Marion do coração? Olha... olha como o coração dela está! — Pegou minha mão e a levou para o lado esquerdo do peito. — A Marion não suporta isso, ela está muito *emotivada*...

Eu tinha certeza de que ela queria dizer "emocionada", mas minha pequena princesa tinha seu vocabulário próprio de criança muito esperta.

— Meu Deus! O Joshua é muito malvado, como ele pode "emotivar" tanto a pequena princesa dele! — Apertei forte o seu corpo pequeno. Estava sentindo tanta saudade dessa menininha linda.

— A Marion ama você, sabia? — Ela beijou meu rosto e quando se afastou olhou para Lhaura, que estava bem atrás de mim. — É ela? — Encostou a boca em minha orelha e sussurrou — É a Lhaura, a minha titia?

— É, sim — sussurrei de volta e a pus no chão. Marion inclinou o corpo para o lado. Sorriu para Lhaura.

— Papai, mamãe, o tio Joshua trouxe a Lhaura! Ela é linda! — A pequena barulhenta gritou a todo pulmão e correu para a cozinha.

— Acho melhor nós irmos atrás dela. — Nem dei tempo para Lhaura responder, peguei sua mão e a puxei. Alguns passos depois, alguns pares de olhos curiosos e abismados nos fitaram.

— Seu puto escroto, por que não nos avisou que viria? Cara, eu *tô* muito puto com você. Como fez isso, irmão?

Luke me puxou para um abraço, e fui obrigado a soltar a mão da Lhaura. Logo percebi que Pietra ia em sua direção. Pedi em pensamento que minha pequena bagunça não estranhasse os abraços que minha família estava acostumada a dar nas pessoas de quem gostava.

— Cara, você merece uns socos. — Luke se afastou, me fitou emocionado e depois me abraçou outra vez.

— Ela não é linda, mamãe? — Luke se afastou novamente e ficamos vendo a reação da Lhaura.

Lhaura ficou estática quando os braços de Pietra cercaram seu corpo e os bracinho da pequena Marion tentaram abraçar suas coxas. Não consegui deixar Lhaura sofrer todo aquele impacto de carinho. Ela não estava acostumada a tantos abraços, só os meus.

— Ei, vão com calma e não assustem a minha pequena bagunça... — Puxei Lhaura para meus braços, e Pietra se afastou, olhando-nos assustada, certamente não entendendo o que estava acontecendo. — Está tudo bem, Lhaura. — Alisei seus cabelos e encarei seu rosto assustado. — Respire, respire...

— Ela está bem, Joshua? — Luke veio apressado em nossa direção.

— Se afaste, Luke. — Estiquei o braço, espalmando a mão em seu peito, parando-o antes que ele chegasse perto dela.

— Titio, o que ela tem? Fizemos algo de errado? Por que ela está chorando?

Marion tentou acariciar o rosto dela, mas Lhaura se escondeu na curva do meu pescoço.

— Joshua, acho melhor levá-la para o estofado. — Pietra deu um passo para trás assim que viu a reação da Lhaura. Ela percebeu que o problema dela era a aproximação.

Ela chorava e tentava respirar. Além do susto do impacto de tanto carinho, ela estava muito assustada. Juntei seu corpo ao meu e beijei o alto de sua cabeça, levando-a em seguida para a sala. Contudo, ficou pior, pois meu pai tinha acabado de entrar em casa com algumas mangas em um cesto, e quando nos viu, largou tudo no chão, espalhando mangas por todos os lados.

— Eu não acredito! É você, filho? — Parei petrificado. Eu sabia como o papai era carinhoso como suas noras, e não seria diferente com Lhaura. Tão repentinos quanto o meu espanto foram os passos que ele deu até onde estávamos. Quando dei por mim, ele já estava abraçando a Lhaura.

Inevitavelmente, ela desmaiou nos braços do papai, e eu quase perco o controle quando a vi desfalecida.

— Merda! — Luke gritou.

— Deixe-a comigo, papai. Por favor, solte-a. — Não queria magoá-lo, ele não sabia dos problemas da Lhaura. Eu deveria ter conversando com a minha família, assim eles estariam preparados para a bagunça chamada Lhaura.

— Filho, o que ela tem? Está doente, é isso? Foi por isso que nos disse que precisava protegê-la? — Ele estava nervoso, certamente se culpando pelo desmaio.

— Papai, explicarei depois, agora só preciso que a entregue para mim, por favor. — Ele continuava com a Lhaura nos braços. Luke tentava ajudá-lo, Pietra e Marion olhavam com os rostos assustados.

Papai olhou para o rosto sem cor da minha pequena bagunça e em seguida me encarou com aquele olhar interrogativo.

— Depois, papai. Depois eu explico.

— Meu Deus, senhor Joshua! O que está acontecendo aqui? — Silvia entrou na sala, olhava-me abismada, e depois seus olhos caíram sobre a moça nos braços do papai.

— Silvia, o meu quarto está arrumado? — perguntei e rapidamente peguei a Lhaura dos braços do papai e apressadamente caminhei em direção às escadas sem olhar para trás. — Silvia, por favor! — Ela passou em minha frente e eu comecei a subir para o andar de cima, mas fui seguido por minha família, que certamente queria uma explicação.

— Acho que estava adivinhando que o senhor viria antes do dia que o senhor Luke me avisou. — Silvia puxou o edredom, e deitei a Lhaura sobre o lençol branco da cama. — Ela está grávida, senhor Joshua? Seria tão maravilhoso.

— Não, Silvia, ela não está grávida. Antes fosse — respondi sem pensar, pois não sabia se ela estava ou não grávida, já que fazia algum tempo que não usava preservativo e Lhaura não tomava contraceptivo. — Baguncinha, acorde. Vamos, sou eu, o Joshua. — Meus dedos trêmulos deslizavam pelo rosto pálido e frio de Lhaura. Começava a ficar preocupado. — Lhaura, acorde.

— Vou fazer um chá, talvez ajude. — Silvia saiu apressadamente.

— Que se foda, cara, vou chamar um médico! — Luke verbalizou. Eu só olhei para ele e foi o necessário para que ele saísse do quarto já com o celular no ouvido.

— Ela *tá* dodói, tio? Sente dor? Tadinha da minha titia linda!

Marion esticou a mãozinha para tocar o rosto da Lhaura e dessa vez fui rápido, segurei sua pequena mão, impedindo-a de tocá-la.

— Princesa, a titia não sente dor, ela só precisa descansar. — Olhei para Pietra, quase implorando sua ajuda. Não queria assustar a Marion, como diria a ela que Lhaura tinha problemas com toques? Marion já havia passado por tantas coisas difíceis, não seria justo confundir sua cabecinha com mais um problema.

— Venha, filha, a sua titia precisa descansar. Você terá todo o tempo do mundo para ficar com ela.

Marion ficou olhando para Lhaura. Eu sabia que ela não queria sair do quarto, mesmo assim segurou a mão da Pietra.

— Titio... — Antes de ir, segurou meu rosto com as mãozinhas e me forçou a encará-la. — Se precisar que eu fique com ela eu fico, *tá*?

— *Tá*, meu amor. Eu chamo você se precisar, agora vá com sua mamãe. — Olhei para Pietra.

— Obrigada — disse sem emitir som para Pietra. Marion foi praticamente arrastada para fora do quarto.

Olhei para Lhaura, meu coração estava completamente descontrolado. Eu me culpava por seu desmaio, deveria ter previsto. Desde a volta de Felix, mesmo os dois estando divorciados, ela ainda não tinha se recuperado totalmente e havia regredido um pouco, principalmente em se tratando de ser tocada pelos outros.

— Como ela está, filho? — Papai entrou no quarto, puxou a cadeira e se sentou ao lado da cama.

— Não acorda, pai. Ela não acorda. — Estava segurando a mão dela e sequer olhei para o papai.

— Filho, o que está acontecendo? Por que você está tão preocupado? Eu o conheço o suficiente para saber que está escondendo algo...

— Dr. Jair já chegou, felizmente ele estava em casa.

Jair era o diretor do posto médico da ilha e morava próximo da nossa casa. Fiquei calmo, pois com a chegada do médico, adiaria a conversa sobre os problemas da Lhaura. Claro que eu teria que contar, mas precisava me recuperar do susto. De todo jeito eles saberiam em questão de minutos, já que teria de responder os questionamentos do médico.

— Bom dia! — Jair entrou e apertamos as mãos. — Como vai, Joshua? — Ele conhecia minha história. — Parabéns pelo casamento, seu irmão me contou. — Olhei para o Luke, e ele deu de ombros. — Essa é sua esposa?

— Sim, o nome dela é Lhaura — respondi.

— Ela está gravida? — Ele se sentou na cama e começou a avaliação médica.

— Não, o problema dela é outro. — Jair, Luke e meu pai me olharam. — Ela tem afefobia...

— Que porra é essa? — Luke verbalizou.

— Afefobia é o medo mórbido de tocar e ser tocado.

— Caralho! — Luke me encarou com um olhar inquisidor. — Quando você ia nos contar?

— Luke, se acalme. — Papai se aproximou do Luke, que realmente estava nervoso, mas eu não o culpava por isso. — Ele vai explicar quando for a hora.

— Essa doença é grave? — Olhou para o Jair e perguntou.

— É uma fobia, Luke. Tem cura, se acalme. A afefobia é a fobia de toque. É incomum e perigosa para o possuidor. Quem sofre dessa fobia tende a se afastar das pessoas, tanto de amigos próximos quanto de qualquer um. Ela se desenvolve pela falta de confiança nos outros, temendo que lhe machuquem. Não nasce com a pessoa, mas vem de um trauma ou de uma situação vivida. Normalmente ela é causada por algo perigoso, doloroso ou assustador, ou algumas vezes por pressão psicológica. No geral, algo que nos faça mudar nosso comportamento. Mas tem tratamento e ela deve estar se tratando.

Ele me encarou.

— Está, sim — respondi.

— Foi o meu abraço que causou tudo isso, não foi? Joshua, por que você não nos avisou? Eu teria ficado longe.

— Vacilão! — Luke me olhava furioso. — Cara, custava ter nos avisado? Assim a protegeríamos também.

— Chega! — vociferei. — Deixem o Jair examiná-la, depois vocês me condenam. — Eles se calaram imediatamente.

— Ela está bem. Deixem-na dormir, quando acordar mantenha a medicação que ela está tomando. — Olhou para mim.

— Sim, ela toma medicação controlada — afirmei.

— Então, você já sabe como cuidar dela. Já que estão casados, acho que é o único em quem ela confia. Aconselho aos demais a irem devagar, se ela se sentir segura permitirá que se aproximem.

Luke e o papai acompanharam o médico, e eu fiquei com Lhaura. Minha cabeça ardia de dor, precisava urgentemente de uma aspirina.

— Senhor Joshua, se quiser eu fico com ela um pouco. Acho que o senhor precisa conversar com sua família, não é?

Silvia estava de pé na porta do quarto, olhando-me preocupada. Ela me conhecia o suficiente para entender o meu estado.

— Você promete me chamar assim que ela acordar? — Ela assentiu com a cabeça. — E aconteça o que acontecer, não toque nela. Só grite meu nome que virei rapidamente.

— Prometo, senhor Joshua.

Não queria deixá-la, pois tinha medo de que quando acordasse e não me encontrasse ao seu lado, voltasse a entrar em pânico. Lhaura era sensível demais com pessoas desconhecidas. No entanto, eu precisava ter uma conversa muito séria com a minha família.

Inclinei o corpo em direção ao dela e beijei seu rosto, depois seus lábios.

— Baguncinha, não me demoro. Sonhe comigo — sussurrei em seu ouvido e depois a beijei outra vez.

Antes de descer para o andar de baixo, passei no quarto da Marion. Pietra estava brincando com ela e a babá. Não deixei que Marion me visse, só sinalizei para a minha cunhada. Ela me viu e disfarçou. Afagou os cabelos da filha e a beijou.

— Filha, fique aqui com a babá. A mamãe precisa fazer algumas coisas, mas já volta.

Marion sorriu para Pietra e voltou a atenção para o joguinho no celular.

— O que foi? — Pietra sussurrou quando ficou perto de mim o bastante.

— Reunião em família, vamos. — Peguei sua mão e a puxei em direção às escadas.

A família se reuniu no grande gabinete do papai. Já os conhecia o suficiente para saber que eles queriam uma explicação sobre toda essa confusão o quanto antes, por isso fui atrás da Pietra e a trouxe comigo. Ela já pertencia a nossa família assim que começou a namorar com o Luke.

Pietra largou minha mão e tomou assento ao lado do Luke na confortável poltrona de veludo negro próxima à mesa do papai. Meu irmão me olhava enviesado, com aquela carranca peculiar dele. Meu pai estava sentado em sua cadeira atrás da imensa mesa de madeira nobre. Eu me sentei em frente ao grande monarca em uma das cadeiras acolchoadas.

— Bem. — Limpei a garganta, me sentindo como aqueles condenados em dia de julgamento, com todos os olhares dirigidos a mim. — Serei sucinto, a Lhaura tem problemas sérios, como vocês acabaram de ver. Ela é depressiva, ansiosa, e está tão fodida quanto eu. Acho que é por isso que estamos juntos, pois sofremos do mesmo mal, apesar de nossas situações serem diferentes.

— Ela perdeu alguém também? — Pietra inquiriu.

— Mais de uma pessoa, mas não foi por isso que ela chegou ao fundo do poço. — Respirei fundo. Era difícil relatar esse lado sombrio da minha pequena bagunça, doía até em mim. — A Lhaura conviveu por muitos anos com um marido abusivo e...

— Porra, que caralho é esse!

Luke se levantou do estofado já com os punhos cerrados. Se tinha uma coisa que ele não perdoava era homem metido a machão. Aliás, nós três não admitíamos violência doméstica. Papai combatia isso constantemente na ilha, e se algum nativo ousasse encostar um dedo em qualquer mulher, era preso mesmo que a vítima não desse queixa.

— Luke, quer se acalmar e deixar seu irmão terminar de falar? — Pietra o puxou de volta pela mão e ele voltou a se sentar. Papai continuava me olhando seriamente.

— E obsessivo — continuei de onde fui interrompido. — Ele não só batia nela, ele a

violentava...

— Por Deus! Onde esse filho da puta mora? Eu conheço uns caras que adoram estrumes como esse, garanto que os meus amigos vão adorar dar uma lição nesse ser desprezível.

— Luke, deixe o Joshua terminar! — papai vociferou. Luke se calou imediatamente.

— A Lhaura não só sofria abuso físico, como também psicológico. Ele a chantageava impondo medo e forçando-a a ficar com ele.

— E por que ela não o denunciou? — Pietra perguntou.

— Ela fez isso — respondi. — Mas a Lhaura já estava em uma fase depressiva tão grande que o ex-marido convenceu a todos de que foi ela mesma quem havia se machucado.

— Meu Deus! — Pietra exclamou, soltando um suspiro angustiado.

— Ele provocou a perda do próprio filho, pois não queria dividi-la com ninguém, e isso foi o princípio de todo descontrole psicológico dela. Foi só a ponta do iceberg, e a partir daí ele passou a controlá-la. O medo de ser internada em um hospital psiquiátrico foi o motivo para que aceitasse toda a violência, juntando com a chantagem de demitir o seu pai da empresa, caso ela resolvesse pedir a separação. Isso foi o suficiente para prendê-la a ele, até que a Lhaura, não suportando mais os abusos, pois não tinha mais nada a perder depois que a única pessoa que a forçava a ficar com ele, o pai, havia morrido em um acidente no Texas, pediu ajuda a uma pessoa amiga. A única aliada que lhe sobrou e que a ajudou a fugir dele.

— Qual é o nome do marido dela? — Papai perguntou. Ele continuava sério, encarando-me.

— Ex-marido, papai. — Eu o encarei. — Ele se chama Felix Santini, é um homem muito poderoso, e sempre usou isso.

— Humm, conheço de nome a família Santini. Eles são do Mato Grosso, gente de muito dinheiro e poder.

— Nós também somos, papai, e nem por isso andamos espancando nossas mulheres. Não estou nem aí se ele é poderoso, se cruzar meu caminho, quebro aquele macho escroto na porrada — disse Luke.

— Se acalme, ninguém vai quebrar ninguém na porrada, seu machão. Você não ouviu seu irmão? Eles estão separados, o escroto não poderá mais machucá-la. — Pietra tentava acalmar a impulsividade do Luke.

— Como eu estava dizendo — continuei —, Lhaura fugiu, mudou o sobrenome e se disfarçou. Foi morar em Canela e, por coincidência, foi tocar em meu aniversário. Eu não a vi, mas escutei sua música e fiquei completamente hipnotizado. Um belo dia a encontrei em uma apresentação, tomei coragem e fui me apresentar. Nós nos tornamos amigos, e foi a partir daí que percebi que a Lhaura tinha problemas sérios e resolvi ajudá-la. Essa ajuda nos aproximou, então a pedi em casamento...

— Espera um momento, ela ainda era casada quando você a conheceu? — A pergunta cheia de desconfiança foi feita por meu pai.

— Sim, mas a Lhaura tinha outro nome, que não a impediria de se casar comigo. No entanto, antes do nosso casamento o ex-marido a encontrou e foi direto falar comigo, cheio de empáfia e

autoridade. Lógico que o mandei para o inferno. Contratei um advogado e assim finalmente a Lhaura se divorciou do Felix. Semanas depois, nos casamos. Eu queria protegê-la em todos os sentidos e achei que conseguiria me casando com ela, mas me enganei. O Felix não desistiu, mesmo estando separado, e contratou capangas, já que consegui uma ordem de restrição e ele não pode se aproximar da Lhaura. Ontem meu motorista viu um carro rondando a casa, por isso não pensei duas vezes em trazê-la para cá. Talvez assim o Felix desista de vir atrás dela. E foi por tudo isso que a Lhaura adquiriu a fobia de toque. Quando a conheci, ela vivia escondida e o único que conseguia tocá-la era eu. Ela estava bem, já conseguia se aproximar das pessoas, mas foi o Felix surgir novamente que ela voltou para escuridão.

— Filho, por que você não nos contou tudo isso logo no começo? Podíamos ter ajudado de alguma forma. Por acaso você não confiava o suficiente em sua família? Joshua, a Lhaura agora não é só sua protegida, é nossa também.

— Eu sei, papai. Achei que podia fazer isso sozinho, mas na verdade subestimei o Felix. — Tomei um tempo para respirar e encontrar palavras para explicar o que sequer sabia estar sentindo. Olhei para cada um que estava comigo, respirei fundo. — Eu jurei que nunca deixaria o Felix pegá-la. Ela treme só de escutar o nome dele, e eu passei o inferno nesses últimos dias quando o maldito veio atrás dela. Fiquei com tanto medo de que ela tentasse novamente tirar a própria vida...

— Puta merda! — Luke se levantou vociferando, irado. Até agora havia reinado um silêncio absoluto. — Porra, meu irmão, por que você passou por isso sozinho? Cara, se tivesse me avisado essa porra desse homem já estaria na UTI de algum hospital.

— E você, preso! — esbravejei com ele. — Acha que é isso que quero? E a sua família? Você tem uma esposa, uma filha. Pense, Luke! Eu posso perfeitamente cuidar da Lhaura, ela é minha mulher e sou eu quem tem que protegê-la.

— Mas não precisa fazer isso sozinho, filho. — Papai saiu de sua cadeira e veio até mim. Sua mão pairou em meu ombro e os seus olhos complacentes fixaram-se nos meus. — Luke está certo, você tinha que ter nos avisado. — Sua mão acariciou meu ombro. Ele olhou para Luke, depois para mim. — Mas agora que sabemos, todos nós seremos seus protetores e calhorda algum encostará sequer um dedo nela. Estamos entendidos, Joshua Saravejo? Minha nora está sob a proteção dos Saravejo.

Eu me levantei. Ele me abraçou, em seguida o Luke e logo depois a Pietra. Era tão bom sentir o amor de minha família, era como se eu estivesse sem energia e só aquele abraço fosse o suficiente para recarregar a bateria de uma vida.

Nos afastamos, e por alguns minutos, encarei aquelas pessoas tão amadas.

— Agora que sabemos dos problemas da Lhaura, vamos tomar cuidado com os nossos rompantes afetivos. Ela só precisa saber que está segura e que é muito amada por nossa família. Quem sabe um dia poderei abraçá-la. — Papai se calou, engoliu a emoção e me puxou para outro abraço.

Ele estava emocionado. Ele sempre desejou isso, a minha felicidade.

Sim, eu estava feliz. Ainda não sabia com clareza o que sentia de verdade por Lhaura, e acho que ela sentia a mesma dificuldade de dar um nome ao nosso sentimento. Mas de uma coisa tinha

certeza, fosse qual fosse o sentimento, ele era mútuo. O que nos unia era forte, verdadeiro e nos fazia um bem que transcendia a nossa alma. Se era amor, não sabia dizer.

Já amei uma vez e posso jurar que o que eu sinto pela Lhaura é completamente diferente do que eu sentia pela Victoria.

— Cunhado, será bom para Lhaura conviver em família. Talvez essa convivência a ajude a superar tanta dor e medo. Ela terá a mim, a Silvia e a Marion. Pelo que você nos contou, ela não tinha muitos amigos, mas agora terá proteção feminina e masculina. — Pietra olhou para o Luke e para o papai. — Cuidaremos dela. Vou conversar com a Silvia e explicar o que aconteceu com a Lhaura, assim ela saberá como lidar com toda essa situação.

— Senhor Joshua, ela acordou. — Olhamos em direção à porta. Era Silvia.

— Vão vocês vê-la, vou aproveitar para conversar com a Silvia. — Pietra nos deixou e levou consigo a Silvia para a cozinha.

Fui ver minha pequena bagunça. Papai e o Luke me seguiram. Abri a porta lentamente e entrei, Lhaura estava recostada na cabeceira com os olhos fechados. Ao pressentir minha presença, abriu os olhos e lágrimas transbordaram dos seus lindos olhos.

— Não, não, não chore. Não tem motivos para chorar, vem cá. — Eu me sentei ao seu lado e a puxei para o peito. Seus braços rodearam meus ombros e o seu rosto se enterrou em minha camisa. — Shhh, não chore, estou aqui e não deixarei que nada de ruim lhe aconteça. — Beijei o alto de sua cabeça e só então me lembrei que tínhamos plateia. Olhei para meu pai e irmão e vi em seus olhos a emoção brilhar.

— Desculpe-me, devo ter assustado a todos. Me desculpe, Joshua. — Voltou a chorar enquanto sussurrava. — O que a sua família deve estar pensando de mim...?

— A *sua* família não está pensando nada, minha querida. Não precisa se sentir envergonhada. — Papai se aproximou da cama enquanto articulava. Lhaura paralisou e me apertou.

— Lhaura, não precisa ter medo, olhe para mim. — Reticente, com o queixo tremendo e com os olhos enevoados, ela me encarou. — Este é meu pai, Lúcios Saravejo, e aquele ali com cara de bravo é meu irmão, Luke Saravejo. Eles estão muito felizes por você estar aqui.

— Seja bem-vinda à nossa família, cunhada. Você nem imagina a minha felicidade de ter você em nossa casa.

— Estamos tão felizes, minha filha, que o almoço hoje será especial. Eu decidi tirar uma semana de folga da prefeitura só para ficar ao seu lado, afinal você merece minha total atenção.

— Eu farei o mesmo, só irei ao hotel se for caso de vida ou morte — Luke completou.

Fiquei admirado com o papai, ele nunca tirou folga da prefeitura, e fazer isso só para ficar ao lado dela era algo maravilhoso.

Luke se aproximou, ficando ao lado do papai, mas um pouco afastado da cama. Lhaura não reagiu enquanto eles falavam, mas em um movimento que me surpreendeu, ela se levantou, se inclinou e beijou o rosto do papai, depois o rosto do Luke. Ainda fiz um movimento para afastá-la, mas ela afastou a minha mão, me impedindo.

— Obrigada, senhor Lúcios e Luke. — A expressão de surpresa estava pintada no rosto de cada um, inclusive no meu. — Eu tenho problemas sérios de toque e não foi minha intenção assustá-los, mas agora acho que posso conviver com o carinho de vocês. Então, se quiserem me abraçar, poderemos tentar. Só não se assustem caso eu corra para os braços do Joshua.

Então, aconteceu. Luke foi o primeiro.

— Acho que ganhei uma irmãzinha. Seja bem-vinda, minha linda. — Ele a abraçou, e eu percebi que ela estremeceu com o toque, mas foi corajosa e não fugiu. Logo depois, ele beijou sua testa, e ela só respirou fundo e fechou os olhos. Luke se afastou e foi a vez do papai.

— Filha, você agora mora aqui dentro, junto com a Pietra e a pequena encrenqueira da Marion. — Lhaura sorriu com o apelido da Marion. — Já a amo muito e se eu pudesse você nunca mais sairia da nossa casa. Seja bem-vinda. — Ele a abraçou, bem apertado, o famoso abraço Saravejo. Ao vê-la presa nos braços dele, minha respiração travou na garganta. E se ela não conseguir? E se tiver outra crise? Já estava me levantando quando papai se afastou. — Obrigado por confiar em mim, Lhaura. — Ele a beijou no rosto.

— Joshua — ela me chamou, e eu fui até ela. A abracei e ela se escondeu na curva do meu pescoço. — Estou cansada, você se deita comigo? — sussurrou.

— Claro que me deito. Quer tomar um banho antes?

— Vamos deixá-los sozinhos. — Papai puxou o Luke pelo braço.

— Se precisarem de alguma coisa é só chamar — falou o Luke protetor. Ele era assim, sempre foi, quando alguém precisava de ajuda lá estava o Luke pronto para ajudar. Mesmo depois que se transformou em um *bad boy* encrenqueiro, ele sempre se importou com a dor dos outros.

— Eles estão bem, moleque. Venha, deixe-os em paz. — Papai levou o Luke para fora do quarto.

Lhaura me encarou e sorriu. O sorriso mais lindo do mundo, que me deu um tesão do inferno.

— Você está bem?

— Estou.

— Tem certeza?

— Tenho... — Ela me encarou, juntando as sobrancelhas. — Joshua Saravejo, por que tantas perguntas?

Sorriu com malícia. Minha boca foi até sua orelha.

— Porque eu quero foder você — sussurrei, depois mordi a pontinha de sua orelha.

E antes que ela dissesse qualquer coisa, a peguei nos braços e a levei para o banheiro. Arranquei nossas roupas, liguei a ducha e mergulhamos na água morna.

— Bem lento, minha pequena bagunça. Eu a foderei lentamente e comerei essa bocetinha apertada sem pressa. Quero seus gemidos em minha boca, enquanto minha língua também a fode.

— Seu safado, você sabe deixar uma mulher cheia de tesão. — Ela segurou meu pau duro e começou a masturbá-lo, enquanto sua perna se enrolava em meu quadril e guiava minha ereção para

sua abertura apertada. Gemi quando me enfiei todinho nela e ela soltou um gritinho quando comecei a entrar e sair do seu corpo.

Seria nossa primeira foda fora de casa. Mas essa seria só a primeira, tinha mais planos para quando fôssemos para a cama. Ela nem imaginava o que minha língua faria em seu corpo.



Joshua

Sentado na imensa varanda da pousada Saravejo, admirava a linda vista do mar azul com águas calmas. Hoje não fazia calor, diferente dos outros dias. Já fazia uma semana que estávamos em Corais. Lhaura e eu, já acostumados à temperatura fria do Sul, sentimos a diferença no segundo dia. Ela quase teve uma insolação, eu disse quase. Ficou com a pele bastante vermelha e ardida, e a partir desse dia só saía de casa lambuzada de protetor solar. Por incrível que pareça, ela já se adaptou à ilha e a Pietra se tornou sua grande amiga. As duas não fazem nada sem a outra presente. Quanto a Marion, essa me fez comprar uma flauta para que Lhaura a ensinasse a tocar. Bem, acho que fiz um favor aos ouvidos de todos, pois minha pequena bagunça nos agraciava todas as manhãs com o som melodioso de sua flauta. Já Marion, desistiu de tocar no segundo dia, dizendo que era muito difícil e que preferia piano... Isso mesmo, quase nos obrigou a comprar um. Isso só não aconteceu porque prometi que a levaria para a nossa casa nas férias do colégio e lá Lhaura a levaria para a escola de música. Acho que fui convincente, pois a Pequena Encrenqueira se conformou.

Papai está encantado com Lhaura, e ela com ele, os dois sempre fazem passeios ao redor da propriedade e sempre voltam sorrindo. Luke, vez ou outra, toca no assunto "Felix". Ele quer contratar alguns conhecidos para dar uma lição no "demônio". Evidentemente que mudo logo de assunto. Se dependesse do meu irmão, Felix já estaria fazendo companhia a satanás. Quando Luke olha para Lhaura, diz com a voz emocionada:

— Como um homem tem coragem de levantar a mão para bater em uma mulher? Tem que ser um puto do caralho.

Ele não consegue se conformar com o passado sombrio dela. Nem eu. Confesso que todas as noites penso no que eu faria com o Felix, caso ele ousasse se aproximar.

Nem quero imaginar.

Peguei o caderno que trouxe para fazer umas anotações e deixei de lado, estiquei os braços para cima e alonguei o corpo. Todas as manhãs, depois do café, enquanto Lhaura faz sua caminhada costumeira com o papai, eu me sento aqui, me abstendo de tudo à minha volta. Ficamos só eu e o mar.

O engraçado é que, depois de tudo o que me aconteceu, minha família não fazia mais perguntas. Nem meus ex-sogros. Quando liguei para eles, avisando que estava enviando os pertences da Victoria e da Brianna, eles sequer tocaram no assunto, apenas agradeceram e ficaram muito felizes quando lhes contei que havia me casado outra vez. Sei que devo isso ao Luke, que os havia convencido a não fazer questionamentos, nem sobre mim, nem sobre Lhaura, e fiquei muito agradecido por isso. Não que fosse um problema responder sobre minhas dores. Hoje não era mais, hoje posso perfeitamente lidar com todo meu drama. Mas eu queria mesmo era seguir em frente e deixar o passado em seu lugar. Meu presente se chama Lhaura, e quero um futuro com ela, pois sei que ao seu lado tudo se torna mais simples, e o simples é maravilhoso, leve, fresco, doce e... ousado.

— Oi, estranho! — Eu sabia que ela estava bem atrás de mim, senti seu cheiro doce. Sorri e sem ela esperar me virei e a puxei rapidamente para o colo. — Joshua! — Soltou um grito de susto.

— Seu doido. — Bateu em meu peito com o punho fechado.

— Saudade de você, baguncinha! — Ela não teve tempo de responder, pois roubei sua boca, beijando-a com ousadia devassa. Ele me deixava de pau duro só com um beijo. — Tesão, mulher. Estou cheio de tesão, sinta-o. — Rocei meu pau em sua bunda. — Vamos pegar um quarto da pousada. Preciso fazer safadezas com você, minha língua está louca para deslizar em sua pele.

— Joshua, comporte-se. Não faz nem duas horas que fizemos sexo.

— E daí? Meu pau não controla minha necessidade por sua boceta gostosa.

— Oh, meu pai, às vezes eu acho que existe dois Joshua dentro de você, um todo sério e o outro todo ousado. — Ela me beijou sorrindo.

— É, e de quem você gosta mais? — Mordi seu lábio inferior, já pronto para me levantar com ela nos braços, levá-la para algum quarto desocupado e fodê-la até escutar seus gemidos orgásticos.

— Oh, Deus! Joshua, você me deixa doidinha, eu... — Mordi seu queixo e minha boca foi fazendo um caminho para baixo. — Eu, eu gosto dos dois. Cada... cada um... Jesus! Cada um tem sua peculiaridade. Joshua, me fode logo!

— Uhum, seu pedido é uma ordem...

— Titia, titia!

— Porra! — praguejei baixo. Marion surgiu do nada. Soltei a boca da Lhaura e ficamos nos encarando, tentando controlar nossa respiração e excitação. — Caralho! — praguejei silenciosamente. Lhaura escondeu o riso.

— Oi, meu amor. — Lhaura baixou a cabeça e encarou a linda menininha diante de nós. Ela ainda estava sentada em meu colo, e eu ainda estava de pau duro.

— Podemos ir agora catar conchinhas? Você prometeu que quando voltasse da caminhada com o vovô me levaria *pra* prainha. Podemos ir agora? Diz que pode, por favor, a Marion precisa muito de conchinhas *pra* fazer seu colar lindão.

Pronto, a pequena chantagista surgiu e eu brochei. Nem precisou do olhar suplicante da minha pequena bagunça, soube na hora que nossa foda teria que esperar.

— Tio, você pode soltar minha tia? Ela agora é minha, *tá*?

E ainda tenho que dividir minha mulher com uma pirralha chantagista.

— Solta a Lhaura, tio Joshua... — Lhaura imitou a voz da Marion, soltando uma gargalhada logo em seguida.

— Só se prometer que assim que catar as conchinhas ficará completamente nua, de pernas abertas, deitada na cama, e deixará minha língua e pau fazer o que quiserem nesse corpo do pecado — sussurrei em seu ouvido. Ela soltou outra gargalhada.

— O que você disse, tio? Eu quero rir também! Conta *pra* Marion também.

Quem sorriu fui eu. Meu Deus, em que eu me transformei? Em um puto libertino.

— Vão, vão logo catar as conchinhas de vocês. — Ajudei Lhaura a descer do meu colo e imediatamente peguei o caderno, colocando-o na frente de minha calça.

— Tchau, senhor ousado, deixe ele — ela apontou o dedo para baixo — durinho para quando eu voltar — murmurou em meu ouvido.

— Engraçadinha. Vou te mostrar quando você voltar.

Lhaura pegou na mão da Marion e as duas desapareceram do meu campo de visão.



Lhaura

— Eu tenho cinco pequenas, titia. E você, tem quantas? — Marion esticou a mãozinha toda suja de areia, mostrando-me as conchinhas. Duas estavam quebradas e fiquei com medo de que ela se machucasse.

— Hum, tenho duas, mas posso trocar essa conchinha branquinha por essa colorida. — A conchinha em questão era toda manchada e eu sabia que Marion adorava esse tipo de concha.

— É sério, titia? Você quer mesmo trocar por essa? Ela *tá* quebrada. — Assenti com a cabeça. — Mas não é justo, a sua *tá* perfeita enquanto a minha *tá* toda feia.

— Gosto das feias, tome. — Ela pegou a conchinha, limpou no vestido e ficou olhando-a, admirada.

— Seu colar ficará lindão! — Ficou de pé e andou alguns passos. Foi para perto de um tronco de coqueiro, sentou-se na areia e começou a cavar.

Fiz o mesmo, comecei a cavar a areia fininha e branca. Alguns pequenos siris corriam quando meu graveto invadia o seu espaço. O vento estava a meu favor e os meus cabelos soltos dançavam ao vento. Sentia-me tão bem, tão livre. O cheiro da maresia era gostoso. E pensar que eu não gostava muito de lugares litorâneos, mas viveria facilmente aqui.

Olhei outra vez para Marion, ela era tão doce, tão linda e esperta. Só de pensar em tudo o que ela passou, a história da doença de sua mãe, a luta de Pietra para obter a sua guarda definitiva e adoção. Nossa, era uma história tão linda, e o amor do Luke por elas era tão perfeito. Ele foi capaz de se afastar das duas só para protegê-las. Quando Pietra me contou sobre a história de amor dos dois, eu suspirei. Eles eram perfeitos e formavam uma família linda. Luke e as suas duas garotas.

Vendo-os, começo a acreditar que existem, sim, homens maravilhosos. Luke, Joshua, o senhor Lúcios... Eles amavam de toda alma. Suas mulheres foram amadas com toda força que existia dentro deles. Lúcios amou e ainda ama a esposa, mesmo depois de ela ter morrido. Joshua quase morreu de amor quando a Victoria se foi. E o Luke, só de olhar para ele vemos que o seu amor transborda através do olhar que dirige à Pietra. Chega a dar uma pitadinha de inveja.

Será que um dia o Joshua irá me amar assim? Será que um dia irei amá-lo tanto quanto a Victoria o amou?

Será que estamos prontos para o amor?

Eu queria tanto amar e ser amada daquele jeito.

Olhei para Marion outra vez. Ela estava brincando de pular ondas. Tão linda! Será que o Joshua iria querer filhos um dia? Será que iria querer também? Tivemos experiências tão ruins no assunto filhos, amor, entrega.

Voltei a olhar para o mar.

Afinal, Lhaura, o que você sente pelo Joshua?

Respirei fundo.

Eu gosto do sorriso, do abraço, do beijo dele... por Deus! Adoro o pau dele. Mas não era só o sexo – que por sinal era muito bom –, tinha algo mais, algo mais em tudo. O jeito como ele me olhava, era como se ele quisesse me salvar de toda a maldade do mundo. Ao lado dele eu me sentia livre, feliz, amada... Deus! Eu me sentia amada!

Seria possível me sentir amada sem que a pessoa me amasse?

Seria?

— Titia, olha a casinha do siri... segura, vou buscar mais. — Ela me entregou uma concha e rapidamente correu para uma pequena piscina de água salgada.

Devia estar delirando. Era o sol, só podia ser. De onde eu tirei a ideia de o Joshua me amar? Não, nós dois estávamos vacinados contra este sentimento. O amor machuca, fere, dilacera.

Eu gosto dele, ele gosta de mim, e nos damos bem no sexo. Era só isso, e era o bastante.

— Lhaura Santini.

Congelei. Havia muito tempo que não ouvia me chamarem assim. Será que alguém que conhecia eu e o Felix estava hospedado na pousada?

— Senhora Lhaura Santini, por favor, peço que nos acompanhe.

Não queria olhar em direção à voz, tinha medo de encontrar o demônio. Olhei para Marion, ela continuava entretida com os siris.

— Senhora Lhaura, levante-se. — Duas pernas vestidas em calças pretas e pés calçados em sapatos sociais ficaram bem próximos ao meu corpo. Uma mão grande e forte segurou meu braço. — Levante-se. Não faça barulho, se não quiser que meu amigo faça algum mal à menininha.

Medo. Torpor.

Com o grito preso em minha garganta, eu o deixei me levantar. Trêmula feito uma gelatina, consegui encarar o rosto do homem que me segurava com firmeza. Não o reconhecia. Ele era alto, forte, de pele branca. Não conseguia ver seus olhos, pois estavam cobertos por óculos escuros.

— Muito bem, agora nós vamos caminhar lentamente em direção à praia, onde um bote motorizado nos espera. Não tente fugir, se não quiser que sua amiguinha sofra algum acidente.

— Quem são vocês? O que querem comigo? Por favor, deixem-me em paz.

— Senhora, tenho ordens do senhor Santini de levá-la para casa, seja por bem ou por mal. Então, facilite sua ida. — Ele apertou meu braço. Senti a dor e soltei um gemido. — Isso é só uma pequena demonstração, então, vamos logo andando.

— Solte-me! — Eu o empurrei e consegui me livrar de sua mão. — Não irei a lugar algum com você. Diga ao Felix para me esquecer, já o esqueci há muito tempo. Estou casada com outro homem. — Dei dois passos para trás e dois braços apertaram minha cintura. — Não! — implorei, enterrando minhas unhas na pele do braço do homem que me segurava.

— Solte a minha titia, seu homem feio! — Marion escutou meus gemidos e correu em meu

socorro. — Solte ela, seu monstro feio!

— Fique quieta, sua pirralha, ou darei um corretivo em você. — Outro homem a pegou, segurando-a pela cintura. Seus pés saíram do chão e ela ficou pendurada no braço dele.

— Eu vou chamar meu papai e ele vai bater em você... solta a Marion!

— Por favor, não a machuque. Irei com vocês e faço o que quiserem, mas não a machuquem. — Olhava desesperada para os lados em busca de alguém para me ajudar, ou quem sabe que pedisse ajuda, mas não havia ninguém nos arredores. A esta hora, os hóspedes ainda estavam acordando ou tinham pegado a primeira lancha para o passeio pelos corais, que saía muito cedo.

— Me solta ou vou gritar! — Quando a Marion fez menção de gritar, uma mão muito grande cobriu sua boca e ela começou a espernear.

— Eu vou, já disse que vou... deixem-na em paz.

— Então, vamos todos juntos e só soltaremos a pirralha quando eu e você estivermos dentro do helicóptero.

Sem pensar, deixe-me ser levada. Este lado da ilha era muito tranquilo, era a ilha particular dos Saravejo e dos hóspedes que vinham para a pousada. Pessoas que queriam tranquilidade para descansar, e geralmente ficavam ou na pousada desfrutando da linda paisagem ou passeando de barco e mergulhando.

Ninguém viria me salvar, estava entregue à minha própria sorte, e desta vez o Joshua não estava ao meu lado. O demônio finalmente iria me levar de volta para o inferno. Estava morta, desta vez ele me mataria.

Fui praticamente arrastada, no entanto, nem senti meus passos incertos. Estava preocupada com a Marion, ela ainda estava pendurada no braço do homem grandalhão, e sua boca estava coberta pela mão gigante dele. Via seus olhos medrosos e vertendo lágrimas. E era tudo culpa minha.

— Você fica aqui com a pirralha e espera minha ligação. Assim que escutar o toque do celular, você larga a menina e segue no bote para o outro local combinado.

— Marion, vai ficar tudo bem... — As lágrimas nublavam meus olhos. — Diga ao Joshua que sinto muito, e... e que eu o... — Queria dizer as palavras, mas o nó em minha garganta não permitiu. Fui empurrada para a água. Avistei um bote, e aos poucos a água foi subindo em minhas pernas até chegarem às minhas coxas.

— Entre. — Olhei para trás. Marion continuava contida pela força do brutamontes. — Ela ficará bem, não se preocupe. Agora, entre. — Entrei no bote e o pânico finalmente veio. O homem que estava comigo dava as ordens, meu fim estava perto. Então, eu perguntei: — Para onde vamos? — No instante em que as palavras deixaram meus lábios, quis gritar por socorro. Pois já sabia a resposta.

— O senhor Felix a espera, senhora, é só o que posso lhe dizer.

Então, senti uma picada em meu braço e, instantes depois, a escuridão fechou meus olhos. Já não senti mais nada.



Joshua

— Lhaura e Marion estão demorando, não acha? — Olhei para o relógio, já fazia mais de uma hora que as duas foram para a prainha. Elas não costumavam demorar tanto. — Acho melhor ir atrás delas — disse.

— Cara, deixe de ser tão protetor. A Lhaura está bem, está com a Marion. Relaxa e presta atenção no que estou mostrando.

Luke estava me mostrando o projeto de ampliação da pousada, todo empolgado, e eu me sentia um pouco responsável por sua evolução empresarial. Ele nem se parecia mais com aquele moleque encrenqueiro de anos atrás.

— E isso aqui, ficará como? Você já mostrou as plantas para o papai?

— Claro que mostrei. Ele ficou todo empolgado, e você, o que acha?

— Acho arriscado, mas adorei a ideia.

— Cara, só precisava escutar isso, daqui a um mês começamos a ampliação.

— Já!? Caralho, você é mais rápido do que eu... — Fiz ar de mistério.

— Eu te conheço, Joshua. Você está escondendo alguma coisa, o que é?

Olhei mais uma vez para o relógio, depois para o horizonte, buscando alguma sombra de Marion e Lhaura.

— Cara, elas estão bem. Agora anda, desembuche essa porra.

— Está bem. — Penteei os fios dos meus cabelos com os dedos e o encarei com impaciência. — Sabe aquele hotel que estava à venda em Londres?

— Sei, o que tem ele?

— Eu comprei para reformá-lo.

— Caralho! Você sempre quis abrir um dos nossos em Londres. Mas e a Lhaura, ela sabe que você pretende ir passar um tempo fora do Brasil?

— Foi por causa dela que o comprei. Sabe, o sonho dela era estudar na escola de música de Londres, a *Royal Academy of Music*. Eu sei que ela já é formada, mas andei sodando alguns cursos e encontrei alguns, então a inscrevi sem ela saber. É uma surpresa, então, enquanto supervisiono a reforma, ela realiza o sonho de uma vida. O curso tem duração de um a dois anos, e é o tempo em que finalizo tudo.

— Cara, você está amando. Como pode negar isso? É amor, aceite que dói menos.

— Que mané amor! Ela me faz bem e eu quero vê-la feliz e realizada. Amor...

— Papai! Papai, o homem mal! Ele bateu na Marion e levou a Lhaura! Ele pegou a Marion e tapou a boca dela depois levou a titia arrastada *pra* um barco igual aqueles que o tio Marco tem!

Depois disse que se ela não fosse ia machucar a Marion!

— Marion, respira. — Ela despejava tudo de uma só vez.

— Filha, quem bateu em você? Quem, Marion? — Luke gritou. Ele segurava a menina pelos ombros e a agitava. — Quem bateu em você, diga!

— Papai, não grita com a Marion! — Ela começou a chorar, e comecei a ficar desesperado.

— Princesa, olhe para mim. — Ela olhou. — Quem levou a Lhaura?

— O homem mal! Eram três, um pegou a titia, outro me pegou e o outro só ficava olhando.

— É o Felix, ele nos encontrou.

— Filho da puta! Eu vou matá-lo, Joshua, juro que vou e será agora. Onde esse facínora mora? Onde, porra?

— Se acalme, Luke, ele está com a Lhaura.

— Me acalmar! Ele bateu em minha filha, cara. Na *minha filha*! Vou acabar com a raça daquele cretino.

Luke saiu correndo em direção à prainha, e eu peguei a Marion no colo e fui atrás.

— Princesa, para onde eles foram? — perguntei. Tentava manter a calma, Luke já estava nervoso por nós dois.

Marion nos mostrou para onde os dois botes seguiram. Luke pegou o celular e fez algumas ligações. Em dois minutos, as ligações começaram a retornar nos dois celulares que ele carregava no bolso, e assim que ele desligou uma lancha veio nos pegar. Chamamos a babá e deixamos Marion com ela. Luke não quis contar nada para Pietra, mas nós sabíamos que assim que Marion se encontrasse com a mãe ela contaria tudo o que aconteceu. Liguei para o papai e relatei tudo. Ele prontamente nos avisou que estava ligando para um delegado muito amigo seu e estava indo nos encontrar. Quando chegamos ao local, o pessoal do Luke nos informou que um helicóptero havia saído há cerca de quinze minutos, e um dos passageiros levava uma mulher nos braços.

Meu mundo desabou. Quase caí de joelhos, isso só não aconteceu porque Luke me amparou e o papai se juntou a ele.

— Calma, filho — ele disse. Olhei para Luke.

— Nós vamos encontrá-la, cara. Não se preocupe, você não está sozinho.

— Será que você não entende, se algo acontecer com ela minha vida acaba, cara. Sem ela, nada mais fará sentido... será castigo? — Caí de joelhos e olhei para o céu. — Deus, o que eu fiz para o Senhor me castigar assim? Primeiro a Vick, agora a Lhaura. O que eu fiz, diga-me?!

As lágrimas pularam dos meus olhos. Cobri o rosto com as mãos e chorei.

— Filho, se acalme, nada irá acontecer com a Lhaura. Nós iremos atrás do ex-marido dela, o delegado já está vindo.

— Ela é tudo que me restou, papai. — Faço uma pausa, tentando pensar em uma maneira de recuperar meu controle, mas eu sei que é tarde demais. Não existia mais controle, só precisava ir atrás do traste.

Tomei fôlego e me levantei.

— Aonde você vai? — Luke me olhou, desesperado.

— Vou trazê-la de volta — disse com firmeza na voz.

— Joshua, espere o delegado. Não faça nenhuma besteira, por favor. — Papai implorou.

— Não, papai, Felix é louco, e ele pode levá-la para fora do Brasil. Ele é poderoso, tem o costume de comprar as pessoas e existem muitas pessoas fáceis de serem compradas. Não posso esperar. — Segui andando apressadamente. Luke e papai atrás de mim.

— Então, eu irei com você. Meu punho quer muito se encontrar com as fuças daquele cretino. — Parei meus passos e o encarei.

— Não, você fica, cara. Você tem mulher e filha, elas precisam de você. — Toquei no ombro dele com a mão. — Esse assunto é meu. A mulher é minha, e quem tem que salvá-la sou eu. Fique aqui com sua família e cuide do papai. Sei o que estou fazendo.

— De jeito nenhum, eu irei com você — insistiu.

— Não, você fica! Papai também fica, e assunto encerrado. — Voltei a andar, entrei em um táxi e voltei para casa.

Já estava arrumando as malas quando escutei vozes no andar de baixo. Pietra e Marion choravam. Não iria aguentar aquilo por muito tempo. Fechei a bolsa de viagem e desci as escadas. Todos estavam me esperando.

— Filho, meu amigo já está chegando. Espere-o, vocês podem ir juntos. — Segui para a porta da frente, já havia chamado um táxi que me levasse direto para o aeroporto.

— Entregue este cartão para ele, é do meu advogado. Ele vai explicar como Felix age e irá ajudar o seu amigo a me encontrar. — Com um suspiro, o abracei, depois abracei meu irmão.

— Cara, deixe-me ir com você! — ele suplicou, e senti o abraço apertado dos seus braços.

— Estarei bem, não se preocupe. A Lhaura é assunto meu, prometi que nenhum mal lhe aconteceria e cumprirei a promessa. Irei buscá-la e encerrarei de vez o assunto Felix Santini. Desta vez ele a deixará em paz para sempre.

— Cunhado, não faça nenhuma bobagem, a Lhaura precisa de você. — Pietra se jogou em meus braços.

— Ficarei bem, e logo trarei a Lhaura de volta. Só voltarei com ela. — Entrei no táxi e não olhei para trás. Falei a verdade, só voltaria com a Lhaura em meus braços.



Lhaura

Um dia depois

Com os olhos semicerrados, tive uma vaga percepção de quem estava ao meu lado. Sentia-me ainda um pouco zonza, mas me lembrava perfeitamente do que havia acontecido. O demônio trouxe-me de volta para o inferno, e neste exato momento eu o sentia. Ele se encontrava ao meu lado, com a mão acariciando meus cabelos. Respirei profundamente, pois sabia que estava prestes a cruzar uma linha bastante perigosa. Felix tinha sido meu entrave por bastante tempo, mas agora estava na hora de enfrentar meus medos e desafiar meu destino. Ou ficaria livre, ou morreria. Era preciso olhar o cão com olhos de sangue, ou nunca mais voltaria para casa e nunca mais estaria nos braços do homem que verdadeiramente fazia-me sentir livre e mulher. Mesmo que meu consciente ainda estivesse cheio de dúvidas em relação aos meus sentimentos, sentia-me pronta para me entregar completamente ao Joshua. Era o que meu coração me dizia.

Abri os olhos completamente e encarei o homem que foi o motivo de todos os meus medos por anos.

— Oi. Você acordou, minha princesa. — Princesa... Fazia tanto tempo que não escutava este apelido, e só de escutá-lo meu estômago embrulhou.

Ergui o corpo e me sentei, colocando as costas na cabeceira da cama. O medo estava presente em todo meu corpo e podia escutar meu coração batendo.

— Felix, o que pensa que está fazendo? — Tentava manter a calma, já o conhecia o suficiente para saber que de nada adiantaria me exceder com palavras duras e reações de raiva. — Acaso se esqueceu de que estamos divorciados?

— Minha linda Lhaura, você achava mesmo que um pedaço de papel iria me separar de você? Não existirá lei no mundo que nos separe. Você é minha, entenda isso. — Sim, eu entendia, e diante do seu olhar assustador vi a minha resistência indo embora.

Uma lágrima caiu do canto do meu olho, mesmo tentando engoli-la, mesmo me esforçando para que ele não percebesse o quanto estava com medo. Suspirei e forcei um sorriso nervoso quando percebi sua aproximação e o seu polegar enxugou minha lágrima.

— Não chore, minha princesa. Não irei machucá-la, é só me aceitar de volta — sussurrou. Tangi sua mão, me sentando imediatamente. Ele não teve tempo de me impedir de levantar, em um movimento ligeiro já estava do outro lado da cama. Felix riu antes de dar a volta na cama, mas ficou distante. — Lhaura, não precisa fugir. Darei um tempo para você entender que não tem escapatória, de um jeito ou de outro voltaremos a ser marido e mulher em todos os sentidos. Se você permitir, será amada como sempre mereceu, mas se não permitir, tomarei o que é meu por direito, mesmo que seja à força. Garanto que será prazeroso tanto na dor como no amor, então, escolha o que for melhor para você. Só não demore, pois estou com muita saudade do seu corpo.

— Você enlouqueceu, só pode! — gritei. — Ô, idiota, estamos separados, entendeu? — Em

dois passos sua mão encontrou meu rosto. Foi uma tapa tão forte que perdi o equilíbrio e caí sobre uma mesa.

— Você não aprende mesmo, não é, Lhaura? — Ele segurava meus cabelos, fazendo meu corpo se erguer. Fiquei de pé, seus olhos esbugalhados me encarando. — Sua teimosia tira meu controle. Viu o que me fez fazer? Não me teste, Lhaura Santini. Se continuar indo contra o seu destino irá sofrer, é isso que quer?

As lágrimas teimavam em saltar dos meus olhos, mas as engoli. Já estava na hora de enfrentá-lo, afinal, o que eu tinha a perder, a vida? Minha vida não valeria nada se continuasse prisioneira do demônio, então ou ele me mataria ou me libertaria.

— Idiota! — Eu o empurrei, e sua mão ficou com um punhado dos meus cabelos. — Idiota, asqueroso! Eu o odeio, tenho nojo de você! — vociferei e engoli a saliva com gosto do meu sangue. — Monstro!

E *plaft*!

Outro tapa, só que mais forte, e desta vez ele me segurou pelo braço para que eu não caísse.

— Isso o excita, Felix Santini. Bater em mim o excita, o deixa mais homem? Então, bata! — Mostrei o outro lado do rosto, o lado que não estava sangrando. — Vai, seu animal, me bata! Mate-me na porrada, eu prefiro morrer de apanhar a ceder aos seus caprichos sexuais e doentios. Bata-me, se é isso que quer, se é isso que faz você se sentir poderoso. Bata-me, seu covarde, mas bata para me deixar no chão e não me levantar mais, porque caso eu me levante, juro que encontrarei um jeito de acabar com sua raça, seu demônio...

Cuspi no rosto dele e ele armou o punho para me socar. Olhei fixamente para ele sem ao menos piscar os cílios. Ele me encarava, estudava meu rosto. Eu sabia que não podia fraquejar.

— Bata-me, o que está esperando...? — Ele me soltou e seu punho cerrado se desfez. Seu rosto sombrio ainda me encarava. Podia ver a veia de sua têmpora pulsar, o bolo de sua garganta subir e descer. Ele estava se controlando.

— Você é minha, Lhaura. Querendo ou não, é minha, e não pense que me provocar vai fazê-la se livrar de mim. Não, minha querida, eu posso não a matar, mas posso quebrá-la, e você será a minha doce Lhaura novamente. Entenda uma coisa, você só tem duas opções: ou me aceita de volta, ou viverá minha prisioneira. Não tem para onde correr, minha querida.

— Nunca! Nunca serei sua novamente. Eu já fugi de você uma vez, posso fugir outra. — Onde estava meu medo?

Eu não sei, talvez fosse mais fácil perguntar, onde estava minha coragem? Essa pergunta podia responder. Estava em minhas lembranças, quando escutava o Joshua me dizer: *você não pertence a ninguém, Lhaura, a não ser a você mesma.*

— Não se iluda, querida, não cometerei o mesmo erro duas vezes. Está vendo este quarto? — Ele olhou em volta. — É aqui que ficará até que eu possa enviá-la para o seu novo lar no exterior. Lá você não terá vizinhos que possam ajudá-la a fugir. Seremos somente eu, você e duas empregadas de minha inteira confiança. Portanto, pode gritar, berrar, que ninguém escutará nem virá salvá-la.

— Eu prefiro morrer — Articulei sem vacilar. Ele sorriu diabolicamente.

— Jura? Pois então tente, mas saiba que sei onde posso encontrar um tal de Joshua Saravejo. E minha cara, acidentes acontecem, sabia?

Eu o vir sair, e o que ele disse me fez sentir um calafrio na espinha. Felix estava falando sério, ele poderia, sim, fazer algum mal ao Joshua, e o maldito sabia o quanto Joshua era importante em minha vida.

A porta se fechou. Esperei alguns minutos, respirei fundo e resolvi verificar se estava presa no quarto. Girei a maçaneta e a porta se abriu. Com passos vacilantes, caminhei com um pouco de pressa. Era uma casa de primeiro andar, havia mais três portas, mas não quis abri-las para ver o que tinha dentro. Provavelmente eram quartos. Desci as escadas, dei de encontro com uma sala ampla e com móveis cobertos por lençóis brancos. Fui até a cozinha e tentei abrir a porta, mas estava trancada. Vasculhei as gavetas e os armários em busca de algo para servir de arma, mas não havia nada. Nem facas, nem pratos, nem copos, só os de plásticos.

Maldito!

Fui até a grande porta da frente, e esta também estava trancada.

— Socorro! Socorro! — gritava e batia com os punhos na madeira da porta. Alguém tinha que me escutar. Nem que ficasse sem voz, continuaria gritando por ajuda.

A porta se abriu de repente e um homem alto, musculoso, com uma cara de poucos amigos, veio em minha direção, me segurando pelos braços.

— Cale-se! — Ele me sacudiu e eu o chutei na canela. — Não torne as coisas difíceis para você, querida. Tenho ordens de mantê-la calma, não importa como. Seja com minhas mãos, ou com uma dessas. — Ele me mostrou uma seringa. — Escolha.

Ele me soltou, e me afastei com alguns passos.

— Boa menina e boa escolha. Fique quieta, sem gritos. E não tente fugir, você só tornará meu trabalho mais difícil e ao mesmo tempo mais prazeroso. Gosto de mulheres ariscas, e pelo visto você é das boas. Tenho ordens de fazer o que for preciso para mantê-la calma, entendeu? — Engoli o bolo da garganta e só pisquei os olhos. — Outra coisa, você pode até tentar fugir, mas não irá muito longe. Estamos no meio do mato e do nada, só podemos sair daqui de carro e não temos nenhum no momento. Seja esperta e fique quietinha.

Ele fechou a porta atrás de si. Puxei o lençol da poltrona e me sentei. Não queria chorar, não queria entrar em desespero. Precisava acreditar que Joshua, de alguma forma, encontraria um modo de vir me salvar. Ele prometeu.

Prometeu que me salvaria, e me fez prometer que não perderia a fé e nem a esperança, pois ele encontraria uma forma de chegar até mim.

— Não demore, Joshua. Por favor, meu amor, não demore.

Amor... sim, ele é o meu amor.



Joshua

Dois dias depois

O Uber parou em frente a um elegante prédio de cinco andares onde estava escrito em letras garrafais: SANTINI. Até estranhei, apesar da fachada do prédio ser moderna e elegante, não era condizente com o tamanho da empáfia do dono. Esperava um prédio imponente. Entrei e fiquei sondando onde poderia encontrar Felix Santini. Não queria ser anunciado, pretendia pegá-lo de surpresa, por isso fiquei disfarçando, e quando um dos seguranças se distraiu, peguei carona com uma moça muito bonita que se dirigia para um dos elevadores. Perguntei se ela ia para a cobertura, e ela sorriu. O segurança olhou para mim e eu acenei, ele pensou que acompanhava a moça, só que ela ficou no segundo andar e eu segui para a cobertura.

A porta do elevador se abriu e em oito passos estava em uma grande e luxuosa sala. Logo à frente estava escrito "Presidência" em uma placa. Eu sabia que Felix estava em reunião, antes de vir liguei para cá e sua secretária me disse que ele não podia atender, pois estava fechado com seus executivos. Olhei para a secretária, que estava cabisbaixa analisando algo que exigia muito de sua atenção, pois sequer olhou em direção à porta de vidro quando entrei. Então, respirei fundo e a passos decididos caminhei até a porta da presidência. Quando a moça percebeu o que estava para acontecer, já era tarde demais. Ela tentou me deter, segurando meu braço, mas me desvencilhei e escancarei a porta.

— Mas que porra é essa? — Felix, assim como os demais, se assustou com a violência de minha chegada.

— Senhor Felix, sinto muito, mas não consegui detê-lo — disse a pobre coitada da secretária com palavras trêmulas.

— Onde está a minha mulher, Felix? — Não pensei duas vezes e despejei o verbo, sem me importar com quem estava na sala. — Vamos, seu estrume, onde está a Lhaura? Eu sei que você a pegou.

— Sua mulher? — Ele tentou disfarçar imediatamente. Sabia que todos na cidade achavam que ele continuava casado. — E eu vou saber lá onde anda sua mulher!

— Você sabe, sim, seu demente. — Olhei para os cinco homens que nos olhavam abismados. — A Lhaura, sua *ex*-mulher, aquela que fugiu de você por que você a espancava, lembra-se dela?

Ele empalideceu, e os seus executivos se entreolharam.

— Saiam todos daqui, agora! — esbravejou. Ele com certeza não esperava minha visita.

— Oh, está com medo de que todos saibam a verdade, Felix? Você espancava a Lhaura, por isso ela fugiu, e você inventou uma história de que ela estava em Londres, estudando? — Voltei os olhos para os outros homens. — Pois é, senhores, o todo-poderoso Felix Santini batia na esposa, e ela fugiu dele. Faz algum tempo que ela se divorciou e logo em seguida se casou comigo.

Inconformado, ele foi atrás dela e a raptou.

— Prove que fui eu! — ele desafiou. — Sim, a Lhaura fugiu, mas não foi porque eu batia nela. Ela estava com sérios problemas psicológicos, todos na cidade sabem disso. Só não contei por que tinha a esperança de encontrá-la e trazê-la de volta, mas quando a encontrei ela já estava envolvida com você. Então eu me divorciei, deixando-a seguir seu caminho.

— Seu mau-caráter, você a sequestrou, pois não se conformou com a separação.

— Não seja estúpido, Joshua Saravejo. A Lhaura é desiquilibrada e fez o mesmo comigo. Não duvido de que ela também o acuse de maus-tratos, ela é doida.

Em alguns passos eu o segurava pelo colarinho, e meu punho fechado encontrou o lado esquerdo do seu rosto.

— Meu Deus! — a secretária gritou. Logo os executivos se levantaram e me seguraram, separando-me do Felix. — Vou chamar os seguranças!

— Não! — explodiu ele, nervoso, passando a mão no rosto machucado. Ainda queria socá-lo, só não o fiz porque dois homens ainda me seguravam. — O senhor Joshua já está de saída, ele já terminou o que veio fazer aqui.

— Não! — Consegui me livrar das mãos dos homens. Estava mais calmo, sabia que não podia quebrá-lo, não agora. — A polícia já está vindo com um mandado para fazer uma busca em todas as suas propriedades. Só sairei daqui quando os policiais chegarem.

Olhei para ele, vitorioso.

— Não precisa de mandado, eu autorizo. Podem fazer as buscas onde quiserem, não irão encontrar nada, porque não estou com sua mulher. Ela fugiu de você do mesmo jeito que fugiu de mim. Se conforme que dói menos.

Ele estava rindo. Um riso falso, debochado. Nós dois sabíamos que ele estava mentindo, estava escrito no rosto dele.

— Prefiro esperar a polícia — disse enquanto me sentava em um dos estofados da sala e o encarava seriamente.

— Ok, então esperemos. — Ele se sentou em sua cadeira de presidente. Os executivos saíram um a um, a secretária também. Eu sabia que seria questão de minutos para que todos soubessem a verdadeira história do sumiço da Lhaura.

Ele podia fingir bem para os outros, mas não para mim. Felix estava nervoso. Ele poderia até esperar a polícia vir até ele e, como sempre, com tanto dinheiro e conhecimento, poderia comprar alguns policiais para que fizessem vista grossa.

Contudo, quando a porta de sua sala se abriu e ele viu não só dois delegados, um civil e outro federal, mas alguns agentes da polícia especializada em sequestro, ele empalideceu. Tenho certeza de que as pernas dele fraquejaram e só não se dobraram porque o idiota era dissimulado demais.

Precisei sair da sala. Fui aconselhado pelos dois delegados, um amigo do papai e outro, amicíssimo do Luke, a voltar para casa. Mas fui categórico, só voltaria com Lhaura em meus braços. No entanto, eu os deixei fazer os seus trabalhos e voltei ao hotel. Não ficaria de braços cruzados,

procuraria ajuda, e já sabia quem poderia me ajudar.

Assim que cheguei ao hotel peguei meu laptop e comecei a pesquisar nas redes sociais o nome "Miranda maquiadora na região do Mato Grosso". Foi fácil demais. Só encontrei uma, e bem famosa. Peguei o seu número do *WhatsApp* e mandei uma mensagem contando tudo sobre a Lhaura, inclusive sobre a fuga de alguns anos atrás. Cinco minutos depois, ela me respondeu. Contei o que aconteceu e ficamos de nos encontrar à noite. Faltava só algumas horas, então liguei para papai e Luke. Eles estavam muito preocupados, mas quando souberam que a ajuda havia chegado, se tranquilizaram. Ficamos conversando por alguns minutos, e logo que desliguei, liguei para o Paulo e o Nilton, os delegados que estavam trabalhando no caso. Eles me disseram que já haviam começado as buscas e que logo encontrariam Lhaura, mas eu sabia que não. Lhaura não estaria em nenhuma das propriedades do Felix.

No horário marcado, desci para o restaurante do hotel. Vi quando Miranda entrou, reconheci seu rosto pela foto. Acenei com a mão e ela apressou os passos.

— Joshua. — Me levantei e estendi a mão. Ela aceitou, e em seguida puxei a cadeira para ela se sentar.

— Meu Deus, que loucura! Quer dizer que o crápula conseguiu pôr as mãos na Lhaura novamente?

Havia contado tudo o que aconteceu com a Lhaura nesse longo tempo desde sua fuga.

— Eu meio que previ isso, Miranda, por isso fomos para Salvador. Pensei que lá ela estaria protegida, mas subestimei o Felix. Aquele ser ardiloso contratou capangas para sequestrá-la. Só espero que ele não tenha tocado nela, demorou tanto tempo para a Lhaura se permitir ser tocada. Se o Felix fizer todas aquelas... — Engoli a saliva e afastei meus pensamentos. Não era saudável para minha mente imaginar Lhaura sendo violada outra vez.

— Trouxe uma pessoa que poderá nos ajudar. — Miranda segurou minha mão, e o seu olhar acolhedor acalmou meu coração. — Assim que você me contou o que aconteceu e disse que precisava de minha ajuda para encontrá-la, eu pensei... para saber sobre as propriedades de um Santini, só outro Santini. E como este Santini não se dá muito bem com o Felix, ele irá nos ajudar.

Ela mal terminou de falar e os seus olhos se voltaram para a entrada do restaurante. Sua mão se ergueu. Um homem, que tinha os traços do Felix, sorriu para ela e se aproximou.

— Miranda, há quanto tempo! — Eles se cumprimentaram.

— Pois é, eu quase vivia na casa dos seus tios, mas mal nos falávamos. — O olhar dela brilhou, e eu me lembrei do olhar da Lhaura. Os olhos dela brilhavam assim quando me encaravam.

Ele se sentou ao lado dela, mas seus olhos sempre se desviavam para o rosto bonito da Miranda. Ele estava impressionado com a beleza da moça, e ela estava um pouco nervosa com a presença dele.

Limpei a garganta. Por um momento, os dois se esqueceram a que vieram.

— Oh, Deus! Donovan, este aqui é o Joshua Saravejo, marido da Lhaura. — Ele me encarou e estendeu a mão.

— Sou Donovan Santini, primo do Felix. Mas não se preocupe, ele e eu não nos damos bem. Ele é um imbecil igual ao pai dele.

— Prazer, Donovan, espero que você possa nos ajudar. A Miranda já contou o que aconteceu? — Ela olhou para mim e assentiu.

— Pois é, ela me contou, sim, e me sinto culpado por tudo o que aconteceu com ela. Eu havia desconfiado que algo estava errado, pois logo no início do namoro dos dois a Lhaura era tão alegre, e pouco tempo depois ela vivia com medo. O engraçado foi que nunca pensei que o Felix fosse igual ao meu tio. Ele tinha tantas namoradas e nunca demonstrou esse tipo de atitude ciumenta, possessiva e violenta. Devia tê-la protegido, ela era só uma criança quando se envolveu com o Felix.

— Não foi sua culpa, Donovan. A Lhaura era ingênua demais e o Felix era um homem encantador. Ela se apaixonou e quando percebeu já era tarde. Ele já a havia envolvido em sua teia.

— Até tentei, sabe, Joshua. Tentei chegar perto dela e queria que ela me contasse, mas Felix percebeu. Como fazemos parte da empresa Santini, ele me mandou cuidar da filial no Canadá, e não tive como recusar. Quando voltei soube que a Lhaura estava em Londres estudando.

— Mentiroso, filho da puta — Miranda praguejou. — Quando eu soube disso, fiquei com uma vontade de desmenti-lo, mas não podia. Ele teria descoberto que fui eu quem a ajudou, por isso fiquei calada.

— Então, Donovan, tem alguma ideia de onde o Felix possa ter escondido a Lhaura? Porque sei que burro ele não é, e jamais a esconderia em uma de suas propriedades nem de sua família.

Eu tinha pressa, a mente doentia do Felix era perigosa e o meu medo era que ele levasse Lhaura para fora do Brasil. Se isso acontecesse seria mais difícil de encontrá-la. Meu coração doía por todas as lágrimas que ela devia estar chorando neste exato momento e eu não estava conseguindo lidar com isso.

Se ele a machucar, não responderei por mim.

— Enquanto vinha para cá, fiz uma análise por alto de todas as propriedades que temos no Mato Grosso. Ele não a levou para outro estado, conhecendo o Felix como conheço e a obsessão que ele nutre por ela... não, o Felix não a deixaria longe. Ele precisa ter a certeza de que ela está perto. No entanto, como você bem disse, Felix não é burro. Ele precisaria escondê-la em um lugar neutro, onde ninguém possa imaginar que ele possa ter ido.

— E existe este lugar, Donovan? — Já via uma luz no final do túnel.

Ele suspirou e vi em seus olhos um brilho de esperança.

— Sabe, Joshua, Felix e eu nem sempre fomos inimigos. Quando crianças, éramos muito amigos, partilhávamos brinquedos, brincadeiras e tínhamos nosso lugar favorito. Um lugar que só eu e ele conhecíamos, e ele deve ter esquecido disso.

— E onde é este lugar, Donovan? Seja rápido, cada minuto que a Lhaura fica prisioneira dele é uma descida para o abismo! — Quase me levantei da cadeira e o peguei pelo colarinho da camisa.

— Nós partilhávamos uma babá. Ela já era de idade, mas o Felix a amava. Meu tio a presenteou com uma casa quando ela se aposentou, e eu e o Felix, nas férias, íamos para lá.

Podíamos ir para qualquer lugar do mundo, mas sempre íamos para a casa da nossa Bá, era assim que a chamávamos.

Desta vez me levantei e a cadeira fez um barulho ensurdecedor quando seus pés arranharam o piso.

— Onde fica essa casa, Donovan?

— É uma chácara enfiada no meio do mato. Não há vizinhos, não há nada. Nossa Bá só ia para lá em nossas férias, justamente porque nós dois adorávamos aquele lugar. Quando ela morreu, o Felix a fechou. Ele não quis se desfazer dela, disse que aquela casa fazia parte dos melhores momentos de sua vida. Faz mais ou menos uns doze anos que a Bá faleceu.

— Precisamos ir até lá agora. — Caminhei em direção à saída. Estava nervoso, ansioso. Lhaura estava no meio do nada sozinha, sem ninguém para protegê-la.

Havia prometido que, caso alguém a levasse de mim, eu daria um jeito de chegar aonde estava. Ela só tinha que manter a calma e a fé. Tinha medo de que ela não conseguisse e fizesse alguma besteira.

Caminhei para fora do hotel sem olhar para trás. Agora eu tinha certeza do significado que a pequena bagunça chamada Lhaura tinha em minha vida. Ela me fez viver novamente, e não tinha mais dúvida, não precisava reunir mais meus pedaços, Lhaura já tinha juntado todos. Não me importava se ela nunca me amaria, o importante era que todo o amor que havia sido guardado dentro de mim, desde que Victoria morreu, agora era dela. Meu coração quebrado era todinho seu, e eu a amaria nem que fosse em silêncio.

— Joshua — Miranda e o Donovan me alcançaram —, não podemos ir agora — Donovan disse, diminuindo o espaço entre nós e colocando a mão em meu ombro.

Eu o afastei e fui à procura de um carro. Mas que tolo, como eu chegaria ao local se não tinha ideia de onde ficava? Parei.

— Eu preciso ir agora, Donovan. Lhaura não pode esperar, cada segundo que ela passa ao lado daquele monstro é um risco para a sua sanidade.

— Joshua, o Felix sequer irá ficar com a Lhaura hoje. Ele não é burro, sabe que a polícia está de olho. Ele deve manter distância até as coisas se acalmarem.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Olhei para eles e suspirei.

— Bem, mas amanhã quero ir até lá, por isso preciso que me explique como chego na chácara.

— Irei com você — ele disse.

— Não, irei sozinho. Você irá procurar essas duas pessoas. Conte tudo o que sabe, eles certamente irão atrás de mim. — Entreguei o cartão dos dois delegados.

— Joshua, pode ser perigoso, o Felix pode estar guardando o local com homens armados. Seria melhor ir já com a polícia.

— Não. Se você estiver certo, se realmente o lugar estiver sendo guardado por capangas, certamente a vida da Lhaura correrá perigo quando eles perceberem que estão cercados pela polícia. Eu indo sozinho poderei, de algum jeito, resgatar a Lhaura antes que você e a polícia cheguem.

— Ok, você sabe atirar? — ele perguntou.

Eu sabia. Como empresário, precisei fazer um curso de tiro e aprender autodefesa, já que não queria andar com seguranças atrás de mim. Então papai me obrigou a aprender ao menos isso.

Donovan nos levou até o seu carro. Ele enfiou a mão no porta-luvas e tirou de dentro uma *Taurus G2C*. Eu a conhecia e sabia usá-la.

— Sabe usar uma dessa?

— Donovan, não. Isso é perigoso — Miranda disse, assustada, com um olhar medroso quando me viu manusear perfeitamente a arma.

— Alguma dúvida que não sei usá-la? — Peguei a arma e a escondi dentro do cós de minha calça. — Não se preocupe, Miranda, tenho porte e sei atirar muito bem. Só não sabia que um dia iria precisar. — Olhei para o Donovan. — Tem mais munição? — Ele me entregou dois pentes.

— Ok, vou desenhar um mapa. Você vai precisar de um carro com tração nas quatro rodas.

— Não se preocupe, darei um jeito. — Não dirigia, mas daria um jeito de encontrar um motorista.

Ele desenhou o mapa e me explicou como chegar ao local. Depois, me deu um cartão com o nome de um motorista que poderia me levar até lá.

— Joshua, tenha cuidado, de nada vai adiantar se acontecer alguma coisa com você. — Miranda segurou meu braço, olhando-me com preocupação.

— Não se preocupe, Miranda. Pretendo ficar vivo e levar a Lhaura para bem longe daqui.

— Quando tudo isso acabar quero vê-la. Pode ser?

— Claro. Vocês dois são nossos convidados, em Canela ou na Ilha dos Corais. Assim que ela estiver bem, ligarei para vocês.

— Boa sorte, cara. — Donovan me abraçou, depois foi a vez da Miranda. — Nos veremos amanhã. Não faça nada de idiota, nem tente bancar o herói, só se concentre na Lhaura. Ligarei logo cedo para seus amigos.

— Não se preocupe, não farei nada que possa pôr em risco a vida dela.

Eles se foram, os dois juntos. Algo me dizia que a vida daqueles dois começaria a partir de hoje.

E a minha vida seria decidida amanhã. Prometi buscá-la onde estivesse, e amanhã faria exatamente isso.



Lhaura

Eu mal consegui dormir. Sabe quando você tem um pressentimento de que o que já está ruim ficará muito pior? Pois é, durante meus pesadelos – é, eles voltaram – me via encurralada por sombras sinistras, e elas faziam um bloqueio para que a luz que vinha em minha direção não conseguisse espaço para me alcançar. Era desesperador, por isso acordava por diversa vezes, e praticamente vi o dia amanhecer. Andei por vários minutos por toda a casa até que decidi voltar para o quarto. Estava me sentindo tão suja, não tomava banho desde o dia em que fui raptada, porque tinha medo de que o Felix entrasse no banheiro – já que não tinha tranca – e me pegasse à força. No entanto, agora precisava muito de um. Abri um dos armários e percebi que havia algumas roupas que foram minhas. Lembrava de cada uma delas. O demônio planejou tudo, ele até trouxe minhas roupas íntimas. Tomei um banho rápido, vesti uma calça jeans e uma regata preta. Não queria parecer sexy. Mesmo repudiando o Felix, ele era muito maior do que eu, e já o conhecia para saber que não reconhecia a palavra não.

— Lhaura, precisamos ir!

A porta do quarto foi escancarada e um Felix muito nervoso entrou com toda sua autoridade, pegando-me pelo braço e me puxando para fora.

— Precisamos ir para onde, Felix? — Assustada, puxei minha mão e me afastei com dois passos.

— Irá fazer diferença saber para onde vai? Você não tem escolha. Vamos, meu tempo é curto. Preciso colocá-la no jatinho antes que seja tarde.

Jatinho?! Mas do que ele estava falando, acaso ele pretendia me levar para outro lugar?

Medo.

— Não irei para lugar algum com você! — Eu o empurrei e desci as escadas correndo. Quanta inocência, como se correr fosse me salvar do monstro que me perseguia.

— Não seja idiota, Lhaura! Para onde pensa que vai, hein? — Antes mesmo de chegar à porta, ele me alcançou e sua mão forte segurou em meu braço, virando-me para si. — Você irá para fora do Brasil, e quando as coisas se acalmarem eu também irei. É a única coisa que precisa saber.

Meu rosto ficou bem próximo do dele. Então me lembrei que antes, mesmo sabendo que ele era venenoso, ainda me sentia atraída por ele e lutava contra o desejo doentio que nutria pelo meu algoz. Mas, agora, o que eu sentia era nojo.

— Solte-me! Já disse não irei para lugar algum com você. Prefiro que me interne em um hospital psiquiátrico a ter que viver com você novamente!

Felix soltou uma gargalhada assustadora.

— Você acha mesmo que eu a internaria em um hospital de loucos? Quanta ingenuidade, Lhaura! Jamais faria isso, dizia aquilo só para assustá-la. Prefiro morrer a ficar longe de você, e não

pretendo morrer, minha querida. Agora, vamos!

— Não, não irei. Já disse, prefiro qualquer coisa, menos ficar ao seu lado.

— Você não tem escolha, Lhaura. — Sua mão circulou meu pulso, apertando-o.

— Solte-me! Eu o odeio, Felix. Não o amo mais, tenho nojo do seu toque, nojo de suas mãos. Nunca mais o amarei, entendeu? — Consegui escapar e obtive uma boa distância, escondendo-me atrás de um móvel.

— Farei você me amar novamente. Você terá muito tempo para aprender a gostar de mim outra vez.

— E como fará isso? Violentando-me todos os dias e noites? Espancando-me quando eu fingir prazer? Violando-me quando seu toque não causar a reação que espera? Porque é isso que irá acontecer, Felix Santini. Não existe a menor possibilidade de amá-lo novamente, você transformou o meu amor em repulsa. Deixe-me ir, deixe-me em paz e siga o seu caminho. Encontre alguém para ser feliz.

— Como você encontrou? Pensa que não percebi como o Joshua olha para você? É para ele que você quer voltar?

— Sim! Ele é meu marido, o homem que me despertou com seu toque e que acordou todos os meus sentidos. Foi o toque dele que me devolveu a vontade de me libertar de você. Sim, Felix Santini, estou amando com toda a força do meu coração, entendeu? Amo outro homem. Outro homem!

Gritei com toda a força que tinha em meus pulmões. Felix estava perplexo, olhando-me como se não acreditasse no que acabara de escutar.

— Nunca, Lhaura Santini...

— Lhaura Saravejo! Saravejo, entendeu? Sou uma Saravejo, seu estúpido, doido. Você pode me aprisionar, pode me violentar, mas nunca mais entrará em meu coração, porque ele já tem dono. Entendeu, seu maluco?

— Vá sonhando! — Gargalhou sinistramente e veio em minha direção. — Você nunca mais verá aquele imbecil! Você é minha, Lhaura, e nunca deixará de ser. Agora, vamos...

— Solte-me seu monstro! Seu demônio!

— Lhaura, você virá comigo, por bem ou por mal. Não me force a usar isso em você.

Ele me mostrou uma seringa. Ele iria me drogar.

— Felix, por favor, não faça isso. Deixe-me ir embora, esqueça-me. Se você me ama de verdade, deixe-me seguir meu caminho...

— Seu caminho é ao meu lado. Vamos!

Onde estava o Joshua? Será que nunca mais o veria? Será que ele não conseguiria cumprir sua promessa de vir me salvar?

Então, ouvimos tiros.

Ele veio. Finalmente, ele veio.



Joshua

Eu me perguntava quando foi que o meu coração foi tomado de amor. Imaginava que nunca mais iria me envolver sentimentalmente com uma mulher, quanto mais amá-la. Em que momento perdi as rédeas de minha vida e do meu coração? Lutei contra a vida, contra a esperança, me escondi dos sentimentos. E agora, sem esperar, cá estou. Morrendo. Mas morrendo de amor.

Tinham sido anos solitários, encontros sexuais sem compromisso, apenas para acalmar a tempestividade das minhas necessidades brutais de prazer. Para mim, eram só corpos que eu usava e descartava. Uma festa onde eu me embriagava, e quando a embriaguez passava não lembrava de nada. Assim era minha vida sexual. Mas ao conhecer a Lhaura, bastou tocá-la para que despertassem todos os meus sentidos, foi como se todo o meu ser explodisse com o mais vigoroso sabor da vida. Ela não só tocou meu corpo, como também tocou minha alma, dando-me um sopro de vida. Cada toque, cada beijo, cada sorriso, foi como se encontrasse um outro pedaço de mim. Ela foi o motivo para que eu tivesse vontade de sorrir novamente.

— Senhor, tem certeza de que é este lugar? Parece abandonado — o motorista que foi indicado pelo Donovan perguntou timidamente, enquanto abria a porta do carro e descia.

— É este mesmo. — Ele parou um pouco distante a pedido meu. Não queria que os capangas do Felix percebessem minha aproximação. — Você pode ir, obrigada! — Ele não precisava ficar, a polícia logo estaria a caminho e não tinha necessidade de envolver mais alguém. Mesmo porque, não sabia o que aconteceria nos minutos seguintes.

— O senhor tem certeza de que não quer que o espere?

Obviamente que tinha.

— Tenho, pode ir. — Bati na porta do veículo e comecei a me afastar, olhando com cuidado à minha volta. Não queria ser surpreendido.

A casa ficava um pouco afastada da porteira. Era uma chácara grande, e embora abandonada, parecia bonita. Estava tomada pelo matagal, mas ainda se notava sua grandeza. Avistei uma mangueira e resolvi subir, precisava de um lugar alto para fazer uma avaliação de toda a extensão até a casa. Em meus treinos de autodefesa e tiros, o meu professor não só me ensinou a ter uma boa pontaria, um bom gancho de direita e habilidades nas pernas, mas também que ter ideia de onde poderia estar escondido o inimigo era o melhor meio de surpreendê-lo. Alcancei uma boa altura e, com um pequeno binóculo que comprei em uma lojinha no hotel, consegui contar quatro homens. Dois escondidos entre o mato próximo à porteira, e mais dois, um diante da porta principal e outro na lateral da casa.

Bem, não poderia sair atirando para todos os lados. Além de estar em desvantagem, as armas deles eram melhores do que a minha. Então eu teria que eliminá-los um a um, ou dois a dois. Teria que ser paciente e esperar os dois da frente se separarem.

Como eu faria isso?

Como se espanta dois cachorros briguentos?

Jogando algo para chamar a atenção deles, é claro.

Desci da árvore e me aproximei de um arbusto grande o suficiente para me esconder. Não queria que notassem algo, eu só precisava separá-los e liquidar um por vez. Peguei algo que fizesse bastante barulho – um galho – e atirei atrás de mim, onde estavam algumas aves. Assim que o galho bateu nas árvores, os pássaros, assustados, voaram fazendo barulho.

— Caralho, o que foi isso? — Um dos homens falou, parecendo assustado. — Cara, esse lugar é assombrado. Se o senhor Felix não for embora hoje, não passo mais nenhuma noite aqui. Desconjuro nem morto! Vai você lá verificar essa porra!

— Cabra frouxo do caralho — o outro praguejou com o companheiro.

— Seu pau, *viado*! — devolveu o xingamento.

Um homem alto, moreno, não muito musculoso, foi na direção do barulho. Assim que ele sumiu da visão do outro homem eu fui por trás, com um pedaço de pau na mão, e só precisei dar um golpe bem forte. Não me importava se poderia partir a cabeça do homem em duas partes, era a vida de minha pequena bagunça que corria risco. Então, apliquei o golpe sem dó e o homem caiu de cara no chão com sangue descendo por seu pescoço. Fui até ele e verifiquei se estava vivo. Mortinho! Peguei sua faca e voltei a me esconder, com certeza o outro viria atrás dele. Dois minutos depois, ele veio.

— Tavares, porra, onde está você? Cara, pare de bancar o engraçadinho, seu *viado* filho da puta! — Assim que ele entrou no mesmo trajeto do outro, voei em dois passos em suas costas e lhe dei um golpe, cavando a faca em sua jugular com um corte reto e profundo. Ele não teve nem tempo de reagir, só segurou o pescoço enquanto se engasgava com o próprio sangue. Agora só faltavam dois.

Embrenhando-me no meio do mato alto, fui em direção à casa. Começaria com qual dos dois? Escolhi o que estava na lateral. Ele estava distraído, certamente não pensava em ser surpreendido por alguém.

Sou ótimo de mira, mas nunca pensei que um dia precisaria usar minhas habilidades. Só aprendi para me defender de possíveis sequestros, afinal, minha família tinha muito dinheiro, e não se pode confiar sua vida a estranhos. Por isso eu e o Luke, desde cedo, tivemos aulas particulares com os melhores profissionais em treinamentos militares. O homem estava sentado em uma pedra e recostado na parede, com os olhos fechados. A arma descansava do seu lado, então mirei a faca e atirei-a bem no peito dele. Claro que não foi suficiente para matá-lo, então corri e me joguei em seu corpo. Com a palma da mão, empurrei toda a lâmina dentro do seu peito. Ele apenas me encarou com os olhos medrosos, sabendo que tinha chegado o seu fim. Mas nem tudo são flores, assim que me levantei e fui em direção à porta principal, pisei em um prato que se quebrou, fazendo barulho. Quando o outro homem veio correndo verificar o que tinha acontecido, deu de cara comigo. Ele puxou a arma e eu já estava com a minha, então atirei duas vezes e ele caiu.

Rapidamente chutei a porta com violência e entrei na casa. E lá estavam eles.

— Joshua! — Escutei a voz da Lhaura. Quando olhei para ela e vi seu rosto machucado, o olho com um hematoma enorme e sua boca com um dos lábios cortado, soube na hora que ele a havia

espancando.

Então, fiquei cego.

— Maldito, você bateu nela... — Foi tudo muito rápido, Felix nem percebeu quando meu corpo se encontrou com o dele.

Lhaura se afastou, e o joguei no chão, esmurrando seu rosto com meus punhos cerrados. Cada golpe era por ela, por sua dor, suas lágrimas, seus medos.

— Miserável, covarde! Você gosta de bater em mulher? Então, sinta o que ela sentiu! — Batia com mais força, enquanto ele tentava se defender dos meus murros e de minha fúria.

— Joshua, chega! — Lhaura gritou, mas não quis escutá-la, queria matá-lo. — Joshua, pare! Ele já apanhou o suficiente. — Ela segurou meu punho no alto. — Por favor. — Olhei para ela, estava tão assustada. Foi nesse momento que o demônio se aproveitou. Com um só golpe, ele me chutou e a agarrou.

De pé, com o rosto todo machucado e sangrando, ele a segurou pelo braço, apontando uma arma para mim. Eu também apontava a minha arma pare ele.

— Ela é minha, Joshua. Ela irá comigo, ou mato você. Eu sei que não vai atirar, pois tem medo de feri-la, então vou matá-lo, e irá morrer sabendo que ela viverá comigo para sempre. Adeus, Joshua Saravejo.

— Solte-a, seu covarde! — articulei. Ele estava certo, não podia atirar, pois corria o risco de acertar Lhaura. — Solte-a e me enfrente.

— Não sou otário, você me venceria. Prefiro matá-lo...

— Não, Felix! Eu irei com você, não o mate... — Lhaura tentava se livrar das mãos dele e vê-la tão desesperada fez meu sangue ferver. Então, dei um passo à frente e só escutei um tiro ser disparado e senti uma dor em meu peito. — Não! — Lhaura gritou.

— Agora ninguém mais estará em meu caminho, minha querida. Eu o matei.

Escutei-o soletrar as palavras, pensando que havia me matado.

— Maldito! — Escutei Lhaura dizer, e poucos minutos depois ela estava ao meu lado. Suas lágrimas molhavam meu rosto, suas mãos tocavam minha pele e seus lábios macios se encontravam com os meus. Deus, como era bom senti-la! Ela chorava e me beijava.

— Ande, Lhaura, não temos muito tempo. Você não tem saída.

Ele tentava tirá-la de perto de mim, então eu a escutei.

— Se eu não posso ficar com ele, não ficarei com você, Felix Santini dos infernos. Eu prefiro a morte a ter que ser tocada por você outra vez.

Com muito esforço, abri meus olhos e vi a cena mais terrível de minha vida. Lhaura apontava a minha arma para a própria cabeça.

— Lhaura! Lhaura, não, não faça isso, por favor — murmurei, quase sem forças. — Não faça isso, a polícia está vindo... — articulei, a dor me dilacerando com cada palavra. Já estava quase sem forças.

— Não, eu prefiro a morte a ter que viver ao lado dele. Se não posso ficar com você, Joshua, não ficarei com ele. — Escutei o click da arma.

— Lhaura! — Felix vociferou, desesperado. — Não, querida! Por favor, não faça isso. Não quero que você morra, nunca quis. Mas se não for para ficar com você, eu prefiro...

Escutei um tiro.

Meu coração parou por alguns segundos. Eu a perdi, perdi outra vez a mulher que amo, meu Deus! Como sobreviverei a isso?

— Não! — Escutei o grito abafado. Abri os olhos e a vi, de joelhos, olhando para um ponto fixo. Ela ainda apontava a arma para a cabeça. Com esforço, consegui pegar a arma de sua mão. Ergui um pouco a cabeça e vi Felix, estirado no chão.

Ele se matou... meu Deus, ele atirou na própria cabeça!

— Lhaura, olhe para mim, não olhe para ele. — Segurei sua mão.

— Ele, ele... se matou, Joshua. Ele se matou. — Ela chorava. Olhou para mim com um olhar condoído. — Por que ele fez isso, por quê?

— Porque ele era maluco. — Ela engoliu o choro, respirou fundo e me encarou. — Lhaura, eu levei um tiro. Não me assuste mais do que já estou assustado. — Ela continuava me olhando hipnotizada. — Baguncinha, acaso quer ficar viúva? Não me assuste. — Tentei sorrir. — Pegue meu telefone e ligue para o primeiro número que está na lista de chamadas recebidas. Lhaura! Estou sangrando, não notou?

— Vo-você veio! Você prometeu nunca me abandonar. Meu Deus! Você veio atrás de mim. — Acho que só agora a ficha dela caiu. Ela se jogou em meu corpo e os seus lábios espalhavam beijos por todo o meu rosto.

— Lhaura! Lhaura, se acalme. Desse jeito morrerei de beijos, ai... — Ela me apertava com os braços.

— Desculpe-me, acho que me empolguei. — Seus olhos lindos dançavam em meu rosto, e pude ver o brilho neles. Ela me acariciava com eles. Meu Deus, como a amava! Era algo tão inexplicável. Como não percebi a imensidão do meu amor antes?

Nesse momento, queria verbalizar tudo o que estava sentindo, dizer-lhe em palavras o quanto a amava, fazer juras clichés de amor e toda aquela bobagem que só os apaixonados falavam. Porém, não podia, tinha receio de que ela se afastasse, que se sentisse coibida. Então, apenas sorri para ela. Eu a amaria em silêncio, ela não precisaria saber. Se era para protegê-la até de palavras, eu a protegeria.

— Está tudo bem. Só pega leve nos abraços, está dolorido demais.

— Joshua, precisamos sair daqui o mais rápido possível. Você está perdendo muito sangue, não sei se dará tempo de esperar. Você veio de carro? Onde ele está? Tem alguém esperando?

— Baguncinha, se acalme... meu Deus! Essa porra dói. — Segurei meu ombro. A bala atingiu minha omoplata, e não meu peito como pensei. Eu iria sobreviver.

— Você me salvou e agora é minha vez de salvá-lo. Vou lá fora ver se há algum carro...

E como iríamos? Porque ela não sabia dirigir, e mesmo que eu superasse meu trauma de dirigir, não conseguiria. Não do jeito que estava. vendo pontos de luzes diante dos olhos.

E foi nesse momento de desespero que escutamos as sirenes da polícia e as vozes dos delegados e dos policiais.

— Rápido! Temos dois baleados, um em estado muito grave. — Escutava um dos delegados, mas não conseguia identificar quem. — Lhaura, você está bem? Está ferida?

— Estou bem, mas o Joshua levou um tiro e precisamos levá-lo a um hospital — ela articulava nervosa e eu sentia o aperto de sua mão em meus dedos.

— Não se preocupe, já estamos providenciando um transporte para levá-lo. — Senti alguém me tocar. — Joshua, como você está? Se não fosse tão teimoso, não teria sido baleado. Por que não nos esperou? — Abri os olhos e encarei o delegado Paulo. Sorri levemente. — Aguente firme, vamos levar vocês para casa.

— Meu pai... — murmurei.

— Ele já foi avisado, e está à espera de vocês no hospital.

— A Lhaura, onde ela está? — Não sentia mais a mão dela sobre a minha.

— Está sendo atendida por um paramédico. Ela está bem.

— E o Felix? Ele... ele atirou na...

— Eu sei. Não se preocupe, ele já foi levado para um hospital local. Estava vivo, mas não sei se sobreviverá.

— Senhor, o helicóptero chegou — disse alguém.

— Seu transporte chegou, Joshua, nos vemos em Salvador. — E finalmente eu pude fechar meus olhos.

Havia um barulho incômodo ao longe. Vozes e um *bip* intermitente que me incomodava. Não sentia mais aquela dor no ombro, no entanto, sentia um peso em meu peito e um cheiro suave e irreconhecível. Abri meus olhos e vi que estava deitado em uma cama hospitalar. Então, meus cílios baixaram e lá estava ela. Sua cabeça repousava em meu peito. Estava dormindo tão tranquila e tão profundamente, que até tive vontade de parar de respirar, só para não a acordar. Fiquei quieto, respirando lentamente, mesmo já sentindo uma dor latejante devido ao peso que sua cabeça fazia, próxima ao meu ombro machucado.

Eu não vou! Não pode me forçar! Não...

Ela estava sonhando, e fiquei com receio que o sonho se transformasse em um pesadelo. Era melhor acordá-la.

— Lhaura? Meu amor, acorde. — Ela ergueu a cabeça, fixou os olhos nos meus, e eu sorri. Ela não correspondeu, apenas continuava me olhando com um olhar confuso.

— Do que você me chamou? — finalmente falou.

— Lhaura?

— Não, você me chamou de outro nome e não foi baguncinha. — Ela ergueu o corpo, mas não

se afastou. Continuava com o queixo em meu peito.

Então, entendi. Finalmente percebi a confusão de sua cabeça. Não podia negar, não podia ir contra a minha natureza. Ela precisava entender que todo o sentimento que guardei dentro de mim, durante todo esse tempo, agora lhe pertencia.

— Eu a chamei de meu amor, porque você é o meu amor. Porque eu a amei assim que suas mãos tocaram minha pele. Não havia entendido isso até perceber que poderia perdê-la, até perceber que sem você minha vida não teria mais sentido. Amo você, Lhaura Saravejo. Minha pequena bagunça organizada.

Ela baixou os cílios, e o medo caminhou em minhas veias, fazendo meu corpo formigar. Era como se ele estivesse possuindo cada célula que habitava em mim. Ela ia me deixar, não aceitaria meu amor. Como fui tolo, deveria ter ficado de boca fechada, deveria tê-la amado em silêncio.

— Lhaura...

— Shhh... — Seus dois dedos selaram meus lábios. — Já volto. — Ela saiu, e o meu coração acelerou. Acho que em pouco tempo, a maquininha que monitora os meus sinais vitais apitaria.

Fechei meus olhos, respirei fundo e esperei. Minutos depois, ela voltou. Estava com uma prancheta com alguns papeis numa mão e uma caneta na outra. Olhou para mim, mas não sorriu.

— Vou me sentar ali — apontou para o estofado ao lado da cama — e você não irá me chamar até que eu termine, entendeu?

— Sim, senhora, eu prometo. — Pisquei um olho. Ela se aproximou, beijou meus lábios, ajeitou meus lençóis, me encarou novamente e se sentou.

Começou a escrever. Foram os minutos mais longos de minha vida, e eu pedi em pensamento que alguém entrasse no quarto e a fizesse parar com todo aquele mistério, mas ninguém veio. Já desesperado para saber o que ela tanto escrevia, ergui a cabeça e a observei. Acho que não conseguiria manter minha promessa de ficar quieto, e quando já estava pronto para chamá-la, ela se levantou e veio até mim, entregando-me um papel dobrado.

— Leia, por favor — ela disse, e o medo voltou a percorrer todo meu corpo. Era a sua carta de despedida... Abri o papel com mãos trêmulas e comecei a lê-lo.

Senhor Joshua Saravejo,

Serei direta. Finja que sou eu que estou falando estas palavras, pois as escrevi porque não saberia como dizê-las sem chorar. Somos dois quebrados, duas almas dilaceradas, e foi você mesmo quem disse que talvez seja por isso que estamos juntos. Então, você disse que me ama, não foi? E eu acredito, pois se não me amasse, não viria me salvar do demônio. Se não me amasse, não dormiria dentro de um closet*, ou dentro de uma banheira, quando meus medos e pesadelos me perseguiam. Há alguns anos, quando eu era muito inocente, conheci um homem. Ele era um príncipe, ou ao menos eu pensei que era, mas em pouco tempo ele virou o sapo, e desde esse dia nunca mais acreditei em contos de fadas. Eu me enterrei nas profundezas do medo e por temer a luz deixei as sombras me protegerem. Joshua, passei a não acreditar mais em príncipes, mas acreditava em anjos, e por acreditar tanto neles, você veio até mim. Depois de tudo o que nos aconteceu, posso afirmar que eu o amei no momento em que você tocou seus lábios em meu corpo,*

mas a tristeza e o medo que me cercavam não me permitiram ver isso, e o seu passado também não o deixou enxergar que, mesmo sem querer, nossas almas se amaram com o simples toque de nossas mãos.

Tudo aconteceu lentamente, não provocamos nossos corações. Nossa amizade aos poucos foi evoluindo, aos poucos foi nos aproximando, e sem perceber estávamos ligados sem precisar de palavras, juras de amor ou promessas. Éramos apenas você e eu.

E quando você sorria todas as manhãs e me chamava de "minha pequena baguncinha", era como se dissesse: "amo você". Sim, senhor Joshua Saravejo, eu o amo. Amo tanto que já nem sei quem sou eu e quem é você. Nosso amor é diferente, pois somos pessoas que conheceram a dor de perder um amor, e foi essa dor que nos uniu. Foi essa dor que se transformou no mais puro amor.

Eu amo você, Joshua.

A pequena folha de papel branca, escrita com tinta preta, se dobrou sem que eu percebesse. Meus olhos nublaram, um bolo sufocante se formou em minha garganta. Ela me amava também. Ela sempre me amou, assim como sempre a amei. Respirei profundamente, olhei para ela. Lhaura estava deitada, de olhos fechados, tão linda. Quando já ia chamá-la, senti minha nuca se arrepiar...

Seja feliz, meu querido.

Um calor de felicidade aflorou em todo meu corpo. Eu podia jurar que escutei a voz da Victoria.

— Lhaura. — Ela abriu os olhos. — Venha aqui. — Ela veio.

E quando estava perto o suficiente, a puxei com um braço prendendo seu corpo ao meu.

— Sim — ela sussurrou. — Leu tudo?

Não precisei de palavras para afirmar, só dos meus lábios contra os dela e da minha mão puxando seu cabelo, forçando nossas bocas saudosas a se roçarem com desespero. Ela tinha fome do meu beijo e eu estava muito mais faminto.

— Amo você, pequena bagunça. Amo tanto, tanto... — Murmurei ainda com a boca sobre a sua.

— Eu sei. Sei, sinto, vivo, desejo, quero, e enquanto respirar amarei você, senhor Joshua Saravejo nervosinho.

— Esquentadinha. — Me afastei e beijei a ponta do seu nariz. Nós rimos, e ela mordeu meu queixo.

— Acho que meu paciente já está pronto para receber alta! — Tínhamos companhia. Nos afastamos. — Sou o doutor Sillas e vim ver como se sente, mas pelo que vejo, o senhor está muito bem.

— Sim. Estou só um pouco dolorido. — E estava mesmo, meu ombro ardia.

— É normal, terá que ficar de repouso por algumas semanas. Não poderá fazer movimentos bruscos, mas em vinte dias já poderá voltar às suas atividades normais. O ferimento não foi tão sério, e a bala não ficou alojada, mas o ombro é um lugar de muito movimento, por isso dói bastante. Não vejo necessidade de deixá-lo internado, essas oitos horas que ficou em observação foram o bastante.

Só prometa que trocará os curativos no tempo indicado e virá me procurar em dois dias, pois quero ver o progresso da cicatrização.

— Prometo o que o senhor quiser só para voltar para casa. Odeio hospitais. — Segurei a mão de Lhaura e a levei até os lábios, roçando levemente.

— Eu sei, seu pai me contou. Seu irmão Luke até me aconselhou a amarrá-lo na cama, pois quando acordasse iria fugir mesmo se estivesse sangrando. — Achei graça do tom cômico do médico, mas minha família estava certa, nunca gostei de hospitais.

— E onde eles estão? — perguntei, olhando diretamente na direção da porta.

— Seu pai foi buscar roupas para você, e o Luke foi levar a Marion para comer um lanche — Lhaura respondeu enquanto sua mão acariciava meus cabelos.

— Bem, vou providenciar sua alta. — Ele já estava saindo quando os delegados Paulo e Nilton entraram.

— Como se sente, Joshua? — Paulo perguntou.

— Fora a dor, estou me sentindo bem. Já estou de alta médica.

— E você, Lhaura, está melhor? Seu olho ainda dói? — Ele observava a Lhaura.

— Estou bem também, nem lembro mais do machucado do meu olho. — Mas ainda havia um hematoma muito feio, e toda vez que o via me lembrava do Felix.

— Paulo, e o Felix, ele morreu mesmo? — Olhei para Lhaura e ela baixou os cílios.

Precisava ter a certeza de que o maldito estava fora de nossas vidas.

— Ele sobreviveu à cirurgia...

— Ele está vivo? — Lhaura articulou e senti seus dedos apertarem os meus.

— Pelo o que soubemos, ele está em coma e não sabem se irá sobreviver. A cirurgia foi muito delicada, então, mesmo que sobreviva ele nunca mais será o mesmo. Com certeza viverá com algumas sequelas irreversíveis e talvez nunca acorde. A família irá levá-lo para um hospital especializado fora do Brasil.

— Ele pode resistir à viagem? — inquiri.

— Com a equipe que foi montada e todos os cuidados que estão tendo, acho que consegue. Só não sei se o estado dele mudará, isso só o tempo e o tratamento dirão. Bem — ele olhou para Lhaura —, sua esposa já nos deu o depoimento e encerramos o caso. Como Felix está em estado quase vegetativo, os advogados fizeram um acordo. Felix agora não oferece perigo para mais ninguém. — Ele estendeu a mão, eu aceitei. — Se precisar de mais alguma coisa, é só mandar nos chamar. Foi um prazer conhecer o dono do hotel onde passei minha lua de mel.

— Sério? E o que achou das nossas acomodações? Em qual deles se hospedou?

— Na Itália, foi ótimo. Estamos indo para a segunda lua de mel, pena que vocês não tenham um hotel em Londres.

— Em breve teremos. — Olhei para Lhaura e pisquei um olho.

Eles se foram, e assim que a porta se fechou, Lhaura puxou uma respiração profunda.

— Ele não morreu. Eu sei que não é legal desejar a morte de outra pessoa, mas... — Ela passou a mão no rosto machucado.

— Lhaura, a morte não é castigo para ninguém, é um descanso. Felix não merecia morrer, ele teve o que mereceu, vai passar o resto da vida dependendo dos outros. Existe castigo pior do que esse?

— É, você tem razão. — Ela sorriu, e eu fiquei aliviado.

— Com licença. — A porta se abriu. Vimos uma moça muito bonita entrar e ela não veio sozinha.

— Miranda! Donovan! — Lhaura articulou com entusiasmo e correu em direção à amiga. O abraço foi muito apertado e as duas começaram a chorar. — Minha amiga querida, obrigada! Obrigada por ter me ajudado, se não fosse você, hoje estaria morta ou louca.

— Shhh, isso é passado. Você agora está livre e pode finalmente ser feliz — Miranda disse enquanto acariciava os cabelos de minha pequena bagunça.

Lhaura olhou para o lado e encontrou o olhar carinhoso do Donovan.

— Meu amigo, obrigada. Que bom que veio. Eu sinto muito pelo Felix...

— Ele é o culpado por tudo o que aconteceu, e se não estivesse preso a uma cama de hospital, estaria atrás das grades. Então, de certa forma, ele ainda levou a melhor. Mas não se preocupe, o Felix nunca mais chegará perto de vocês dois.

— Onde vocês estão hospedados? — Lhaura perguntou, sorrindo de orelha a orelha por estar com sua amiga, a mulher a quem devia sua liberdade. Se não fosse por ela, Lhaura nunca teria se livrado do Felix.

— Adivinhe! — Miranda fez ar de mistério. — Na linda pousada Saravejo. Eu e o Donovan preferimos ficar perto da praia.

Ela disse isso mesmo? Será que havia um clima de romance no ar? Lhaura me encarou sorrindo de leve, captando meu pensamento.

— Então, vamos matar as saudades! Quando vocês vão embora? — Lhaura disfarçou, não querendo ser indiscreta.

— Bem, Donovan e eu estamos de passagens e malas prontas para o Canadá. Embarcaremos em três dias. Ele me convidou, e eu aceitei.

— Jura?! Quer dizer que vocês dois estão juntos? — Lhaura perguntou. Miranda olhou para Donovan. Ele sorriu, e ela assentiu. — Oh, meu Deus! Estou tão feliz por vocês! Minha felicidade seria completa se eu pudesse reencontrar minhas amigas, a Margot e a Belle, mas perdi o contato com elas.

— É uma pena — Donovan articulou. — Os pais da Belle também foram morar em Portugal, e os da Margot estão morando na Califórnia. O que eu sei é que a Margot se casou com um canadense. Vou tentar encontrá-la para você.

— Eu iria adorar rever as minhas amigas.

— Lhaura, temos que ir. Nos vemos na pousada. Donovan e eu vamos fazer um tour em Salvador.

Elas se abraçaram. Donovan também me deu um abraço.

Um ciclo na vida da Lhaura havia se fechado e logo outro começaria, agora, ao meu lado.

— Vamos, seu molenga, está na hora de irmos para casa. — Papai entrou no quarto com um sorriso no rosto. Finalmente estava livre para ir para casa.

— Já passou da hora. — Ele entregou uma bolsa para Lhaura. Papai me ajudou a levantar da cama e me guiou até o banheiro.

— Querem ajuda? — Lhaura perguntou quando deixou a bolsa na bancada.

— Não, querida, a gente se vira. Acho que ainda consigo dar um banho em meu filho.

— Sai *pra* lá, velho! — Eu o impedi de se aproximar. Papai se divertia com a expressão do meu rosto. — Não se preocupe, posso perfeitamente tomar banho sozinho, e se precisasse de ajuda não seria você o escolhido. Ora essa, onde já se viu me dar banho?

Lhaura estava quase caindo na gargalhada enquanto eu tentava fechar a porta e o papai tentava abri-la. — Engraçadinho — disse e pisquei um olho para ela.

Escutei vozes animadas no interior do quarto e uma delas era da pequena chantagista, que conversava com Lhaura.

— O tio Joshua bateu no homem mau? Deu porrada nele? Ele não vai mais machucar você? — Aposto que ela gesticulava com as mãozinhas em cada frase formulada. — Titia, foi o homem mau que fez isso no seu olho? Doeu? E o seu lábio, dói quando beija meu titio?

— Marion, tempo, por favor! — Luke ralhou com ela.

— Não briga com a Marion! Ela fica triste, sabia? — Nesse momento, saí do banheiro. Ela segurava o rosto do Luke com as mãozinhas enquanto se queixava com ele.

— Tio Joshua! — Assim que me viu, saltou do colo de Luke e correu em minha direção. Papai foi rápido e a pegou antes que eu fosse nocauteado pelo pequeno furacão.

— Marion, quer sorvete? — Papai perguntou.

— Oba! Bem grandão, vovô?

— Sim, bem grandão.

— Então *tá,* a Marion vai ficar quietinha. Sem perguntas, tá, titia? — Olhou para Lhaura, depois para mim.

— *Tá*, princesa. E a Pietra, por que ela não veio? — Lhaura perguntou.

— Está na faculdade, vou buscá-la mais tarde. — Luke olhou para nós dois.

Lhaura se aproximou, pegou meu braço e o colocou em volta do pescoço, depois ficou na ponta dos pés e sussurrou.

— Amo você.

— Amo você, também — sussurrei de volta e beijei o alto de sua cabeça. Luke nos olhou desconfiado.

— Está tudo bem com vocês? — perguntou, estreitando os olhos.

— Está tudo ótimo — respondi, olhando nos olhos de Lhaura.

E estava. Lhaura e eu estávamos mais ligados do que nunca. Nosso amor venceu as sombras que nos assombravam. Nossas fraquezas foram nossas fortalezas. Juntos, derrotamos os medos, a escuridão, as incertezas. Estamos fortes, estamos vivos. Nossas correntes foram quebradas e as nossas vidas foram envolvidas por um amor indissolúvel. Não existem mais pesadelos, nem sombras, nem gaiolas.

Fomos tocados pela sintonia do amor. Ela é o violoncelo, eu sou o arco, e juntos formamos o acorde perfeito.



Joshua

Londres, dois meses depois

Contei a novidade de virmos morar em Londres na mesma noite em que recebi alta médica. Ela não acreditou, até que mostrei sua inscrição na escola de música. No outro dia, me pediu para providenciar a venda da casa dos seus pais em Primavera do Leste. Entrei em contato com o nosso advogado e ele ficou de resolver isso. Vinte dias depois, já estávamos embarcando para Londres. Estamos morando perto da escola de música e a quarenta minutos do meu novo hotel.

Estacionei o carro na garagem do prédio. Sim, perdi o medo de dirigir. Além de ter tomado as rédeas da minha felicidade, estou dirigido meu carro. Lhaura havia deixado um recado em meu celular, dizendo que tinha algo muito sério para me dizer, e aquele recado me deixou com uma pulga atrás da orelha. Faz algumas semanas que ela anda se queixando que suas roupas não cabem mais, que está se sentindo gorda, pesada. Eu não notei nada disso. Até que gostei das curvas sinuosas do seu corpo, os seios estão mais fartos, duros, bicudos, e amava mamá-los. No entanto, as mulheres nunca estavam satisfeitas com os corpos que tinham, então ela resolveu procurar um médico. O resultado dos exames saía hoje, então a deixei na clínica e fui trabalhar. Já estava começando a ficar preocupado com o seu mau humor devido à sua forma física. Ela realmente não estava feliz se achando mais gordinha. Eu estava amando, mas o corpo era dela, não meu. Contudo, espero que o motivo do seu aumento de peso não seja causado por doença.

Entrei em nosso apartamento já procurando por ela. Não a vi na sala, nem na cozinha. Ela só podia estar no quarto, então escancarei a porta, já morto de preocupação.

Uma mulher linda, vestida em uma minúscula camisola preta e transparente, dando-me a visão de toda aquela gostosura que havia por baixo dela, veio de encontro ao meu corpo, devorando minha boca.

Puta merda! Foi para isso que ela me chamou? Caralho, já fiquei de pau duro.

— Por favor, me diga que não vai precisar voltar ao trabalho? — Ela gemia em minha boca enquanto sua mão explorava as minhas costas.

— Nem sob decreto da rainha eu volto, baguncinha. — Ela se afastou de mim e pegou a minha mão, me levando para perto da cama. Eu a puxei de volta para o corpo e ela ficou de costas. A sensação de tê-la encostada na minha pele já deixava meu pau pulsando ferozmente. E quando ela o sentiu pulsar em suas costas, se roçou em mim com força. Ela adorava me provocar.

Eu a girei novamente em meus braços, meus lábios nos seus em um instante. Ela agarrou minha camisa, desabotoando-a rapidamente. Me livrei desta, e depois a ajudei com o cinto. Eu a afastei e sorri.

— O que foi? — perguntou. Estiquei o braço sem responder à sua pergunta, apenas olhando o trabalho dos meus dedos.

Puxei o pequeno lacinho e sua camisola se abriu, mostrando seus fartos e apetitosos seios.

— Eu nunca vou cansar de olhar para você — disse, jogando a pequena peça no chão, deixando-a só com uma minúscula calcinha. Corri meus dedos nos seus seios bicudos, e enquanto eu a acariciava, ela abria meu zíper.

— Amo você, pequena bagunça. Amo tanto, sabia? — Ela fechou os olhos e mordeu o lábio, se deliciando com minha carícia provocante.

Empurrei calça e a cueca para baixo, e puxei seu corpo para mais perto. Nós nos perdemos em nossas bocas. E, desesperado em me enterrar em seu corpo, eu a levantei segurando seus quadris. Ela envolveu as pernas na minha cintura, sem largar a minha boca, em um movimento frenético de desejo, como se o nosso beijo fosse o ar que precisávamos respirar. Faminto de vontade, eu a levei para a cama.

— Amo você, senhor Saravejo — ela disse quando me deitei sobre ela. Beijei seus seios e logo depois minha língua fez um caminho para baixo. — Adoro banho de língua... — murmurou.

Retirei sua calcinha. Beijei seu monte, mordi, e minha língua devorou sua boceta, serpenteando em sua abertura e clitóris.

— Eu... — chupei

— Sou — mordi

— Louco — lambi

— Pela — serpenteei novamente minha língua entre suas dobras

— Sua boceta. — Ela arqueou os quadris, soltando um gemido delirante. Fiz o mesmo caminho de volta para seus seios. Amava mamá-los.

E quando chupei seu mamilo, ela gemeu. Aproveitei seu delírio e minha mão escorregou para baixo, bem no meio de suas coxas. Deslizei um dedo dentro dela, depois outro, e comecei a fodê-la.

— Joshua...

— Gostosa, minha bocetinha é deliciosa, de todas as maneiras que a como. — Afastei a boca do seu seio e a encarei enquanto meu dedo trabalhava dentro dela. — Adoro foder você. Seja com meu dedo. — Empurrei tudo, e ela ofegou. — Com minha língua. — Entrei e saí com força, meus olhos observando a devassidão do seu olhar. — Ou com meu pau. — Raspei o polegar em seu clitóris e ela arqueou o corpo com força, soltando um gemido.

— Lhaura, você me enlouquece — rosnei quando senti seu prazer escorrer entre os dedos.

— Oh, meu pai! — ela gemeu. — Foda-me logo, Joshua.

— Não, quero fazer sua bocetinha ficar louquinha pelo meu pau. Quero comer você toda lambuzada, e quando gozar aqui dentro, nosso prazer irá se misturar. — Voltei a boca para o seu seio e chupei forte seu mamilo.

— Joshua...

Então, minha cabeça se ergueu e os nossos olhares se encontraram. Como se estivéssemos em câmera lenta, nossas bocas se aproximaram, e o beijo vagaroso provocou sensações elétricas, tanto

em meu corpo quanto no dela. Afastei suas pernas com os joelhos e me posicionei entre elas. Assim que chupei sua língua, empurrei tudo dentro dela. Ela me tocou, me acariciou, deslizou os dedos em minhas cicatrizes. Moveu seu corpo por baixo do meu, ajudando-me a entrar e sair, dentro e fora, em um ritmo lento. Aos poucos a lentidão foi se transformando em desespero, e quando nos perdemos em nosso clímax, empurrei tudo com força e ela arqueou o corpo, prendendo-se a mim.

— Porra — gemi entre impulsos.

Ela apertou as pernas em torno de minha cintura e me movi um pouco mais lento, obviamente tentando estender um pouco mais o nosso prazer.

— Joshua, mais rápido. — E eu fui. Já não me aguentava mais, era um prazer indescritível. — Isso, amor, me fode gostoso. — Ela implorava, e eu dava a ela o que queria.

— Abra mais as pernas para eu comer essa boceta com força, minha gostosa. — Ela afastou as pernas e as segurou com as mãos, se abrindo para meu pau. Soquei com força, enquanto mamava seus peitinhos durinhos.

— Caralho, vou gozar, porra! — articulei.

— Joshua...

Eu não precisava de mais nada, apenas do meu nome vindo de seus lábios. Ondas de choque rasgaram meu corpo e o dela. Eu a envolvi com meus braços, enquanto os tremores do nosso orgasmo nos derrubavam vertiginosamente.

— Caralho! — Consegui dizer, sem fôlego, antes de colocar a boca de volta na dela. Ela gemeu quando eu chupei sua língua.

Eu me deitei de costas sobre o colchão e a trouxe para o peito. Nossos corações se acalmaram, nossa respiração voltou ao normal, mas meu amor não sossegou. A amava mais que tudo em minha vida.

Senti sua carícia em meu peito, senti seus lábios escorregarem em minha pele, até que seus olhos encontraram os meus e fui presenteado com o mais lindo sorriso. Ela tinha algo para me dizer.

— Anda, desembucha, pequena bagunça. — Suspirei.

— Ok, só um minuto. — Ela se levantou, desfilando com o corpo nu em minha frente, e o meu pau começou a endurecer.

— Quieto, porra! Dê um tempo para ela respirar — sussurrei para o meu pênis.

Lhaura voltou para a cama, mas escondia algo atrás do corpo. Ela se ajoelhou no colchão e veio até mim, sentando-se sobre os calcanhares.

— Lhaura Saravejo, o que está aprontando?

— Sabe o médico?

— Sim. — Já havia até me esquecido.

— Eu descobri por que minhas roupas não cabem mais em mim. — Ela sorriu, então supus que a notícia não era ruim. Fiquei na expectativa. — Sabe que você está me fazendo a mulher mais feliz do mundo?

— Lhaura, quer me matar de ansiedade? — Tentei descobrir o que ela tinha atrás das costas. Ela tangeu minhas mãos e logo depois colocou algo sobre meu abdômen. Um par de sapatinhos cor de rosa.

— Parabéns, papai! Estamos grávidos, e seremos pais de uma linda garotinha! O médico fez todos os exames, estamos com quase quatro meses. Eu não desconfiei de nada porque minha menstruação era irregular e não senti nenhum sintoma. Nossa filha está bem, e a mamãe dela também.

Ela falava, falava, e eu não conseguia articular uma sílaba. Estava em choque, não conseguia acreditar.

— Joshua, não gostou da notícia? — *Oh, meu Deus! O que estou fazendo?*

— É sério? — Ela assentiu. Fiquei de pé rapidamente, comecei a andar de um lado para outro. Rapidamente fui até o *closet* e comecei a jogar nossas roupas na cama.

— Joshua, você vai me deixar? — *Eu sou um idiota!*

— Não, vou protegê-la. Você e a nossa filha. Nada nesse mundo irá tirar vocês de mim, não desta vez! — Peguei as roupas dela e fiz o mesmo.

— Joshua, estou grávida, você me ouviu? Cadê os gritos, os abraços, os beijos...?

Repito, sou um idiota.

Larguei tudo o que estava fazendo e corri para ela. A peguei nos braços e a beijei com todo o amor que sentia. Devagar, sem largar a sua boca, voltamos para a cama e fizemos amor novamente. Sim, agora fazemos amor. E quando ficamos saciados, ela deitada com a cabeça sobre os travesseiros, deitei minha cabeça sobre seu ventre.

— Eu a amo. Eu a amo desde o momento em que pus os olhos em você. Claro que naquela época não sabia disso, mas agora, vendo-a aqui, vendo nosso amor se multiplicar, posso afirmar que a amei no dia em que você foi tocar em meu aniversário, mesmo sem saber quem era você. — Sentei-me, deixei minha mão sobre seu ventre. — Sou o homem mais grato e feliz do mundo. Já estava satisfeito com você, e saber que serei pai, é a plenitude de toda a minha essência. Obrigada, Lhaura, por fazer parte da minha existência.

E pensar que no início eu jurava que estávamos juntos só porque eu queria protegê-la. Meu instinto dizia que era amor, mas meus medos diziam que jamais poderia amar alguém.

— Joshua, não precisa me trancar em uma redoma de vidro, nada irá nos acontecer — ela disse, enquanto eu limpava suas lágrimas.

— Não a trancarei em uma redoma de vidro. Eu sou um idiota, só isso. É que bateu o medo, a insegurança. Só me prometa que me deixará cuidar de vocês. De hoje em diante, a levarei para a escola e reduzirei meus horários de trabalho. Ficarei mais tempo com você, e quando estiver perto do nascimento de nossa filha, voltaremos para o Brasil. É o tempo que encontro alguém para cuidar da reforma do hotel, e você termina seu curso, ok?

— Ok.

— Lhaura, acho que existem forças superiores que, de certa forma, estão conspirando ao nosso favor e nos dando uma nova chance. A chance de sermos uma família, não acha?

— Acho. Ainda bem que o universo me deu você — ela argumentou.

— Digo o mesmo. Então, sejamos felizes, e essa menininha será a primeira de muitas! Agora vamos ligar para o papai e contar a novidade.

— Joshua, seremos bons pais?

— Os melhores do mundo. Porque temos o necessário para sermos.

— E o que é?

— Somos a única coisa necessária na vida um do outro.

Eu a abracei, beijei minha razão de viver. Ela estava feliz. Estávamos felizes e o nosso passado sombrio ficou para trás. Agora não haveria lugar para sombras nem lembranças ruins. Demônios e pesadelos se dissiparam de nossas vidas, não somos mais quebrados. Somos luzes, amor, felicidade. A vida nos levou a caminhos sofridos e quase sucumbimos ao desespero. No entanto, quando pensamos que tínhamos chegado ao fundo do poço, ela nos estendeu a mão, nos dando um ao outro, e a agora uma filha gerada de um amor livre.



Epílogo

Joshua

Brasil, alguns meses depois

Voltamos para o Brasil assim que Lhaura completou sete meses de gestação. Papai e Luke nos ligavam todos os dias, perguntando quando voltaríamos. O senhor Lúcios mandou reformar dois quartos na mansão. Um deles foi decorado especialmente para Brianna. Brianna será o nome de nossa filha. No início não queria, não era justo com Lhaura, mas foi ela mesma quem escolheu, e de tanto insistir, acabei aceitando. Agora já estou acostumado e concordo com ela, nossa filha merece carregar o nome da irmã.

Já estamos na Ilha de Corais há pouco mais de um mês. Lhaura está perto de dar à luz e hoje será sua apresentação solo no Teatro Castro Alves. Eu e Nara, sua antiga chefe, fizemos isso acontecer com a ajuda da Sara. Todos que conhecem Lhaura estão hospedados em nosso hotel. Fizemos uma festa para recebê-los. Só fiquei com receio que tanta emoção fosse demais para a minha pequena bagunça, mas ela aguentou firme as lágrimas.

Conheci suas amigas Belle e sua linda família, e a louca de sua amiga Margot, que já estava em seu terceiro casamento. Ela veio acompanhada do seu atual marido. Era engraçada, adorável e boca suja. Xingava o Felix toda vez que tinha uma oportunidade e, para nossa alegria, o nome Felix não incomodava mais a Lhaura.

E por falar nele, Donovan, que também estava nos visitando junto com a esposa Miranda – sim, eles se casaram – nos disse que ele saiu do coma, mas perdeu todo o movimento do corpo e a visão. Dizem que poderá se recuperar, se for paciente com o tratamento, pois será longo e muito complicado. Não temos remorsos, ele colheu o que plantou. Que tenha uma vida longa e dolorosa.

— Amor, tem muita gente? — Lhaura estava nervosa. Esse era o meu maior medo, não queria que nossa filha nascesse antes de sua apresentação. Lhaura precisava disso, precisava brilhar com a sua própria luz.

— Lotado — afirmei. — Acho que você precisará fazer uma segunda apresentação após o nascimento de nossa filha, porque muita gente ficou sem conseguir comprar os ingressos.

— Ai, meu Deus! E se não conseguir? E se der um branco?

— Lhaura, pare com isso. Você nasceu para bilhar, meu amor. Nasceu para o grande público. Você é uma musicista de alma.

— E você é o melhor marido e pai do mundo! — Ah, os lábios dela... meu Deus! Eu não devia pensar em safadezas nessa hora, mas não conseguia parar de pensar em sua boca e sua língua me sugando.

Sou um devasso. Um puto, como diz meu irmão. Lhaura deixou os traumas no passado e agora é uma amante extraordinária. Se antes já era tarado por ela, agora não consigo largar suas carnes. Ela ficou uma *expert* em sexo oral, e atualmente, já que está sendo difícil e complicado o sexo

convencional, ela – eu disse, ela – optou pelo anal. E quando eu penso em sua bunda linda, dura e empinada, tenho uma ereção. Isso acontece quase sempre. Como agora.

— Joshua, você está de pau duro? — Ela percebeu quando a abracei pelas costas, já que abraçá-la de frente era impossível. — Meu Deus, homem! Você é um pervertido, sabia?

— Uhum, eu sei. Falta quantos minutos para o concerto? Eu posso fechar a porta do camarim e podemos dar uma rapidinha. Esse seu rabinho está me deixando doidinho. — Mordia seu pescoço enquanto meu pau roçava em seu corpo e minhas mãos apertavam os bicos dos seus seios. — Caralho! Lhaura, quero foder você agora...

— Joshua, seu tarado, não me tente! Sou uma mulher grávida, então não atice meu desejo.

— Então, só me deixe foder seu rabinho um pouquinho. Hein? Só um pouquinho, baguncinha — sussurrava no seu ouvido, e ela já estava se curvando para que eu pudesse suspender seu vestido, quando...

— Caralho! Cara, deixa essas coisas para depois do concerto. Por enquanto a Lhaura vai foder as emoções da plateia. — Luke entrou no camarim com todo seu vocabulário chulo.

— Empata-foda — Lhaura verbalizou.

— Concordo — afirmei, me recompondo do quase pré-orgasmo.

— Cara, sossega. Sua mulher está com sua filha quase saindo entre as pernas, baixa o fogo!

— Olha quem fala! Sai fora, santinho. — Empurrei o Luke, tentando mandá-lo embora. Ainda estava de pau duro, só queria brincar mais um pouquinho com minha baguncinha.

— Eu vim buscar nossa violoncelista. Papai está desesperado, já vão abrir as cortinas. Se esqueceram da hora, foi? — Olhei para o relógio, faltavam cinco minutos.

— Vamos, meu amor. — Segurei sua mão e caminhamos até a coxia. — Quebre a perna! — disse. Ela sorriu, respirou fundo e entrou.

Sentou-se, segurando o violoncelo entre as pernas. Respirou fundo novamente. E quando as cortinas se abriram e os holofotes iluminaram sua linda figura feminina vestida em um lindo vestido azul, com os cabelos loiros soltos caindo sobre os ombros, ela fechou os olhos. Eu também fechei, e respiramos fundo ao mesmo tempo. Eu sabia que, assim como eu, ela viajava para algum lugar seguro quando tocava. Só que, desta vez, fomos para o mesmo lugar, de mãos dadas. Sem medos, sem precisarmos nos esconder. Então, abri os olhos e fiquei observando minha linda mulher brilhar. Ela sorria, enquanto seu braço fazia o movimento do arco nas cordas do violoncelo.

Meu olhar carregado de orgulho admirava a plateia que suspirava de emoção ao escutar meu anjo tocando. Ficamos hipnotizados por quase quarenta minutos. Quando ela terminou, abriu os olhos, se levantou e foi ovacionada por uma plateia de pé, pedindo bis.

Ela gesticulou em agradecimento. Entregaram rosas para ela e, finalmente, ela as aceitou. Mas por um minuto seus olhos encontraram os meus e seus lábios disseram, mudamente:

Vai nascer.

Ela olhou para baixo, e eu vi a mancha molhada em seu vestido. Voltei a fixar os olhos nos dela, e ela voltou a mover os lábios:

A bolsa rompeu.

Não pensei duas vezes. Invadi o palco, gritando.

— Minha filha vai nascer! — A peguei nos braços e corri feito um desesperado. E toda a nossa família atrás.

Brianna nasceu de parto normal, com três quilos e duzentos, cinquenta e oito centímetros. Olhos azuis, loirinha, faminta e chorona. Acho que nossa filha é encrenqueira igual à mãe. Lhaura foi a mulher mais calma ao dar à luz que a maternidade já teve. Ela apenas sorria, mas não largava a minha mão. Eu, no entanto, tremi de nervoso e chorei quando vi minha filha sair de dentro da mãe. Acho que não há como descrever este momento. Cortei o cordão umbilical e segurei meu pequeno tesouro nos braços.

Lhaura, quando segurou nossa filha e a colocou no peito, chorou. Aliás, choramos. E, cercados de emoção, ela tocou a minha mão e nossos pelos se eriçaram. Nossos olhos se encontraram e não precisamos de palavras. Bastou um toque, só um toque, para que nossos corações batessem no mesmo ritmo. Ela nasceu para ser minha e eu nasci para ser dela, não havia como ser diferente...



“E após toda a destruição, a confiança foi se construindo, os medos foram sendo derrotados, as sombras se afugentaram. E a dor deu lugar a amizade e a amizade a lealdade e a lealdade a proteção e a proteção se transformou em amor. E as sombras se dissiparam...”

(Lara Smithe)

Próximo Romance



OUTRA VEZ

SINOPSE

Sabe quando você pensa que tem uma vida toda certinha onde nada poderá mudar o que foi planejado? Eu tinha esta vida.

Filho único e herdeiro de um poderoso industrial. Formado com honra em economia. Noivo de uma linda moça e, respeitado por todos que me cercavam.

Perfeito, não é?

Eu também achava, até que tudo se desmoronou como peças de dominó. Não que me lembrasse de muitas coisas, mas as poucas peças que consegui montar em minha cabeça perdida, era que nem todos que me cercavam eram meus amigos, me queriam bem, ou eram fiéis.

Por algum tempo fiquei preso em um pesadelo, onde podia vagar por entre as pessoas, mas elas não me viam, não me escutavam e eu não podia tocá-las. O desespero me tomou, e as noites eram eternas, nunca era dia, sempre escuro e frio, e a cada segundo – que eram eternos – me distanciava da luz e as sombras começavam a me assustar. Não sei por quanto tempo vaguei pela escuridão onde só escutava gritos e lamúrias e sem conseguir me comunicar com alguém.

Juro, pensei até que estava morto.

Passei algum tempo sentindo raiva, praguejando contra o criador, até que aceitei meu destino e resolvi orar, pedi para que alguma alma boa me ajudasse a encontrar o caminho de casa, ou pelo menos o caminho da paz, foi então que percebi que alguém me escutava, que alguém podia me ver, que alguém podia enfim me ajudar.

A doce voz, acalmava-me, aquecia-me. E quando ela me guiou para a luz, pude vê-la e ela pode me ver e eu pude finalmente trazê-la até mim.

E ela me salvou.

Meu nome é Lucca Stein e esta é minha história.

Notes

[←1]
Conservatório de música da Universidade de Londres.

[←2]

A Princesa Odette e o Príncipe Siegfried são os personagens principais do *ballet* dramático O Lago dos Cisnes.

[←3]

Cerca de 150 quilômetros.

[←4]

Stalker ou “perseguidor persistente” em português é um termo que designa indivíduos que praticam uma forma de violência, invadindo a privacidade da vítima e perseguindo-a em várias esferas.